RODRIGUES

Estudo Historico e Critico sobre o VELHO TESTAMENTO

LIBRARY OF PRINCETON
MAR 1 1994
THEOLOGICAL SEMINARY

BS
1177
.R62
1921
v.1

Digitized by the Internet Archive
in 2014

https://archive.org/details/estudohistoricoe01rodr

ESTUDO

SOBRE O

VELHO TESTAMENTO

EDIMBURGO:
Na Typ. de T. &. A. Constable
Impressores de S. M. o Rei
e da Universidade

ESTUDO

HISTORICO E CRITICO

SOBRE O

VELHO TESTAMENTO

COMO REGISTRO DA ACTIVIDADE DIVINA
NA HISTORIA DE ISRAEL E
PREPARATORIA Á REVELAÇÃO CHRISTÃ

POR

JOSÉ CARLOS RODRIGUES

VOL. I

LIBRARY OF PRINCETON
MAR 1 1994
THEOLOGICAL SEMINARY

RIO DE JANEIRO
NAS PRINCIPAES LIVRARIAS
1921

PREFACIO

O TITULO desta obra, parece-nos, indica promptamente o proposito da sua publicação. Não se tracta de uma glossa exegetica e homiletica do Velho Testamento mas apenas de um estudo de conjuncto, historico e critico, que até certo poncto se assemelha ás modernas *Introducções*. E até nos poderiamos limitar a dizer que o estudo será critico, alem de historico, desde que só á luz da Critica podemos distinguir a posição chronologica e os ponctos de contacto mútuo entre as partes constituintes do venerando Livro. O nosso objectivo principal é mostrar que o advento de JESUS CHRISTO é o remate legitimo do Velho Testamento, a conclusão historica da actividade divina na vida de Israel, archivada ali.

Como se vai ver, o que no tempo de JESUS CHRISTO e dos primeiros Christãos chamavam *As Escripturas* comprehendia uma collectanea de escriptos que, durante doze seculos, a consciencia religiosa dos Israelitas foi separando e joeirando paulatinamente. A sua parte mais antiga a principio existira fluctuante na fórmas de mythos sobre as origens do mundo e das varias manifestações da vida social, e de legendas sobre os primeiros heroes da humanidade,—mythos e legendas que se foram traspassando de povo a povo, e eram ainda colhidos tradicionalmente mas que o instincto monotheista dos Israelitas foi depurando de alguns dos seus aspectos mais grosseiros e mythologicos.

Accresceram depois as legendas sobre as origens da propria nacionalidade dos Israelitas, já com um fundo remotamente

historico, accompanhados de canticos populares ; seguindo-se-lhes chronicas especiaes sobre os primeiros heroes do seu paiz. Já aqui esse material nos foi conservado ás vezes pela escripta, ainda que muito raramente, pois, como todos os povos do Oriente antigo, Israel confiava mais á sua admiravel memoria do que ao pergaminho. O mesmo facto se repetiu em relação á primeira legislação, religiosa e civil : só alguns dos estatutos foram escriptos e ainda até o manuscripto das leis fundamentaes de Israel foi confiado a sacerdotes para o guardarem em local sagradissimo e tão pouco accessivel que apenas de septe em septe annos era lido deante de todo o povo, congregado especialmente para ouvir essas palavras de DEUS, e aprender a temê-lo (*Deut.*, 31 : 9-13).

Só quando a consciencia nacional se desperta n'um povo, começa elle a escrever a sua historia. Quando David conseguiu unificar as doze tribus n'um dominio já bem respeitavel e dilatado para aquelles tempos, e que seu filho Salomão consolidou tão mal, appareceram tambem os primeiros historiadores de Israel. Dous desses inspirados, desconhecidos, e que a Critica designa pelos symbolos J e E, mostraram verdadeira comprehensão prophetica e nos dous seculos depois de Salomão escreveram, parallelamente, a historia das origens do mundo e dos primeiros tempos do seu paiz, consagrando logo a fe mais inflexivel na escolha do povo israelita por DEUS para um fim do maior valor e das mais vastas consequencias para a humanidade. E logo em seguida se formaram collecções, maiores ou menores, das historias dos reis de Israel e de Judá, —os dous dominios em que scindira-se o Israel unificado de David.

Já por esse tempo avultaram as composições litterarias e se formaram pequenas collecções de leis que, comtudo, só corriam entre a classe sacerdotal. Toda a *instrucção* religiosa, —o Torah—era oral ; mas empregava-se frequentemente a escripta para fixa-la. Até o Seculo VIII A.C. os Prophetas de Israel só davam oralmente os seus recados divinos ; e só

foi de então em deante que começaram a escrever resumos da sua pregação, que nos vieram até hoje. E logo depois disso, um grande propheta, desconhecido, e que nos legou o *Deuteronomio*, sentiu a necessidade de compendiar para uso do povo toda a legislação religiosa e civil bem como um resumo do ensino sobre a verdadeira naturesa de Deus e sobre o grande papel de Israel na historia do mundo. A tal fundo de iniquidade, porêm, descêra o povo escolhido que no Seculo VI cessou de existir politicamente ; e o rei da Babylonia transportou, captiva, a flôr da população israelita para o seu paiz onde a deteve, até que Persia, que conquistára a Babylonia, libertou os exilados e permittiu-lhes regressar á antiga patria, com liberdade de exercer o seu culto e de reconstruir Jerusalem, mas sem a sua independencia nacional.

Felizmente o residuo de Israel, que foi arrastado ao Euphrates poude levar comsigo os venerandos manuscriptos de suas historias, o *Deuteronomio*, as prophecias já escriptas, e grande variedade de trabalhos moráes e poeticos. A realisação da grande e acerba transmutação a que o subjeitára o castigo divino, de perder com a sua independencia, o culto de Deus no unico logar que em acreditava que residia,—no seu sancto Templo,—inspirou a estes exilados que, depositarios de solemnes promessas divinas que Deus, por Sua gloria, não permittiria deixar irrealisadas, a sua unica salvação só podia agora derivar-se da mais sincera e estricta adhesão aos Seus ensinamentos na sua propria historia. Os directores espirituaes de Israel comprehenderam que deviam constituir agora uma egreja, uma congregação, já que haviam perdido a sua nacionalidade. Deram-se, pois, ao trabalho de copiar seus antigos documentos e codices religiosos, desse glorioso penhor da intercessão divina na sua vida nacional. E não só os copiaram, mas os redigiram ou retocaram sob o novo aspecto em que os liam agora. Esse trabalho prolongou-se alem dos annos de exilio entendendo-se então que, reconstruido o Templo, fazia-se mister reconstituir um culto com formas

predeterminadas e com um symbolismo que para sempre prendesse a fé dos Israelitas, ora Judeus, no seu DEUS. Fez-se então a revisão de toda a historia dos Hebreus, á luz dos conhecimentos ulteriores e das novas ideias religiosas. Aos trabalhos de J e de E, bem como ao *Deuteronomio*, substancialmente conservados, foram agora accrescentados novas descripções e elementos que julgavam exigidos naquella nova conjunctura. Si os manuscriptos antigos diziam como foram formados o homem e a mulher, essa descripção apparecia agora completa com a historia grandiosa da propria Creação; si elles referiam como Moysés officiava no Tabernaculo, durante o trajecto no Deserto, os modernos accrescimos nos descrevem essa tenda divina não tanto como era, mas como nesse Seculo V se julgava que devia ter sido essa Casa portatil a que DEUS assistia; e assim por deante. O que esses directores espirituaes quizeram formar foi uma collecção religiosa, com uma certa unidade, — um archivo de tradições mais e menos antigas, para o conforto espiritual da egreja judaica, e não uma collecção litteraria, chronologica e sob o nosso aspecto moderno. Ao *Torah* ou o moderno Pentateuco foram ajunctando os *Prophetas* que escreveram até o terceiro ou quarto seculo; e depois os escriptos de *Diversos* auctores, inclusive os *Psalmos*, que alias se vinham collecionando desde antes do Exilio. Assim, as antigas Escripturas constituiam um todo, sólido. A sua extraordinaria unidade em vez de realçar a do pensamento que presidiu ás suas partes componentes, attribuia-se a terem estas sido escriptas por poucos auctores. Moysés escrevêra todo o Pentateuco, e talvez tambem o Livro de *Job*, que hoje está verificado ser obra do periodo grego, talvez nove seculos depois. Salomão escrevêra todos os *Proverbios* e tambem o *Cantico dos Canticos*, producto de cinco a seis seculos depois; e David, está visto, fôra o auctor de todos os *Psalmos* que lhe são attribuidos nas superscripções, apezar de que muitos delles se refiram ao segundo Templo, construido cinco seculos depois de sua era.

O facto é que as Escripturas que recebemos dos Judeus formavam um amalgama, com certa ordem, de producções antiquissimas, agora retocadas e accrescentadas de outras, bem mais modernas, mas sem indicação disso, e offerecendo isto as maiores difficuldades aos investigadores. Ora é á chamada Critica moderna que devemos o ter separado e traçado estas diversas camadas seculares, segundo as suas edades, solvendo assim, problemas até ha pouco insoluveis, de exegese, e da historia progressiva da religião.

No mundo espiritual, como no physico, tudo obedece á lei da evolução. Na Sua sabedoria, Deus ordenou que a marcha do mundo seja *gradual, logica, mathematica.* A revelação divina subitanea não seria comprehensivel ao entendimento humano: tornaria desnecessaria a divina disciplina secular de Israel, e, por conseguinte, o Velho Testamento, que a registra, e tambem a sua conclusão logica em Jesus Christo. A revelação foi realmente paulatina, conforme o gráo da sua apprehensão pelo homem.

Cousa notavel! Quando Moysés quiz saber como se chamava o Deus, que o mandava salvar a seus irmãos, Elle revelou-lhe como seu Nome a ineffavel palavra que significa *Sou o que Serei,*—o Aquelle que se mostra e continuará a mostrar-se ao homem na sua historia. O Inexplicavel, o Incomprehensivel, quer que o conheçamos pelo que é e pelo desenvolvimento historico da Sua Personalidade, que *é* sempre, que *será* sempre.

Pois bem: o fim desta obra, estudando o Velho Testamento, como precedendo a Revelação Christã, é justamente apresentar o seu conteúdo de um modo historico, seguindo o fio da revelação divina, paulatina e progressiva, como foi realmente. Para nós, de hoje em dia, tal estudo augmenta, em vez de diminuir, o respeito que nos inspiram os sagrados documentos. Aplainam-se e explicam-se muitas difficuldades, repetições de factos e de leis, contradicções e até estylos diversos que até agora complicavam o seu estudo e nos affastavam delle. O Velho

Testamento é sempre para nós,—e agora mais do que nunca—o nicho da revelação de Deus na historia do povo de Israel, preparatoria ao advento de Christo,—revelação que, para ser mais concreta e completa, Elle fez encravar-se na historia de certo povo que quiz destacar para isso.

Não se infira, porêm, repetimos, que nosso fim principal seja, nas seguintes paginas, realçar os grandes serviços da Critica moderna em relação ao Velho Testamento. Desejamos sobretudo, com o estudo deste venerando volume, procurar mostrar como a revelação de Jesus Christo não é sinão uma projecção da secular actividade divina na historia desse povo escolhido. Para o auctor, o nosso dever primario é ouvir humildemente e guardar a disciplina divina dessa historia. A verdade religiosa não é obra pura da intelligencia, mas do Espirito. Os oraculos de Deus no Velho Testamento são do Espirito e só Elle lhes póde emprestar vida e interpreta-los; e é só com o coração que o conseguimos: do contrario taes oraculos serão, como disse Isaias, de um "livro sellado" para o qual olharemos com a nossa mente adormecida e os nossos olhos fechados (29 : 10-13). Para nós o Velho Testamento é sempre o livro religioso que nos conduz a Jesus Christo, á guisa, no dizer de S. Paulo, do antigo pedagôgo, que preparava o discipulo para o mestre. É como Christãos que cumpre-nos investigar o fio dessa revelação que nos leva á nossa crença. Jesus Christo não se póde explicar sem as antigas Escripturas. Elle mesmo fundamentou nellas a Sua missão: citou-as para demonstrar quem era e nunca cessou de invoca-las. Deus, mesmo, que fallára antes pelos seus prophetas e servos e pelos factos da historia de Israel, era o que agora dava o Seu Filho para luz do mundo, e para trazer-lhe o Seu recado salvador. E depois de Jesus os Seus discipulos no comêço do Christianismo só podiam demonstrar a divindade da Sua missão recorrendo continuamente ao que então se ficou denominando o Velho Testamento.

Nesse estudo reverente, porêm, da historia de Israel e de

seus oraculos nada tira ás suas verdades fundamentaes collocar os factos e os escriptos na sua verdadeira posição chronologica, e investigar os seus textos para rehabilita-los na sua puresa primitiva, escoimando-os de interpolações e retoques ora de redactores, ora de copistas e ora de traductores. É preciso nunca esquecer como entra na Biblia o elemento meramente *humano*. Os proprios oraculos divinos são inspirados ao *homem* que os reveste de sua propria fórma para os transmittir a seus similhantes. Si o fundo é divino, a fórma é sempre subjeita ás nossas fraquezas ; e sómente um propheta escapou dessa lei da nossa contingencia e isso porque n'Elle habitou a plenitude do Espirito divino, e porque, sendo Filho do Homem, era tambem Filho de Deus.

Excepto no seu plano geral, que é nosso e especial para determinada classe de leitores, não reclama esta obra fóros de originalidade. Quantas vezes pensavamos, nestes estudos, ter sondado um veio especial quando descobriamos ulteriormente que fôra já e brilhantemente explorado pelos mais idoneos investigadores ! Assim, contentamo-nos em consagrar os nossos recursos a compendiar este enorme e fertilissimo material, trazendo-o ao nivel da generalidade dos leitores ; e nos daremos por bem retribuidos si pudermos inspirar a alguns delles o desejo de proseguir no estudo de tão interessante assumpto.

Tão relevante e vasto tornou-se o nosso designio que, prompto o livro, só nos resta invocar o indulto dos entendidos para as suas multiplas deficiencias, no fundo e na fórma. O auctor estrangeiro de um trabalho destes receberia assistencia na copia de textos, na leitura e nos extractos de obras especiaes e sobretudo no perpassar de suas paginas por alguma auctoridade competente que lhe notasse erros, omissões, obscuridade de expressões, etc. Em nosso caso nem tivemos a vantagem da correcção de provas por outra pessoa. Entretanto, referindo-nos aos que nos poderiam ter assistido nesta publicação, occor-

re-nos mencionar o nome do benemerito Dr. Julio Benedicto Ottoni que, adquirindo a nossa Bibliotheca Brasilica para offerece-la ao Governo, nos veiu tornar mais possivel consagrarmo-lhe exclusivamente cinco annos, sólidos, de preparo.

J. C. RODRIGUES.

Londres, 240 St. James' Court, S.W.
Janeiro de 1921

CONTEUDO DO VOLUME I

PARTE PRIMEIRA

Considerações Geraes sobre a Biblia

PAG.

I. Da Biblia em geral e suas divisões . . . 1

II. A Biblia, Livro exclusivamante religioso, não scientifico.—Seus escriptores, inspirados. Sua antiguidade e fito unico. Objecções contra ella 12

III. Da Inspiração: sua naturesa. Importancia capital do elemento humano, na exposição oral ou escripta dos oraculos divinos 29

IV. A Unidade da Biblia prova a sua divindade . . 43

V. A divina inspiração da Biblia provada pelas prophecias realisadas 63

VI. O Advento e o ensino de Jesus Christo provam a divindade do Velho Testamento; os Evangelhos provam a de Jesus Christo 75

VII. A divina auctoridade das Velhas Escripturas expressamente confirmada pelo Novo Testamento e pelos primeiros escriptores do Christianismo . 94

VIII. Da Influencia da Biblia até a Reforma. Retrospecto historico 106

IX. A Biblia, unica auctoridade ulterior da Egreja Christã 123

SECUNDA PARTE

O Velho Testamento

X. As Linguas do Velho Testamento 133

XI. Texto, manuscriptos e primeiras edições do Velho Testamento 145

XII. Versões antigas do Velho Testamento. A Septuaginta e outras edições gregas 154

PAG.
XIII. Versões latinas; a Vulgata 167
XIV. Outras versões 182
XV. O Canon do Velho Testamento . . . 194
XVI. A Critica do Pentateuco até 1750 . . . 212
XVII. A Critica de 1750 até hoje: resultados . . 222
XVIII. Componentes litterarios do Pentateuco: "J" . 238
XIX. O Elemente "E" 252
XX. O Deuteronomio 260
XXI. "P" ou o Codigo Sacerdotal 289
XXII. Considerações geraes sobre a Critica do V. T. . 309

TERCEIRA PARTE

Historia do Povo de Israel

XXIII. A Creação 316
XXIV. O primeiro peccado 337
XXV. Problemas da Creação 347
XXVI. O Problema do peccado 356
XXVII. Caim e Abel. Os principios das artes. Heróes ante-diluvianos 369
XXVIII. O Diluvio 380
XXIX. Distribuição ethnographica dos povos . . 400
XXX. A Babylonia até o tempo de Abrahão . . 414
XXXI. Abrahão 446
XXXII. Isaac e Jacob 473
XXXIII. Israel no Egypto 482
XXXIV. O Egypto até 1500 A.C. 496
XXXV. O Egypto, de Thutmose III até o Exodo . 511
XXXVI. O Exodo 528
XXXVII. Telo Deserto do Sinai 549
XXXVIII. A Alliança do Sinai 565
XXXIX. O Tabernaculo 577
XL. Do Sinai até a morte de Moysés . . . 600
XLI. A Chronologia até o Exodo 624
XLII. Josué: Canaan occupada 636

ABBREVIATURAS

I. EM GERAL

Apoc. = Apocrypho
Arab. = Arabico
Aram. = Aramaico
Ass. = Assyrio
Bab. = Babylonico
Circa = mais ou menos
D = Deuteronomista
E = Elohimita ou Ephraimita
Gr. = Grego
J = Jahvehista
Jos. = Flavio Josepho
LXX = Septuaginta
MS., MSS. = Manuscripto, manuscriptos
N.T. = Novo Testamento
V.T. = Velho Testamento
A. P. F. = Antonio Pereira de Figueiredo
R = Redactor
Sem. = Semitico
Vulg. = Vulgata.
Ob. cit. = Obra citada
Dict. B. = *Dictionary of the Bible* de Hastings.
Enc. Bib. = *Encyclopædia Biblica* de Black e Cheyne

II. BIBLICAS

Gen. = Genesis.
Ex. = Exodo
Lev. = Levitico
Num. = Numeros
Deut. = Deuteronomio
Jos. = Josué
Esd. = Esdras
Neh. = Nehemias
Est. = Esther
Ps. = Psalmo
Prov. = Proverbio
Eccles. = Ecclesiastes
Tob. = Tobias
Eccles°. = Ecclesiastico
Jud. = Judith
Is. = Isaisas
Mik. = Mikaia, Miquéas.
Jer. = Jeremias
Ezek. = Ezekiel
Dan. = Daniel
Hos. = Hosea (Oseas)
Obad. = Obadiah
Hab. = Habakkuk
Zep. = Zephaniah (Sophonias)
Hag. = Haggeu
Zek. = Zekariah
Mal. = Malachiya
Matt. = Mattheus
Marc. = Marcos
Luc. = Lucas
Rom. = Romanos
Cor. = Corinthios
Gal. = Galatas
Eph. = Ephesios
Phil. = Philippenses
Col. = Colossenses
Thess. = Thessalonicenses
Tim. = Thimotheo
Phile. = Philemon
Heb. = Hebreus
Th. = Thiago
Apoc. = Apocalypse

The Edinburgh Geographical Institute
John Bartholomew & Son, Ltd

PARTE PRIMEIRA

CONSIDERAÇÕES GERAES SOBRE A BIBLIA

CAPITULO I

DA BIBLIA EM GERAL E SUAS DIVISÕES

A Religião christã nos é revelada *historicamente* e o proposito desta nossa obra é estudar a historia que precedeu a essa revelação, e que nos é enthesourada no *Velho Testamento.* Elle contém os livros sagrados dos Judeus em cuja historia approuve a Deus ir revelando-se aos poucos até a plena revelação em Jesus Christo, Seu filho muito amado. A historia dessa missão nós encontramos no *Novo Testamento,* ou dous junctos formando a nossa collecção de livros sagrados, ou a *Biblia.* Está claro que nesta obra, mera Introducção ao estudo do Christianismo, temos de lidar sobretudo com o Velho Testamento ; e só com o Novo como o ultimo élo dessa longa cadeia historica da revelação. Convém, pois, que, antes de entrar no assumpto especial, se dê uma ideia geral da Biblia, das provas da sua inspiração divina e da naturesa dessa inspiração ; da sua composição lenta, da sua auctoridade ; da sua influencia na humanidade e de sua propagação.

A palavra *Biblia,* usada em referencia ás Escripturas Sagradas desde o Seculo III, é a fórma do plural grego de *Biblion,* diminutivo neutro, significando *livro* ou *libreto,* que a seu turno vem de *Biblos,* que é propriamente o involucro da planta do papyro, e que cobre o material em que se escrevia. Biblia, pois, queria dizer *os livros.* O proprio Velho Testamento já era chamado no tempo de Jesus Christo, *as Escripturas* (*ai graphai*). Esses livros eram escriptos separadamente cada um em seu rôllo especial, os das synagogas sendo presos a duas hastes de pau, em cada banda, desenrollando-se de uma e enrollando-se na outra á proporção que eram lidos. Só com vagar, talvez no

quarto seculo de nossa éra, o nome grego *Ta Biblia* da collecção, foi latinisado como fórma singular feminina, de modo que *Biblia* significa hoje *O Livro*,—o Livro por excellencia,—o Livro sagrado. No fim do segundo e no terceiro seculo tambem a collecção inteira ia pelo nome de *Bibliotheca*, ao qual S. Jeronymo costumava accrescentar, *divina*.

A Biblia compôe-se de duas partes, o Velho Testamento e o Novo Testamento, occupando este menos da terça parte do espaço daquelle. A lingua original do primeiro é o Hebraico (com ligeiras excepções); e a do segundo, o Grego. Cêrca de trez seculos A.C. o Velho Testamento foi traduzido para o Grego em Alexandria por Septenta (LXX) lettrados. Esta *Septuaginta* do V. T. era corrente ao tempo do advento de JESUS CHRISTO e foi citada tão frequentemente como o original hebraico, pelo proprio JESUS e pelos Seus Apostolos.

O que agora chamamos Velho Testamento era conhecido em Alexandria por ἡ παλαιὰ διαθήκη, litteralmente a Velha Alliança, pois *diathéké* significa compacto ou *foedus*, como empregou S. Jeronymo traduzindo do Hebraico *Berith*. Mas acontece que a palavra grega tem sentido juridico, significando *Instrumento* e tambem *Testamento*. A primeira versão latina do V. T. Grego, chamada *Itala* (anterior á de S. Jeronymo do Hebraico), adoptou esse termo *Testamentum*; e S. Jeronymo, na revisão dessa versão latina, conservou infelizmente o erro, bem como empregou-o em varios ponctos de sua propria versão do Hebraico do V. T. E o termo foi sendo acceito no Occidente e dahi passou para as linguas modernas, causando isto não pouca confusão de ideias. Dizem outros que a verdadeira palavra grega para *compacto*, *alliança*, deveria ser συνθήκη, mas que os traductores não sentiram-se com liberdade de emprega-la por acharem desrespeitoso dizer-se que DEUS fizera um arranjo, um *contracto*, uma alliança, com o homem. Mas entretanto foi isso mesmo que DEUS, na Sua infinita misericordia, dignou-se de effectuar, como consta de todo o V. T. *Jeremias*, 31 : 31 applica essa mesma expressão Alliança ao V. T.: "Eis ahi virão dias . . . e farei nova Alliança com a casa de Israel." JESUS CHRISTO tambem referiu-se a ella na Cêa: "Este é o Meu sangue da *nova Alliança*, que será derramado," etc. (*Marcos*, 14 : 24),—designação que foi adoptada em *Gal.*, 4 : 24, e em 1 *Cor.*, 11 : 25. Seria absurdo que naquella primeira passagem S. Paulo se referisse ao *Testamento* do Sinai, em vez de Alliança. Tambem em 2 *Cor.*, 3 : 14 e 3 : 6, S. Paulo tracta da velha e da nova Alliança, e onde aliás a Vulgata dá sempre *Testamentum*. Sómente na Epistola aos Hebreus, 9 : 16, 17, vemos empregada esta palavra no sentido de disposição de ultima vontade; mas

na mesma Epistola em 8 : 6, falla-se já de JESUS como mediador de melhor *Alliança*, fundada em melhores promessas.

O VELHO TESTAMENTO ou Velha Alliança comprehende a collecção das Escripturas que o povo hebreu foi accumulando desde o tempo de Moysés até cêrca de um seculo antes de JESUS CHRISTO. Nos seus diversos Livros dos mais variados assumptos encontram-se os principaes factos historicos e as diversas manifestações da vida espiritual desse povo, e é nelles que á DEUS approuve ir-se revelando aos poucos até mostrar-se, aos Israelitas ou Judeus bem como á toda a humanidade, como deseja que o conheçamos, na Pessôa de JESUS CHRISTO. O Novo Testamento occupa-se da missão, do ensino, da morte e resurreição deste mesmo JESUS CHRISTO, referida por quatro Evangelistas diversos ; e dos primeiros passos para a propagação da Sua doctrina junctamente com a explicação da naturesa, do verdadeiro alcance e das consequencias dessa missão.

O Velho Testamento continha e contém 39 Livros mas os Judeus os contavam como si fossem ora 22, ora 24. O canon ou collecção official hebraica de Alexandria reduzia os Livros a 22 que é o numero de lettras do alphabeto hebraico ; e como este alphabeto tem mais cinco lettras finaes, não faltou, depois de Origenes, quem contasse 27 Livros, ao que concorreu S. Jeronymo dizendo que se podia subdividir *Reis* em quatro partes, *Paralipomenos* e *Esdras* em duas cada um, e fazer um livro especial das *Lamentações.*

Os Judeus dos ultimos seculos A.C. dividiam esses 24 Livros em trez secções : 1°, *Lei* (Torah), composta de cinco *Livros* : *Genesis*, *Exodo*, *Numeros*, *Levitico* e *Deuteronomio* ; 2°, os Prophetas (Nebiim) que subdividiam em " Prophetas antigos," comprehendendo o que hoje conhecemos pelos Livros historicos : e os Prophetas, no sentido estricto, exceptuando delles, porêm, o Livro de *Daniel* que não consideravam prophetico mas allegorico ; devendo, porêm, notar-se que si os Judeus orthodoxos observaram sempre estas trez divisões, nem sempre a ordem dos Livros dentro dellas era uniforme : precisamos tambem lembrar que elles consideravam seus historiadores antes como prophetas ; pois esses Livros só occupavam-se da historia de Israel como um fundo para as revelações do Governo de DEUS ; e os seus auctores só tinham em mira archivar a ingerencia de DEUS na sua historia, e não escreve-la como tal ; 3°, os " Escriptos Sagrados " (Kethubim) consistindo de (*a*) os livros poeticos, *Psalmos*, *Job* e *Proverbios* ; (*b*) os cinco rôllos (Megilloth) que eram lidos nas festas do Templo, a saber : *Cantico dos Canticos*, *Ruth*, *Lameth*, *Ecclesiastes* e *Esther* ; e

(*c*) os " Outros " a saber : *Daniel*, *Esdras*, *Nehemias* e *Paralipomenos*.

Mas os Judeus d'entre as Escripturas davam o maior valor aos " cinco quintos da lei," cuja auctoria attribuiam erradamente a Moysés. Os Judeus de Alexandria chamavam a essas cinco partes *Pentateuco*, que vai até a morte de Moysés, no 5° Livro, ou Deuteronomio. O estudo profundo do texto, porêm, prova que, litterariamente, o Livro de *Josué* constitue o remate dessa parte da Biblia, que assim devia antes formar um Hexateucho, ou seis partes.

Assim, o Velho Testamento compôe-se de obras de auctores diversos e seus assumptos são egualmente variados, consistindo de legendas e poesias heroicas dos tempos primitivos, historias das origens do povo israelita, o seu desenvolvimento historico até a volta do Exilio, poemas philosophicos, obras de moral e sapiencia, prophecias, canticos de arrependimento, e de louvor a Deus, leis civis, religiosas e moraes, idyllios, etc. Os escriptores são quasi todos anonymos, sendo insustentavel a superstição que Moysés escrevêra o Pentateuco. Algumas partes são de varios auctores conjunctos e até talvez de escholas de escriptores.

Quasi todos os escriptos, *como os vemos hoje*, foram concluidos entre o decimo seculo antes de J. C. e cêrca do anno de 160 A.C. quando appareceu o Livro de *Daniel*. (Só em 90 da nossa era os proprios Judeus acceitaram como canonicos os Livros de *Esther* e do *Cantico dos Canticos*.) Mas o material usado nos primeiros livros da Lei e nos historicos é muitas vezes da mais alta antiguidade. A litteratura dos povos antigos começa sempre por mythos, legendas, poemas e pequenas composições que nem são escriptas. Só quando um povo começa a sentir consciencia de si mesmo é que consigna á escripta seus primeiros fastos. Na Biblia mesmo são citadas collecções pequenas de historias e de versos, como tudo se verá adeante. No tempo de Moysés,—digamos doze-treze seculos A.C.,—já este propheta devia ter reduzido a escripto muitos dos mandamentos divinos ; e os mais apurados criticos attribuem-lhe o Decalogo e o " Codigo da Alliança " que abrange o *Exodo*, do cap. 20 ao cap. 23, sobre o qual foi depois calcado, mais ampliado, o *Deuteronomio* na sua parte legal.

Excepto materia de algumas paginas, o Velho Testamento foi escripto todo no *Hebraico* (excluimos os Apocryphos), uma das linguas da familia Semitica (dos descendentes de Chem ou Sem). Aquellas poucas paginas consistem de pedaços em *Arameu* que era o Hebraico moderno : são ellas a prophecia de *Daniel* de 2 : 4 a 7 : 28 ; *Esdras*, 4 : 8 a 6 : 18 e 7 : 12-26 ; e por fim *Jer.*, 10 : 11. As linguas semiticas são : o Babylonico

e o Assyrio, o Aramaico (inclusive o Syriaco), o Canaaneu, inclusive o Ethiopico. Quando veiu da Caldéa, a Canaan, Abrahão achou ahi uma lingua identica e affim com a sua propria, e nesse tempo as auctoridades locaes communicavam-se officialmente servindo-se da escripta cuneiforme de Babylonia. O Hebraico é uma lingua que, sem ter a elasticidade e belleza do Arabe, a mais bella da familia, excede a todas na simplicidade e nobresa de suas fórmas. Era escripta apenas com as consoantes, e como escrevem hoje os tachygraphos ; por isso é uma lingua que obriga o leitor a pensar e ir interpretando o texto, penetrando bem o seu sentido, pois, por exemplo, trez consoantes com vogaes diversas, antes, no meio e depois dellas, significam as cousas mais diversas. Os commentadores judeus da Biblia, já seculos depois de nossa era, afim de dar estabilidade ao texto, que reviram com cuidado, propuzeram ponctos, e pequenos traços em cima e embaixo das lettras, indicando as vogaes e as paradas em que o leitor deve respirar. Essas notas ou *massoras* dão ao respectivo texto o nome de *massoretico* ; mas nos serviços das synagogas ainda hoje os Judeus só usam textos do systema antigo.

Nos annos do Exilio da Babylonia a Palestina foi invadida pelos Syrios e outras gentes do Norte que introduziram ahi a lingua aramaica, muito parecida ao Hebraico, que ficou sendo lingua morta ; e quando voltaram os Israelitas e Judeus, muitos delles já tendo perdido ou nunca tendo usado a lingua hebraica, acceitaram a da então população do paiz, e o Aramaico tornou-se o idioma da Palestina, sendo a lingua de Jesus Christo e de Seus apostolos.

Os Judeus tinham summo cuidado com as copias que tiravam das suas Escripturas, as quaes eram reguladas por instrucções muito estrictas, acontecendo pois que, si escapava um só erro que fosse ou si uma lettra de certa palavra viesse um pouco menor do que as outras, por falta de espaço, todas as copias subsequentes sahiam exactamente com os mesmos signaes, e os Rabbinos então davam explicações mysticas e allegoricas da razão da lettra menor, etc., como poderiamos exemplificar.

Em consequencia das perseguições do tempo de Antiocho IV e logo depois de Christo, os MSS. hebraicos tornaram-se muito escassos tanto mais quanto os das synagogas eram, quando muito usados, queimados ou enterrados. Um dos mais antigos textos dos que hoje existem é o codigo dos Prophetas, datado de 196 da nossa era. Ha tambem um codigo de todos os Prophetas, na synagoga Karaita no Cairo (895 a.d.) e outro de todo o V. T. em S. Petersburgo do anno 1009. Ha, todavia, fragmentos dos Sec. II-VI.

Nos trez seculos antes de J. C. muitos Judeus se estabeleceram em Alexandria, então grande entreposto commercial e centro da cultura hellenistica. Elles, sob a protecção de Ptolomeu Philadelpho (284-244 A.C.) fizeram vir da Palestina, como já dissemos, Septuaginta ou LXX (alias septenta e dous) traductores que deviam verter todas as Escripturas para o Grego. A Lei, isto é, o Pentateuco, foi logo traduzido, o resto do Velho Testamento levando muito tempo depois,—talvez cem annos.

No segundo seculo depois de Christo o Velho Testamento foi traduzido em Latim barbaro na Africa, parte sendo do Grego dos LXX ; e no seculo seguinte appareceu no Norte da Italia outra versão Latina (Itala) com a linguagem muito melherorada. Apezar disso, porêm, luctava-se contra o mao texto do V. T. quando S. Jeronymo foi a Palestina emprehender uma nova versão e do original hebraico (384 A.D.), o que conseguiu admiravelmente. Foi a esta versão, que com vagar substituiu as outras, que se deu o nome, por que já era conhecida a *Itala*, de *Vulgata, i.e.*, edição commum. A Egreja estava tão acostumada aos Psalmos da velha edição, traduzidos do Grego e não do Hebraico, que ainda hoje a Vulgata traz essa antiga versão, corrigida.

A edição mais antiga dos impressos é a dos *Psalmos* de 1477, de David Kimchi, de Narbona. É um pequeno *in folio* de 153 ffls. Só em 1482 sahiu em Bolonha a primeira edição do *Pentateuco*, com os ponctos das vogaes e accentos. Em 1485-6 sahiram em Sonsino (perto de Milão) os *Prophetas* e em 1486-7, em Napoles, os Agiographos. O V. T. completo em um volume é de 1488 em Sonsino.

E da Vulgata que o Pe. Antonio Pereira de Figueiredo traduziu a Biblia. O N. T. foi publicado em Lisboa em 1778-1781 e o V. T. em 1782-1790. Antes delle João a-Ferreira de Almeida verteu o V. T. do original hebraico em 1691, e estava em *Ezequiel*, 48 : 21, quando falleceu. A versão foi publicada na cidade da Batavia em 1748-1753 em dous volumes e não ha duvida que o Pe. Antonio Pereira a consultou. Mais adeante (Cap. XIV) voltaremos ao assumpto.

Novo Testamento—Jesus Christo não deu instrucções algumas a Seus Apostolos para que escrevessem noticia de Sua missão ou dos ponctos principaes do Seu ensino. Elle, entretanto, que tanto manuseava as Escripturas da Velha Alliança e sabia como se foram formando, prevía perfeitamente que, si a tradição da Sua passagem pela terra conservar-se-hia a principio fresca e vivificante e dispensaria ser archivada sob a fórma escripta, então mais fraca do que a oral, tempo viria,

e não muito longinquo, em que seria preciso fixar essa tradição de um modo ao mesmo tempo estavel e que se prestasse á propagação da Sua revelação os extremos da terra.

Nos primeiros trinta annos depois da Ascensão do SENHOR ninguem pensaria em escrever, como diriamos hoje, a Sua biographia. Si o escriptor que tal fizesse pretendesse annunciar quem fôra JESUS, perderia o seu tempo pois a excitante e viva narrativa dos que accompanharam, mais ou menos, o propheta de Nasareth a quem a egreja judaica dera morte violenta e a quem DEUS resuscitára dos mortos, sobrepujaria qualquer outra, por escripto, n'uma epocha em que tão poucos liam. Dest'arte o que todos buscavam no principio era ouvir alguma cousa das testemunhas de JESUS, de algum dos discipulos ou de quem com elles tivesse privado. Formaram-se ali por toda a Palestina pequenos gruppos de crentes que reuniam-se sempre que apparecia quem lhes viesse fallar do Resuscitado, e a instrucção religiosa nesse tempo era o que podia haver de mais simples: sua substancia consistia em "ensinar e prégar JESUS CHRISTO," e "a Resurreição" (*Actos*, 5 : 42 ; 11 : 20 ; 17 : 18.) Os primeiros prégadores limitavam-se a certos incidentes da vida, e aos principaes oraculos do ensino de CHRISTO.

Ora é sabido que quando um professor repete sempre a mesma licção, ella toma, no correr do tempo, um fórma fixa e doctrinal. Elles a principio só occuparam-se da vinda de Salvador, da Sua morte e resurreição e do proposito destes assombrosos acontecimentos: com mais vagar teriam explicado outros incidentes notaveis como os do Seu nascimento, do Seu modo de viver, da maneira do Seu ensino, da Sua crucifixão, e da summa geral do que ensinou quanto a DEUS e ao homem. E esta collecção de factos e de oraculos constituiu o primeiro Evangelho,—um Evangelho *oral* que, substancialmente o mesmo por toda a Palestina, podia divergir em ponctos secundarios aqui e ali, conforme a memoria dos mestres. Foi essa a fórma do ensino que S. Paulo recebeu, e que o fez escrever depois aos Corinthios que desde o principio ensinou sempre "o mesmo que havia aprendido," isto é, que JESUS CHRISTO morreu por nossos peccados, foi sepultado e resurgiu ao terceiro dia, como fôra testemunhado pelos discipulos e por mais de 500 irmãos ; muitos dos quaes ainda viviam (1 *Cor.*, 15 : 2-6). Todo o glorioso ensino de S. Paulo, o maior mestre do Christianismo (excluindo o seu Fundador), foi derivado desse Evangelho oral, pois no seu tempo não o havia por escripto ; e de facto, como se verá depois, algumas das Epistolas do apostolo precederam os trez Evangelhos synopticos. E esta verdade

ainda se prova pelo que elle mesmo recommenda aos Thessalonicenses (20 a 25 annos depois da morte de JESUS): "Estai firmes, e conservai as tradições que aprendestes ou de palavra ou por carta nossa" (2 *Thess.*, 2 : 14). Mal pensava S. Paulo que quando escreveu a sua primeira mensagem aos mesmos Thessalonicenses contribuia talvez com a mais antiga escriptura da Nova Alliança; e dizemos talvez, só porque, segundo alguns criticos, a que dirigiu aos Galatas merece aquella honra.

Mas os apostolos foram desapparecendo e as necessidades da propagação da *Boa Nova*, ou Evangelho, requisitavam agora outro vehiculo que fosse accessivel aonde não penetrava o pregador em pessôa; e demais, desde que iam faltando as testemunhas da missão de CHRISTO surgia o risco de, na propagação da sua historia e ensino em paizes longinquos e pagãos, introduzirem-se modificações, ainda até involuntarias, da primitiva tradição. Sentiu-se, pois, necessidade, primeiro, de escrever as maximas e oraculos, tão curtos e tão tersos, de JESUS, que sempre fizeram, fazem e farão tamanha impressão em os nossos espiritos; e, depois disto, um ou outro facto sobre a sua carreira na terra. Esses pequenos trechos, chamados então *logia*, foram realmente os elementos dos nossos trez primeiros Evangelhos. S. Marcos, discipulo e secretario de S. Pedro (que não sabia Grego) colheu delle mesmo informações sobre esses incidentes da passagem de JESUS e aproveitou-se tambem das *logia* existentes. Este foi o primeiro Evangelho. Veiu depois o de S. Mattheus, que alguns pretendem ser da lavra do apostolo S. Mattheus, e no vernaculo Aramaico, sendo depois traduzido para o Grego,—opinião hoje não defensavel. S. Mattheus provavelmente compilou na sua lingua a collecção de *logia* que foi aproveitada integralmente, pelo redactor do actual Evangelho que traz o seu nome; o estudo interno deste documento prova que os trez primeiros Evangelhos usaram dessa *logia* e accrescentaram-lhe outras informações proprias. Que o de S. Marcos precedeu ao de S. Mattheus vê-se disto: quasi todo aquelle está incluido no de S. Mattheus e na mesma ordem, á excepção de 8% do de S. Marcos cuja fonte não é conhecida exactamente. Nos Evangelhos de S. Mattheus e de S. Lucas acha-se tambem grande quantidade de material que, apezar do seu arranjo diverso, demonstra ser auferido de uma mesma fonte.

Durante muito tempo acreditou-se que o Evangelho de S. Marcos era calcado sobre o de S. Mattheus e dessa opinião era S. Agostinho n'uma epocha em que não existia ainda a verdadeira critica litteraria do N. T. Basta notar a linguagem do texto delles para se ver qual foi o mais antigo. A base

dos trez primeiros Evangelhos foi a *Logia.* Essas notas esparsas, porêm, não constituiam uma historia regular da vida de JESUS e isso mesmo muito provavelmente deu origem aos diversos Evangelhos,—essa necessidade de informações supplementares sobre a Pessôa e missão do Salvador.[1]

A esplendida introducção do Evangelho de S. Lucas nos mostra os processos a que recorreu este terno discipulo de S. Paulo para fazer o que redundou na tentativa definitiva de colligir as tradições sobre a vida de CHRISTO. Diz elle : " Visto muitos terem tomado a tarefa de expôr em ordem a narração daquellas cousas que são certamente tidas como verdadeiras entre nós, segundo no-las transmittiram aquelles que desde o principio foram testemunhas visuaes dellas e ministros da Palavra desde o começo, pareceu-me bem a mim, da mesma sorte, havendo-me informado perfeitamente de todas as cousas, escreve-las em ordem para ti, ó excellente Theophilo, afim de que pudesses ter a certeza daquellas cousas, em que tens sido instruido." Temos ahi bem claro como os trez Evangelhos foram escriptos—tal como aconteceu com o Velho Testamento cujo elemento primitivo foi, como já se notou, composto de tradições oraes.

O Evangelho de S. Marcos era já conhecido certamente antes do anno de 70 e o de S. Mattheus provavelmente tambem antes, ou quando muito um ou dous annos depois. O de S. Lucas tem a data de entre 70 e 80.

O quarto Evangelho differe muito dos trez synopticos, no estylo e na materia ; e sua auctoria, attribuida com justiça ao apostolo S. João, tem sido attacada por bastantes criticos, sem razão. S. João, primo de JESUS por ser filho de Salomé, irmã de Maria, era o " discipulo amado " do Mestre, e, como se vê dos Evangelhos, pertencia á roda interior dos discipulos, com Pedro e Thiago. Só elles o accompanharam na cura da filha de Jairo, na resurreição de Lazaro, na Transfiguração, e no Gethsemane ; ao passo que na Ceia e na Crucifixão João salienta-se sobre todos. Já velho, foi banido, no tempo de Domiciano, para Patmos, na costa da Asia Menor, voltando para Epheso em 96 sob Nerva, indo fallecer no reinado de Trajano. Segundo o historiador Euzebio, e S. Jeronymo, João teve forte contenda em Epheso com o hereje Cerintho e em consequencia disto, escreveu, já bem edoso, o seu Evan-

[1] Em 1897 e 1903 Grenfell e Hunt acharam em Oxyrinco, no Egypto, dous fragmentos em papyro de alguns axiomas ou oraculos de JESUS, um dos quaes está no Museu Britanico, e o outro Philadelphia, E.U. Aquelle comprehende *João*, 1 : 23-31 : e 20 : 11-17, 19-25. O outro contém *Matt.*, 1 : 1-9 : 12, 13, 14-20. São provavelmento do Seculo III. Esses documentos dão ideia dos do Seculo I. Eram escriptos em papyro de 15-45 centim. de largura e de varios comprimentos.

gelho a pedido dos crentes que desejavam que lhes expuzesse suas ideias sobre a natureza de JESUS CHRISTO.

Depois dos quatro Evangelhos traz o Novo Testamento os *Actos* dos Apostolos, ou historia dos primeiros passos para o estabelecimento do Christianismo até o anno de 61, quando S. Paulo se achava em Roma. É seu auctor S. Lucas, o terceiro Evangelista, e que accompanhou S. Paulo em algumas de suas viagens. Seguem-se treze Epistolas que S. Paulo escreveu a varias Egrejas, e uma, a dirigida aos Hebreus, que lhe é erroneamente attribuida. Vêm mais uma Epistola de S. Thiago, duas de S. Pedro, trez de S. João e uma de S. Judas (por muitos considerada como não sendo canonica, como tambem a segunda de S. Pedro), ao todo vinte e uma Epistolas. Por fim fecha o N. T. o livro *Apocalypse* ou Revelação, julgado por S. Jeronymo como de "duvidosa" canonicidade e geralmente considerado como não sendo de S. João a quem é attribuido.

Estes escriptos propagaram-se com toda a presteza possivel naquella epocha sem imprensa. Diz-nos o velho Euzebio (Bispo de Cesaréa em 340) que no anno de 130 escrevia o Bispo de Hyerapolis (Phrygia), Papias, mostrando conhecer o quarto (e mais recente) Evangelho, a primeira Epistola de S. Pedro; e dá até noticia de S. Marcos como o "interprete de Pedro" que "escreveu com cuidado tudo quanto lhe occorreu á memoria" de ter ouvido a Pedro. Ignacio, Polycarpo e Justino, que morreram velhos em 138, 166 e 168, respectivamente, citam varias dessas composições que hoje constituem o Novo Testamento, como tambem conheciam outros trabalhos que não foram acceitos depois como canonicos.

De facto, nos dous primeiros seculos da nossa era, e dentro de 170 annos depois da morte de CHRISTO, appareceram a *Epistola de Barnabas*, o *Pastor de Hermas* (145-150), a chamada 2ª. *Epist. de Clemente*, a *Apologia de Aristides* e outros escriptos que eram a principio citados como inspirados. Sómente a *consciencia-christã*, o consenso universal, dictou, com o andar dos tempos, quaes eram as Escripturas genuinamente inspiradas. Para isto não houve nem póde haver nenhuma auctoridade externa.

Todo o Novo Testamento foi escripto, como já se disse, em Grego e o MS. mais antigo que existe hoje e que suppõe-se ter sido preparado no Seculo IV é o *Codex Vaticanus* que, sabe-se, está na Bibliotheca do Vaticano pelo menos, desde 1481. Consiste de 759 ff., das quaes o N. T. occupa 142, estando completo excepto parte de *Hebreus*, *Epist. Pastoraes* e *Apocalypse*.

Do V Seculo ha trez MSS. O *Codex Sinaiticus*, em S. Peters-

burgo, com o N. T. completo, achado em 1859 por Tischendorff no convento do Monte Sinai. Vem depois o *Codex Alexandrinus* do Museu Britanico que está completo, a começar de *Matt.*, 25 : 6 ; seguindo-se o *Codex Ephraemi*, palimpsesto do N. T., de que apenas pouco mais da metade pode ser decifrada, pois todo o codigo está escripto sobre outro escripto, apagado imperfeitamente. Do VI Seculo temos o *Codex Bezzæ*, contendo completos os quatro Evangelhos e os Actos, e do resto havendo só fragmentos. (V. illustração no fim deste vol.)

CAPITULO II

A BIBLIA, LIVRO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO, NÃO SCIENTIFICO.—SEUS ESCRIPTORES INSPIRADOS.—SUA ANTIGUIDADE E FITO UNICO.—OBJECÇÕES CONTRA ELLA

APEZAR de sua grande variedade de assumptos, por tantos escriptores que floresceram durante uma serie de cêrca de treze seculos, a Biblia, pode-se dizer, só tem um assumpto que resume-se na *gloria de Deus.* Os seus inspirados auctores, inconscientemente, foram mostrando o desenvolvimento da ideia religiosa nesse povo escolhido por DEUS para typificar a Sua providencia ; e deste modo elles simultaneamente foram recolhendo as provas da execução lenta do plano da revelação divina. Assim a Biblia que guarda-nos essas provas, torna-se-nos uma dadiva divina.

Ora para o estudo deste desenvolvimento das concepções religiosas dos Judeus e, depois delle, do grande expoente da revelação plena de DEUS, não nos devemos approximar com o espirito avesso a esse sentimento religioso : as boas regras da critica exigem que nos colloquemos no poncto de vista dos auctores criticados. Como disse S. Paulo, só espiritualmente podem ser julgadas as cousas espirituaes ; e isto é tanto a expressão da verdade que Elle mesmo accrescenta que ao homem meramente animal essas cousas parecem estulticia, pois elle, como o deus deste mundo, as não percebe (1 *Cor.*, 2 : 13, 14).

Não pretendemos sustentar que a Biblia não deva ser julgada tambem como outros productos litterarios : temos o direito, porêm, de insistir em que nunca seja esquecido o facto bazico que ella é um *livro de Religião.* Nem queremos dizer que, por ser tal, tudo nelle seja o producto de inspiração especial, ou que todas as suas palavras sejam " palavras de DEUS." Elle contém sim a " Palavra divina " : a essencia do seu ensino é de certo divina : o *logos* de DEUS está ali, mas urge que nunca nos esqueçamos do defeituoso *instrumento-homem,* por quem nos vieram esses oraculos. Não ha penna no mundo que possa reproduzir a verdade infinita de DEUS. A Biblia contém a palavra divina neste sentido, que ali, neste mais precioso dos nichos da Historia, está archivada a collecção dos prin-

cipaes ensinamentos com que approuve a DEUS demonstrar á Humanidade tudo aquillo que lhe é essencial saber da sua origem, do seu destino, e as mesmo tempo da naturesa de DEUS, sendo que esse ensino, que culminou em JESUS CHRISTO, foi gradual e comprovado por inilludiveis factos historicos e predicções divinas, todos escriptos pelo proprio homem.

A quem disser que seria preferivel que DEUS revelasse de uma feita, e clara e completamente, o Seu ensino á humanidade, responde-se que si DEUS é a mesma Verdade e o seu Espirito só inspira a Verdade, do outro lado o homem que recebe-a só póde apprehende-la incompleta e gradativamente,—tal qual acontece ao ensino que damos aqui aos nossos filhos, e que o recebem conforme a sua perceptibilidade. Ainda JESUS-CHRISTO dizia a Seus discipulos que, alem dos ensinos que ouviam, tinham de aprender muitas outras coisas que entretanto não lhes communicava então pois que não as comprehenderiam (*João*, 16 : 12).

Não quer isto dizer, está visto, que ao ensino divino apezar de gradativo faltassem desde logo bases sãs e completas em si mesmas. Basta-nos para isto estudar a ideia theologica de DEUS que os Hebreus tiveram desde o principio,—ideia incompleta, acanhada, naturalmente anthropomorphica, mas verdadeira até quanto podia ser, naquelles tempos. Na Biblia temos um livro de escriptos por dezenas de auctores hebraicos, israelitas ou judeus, que viveram desde Moysés até o propheta do Apocalypse, isto é, n'um periodo de perto de treze seculos. Os primitivos mythos e legendas do povo hebreu, a sua poesia popular e contos ácerca de seus heroes só foram a pouco e pouco reduzidos a escripto, vindo depois os codigos de leis rudimentares, civis e religiosas, e proprias daquellas eras, conservadas pelos sacerdotes que serviam de juizes : com esses elementos foi-se formando assim o nucleo da literatura que se expandiu sob suas diversas formas, mas sempre subserviente ao proposito unico de mostrar prácticamente a relação de DEUS com os descendentes do hebreu Abrahão. Durante essa longa serie de seculos o material de que se compõe a Biblia foi sendo colligido gradualmente com zelo correspondente ao grande fervor religioso do povo ; e foi esse zelo que no Seculo IX ou X A.C. induziu dous notaveis escriptores, um do Norte, o Elohistico, e outro do Sul da Palestina, o Jahvistico, a reunir as tradições e historias do paiz, que foram sendo depois ampliadas com as de tempos subsequentes, e com os trabalhos poeticos, philosophicos e propheticos até o advento de JESUS CHRISTO ; vindo então a segunda parte, e mais recente, da Biblia em que se acham reunidas as quatro narrações diversas da Sua gloriosa

missão, morte e resurreição ; e a dos primeiros incidentes da propagação desse ensino, dessa revelação divina, junctamente com a interpretação authentica que delles deram alguns dos discipulos de JESUS.

Seja qual fôr o preconceito mental de quem se approxima da Biblia, é forçoso admittir que elle, desde o inicio do seu estudo, defronta desde logo, sem questão *o livro mais antigo do mundo.* Mas não é tudo. A sua mesma *antiguidade* poderia por ventura pôr em duvida a sua *integridade* ; e aqui o leitor sem prevenções vê, e com vagar póde provar, que, apezar dos erros inconscientes dos copistas em tamanha serie de seculos, os textos sagrados foram conservados com uma fidelidade que só poderia ser obtida da mais exclusiva e ardente dedicação religiosa, como tem sido a dos Judeus.

Realizamos bem a antiguidade de certos livros contidos na Biblia quando consideramos que, segundo Herodoto, Homero, o chamado "mais antigo dos poetas," viveu no meio do Seculo VIII A.C., isto é, quando os Israelitas já tinham as historias do seu paiz em circulação (as de J e E), não fallando das suas leis e da sua poesia. De facto, o alphabeto só entrou na Grecia no Seculo VII.[1] As ideias religiosas de Homero são rudimentares. A noção propriamente de *lei* não existia, mas sim a do *costume*, que era o significado verdadeiro da palavra *themis.*

Nós podemos ainda hoje ler os livros sagrados de outras religiões. Entre os dos povos de raça turaniana destacam-se os codices do Confucianismo. Dividem-se estes em primarios ou "classicos," e secundarios. Formam o primeiro gruppo "Cinco Regimens" ou "Cinco Reis," compilados por Kung-futz (isto é, Mestre Kung), dos quaes os tres primeiros (os livros de Historia, de Poesia e das Mudanças) consta terem sido apanhados, pelo compilador, de historias e ensinos ja existentes, os dous outros (historia recente e ritualismo), constando de materia escripta por elle mesmo. Quanto aos livros secundarios, em numero de quatro (os chuus), são formados de conversas dos quatro philosophos,—Confucio, um discipulo e um neto delle, e Mencio. Todos esses trabalhos não pretendem ser inspirados por DEUS, mas contêm admiraveis regras de sabedoria práctica e poemas de singular elevação de sentimentos. Não apresentam, porêm, prova alguma da sua antiguidade apezar de que o livro da Historia (chun) pretenda dar factos desde o periodo anterior, por trez ou quatro seculos, ao de Abrahão. Confucio morreu no Seculo V, antes

[1] As mais antigas inscripções gregas são as das ilhas de Thera, Creta e Melos, da 40ª Olympiada ou 640 A.C.

de J. C.,—um seculo depois de Ezekiel e pouco antes das missões de Esdras e Nehemias, e 800 annos depois de Moysés.

Os livros dos Vedas (*cousas, vistas, conhecimentos*) da India consistem dos Mantras (textos sagrados), dos Brahmanas (ceremonias) e dos Upanichads (commentarios philosophicos). A mais antiga de suas subdivisões é o Rig-Veda que suppõe-se ser uma collectanea de poetas dos Seculos XIV a XII A.C. São bem importantes as tradições secundarias da revelação dos Brahminos, e ellas se contêm em classicos sobre legislação (Darma-chastra), em poemas epicos (Ramayana e Mahabarata), em legendas (Purânas) e em incantações (Tontras).

As *leis de Menu*, da primeira secção, têm tido grande influencia na vida dos Hindús: foram compostas, segundo as opiniões mais auctorisadas, entre 600 e 200 annos antes da nossa era, os melhores criticos propendendo entre 300 A.C. e 200 da nossa era. Ainda maior influencia têm exercido os dous grandes epicos citados e que constituem a verdadeira Biblia brahminica. O *Ramayana* foi escripto por Valmiki e nos dá a biographia de um heroe, ao passo que o *Mahabarata* é uma collectanea de velhas tradições. É septe vezes maior do que a Iliada e a Odyssea, junctas. Esses dous epicos datam respectivamente de trez e dous seculos antes de J. CHRISTO, quando se completava virtualmente o nosso Velho Testamento.

Os livros de Budha vieram a lume depois da morte deste mestre, que suppõe-se ter occorrido entre 540 e 400 antes da nossa era.

Os escriptos sagrados da Persia, sem revestirem a bôa forma desses outros, a que alludimos, merecem os profanos estudos a que os tem sujeitado a critica moderna por serem o unico monumento que nos deixou o Zoroastriismo que exerceu consideravel influencia nas religiões semiticas. O corpo dessas escripturas, chamado *Zend Avesta* (Avesta significa *textos* e Zend, segundo alguns, *commentarios*) compõe-se de escriptos de varias epochas, n'um periodo calculado ser de seiscentos ou quatrocentos annos, entre 1000 ou 800 e 400 A.C. A collecção era muito maior do que os residuos que hoje existem e que resistiram á ultima perseguição no tempo de Alexandre o Grande: mas ainda esse resto nos dá idéia não só da sua antiguidade como da sublimidade de algumas passagens. O *Zend Avesta* está disposto em quatro partes: *Yasna*, ou preces rituaes, que suppõe-se ser de tempo de Zoroastro, *Visparad*, *Vendidad*, com um retrospecto historico da religião e um codigo de puresa pessoal, e por fim o *Iasts* com invocações e psalmos

a poderes especiaes. A collecção toda destes livros é mais um codigo de orações e hymnos do que propriamente um deposito de revelação.

Na Biblia temos, pois, escriptos muito mais antigos, e de muito mais genuinidade. Nos outros livros sagrados falta tambem a homogeneidade, e o interesse *humano.* A nossa Biblia é uma litteratura religiosa mas uma litteratura, como as outras, sendo a expressão genuina do sentimento e das ideias de um povo. O sentimento dominante desse povo sendo providencialmente religioso, sua litteratura tornou-se assim religiosa, e elle archiva a licção da vida, que seus auctores consideravam justamente como divina. E isto elles o fizeram coherentemente durante dezenas de seculos.

Apezar de tão antiga e de conservada tão integralmente, a grande importancia da Biblia vem *do seu proprio conteúdo.* Temos nella preliminarmente as divinas tradições de como Deus creou o mundo, de como creou especialmente o homem e este decahiu da intimidade do Creador por sua propria indisciplina e ingratidão: de como Deus, com a sentença do castigo, prometteu desde logo remediar á fraquesa de sua creatura para resistir ás tentações da indisciplina. Vem depois disso a narrativa da distribuição dos povos na terra até chegar o narrador ao começo da parte propriamente historica, dizendo de que familia procedeu Abrahão da Caldéa.

Acérca dessa primeira parte da Biblia, sobre os tempos primitivos, seja-nos permittida uma digressão necessaria para a justa apreciacão do grande Livro.

Tem-se procurado estabelecer conflicto entre os primeiros capitulos do *Genesis* e os resultados dos estudos de astronomia, geologia, paleontologia e biologia destes ultimos tempos, impugnando-se assim a veracidade e a inspiração da Biblia. Isto, porêm, vem de se não querer attender á naturesa e proposito, e ao modo da composição do grande Livro, e dessa falta não estão isentos alguns chamados defensores da inteiresa biblica. Por meio de verdadeiras cavillações têm elles procurado explicar o texto de accôrdo com os resultados scientificos, forçando-o e torcendo-o de modo a adaptar-se áquelles resultados, —explicando, por exemplo, que os seis dias da Creação correspondem a seis grandes *aeons* de vida geologica, como si estes milhares ou milhões de annos tivessem " manhãs e tardes " como no texto, etc. Theologos attacam scientistas sómente por esquecerem-se das verdades elementares sobre a composição da Biblia.

O *Genesis* não pretende descrever o processo scientifico da Creação que levou um numero sem conta de epocas para attingir

ao estado em que se via quando a primitiva tradição da humanidade foi aproveitada pelos redactores do Livro sagrado. Mesmo no terreno historico é certo que em 4.000 A.C., *i.e.*, no anno supposto da Creação, já, segundo a chronologia na Babylonia, existia ahi elevado gráo de civilização, e já nesse anno brilhava em Uruch (que é o Erech de *Gen.*, 10 : 10) o rei Lugal-zaggasi, cujos dominios estendiam-se até o Mediterraneo, como consta de inscripções nas ruinas de Nipur perto das da antiga cidade da Babylonia. De Susa (hoje *Sus* ou Shush a S. O. da Persia) ha inscripções que de Morgan crê serem de 5000 A.C., e este mesmo explorador achou antiguidades egypcias, perto de Thebas, á que Petrie, excellente auctoridade no assumpto, dá a data de *circa* 4777 A.C.

É certo que o estudo scientifico da Creação á vista dos conhecimentos que a humanidade tem accumulado até hoje, nos enche de pasmo pela Providencia que coordenou esta machina verdadeiramente maravilhosa, desenvolvida na successão lenta de cyclos de edades incontaveis. Apezar de tudo, porêm, essa contemplação não nos explica auctorisadamente o que a ultima das creaturas, o Homem, precisa saber de suas relações com o seu Creador, dessas verdades fundamentaes da Religião, que lançam a sua luz sancta sobre a obra da Creação toda. Querer achar no *Genesis* ou na Biblia apenas verdades *historicas* é como exigir romances na collecção de factos scientificos feita gradualmente pelo homem : quando em breve tractarmos da Inspiração biblica procuraremos esclarecer este ponctò. É imperioso termos sempre em vista o que é realmente a nossa Biblia, o que ella mesma pretende ser como obra religiosa, e não o que alguns de seus desaffectos, tão gratuitos quão ignorantes, querem força-la a ser, ou o que seus defensores pouco avisados pretendem, do outro lado, que seja, procurando conciliar com a sciencia as legendas religiosas della, ou acreditando que pela sua ideia errada de *fé* podem fazer passar como verdades erros grosseiros, theorias artificiaes que qualquer livro elementar de sciencia deixa, por assim dizer, no ar.

Ninguem vá, pois, procurar complicadas demonstrações scientificas da Creação n'um unico capitulo da nossa Biblia. Na sua primeira edade todos os povos antigos formavam as suas ideias cosmogonicas e tambem as primeiras impressões religiosas sobre como o homem, a morte e o soffrimento estraram no mundo, constituindo sobre isto verdadeiras allegorias que representassem ao vivo essas ideias ; e a sciencia moderna tem até conseguido classificar esses mythos primitivos segundo a indole das diversas raças humanas. Aos escriptores do

Genesis pouco importava a sciencia: preparando este livro historico-prophetico, a sua sciencia consistia em destacar o dedo de DEUS em todas as obras da Creação e para isto aproveitaram-se das antiquissimas tradições do seu povo, que aliás provieram das ainda mais remotas da Babylonia, ás quaes os Hebreus deram um cunho e interpretação todo monotheisticos. No capitulo desta obra sobre o *Genesis* confrontaremos o mytho babylonico da Creação com o hebreu, e aqui basta-nos notar alguns pontos geraes que, mostrando a sua origem commum, os distinguem profundamente. Em ambos existia, antes do céo e da terra o chaos (*Tiamat* Babylonico e *tehom* no Hebraico), a ausencia de vegetação; as estrellas em sua relação com a divisão do tempo; a creação da lua para presidir á noite; a creação posterior dos animaes. Mas que differença quanto aos grandes principios do *Genesis*! O polytheismo babylonico é o que ha de mais rude: Tiamat lucta com os deuses cujo numero avulta; um delles, Merodach, preparou a casa dos grandes deuses, de accôrdo com os quaes fixou as estrellas, e o anno, presidido pelo Zodiaco, marcando alem disso trez estrellas para cada mez; e Merodach por fim fundou a mansão do deus-sol, etc., etc. Que diversa é a concepção da nossa Biblia! Nessa augusta narrativa da sua primeira pagina, considerada a mais solemne peça litteraria jamais escripta, temos UM SÓ DEUS, por cuja soberana vontade foi feito o mundo. O *fiat* que precede aos diversos actos da Creação, mostra como DEUS procede com ordem e sabedoria; e a historia que lemos accentúa a plena liberdade de Sua acção, ao passo que nas inscripções babylonicas até o chaos parece ser dotado de geração espontanea, e DEUS acha-se fundido na propria naturesa.

Neste symbolismo das primeiras ideias dos Hebreus sobre as origens de certo não achamos sinão o primeiro rastilho da precisão scientifica de Laplace e seus discipulos e continuadores, é nisto: que os seres inferiores foram creados antes dos mais complicados e perfeitos, que culminaram no homem. Mas tudo isto era a verdade apprehendida pelo instincto da raça e não scientificamente, pois do contrario o *Genesis* não crearia a luz antes do sol, apezar de ter sido possivel a sua existencia antes da materia nebulosa de que se evoluiu o systema solar; nem ella crearia a vegetação antes dos animaes, etc. Mas as ideias geraes que sobre esses assumptos prevaleciam—seculos, quando isto foi escripto, não são de certo as de hoje.

Sobre a queda do homem tambem a Biblia serviu-se da antiquissima legenda que encontramos na mythologia de muitos outros povos inclusive os Mexicanos, Babylonios, etc.

Mais adeante mostraremos similhança entre a nossa allegoria monotheista e a da legenda do Adão e Eva dos Babylonios. Mas é só na Biblia que vemos como entrou no mundo o estado peccaminoso e como elle se transmittiu de geração em geração ; e como desde logo Deus resolveu remediar ás consequencias desta desobediencia e deste afastamento voluntario do homem que creára á Sua imagem. Está visto que os nomes de Adão e Eva são legendarios : tracta-se apenas de um symbolo do *primeiro* homem e da primeira mulher. A legenda nos ensina que ha *responsabilidade* humana ; que Deus nos dotou com o precioso dom da liberdade moral, a qual está subjeita aos attaques dos maus desejos ou da chamada concupiscencia, mental ou sensual ou ambas operando junctas : e é a essa tentação do mal que não souberam resistir nossos primeiros paes. A Biblia, pois, não pretende narrar um facto concreto, um incidente real em que uma serpente entretivesse longa argumentação com uma mulher que, a final, cedêra ás suas insinuações : na linguagem vívida em que os Orientaes engastaram esse symbolo explicando a razão, que davam, da entrada da dôr no mundo, ella nos deixa os pensamentos mais profundamente philosophicos e religiosos sobre esse assumpto que n'uma obra religiosa devêra com effeito occupar o logar seguinte ao da introducção da humanidade no mundo.

Como consequencia do afastamento da raça do seu Deus Creador, veiu o mundo afundar-se no mal perdendo todo o senso moral, e dahi a legenda do diluvio que, como tambem mostraremos, vem da mais remota antiguidade e é commum a muitos povos, até do nosso continente. Essa historia na Biblia provém directamente da babylonica como o demonstram as inscripções cuneiformes nas laminas de barro descobertas por George Smith em 1872 entre as que constituiam a *bibliotheca* de Assurbanipal,—laminas que estão hoje no Museu Britannico de Londres e que suppôem-se datar de mais de 2000 annos antes de J. C.

Assim, não importa que os que arrecadaram essas tradições e os que dellas se utilizaram na Biblia, não tivessem inspiração sobre sciencias physicas. Inspirados foram elles de certo quando deram aos acontecimentos que serviram de baze a essas legendas a sua verdadeira licção religiosa e moral : seu ficto era servir aos interesses superiores das relações de Deus com o homem nesses acontecimentos, e revestir esses symbolos do seu verdadeiro character. Para a Biblia, inspirada de Deus nesse seu poncto exclusivo, o homem é o centro desta Creação, deste systema que chamamos mundo ; e á este seu logar dão direito o proprio valor que Deus lhe outorgou asso-

prando-lhe o Seu divino Espirito e fazendo-o assim á Sua imagem e similhança. Nas historias patriarchaes ha vestigios de poesia e romance, mesclados com os factos verdadeiros que referem, e que merecem fé. Entre alguns criticos do seculo passado tornara-se corrente sustentar que Abrahão, Isaac e Jacob e até José eram nomes poeticos de divindades ou tribus, e que as lendas biblicas só visavam exaltar os pretendidos fundadores do seu povo,—como si pudessem ser inventados esses poucos traços com que estão pinctados os magnificos retractos, tão ao vivo, desses quatro homens retendo até os seus defeitos moraes bem assignalados, que parece que o patriotismo mandaria calar. Pois bem: nestes ultimos cincoenta annos a archeologia tem descoberto monumentos importantes que corroboram em alguns ponctos a historia desses septecentos annos. Está hoje provado, como ver-se-ha adeante, que nesse tempo a Palestina estava subjeita ao Egypto mas que tanto predominava nella a civilização babylonica que toda a correspondencia dos governadores locaes com o Governo egypcio era escripta em cuneiformes babylonicos: a grande quantidade de ladrilhos de barro achados em Tel-El-Amarna (200 Kilom. ao sul de Cairo) mostra como era activa a vida publica desses tempos. Fallam de um povo, o Apuriu, que eminentes hebraistas identificam com o hebreu. Do outro lado, descobriu-se na Babylonia uma inscripção que contém nomes um dos quaes, Eriaku, de Larsa, tem sido identificado com Arioch de Ellasar, e outro Kudurmabug, analogo a Codorlahomor (realmente Kudurlagamar) de que tracta o capitulo XIV do *Genesis*, que os criticos suppunham não ser historico. Eriaku foi desthronado pelo grande rei Hammurabi ou Khammurabi. A archeologia não disse ainda a ultima palavra sobre o assumpto e de certo nos reserva muitas sorprezas. Queremos acreditar que alguma poesia insinuou-se nessas narrativas mas que ellas sejam substancialmente historicas não parece haver mais duvida fundada, apezar dos sinões introduzidos nellas no decurso de quatro mil annos de tradições oraes e escriptas.

Esse elemento poetico e legendario devia estender-se, é muito natural, á era do estabelecimento dos Israelitas em Canaan e de suas esforçadas luctas com os incolas e seus vizinhos. As legendas de Balaão e de Samsão eram muito populares e serviam, tão bem como qualquer parabola, para fixar sãs ideias religiosas no espirito do povo. Já no tempo dos Reis entramos em plena historia e os proprios escriptores desse periodo, pelo menos depois de Salomão, citam, como se mostrará adeante, os fastos officiaes e outras auctoridades de que extrahiram seus poucos dados, pois convém não esquecer que

esses auctores de *Reis* não visavam escrever propriamente historia mas mostrar a relação desses tempos com a fé divina de Israel e com a intervenção directa de DEUS. De facto, já mostramos que no Canon do V. Testamento esses Livros eram classificados entre os Prophetas. Quaesquer enganos dos seus escriptores não alteram em nada o gráo de credibilidade que merecem ; e demais, qual é o livro historico desses tempos que póde disputar com os dos *Reis* no terreno de veracidade historica ?

Outro poncto que faz que repugnem a Biblia os que della se aproximam inintelligentemente consiste na moralidade de certos incidentes dos tempos patriarchaes e a crueldade dos Israelitas em certas guerras que entretiveram com os Canaaneus e seus visinhos. Fosse qual tivesse sido, esta barbaria era julgada necessaria para exterminar tribus embebidas n'um conjuncto de todos os crimes e torpesas, que DEUS desejava eliminar (*Deut.*, 7 : 2 ; 20 : 13-18) e devemos observar que ella tem sido tão excedida na maior das guerras modernas do mundo que os vocabularios carecem de palavras adequadas para exprimi-la ; notando-se que não se tracta de selvageria de 30-33 seculos atraz, mas de suppostos Christãos do Seculo XX depois do advento de JESUS. Verdade é, tambem, que ainda até entre os favorecidos de DEUS, o V. T. nos archivou grandes deslises, como : o procedimento de Abrahão com Aquimelek a respeito de Sara, alias sua mulher e irmã por parte de pai ; as *espertezas* de Jacob e seu casamento com duas irmãs ; o procedimento de Lot e suas filhas, antes e depois da destruição de Sodoma, assim como, mais tarde, o homicidio e adulterio por David, etc. Ora tudo isto prova em primeiro logar que as narrativas da Biblia são verdadeiras, não se tendo tido cuidado de excluir estas nódoas da historia de homens para os Judeus tão prezados como fundadores da sua nacionalidade. E em segundo logar a conservação destas nódoas em nada desabona o Livro que as retém, que procura referir factos verdadeiros da vida de um povo antiquissimo, na qual DEUS se dignou de deixar consignados oraculos Seus sobre o Seu designio de resgatar o homem da subserviencia ao peccado. A Revelação divina, até JESUS CHRISTO, foi *gradual* porque o povo ao qual ella se desdobrava não tinha o preparo intellectual, moral e religioso, para recebe-la. Como, pois, esperar que a moralidade desses tempos seja a dos nossos ? E nesse mesmo terreno poderá o presente vangloriar-se muito ? Admittamos que Abrahão ou David não sejam orgãos tão perfeitos da Revelação como Moysés ou Isaias ; elles, porêm, cumpriram papeis

de completa utilidade no seu tempo, tão bem como os outros, antes e depois. Como, pois, querer achar na Biblia na parte relativa a esses tempos de imperfeição moral e de educação gradual para o advento de CHRISTO, aquelle alto padrão do Sermão do Monte? O Velho Testamento não contém um codigo inalteravel de moralidade, mas uma serie progressiva de leis e licções adaptadas ao nivel do tempo em que foram promulgadas. Quando os phariseus perguntaram a CHRISTO si era licito a um homem repudiar a sua mulher, por qualquer causa, e Elle respondeu que o homem não devia separar o que DEUS ajunctára, os phariseus redarguiram perguntando como Moysés só mandára o homem dar á sua mulher carta de desquite para poder repudia-la: JESUS CHRISTO explicou-lhes que só pela duresa dos seus corações permittiu-lhes isso Moysés, pois ao principio não fôra assim (*Matt.*, 19 : 3-8). Eis ahi um exemplo de como se fez gradualmente a educação moral do Israelita. E a maior parte do Sermão do Monte consiste de tal expansão e tal explicação dos principios dos preceitos mosaicos que redundam na sua revogação. As Velhas Escripturas permittiam o que agora o filho de DEUS prohibia como reluctando á nova Lei do Amôr; ellas mostram o crescimento do verdadeiro sentimento moral e religioso. E é erro grosseiro apresentarem-nos essa moral incompleta e obscurecida, antes da plena Revelação, como uma cousa acabada e perfeita; ou de outro lado, aviltar esses desvios do povo escolhido como si elles não tivessem servido o seu fim relativo e não servissem de fundo á luz que devia rutilar na Revelação final de JESUS CHRISTO. Mesmo no tempo do Salvador, S. Paulo dizia aos Corinthios que não podia fallar-lhes como a espirituaes, sinão como a carnaes, como a pequeninos em CHRISTO. "Leite vos dei a beber, não comida, porque não podieis nem podeis ainda agora toma-la" (1 *Cor.*, 3 : 1, 2). O ensino divino foi sempre indirecto, parcial, progressivo e mediato, até CHRISTO.

Esta educação gradual do homem pela Revelação é de tamanha importancia para a bôa comprehensão do que é o Christianismo, que precisa ficar bem clara, como facto primordial e bazico. Dirigindo-se aos Galatas S. Paulo escreveu a este respeito palavras memoraveis: "As promessas foram dictas a Abrahão e á sua semente . . . que é CHRISTO. . . . Pelas transgressões foi posta a Lei (mosaica) até que viesse a semente. . . . Antes que a fé viesse, estavamos debaixo da guarda da Lei. . . . A Lei, pois, nos serviu de pedagogo que nos conduziu a CHRISTO. . . ." (Cap. 3.) E aos *Corinthios* disse: "Todas estas cousas" (nas Escripturas então existentes) . . . "foram escriptas para escarmento de nós outros a quem o fim dos

seculos" (pelo qual a humanidade esperou) "tem chegado" (1 *Cor.*, 10 : 11). E aos Romanos repetiu: "Tudo quanto está escripto, para nosso ensino está escripto" (15 : 4).

Assim, pois, a Biblia não pretende ser um Codigo de leis fixas, de preceitos eternos em que cada palavra, por assim dizer, seja infallivel. É pena, talvez, que Deus não houvesse satisfeito aos desejos dos que a compulsam esperando achar nella doctrinação tal, que os dispensasse de procurar o Senhor na longa historia do povo e das instituições israelitas. Mas a Biblia não é esse catecismo; mas sim uma Revelação lenta que precisa ser ouvida e estudada attentamente. Todos os deslises moraes, todas as faltas scientificas, todos os pequenos erros dos escriptores dessa historia e dessas instituições não abalam essa baze historica da nossa fé. Que importa que o exercito israelita em certa conjunctura tivesse mais ou menos mil homens, ou que os Hebreus permanecessem no Egypto mais ou menos duzentos annos ou que certo numero de annos fosse arredondado pelo mais recente escriptor do Pentateuco, P, em obediencia a um *systema* a que pretendeu subjeitar a chronologia; que importa que os trez Evangelhos synopticos nos refiram o mesmo facto com algumas divergencias?

Ha Biblia não se encontra, pois, esse catecismo. É uma collecção de documentos de varios escriptores inspirados, em que se descobre sem difficuldade o fio da revelação de Deus sobre Elle mesmo e o homem. É no decurso dessa historia que se desenvolvem as ideias que temos de Deus. Já mostramos como os seus proprios mythos e as legendas primitivas não dão as mais sãs noções Divindade. O mesmo acontece com as narrativas patriarchaes, ainda que não livres ainda da tembrança das legendas primitivas, do povo hebreu, começando pelo seu fundador, Abrahão.

Este homem, dotado da mais absoluta confiança em Deus, foi pelo Senhor escolhido para pai de uma nação tão numerosa "como os grãos de areia do mar." Abrahão emigrou para a Palestina e seu neto Jacob, e os seus filhos foram obrigados a procurar no Egypto o alimento que lhes falhou ali em annos de fome. Depois de uma permanencia de alguns seculos sob varios Pharaós e quando acabrunhados por amarga servidão sob um desses reis, Deus, fiel á Sua promessa a Abrahão, resolve resgata-los e o faz de um modo estupendo, pelo intermedio de Moysés, que em quarenta annos de peregrinação pelo deserto conduz os Israelitas até o Jordão, limite da terra promettida ao povo, e onde este entra sob Josué. Nesse deserto surge o gruppo de montanhas aonde está a do Sinai,

e ahi Moysés dá ao povo as pedras em que diz a tradição que DEUS inscreveu a lei fundamental de Israel e DEUS faz uma "Alliança" com o povo que, Moysés espargindo o sangue de victimas pacificas sobre o altar, prometteu solemnemente obedecer a JAHVEH. O propheta e mestre ensina-lhes outras leis, civis e religiosas, para a organização definitiva da nova communhão social que fundava. Chegados a Canaan, os Israelitas levam cêrca de trez seculos e meio, sob os governos cambiantes dos Juizes, até que instituem a monarchia para dar-lhes mais união. O seu segundo rei David, uma das figuras mais imponentes e interessantes da sua historia, unificou e dilatou os dominios de Israel e, mais do que isso, foi um dos homens mais piedosos e de mais robusta fé da antiguidade, apezar de seus crimes e faltas. Mereceu elle, sinceramente contricto, receber a promessa divina de que um de seus descendentes estabeleceria *para sempre* o seu throno, e desta promessa feita á tribu de Judá nunca mais se esqueceram os Israelitas. Salomão consolidou as conquistas de seu pai e erigiu o primeiro Templo a DEUS; mas já por sua morte scindiu-se o reino em dous, um ao N., comprehendendo dez tribus e que assumiu o nome do povo inteiro,—Reino de Israel,—e o outro, consistindo apenas das duas tribus de Judá e de Benjamin, que tomou a denominação de reino de Judá. O de Israel durou 230 e o de Judá 366 annos até, respectivamente 722 e 587 A.C., Israel sendo transportado para a Assyria e Judá para a Babylonia. Ao passo, porêm, que os captivos da Assyria fundiram-se quasi todos na sua população, os Judeus na Babylonia, graças á inspiração de Cyro, rei da Persia, quando conquistou o reino de Nebucuduruzur, tiveram licensa de voltar a Jerusalem e muitos delles o fizeram em memoraveis caravanas. Ahi restabeleceram o Templo de Solomão, já sem a opulencia do primeiro, e promulgaram codigo mosaico de leis escriptas e conservadas pela tradição e um culto elaborado,—leis e culto que vingaram até a vinda de JESUS CHRISTO. Nesses seculos até 400 A.C. os Israelitas não cessaram de transgredir as sábias leis de Moysés e os mandamentos e admoestações que DEUS lhes mandava por Seus servos, os Prophetas, cujos recados desde 850 A.C. nos foram conservados, na sua substancia, por escripto, illustrando estes textos a historia das epochas em que foram redigidos. Por todo esse periodo, e no que precedeu ao advento de JESUS, os Israelitas e, depois, a secção delles pertencente a Judá, ou os Judeus, escreveram composições em prosa e verso sobre os assumptos que mais os preoccupavam, muitos desses escriptos recebendo a approvação geral como verdadeiros expoentes do sentimento do seu povo e por consentimento de todos, sendo

unidos aos codices ja consagrados como inspirados por DEUS para instrucção dos presentes e vindouros.

Ao restabelecimento do segundo Templo seguiu-se um intervallo de cêrca de quatro seculos em que a Palestina foi joguete de varias potencias e durante algum tempo, batteu-se gloriosamente pela sua independencia. Mas não constam oraculos divinos em todo esse longo periodo. Nas suas trevas podiam, porêm, lobrigar lampejos de um grande acontecimento. O povo judeu anciava por um libertador divino, — por aquelle filho de David promettido a este mesmo rei, havia dezenas de seculos, o qual estabeleceria o seu throno *para sempre* (2 *Reis*, 7 : 13 e 26). Afinal, no 35° anno do governo do Imperador Augusto em Roma, surgiu de Belém de Judá a Estrella de Jacob, cuja luz vinha mostrar ao homem como estava nelle tão apagada a imagem de DEUS. JESUS CHRISTO veio restituir a humanidade ao seu Creador, e trazer em Sua plenitude, o Espirito de DEUS ao homem, em carne e osso. Veio arrazar a " muralha de separação " que o distanciava de DEUS e orna-lo com as armas espirituaes com que póde vencer a tentação da desobediencia e rebellião, symbolisada desde os primeiros dias no Paraiso terrestre. E o Novo Testamento, dando-nos a historia dessa Incarnação divina em JESUS CHRISTO, não só confirma todo o Velho Testamento como este tem ali a prova da sua inspiração, da sua sanctidade. A Biblia apresenta-nos um blóco solido com uma *unidade* indescriptivel. Como se viu, a promessa do Paraiso, constante das tradições semiticas, e escriptas ali dez seculos antes da vinda do Christo (não seguindo-se que não tivessem sido transmittidas por escripto muito antes), foi cumprida em JESUS CHRISTO : as promessas divinas a Abrahão e a Jacob tambem se realisaram na Incarnação, e na propagação do Christianismo, a que estamos assistindo : todo o regimem moral e religioso dos Israelitas presuppõe Moysés e o nucleo das suas leis : a tribu dos filhos de Jacob donde devia sahir o que occuparia *eternamente* o throno de David era a tribu de Judá, á que pertencia JESUS na carne. Os prophetas corroboraram tudo isto, e um delles, durante o Exilio da Babylonia, conseguiu descrever minuciosamente circumstancias da presença do Ungido de DEUS, quando apparecesse. O assumpto todo é de tal interesse que adeante tractaremos delle com mais pormenores. Por agora só nos cumpre mostrar que por sua estupenda unidade a Biblia, no meio de grande variedade de assumptos escriptos por septenta collaboradores diversos, parece dictada por um só Espirito.

E, afinal, não foi mesmo inspirada por um unico Espirito ? Ha nações com vocações extraordinarias, como a Grecia para

as Artes, Roma para a Lei e a Ordem, etc. Os Hebreus tinham o genio da Religião. Elles sentiam, como nenhum outro povo, a mão occulta de DEUS guiando os seus destinos. Si a sua concepção de DEUS era a principio muito rude e anthropomorphica, nunca lhe faltou grande elevação : o DEUS de Moysés foi essencialmente ethico, *moral*, unico, zeloso pelo culto que, só a Elle, era devido : era tambem um DEUS *redemptor*, mas redemptor porque o queria ser ; o DEUS que escolheu livremente a Abrahão e sua posteridade para serem na terra testemunhas de Sua providencia. E a fina perceptibilidade dos Hebreus reconheceu tudo isto, geração após geração, legando ao futuro esta longa e provada experiencia, que temos enthesourada na Biblia. Foi a inspiração divina, o ESPIRITO de DEUS que os moveu a deixarem-nos por escripto a sua experiencia no venerando Livro. A redacção, o estylo, os pormenores da composição são humanos, mas não a sua licção, que sentimos fundamente ser divina. Disto tractaremos tambem mais adeante. Só desejamos accentuar aqui que rara é a creatura humana que tem lido reverentemente a Biblia, e que não tenha achado ali repouso a alguma ancia do espirito, consolo a alguma ferida aberta, esperança no desalento da vida, alguma resposta na câmara trancada do coração a um desejo justo e sancto. Si fosse possivel colher essas experiencias separadas nem todos os livros do mundo poderiam contê-las. Ora essa experiencia é a maior prova da sanctidade da Biblia, e de que ella é um livro *religioso*, e só religioso. Em todos os arsenaes de argumentos os maiores sabios não poderão achar armas para rebater convicções assim feitas, e que ficam formando parte de nossa propria vida. Sentimos que o ESPIRITO de DEUS falla-nos com uma auctoridade infallivel, inscrevendo a verdade nas taboas, não de pedra, mas do nosso coração.

A experiencia do auctor biblico, ou a que elle relatou, estimula em nós, pelo Espirito, o mesmo sentimento de que se acha possuido, e que afinal consiste na *consciencia de Deus*, na do nosso afastamento d'Elle, e do desejo de nossa reconciliação com Elle. É assombroso como esses escriptores, de temperamento tão diverso, vivendo em circumstancias e epochas tão distinctas umas das outras, por seculos, fallem unisonos, de DEUS e da Sua justiça, da Sua misericordia, da Sua sabedoria no governo dos homens. DEUS, póde-se dizer, é o unico assumpto de todos estes livros que constituem a Biblia. Cada auctor dá o seu proprio sentir, ou o do seu tempo, sobre Elle. A ideia da presença de JAHVEH em todos os actos da sua vida é characteristica do Hebreu e depois, do

Judeu. Esses testemunhos escriptos variam de valor proprio da sua fórma ; têm, porêm, sempre o do assumpto bazico e predominante ; e tão imbuidos se acham da presença de DEUS e do cumprimento da Sua vontade que, ainda quando escrevem a sua historia nacional, não os move o desejo de serem propriamente chronistas e historiadores, mas tão somente o de mostrarem o sagrado dedo de JAHVEH na direcção dos movimentos historicos. Nunca se esquecem do seu DEUS *pessoal*, que guia a Israel, aos escolhidos, com a sua bondade divina.

Dando-nos a sua propria experiencia religiosa ou a da sua epocha, esses escriptores fallam sempre como inspirados, até que os mais illuminados delles, no correr do tempo, viram que a vida religiosa verdadeira não podia consistir nesses elementos primitivos então correntes ; e que ao povo de Israel estava reservada alguma grande revelação. E ainda depois os seus prophetas que mais penetraram na região espiritual puderam descortinar o sublime papel, reservado por DEUS a Israel,—o de levar a Verdade a todas as nações ; de ser, como diz o segundo Isaias : " a salvação que Eu envio até a ultima extremidade da terra . . ." (*Is.*, 49 : 6).

Essa concepção de DEUS, no povo israelita, si foi constante, não deixou de obedecer sempre á evolução natural de todas as ideias. O estalão moral e religioso de Abrahão, de Lot e suas filhas, de Jacob, de Judá e Tamar, de David e Bethsabé, e dos Judeus do segundo Templo, foi melhorando muito. O DEUS de Abrahão tornou-se o das tempestades do Sinai, o Deus das guerras, o das tribus de Jacob, o do seu povo e de sua nação, o das nações conhecidas até ser o DEUS universal. Mas, em todo este longo tirocinio em que os Israelitas reuniam inconscientemente o material que servia, como diz S. Paulo, de pedagôgo para leva-los, e a todas as nações, a JESUS CHRISTO, —em todos estes seculos e no meio de grandes crises sociaes e politicas, nunca elles deixaram de ter seu espirito elevado ao reconhecimento da Infinita justiça, bondade e misericordia de DEUS. Nesses Livros do Velho Testamento quer seus auctores entoem Psalmos, quer descrevam um facto historico nacional, quer considerem a marcha da politica do seu paiz ou a dos paizes em contacto com elle, quer codifiquem sua antiga legislação religiosa e civil, quer occupem-se das primitivas legendas da humanidade e de seu proprio povo, elles sempre sentem não só que existe aquelle DEUS de infinitas qualidades moraes mas,—o que é mais,—que este DEUS é realmente uma *Pessôa* que entra na sua vida commum, que tem pena do que erra, que se regozija com o seu povo em tudo que é, como Elle, sancto e puro, que tem prazer em livra-lo

de mal ; e que para isto mostra ao mundo o seu poder. Todos esses escriptores respiram DEUS e o mesmo respirava o povo que soube tão ciosamente guardar os seus escriptos. Não ha, nem jamais houve, litteratura no mundo em que se veja o homem de todo despido de vangloria por façanhas nacionaes, como esta dos Israelitas.

E todos esses escriptores escreviam tudo isto sem nenhum amor proprio. Só visavam em deixar esses seus testemunhos da *Gloria de Deus*. Si DEUS escolhe instrumentos Seus para agirem de algum modo extraordinario, elles nunca se attribuem a gloria dos seus actos. Quando Moysés appareceu deante do Pharaó ou guiou os Israelitas na travessia do Mar Vermelho ou derrotou os Amalecitas ou executou essas multiplas manifestações da intervenção divina, nunca reclamou para si qualquer merito por ellas. E o mesmo com Josué. Foi DEUS quem seccou o fundo do Mar Vermelho e o do Jordão, quem sustentou o povo no deserto e desbaratou os habitantes de Canaan que lhe resistiram. Os Juizes attribuem todas as suas proezas a JAHVEH que os suscitára para defenderem o Seu povo das perseguições dos seus inimigos. A prosperidade do povo dependeu então, e sempre, da sua união com JAHVEH, e não da força militar ou das suas allianças com outros povos, por mais poderosos que fossem. Era DEUS sempre quem dava alento aos pequenos e humilhava os grandes. Todos esses escriptores consideravam como merecedoras dos maiores castigos o desrespeito e as omissões nas honras devidas a DEUS. A Sua gloria era o seu constante cuidado.

CAPITULO III

DA INSPIRAÇÃO. SUA NATURESA. IMPORTANCIA CAPITAL DO ELEMENTO HUMANO NA EXPOSIÇÃO, ORAL OU ESCRIPTA, DOS ORACULOS DIVINOS

Até aqui chegamos á conclusão que a Biblia é a historia, sob o aspecto religioso, do povo hebreu ou judeu até a narração da vida de Jesus Christo e dos seus resultados immediatos; uma historia antiquissima e em todo o poncto veridica, tal a forte concatenação e travação dos seus factos,—extraordinarios na historia da humanidade,—referidos por homens zelosos pela gloria de Deus. Reservando para ulterior desenvolvimento o argumento da sanctidade da Biblia que se deriva da unidade do assumpto e da sua preciosa coherencia desde a primeira até a sua ultima pagina, desejamos chamar agora attenção para o poncto da *Inspiração* dos auctores do grande Livro. Si, como dissemos, tractam de Deus, é natural que queiramos examinar com que auctoridade fallam em nome de Deus, e como Elle lhes revelou a verdade.

Na linguagem commum *revelar* é levantar o véo, descobrir. Deus revela-se assim em todas as Suas obras e neste sentido os theistas mesmos acreditam na *revelação*. E é certo que Deus não se revelou apenas aos Israelitas e Judeus mas tambem aos outros povos, e de modo mais ou menos claro. É isto o que nos attesta S. Paulo.

Não se concebe *religião* sinão bazeada n'uma perfeita ou imperfeita revelação. Os Vedas têm uma parte de revelação e outra de tradição. Os Persas attribuem o seu Avesta ao deus Ahura que o communicou a Zarathustra ou Zoroastro, e os Mahometanos consideram o seu Qu'ran como copia de uma revelação, e dahi a ideia de que é perfeito e eterno. A crença mais rude está convencida que ás suas preces ouve um ente que ella não pode ver mas que é dotado de intelligencia e vontade para ouvi-las e deferi-las ou não. Presumir o contrario é crer na efficacia, como diz Dodds,[1] do batter das asas de uma ave dentro de um vacuo. Os Gregos e Romanos que

[1] *The Bible, its Origin and Nature*, pag. 70.

consultaram seus oraculos e augures de certo acreditavam que os deuses os poderiam ouvir.

Os Israelitas e seus successores acreditavam nesta revelação, que, no seu caso, sendo real, era muito diversa da em que os outros acreditavam, pois lhes era demonstrada n'uma cadêa de acontecimentos *historicos*, ja não fallando em outras manifestações egualmente claras e directas.

É muito natural de um lado que o homem procure estabelecer as suas crenças sobre a origem e o motivo da vida, sobre a morte e sobre o que vem depois della, em bazes solidas ; e do outro lado que Deus que reune em Si á justiça a misericordia, não deixasse o homem sem conselho e sem guia neste mundo, —sem fallar-lhe á consciencia. A revelação, pois, é o acto ou a collecção de actos pelos quaes Deus mostra-se ao homem, —insinuando-lhe o que Elle julga poder mostrar - lhe para seu bem e segundo o fim da sua creação e vida. Assim, pois, si n'um sentido vasto, Deus revela-se de muitos modos e por toda a terra, a todos os povos, temos, nós Christãos, esta *Revelação* propriamente dicta e que toca especialmente a nossa unica verdadeira Religião.

Os Hebreus, portadores dessa revelação lenta, tiveram sempre o sentimento do monotheismo. Abrahão acreditava n'um Deus, creador, omnipotente, governador do céo e da terra e sobretudo justo e misericordioso. Essas tradições foram passando a seus descendentes e ellas nos descrevem como Deus se revelara aos patriarchas, por anjos, visões e sonhos até que a Moysés, o primeiro dos Prophetas, Deus inspirou o que, em Seu nome, devêra ensinar aos Israelitas. Á Deus, que desde o principio resolvêra comsigo mesmo resgatar o homem do dominio do mal,—approuve cumprir o Seu designio de enviar Seu Filho no tempo apropriado, para operar essa Redempção, servindo-se do povo formado pelos descendentes de Abrahão para nelle desenvolver aos poucos, conforme o gráo de sua espiritualidade e educação, a Verdade inteira que em Jesus Christo jorrou a sua luz sobre toda a terra. Deus não quiz revelar a salvação do Redemptor subitamente apoz a primeira transgressão. O homem provavelmente não a entenderia. Era preciso um preparo lento, e que, segundo o divino plano, um povo, usando da plena liberdade que Deus concedeu ao homem, se desenvolvesse sob instituições divinas, e passasse por todas as vicissitudes da virtude, do peccado e de suas recompensas e de seus castigos, para que nesse desenvolvimento lhe fosse Deus a pouco e pouco levantando a cortina do Seu intuito fixo e ulterior. Erro grosseiro é dizer que todos os actos, todos os crimes, dessa historia são inspirados

por DEUS, pois alem dos mandamentos positivos e das denuncias tão reiteradas contra elles vemos o V. T. mencionar os castigos certos e duros que se lhes seguiriam. "Ninguem . . . diga que DEUS é quem o tenta. . . . Elle a ninguem tenta. . . . Lá de cima vem todo o dom perfeito, e desce do Pai das luzes, no qual não ha mudança . . ." (*Thiago* 1 : 15-17). Nessa historia vemos a mão occulta, mas certa, que guiou o povo judeu, que neste caso representa a humanidade, para a maxima Revelação de JESUS CHRISTO ; e do outro lado no meio desse desenvolvimento historico vemos a intervenção mais ou menos directa de DEUS, pelo Seu ESPIRITO, para aconselhar, guiar, comfortar o Seu povo, assim escolhido, e para protestar-lhe que seus peccados seriam certamente punidos pois Elle antes de tudo exigia ter um povo que reconhecesse possuir um DEUS de sanctidade e justiça. Pois bem : estas intervenções são o que devemos chamar revelações, revelações veladas ainda, e graduadas, como já dissemos, pela aptidão dos que as ouviam para comprehende-las.

DEUS, pois, revelou-se-nos paulatinamente na historia e nas intituicções de um povo de que se tornára Redemptor, até vir a Revelação final. Essa revelação assim mesmo lenta mostrava a presença e a attitude de DEUS para o homem, a Sua sanctidade, o Seu amor e Sua providencia especial por elle, e tudo isto que JESUS, Seu Filho encarnado-homem, manifestou depois na Sua Pessôa.

Ora si DEUS se foi revelando assim antes de CHRISTO é muito natural que Elle mesmo providenciasse para que essas revelações parciaes constituissem um corpo doctrinal que não só comprovasse aos Judeus o estupendo acontecimento para que por seculos Elle os preparára, como para mostrar a todas as gerações da terra, chamadas por CHRISTO, como a Religião, que Elle vinha trazer-lhes, se originára realmente nos primeiros dias da humanidade. Esse meio providencial foi a ESCRIPTA, primeiro usada pelos Egypcios por signaes figurativos e symbolicos, mas depois simplificada e propagada por aquelles visinhos de Canaan, os Phenicios. Desde o Sinai DEUS ordenava a Moysés que escrevesse (Ex., 17 : 14 ; 24 : 4, 7 e 34 : 27) e estes escriptos por tantos seculos a Egreja judaica, a congregação do povo escolhido pelo SENHOR, foi consagrando aos poucos como genuinamente inspirados até cerca de 160 A.C. quando se julga ter apparecido o Livro de *Daniel*, ou o ultimo Livro (fóra os apocriphos) dos que constituem hoje o Velho Testamento.

Contendo em si a historia da vida e das instituições religiosas de Israel, essas Escripturas, como ja dissemos, são de character

muito variado, compondo-se de leis, doctrina, philosophia da vida practica, historia civil e das guerras do povo, ritual do seu culto, admoestações solemnes de castigo divino pelos seus peccados, attestações do grande amor de DEUS pelo Seu povo, etc. Basta expôr como é complexa esta *Bibliotheca Divina* para se ver logo que nem todos os livros tinham ou têm merito egual, apezar do grande valôr de todos elles. Ninguem de certo póde comparar o alcance de *Esther* com o de uma das prophecias de *Isaias* ; ou o de alguns *Proverbios* com o da narrativa em que se acha a Lei mosaica. Já os Judeus dividindo as suas Escripturas em Lei, Prophetas e Escriptos diversos, como vimos, discerniam a importancia relativa das diversas partes da Biblia. A mesma cousa aconteceu depois com o Novo Testamento ; a segunda Epistola de *S. Pedro*, ou attribuida a elle, carece da importancia da primeira, e o *Apocalypse* não tem o valôr de qualquer dos Evangelhos nem a Epistola de S. *Judas* pode ser comparada a qualquer das de S. Paulo. Em summa as Escripturas antigas e as do Novo Testamento que formam a Biblia não se revestem de auctoridade egual, apezar de que todas sejam inspiradas e de que inspirado seja o conjuncto biblico para nosso ensino e conforto.

Num sentido geral, a *Inspiração* é o influxo do Espirito de DEUS no homem. *Job* (32 : 8) bem descrevia : " Na verdade o Espirito está nos homens, e é o sôpro do Todo-Poderoso que os faz entendidos." Na Creação vemos este assôpro inspirado no rosto do homem (*Gen.*, 2 : 7) dando-lhes vida ; e depois disto aprendemos que até empresta força physica ao homem, como aconteceu a Sansão (*Juizes*, 14 : 6). Mas a influencia do Espirito manifesta-se sobretudo na inspiração de intelligencia ou sabedoria, penitencia, puresa de coração e força moral (*Deut.*, 34 : 9 ; 3 *Reis*, 3 : 28 ; *Neh.*, 9 : 24 ; *Is.*, 63 : 10 ; *Ezek.*, 36 : 26 ; *Ps.*, 50 : 12, etc.). JESUS CHRISTO, reconhecendo a inspiração no Velho Testamento, promette a Seus discipulos que sobre elles viria o Espirito do Seu Pai ; e depois da Resurreição cumpriu a Sua promessa (*João*, 20 : 22 ; *Actos*, 2 : 3, 4), tendo-lhes accentuado que esse Espirito não só lhes lembraria as cousas que Elle dissera mas lhes ensinaria outras muitas verdades pois que o Espirito " não fallará de Si mesmo mas dirá tudo o que tiver ouvido, e annunciar-vos-ha as cousas que estão para vir " (*João*, 16 : 13).

Segue-se disso que a inspiração, propriamente, só pode recahir no homem. Quando dizemos que a Biblia é inspirada desejamos apenas affirmar que o seu conjuncto ou os diversos escriptos que a compõem, são inspirados, ou que, afinal, os seus auctores o foram. Assim tambem chamamos de revelação

não só ao acto de DEUS revelar alguma cousa, como tambem á propria verdade assim revelada. A Biblia, pois, contém uma collecção de revelações de DEUS que prepararam a grande revelação de Si em Seu Filho. Mas o ESPIRITO SANCTO *não dictou palavras aos inspirados*,—JESUS CHRISTO, está sabido, sendo excluido desses inspirados meramente humanos. O ESPIRITO SANCTO, portanto, não é responsavel pelos erros de historia, chronologia e outros quaesquer: Elle inspirou só *ethicamente*, A verdade do assumpto da inspiração,—todos visando a grande misericordia de DEUS na revelação da Incarnação,—não póde soffrer a mais leve offensa, o mais insignificante prejuizo, com quaesquer faltas dos assim inspirados. Todos estes erros na Biblia não offendem as grandes verdades que ella encerra divinamente e que ali foram recolhidas no decurso de mil e quatrocentos annos por diversos homens que, muitos delles se aproveitaram de material já existente e mais antigo do que Elles mesmos.

Sendo a inspiração o assopro do Espirito nos homens está claro que estes a recebem em gráo diverso, segundo o preparo moral e intellectual, a percepção de cada um, como até certo poncto os impressionam variadamente as bellas artes ou objectos externos em geral. Essa receptibilidade do homen não obedece a regras que conheçamos. Um peccador, recentemente convertido, *póde* ver verdades mais transcendentes do que o sancto que tem passado a vida na practica constante do bem deante de DEUS.

Não é que haja gráos de inspiração. Ella é sempre a mesma. O assumpto della é que pode ser de mais ou menos relevancia para o instrumento-homem que pode ter mais ou menos fidelidade ou aptidão em manifesta-lo.

Assim, o ESPIRITO SANCTO é activo e deseja manifestar-se gradualmente ao homem ; mas sem o homem não ha revelação. O Espirito faz a Sua revelação espiritualmente, independentemente da mentalidade do Seu instrumento ou órgão, e sem palavras humanas : é este quem, apprehendendo mais ou menos a verdade revelada, reveste-a da sua propria fórma, com que a divulga pela prégação ou pela escripta, dando-lhe seu cunho especial, seu modo de dizer. Está visto que o proprio Espirito interessado na promulgação correcta do divino pensamento, véla na fiel interpretação da sua substancia pelo órgão-homem ; Elle porêm, não pôe de lado o elemento-homem por medo de que não seja fiel. As vezes é difficilimo traçar a linha de separação entre o divino e o humano, nem devemos procurar separar o que está unido em obediencia a principios divinos. Na Sua incomprehensivel

bondade Deus resolveu apparecer na terra entre os homens e revelar-se por meio do homem, da Incarnação do Seu Espirito em Jesus Christo. Pois do mesmo modo o Senhor revelou-se-nos gradualmente no V. T. por meio de varios servos e prophetas, por meio de um *povo*, em vez de seu Filho dilecto que tomou sobre Si o corpo do homem. Ainda até no Novo Testamento é bem difficil delimitar o que Jesus diz como Deus do que diz como Homem.

Certos espiritos escolhidos elevam-se até penetrarem, mais ou menos alto, no reino de Deus, comprehendem as Suas ideias e vontade que depois declaram a seus irmãos. As leis de Moysés e as prophecias, por exemplo, foram como que convicções profundas desses homens elevados. O Espirito Sancto impressionou o seu intellecto e fallou ao seu coração.

E preciso repetir bem que estes, porque foram assim illuminados, nunca deixam de ser homens, no pleno exercicio de suas faculdades. Essas revelações elles não recebem muitas vezes por seu prazer, mas lhes vêm a contra-gôsto ; e quando vêm, elles as recebem como recados mesmos de Deus, Seus juizos e intentos : e a sua convicção de que são orgãos delles é a melhor prova possivel de que produzem verdadeiros oraculos divinos. Nesse caso esses *inspirados* não exprimem as suas proprias ideias apezar de que seu é o modo de expô-las, e de que suas são as palavras.

Si Deus ou o Espirito Sancto é quem inspira as revelações, estas são *divinas*, mas o órgão dellas é sempre o homem, com suas limitações, sendo por isso essencial que, nessa inspiração assim recebida e revelada, se reconheça sempre, repetimos, o elemento humano. Notemos que as revelações e vontades de Deus foram declaradas a uma communhão impregnada do peccado, como Israel e que homens como Abrahão e David, cujas faltas para o nosso tempo seriam gravissimas, receberam communicações divinas. É que na sua epocha taes faltas não tinham a mesma gravidade e, (o que é mais importante) Deus achou nelles aptidões eminentes de piedade, de lealdade, de contricção, e de amôr para com Elle, que os tornaram especialmente aptos para interpretarem o Seu pensamento, e o Seu character. Ora, isto mesmo prova a divindade dos oraculos pois esses homens de per si não ousariam tornarem-se vehiculos delles. De facto a propria Biblia nos diz como os prophetas se temeram sempre dessa enorme responsabilidade de annunciar a vontade e o pensamento de Deus. É bem conhecida a reluctancia com que Moysés acceitou a divina incumbencia de apresentar-se ao Pharaó. " Eu te enviarei a Pharaó," disse-lhe o Senhor, " para que tires do Egypto os filhos de

Israel, meu povo." E Moysés responde immediatamente: "Quem sou eu que vá a Pharaó e tire do Egypto os filhos de Israel?" E apezar de que DEUS lhe promettesse que seria com elle, ainda recalcitrou. DEUS condescendeu a explicar-lhe tudo quanto teria de dizer e a assegurar o melhor exito á sua missão: ainda assim Moysés retrucou que o povo não daria credito nem ouviria a sua voz; e demonstrando o SENHOR que elle até teria poderes sobrenaturaes, Moysés ainda objectou que nunca fôra eloquente e que agora ainda se achava mais tardo de lingua. DEUS respondeu-lhe perguntando: "Quem fez a bocca do homem? . . . Vai, pois, e Eu serei na tua bocca e te ensinarei o que has de fallar." Ainda assim elle pediu a DEUS que enviasse "aquelle que deves enviar" (*Ex.*, caps. 3 e 4). As revelações por Moysés não foram, portanto, sollicitadas por elle. Do mesmo modo Isaias refere-se (8 : 11) ás instrucções que o SENHOR lhe dera com mão forte, isto é, de modo irresistivel, para que elle não seguisse no mesmo caminho do povo. E Jeremias descreveu-se assentado, e sósinho, cheio de ameaças de DEUS (15 : 17); e, depois delle, Ezekiel (8 : 1) diz que cahira sobre elle "a mão do SENHOR DEUS, tendo então uma visão." E o mesmo se vê quanto a outros prophetas. Elles não podem resistir á influencia do ESPIRITO de DEUS, que os assoberba. Fallam cathegoricamente as palavras que ouvem a DEUS no profundo das suas consciencias. *Isto diz o Senhor*, *Palavra do Senhor*, precedem a essas declarações solemnes que apregôam a despeito de si mesmos, como no exemplo de Balaão. Elles tornam-se a "bôcca de DEUS," fallam por uma impulso de fóra e que é mais forte do que elles mesmos. No Novo Testamento observa-se o mesmo facto no modo da conversão e da prégação de S. Pàulo.

Este elemento humano, em vez de ser uma fonte de fraqueza, dá aos oraculos divinos mais realidade, mais interesse immediato, mais calôr para nós-outros. Mandamentos geraes, simples theses de justiça e misericordia divinas, nos viriam frios si não fossem temperados, caldeados no proprio cadinho humano, nessa fusão organica donde é impossivel separa-los. Os escriptores da Biblia, inspirados pelo ESPIRITO SANCTO com sua Uncção geral, não foram por isso menos subjeitos a todas as imperfeições que nos cabem por legado. Elles fallaram e escreveram a linguagem dos seus contemporaneos, com os seus defeitos de dicção e de estylo, com as suas falhas de instrucção geral. Realmente alguns delles, entre os que escreveram a parte historica, recorreram aos processos litterarios de seus tempos fazendo suas algumas narrativas já existentes, e ás quaes accrescentavam alguma cousa mais; ou então

usaram de material já existente em outros trabalhos anteriores, citando-os.[1] De facto, toda a Biblia foi feita por pequenos accrescimos, não excluindo disto o N. T. Nem até os Prophetas viam nitidamente factos que nós, seculos depois, tivemos deante dos nossos olhos: como em secção posterior desta obra se mostrará, elles lidavam com o que era relativamente proximo, e este, expandindo-se, n'um circulo muito mais vasto, applicava-se exactamente a outra ordem, remota, de cousas. Todo este processo de composição é bem humano e involve a verdade fundamental que, ao passo que todo esse *conjuncto* maravilhoso da Biblia é inspirado por DEUS para nosso bem, ha sempre nelle o elemento humano. O proprio S. Paulo dá ás vezes conselhos para os quaes diz não ter instrucções divinas: "eu é que lh'o digo não o SENHOR"; "não tenho mandamento do Senhor mas lhes dou conselhos"; "conforme o meu conselho," ao passo que, de permeio com estas admoestações que são suas proprias, assegura (quanto ao divorcio) "mando, não eu, mas o SENHOR" (1 *Cor.*, 7 : 10, 12, 25, 40). Outro caso claro é o de S. Lucas, que começa o seu Evangelho dizendo que depois de se ter informado diligentemente de como se deram "as cousas que entre nós se passaram" em relação á vida e feitos de JESUS CHRISTO, elle tambem resolvêra escrever "a serie dellas" (1 : 1-3), isto é, confessa que consultaria certas tradições e certos escriptos correntes sobre o nosso Salvador; e é justamente a origem desta collectanea que lhe dá tanto valor em razão de incidentes que parecem talvez legendarios ao redor da excelsa figura de JESUS. O que é preciso notar neste elemento humano da Biblia é, pois, que sempre que os escriptores revelam a vontade de DEUS, e a Sua revelação, são bem positivos e fallam com a segurança que lhes dá uma auctoridade maior do que a sua propria; quando, porêm, occupam-se de factos méramente corriqueiros e como simples auctores, nada allegam que distinga os seus escriptos dos de outro qualquer auctor. Sobre esse conjuncto de revelação divina e historia humana escreve Sanday[2]: "Tractando a historia biblica como outra qualquer historia e revestindo cada um dos seus periodos e phrases com o ambiente que lhes são proprios, e tendo em conta as relações intimas que a doctrina sempre mantém com a épocha e as circum-

[1] Os livros dos *Reis a Paral.* citam livros de guerras, de poemas, de Actos de Salomão, varias chronicas dos reis de Israel e dos de Judá, etc. A vida de David, 1 *Paral.*, 29 : 29, havia sido escripta 'no livro de Samuel o Vidente, e no livro do Propheta Nathan e no volume de Gad o Vidente'; e a do rei Salomão, diz 2 *Paral.*, 9 : 29, 'nos livros do propheta Nathan, e nos livros de Ahias e de Silo, e na visão do vidente Addo.'—Isaias, propheta, filho de Amós, escreveu as biographias do rei Ozias e Ezekiel. (2 *Paral.*, 26 : 22; 32 : 32.)

[2] *Oracles of God*, pag. 82.

stancias de que surge, a propria doctrina ganha uma vitalidade nova. Qualquer ideial, mesmo elevado, si cortado da vida práctica, fica com alguma cousa de pállido e inefficaz nelle: emprestemo-lhe um toque de genuino realismo, achemo-lhe um corpo, e elle refulgirá atravez do véo da carne, e do curso do sangue pelas arterias. . . ."

Não encontramos este elemento humano na Biblia só nos seus escriptores, mais ou menos inspirados, conforme os assumptos e a occasião e o motivo por que tractam delles. Ha verdadeira inspiração em *actos* de homens que não escreveram e talvez nem soubessem escrever. Samuel de certo nada deixou escripto, nem Elias nem Eliseu. Sansão teve o Espirito do Senhor. No *Exodo* nos é dicto pelo Codice sacerdotal que "Jahveh chamou por seu nome a Beseleel . . . e o encheu do Espirito de Deus, . . . para inventar e executar tudo o que se pode fazer de ouro, prata e cobre, para lavrar pedras e para todas as obras de carpinteria. Tudo o que a arte pode cogitar, lhe pôz Deus no seu coração" (35 : 30-34), para fazer o sanctuario do Tabernaculo. Elle era um verdadeiro inspirado, no sentido restricto e religioso.

Quem inspira, pois, é Deus, é o Espirito Sancto, e de um modo que nós não podemos saber. O Espirito toma conta de toda a naturesa moral do homem, que é, por naturesa, espiritual e órgão do intercurso entre elle e Deus. Assim, temos que só póde haver revelação quando o seu assumpto torna-se parte da consciencia humana. O Espirito então eleva, vivifica o organismo moral do homem—a sua alma,—e elle vê e ouve; isto é, tão possuido, tão convencido fica, que seu espirito dá a Deus uma fórma material e tem a impressão da presença d'Elle ou de que ouve uma voz que deve ser a d'Elle. E, pois, na consciencia moral do homem que o Espirito actúa.

Mas porque os inspirados não podem resistir a esse impulso não se deduza que a sua intervenção seja méramente mecanica, e que supprimem-se-lhe as faculdades mentaes n'um supposto transe, e como si, como diz S. Paulo, o espirito do propheta não estivesse subjeito ao propheta. Aquellas ideias eram correntes entre os antigos pagãos. No *Phedro* Platão sustenta que os prophetas, os inspirados, os poetas e os que estão amando, perdem o governo de si proprios; e *Timeu* vai mais longe: quando o homem torna-se inspirado, diz, cae na lethargia ou na demencia do possesso. Na 6ª. *Eneida* Virgilio nos pincta uma sacerdotisa luctando contra a influencia do seu deus que pouco a pouco a subjuga.[1] Segundo esta theoria da inspiração que passou para os Judeus dos ultimos tempos

[1] Para estes e outros exemplos, v. Marcus Dods, *ob. cit.*

do V. T., Deus usou dos inspirados escriptores como meros instrumentos que Elle dedilhava como lhe aprazia : o elemento *humano* realmente não concorria para a revelação pois as proprias palavras eram todas de Deus. Os ultimos Judeus acreditavam nisto, em grande parte porque criam que Moysés escrevêra todo o Pentateucho ; e que David era o auctor de *todos* os Psalmos ; que Salomão produziu todos os livros de sapiencia, o Cantico dos Canticos, etc. Elles tornaran-se tão pueris nessas crenças que diziam que quando Moysés subiu ao Sinai, por occasião da promulgação da Lei, achou o Senhor occupado em fazer as lettras ornamentaes nas duas pedras ! E dahi cada parte, cada lettra das Escripturas tinha para elles um significado occulto. Esta doctrina da inspiração mecanica era, entretanto, partilhada não só pelos neo-platonicos de Alexandria, que tornara-se centro importante do Judaismo, como até por algums dos primeiros mestres do Christianismo no primeiro e segundo seculo, Justino o Martyr e Athenagoras sendo seus grandes propugnadores, vindo depois com elles Tertuliano, Ireneu e Origenes. Mas felizmente já Chrysostomo, Basilio e Jeronymo notaram o absurdo de similhantes opiniões e reconheceram o elemento humano nas prophecias. Agostinho parece ás vezes crer na infallibilidade das Escripturas, nos seus pormenores, ao passo que outras vezes segue a opinião contraria, sustentando até que os proprios Evangelistas escreveram *ut quisque meminerat et ut cuique cordi erat.* Na Edade Media as tradições da Egreja Catholica foram declaradas ser pela inspiração de *toda* a Biblia pelo Espirito Sancto, apezar de que pouco importava isso, pois que ella retirou a Biblia do uso geral. A Reforma protestante attacou aquella tradição concretisada depois nas decisões do Concilio de Trento, e a Biblia voltou a ser procurada como a unica fonte da Verdade, accessivel a todo o crente. Entretanto as questões da divindade da inspiração foram novamente debatidas, sustentando-se sobretudo que das Escripturas parte é divinamente inspirada, —a que toca á a substancia da fé christã ;—e parte só tem importancia secundaria. No Seculo XVII os Jesuitas, Socinianos e Arminianos attacaram a auctoridade da Biblia, estes ultimos sob o aspecto racionalista, e os primeiros no interesse dos Catholicos Romanos. Hoje em dia a opinião mais corrente entre os melhores auctores é que se deve distinguir o elemento propriamente divino do humano, admittindo-se que nem sempre seja facil esta distincção.

Procuremos ainda mostrar porque essa theoria *mechanica* ou da inteira divindade litteral da Biblia não póde ser acceita. Bastaria para isto referir como se formou a collecção de livros

que constituem a Bilbia e de que tractamos nas secções especiaes desta nossa obra. Si mesmo os oraculos divinos são a expressão exactissima, com as mesmissimas palavras ou, como queriam os Judeus dos ultimos tempos, com as mesmas lettras da Biblia, onde estariam elles atravez das mil vicissitudes por que tem passado o texto, apezar de toda a veneração em que foram sempre tidos ? O mais antigo MS. existente do Velho Testamento foi escripto no começo do Seculo X do nossa éra,—de facto é mais moderno por cêrca de *cinco seculos e meio* do que o mais antigo texto que existe do Novo Testamento ; é por conseguinte dezenove ou dezoito seculos mais recente do que os codices mais antigos que entraram nas Escripturas dos Judeus. E no intervallo mesmo entre Esdras, que codificou essas Escripturas, até o Seculo X da nossa era, nesses 1300-1400 annos, quantas copias se não tiraram dellas, quantos erros não escaparam, quantas emendas mal feitas pelos escribas, quantas notas á margem foram incorporadas no texto a que julgavam que pertenciam ! As differenças entre a versão dos Septuaginta, dous ou trez seculos A. C., e os MSS. hebraicos hoje existentes, demonstram bem que ás vezes os MSS. de que aquelles traductores gregos se serviram, divergem muito dos que hoje podemos consultar, ás vezes a versão dando-nos o verdadeiro sentido de passagens obscurecidas por circumstancias estranhas e ás vezes tornando evidente como os traductores tomaram liberdades com o texto, por imperfeito conhecimento do Hebraico ou por outras razões. Ora no meio desta incerteza, como dizer que estas *palavras* que hoje lemos são, uma por uma, as mesmas de todo o sempre, ou que todas ellas foram reveladas ou inspiradas aos auctores ? E note-se que estes auctores têm cada um o seu estylo especial que os não confunde com o dos outros : de modo que pretendem realmente que Deus condescendesse a fallar-nos em diversos estylos. Demais, si essa theoria da inspiração fosse verdadeira seria preciso, para estabelecer a divindade do texto, que nos apresentassem o MS. *original* de cada escriptor da Biblia ; ou então, na sua falta, decidirmo-nos pela sua origem não divina.

Nos Psalmos temos tambem a prova da illusão desta theoria. São elles a expressão mais profunda e sentida do arrependimento humano pelo peccado, do amôr a Deus, da supplica pelo perdão, de tudo quanto ha de mais intimo em nossa alma : tudo, porêm, teria sido não o desabafo de nosso coração mas dictado por Deus para uso do homem. Nas citações do V. T. no N. T. em numero, segundo Toy,[1] de 275 só ha 53 em que o texto do N. T. concorda com os dos actuaes MSS. hebraicos e da versão

[1] *Quotations from O. T.*,

dos LXX, ao passo que ha 99 em que se notam discrepancias não com um mas com ambos elles. Ora JESUS CHRISTO e os Seus Evangelistas, acceitaram as Escripturas como eram correntes : ellas não deixam de ser divinas por não concordarem certos textos litteralmente ;—de facto, é provavel que elles tivessem sido citados de memoria e com relação mais ao seu sentido do que á lettra. Si nos allegarem que foi JESUS CHRISTO, Elle mesmo, quem nos declarou solemnemente que nem a minima lettra da Lei mosaica passaria sem que toda ella fosse cumprida (*Matt.*, 5 : 18, 19), responde-se que é evidente que o Redemptor quiz dizer que Elle com o Seu advento, com a Sua paixão e resurreição, ia cumprir integralmente todos os requisitos daquella Lei até o apparentemente mais insignificante. E é isto tanto assim que JESUS deu directamente novos mandamentos, contrapostos aos antigos, precedendo a todos elles a formula : " Ouvistes o que foi dicto aos antigos . . . mas Eu vos digo. . . .' [1] Suas curtas sentenças sobre o divorcio, o sabbado, o puro e impuro e outros assumptos revogavam ou ampliavam muito antigas instituições, cuja verdadeira razão de ser Elle manifestava agora. Nosso Senhor não olhava tanto leis como *principios* ; e é das raizes que assim lançou que quiz que vingasse a Religião que veio apregoar á humanidade.

Não : o Espirito não dicta aos escriptores da Biblia as mesmas palavras,—e aqui seria até preciso, antes de tudo, que verificassemos *como é a Palavra do Senhor*, esse *Logos* que existe desde o começo ; [2] si Elle nos vem como nossas palavras vocaes, etc. A propria oração dominical não nos é conservada nas mesmissimas palavras pelos dous Evangelistas que a legaram aos Christãos. Já Plutarco sustentava que a sua Pythia não reproduzia a escripta ou calligraphia divina nem escrevia os seus versos, mas apenas accendia-lhe o lume da inspiração.

Nem são mais defensaveis certas modificações desta theoria mechanica. Segundo uns, as verdades das Escripturas são divinas mas os erros são do homem. Não ha muitos annos o alias sabio Papa Leão XIII declarou que " os que sustentam que ha possibilidade de erro em qualquer passagem *genuina* das Escripturas Sagradas pervertem a noção catholica da inspiração e attribuem a DEUS mesmo a auctoria desse erro." Esta doctrina restringe-se ás passagens *genuinas* ; o que constitue justamente uma grande difficuldade do assumpto. Depois disso, ella faz DEUS *auctor* de cada uma das passagens genuinas da Biblia, com os seus enganos chronologicos, historicos e outros. Assim em *S. Mattheus* 27 : 9 o propheta

[1] Vide *Matt.* 5 : 21, 22, 27, 28, 33, 34, 43, 44, etc.

[2] *João*, 1 : 1, 2.

Jeremias é citado como tendo dicto que o Christo fôra apreçado em trinta moedas de prata, quando a referencia devêra ter sido ao Propheta Zacarias em 11 : 12, 13. Tambem no mesmo *S. Mattheus* (para delle não sahirmos) ha a indicação errada do Psalmo 77 : 2, attribuido a um dos Prophetas. O proprio S. Jeronymo, profundo conhecedor dos textos sagrados, acha erro em ambos os logares, *hic error fuit sicut ibi.*

Melhor theoria é a do abbade Döllinger (o chefe dos " Velhos Catholicos ") que, seguindo a Erasmo e a Grocio, sustentou que os escriptores biblicos exprimem a pura verdade em tudo quanto é essencial á fé, á doctrina e aos costumes, mas deixam de ser plenamente inspirados em materia de importancia secundaria ou subsidiaria. Elle reconheceu, pois, autonomia no instrumento humano da revelação, e si vivo fosse ainda poderia continuar indifferente aos attaques da critica moderna á parte meramente historica da Biblia pois, diria, era subsidiaria e secundaria. É verdade que quando tractasse de distinguir na Biblia o essencial e o secundario, começariam suas verdadeiras difficuldades.

O assumpto é com effeito intrincado desde que nos affastamos do bom-senso e não repellimos qualquer ideia que Deus mesmo tivesse " escripto " ou inspirado *cada palavra* da Biblia : o proprio e sancto Livro nunca, nem de leve, pretende similhante cousa. As difficuldades do assumpto si não desapparecem, diminuem muito desde que tenhamos bem em vista o proposito da Biblia e o uso que Deus pretende que se faça dessa revelação de Sua Pessôa que ali se acha consignada.

Resumimos pois, o que temos expôsto, deste modo : A ideia divina é revelada ao *homem na historia* ; e elle a reduziu a escripto, sujeitando-a, mesmo involuntariamente, á sua idiosyncracia especial ; e, depois disto, o homem a reduz por escripto para conhecimento das gerações posteriores. O recado, de certo, carece de perfeição no fundo e na forma, satisfazendo, porêm, aos intuitos divinos da revelação á familia humana. O acto é meramente humano mas a inspiração é de Deus, ainda que nos chegue enfraquecida ao travez do homem. Si o recado não é idealmente perfeito, não deixa de ser perfeito no sentido de servir plenamente aos seus fins divinos, de bastar ao seu intuito. Assim, esses oraculos sendo divinos são humanos e sendo humanos são divinos. São *inspirados.*

Jesus Christo foi divino e humano, e entretanto é difficilimo separar o que disse na terra como Filho de Deus e como Filho do Homem. Distingui-lo seria como um divorcio que fizessemos. Deus se dignou para o fim de ensinar, guiar e consolar

o Homem, descobrir-se no proprio Homem. Deus não é, pois, auctor de Escripturas ; Elle dignou-se de inspira-las ao homem e este as escreve e torna-se o seu *auctor*, dando fórma sua a essa transmissão. A deturpação supersticiosa da theoria da verdadeira inspiração divina tem servido a dous fins principaes ; a perseguição de homens eminentes na sciencia e tornar a Biblia desprezivel aos olhos de quem a busca.

Desde S. Agostinho a humanidade tem soffrido da infecção de ecclesiasticos quererem decidir *ex cathedra* de assumptos scientificos. Aquelle Padre dizia [1] que ainda que fosse certo que a terra era redonda " é por demais absurdo sustentar que alguem possa tomar um navio, atravessar todo o vasto oceano e ir deste lado do mundo ao outro lado e ainda mais, que os habitantes daquelle lado opposto do mundo são descendentes do primeiro homem." E que diremos da asserção de Lactancio que invocou a Escriptura para provar que a terra não podia ser redonda, ou de Ambrosio que sustenta que o céo era uma massa sólida porque o Genesis o chama de *firmamento*, do hebraico *raqiang* ? Ou da opinião ou sentença do papa Zacarias que era " perversa et iniquia doctrina " a de sustentar que haja antipodas ? O grande frade Rogerio Bacon soffreu dez annos de prisão por sustentar principios elementares hoje correntes na sciencia ; e as historias do grande Galileo e de Buffon são bem conhecidas : o " Sancto Officio " mandou que abjurassem suas theorias mas . . . *E pur si muove!* Toda essa insolencia e selvageria vem da falsa interpretação que se tem querido dar á naturesa da intervenção divina da Biblia. Attribuir a Deus a auctoria de erros de chronologia e outros é blasphemia. Não se póde respeitar a Biblia si taes erros são dessa procedencia.

[1] *De Civ. Dei*, XVI, 9.

CAPITULO IV

A UNIDADE DA BIBLIA A PROVA SUA DIVINDADE

Na *Unidade* da Biblia, ao travez da grande variedade de *assumptos* e de *escriptores*, temos, como já vimos, uma das provas mais concludentes da sua prodecendia divina. A nossa Biblia não é como os livros principaes das outras, e humanas, religiões, que foram escriptos por um só individuo. O Qu'ran, o Zend-Avesta, assim como as Anacletas de Kung-Futze, são obras de uma só cabeça,—suppostas revelações ou então pensamentos de um unico escriptor. Bem diverso é o nosso livro religioso. Sua primeira parte consiste de cêrca de trinta e nove livros escriptos por cêrca de cincoenta auctores diversos, e sua segunda parte contém os escriptos de nove ou dez auctores differentes em vinte e sete livros. Na primeira divisão estão colligidas as mais antigas lendas e tradições da humanidade cujos auctores são realmente povos inteiros; e depois disto ouvimos as vozes de poetas e sacerdotes que não nos deixaram seus nomes; ou de legisladores como Moysés ou de reis brilhantes e piedosos como David ou Salomão; ou de profundos pensadores philosophos como o auctor de *Job*, ou de inspirados poetas como os auctores dos *Psalmos*; de Prophetas de vastissima visão como os dous *Isaias*, doctores da lei como *Esdras* e *Paulo*, governadores civis como *Nehemias*, pastores como *Amos*, pescadores como *Pedro* e *João*, collectores de impostos como *Mattheus*, medicos como *Lucas*, etc. E de que fórmas diversas usaram elles todos para registrarem seus pensamentos e os factos que queriam legar á posteridade! Alguns recolheram aquellas primeiras tradições de que ás vezes vemos na Biblia duas e trez versões sobre o mesmo acontecimento, como depois mostraremos. Outros recolheram as historias dos primeiros tempos de Israel. Outros deixaram ali as primeiras e outros as ultimas collecções de leis fundamentaes da nação,—leis civis, moraes, e religiosas. Alguns escreveram os fastos nacionaes muito resumidamente, sómente como moldura para o ensino religioso que queriam inculcar; outros escreveram amplamente sobre o seu fogozo e amoroso

Rei David ; outros, algum tanto scepticos, deixaram exarados os resultados de sua observação sobre a vida práctica ; outros cantaram nas estrophes mais sentidas o amôr de Deus, o arrependimento do peccador e o triumpho do perdão e da esperança ; de outros temos cantos de amor, idyllios de outros. Deixaram-nos alguns delles as mais esplendorosas visões sobre o futuro papel de Israel no mundo depois que Deus, repudiando-os pela sua insistente obcecação, suscitasse o Seu Filho, que viria ensinar a Verdade. Vêm então os testemunhos da vida, do ensino, da morte e da resurreição desse Filho, encarnado homem, por discipulos d'Elle mesmo e por companheiros destes discipulos.

Nos livros das outras religiões reluzem, no seu começo, uns lampejos nobres da Verdade que, todavia, se vão amortecendo até acabarem com incidentes pueris. A nossa *magna charta*, pelo contrario, acaba de um modo tão elevado e divino como o por que começa. Entre a primeira Palavra deste drama da historia, referida logo nas paginas iniciaes do Livro *Genesis*, e as suas ultimas palavras, os Evangelhos e Epistolas, corre um só fio inteiriço ao travez de todas as peripecias dessas narrativas, cujos auctores escreveram á distancia, o primeiro do ultimo, de mil annos. De facto é na Creação do mundo que se prende o primeiro elo dessa cadêa tantas vezes secular. Deus creou o homem por effeito da Sua bondade, e concedeu-lhe a liberdade e a responsabilidade consequente della, de que o homem abusou, merecendo a morte. Deus condemnou-o então ao afastamento de Sua pessôa mas, sempre misericordioso, cogitou logo de resgatal-o da penalidade maxima, de salva-lo, de modo que, sanctificado, se approximasse novamente d'Elle. A misericordia não excluia a justiça divina : o homem e a sua raça deve soffrer pelo seu erro e ingratidão. Assim Deus condemnou-a, apezar de prometter-lhe logo que a " semente " da mulher, n'um sentido especial, feriria a cabeça da serpente, que symbolisava a astucia, o orgulho, a desobediencia recalcitrante, o poder da tentação e do mal. Pois bem : toda esta narrativa parcellada, por estes mil annos, olha sempre para o futuro. Essa " semente " alli depositada teria de brotar e crescer lentamente, primeiro sob o solo. para depois vir ao ar livre até que crescendo formasse aquella arvore a que referia-se o psalmista (*Ps.* 79) :

> ". . . Fizeste-a arraigar
> E ella tem enchido a terra.
> A sua sombra cobriu os montes
> E as suas ramas alastraram-se sobre os cedros de Deus."

E o povo israelita devia ser o terreno escolhido para que a semente se desenvolvesse, sendo de notar que quando foi para isto preparado já DEUS fizera *á humanidade* a Sua promessa que ficou tradicional entre os Israelitas.

Temos aqui as antiquissimas legendas da Caim e Abel e do Diluvio, corroborando a elevada concepção do character moral de DEUS. O historiographo sagrado que depois colligiu e redigiu estas legendas bazicas da religião da sua raça, chega então á distribuição dos povos e dahi desce a mostrar as procedencias dessa raça, em Abrahão.

Nelle esta historia da redempção toma uma face toda nova. DEUS, que tudo faz com peso e ordem, resolve escolher para si um crente que fosse o pai de um povo e nação, onde desenvolvesse aquella historia da redempção do homem e que désse assim testemunho do Seu governo e da Sua providencia. Era preciso que esta revelação ao homem em que DEUS era a principio tribal para depois tornar-se nacional e por fim universal, obedecesse a um principio *progressivo*, crescendo de dentro para fóra, sempre evoluindo e não, como nas construcções humanas, augmentando ou desenvolvendo-se por accrescimos de fóra. Abrahão, no meio de idolatras, conservou sempre a sua fé de monotheista, a mais absoluta confiança no DEUS Omnipotente, Creador do Mundo. Chamado da Mesopotamia, sua terra natal, emigrou com os seus para Canaan. Elle trazia a promessa de DEUS de faze-lo ainda pai de um grande povo, e com o nome engrandecido e bemdicto ; e Abrahão, apezar de já velho, " creu a DEUS e isto lhe foi imputado á justiça " (*Gen.*, 15 : 6). Mas a sua fé passou pela mais terrivel prova na ordem que julgou receber de sacrificar o seu filho, já homem, ordem a que ia obedecer sem hesitação, quando um Anjo deteve-lhe a mão. Tambem DEUS não lhe regateou uma confirmação muito solemne das Suas anteriores promessas : " Eu te abençoarei e multiplicarei a tua estirpe como as estrellas do céo e como as areias que ha nas praias do mar. . . . E todas as nações da terra serão bemdictas n'Aquelle que ha de proceder de ti : pois obedeceste á minha voz " (*Gen.*, 22 : 17, 18). Aqui os intuitos de DEUS se tornam mais intelligiveis. A cultura daquelles tempos não permittiria talvez a Abrahão o comprehender claramente todo o alcance da promessa, e " todas as nações da terra " seriam quando muito os poucos paizes que elle conhecia. A previsão, porêm, ahi ficou. A tradição della foi conservada escrupulosamente de modo que, mesmo na fórma em que a recebemos na Biblia que lemos hoje, ella foi escripta no *Genesis* nove ou dez seculos antes do advento de JESUS CHRISTO, e quando não havia a minima ideia

do character do grande successor do Patriarcha que devia deixar-nos o mais sublime exemplo da obediencia á voz de Deus. Na historia de Abrahão, pois, temos o grande ensinamento não só do valor fundamental da *obediencia* na nossa religião, como tambem da *fé pessoal*, concomitante com essa obediencia. Deus tracta com a alma, isolada, de Abrahão, não com sua familia ou com a sua tribu. E a completa confiança delle na voz que o chamava de Ur, faz lembrar aquelles pescadores e outros aos quaes dous mil annos depois o Mestre dizia " Segui-me " e elles deixavam pai e familia e tudo, e o seguiam. Era o mesmo Espirito o que inspirava a Abrahão e aos outros.

Dous seculos depois representa importante papel em nossa historia o neto de Abrahão, Jacob, o luctador, que tivera a visão da grande escada que da terra se elevava ao céo, subindo e descendo anjos, quando appareceu o Senhor, do alto della, que lhe confirmava a promessa feita ao avô. Jacob, já no Egypto para onde tivera de emigrar, sentindo approximar-se-lhe a morte, chama os seus onze filhos e dous netos, que adoptára, e a todos deu a sua benção, segundo o character de cada um, e que tivera bastante ensejo de observar : pois nossa alma vê sempre bem nesses ultimos transes da vida, á beira da eternidade. A cada um desses filhos referiu-se Jacob, descrevendo o seu character. Na linguagem allegorica do tempo, Issacar é comparado a um asno forte, Dan a uma cobra no caminho, Naphtali ao veado que se manda embora, etc., mas, para elle, Judá lembra o leãosinho que ninguem se atreve a despertar do seu somno. E continúa : " Não se tirará o sceptro de Judá . . . menos que não venha aquelle que deve ser enviado," ou, como em MSS. hebraicos, " até que Silo venha." " E a elle prestarão obediencia todos os povos " (*Gen.*, 49 : 9, 10). Apezar da difficuldade do texto não ha duvida que elle contém uma referencia velada ao advento de Jesus Christo que foi da tribu de Judá e descendente do Rei David. O sceptro de certo foi tirado a esse reino pelos da Babylonia e da Assyria, mas para ser restabelecido naquelle Reino de Deus que o Salvador traria.

Esta benção de Jacob adquire importancia especial do facto que Deus, que até agora se dirigira individualmente aos trez Patriarchas, Abrahão, Isaac e Jacob, começa então a lidar com a tribu, dando-lhe por intermedio de Moysés as instituições que mais convinham a esse novo povo, todas ellas bazeadas no principio fundamental da religião de Jahveh,— a estricta *moralidade*, e a obediencia ás Suas ordenações. Era natural que para esta forma religiosa mais adeantada fosse

preciso tambem regular o culto, e tudo isto se fez gradualmente. Todos os pormenores do ritual adoptado eram symbolicos do verdadeiro culto divino que devia ser revelado tantos seculos depois : basta lembrar o sacrificio do cordeiro sem mácula que correspondia ao Cordeiro de Deus que viria tirar os peccados do mundo.

Deus reteve no Egypto por alguns seculos estas tribus dos filhos de Jacob, que proliferaram muito, crescendo na proximidade de um povo que partilhava com os Assyrios e Babylonios a honra de ser um dos trez mais civilizados do mundo. Para as suas cyclopicas construcções serviram-se pharaós sem escrupulos do serviço forçado dos estrangeiros, inclusive os pobres Israelitas, que eram arrancados da sua vocação pastoril para trabalharem, como escravos, nessas obras grandiosas. Deus que agora declarou chamar-se Jahveh—("Sou quem Serei," a que outros traduzem "Sou quem Sou") resolveu revelar-se á sua, por ora, tribu como o seu *Redemptor*, começando assim a infiltrar-lhes a ideia de ser Elle quem, só, póde resgatar o homem de outra escravidão muito mais dura do que a de carregar palha e barro para tijollos,—a do peccado, de que Elle, por outros meios e seculos depois, ensinaria á todas as tribus, a todos os povos, a toda a humanidade, como evitar. Depois de um longo tirocinio pelo deserto arabico o povo israelita foi levado por Moysés, o grande e primeiro propheta de Deus, até a beira da terra que Deus promettêra a seus pais,—terra que elle só poude ver mas em que não lhe foi dado pisar. Foi, pois, por meio deste Seu servo que Jahveh operou a salvação do Seu povo ; e foi tambem por Moysés que Deus concluiu a primeira *Alliança* com o Seu povo, com o derramamento do sangue das victimas (*Ex.*, 24 : 3-8) ; e foi tambem por meio delle que deu a este Seu povo suas instituições fundamentaes, as quaes se foram desenvolvendo gradualmente. Quem lê simplesmente essa legislação como a encontramos hoje no *Pentateuco* observará muitas repetições, ás vezes com certas ampliações. É que as leis mosaicas ahi colligidas não foram o producto de uma só epocha mas desenvolveram-se durante uma serie de seculos ao redor do nucleo fundamental das de Moysés proprio ; guardando sempre e religiosamente a sua indole mosaica, e nunca se afastando do character progressivo da revelação divina. A mesma observação applica-se ao sacerdocio, ao culto e ritual dos Israelitas.

Nos primeiros annos depois da entrada em Canaan segundo a promessa divina, Israel passou todo o periodo dos Juizes (1175-1030), em luctas com os habitadores da terra e seus visinhos, e á que mal podiam resistir por carecerem de um governo

central e forte, que unisse as tribus tão esparsas no seu territorio e tão ciosas umas das outras. A situação nesses primeiros tempos approximava-se da anarchia. Todos faziam o que queriam. No que toca á religião, que é o que nos interessa, faltava tambem governo e unidade. Estabeleceram-se sanctuarios em muitos ponctos, sobretudo em outeiros, perto de conhecidas fontes ou arvores. Si bem que já existisse o sacerdocio, o culto, nesse tempo dos Juizes ou dos homens fortes que JAHVEH suscitava para livrar o Seu povo, era exercido por qualquer varão, os Levitas sendo apenas preferidos e sem que pudessem reclamar privilegio de classe. Mais tarde, com a melhor consolidação do povo sob os seus reis, foi o sacerdocio permittido só aos reis e talvez aos chefes das familias do povo. Mas os sacerdotes sempre existiram e seu papel tornou-se bem importante pois eram elles que consultavam a JAHVEH, sobre os litigios entre homem e homem, revestindo-se da tunica de linho puro e, segundo outros, apresentando á divindade uma imagem dentro da qual encontravam a decisão divina dada pela sorte, imagem ou *ephod* que deu ensejo á propagação da idolatria entre o povo agora formado tambem de elementos canaanenses, edomitas e até egypcios. Mas seja como fôr os sacerdotes exerciam não só funcções religiosas como tambem judiciaes; e muito provavelmente tormavam nota de suas decisões ou *Toroh* para as applicarem a casos identicos subsequentes.

Nesse periodo dos Juizes o culto, tal como a Religião, era muito simples. JAHVEH fazia parte da vida quotidiana do Israelita de Canaan, o qual era " a herança de JAHVEH " (1 *Reis*, 26 : 19). Quando matavam um boi parte ia para o altar ou era dado ao sacerdote. Suas festas eram todas de culto a DEUS. No sabbado visitavam o sanctuario mais proximo; na lua nova reunia-se toda a familia n'um banquete religioso. A epocha da messe era tambem de alegria cultual, e a da tosquia dos rebanhos se fazia no meio de expansões de folguedo, reservando-se parte da lã para os sacerdotes. Entretanto estes tempos apparentemente tão felizes se foram cobrindo de nuvens negras. Esta mesma falta de unidade no culto foi degenerando na mais desbragada idolatria. Israel foi esquecendo JAHVEH que o livrou do Egypto e se deixou corromper pelas abominações dos Canaanenses e seus visinhos.

Estabeleceu-se o Reino. Saul, da tribu de Benjamin, o " lôbo " da benção de Jacob, não sustentou bem a realesa; e DEUS escolheu para seu successor a David, da tribu do " leão " de Judá. Apezar de seus crimes e defeitos, o seu ardor religioso, o seu coração generoso e leal, a sua fé sincera em DEUS, real-

çaram o nome do rei David com um destaque unico na historia de Israel e Judá. A elle JAHVEH promette por intermedio do propheta Nathan que faria o seu nome tão illustre como os mais illustres que havia na terra: "o SENHOR te diz desde já que o mesmo SENHOR restabelecerá a tua casa. . . . Suscitarei depois de ti a teu filho . . . e estabelecerei *para sempre* o throno do seu Reino . . . e o teu Reino se perpetuará deante do teu rosto, e o teu throno será firme *para sempre.*" E David, agradecendo a JAHVEH pergunta: "Quem sou eu, ó JAHVEH, meu SENHOR . . . para tu me teres elevado a este poncto? Mas isto mesmo te pareceu a ti pouco . . . pois fallaste tambem da casa do teu servo para tempos distantes. . . . Porque tu estabeleceste Israel para ser eternamente teu povo." Com effeito, dir-se-ha, Salomão foi o grande filho a que se refere o texto (2 *Reis*, cap. 7); é commum nas prophecias na Biblia referirem-se a um facto immediato, nas suas feições geraes, mas estendendo a sua verdadeira applicação, na parte que é velada, a factos congeneres de epochas muito mais remotas. Demais está claro que o reino de Salomão litteralmente não se estabeleceu *para sempre*, como o de David, que é eterno, no sentido que delle descendeu JESUS CHRISTO, como David descendêra de Jacob e de Abrahão. O Redemptor era esse Filho dos "tempos distantes," que tornou "eterna" a casa de Israel. Elle mesmo perguntaria um dia aos phariseus como se explicava que David era pai do Messias que devia vir, e entretanto David mesmo, fallando delle, diz: "Disse o SENHOR ao *meu Senhor*," etc. "Si, pois, David o chama seu Senhor como é elle seu *filho?*" E, continúa o texto, "não houve quem lhe pudesse responder" (*Matt.*, 22 : 41-46). Com effeito sómente a fé Christã poderia explicar esta promessa divina, assim enxertada no meio da historia de Israel e feita a um Rei que realmente procedia da raça dos Patriarchas, e que mil annos depois foi explicada por JESUS como realizando-se na Sua pessôa.

Desde o tempo dos Juizes que em Israel se foi formando a classe dos Prophetas. A principio eram chamados videntes, e descobriam cousas occultas e interpretavam poncto obscuros das leis: só com vagar constituiram escholas dos prophetas que se dedicavam ao estudo das leis que, já o dissemos, eram todas de origem divina, tanto as moraes e religiosas como as civis. Segundo as Escripturas, DEUS fallara aos homens a principio por meio de anjos, visões e sonhos, até a missão de Moysés. Depois de Samuel começou a communicar-se por Prophetas e ha pouco vimos como empregou Nathan para

condemnar o procedimento de David. Esses Prophetas appareciam então indeterminadamente e Elias e Eliseu, nem tinham residencia certa. Com o correr do tempo esses intermediarios foram adquirindo grande influencia em cada um dos dous reinos em que scindiu-se a herança de David e Salomão. Os Prophetas, alguns dos quaes (talvez dezenove ou vinte) nos legaram por escripto o resumo de parte do que pregaram, reconheciam que o povo era theoricamente fiel a JAHVEH, mas realmente extraviara-se longe da verdadeira religião, que se lhe ensinára, olvidando os principios fundamentaes da sua alliança com DEUS, a saber, a justiça e a misericordia ; e fabricando figuras ou idolos com que pretendia representar o Omnipotente, e seu Redemptor. E não era o povo só : os Prophetas repetidamente denunciavam os crimes dos Reis e os castigos imminentes sobre elles e o seu reino. Nos 215 annos em que durou o reino de Israel entre seu primeiro rei Jeroboão e a queda da sua capital, Samaria, e nos 351 em que durou o reino de Judá, isto é, entre 937 e 586, só houve alguns claros de juizo e piedade : segundo os historiadores dos *Reis* e dos *Paralipomenos*, o povo do SENHOR estava saturado de apostasia, e de toda a sorte de peccados. Ao tempo do Rei Josiah, de Judá (639-608) deu-se ali uma salutar reacção contra este estado de cousas. O sacerdote que presidia ao Templo de Salomão, então em obras, descobriu ali um rôllo contendo o actual *Deuteronomio*, na sua parte central e legislativa. Pasmo de ver quão longe andavam todos dos verdadeiros principios mosaicos procurou esse joven e grande Rei reformar a religião e o culto no sentido inculcado naquelle codice, e alias tambem, nas suas linhas geraes, inspirado pelos Prophetas, como se vê ainda dos escriptos de Amós, Oséas, Jeremias, Isaias (o primeiro), e Miqueas, todos os quaes floresceram antes ou (os dous ultimos) ao tempo de tal achado no Templo. A obra de Josiah, porêm, não durou : a religião popular havia-se radicado de tal maneira que os successores do piedoso Rei voltaram ás practicas antigas e execrandas, apezar do terrivel castigo que DEUS já inflingira ao Reino de Israel entregando o seu paiz ás mãos dos Assyrios que transportaram o seu proprio povo para a Assyria. Como diz a historia official : " Repelliu JAHVEH a Israel de deante de Sua face, como Elle tinha predicto por todos os prophetas, Seus servos : e foi transferido do seu paiz para a Assyria " (4 *Reis*, 17 : 23),—ficando ahi dispersos e perdidos os descendentes dessas dez tribus das doze de que se compunha Israel. Nem assim Judá se emendou nos 240 annos de graça que se lhe concedeu. O estado do paiz era o mesmo que havia sido o de Israel, e que Oséas descrevêra como um reinado de

maldicção e mentira, de homicidio, de furto e de adulterio (4 : 1, 2). Todo o povo, inclusive seus reis, sacerdotes e principaes homens, esqueceram-se completamente do character eminentemente *ethico* de JAHVEH. Os prophetas viam isto muito claro e annunciavam o concomitante castigo. A concepção da divindade em Judá, tão deturpada como fôra a de Israel, precisava infallivelmente restabelecer-se. O SENHOR declara cathegoricamente que : " O que Eu quero é a misericordia e não o sacrificio e o conhecimento de JAHVEH mais que os holocaustos " (*Os.*, 6 : 6). E isto é o que não existia no povo : de facto a sua misericordia, diz o mesmo propheta, " não tinha mais duração que as nuvens da manhã e que o orvalho transitorio da madrugada " (6 : 4).

O Reino de Judá foi presa dos Babylonios e os principaes do seu povo lá foram para a capital de Nebucuduruzur como os do Reino de Israel tinham sido levados para Ninive. Entretanto, segundo os insondaveis conselhos da Sabedoria divina, esta calamidade foi a salvação da religião de JAHVEH. Como os Prophetas viram bem claro, ao exilio de Judá seguir-se-hia a sua restauração por esses poucos que " não dobraram o joelho a Baal." Mas ella não viria apenas restabelecer as condemnadas ideias anteriores da religião. Tornára-se evidente que DEUS guiaria os Judeus n'um caminho novo, com concepções mais elevadas a Seu respeito, e com ideiaes tão vastos como o mundo. Este captiveiro da Babylonia não podia ser menos util ao Seu povo do que o do Egypto : a perda da nacionalidade e das instituições antiquissimas devia alterar profundamente a consciencia religiosa dos Judeus, e alterou. Os Prophetas, como dissemos, são unanimes nas suas predicções de restauração da religião, mas de um modo vasto, ainda não cogitado pelos restos de Israel e Judá. DEUS mesmo diz por Isaias (cap. 45) : " Convertei-vos a mim e sereis salvos. . . . Não ha outro DEUS sinão EU : DEUS justo e salvador não o ha fóra de mim." DEUS faz, segundo diz Jeremias, um novo pacto e escreve o Seu *torah* nos corações do Seu povo que o conhecerão (31 : 32-34). O sacerdotalista Ezekiel, sem lançar a sua vista tão longe, descreve o seu povo restabelecido em Judá, o Templo reconstruido e servido por sacerdotes dedicados, e o seu sanctuario no meio do povo para todo o sempre (37 : 26-28).

Com effeito, no amargor do seu exilio da Babylonia tiveram esses " restos de Israel " occasião solemne de considerarem toda a extensão da calamidade que lhes sobreviéra, e de meditarem sobre suas causas e effeitos. Puderam ver como a DEUS era impossivel deixar de puni-los rejeitando tão recalcitrantes e escandalosos peccadores. Elles agora haviam per-

dido tudo que lhes era caro, inclusive o seu DEUS nacional, o JAHVEH do Sinai que os accompanhava nas suas guerras, que se regozijava com as suas familias e que as protegia de todos os perigos. Nesses dias aziagos, porêm, essas " reliquias de Israel " assim conservadas pelo designio de DEUS,[1] apegavam-se ainda ao seu JAHVEH, e reconhaciam a Sua mão paterna no castigo cruel : compulsavam as suas Escripturas e os ultimos escriptos dos seus prophetas. Mesmo o mais recente e tambem o mais severo de todos elles, Jeremias, o grande pessimista, que até hoje os Judeus consideram como o menos patriotico da sua classe, elle proprio, que nenhuma luz brilhante lobriga no futuro, previu (cap. 32) não só a tomada de Jerusalem pelos Chaldeus ou Babylonios, como reconheceu tambem a misericordia de JAHVEH apoz o castigo, congregando de novo os filhos de Israel de todas as terras para onde os tinha lançado, dando-lhes um novo coração e fazendo com elles uma nova alliança. Estas prophecias, alias de quasi todos os prophetas, ensinaram aos Judeus do Captiveiro, em primeiro logar, que DEUS não é só o deus de uma nação ; Sua existencia independe da de qualquer nação ou povo, do que elles estavam tendo a prova. E no segundo plano viam nitidamente, como nunca, a *justiça* de DEUS, cuja sanctidade não lhe permittia deixar impune essa longa serie de crimes que formava quasi exclusivamente a sua historia. Na Sua infinita bondade DEUS servia-se do castigo para inocular nestes restos poupados a Israel ideias mais elevadas e puras a Seu respeito, para alargar o seu horizonte espiritual, e para traze-los assim para mais perto de Si.

Na Babylonia a idolatria desappareceu completamente do meio dos Judeus. Os seus sacerdotes compulsaram ávidamente as antigas tradições, a historia e as leis dos seus antepassados e divisaram, unida pelo laço sagrado da religião, uma nova communhão, *sancta*, isto é, inteiramente dedicada ao serviço de DEUS sancto, omnipotente e omnisciente. Foi então que elles prepararam um supplemento ás historias da sua nação já reunidas nos codices hoje chamados *Jahvista* e *Elohista*, symbolisados pelas lettras J e E, com um novo Codice que é conhecido por sacerdotal, ou P, em que dão uma feição mais theocratica aos factos historicos e leis, bem como ás legendas do seu povo. Para esses sacerdotes urgia sobretudo *separar* os Judeus, puros, dos impuros Gentios. Era a ideia apregoada no *Deuteronomio* mas agora levada ás suas ultimas consequencias. O Propheta Ezekiel tornou-se o verdadeiro centro desta reforma em que tanto se destacava a necessidade da pureza nas pessoas que officiavam no Templo ou que ado-

[1] Comp. *Is.*, 1 : 9 ; e 37 : 2.

ravam a DEUS, levando-a a grande exaggêro. O " Codigo da Sanctidade " (*Lev.*, caps. 17-26) e todo o *Levitico* foram productos desse tempo e fazem parte do Codice sacerdotal. Foi tambem então que entre elles surgiu a nova classe dos escribas que copiavam os escriptos sagrados já existentes e outros documentos e leis, e davam consultas sobre a sua applicação e o seu sentido. Aos sabbados reuniam-se sacerdotes, escribas e crentes para tractarem das cousas da religião e desse modo crearam as *synagogas* que até JESUS CHRISTO tanta influencia exerceram no Judaismo.

Reconduzidos a Jerusalem em 536 por indulto de Cyro, o novo Rei da Persia que tomou a Babylonia, como estava previsto por Isaias, " para que tu saibas que Eu sou JAHVEH, o DEUS de Israel que te chamo pelo teu nome, por amôr do meu servo Jacob, e de Israel, meu escolhido.... Eu te metti as armas na mão quando tu não me conhecias " (45 : 3-5),—os Judeus, tambem como previsto, reconstruiram o Templo. O grande scriba Esdras, cheio de ardor pelas reformas leviticas, refundiu o systema mosaico e empenhou-se em que destes restos de Israel surgisse um novo povo so SENHOR, notavel pela sua separação do mundo gentio, e que guardasse em toda a sua puresa a religião ideial dos seus antepassados. Si a principio, sob Zurubabel, o povo se mostrára indifferente ás theorias novas elaboradas na Babylonia, elle tomou grande interesse pela reforma práctica de Esdras que teve de certo de trazer alguns dos seus ideiaes ao nivel, ainda baixo, dos seus correligionarios, de modo que, com o auxilio efficaz de Nehemias, pôde promulgar as leis novamente redigidas na Babylonia. É dessa epocha que se julga datar o *Pentateuco* como o vemos hoje. Ficava assim realmente estabelecido o que na historia se ficou chamando o *Judaismo.* O templo era o unico local do mundo em que DEUS residia e recebia culto. A Lei de Moysés, agora o *Torah,* precisava ser observada com a mais estricta attenção. Os filhos de Israel formando uma nação separada e sancta, deviam distinguir-se de todas e observar rigorosamente o culto estabelecido, a circumcisão e a instituição do sabbath. Os principaes sacerdotes do primeiro Templo dependiam dos Reis : agora, sem reino, os summos sacerdotes (instituição que só então appareceu) tornavam-se os verdadeiros chefes da communhão social, que ficou reorganizada theocraticamente. A Lei só é interpretada pelos sacerdotes e escribas. Fizeram acreditar que desde Moysés havia uma tradição não escripta mas que tinha tanta auctoridade como a propria Lei que ficou assim *cercada* ou *defendida* por essa tradição. O idealismo dos Prophetas que o povo não podia

accompanhar concretisou-se assim n'um culto que se julgava practico e a que de certo repugnava qualquer vestigio da idolatria que havia sido até aqui o escolho da religião de Israel.

A historia desses quatro seculos e meio não consta, sinão em parte, de livros que não são geralmente acceitos como canonicos, e ainda assim é muito incompleta. Si o Judaismo parecia um passo para traz na Religião, comparada com a dos Prophetas que nos fallaram tanto da justiça como da misericordia de Deus e do amor do proximo naquillo que S. Paulo depois chamou " a liberdade dos filhos de Deus " ; si o Judaismo procurou antes exaltar o temor de Deus pela Sua sanctidade, e estabeleceu um ritual escravisante ; si elle tornou a observancia estricta do *Torah* ou da Lei, o fito unico do crente e pelo qual deve morrer ; si elle assim pareceu emascular a religião dos seus impulsos mais nobilitantes,—o Judaismo, comtudo, exerceu o seu papel providencial tambem sob diversos aspectos, todos elles inconscientemente caminhando ao objectivo ulterior do advento de Christo. Conservou sempre elevada a ideia de Deus : era impossivel que, com essa ideia, aquelle culto tão elaborado não levantasse as aspirações moraes dos Judeus. Elle conservou sempre presente a ideia do *peccado*, e do nosso afastamento de Deus, que elle produz ; e da necessidade contínua de nos purificarmos delle. Elle tornou a religião *nacional* em religião *individual*. Precisamos observar tambem que tudo pareria preparado para essa grande reforma. A permanencia de muitos Judeus na Babylonia e a visinhança dos Gregos e Romanos, sem quebrarem o isolamento do Judaismo como o povo do Senhor, trouxeram-lhe proselytos e conversos em toda a parte, como demonstra, dando exemplos, o aliás pouco seguro historiador Flavio Josepho. Muitos Judeus estabeleceram-se no Egypto ou antes em Alexandria, que se tornára como ja dissemos, séde brilhante das lettras e grande emporio commercial. As Escripturas foram vertidas para o Grego e os Judeus levavam copias dellas por onde viajavam. Apezar de ter sido este periodo de grande agitação politica e de guerras na Palestina, o Judaismo conseguiu consolidar a sua theocracia dando grande poder aos seus recentes summos-sacerdotes. Nem impediu elle intensa actividade litteraria. Esdras começou a formar, como dissemos, o Canon do Velho Testamento. Foram escriptos depois disto as " Chronicas " ou *Paraleipomenos*, os caps. 63-66 e 24-27 de *Isaias*, os Livros de *Zacarias* o *Ecclesiastes*, provavelmente o *Ecclesiastico*, e de Hageu o livro de *Daniel*, e o de *Esther* e, parece, o *Cantico dos Canticos* e a maior parte dos *Proverbios*, já não fallando de composições apocryphas. Já tinha apparecido

tambem (em 458 segundo Cornill e 432 segundo Driver) o ultimo dos Prophetas, *Malaquias.*

E de notar que esse periodo entre a promulgação do *Pentateuco* (444) e JESUS CHRISTO foi tambem de grande actividade na mentalidade humana. A Grecia já tinha produzido Homero, Hesiodo, Eschylo, Pindaro, Sophocles e Herodoto; mas Euripides, Thucydide, Aristophanes, Xenophonte, Platão, Demosthenes e Aristoteles, todos elles floresceram justamente nestes quatro seculos e meio do periodo em que Israel estava sem prophecia, apparecendo tambem em Roma no fim dessa era, Cicero, Lucrecio, Virgilio, Horacio e Tito Livio. Havia, pois, um preparo providencial para a grande nova de que o Judaismo tinha a semente de que era o instrumento escolhido por DEUS para divulgar á humanidade.

No meio da sua adoração pelo *Torah* e pela tradição oral que os sacerdotes, os escribas, e a seita dos Phariseus sustentavam ser tão sagrada como a propria Lei, que cercavam toda com ella, existia em Israel, e forte, a expectativa de um Messias que viria realisar algum dia as previsões dos seus prophetas, uma especie de revolução geral que daria a Israel o dominio universal. Mas elles mesmos não podiam definir como estalaria essa revolução mundial. As prophecias parecem-nos hoje muito claras, mas os Judeus não conheceram o tempo nem as cousas. Desde seculos (em cêrca de 760-700) que Amós, Oséas e o primeiro Isaias, e depois delles, Miquéas, até os ultimos delles, como Joel, Jonas, Obadias e Malaquias, apregoavam o "grande dia" que precederia ao advento do Christo de DEUS.

Esses prophetas, como ja ficou dicto, não cessaram de combater os crimes e peccados do povo israelita e judeu, e de annunciar-lhe imminente e terrivel castigo que certamente acabaria com a sua independencia e o lançaria longe da terra assegurada a seus pais, do seu Templo, do seu culto de DEUS emfim. Ao mesmo tempo, porêm, elles, ás vezes nos seus vôos de aguia, podiam descortinar por alguns momentos, e mais de perto, a misericordia de DEUS que lhes aponctava o glorioso restabelecimento do Israel espiritual, com o seu throno eterno no qual estava assentado o mysterioso "servo do Senhor," aquelle filho e Senhor promettido a David, aquelle rebento da semente de Eva. Amós, o mais antigo desses prophetas, depois de annunciar a ruina de Israel e do seu "altar," vê, no fim, tudo reedificado como nos dias antigos. Joel, que viveu no reinado de Ozias (*circa* 800 A.C.) é ainda mais claro: elle supplica o povo a converter-se a DEUS, que é "benigno e mavioso, paciente e de muita misericordia." Mais: "Elle

vos deu um doctor que vos ensinará a Justiça. . . . Sabereis então que Eu estou no meio de Israel, e que Eu sou o SENHOR vosso DEUS e que não ha outro sinão Eu. . . . Eu derramei o meu Espirito sobre toda a carne . . . sobre os meus servos e sobre as minhas servas. . . . Todo o que invocar o nome do Senhor será salvo ; porque a salvação se achará no monte Sião e em Jerusalem. . . . Jerusalem subsistirá de geração em geração . . . e o Senhor morará para sempre em Sião." Oséas, contemporaneo do primeiro Isaias, não vê na terra verdade nem misericordia nem conhecimento de DEUS. O povo se desencaminhára como um vaso immundo e sobre os seus antigos altares cresceriam espinhos e abrolhos. Entretanto Oséas prevê tambem a promessa do perdão. " Eu curarei as suas chagas (diz o SENHOR), ama-los-hei por um puro effeito do meu beneplacito." Miqueas é um dos mais profundos dos prophetas. Elle vê o monte da Casa do SENHOR preparado para receber os povos e as nações que se dão pressa de concorrer a elle ; e o SENHOR exercitará o Seu juizo sobre elles e " nós andaremos em nome do Senhor nosso DEUS até a eternidade, e depois della." Miqueas até designa Bethlem, a pequenina cidade entre as milhares de Judá, como o logar donde sahiria " Aquelle que ha de reinar em Israel, e cuja geração é desde o principio, desde os dias da eternidade."

Não é este o logar apropriado para extrahirmos todas essas predicções do glorioso cumprimento da divina promessa, mas não nos furtaremos ao dever de reproduzir alguns dos fulgorosos raios da luz intensa da revelação que o segundo Isaias poude receber. Elle vê todos os povos congregados, vindo-se render a Sião. " Juro pela minha vida, diz DEUS, que de todos estes como de um ornamento serás revestida. . . . Eis aqui estou Eu que levantarei para as gentes a minha mão e arvorarei para os povos o meu Estandarte. . . . E os reis serão os que te alimentem, e as rainhas as tuas amas : com os rosto inclinado até a terra te adorarão. . . . " Elle vê tambem o " Servo do SENHOR " ultrajado, mas sem virar a sua face dos que o affrontavam e cuspiam n'Elle. N'uma grandiosa imprecação do SENHOR diz Isaias II : " Ouvi-me todos os que seguis o que é justo. . . . Lançai os olhos para Abrahão vosso pai e para Sara que vos deu á luz ; porque Eu o chamei a elle só e o abençoei e o multipliquei. . . . Ouvi-me, povo e tribu minha, porque de Mim sahirá a Lei e a minha Justiça descansará já estabelecida para luz dos povos. O meu Justo está feito : o meu Salvador já sahiu e os meus braços julgarão os povos. As ilhas estarão á espera de Mim e ellas esperarão o meu braço." Este Servo do Senhor virá em toda a gloria não, porêm, esta

gloria mundana e sensual. Ao contrario: "Elle não tem bellesa nem formosura: vimo-lo e não tinha parecença do que era, e por isso nós o estranhámos. Elle parecia desprezivel, por onde nenhum caso fizemos delle." E quanto ao papel que veiu representar este divino Servo, diz mais o propheta: "Verdadeiramente Elle foi o que tomou sobre si as nossas fraquezas e Elle mesmo carregou com as nossas dores. E nós o reputámos como um leproso e ferido por Deus e humilhado. Mas Elle foi ferido pelas nossas iniquidades e quebrantado pelos nossos crimes," etc. De Sua obediencia e humildade dá testemunho o propheta que o vê levado ao matadouro como um ovelha emmudecida. Mas, depois de todos estes soffrimentos, pergunta, "quem contará a Sua geração? Elle verá o fructo do que a Sua alma trabalhou, e se fartará. Aquelle mesmo Justo, meu Servo, justificará a muitos com a Sua sciencia e tomará sobre si as suas iniquidades . . . porque entregou a Sua alma á morte e foi posto no numero dos malfeitores. E Elle carregou com os peccados de muitos." Era impossivel melhor descrever o Messias que devia apparecer cinco seculos e meio depois. Mas os Israelitas não se aperceberam do seu retracto symbolico.

Foi nessa conjunctura e assim préviamente avisados os Judeus pelos seus Prophetas, que appareceu na terra Jesus Christo, o centro da Historia do homem e o fito unico de todo o desenvolvimento do passado, expresso na historia dos descendentes de Abrahão.

Jesus Christo nasceu e viveu realmente "sem muita parecença" do que era. Elle veiu ensinar e assumiu o nome de Mestre, e ensinava "com auctoridade." Os antigos Prophetas attacaram sobretudo a idolatria e suas consequencias: Jesus achou outra idolatria predominando, a do exaggerado e absurdo *legalismo* sacerdotal, a do fetichismo, e das superstições, de que sacerdotes e doctores ecclesiasticos cercaram os textos simples da Lei, cuja baze fundamental da justiça, da misericordia e da fé elles olvidavam para exigirem do povo a obediencia á infinitas regras, que elles mesmos não podiam observar. Nosso Salvador condemnou terminantemente similhantes práticas. Elle considerava sanctas as Escripturas dos Seus contemporaneos, e até referiu-se a Abrahão e Moysés como tendo-o conhecido pelo Espirito Sancto. Como teve de estygmatisar o abuso da lettra dessas ordenanças em prejuizo da fé e do socego espiritual do povo, pareceu aos escribas e sacerdotes que propunha a abolição da propria Lei. Elle, porêm, disse muito claramente que vinha cumpri-la correcta e puramente, mostrando o seu sentido verdadeiro e pondo bem a descoberto os seus principios bazicos, que realçou. O maior manda-

mento de Deus, e o seguinte depois delle, o nosso Salvador tirou das proprias Escripturas dos Judeus : não eram, ou antes, não deviam ser novidade.

Mas os poderes publicos não podiam tolerar este ensino do Rabbino que vinha assim destruir o seu prestigio, e tambem as suas propinas. Elles o mataram sem defesa, auxiliados pelo poder romano e pela ignorancia supersticiosa da plebe. Os seus proprios discipulos fugiram e só depois de ter Jesus Christo resurgido do Seu tumulo realisaram elles quem tinha sido realmente Aquelle seu Mestre que lhes fallava palavras de vida eterna, que lhes lembrára a passada historia do seu povo desde Abrahão, Isaac e Jacob : era realmente o Filho de Deus que descêra d'Elle, e que voltáva a assentar-se á Sua dextra.

Em toda essa historia tão longa percebe-se o fio de ouro que corre ao travez deste estôfo de tramas variados e ás vezes confusos,—o fio que n'um dos extremos é soldado na promessa de que o filho da mulher pisaria a cabeça da serpente ; e no outro extremo, a dezenas de seculos depois, no Incarnação de Jesus Christo. Reflictamos que Deus manifesta-se-nos de dous modos na historia : ou por algum acto de improviso, saliente, ferindo a nossa imaginação,—desses actos que os Judeus chamavam *signaes* e que pediam a Jesus que lhes mostrasse (*Matt.*, 12 : 38-40 ; 16 : 1-4 e corr.) ;—ou então pela revelação paulatina, pensada, do Seu pensamento e do Seu modo de proceder. Os Prophetas e inspirados do Velho Testamento puderam mostrar o dedo de Deus na direcção que levava a historia do seu paiz, e como disse depois S. Pedro (I, 1 : 10-12) elles vaticinaram da graça que era reservada ao mundo em Jesus, e as promessas que n'Elle se verificariam, sendo apenas administradores das cousas que deviam ser reveladas n'Elle.

Assim, pois, a solidariedade desta cadêa de acontecimentos não é um mysterio que tenhamos de desvendar, mas um facto que podemos averiguar, e que ahi está provando a verdade da historicidade da nossa Religião na Biblia, que a consigna como o alvéolo da grande Revelação. Temos nisto o testemunho irreductivel do proprio Jesus, que nos assegura que não veiu destruir a Lei mosaica, mas cumpri-la (*Matt.*, 5 : 17) ; que João Baptista veiu realisar as prophecias como seu précursor (*Matt.*, 11 : 10 ; *Luc.*, 7 : 27) e como o Elias da prophecia de Malaquias (*Matt.*, 11 : 14, etc.). Jesus reconhece que vai realisar o typo de allegoria de Jonas (*Matt.*, 12 : 40). Quando começou a ensinar, na synagoga de Nazareth, lendo a pro-

phecia de Isaias, cap. 51, affirma que realisava-se " hoje " essa Escriptura (*Luc.*, 4 : 21). Nos ultimos mezes de Sua vida não foi nosso SENHOR menos explicito. Annunciando a Sua paixão aos Seus Apostolos, disse-lhes : " Vamos para Jerusalem e tudo o que está escripto pelos Prophetas será realisado no Filho do Homem, pois Elle será entregue aos gentios e será escarnecido e tractado vergonhosamente e cuspido : e o açoutarão e o matarão e ao terceiro dia resurgirá " (*Luc.*, 18 : 31-33 ; cf. com o *Ps.* 21). Quando S. Pedro quiz defende-lo da turba que o prendia em GETHSEMANE, e cortou a orelha de um servo do summo-sacerdote, JESUS censurou o Seu impetuoso discipulo, lembrando-lhe que Elle mesmo poderia defender-se, si quizesse, mas que era preciso que se cumprissem as Escripturas que declaram que assim devia succeder (*Matt.*, 26 : 51-54 ; cf. *Is.*, 53 : 7-10). Mesmo á mesa da Ceia final, JESUS lembra aos discipulos que " o Filho do Homem vai certamente como está escripto d'Elle " (*Matt.*, 26 : 24 e corr.) ; acabada a Ceia e o lava-pés Elle ainda relembra o Psalmo 40 quando diz que o que comia com Elle o Seu pão, engrandecia contra Elle a sua traição (*João*, 13 : 18).

Aos Judeus, JESUS CHRISTO frequentemente mostrou-se quem era, apontando para as suas proprias Escripturas e procurando abrir-lhes os olhos para que reconhecessem os " signaes dos tempos " em que estavam. " Examinai as Escripturas," dizia-lhes, " pois pensais ter nellas a vida eterna, e ellas mesmas são as que dão testemunho de Mim. . . . O mesmo Moysés em que vós tendes todas as esperanças, é o que vos accusa, porque si vos cresseis a Moysés certamente tambem me crerieis a Mim, porque elle escreveu de Mim. Porêm, si vós não dais credito aos seus escriptos, como dareis credito ás minhas palavras ? " (*João*, 5 : 39-47.) Não admira que os Judeus não pudessem achar na Sua Personalidade o Messias das velhas Escripturas, pois Seus proprios discipulos só a pouco e pouco foram comprehendendo que tinham deante de si o FILHO DE DEUS, incarnado como um delles mesmos ; e os Evangelhos estão cheios de exprobrações de JESUS pela sua falta da intelligencia das cousas que lhe diziam respeito. Mesmo depois que em nome delles Pedro declarou que na sua opinião Elle era o FILHO DE DEUS vivo, os discipulos não pareciam bem medir a importancia e realidade dessa verdade fundamental, dessa rocha (pedra) em que seria edificada a Congregação dos verdadeiros crentes. Ainda depois da Resurreição quando dous discipulos iam pela estrada de Emmaús recordando os factos salientes dos ultimos dias, e referindo-se á convicção das mulheres que foram ao sepulchro de JESUS e o não acharam,

o proprio JESUS lhes exprobra e sua falta de fé e " começando por Moysés e discorrendo por todos os outros prophetas lhes explicava o que d'Elle se achava dicto em todas as Escripturas " (*Luc.*, cap. 24).

Cumpre notar como o Salvador referiu-se a *todas* as Escripturas : pois realmente todas ellas estão, a quem as lê á luz do Christianismo, repletas da expectativa da ulterior e grande revelação, o que sem duvida fez S. Agostinho dizer não nos lembramos em qual de suas obras, que o Christianismo começou com a Creação do mundo.

Depois da morte de JESUS, e quando os seus apostolos começaram a sua missão de " pregar o Evangelho á toda a creatura " (*Marcos*, 16 : 5) e de ensinar a todas as nações (*Matt.*, 28 : 19), o grande esteio da sua pregação era a vida, morte e resurreição de CHRISTO de um lado, e, do outro, as Escripturas que tractaram da Sua vida, missão e morte. Elles davam a seus ouvintes o seu testemunho pessoal dos factos que viram e presenciaram ; e appellavam logo para as Escripturas como baze de sua argumentação para que acceitassem a JESUS, de Nazareth, como o verdadeiro Messias. S. Pedro logo no Pentecoste que seguiu-se á Resurreição pregou, na presença dos seus onze companheiros (pois a vaga do traidor já havia sido preenchida), que David, que fôra tambem propheta, previra que seu filho, JESUS, não seria deixado no Sheol (Hades) nem sua alma experimentaria corrupção (*Ps.*, 15 : 10) e explicou então que " a este JESUS resuscitou DEUS, do que todos nós somos testemunhas." Este JESUS, préga depois S. Pedro, é a pedra reprovada pelos Judeus, architectos, mas que foi posta como a pedra fundamental do edificio de DEUS (*Actos*, 4 : 11 ; *Matt.*, 21 : 42 ; *Marcos*, 12 : 10 ; *Luc.*, 20 : 17). No appello de S. Estevão aos Judeus do Templo e outros e que lhe mereceu a honra de ser o primeiro martyr christão, elle passou em revista toda a historia da revelação do CHRISTO no V. T. e exprobrou aos seus compatriotas : " Homens de cerviz dura . . . vós sempre resistis ao ESPIRITO SANCTO ; assim como fizeram vossos pais assim o fazeis vós tambem. A qual dos prophetas não perseguiram vossos pais ? Elles mataram aos que de ante-mão annunciaram a vinda do Justo do qual vós agora fostes traidores e homicidas . . ." (*Actos*, 7 : 51, 52).

S. Paulo, é escusado repeti-lo, bazeou todo a sua argumentação em favor da conversão ao Christianismo mostrando que, por ser a Velha Alliança insufficiente para a salvação, veiu JESUS CHRISTO realisa-la. No seu primeiro discurso referido na Biblia, o que pronunciou em Antioquia de Pisidia, traçou um retrospecto da historia dos Israelitas e mostrou como da

linhagem de David procedêra o Salvador JESUS que seus conterraneos " não conhecendo as vozes dos Prophetas," " quando tiveram cumprido todas as cousas que delle estavam escriptas," mataram-o, com o auxilio de Pilatos, mas DEUS O resuscitou d'entre os mortos ao terceiro dia (*Actos*, cap. 13). E tão insistente era o appêllo de S. Paulo ao estudo das Escripturas que vemos que em virtude disso os habitantes de Beréa " receberam a palavra com ancioso empenho indagando todos os dias nas Escripturas si estas cousas eram assim " (*Actos*, 17 : 11), como S. Paulo dizia. E ainda nos seus ultimos dias em Roma, o Apostolo não cessava de dar testemunho, no seu hospicio, a respeito de JESUS como o de quem fallaram a Lei de Moysés e os Prophetas (*Actos*, 28 : 23).

Tendo visto esta *unidade* pasmosa no assumpto que fórma o fundo da Biblia concluimos que ella é divina. Nenhum livro de homem, nenhuma historia de outro povo poderia mostrar similhante concatenação de factos e de ideias, ou antes de uma grande ideia, capital, presidindo ao desenvolvimento dos factos. Temos ali uma peça unica e solida, desde a queda do homem até JESUS CHRISTO. É o advento de JESUS que explica os Prophetas e a anciosa expectativa do Messias : os Prophetas viveram no captiveiro da Babylonia e antes na historia viva dos reis de Israel e de Judá, alguns delles tomando até parte proeminente na direcção geral da politica da sua epocha. Os reis vão ter a Salomão, David e Saul. Em David, já mil e tantos annos antes do CHRISTO, vemos, indiscutivel, a promessa que um filho do seu corpo seria algum dia rei *para sempre*. Saul presuppõe Samuel e ambos o regimem dos Juizes, assim como estes explicam-se pelo recente estabelecimento das tribus de Israel na terra de Canaan, quando ellas se achavam desunidas e subjeitas aos attaques dos que habitavam a terra e nella permaneciam. Mas este estabelecimento dos Israelitas em Canaan está correlato não só com as promessas que DEUS lhes fez no Egypto quando dali os tirou Moysés, como tambem com a sua permanencia no deserto durante quarenta annos. Como foram os filhos de Jacob ou Israel parar ao Egypto é explicado pelo fôme em Canaan, onde habitava seu pai com a sua familia. Jacob presuppôe seu avô Abrahão, de quem está escripto que DEUS lhe fizera a promessa de ser pai de um grande povo que não foi só o de Israel, na carne, mas o de JESUS CHRISTO, no Espirito.

Como teria sido possivel compaginar esta historia com elementos meramente humanos ?

Agora consideremos que os Judeus, isto é, os proprios descendentes dos Israelitas, que não querem admittir que JESUS CHRISTO seja a realisação da esperança messianica, o Christo promettido ao seu povo por DEUS, são elles mesmos os que mantêm com a mais estricta veneração as Escripturas em que JESUS, como vimos, bazêa a sanctidade e divindade de Sua missão. Elles não acceitam esta missão, claramente prevista naquellas Escripturas, e nem, na sua obcecação, investem della a qualquer outro ser. Accreditam nas promessas mas rejeitam a sua conclusão clara e logica. Assim, os Judeus mantendo a divindade das suas Escripturas ou do nosso Velho Testamento, que é a sua propria historia religiosa, nos dão o melhor penhor imaginavel da verdade da Revelação gradual de JESUS CHRISTO, o que é uma das grandes provas da divindade de JESUS e da da Biblia.

CAPITULO V

A DIVINA INSPIRAÇÃO DA BIBLIA PROVADA PELAS PROPHECIAS REALISADAS

Bem poderiamos nos contentar, para deixar em evidencia a divindade da Biblia, com as provas tão claras da unidade do fio historico do grande livro, e da realisação da sua prophecia bazica, sobre o advento de Jesus Christo.

A importancia do assumpto, porêm, reclama que apresentemos tambem outro genero de provas, si bem que sejam apenas o desenvolvimento logico das primeiras. Propomo-nos mostrar que, independentemente da prova da sua unidade e concatenação, sustenta a origem divina da Biblia a realisação, a que hoje assistimos, de certas prophecias do Velho Testamento sobre acontecimentos da historia dos Hebreus e do mundo exterior: e depois, em subsequentes Capitulos, procuraremos provar que não só a propria missão de Christo como a Sua propria Pessôa testemunham, aquella origem divina ao passo que os escriptores contemporaneos do N. T. a corroboram. E tudo isto faremos repetindo, para melhor accentua-los, factos e argumentos já anteriormente expostos.

A presciencia do futuro é uma das grandes prerogativas exclusivas de Deus. Predizer um facto já convence que o propheta tem Espirito de Deus si o facto vem a realizar-se como previsto. Mas os prophetas predisseram não só factos isolados, mas grandes agruppamentos delles, lidando com a marcha historica das nações principaes do seu tempo, não sob o aspecto secular mas nas suas relações com o desenvolvimento da Revelação divina ou, mais directamente, com o povo israelita. Sob este poncto de vista a Biblia é de facto um livro todo prophetico desde a sua primeira pagina, onde á vista da humanidade decahida, Deus prometteu-lhe a Redempção. Em Abrahão ha duas promessas:—uma á propria familia do Patriarcha e a outra referente á posse de Canaan, pelos seus descendentes. Aquella significava que a descendencia do Patriarcha seria a depositária da gradual Revelação por Deus do Seu Filho Jesus Christo. Deus podia, si o quizesse,

fazer essa revelação a todos os povos ; mas Elle preferiu concretiza-la n'um só para melhor definir o Seu glorioso intuito. A revelação feita a um unico povo não só deixava claro o facto que DEUS *escolhe* a quem quer, como tambem tornava o Seu intento mais vivido, mais objectivo, sobretudo como se acharam as relações das nações antigas, tão isoladas. Ora ha cêrca de 4000 annos que, diz a Biblia, DEUS fez esta promessa a Abrahão : pergunta-se, não foi ella realizada, não a estamos vendo realizada ? Ha outro livro em que conste similhante promessa ? Não se acha ella *escripta*, na fórma em que a lemos, cêrca de novecentos annos antes de JESUS CHRISTO ou ha perto de 2900 annos ? Como não acredita-la ?

O neto de Abrahão, Jacob ou Israel, teve de ir ao Egypto, elle e septenta pessoas de sua familia, em cumprimento de uma prophecia (*Gen.*, 46 : 2, 3), e ao morrer deu bençãos propheticas a seus filhos : a critica moderna procura provar que ellas são de epocha posterior : mas que importa isso á sua realisação, demonstrada *seculos depois* dessa epocha posterior ? O sceptro, disse o velho pai das doze tribus, ficará em Judá : e não é isto o que ainda hoje vemos ? O sceptro não era de certo o do chamado Reino de Judá e Benjamin, mas o daquelle incomparavel filho de Judá que vinha estabelecer o reino de David, para sempre.

Já vimos como em David e Salomão foram as promessas divinas confirmadas. Antes delles já Moysés fallára de um grande propheta, como elle, que DEUS suscitaria algum dia a Israel (*Deut.*, 18 : 15 ; *João*, 1 : 45) ; e quando vieram os prophetas canonicos, isto é, os que nos deixaram súmmulas das suas predicções, vemos ahi aperfeiçoar-se aos poucos a ideia do Messias ou desse Propheta promettido. De Samuel a Malaquias a prophecia, contínua e progressiva, teve como principal objectivo, mais ou menos velado, a vinda desse Ungido do DEUS. Os reis que se succederam em Israel e Judá se debandaram quasi todos e mereceram o epitaphio que os livros dos *Reis* puzeram sobre cada um : "Fez o mal deante do SENHOR." Os prophetas denunciaram os seus peccados e annunciaram os castigos, que lhes seriam inflingidos por grandes nações, alem da perseguição dos seus visinhos. Ora, todos estes castigos vieram e os Israelitas tiveram a prova provadissima da origem divina das prophecias que nós hoje lemos na Biblia. A queda do reino de Israel e seu captiveiro na Assyria, e, depois a destruição de Judá com o arrazamento de Jerusalem e do seu Templo, e o captiveiro do seu povo na Babylonia foram nitidamente previstos (v. sobre *Samaria* e o reino do N., *Is.*, caps. 18 e 19 ; e sobre Judá, v. *Jer.*, caps. 7 a 10, 13 a

19 ; caps. 22 : 24 aos caps. 23, 24 e 25, e o resto do livro). Esses prophetas não só prevêm a queda dos reinos como dão a razão moral da calamidade, marcam a sua duração e as suas relações materiaes com a hostoria local. Elles não se contentam, porêm, com a previsão da ruina dos reinos, mas vêm glorioso um Israel novo e coheso : Judá deveria voltar á Jerusalem que seria reconstruida (V. *Is.*, 23 : 19 ; 14 : 3 ; 21 : 10 ; caps. 44, 45, etc.—*Jer.*, caps. 25, 50, etc.—*Ezek.*, caps. 2, 12, 20, 23, etc.—*Jer.*, 24 : 10.—*Is.*, 44 : 28, etc.). É caso sem precedente na historia ser um povo levado captivo para outro paiz e voltar depois á sua primitiva terra ; mas deu-se elle com Judá e o facto foi minuciosamente *previsto*, e devia ter concorrido muito para o restabelecimento da religião depois do Exilio. Como Deus tirára Israel de dentro do Egypto agora até designou pelo nome o rei pagão (Cyro) que deveria servir-lhe de instrumento para tirar Judá de dentro da Babylonia.

Estes prophetas dos designios divinos em relação ao seu povo prevêm tambem os destinos dos paizes que se acham ligados, por visinhança ou pelas relações politicas, com o povo escolhido de Deus.

A Assyria fundada por Assur, filho de Sem (*Gen.*, 10 : 11) foi em tempo a primeira potencia do mundo. Sua capital, " a grande cidade de Ninive " de que falla *Jonas*, 3 : 1, tinha, segundo o historiador Diodoro Siculo, cêrca de cem kilometros de circumferencia, marcada por muralhas de trinta metros de altura e talvez dez de largura, e mil e quinhentas torres de 60 metros de altura, de espaço a espaço. Diz o propheta *Sophonias*, 2 : 15 : " Esta é a cidade gloriosa que habitava cheia de confiança e que dizia no seu coração : Eu sou a unica e depois de mim não ha outra." Pois este mesmo propheta previu mais de cem annos antes do acontecimento que Deus " perderá a Assur e reduzirá a formosa a uma solidão, um despovoado e um ermo " (2 : 13). Já, antes delle, *Nahum* (1 : 10) viu bem que estes Assyrios, tão crueis e soberbos, seriam consumidos " como uma palha cheia de seccura." Elle ouve Deus sentenciar : " Não haverá mais semente do teu nome " (vers. 14), e a historia ahi está comprovando a prophecia : pois, que fim levaram os Assyrios ? Qual foi a força que induziu estes dous prophetas, que viveram de 680 a 630 antes de Christo, a antecipações de todo realisadas ?

Agora quanto a Babylonia : era um imperio ainda mais antigo do que o da Assyria. Alem do referido Diodoro, Herodoto escreveu da sua grandeza, de que adeante tractaremos. Os prophetas foram inspirados para annunciar a sua queda,—a ruina, como disse *Isaias* (13 : 19), daquella " Babylonia, de

tanta gloria entre os reinos, a inclita soberba dos Caldeus," que eram, dos povos do paiz, o que então o governavam. A sua destruição será tão completa, accrescenta elle, como a de Sodoma e Gomorrha : " *nunca mais será habitada nem reedificada* de geração em geração, nem ali distenderá suas tendas o Arabe nem nella repousarão os pastores : mas farão ali o seu covil as feras e encher-se-hão os seus palacios de dragões. . . ." Era um prophecia arrojada esta de predizer não só o desabar do mais poderoso imperio do seu tempo, e da maior metropole do mundo, como tambem a sua ruina para todo o sempre. E entretanto é isso mesmo que tem acontecido á Babylonia : onde está ella desde aquelles tempos, ha 27 seculos ?

Note-se que Isaias não foi o unico propheta que annunciou a queda da Babylonia, 160 annos antes deste acontecimento, e quando a Persia, que a destroçou, era ainda quasi desconhecida como nação independente. Jeremias, mais perto do grande successo, poude vê-lo nitidamente apezar de prophetisar quando Nebucuduruzur gozava o auge da sua gloria e dilatava o poderio da Babylonia. Como ruiu-se este grande imperio, por assim dizer, da noite para o dia, referem amplamente Herodoto e Xenophonte, respectivamente a 250 e 350 annos depois de Isaias. Alexandre Magno teve forte vontade de reconstruir a cidade da Babylonia ; mas ignorava que Deus decretára que destruiria quaesquer restos dos Babylonios e a sua progenie " por causa da iniquidade de seus pais." O grande conquistador a quem tudo no mundo parecia ter cedido, esbarrou agora deante do impossivel. Pareceria cruel perder-se a grande civilisação do maior reino do mundo. Para Deus, porêm, que julga as nações do aspecto da justiça, da paz e de submissão á Sua vontade, em geral, todo este brilho do saber orgulhoso e das riquezas materiaes em nada absolutamente pesam. E não é debalde que um propheta incognito, em estrophes sublimes, que foram annexas ao Livro de *Isaias* (caps. 13 e 14 até vers. 23), mas que são de epocha posterior, talvez do fim do Exilio, e duzentos e tantos annos antes de Alexandre, exclamava :

Como cahiste do céo,
Ó estrella do dia !
Filho da manhã,
Como cahiste ao chão,
Tu que arrazavas as nações :
E dizias no teu coração :
" Subirei ao céo :
" Exaltarei o meu throno
" Ácima das estrellas de Deus,
" E assentar-me-hei no monte da Congregação,

"Nos confins do aquilão;
"Subirei ácima das alturas das nuvens,
"E serei como o Altissimo."

E eis serás precipitado no inferno,
Nas partes mais longinquas da profundeza;
Os que te virem, olhando-te de perto,
Dirão consigo mesmos, pensando:
"É este mesmo o homem que fez tremer a terra
"E que estremeceu os reinos?
"Que fez do mundo um deserto,
"Levando o arrazamento ás suas cidades?
"E nem soltou seus prisioneiros (*para irem*) ás suas casas?"
Todos os reis das nações, todos elles,
Dormem na gloria, cada um na sua patria:
Tu, porêm estás atirado fóra do teu sepulchro,
Como uma veste abominada do morto á espada;
Tu desces ás rochas da profundeza;
És como cadaver machucado aos pés. . . .

Preparae o assassinio para seus filhos
Por causa da iniquidade de seus pais;
Que se não ergam e formem terra,
E encham de cidades a face do mundo!
Levantar-me-hei contra elles, diz JAHVEH-SABAOTH,
E cortarei da Babylonia o nome e as reliquias
E o filho, e o filho do filho, diz JAHVEH.
E reduzi-la-hei a um dominio de ouriços,
E a lagoas de aguas estagnadas;
E varre-la-hei com a vassoura da destruição,
Diz JAHVEH-SABAOTH. (*Is.*, 14: 12-23.)

Esta elegia foi litteralmente cumprida: a Babylonia nunca mais foi reconstituida. As suas ruinas ainda hoje se podem ver. O grande monte de destróços do N. mede trinta metros de altura occupando a área de cêrca de 14,000 m. q. Do lado de L. occupam vasto espaço as ruinas do palacio de Nebucuduruzur.

A Babylonia nunca mais foi reconstruida. Desappareram os vestigios deste vasto imperio, que monopolisava a civilisação do mundo, até o recente descobrimento de algumas poucas de suas ruinas.

Com Edom dá-se o mesmo. Edom ou Esau, é o nome collectivo dos Edomitas ou (mais tarde) Idumeus, descendentes de Esau que a tradição faz ser o irmão gêmeo de Jacob ou Israel, mas vendo a luz antes deste. Tambem os Edomitas já se achavam organizados como nação quando Israel entrou

em Canaan, epezar das suas relações de parentesco, nunca foram amigos. Elles habitaram a S. E. das montanhas ao Sul do Mar Morto, o monte Seir ficando no centro do seu paiz. Edom começou por negar a Israel a licença que pedira-lhe para atravessar o seu paiz, quando queria entrar em Canaan. O rei Saul teve de batte-los e David conquistou o seu paiz que muito interessava então a Israel por ser caminho do porto no Mar Vermelho que Israel possuia, para a sua navegação para Ophir (2 *Reis*, 8 : 13, 14). Sob Salomão Edom recobrou a sua independencia para outra vez perde-la sob Josaphat e novamente ganha-la sob Joaz (3 *Reis*, 11 : 14-22, 22 : 47 ; 4 *Reis*, 8 : 20). Por occasião da queda de Jerusalem, os Edomitas regozijaram-se ostentosamente, e os Judeus nunca o esqueceram, accentuando-se assim a aversão que já lhes tinham.

Este procedimento dos Idumeus foi fortemente condemnado pelos prophetas que annunciaram que Deus os castigaria com a completa destruição do seu povo e do seu paiz. *Ezekiel* (25 : 12-14) disse que Jahveh, " pelo motivo que a Iduméa fomentou sempre a sua vingança para a desabafar contra os filhos de Judá," tambem tiraria vingança della, arrancando-lhe seus homems, e os seus animaes ; e a porá deserta cahindo os seus filhos mortos á espada. Já antes de Ezekiel, Isaias e Jeremias previam, por essas cousas, a completa ruina de Edom. Isaias vê bem que elle estava destinado ao matadouro. A sua terra " de geração em geração será assolada : pelos seculos dos seculos não haverá quem por ella passe " (34 : 5, 10). Os Idumeus viviam nas muitas covas, grotas e furnas das suas montanhas calcáreas : Jeremias (cap. 49) assevera que ainda que desçam ás mais profundas cavernas, que abundavam ali, virá sobre elles a ruina : a sua linhagem desapparecerá e o seu paiz só ficará existindo para a desolação, para o opprobrio dos povos, e para ser amaldiçoado para todo o sempre (vers. 13). " A tua arrogancia te enganou," accrescenta elle, " tu que habitas nas cavernas dos rochedos e forcejas por te aninhares no cume, como aguia, Eu dali te arrancarei, diz Jahveh." " Ao estrondo da sua ruina se commoveu a terra : no Mar Vermelho se ouviu o grito do seu clamor."

E alem destes prophetas Jeremias, Obadias e Joel confirmam tudo quanto aquelles dizem. Obadias (que A. P. Figueiredo chama Abdias) repete o que disse Jeremias, lembra o aggravo que Edom fez a seu irmão sahindo contra elle—" quando os extrangeiros levavam captivo o seu exercito e os extranhos entravam pelas suas portas. Tu não zombarás mais de teu irmão no dia da sua tribulação . . . nem te postarás nas

sahidas para matares aos que fugirem." A casa de Edom será como palha sêcca e as de Judá e de José serão como uma chamma que a devorará ; " e não ficarão reliquias da casa de Esaú." A todos esses actos de que o accusa Obadias o outro propheta, Joel, accrescenta o de vender aos Gregos os filhos de Israel, o de levarem para os seus templos prata e ouro do Templo de Jerusalem : por tudo isso comfirma Joel, " a Iduméa ficará sendo um deserto de perdição." Pelo contrario, " a Judéa será habitada eternamente e Jerusalem subsistirá de geração em geração, e Eu purificarei o seu sangue . . . e o SENHOR morará para sempre em Sião " (3 : 5, 6, 18, 19, 20).

E o que succedeu ao paiz sobre cujo fim assim vaticinaram esses quatro prophetas ? Onde estão hoje os Idumeus ? Durante o Captiveiro muitos delles emigraram para o sul da Palestina onde os acharam os Judeus na sua volta da Babylonia. Com vagar os Judeus no fim do Seculo II A.C. os fizeram acceitar a sua religião e circumcidar-se. Apezar de que os Idumeus tivessem dado aos Judeus a dynastia herodiana, parecendo isto uma vingança celeste, o facto é que desappareceram completamente ; e a Palestina ainda subsiste e Jerusalem continúa no mesmo logar. Da antiga Iduméa só resta uma solidão de arcias moveis que não produzem cousa alguma. Os proprios Beduinos não podem habitar tal região, que outrora teve cidades amplas e ricas. Como explicar-se a previsão, tantos seculos antes desta desolação, sinão pelo facto que DEUS *realmente* dirige os destinos dos povos e nações, e que os prophetas da Biblia fallaram *realmente* palavras inspiradas por DEUS mesmo e que por conseguinte na Biblia achamos verdadeiramente revelações directas de DEUS ?

Na costa do Mediterraneo, ao N. da Palestina, aninhava-se n'um promotorio sobre o mar, defendida por altas montanhas do lado da terra, a antiquissima Tyro, de que Herodoto escreveu que já era conhecida em epocha correspondente a mais de vinte seculos antes de J. C., e que entretanto fôra precedida por Sidonia a que Isaias chamou de mãe de Tyro (23 : 11, 12). Esta rainha do Mediterraneo que, segundo o mesmo propheta, " gloriava-se na sua antiguidade " (23 : 7) e do seu opulento commercio, sendo o grande emporio do Oriente para o Occidente, era uma cidade magnifica, que ja se gabava de bello *Eurychorus* para reunião dos cidadãos afim de tractarem dos negocios publicos, e donde procederam o *agora* e o *forum* de Athenas e Roma. Os Tyrios levaram suas explorações commerciaes até a Hespanha e a Inglaterra. Do seu vasto commercio faz minuciosa descripção o propheta Ezekiel na cap. 27 do seu livro. Situada

" no coração do mar," possuia opulenta frota para a qual contribuiam cedros do Libano, para os mastros ; carvalhos de Basan, para os remos ; marfim de Shittim, para os seus bancos ; linho fino do Egypto, para as suas velas. Arrecadava seus melhores marinheiros de Sidonia, Arada e Gebal ; e Persas e Lybios lhe forneciam soldados. Os Carthaginezes traziam-lhe prata, ouro, ferro e chumbo ; Javan (a Grecia), Tubal e Mesec lhe vendiam escravos e ricos vasos de metal, e Togorna supprialhe cavallos e jumentos. Os filhos de Dedan offereciam-lhe marfim e ébano ; da Syria vinham esmeraldas, purpura, bordados de linho, coraes e ágatas, e os Judeus lhe mandavam trigo, balsamos, azeites e mel, ao passo que Damasco lhe fornecia o seu vinho generoso e lãs da mais alva côr. Dan e Javan occupavam logar importante na lista das importações em Tyro com suas manufacturas de ferro polido, myrra distillada e perfumes, e a Arabia acudia-lhe com rebanhos de carneiros. Em summa, Sabá, Rima, Haran, Quene, Eden e Assur, todos contribuiam com preciosos bordados, madeiras e raridades do Oriente. Tal era a invejavel posição de Tyro no Seculo VI A.C. A sua ruina, porêm, seguir-se-hia a esta mesma grandeza. Diz Ezekiel que seu coração elevou-se de louco orgulho. Ella acreditou estar " assentada sobre a cadeira de DEUS no meio do mar." Os vicios mais desbragados e a crueldade accompanharam todo esse poderio de quem commerciava intensamente com tantos povos. Na multiplicação deste trafego encheram-se as suas entranhas de iniquidade, diz o propheta. E por isso elle annuncia a sua estrondosa queda, e repete o que ouviu de DEUS ; " Eu, pois, farei sahir do meio de ti um fogo que te devore, e te reduzirei em cinza sobre a terra ; e os olhos de todos os que a ti virem . . . ficarão espantados de ti : tu foste anniquilada e não tornarás mais a ser " (28 : 1-19).

De Tyro foram reis os Hiram, um dos quaes forneceu madeiras e artifices a Salomão para a construcção do Templo e dos seus palacios. Tyro deu a Israel uma rainha, Jezebel, filha de Ethbaal e mulher de Acab. A Assyria tornou tributaria o rico imperio commercial, mas quando Ninive cahiu, elle recobrou a sua perfeita independencia e chegou ao auge do seu poderio. O rei da Babylonia Nebucuduruzur II attacou Tyro por ter-se ella unido ao seu inimigo, o Pharaó Orphra ; e cercou-a. Apoz treze annos os Babylonios retiraram-se sem ter podido toma-la, mas ella entretanto decahiu muito com este longo sitio. Nas guerras greco-persas Tyro tomou a principio o lado dos Persas ; depois da paz, porêm, de 387 A.C. uniu-se ao inimigo, o que lhe custou a terrivel vingança que della tomou

Artaxerxes III. Ainda depois disto, Alexandre Magno attacou-a por mar com 224 navios e destruiu-a. Reconstruida em poncto pequeno foi tomada pelos Sarracenos e pelos Cruzados até que cahiu em mãos daquelles em 1291. Já não tinha a minima importancia e hoje é apenas um pequeno povoado de pescadores, e um amontoado de ruinas de sua antiga grandeza. Cumpriram-se as prophecias.

Ainda aqui poder-se-hia allegar que estas prophecias deixaram apenas exarada uma verdade universal sobre a queda de todos os grandes poderes da terra ao decurso do tempo, pois a sua propria exaltação traz comsigo a semente da sua ruina. Si com effeito Tyro ainda durou alguns seculos antes de finalmente abatida, como explicar que a Assyria, a Babylonia e Edom viram-se destruidas em pouco tempo depois das prophecias, annunciadas, e quando pareciam estar mais prósperas e solidas ?

A essas prophecias que se verificaram, deveriamos ajunctar as que referem-se ao advento do Ungido, do Servo do Senhor, e que, afinal, excedem de importancia a todas as outras. E é justamente pela sua relevancia que tractaremos dellas separadamente mais adeante, na ultima phase da historia da religião de Israel. Ahi verá o leitor como dão ideia tão exacta das principaes feições do Messias, Jesus Christo, segundo as confirmam os Evangelhos. Nellas Jesus participa da naturesa divina e da humana, pois, alem de revestir a nossa fórma, era " Deus forte, Pai do seculo futuro e Principe da Paz " (*Is.*, 9 : 6) ; descendente de Eva (*Gen.*, 3 : 15), de Abrahão (*Gen.*, 12 : 3), de Jacob, e não do seu primogenito mas de seu quarto filho, Judá, e de David, o mais joven dos oito filhos de Jessê. Os prophetas mencionaram até a villa em que nasceria Jesus (*Miq.*, 5 : 2), de uma virgem (*Is.*, 7 : 14), sua missão sendo annunciada e preparada por um arauto (*Mal.*, 3 : 1). Descreveram o triplice character em que viria desempenhar a Sua missão, de propheta, sacerdote e rei (*Zac.*, 6 : 13 ; 9 : 9), a região em que devia começar a sua prégação (de Zebulun e Neftali, *Is.*, 9 : 1), os Seus milagres, o character geral do Seu ensino e dos Seus feitos, as injustiças que soffreria dos peccadores, Seus soffrimentos, Sua morte, Sua resurreição e por fim (*Joel*, 2 : 28, 29) a concessão do Espirito Sancto sobre toda a carne dos que n'Elle acreditarem. De tudo isso tractaremos depois por menor. Toda a Biblia é, de facto, a enunciação e a demonstração desta prophecia central da vinda ao mundo daquelle producto da semente de Eva, promettido no Paraiso, e da sua realisação em Jesus Christo. N'uma singular

cohesão, tudo na Biblia prende-se, directa ou indirectamente, a este supremo facto, quer nas leis, quer na historia do paiz ou na de seus visinhos e de seus inimigos, quer nos hymnos de louvor e de penitencia, quer nos tractados de sabedoria meramente mundana, que o grande Livro contém. Que harmonia assombrosa n'uma litteratura tantas vezes secular e de auctores tão diversos!

Deixando de lado ainda outras prophecias do Velho Testamento, e que se realisaram, dando assim prova cabal de que foram inspiradas pelo Espirito Divino, destaquemos uma só, do Novo Testamento, a cujo cumprimento pelos seus proprios adversarios religiosos, o Christianismo está ainda hoje assistindo. Os Judeus esperavam, e muito, o Messias, sobre cuja personalidade foram nutrindo ideias estranhas e desencontradas, e muito diversas das do intuito divino, de modo que, quando veiu, elles o não conheceram; nenhum caso fizeram d'Elle pois parecia desprezivel, um leproso e humilhado por Deus (*Is.*, 53 : 1-4); e por isso foi posto no numero dos malfeitores que o condemnaram á morte da Cruz, porque, sendo homem, blasphemára dizendo-se Filho de Deus. De nada valeram o sancto ensino de Jesus, e os Seus milagres e os Seus appellos á velha Escriptura. Elles tinham olhos e ouvidos mas não viam nem ouviam, e mataram o Justo, a quem comtudo Deus resuscitou dos mortos. E, pois, os Judeus, em geral, nunca acceitaram a missão divina de Jesus, ou o seu character verdadeiro. Tambem Jesus, no Seu sermão prophetico, quando se approximava a Sua morte, previu que Jerusalem seria calcada e desolada por um exercito de gentios e que os Judeus seriam "levados captivos a todas as nações" (*Luc.*, 21 : 24). E isso mesmo aconteceu. O cêrco de Jerusalem, e a sua completa destruição quarenta annos depois da crucifixão de Jesus Christo, acabou de vez com o Templo e o Judaismo. Não morreu o milhão e tanto de habitantes á que allude Flavio Josepho, sempre exaggerado nos seus algarismos, mas a matança foi horrivel em consequencia do fanatismo com que os Judeus defenderam a sua querida cidade. Elles, que desde a epocha do Exilio já se achavam estabelecidos em muitos ponctos do Oriente, agora abandonavam ainda mais a Palestina, levando comsigo as suas Escripturas do Velho Testamento, formando-se em pequenas colonias que muito uteis foram ás vezes para a propagação do Christianismo. Elles fundaram escholas de litteratura sagrada em Tiberias, na Palestina, e tambem em Babylonia onde haviam permanecido muitos dos descendentes dos exilados. O Egypto, a Phenicia, a Syria, a Thessalia e todo o Peloponeso, Chypre, Creta e a

propria Roma [1] encheram-se de Judeus. Depois de Constantino, porêm, começou a perseguição delles que tem durado até quasi nossos dias. Ha somente 70 annos que os Judeus gozam de certos direitos politicos nos principaes paizes da Europa ao passo que ainda em alguns são excluidos desse gozo. Existem hoje talvez uns sete milhões delles espalhados pelo mundo, sem Templo central e sem patria e geralmente malquistos dos povos. Entretanto elles existem, elles ahi estão com a sua Escriptura,—o Velho Testamento—que guardam com tanto zelo como nós, e que, como nós, consideram a expressão genuida da intervenção directa de DEUS na sua historia. Elles ainda existem, quando os Babylonios e todos estes povos seus contemporaneos, excepto o Egypto, desappareceram para sempre. Ainda a proposito do Egypto a Biblia prevê o seu destino, a que tambem assistimos hoje. Ezekiel prophetisou, 550 annos antes da nossa era, que: "o Egypto será o mais submisso dos reinos. . . . E não haverá mais principe da terra do Egypto; e Eu espalharei o temor na terra do Egypto" (20 : 14; 30 : 13). E com effeito ha 2000 annos que não se vê ali o governo de um principe verdadeiramente egypcio, mas o paiz tem passado das mãos dos Babylonios ás dos Persas, Macedonios, Romanos, Sarracenos e Mamelucos. Os Judeus ainda existem, mesmo sem patria, repetimos, e elles são uma prova palpavel da divindade da nossa Religião que elles acceitam, cousa curiosa, até aquella revelação final que não podem ou recusam-se comprehender. Mesmo nesta descrença, nesta sua obcecação, elles cumprem um designio sublime de verdadeiros "servos do SENHOR," e são, por assim dizer, sacrificados para o bem da humanidade. É o que nos explica um dos seus maiores lettrados, convertido ao Christianismo,—S. Paulo. Diz elle: "Não quero, irmãos, que ignoreis este mysterio: . . . que a cegueira veio em parte a Israel, até que haja entrado" no Christianismo, "a plena multidão das gentes e que assim todo o Israel se salve, como está escripto. . . . E' verdade que quanto ao Evangelho elles são agora aborrecidos por vossa causa; mas, quanto á eleição elles são amados por causa de seus pais, porque os dons e a vocação de DEUS são irrevocaveis."—"Ao tempo em que eramos incredulos elles tinham a misericordia de DEUS: hoje nós temos a misericordia e elles são os incredulos. Porque DEUS fechou a todos na incredulidade para que Elle possa ter misericordia de todos" (*Rom.*, 11 : 25-32). O apostolo ainda explica que o Judeu é a bôa oliveira natural, em alguns de cujos ramos, que foram cortados, nós, zambujeiros, fomos

[1] Mommsen, *Hist. Rom.* 5 : 2.

enxertados. "Não te jactes contra os ramos, porque si te jactas vê que tu não sustentas a raiz mas a raiz a ti" (*Rom.*, 11 : 17-23).

Assim a raiz da nossa sancta religião está nesse tantas vezes secular desenvolvimento da revelação que começou com a gloriosa e misericordosa promessa de Deus á humanidade, logo que ella decahiu da Sua intimidade, promessa que se cumpriu quando o Espirito de Deus pousou no homem Jesus Christo na Sua plenitude, e, por Elle, póde pousar em todos nós os que cremos n'Elle. E deste modo nós nos podemos dirigir a Deus e exclamar com S. Paulo :

"O profundidade das riquezas, da sabedoria e da sciencia de Deus ! quão imcomprehensiveis são os seus juizos e quão inexcrutaveis os seus caminhos ! Porque, quem conheceu a mente do Senhor ? Ou quem foi o Seu conselheiro ? . . . Porque d'Elle, e por Elle e n'Elle existem todas as cousas : a Elle seja dada gloria por todos os seculos, *Amen*" (*Rom.*, 11 : 33, 36).

CAPITULO VI

O ADVENTO E O ENSINO DE JESUS CHRISTO PROVAM A DIVINDADE DO VELHO TESTAMENTO.—OS EVANGELHOS PROVAM A DIVINDADE DE JESUS CHRISTO

AINDA o que não acredite na inspiração da Biblia, precisa acceitar o testemunho que encontra ahi da corrente de um ideial, cujo ultimo elo é a personalidade de JESUS CHRISTO: d'Elle falla sempre, mais ou menos veladamente, essa historia de dezenas de seculos: n'Elle concentram-se os diversos fios da revelação divina a Israel. Elle realisou as promessas gloriosas que essas Escripturas traçaram de ante-mão e que de facto constituiram o motivo e a causa dessa historia, e o incentivo de que resultou o podermos hoje possui-las, graças á veneração e ao zelo com que os Judeus guardaram esse archivo divino ácerca do seu povo.

JESUS CHRISTO é, por assim dize-lo, o precipitado dessa lenta e divina distillação historica: é n'Elle que confluiu todo o curso dos fastos da antiguidade, e é d'Elle que se irradia por toda a historia, desde então, a luz que allumiará este cosmos espiritual humano até a consummação dos seculos.

Sendo indubitavel que em JESUS se realisaram as promessas da antiga Alliança que constam do Velho Testamento, segue-se que a missão do propheta nazareno divinisou para todo o mundo gentio essas Escripturas, ja pelos Judeus consideradas plenamente inspiradas; e segue-se parallelamente que são inspirados os escriptos que referem essa missão, isto é, que narram o que fez e disse JESUS CHRISTO na sua passagem pela terra, e como os seus discipulos interpretaram desde logo os objectivos do seu advento e os resultados immediatos delle. Assim, cada uma destas duas partes da Biblia confirma a outra: o Velho Testamento ficaria no ar sem o Novo, e este perderia toda a sua razão-de-ser sem o Velho:—o que fez S. Agostinho dizer que, si o Velho tem, latente, o Novo, este o torna patente.

Poderiamos appellar para a historia destes ultimos vinte seculos que, melhor do que quaesquer argumentos, comprova tudo quanto reclamamos para o Christianismo, e, principalmente, para a pessôa de CHRISTO, como o complemento logico

das revelações parciaes e lentas que approuve a DEUS fazer-nos na historia dos Hebreus. Concretisemos, porêm, as provas que aqui mais nos interessam, da divindade dessa parte da Biblia que contém a narrativa da missão de JESUS CHRISTO, —desse " varão approvado por DEUS " (*Actos*, 2 : 22),—desse Seu " Filho amado " no qual Elle pôz toda a sua complacencia (*Matt.*, 3 : 17),—o " Filho singularmente amado " (*Marcos*, 1 : 11 ; *Luc.*, 3 : 22). Vejamos rápidamente (pois só assim póde tão magno assumpto ser aqui tractado, n'uma *Introducção* a esses mesmos estudos) as razões por que acceitamos na verdade que JESUS foi realmente esse " varão approvado por DEUS " a quem devemos ouvir.

Ve-se desde logo que não basta estudar o ensino moral de JESUS, mas precisamos essencialmente considerar bem a sua propria Personalidade, que é da essencia da sua Religião. Nos differentes credos e philosophias não importam as pessoas dos seus fundadores ou propugnadores : as suas doctrinas não dependem delles mesmos. Não assim o Christianismo : ahi o mesmo JESUS CHRISTO, a Sua Personalidade constitue a propria religião e tentar separar JESUS da sua Religião é pretender separar a alma do corpo. JESUS é o unico objectivo da Religião : é Elle proprio quem nos resgata e salva, quem nos justifica. Alem disso, diverso de todos os Prophetas, que nos deram recados divinos e se foram, Elle veiu trazer-nos a revelação completa de nossas relações com DEUS e nos explicou auctorizadamente a Sua natureza não só infinitamente paternal e misericordiosa como infinitamente justa como Creador e Juiz ; e foi por isto que JESUS CHRISTO, Filho de DEUS, e irmão, na carne, do homem, tomou o logar deste e expiou por elle a sua falta, o seu peccado, justificando-nos, sanctificando-nos e promettendo-nos a presença do ESPIRITO SANCTO depois de Sua morte, a resurreição e a vida eterna,—a nós que pela fé e confiança na Sua obra *pessoal* acceitamo-la de todo o coração.

Para bem comprehender-se a Personalidade de JESUS CHRISTO esbocemos aqui primeiramente o Seu ensino sobre DEUS e o homem, segundo vemos nos Evangelistas. Si CHRISTO era o fundador de uma Religião precizava antes de tudo revelar qual a natureza do Ente Supremo. O humilde Mestre de Nazareth proclamou um DEUS unico e indivisivel, ao qual está subjeito o Universo,—Rei Eterno, Immortal, Invisivel. " DEUS é Um só e não ha outro fóra d'Elle " (*Marc.*, 12 : 32). É um ente perfeito que cumpre-nos imitar, que recompensa aos que fazem bem, que vê o que fazemos em secreto (*Matt.*, 5 : 48 ; 6 : 1, 4) ; Senhor do Céo e da Terra (*Ib.*, 11 : 25), que

faz nascer o Seu sol e vir a Sua chuva sobre bons e máos, sobre justos e injustos.

Mas este DEUS Unico, apregoado por Seu Filho, não era o DEUS cuja Justiça fosse a vingança; cuja Providencia fosse uma interposição arbitraria, cuja Revelação um segredo confiado a poucos, cujo character, em summa, fosse um complexo de caprichos, virtudes, paixões humanas. Não: DEUS é o Pai do Céo: nós, o genero humano, a Sua familia; JESUS CHRISTO revelou com a Paternidade de Deus a egualdade humana, a verdadeira Fraternidade. JESUS nos dá em DEUS um Pai justo, e ainda, mais affectuoso do que a mais terna das mãis. Nelle a intelligencia, os affectos, as aspirações da alma do homem podem descançar, pois nelle acham a verdadeira vida, o Espirito que presidiu á fundação do mundo e que regula todas as suas relações.

Para tornar mais clara a sua revelação do Pai, JESUS CHRISTO nos ensina que oremos a Elle, pedindo que, antes de tudo, Seu "nome" seja sanctificado e que vivamos sob o seu regimen de graça e verdade. É o Pai quem nos dá o pão necessario, quem não quer que nos conturbemos pelo alimento ou pelo vestuario porquanto elle mesmo providencía até pelo alimento dos menores animaes, nenhum dos quaes morre sem Elle; e pelo vicejar das flores do campo, que duram apenas um dia (*Matt.*, 6 : 28-32, e 10 : 29). O Pai do Céo sabe de todas as nossas necessidades antes até de lh'as expormos em nossas preces. Si um pai terreno se apraz em deferir aos pedidos de seus filhos, quanto mais, pergunta JESUS, o nosso Pai do Céo dará bens aos que lh'os pedirem? (*Matt.*, 10 : 32 e 7 : 7.) O Pai celeste é doce e de muita misericordia. "Bom só DEUS o é." Elle perdôa as nossas dividas, livra-nos das tentações e do mal.

Não é a vontade de nosso Pai que está nos Céos que pereça um destes pequeninos (*Matt.*, 18 : 14), isto é, uma dentre cem ovelhas que se extraviar do caminho da Verdade. Elle apraz-se em revelar a Sua Verdade aos pequeninos quando os sabios e entendidos não podem comprehendel-a.

Devemos honral-o, não com os labios, mas com o coração (*Ib.*, 15 : 13). Não basta invocar frequentemente o nome de DEUS: só entra no Seu Reino quem fizer a Sua vontade (*Ib.*, 7 : 21).

Amal-o de todo o nosso coração, de toda a nossa alma, de todo o nosso entendimento é o maximo e o primeiro mandamento de JESUS. E o segundo, sinilhante a este, é amar o proximo como a nós mesmos (*Matt.*, 22 : 37-39).

DEUS perdôa os nossos peccados, mas só perdoará aos que do intimo do coração perdoarem a seus "irmãos" (*Ib.*, 18 : 23-35).

JESUS frequentemente refere-se ao Pai, e ao " Reino do meu Pai " (*Matt.*, 26 : 29). " Eu preparo o Reino para vós outros, como meu Pai o tem preparado para mim " (*Luc.*, 22 : 29). " Meu Pai até agora não cessa de obrar " (*João*, 5 : 17). " Eu não sou só, mas Eu e o Pai que me enviou " (*Ib.*, 8 : 16). " O Pai tem a vida em si mesmo " (*Ib.*, 5 : 26). " E' chegada a hora em que vós não adorareis o Pai nem neste monte nem em Jerusalém " (*Ib.*, 4 : 21). " E eu rogarei o Pai e elle vos dará outro Consolador " (14 : 16). " Para que tudo quanto vós perdirdes a Meu Pai, em meu Nome, Elle vol-o conceda " (*Ib.*, 15 : 16). " Eu sahi do Pai e vim ao mundo : outra vez deixo o mundo e torno para o Pai " (*Ib.*, 16 : 28). " Lhes ordenou que não sahissem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai " (*Actos*, 1 a 4).

JESUS estabelece assim repetidamente, entre DEUS e o homem, este laço positivamente intimo, que designa nossa derivação de DEUS mesmo. O espirito humano é progenie immediata e directa do Espirito Eterno, e, por conseguinte, é o Seu reflexo, a Sua imagem, mais ou menos apagada. DEUS não só creou os espiritos : é o Pai delles. É mais do que um Rei, pois essa relação se dissolve e não funda-se na propria natureza. Não somos meros subditos, mas filhos. Sim, a Paternidade de DEUS é uma realidade. O amor paterno é o verdadeiro elemento em que vive DEUS o Todo-Poderoso, o Todo-Justo, o Todo-Eterno. O Seu Amor é a força que impelle este universo e o tem unido ; e JESUS CHRISTO é o Seu Filho Eterno que nol-o revelou na carne humana !

Si sobre a natureza de DEUS, JESUS CHRISTO nos fez tão extraordinaria revelação, não menos portentosa foi a que communicou ao homem sobre a sua propria alma. Desde que DEUS é nosso Pai, concebe-se quão exaltada ficou sendo a nossa posição, e entende-se porque JESUS nos disse : " Sede perfeitos, porque vosso Pai celestial é perfeito,"—proposição que á primeira vista pareceria incongruente.

Este corpo é apenas um involucro, uma tenda temporaria em que habita o Espirito. A vida é uma peregrinação passageira, um preparo para outra vida, eterna e real, e por conseguinte um preparo muito serio e solemne. O maximo cuidado da vida é o da sua parte eterna, o da alma. " De que aproveita ao homem ganhar tudo si perder a sua alma ? " pergunta JESUS. Assim, pois, a verdadeira Religião, a communhão com DEUS, não é o cumprimento de obrigações externas, mas a conformação do que em nós ha de mais intimo com a Sua vontade.

Partindo destes principios é facil ver o que exige JESUS CHRISTO do Seu discipulo. Em duas palavras, é o Amor o mais inteiro a DEUS, o Pai ; e, similhantemente, o amor o mais inteiro a nossos irmãos, sem distincção de raça ou credo ou condição de vida. É a piedade, a abnegação, o procurar o bem do proximo, o perdão das injurias, a perfeita pureza do coração, a suppressão desapiedada de quanto nos póde escandalizar, e nos faz incidir no erro moral.

E como a vida é um provança passageira, JESUS nos ensina que ella não é alvo a que se devam encaminhar nossas aspirações : Sua resurreição gloriosa é não só uma consolação, mas, para nós, que cremos na Sua missão divina, um direito fundado na Sua promessa.

" O céo e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão." Neste presupposto, segundo o qual o homem adquire uma apreciação mais ou menos exacta do verdadeiro designio da vida, como se mudam nossas idéas de felicidade ! O homem carrega a sua Cruz com resignação e paz ; soffre a dor physica e moral com esperança, e chora por assim dizer com alegria. JESUS CHRISTO veiu arrancar-nos de nós mesmos, e deste mundo. Com seus braços estendidos na Cruz e suspenso entre o Céo e a Terra, Elle mostra por todo o tempo a verdadeira posição da humanidade.

O ensino de JESUS, porém, não seria completo si não explicasse á humanidade a razão deste seu estado transitorio e incompleto. Tudo parece preencher o seu destino no Universo : e á primeira vista ha uma causa profunda que abalou de sua posição originaria o homem na terra. Conceber a existencia de um DEUS pessoal, bom e eterno e, do outro lado, a creação de um ente cujas afflicções se renovam cada dia, como o proprio JESUS declarou, é admittir dous termos contradictorios ao mesmo tempo. Qual foi, pois, esta causa que assim desorganizou a harmonia da obra de DEUS ? JESUS CHRISTO nos dá a resposta : de facto, desenvolve a resposta que DEUS desde o principio da creação déra e que fôra conservada, melhor que em qualquer outra parte, pela historia, pela moral e pela religião de povo Judeu. JESUS declarou, porém, claramente, que a unica e grande causa desta desharmonia era o rompimento do laço sagrado da alma, e de DEUS ; era a nossa rebellião, no espirito, no affecto, na obediencia a DEUS ; rebellião accintosa, intelligente, desde que eramos seres " livres " e podiamos ter bem dirigido a nossa liberdade. A desobediencia provou ser uma maldicção que se perpetuou e se propagou e o homem foi perdendo a verdadeira ideia de DEUS. O testemunho decisivo e constante da historia até o apparecimento

de JESUS nos mostra apenas aqui e alli um raio luminoso e claro sobre o Pai Eterno e Seu character, e nos mostra apenas um povo que conservou sobre Elle tradições e leis mais depuradas dos absurdos que vogavam no mundo sobre a personalidade divina. JESUS CHRISTO é "o Filho bem amado" que veiu restabelecer a Verdade, a exacta relação entre DEUS e o Homem, ensinando que a causa da separação deste e do seu Creador era o "peccado."

JESUS, porém, ensinou mais. A transgressão contra o DEUS infinitamente sancto, infinitamente *justo*, não podia deixar de ser punida, e é punida com a *morte*.

E esta verdade era conservada pelo povo de Israel, no qual nasceu JESUS. O povo judeu não era, "naturalmente," mais puro que outro qualquer. A sua historia só mostra como era nelle forte a tendencia ao erro, ao perigo de subjeitar a sua intelligencia ás forças cosmicas e sensuaes. Em todo o caso é no povo judeu que encontramos, não a melhor philosophia sobre a constituição do universo, mas a expressão da verdade mais profunda da vida, referente a esta nossa dependencia constante de DEUS,—a existencia da Religião como origem da Verdade, da Moral.

Até aqui demos uma ideia geral do ensino de JESUS CHRISTO sobre DEUS e Sua naturesa, a Sua sanctidade, que não póde absolutamente pactuar com o peccado. Precisamos agora mostrar o que JESUS ensinou sobre a Sua propria Personalidade. Antes de tudo observemos que Elle chamou-se "Filho do homem" e "Filho de DEUS." Com a primeira designação proclamou que nasceu da mulher, que revestiu nossa carne e foi *homem*, subjeito a todas as alegrias, tambem a todas as dôres dos homens, excepto a d'Elle mesmo peccar. E quanto á segunda designação, JESUS declarou, desde que entrou no scenario publico aos trinta annos de edade, que Sua missão era consagrada pela declaração divina de ser Elle o Filho bem amado de DEUS, ao qual deviamos ouvir. Aos Apostolos elle diz: "Basta ao discipulo ser como seu Mestre e ao *Servo como seu Senhor*." Promette-lhes que o que o confessar deante dos homens tambem será mencionado por Elle deante de DEUS, *Seu Pai*. Precisava do sacrificio delles: o que amava pai, mãe ou filhos mais do que a Elle, não era digno d'Elle: o que perdia a vida por Elle, acha-la-hia; e o que fizesse o minimo serviço ao mais humilde dos homens não perderia a sua recompensa. De facto, JESUS CHRISTO declarou-se sempre e francamente FILHO DE DEUS, assegurando

recompensas e castigos futuros, promettendo intercessão com DEUS e novamente exigindo o mais completo sacrificio pessoal no Seu serviço. Elle intitula-se não só Mestre mas *Senhor* dos discipulos e falla com auctoridade de Suas relações com DEUS. Não se tracta só de um propheta inspirado que refere o que lhe parece ter ouvido de DEUS, mas de um que deliberadamente assegura ter toda a intimidade com DEUS, de quem recebeu certa missão a executar, e que quer nisto ser auxiliado pelos discipulos, até com o sacrificio da familia, do mundo e da vida.

Dir-se-hia que tudo isto não passava de exaltação pela Sua supposta missão ; mas não ; JESUS CHRISTO sustenta as Suas pretenções em todo o terreno : Ella dá graças ao Pai que escondeu estas cousas aos sabios e entendidos e as revelou aos pequeninos, aos humildes na fé. E ainda mais : Elle promette paz e descanso ás almas dos que o procurarem e tomarem o Seu jugo, pois este é suave e leve. E o seu ensino tão adeantado e tão avesso ao legalismo ôco das auctoridades ecclesiasticas do tempo, começou a attrahir-lhe a sua repugnancia e aversão e depois o seu odio.

JESUS declarou que tudo nesta terra lhe fôra entregue pelo Pai, e que ninguem conhecia o Pai sinão Elle ou a quem Elle o quizesse revelar.

Elle assume poderes certamente divinos declarando que todo o peccado póde ser perdoado ao homem mas não o que fôr commettido contra o ESPIRITO SANCTO : este não ser-lhe-ha perdoado nem agora *nem no outro mundo.* E quando os escribas e phariseus lhe pediam um prodigio, Elle ainda deu-se como divino, alludindo á allegoria de Jonas e da baleia.

Nas suas parabolas JESUS CHRISTO compara-se ao semeador que semêa a palavra divina, que cresce ou não segundo o terreno em que cae ; ás vezes ella cresce bem mas vem a cizania, ou os maos filhos, disputar-lhe a vida : JESUS annuncia que no fim do mundo o Filho do homem queimará esta cizania. A Sua verdade, diz tambem, é como o homem que busca boas perolas mas que, achada uma, preciosissima, vende todos os seus haveres para obte-la.

Na impugnação dos abusos ecclesiasticos, nosso SENHOR não se limitou a defender a Lei mosaica e a attacar doctrinas dos homens que as auctoridades tinham feito passar como mandamentos divinos : JESUS annuncia-lhes o proximo castigo : elles são os maos lavradores que matam primeiro os servos do dono ou " pai de familia " e depois o seu proprio filho unico, quando vão receber delles o aluguel da vinha : elles mesmos serão destruidos rigorosamente, e a vinha a passaria a outros.

Mais claramente, diz ainda que o reino dos céos,—a verdadeira religião,—lhes seria tirado e dado a um *povo* que faria os fructos delle. Ás questões que os ecclesiasticos lhe propunham para que cahisse em alguma explicação anti-legal, e tivessem assim meio de accusa-lo, JESUS responde sempre tão cabalmente que elles e o povo ficavam estupefactos. Mas a uma dessas perguntas, que versava sobre o casamento levitico, o Mestre ensina que no outro mundo não haverá casados nem solteiros, mas serão como Anjos de DEUS no céo. E sobre a resurreição, DEUS não é DEUS de mortos, mas o de vivos. Em resposta a outra pergunta Elle redargue com outra questão : como David chama seu filho de *Seu Senhor* ? E a resposta ficou apenas subentendida.

Accusando formalmente os escribas e phariseus, que constituiam o corpo dominante da religião de então, JESUS CHRISTO recommendou ao povo que observasse os seus ensinos mas não a sua práctica ; disse que só havia um Mestre, que era Elle mesmo, e só havia um Pai, que era DEUS. Na sua invectiva contra os phariseus, o Mestre disse que Elle é quem vai mandar prophetas, que elles farão morrer : e, desolado com a ingratidão e infidelidade de Jerusalem, o SENHOR declara que não o tornarão a ver até que o bemdigam como vindo em nome de DEUS. Com effeito JESUS diz calmamente que o céo e a terra virão a passar, mas as Suas palavras não passarão. Quando vier o Filho do homem, todas as gentes congregadas, Elle executará o Seu juizo entre os homens bons e maos.

Na ultima Ceia, da paschoa, Elle manda que Seus discipulos tomem um bocado de pão, e passando o calix, com algum vinho, disse que isso era o Seu corpo e o Seu sangue da Nova Alliança, que precisava ser derramado para remissão de peccados.

Preso, depois da agonia do Gethsemane, e levado a Pilatos governador romano, e accusado falsamente pelas auctoridades influentes do Templo e pela plebe que as seguia, foi entregue ao supplicio mais humilhante e mais doloroso que era conhecido, e JESUS expirou. Antes disso, porêm, nessa hora suprema que precedeu á Sua morte, a que quiz entregar-se, JESUS confessou claramente, sob juramente ministrado pelo summo sacerdote, que Elle era certamente o CHRISTO, FILHO DE DEUS. Sepultado, elle resurgiu dos mortos ao terceiro dia, sendo isto testemunhado pelos onze Apostolos, pelos que os accompanhavam, homens e mulheres, e por muitos que viviam no tempo de S. Paulo. E ainda depois de resuscitado Elle declara que DEUS lhe dera todo o poder no céo e na terra

e que Elle estaria pelo Espirito divino com os seus discipulos todos os dias até a consummação dos seculos.

A esses extractos sobre a origem divina que JESUS reclamava para a Sua Pessôa podemos accrescentar outros, do Evangelho de S. João, que é o mais espiritual dos quatro. JESUS "era a luz verdadeira, que allumia a todo o homem que vem a este mundo. . . . Aos que o receberem deu Elle o poder de se fazeram filhos de DEUS."—JESUS, como o Verbo, que desde o principio estava com DEUS, se fez carne e habitou entre nós. É Filho unigenito do Pai, cheio de graça e de verdade.—Importa que o Filho do homem seja posto no alto, como foi levantada a serpente no deserto, para que todo o que crer n'Elle não pereça, mas tenha a vida eterna.—DEUS deu ao mundo Seu Filho unigenito para que o que crê n'Elle não morra mas tenha a vida eterna.—É chegada a hora em que os verdadeiros adoradores serão os que adorem ao Pai em Espirito e Verdade.—Á mulher samaritana JESUS declarou que Elle era o Messias.—Assim como DEUS resuscita os mortos, assim tambem o Filho, disse JESUS, resuscita os que quer.—O que não honra o Filho, não honra o Pai.—Assim como o Pai tem a vida em Si mesmo, assim tambem deu Elle ao Filho ter vida em Si mesmo.—DEUS, que O enviou é quem dá testemunho delle.—Eu sou o pão da vida: o que vem a Mim não terá jámais fome.—Eu desci do céo para fazer a vontade d'Aquelle que me enviou.—Si não comerdes a carne do Filho do homem, e beberdes o Seu sangue, não tereis vida em vós. O que a comer e o que o beber, Eu o resuscitarei no ultimo dia.—Qual de vós me arguirá de peccado?—Si alguem guardar a minha palavra, não verá a morte eternamente.—Meu Pai é quem me glorifica, Aquelle que vós dizeis que é vosso DEUS.—Tu cres no Filho de DEUS? . . . É Aquelle mesmo que falla comtigo.—Assim como meu Pai me conhece, tambem Eu conheço a meu Pai. Eu e o Pai somos uma mesma cousa.—Eu sou a Resurreição e a Vida: o que crê em Mim, ainda que esteja morto viverá, e todo o que vive e crê em Mim não morrerá eternamente.—As palavras que Eu vos digo não as digo de Mim mesmo; mas o Pai, que está em Mim, esse é o que faz as obras.—Eu não vos hei de deixar orphãos; hei de vir a vós.—Disse-vos estas cousas permanecendo comvosco; mas o Consolador que é o ESPIRITO SANCTO, a quem o Pai enviará em Meu nome, Elle vos ensinará todas as cousas, e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dicto.—Aquelle que me aborrece aborrece tambem meu Pai.—Eu sahi do Pai e vim ao mundo; outra vez deixo o mundo e volto ao Pai.—A vida eterna consiste em que conheçam a DEUS como o

unico DEUS verdadeiro, e a JESUS CHRISTO por Elle enviado á terra.

Ao passo que muitas outras affirmações de JESUS CHRISTO sobre a Sua Pessôa podiam não exprimir mais do que as que um desses raros genios do mundo é levado por ventura a proclamar, as suas outras asserções não deixam a menor duvida que *Elle se dizia Deus incarnado, com uma missão do Pai, ao qual voltaria, depois de soffrer o supplicio em que offereceu o Seu corpo e o Seu sangue pelo homem.* Ora essas declarações formaes da Sua Divindade ou são verdadeiras e comprovadas historica e moralmente, ou então são a summa ultima de um punhado de illusões mysticas que se formaram ao redor da Sua figura historica nos primeiros annos depois de Sua morte por discipulos enthusiasticos, taes illusões constituindo o material dos Evangelhos ou ao menos incrustando-se nelles e assim correndo como historia. Ou então o proprio JESUS CHRISTO, reconhecido como um grande moralista e dotado das mais elevadas concepções religiosas deixou-se allucinar acreditando no seu desvario que tinha toda essa missão, e todos esses poderes referidos, na terra e no céo. Estas allegações da critica dos scepticos e dos indifferentes ociosos não resistem ao menor toque do senso-commum.

Comecemos pela ultima alternativa: os descrentes não se animam a aventar que JESUS mantinha pretenções falsas ao papel de Messias; mas que permittiu-se acreditar sinceramente nesta illusão, escravisando-se a esta ideia e por ella morrendo. Em primeiro logar todas as Escripturas, como vimos, aponctavam para um Judeu que viria salvar o seu povo, e cuja missão estava descripta pelos prophetas do Velho Testamento. Elle era o filho de David, e o disse; a esse filho DEUS fizera as promessas que se lêm nas Escripturas, já acima citadas; JESUS sabia, como qualquer escriba, que em Sião, isto é na Religião dos Judeus, DEUS congregaria todas as nações sob o Seu estandarte, estendendo a todo o mundo o conhecimento do Seu nome. JESUS tinha a consciencia de que Elle era o escolhido de DEUS, segundo multiplas revelações da Escriptura; e a estas Escripturas Elle appellou continuamente como a uma carta de apresentação. Que allucinação, pois, póde haver aqui? Si Jesus não foi o Messias de quem fallavam os prophetas, quem foi ou é esse Messias? E como então explicar a rejeição dos Judeus, a que assistimos ainda hoje com os nossos olhos? Demais, si os Evangelhos e S. Paulo e os outros escriptores do Novo Testamento foram victimas desta allucinação do seu Mestre como se explica que o mundo inteiro seja victima de uma sombra ha vinte seculos e

apoz a mais rigorosa critica dos homens mais intelligentes do mundo ? A theologia christã, com seus complicados problemas, torna-se vã : São Paulo que primeiro lançou-lhe as bazes só era um louco que construiu um edificio magestoso e sólido tendo por alicerce uma allucinação : todo o Christianismo torna-se n'uma fantasmagoria, e nós temos de nos contentar como o vasio do nada em materia de revelações do nosso Creador, que sentimos ser tambem nosso Pai. Toda esta civilização que se ergueu no vasto fundamento da Bôa-nova de Jesus Christo, todo este acervo de esforços altruisticos de seculos que tanto conseguiram para a felicidade e progresso moral humano,—tudo isto não passa de uma egregia mentira, e aquelle resplendor na cabeça do Crucificado só teria o brilho emprestado do Seu falso enthusiasmo por uma illusão ? Felizmente a cousa é absurda e cae por si mesma : bastaria até considerar mesmo o character humano de Jesus para rejeitar-se a mera possibilidade de uma intelligencia tão perfeitamente equilibrada, de uma calma tão severa, de uma clarividencia tão accentuada do futuro, tornar-se o joguete de uma illusão como esta, só explicada pelo orgulho do demonio e pela blasphemia do impio, si Elle não fosse, felizmente para a humanidade, o que disse ser.

Examinemos agora a outra alternativa : Não teria sido Jesus quem annunciou que Elle era Deus ; os seus discipulos immediatos, offuscados pelo sublime typo do seu Mestre, crearam legendas sobre a Sua divindade e estas acharam guarida no material de que serviram-se os Evangelistas. Esta hypothese, mais absurda, si é possivel, do que a primeira, dissipa-se ainda mais de prompto. Notemos desde já que neste caso os Evangelistas não estariam só. Antes de circularem as suas collecções já S. Paulo, que fôra tenaz adversario dos novos ensinamentos e revelações, explicava muito mais detidamente a naturesa da missão de Jesus Christo e, bazeado nas Velhas Escripturas, empregou argumentos, e razões, de que nunca lançaram mão os Evangelistas, mas que são bazeados *nos mesmos factos* por elles referidos.

Quem lê os Evangelhos, sobretudo os trez synopticos, repara logo que seus auctores não pretendem recommendar ou discutir, ou elogiar ou condemnar cousa alguma, limitando-se a descrever acontecimentos da vida de Jesus Christo e a registrar as suas Palavras com a mais severa simplicidade, concisão, e veracidade. Não se vêm ali expressões da admiração que de certo tinham pelo protogonista da sua historia, nem do horror que deveria ter-lhes causado o procedimento do summo-sacerdote em pedir a Cruz para Jesus. Entretanto o maravilhoso

é que nesta grande sobriedade de traços estes quatro escriptores pinctaram o retracto mais sublime que a humanidade jamais viu! Basta considerar por um momento o que é esta "creação" para se realizar como é absurda esta ideia da possibilidade de terem os Evangelistas excogitado de commum accôrdo um Jesus Christo ideial e legendario. O poeta crearia um Rei-escravo; um Sabio humilde á sabedoria mundana; um amor que não conhece limites á sua dedicação; uma abnegação completa á vontade de Deus; um martyrio divinamente soffrido;—e tudo isto delineado em toda a viveza de cores locaes, com todo o brilho, com toda a intuição que dá vida sua e individual a esses characteres impressivos que o genio crêa, e que ficam participando do nosso dominio intellectual. Mas os Evangelistas não delinearam apenas um dos heróes gloriosos da historia; nem eram litteratos ou poetas. Elles nos descreveram, com a maior simplicidade que é possivel conceber,—com alguns traços apenas—não um mero varão extraordinario, porêm sim o *Filho de Deus*, um Homem cujo character, a despeito delles mesmos, era a propria Perfeição. Nos Seus ensinamentos, alias apresentados por elles com inconsciente ingenuidade e singeleza, está a ultima expressão de todas as philosophias, o conhecimento profundo e completo da natureza humana, a solução do problema da nossa vida, o centro de toda a Historia da humanidade.

Não nos revelaram elles apenas um heróe, um Homem, mesmo um Homem-perfeito e sancto,—mas seu Deus. Como explicar esta *creação* sua que os fazia *adorar* com o mais profundo respeito o ente por elles mesmos creado? Não era de certo a Seu ensino apenas que o fazia adorado: Moysés ensinou e admiravelmente, e nunca foi adorado. É que na personalidade de Jesus Christo havia uma auctoridade innata, uma grandeza especial, inexplicavel, que se impunha como a propria expressão de Deus na carne humana; e se impunha independentemente dos actos sobrenaturaes que operou; ora, esta concepção não podia ser humana.

O character de Jesus, representado pelos Evangelistas, é sem egual no esplendor soberano da Sua Personalidade. Cada uma de Suas palavras, que despretenciosamente consignaram, traz o cunho da verdade e da eternidade. Ha perto de vinte seculos este character é estudado pelos mais profundos pensadores do mundo, pela subtileza dos maiores philosophos que não acreditam no sobrenatural: e, como a multidão que com espadas e varapáos o foi prender no jardim de Gethsemane, estes Seus inimigos recuam e cahem ao chão.

E não é tudo. Os Evangelistas descrevendo a Personalidade

de Jesus Christo tiveram de pôr em Sua bôcca certos ensinos, certas respostas que deu a perguntas que lhe faziam, certas considerações que enunciou sobre o futuro do Seu povo, sobre o futuro da humanidade, sobre os mais tremendos problemas que agitam o nosso coração : como explicar-se que estes pescadores e collectores de impostos, sem instrucção, sem pretenção alguma a " fazer eschola,"—ao contrario, referindo elles mesmos a imperfeição de sua propria fé, as vacillações da sua propria visão intellectual e moral, á cobardia de sua propria conducta,—pudessem engendrar uma religião inteira, um *systema* que veiu ao mundo para ficar para todo o sempre como a rocha da salvação da humanidade ? De onde veiu essa enorme erudição, á que sempre está alliado o " simplex veri sigillum," —tão despida da fogosa eloquencia dos seus proprios prophetas ? E si nos disserem que essa erudição magnifica não era delles, mas de Jesus Christo que com effeito admittiriam ter sido um genio, um grande homem ou um sancto, então precisarão reconhecer simultaneamente que os Evangelistas referiram uma historia que não póde deixar de ser genuina e verdadeira e que, si elles descreveram fielmente, ao menos coherentemente, os ensinos tão profundos e tão novos do seu heroe o que lhes era difficil a elles, pobres ignorantes,—com maior força de razão devem ter descripto fielmente o que esse mesmo heroe " fez," isto é, os actos externos de Sua vida e de Sua morte,—a parte *historica* da Sua missão. É absurdo e contraproducente admittir de um lado, um ensino que Spinosa denominou de " melhor e mais verdadeiro symbolo de sabedoria celeste " ; que Kant chamou de " perfeição ideial " ; que Hegel achou ser " a mais completa união do divino e do humano," e que Renan disse ser " incomparavel " ;—e do outro lado negar aos que, com toda a inconsciente candura e simplicidade nãs preservaram tão sublime sabedoria, a mesma lealdade quando referem os differentes actos da vida do Mestre, inclusive o que nella nos parece sobrenatural, isto é, o que apparentemente não podendo nós fazer, tambem acreditamos que similhante Mestre de tão exaltada sabedoria divina, de tão ideial perfeição, não poderia tão pouco fazer.

Sejamos coherentes. Si estes homens depois de nos transmittir de Jesus Christo quanto basta para nos fazer crer que Elle é um Ente transcendental, não devem ser cridos no que toca a alguns acontecimentos de Sua vida terrena, do que aliás elles mesmos não fizeram cabedal e de cuja importancia confessaram até não ter ideias claras,—então não se creia tambem no Seu ensino, na Sua moral, que valem tanto ou mais do que todos os " milagres " que practicou. Si estes

pobres homens que se tornaram missionarios propagadores do que disse o seu Mestre e Senhor, e que, victimas de alguma demencia, sacrificaram, um a um, as suas vidas na fogueira, ou no circo, ou de outra fórma cruel, todos julgando-se bem aventurados com a sorte que lhes cabia,—si elles, dizemos, só merecem fé em parte do que escreveram, e falsificaram grosseiramente outra parte da Vida de JESUS, então que se acabe com tudo que é Historia ou Critica da Historia.

Felizmente a " historia " tem resistido e resistirá por todos os seculos aos que procuram substituil-a por suas opiniões preconcebidas sobre o mundo, a alma, DEUS e o futuro,—por sua philosophia.

Os Evangelistas nos dão historia, historia verdadeira : e si a sua representação de CHRISTO parece ideial é só assim porque copía estrictamente da realidade. Como disse o Cardeal Wiseman : " Os Evangelistas devem ter copiado o modelo, que representam. A harmonia dos traços moraes que dão a JESUS CHRISTÓ só póde proceder da exactidão com que copiaram, pois esse character é inteiramente reluctante ao seu proprio typo nacional, e contrasta com os que o costume, a educação, o patriotismo, a religião e a natureza pareciam ter consagrado como os mais bellos de todos."

É impossivel conceber um quadro mais augusto, cuja impressão em nosso ser moral e intellectual penetre mais fundo, do que este de nosso SENHOR JESUS CHRISTO nos Evangelhos : o grande pinctor Fra Angelico só ajoelhado tomava da sua palêta e do seu pincel para debuxar na tela o que elle ideialisava ter sido o rôsto do Salvador : lendo este conjuncto dos quatro Evangelhos nossa alma tambem sente querer exclamar, como os Seraphins da visão de Isaias : " Sancto, sancto, sancto . . . cheia está todo a terra da Sua gloria ! " (*Is.*, 6 : 3) ; ou então, adorando-o, deseja protestar com o centurião de Cafarnaum : " Senhor, não sou digno de que entres na minha casa ! " (*Matt.*, 8 : 8). Como teria sido possivel a estes quatro homens sem muita educação combinarem entre si um retracto destes, feito em tempos diversos ?

Trez Evangelistas vinham do povo, da gente simples : e o outro era medico. Todos careciam daquella elevação intellectual necessaria para a execução de uma obra prima nas lettras. Si de um lado sentiam-se fascinados pela sublime grandeza moral do seu caro Mestre, já resurrecto na gloria, do outro lado arrastavam-os para o silencio as suas tradições nacionaes muitas vezes seculares, e de que agora precisavam emancipar-se. N'um meio quasi universalmente hostil á novidade apresentada por JESUS como religião, só a sua muita fé, e a confiança illi-

mitada na Resurreição que testemunharam podiam sobrepujar tão fundos e respeitaveis preconceitos e dar-lhes alento para escreverem os Evangelhos. Entretanto só os movia essa fé no Senhor JESUS CHRISTO: sem talentos especiaes, emprehenderam simplesmente colleccionar materiaes diversos, já existentes e legar por escripto os factos a que assistiram,—e não todos, de certo,—sobre o seu querido Mestre. Foi deste modo que produziram essa imagem grandiosa do Salvador onde não se vê, mas sente-se o elemento divino pairando sobre o humano e misturando-se com elle de um modo para elles mesmos anormal e incomprehensivel. O Rei dos céos e da terra apresenta-se-nos como um pobre humilde e soffredor paciente das injustiças deste mundo; a sanctidade de Sua vida era natural e desaccompanhada daquella austeridade apparente que seria tão mundano esperar; a Sua doçura vem combinada com um denôdo energico na defesa da Verdade, que se não pode bem perceber: tudo nessa imagem é um maravilhoso conjuncto da traços discordantes que um homem ou homens se não lembrariam de querer delinear sinão propulsados por força superior.

E como foi, pois, que estes quatro homens poderiam conseguir que desta fusão dos fructos de sua reminiscencia ou dos factos já notados por escripto por elles mesmos ou por outros, surgisse aquella imponente figura de JESUS CHRISTO dos Evangelhos? Para nós seria isso impossivel; mas DEUS tudo pode. Estes homens simples referiram apenas, com toda a sua ingenuidade, os principaes successos da passagem de JESUS pela terra nesses trez annos em que annunciou e effectuou a Nova Alliança, desta vez com todos os povos da terra. Elles tambem reproduziram os Seus principaes dictos aos apostolos, aos pobres a quem curava, ao povo em geral, e aos phariseus, escribas e outros que tiveram de discutir com Elle. Cingiram-se, como já dissemos, a notar *factos*, sem o menor commentario ou opinião sua, e é destes *factos*, assim relatados com a maior precisão e singelesa, que assoma aquella deslumbrante figura da Divindade incarnada em CHRISTO.

Teria sido impossivel aos Evangelistas o emprego de material mythico? Desde que lançavam mão desse elemento tão incerto e phantastico entrariam em terreno sem baze e cada um dos quatro iria para o seu lado, e o seu trabalho conjuncto não poderia mais apresentar aquella assombrosa cohesão que todos vemos nelle. Os descrentes que propuzeram esta hypothese absurda do mytho, elles mesmos admittem que ha de certo uma parte historica nos Evangelhos; não cogitam, porêm, na difficuladade ou impossibilidade de adaptação do mytho ao

ambiente historico da narrativa, isto é, aos proprios *factos* que admittem ser historicos. Si o retracto de JESUS CHRISTO nos Evangelhos é [em parte historico e em parte producto da imaginação e do enthusiasmo dos Seus discipulos o resultado não teria sido melhor do que as caricaturas apocryphas sobre a meninice de JESUS que depois desse tempo tiveram curso na Palestina. Todo o trabalho conjuncto dos Evangelistas cederia a essas phantasias. Entretanto os quatro Evangelistas relatam até os proprios milagres de JESUS, sem lhes fazer qualquer commentario : narram os actos mais maravilhosos da Sua passagem na terra com a mais serena gravidade, sem o menor atavio. A magnitude do assumpto recommendava tal processo a esses homens simples que só tinham em vista a edificação espiritual dos seus similhantes na religião que consideravam ser a unica verdadeira e pela qual dariam gostosamente a sua vida. Esses actos milagrosos formavam parte dos factos historicos da vida de CHRISTO e não ha razão por que devessem ser supprimidos das suas narrativas.

Supponhamos agora que os quatro Evangelistas entre si tivessem combinado bordar com sua propria imaginação este transumpto da figura moral de CHRISTO : como o conseguiriam ? Si CHRISTO foi rejeitado pelos seus irmãos, si a sua doctrina era julgada contrária ao ensino corrente do mosaismo, si os seus indubitaveia prodigios ou milagres eram attribuidos a Beelzebú, si Elle pretendendo ser o Messias, não correspondeu absolutamente, no fundo e na apparencia, ao que delle esperavam os Judeus, si Elle sendo o grande Messias, esperado havia seculos, morreu e morreu humilhantemente,—como podiam esses quatro homens engendrar esse typo, unico e grandioso, dos seus escriptos, ou formar esta concepção tão difficil para Judeus que *até hoje* a não acceitam ? Quem fosse capaz de imaginar JESUS CHRISTO como foi seria egual a Ellemesmo. O descrente J. J. Rousseau [1] disse bem, quando pôz na bocca do seu Saboiano : " Il serait plus inconcevable que plusieurs hommes d'accord eussent fabriqué ce livre qu'il l'est qu'un seul en ait fourni le sujet." Estes quatro homens jamais poderiam imaginar este character composto de elementos humanamente tão incongruentes como os que vemos em CHRISTO. Donde lhes veiu a ideia de conciliar, por exemplo, a Sua grande humildade, que discutia com o mero quadrilheiro que o esbofeteava, ou que não resistia ás maiores affrontas, e a sua grande prudencia em recusar toda e qualquer gloria mundana,—com a apparente altivez e a segurança com que logo em seguida affirmava que Elle estava em DEUS, que tinha

[1] *Émile*, ed. de Genève, 1784, Liv. IV, tomo 3, p. 128.

supremo poder no céo e na terra, que viria julgar vivos e mortos e as outras asserções, que já mencionámos ? Como poderiam elles combinar n'um *homem* um estado d'alma que desafiasse a quem pudésse indicar um só peccado n'Elle ? Ha quem tenha senso commum e possa crer que esses quatro homens inventassem tudo isto e applicassem esse *rêve sublime* de Renan ao Senhor Jesus Christo ? Mas não. O retracto que elles nos dão não o compôz a intelligencia humana nem o poderia compôr : é uma concepção divina realisada no meio humano e referida por homens tal qual a viram realisada. E si essa delineação do Salvador não foi sinão obra da imaginação não se poderia explicar como S. Paulo, antes de lê-los, teve independentemente a mesma inspiração e confirma tudo quanto dizem de essencial. Para que elles pudessem escrever seus Evangelhos de sua cabeça seria preciso que fossem profundos theólogos e ainda assim só inspirados poderiam aperceber-se de que se tractava de uma nova orientação das revelações anteriores de Deus no Velho Testamento. E não é só S. Paulo quem corrobora esses quatro documentos : S. Pedro, S. Thiago e S. Judas, todos repetem os factos e o ensino de Jesus, concordando em tudo como elles. Como teria sido possivel uma colligação destas ?

Fique, pois bem assentado que o que torna sublimes e incomparaveis os Evangelhos é a figura inegualavel de Jesus Christo, a sua *Personalidade*, esse conjuncto assombroso do divino e do humano, vivo, quente, sympathico ás alegrias e aos soffrimentos, aos mallogros e ás esperanças do homem. É essa manifestação divina na esphera humana que nos enleia, que nos faz tudo largar para o ouvir e o seguir. Achamos ali nessas poucas paginas da nossa Biblia o ideial da humanidade que a energia propriamente *historica* foi e seria impotente para realizar, pois não conseguiria jamais, crear a sua parte divina. É sómente estudando de perto esta Vida, nas suas fontes, que poderemos conceber a sua grandeza. Á vista das maravilhas da Natureza physica a alma recolhe-se e adora a Deus neste silencio que a enleva ao principio eterno do quanto é grande. Quem não sentiu isto alguma vez ou na expansão do Oceano, ou á falda de uma grande montanha ? Pois ao sopé da Cruz de Jesus o nosso sentimento é ainda mais profundo deante daquelle grandioso vulto, cujo Amôr nos confunde. Deante desse humilde Nazareno que por trez curtos annos andou pelo seu paiz fazendo o bem, nossa intelligencia se prostra inconscientemente ; e concebemos bem, como Seus discipulos deixaram tudo para o seguir. Ainda quando nada soubessemos da Sua origem, a perfeição harmonica e sublime

desse Homem nos arrastaria á confissão que Elle é um "milagre," tal é a sua grandeza unica, excepcional, na Historia. Nunca se viu, antes ou depois, tamanha humildade, unida a tanta nagestade; tamanha simplicidade em tanta profundeza; tamanha misericordia em tanta justiça; tamanha sabedoria tão accessivel ao entendimento mais rude; tamanha bondade em tanta modestia.

Ainda os melhores e mais virtuosos homens e mulheres apresentam contradicções profundas em sua natureza. Em Jesus tudo é harmonia pacifica da perfeição,—a "communhão completa de um Ser em perfeita harmonia com Deus." Seus "milagres," tão espontaneos e naturaes Nelle, foram actos de misericordia, destinados a lições moraes, a servirem de provas vivas ao Seu ensino, provas necessarias pela fraqueza da fé dos seus ouvintes.

Sua Pessôa, Seu Ensino, são, porêm, repetimos, o maior milagre de todos. Elle fallava com auctoridade e não como os doctores e os escribas da Lei; os officiaes do Synedrio confessaram que nunca tinham ouvido homem nenhum fallar como Elle (*João*, 7 : 46); e ainda hoje dizemos o mesmo.

Jesus Christo não foi poeta, nem philosopho, nem orador: ha todavia traços de tudo isto no Seu ensino. Elle não teve propriamente um "plano" propaganda, não lançou mão dos recursos rhetoricos dos homens. Seus ensinos foram enunciados do modo mais simples que se póde imaginar, como disse Pascal: "Jesus Christo disse as grandes cousas com tanta simplicidade, que parece não ter pensado nellas." [1]

Elle não era só o Mestre, mas a origem da propria sabedoria e da Verdade. "Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguem vem a Deus sinão por Mim,"—disse-o Elle mesmo. O Seu ensino não foi, pois, judaico, ou grego, ou romano; ou de epocha alguma: "Minhas palavras não passarão": ellas são universaes. Elle dirige-se á humanidade, de que é o prototypo, —á alma, de que é o sacerdote eterno. Jesus fallou tanto aos Judeus das ruas e praças de Jerusalem, e das povoações ao redor do mar da Galilea, como falla hoje a Europeus e Americanos, a Asiaticos e Africanos. Nelle o genero humano achou a sua unidade e, por conseguinte, o seu objectivo. Até a sua vinda, todo o curso dos acontecimentos humanos, do progresso, do espirito, tendia ao apparecimento de Jesus e á Sua Revelação. Elle era a esperança da raça na sua collectividade: a manifestação dos designios de Deus sobre a sua salvação.

É a Elle tambem que nós, individuos ou nações, estamos sempre mirando como o alvo de nossas aspirações, mesmo

[1] *Pensées*, ed. Didot, II, p. 218.

inconscientes ; pois JESUS foi, é e será sempre a verdadeira solução do probelma da vida. JESUS existia antes de Abrahão : ha de existir pelos seculos dos seculos.

JESUS CHRISTO é realmente o *dom de Deus á humanidade* e a Biblia não só nos informa da natureza desse dom como nos ensina como DEUS desde a creação do homem resolvêra dar-lh'o.

CAPITULO VII

A DIVINA AUCTORIDADE DAS VELHAS ESCRIPTURAS EXPRESSAMENTE CONFIRMADA PELO NOVO TESTAMENTO E PELOS PRIMEIROS ESCRIPTORES DO CHRISTIANISMO

UMA vez provada a divindade de JESUS CHRISTO, todos os Seus juizos sobre qualquer assumpto tornam-se supremos. Elle mesmo vem-nos testificar directamente que o Velho Testamento, ou as *Escripturas* do Seu tempo, são divinamente inspiradas. E este Seu juizo é tambem o de Seus discipulos immediatos e dos primeiros padres do Christianismo.

Desde que JESUS CHRISTO veiu comprovar a existencia mesma do Velho Testamento bem poderiamos descansar apenas na prova do Seu advento como o "Servo do Senhor" que fôra promettido, e o propheta, como tinha sido Moysés, que devia vir dar a nova Lei ao povo israelita e á humanidade inteira: não ha maior prova, do que essa, do fito de DEUS plenamente realizado deante do homem. O que só resta fazer aqui consiste em mostrar como o proprio Novo Testamento corrobora esse grande facto; e é evidente que devem ser innumeras as provas desde que, como está demonstrado, o Novo Testamento veiu cumprir o Velho. São realmente tantas as citações do Velho no Novo Testamento que têm constituido objecto exclusivo de varios obras de valor. Turpie enumera 275 dessas citações, sem contar com grande numero de passagens cuja linguagem foi ali incorporada, e com innumeras referencias.

Estudaremos em primeiro logar, segundo os Evangelhos, a posição de JESUS CHRISTO em relação do Velho Testamento. O bom senso indica que o nosso Salvador não veiu interpretar litteralmente as Velhas Escripturas nem estuda-las sob o aspecto critico: só veiu occupar-se do objecto da Sua missão á terra. Elle declarou solemnemente, mas de um modo geral, o Seu respeito por ellas, não só pela *Lei*, como pelos *Prophetas* e pelos *Hagiographos*. Elle as considerou divinas e exprobrou o abuso á que a Egreja judaica, por meio de chamadas tradições, subjeitava os seus simples preceitos. O quinto mandamento da Lei das duas pedras é por JESUS chamado "mandamento

de Deus" (*Matt.*, 15 : 3, 6.) Outra vez tomando os Seus discipulos á parte disse-lhes que "tudo o que está escripto pelos prophetas tocante ao Filho do Homem será cumprido" (*Luc.*, 18 : 31). Frequentemente JESUS refere-se á necessidade de se cumprir na Sua pessôa o que della estava previsto no Velho Testamento (V. p. ex. *Luc.*, 22 : 37).

Elle diz aos Judeus : "Examinai as Escripturas . . . ellas mesmas são as que dão testemunho de mim." "Não julgueis que Eu vos hei de accusar deante de meu Pai ; o mesmo Moysés em que tendes as esperanças, é o que vos accusa ; porque si vós cresseis a Moysés certamente me crerieis tambem, porque elle escreveu de Mim. Porêm si vós não dais credito aos seus escriptos, como dareis credito ás minhas Palavras ?" (*João*, 5 : 39, 45-47). E mais : "Vosso Pai, Abrahão, desejou anciosamente ver o meu dia ; viu-o e ficou cheio de gôzo" (*João*, 8 : 56). E ainda podiam ser citados outros textos mostrando a ligação expressa entre a Nova e a Velha Alliança e o reconhecimento della pelo proprio objectivo unico do livro que as comprehende. Os Judeus consideravam suas Escripturas como divinas e no seu culto nas synagogas liam excerptos da Lei e dos Prophetas (*Actos*, 13 : 15). De facto, a sua convicção da divindade das Escripturas tornou-se tão profunda que, sem mais aquelle lastro verdadeiramente religioso, entregaram-se a toda a sorte de exaggeros supersticiosos para resguarda-las, por meio de um ceremonial minucioso e de explicações tradicionaes a que davam tanta ou até mais importancia do que ás proprias Escripturas, cujo sentido e fito ficavam assim deturpados por este zelo pharisaico. Mas, ao passo que nosso Salvador estygmatisou este vicio que tornava vãs as ordenaçãos de DEUS (isto é, as leis mosaicas) e dellas excluia as suas ideias fundamentaes (*Matt.*, cap. 23), Elle por isso mesmo mantinha a sanctidade das Escripturas. Para JESUS o maximo mandamento era o da Lei mosaica : Elle mesmo ensinou que o amôr de DEUS era o maior dever e, depois delle, o amôr ao proximo, como a si mesmo (*Matt.*, 22 : 37-40 ; *Mar.*, 12 : 28-34 ; *Luc.*, 10 : 25-27) ; e morrendo na Cruz, nosso Salvador balbuciava as palavras de um dos Sanctos do Velho Testamento (*Ps.*, 68 : 22). Ainda depois de Sua resurreição teve de censurar os discipulos que iam, no caminho de Emmaús, commentando os acontecimentos dos ultimos dias em Jerusalem, e que mostravam-se attonitos ao que ouviram dizer das mulheres sobre acharem vazio o Seu tumulo : approximando-se delles disse-lhes JESUS : "Ó estultos e tardos de coração para crer tudo o que annunciaram os prophetas ! . . . E começando por Moysés e discorrendo por todos os outros prophetas, lhes explicava

o que delles se achava em todas as Escripturas" (*Luc.*, 24 : 12-27).

Jesus Christo, pois, considera o Velho Testamento como contendo o divino fio da revelação divina que Elle desceu ao mundo para annunciar; e nesse sentido tem por divinas não só essas revelações parciaes, que davam testemunho de Si, como o divino preparo espiritual do povo, pela Lei, pela historia e pela prophecia, para a Sua maxima revelação final. As sagradas Escripturas corriam então em MS. no original hebraico e na versão dos Septuaginta (LXX): Jesus acceitou-as como eram correntes sem pretender entrar em questões de critica litteraria. Seu poncto de vista era totalmente differente do rabbinico que se escravisara até os menores signaes das lettras. As citações do nosso Redemptor mostram que Elle não se adstringia a esta servidão, pois eram transumptas ora do Hebraico ora do Grego, procurando sempre o *sentido fundamental* do texto e não as suas exactissimas palavras. Jesus Christo não teve por fim authenticar cada Livro e muito menos cada palavra das Escripturas. Elle acceita, como corriam, os factos, milagres e outras occurrencias do V. T. para tirar delles conclusões ethicas e religiosas, que queria inculcar. Quando, por exemplo, cita a parabola de Jonas para revelar que Elle seria morto e resuscitado ao terceiro dia, não implica isto que nosso Senhor acreditasse realmente que Jonas tivesse estado por trez dias no ventre de uma baleia. E o mesmo refere-se a outras allegorias. Jesus Christo, apezar de considerar divinamente inspirados os symbolos, mythos, legendas e a historia das Escripturas, e de acceitar plenamente os seus elementos sobrenaturaes, não se segue que com isto endossasse a historicidade desses preciosos elementos do Seu ensino, nem era isto necessario para o emprego ethico que delles faz. Elle sempre as considera como um thesouro de subido valor. Nosso Senhor não podia fazer questões das *ipsissima verba* das Escripturas quando Elle sabia que innumeros erros de copia, apezar de todo o desvelo, ter-se-hiam insinuado durante seculos nos MSS. então existentes. E toda a sua pregação foi sobre o predominio do Espirito sobre a mera lettra. O Velho Testamento era para Elle sancto, como o é para nós, porque continha essencialmente as *promessas* messianicas, e *preparava* o caminho da revelação plena de Deus em Jesus mesmo; seu grande valor era o do testemunho das eternas intenções de Deus. Jesus Christo veiu ser a *plerosis*, o cumprimento completo do Velho Testamento, do ensino da Lei e dos Prophetas. Este ensino estava enquadrado no seu ambito historico, e era limitado pelas suas

circumstancias : JESUS tirou as suas verdades absolutas para fóra deste trama e as explicou e desenvolveu na sua realidade ideial sem que acreditasse na sua Inspiração literal, de que ja tractámos por extenso em outro capitulo : JESUS CHRISTO tinha as Escripturas como sanctas por conterem a revelação das intenções de DEUS, mas sob as fórmas proprias dos tempos em que essas revelações foram recebidas, e que, por conseguinte, precisavam accommodar-se educacionalmente ás suas epochas respectivas. JESUS CHRISTO tambem admittiu a divina inspiração das prophecias messianicas, mas reconhecendo sempre o que já aponctámos sobre a sua applicação, isto é, que nem os proprios prophetas tinham perfeito conhecimento do seu alcance, e que a maior parte dos seus oraculos só applicaram-se a JESUS no seu sentido mais recondito, e ulterior, sendo ellas por conseguinte symbolicas. Isto é, o Velho Testamento só contém a verdade christã em embryão, com seu organismo integral que se foi expandindo aos poucos até que attingiu ao seu completo desenvolvimento com o advento de CHRISTO.

Disto vemos muitos exemplos. Assim : quando o SENHOR applica a Si mesmo a prophecia de Isaias II sobre o " Servo do Senhor," Elle sabia muito bem que o propheta não tinha em vista a Sua Pessôa mas uma outra, ideial,—o seu proprio povo ou até algum propheta que tivesse visto soffrendo injustamente ;—mas JESUS reconheceu que a prophecia tinha a sua plena realisação, o seu cumprimento, n'Elle mesmo : a prophecia era typica do Seu augusto modelo. Do mesmo modo JESUS cumpriu typicamente o *Deut.*, 18 : 15, quando annunciou que DEUS mandaria ao Seu povo um propheta como Moysés.

Os Evangelistas referem-se ao que perguntou-lhe si " Es tu o que has de vir, ou é outro o que esperamos ? " (*Luc.*, 7 : 20). Não só todo o Israel esperava a realisação do promettido no *Deut.*, como tinha presente, muito provavelmente, o *Ps.*, 39 : 8 : " Eis aqui venho : no volume do Livro está escripto de Mim " ; e o *Ps.*, 118 : 26 : " Bemdicto o que vem no nome do Senhor." JESUS applica estas prophecias a Si proprio ; e o mesmo faz com a de *Is.*, 35 : 5 e sg., e 41 : 1 ; com a do *Ps.*, 177 : 22 (" a pedra que desprezaram os edificadores, esta foi posta por cabeça de angulo ") que applicava-se quando escripta, aos restos de Israel que não dobraram o joelho a Baal, mas que JESUS agora applica a Si proprio, como a pedra angular do reino dos ceos. E assim por deante. JESUS explicou estas grandes verdades no Velho Testamento, confirmando assim a sua divindade e sanctidade. Elle levanta ainda mais alto as concepções religiosas das Escripturas e as cumpre e realiza, como homem e com o Espirito Sancto n'Elle incarnado : si

era filho de David não deixava ao mesmo tempo de ser seu Senhor (V. *Ps.*, 109 ; *Mar.*, 12 : 36, 37 ; *Matt.*, 22 : 43).

Vejamos agora como os escriptores do Novo Testamento consideravam as revelações da antiga dispensação em relação á nova, isto é, como elles mesmos applicavam a esta as verdades ethicas e religiosas daquella.

Em geral todos elles reconheciam as verdades fundamentaes ácerca do regimen preparatorio e progressivo, divinamente traçado por Deus, até o advento do que "devia vir," para cumprir o plano divino ; e muito naturalmente os vemos sempre esforçando-se por provar que era em Jesus Christo que se realisava esse plano ou intento de Deus sobre o homem, de que se cogitara sempre na Lei e nos Prophetas. Elles insistiam em que a imagem do Christo, que agora apparecia completa e fulgurante, só via-se ali em sombra do que era (*Heb.*, 10 : 1), e na concepção desta insufficiencia do Velho Testamento os diversos escriptores das Epistolas do N. T. mostraram intuições diversas.

S. Pedro exalta o Espirito Sancto, que Jesus promettêra mandar, e diz que Elle mesmo inspirou os Prophetas de outrora, que investigaram da naturesa do Messias-Salvador, e é o mesmo Espirito que presidiu á fundação deste mundo. Jesus Christo foi visto, mas de longe, por esses Prophetas e pelo ceremonial judaico : Jesus veiu cumprir tudo isto, e foi o verdadeiro Cordeiro immaculado (V. 1 *Ped.*, passim). S. Pedro no seu primeiro discurso depois da Resurreição, lembra a promessa de Jesus : "Derramarei do Meu Espirito sobre toda a carne, e prophetizarão vossos filhos e vossas filhas" (*Actos*, 2 : 17). Dias depois ainda S. Pedro annuncia affoutamente perante as auctoridades judaicas do Templo, que a Jesus "elevou Deus com a Sua dextra por principe e por Salvador para dar o arrependimento a Israel e a remissão dos peccados. E nós somos testemunhas destas palavras, e tambem o Espirito Sancto que Deus deu a todos os que lhe obedecem" (*Actos*, 4 : 31, 32). E depois o Apostolo explicou ao summo sacerdote o plano da divina salvação, começando pelo "nosso pai Abrahão," quando foi escolhido e chamado da Mesopotamia, e acabando nos prophetas aos quaes os Judeus, sempre resistindo ao Espirito Sancto, perseguiram e mataram,—a esses "que de antemão annunciavam a vinda do Justo, do qual vós agora fostes traidores e homicidas." (Cf. 7 : 1-53.)

S. Pedro ensinou que os prophetas do Velho Testamento vaticinaram o advento de Jesus Christo, e da graça desta salvação ; e esquadrinhando em que conjunctura o Espirito

de DEUS signalava esta graça, elles previram até os soffrimentos por que CHRISTO havia de passar (1 *Pedro*, 1 : 10-12). E outra vez, protestando ter feito aos gentios conhecer a virtude e a presença de JESUS CHRISTO, não por meio de fabulas engenhosas " mas sim depois de nós termos sido espectadores da Sua grandeza," elle explica que este JESUS era o abençoado do céo e previsto pelos prophetas ; ora, conclue, " em nenhum tempo foi dada a Prophecia pela vontade dos homens ; mas os homens sanctos de DEUS é que fallavam, inspirados pelo ESPIRITO SANCTO " (2 *Pedro*, 1 : 16-21). Entretanto passaram todas estas figuras e symbolos e o Velho Testamento é só necessario para provar como JESUS CHRISTO foi o Messias de que elle tractou e que descreveu minuciosamente. Nós todos somos hoje membros desta nova sociedade theocratica, como sacerdotes de DEUS e vivemos pela fé em CHRISTO, pois a propria observancia estricta da lei mosaica não bastou para a salvação.

S. Paulo já têm feição diversa da de S. Pedro. Este é muito conservador em comparação com aquelle, para o qual ha differenças capitaes entre as duas dispensações, sendo a antiga muito rudimentar e imperfeita. Para S. Paulo, a Salvação só vinha pelo " Seu evangelho," que recebeu directamente de DEUS, e que era muito differente da lei mosaica. A justiça de DEUS é ahi manifesta sem a lei e os prophetas (*Rom.*, 3 : 21). O Velho Testamento contém typos e symbolos do Messias, um esboço do Salvador, e como tal é sancto ; mas não póde dar uma revelação completa do CHRISTO. Elle, V. T., foi para crianças e escravos (*Col.*, 2 : 8, 20), que só podiam no seu tempo beber leite, e não comer a carne substanciosa que agora Paulo subministra. A Lei mosaica, por intermedio de Moysés, foi um ministerio de morte, ao passo que o Christianismo o é de vida e Espirito. O Velho Testamento não deixava por isso de ser sancto pois continha, apezar de não desenvolvidas, as verdades messianicas, a que o advento de JESUS CHRISTO dá toda a authentidade. Ali se acham os germens da verdade christã, por exemplo, a nossa justificação pela fé. S. Paulo lembra que o que justificou Abrahão, a quem DEUS fizera as primeiras promessas da salvação das nações sob juramento em Seu proprio nome, foi a sua fé absoluta, e não a lei mosaica, que ainda não existia (*Rom.*, 3 : 20 ; 4 : 3, 23, 24 ; *Gal.*, 3 : 6, 14-18 ; 4 : 22 e seg. ; *Cor.*, cap. 4). Esta bôa nova ou evangelho do V. T. precedeu a era de Moysés, cuja lei serviu apenas de aio ao povo até que viesse o FILHO DE DEUS. Ora as antigas Escripturas que contêm esses " oraculos de DEUS " (*Rom.*,

3 : 2) aos Judeus, são de origem divina. Mas CHRISTO, vindo cumprir as promessas da fé, aboliu a lei do Velho Testamento (*Rom.*, 10 : 4).

Este ensino de S. Paulo parecia revolucionario e tambem contradictorio do que disse JESUS em *Matt.*, 5 : 17, que não veiu destruir a Lei mas cumpri-la. Mas a harmonia entre as duas declarações está nisto : " CHRISTO affirma a completa realização, absoluta e ideial, do Velho Testamento, implicando a abrogação de seus constituintes formaes ou defeituosos, ao passo que Paulo affirma a existencia destes defeituosos constituintes implicando aquella realização absoluta e ideial." [1]

Nenhum homem teve intuição tão elevada do papel do Christianismo como S. Paulo : nenhum mostrou tanto a efficacia do ESPIRITO SANCTO promettido aos Seus discipulos, quando lhes assegurou que Elle viria a descobrir-lhe muitas cousas que lhes estavam ainda veladas. S. Paulo torna-se o mais intrepido, o mais intelligente e profundo propugnador do ensino do Mestre e, graças a esse Espirito, explica e desenvolve o verdadeiro papel de JESUS CHRISTO como o Salvador da humanidade, como a Divindade incarnada ; elle em summa demonstra, melhor do que qualquer outro, os designios de DEUS, desde a Creação, sobre o homem e a sua Redempção dos effeitos do peccado por meio do Seu Filho.

Logo na primeira de suas Epistolas (e cuja divulgação precedeu á qualquer dos Evangelhos),—a Epistola aos Thessalonicenses,—S. Paulo dá testemunho da efficacia do Espirito (1 : 5), da Resurreição de CHRISTO (1 : 10) depois de ser morto pelos Judeus que tambem mataram os Prophetas que o precederam (2 : 15). DEUS não nos conserva " para ira sinão para alcançar a salvação por nosso Senhor JESUS CHRISTO que morreu por nós afim de que, ou vigiemos ou durmamos, vivamos sempre com Elle " (5 : 9, 10). Mas, alem deste seu ensino fundamental, S. Paulo dá ainda varias instrucções aos seus novos discipulos entre as quaes estas que cabem ao nosso proposito actual. " *Não desprezeis as prophecias* ; examinai, porêm, tudo e abraçai o que é bom " (5 : 20, 21). Elle dá, pois, testemunho da auctoridade divina das prophecias da Velha Alliança, do nosso direito e dever de investiga-las e de, com o Espirito que nós é dado, separar o que ha nellas de melhor,—o que é já antigo do que é de actualidade. S. Paulo insistiu sempre em que tivera revelação directa de JESUS, o que aliás é comfirmado nos *Actos dos Apostolos* (cf. especialmente 26 : 16). Elle apresenta-se sempre aos povos a que são dirigidas as suas Epistolas como enviado por DEUS e por JESUS CHRISTO para

[1] Prof. G. T. Ladd, *The Doctrine of Sacred Scripture* (New York), vol. i., 166.

ensinar-lhes a Verdade, como legitimo ministro e depositario della, como quem estava ao par dos designios de DEUS, como quem fallava por DEUS e não pelo homem. " O Evangelho . . . não o recebi nem aprendi de homem algum, mas sim por revelação de JESUS CHRISTO " (*Gal.*, 1 : 11, 12). " DEUS no-lo revelou a nós pelo Seu Espirito " (1 *Cor.*, 11 : 23). " Ouvindo-nos, recebestes de nós a Palavra de DEUS . . . não como palavra de homem mas, como é verdade, como Palavra de DEUS " (1 *Thess.*, 2 : 13). Do Evangelho, elle foi feito ministro " segundo o dom da graça de DEUS que me foi communicada pela sua operação omnipotente " (*Eph.*, 3 : 6, 7.) " Nós recebemos o Espirito que vem de DEUS, para sabermos as cousas que por DEUS nos foram dadas, o que tambem annunciamos " (1 *Cor.*, 2 : 12, 13). " Por causa da graça que me foi dada por DEUS para que eu seja o ministro de JESUS CHRISTO entre os gentios " (*Rom.*, 15 : 15, 16). E como estas poderiamos multiplicar citações em todas as quaes o Apostolo sustenta sempre que o seu recado ás nações partia de DEUS mesmo que o escolhêra para da-lo. Só um louco pretenderia similhante cousa si a sua missão não tivesse baze genuina em pura verdade : e que era a pura verdade demonstra-o a sua acceitação pelas nações, ainda quando queiramos repudiar a illuminada doctrina do Apostolo e a sinceridade com que se dedicou á sua pregação, dando por ella, afinal, a sua propria vida. É, pois, da maior monta este testemunho de S. Paulo pela revelação divina que se encontra na Biblia, não só em relação á JESUS CHRISTO, como a todo o preparo divino, ou antes, á toda a revelação lenta e gradual que precisava preceder á completa revelação do Salvador,—revelação lenta que S. Paulo mesmo designou como o escravo antigo que leva o menino para a eschola e que lhe prepara as lições ; revelação lenta que é tanto a obra de DEUS, que em tudo procede com ordem progressiva, como o completo e glorioso desvendar da Verdade em nosso Senhor JESUS CHRISTO.

Notemos que JESUS, reconhecendo assim a insufficiencia actual da lei mosaica, não contestou a sua vigencia anterior e a sua divina inspiração. De facto, elle appella á mesma lei como precursôra de Seu advento. Aos phariseus e doctores Elle declara na passagem que já citamos atraz : " Não julgueis que Eu vos hei de accusar deante de meu Pai : o mesmo Moysés, em que vós tendes as esperanças, é o que vos accusa ; porque si cresseis a Moysés, certamente me crerieis tambem a mim, porque elle escreveu de mim " (*João*, 5 : 45, 46). Ainda discutindo com os phariseus e sacerdotes JESUS lembra-lhes que a circumcisão não veiu de Moysés, como diziam, mas dos patri-

archas (7 : 22). Em outra discussão no Templo os sacerdotes e seus associados repelliam JESUS allegando que eram filhos de Abrahão : o Salvador respondeu-lhes que o proprio Abrahão " desejou anciosamente ver o meu dia," e accrescenta treplicando : " Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abrahão fosse feito Eu sou " (8 : 56-58).

Vejamos agora como pensa S. João para cujas opiniões alias, carecemos dos fartos subsidios que encontrámos mas Epistolas paulinas. O apostolo começa por distinguir : " a Lei foi dada por Moysés ; a graça e a verdade foi trazida por JESUS CHRISTO " (*João*, 1 : 17). Logo, na Lei não havia a graça nem a verdade absoluta. Isto porêm, não implica falta de inspiração divina na lei ou *Torah* de Velho Testamento. João chama o Templo " casa de DEUS " e cita o *Ps.* 68 : 10 em que se diz : " O zelo da tua casa me devorou " (*João*, 2 : 16). Quando JESUS referiu-se ao templo do Seu côrpo, em discussão com os Judeus, João diz que os discipulos, apoz a resurreição, lembrando-se do que lhes dissera o Mestre " crêram na Escriptura e nas palavras que JESUS havia dicto " (2 : 22). Mas elle reconheceu que para a entrada no reino do céo é necessario renascer, e renascer do Espirito : " o que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espirito é espirito " (3 : 6). " A hora vem, e é agora, em que os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pia em espirito e verdade." E assim que " o devem adorar os que o adoram " (4 : 23, 24). Para João, JESUS era o *Logos* da eternidade : existia com DEUS sempre, veiu de DEUS a dar o Seu recado ao homem e voltaria para DEUS ; e quem é de DEUS ouve a Sua palavra,—palavra do Bom pastor que quer arrebanhar as Suas ovelhas e pelas quaes até dá a Sua propria vida. Si Moysés foi um inspirado, JESUS era o proprio Filho de DEUS que veiu do Seu seio para ensinar-nos a Verdade e trazer-nos a Graça divina da salvação.

Taes são as ideias de João.

O grande numero de *citações* do Velho Testamento pelo Novo mostra como os seus nove ou dez escriptores estavam imbuidos da ligação entre um e outro. O Evangelho de S. Mattheus cita ou refere-se ao Velho Testamento quarenta e duas vezes : o de S. Marcos vinte e uma ; o de S. Lucas vinte e duas e o de S. João vinte e trez vezes. Na sua Epistola aos Romanos S. Paulo cita-o nada menos que cincoenta e cinco vezes ; nas duas aos Corinthios vinte e septe ; na que dirigio aos Galatas dez, aos Ephesios quatro, e trez vezes nas duas Epistolas a Timotheo. A Epistola aos Hebreus tem trinta e cinco cita-

ções e algumas referencias, e a de S. Thiago seis, a primeira de S. Pedro onze, a segunda uma ; e o Apocalipse uma unica vez.

Vinte e cinco dos trinta e nove livros do V. T. (omittindo os Apocryphos) são citados por elles. Os diversos criticos contam essas citações entre 200 e 400, o que torna difficil precisar-lhes o numero sendo que algumas se acham repetidas, totalmente ou em parte, outras são apenas em parte transcriptas, e de outras dão apenas a substancia.

De facto, as citações, quer do original hebraico quer da versão grega dos LXX, corrente no tempo dos Apostolos, não pretendem em regra reproduzir os textos *ipsis verbis* ; do que podiamos dar amplos exemplos. Ao contrario, o mesmo texto, citado por varios escriptores, apparece sempre com a ligeira feição do auctor da citação apezar de ser fundamentalmente fiel. (Comparem *Isaias*, 6 : 8, 10 com *Matt.*, 13 : 14, 15 ; *Marcos*, 4 : 11, 12 ; *Luc.*, 8 : 10 ; *João*, 12 : 39, 40 ; e *Actos*, 28 : 25-27.) Basta lembrar que a versão grega separa-se ás vezes do original hebraico para comprehender-se que existam até discrepancias nessas citações. E ao demais os criticos contam 66 citações no N. T. em que ellas não concordam perfeitamente com a lettra nem do Hebraico nem do Grego. Mas este grande numero de citações de importantes factos ou ideias, sem mesmo attenção particular ao modo por que são mencionados nesses manuscriptos raros então existentes, evidenciam—que esses factos e ideias eram considerados divinamente inspirados para servirem de contra-prova do ensino do N. T. Mostram que grande fundamento tinha a fé dos Judeus na suas Escripturas, que veneravam e ainda veneram, apezar de serem o testemunho doloroso da sua rebeldia e da sua humilhação historica.

Diz o historiador judeu, anti-christão, Flavio Josepho : "O procedimento da nossa gente em relação ás nossas proprias Escripturas mostra a nossa fé nellas. Nenhum accrescimo, diminuição ou alterção têm elles admittido. Desde a infancia, aprendemos a considera-las como decretos de Deus que observamos e pelos queas, si preciso fôr, morreremos gostosamente." [1] E notem que esta reverencia não provinha de julgarem os auctores dos varios livros como homens divinos ou sempre inspirados : ao contrario, os proprios textos nos dão provas das fraquezas de alguns delles ao passo que a outros os Judeus até perseguiram e mataram como vemos lembrado por S. Pedro na sua 1ª. Epistola.

A sanctidade das Escripturas é tambem attestada pelos primeiros Padres e mestres do Christianismo.[2] Nessa era

[1] *Contra Apion*, 1 : 8.

[2] Lee, *Inspiration*, appendix, traz grande numero de citações dos PP.—V. tambem o excellente *The Bible in the Church* do Bispo Westcott, pags. 79-89.

sub-apostolica não se podia esperar que os primeiros Padres citassem os Evangelhos. Já começavam estes a circular, é verdade; mas a tradição oral de JESUS era ainda tão recente e viva que sobrepujava em valor as narrativas escriptas. Alguns dos Padres foram discipulos ou contemporaneos dos Apostolos e ouviram o seu testemunho sobre o advento, incarnação, baptismo, morte e resurreição de JESUS CHRISTO, bem como sobre incidentes do Seu ensino e da Sua missão. O que diziam os Evangelhos já elles tinham ouvido desde sua infancia: eram as Epistolas que elles estudavam, e ahi procuravam a explicação dessa missão e de suas consequencias logicas,—os fundamentos da theologia christã.

Mas todos esses Padres e primeiros escriptores sobre o Christianismo, a alguns dos quaes se attribuiram até escriptos que a principio consideravam dever pertencer ao que depois ficou sendo o proprio Novo Testamento, não tinham dos Evangelhos nem das Epistolas as ideias que pouco a pouco foram vingando na Egreja sobre a sua auctoridade plenaria, á proporção que ella mais se afastava desses magnificos monumentos. Naquelles tempos o advento de JESUS e, sobretudo, a Sua resurreição, apagava a importancia de tudo o mais.

Entretanto já então os Padres tinham a convicção de que os Apostolos não deviam ser confundidos com outros quaesquer mestres do seu tempo nem os escriptos delles com os seus proprios. Esses Padres collocaram-se immediatamente n'um nivel inferior, formando-se assim instinctivamente, e pelas melhores auctoridades, o Canon do Novo Testamento, que ainda não existia. O mais antigo desses Padres, Clemente de Roma (anno 95), escrevendo aos Corinthios, desculpa-se de fallar-lhes com certo ar de auctoridade e lembra-lhes o que dissera o abençoado Paulo na sua espiritual Epistola, com a sua convicção da verdade absoluta. S. Polycarpo,[1] discipulo de S. João, refere-se ao "abençoado e glorioso Paulo cuja sabedoria nem elle, ou ninguem como elle, poderia conseguir ter plenamente." S. Ignacio (anno 101), si com effeito escreveu o que se lhe attribue, diz que "não queria nem podia impôr seu ensino como Pedro e Paulo: elles eram Apostolos e eu sou um precito."

Entretanto esses Padres, e os do seu tempo, conheciam bem as velhas Escripturas, as *unicas* Escripturas então como tal conhecidas. S. Clemente, que parece ter sido companheiro de S. Paulo em Philippi, diz que as Escripturas são "os oraculos do Espirito Sancto." S. Ignacio refere-se aos prophetas como inspirados pela graça de JESUS CHRISTO.[2] Do mesmo modo

[1] Ep. *Ad Cor.* XLV. [2] *Ad Magnes.*, VIII.

escrevem os successores immediatos desses Padres. S. Justino o Martyr (anno 140) declara que foi por inspiração divina que os prophetas escreveram,[1] e S. Ireneu (170), que foi discipulo de S. Polycarpo, que a seu turno o foi, como já dissemos, de S. João, affirma [2] que as Escripturas foram inspiradas pela Palavra de DEUS e pelo Seu Espirito; e, em outro logar, que a Egreja recebeu dos Apostolos a graça do ESPIRITO SANCTO, que pregara a verdade por meio dos Prophetas. Mais tarde, no fim do segundo seculo, Tertuliano escreve [3] que DEUS determinou que houvesse este instrumento das Escripturas afim de que nós nos approximassemos d'Elle e de Suas ordenações e instrucções, e de modo que pudessemos achar a DEUS, crer n'Elle e servi-lo. Um pouco mais tarde, Origenes (230) escrevia que o "ESPIRITO SANCTO ensinou a cada um dos sanctos prophetas e Apostolos do Velho e Novo Testamento": as Escripturas foram "obra do ESPIRITO SANCTO." [4] Mais ou menos ao mesmo tempo S. Cypriano sustentava [5] que "o ESPIRITO SANCTO falla nas Escripturas não só no Velho como no Novo Testamento." Não precisamos de transcrever as opiniões de outros padres posteriores; mas no quarto concilio de Carthago em 398 ficou prescripto que os Bispos, no acto da sua consagração, diriam, *inter alia*; "Creio tambem que *o auctor* do Novo bem como do Velho Testamento, da Lei, dos Prophetas e dos Apostolos, é só o Senhor DEUS Omnipotente," [6] o que já era um erro que alimentou más ideias sobre a inspiração da Biblia. DEUS inspirou-a mas não é o seu *auctor*. Assim, pois, *não só os Judeus, como nosso Senhor* JESUS CHRISTO, *os Apostolos e os primeiros mestres christãos acreditaram na auctoridade divina da Biblia.*

[1] *Cohort. ad Graec.*
[2] *Contra Haer.*, II, 28 : 2, e I, 10.
[3] *Apol.*, XVIII.
[4] *De Principiis*, I, 4 : e *Praef.*, 8.
[5] *De Oper. et Elem.*, II, 4.
[6] *De Prescript. Conc. Carthag.* IV. A.D. 398.

CAPITULO VIII

DA INFLUENCIA DA BIBLIA ATÉ A REFORMA. RETROSPECTO HISTORICO

A INFLUENCIA da Biblia na historia da civilisação tem sido de grande ascendencia apezar de que mal podemos aferi-la pois que tracta-se de uma força latente e constante, trabalhando na consciencia humana e modificando e dirigindo os seus actos, e os da sociedade.

Si as primeiras lendas dos principios do mundo, as historias de heroes, e as poesias populares que as consagravam, e as narrativas sobre os tempos primitivos da sua nação contribuiram para a formação dos codices conhecidos symbolicamente por J e E e que suppõem-se serem dos seculos IX e VIII A.C., estes dous trabalhos muito deveriam ter contribuido para fixar-se a tradição isrealita. O *Deuteronomio*, composto no Seculo VII ou mesmo VIII, firmou não só a tradição de Moysés como a legislação inspirada por elle proprio. Quando, depois do Exilio da Babylonia o codigo P ou sacerdotal veiu enfeixar todo esse ensino, todas essas instituições, ampliando-as para melhor claresa e para assegurar a reforma cultual que todos reconheciam naquella conjunctura em que se viu Israel,—sem governo, sem independencia, sem Templo,—como a que poderia conservar a Religião do seu povo, — quando este codigo P foi ajunctado aos J e E e *Deut.*, formando o *Pentateuco*, já a influencia daquelles primeiros Livros era predominante como se verifica das referencias que lhes faziam os prophetas. E o mesmo foi acontecendo nos periodos dos dominios persa e grego sobre os Judeus, quando os Prophetas e os demais livros foram augmentando as Escripturas admittidas como inspiradas. Já quando JESUS CHRISTO appareceu em scena, eram ellas lidas correntemente na sua versão grega pelos LXX.

As Escripturas judaicas, porêm, ficariam, por assim dizer, como um edificio sem o tecto, sem o seu complemento natural e logico, do testemunho do advento do "Servo do Senhor," promettido pelo Propheta de outrora, do qual se occuparam as Escripturas e no qual se realizaram todas as esperanças de salvação do povo isrealita e da humanidade. A missão

de JESUS CHRISTO teve logo os seus historiadores, e tambem commentadores da sua significação e doctrina. E nos primeiros dous seculos os seus trabalhos foram sendo addidos ás Escripturas, ficando assim completada a Biblia. Durante os primeiros seculos o Christianismo propagou-se por meio do hoje chamado Velho Testamento, junctamente com o annuncio quasi exclusivamente oral da vinda, ensino, morte e resurreição de JESUS que viera *realizar* tudo quanto aquelle Velho Testamento predissera. Quando esses recados tomaram a fórma escripta, foram conservados os que a consciencia christã ia julgando auctorisados para figurarem ao lado das Escripturas judaicas, contendo a historia anterior á revelação final por JESUS CHRISTO. Assim completa, tem a Biblia exercido poderosa influencia desde então, ainda que sob intensidade e fórmas diversas, mas que todas nos enchem de pasmo quando consideramos a difficuldade de obterem-se manuscriptos nos primeiros seculos.

JESUS e os Seus apostolos, está visto não podiam dispensar o Velho Testamento, que citaram directamente no Novo cêrca de 280 vezes, já não fallando de muitas outras referencias indirectas. É ali que o Christianismo, religião *historica*, ia buscar as principaes provas da sua origem divina. Antes de Abrahão já existia JESUS (*João*, 8 : 58). Moysés fallou delle (*João*, 5 : 46); e o Espirito dos Prophetas era o d'Elle e por isso esquadrinharam ácerca da salvação que Elle viria offerecer (1 *Ped.*, 1 : 10, 11). Mas si a nova Revelação estribava-se na velha, esta do seu lado, realçou de brilho e importancia, emprestados da missão do ultimo dos Prophetas,—o Propheta por excellencia,—que veiu esclarecer toda a obscuridade, todas as difficuldades dos seus rôllos de papyro e de pergaminho, e solver o problema que trazia suspenso o povo judeu. Assim, a historia da promessa divina aos primeiros patriarchas e do seu cumprimento final em JESUS, constituindo *o Livro*, deram-lhe uma força sobrenatural, desde que começou a circular no fim do segundo seculo da nossa era.

Os primeiros Christãos agarraram-se á "Escriptura" com todo o empenho, Judeus ou Gentios; e, em consequencia do limitado numero de copias, ou rôllos, então existentes, parece de *Tim.*, 4 : 13, que até havia leituras publicas delles. Era, nessa quadra, muito difficil obter estes exemplares completos da Escripturas, pois compunham-se de vinte e quatro rôllos, os volumes em pergaminho só começando a apparecer no terceiro seculo, quando barateou o preço das partes separadas da Biblia. Das discussões com os gnosticos, logo nos primeiros seculos do Christianismo, vê-se que a Escriptura já era, entretanto, bem conhecida e estudada. Os primeiros apologistas

do Christianismo, que ainda não cogitavam que ao Velho Testamento, se viessem reunir os Evangelhos e as Epistolas, presumiam nos seus escriptos, que elle circulava livremente. Nos *Actos dos Apostolos*, 17 : 11, S. Lucas elogia os Judeus de Beréa, os quaes " receberam a Palavra com ancioso desejo, indagnado todos os dias nas Escripturas si estas cousas eram assim." Clemente de Roma e Polycarpo louvam as Egrejas de Corintho e de Philippia por seus estudos profundos da Escriptura. Justino, Taciano e Theophilo confessam que se tornaram Christãos por ouvirem fallar sobre CHRISTO e por o terem achado no Velho Testamento. Já estava este tão espalhado que julga-se até que se fez logo então a primeira tentativa de se traduzi-lo do Grego para o Latim.[1]

Foi forte a lucta que Ireneu e Tertuliano tiveram de sustentar contra os hereges que se apegavam á lettra da Escriptura. A Egreja Christã já tinha adeantada organização e facil lhe teria sido pôr fim a esta nefasta controversia retirando a Biblia della e entregando-a exclusivamente ao clero ; tal, porêm, não se deu. Ella naquelle tempo animou a leitura e o estudo do Velho Testamento por todos os meios, organisou leitores publicos do texto e procurou reproduzir-lhe copias dos livros que ficassem ao alcance até das pequenas bolsas. Tertuliano [2] admoestando seus leitores contra as insidiosos argumentos dos hereticos, recommenda-lhes sempre o " Quaerite in Scripturis," dando elle mesmo o exemplo de basear nellas a sua defesa, pois continham os *effata divina*. Não se julgava naquelle tempo que a leitura das Escripturas era difficil ou que tinham sentido recondito, occulto ao commum dos leitores ; e nenhuma restricção punham á sua leitura pelo povo.[3] Toda a litteratura religiosa desse tempo presuppõe que as Escripturas eram compulsadas nas Egrejas e na familia e continham o ideial da vida christã. Os primeiros padres publicavam instrucções especiaes animando a leitura e o estudo dellas a todo o tempo, como se vê no *Didaskalia* de S. Cypriano, que colligiu citações importantes da Biblia com o fim de attrahir-lhe leitores.

Entretanto já pouco depois desses tempos a Egreja christã teve de luctar contra não só os hereges e philosophos mas tambem contra as tendencias de se considerar allegoricas todas as

[1] S. Agostinho diz: "Qui Scripturas ex Hebraea lingua in Graecum verterunt, numerari possunt: Latini autem interpretes nullo modo. Ut enim cuique *primis fidei temporibus* in manus venit codex graecus at aliquantulum facultatis sibi utriusque linguae habere videbatur, ausus est interpretari" (*De Doc. Christ.*, 2 : 11).

[2] *De Oraes. Haer.*, 8-12, citado por Harnack.—As referencias historicas deste cap. são extrahidas da obra de Dobschütz, que resumimos.

[3] V. Irenaeus, 2 : 27, 2; 3 : 5; 5 : 20, 2, etc.

narrativas bilbicas, já não fallando do *taedium verbi divini* que Origenes tanto lastimava e que provinha do estylo das Escripturas que nem todos, agora accostumados aos exaggeros litterarios do Grego, podiam apreciar devidamente. Os rabbinos judeus ajudavam indirectamente essa ideia de tudo ser allegorico no Velho Testamento, como se vê dos seus chamados commentarios, muitas vezes pueris e a que os Judeus davam, entretanto, muito valor. Para elles os escriptores da velha Escriptura foram meros instrumentos inconscientes; e não admiravam-se de que Moysés escrevesse a narrativa de sua propria morte. E entre elles, como depois veremos com mais vagar, era corrente a néscia tradição que, tendo desapparecido todos os exemplares da Lei e dos Prophetas e dos outros escriptos, Deus dictou, todos elles, a Esdras que era assim e verdadeiro auctor do Velho Testamento! Mas apezar desta ideia rude das allegorias, os primeiros mestres do Christianismo animavam sempre a pesquiza das Escripturas e o mesmo Origenes chegou a escrever que muitas vezes um leigo, mesmo não illustrado, interpréta certo texto mais espiritualmente do que o que goza um "excelsum sacerdoti gradum vel cathedram doctoris" (*Hom.*, 2 in *Num.*). Todos deviam ser "ensinados de Deus" e apprender nas Escripturas a regra da vida e a baze da esperança, e assim obter o pão espiritual quotidiano. Exigia-se naquelle tempo que cada qual *entendesse* a sua Religião, para o que Deus havia amplamente providenciado. S. Cyrillo de Jerusalem considerava grande o perigo da ignorancia das Escripturas.

Os homens do Occidente, principalmente Latinos, nunca se compenetraram, como os do Oriente, dessa necessidade, em parte talvez, por causa das pessimas versões então correntes da Escriptura e que fizeram Jeronymo tudo deixar para, já adeantado em annos, estudar o Hebraico e emprehender na Palestina o seu immortal trabalho, que tomou depois o nome de *Vulgata*, da sua predecessora, alias vertida da versão grega. Mas ainda nos seculos IV e V de nossa éra se insistia na necessidade da leitura da Biblia para a edificação da fé christã. Ella já havia modificado e deslocado a litteratura grega, a poncto de Theodoreto dizer que o homem commum do campo entendia muito mais da Creação ou da naturesa do homem do que Aristoteles ou Platão que tanto escreveram sobre a immortalidade da alma. Agostinho reconhece que as Sanctas Escripturas estavam já disseminando a verdade por todo o mundo, ficando conhecida das nações para sua salvação. "Lendo-as, os homens só procuram achar nellas o pensamento e a vontade daquelles que as escreveram e, por meio delles, a

vontade de DEUS de accôrdo com a qual acreditam que escreveram." [1]

Jeronymo, Athanasio e Chrysostomo dão instrucções especiaes sobre a leitura da Biblia na familia, este ultimo lembrando o Psalmo I e recommendando que a alma se chegue a esta agua corrente que a conservará sempre pura e fresca. Jeronymo até aconselha a certa donzella a aprender o Hebraico para melhor apreciar o Psalterio, e ella seguiu o seu conselho. Não se pensava, naquelles primeiros seculos, de sustentar que a Biblia fôra dada *ás Egrejas* e que só ellas podiam ministra-las segundo o seu criterio e vontade: a Biblia era propriedade de todos os povos da humanidade e, como se vê, foi o grande missionario do Christianismo entre elles. O seu estudo não era privativo de uma classe determinada: de facto alguns dos grandes Padres foram leigos, como Origenes, Tertuliano e Agostinho; e quando foram estudar theologia, já escreviam valiosas monographias sobre ella. A Biblia pertencia ao *individuo*, era accessivel a todos, e desde o meiado do seculo IV, segundo Mommsen, vendia-se a qualquer leigo em Roma, como consta de um catalogo de livreiro por elle descoberto.

"A Biblia," diz Harnack, "era frequentemente descripta pelos Padres da Igreja como a grande proclamação de DEUS á humanidade, como a carta aberta dirigida a todos os homens, e que deve não só ser lida mas estudada por elles. Assim, ella não podia ser lida por demais nas casas particulares. . . . Com effeito ella é o thesouro da salvação, suppre os *vitalia*, e o *pabulum* da alma. É o *succus et aesca vitae*: desperta e enleva o homem intimo; é o melhor escudo contra o peccado e nos ensina a fallar boas palavras. . . . Ella liberta a alma da maldição da ignorancia, levanta os corações dos cuidados deste mundo e, mesmo aqui, faz a luz de DEUS brilhar na alma do seu leitor."—Ella era o palladio do Christão e foi graças a este tremendo instrumento de pregação que o mundo se foi enchendo da Boa Nova da salvação do homem por JESUS CHRISTO.

Todo este progresso da Escriptura na ultima parte desse periodo preliminar não se fez sem grande opposição, intensas polemicas e tremendas preseguições das auctoridades civis. Alem dos martyrios do primeiro seculo depois de CHRISTO, vemos depois os de Symeão, filho de Clopas, de Ignacio, de Polycarpo, de Potino, Blandina, os de Scillita, de Apollonio, senador; de Perpetua, Felicitas e outras, do pai de Origenes, de Cornelio, bispo de Roma, de Crispo e de Fausta, e tantos outros. E que diremos das perseguições systemathicas do

[1] *De Civ. Dei*, Livro II, § 6.

Imperador Diocleciano e dos milhares de martyres no seu governo? Depois de reinar dezenove annos elle, instigado pelo Cesar Galerio, ordenou a mais completa perseguição de tudo que era Christão, das suas pessoas, das suas casas e edificios e sobretudo do seu grande Livro. Era crime de morte ter-se a Escriptura em casa: Diocleciano sabia que ella era a fonte da força dos Christãos, e Galerio lhe provara que entre ella e as instituições civis havia o maior antagonismo, fazendo-se precisa a exterminação do Christianismo. Felizmente o grande mal causado por esse feroz Imperador, não durou muito, vindo logo depois a reacção causada pela conversão em 312 de Constantino que, dous annos (307) depois da abdicação daquelle, subiu ao throno. Restituindo aos Christãos a sua propriedade de que tinham sido esbulhados e permittindo-lhes o seu culto, elle mesmo se converteu ao Christianismo, posto que só recebesse o baptismo durante a grave emfermidade que o levou ao tumulo em 313.

O seu edicto de 307 tornou-se o "fôro de cidade" do Christianismo. Elle mandou que a Biblia fosse espalhada e lida, e para mostrar o quanto lhe merecia o grande Livro, ordenou que se fizessem delle cincoenta copias requissimas, e encadernadas do modo o mais artistico possivel, para offerecer um exemplar a cada uma das Egrejas da sua nova capital, Constantinopla. Foi de então que cessaram os rollôs de papyro e pelles do V. T. e que se introduziu o uso geral do livro, como o temos hoje. Antes de se fazerem essas copias das Escripturas, foram submettidos a uma revisão geral os MSS. existentes, donde provém a sua uniformidade nesses tempos. Fizeram-se então lindas miniaturas para adornarem os textos, e a Biblia retomou aquelle logar que occupava antes de Diocleciano, mas ainda mais honrada e apreciada do que era. Religião reconhecida pelo Estado, o poder civil emprestou-lhe até o seu braço forte para manter algumas de suas leis, como a do descanso dominical que Justiniano decretou como feriado. Os Christãos viam no V. T. o symbolismo do seu credo e o estudavam com affinco. Muitos sentiam necessidade de separar-se do mundo para melhor entregarem-se a esses estudos e dahi a fundação dos conventos. Os desertos tambem recolheram esses asceticos, todos elles com a sua Biblia, pelo menos com os Evangelhos, unico objecto de sua meditação, e regra de sua vida. Dahi as muitas historias supersticiosas que se originaram sobre esses *frari* e tambem sobre os milagrosos effeitos da leitura dos Evangelhos aos quaes não faltou quem quizesse dar poderes magicos. Com a reconstituição da Europa pela infiltração dos bárbaros o ideial do Christianismo modificou-se muito,

como era natural, mas, no todo, a sua influencia se conservou intacta.

No fim do periodo patristico que, póde-se dizer, fechou-se com o passamento de S. Agostinho já o Imperio Romano achava-se a braços com a invasão sobretudo dos Godos e Vandalos. Toda a Europa foi presa, primeiro delles, e, depois, das guerras terriveis das epochas merovingia e carlovingia (480-994). E como si isto não bastasse as bandeiras de Mafoma no começo do Seculo VIII atravessaram triumphantes o Mediterraneo, invadindo a Hespanha. Foram seculos de trevas espessas, de carnificina, de completa sublevação social. Os mosteiros que se vinham formando aos poucos deram guarida, até certo poncto, ao estudo da religião, como era então entendida. Na *Regra* de S. Benedicto preceituava-se que a Biblia *devia ser lida* e com ella, por via de commentarios, extractos dos Padres. Mas era geral a decadencia intellectual do mundo. Carlos Martel chegou a reservar systhematicamente para seus soldados, com serviços de batalha, as melhores parochias e outras vantagens ecclesiasticas. O concilio de Tours em 813 recommenda aos Bispos que leiam os Evangelhos e as Escripturas e as Epistolas de S. Paulo. Um Bispo allemão, já até no Seculo X, quer que os presbyteros aprendam o credo de cór, sob pena de lhe ser tirada ou reduzida a sua quota de vinho!

Mas, voltando aos Barbaros, no Seculo IV os Godos se christianisaram e seus successores separaram-se aos poucos dos Catholicos mostrando grande sympathia pelo Arianismo. Mas aquelles a pouco e pouco se deixaram immergir na ignorancia das Escripturas, que se foram tornando raras. Carlos Magno, esse grande homem, fez resurgir a luz nos seus vastos dominios. Providenciou para a creação de escholas publicas, a uma das quaes, no seu proprio palacio, comparecia frequentemente. Emprehendeu fazer uma revisão dos manuscriptos biblicos, convidando para isto o monge inglez Alcuino, considerado então como o mais eminente exegeta do mundo. Tão interessado mostrou-se na cultura das lettras que, cousa extraordinaria para aquellas epochas, encontra-se n'uma das suas "Capitulares" o conselho que "todo o pai de familia deve mandar seus filhos á eschola e rête-los ahi até que aprendam bem." Carlos Magno, cujo Imperio abrangia a França, Hespanha, Italia e Allemanha, concebeu tornar-se como o chefe supremo de uma vasta theocracia: seu ideal era o de Rei David. Nas suas leis elle seguiu, quanto poude, as do *Deuteronomio*, chegando a decretar a observancia do Sabbado, que até então se procurara consagrar; e prohibia os emprestimos

com juros, como preceituava a lei mosaica (*Deut.*, 23 : 10), o que aliás muito perturbou a vida economica daquelle tempo. Tendo lido em S. Agostinho, que, interpretando uma parabola do SENHOR, dizia que como Elle obrigava os estranhos a virem ao seu banquete, existia o direito de impôr a fé aos que della estavam separados (está visto que tal interpretação não é nossa), Carlos Magno fez guerra aos Saxões para "reduzir" ao Christianismo esses Barbaros, que aliás gostosamente acceitaram as novas crenças, auxiliados pelos monges irlandezes que o Imperador mandára buscar para isto. Vê-se bem que foi um vulto extraordinario.

O Christianismo destes seculos de Edade média quasi consistia de de superstições, e de allegorias. É incrivel a acceitação que tiveram os livros apocryphos do Velho Testamento, tão apreciados dos Judeus dos ultimos tempos antes do advento de CHRISTO. O seu ar modernisado, os seus milagres, muito appellavam ao gôsto daquelles tempos. Fôra em vão que o Concilio de Roma em 494 fixára o Canon *excluindo esses livros* e que o então Papa, S. Gelasio I, procurou por todos os seus meios cumprir esta decisão, que si, no tempo de Carlos Magno era estrictamente respeitada, foi depois caducando até que os apocryphos tornaram-se ainda mais populares do que os livros genuinos da Biblia : e nos exemplares do N. T. via-se o *Evangelho de Nicodemo* ao lado do de *S. Mattheus*, etc. Foi uma éra de superstições, de que aliás ainda hoje em dia subsistem algumas. A historia sancta tornou-se uma serie de quadros phantasticos. Por exemplo : Seth, filho de Adão, plantara no tumulo do pai, um galho da arvore da vida, que cresceu e cuja madeira durou até o tempo de Salomão : com ella se fez no riacho Cedron uma ponte sobre a qual passou a rainha de Sabá ; a sancta familia quando fugiu para o Egypto foi accompanhada de leões e muitos outros animaes selvagens, etc. ; e tudo isto constituia o *pabulum* da fé daquelles tempos. Nem admira que se tornassem tão populares os espectaculos theatraes de quadros vivos sobre incidentes biblicos que representavam até dentro das egrejas. Sem duvida a Biblia dominava a litteratura e a arte, mas era a Biblia amortecida por essas superstições. Na arte a sua influencia foi suprema e lhe devemos alguns dos monumentos mais gloriosos na pinctura, na esculptura e na architectura, que em todo o caso conservavam viva a memoria do divino Salvador. As bellas edições illuminadas das Escripturas que appareceram então attestam como eram veneradas as mais elevadas tradições da humanidade. Si na Biblia queriam

justificar a servidão, o feudalismo e até a escravidão, não será a sociedade moderna que deve lançar a primeira pedra ao obscurantismo dessa edade, quando ainda hoje invocam-na para manter os maiores disparates. Em todo o caso, a Biblia era o centro daquella civilisação, ainda que mal entendida, ainda que popularisada sob fórmas inauthenticas e modernisadas, como a *Biblia Pauperum* e a *Biblia Historiales.*

Entre 540 e o fim do Seculo XI o Papado produziu dous grandes homens, Gregorio, o primeiro desse nome, canonizado pela Egreja romana, e Gregorio VII o celebre Hildebrando. S. Gregorio que applicou os vastos haveres que herdou do seu pai á fundação de conventos na Sicilia, só foi ordenado diacono apoz grande resistencia de sua parte. Alem de ter sido um grande Papa elle escreveu commentarios sobre os livros de *Job* e de *Ezequiel*, e sobre os Evangelhos, não fallando outras obras, entre as quaes a sua correspondencia, preciosa para a historia ecclesiastica. O outro Gregorio, ou melhor *Hildebrando* (1013-1085) revelou-se severo reformador dos costumes da Egreja catholica, luctando mesmo contra Henrique IV. Foi um dos grandes vultos desses tempos tão tenebrosos.

O Cardeal Pietro Damiani queixava-se a Gregorio VII que o povo insistia em ler a Biblia o que implicava um grande perigo, pois era um livro dos mais profundos mysterios, ácima da intelligencia commum. Apezar, porêm, das difficuldades que lhe fazia o clero, o povo continuava a procurar e a ler a Biblia. Foi por esse tempo que surgiu no sul da França o grande movimento religioso chefiado por Pedro Waldo; negociante de Lyon e grande leitor da Biblia. A fraternidade dos " Pobres de Espirito " ou *Waldenses*, bazeada na pobreza e no altruismo do Evangelho, expandiu-se de um modo extraordinario e ulteriormente separou-se da Egreja romana, adherindo sempre á leitura da Biblia e á imitação dos actos de Jesus. Só seculos depois tornaram-se Calvinistas esses intrepidos Waldenses, que sustentavam que o Evangelho não era só dos frades mas do povo. Tambem por esse tempo surgiram os *Albigenses*, que rejeitavam o Velho Testamento, e do Novo preferiam a tudo o quarto Evangelho, em que viam traços das theorias philosophicas que deram logar á seita no Oriente. A vista desta anciedade geral pela leitura da Biblia, para o que até multiplicavam-se clubs especiaes, um Bispo perguntou ao Papa Innocencio III (cujo Papado durou de 1198 a 1216 e foi, com a excepção do de Gregorio VII, o mais notavel de todos, sob o ponto de vista dos interesses temporaes)

que o aconselhasse o que fazer. O ex-Cardeal Lothario que aos 38 annos foi feito presbytero, Bispo e Papa em 18 mezes, respondeu que se devia prohibir estrictamente a leitura da Biblia : era ella como uma torrente perigosa em que muitos se afundam. Lembrou ao Bispo que quando ia ser dada a Lei ninguem se podia approximar do Sinai, sob pena de ser logo apedrejado : e do mesmo modo, o que toca a Biblia é réo de sacrilegio e deve ser punido de morte ! Innocencio III mostrava ahi ser mais forte na politica ou no seu direito canonico, do que na Biblia : pois a prohibição alludida (que é a do *Ex.*, 19 : 12, 13) egualmente applica-se até aos *sacerdotes* : " Os *sacerdotes*, porêm, *e o povo*, não passem os limites nem subam onde está o SENHOR, não succeda que elle os mate " (*id.*, vers. 24). Sendo assim a Biblia devia ser prohibida aos proprios Papas e outros sacerdotes. Porque Innocencio iria ao Velho Testamento e não, mais perto, ao Novo quando JESUS diz frequentemente ao povo : " Ouvi-me " e quando convida a *todos* os que soffrem, de corpo e espirito, a chegarem-se a Elle e, tomando o Seu jugo, aprenderem d'Elle que é um jugo suave que traz descanso para as suas almas ?

No começo do Seculo XI appareceu Anselmo, Arcebispo de Cantuaria, considerado o melhor theologo do tempo, sendo até canonisado por isso. Sustentou o *proslogium*, crêr primeiro para depois comprehender, etc. Foi, porêm, mais philosopho do que theologo, como o demonstra o proprio titulo de sua obra principal *Cur Deus Homo*, e onde um de seus argumentos, digno de Aristoteles, é este : JESUS originou o Novo Testamento e approvou o Velho : ora JESUS, sendo verdadeiro, ninguem pode discordar de qualquer cousa que seja nesses livros,—como si Jesus *originasse* um e *approvasse* o outro. Elle discute questões exquisitas, por exemplo, qual das Pessoas da Trindade foi a que se incarnou,—opinando que si fosse o Pai haveria dous netos na Trindade ; pois, incarnado, Elle seria neto dos pais da Virgem e o Espirito seria filho da Virgem ! E era assim que naquelle tempo se adquiria fama de theologo, e se faziam Sanctos !

O Napolitano Thomaz de Aquino na sua curta vida (1226-1274) ganhou o renome do maior theologo da Egreja e o titulo de *Doctor angelicus*. Suas duas principaes obras são a *Caterna Aurea* e a celebre *Summa Theologica*. A primeira é uma compilação de explicações patristicas sobre os quatro Evangelhos e as Epistolas paulinas. Nas segunda, escripta nos seus ultimos dias, elle dá a synthese da sua doctrina theologica em admiravel estylo, sobrio e directo. Mas quem o estudar com os Evangelhos na mão encontrará nelle mais de Aristoteles do que de

JESUS CHRISTO. Diz Gilbert,[1] "Tomemos o cap. sobre o Amor de DEUS (1 : 204-211) na ed. de suas obras de 1763 (16 vols.): Thomaz d'Aquino não faz absolutamente appello ao Amôr divino *em Jesus Christo*; de facto só faz uma ligeira referencia a CHRISTO e quando não tracta do Amor de DEUS. Cita apenas trez auctores biblicos ao passo que menciona cinco não biblicos." Como exemplo de sua dialectica o mesmo auctor cita isto: "Aquino levanta a questão si a nova lei está contida na velha. Elle primeiro adduz razões, da Escriptura e outras, para sustentar que sim. Mas diz logo que a nova consistindo na fé, e devendo nós acreditar muitas cousas nella, que não estão na velha, segue-se que a nova lei não está na velha. Alem disso, como em *Matt.*, cap. 5, JESUS diz que não devemos quebrar o *menor* desses mandamentos da velha lei, segue-se que os mandamentos da nova lei são *maiores* e como o maior não pode der contido no menor, *ergo* a nova lei não está contida na velha. Mas entretanto (vejam bem que Aristoteles!) como em *Ezekiel*, 1 : 15, 16, ha a visão da roda de quatro faces e esta parecia ter outras rodas dentro della, segue-se, diz o canonisado doctor, que o Novo Testamento está no Velho como a arvore esta ná semente."[2] O facto é que toda a theologia medieval é mais ou menos desse jaez. Quando tractavam da Escriptura era para, citando as opiniões muito ingenuas dos Padres, torcerem o sentido dos textos que ficavam inutilisados por tantas allegorias e falsa dialectica. A Biblia não mais era lida e menos até estudada: o que disseram os Padres, e não o que recommendou nosso Senhor JESUS CHRISTO, era tudo.

Um dos maiores homens do seu tempo foi o Inglez Rogerio Bacon, 1214-1294, o monge franciscano de Oxford, que provou o seu genio tão multiforme sendo o primeiro a propôr a reforma do calendario Juliano, o primeiro que deu a fórmula para a fabricação da polvora, quem primeiro descreveu cabalmente o machinismo da visão animal, o precursor de Galileu e de Newton, o descobridor de muitos ponctos interessantes da physica e da chimica, pelo que, depois da morte de Clemente IV que o protegia, foi perseguido pelos seus proprios confrades e pela Egreja. R. Bacon era perfeitamente orthodoxo e escreveu que a sciencia consistia em ler bem a Biblia, revelação de DEUS,

[1] *Interpretation*, 176.

[2] O Arcebispo Catholico Vaughan na sua *Life . . . of St. Thomas Aquinas* dá outros exemplos desta curiosa exegesse, como a de dizer que segundo *Is.*, 11 : 1, a Virgem é comparada a uma vara: e isto porque, diz S. Thomas, ella "consola fructifica, sacia e farta; bate e prostra."

e estudar bem a Naturesa, obra do mesmo DEUS. Elle bateu-se contra o permittir-se que rapazes de dez a vinte annos fossem estudar Theologia, não tendo o menor preparo, e contra a nenhuma importancia que o clero dava ás Escripturas Sagradas. Tambem protestou contra os máos costumes dos seus proprios confrades e da cleresia. Esses costumes foram peiorando nos seguintes seculos. Era completa a ignorancia nos mosteiros e fóra delles : só os monges tinham livros e só elles os copiavam, sendo isto quasi a unica occupação delles, com aliás honrosas excepções ; mas não os estudavam, de modo que quando renasceram os estudos classicos no Seculo XV não partiu dos mosteiros esse movimento.

O Seculo XIV produziu um homem extraordinario, tambem Inglez, e que foi o verdadeiro precursor da Reforma, João Wycliff ou Wycliffe (1324-1384). Diz bem um escriptor que foi elle quem desferio a primeira faisca, João Huss ou Hus, applicando-a ao canhão e Luthero vindo depois accender nelle o archote da Reforma. Wycliff, doctor em Theologia, insurgiu-se contra a exigencia pelo Papado de certas contribuições pecuniarias, e defendeu bem denodadamente o poder civil. Os ecclesiasticos duas vezes o levaram perante os seus tribunaes por heresia, mas de balde, e na segunda vez o povo até invadiu o tribunal. Recolheu-se, pois, e começou a publicação de muitos folhetos sobre questões da Religião e da Egreja. Elle sustentou que o Estado tinha seu *dominio* proprio que a Egreja não podia pisar ; que a excommunhão só era legitima quando justificada pelo peccado do paciente, e que não se devia de todo applicar a factos temporaes ; e que a Egreja não devia possuir bens de raiz ou outros quaesquer. Aproveitando-se do schisma de 1378 causado pela rivalidade dos dous Papas, Clemente VII e Urbano VI, Wycliff declarou-se ainda mais radical na suas ideias contra os abusos do Papado. Convencido, como já estava, de que a Sé de Roma era causa de todos esses abusos em virtude dos poderes que foi absorvendo, indevidamente e contra o ensino de CHRISTO, elle emprehendeu a versão da Biblia para o Inglez, auxiliado, quanto ao V. T., por um amigo, Hereford. E começou logo a prégar que a Biblia devia ser lida e estudada, e que a instrucção religiosa devia ser toda no vernaculo. Wycliff atirou-se então contra a vida irregular, a incompetencia e a audacia do proprio clero inglez, e chegou a rejeitar a transubstanciação que, dizia elle, era a chave da influencia desse clero corrompido e indigno. Mas a Universidade de Oxford e o Governo protestaram contra

suas ideias. Depois de sua morte um decreto do Concilio de Constança em 1415 (31 annos depois) ordenou que as suas cinzas fossem desenterradas e queimadas, e houve um Bispo inglez chamado Fleming que, ainda trez annos depois, cumpriu com esse *christianissimo* decreto. O mundo deve a este denobado batalhador a primeira versão ingleza da Biblia, que não foi então publicada. N'um de seus escriptos disse que "só podemos concordar com a Egreja quando ella concorda com a Biblia ainda que do lado da Egreja estejam cem Papas e cem Cardeaes." Mais ainda: "n'uma só palavra de Pedro ha doctrina mais proficua do que em cem decretaes ou cem bullas." Dos 294 sermões de Wycliff na edição de Arnold, nada menos de 239 são sobre textos e assumptos dos quatro Evangelhos e 52 sobre as Epistolas, apenas trez versando sobre o Velho Testamento. Vê-se, pois, quanto este precursor da Reforma differe neste ponto dos theologos dos seculos anteriores que nada occupavam-se da Biblia e para os quaes, já fizemos ver, só tinha importancia o que disseram os Padres da Egreja. Si Wycliff se não libertou da interpretação allegorica, é que elle, fraco exegeta, nem sabia o Grego nem teve tempo ou preparo necessario para estudar detidamente os textos. Mas deve-se-lhe o grande interesse que para a Biblia despertou a sua versão, interesse que é demonstrado pelo facto que ainda hoje existem 170 exemplares della, a despeito da intensa perseguição das auctoridades ecclesiasticas contra os que a possuiam e a propagavam.

O segundo precursor da Reforma, João Huss, o Bohemio, foi martyrisado em Constança em 1415, aos 46 annos, por um Concilio que o condemnou á fogueira *sem querer ouvi-lo*, e com o assentimento do Imperador. Seu crime foi ter sido admirador de Wycliff, ter pregado o Evangelho puro, ter protestado contra os abusos das auctoridades catholicas, e não querer retractar-se de erros doctrinaes que lhe foram imputados por falsas testemunhas.

Um dos que em Constança votaram para que Huss fosse queimado vivo foi o *doctor christianissimus* João Gerson, de Rheims, que, ao contrario das tendencias da epocha, sustentou sempre a interpretação estrictamente litteral das Escripturas. Attribuiram-lhe erradamente por algum tempo a auctoria da *Imitação de Christo* que é obra do frade Thomas á Kempis (morto em 1471) onde não se vêm mais as allegorias com que era costume ler as Escripturas. A enorme extracção da *Imitação* provêm do facto que se não afasta quasi dos Evangelhos guardando até o mesmo estylo e, sobretudo exprimindo sinceramente a sua *verdade*. Kempis teve uma noção nitida e bem

exacta do character de JESUS e prestou enorme serviço em mostrar que o que disse o Mestre é perfeitamente accessivel ao commum dos homens.

A entrada do Seculo XVI trouxe comsigo um movimento de esperança, uma renascença. O terreno fôra preparado por Wycliff, Huss e Kempis. Sentia a propria Sé de Roma que uma reforma qualquer, já latente, impunha-se a todos os espiritos e ella brotou na propria Italia na ultima parte do Seculo anterior. Esta onda de progresso litterario, artistico e philosophico passou para toda a Europa occidental no Seculo XVII, e trez Papas, Alexandre VI, Julio II e Leão X, por espaço de trinta annos, deram a este movimento o seu auxilio, mal pensando que em poucos annos contribuiria efficazmente para abalar o poder do Papado e diminuir-lhe as rendas.

A Renascença italiana produziu por toda a Europa occidental uma sêde de saber, e, nos estudos que nos interessam aqui, um desejo ancioso de aprender o Hebraico e o Grego. Reuchlin e Melanchton, na Allemanha, puzeram-se á testa desta agitação e crearam cadeiras dessas disciplinas, seguidos logo depois por Zwingli na Suissa,—declarando todos trez que só desejavam promover esses estudos para maior gloria de DEUS, para melhor intelligencia e interpretação do Livro que continha as Suas promessas, e a historia dellas. Multiplicaram-se então as edições de novas grammaticas e diccionarios gregos e hebraicos, mas apezar de tudo continuavam prevalecendo as velhas ideias sobre o sentido mystico e allegorico das Escripturas, que, como veremos, persistiram ainda por bastante tempo.

Foi nesse entretanto que Guttenberg annunciou ao mundo o que para muitos foi e será o maior descobrimento humano. Imprimir de typos moveis era assegurar á Biblia uma circulação de que nunca se cogitára até então ; e do outro lado esta certesa de maior divulgação vinha animar por toda a parte as edições melhoradas e as versões, fazendo possivel que o grande Livro se tornasse o companheiro indispensavel nas familias, como a regra da vida. O primeiro grande livro que João Guttenberg quiz produzir foi a Biblia (ed. Vulgata). Antes, porêm, de ser dada á luz, quatro annos depois, Füst, burguez e credor de Guttenberg, tomou-lhe a typographia e, associado a um aprendiz do grande inventor, editou o trabalho do outro (Mainz, 1453-1456). Antes disso, Guttenberg publicára sómente uns livrinhos collegiaes e algumas das celebres *indulgencias*. Obtendo novos fundos, elle não quiz deixar de levar a cabo a impressão da Biblia e no seu segundo estabelecimento preparou em 1455-1456 outra edição, Füst tambem

publicando outra em 1462, que é a chamada Biblia de Moguncia. E em breve a arte typographica espalhava-se pela Europa tão rápidamente que antes de 1500 sahiram noventa e duas edições da Biblia latina, e 438 no seculo XVI. Não se deduza disso, porêm, que a Biblia circulasse fartamente: ao contrario, tinha de enfrentar opposição latente do clero catholico: as tiragens, pequenas e custosas, ficavam absorvidas pelos mosteiros, egrejas e pela gente abastada. Sómente vertendo-se a Biblia para as principaes linguas poder-se-hia satisfazer ao reclamo geral para que se tornasse accessivel a todas as intelligencias e a todas as bolsas. E isto foi o que conseguiu o grande movimento, ou antes, a grande revolução conhecida na Historia pela *Reforma.*

É alheio ao nosso proposito traçar aqui o historico deste movimento, ou medir-lhe as consequencias politicas e sociaes; só diremos duas palavras sobre a influencia que teve sobre a Biblia. Foi enorme ella, não que Luthero propugnasse directamente para a sua propagação, mas a sua campanha obteve implicitamente esse resultado. Elle apregoou a plena superioridade da Egreja mas subjeita sempre a Jesus Christo; disse que não só os Papas como os Concilios erram; sustentou que não precisamos do intermedio do padre para sermos perdoados por Deus, de quem nos podemos approximar directamente; a confissão devia ser feita a Deus e não ao homem; e attacou vigorosamente a illicita venda de favores e isenções espirituaes por dinheiro, que era mandado para Roma para sustentar o fausto da Curia romana, etc. Ora o reformador só podia bazear nas Escripturas a sua argumentação, e o rápido alastramento de suas ideias mostra como elle elevou a posição e importancia da Biblia. Com effeito ella sempre mereceu-lhe o primeiro logar entre os seus profundos estudos. Erasmo havia publicado a sua edição do Novo Testamento no original grego em 1516: Luthero estudou Grego durante annos para vertê-lo para o Allemão-franconio, que era o da Côrte e que podia ser entendido pelos Alto e Baixo-allemães. Em 1522 sahiu essa versão que elle melhorou depois; e de 1523 a 1534 Luthero traduziu o Velho Testamento do original Hebraico, com o auxilio até de Rabbinos, produzindo assim a Biblia allemã, verdadeira fonte dessa lingua e que tornou-se o typo da linguagem culta do seu paiz. A Biblia era uma obra estrangeira que vinha agora, assim traduzida, fallar fundo na alma do povo. Todas as versões do norte da Europa são calcadas sobre esta e foi inestimavel o serviço que o professor de Wittenberg prestou ao mundo germanico.

Luthero mesmo escreveu que as tropologias, allegorias e

analogias tornavam a Biblia ridicula: e elle não tolerava as allegorias de Origenes. Entretanto, sem talvez o querer, não conseguiu furtar-se a restaurar alguns dos antiquados dogmas, dando vida nova ás fórmulas do Christianismo grego, como pensa Harnack na sua "Historia do Dogma." As suas concepções theologigas eram saturadas nas dos Patristicos. Elle até tendia a acreditar na inspiração verbal das Escripturas.

Um anno depois da publicação completa da Biblia de Luthero, o Inglez Myles Coverdale publicou a sua versão, iniciada pelo infeliz Tindale, victima da sua fé. A differença entre as duas versões, allemã e ingleza, foi que aquella sahiu quasi perfeita das mãos de Luthero, e esta, tendo sempre encontrado maior resistencia da parte dos ecclesiasticos catholicos, levou trez quartos de seculo a consolidar-se, ao travez de varias revisões, no "King's Bible" de 1611, que passa por conter as mais perfeitas versões dos originaes hebraico e grego. Mais adeante, no cap. especial sobre este assumpto damos informações mais detidas sobre estas versões. Só observaremos aqui que Luthero não foi o primeiro traductor da Biblia dos originaes no Seculo XVI. Na França J. Lefevre d'Etaples vertêra os *Psalmos* em 1523: a *Lei* em 1528 e os *Livros propheticos* e *historicos* em 1529; ao passo que Malingre, o Suisso, em colloboração com Calvino, publicava em 1540 toda a Biblia com os apocryphos. A primeira versão catholica da Vulgata em Francez é de René Benoist, de 1566, quarenta annos depois da versão protestante.

Tal foi a influencia da Biblia nesses quatorze seculos de manuscriptos. Nestes ultimos quatro seculos a Reforma e a imprensa lhe vão grangeando o seu logar no mundo que lastimam não ter ainda attingido áquella elevação e dominio a que tem direito. Entretanto é impossivel aquilatar o quanto tem ella contribuido e está contribuindo para trazer á terra o reino de Deus. A sua influencia imperceptivel muitas vezes manifesta-se mais nos paizes, como a Inglaterra e os Estados Unidos, em que ella é mais lida e compulsada, e manifesta-se nas relações sociaes, na maior elevação do tom moral do paiz, nas demonstrações de charidade e de amor e respeito do proximo, e na maior sinceridade na lucta contra o mal sob todas as fórmas. Tambem são estes dous paizes os que tem envidado maiores esforços para a sua propagação.

Segundo uma estatistica de 1912 o numero de Biblias ou partes da Biblia distribuidas pelas sociedades biblicas do mundo em 1911 foi de *dezeseis milhões* de exemplares, tendo sido 14,315,711 suppridos apenas pelas trez grandes socie-

dades, a Britanica, a Americana e a Escosseza. A sociedade americana expediu, só ella, 4.049.610 volumes, e no primeiro seculo de sua existencia (1816-1916) despachou 109.926.214 Biblias ou partes da Biblia, e de que 23.456.549 foram completas. Nesse periodo a sua receita, que vem toda de subscripções particulares, excedeu de 38 milhões de dollars (140.000 contos de reis).

CAPITULO IX

A BIBLIA, UNICA AUCTORIDADE ULTERIOR DA EGREJA CHRISTÁ. —URGE QUE OUÇAMOS NELLA A VONTADE DE DEUS

Do que deixamos expôsto nesta primeira parte do nosso trabalho vê-se bem que a Biblia é o dom especial e directo de DEUS ao homem e, como tudo que vem d'Elle, tem um valor transcendental. Nos arcanos infindos de Sua misericordia, DEUS vendo decahido de Sua graça, por Sua justiça, o homem, que fez á Sua imagem, resolveu redimi-lo, educando-o á altura de comprehender e acceitar essa redempção, para o que foram precisos seculos de tirocinio e em que essa ideia se fosse accentuando n'um povo especial que escolheu para testemunha da Sua providencia. A Biblia é ao mesmo tempo a historia desse amôr de DEUS e da realisação, em JESUS CHRISTO, do designio divino, suggerido por esse mesmo amor. O sagrado Livro da nossa Religião não só dá ao homem uma explicação cabal e historicamente documentada da origem da dôr na vida, das nossas agitações e anciedades, como nos traz um penhor preciosissimo da sympathia divina por esses males, dando-nos a consolação no presente, e a solida esperança, no futuro, de outra vida incomparavel melhor do que esta.

É verdade que a Naturesa falla-nos de DEUS por toda a parte. Mas não nos ensina a phase especial e que, só, nos póde comfortar, do character divino. O mundo antigo chegou a tecer ideiaes philosophicos muito levantados sobre a naturesa de DEUS ; mas nunca conseguiu conciliar as noções do Infinito com a existencia de uma Personalidade perfeita, que se não póde confundir com nenhuma outra, e cujas limitações são aquellas mesmas que Elle se quer impôr. Intellectualmente, seria impossivel achar ou sentir DEUS em nós : o mais que o homem tem feito é exaggerar ou o sentimento do Infinito, cahindo no pantheismo, ou o da Personalidade divina, esbarrando no theismo,—e ambos acabando no atheismo.

DEUS mesmo indicou-nos, aqui nesta Biblia, qual o caminho que nos traz vida com o conhecimento de Sua pessôa. Neste reservatorio de Suas revelações graduaes e que se foram formando inconscientemente durante grande serie de seculos,

Deus nos mostra os Seus designios até verificar-se a Sua completa revelação na incarnação plena do Seu Espirito no Seu muito amado filho Jesus Christo, em quem vemo-lo claramente como o nosso Redemptor.

Sem a Biblia não haveria o Christianismo puro ; pois é ahi que achamos as suas normas ; só ahi ouvimos o ensino e sabemos da missão eterna de Jesus Christo ; só dahi podemos receber a verdadeira impressão religiosa ; só dali Deus fallanos á alma, por Seu Filho, com aquella auctoridade que a alma sente ser suprema. E é tambem ali que se acha o unico padrão por onde a Egreja Christã póde sempre aferir da puresa do seu credo e de suas ordenações,—o padrão supremo da verdade. A sua missão educadora e salvadora se está sempre renovando em cada geração nova, e assim continuará pelos seculos dos seculos, sempre reconstruindo esse edificio espiritual universal dos crentes, sempre velando para que a sua doctrina se conserve pura, segundo o estalão da sancta Biblia, unica auctoridade ulterior de todo esse ajunctamento divino que constitue a Egreja, e para o qual são chamados todos os homens de bôa fé, de todas as condições sociaes, de qualquer paiz que seja e em qualquer estado de peccabilidade em que aconteça estarem,—pois que todos, todos sem excepção, têm necessidade da Graça de Deus. A Biblia é a rocha dos seculos de que manam as aguas vivas da Salvação que correm para a vida eterna. Ella ahi está ao alcance de todos os corações humildes que a tomarem para que realmente apprendam as suas graves licções ; para que, enfermos, sigam as divinas prescripções, ali enthesouradas, e que os podem salvar. E só ali, nessa Palavra assim expressa, que achamos em todo o seu esplendor, a verdade sobre os nossos destinos. A Biblia é a unica fonte, e auctorisada, da historia da Redempção do homem e da razão de sua esperança na resurreição da morte. O Livro ahi está á mão de todos, sendo para cada um de nós o que o tornam a nossa fé, o nosso empenho em estudar nelle a vontade de Deus, e o que delle nos appropriamos pela graça do Espirito Sancto.

E que na Biblia achamos resposta divina á anciedade de nossa alma dá testemunho a nossa propria consciencia. Não ha quem não se tenha deixado tocar por alguma pagina, pensamento, ou sentença de algum livro bom, e que não conserve a impressão disso por mais ou menos tempo. O effeito, porêm, da Palavra de Deus que a Biblia produz em nós é bem diverso de taes impressões : muitas vezes nos abala até, por assim dize-lo, os alicerces da nossa consciencia. É uma nota divina que, soando fóra de nós, ecôa no mais profundo do nosso cora-

ção. Si o resultado deste despertar é diverso em cada um, quasi todos proseguem, a seu modo, procurando ulterior inspiração da Verdade; e elles em breve percebem ter uma nova chave da existencia, que abre-lhes muitos dos seus mysterios, que lhes dá novas ideias sobre esta vida e os seus problemas. Essas convicções da divindade da Palavra ficam-lhes constituindo parte integrante e essencial da sua mesma existencia. Nada neste mundo poderá arrancar-lhe aquella fé, pela qual darão alegremente até a propria vida.

Pois bem: esses milhões de milhões de entes humanos que têm sido assim convertidos pela pregação e pela leitura dos oraculos de Deus, são a prova irrefragavel da sua divindade e de que a Palavra da Biblia é "a espada de Deus" (*Ephes.*, 6 : 17). Elles não têm acreditado n'um pretendido propheta que lhes tivesse promettido uma vida facil e um futuro de delicias, ou riquezas e felicidades terrenas: mas acharam um Deus que exige grandes sacrificios em prol da sanctidade da vida, e encontraram no Livro divino o ideial que suas almas haviam lobrigado e que a sua fé foi realisando na proporção da sua força de resistencia ao peccado do mundo. Note-se bem que nestes casos de experiencia intima, a intelligencia e a alma entram em contacto com a propria Palavra da Biblia, que assim revela a vontade de Deus, que é recebida como tal e com uma auctoridade á que não podem resistir. Tomemos uma unidade desses milhões de crentes e procuremos convence-la de que fez-se victima de uma illusão: nada neste mundo póde demove-la da sua convicção de que *sentiu* o dedo de Deus. Esse crente não acceitou a Biblia porque lêra tractados demonstrando, com muitos argumentos, a Sua divindade, mas porque elle mesmo sentiu em si, e sentiu profundamente, que a Biblia é *divina*, e esta convicção sobrepuja toda e qualquer demonstração. É a acção directa de Deus, e não a do homem. A Biblia contém a muitas vezes secular e inspirada historia de um povo, e tambem encerra tractados de moral religiosa e outros trabalhos. Não são elles, entretanto, que nos fallam primeiro á alma: não é esse seu lado méramente historico ou litterario que nos empolga; mas sim o moral, e propriamente o religioso: é a nossa convicção do que não estamos vivendo bem, nem em contacto com o Espirito Divino que nos leva aos pés de Deus por Jesus Christo. E isto prova uma verdade que nunca é bastante repetida,—que a Biblia não é um livro de historia, ou de sciencia, ou de mera litteratura hebraica e grega, ou ainda até, da sciencia theologica,—mas *um livro de religião, de religião pessoal antes de tudo.* Ella é o nosso Livro, ao alcance de todos, annunciando

a bôa-nova da salvação a todos os homens. Deve ser o nosso livro intimo, o nosso companheiro quotidiano, que nos leva aos pés do Creador e do Salvador. A Biblia é litteralmente, repetimos, um dom de DEUS ao homem. Ella póde ir onde não vai o pregador. Nos palacios dos mais poderosos e nas mais toscas choupanas dos semi-selvagens, ella faz ouvir a vóz celestial do Salvador que a todos convida, nas encruzilhadas deste mundo, para o Seu manjar substancioso de consolação e esperança. O ESPIRITO SANCTO ainda nos falla ali como fallou a Abrahão, a Moysés, a Isaias, a Paulo, e por meio do FILHO DE DEUS.

Desde a Reforma a Biblia tornou-se, como nos primeiros seculos, a propriedade de todos os que querem buscar a DEUS em JESUS CHRISTO. Nessa veneravel instituição a entrada é franca : os apostolos receberam de graça a instrucção do Mestre e no-la transmittem de graça (*Matt.*, 10 : 8). Não são necessarios intermediarios para nos chegarmos aos pés de JESUS : nem ás crianças queria que embaraçassem o approximarem-se d'Elle. JESUS falla *directamente* aos Seus discipulos immediatos, aos phariseus, ao povo reunido, ao leproso, ás auctoridades ecclesiasticas, ao centurião romano, a aos endemoninhados, paralyticos e outros doentes, aos peccadores e peccadoras, e nunca foi preciso intermediario para este accesso ao DEUS-HOMEM. E do mesmo modo a Biblia, que é o deposito sagrado da narrativa da Sua missão terrena e dos seus principaes oraculos, deve ser egualmente accessivel a toda a humanidade, sem o menor estorvo artificial, já sob o pretexto de só poder ser lida com licensa de certos sacerdotes, já por omissão proposital desses sacerdotes em supprirem exemplares do Livro, que tenham a sua approvação tão pretenciosamente exigida. O direito de ler e estudar a Biblia, e de ouvir nella a Voz de DEUS, fallando-nos atravez de seculos incontaveis, é tão indiscutivel como o proprio direito de viver. Não carecemos da licensa ou de outra forma de intervenção de outrem para exercermos este direito. Seria curioso si para respirar ou para andar ou para nos alimentar, fosse preciso primeiro pedir licensa ás auctoridades ecclesiasticas ou mesmo aos nossos pais. Do mesmo modo para que bebamos das aguas limpidas das fontes do Christianismo dispensamos permissões de sacerdotes, ou de quem quer que seja. Precisamos lembrar que nem o Velho nem o Novo Testamento têm por baze ou esteio o sacerdotalismo. Na Velha Alliança existiam sacerdotes, como em todas as religiões ; mas quem ensinava os mandamentos de DEUS aos homens de Israel não eram os sacerdotes mas sim Moysés, leigo, e os Prophetas, sendo que só dous destes foram

da classe donde sahiam os sacerdotes. O que DEUS queria era que *todos os homens* fossem sacerdotes e formassem assim a Sua "nação sacerdotal." E no Novo Testamento vemos JESUS CHRISTO provir não da tribu dos Levitas, mas da de Judá, e *nenhum dos Seus discipulos* era sacerdote ou da classe sacerdotal. Não se póde, pois, permittir que sacerdote algum se arrogue o direito de vedar systematicamente a leitura da Biblia, ou impedir a sua circulação sob qualquer pretexto que seja. Em Religião, a Biblia é suprema e não acceita posições subalternas. Como disse S. Agostinho (*versus Donat.*), está ali, nas Sagradas Escripturas, a soberana sabedoria da vida.

Sem a Biblia, a Religião tornar-se-hia apenas uma manifestação de sentimento individual, subjeita aos seus multiplos impulsos. JESUS CHRISTO é um Chefe, vivo, real, que governa a sua grande Congregação de crentes com muitas manifestações do Seu poder. Mas Elle deu-nos na Biblia, nesse archivo do processo da Revelação, o unico padrão archetypico por onde podemos aferir o verdadeiro Espirito, si é ou não de DEUS, ou dos homens, por mais respeito que estes nos mereçam. Nem no Velho nem no Novo Testamento DEUS fallou á classe sacerdotal, dando-lhe quaesquer direitos de impedir que o povo O ouvisse: mas si no primeiro deixou os Seus oraculos para hoje termos nelle a prova da Sua fidelidade em cumprir com as Suas promessas a Abrahão e ao povo que descenderia delle, no Novo Testamento Elle mesmo falla por JESUS CHRISTO a todos os peccadores, de todas as raças e nações e sobre todos manda abundantemente o ESPIRITO SANCTO, e faz tudo isto *directamente*, sem precisar da menor intercessão da Egreja alguma ou de sacerdote algum. A Biblia foi, toda ella, escripta por homens do povo, e para o povo; e não para os sabios, os sacerdotes e os governantes apenas. É o Livro do povo, com a mesma verdade para todas as classes. Ella precisa entrar na actividade da nossa vida. JESUS CHRISTO habitou aqui na terra, comnosco, neste tabernaculo da carne, e fallou a todas as classes de homens; e *Elle hoje ainda nos falla* por intermedio das Suas Palavras, providencialmente escriptas, colligidas, e guardadas no Novo Testamento para que as possamos ouvir *sempre*. Ao travez de todos estes seculos ellas ainda nos chegam quentes ao coração onde echoam não como as dos escribas e phariseus, de todas as epochas, mas como de "quem tem auctoridade" (*Matt.*, 7 : 29). Ninguem neste mundo tem auctoridade para fallar-nos ao coração como o Senhor JESUS CHRISTO, e Elle nos falla pelas Suas Palavras do Novo Testamento. Não ha pregações ou admoestrações de discipulos Seus, por mais sinceros e sabios

que possam por ventura ser, que se comparem com as Palavras do SENHOR.

Mas nós temos na propria Biblia testemunhos adundantes deste imperioso dever de ouvir a DEUS e a JESUS CHRISTO. No Sinai, do meio da escuridão, do fogo, e dos trovões. o povo teve medo de entender-se directamente com DEUS e disse a Moysés : " Ouve tu todas as Palavras de JAHVEH." Isto foi ha 35 seculos e desde então o JAHVEH, Eterno, fez-se representado na terra por aquelle Seu Filho muito amado em quem pôz toda a Sua complacencia. Mas entretanto o que DEUS sempre pediu ao seu povo de Israel todos esses seculos antes do advento de JESUS sinão que O *ouvisse* ? No antigo livro do *Exodo* nós lemos ainda hoje que Moysés, depois que suppriu agua ao povo no deserto, disse-lhe : " Si *ouvires a voz* do Senhor teu Deus e obrares o que é recto," etc. (15 : 26) ; e no dos *Juizes*, 2 : 2, o Anjo de JAHVEH pergunta aos Israelitas : " porque não quizestes *ouvir a minha voz* ? . . ." ; ao passo que em *Josué* (5 : 6) se refere que morreram no deserto aquelles Israelitas que " *não tinham ouvido a voz de* JAHVEH." Naquelle admiravel resumo da legislação mosaica accompanhada de discursos hortatorios que o auctor-propheta pôz na bocca de Moysés, no *Deuteronomio*, são muitos os appellos á necessidade de se *ouvir a voz* de DEUS. Entre outros citaremos : 8 : 20 : " Perecereis si não *ouvirdes a voz* do SENHOR, teu DEUS " ; 9 : 23 : " não lhe déstes credito nem quizestes *ouvir a Sua voz* " ; 13 : 4 : " *ouvi a Sua voz* " : 13 : 18 : " enquanto tu *ouvires a voz* do SENHOR teu DEUS, cumprindo todos os Seus mandamentos . . ." ; 27 : 9, 10 : " hoje foste feito povo do SENHOR teu DEUS : *ouviras*, pois, a *Sua voz* . . ." (vejam mais 28 : 12, 15, 45, 62 ; 30 : 2, 8, 10 e 20, e outras passagens).

Os livros historicos dão tambem testemunho de como era elementar este dever de *ouvir* a DEUS. Samuel diz a Saul : " *Ouve a voz das Palavras* de JAHVEH " (1 *Reis*, 15 : 1) e pouco depois lhe pergunta : " Por ventura quer JAHVEH os holocaustos e as victimas e não quer antes que *se ouça a voz* de JAHVEH ? " (15 : 22). E os Prophetas repetiam continuamente a intimação ao povo para que ouvisse a Palavra de DEUS e observasse as Suas ordenações. *Isaias* (28 : 23) exclama : " Percebei, applicando os ouvidos e *ouvi a minha voz* . . . ouvi as minhas expressões." E o *Segundo Isaias* diz eloquentemente : " Eu sou o SENHOR teu DEUS, que te ensino o que é util. Oxalá *tivesses tu ouvido* os meus mandamentos : a tua paz teria sido," etc. (48 : 17, 18). E ainda mais : " *Ouve-me*, tribu minha, porque de mim sahirá a Lei " (51 : 4). E *Jeremias* já havia repetido o oraculo divino : " *Ouvi a minha voz* e Eu serei o vosso

DEUS e vós sereis o meu povo" (7 : 23). E DEUS se queixa que "*não me ouviram* nem me applicaram os seus ouvidos" (7 : 24, 26); "é uma gente que *não ouviu a voz* de JAHVEH" (7 : 28). "Reconhece a tua maldade porque contra JAHVEH, teu DEUS, prevaricaste . . . e *não ouviste a minha voz*, diz JAHVEH" (3 : 13).

Do mesmo modo DEUS se queixa nos *Psalmos* de que o Seu povo o abandonou. "E *não ouviu o meu povo a minha voz* e Israel não me attendeu: e os abandonei segundo os desejos do seu coração . . ." (*Ps.*, 80 : 12, 13). E mais: "*Ouve*, povo meu, e Eu te declararei a minha vontade" (vers. 9). E o Psalmita pede: "Bemdizei a JAHVEH, todos os Seus anjos, que, vos excedeis em força, que cumpris os Seus mandamentos e *ouvis a voz* da Sua Palavra" (102 : 20). Mas o Psalterio está repleto, de um lado de tocantes pedidos a DEUS para que ouça a voz dos supplicantes, e do outro de maviosas e patheticas referencias ao poder divino da Palavra de DEUS. Para um desses cantores, "a Palavra do Senhor é refinada ao fogo" (17 : 13). Outro lembra como a Palavra de DEUS havia imflammado a José no Egypto (104 : 19), e todos a descrevem como a nossa maior preciosidade desta vida. V. tambem o *Ps.*, 118 : 9, 11, 81, 103, 133, 148.

E estes são apenas alguns exemplos durante a dispensação do Velho Testamento e quando o ensino era, quasi todo, oral, até os trez ultimos seculos antes de JESUS CHRISTO. Como é que o homem que pedia o auxilio divino podia esperar que a sua prece fosse *ouvida* por DEUS sem que, a seu turno, elle tambem *ouvisse* a voz de DEUS nos Seus mandamentos e desejos?

Si indagarmos agora qual o ensino do Novo Testamento sobre este aspecto, acharemos copiosas provas corroborando a necessidade de procurarmos na Palavra divina a vontade de DEUS, a qual elle nos ensina que quotidianamente devemos pedir seja feita em nós e no universo. E como podia deixar de ser assim? Pois JESUS CHRISTO ter-se-hia incarnado homem e, durante trez annos, ter-se-hia desvendado como o Filho de DEUS e o Filho do Homem, teria soffrido, morrido e resuscitado; teria ensinado as mais simples, e ao mesmo tempo, as mais vitaes verdades religiosas, para que nós hoje em dia imitemos a Edade média aferrolhando a Biblia, com essas gloriosas revelações, nas bibliothecas dos mosteiros, ou de outro qualquer modo, mais moderno e mais refinado, por futeis pretextos? De certo que não! É nosso *dever* primordial não permitti-lo.

No sermão do monte, referido por S. Mattheus, o Salvador

remata os Seus ensinos dizendo que nem todos os que invocam frequentemente o Seu nome ou o de DEUS, entrarão na communhão divina, mas sim os que " fazem a vontade de meu Pai que está nos ceos." E JESUS continua que, no dia do ajuste de contas, esses que assim invocaram o Seu nome sem terem-lhe feito a vontade ver-se-hão mallogrados pois só " aquelle que *ouve estas minhas palavras e as observa*," é o homem sabio que construiu sua casa solidamente, de modo que ella pode resistir ás intemperies (*Matt.*, 7 : 24-29). Vê-se aqui nitidamente a relação unica entre fazer a vontade de DEUS e ouvir e observar as palavras de JESUS CHRISTO. E para observarmos aquella Sua vontade é evidente que precisamos procura-la nas Palavras de JESUS CHRISTO, que se acham em primeira mão, em toda a sua possivel pureza, no Novo Testamento.

Vejamos só no Evangelho de *Mattheus*, entre os synopticos, e no de *João*, algumas das recommendações especiaes de JESUS CHRISTO a este respeito. O Mestre pregou as Suas doctrinas bem claramente e a todos, e frequentemente dizia que *quem tinha ouvidos para ouvir, ouvisse*; e exprobráva os phariseus por, tendo ouvidos, não ouviam esses Seus ensinos. Na parabola do semeador, que *Marcos* tambem dá (4 : 1-12), JESUS distingue o que ouve a palavra de DEUS, e não a entende, do que a ouve e acceita-a logo, mas, não tendo raiz, ella cresta-se ; e do que a ouve mas ella não cresce por causa do engano das riquezas e cuidados deste mundo ; e, finalmente do que a ouve e ella dá mais ou menos fructo. É evidente disto a importancia não só de ouvirmos a palavra de DEUS mas a de *sabermos ouvi-la*, e guarda-la. Na scena da Transfiguração os trez Evangelhos nos guardaram um mandamento bazico que lembra o da descida do ESPIRITO SANCTO sobre JESUS apoz o seu baptismo por João. Do meio da nuvem lúcida, que cobria no monte a JESUS e aos seus trez principaes discipulos que ali o accompanharam por indicação Sua, ouviram distinctamente o testemunho de DEUS : " Este é Aquelle meu querido Filho em quem tenho posto toda a minha complacencia : *ouvi-o*." Todos os trez Evangelhos synopticos dão este facto do mesmo modo (*Matt.*, 17 : 5 ; *Marcos*, 9 : 6 ; *Luc.*, 9 : 35). Pareceria que o herdeiro das promessas, o propheta previsto desde a *Genesis*, de quem fallaram Moysés e todos os outros prophetas, a quem Abrahão viu e cuja revelação estava incrustada na historia secular do povo de Israel, não carecia de novas apresentações. DEUS, porêm, não quiz omittir nenhum genero de prova para mostrar-nos a fidelidade com que observou as Suas promessas, como tambem o que espera de nós. JESUS CHRISTO veiu fallar-nos em Seu nome ; e o mensageiro ou Anjo da Nova Alliança, álem de tantas

outras credenciaes, apresentava agora esta: DEUS manda expressamente que *ouçamos* o Seu Filho dilectissimo. E poderemos nós postergar esta ordem, deshonrar esta apresentação de DEUS não buscando ouvir esse Filho de DEUS; ou ouvindo, como Mestre supremo da Religião, a quem quer que seja sinão o SENHOR JESUS CHRISTO, o nosso glorioso Mestre? Cada um que responda á sua propria consciencia. S. João, o discipulo bem amado, cuja penetração espiritual do character verdadeiro da revelação christã não é excedido por ninguem, nos repete que JESUS disse que: "quem *ouve* a minha palavra e crê n'Aquelle que me enviou, tem a vida eterna" (15 : 24); e do mesmo modo: "todo aquelle que *ouviu* e apprendeu do Pai vem a mim" (6 : 45). JESUS CHRISTO ainda ensinou: "Sou um homem que vos fallei a Verdade que ouvi de DEUS." . . . "O que é de DEUS *ouve* as palavras de DEUS. Por isso vós *não as ouvis porque não sois de Deus*" (18 : 40, 47). E tambem: "Eu sou o Bom pastor. O Bom pastor dá a propria vida pelas suas ovelhas. . . . Estas o seguem porque *conhecem a Sua voz*. . . . Eu sou o Bom pastor e Eu conheço as minhas ovelhas" (10 : 11, 4, 14). "Todo o que é da Verdade *ouve a minha voz*" (18 : 37).

Sim: esta voz nós a ouvimos em nós mesmos pelo Espirito de DEUS. Si procurarmos ouvi-la, de certo que a sentiremos echoar em nós pelo favor de DEUS. E esse Espirito é o mesmo de que JESUS gozava na Sua plenitude, e de que estiveram inspirados os escriptores da Biblia que, durante seculos, tractaram d'Elle, mesmo inconscientemente, e depois, escreveram a narrativa da Sua curta peregrinação na terra e do que fez e disse. É pela Biblia que temos essa communhão pelo Espirito, que nos approximamos do nosso Creador que nos fez originariamente á Sua imagem. É ali que fazemos Religião, esta religação entre DEUS e o homem. Não são todos os que, como S. Paulo no caminho de Damasco, vêm subitamente uma grande luz cujas ondas dominam logo todo o seu ser, e n'um momento descortinam toda a verdade que até então lhes fôra velada. Mas quasi sempre o Espirito de DEUS na leitura da Biblia é como o assopro da branda viração em que Elias viu DEUS no Horeb. O crente ouve uma voz e sabe que DEUS lhe falla; e lá fica no seu coração esta mais pequenina de todas as sementes que depois vai germinando até tornar-se na arvore em cujos ramos vêm as aves do Ceo fazer seus ninhos (*Matt.*, 13 : 31, 32). A semente cresce sem elle saber como: e no decurso do tempo elle vê que ella o está transformando na figura de JESUS, o seu prototypo.

Si isto acontece aos simples crentes, está claro tambem que a

communidade em que se busca a Biblia para nella ouvir a voz divina, e por ella regular a sua vida, é necessariamente a mais elevada e *civilizada*, seja qual fôr o preconceito sobre o que constitue civilização. A mais adeantada sociedade é a de verdadeiros Christãos educados no respeito e amôr de DEUS em JESUS CHRISTO e no respeito e verdadeiro amôr do proximo, como filhos de DEUS, taes quaes somos tambem: é a sociedade que sabe mais glorificar a DEUS pelo Seu ineffavel dom desta vida á que JESUS CHRISTO veiu dar uma significação tão profunda e momentosa. A sociedade mais completa, mais forte, mais perfeita é aquella cujo maior numero *ouve a Deus*: é dahi que procede a força que transforma a communhão em multiplas maneiras n'um vigoroso e possante instrumento de DEUS na terra.

BIBLIOGRAPHIA.—É enorme a bibliographia sobre a Biblia e aqui só pretendemos apontar algumas obras mais practicas. Alem dos artigos sobre o assumpto nas Encyclopedias mais conhecidas e diccionarios biblicos podem ser consultados com vantagem sobre esta primeira parte de nossa obra: Lee, Sunday e Horton, sobre *Inspiration*; Horton, *Revelation and the Bible*; o *Einleitung* de Bleek (ed. de Wellhausen); Ottley, *Aspects of the Old Testament*; Sanday, *Oracles of God*; Ladd, *Doctrine of the Sacred Scriptures* (2 vols.); Briggs, *General Introduction to a Study of Holy Scripture*; Farrar, *The Bible, its Meaning*, etc.; Croslegh, *Bible in the Light of To-day*; Briggs, *Biblical Study* e *Bible, Church and Reason*; Harnack, *Bible Reading in Eastern Church*; Rogers, *Superhuman Origin of the Bible*; Simon, *The Bible, an Outgrowth of Theoc. Life*; Kirkpatrick, *Divine Library of the Old Testament*; Dobschütz, *Bible and Civilization*; Sprott, *Modern Study of the Old Testament*; Kent, *The Origin and Permanent Value of the Old Testament*; Harnack, *Wesen des Christenthums*; Lock, *Bible and Modern Life*. Mais adeante mencionaremos as principaes obras de consulta sobre o canon do Velho e o do Novo Testamento e seus Livros; sobre a critica litteraria e historica de ambos.

SEGUNDA PARTE

O VELHO TESTAMENTO

CAPITULO X

AS LINGUAS DO VELHO TESTAMENTO

São tres as linguas da Biblia : duas, representantes da familia Semitica e de grande affinidade entre si ; e a terceira sendo o mais nobre expositor da familia indo-germanica. Cada uma dellas foi a lingua ideial para o fim providencial de preparar e fixar a revelação de Jesus, e de propagal-a pelo mundo inteiro. Todas as trez, tendo servido a este fim divino, são o que chamamos *linguas mortas*, dando ás gerações, aos seculos post-christãos e ao futuro a estabilidade de fórmas inalteraveis, para todas as raças e idiosyncrasias humanas.

O Velho Testamento foi escripto em duas dessas trez linguas.

A primeira dellas é o Hebraico, da familia semitica.

Divide-se a familia de linguas semiticas em quatro ramos : 1. o Assyrio e o Babylonico ; 2. o Aramaico, que comprehende o Syrio, Chaldeu e Samaritano ; 3. o Hebraico com o Phenicio ; e, por fim, 4. o Arabe com o Ethíope.

Todos estes idiomas se relacionam uns com os outros mais que quaesquer affins dos indo-germanicos,—como o Portuguez e o Hespanhol. O grupo do sul, o Arabe, tem as mais completas fórmas syntaxicas e parece ser o mais velho, ao passo que o Aramaico, ou do Noroéste e Éste, é de certo o mais simples. E deste é que mais se approxima o Hebraico. As relações destes ramos são intimas pois que todos elles provieram de uma lingua-mãe que muito provavelmente falava-se ao sul da Babylonia, segundo a opinião de Schrader, lingua essa que era o Akadio original deste paiz.

As linguas semiticas do Norte, que são as que mais nos interessam aqui, dividem-se em trez gruppos principaes : 1. o Babylonio e o Assyrio, fallado no Léste e Nordéste ; 2. o Aramaico, ao Norte e Noroéste ; e 3. o Canaaneu (ou o Phenicio)

e o Hebraico. Os Arameus ao correr do tempo espalharam-se para o Sul e Sudoéste, ao O. do Euphrates, penetrando em toda a Syria e a Palestina, e com elles a sua lingua; e com vagar crearam-se dous ramos diversos dessa lingua, a do Léste, ou do NO. da Mesopotamia, e a do Oéste que inclue o Aramaico da Palestina e em que escreveram os trechos citados em *Esdras* e *Nehemias*, os *Targa*, o *Talmud* da Palestina, etc. Era a lingua geral no tempo de Jesus Christo.

Está visto que em Israel fallava-se o Hebraico e até depois de Exilio continuou a ser a lingua dos Israelitas, como se vê das prophecias que nos deixaram Haggeu, Zekariah e Malachiyah, e as memorias de Esdras e Nehemias cuja linguagem, apezar de já corrompida, apresenta forte contraste com a de seus redactores e ampliadores posteriores. Pode-se dizer que o Hebraico era fallado e escripto correntemente até o meiado do Seculo V a.c. Dahi por deante o Aramaico fallado pelas populações que foram introduzidas pela Assyria na Palestina foi sobrepujando o Hebraico que tornou-se a lingua da gente culta, da religião, das leis. Assim, pois, os Judeus do Exilio não trouxeram, como muitos pensam, a lingua da Babylonia que erroneamente cuidam ter sido o Chaldaico, pois os Babylonios, está sobejamente provado por cuneiformes, fallavam o Assyrio, um tanto modificado.

O Hebraico.—O Hebraico não é, como muitos Judeus, e outros, pretendem, a lingua primitiva do mundo. Mas as diversas linguas semiticas vieram de uma fonte commum primitiva, cujas raizes eram monosyllabicas, como acontece com as linguas indo-germanicas, o que prova a unidade de todas as linguas. Como se originaram as differenças profundas que se succederam é o que a philologia não conseguiu ainda explicar. Não ha duvida que, em relação ás outras linguas semiticas, o Hebraico conserva os characteres da maior antiguidade pela sua maior simplicidade e pureza de formações lexicas e grammaticaes, não falando da riqueza de seu vocabulario em tudo que se refere á Religião, e á vida do espirito.

Tem-se debatido bastante si Abrahão e seus descendentes continuaram a fallar a sua propria lingua, que trouxeram do Euphrates ou si, achando dialecto congenere em Canaan, adoptou-o. A questão não tem importancia especial desde que se tracta de dous dialectos de uma mesma familia. O mais provavel, porêm, é que Abrahão adheriu á sua propria lingua, tanto mais quanto elle e seus successores immediatos conservaram-se estrictamente não contaminados pelos Canaanenses.

Muitos escriptores, para provarem que a lingua de Abrahão era diversa da que trouxera do alem-Euphrates, citam o facto que o *Deut.*, 26 : 5, refere-se a Jacob como o " Syro." Com effeito o texto hebraico diz, litteralmente : ' Um Arameu perdido foi meu pai." [1] Mas isto, pelo contrario, prova que Abrahão com effeito era oriundo de Harran, donde emigrou, e a lingua de Harran, como de todo o NO., era o Aramaico que se chamou depois tambem Syro.

Nem ha difficuldade no texto biblico em que Labão e Jacob, levantando um grande montão de pedras como monumento de seu compacto de paz, chamam-n'o " cabeço " ou o " montão do testemunho, *cada um segundo a propriedade de sua lingua* " (*Gen.*, 31 : 47). Parece isto provar que tio e sobrinho já não fallavam o mesmo idioma, o de Labão sendo naturalmente o de seu pai, irmão de Abrahão, filho de Terah. F. Delitzsch explica [2] que os dous nomes são quasi identicos e que ao envez do trecho provar que Abrahão levou o Aramaico da Mesopotamia para Canaan, o facto, pelo contrario, é que os " Terahitas que ficaram na Mesopotamia, durante os 180 annos entre a emigração de Abrahão e este facto aqui narrado, ficaram conhecendo o Aramaico do paiz, mas que na familia de Terah fallava-se o Assyrio-babylonico que menos differença fazia da lingua dos Canaanenses ou o Canaaneu, do que havia entre o Aramaico e essa lingua."

Mas esta opinião é por muitos rejeitada. Basta notar que F. Delitzsch não nos dá a razão por que Abrahão devia ter fallado, como sua lingua, o Assyrio-Babylonico. A explicação das duas linguas, de Labão e de Jacob, está no facto que Labão continuava a fallar o puro Aramaico de seus pais, ao passo que Jacob fallava a " lingua de Canaan " ou Hebraico.

Só nos ultimos seculos antes do Christianismo se chamou *Hebraico* á lingua do Velho Testamento. A essa lingua os Assyrios chamavam a " *lingua do paiz do Oéste* " ; e " *lingua de Canaan* "(*Is.*, 19 : 18). Os emissarios de Hezekiah pedem aos de Sin-acherib que lhes fallem no Syriaco para que não os entenda o povo de Jerusalem : " não nos falles," dizem ao chefe da missão, " na *lingua judaica* " (4 *Reis*, 18 : 26). O termo *Hebraico* é primeiro empregado no prefacio ao Livro do *Ecclesiastico.*

O Hebraico é o diálecto israelita da lingua de Canaan, que,

[1] Não parece certa a versão da Vulgata e dahi a de Figueiredo : "O Syro perseguia a meu pai o qual desceu ao Egypto," etc. Keil e Delitzsch *in loco* dizem que essa versão, alias corrente, está errada.—A palavra hebraica que se traduz por *perdido* é synonima de *moribundo*; encontra-se mais em Job, 29 : 13 ; Prov., 36 : 6, etc.

[2] F. Delitzsch, *Commentär über d. Genesis*, Leipzig, 1872.

se póde provar com cuneiformes, já existia quinze seculos A.C. e em notavel estado de desenvolvimento. O Hebraico tornou-se tão generalisado na Palestina, desde o tempo de David que o reconheceu como lingua official, que depois *Jer.*, 27 : 3 esperava que os Edomitas, Moabitas e Ammonitas o entendessem.

Como já fizemos sentir, quando Abrahão emigrou para Canaan, já a lingua hebraica tinha litteratura importante, sua propria, de origem babylonica. Em monumentos do Egypto são encontradas palavras de hebraico-canaaneu que remontam a seguramente 1700 annos antes de J. C. Tem-se achado expressões inteiras em ruinas antiquissimas nessa lingua que os Phenicios depois levaram á Africa septentrional e á Hespanha. E até o Captiveiro da Babylonia fallou-se o Hebraico.

A longa permanencia dos Israelitas no Egypto não influiu em modificar o Hebraico. Os filhos de Jacob conservaram sua lingua, suas tradições e a indole da sua raça. As peculiaridades de sua civilização não são egypcias, mas babylonicas. As tradições da Creação, do Diluvio, da Torre de Babel são babylonicas. Seu calendario, seus pesos e medidas, são da mesma origem, bem como o é o parallelismo das sentenças na sua poesia, moldado inteiramente nos antigos hymnos Akadianos da Babylonia. No tempo de Moysés já se conhedia a escripta entre os Israelitas, ainda que só entre poucos.

Todo o Velho Testamento é escripto neste Hebraico. As unicas excepções são : 1 *Esdras*, 4 : 8 a 16 e cap. 18 ; 7 : 12 a 26 ; *Jer.*, 10 : 11 ; *Dan.*, 2 : 4 a 7, e cap. 28. Estes trechos são escriptos no dialecto chaldaico, anterior ao Syriaco e tambem ao Chaldaico dos Targa. Isto explica-se pela residencia de Esdras e Daniel na Babylonia e suas relações com as auctoridades persas.

Sabe-se hoje pelas excavações do Dr. Petrie em Fayum e Tel-el-Amarna, no Egypto, que um seculo antes do Exodo (o qual foi em 1214 A.C.) a lingua babylonica era geralmente conhecida em Canaan e as placas de barro achadas por aquelle sabio Inglez attestam que os Canaanenses até escreviam a sua lingua usando ás vezes dos caracteres cuneiformes da Babylonia.[1] Em Canaan parece terem existido bibliothecas, e até a palavra Cariath-senna (Kirjah-sanna) de *Josué*, 15 : 49 significando " cidade de instrucção," como a de Kirjah-sepher, mencionada n'uma dessas placas, queria dizer " cidade de livros."

O mais antigo fragmento de litteratura hebraica que existe, na opinião de todos os criticos mais abalizados, o canto de Débbora, que constitue o cap. quinto do livro dos *Juizes*

[1] Vide tambem Sayce, *Higher Criticism and the Monuments*, pags. 52, 53.

(talvez 1070 annos A.C.) falla (v. 14) dos que manuseam a penna do escrivão. " Senhores desceram de Makir: homens peritos com o stylo do contador distinguiram Zebulun." [1] A prophetisa quer distinguir entre as tribus e diz que só as de Zebulun e Nephtalim combateram nas planicies de Issacár. Sem duvida, exclama Débbora, Efraim e Benjamin são notaveis por terem sobrepujado a Amalek, e Makir se tornou celebre pelos seus mekokekim, *ordenadores da lei*, e Zebulun por seus peritos na arte de sopher, isto é, ler, escrever e contar. Zebulun era uma tribu commercial como Sidonia e mantinha grandes transacções. Dahi os seus *sopherim*,—contadores, que faziam a correspondencia ou, tempos depois, escrivães das côrtes dos reis judeus, e que assistiam aos sacerdotes em varios misteres. Os " ordenadores da lei " eram os juizes que faziam *gravar* as leis ; e a origem da palavra hebraica é a mesma de gravar e gravador. Elles gravavam em metal ou pedra ou barro, o outro escrevia as leis com seu stylo no papyro ou pergaminho.

O Velho Testamento dá bastantes exemplos de escriptos, mas não se pode apurar si no tempo de Abrahão já era commum a linguagem escripta. Nos compactos divinos, nos primeiros tempos, não se usava nada escripto, como se vê de *Gen.*, cap. 1, 9 e 28. O do cap. 23, importantissimo como foi, não passou de uma promessa oral.

Entretanto, no tempo dos Prophetas, como observa Ewald, até contractos corriqueiros eram escriptos, como se vê de *Jer.*, cap. 32, e Jeremias floresceu em 628 A.C. É verdade no *Gen.*, 38 : 18, 25, faz-se menção do annel com sinete e o mesmo se deprehende do *Ex.*, cap. 39 : mas isto só por si nada prova de definitivo. Do que não ha duvida, porêm, é que Moysés escrevia. Escreveu as taboas da Lei e não se poderia acreditar que só então começasse a fazer uso da escripta, usando de materiaes tão rudes. Com effeito, em *Ex.*, 24 : 4, 7, se diz que " Moysés escreveu todas as ordenações ao Senhor," e logo depois (v. 7) que elle mesmo " tomando o Livro do Concerto, leu, ouvindo o povo."

Em *Num.*, 33 : 1, 2, vemos, em referencia ás viagens dos filhos de Israel, que Moysés " escreveu suas sahidas para suas viagens pelo mandado de DEUS." [2] Em *Num.*, 5 : 23, Moysés

[1] A versão da Vulgata e dahi a de Figueiredo falla de *principes* e de *commandantes de exercito*. A excellente traducção hespanhola da Biblia Hebraica de Amsterdão (5486) dá "escrivanos" e "atrayentes con pendola de escrivanos."

[2] A versão da Vulgata, donde Figueiredo traduziu correctamente, é menos fiel. Segundo varias auctorizadas traducções do Hebraico, o texto diz litteralmente: "Estas (são) as viagens dos filhos de Israel que sahiram da terra do Egypto com suas hostes sob a mão de Moysés e Aarão. E Moysés escreveu suas sahidas para suas viagens por dicto mandado de JAHVEH, e estas (são) suas viagens par suas sahidas."

manda o sacerdote escrever certas maldições. A lamina de sagrada veneração, de ouro, que se ajustava á mitra do sacerdote, devia ter "escripto" nella por mão do gravador as palavras: "Sanctidade do Senhor." No *Ex.*, 17 : 14, "disse o Senhor a Moysés: "Escreve isto n'um livro para monumento." Moysés intercede pelo povo (*Ex.*, 32 : 30-35) pede ao Senhor que perdoe os seus escolhidos "ou se o não fazes, risca-me do teu livro que escreveste." O Senhor lhe respondeu: "Eu riscarei do meu livro aquelle que peccar contra mim,"—figuras estas que provam a existencia da escripta e do livro.

Disse mais o Senhor a Moysés: "escreve para ti estas palavras, pelas quaes eu fiz concerto comtigo e com Israel" (*Ex.*, 34 : 27). E isto foi quando Moysés, jejuando 40 dias "escreveu nas taboas as dez palavras do concerto."

A mesma ordem de escrever existe em relação a outros factos. Por exemplo, no *Deut.*, 31 : 19, Deus diz: "Escrevei para vós este cantico e ensinae-o aos filhos de Israel, para que elles o saibam de cór. . . ." E podemos ter certeza que quando o mesmo *Deut.* nos diz que Moysés pôz diante do povo a Lei do Senhor,[1] escreveu-a por ordem divina.

É bem natural que no começo os antecessores de Moysés escrevessem com ideogrammas e que só no correr dos seculos começassem a compõr as syllabas ou palavras com signaes convencionaes fixos representando a sua pronuncia. É impossivel, porêm, marcar uma epocha certa para esta transição, sendo apenas certo que o seu uso era antigo. O Pentateucho refere-se ao venerando "Livro de Jasher" (*Jos.*, 10 : 13; 4 *Reis*, 1 : 8) e ao "Livro das Guerras do Senhor" (*Num.*, 21 : 14). Em *Juizes*, 8 : 14, se diz que um servo "*escreveu* (não 'descreveu' como na *Vulg.*) a nota de septenta e septe pessoas,"—e este texto é bem antigo, como veremos depois. Em *Jos.*, 8 : 31, se vê que se *escrevia* então. Em *Jos.*, 18 : 4, e seg. falla-se da demarcação de terras e Josué ordena que lhe tragam a demarcação. Independentemente das referencias dos livros mais antigos da Biblia á escripta, podemos ainda hoje ver no Louvre a celebre lapide de bazalto preto, de 1.20×0.60 m. de dimensão, e com 34 linhas, achado em 1868 por um missionario inglez, a 40 kils. a léste do Mar Morto e de que se tirou uma impressão ou "decalque," antes de ter sido quebrada em pequenos pedaços pelos Beduinos. Esta *lapide moábita* (por ter sido encontrada na terra de Moab) commemora a victoria de Mésa, rei desta terra, vassallo que fôra de Jorão, rei de Israel, e que, depois de battido por este, fê-lo recuar, por haver offerecido o seu filho

[1] Comp. *Deut.*, 4 : 44; 29 : 1; 28 : 58, 61; 31 : 9, 24; 27 : 1-8; 31 : 9.

primogenito em holocausto sobre o muro da sua capital (v. 4 *Reis*, cap. 3). Esta inscripção que é a mais antiga que se conhece em Hebraico deve ser de cerca de 850 A.C.[1]

Em *Jos.*, 10 : 13, se falla no "Livro das Guerras de Jasher" (tambem traduzido como "Livro dos Justos")[2]; e ainda depois cita-se o "Livro das Guerras do Senhor" (*Num.*, 21 : 14); o "Livro da Historia do Reinado de Salomão" (3 *Reis*, 11 : 41); o "Livro dos Annaes dos Reis de Israel" (3 *Reis*, 15 : 31).

Poder-se-ha dizer que este uso da escripta já era de epocha muito posterior. Mas si a archeologia prova que muito antes de Moysés a Babylonia já tinha por escripto até o elaborado codigo de leis de Hammurabi, não sabemos por que negar que no tempo de Moysés, elle e uma classe culta do seu povo, practicassem a escripta.[3]

Quanto ao modo de escrever, a lettra hebraica de que se usa hoje é a syria ou quadrada e que foi introduzida na Palestina depois do Captiveiro. Mas ainda existem moedas cunhadas no tempo dos Maccabeus em que se vê a lettra antiga. Não ha prova de que a lettra quadrada fosse introduzida por Esdras, como pretendem os Judeus: a transformação veiu gradualmente.

Ao tempo de JESUS CHRISTO os MSS. ainda usavam a lettra redonda, pois é nesta que ha o *iota* e o *apex* da *Vulgata*, ou o *i* e o *til* da Lei (*S. Matt.*, 5 : 18), isto é, os menores signos do alphabeto, que não passarão, disse o Salvador, sem que tudo seja cumprido na execução della. O *iota* e a lettra hebraica *yod* que é a menor do alphabeto e o til ou *Kevaia* é a pequena curva que distingue o *d* do *r* e o *l* do *k*. E ha inscripções antigas em que o *yod* só é representado por um pequeno poncto.

O alphabeto hebraico é só de consoantes, como em quasi todos os systemas da tachygraphia, de modo que, por exemplo, uma palavra das trez lettras ש (ch), מ (m), ד (r) ou שמר (lida da direita para a esquerda), póde ser *chamar* (elle guardou), *chemor* (guarda tu), ou *chomer* (guardando), o sentido determinando ao leitor qual das trez deve preferir.

Deixando de ser lingua viva, comprehende-se em que difficuldades se viam os sacerdotes, Levitas, escribas e doctores para que se conservasse a verdadeira pronuncia da lingua e

[1] Sobra ella consultem Driver, *Notes on the Hebrew Text of the Book of Samuel*, pag. lxxxv e seg., e *Records of the Past*, ii. 194 e seg. (nova serie).—Veja-se no fim deste vol. a photogravura deste monumento.

[2] Comp. 2 *Reis*, 1 : 18.

[3] Vide Ewald, *Lehrbuch der hebr. Sprache*, Leipzig, 1855, pag. 22. Consultem tambem Renan, *Histoire général et système comparé des langues sémitiques* (3ª edição, 1863), e os commentadores do Pentateuco, Delitzsch, Lange, etc.

a sua interpretação. Entretanto só foi seculos (talvez entre o 6° e o 10°) depois da nossa éra que se introduziram, para facilitar a leitura, dos livros sanctos, os ponctos ou signaes distinctivos das vogaes, e disso se incumbiram especialmente os lettrados judeus estabelecidos na cidade de Tiberias que propuzeram assim conservar a tradição (Masora ou Massora), donde o systema de assim annotar o texto antigo passou a chamar-se *massoretico*. O texto propriamente ficou o mesmo mas sub- e supra-ponctuado com as vogaes.

A lingua hebraica foi de certo escolhida providencialmente para preservar a historia da Theocracia dos Hebreus e Israelitas, que é tambem a prova inconcussa da nossa fé. Seria impossivel cogitar de outro idioma que melhor se adaptasse a esse intuito grandioso. O Hebraico foi realmente a lingua *religiosa*, de que Moysés se tornou o verdadeiro organizador, dando-lhe uma estabilidade massiça, para que legasse, intacta, a revelação de Deus, á posteridade.

Não póde ser mais simples o esqueleto da lingua dos livros do Velho Testamento. É a lingua propria das primeiras épocas dos povos, em que a contemplação e não a reflexão, a percepção e não o raciocinio, predominam em toda a sua espontaneidade e singeleza. São os phenomenos, os effeitos, e não as leis das coisas que se buscam. Mas aqui temos phenomenos, effeitos, percepções que, de um jacto, vemos ligados todos a uma causa ultima e absorvente,—o Creador. Dahi, em primeiro logar, a extrema simplicidade do Hebraico,—nos seus sons, alias tão varios; nas suas raizes, uniformemente de trez consoantes, geralmente accompanhadas de uma vogal; nas suas inflexões por virtude, sobretudo, de modificações *internas*; no seu arranjo de clausulas nas sentenças, com poucas conjuncções, arranjo que muitas vezes indica o fim ou o resultado; na sua poesia tão singela, com seu parallelismo synthetico ou antithetico, e que torna os seus lyricos de facil versão para qualquer lingua.

No Hebraico, a fórma, a preoccupação litteraria, monta a muito pouco. É a idéia, o pensamento, a emoção que se procura evolver, sem pêas, da palavra. Seria por demais longo mostrar como elle alcança esse fim,—como, por exemplo, meras mudanças de lettras da raiz, e o uso dos suffixos, modificam a força e o tom dos sentimentos que se quer exprimir.

De mais: o que tambem dá magestade a uma lingua é o material sublime do pensamento que exprime. E aqui o Hebraico é *unico*. Deus, "o que É" o verdadeiro Deus,

JAHVEH, o Redemptor do Seu povo, é o thema principal, quasi constante, da lingua e da litteratura hebraica,—não um DEUS pantheistico ou meramente deistico, mas uma *Pessoa* que sympathiza com Suas creaturas, que o servem no gozo legitimo da vida ; cuja Presença percebem, sentem, e estremecem. Dahi o realismo do Hebraico, o antropomorphismo do Velho Testamento. O homem não apparece idealizado : appresenta-se tal qual é, com suas miserias e tambem na sua bravura e belleza natural. Mas este realismo é expresso com todas as gradações de côres, de que as linguas indo-germanicas não podem ter idéia. Nestas os synonimos são poucos e bem assignalados : no Hebraico ha, por exemplo, 55 synonimos para *destruir*, 60 para *quebrar*, 74 para *tomar*, etc., sendo impossivel definir claramente as subtis gradações entre elles. Esta riqueza da synonimia das palavras, bem como das phrases, contribue poderosamente para a majestade estupenda do pensamento. É uma lyra de que dispõe um grande artista, com milhares de cordas, cada uma com seu som, sua côr especial, e de que desfere as mais transcendentes harmonias.

Este grande *movimento*, esta vivacidade e fervor do pensamento hebraico, dão á lingua uma grande *sinceridade*, *tenacidade* e *emphase* no modo de dizer. É uma lingua transparente como um vidro atravéz do qual se vê a alma do povo. Nada daquella reserva, calma e fria, daquella auto-consciencia do Grego.[1]

No meio de tudo isto somos levados a admirar o character de *estabilidade* da lingua hebraica. Entre Moysés e o Captiveiro, nesse longo periodo secular,—o Hebraico conservou-se sem ser profundamente abalado, si bem que logo depois começasse a resentir-se de novas influencias. Só nos ultimos tres seculos A.C. o Hebraico escripto soffreu notavel alteração, de que se resentem, diz Driver,[2] *Esdras* e *Nehemias*, *Paralipomenos*, e *Esther*. Ao passo que elle conserva muitas das expressões e fórmas classicas antigas, " ha deterioração evidente na syntaxe, a estructura das sentenças é pezada e sem elegancia, notando-se ao demais uma evidente mistura de palavras e idiomas, antes desconhecidos e com affinidades com o Aramaico, como os que se tornaram constantes no Hebraico depois da nossa era." Preferiu então o Hebraico *morrer* a subjeitar-se a essa fusão,—e veiu o Aramaico substitui-lo.[3]

[1] V. Keil, *ob. cit.* ; Ewald, *Aufs. Lehrbuch des Heb. Sprache* ; Gesenius, *Heb. und Chald. Handwörterbuch* ; Schrader, *Semitismus* ; Briggs, *Biblical Study* ; Max Müller, *Science of Languages.*

[2] *An Introd. to the Literature of the O.T.*, 9ª ed., 1913, pag. 473-4.

[3] E curioso que a denominação *Hebraico* como lingua dos Hebreus só tivesse fóros de cidade, como dissemos, pouco antes da nossa era, e entre os hellenistas. Os

O Aramaico.—Não quer isto dizer que a lingua do Velho Testamento não evolvesse, como não podia deixar de evolver progressivas alterações nos muitos seculos em que foram escriptos os seus livros. O *Genesis* traz bom numero de palavras e phrases não usadas no tempo de Moysés apezar de grammaticalmente perfeitas.

Já nos septecentos annos que foram de Moysés a David, o Hebraico perdeu alguma cousa do seu cunho antigo. Comparando os livros desta ultima época com as historias de J e de E do Pentateuco, os criticos-philologos têm demonstrado: 1º, que ellas encerram palavras, e fórmas de palavras e phrases, que nunca foram repetidas nos livros subsequentes do canon judaico; 2º, que muitas dellas só depois foram readmittidas no Exilio da Babylonia e posteriormente em consequencia da renascença da cultura antiga pelos prophetas e religiosos do tempo; 3º, que muitas palavras e phrases da prosa antiga foram depois transportadas só para a poesia; 4º, que outras mudaram completamente de sentido ou de fórma.[1]

O desenvolvimento nacional no tempo de David e Salomão deu consideravel expansão á lingua, concomitante com a maior actividade civil, politica e religiosa da nação. A poesia, que tanto floresceu nesses reinados, desenvolveu muito a riqueza do vocabulario e sua força e versatilidade.

Durante o Captiveiro, com o influxo de Syrios na Palestina, o dialecto aramaico foi se derramando ahi, e exercendo immediata pressão no desenvolvimento independente do Hebraico. Si as prophecias de Nahum e Habacuc ainda são expressas em bôa e pura linguagem, não acontece o mesmo com as de Sophonias, Jeremias e Ezekiel. Jeremias, que começou a officiar em 628 e Ezekiel em 598, mostram grande decadencia nos seus estylos, bem como o livro de *Ecclesiastes*. Ao contrario, graças ao castigo do proprio Captiveiro e do revivecer da fé e dos estudos dos codigos antigos do seu povo, os tres prophetas do periodo *post exilium* escreveram em linguagem castiça e classica. Já os livros do *Paralipomenos*, *Esdras* (e *Nehemias*) e *Esther* trahem um hebraico impuro e deturpado. Do povo que voltou da Babylonia a Jerusalem, muitos eram velhos (*Esd.*, 3 : 2) mas quasi todos eram de edade em que teriam esquecido o idioma hebraico, sobretudo quando acharam como vernaculo da Palestina o Aramaico que, a seu turno, era bastante fallado na Babylonia. Sómente a pequena

exemplos mais antigos do emprego dessa palavra são encontrados no prologo do livro *Ecclesiastico* (180 A.C.) e em Flavio Josepho. Os antigos referiam-se á "lingua de Canaan," "lingua do paiz do occidente," "lingua judaica" (como em *Is.*, 36 : 13), etc.—V. Alfred S. Gedden, *Outlines of Introd. to the Hebrew Bible*, 1909.

[1] Keil dá paginas inteiras de exemplos para cada um desses casos.

classe mais velha e mais educada, a dos sacerdotes e Levitas, conservavam o Hebraico. Já no tempo de Nehemias fôra necessario, lendo a Lei ao povo, tornar o seu sentido claro e distincto " para se entender " (*Neh.*, 8 : 8).

Depois da volta do Captiveiro, pois, o Hebraico foi a passo rapido perdendo terreno. A lingua resentiu-se das recentes influencias do povo syrio que occupou a Palestina e que fallava o Aramaico e, do outro lado, dos neologismos que os Israelitas trouxeram da Babylonia.

O Aramaico é o ramo septentrional da familia syro-arabe, de que o Chaldaico e o Syriaco são dialectos. Prevalecia na Mesopotamia e sobretudo na Syria. Já antes do Captiveiro esta lingua havia feito bastantes incursões no Hebraico da Palestina. Com vagar ella dominou do Tigre ao Mediterraneo supplantando o Hebraico, e só do Seculo IX da nossa éra cedeu o passo á sua consanguinea, o Arabe. A primeira referencia que existe della é a de *Gen.*, 31 : 47 (monumento de Labão e Jacob) vindo depois a de 4 *Reis*, 28 : 26, donde se vê que a gente educada da Terra Promettida entendia o que nella se fallava. Sob o dominio persa (559-330 A.C.) foi a lingua official da Palestina. É que, como dissemos, a lingua já havia, durante o Captiveiro, invadido o paiz com os Syros que vieram povoal-o na ausencia dos Israelitas, sobrepujando completamente o Hebraico que ficou sendo lingua morta, quasi reservada aos sacerdotes e versados nas lettras religiosas.

O Aramaico é a menos desenvolvida de todas as linguas semiticas, mostrando decrepitude, pobreza de fórmas e de vocalização, demasiada concisão e adopção de muitos neologismos. Era a lingua das raças da Mesopotamia que guerrearam o Egypto e que, segundo boas auctoridades,[1] usaram do mais remoto systema de escrever. Mas, com tudo isso, foi o vehiculo do commercio durante o periodo persa, tomando o logar do Phenicio, sendo a seu turno supplantado nisto pelo Grego.

O Aramaico continuou a ser a lingua dos Judeus durante os periodos persa, grego e romano. Nestes dous ultimos periodos a mixtura dos Semiticos com os Gregos nos circulos officiaes, nas colonias gregas da Decapolis e nas cidades da costa da Palestina bem como nos grandes centros de Tiberias, Samaria e até em Jerusalem, foi paulatinamente desalojando o Aramaico. Herodes e os sadduceus animavam a adopção da lingua e dos costumes gregos.

Este Aramaico que se fallou na Palestina e que o historiador Flavio Josepho ainda chama Hebraico, é a lingua que S.

[1] Briggs, *já cit.*; Schürer, *Neutestament Zeitgeschichte.*

Jeronymo chama Syro-Chaldaica, e é a em que foram escriptos quasi todos os deutero-canonicos do Velho Testamento, taes como *Judith*, *Tobias*, 1° dos *Maccabeus*, e depois, segundo suppõe-se, o Evangelho de S. *Mattheus*.

Era a lingua corrente do tempo de N.S. Jesus Christo. Mas até o periodo dos Maccabeus nada produziram os Judeus que nos legassem, fóra dos livros sanctos. No tempo em que S. Jeronymo traduziu o Velho Testamento poucos delles conheciam a lingua. Só no Seculo IX da nossa éra começaram Judeus a estudar philologicamente o seu velho idioma.

Nos livros apocryphos ou deutero-canonicos, excepto n'um dos *Maccabeus*, já se nota a influencia grega que tambem accusa o ultimo periodo da historia dos Hebreus, em que os foram escriptos.

É difficilimo tractar-se de estylo individual dos escriptores do Velho Testamento, porque, fóra os prophetas, os livros do canon hebraico foram muitas vezes obra, cada um, de varios escriptores que os compilavam e redigiam. A historia de José no Egypto, por exemplo, tem um vocabulario quasi especial, proprio da época em que foi compilado. Os Psalmos têm material de diversas épocas, e assim por deante. Nem é isso de extranhar tractando-se dessa veneranda collecção de livros sagrados que, mesmo segundo os criticos mais severos, foram compostos n'um periodo de mil annos e que hoje, após a mais rigida dissecção de tantos seculos, apparece cada vez mais forte e cohesa.

CAPITULO XI

TEXTO, MANUSCRIPTOS E PRIMEIRAS EDIÇÕES DO VELHO TESTAMENTO

O TEXTO dos livros hebraicos que constituem o nosso Velho Testamento não é sempre integralmente o mesmo em que foram escriptos e promulgados, sem que, todavia, haja soffrido grande alteração intrinseca. Desde o começo, os Judeus, e depois os Christãos, empenharam-se, em todas as épocas, em preservar a fidelidade destes livros sagrados, examinados e verificados sempre como a fonte da verdadeira Religião, e o inspirado deposito dos recados de DEUS sobre o Homem.

Esta collecção de livros, pois, não é um thesouro inanimado que pudésse ser guardado especificamente intacto. Os textos precisavam ser copiados e divulgados, durante desenas de seculos,—pois que Moysés, a quem se deve o nucleo desses livros, morreu ha mais de tres mil annos.

O esmero sagrado na sua conservação era inexcedivel. Demais, o seu emprego lithurgico nas synagogas, e o seu compulsar constante pelos doctores e escribas, e ainda depois disto as versões delles para outros idiomas, tudo veiu garantindo a sua integridade intrinseca. Assim, apezar de se ter mudado a lingua e o alphabeto da população da Palestina no periodo entre o Captiveiro e a Incarnação (587 annos), os Livros mais antigos, graças a este conjuncto de circumstancias, livraram-se de toda e qualquer adulteração, si não puderam livrar-se dos erros de copistas.

É este Texto do Velho Testamento e sua historia que nos cumpre agora estudar, no seu lado material, deixando o seu estudo critico-litterario para secção ulterior.

Como já se disse, a lingua syriaca ou aramaica supplantou na Palestina o Hebraico, aos poucos, depois do Captiveiro. Reservada ao culto, a velha lingua, que se tornára morta, foi sempre cultivada pelos escribas, e com vagar abriram-se escolas importantes do estudo dos livros sanctos, que duraram seculos, até mesmo depois da destruição de Jerusalem pelos Romanos. As principaes dellas se estabeleceram em

Jamnia (Janes), Cesaréa, Lydia, Zyphoria e, sobretudo, em Tiberias, e, no segundo seculo da nova éra, na Babylonia e no Euphrates. Só no Seculo VIII ellas emigraram para o occidente, em virtude das grandes perseguições dos Mahometanos, e crearam centros notaveis de erudição hebraica e rabbinica no norte da Africa, em Granada, Toledo e Barcelona, donde foram a seu turno expellidas pelos Mouros no Seculo XV, a Allemanha recebendo depois esta herança que a Reforma desenvolveu no Seculo XVI.

Foi então que os Rabbinos, livres da influencia árabe, procuraram compôr no Hebraico, e empregaram termos dos livros sacros mas com significação moderna, termos novos para a representação de ideias novas, e modificando tambem a velha grammatica no sentido da aramaica, formando em summa uma especie de dialecto rabbinico que ficou sendo o *novo Hebraico* de que Buxtorf publicou depois o *Lexicon chaldaico-talmudico-rabbinico.*

A essas escolas na Palestina deve-se muito a defeza da integridade do nosso Velho Testamento, principalmente á de Tiberias, considerada a mais pura. Graças a seus esforços, prepararam-se no Chaldaico ou Aramaico (pois assim chamamos hoje indifferentemente a lingua da Palestina nesse periodo) paraphrases dos livros sanctos para leitura geral. Elles tambem fixaram a fórma geral, interna e externa, do texto sagrado, o modo correcto de escreve-lo e le-lo, o arranjo dos livros, a numeração até das lettras empregadas,—tudo isto até o segundo seculo da nossa éra.

Seguiu-se-lhe o periodo dos Talmudistas, cujo principal representante talvez tivesse sido o Rabbino Judah, o Sancto, ao qual se deve, dizem, a compilação do *Mishna* e o texto do *Talmud.* Judah morreu em cerca de 220, e emprestou grande renome ás escholas da Babylonia.

Foram importantes os trabalhos dos rabbinos desse tempo. Elles muitas vezes, estudando o texto dos livros sacros, achavam palavras e escriptas de certo modo (*Ketib* ou escripta), mostravam dever ser lidas de outro (*Qri* ou lida). Tambem propunham modernizar certas fórmas ou substituir palavras que no decurso dos seculos se tornaram de sentido dúbio e ás vezes indelicado ou grosseiro,—alem de annotarem o texto criticamente.[1]

Depois dos talmudistas vieram os massoritas que exerceram sua actividade do Seculo VI até o IX. Como o diz o seu nome,

[1] Por exemplo, no Psalmo 99, v. 3, diz Figueiredo: Elle (Deus) nos fez e não nós outros a nós. E o *Ktib* que a Vulgata seguiu. O *Qri* entende que deve ser "e nós somos Seus."

elles entregaram á posteridade essa massa de informações criticas que de novo recolheram, assim como todas as correcções e variações e alternativas dos textos sagrados. O Massora é a collecção systematizada dessa enorme massa heterogenea de tradições e commentarios dos Talmudos. É curioso o requinte critico com que estudaram palavra por palavra dos textos, inclusive o seu numero, a lettra do meio de cada livro, as mais e menos usadas, etc. Mas si muitas dessas pesquizas são inuteis ou exaggeradas, a poncto de nos parecerem pueris, grande serviço prestaram os massoritas ao mundo procurando esclarecer e fixar o *textus receptus* dos livros sanctos que formam o preparo e a introducção da nossa religião, e annotando esse texto com as suas varias leituras, quasi todas pela collação e confronto de varios manuscriptos, mas algumas lembradas por elles mesmos. Estas variações ou *Qris* notadas na " Biblia de Plantin " sobem ao numero 848.

Mas a maior contribuição com que os massoritas auxiliaram a elucidação e vulgarização dos textos foi suppril-os com signaes para as vogaes. Já dissemos que o Hebraico escripto só empregava as consoantes, apezar de ter vogaes ; o que, desde que a lingua tornou-se morta, dava ensejo a erros na pronuncia da palavra, na escolha do nome e no sentido da phrase. Os massoritas propuzeram-se fixar a pronuncia tradicional da palavra e começando por uma imitação das marcas dos Arabes, cuja lingua é affim do Chaldaico-syriaco, elles evolveram um systema de marcar as vogaes que em 300-400 annos chegou ao poncto de perfeição e fixidez em que o vemos hoje. Apezar de que os rabbinos hespanhoes dos Seculos XI e XII nada sabiam desta innovação, era ella já conhecida no Oriente inteiro.

A accentuação do texto foi tambem obra destes homens notaveis, e estes accentos eram ou de *sentido* ou meramente euphonicos. (V. illustração no fim deste vol.)

Desde o fim do periodo massorita, digamos, do Seculo XI até hoje, a collecção Massora tornou-se a grande auctoridade, segundo a qual se aferem entre os Judeus os seus manuscriptos dos Livros sagrados.

Póde-se dizer que todos os manuscriptos existentes são massoritas. Os mais antigos que existiam antes delles desapparecerem em consequencia das proprias providencias que os Judeus tomavam e tomam ácerca de seus manuscriptos deteriorados pela acção do tempo. Elles os deixam em logares humidos em que pereçam por si mesmos.

Alguns codigos massoritas têm sido considerados especialmente correctos para delles se tirarem copias, como o Codex

Hiddel, na Hespanha. o Aegyptius, o Hyerosolymitanus de Ben Asher, o Babylonius de Ben Naphtali. Do Pentateuco ha o Codex Sinaiticus, de grande auctoridade sobre a accentuação e o Codex Esdras, de Toledo (Hespanha), destruido no sitio de 1370.

Apezar da grande veneração dos primeiros padres pelos livros sacros dos Judeus, era o Hebraico quasi desconhecido da antiguidade christã. Exceptuando os traductores da versão Peshito, e Origenes, que pouco sabia, e S. Jeronymo que, para o seu tempo, tinha vasto conhecimento da lingua, quasi nenhum Christão conhecia o Hebraico. Só no XVI Seculo deu-se começo ao estudo desta lingua, apezar do Papa Clemente V ter procurado promovel-o em 1311 e dos esforços muito respeitaveis do Dominicano hespanhol, Raymundo Martini, em 1280, e do Franciscano Nicolau de Lyra, em Paris, em 1340.

Só foi em 1527 que o Dominicano de Lucca, Paganino, publicou em Lydo sua versão directa do Velho Testamento, sob permissão de Leão X. No periodo de 1550-1560 appareceram Seb. Münster e Johannes Buxtorf, entre outros, que muito concorreram para a divulgação dos estudos biblicos. A este ultimo deve-se o monumental Lexicon Hebraico-Chaldaico (Basiléa, 1607) de que ainda se tiram novas edições. No seguinte periodo, acabando em 1750, vemos gradualmente apparecer a philologia comparada, o estudo do Arabe e o dos dialectos semiticos que tanta luz têm lançado sobre o Velho Testamento. Finalmente de 1750 em deante, si não se tem conseguido a continuação do grande progresso das epochas anteriores, surgiram nomes de verdadeiros sabios como Schultens, Gesenius, Ewald, Julius Fürst, Franz Delitzsch e o Inglez Driver, que estudaram profundamente o desenvolvimento organico do Hebraico.

Segundo Herodoto (V, 58), os antigos escreviam em pelles de animaes e foi por intermedio dos Phenicios que esse costume veiu da Asia occidental aos Jonios. Só mais tarde entrou em uso o papel do Egypto, feito de folhas delgadas do papyro. Seguiu-se-lhe o emprego do pergaminho, isto é, pelles de animaes perfeitamente polidas. Os Judeus usavam a principio as pelles ou couros finos e no fim o pergaminho esmeradamente polido e preparado, tirado de animaes lithurgicamente puros. Essas pelles eram unidas, formando um rolo que se desenvolvia de uma em outra haste de madeira ás quaes os Judeus chamavam "arvores da vida." (V. illustração no fim deste vol.)

O texto era escripto á tinta e lia-se de alto a baixo. O *Ps.*, 39 : 8 diz, assim, que "na cabeceira do Livro está escripto de mim," e suppõe-se que esta "cabeceira" seja o alto do MS.

perto da haste. Em *Jer.*, 36 : 18 tambem o propheta refere-se ao facto que elle " escrevia no livro com tinta."

Nos manuscriptos sagrados empregavam-se os antigos characteres hebraicos, sem signaes de vogaes e sem accentuação e sem divisão alguma de secções, capitulos e versetos, que só com vagar foram sendo adoptados.

Como já ficou dicto, os antigos characteres hebraicos, depois da volta do Captiveiro foram sendo popularmente substituidos pelos novos characteres, quadrados, que eram os de que se usava geralmente quando JESUS CHRISTO annunciou a Verdade. Mas nos actos lithurgicos e até nas moedas dos Maccabeus, ainda se vêm as lettras do Hebraico antigo, que muito se parecem ás samaritanas e phenicias. Si é verdade que o character quadrado começou a ser usado no tempo de Esdras e Nehemias, não se deve admittir, aliás com alguns dos padres Christãos, que fossem elles que tivessem mudado o modo de escrever, cousa que se não póde conseguir subitamente. Os novos characteres vieram paulatinamente sobretudo pelo desejo de fazer bellas copias das Escripturas em lettras elegantes. Parece, porem, quasi certo que antes da nossa era vulgar já se escrevia geralmente com as lettras quadradas.

Os signaes das vogaes e a accentuação, como já ficou dicto, são de comparativamente recente origem, como se prova de sua ausencia em rollos lithurgicos das Synagogas e na sua tambem recente introducção em linguas semiticas cognatas ao Hebraico.

O systema massorita da annotação das vogaes é tão complicado que não póde ser attribuido a uma só geração ou epocha. Mas sabe-se que no Seculo VII os Syros e Arabes haviam adoptado um systema de marcar as vogaes que, começando por simples ponctos e signaes diacriticos, desenvolveu-se n'um systema completo e phonetico de designar os tons vogaes. Tal julga-se ter sido o padrão seguido pelos massoritas para a vocalização da sua lingua, o que levou seculos para conseguir-se bem.

Os antigos Hebreus não separavam completamente as palavras, que eram uma *scripcio continua* ; e dividiam as sentenças, bem como algumas palavras, por pequenos espaços. Mas quando os modernos adoptaram o character quadrado, começaram tambem a separar regularmente todas as palavras.

Alem destes espaços, os manuscriptos hebraicos usados nas Synagogas têm espaços maiores, chamados *Parashas* ás vezes precedidos de lettras iniciaes, outras vezes até pela palavra *Pisqa*, intersticio. Originaram-se estas secções das licções ou leituras que se faziam no serviço divino.

A parte poetica dos Livros era transcripta em linhas mais

curtas, divididas como versos ou partes de versos. O texto hebraico mesmo dos canticos do Pentateuco está assim escripto, e esse era o costume desde a mais remota antiguidade.[1]

A divisão do texto em capitulos só começou no Seculo XIII e é de origem christã,—talvez dos lettrados da Gallia sob a direcção de Hugo de S. Caro, provincial dos Dominicanos, depois Cardeal. Adoptado este melhoramento na edição da *Vulgata* de 1440, foi depois acceito nas ulteriores edições da Biblia hebraica.

Manuscriptos.—Todos os Manuscriptos ora existentes do Velho Testamento são copias, mais ou menos fieis, do texto massorita. Esse texto é o Hebraico, escripto só com consoantes, como já ficou explicado, e fixado com toda a exacção pelos massoritas, desde o Seculo IX.

No serviço das Synagogas os rôllos de manuscriptos em pelles de couro não contêm vogaes nem accentos. Nos outros manuscriptos vêm-se os ponctos indicando a vogal ou vogaes que accompanham cada consoante ao passo que os accentos indicam as inflexões da voz, e tambem si ha pausa na palavra. Os Massoritas não fizeram uma edição critica do V. T., mas o auxilio que traz a ponctuação é tal que muitas vezes se descobre uma lettra errada pela anomalia da ponctuação.

Os manuscriptos têm mais, ao lado, umas notas : ora chamando attenção para alguma anomalia da ponctuação, ora fazendo referencias e computações que, todas, concorrem para a integridade do texto ; ora mostrando a falta de sentido do texto, que não alteram, mas dando-lhe novas vogaes que lhe dão novo sentido. Neste ultimo caso, as notas são Kerí para ser em lidas.

Os manuscriptos ou são sagrados, i.e., copiados para uso da Synagoga, ou profanos, para uso particular. Os primeiros são em rôllos separados, um contendo o Torah ou o Pentateuco, outros os Prophetas em secções, sendo que os cinco Livros do Megilloth (Cant., Ruth, Lament., Eccles. e Esther.) são sempre separados, pois servem especialmente em festas diversas. (V. illustração no fim deste vol.)

As regras talmudicas para o preparo e uso desses rôllos de uso sagrado são o que se póde imaginar de mais meticuloso. As columnas em que se divide o texto devem ser de certa largura e comprimento, devem conter só um certo numero de linhas e cada linha só deve ter tres palavras. O material, a

[1] S. Jeronymo, *Prefacio a Isaias.* Foi S. Jeronymo quem applicou aos *Prophetas* o mesmo modo de escrever dos canticos.

côr, a qualidade da tincta, o modo de escrever, as separações, o instrumento da escripta, tudo está pautado com estricta minudencia, de modo que a arte do sopher não é nada facil. Tambem a revisão de cada rôllo deve ser principiada e acabada dentro de um mez depois de acabada a copia, ou esta seria repudiada. Toleram-se tres enganos em cada folha de pergaminho. Si houver um só erro na secção da Lei ou quatro nos cantos em *Ex.*, 5 e *Deut.*, 22, toda a copia fica invalidada. Não é de admirar que as bellas copias, assim revistas, sejam preciosas. Os MSS. que os Christãos podem obter são, em regra, os rejeitados pelos censores por causa de algum defeito.

Quanto aos MSS. para uso particular, podem ter qualquer fórma, e encontramo-los em quarto, folio e outros formatos, a maior parte em pergaminho, mas tambem em papel de algodão. A tincta usada é sempre a preta mas os ponctos das vogaes são de côr diversa. Muitas vezes as palavras e lettras iniciaes são "illuminadas."

Quasi sempre as linhas superiores e inferiores das paginas contêm transcripções da Massora *magna*, isto é, da completa; outras vezes consistam de algum commentario rabbinico, e ainda outras de orações, psalmos, etc. Nas margens externas vêm correcções, scholia, trechos da Lei (parshioth) e dos Prophetas (haphtaroth), e nas margens internas a Massora *parva*.

Os varios livros do V. T. vêm escriptos de principio a fim sem intervallos, excepto do 1 *Reis* até *Nehemias*, que são separados por espaços.

É difficil fixar-se a data de um MS. destes. Quando haja indicações delle e do copista, são frequentemente erradas de proposito. Os mais abalisados criticos da paleographia hebraica, como Kenicott, Rossi, Bruns, Pinner, Simon, Wolf, divergem ás vezes por dois e tres seculos, e até mais, sobre a antiguidade de um MS.

Descreveremos agora alguns dos mais antigos MSS. do V. T. —1. O mais importante de todos estes codigos é o de Hillel ou Helali, escripto em Hilla, perto das ruinas da Babylonia. Verifica-se ter sido preparado em cerca de 600 da nossa era, e delle tractou Saccuto em 1500, o MS. contando então 900 annos de existencia. Elle foi trazido a Portugal e depois vendido para a Africa, e continha os ponctos das vogaes, tendo servido de modelo para muitas copias.

2. Temos depois o MS. que é conhecido como No. 1 Pinner (isto é, o primeiro do Catalogo de Pinner). E um rôllo com o Pentateuco em couro, em 45 tiras, lettras de fórma diversa

das quadradas. Deve ter sido escripto ha 1300 annos, e está na Bibliotheca de Petrograd.

3. No. 5 Pinner, in folio pequeno, do anno 916, com 225 folhas contendo os Prophetas, maiores e menores, em duas columnas, cada uma com 21 linhas. É annotado com o Massora, *magna* e *parva* e ponctos das vogaes. Codigo esplendido e correctissimo.

4. No. 503 Rossi. Pentateuco in 4º feito de diversas copias. Sem Massora. Epoca, entre o IX e o X Seculo.[1]

Edições Impressas.—Era muito natural que o grande invento de Guttenberg entrasse logo ao serviço dos textos sagrados. A primeira edição completa da Biblia foi só impressa em 1488 e appareceu na pequena cidade de Sonsino, perto de Bolonha. Tem os accentos e ponctos massoritas e della sabe-se existirem hoje nove exemplares apenas.

Antes da sua publicação já tinham apparecido, tambem na Italia, livros separados do Velho Testamento. O primeiro foi o Psalterio, impresso em 1477, sem indicação de logar mas provavelmente em Bolonha : é um in 4º com os commentarios de Kimchi, incorrecto e mal preparado. Seguiu-se-lhe, em 1482, o Pentateuco e os cinco Livros Mexilloth (*Ruth* á *Esther*) in folio com os commentarios de Jarchi e Aben Esdras. Quatro annos depois foi publicado em Soncino a collecção desses mesmos Mexilloth e, depois, as do *Prophetæ priores* e *Prophetæ posteriores*. E em 1487 sahiram á luz, em Napoles, a collecção dos Hagiographos, com os ponctos mas não accentuada, em dous volumes in folio. Afinal, em 1494 sahio em Brescia outra edição completa do V. T., que foi a de que serviu-se Luthero para a sua versão allemã.

No Seculo XVI temos estas edições : logo em 1511-17 sahiram os dous volumes in folio impressos em Pesaro, de todo o V. T. ; mas em 1514-1517 foi publicada em Alcala, na Hespanha, e cujo nome latino era Complutum, a edição feita a expensas do Cardeal Ximenez em seis vols. in folio e que custou-lhe 50.000 ducados, tendo-se vendido cada exemplar por cerca de 600$000 de nossa moeda. E esta a notavel *Complutensis Polyglotta*. Não é accentuada, e os ponctos das vogaes não merecem fé. Em tres columnas parallelas vem o texto hebraico, a traducção grega dos Septuaginta e uma traducção latina ; em duas columnas abaixo destas vêm o Targum de Onkelos e uma traducção latina. Esta edição é

[1] O leitor encontrará a lista e critica dos MSS. mais celebres em Eichhorn, *Einleitung* ; Davidson, *Biblical Criticism* ; Strack, *Theol. Studien und Krit.*, etc.

de septe MSS. que estão todos elles conservados na Bibliotheca da Universidade de Madrid.

Ao mesmo tempo sahiam em Veneza (1517-1519) os quatro vols. da Biblia Rabbinica, que foi a primeira Biblia Hebraica com capitulos, como os da Christã, capitulos que foram primeiro introduzidos na Vulgata em 1505 por Langton, de Cantuaria, Inglaterra. A segunda e terceira Biblia Rabbinica foram de 1524 e 1547, tambem de Veneza. Ellas foram editadas por Bomberg e seu texto tem tido grande influencia nos subsequentes, sobretudo o da edição de 1547.

Depois destas, talvez a melhor edição seja a de Plantin em 8 vols., publicada á custa de Philippe 2º em 1569-72, em Antuerpia. Foi seu editor Montanus. É baseada na Complutense, mas com o texto de Bomberg.

Em 1611 o velho Buxtorf publicou uma edição em Basiléa com o texto revisto segundo os Massoritas, e septe annos depois fez nova edição com annotações rabbinicas.

Mas a edição mais autorizada do Seculo XVII foi a do sabio rabbino e impressor de Amsterdão, Joseph Athias, em 1661. Elle comparou e cotejou cuidadosamente os textos anteriormente publicados com os de dous antigos manuscriptos, um de 1299 e outro de 750-850 annos atraz. É uma linda edição pela qual os Estados Geraes da Hollanda decretaram a Athias uma medalha e cordão de ouro.

Em 1705 E. van der Hooght publicou, tambem em Amsterdão, uma tiragem in 8º de que se fez em Londres, em 1882, uma nova edição, emendada, e que passa por muito boa.

Ultimamente, sob a direcção de Paul Haupt, de Leipzig, tem sahido, em partes, uma edição critica dos diversos livros do V. T. A obra é publicada em Leipzig, Baltimore (Est. Un.) e Londres, e foi preparada por varios auctores.[1]

[1] Em C. D. Ginsburg, *Introd. to the Massoretico-crit. Ed. of the Bible* encontra-se uma descripção das 24 edições mais antigas da B. hebraica. V. tambem Wolf, *Bibliotheca Hebræa*; de Long, *Bibliotheca Sacra*; Rossi, *Annales Hebræo-typographici Sec. XV.*—A edição princeps do Pentateuco foi publicado em Bolonha, em 1482. Tambem de 1482 há uma edição de toda a raridade de Faro, Portugal, e outra de Lisboa, de 1491, folio de 456 folhas. Mas a edição completa do V. T. sahiu pela primeira vez, como dissemos, em Soncino, em 1488.

CAPITULO XII

VERSÕES ANTIGAS DO VELHO TESTAMENTO. A SEPTUAGINTA E OUTRAS VERSÕES GREGAS.

Como se viu, os Manuscriptos hebraicos do V. T. que possuimos hoje não attingem á maior antiguidade do que o Seculo VII da nossa éra. Só desse facto se póde deprehender o valor, para o estudo e cotejo desses codigos, das traducções que delles se fizeram anteriormente a essa épocha, si bem que, como os hebraicos, seus manuscriptos nos cheguem com as alterações que parecem inevitaveis ainda aos mais cuidadosos copistas. Essas versões, até as menos exactas, pelo seu cotejo, com as outras, e com os originaes hebraicos, têm concorrido muito para o restabelecimento da verdadeira leitura destes, antes dos retoques massoritas e dos erros dos copistas.

1. A SEPTUAGINTA

Nenhuma dessas traducções dos Livros Sagrados é tão importante, pelo grande alcance dos serviços que tem prestado ao mundo, como a grega, que corre pelo nome de Septuaginta, e a que referimo-nos geralmente como " a LXX."

Já tivemos occasião de notar que, quando os Judeus voltaram da Babylonia, entre 530 e 430 A.C., defrontaram um ambiente todo novo na Palestina não só quanto ao Governo, e aos costumes, mas até quanto ao proprio vernaculo do paiz, que deixou de ser o Hebraico. A Palestina estava subjeita então ao dominio dos Persas, que durou até 332 quando começou o dominio grego sob Alexandre ; e o seu imperio sendo retalhado, após sua morte, coube a Ptolomeu Sotero o reino do Egypto.

Alexandre, vendo pessoalmente a admiravel posição da antiga villa de Rhacotis, no baixo Egypto, entre o lago Mareotis e o Mediterraneo, n'uma das boccas do Nilo, e tendo em frente o quebra-mar natural da ilha de Faros, a dous kilomentros da costa, concebeu a ideia de fundar ahi uma cidade, cujo plano traçou *in situ* e que tomou o nome de Alexandria. Morto

o grande Macedonio, seu successor e os que se lhe seguiram, persistiram nessa resolução de tornar a cidade o grande emporio commercial entre o Oriente e o Occidente.

Nada lhe faltava, alem do seu bem abrigado porto. Os edificios publicos, começando pelo pharol (uma das "septe maravilhas do mundo") attrahiam a admiração de todos os povos. E entre as grandes construcções dos Ptolomeus não se realçava menos a da famosa Bibliotheca e Museu perto do palacio real. Ptolomeu Sotero, elle mesmo, homem de saber, protegia as lettras e sciencias e creou uma Academia ou sociedade de homens notaveis na litteratura, philosophia e sciencia e bem assim, para uso delles, uma collecção de livros cujo numero seus successores augmentaram até 700 mil volumes.

Alexandria tornou-se o maior centro de distribuição commercial e a segunda cidade da terra, com uma população muito mixta mas em que predominavam os Gregos, os Egypcios e os Judeus. A estes ultimos que já haviam afflui do muito ao Egypto, os Ptolomeus tinham garantido não só a practica de sua religião mas todas as liberdades civis de que gozavam os proprios Gregos. E como a Palestina estava cortada de infindas luctas civis e religiosas não foi sinão muito natural que os Judeus, obedecendo tambem ao seu instincto commercial, se congregassem em tamanho numero em Alexandria.

Mas era egualmente natural que uma vez estabelecidos ahi, no meio de uma população intelligente, sentissem tambem a necessidade de conformarem o seu culto ás suas novas condições de vida. O Hebraico era de ha muito uma lingua morta; e elles fallavam mais o Grego do que o proprio Aramaico; e achavam-se, como os outros habitantes e as centenas de milhares dos que visitavam annualmente a cidade, no meio de uma cultura puramente hellenista. Tudo isto suggeriu sem duvida a necessidade de serem traduzidos no Grego os seus Livros Sanctos.

Accresce que, de parte dos Gregos da Academia e dos proprios Ptolomeus, não teria sido menos intenso o desejo de conhecer no seu vernaculo os tão justamente afamados Livros religiosos e historicos dos Judeus, cuja raça pujante, cuja fidelidade de crenças tanta admiração excitavam no mundo inteiro.

E disto se originou a traducção que sem duvida se fez em Alexandria, começando no reinado de Ptolomeu Philadelpho (284 a 246) antes de CHRISTO) e sendo ultimada, provavelmente, annos depois; traducção que se disse ter sido feita por septenta anciãos de Jerusalem e que por isso ficou sendo co-

nhecida por Septuaginta, οἱ ἑβδομήκοντα, septenta interpretes.

A historia desta versão tornou-se legendaria em virtude de um documento, que hoje está provado ser espurio, mas que póde ter uns laivos de verdade. Tracta-se de uma carta, publicada pelo historiador Josepho,[1] de um militar Areitas a um seu irmão, referindo-lhe como ajudou seu amigo Demetrio Phalero, bibliothecario da Bibliotheca de Alexandria, a obter do Rei, não só a manumissão dos muitos escravos Judeus no Egypto, mas o despacho de uma embaixada especial ao summo sacerdote Eleazar para mandar a Alexandria 72 homens escolhidos, seis de cada tribu, afim de verterem para a "lingua franca" do Grego os Livros Sagrados dos Judeus, que viriam ornar a Bibliotheca daquelle Rei; e alem disso referindo como foi recebida a embaixada e hospedada na ilha de Pharos e ahi, em cubiculos separados, os 72 interpretes acabaram a sua obra em apenas 72 dias.

E esta a tradição que foi geralmente tida por verdadeira, inclusive por padres da Egreja. Ireneu (III, 14) acredita na mesma legenda, que dá como facto, accrescentando que quando os traductores acabaram o seu trabalho, ao cabo de septenta dias, achou-se que *todas as versões estavam de accordo*, de principio a fim, palavra por palavra (!), donde tira a milagrosa conclusão que as Escripturas foram traduzidas por inspiração divina! Justino o Martyr[2] repete isso mesmo, e Epiphanio[3] tambem acredita nessa historia, sómente reduz os 72 cubiculos, em que estiveram recolhidos os traductores, a 36, um para cada dous traductores.

Tambem Agostinho conforma-se com a doctrina da inspiração da versão, e com elles temos mais Clemente de Alexandria, Tertuliano, Athanazio, Theodoreto, Hilario de Poitiers e outros. Escreveu Agostinho em *De Doct. Christiana*, IV, 15: "Para corrigir a Latina devemos usar as versões gregas entre as quaes é preeminente a auctoridade da Septuaginta no que diz respeito ao Velho Testamento; pois consta em todas as mais illustradas egrejas que os septenta traductores gozavam tanto da presença do Espirito Sancto que entre elles houve uma só voz; e, si isto é, como dizem muitos, digno de fé, que, durante o trabalho da traducção, cada traductor esteve isolado na sua cella e que entretanto não se achou em nenhum de seus manuscriptos nada que não estivesse tambem nos outros, nas mesmas palavras e na mesma ordem, quem se atreverá a antepôr outra qualquer auctoridade que seja com-

[1] *Antiq.*, XXI, 2.
[2] *Coh. at Græcos*, p. 34.
[3] *De Pons. et Meds.*, caps. 3-4.

paravel com esta ? E mesmo que esses traductores tivessem conferenciado entre si, chegando a uma decisão unanime quanto á sua opinião e trabalho commum, não seria licito a qualquer, fosse qual fosse sua experiencia, pretender corrigir a opinião unanime de tantos homens veneraveis e sabios. Portanto, si achar-se no Hebraico alguma cousa que divirja do que esses homens exprimiram, penso que devemos ceder á dispensação da Providencia que serviu-se destes homens para revelar ás outras nações, com o auxilio do Rei Ptolmeu, livros que os Judeus não queriam, por escrupulo religioso ou por ciume, tornar conhecidos dellas, que no futuro deviam acreditar no Senhor . . ."

Todos elles acreditam na historia de Aristéas [1] Jeronymo,[2] porêm, o grande traductor da *Vulgata*, não dá a menor fé a essa legenda, não desconhecendo um fundo de verdade em partes da mesma ; e observa, sobre a inspiração ; " Aliud est enim vatem aliud esse interpretem. Ibi Spiritus ventura prædicit : hic eruditio et verborum copia eæ quæ intelligit transfert." Hoje está provado que a tal carta de Aristéas é obra de algum Judeu para fins especiaes. Antes de tudo, o bibliothecario Demetrio Pharelêu, si vivia ainda, estaria preso, pois conspirara contra a ascenção de Ptolomeu ao throno. Demais, como acreditar-se na legenda, quasi pueril, de septenta e dous homens escreverem separadamente em 72 dias, todo o Velho Testamento ? Tirando os sabbados ficariam 62 dias para cada um traduzir de uma lingua morta um volume in 8º de mil paginas em typo regular. E mais fantastico é allegar-se que todos os 72 anciãos concordaram nas mesmas palavras e na mesma ordem das palavras. Quem ler Josepho, *loc. cit.*, verá que, feita a traducção, os traductores leram trechos em publico, subjeitando-os á sua approvação.

A admittir-se a inspiração da traducção, e até, como Agostinho, a sua preferencia sobre o original mosaico, teriamos duas inspirações. E sempre que a versão se desviasse do original, teriamos tambem não o traductor inspirado mas um verdadeiro propheta, uma nova revelação para cada caso. Teriamos dous exemplares diversos do mesmo Livro, cada um delles pretendendo ter auctoridade divina, enfraquecendo assim essa mesma auctoridade em nosso espirito.

Nem siquer é admissivel esta força divina no sentido de se

[1] Este Aristéas, natural de Chipre e militar, não é o historiador Aristéas que viveu cêrca de 150 annos depois daquelle. A excellente *Introduction aux Liv. de l'Anc. et Nouv. Test.*, de J. B. Glaire, 7ª ed., pag. 74-75, confunde os dous e até falla do livro, de Aristéas.—Esta historia vem toda em Josepho, *Ant.* XII, 2, e consta de uma carta do militar Aristéas e seu irmão Philocrates.

[2] No prologo ao *Pentateuco.*

acharem as traducções da Septuaginta escoimadas de erros e dando sempre um transumpto exacto e fiel do original hebraico. Por muitissimo meritorio que tivesse sido este trabalho admiravel e ingente, tem erros como todo o trabalho humano e até mais do que teria um trabalho mais cuidado, apezar de não deixar, com isto tudo, de merecer uma auctoridade maior do que a de uma traducção commum.

Vejamos, primeiro, algum de seus defeitos, Não é de certo um delles o estar escripta n'um Grego um tanto bárbaro, um Grego especial. A traducção foi emprehendida por homens que provavelmente sabiam mais o Hebraico do que o Grego, e elles deviam encontrar a maior difficuldade em exprimir seus hebraismos n'uma lingua extranha, em vasar o pensamento biblico n'um idioma ainda naquelle tempo tão avesso a esse modo semitico de dizer as cousas. Só quem sabe quão profundamente diverso é o practico Hebraico, com as suas raizes multiplas, do Grego, tão espiritual, póde sentir como era escabrosa esta tarefa dos traductores. Demais, esta versão era emprehendida para Judeus, dispersos fóra da Palestina e que fallavam o Grego, o qual precisava ser hebraizado. Não era uma obra de litteratura mas de fé religiosa, e que devia ser entendida pelos crentes. Neste poncto, como em outros, é uma versão verdadeiramente inspirada : era, si quizerem, o uso forçado do Grego para propagação dos prodromos da Revelação.

Entre os verdadeiros defeitos da versão nota-se desde logo o da differença na qualidade do trabalho, segundo os diversos livros, o que mostra que esse trabalho foi feito em *varias épocas* e por *varios traductores*. O Pentateuco é a melhor parte, a que mais se conforma com o original, segundo diz Jeronymo ; e isto faz crer que a Lei foi traduzida primeiro e de um bom MS. ; ao passo que a simplicidade da linguagem talvez concorresse para maior fidelidade da traducção. Esta superioridade da versão do Pentateuco explica-se tambem, segundo alguns, por ser ella o unico trabalho dos traductores enviados de Jerusalem a Alexandria os quaes, nesse caso, podiam muito bem tel-o acabado em 72 dias ou 60 dias uteis, retocando-o depois em commum.

Nota-se grande differença na qualidade da versão dos Prophetas maiores. Ahi algumas das mais importantes prophecias estão muito mais obscuras do que no original. Já os Prophetas menores revelam mais cuidado. Dos livros poeticos, os Psalmos constituem a parte mais curada.

Entre os defeitos geraes notam-se : 1º, traducção differente para a mesma palavra no mesmo capitulo ; 2º, mudança

frequente nos nomes de DEUS; 3º traducção, ás vezes, dos nomes proprios; 4º, erros em nomes que no original se parecem com outros, erros muito frequentemente oriundos da similhança de algumas lettras hebraicas entre si; 5º, erros ás vezes de mudança, que parece proposital, no original, sobretudo abrandando o antropomorphismo do V. T. Assim, a *mão* de DEUS é o *poder*; a *bocca*, a *palavra*, etc.

Nada, porêm, disto póde obscurecer o insigne serviço prestado á interpretação e exegese dos Livros hebraicos por esta traducção. Não era em vão que, como nos diz Philo [1] os Judeus de Alexandria celebravam uma festa annual em honra a esta grande obra.

Onde quer que houvesse Judeus, por todo o Oriente, a Septuaginta era compulsada, e chamava a attenção das Gentes para a admiravel historia desse povo e da sua predestinação, e para o verdadeiro e unico DEUS, e Suas promessas de um Salvador no tempo aprazado. Aquelle de quem *Isaias* prophetisou: "Eis aqui estou Eu que te estabeleci para Luz das Gentes afim de seres Tu a salvação que Eu envio até a ultima extremidade da Terra" (49 : 6). Foi a essa versão que podemos attribuir a persuação que nutria todo o Oriente de que se approximava uma nova éra do mundo, um Salvador, de que fallavam os philosophos e poetas, e que levou os Magos a reconhecerem, pela estrella, o Seu apparecimento na Terra.

A Septuaginta não só offereceu terreno para semente do Christianismo como foi o principal vehiculo para a sua propagação. Os Evangelhos e as Epistolas citam o Velho Testamento, mais ou menos nessa traducção, umas trezentas e cincoenta vezes, das quaes apenas em cincoenta se apartam dos seus termos geraes. Desde os primeiros annos da Egreja, é citada pelos padres gregos, Ireneu, Clemente de Roma e Justino o Martyr; em versões latinas por Tertuliano e Cypriano: todos elles pensavam, ensinavam e escreviam na linguagem da Septuaginta: para a quasi totalidade da Egreja o Velho Testamento era este Codigo.

E nem é tudo. Com todos os seus sinões, o texto da LXX concorre para o restabelecimento do original mesmo apezar de que seja frequentemente preciso reconstruir o texto hebraico pelo grego; e por este meio se tem conseguido dar melhor leitura ao primeiro, sobretudo quando a LXX é confirmada pelas outras traducções gregas de que tractaremos em seguida. Algumas destas passagens do V. T. são bazicas para nossa fé christã e muito importava termos esta aferição, antes das dis-

[1] *De Vita Mosis*, Livro II.

putas entre Christãos e Judeus. Muitos exemplos poderiamos adduzir disso si nos fosse licito aprofundar aqui o poncto.

Está claro que sem ser necessario dar por isso maior auctoridade á LXX, temos nella um texto hebraico da edade de 280-180 annos antes J.C., texto que, quando constatado claramente, tem o maior valor, si fôrem devidamente considerados o contexto, as regras grammaticaes, o genio da lingua e as passagens parallelas.

Outro serviço inestimavel que nos presta a LXX é que os auctores dos Evangelhos e Epistolas, e tambem os primeiros padres da Egreja adoptaram o seu Grego para exprimirem as grandes verdades do Christianismo. Para o original, pois, do Novo Testamento, a versão da LXX é um inexhaurivel thesouro, uma ligação bem travada entre a velha e a nova dispensação.

2. OUTRAS VERSÕES GREGAS

A LXX foi por quatro seculos o unico meio conhecido dos Judeus hellenistas para a leitura das suas Escripturas. Entretanto com a maior influencia do rabbinismo em Jerusalem, e o declinio da influencia da cultura hellenista, cresceu o desejo dos Judeus de terem uma versão mais litteral, que melhor reproduzisse o pensamento inteiro dos seus Livros e que suppunham poder conseguir pelo rigoroso transumpto das palavras hebraicas. Accresce tambem que já os Christãos começavam, nas suas disputas com os Judeus, a apellar para o texto das proprias Escripturas destes, texto que citavam da Septuaginta; e os Judeus attribuiam a esta, para elles, vacillante versão grega, a origem de muitos destes argumentos.

Foi então que os Rabbinos da Escola de Akiba conseguiram que Aquila se encarregasse de uma nova traducção. De Aquila pouco se sabe. Segundo Ireneu, que primeiro fez menção delle, era um proselyto Judeu do Ponto, onde nascera. Que era juduizante não ha duvida pois que, como tal, vem citado no Talmud de Jerusalem e na litteratura rabbinica, tendo florescido, segundo a tradição, ao tempo dos Rabbinos Eliezer, Josué e Akiba, mais ou menos em 120-130 da nossa era. Sua versão sahiu tão litteral que, segundo Jeronymo, é antes um *bom diccionario* de sentido genuino das palavras do Hebraico. Foi no decimo anno do reinado de Adriano (128) que Aquila acabou o seu trabalho. Elle, porêm, preparou depois uma segunda versão, revista, e o que dellas existe foi primeiro publicado por Montfaucon, como depois se verá.

O fim de sua traducção foi imitar o texto hebraico o mais

exactamente possivel de modo que não só formou audaciosamente uma multidão de palavras novas para o fim de obter meios gregos que correspondessem a termos hebraicos, mas até escravisou-se a querer verter particulas hebraicas ainda quando seu significado não o permittia. Um exemplo disso, posto a ridiculo por Jeronymo, é o das primeiras palavras do Livro do Genesis em que Aquila reproduz o signal do accusativo por σὺν (creou a os ceos e a a terra).[1]

Entretanto, Jeronymo dá sempre testemunho da correcção geral da versão e chama Aquila de "Consciencioso interpres, qui non solum verba sed etymologias quoque verborum transferre conatus est, jure projicitur a nobis."[2]

Na *Novella* 146 do imperador Justiniano ordena este que no serviço da Synagoga não se deva impedir a leitura do texto da Septuaginta admittindo-se tambem o de Aquila, que os Judeus preferiam.[3]

Ainda houve outras traducções gregas nessa época. A de Theodocio natural de Epheso é, segundo Epiphanio, do tempo do Imperador Commodo (180-192). O fim de Theodocio, como o de Aquila, foi produzir uma versão que désse melhor ideia do original do que a dos LXX. Elle, porêm, seguiu processo diverso: tomou como base a propria LXX, corrigindo-a segundo os MSS. hebraicos, sendo, pois, antes uma revisão do que uma nova traducção. Uma das suas peculiaridades é que transcreve nomes hebraicos sem traduzil-os, ainda mais frequentemente do que fez Aquila. Não ha prova de que esta traducção de Theodocio fosse adoptada geralmente entre os Judeus. Mas sua traducção de Daniel, que supplantou na Egreja Christã a da LXX, chegou até nós intacta. Jeronymo chama-o de incredulo e ebionita. É possivel que elle precedesse a Aquila, como pensa Schürer. É facto que Ireneu o menciona antes deste. Quanto á utilidade de sua versão basta dizer que ella foi aproveitada, para cotejo, por Origenes; e que Jeronymo (*Comm. a Eccles.*) diz que "Septuaginta vero et Theodocio sicut in pluribus locis ita et in hoc quoque concordant,"—isto é, contra Aquila e Symmacho.

A traducção grega de Symmacho appareceu na segunda metade do Seculo II da nossa éra. Judeu por nascimento, Symmacho converteu-se ao Christianismo e abraçou a doctrina dos Ebionitas. A despeito da grande reputação de que gozava a versão Alexandrina, este Samaritano emprehendeu outra, reinando então em Roma o Imperador Severo. Seu fim

[1] E. Schürer, *Geschs. d. V. Israel*, Div. 2ª, § 33.
[2] *Epist.* 57, *Ad Pammachium*, 11, Na collecção, Vallarsi, I, 316.
[3] Origenes, *Ad Afric.*, cap. 2.

evidente era offerecer a seus compatriotas uma traducção mais elegante, mais satisfactoria ao genio da lingua grega, resguardando-se o mais possivel da influencia oriental do original. Elle forma periodos onde do original ha apenas sentenças coordenadas ; e que accrescenta ás vezes só por amor da elegancia. E entretanto, o seu Grego não é puro nem elegante, e elle mesmo fez segunda edição em que corrigiu bastantes hebraismos que lhe escaparam. Todavia, a critica muito deve a Symmacho.[1]

Alem destas tres traducções appareceram, mais ou menos na mesma época, tres outras anonymas, a que se refere Jeronymo dando noticia da obra de Origenes e de que vamos tractar.

Ainda depois de Origenes appareceram revisões dos LXX por Luciano e Hesychio de que tambem fullaremos em seguida.

---

3. MANUSCRIPTOS DA LXX—ORIGENES—A TETRAPA E A HEXAPLA

É sómente pelo cuidado da Egreja Christã que temos hoje manuscriptos, mais ou menos incompletos, da LXX.

Entre os que contêm todo o nosso Velho Testamento ou grande parte delle, salienta-se em primeiro logar o Codigo *Vaticano* (1209) que não tem rival no que diz respeito á pureza do texto. Foi publicado em cinco vols., Roma, 1857, de um modo pouco satisfactorio. Melhor é a edição de luxo em fac-simile editada por Vercellone e Cozza, em seis vols., tambem de Roma, em 1868-81.

2º, Depois do C. Vaticano vem o *C. Sinaitico*, descoberto em 1859 pelo Russo Tischendorf, onde se acha bem conservada a metade do V. T. Em 1862 elle publicou em Petrograd uma edição de luxo *Codex Sinaiticus Petropolitanus* em 4 volumes.

3º, Vem depois o *C. Alexandrino* já muito inçado de variantes hexaplarianas. Servio de base á edição do LXX por Grabe, *Septuaginta Interpretum*, Oxford, 1708-20. Em 1879 sahiu á luz em Londres um fac-simile do N. Testamento, e em 1881, do V. T. deste MS.

São estes os tres principaes codigos da versão dos LXX, aos quaes poderemos accrescentar os fragmentos do Codigo de *Ephraemi*. Alem destes ha grande copia de MSS. no Seculo VI

[1] Sobre estas versões, cf. Tischendorf, *Prolegomena* ; Hody, *De bibliorum textibus* (Oxford, 1705); Ewald, *Geschichte des Volkes Israel*, IV, 322; Keil, *Einleitung*; De Wette-Schrader, *Lehrsbuch der hist. Krit. Einl. in die Kanon*; Montfaucon, *Hexaplorum Origenis*; Jeronymo, *Obras* sobretudo os prologos aos livros da Biblia; Schürer, *Geschichte*. . . .

em deante, muito raramente contendo todo o V. T. mas só o Psalterio ou os Prophetas, ou outra parte em separado.

O MS. original das versões gregas compiladas por Origenes, de que vamos tractar, foi incendiado em Cesaréa em 653; mas em 1896 foram achados na Bibliotheca Ambrosiana em Milão, fragmentos do Psalterio em cinco columnas, excluida a do Hebraico. Em 1898 foi tambem achado no Cairo um fragmento em seis columnas, que acha-se em Cambridge, na Inglaterra.

De maior importancia do que estes pedaços de manuscriptos são os da edição dos LXX de Euzebio, pois inclue até a traducção syriaca do Hexaplar de P. de Tella no anno 616 ou 617.

---

4. REVISÃO DOS TEXTOS POR ORIGENES

No anno de 240, o grande doctor da Egreja, Origenes (o Adamantino), um dos sabios mais notaveis daquelle seculo, sentindo o mal que fazia á fé tanta variedade de textos, concebeu a idéia de publica-los parallelamente, chamando attenção, no da LXX, para os accrescimos, omissões e outros erros mas respeitando-o integralmente.

Origenes é o pai da critica e exegese biblicas. Na parte do N. T. occupar-nos-hemos delle. Nasceu em Alexandria, e seu pai, Leonidas, era Christão, e educou-o esmeradamente nessa fé. Quando rapaz de 16-17 annos, os Christãos de Alexandria soffreram terrivelmente da perseguição de Severo. Origenes expôz-se aos maiores perigos e antes de seu pai soffrer o martyrio, animou-o a conservar-se firme quando uma retractação o salvaria. Pauperrimo e com a mãe e seis irmãos a seu cargo, ensinava Grego, copiava manuscriptos e estudava muito, com um fervor pasmoso pela sua fé, o que o levou até a emascular-se, seguindo por exaggero de obediencia o conselho de *Matt.*, 19 : 12, e de que depois arrependeu se. No meio do mundo passava a vida do asceta, privando-se de todos os aconchegos.

Em 211, com 26 annos, visitou Roma, de que não gostou e onde pouco demorou-se, voltando á sua Alexandria, sempre ensinando e pregando. Aos 30 annos, cançado das dissenções ecclesiasticas da épocha, foi para a Palestina, contrariando muito o Bispo Demetrio que prohibiu-lhe de ensinar em publico ou de commentar as Escripturas. Mas o Bispo de Jerusalem e Theocrito, de Cesaréa, tomaram calorosamente a sua defeza. Foi depois em missão á Achaia e tomou ordens em 228. Demetrio, irritadissimo, convocou dous concilios e o excommungou.

As Egrejas da Palestina, Phenicia, Arabia e Achaia puzeram-se todas ao seu lado; e contra essa perseguição S. Jeronymo escreve que Origenes não foi excommungado justamente mas por ciume de sua eloquencia e fama.

Estabelecendo-se em Cesaréa, Origenes abriu ahi uma Eschola philosophica e theologica, que pôz á sombra a de Alexandria. Vieram novas perseguições, sob Maximino, e elle ausentou-se em Athenas, regressando depois a Cesaréa. Tomou parte n'um Synodo na Arabia, onde convenceu dois celebres opponentes, um delles, Beryllo, Bispo de Bostia, que negáva a preexistencia de J. Christo.

Aos 65 annos soffreu quasi o martyrio, na perseguição de Decio (250), e veiu a morrer tres annos depois das violencias que soffrêra na prisão.

Era um grande homem que reunia admiravelmente o saber, a piedade e a energia, já não fallando do ardor de sua fé. Para o fim de conseguir conversos para o Christianismo entre as classes cultas dos pagãos, elle apprendeu tudo: musica, philosophia e litteratura grega. Nenhum na antiguidade fez mais do que elle em procurar fixar o texto das Escripturas. Ensinava e escrevia continuamente, e constava que tinha septe secretarios, todos occupados. São innumeras as suas obras exegeticas, de polemica, apologeticas, e dogmaticas. Dotado de intensa imaginação, esta muitas vezes o levou mais longe do que convinha. Uma boa edição de suas obras é a de Delome, monge benedictino (Paris, 1833-59, 6 vols. in fol.).

Escreveu o proprio Origenes: 'Existe grande discrepancia nos Manuscriptos, o que é devido a descaso dos escribas ou a outros metterem-se a corrigir e accrescentar ao texto. Essa discrepancia, nos livros do V. T. temos achado meio de remediar, usando, com o auxilio de Deus, do criterio das outras versões. Em todas as passagens da LXX que se acham confusas pela discordancia dos exemplares, e formando um juizo pelas outras versões, conservámos o que entre ellas está de accôrdo; e as palavras que se não acham no Hebraico marcámos com um obelo (signal ÷) sem ousarmos supprimil-as; usando de uma estrellinha para marcar as que accrescentamos e que, segundo as outras versões, se acham no Hebraico.' [1]

Assim, pois, Origenes fez transcrever em quatro columnas os textos de Aquila, de Symmacho, da LXX e de Theodocio, e por serem quatro sua obra teve o nome de *Tetrapla*, segundo Euzebio.[2] Não satisfeito, Origenes aprendeu o Hebraico para poder melhor julgar da fidelidade das versões e depois disso

[1] Comm. a *S. Matheus*, I, 381, edição Huet.
[2] *Hist. Eccles.*, VI, 16.

emprehendeu o cotejo não dos quatro codigos, mas delles com o proprio texto hebraico e sua reproducção em lettras gregas, formando seis columnas,—a do texto hebraico, a da translitteração grega e as quatro do Tetrapla, formando assim o Codigo de *Hexapla*, ao qual accrescentou as versões de alguns dos Livros por um quinto, sexto e septimo traductores, que ficaram anonymos.

Este trabalho ingente infelizmente não deu todo o resultado que a sciencia da Exegése podia esperar. Sem o querer, Origenes contribuiu talvez para conservar a confusão existente sobre o texto, 1º, porque elle seguiu um mau criterio de julgar do texto pelas traducções; e 2º, porque os seus signaes de omissão e accrescimo foram, no correr do tempo, ora seguidos ora inobservados pelos copistas de modo que se tornou difficil reconhecer o que era e não era o texto exacto da LXX. Temos hoje os Codigos 72 Veneto, 58 Vat. num. X; e 59 Gualguensis que são copias do Hexaplar; e temos o Codex Vaticanus (B) do Seculo IV que representa o codigo vulgar (κοινή) não correcto, e, entre os dois, o Alexandrino (A) do Seculo V, que representa o meio termo entre elles. O Sinaitico tambem adhere ao Hexaplar, mas não tem as notas diacriticas.

Alem desses Codigos ha os de varias revisões da LXX, feitas depois de Origenes, algumas citadas por Jeronymo, como as de Luciano, de Antiochia e Hesychio, do Egypto, o primeiro tendo sido usado nas Egrejas desde a de Constantinopla até a de Antiochia, e o segundo no Egypto e sobretudo em Alexandria.

---

5. EDIÇÕES IMPRESSAS

As primeiras edições impressas da LXX são, por ordem da importancia:

1. A edição Aldina de Veneza, 1518.
2. A Biblia Polyglotta Complutensis (Alcala, Hespanha), de 1514-17, mas publicada em 1524, e que usa de um texto Lucianico;
3. A edição Sixtina (do Papa Sixto V) de Roma, 1587, bazeada no texto do Codigo do Vaticano;
4. A edição Alexandrina, de Oxford, Inglaterra, de 1707-20, bazeada no Cod. Alexandrino, e publicada por Grabe;
5. A edição de Holmes and Parsons, de Oxford, 1798-1827, bazeada no texto do Cod. Alexandrino mas com apparelho completo de notas e variantes, segundo varios MSS. e os Padres da Egreja;

6. As edições parciaes de Tischendorf com o texto da Sixtina mas com as variantes dos codigos do Vaticano, Sinaitico, Alexandrino e o Ephraemi. Esta edição é hoje a mais popular.[1]

O primeiro livro impresso em Grego foi o Psalterio em Grego e Latim, sahido de um prelo de Milão em 1481 : está arranjado para fins lithurgicos e seu editor foi Johannes Crastonus. E a primeira ed. pub. do N. T. em Grego é a da Biblia Polyglotta Complutensia, de Alcala, e a segunda foi a do editor Froben, de Basiléa, 1516.

[1] Sobre as traducções de V. T. em Grego vejam H. B. Swete, *Introduction to the Old Testament in Greek* ; P. Schaff, *Companion to the Greek Testament.*

CAPITULO XIII

VERSÕES LATINAS : A VULGATA

A *Vulgata* é a edição latina, catholica-official, da Biblia. Este nome *Vulgata*, isto é, *commum, corrente*, foi dado nos primeiros seculos do Christianismo á versão latina, feita da LXX Grega, no Norte da Africa e que dali emigrou para Roma donde começou a circular por todo o mundo latino, vindo a corromper-se muito em consequencia do grande numero de copias que della se tirou. Essa primeira versão, naturalmente emendada em Roma, ficou conhecida não só como a *Vulgata*, mas tambem, mais tarde, como a *Itala* e tambem a *Vetus*. Do outro lado, dava-se a principio o nome de Vulgata ao proprio MS. da versão dos LXX, dizendo-se *Vulgata latina* e *Vulgata grega*. S. Jeronymo refere-se á primeira muitas vezes [1] e acontece que os defeitos de uma eram em parte imputados á outra. O proprio Jeronymo procurou distinguir bem entre esta *editio communis* do LXX e a de Origenes,[2] tendo a primeira como corrompida.

Durante quatro ou mais seculos a Vulgata era esta versão latina da versão grega, que maos copistas haviam viciado.

Parece extranho que a versão latina viesse da Africa e não de Roma. Mas nos primeiros dous seculos do Christianismo Roma não pôde fugir á preeminencia da influencia grega. Os seus primeiros bispos têm nomes gregos; a primeira lithurgia da Egreja foi grega e gregos os primeiros vôos de litteratura christã. Do outro lado, a Egreja do Norte africano foi latina desde o começo. Si bem que não convertida tão cedo como

[1] Nos *Comm. in Isaias*, LXV, 20 diz, "Hoc justa LXX interpretes diximus quorum *editio toto orbe vulgata est.*" E em XXX, 22: "Multum in hoc loco LXX editio Hebraicumque discordant. Primum ergo de Vulgata editione tractabimus,' etc. Em outras passagens, transcreve o Grego referindo-se tambem como a edição commum, a *κοινὴ ἔξδοσις*.

[1] *Ep.* CVI, *ad Sun. et Fret*: "Breviter ad moneo aliam esse editionem quam Origenes et Cesariensis Eusebius, omnesque Græciæ translatores . . . idest, communem appellant, atque Vulgatam, et a plerisque nunc Lucianus dicitur; Aliam LXX interpretum quæ in . . . codicibus reperitur, et a nobis in Latinum sermonem fidelitur versa est . . . LXX . . . corrupta editio est: ea autem quæ habetur . . . et quam nos vertimus ipsa est quæ in eruditorum libris incorrupta et immaculata LXX interpretum translatio reservatur."

o foram outros centros, ella abraçou com ardor o Christianismo e o Evangelho espalhou-se rapidamente por aquellas margens do Mediterraneo. Foi ahi que se fez esta versão que Agostinho caracterizava como *simplicem versionem*,—um trabalho rude e simples. Muito naturalmente fez-se alguma revisão ligeira para uso liturgico da Egreja, mas os exemplares que corriam deviam ser bastante errados, pois todos, por assim dizer, julgavam-se competentes para traduzir do Grego.[1]

Esta versão da primitiva Vulgata era em Latim bárbaro, com construcções de phrases em completa violação das regras e indole da lingua. Como exemplo dessas anomalias citam-se muitos trechos. Por exemplo: *Matt.*, 4 : 15, terra Nephtalim . . . *viam* maris; 5 : 22, reus erit *in gehennam* ignis; 6 : 19, ubi tinea et *comextura* exterminat, etc. etc. Ora, o que fazia a grande variedade no texto era, sobretudo, a tendencia de corrigir estes erros, solecismos e neologismos; sobretudo depois que a Vulgata começou a ser mais usada em Roma. Assim, nos dias de Jeronymo elle escrevia: "Si Latinis exemplaribus fides est adhibenda respondebunt: Quibis? tot sunt enim exemplaria pene quot codices." Havia uma só Vulgata mas essa com tantas alterações que ninguem sabia em que edição confiar.

Agostinho refere-se uma vez á edição *Itala* (e não *Italica*) donde alguns têm deduzido existir em Roma uma versão propria e diversa dessa *Vulgata*. Foi essa a unica referencia do sabio padre á tal *Itala*, e della não tractou nenhum dos outros padres: donde se conclue ou que houve erro na copia ou que elle, ao escrever isso, já lêra os primeiros livros revistos por Jeronymo e queria assim indicar a nova revisão. Eichborn, Lachmann, Tischendorf e outras auctoridades insistem que, debaixo de todas as variantes, a edição latina da Africa só apresenta um e bem definido typo.

Desta antiga collecção de variantes da antiga *Vulgata* que ficou costume designar-tambem pelo nome de *Itala*, existem vestigios importantes já pelas citações dos padres latinos, já pelos codigos existentes greco-latinos, já por MSS. especiaes que temos ainda. Sabbatier, que estudou profundamente o assumpto, dá muitos exemplos dessa citações, aliás ainda bem incompletas.[2] Os codigos greco-latinos são: Codex Bezæ ou de Cambridge; o C. Laudianus, o Claromontanus, e o Bœrnenianus. E dos codigos especiaes os mais importantes são:

1. O Vercellensis, escripto segundo as melhores auctoridades

[1] Disse isto Agostinho, no *Doct. Christ.*, II, 16.

[2] Sabbatier, *Bibliorum SS. latinæ Vers. antiquæ seu Vetus Itala* . . . *quæqumque referiri potuerunt* (Rheims, 1749, 3 vols. in fol.).

por Euzebio o Martyr no Seculo IV. Algumas de suas partes estão muito imperfeitas. Os Evangelhos são escriptos nesta ordem: Matt., João, Lucas (Lucano), e Marcos;

2. O Cod. Veronensis, do Seculo IV ou V, em Verona;
3. O Cod. Brixionus, do Seculo VI, e que está em Brixen (Tyrol);
4. O Cod. Corbeijensis; [1]

e muitos outros. Do V. T. só se tem descoberto alguns trechos nesses Codigos especiaes, e esses são reproduzidos por Sabbatier (ob. cit.) e por Vercellone.[2]

Trataremos destes Codigas mais extensamente na parte relativa ao Novo Testamento.

No Seculo IV, quando já estava imminente a ruptura entre o Oriente e o Occidente, temeu com razão a Egreja de Roma que os textos biblicos ainda se fossem corrompendo mais, e julgou pôr um paradeiro a isso. Foi então que providencialmente surgiu o homem que, sósinho, estava preparado para emprehender não só a revisão da versão grega mas ainda para executar satisfactoriamente a traducção do Velho Testamento directamente do original hebraico. Jeronymo combinava todos os varios requisitos para esta colossal tarefa. Nascido na Dalmacia em 329 segundo uns, em 340-42 segundo outros, e tendo recebido esmerada educação de humanidades sobretudo na lingua e litteratura romanas; philologo por talento natural e devotadissimo ás cousas da fé christã, mostrou cedo como estava moldado aos grandes trabalhos a que o destinava o então papa Damaso [3] que o chamára para seu conselheiro e secretario, em 382, quando tomou parte n'um Synodo importante.

Jeronymo, ou com todo o seu nome latinizado Sophronius Euzebius Hieronymus, um dos mais doutos, o *magnus doctor* da Egreja do Occidente, nasceu mui pobre, de pais libertos emancipados mas bons christãos e que deram-lhe esmerada educação. Aos 23 annos foi para Roma estudar as linguas latina e grega, philosophia e rhetorica sob Elio Donato. Em 360, mais ou menos, morou em Treves (Trier) e na Aquilia, transcreveu os commentarios de Hilario aos Psalmos e compôz o seu primeiro ensaio theologico. Aos 23 annos, "cortando-se dos seus amigos por amor do Reino do Ceo" tornou-se eremita no deserto de Chalcis e desse periodo deixou-nos tocantes descripções de sua vida. Não deu-se, entretanto, exclusiva-

[1] Vem em appendice ao *Comm. ao Apocal.*, de Calmet.
[2] *Variæ Lectiones Vulg. Lat. Bibliorum*, two vols., Roma, 1860-62.
[3] Diz a tradição que este Papa era Portuguez por ser nescido em Guimarães. Outros fazem-n'o Italiano e ainda outros Hespanhol.

mente á contemplação e oração: estudou profundamente o Hebraico com um Judeu que, secretamente, o procurava. Após 4 annos, deixou o deserto e foi para a Ethiopia onde tomou ordens mas protestando nunca consagrar a Eucharistia pois "monge seria sempre, nunca, porem, sacerdote." Em 379 vemol-o auxiliando Gregorio de Nazianso em Constantinopla na sua lucta contra os Arianos e foi dali que seguiu para Roma para participar do Concilio occidental convocado pelo imperador Graciano, depois de ter-se aperfeiçoado muito no Grego em Constantinopla; e tendo traduzido varias obras dos primitivos padres Gregos. Em Roma foi adherente do papa Damaso que concebeu por elle grande amizade, respeito e admiração. Por esse tempo, a fama de Jeronymo (tinha 41 annos) enchia a cidade e o mundo ecclesiastico; de mais a mais a vida monastica, que o clero romano combatia violentamente, recebeu delle grande impulso. Muitos representantes da aristocracia vinham pôr-se a seu lado para ouvirem-lhe as lições, entre elles o senador Pammachia, genro de Paula e homem riquissimo que deu tudo o que tinha aos pobres. Mas foi entre as mulheres e filhas dos patricios de Roma que fez mais conversos: a todos concitava para a vida do celibato, da beneficencia e do ascetismo, e foi sempre augmentando o circulo dos enthusiasticos discipulos. Ao mesmo tempo atacava os vicios da sociedade e a immoralidade do clero romano, e tudo isto attrahiu-lhe a má vontade e até o odio dos seus contemporaneos, que aliás Jeronymo fazia crescer com a sua satyra afiada e colerica. Humildade, docura, indulgencia, não adornavam o seu character severo, altivo e dominioso. E foi por não achar-se bem nas "solidões da Europa," que disse adeus á Roma pontifical, no fim de 4 annos e por morte de Damaso, indo buscar na Palestina, o ambiente por que sempre suspirou a sua grande alma. Depois de visitar Chypre e, mais uma vez, Antiochia, estabeleceu-se em 386 em Belém de Judá, onde seu zelo religioso pareceu derivar novo ardor das memorias sagradas daquellas paragens. Paula e sua filha acompanharam Jeronymo á Terra Sancta e fundaram ali quatro conventos. O sancto eremita naturalmente exaggerou os meritos da mortificação naquellas solidões: mas nem ellas lhe deram o socego, que parecia ter ido procurar. Alem de seus estudos biblicos foi dali que Jeronymo verberou com mão segura e certeira os opponentes da orthodoxia da Egreja catholica como Helvidio, Joviniano, Vigilancio e Pelasgio; e que atacou seu antigo amigo Rufino e até, si bem que moderadamente, a Agostinho. No meio destes muitos trabalhos e combates morreu, dizem, a 30 de Setembro de 420. Foi um dos maiores mestres da Egreja Christã.

Seu defeito de combatividade era no seu tempo a maior das virtudes. Quando tinha de defender o que julgava ser a verdade, elle se não abalava com a opinião do mundo inteiro. Foi um grande philologo, grande theologo e o mais enthusiasta dos defensores de tudo quanto no seu tempo era considerado puro e sancto.

Damaso, elle mesmo homem de profundos estudos, consultou-o sobre varios pontos de critica, e as respostas de Jeronymo ainda mais augmentaram o respeito do papa pelo seu solido e vasto saber. Elle, pois, encarregou o seu ex-secretario de rever a corrente versão latina do Novo Testamento com o auxilio do original grego. Jeronymo bem sabia como similhante trabalho iria despertar os preconceitos dos que pensavam que "a ignorancia é sanctidade." [1] Mas estava tambem convencido de que, no meio da balburdia dos textos, tornara-se de todo inevitavel voltar ao texto grego, á "Græca veritas, græca origo." A sua commissão não consistia n'uma nova traducção, mas em *rever* o texto latino e isto elle tornou bem claro respondendo a Agostinho que o cumprimentava pela sua "traducção dos Evangelhos." Elle conservou o texto latino desde que este não prejudicava o verdadeiro sentido do original. Algumas das mudanças elle teve de fazer sómente por motivos da linguagem; outras, poucas, envolviam questões de interpretação; a maior parte, porêm, das alterações consistiu na eliminação de excrescencias e mudanças propositaes no texto.

No seu "Prefacio a Damaso," Jeronymo só refere-se aos quatro Evangelhos; e Agostinho, n'um de seus escriptos sobre o assumpto, em 403, só allude egualmente a esta parte do N. T. parecendo, pois, que fôra a unica subjeita á revisão. Mas talvez essas referencias antecedessem á conclusão do trabalho, pois muitas citações expressas de Jeronymo provam que elle, mais ou menos completamente, retocou toda a traducção do N. T. alem de que a simples comparação dos textos da antiga *Vulg.* e da nova, corrigida, bastaria para confirmal-o. Mas o que nos interessa neste momento é a versão do V. T.

Em 383 (æt. 43) quando ainda occupado com a revisão do N. T., Jeronymo, a pedido do papa, reviu o Livro dos Psalmos dando muita attenção a este trabalho, conhecido como o *Psalterium Romæ*, o Psalterio que ficou official até 1556, no pontificado de Pio V. Mas logo continuou a mixtura da velha versão com a recente revisão de modo que em 387 Jeronymo fez nova edição da revisão ainda mais correcta, usando das correcções criticas de Origenes e tendo tido accesso a muitos

[1] *Ep. ad Mart.* XXVII.

MSS. gregos. Estes psalterio assim revisto teve depois o nome de *Gallicano* por se haver propagado muito na Gallia; e foi por elle que Pio V substituiu o *Romano.*

Para mostrarmos qual a natureza desta revisão transcrevemos aqui um trecho do Psalmo 39 : 1-4 do Gallicano, comparado com o do Romano.

Psalterio Romano	Psalterio Gallicano
Expectans expectavi Dominum :	Expectans expectavi Dominum :
Et respexit me ;	Et intendit mihi
Et exaudivit deprecationem meam	Et audivit preces meas
Et eduxit me de lacu miseriæ, et de luto fæcis	Et eduxit me de lacu miseriæ, De luto fæcis

Feito este segundo trabalho sobre os Psalmos, Jeronymo reviu varios Livros, sinão todos elles, do V. T., procurando torna-los mais conformes com a verdade grega. Não sabe-se ao certo si esta revisão da versão latina dos LXX foi completa ou não. Em todo o caso o Livro de *Job* foi refundido por elle e, com os Psalmos, chegou até nós, com o celebre prefacio em que, repellindo os ataques que soffria por não considerar intangivel a versão dos LXX, elle chama a attenção para o facto que os outros monges que se dão a serviços manuaes são poupados e elle é virulentamente attacado por procurar fixar o texto puro da Revelação, sendo até chamado de falsario (" corrector vitiorum falsarius vocor "). Sabemos que tambem reviu *Prov.*, *Eccl.*, *Cant.*, e *Paralip.* pois que temos delles os respectivos prefacios. A falta dos outros, porem, não denota que os não tivesse traduzido. Annos depois (416) elle escrevia a S. Agostinho (*Ep.* 134) que lhe haviam furtado a maior parte deste trabalho.

Foi emquanto fazia estas revisões de revisões que Jeronymo convenceu-se de que o trabalho mais util, mais serio que poderia emprehender era *traduzir o V. T. directamente do Hebraico.* Assim que se espalhou que elle preparava esta traducção do original desencadearam-se contra elle o agastamento e furia dos que criam ser até blasphemia desconhecer a divina auctoridade da LXX. Rufino, seu antigo amigo, referiu-se ao seu instructor de Hebraico, como um " segundo Barrabás." Mas o grande homem, inflexivel, foi indo seu caminho. Em 391 ou 392 publicou a sua primeira edição que consistiu dos quatros Livros dos *Reis*, precedida do celebre *Prologus Galeatus*, pois armara-se, abroquelado, contra seus adversarios injustos. De 390 a 405 elle continuou exclusivamente absorto nesta traducção, no seu retiro em Belém. Em 392-3 acabou os *Ps.*, *Proph.*, e *Job*; em 394 *Esd.* e *Neh.*; em 396 os *Paral.*, em 398 os *Prov.*,

Eccls., *Cant. dos Cant.*; em 401 *Gen.*, *Ex.*, *Lev.*, *Num.*, e *Deut.* e finalmente em 405 os Livros de *Jos.*, *Jui.*, *Ruth*, *Esther*; e os que não considerava canonicos, a saber, *Tob.*, *Judith* e os accrescimos a *Daniel* e *Esther*. *Tobias* e *Judith* foram traduzidos do Chaldaico, que Jeronymo não conhecia bem: para isso obteve elle o auxilio de um douto que verteu essa lingua no Hebraico, donde elle então traduziu para o Latim. Os livros da *Sab.*, *Ecclesiastico*, e provavelmente o dos *Maccabeus* não foram revistos. Do de *Baruc* nem fez conta. Tambem recusou-se lidar com os livros 3° e 4° de *Esdras*. Na Ep. 67 *ad Pammachium* dá suas razões para isto. Sobre os *Maccabeus*, cujo primeiro livro era em Hebraico e o segundo em Grego, o sabio Sabbatier (pp. 1013 e 1014) pensa que Jeronymo os tivesse corrigido mas não traduzido.

A todo este trabalho de quatorze annos, Jeronymo deu a mais zelosa attenção. No *Prologus Galeatus* diz que a traducção era objecto de revisão constante. ("Quidquid enim crebius vertendo et emendando sollicitius et dedicimus et tenemus nostrum est.")

Si a revisão da Biblia *Vetus* ou *Africana* ou *Itala* causou tamanho escandalo, pode-se imaginar como foi recebida esta novidade de uma nova traducção do original hebraico. Jeronymo continuou a ser considerado infractor da paz da Egreja. Desencadeou-se contra elle toda a *rabies theologorum* dessa gente de Roma, a *purpurata meretrix*, como elle a chamou, desses "latrantes canes qui adversum me ore desaeviant,"—dessas "hydræ sibilantes," adversarios que elle alias nada fazia para applacar, mas, ao contrario, mais desafiava á lucta sem treguas, por seu genio altaneiro, por suas verrinas inflammatorias, alias pouco proprias de um Christão.

Apezar de tudo isso, a obra de S. Jeronymo era monumental, conscienciosa, de incommensuravel vantagem para a Egreja. Elle morreu em 420 e já no Seculo VIII cessára o clamor contra a versão do Hebraico, que já a Gallia adoptara, e já Isidro de Sevilha reconhecia que era geralmente usada, por ser melhor e mais clara. Nos dous seculos seguintes já a velha *Vulgata Itala* foi sendo substituida por toda a parte pela nova, que se propagou de um modo certo e comparativamente rapido.

O peior, porem, é que com esta propagação vieram tambem os vicios dos seus innumeros MSS., e alem disto, a propria Biblia de Jeronymo apresentava certa mescla do antigo e do moderno, que mais estimulava essa confusão. Havia livros da *Vetus* que não foram revistos (*Sab.*, *Ecclesiastico*, *Maccabeus* e *Baruch*); havia o *Psalterio*, não traduzido do Hebraico, mas revisto do Grego; havia traducções livres e descuidadas de

mais dous que Jeronymo tinha por apocryphos (*Jud.*, *Tob.*); havia os livros vertidos do Hebraico (V. T. sem o Psalterio e os Deuterocanonicos); havia livros da *Vetus* revistos segundo o Grego (Evangelhos) e outros revistos menos cuidadosamente (resto do N. T.). Accrescente-se a tudo isto os erros, interpollações e omissões dos copistas e comprehender-se-ha a desordem do texto.

No tempo de Carlos Magno foi confiada a Alcuino uma revisão desse texto, mas o processo empregado foi o muito conservador de procurar-se um bom MS. e seguil-o á risca. Já não foi pouco sustar por alguns seculos a deterioração rapida do texto da Biblia, agora universalmente adoptado. E durou isto até a divina invenção da arte de imprimir com typos, 850 annos depois dessa revisão de Alcuino.

Um dos primeiros productos da typographia foi a, ainda hoje, linda edição da Biblia chamada Mazarino. Seguiram-se innumeras outras edições, sobretudo do N. T., quasi todas baseadas no texto da edição Polyglotta Complutense do Cardeal Ximenez. Os erros, porêm, eram agora mais salientes ainda, com a reproducção das edições. Em 1528 e 1532 R. Stevens ajunctou valioso cabedal para uma edição critica e em 1540 publicou novo texto, transumpto de mais de vinte MSS. de Jeronymo. As differenças nos textos, frequentemente sem maior valor, eram motivo de discussões incandescentes, e a Egreja catholica resolveó pôr termo a esta barafunda. No concilio de Trento reunido em Dezembro de 1545 seria resolvida, entre outras, esta questão magna da auctoridade, texto, e interpretação das Escripturas. Na IV sessão, a 28 de Abril ce 1546 o concilio, sob pena de excommunhão, decidiu que se devia prestar plena obediencia ao seu Catalogo dos Livros que formam o Canon da Biblia, " como sempre se leram na Egreja catholica e se acham na antiga edição da Vulgata Latina." (Vide o que será dicto no Cap. sobre o Canon das Escripturas.)

Poucos dias antes disso, a 8 de Abril, o concilio publicou outro decreto tendo em vista unificar o texto biblico. Diz elle [1] que considerando a grande utilidade de se saber, entre tantas edições impressas, que corriam, qual se devia ter por authentica, determinava que nas lições publicas, disputas

[1] O texto latino é este: "Sacrosancta Synodus considerans non parum utilitatis accedere posse Ecclesiæ Dei si ex omnibus Latines Editionibus, quæ circumferuntur Sacrorum librorum, quæ nam pro authentica habenda sit innostecat, statuit et declarat: ut hæ ipsa Vetus et Vulgata Editio, quæ longo tot sæculorum usu in ipsa Ecclesia probata est, in publicis lectionibus, disputationibus, prædicationibus, et expositionibus pro authentica habeatus, et ut nemo illam rejicere quovis pretextu audeat vel presumat." .

pregações e exposições, fosse tida por authentica a antiga edição *Vulgata* que, pelo longo uso de tantos seculos, se acha approvada na mesma Egreja, e que ninguem por qualquer pretexto ousasse rejeital-a.

Pareceria á primeira vista que o concilio presumiu derrogar as fontes, hebraica e grega, da Biblia. Mas não é assim. Elle de facto nem approvou ou reprovou mesmo as outras versões, e á proposta de um cardeal para a eliminação destas, o concilio oppôz o seu veto. Está visto que muito menos condemna elle as fontes dos textos. E entretanto houve depois muita questão sobre os verdadeiros designios do decreto. O cardeal S. Cruz que presidiu á IV sessão (que foi posteriormente o papa Marcello II), e homens como André Vega, Laynez, o geral dos jesuitas, o padre Salmeron e outros explicaram o verdadeiro sentido da declaração do concilio. E depois delles Bellarmino, Ribera, Dupin, D. Calmet e Bergier,—todos concordam em que o concilio só tractou das versões latinas e só a *Vulgata* devia servir nos serviços publicos da Egreja, a verdadeira e authentica Vulgata; e que todavia o concilio não preferiu nenhum dos textos originaes. O proprio concilio, dizem elles ainda, reconheceu que a *Vulgata* tinha erros embora fosse impressa do modo o mais correcto possivel: "Ut posthac Sacre Scriptura, potinimum vero hæc ipsa vetus et Vulgata editio quam emendatissimæ imprimatur" (Sessão IV, Dec. 2). De facto, D. Calmet, parecendo alias ir alem da lettra do decreto, entende que, sem ferir a auctoridade do concilio nem a authenticidade da *Vulgata*, o Catholico pode confrontal-a com os textos originaes, e reformal-a quando defeituosa.[1]

Como é evidente da referida decisão, o concilio nada decidio afinal sobre o texto. Si a grande fluctuação das edições da *Vulg.* era o mal que queria remediar, não deu-lhe remedio algum desde que elle dissolveu-se sem fixar o texto modelar, sem declarar qual era o "authentico."

Editores houve que pretenderam, com edições cuidadas da *Vulg.*, realizar este intuito. Em 1547 appareceu em Lovaina a primeira edição preparada por Hentenio, que depois representou importante papel, e que se baseava no texto da edição de Stephens de 1540. Isto, porêm, não era official. Em 1561 o papa começou a cuidar de preparar a edição requisitada pelo concilio, mas só em 1587 foi primeiro publicado o texto official da LXX. E logo depois, o então pontifice Xisto V, elle mesmo homem de talento e estudos, e muito zeloso de suas prerogativas, deu inicio á edição da *Vulg.* para

[1] D. Calmet, *Dissertation sur la Vulgate*, II, pag. 109, cit por J. B. Glaire, *Introduction*, pag. 107.

cuja revisão já havia muito trabalho accumulado por uma commissão sob a presidencia do cardeal Caraffo. O proprio Xisto V cortou a seu talante muitas emendas propostas pela commissão, accrescentou outras, e tão profundas mudanças fez,—inclusive no modo de dividir os versetos,—que o trabalho por força escandalizaria a Egreja. A edição appareceu em 1590, precedida da celebre constituição *Æternus ille*, do 1º de Março de 1589 em que Xisto affirmava que esta era a edição para sempre. "Decretamos, diz elle, pela plenitude do nosso poder apostolico, e declaramos que esta edição . . . approvada pela auctoridade que nos é conferida pelo SENHOR, deve ser recebida, e tida como verdadeira, legal, authentica e inquestionavel para todas e quaesquer discussões, leituras, pregações e explicações, publicas e particulares." [1] Mais ainda: o papa prohibiu quaesquer annotações ou variantes á margem das Escripturas, declarando que taes explicações careceriam no futuro de toda e qualquer fé, ou auctoridade.[2]

Esta nova ordem de cousas produziu profundo desgosto na Egreja. Ella não procurava sómente abafar os estudos exegeticos; mas, indo muito mais longe do que o concilio de Trento, prohibiu até o uso de outro qualquer texto *mesmo nas discussões particulares* quando aquelle concilio cingira-se ás publicas. Todos resentiam muito os desacertos da versão que o papa imperiosamente quiz impôr, de encontro á opinião dos seus conselheiros, especialmente bem preparados para a missão de retocal-a, e desacertos que abalavam profundamente os antiquissimos textos a que havia geralmente tanto apego. E alem de tudo, Xisto ordenou mais que no serviço lithurgico da Egreja a versão por elle revista fosse desde logo adoptada. Os homens mais proeminentes viram, pois, que a promulgação do novo padrão da *Vulgata* era um desastre.

Aconteceu, porêm, que Xisto V falleceu mezes depois da publicação da sua edição. O cardeal Bellarmino, cujo saber e influencia davam-lhe grande destaque na curia romana, procurou logo corrigir a pessima impressão causada pela *Æternus ille*. Os seguintes pontificados de Urbano VII, Gregorio XIV, e Innocencio IX duraram apenas alguns mezes, cada um, de modo que a questão só veiu a ser decidida por Clemente VIII, acclamado no começo de 1592. Quando subiu ao pontificado o seu antecessor chegaram a pedir-lhe que prohibisse expressamente a edição da *Vulgata* de Xisto V. Foi então que interveiu

[1] "In omnibus Christiani orbis Ecclesiis legendam evulgamus decernentes eam . . pro vera, legitima, authentica et indubitata, in omnibus publicis privatisque disputationibus, leccionibus, prædicationibus et explanationibus recipiendam et tenendam esse."

[2] "Nullam in posterum fidem, nullamque auctoritatem habitura esse decernimus."

Bellarmino, que propôz, para salvaguardar as apparencias, que se recolhesse aquella edição inteira e que se re-imprimisse outra que, emendada, deveria ser publicada sobre o mesmo nome de Sixto V, dizendo-se que a primeira era recolhida *por ter sahido com muitos erros de imprensa.* Gregorio XIV nomeou logo uma commissão de revisão sobre a presidencia do cardeal Columna, que Clemente VIII substituiu por Toletus. No fim de 1592 estava impressa a revisão, com o prefacio escripto por Bellarmino [1] allegando que Sixto quando falleceu desejava retirar a sua edição da circulação por causa das erratas e incuria dos typographos.

Quão insincero era este subterfugio deprehende-se não só da representação de Bellarmino ao Papa como do que elle mesmo escreveu na sua auto-biographia em 1591 [2] quando diz que o volume sahira com alterações propositaes de Sixto V. O facto é que esta edição sahiu com muito poucos erros typographicos.

A nova commissão deu o seu trabalho prompto em poucos mezes: ella restabeleceu quasi todas as emendas da commissão anterior e afinal sahiu a Edição *Clementina* muito mais correcta do que a *Sixtina.* Mas a edição ainda sahiu no nome de Sixto, para evitar difficuldades futuras.[3] Uma Bulla que vem nella impressa prohibe a impressão da *Vulg.* sem antes ter sido cotejada com a do Vaticano, "cujus exemplaris forma, ne minima quidem particula de textu mutata, addita vel ab eo detracta, nisi aliquod occurrat, quod Typographicæ incuriæ manifeste adscribendum sit, inviolabiter observeretur."

A bulla tem realmente conseguido offerecer ao mundo catholico um texto uniforme, isto, porêm, sacrificando bastante uma revisão gradual e scientifica, conforme as vantagens e a luz sempre mais clara dos estudos exegeticos. A *Vulg.* é

[1] Van Ess, *Pragmatisch-Kritische Gesch. d. Vulg.*, cita a representação que Bellarmino fez a Clemente VIII contra e edição Xistina, em que vem este trecho realmente forte: "Novit Beatitude vestra cui se totamque ecclesiam discrimini commiserit Sixtus V *dum juxta propriæ doctrinæ sensus sacrorum bibliorum emendationem aggressus est*: nec satis scio an graviu sunquam periculum occurrerit." Parece que esta opposição de Bellarmino á Biblia de Sixto V impediu depois que o cardeal fosse "canonizado." O grande Jesuita só foi elevado ao cardinalato em 1598: e Clemente VIII de certo não levou a mal aquelle protesto vigoroso.

[2] "Cum Gregorius XIV cogitaret quid agendum esset de biblis a Sixto V editis, in quibus erant *per multa perperam mutata* . . . (elle, Bellarmino) coram Pontifice demonstrabit biblia illa non esse prohibenda, sed esse ita corrigenda, ut salvo honora Sixti V Pont. biblia illa emendata proderentur, quod fierit si quam celerrime tolerentur quæ *male mutatæ erant* et biblia recuderentur sub nomine ejusdem Sixti, et addita præfatione qua significaretur in prima editione Sixti, prefestinatione irrepsisse aliqua errata vel typographorum vel aliorum incuria." . . .

[3] O titulo é este: Biblia Sacra Vulgatæ Editionis Romæ Ex Typographia Apostolica Vaticana M.D.XCII., e na segunda folha: Biblia Sacra Vulgatæ Editionis Sixti Quinti Pont. Max. jussu recognita atque edita,—estes dizeres dentro de um quadro que era mesmo da primeira edição.

um padrão de gloria para S. Jeronymo e a Egreja catholica que assim nos deu textos mais antigos do que os mais antigos do original e nos habilitou a verificar como são estes dignos de toda a fé.

Até hoje se não tem feito a critica textual completa da grande traducção de Jeronymo. Não foi um philologo ou não dominava o Hebraico como um Gesenius ou um Delitzsch moderno; mas conhecia bastante bem as tres linguas para poder traduzir directamente de qualquer dellas, para poder aferir a idéa hebraica na versão do LXX e depois poder vasar no mais impeccavel Latim a idéia exacta daquelle original. Muito conservador, não se dedignou de conformar-se frequentemente com o texto da *Vetus* quando o approvava, nem de seguir o texto greco quando tambem achava-o approveitavel. Sua obra foi um tanto desegual,—admiravel e excellente nos Livros historicos, ao passo que outros mostram bem com que rapidez os traduziu elle. Seu methodo geral não foi o de dar o equivalente latino a cada palavra hebraica, mas depois de entender a fundo o significado, dar-lhe o melhor transumpto possivel no Latim, ás vezes reduzindo os pleonasmos a phrases curtas, e outras vezes tendo de desenvolver n'uma só phrase uma, duas ou tres palavras do original. E sempre que era obscuro o original (não raramente) e elle não entendia perfeitamente, apezar das opiniões dos Rabbinos que costumava consultar, o traductor preferia traduzir palavra por palavra.

O desejo de S. Jeronymo de adherir tanto quanto possivel aos textos gregos da LXX e da *Vetus latina* fel-o empregar muitos hellenismos e provincialismos, que certos criticos denunciam como defeito mas que não sabemos como poderiam ser evitados. Ao contrario, o traductor fez reviver muitas expressões populares, archaicas, não litterarias, mas cuja força era impossivel substituir. Assim notam-se estas palavras, que alias se acham em Plauto: *multiloquium*, *vaniloquus*, *condignus*, *cordatus*, etc.; e fórmas pouco usuaes, como *pascua* (fem.), *murmur* (masc.) *odio* (subs.), *sui*, *suus* por *ejus*; *non* (prohib.) por *ne*, etc. Tambem citam-se palavras da linguagem popular, provavelmente usadas ao norte da Africa, como *minorare*, *improperium*, *alleviare*, *sufficientia*, *superabundantia*, *tribulatio*, *grossitudo*, *salvare*, *glorifico*, *beatifico*, *fructifico*, *sanctifico*, etc. De adjectivos fez substantivos como *paternitas*, *possibilitas*, etc., alem de muitos adjectivos de substantivos, novos na litteratura classica, já não fallando das formas dos participios, dos novos negativos, e de palavras compostas como *rememorare*, *superexaltare*, etc.

Os hellenismos tambem abundam na *Vulg.*—mas era neces-

sario este accesso ao vocabulario latino para designação de idéias novas: *zelare, agonia, agonizare, angelus, scandalum, blasphemare, Paracletus, Patriarcha,* são apenas exemplos dessa necessidade.

É tambem preciso lembrar que Jeronymo teve de cunhar vocabulos para novas ideias e objectos desconhecidos dos Romanos, ou no Occidente. Como traduzir o ἱλαστήριον grego? Elle inventou *propitiatorium*, bem como o *racionale* para λογεῖον, e assim por deante. O que Jeronymo fez foi mitigar alguma dureza de antigas formas populares introduzides na *Vetus* e cujo equivalente mais elegante não mudava o sentido ou a força da expressão. A *Vulg.* ficou sendo uma transição entre o Latim da épocha e a linguas modernas. Ella fixou a terminologia da sciencia do dogma christão.

Manuscriptos da Vulgata.—Não têm conta os MSS. da Vulgata latina. Alguns calculam seu numero em mais de oito mil, a maior parte dos seculos XIII e XIV e sem valor critico. A lista de Berger[1] descreve 253 minuciosamente. Só nos interessam por óra os que se referem ao V. T.

Talvez o principal seja o Codex *Amiatus*, assim chamado por ter sido depositado na livraria do Convento do Monte Amiata (Italia) donde sahiu para servir em Roma de base para a edição sixtino-clementina. Recolhe-o hoje a Bibliotheca Mediceo-Laurentina de Florença. Estava na Inglaterra mas em 715 foi mandado de presente ao papa. Tem o V. T. e o N. T., este ultimo tendo sido publicado por Tischendorf. Vêm depois: *Codex Cavensis*, MS. hespanhol da Biblia, provavelmente do IX Seculo, com bella lettra redonda e minusculas visigothicas. O texto é em hespanhol. *Codex Toletanus*, MS. de outra Biblia hespanhola, com muitas interpollações. Foi tambem consultado para a revisão sixtina. Foi já publicada uma copia delle, e o original acha-se hoje na Bibl. de Madrid. *Codex Aniciensis*, do IX ou X Seculo, na Bibl. Nac. de Paris: Biblia do typo hespanhol, com correcções lateraes. As *Biblias de S. Riquier*, na Bibl. Nac. de Paris, com o *S. Germani longum exemplar* de R. Stephen; *C. Vallicellianus* em Roma, com a Biblia do IX Seculo, que é considerado como o melhor MS. da revisão de Acuino; e a *Biblia de Carlos o Calvo*, na Bibl. da Eg. de S. Paulo extra-muros em Roma, bello MS., provavelmente do N. da França com influencia ingleza, a julgar dos adornos.

(Na secção da N. T. tractaremos de outros codigos referentes aquella parte da Biblia.)

[1] Berger, *Histoire de la Vulgate.*

Edições Impressas.—As principaes edições primitivas da Vulgata foram :

1º. A Biblia chamada Mazarino, porque o primeiro exemplar que attrahiu a attenção dos competentes foi o da Bibliotheca do Cardeal Mazarino. Bellissima edição, sem data nem logar nem nome do impressor, mas que se crê ter sido impressa em Moguncia entre 1452 e 1456, e por Guttenberg ou Peter Schöffer ou J. Füst. (V. illustração no fim deste vol.) Desta Biblia rarissima a Bib. Nac. do Rio de Janeiro possue um exemplar. Em 1884 n'um leilão em Londres um exemplar em papel (não em vellino, nem illuminado) alcançou £3.900. Este precioso volume tem 641 folhas impressas com 42 linhas até á folha 310 que tem 41 linhas por columna, pois cada folha tem columna dupla. É impressa em 10 secções e dividida geralmente em dous volumes, o segundo começando á folha 325. Existem no mundo, que se tenha apurado, 12 ex. em vello e 26 em papel.

2º. Biblia (de 1459 ?) chamada *Bamberg*, de origem obscura. A Bib. Nac. de Paris tem um exemplar com a data manuscripta de um annotador, 1461. Alguns criticos attribuem a impressão a Guttenberg.

3º. Biblia de *Füst e Schoffer*. É a primeira que traz data (1462) e os nomes daquelles impressores de Moguncia. É tambem a primeira obra *formalmente* dividida em mais de um volume, e esta tem dous. Ha segunda edição de 1472.

4º. Biblia de *Johannes Andréa*, Bispo de Aleria, seu editor, mas impressa por Conradus Sneynheym e Arnold Paunartz, em Roma, 1471. É a segunda Biblia com titulo e data, nome do impressor e logar da edição. Primeira edição impressa em Roma, e com typo romano ; em linhas compridas, e não em columna. Tem 641 folhas.

5º. Biblia de *Anthonius Coberger*, de Nurenberg, 1475. Este editor Coberger ou Koburger imprimiu 15 Biblias latinas em 25 annos. Em 1483 produziu a sua celebre edição da Biblia em Allemão.

6º. Biblia de *Veneza*, publicada por Franciscus de Hailbrun & Nicolaus de Frankfordia, Venetiis, 1475, in folio, depois muito reproduzida.

7º. Biblia de *Paganinis Brixiensis*, de Veneza, 1492, a segunda edição da Biblia no formato de 8º, é a primeira que traz uma gravura de madeira no frontespicio. (Representa S. Pedro com as chaves).

8º. Biblia *Polyglotta* : trabalho monumental, a que já nos referimos, impresso em Alcalá, de Hespanha, em 1514-17, em seis vols. in folio. O primeiro dos polyglottas, e conhecido como o " Complutense " de " Complutum " (o nome latino de

Alcalá) impresso sob as vistas e a expensas do Cardeal Ximenez, arcebispo de Toledo e regente de Castella. As linguas representadas são Hebreu, Chaldaico, Grego e Latim. Ximenez reuniu uma juncta de lettrados de que faziam parte Lopez e Zuniga, Lebrija (Nebrissencis), Nuñez de Gusman (Pincianus), e outros, e tambem tres Christãos conversos do judaismo. O cardeal comprou muitos MSS. importantes e Leão X emprestou-lhe todos os que lhe foram pedidos. A obra foi começada em 1502 por occasião do nascimento do principe que foi depois Carlos V. Ximenez gastou somma hoje equivalente a 4.000 contos de reis (50.000 ducados fortes), inclusive a que pagou por precisar MSS. hebraicos. O Hebraico vem na col. de fóra, com as raizes hebraicas na margem; o Latim segue-se no meio e na col. de dentro o texto da LXX, com traducção interlinear latina. A paraphrase chaldaica do Pentateuco é reproduzida em baixo das pags. e, a seu lado, a traducção em Latim e nas margens, as raizes chaldaicas. Dos Deuterocanonicos só ha os textos grego e latino; a oração de *Manassés* só em Latim, e o terceiro *Maccabeus* só em Grego. Do Psalterio se dá a versão grega e a Latina chamada *Romana*. Esta obra levou 15 annos a completar-se.

9º. A VULGATA de *Robert Stephens*: excellente tentativa de uma edição critica, publicada em Paris, 1528 e depois reproduzida em 1538, 1840, 46 e 55, esta ultima in 8º e trazendo, pela primeira vez, n'uma Biblia em Latim, as divisões modernas em versetos. Diz White que esta edição tem practicamente como base a edição official, clementina, da Vulgata romana.

10º. BIBLIA de *Johannes Hentenius*, in fol., Lovaina, 1547, feita, segundo 31 MSS., com esperança de servir de Biblia official, depois do Dec. do Concilio de Trento. Excellente texto, revisto por uma commissão de theologos allemães, flamengos e belgas.

Taes são algumas das principaes edições mais antigas da Vulgata.[1]

[1] Consultem: Hody, *De Bibliorum textibus* (1705); *Heironymis Opera*, ed. Martianay, com os additamentos de Vallarsi; Vercellone, *Variæ Lectiones Vulg. Latinæ Bibliorum*; Sabbatier, *Bib. Sanct. Vers. Ant.*; R. Simon, *Histoire Antique du V. T.*; Van Ess, *Pragmatisch-krit. Gesch. d. Vulg.*; A Thierry, *Saint Jérome*; F. Kaulen, *Gesch. der Vulg.*; S. Berger, *Hist. de la Vulg. en France*, e *Hist. de la Vulg. pendant les prem. Siècles du Moyen Age*; W. A. Copinger, *Incunabula Biblica* (Londres, 1892); Vercellone, *Biblia Sacra* (melhor edição da Clementina).

CAPITULO XIV

OUTRAS VERSÕES

I. No *Pentateuco Samaritano* não temos realmente uma versão pois o original Hebraico, é sómente transcripto com os caracteres phenicios ou samaritanos. O Pentateuco era a unica parte do V. T. admittida pela seita dos Samaritanos como canonica, e sua revisão differe da dos Massoritas. Sua origem é confusa, pretendendo alguns que precedeu ao Captiveiro e outros que foi copiado para o Templo em Gerizim, de algum exemplar obtido dos Judeus quando voltaram Esdras ou Nehemias. É porêm, um documento precioso. Frequentemente acha-se de accôrdo com a versão dos LXX contra o texto Massorita. Uma das differenças principaes entre estes consiste na edade maior que é dada aos primeiros patriarchas pelo texto Samaritano e por ter substituido *Gerizim* por *Ebal* do *Deut.*, 27 : 4.

Ha duas versões bem antigas deste Pentateuco, uma na lingua samaritana e outra na arabica.

II. Syriaca.—Nos primeiros seculos do Christianismo vogava na Syria uma versão do V. T. que no fim do Seculo IV era chamada *simples* ou *Peshito*, no dizer syriaco,—talvez a que succedesse a outras versões menos litteraes. Admitte-se que, pelo menos, uma pequena parte desta versão seja anterior ao advento de Jesus. Em todo o caso tem ella o grande merito de ser a primeira versão do original hebraico feita para uso de Christãos, havendo precedido á versão latina de Jeronymo. Que foi feita directamente do Hebraico attesta-o não só o escriptor Ephraem, do Seculo IV, como seu contexto intrinseco; e é facto que, apezar de todas as revisões que possa ter recebido, ella conserva intacto o seu fundo hebraico.

No *Polyglott* de Walton (Paris, 1657) publicou-se pelã primeira vez esta versão que depois foi novamente revista e editada por Gabriel Sionita, que introduziu novo systema de ponctuação, com redundancia de vogaes. Mas a versão *Peshito* é hoje tão substancialmente a mesma dos MSS. dos seculos IV a VI como os textos da *Vulg.*, que se acha em toda a parte, são os mesmos de Jeronymo.

Recentemente descobriu-se em Milão o MS. de uma versão

syriaca da versão LXX do Hexaplar; e mais recentemente o Museu Britannico recebeu do Revm. Cureton os mais valiosos trechos de MSS. notaveis dos mosteiros da Nitria.[1]

III. As versões *Ethiope* e *Armeniana* são do IV e V Seculos. A primeira, citada por S. Chrysostomo, é da época em que o bispo Frumencio pregou na Abyssinia, e o V. T. é traduzido da versão LXX. A Armeniana foi tambem tirada da LXX por Mesrob, inventor do novo alphabeto da lingua com 36 lettras, em substituição ao Syriaco, previamente em uso. Ha desta versão uma edição critica do Dr. Zohrab, de Veneza, em 1805.

IV. De versões *Egypcias* ha tres, todas na lingua que commummente chamamos *Coptica*. São ellas conhecidas por *Memphitica, Thebaica, e Buchemurica*, representando respectivamente os dialectos do Baixo, e Alto Egypto e da região do Delta. Da versão Thebaica só existem fragmentos. A versão Gôda de Uphila, Bispo dos Gôdos no IV Seculo, é importante. Faltam-lhe os Livros do Reis. É tirada da LXX, muito fielmente, e é pena que só existam fragmentos.

Ha outras versões antigas do N. T. de que em seu logar fallaremos.

V. Os *Targumim*.—Quando Esdras veiu do desterro estabeleceu a practica de ler as Escripturas em publico, tornando claro o seu sentido (*Nehem.*, 8 : 8), pois relembraremos que só os mais velhos do povo entendiam o Hebraico, depois de tão longa ausencia; e os mais novos só entendiam alguma cousa por causa da similhança geral delle com a lingua Chaldaica ou Aramaica, então geralmente fallada pelos occupantes da Palestina depois que seus habitantes foram levados presos para Babylonia. Com vagar, estabeleceu-se uma especie de profissão de ledores e interpretes, com regras fixas para o desempenho dos seus deveres. Estes faziam ligeiro commentario que muito frequentemente cingia-se a uma paraphrase do texto. Era muito natural que no decurso do tempo essas versões e paraphrases da Lei fossem *escriptas* e que, com o maior impulso dado aos estudos canonicos, fossem taes escriptos procurados e manuseados constantemente. Taes são os targumim, plural de targum que litteralmente significa interpretação, traducção.

É muito provavel que, ao tempo de Jesus Christo, existissem muitos desses documentos e que algumas dessas composições hajam obtido grande reputação. Ellas eram, por assim dizer, a *Vulgata* da Lei hebraica, que se tornara lingua morta, e no tempo dos Asmodeus sabe-se que circulavam

[1] V. Wiseman, *Horæ Syriacæ*; Cureton, *Ancient Recension*, etc,

livremente, pois o Mishna, tractado Jadaim IV, 5, prescreve sobre a linguagem e caracter em que deviam ser escriptos.

Alguns desses documentos chegaram até nós, e os existentes, junctos, nos dão a versão, em paraphrases, de todo o V. T., á excepção dos Livros de *Daniel*, *Esdras*, e *Nehemias*; ao passo que de alguns livros, como o *Pentateuco* e *Esther*, temos duas e tres variantes de traducções. Seu texto, porêm, deixa muito a desejar sob o aspecto critico.

Talvez o principal *Targum*, existente seja o que é attribuido a Onkelos ou Aquila. Seu trabalho sobre o *Pent.* é quasi uma traducção litteral, palavra por palavra, com paraphrase aqui e acolá, a exposição dogmatica sendo a mais simples: só nos livros poeticos elle se permitte mais liberdade que aliás pode ser, em parte, devida a interpollações no texto por copistas e outros. Este Targum é por tudo isso, de summo interesse e o facto de que mal tem uma ou outra palavra que possa trahir o Grego mostra a sua antiguidade. Elle foi reproduzido nas Biblias Complutense e de Bomberg.

Outro Targum notavel é o attribuido a um Jonathan ben Uzziel, que se allega ter sido discipulo do celebre Hittel. Este comprehende apenas os Prophetas, maiores e menores; e muitos pretendem ser mais antigo do que o de Onkelos. Ha alguns ponctos em commum entre ambos e um delles viu de certo o trabalho do outro. A versão de Jonathan é mais paraphrastica do que a daquelle, ao passo que a linguagem parece-se muito com a delle.

É facto interessante que surge de Portugal a mais antiga ed. impressa deste *Targum*, sendo de Leiria, em 1494.

Alguns escriptores attribuem ao mesmo Jonathan um outro Targum, e este sobre o Pentateuco. Mas este documento não é outro que o conhecido *Targum de Jerusalem*. É escripto em linguagem barbara, cheio de neologismos e legendas, e parece ter sido preparado no VII Seculo.

Existem varios Targumim sobre os Hagiographos, alguns adherindo ao texto com simplicidade e outros com desenvolvida paraphrase, tornando-se antes commentarios.

VERSÕES MODERNAS

Ha versões da *Vulgata* em todas as linguas modernas. Só notaremos as mais antigas nos idiomas mais conhecidos.

Allemães.—A edição mais antiga que se conhece, em qualquer lingua moderna, é a Johannes Mentel, Strasburgo, 1466. Esta versão concorda em muitos ponctos com os MSS. da Itala. Tem 405 fls. impressas a duas columnas.

A segunda Biblia allemã é de Eggenstein, Strasburgo, provavelmente de 1470. Publicaram-se, depois, outras ed. em Nuremberg, Colonia, Augsburgo e Lubeck, até que em 1523-24 appareceu a versão de M. Luthero, *Das Allte Testament deutsch*, publicada em Wittemberg, em 3 vols. in fol. (No anno anterior apparecêra o N. T.) E uma traducção feita não só da *Vulg.* como do Hebraico e do Grego. Para o Heb. não parece ter consultado MS. algum, mas adheriu ao texto impresso em Brescia em 1494.

Inglezas.—Si bem que o Museu Britannico possua o unico exemplar conhecido da versão do N. T. de Tindale, impressa em Colonia em 1525, a *editio princeps* do Pentateuco em Inglez, traduzido da *Vulg.*, do Allemão e de outras, pelo mesmo Tindale, é datada de 1530 e impressa por Hans Luft, Malborow.

A primeira Biblia completa em Inglez foi, porem, a traduzida por Miles Coverdale que em 1551 foi Bispo de Exeter. Foi impressa provavelmente em Zurich e diz ser traduzida "do Allemão e do Latim."

Veiu depois a chamada versão de Mattheus da Biblia inteira, "verdadeira e puramente traduzida," e impressa e publicada por R. Grafton e E. Whitechurch, provavelmente em Antuerpia. É in fol. em lettra gothica e combina o que ha de bom em Tindale e Coverdale. Em 1537 sahiu segunda edição muito melhorada.

Em 1539 appareceu a 1ª ed. do que os Inglezes chamam a "Grande Biblia," e que se fez por ordem de O. Cromwell: é uma versão, corrigida por Coverdale, da versão latina de Seb. Münster do Hebraico; e, no N. T., da *Vulg.* Em annos successivos sahiram muitas edições.

Em 1560 foi publicada na Suissa, a chamada "Biblia de Genebra," traduzida do Hebraico e do Grego.

Só em 1582 os catholicos inglezes publicaram a primeira ed. de uma traducção official da *Vulg.*, sahindo então á luz apenas o N. T. A *editio princeps* de toda a Biblia, desta versão, é de 1609-10: é a que vai pelo nome de "Biblia de Douai." A traducção foi feita pelo Collegio Inglez de Douai.

A seguinte ed. ingleza da Biblia, que obteve enorme circulação, é a chamada do "King James" que appareceu em 1611; a versão é, porem, dos originaes hebraico e grego.

Só em 1731 foi impressa em Londres a 1ª ed. da versão de Wycliffe do N. T., feita da *Vulg.*

Em 1856 a egreja anglicana nomeou uma commissão de 55 peritos para rever a versão ingleza da Biblia, e obteve a cooperação de especialistas dos Estados Unidos. O N. T. assim revisto foi publicado em 1881 e o V. T. em 1885.

Francezas.—Os dous documentos mais antigos, impressos em Francez sobre os Livros sagrados são duas edições do N. T. ambas impressas em Lyon por Barthélemy Buyer, em 1474, seguindo-se uma *Bible Historialle* ou historias biblicas, tambem de Lyon, mas editadas por Guillaume de Roy, de que sahiram novas impressões em 1498 e 1515.

Em 1523 Jacques Le Fèvre d'Étaples, operoso escriptor, deu a lume uma nova traducção do N. T. e preparou a do V. T. que só foi publicada em 1530. Le Fèvre era professor em Paris e editou muitas obras e traducções. Traduziu litteralmente a *Vulg.* A sua edição de toda a Biblia em 1530 tinha o titulo : " La Sancte Bible en Françoys translatée selon la pure et entière traduction de Sainct Hierome conferée et entièrement reussitée . . . Martin Lempereur, Anuers, 1530." É tambem conhecida como a " Biblia de Antuerpia." Apezar de datada de 1530, foi publicada em partes desde 1528.

Em 1535 sahiu á luz na Suissa, a primeira Biblia protestante em Francez, baseada no Hebraico e Grego. Por ter sido impressa em Secrières, perto de Neuchâtel, é conhecida por este nome. Seu editor foi Pierre de Wingle. Mas a revisão foi obra da um parente de Calvino, de nome J. R. Olivetan, Francez da Picardia. É um trabalho consciencioso e que por seculos tem sido muito reproduzido.

Em 1550 sahiu dos prelos de Lovaina, Belgica, uma ed., segundo a *Vulg.*, com a traducção que se diz nova mas sobre que a de Olivetan influiu bastante. Seu editor foi Bartholomy de Grave.

Cinco annos depois dessa appareceu na Basiléa uma nova traducção do V. T. das fontes hebraicas e gregas " avec des Annotacions sur les passages difficiles " por Sebastian Chateillon. Jean Hervage é o seu impressor. O traductor procurou palavras bem conhecidas de toda a gente. Seu estylo é vigoroso mas não raro sem dignidade.

Apezar de que já em 1540 sahira dos prelos de Genebra uma revisão da Biblia de Olivetan (de que se tiraram frequentes edições em muitas cidades), e feita por Calvino, em 1560 o editor Henri Etienne, daquella cidade, publicou uma nova revisão feita por uma commissão de ministros do Evangelho, que entretanto dizem no prefacio que esta publicação merecia a approvação de Calvino e de Bera. É a edição conhecida pelo nome de " Franceza de Genebra." Apezar de sua origem, ella serviu de base principal de uma nova traducção franceza por René Benoist, publicada em Paris em 1566 como traduzida da Vulgata.

Em 1621 o Dr. da Sorbonna, Pierre Frizio, preparou e

publicou " La Saincte Bible Françoise selon la vulgaire latine, avec . . . les moyens pour dicerner les Bibles françoises Catholiques d'avec les Hoguenotes. . . ." É edição de I. Richer e P. Chevallier, e dedicada a Luiz XIII, e consiste de uma revisão da de Lovaina.

Em 1667 sahiu uma nova versão do N. T. publicada anonyma em Mons, por Gaspar Migeot, em 2 vols. É a versão conhecida como de Port-Royal, e tambem como a de Sacy. O N. T. e o V. T. foram traduzidos pelos irmãos Antoine e Isaac le Maistre o ultimo conhecido pelo nome de De Sacy ou Saci (Saci é anagramma de Isac) e o trabalho sendo revisto pelos de Port-Royal. Tem-se feito muitas tiragens desta versão que ainda circula hoje.

Em 1753 foi publicada em cinco volumes a versão da " Sante Bible traduite sur les textes originaux avec les differences de la Vulgate . . . Cologne." A versão é de Nicolas le Gros e outres ; e a obra ficou até hoje conhecida por " Bible le Gros," que os doutos consideravam então a melhor e mais fiel de todas. Le Gros morreu antes de finda a traducção. O V. T. foi publicado de 1697 a 1710 em 37 vols. in 12mo., a Vulgata apparecendo em columnas parallelas. O editor foi G. Desprez, Paris.

Apezar de tantas revisões que soffreu a Biblia de Olivetan, ou Franceza de Genebra, o theologo J. F. Osterwald de Neuchâtel publicou nova revisão em 1724, ainda mais aperfeiçoada em 1728. Esta ed. Osterwald é hoje a mais commum entre os protestantes que lêm o Francez.

Ultimamente o Abbade J. B. Glaire publicou em Paris uma nova traducção de toda a Vulgata, approvada pelo Papa. Já em 1877 sahia a sua 5ª edição.

Italianas.—A editio princeps da Biblia em Italiano é a chamada " Malherbi " ou " Malermi " tendo sido publicada em 1471 em Veneza, talvez por Vindelinus de Spriva. A *Vulg.* havia sido traduzida em Italiano antes do Seculo XIII. O auctor desta versão era Nicolô Malermi, monge benedictino. Em muitos ponctos, elle deixa de lado a *Vulg.* e segue os seus MSS. Nos cem annos seguintes sahiram mais de dez edições desta versão.

Em 1532 L. Giunti, tambem de Veneza, publicou n'um folio nova traducção da Biblia, tirada do Hebraico " in lingua toscana per Antonio Brucioli." Os chamados apocryphos estão no fim do volume depois de Malachias. Os Hagiographos são traduzidos da *Vulg.* Seis annos depois os herdeiros de Giunti publicaram a Biblia como tambem o N. T. que fôra

vertido por Fra Zaccheria. O V. T. é realmente uma revisão do texto de Brucioli, feito pelo maestro Santi Marmochino.

Em 1607 Giovanni Diodati fez imprimir em Genebra uma nova versão de toda a Biblia que ainda hoje sob a fórma moderna é a Biblia official dos protestantes italianos.

O Papa Benedicto XIV lembrou a um douto ecclesiastico, A. Martino, preparar uma nova versão da *Vulg.* Elle gastou nisso, disse, 20 annos e o resultado foi a publicação do "Il Pentateucho o sia i cinque libri di Mosé . . . secondo la Volgata, tradotti in lingua Italiana e con annotazioni illustrati, Nella Stamperia Reale: Torino 1769-1781,"—23 volumes in 8º. Logo depois sahiu outra edição napolitana. Apezar do titulo transcripto, a versão é de toda a Biblia. A Lei occupa os cinco primeiros volumes, e o N. T. os ultimos seis.

Um rescripto de Leão XIII em 1893 aconselha todos os Catholicos a lerem o N. T. durante ao menos um quarto de hora por dia. Por esse motivo sahiram á luz na Italia muitas edições baratas do N. T. Entre ellas citaremos: "Il Santo Vangelo do N. S. Gesú Cristo e gli Atti degli Apostoli. Nuova traduzione italiana con note. Tipographia Vaticana, Roma, 1902." Esta versão é do P. Clementi, o prefacio de F. Semeria e as notas de Genocchi, geral dos missionarios do S. C. Desta edição se tiraram tresentos mil exemplares que se venderam a 20 centesimi.

Hespanholas.—As duas primeiras obras christãs impressas em Hespanha foram um Evangelho para serviço lithurgico e uma harmonia dos Evangelhos, impressas, aquella em Zamora em 1490 e esta em Alcala de Henares, 1502. A edição mais antiga do N. T. em hespanhol não foi impressa no paiz mas em Antuerpia em 1543 por Estevan Mierdmanno. É traducção do Grego por Francisco de Enzinas, alias Dryander, que era amigo de Melanchton e esteve por isso preso por um anno, escapando-se, porêm, para a Inglaterra onde foi professor de Grego em Cambridge.

Em 1550 foi publicado em Leon o Psalterio traduzido do Hebraico. Mas foi em 1553 que se publicou em Ferrara (Italia) o primeiro V. T. em lingua hespanhola: "Biblia en lengua Española, traduzida palabra por palabra dela verdad Hebrayca por mui excelentes letrados, vista y examinada por el officio dela Inquisicion." Folio, em let. got. Era uma traducção já de ha muito feita para uso dos Judeus hespanhoes e portuguezes e que corria em MSS. O editor Abraham Usque, alias Duarte Pinel, era Judeu-portuguez, e a obra foi impressa á custa de Jeronymo de Vargas, Judeu hespanhol.

Si essa foi a primeira impressão hespanhola do V. T., a primeira de toda a Biblia nessa lingua foi a edição de Guarinus, Basiléa, em 1569, traduzida por Cassiodoro de Reina, protestante hespanhol, filho de Sevilha. É um vol. in 8º e contém os livros que chamamos deutero-canonicos. Foi reimpressa em Frankfort s. M. em 1602 e 1612, em Amsterdão em 1611, 1630, 1646, e 1726,—para mencionarmos apenas as edições mais remotas.

Sómente em 1793 sahiu impressa pela primeira vez uma versão hespanhola da *Vulg.* latina. Foi : " La Biblia Vulgato-Latina traducida en Español y anotada conforme al sentido de los Santos Padres, Expositores Catholicos por el Padre Phelipe Scio de San Miguel." Valencia : Typ. de Joseph y Thomas de Orga, 1790-93, 10 vols. in 4º. Toda a Biblia tambem era impressa n'um typographia hespanhola. Os textos latino e no vernaculo são impressos em columnas parallelas. Por muito tempo tiraram-se frescas edições.

Em 1823-25 sahiu á luz em Madrid, em 8 vols., e publicado por Leon Amarita a " Sagrada Biblia nuevamente traducida de la Vulgata Latina al Espanol . . . por Don Felix Torres Amat." Tem notas.

No Mexico foi publicada em 1831-33 a *Vulg.* com a versão hespanhola em 25 vols. : a traducção hespanhola é feita, comtudo *do Francez.*

São estas as principaes edições em Hespanhol.

Portuguezas.—Em Portuguez o Livro da Biblia mais antigo de que temos noticia é uma " Harmonia dos Evangelhos," baseada n'uma obra identica de Ludolpho da Saxonia e mandada imprimir pela Rainha Leonor e Dom João II (morto em 1495). É impresso em Lisboa, 1495, em 4 vols., letra got. Segunda ed. desta Vida de Christo appareceu em 1554.

Vem depois uma edição lithurgica das Epistolas e Evangelhos impressa em " Zaragosa, 1495 " por Pablo Harus. É uma traducção por Gonçalo Garcia de S. Maria.

Segue-se uma edição dos *Actos* e *Epistolas Catholicas*, impressa por ordem da mesma Rainha Leonora, e publicada em Lisboa em 1505.

Nada mais parece ter sido publicado em todo o Seculo XVI, —o que não é nada honroso para uma nação christã. A seguinte publicação de que temos noticia é de um protestante, e impressa em Amsterdão em 1681, sendo a traducção do N. T. do Hebraico, pelo Padre Ferreira A. de Almeida, de que nos occuparemos ao tratar-se do N. T.

Temos depois, alem de reproducções deste N. T., outra obra

em portuguez publicadas no extrangeiro,—*Os Cinco Livros de Moysés* . . . pelos Padres Missionarios Dominicanos da Real Missão de Dinmarca. Tranquebar, 1719. Elles mesmos, mais tarde, em 1732, publicaram tambem ahi, *Os Doze Prophetas Menores . . . com toda a deligencia traduzidos na lingua portugueza.*

Em 1731 estes Padres dominicanos (que não têm ligação com a ordem dominicana catholica) receberam de Batavia, onde J. F. A. de Almeida residira, os MSS. da sua versão do Velho Testamento desde *Genesis* até o cap. 48 : 21 de *Ezekiel*, que deixára traduzidos antes de fallecer em 1691. Os Missionarios castigaram esta traducção segundo o Hebraico e em 1738 publicaram *Os Livros Historicos dos Velho Testamento . . . traduzidos por Joam Ferreira A. de Almeida, revistos e conferidos com o texto original pelos Padres Missionarios de Trangambar* (sic)—Tranquebar, 1738. Comprehende de *Josué* a *Esther*.

Em 1740 os mesmos missionarios, no mesmo logar, deram á luz o *Livro dos Psalmos* traduzido pelo mesmo Almeida e por elles revisto ; e em 1744 sahiram, identicamente, os *Livros Dogmaticos* (de *Job* a *Sabedoria*) seguido, em 1751, dos *Os Quatro Prophetas Mayores*, sendo o quarto propheta traduzido por Christovão Theodorio Walther, por ter Almeida deixado incompleta a sua versão, como dissemos. Acima viu-se que em 1719 estes missionarios haviam editado sua traducção do *Pentateucho*. Em 1757 elles publicaram, pela primeira vez, a traducção de Almeida deste *Torah*, dando-lhe o mesmo titulo.

A primeira edição do V. T., completa, segundo a versão de Ferreira de Almeida, sahiu na cidade de Batavia em 1748-53, em dous volumes. Os Livros de *Genesis-Ezekiel* são obra de Ferreira, os que faltam foram suppridos por versão de J. op den Akker, que é diversa da dos missionarios de Tranquebar. Depois da do titulo vem uma folha dizendo : " Esta primeira impressão do Velho Testamento sahe á luz ás custas da Illustre Companhia Hollandeza da India Oriental por mandado do Illmo Senhor Gustavo Guilhelmo Barão d'Imhoff, Governador Geral e dos Nobilissimos Senhores Conselheiros da India. . . ."

Deste trabalho escreve o Dr. Theophilo Braga :

" É esta traducção o maior e mais importante documento para se estudar o estado da lingua portugueza no Seculo XVII : o Padre João Ferreira de Almeida, pregador do Evangelho em Batavia, pela sua longa residencia no extrangeiro, escapou incolume á rhetorica dos seiscentistas ; a sua origem popular e a sua communicação com o povo levaram-n'o a empregar

fórmas vulgares que nenhum escriptor cultista do seu tempo ousaria escrever. Muitas vezes o esquecimento das palavras usuaes portuguezas leva-o a recordar-se de termos equivalentes, e é esta uma das causas da riqueza do seu vocabulario. Alem disto, a traducção completa da Biblia presta-se a um severo estudo comparativo com as traducções do Seculo XIV, e com a traducção do Padre Figueiredo do Seculo XVIII. É um magnifico monumento litterario." [1]

Só em 1777 começou a ser publicada em Lisboa a *Historia* Biblica e Doutrina Moral da Religião Catholica, extrahida *dos Livros Santos* . . . com *frequentes paraphrases* . . . por Frei Francisco de Jesus Maria Sarmento. . . . É uma traducção paraphrastica da Biblia, com commentario. O Fr. Sarmento fôra geral da Congregação da Ordem Terceira da Penitencia. A obra é em 43 volumes, dos quaes o V. T. occupa 31 volumes e o N. T. onze, havendo um vol. supplementar com um diccionario de nomes proprios. O texto da Vulgata em peq. ital. accompanha o portuguez. Em 1792 houve segunda impressão. Como se vê, não se tracta exactamente de uma versão dos originaes, mas simples paraphrase.

Depois da de Ferreira de Almeida, a primeira versão da Biblia em Portuguez é a do Padre Antonio Pereira de Figueiredo (n. em Thomar em 1725, fallecido em 1797), excellente latinista e regular theologo. Foi de 1778 a 1781 que a Regia Officina Typographica de Lisboa publicou em seis vols. in 8º o *Novo Testamento de Jesus Christo, traduzido em Portuguez segundo a Vulgata, com varias annotações historicas, dogmaticas e moraes e apontadas as differenças mais notaveis do original Grego.* Parece que sahiu bastante errada esta impressão pois logo em 1781 publicou-se outra "*mais correcta no texto*: os volumes 3 a 6 são os mesmos da primeira tiragem, os 1º e 2º são datados de 1781, que foi quando sahiu o 6º da 1ª ed.

Em 1782 publicou Figueiredo, em dois volumes, o Livro dos *Salmos ou Salterio, traduzido em Portuguez segundo a Vulgata, illustrado de amplos prolegomenos, notas frequentes e lições variantes* (Regia Officiana Typographica). Segundo uma nota no fim do 2º vol. o traductor começou este trabalho a 22 de Outubro de 1779 e acabou-o em 12 de Janeiro de 1780, menos de tres mezes, o que não é bastante para uma versão bem cuidada, com prolegomenos, notas e variantes.

Só em 1783 é que, aproveitando os dous volumes do *Salterio* do anno anterior, o Padre Figueiredo publicou o 1º vol. do seu *Testamento Velho, traduzido em Portuguez segundo a Vulgata Latina, illustrada de prefacções, notas e lições variantes.* O 1º

[1] *Man. da Historia da Litt. Port.*, cap. 16, pag. 350-51.

vol. consiste da *Gen.* O 2º, do *Exodo*, sahiu em 1784 e o 17º e ultimo em 1790. Foi só então que a lingua portugueza teve a primeira edição, completa, da Vulgata! Ha segunda impressão, acabada em 1804.

Em 1794, ainda em vida de Figueiredo, a officina de Simão Thaddeo Ferreira, de Lisboa, publicou uma nova ed. in 4º, em 7 vols., com uma *revisão* da sua versão, e esta ed. é considerada o typo desta versão, e traz o texto latino em face della. No frontispicio se diz: "*Edição nova . . . pelos muitos logares que vão retocados na Traducção e notas.* Os vols. de 1º a 5º sahiram de 1794 a 1807, o 6º e o 7º em 1818 e 1819, aquelle na Officina da Viuva Neves e este na Off. da Acad. Real das Sciencias. Traz uma "prefação geral a toda a Biblia Sagrada," e no frontispicio do vol. 1 ha um retrato do Principe do Brazil (depois D. João VI) a quem é dedicada a obra.

Em 1828 o grande editor inglez de Biblias, de Londres, Bagster, preparou n'um só volume de 751-239 pags., uma edição desta Biblia de Figueiredo, corrigindo-lhe algumas passagens do texto e a orthographia. O patriarcha de Lisboa, depois Cardeal Saraiva, deu parecer favoravel a que esta edição, reimpressa em 1842, circulasse livremente, e della é que a Sociedade Biblica Britannica ainda hoje circula os exemplares que publica, sendo de notar que Bagster exclue dahi os livros deutero-canonicos, como aliás são excluidos de algumas das modernas edições inglezas e catholicas da Vulgata.

Desde então têm-se muitas edições em Lisboa, Londres, Nova York, etc., de toda a Biblia ou de partes della, segundo as versões de Figueiredo e de Ferreira de Almeida.

Aqui no Brazil appareceu Maranhão em 1845-47, em tres volumes, o N. T. traduzido segundo a Vulgata, e *annotado segundo o sentido dos Santos Padres e expositores catholicos, pelo qual se esclarece a verdadeira doutrina do texto sagrado e se refutão os erros subversivos dos novadores antigos e modernos*, por D. Fr. Joaquim de Nossa Senhora do Nazareth, Bispo de Coimbra. . . . Era elle Conde de Argamil e deixou Portugal por motivos politicos, vindo estabelecer-se em S. Luiz do Maranhão. Em 1875 a Imp. Nacional de Lisboa publicou n'um só vol. uma especie de segunda ed. desta versão, que, depois de declarar que é do Bispo de Coimbra, continua: "em *conformidade da versão franceza annotada*, por J. B. Glaire e approvada pela Santa Sé." Foi seu editor José Franco de Souza. Trata-se de uma versão da versão franceza da versão latina do original grego.

Em 1879 o Rev. A. L. Blackford publicou no Rio de Janeiro a versão do N. T. de Almeida, revista por elle. É uma edição

má e errada. Mas dessas publicações sobre o N. T. tractaremos na secção competente. Já estava este nosso trabalho bem adeantado quando nos chegou ás mãos a nova traducção da Biblia "segundo os originaes hebraico e grego" publicada pela "American Bible Society" de New York em 1917 (910-282 pags.). Si perdemos nella o castigado e bello Portuguez do trabalho de Figueiredo ganhamos uma versão muito fiel dos originaes segundo as melhores auctoridades, como temos tido occasião de verificar com toda a exacção. Escoimada de bastantes erros typographicos que contém e melhorada a sua linguagem em alguns ponctos é a versão portuguesa que deve permanecer como a mais fiel, sendo por isso indispensavel aos que estudam a Biblia.

CAPITULO XV

O CANON DO VELHO TESTAMENTO

VAMOS agora esboçar como se foi formando o *Canon* do Velho Testamento. Os Judeus consideravam sagradas e inspiradas as suas Escripturas, como nós tambem as consideramos. O objecto do nosso estudo agora é indagar quando e como os Judeus as foram tendo como sagradas, e quaes são das suas Escripturas as que reputavam como taes,—como depois chamaram canonicas.

A palavra *Canon*, do Grego (de cuja estirpe vem tambem canna, haste, caule de graminea, etc.), significa primariamente regua ou medida. Dahi : correcção, inteireza ou pureza de cousa medida ; ou a *regra*, o modelo, o estalão de qualquer cousa ou instituição. Os Judeus, e outros, de Alexandria chamavam *Canon* á collecção dos considerados classicos gregos, que se devia ler.

No Velho Testamento os LXX (Septuaginta) empregaram duas vezes esta palavra no sentido classico,—no apocrypho *Judith*, 13 : 6 (onde a *Vulg.* traduz como columna), e em *Job*, 38 : 5, que a *Vulg.* dá como linha e Figueiredo como cordel, isto é, medida.

Na litteratura patristica vê-se o nome Canon applicado á regra da Fé, regra da Egreja, regra da Verdade,—regra que, a principio, era um ideial abstrato e não definido mas que, com as polemicas que surgiram, foi sendo mais e mais determinada. Com vagar as decisões dos Synodos se ficaram chamando Canones. O primeiro Concilio que deu o nome de Canones aos seus decretos foi o de Antiochia em 341. Ainda mais tarde a Egreja occidental chamava Canon a regra fixa quanto á leitura ou canto dos Psalmos nas determinadas festas. Dahi ficou sendo canonico na Egreja tudo que era officalmente definido e determinado. Origenes foi o primeiro que applicou a palavra á composição das Escripturas. Mas só no fim do Seculo IV se começou a usar da palavra, e seus derivados, neste sentido. S. Jeronymo escreve claramente : " Tobias et Judith non sunt in Canone " e S. Agostinho emprega a expressão : " Inveniuntur in Canone."

O Canon do Velho ou Novo Testamento, pois, é a collecção dos sagrados escriptos que são considerados geralmente como *verdadeiros, inspirados* e *sagrados.*

Esta claro que para que haja um Canon de litteratura religiosa é preciso que, antes de tudo, exista essa litteratura. Depois disto é natural que passe um periodo, depois de preparado certo producto litterario, antes de ser elle admittido geralmente por inspirado, pois para isto são precisos cuidado, reflexão e estudos, ás vezes demorados.

Ora os Hebreus não tiveram litteratura sinão comparativamente tarde. Os Semitas receberam a escripta dos Egypcios, —não dos hierogryphos, como alguns têm pretendido, mas dos seus characteres hieraticos e cursivos; e o alphabeto, tendo primeiro penetrado na Asia interior, voltou ás costas do Mediterraneo donde os Phenicios passaram aos Gregos e á toda a Europa. Os Hebreus o deviam ter conhecido e empregado desde muito. No *Ex.*, 17 : 14, 24 : 4, 7 e 34 : 27, quando Deus mandou a Moysés escrever n'um livro a prophecia sobre a destruição de Amalec; e quando escreveu os mandamentos de Jahveh e os leu perante o povo, e, outra vez a mandado de Jahveh, escreveu estas palavras "pelas quaes Eu fiz concerto comtigo e com Israel." E em *Num.*, 33 : 2, se diz que Moysés escreveu os nomes dos logares em que os Israelitas pararam no deserto de Sinai. Comtudo o uso da escripta devia ser raro naquelles tempos em que as tribus que Moysés guiava não eram ainda um povo ou uma nação e emergiam da sua vida de servidão. Por trez ou quatro seculos depois de sua entrada em Canaan não podemos esperar que as tribus que Josué ali introduziu se déssem á cultura das lettras. Como acontece em todos os povos primitivos precederam ao periodo propriamente litterario as eras das legendas e parabolas, dos cantos populares, e dos contos sobre seus antepassados. Nesses povos do Oriente, de vivissima memoria, a tradição oral floresce de um modo inconcebivel no Occidente, e não sente-se tanto a necessidade de escrever. É muito provavel, todavia, que os Israelitas escrevessem, com o correr do tempo, seus cantos guerreiros e outros, algumas historias heroicas dos seus juizes. É certo que os sacerdotes tomavam bastantes notas escriptas de algumas de suas decisões (*toroh*) sobre assumptos religiosos e moraes, e sobre casos de mero direito civil entre litigantes. Nos primeiros tempos, porêm, não havia propriamente preceitos escriptos da Religião. Diz o *Deutoronomio*, 31 : 9, 25 e segs. que Moysés "escreveu a Lei,—esta Lei, e a entregou aos sacerdotes, filhos de Levi, que levavam a Arca de Concerto de Senhor, e a todos os Anciãos de Israel" e pro-

segue : " Logo, pois, que Moysés acabou de escrever n'um livro as palavras desta Lei, mandou aos Levitas, que levavam a Arca do Concerto do Senhor dizendo : " Tomai este livro e ponde-o ao lado da Arca . . . para ahi servir de testemunho contra ti." E Moysés ordenou mais que, " passados septe annos da remissão, na festa dos Tabernaculos, quando todos os filhos de Israel se ajuntarem para apparecer deante de JAHVEH, teu DEUS, no logar que o JAHVEH tiver escolhido, lerás as palavras desta Lei deante de todo Israel, ouvindo-a elles . . . para que, ouvindo-a, a aprendam e temam a JAHVEH, vosso DEUS, e guardem todas as palavras desta Lei " (v.v. 10-12)

O propheta, pois, segundo o *Deut.*, escreveu a Lei e deu-a aos sacerdotes e bem assim aos anciãos do povo para que a ensinassem e a guardassem. Um exemplar devia ser collocado *ao lado* (não dentro) da Arca e esse exemplar devia ser usado de septe em septe annos para solemne concitação ao povo para observar os seus mandamentos. E, desde que morria quem tocasse a Arca, é claro que Moysés não podia ter entregue aos Levitas e anciãos o mesmo exemplar collocado ao lado da Arca, e que por conseguinte fizeram-se copias della, para ensino e edificação do povo.

Ora, o proprio facto que só de septe em septe annos devia ser lida esta Lei deante do povo não mostra que a vida religiosa de então não dependia de uma lei escripta ? Nem devemos nos esquecer alem disso, que esta tradição confusa do *Deut.* foi escripta 500 annos depois da vida de Moysés. O que admitte-se geralmente é que a *Lei* de que falla o texto consistia apenas do Decalogo, e essa é a Lei que naturalmente Josué, ao entrar em Canaan, escreveu, ao mesmo tempo que levantava um padrão de pedra, para servir aos Israelitas de " testemunho de que elle ouviu todas as palavras que JAHVEH nos disse " (*Jos.* 24 : 26, 27).

Desses contos, cantos e leis, é muito natural que se fizessem pequenas collecções por escripto que se tornariam mais copiosas e frequentes no correr dos tempos. As collecções de leis eram sobretudo para os proprios sacerdotes : o culto simples daquellas epochas não carecia de ritual elaborado e os principaes mandamentos eram reduzidos a pentadas e decalogos de que ha tantos vestigios no Pentateuco.[1] Este arranjo

[1] Bertheau (*Sieben Gruppsen Mos. Gesetze.*) acha no *Exodo* septe decalogos : 20 : 3-17 ; 21 : 2-11 ; 21 : 12-17 ; 21 : 28 a 22 : 16 ; 22 : 17-30 ; 23 : 1-8 ; 23 : 14-19. Ewald (*Gesch. d. V. Isra.*) vê dous gruppos de cinco mandamentos cada um,—duas pentadas —em *Ex.* 21 : 2-11 e 21 : 12-16 ; duas mais em 21 : 18-32 e tambem um decalogo em 21 : 33 a 22 : 5 ; mais duas pentadas em 22 : 6-16 ; em 22 : 17-30, em 23 : 1-9 e em 23 : 10-19.—Sobre este assumpto veja-se mais o Appendix VI de Briggs, *The Higher Crit. of the Hexat.* (New York).

em gruppos de numeros correspondentes aos dedos de cada mão muito facilitava ao povo reter de cór as suas leis.

Quando aos canticos, temos no Pentateuco varios exemplos: o cantico de Debora (*Juizes*, cap. 5) que passa por ser, como, depois do Decalogo, o documento mais antigo da Biblia (*circa* 1300 A.C.); achamos mais o cantico de Moysés apoz a passagem de Mar Vermelho (*Ex.* 15 : 1), os pequenos canticos pelas derrotas dos adversarios de Israel e que vemos em *Num.* 21 : 14-18, e 27-30, e outros de epochas posteriores. De facto parece que taes canticos e contos, como depois aconteceu com os Psalmos, foram sendo colligidos. Em *Num.*, 21 : 14 falla-se de um "Livro das guerras do SENHOR," e em *Jos.*, 10 : 13 e 4 *Reis* 1 : 18 ha uma referencia ao "Livro de Jachar ou de Justo," em que naturalmente achavam logar pequenas memorias dos homens distinctos de Israel, canticos guerreiros, e peças similhantes: talvez tambem tenham sido extrahidos delles alguns trechos que vemos hoje no Velho Testamento, como por exemplo o cantico de Moysés. Muitos desses canticos seriam cantados e assim melhor perpetuariam os seus assumptos.

O mesmo devia ter acontecido com as leis soltas ou gruppos de cinco ou dez: á proporção que Israel crescia e suas relações sociaes se tornavam mais complexas, formaram-se pequenos codigos sobre assumptos especiaes. O mais antigo dessas pequenas collecções é o agora chamado "Codigo da Alliança" que foi depois (não sabe-se quando) engastado no *Ex.*, 20 : 20 a 23 : 33. Este Codigo parece ser um desenvolvimento das leis que se acham no mesmo *Ex.*, 34 : 10-26. Tambem no *Lev.*, caps. 17 a 26 vemos o chamado "Codigo de Sanctidade" com instrucções ritualisticas e outras de eras bem remotas. Essas repetições e ampliações que vemos no Pentateuco representam aggregações de diversos tempos em differente gráo de desenvolvimento social.

Á proporção que Israel se fortalecia como nação, sobretudo logo depois do estabelecimento da monarchia, devia apparecer o desejo de consignar á escripta a historia nacional, desejo que sempre accompanha o sentimento da independencia e da responsabilidade. A era de David-Solomão, brilhante nas lettras, devêra ter produzido muitas obras que se perderam, de que temos ideia por algumas que ainda se conservam na Biblia. A elegia de David sobre Abner (4 *Reis*, 3 : 33 e segs.) e do mesmo modo a parabola de Nathan (4 *Reis*, 12 : 1-4) são bellas composições. Vemos tambem por esse tempo a notavel prece de Solomão por occasião da dedicação do Templo (3 *Reis.*, 8 : 12 e seg.), a bem conhecida bençam attribuida a Jacob e

que só agora appareceu com a sua bella fórma (*Gen.*, 49 : 1-27) e temos mais as historias dos Juizes, que corriam primeiro separadamente e as historias diversas de David e Solomão, e de Saul.

Mas a gloria da monarchia não durou muito. O vasto reino de David scindiu-se em dous com a morte de Salomão, dez das tribus escolhendo Jeroboam para reinar na sua nova dynastia de Israel. E foi no tempo provavelmente de Ahab, um de seus successores, que um compilador, que não conhecemos mas que é designado como o narrador *Jahvista* ou Judáico ou simplesmente, J, preparou uma historia nacional de Israel até a conquista de Canaan: é possivel que esta compilação seja de data entre 900 e 850, e ha quem proponha a de 1000 A.C. Cem annos depois appareceu outra narrativa, parallela á de J, mas escripta sob o poncto de vista do reino do Norte, e por isso chamada Ephraimita ou tambem Elohista por empregar *Elohim* para o nome divino, como a outra empregara o de *Jahveh*: esse compilador é conhecido por E. Entre o apparecimento das historias de J e de E prosperou o movimento litterario. A benção de Moysés (*Deut.*, cap. 33), as historias de Elias e de Eliseu, e de Samuel e de Saul, as prophecias de Amós e Oseas, a compilação das historias dos Juizes—são productos desse tempo. E logo depois appareceu em Siena o primeiro Isaias, seguido de Mikaia e Nahum, no reinado de Manasséh. Desse mesmo periodo é a revisão das historias de David, um dos productos mais bellos de qualquer litteratura.

Com a scisão do reino veiu a mais desbragada idolatria, sobretudo em Israel, ou Reino do Norte de que dão noticia os prophetas, e de que resultou a grande calamidade de 722 quando os Assyrios tomaram Israel e conduziram, como prisioneiros, a flor da nação para o seu proprio paiz onde logo perdeu a sua identidade. Judá ficava só em campo; mas nem o exemplo do que succedeu ao reino irmão o deteve no caminho da perdição. Foi debalde que as vozes poderosas de Isaias, Mikaia, Nahum, Zephaniah, e, depois, do grande Jeremias echoaram do monte Sião os imminentes castigos de DEUS. A um rei fraco, piedoso no fundo, como Ezekiah, succedeu outro, Manasséh, que offerecia meninos ao fogo e introduziu até a prostituição no Templo. Felizmente, de um de seus successores, Josiah, os interesses da verdadeira religião receberam importante impulso. Em outro logar descrevemos como, no seu reinado, foi achado no edificio do Templo de Salomão, um exemplar do "Livro da Lei (4 *Reis*, 22 : 8, 11) do "Livro da Alliança" (23 : 2). Esse rôllo continha a parte principal e legal do Livro que se ficou chamando, infelizmente pela má

versão grega, o *Deuteronomio.* Diz-nos o texto que Josiah ajunctou todos os anciãos de Judá, e com todo o povo foi ao Templo e leu, ouvindo todos, " todas as palavras as livro do concerto que fôra achado na casa de JAHVEH e fez concerto com Elle que d'ora avante andariam com JAHVEH de todo o coração " e cumpririam as palavras deste concerto que estavam escriptas naquelle livro : e o povo esteve pelo pacto " (4 *Reis*, 23 : 1-3). Não nos occuparemos aqui do character e dos resultados immediatos das reformas de Josiah que foram todas as que o *Deut.* mandava, começando pela centralisação do culto em Jerusalem e pela completa destruição dos *masseboth* ou dos altos com suas columnas e postes onde toda a gente adorava e sacrificava. O facto é que o *Deuteronomio* ficou assim o primeiro livro religioso, officialmente reconhecido pelos Judeus como sancto, como o que hoje chamamos canonico, inspirado por DEUS. Elle foi o nucleo do Canon do Velho Testamento. Apezar de que os vicios inveterados dos Judeus e a sua idolatria não permittiram que vingassem as medidas tomadas pelo piedoso Josiah, foi viva, e devia ser para o deante enorme, a influencia deste Livro, escripto *para o povo*, e não só para os sacerdotes, no mais brilhante estylo prophetico do tempo, e em que o grande mas desconhecido auctor faz um apanhado geral das leis e do systema mosaico ; e a fórma litteraria escolhida por elle de fazer o proprio Moysés fallar ao povo, muito concorreu para dar-lhe forte e duradoura influencia.

O *Deuteronomio* foi escripto provavelmente 50-100 annos antes de ser o seu codice encontrado no Templo. Durante esse mesmo periodo, como já dissemos floresceram prophetas notaveis, sendo Jeremias o ultimo desta serie. É provavel que pouco tempo depois de promulgado o *Deut.* um redactor, que nos ficou deconhecido, tivesse fundido n'uma só as duas narrativas historicas J e E, supprimindo ás vezes a repetição de factos, outras vezes conservando as duas tradições quando não concordavam perfeitamente, e accrescentando-lhes uma ou outra nota explicativa.

Pouco depois disso mas antes do Exilio da Babylonia um escriptor tomou as historias correntes dos reis de Judá e de Israel, isto é o terceiro e o quarto livro dos *Reis*, dando-lhes um cunho *deuteronomico.* Não fez nem pretendeu escrever uma obra de mera historia, mas sim a historia da influencia religiosa nos dous reinos. Elle enquadra todos os reinados em molduras identicas julgando-os segundo as leis do *Deut.*, cujas expressões especiaes muito frequentemente emprega. Este trabalho foi emprehendido por dous redactores, um

que o teria acabado talvez em cêrca de 600 A.C. (indo provavelmente até 4 *Reis*, 24 : 1) e o outro que acabou o Livro em cêrca de 560, já sob o Exilio, pois refere como o rei Jehoiakim de Judá foi tractado benignamente depois de 37 annos de captiveiro.

O Exilio propriamente durou de 583 até 536 quando o Rei Cyro permittiu que os Judeus voltassem a Jerusalem. Si muitos, (50,000) com effeito, aproveitaram-se deste favor, muitos mais ficaram ainda na Babylonia, até 458, quando o escriba Esdras voltou. Esse periodo de 125 annos foi de grande actividade litteraria e religiosa para os Judeus, que, vendo-se sem patria, sem independencia, sem Templo, reconheceram que só havia um caminho a seguir,—o da união a mais estreita possivel pelo laço da Religião. Elles tinham o *Deuteronomio* que agora retocaram e completaram com o chamado "Ultimo cantico de Moysés (*Deut.*, 32 : 1-43), e talvez outros accrescimos; e ao redor delle tractaram de reorganizar a Religião na baze de leis e ensinamentos escriptos, mais perennes que as meras tradições antigas. Os prophetas anteriores foram agora manuseados com cuidado e seus manuscriptos corrigidos. Ezekiel que prophetisou na primeira parte do Exilio tornou-se o precursor e o reformador practico desta nova ordem de ideias. Elle considerava o *Deut.* muito benigno para com os sacerdotes e a sua reforma consistiu em purificar essa classe, que era a sua, regular com toda a minucia o ritual de um novo Templo e elevar o mais que fosse humanamente possivel a ideia da *sanctidade* de DEUS, e a necessidade do Seu povo de se conservar assim separado e sancto. No *Deut.* sacerdotes e Levitas eram synonymos; agora Ezekiel confia o sacerdocio só á casa de Sadoc e aos Levitas apenas reservou os serviços meniaes do Templo.

Nesse periodo foram retocadas a "Lei de Sanctidade," as *Lamentações*, estas attribuidas erroneamente a Jeremias. Nos ultimos annos do Exilio, parte antes e parte depois do decreto de Cyro, surgiu o Isaias II, auctor dos caps. 40 e seg. do actual Livro de *Isaias* na Biblia e um dos maiores genios da antiguidade,—o primeiro que teve noção bastante perfeita do glorioso destino de Israel como testemunha de DEUS perante todas as gentes da terra.

Com o desapparecimento do Templo, concebe-se bem, surgia para a religião de Israel o grande perigo de se perderem tambem as velhas tradições sobre o ritual e o culto em geral. Naturalmente os Sacerdotes então na Babylonia colligiram as instrucções e regras que havia tantos seculos estavam em vigor e de que delles teriam tomado nota escripta. Essas

pequenas collecções serviram de baze a uma collecção maior e completa, feita muito naturalmente com a cooperação dos mais intelligentes sacerdotes, dominados agora pelas ideias de Ezekiel. E desse modo se foi constituindo o que depois se fcou chamando o "Codigo Sacerdotal," designado na critica litteraria do Velho Testamento pela lettra P, como as duas memorias historicas o são por J e E,—agora já unidas em JE,—e como o *Deuteronomio* é symbolisado por D. Os sacerdotes conceberam a idéa, primeiro, de unir D a JE, e, depois, de supplementar o producto da juncção com uma nova historia, esclarecendo os dados de JE com as novas luzes que a experiencia posterior da historia de Israel lhes ministrava, e com as ideias theocraticas com que queriam explicar as de JE. Para os sacerdotes, não bastava isto: era essencial que n'uma historia da theocracia israelita o corpo de legislação mosaica, vigente ha tantos seculos, fosse tambem incorporado a esses fastos nacionaes, não como *historia da legislação* mas como um codigo que sempre existiu, ainda que se notasse ali o melhoramento progressivo da mesma legislação, vista agora sob o aspecto do novo sacerdotalismo de Ezekiel. E estes codigos de leis, pequenos a principio, mas depois expandidos primeiro pelo *Deuteronomio* e agora por P, foram entrelaçados com a parte historica do seu trabalho, e o todo unido a JED, formando JEDP que é o nosso Pentateuco actual.

Não se julgue, porêm, que este trabalho ficasse completo quando Cyro soltou a primeira leva de Judeus que voltou a Jerusalem em 536. Esses a principio só tinham o *Deuteronomio* e as tradições sobre o culto. Só em 458, o escriba Esdras "doctor muito versado na Lei de Moysés" obteve de Artaxerxes I licensa para ir a Jerusalem "cumprir e ensinar" os preceitos daquella Lei, trazendo na sua mão a mesma Lei divina (Est., 7 : 6-13). Entretanto durante quatorze annos Esdras nada conseguiu. Sentiu-se fraco, sem duvida, para luctar não só com a classe sacerdotal, que a sua "Lei" propunha rebaixar, como tambem com o povo cujas antigas liberdades pretendia coarctar. Só quando chegou de Babylonia o Governador Nehemias (444 A.C.) é que julgou-se bastante amparado para promulgar a "Lei." Congregado o povo, Esdras leu deante da multidão o livro, gastando nisso cerca de cinco horas. Não é de crer que tivesse lido em tão curto espaço todo o Pentateuco o que tem levado a alguns criticos a sustentar que esse "Livro da Lei de Moysés" era outro. É bem possivel que Esdras houvesse escolhido os trechos, grandes e pequenos, que importavam com a regra da vida. Vemos depois que o povo lia no volume da Lei quatro

vezes por dia (*Neh.*, caps. 8 e 9). O facto é que o povo entrava na posse da sua religião. A Lei estava ali ao alcance de todos. A questão magna sobre este assumpto, afóra a da authenticidade da narrativa pósta em duvida por alguns criticos mas que é acceita até por Ernesto Renan,[1] é de saber o que então constituia a *Lei*, a que se referem os textos. O texto diz que era "o livro da Lei de Moysés," (*Neh.*, 8 : 1) mas isto pouco explica pois sabemos já que corriam escriptos certos codigos de leis, certas historias da nação de naturesa prophetica e o *Deuteronomio*, e a questão é si *Lei* abrangia tudo isto. Do outro lado nos vers. 13-14 se diz que sacerdotes, levitas e o povo "achavam escripto na Lei ter mandado o Senhor por ministerio de Moysés, que os filhos de Israel habitassem debaixo de tendas no dia solemne do septimo mez." Ora, observa muito bem Ryle[2] "a Lei deuteronomica (*Deut.*, 16 : 13-17) nada dissera da celebração da festa dos Tabermaculos debaixo de tendas." E entretanto o chamado Codigo sacerdotal, ou P, tracta do assumpto. Isto é, torna-se evidente que Esdras, o grande escriba e doctor na theologia theocratica, fôra mandado de Babylonia a Jerusalem talvez expressamente para publicar o trabalho lento do Exilio de unir JE a D e a P, a que já nos referimos. A Lei, pois, era, pelo menos substancialmente o Pentateuco, o *Torah*. As "leis de Moysés" que o povo conhecia pela tradição eram-lhe agora accessiveis nesta fórma fixa e certa. Nehemias e Esdras fundavam assim o *Judaismo*, com o seu escribismo e phariseismo. Do Torah, assim assentado e acabando com a morte de Moysés, foi cortada delle a parte que narrava a conquista de Canaan sob Josué, que pareceria ser seu fecho desta primeira parte. Mas o respeito á memoria de Moysés, agora elevado até á superstição, não permittia ao sacerdotalismo e legalismo ir alem de sua morte. Os Samaritanos que por força queriam ser considerados como professando a religião mosaica, tomaram dos Judeus o Pentateuco como foi assim promulgado, sem o nosso livro actual de Josué, que não acceitam.

Apezar de devidamente promulgada então, só no decurso de muitos annos tomou a Lei a fórma em que a lemos hoje pois encontram-se ahi disposições (como as de *Lev.*, 6 : 8-13, *Ex.*, 30 : 11-16, *Num.*, 4 : 3 comparado com 8 : 9, etc.) que implicam mudanças nas leis primitivas. O facto é que o Pentateuco passou por muitos retoques de mãos de redactores, como era alias natural. Tambem devemos observar que a versão dos LXX de *Ex.*, caps. 35 a 40 apresenta-nos um texto bem diverso do do original hebraico que hoje temos ; e con-

[1] *Hist. du peuple d'Isr.*, IV, 118.
[2] E. H. Ryle, *The Canon of the Old Testament*, 2ª ed., cap. IV.

siderando que aquella versão desta primeira parte da Biblia presidiu o maximo cuidado, sendo feita mesmo officialmente, podemos assegurar que o actual texto do Hebraico passou por serias mudanças, antes de attingir o seu estado definitivo.

2. Os Judeus não podiam considerar completo o Canon das suas Escripturas apenas com o *Torah.* O seu ensino religioso fôra sempre oral, até o Exilio e seus unicos mestres eram os prophetas que lhes davam os recados que tinham como de Deus. Desde o Seculo VIII a.c. alguns dos principaes prophetas ou seus discipulos immediatos exaravam por escripto a summa de seus oraculos mais importantes. No Exilio, e logo depois delle, esses escriptores foram copiados francamente e continuaram a exercer grande influencia na consciencia religiosa do povo judeu. De facto já haviam começado a collecciona-los, de modo que mais tarde, por exemplo, os doze chamados *prophetas menores* formavam um só livro. Sob o nome *Isaias* elles colleccionaram realmente as prophecias de quatro prophetas differentes de varias epochas, a saber caps. 1 a 23 e 28 a 33, de Isaias propriamente dicto ; caps. 24 a 27 de um propheta desconhecido e do tempo posterior do Exilio ; caps. 34 e 35 de outro, do Exilio, e caps. 40 a 56 do chamado Segundo Isaias. Assim foi-se formando paulatinamente um Canon dos Prophetas neste constante joeirar durante seculos. Do outro lado, desde o tempo da Babylonia, como já se mostrou, os sacerdotes e doctores castigaram as suas historias nacionaes tornando-as religiosas, isto é, dando-lhes o cunho do escriptor do *Deuteronomio* e tornando-se *Deuteronomicas,* de modo que cessavam de ser mera historia para tornarem-se n'um arcabouço de factos principaes subjeitos á critica prophetico-religiosa. Desse modo, foram revistos os Livros de *Josué, Juizes,* os dous Livros de *Samuel* (nossos 1 e 2 *Reis*) e os dous Livros dos *Reis* (nossos 3 e 4). Esses Livros foram agora considerados não como historicos mas como parte dos livros *propheticos* ; e, junctados aos *Prophetas,* formaram a segunda parte das Escripturas hebraicas, intitulada *Nebiim,* os *Prophetas.*

É evidente que algum tempo depois da promulgação do *Torah,* da Lei, os Judeus sentiram a necessidade de possuir a continuação da historia da providencia de Deus no governo do seu povo, inclusive os oraculos divinos pelo intermedio dos prophetas, sobretudo quando as prophecias estavam sendo agora raras, como é provado pela historia. *Jonas* escreveu a sua allegoria prophetica talvez em 485, Zekariah e Malakiya fizeram as suas prophecias em cêrca de 450 e 440, e dahi até Jesus Christo não surgiram prophetas.

Não sabe-se ao certo, ou melhor diriamos, é impossivel fixar

a data em que a secção *Prophetas* foi ajunctada á Lei,—o *Nebiim* ao *Torah*,—sinão que o foi antes de 200 A.C. ou entre 300 e 200. De que já existiam ambas nesta ultima data temos felizmente prova escripta. Chegou até nós um livro que é considerado apenas como deuterocanonico, o *Ecclesiastico*, que não fazia parte do Canon dos Judeus. A este livro, escripto no Egypto no estylo dos *Proverbios*, o neto do auctor preparou, em Grego, um prologo á sua versão, que sabe-se ter sido datada de cêrca de 132 A.C. Pois já elle refere-se a "Lei, *e os Prophetas e os outros livros que os seguiram.*" Mas no proprio texto do *Ecclesiastico*, escripto em cêrca de 180 A.C., encontramos (caps. 44-50) uma serie de *elogios* aos homens eminentes de Israel que acharam graça deante dos seus contemporaneos, em que vêm mencionados os Patriarchas até Jacob e José, e depois Moysés, Arão, Finéas, Josué, Caleb, os Juizes, Samuel, Nathan, David, Salomão, Elias, Eliseu, Ezekiah, Isaias, Josiah, Jeremias, Ezekiel, os doze prophetas menores, Zerubabel, Nehemias, Henoc, José, Sem, Seth e Adão. Pareceria extranhavel que elle não tivesse mencionado Esdras, Daniel e Esther; mas explica-se isto muito bem: a importancia de Esdras não era tida a principio como a de um homem original, mas a de um escriba, como muitos, versado na Lei e que se distinguira por haver trazido da Babylonia o exemplar ali preparado pelos sacerdotes; sua importancia não foi bastante forte para que elle mesmo como já vimos, a pudesse promulgar. Quem a pôz em execução verdadeiramente foi Nehemias, o reconstructor de Jerusalem. E quanto a *Daniel* e *Esther*, a omissão era fatal desde que ambos só foram escriptos *depois do Ecclesiastico.*

Assim, pois, vê-se que em 180 A.C. já estava virtualmente formada a segunda secção do Canon hebraico o qual ficou composto assim:

TORAH (*A Lei*).	Genesis Exodo Numeros Levitico Deuteronomio	Os 5 Livros do Pentateuco.
NEBIIM (*Os Prophetas*).	Josué Juizes Samuel Reis	4 Livros dos Prophetas masi antigos.
	Isaias Jeremias Ezekiel Os doze	4 Livros dos Prophetas mais recentes.

Daniel não apparece entre os Prophetas, como já ficou dicto, não só por ser considerado o seu livro como uma Allegoria, como por não estar ainda escripto : de facto os Judeus mesmo hoje não o consideram como prophetico. As Lamentações attribuidas a Jeremias e o idyllio de *Ruth* já bem conhecidos, careciam daquella auctoridade necessaria para a sua inclusão nesse primeiro e segundo Canon,—apezar de que nas collecções esses pequenos livros foram aggregados á *Jeremias* e aos *Juizes*.

3. Como *Lamentações* e *Ruth*, tambem vogavam desde a volta do Exilio muitos outros escriptos religiosos, tidos como inspirados, e que o povo lia como complemento da Lei e dos Prophetas. Esses rôllos foram sendo aggregados ao Canon muito paulatinamente, isto é, reconheceu-se a principio por muito tempo que deviam tornar-se secretos até serem difinitivamente considerados como admittidos geralmente, como formando a terceira secção das Escripturas hebraicas sob o titulo geral de *Kethubim*, isto é, *Escriptos*, que os Gregos chamam *Hagiographa* (Escriptos Sagrados).

No já citado prologo grego ao *Ecclesiastico* viu-se que o auctor referia-se á " Lei, os Prophetas *e os outros* (Livros) que os seguiram." Elle faz segunda e terceira referencia ás Escripturas, mencionando alem da Lei e os Prophetas, " os *outros Livros* de nossos pais," e " *o resto dos Livros*." Ora acontece que justamente os Judeus chamam a terceira parte do seu Canon, como acabamos de ver " Os Escriptos," de modo que julga-se que já se estava formando ou estaria quasi formada a secção terceira.

Algumas de suas partes componentes, já havia seculos, eram conhecidas e veneradas, como muitos dos *Psalmos*, que recitavam nas synagogas. Elles não foram unidos aos *Prophetas* pela diversidade do assumpto e demais a sua collecção ia sempre ampliando-se e continuou a ampliar-se até o tempo dos Maccabeus, isto é, até seculo e meio antes de Christo.

Foi justamente nessa epocha de perseguição de Antiocho Epiphanes, em que este propôz-se queimar todos os exemplares das Escripturas e condemnar á morte o que fosse encontrado com ellas, que os Judeus, receiosos da perda completa de seus archivos sagrados, resolveram unifical-os creando a terceira secção, dos Kethubim. A perseguição bruta desse rei da Syria despertou nos Judeus a anciedade de bem guardarem a sua preciosa collecção de livros sagrados. Antes de tudo nos Psalmos se reconheceu a auctoridade divina de que já gozavam ; para isto fez-se uma nova compilação dos cinco

livros delles que já circulavam e a que foram accrescentados alguns psalmos mais recentes.

Do *Livro dos Proverbios* sabe-se que no tempo do Rei Ezekias, de Judá (726-721) accrescentaram os caps. 25 a 29 aos dous gruppos que já existiam (1-9, 10-24). Ainda depois foi esta compilação augmentada com os caps. 30 e 31. Apezar de tão antigo e de ser justamente honrado, só agora se fez o seu reconhecimento canonico entre os *Escriptos.*

O Livro de *Job*, segundo alguns foi escripto até nos tempos mosaicos e, segundo outros, no seculo e meio anterior a Jesus : mais geralemente, porêm, pensam os entendidos que pertence ao periodo do Exilio ou pouco posterior a elle. Fez profunda impressão na consciencia dos Judeus e si não foi acceito na secção dos Prophetas é que a isto repugnava a sua fórma de obra poetica.

O idyllio, tão lindo alias, de *Ruth* só entrou no Canon por amor das suas relações chronologicas com o Rei David.

Das *Lamentações*, escriptas no Exilio, faziam os Judeus uso liturgico, mas o seu character poetico os excluira da secção dos *Prophetas* : foi, pois, reconhecida a sua auctoridade canonica só entre os *Kethubim.*

Naquella joia da poesia hebraica, *Cantico dos Canticos*, popularmente mas muito cegamente attribuida a Salomão, talvez por isso mesmo tornou-se um dos livros mais populares dos ultimos seculos antes de J. C., quando tambem desenvolveu-se o supersticioso gôsto pelo maravilhoso, e pelo mysticismo, que foi augmentando até os primeiros seculos da nossa era : foi essa obra unida, pois, inconscientemente aos *Escriptos* que os Judeus consideravam sagrados ; mas a sua canonicidade, bem como a de *Ecclesiastes* e de *Esther*, foi sempre muito disputada entre os proprios rabinos, até nos dous primeiros seculos do Christianismo. Para a admissão paulatina do *Ecclesiastes* tambem concorreu o emprestado nome de Salomão como seu auctor ; e quanto a *Esther* é realmente uma historia espuria em que nem existe a menor referencia ao nome de Deus : pretende apenas explicar a origem da festa de Purim, muito popular entre os Judeus da decadencia, e que não é uma das cinco festas determinadas pela Lei. Esses trez Livros receberam sancção canonica no conselho judaico que se reuniu em Jamnéa (hoje ruinas de Iébna) em 118 da nossa era, mas esse concilio nada podia decidir.

Resta-nos fallar de *Paralipomenos*, *Esdras-Nehemias* e *Daniel.* Como a historia dos Judeus no seu Livro dos Reis parou nos primeiros annos do Exilio (4 *Reis*, 25 : 27) sentiam elles necessidade de uma historia que completasse esses seus

factos com a narrativa da reoccupação de Jerusalem, por licensa dos reis da Persia, e tambem da reconstrucção dos muros da cidade, do Templo e do novo compacto para a observancia da Lei, então promulgada. Ora um escriptor, ou mais de um fizera um resumo geral da historia, inteiramente sob o aspecto do reino de Judá; á sua collecção deram por titulo *Dibbere-Hayyamin* que significa *Annaes*,—litteralmente *Actos dos dias*, ou tempos. E é essa a palavra que os LXX mal traduziram por *Paraleipomena*, de sentido duvidoso mas que suppõe-se significar *cousas que passaram*. Desse Livro fazia parte, no fim, os nossos actuaes livros de *Esdras-Nehemias*; mas os Judeus aos quaes muito mais interessava a historia da rehabilitação de Jerusalem do que a repetição das historias dos seus reis, separaram *Esdras-Nehemias* dos *Paralipomenos* e deram precedencia a esta parte. Poder-se-hia bem extranhar que o Livro *Daniel* não tivesse sido encorporado á secção dos Nebiim; mas elle foi escripto depois de encerrado aquelle Canon e, demais, não é tanto um livro prophetico como uma *narrativa apocalyptica* do passado. Precisamos lembrar que escrevendo em 182, o neto de Sirach no *Ecclesiastico* não se refere a *Daniel*, o que custaria a crer si este importante livro já fosse conhecido.

Formou-se desta forma a terceira secção do Canon do Velho Testamento ou dos *Escriptos varios*, que dispunham assim em onze Livros, que com os cinco da Lei e os oito dos Prophetas, sommavam vinte e quatro.

Kethubim ou Hagiographos	Psalmos Proverbios Job	Trez Poeticos.
	Canticos Ruth Lamentações Ecclesiastico Esther	Cinco rôllos (*Megilloth*).
	Daniel Esdras-Nehemias Annaes ou Paralipomenos	Trez livros sem titulo.

Esses vinte e quatro Livros hebraicos constituem trinta e nove em nossas Biblias modernas. O *Torah* ou a Lei continua a ter cinco Livros; mas na secção dos *Prophetas* os dous Livros *Samuel* e *Reis* são hoje quatro ao passo que em vez de um só livro para os doze prophetas menores temos doze, separados: nesta secção, pois, temos o accrescimo de treze livros, ou o total de vinte e um, contra oito do codigo hebraico. Na ter-

ceira secção, Kethubim, em vez de onze temos treze Livros; e em todo o Velho Testamento contamos 39 Livros em vez dos 24 do Canon hebraico.

É impossivel fixar a data em que se completou o Canon do Velho Testamento. Essa consagração dos Livros é gradual e como que inconsciente. Basta que saibamos que no tempo de Jesus Christo já era geralmente reconhecida a triplice divisão das Escripturas judaicas em Lei, Prophetas e Escriptos diversos, esta ultima parte tambem ás vezes chamada Psalmos.

O Novo Testamento allude claramente á essa divisão. Segundo *Luc.*, 24 : 44, Jesus, tendo apparecido aos discipulos, após a Resurreição, lembrou-lhes que " era necessario que se cumprisse o que de Mim estava escripto na *Lei de Moysés*, e nos *Prophetas* e nos *Psalmos*,"—a referencia aos Psalmos, como parte principal da secção, tendo, como razão, a importancia prophetica dada ao Messias. Nosso Senhor tambem refere-se por vezes ás *Escripturas* e á *Escriptura*, isto é, a collecção deste Livros sagrados dos Judeus.

Nos *Actos* são citados " o livro dos Prophetas " e os " *Psalmos*," como collecções. São muitas as citações dos Livros que constituem hoje o Velho Testamento pelos do Novo Testamento. Basta mencionar aqui que *Gen.*, *Ex.*, *Lev.*, *Deut.*, *Jos.*, *Jui.*, *Reis*, *Job*, *Psalmos*, *Prov.*, *Is.*, *Jerem.*, *Ezek.*, *Hoseas*, *Joel*, *Amos*, *Mica*, *Ha.*, *Hageu*, *Zek.*, e *Mal.*, são, todos elles, citados alguns muitas vezes, outros pouco, como, por exemplo, *Ezekiel* que só o foi uma vez; isto alem de referencias claras a *Juizes*, *Ruth*, *Paral.*, *Jonas*, e *Sap.* Si não ha citações ou referencias a *Esther*, *Cant.*, *Eccles.*, *Obad.*, e *Nahum*, é isso devido provavelmente a outras circumstancias que não á não canonicidade dos Livros, pois nunca, por exemplo, se disputou a perfeita auctoridade dos de *Obadias* e *Nahum*.

Ao passo que *Obadias* (Abdias) e *Nahum* não foram citados talvez por serem muito curtos e nada adiantarem sobre o Christianismo, o certo é que o N. T. passou por alto *Esther*, *Cantico dos Canticos* e *Ecclesiastes* que, para o commum dos leitores da Biblia, são os livros menos interessantes sob o ponto de vista religioso.

O historiador Flavio Josepho, que sobre assumpto de magna importancia para um Judeu, não podia enganar-se muito, escreveu já no primeiro seculo da nossa éra, que havia muitos livros " mas só vinte e dois justamente acreditados como divinos. Desses, cinco são Moysés que comprehendem as leis e tradições da origem da humanidade até a propria morte de Moysés, num periodo de quasi tres mil annos. Da morte

de Moysés até o reinado de Artaxerxes" (465-425 A.C.) "os prophetas que seguiram-se a Moysés narraram os acontecimentos de seu proprio tempo em treze livros. E os quatro restantes consistem de Hymnos e maximas para a conducta da vida. De Artaxerxes para cá a historia tem sido escripta por menor; mas não é tida como merecendo o mesmo credito, pois, a successão exacta dos prophetas não foi mantida." [1]

Os principaes pesquizadores têm verificado que provavelmente entre 250 e 200 A.C. era geralmente reconhecida a canonicidade da "Lei" e dos "Prophetas," sem que, comtudo, exista prova official do seu reconhecimento. Um tractado talmudico, entitulado Baba-Bathra (200 da nossa éra) traz um extracto do Mishna, mencionando os livros do Velho Testamento como hoje os conhecemos. Mas si no segundo seculo a canonicidade dos livros era geralmente admittida, os proprios Rabbinos impugnavam a de alguns delles, e sua repugnancia em acceital-os não provinha de duvidarem de suas fontes mas da idoneidade do seu proprio conteudo. E estas discussões se foram azedando tanto que os Rabbinos resolveram convocar a reunião delles, já referida, em Jamnéa, que entretanto carecia realmente de poder para decidir a questão.

Em 170 da nossa éra o Bispo de Dardes, Melitão, confuso sobre as questões que os Rabbinos suscitavam ácerca do verdadeiro Canon das Escripturas hebraicas, e pela inclusão na versão dos Septuaginta de livros tidos por aquelles mestres como apocryphos, fez viagem expressa a Jerusalem para liquidar este poncto essencial.[2] Mas a despeito de todas as suas questões o Canon judaico que elle trouxe era o mesmo que vigorava em 200-250 annos antes de CHRISTO, excepto *Esther*.

Entre os primeiros Padres da Egreja e escriptores notaveis, Origenes acceitou a lista completa do Canon judaico, accrescentando-lhe, todavia, a *Epistola* a Jeremias. S. Athanasio, que morreu em 373, ainda accrescentou *Baruch* mas rejeitou *Esther* como não canonico. S. Cyrillo de Jerusalem e S. Gregorio de Nazianzo, S. Hilario, S. João Damasceno acceitaram *Baruch* mas rejeitaram os outros deutero-canonicos. S. Jeronymo (morto em 420) considerava como canonicos só os livros do Canon judaico, e esta valiosa opinião prevaleceu muito até a edade media, e é a que seguimos, apezar da invencivel repugnancia que sentimos por *Esther* e de pensarmos que

[1] Cont., Ap., I, 8. Os treze livros alludidos são Jos., Jui., Ruth, Sam., Reis, Paral., Esd., Neh., Esther, Job, os Doze prophetas menores, Isaias, Jer., Lam., Ezek. e Daniel. Os quatro de hymnos e maximas são os Ps., Prov., Eccle. e Cant. Unindo Ruth a Juizes e Lam. a Jer., Flavio Josepho reduziu os Livros a 22.

[2] Euzebio, *Hist. Eccl.*, IV, 26.

o *Cantico* e o *Ecclesiastes* bem podiam ser dispensados. S. Gregorio Magno nem admittia os dois primeiros livros dos *Maccabeus* e a canonicidade de *Esther* continuou por muito tempo a ser impugnada.

Precisamos agora explicar o que houve sobre estes Livros mais recentes e que foram rejeitados por essas grandes auctoridades.

Os Judeus de Alexandria, no Egypto, olhavam com especial favor certos livros escriptos desde o tempo dos Maccabeus e que circulavam bastante entre os crentes, sendo alguns delles muito citados. São elles: o 3º e o 4º livro de *Esdras* (seguindo-se a *Nehemias*); *Tobias*; *Judith*; os additamentos ao livro de *Esther* que se não encontram no Hebraico; a *Sabedoria de Solomão*; o *Ecclesiastico* de Jesus, filho de Sirac; *Baruch*; o *Cantico das trez Crianças*; a *Historia de Suzana*; a destruição de *Bel e do Dragão*; a *Oração de Manassés*, e os dous primeiros livros dos *Maccabeus*. Nenhum destes livros foi acceito como divinamente inspirado pelos Judeus da Palestina que os repelliram, como depois o fez S. Jeronymo, o traductor da *Vulgata*. Entretanto si antes mesmo daquelle grande Padre, como depois, muitos theologos os recusaram, outros os acceitaram, talvez por terem, a maior parte, sido instruidos na collecção da traducção dos LXX, Grega, feita em Alexandria, onde os Judeus uniram aos seus livros tudo o que lhes parecia "popular" e que exaltava a sua propria fama. Ainda no Seculo XIII, S. Thomaz se declarava contra a recepção desses livros no catalogo dos sacros. Mesmo depois do Concilio de Florença, S. Antonino opinava que elles não obrigavam á fé da Egreja, e do mesmo modo pensava o eminente theologo, Cardeal Caetani.

A edição da Biblia Allemã de Luthero, em 1534, continha, alem do Canon Hebraico, *Judith*, *Sabedoria*, *Tobias*, *Ecclesiastico*, I e II *Maccabeus*; e no fim, mas sem reconhecimento canonico, os accrescimos a *Esther* e *Daniel* e a *Oração de Manassés* com a nota: "São apocriphos, isto é, livros que carecem da auctoridade de Santa Escriptura mas que são bons e uteis para a leitura." Mas entretanto entre os proprios reformadores continua a ser este poncto discutido, como o fôra e era ainda pelos Catholicos.

Veiu, pois, o Concilio de Trento em 1546 procurar resolver a questão para os Catholicos. Na sessão de 8 de Abril de 1546 o Concilio publicou o Catalogo dos livros que manda sejam considerados Canonicos, "para que não haja duvida alguma sobre quaes são os que o mesmo Concilio recebe. E são os seguintes: do V. T., cinco de Moysés, a saber Genesis, Exodo,

Levitico, Numeros e Deuteronomio; Josué, Juizes e Ruth; quatro dos Reis e dous dos Paralipomenos; o primeiro de Esdras e o segundo que se entitula Nehemias; Tobias, Job, o Psalterio de David de 150 Psalmos; Parabolas, Ecclesiastes, Cantico dos Canticos, Sapiencia, Ecclesiastico, Isaias, Jeremias com Baruch, Ezequiel, Daniel; doze prophetas menores que são Oseas, Joel, Amos, Obadias, Jonas, Micheas, Nahum, Habacuc, Sophonias, Ageo, Zacarias, Malaquias; primeiro e segundo dos Maccabeus." Segue-se a nomenclatura dos livros acceitos do N. T. E o Concilio anathematisa os que não acceitarem todos esses Livros sagrados. É escusado dizer que esta decisão só é final para os que cegamente acceitam todos os *dicta* dos Concilios,—mas que ella realmente nada póde decidir. Emquanto puder "examinar as Escripturas" como manda o Apostolo, o fiel irá sempre formando, inspirado pelo Espirito Sancto, o juizo do que é divino e do que não é.

Em outra secção desta obra tractaremos desses Livros deuterocanonicos. Si alguns delles carecem de qualquer valor, ainda no aspecto litterario, outros, como o *Ecclesiastico* e o primeiro de *Maccabeus* são fontes valiosas para um periodo na historia dos Judeus que deve prender a nossa attenção pela sua proximidade do advento de Jesus Christo. Por maior merito, porêm, que tenham certos productos das lettras judaicas, de influencia rabbinica e da grega de Alexandria, e sejam elles deuterocanonicos ou não, somos dos que crêm que foi por disposição de Deus no Seu plano de Redempção, que, desde Malakija, faltou a prophecia em Israel; e que todos esses livros não são divinamente inspirados e não devem fazer parte do Canon das Sagradas Escripturas.[1]

[1] Sobre a formação do Canon do V. T. as principaes obras que conhecemos são: F. Buhl, *Kanon und Text des Alten Test.*; H. E. Ryle, *The C. of the O. T.* (2ª ed., 1914); X. König, *Esssai sur la formation du C. de l'A. T.* (1894); K. Budde, *Der Kanon des Alten Test.* (1900); A. Loisy, *Hist. du C. de l'A. T.* (1890); Magnier, *Etude sur la Canonicité de l'A. T.* (1892); W. H. Green, *The C. of the O. T.* (1898); E. Schürer, *Geschichte des Jud. Wolkes in Zeitalter J. C.* (1866-70); W. Robertson Smith, *The O. T. in the J. Church* (1881); Riehm, *Handbuch des Bib. Alterthums* (1884); G. Wildboer, *De la Formation du C. de l'A. T.* (trad. de Hollandez em Lausanne); Weber, *System der Altsynagogale Theol.*

CAPITULO XVI

A CRITICA DO PENTATEUCO ATÉ 1750

JÁ ficou explicado no Cap. anterior sobre o Canon do Velho Testamento, como se foi formando esta veneranda collecção das Escripturas hebraicas ; e mostrou-se que esses livros só lentamente foram sendo aggregados formando o conjuncto que temos hoje, mas compõem-se, quasi todos, de materiaes de epochas diversas e ás vezes bem remotas, e que foram aproveitados integralmente ou em parte ou de um modo resumido.

Entretanto, isto que hoje nos parece tão obvio, só foi descoberto a pouco e pouco, pois no predominio do Judaismo, propriamente dicto, isto é, nos tres seculos antes de CHRISTO, e nos primeiros treze ou quatorze seculos da nossa era, julgava-se que o Velho Testamento, como o Novo, compunha-se de peças inteiriças. Neste Cap. relataremos como se foi a pouco e pouco descobrindo a verdade sobre a composição do Velho Testamento, sobre tudo da sua primeira e principal parte, que os Judeus mais reverenciavam,—o Torah ou o Pentateuco.

Os Judeus dos ultimos tempos antes da nossa era estavam impregnados do ensino das escolas do escribismo, donde surgiu o rabbinismo fanatico que JESUS CHRISTO tanto condemnou ; e a base desse ensino era a mais estricta observancia da " Lei de Moysés " nas suas mais insignificantes minudencias, que a superstição elevava agora á cathegoria dos mais sanctos e profundos mandamentos. Para os Judeus repatriados da Babylonia, Moysés tornara-se o que nunca fôra antes do reinado de Josiah ; e cada dia que passava ajunctava, por assim dizer, alguma cousa ao seu prestigio, á sua auréola e tambem á legenda ao redor do seu nome aliás glorioso.

A Lei, isto é, o Pentateuco assumiu então a maxima importancia. Ahi se resumia, nesse Codigo, a vida moral e religiosa do povo judeu. Era ahi que se achava a Alliança do Eterno com elle, e a promessa do futuro grandioso, que Elle lhe reservára. E quem lhe transmittiu tudo isso sinão Moysés ? Quem tambem lhe deixou toda essa collecção de leis tão meticulosas e sabias, quem foi sinão Moysés, a quem o

"SENHOR fallava cara a cara, como um homem costuma fallar a seu amigo"? (*Ex.*, 33 : 11.) E assim, nesses ultimos tempos os Judeus chamavam o Pentateuco não só "a Lei" (*Jos.*, 8 : 34 ; *Esd.*, 10 : 13 ; *Neh.*, 8 : 2, 14 ; 10 : 35 ; 2 *Par.*, 23 : 18 ; 30 : 16) ;—como tambem "O Livro da Lei" e "O Livro da Lei de Moysés (*Jos.*, 82, 8 : 34 ; *Neh.*, 8 : 3 ; 13 : 1 ; *Esd.*, 6 : 18 ; 2 *Paral.*, 25 : 4 ; 35 : 2). Tambem referiam-se ao Torah como "O Livro da Lei de JAHVEH" (2 *Paral.*, 17 : 19 ; 34 : 14), e "Livro da Lei de DEUS" (*Jos.*, 24 : 26 ; *Neh.*, 8 : 18) e simplesmente "Livro de JAHVEH" (Esd., 7 : 10 ; 1 *Paral.*, 16 : 40 ; 2 *Paral.*, 31 : 3 ; 35 : 26).

Apezar de que em nenhum Livro desse Pentateuco se diz que Moysés os escrevêra, era corrente entre os Judeus que elle os redigira todos.[1] Mas elles já reconheciam certas difficuldades que pediam explicação. No commentario do Gemara ao Talmude, lemos : "Si Josué escreveu o seu Livro, como se diz ahi que elle morreu ?" E o commentador rabbinico responde logo : "É que Eleazar acabou-o. Mas como se diz ahi tambem que Eleazar, filho de Aarão, morreu ? É que Phinéas acabou-o. E como se diz que Samuel escreveu si está escripto nelle que Samuel morreu e o sepultaram em Ramah ? É que Gad, o Vidente e Nathan, o Propheta, o acabaram." Vê-se bem que aos Rabbinos não faltavam recursos para a sustentação de suas superstições.

Mas essas proprias perguntas mostram bem que já então entre os que tinham o maior respeito pelas Escripturas começava a sua Critica ; já procuravam explicar difficuldades de conciliação na auctoria dos seus Livros. E esses problemas durante seculos ficaram sem solução, e ainda hoje a que nos dão os profundos estudos dos ultimos cincoenta annos frequentemente não satisfaz-nos cabal e perfeitamente, apezar de acceitaveis nas suas linhas geraes. Para comprehender-se a difficuldade desses problemas basta que ponderemos sobre a

[1] Segundo a tradição rabbinica não só Moysés escreveu os cinco quintos da Lei, mas tambem a auctoria dos outros Livros da Escriptura era attribuida aos que lhes dão os nomes. Isso é confirmado no celebre tractado *Baba-Bathra*, que se encontra em parte em cada um dos Talmudos, da Babylonia e de Jerusalém, desde o Seculo VI da nossa éra. Vê-se ahi que os Rabbinos ensinavam que a ordem dos Prophetas era esta : Josué, Juizes, Samuel e Reis ; vindo então Jeremias, Ezekiel, Isaias e os Doze Prophetas menores. A pergunta : quem escreveu os Livros sanctos ? responde-se no Barathra : "Moysés escreveu o seu livro, o capitulo sobre Balaão e tambem o Livro de Job. Josué escreveu o seu Livro, e oito versiculos da Lei" (referindo a morte de Moysés). "Samuel escreveu o seu Livro" (os nossos 1 e 2 Reis) "e mais Juizes e Ruth. David escreveu o Livro dos Psalmos com o auxilio dos dez Antigos dos Dias, a saber : Adão, Melquizedec, Abrahão, Moysés, Heman, Jeduthum, Asaph e os trez filhos de Coré. Esekiah e sua companhia escreveram Isaias, Proverbios, o Cantico dos Canticos e o Ecclesiastes. . . . Os homens da grande Synagoga escreveram Ezekiel, os Doze, Daniel e o rôllo de Esther . . . e Esdras escreveu o seu proprio Livro. . . ."

falta de manuscriptos e de monumentos do tempo em que foram escriptos, e o da remota antiguidade desse tempo,—pois, para não sahirmos do Pentateuco, dé Moysés a Abrahão, onde começa a historia hebréa, vão cerca de oitocentos annos e nesse periodo a critica só tem podido descobrir escassos meios de contrastar os pormenores narrados pelos varios auctores desses cinco Livros. Demais, elles escreveram independentemente uns dos outros, apezar da maravilhosa unidade que apresenta o conjuncto de todos os seus escriptos. Trabalhando isolados, cada um por si, não citam-se mutuamente e nos privam assim desse confronto tão util. A outra fonte de difficuldades, a da falta de manuscriptos, é ainda mais insupprivel. Basta lembrar que *os MSS. mais antigos que possuimos do V. T. são mais recentes do que os mais modernos do N. T.*, como já se mostrou em outro logar. Hoje a versão grega do hebraico pelos LXX é a auctoridade mais antiga que temos do V. T., como já ficou dicto.

Do outro lado, ao passo que da Babylonia e do Egypto, existem monumentos-escriptos da mais remota antiguidade, nos seus cuneiformes e jeroglyphos, os Hebreus eram avessos a esses meios de perpetuar os seus fastos : essas inscripções consistiam geralmente de elogios que os Reis mandavam gravar para o seu proprio renome, cousa que em Israel não seria tolerada pelo instincto religioso do seu povo que attribuia só a Deus toda a gloria. Não queremos absolutamente dizer que a historia dos Hebreus não receba corroboração muito importante de certos monumentos babylonicas e assyrios, egyptanos e phenicios que têm sido descobertos nestes ultimos cincoenta annos como se verá no decurso desta obra. Elles, porêm, bem pouco nos tem auxiliado a solver problemas criticos do V. T., a não ser na sua chronologia.

Sendo isto assim, não admira, repetimos, que desde remotissimos tempos hajam attribuido a Moysés a auctoria do Pentateuco inteiro e, apezar de que seja este um dos ponctos em que o resultado dos estudos criticos do ultimo seculo, e sobretudo da sua metade mais recente, não deixa mais a menor duvida, ainda ha alguns escriptores que por um inintelligente apêgo ás velhas tradições ou, para melhor dizer, por sua aversão ao estudo laborioso do assumpto, ainda sustentam o vetusto preconceito. Mas os chefes da anti-critica moderna já acceitam tamanha parte dos resultados apresentados pelos seus adversarios, que podemos considerar a causa destes como substancialmente ganha.

Antes de tudo, repetimos, em parte alguma do proprio Pentateuco se diz que Moysés escreveu esses Livros. Ninguem

jámais negou que o que chamamos legislação mosaica foi inspirada nas leis fundamentaes constitucionaes, por assim dizer, que o grande propheta *escreveu* e promulgou em nome de DEUS. Temos para isso o testemunho do proprio V. T. Moysés *escrevia* : e houve *escripto* seu que DEUS ordenou-lhe que preparasse e o repetisse a Josué. No *Ex.*, 17 : 14, o SENHOR diz-lhe : " Escreve isto n'um livro para monumento e faze-o ouvir a Josué " ;—e este trecho não é do collaborador mais recente do *Ex.*, mas dos mais antigos, J. E. Isto foi corroborado em *Ex.*, 24 : 4-7, onde se diz que " Moysés escreveu todas as ordenações do SENHOR . . . e tomando o Livro do Concerto, leu, ouvindo todo o povo, o qual disse : " Faremos tudo quanto o SENHOR disse." Em *Num.*, 33 : 1, tambem se menciona o facto que Moysés *escreveu* os nomes dos logares (que A. P. Figueiredo chama erroneamente de *mansões*) ou paradas de Israel no deserto. E no *Deut.*, 27 : 1-13, Moysés recebe instrucções para *escrever* em grandes pedras, alisadas com cal, as palavras da Lei,—ordem essa que Josué cumpriu, como se vê de *Jos.*, 8 : 30 : . . . E escreveu *sobre as pedras* a copia da Lei [1] de Moysés " que elle tinha explicado deante dos filhos de Israel." E ainda temos em *Deut.*, 31 : 9, a declaração bem formal que " Moysés escreveu, pois, esta Lei e a entregou aos sacerdotes . . . e a todos os anciãos de Israel e lhes ordenou dizendo : . . . Quando todos os filhos de Israel se ajunctarem para apparecer deante do SENHOR teu DEUS, no logar que o SENHOR tiver escolhido, *lerás as palavras desta Lei deante de todo Israel* . . . para que, ouvindo-a a apprendam e temam o SENHOR como DEUS. . . ." E ainda depois disto, Moysés mandou aos Levitas que levavam a Arca : " Tomai este *livro* e ponde-o ao lado da Arca do Concerto do SENHOR, para ali servir de testemunho contra ti ; " (*ib.*, 25, 26) : Tudo isto prova que a Lei foi dada por palavra e tambem por escripto, e que foi escripta n'um Livro sob a immediata auctoridade de DEUS.

Dir-se-ha, até aqui, que a parte legislativa dada por Moysés foi escripta ; e que é tradição constante, desde essa época, que se acha engastada nos Livros sagrados dos Judeus. Não se segue, porêm, de tudo isso, que *todo o Pentateuco* seja obra da mão de Moysés. Elle sem duvida escreveu certas leis e ordenações do SENHOR para uso do povo de Israel ; mas não foi sua intenção escrever Escripturas para o povo e nem se póde deduzir dessas citações que escrevesse os cinco Livros

[1] Parece que não foi feliz S. Jeronymo, que traduzia do Hebraico, indo á versão grega da LXX importar a palavra *deuteronomio* por "copia" e crear assim a confusão que Josué escreveu o *Deuteronomio*. Esta observação applica-se á sua mesma traducção em *Deut.*, 17 e 18.

do actual Pentateuco. É verdade, sim, que alguns compiladores bem posteriores aproveitaram os codigos de leis mosaicas fundamentaes e, nos primeiros quatro livros de Pentateuco, deram aos Israelitas uma historia antiga do seu povo de envolta com a substancia dessa parte legislativa. Assim, sustentam alguns dos melhores criticos que o " Livro do Concerto " no *Exodo* (Cap. 19-24), parte do *Levitico* e pequena parte dos *Numeros* são obra directa de Moysés. Quando se diz que este escreveu todas as palavras desta Lei significava isto mesmo,—a antiga parte legal, o " Codigo da Alliança," mas não tambem as legendas do diluvio ou a dispersão dos povos, ou as muitas leis que foram no correr do tempo accrescentadas a esse nucleo,—por maior fé que nos mereçam. Moysés é o grande " homem de DEUS," o intermediario da vontade de JAHVEH para com o Seu povo escolhido, o Seu conductor do estado de escravidão ao da liberdade sob a obediencia á Lei. É o legislador, o propheta, e não o historiador que devemos procurar n'elle. JESUS CHRISTO nada escreveu e Suas palavras ahi estão, sob o Espirito Sancto, a governar o mundo, apezar de que nos foram legadas por outros.

O conjuncto das leis propriamente mosaicas, refere-se evidentemente a uma epocha, distincta por si mesma, destacando-se dentre todas as outras por traços peculiares que nunca mais se repetiram. Ha leis no *Exodo*, no *Levitico* e tambem nos *Numeros*, que são dictadas a um povo no deserto, em circumstancias especialissimas. Assim os primeiros septe capitulos do *Levitico* contêm um codigo especial dos Sacrificios, e que acaba com a declaração cathegorica : " Esta é a lei do holocausto e do sacrificio pelo peccado e pelo delicto e pela consagração e pelas victimas dos pacificos, a qual o SENHOR deu a Moysés no monte Sinai, quando ordenou aos filhos de Israel que fizessem as suas oblações ao SENHOR no deserto do Sinai." A despeito da opinião de alguns criticos, tudo parece indicar que n'este pequeno e antigo Codigo inserto depois no *Levitico*, ha uma legislação para o deserto. No Cap. 4 : 2 o corpo do novilho sacrificado, e a pelle, intestinos, etc., deviam ser levados para *fóra do campo* para serem queimados. O vers. 21 faz a mesma prescripção em relação a outro sacrificio.

É de notar que em todas estas regras não ha nenhuma referencia aos *sacerdotes* em geral, mas sómente a *Aarão e seus filhos*, os *sacerdotes filhos de Aarão*, os *filhos de Aarão*, varões da *estirpe de Aarão*, etc., e não é nada admissivel que tudo isso fosse determinado quando Aarão já não existisse, ou elle e seus filhos não pertencessem ao sacerdocio. O Cap. 4 tracta dos sacrificios necessarios para o sacrificador, para

a communidade, os individuos, e para os principes [1] mas não para os *reis*; o que mostra que pelo menos parte do Livro não podia ter sido escripta depois de Saul e David.

O Cap. 17 do *Lev.* tracta do sangue dos sacrificios sangrentos. A victima, morta " no arraial " ou " fóra do arraial " devia ser apresentada á porta do Tabernaculo. Era importante fixar só um logar para esse fim. Ora depois disto, os Israelitas sacrificavam em varios logares. Ainda algum tempo depois da erecção do Templo, Samuel e Reis dos mais piedosos erigiam altares para os sacrificios. Este facto, pois, de só se permittir a morte dos animaes á porta do Tabernaculo, mostra a antiguidade da collecção de mandamentos. Era elle sómente possivel n'uma communidade acampada mais ou menos junctamente ao redor desse Templo movel. Moysés queria não dar ensejo á idolatria. Elle mesmo diz no vers. 7 : " Nunca mais sacrificarão (os filhos de Israel) as suas hostias aos demonios aos quaes idolatraram," adoração esta a que tambem refere-se 2 *Paral.*, 19 : 15. Moysés, seja bem accentuado, não fundou a practica da oblação de animaes, apenas prohibiu a sua matança, excepto em determinadas condições. O facto destas ordenações não poderem ser observadas depois só prova que ellas o foram na epocha mosaica.

Os Caps. 11, 12, 15 e 16 do *Lev.* não têm tanto de Moysés que possamos assegurar, por si, que sejam delle. Mas os dous Caps. 13 e 14, sobre a lepra, parecem ser do periodo no deserto.

De tudo isto se deprehende, pois, que a legislação, nestes livros da Biblia é genuinamente inspirada por Moysés, sendo que elle mesmo escreveu o Decalogo como algumas destas leis fundamentaes. Ellas presuppõem circumstancias externas todas locaes. De facto algumas destas ordenações acham-se entrecasadas com factos meramente historicos, e outras ha só possiveis no periodo historico em que apparece Moysés. E nós não fizemos sinão esboçar estas provas, obrigados pela natureza desta obra. Quer elle mesmo tivesse escripto todas estas séries de leis, quer algumas d'ellas hajam sido posteriormente expandidas e alteradas por outros, como foram, segundo as necessidades de suas epochas, ninguem de senso commum póde negar a Moysés a sua inspiração.

Precisamos aqui aproveitar este ensejo para dizer que os Judeus chamavam de mosaica a toda a sua legislação e que para isso assistia-lhes razão, apezar de que Moysés só lhe

[1] A palavra hebraica que a Vulgata traduz como *principe* é a mesma que o Cap. 2 de *Num.* emprega doze vezes em relação aos *chefes* das diversas tribus. Nos caps. 3 e 4 e outros, *Num.* repete a mesma palavra, já com a mesma significação, já com a de *regodor*. Ao todo emprega-a este livro 42 vezes. Significa principalmente pessoa *principal*, cabeça, capitão, mas não *rei* ou filho de rei.

lançára os fundamentos. Para os Judeus era indifferente si certas leis eram do proprio Moysés ou si foram simplesmente deduzidas do seu ensino. Para elles até os Prophetas e os escriptores dos Hagiógraphos eram mosaicos. Que a Lei seja de Moysés não impede que seja mosaico o seu desenvolvimento. "Israel deve-lhe a origem e os principios em que se contêm implicitamente e por menor todos os seus preceitos, e esse desenvolvimento é obra do continuo ensino divino em contacto com situações historicas diversas." [1]

Admittindo, pois, que Moysés tivesse escripto muitas das leis que se acham engastadas no Pentateuco, mesmo que modificadas pelo costume de epochas posteriores á sua, como depois mostraremos por menor, ainda assim é hoje inadmissivel a velha superstição que Moysés escreveu o Pentateuco. No unico nosso intuito de mostrar de que argumentação convincente se servem os criticos para demolirem este vetusto preconceito, reproduziremos os seus principaes argumentos.

Moysés não podia ter sido o auctor do Pentateuco, como o temos hoje, entre outras, pelas seguintes razões: Antes de tudo, ha passagens que presuppõem épocha posterior á sua.

1º. Fallando do tempo de Abrahão, *Gen.*, 12 : 6 diz: "Era então o Canaanense o que habitava esta terra." Ora está claro que isto não podia ter sido escripto sinão "*depois* da occupação de terra" de Canaan pelos Israelitas,—ao tempo talvez dos primeiros Juizes, e não no de Moysés.

2º. Em *Gen.*, 13 : 7 fallando-se das luctas entre os pastores de Abrahão e de Lot se diz tambem que: "*Eram n'aquelle* tempo os Canaaneus e Ferezeus os que habitavám n'aquella terra;" o que não podia ter sido escripto por Moysés, e antes da expulsão desses povos.

3º. *Gen.* 36 : 31 diz: "Os Reis, porêm, que reinaram na terra de Edom *antes que os filhos de Israel tivessem rei*, foram estes," etc. É difficil acreditar que Moysés ou auctores no seu tempo tivessem escripto isso, que só o foi depois de Saul. A passagem de *Gen.*, 35 : 11, promettendo que reis descenderiam de Jacob, não prova nada neste caso. Ahi póde-se dizer que haveria reis no futuro; não ha referencia aos que já tivessem existido.

4º. Em *Gen.*, 40 : 15, José diz ao copeiro-mór: "a furto fui tirado da terra dos Hebreus." Naquelle tempo os Hebreus, isto é, os descendentes de Abrahão, Isaac e Jacob, não tinham terra, e peregrinavam. A expressão parece escripta depois que os Israelitas conquistaram Canaan.

5º. Em *Gen.*, 13 : 18 a cidade de Kirjat-Arba (Cariatt-Arba

[1] W. Robertson Smith, *The O. T. in the Jewish Church*, 2ª ed., 1892, pag. 313.

de Figueiredo) é mencionada como *Hebron*, no tempo de Abrahão ; quando em *Jos.*, 14 : 15 se diz que ella se chamava antes por aquelle primeiro nome.

6º. " Abrahão . . . foi em alcance destes reis *até Dan.*" (*Gen.*, 14 : 14). Mas em *Juizes*, 18 : 29, se diz que os Daneos chamaram de Dan á cidade de Lais, seculos depois de Abrahão.

7º. " E os filhos de Israel comeram maná por 40 annos até chegarem á terra habitavel ; com esta comida se alimentaram até que tocaram as raias do paiz de Canaan (*Ex.*, 16 : 35). D'ahi conclue-se que isto foi escripto depois que passaram elles destes limites ; de facto *Jos.*, 5 : 12 refere como começaram a comer do fruto da terra do outro lado do Jordão, na planicie de Jericó, onde Moysés nunca esteve.

8º. O primeiro versiculo do Livro *Deuteronomio* diz que : " estas são as palavras que *Moysés disse a todo o Israel na banda d'alem do Jordão.*" [1] Mas elle nunca atravessou este rio, nunca pisou o trans-Jordão. Quem escreveu isto na Palestina disse muito bem que Moysés fallára além, da outra banda, na margem esquerda, do Jordão. Moysés é quem não poderia ter escripto isso.

9º. Em *Deut.*, 2 : 12 o auctor diz que " o povo de Israel se estabeleceu na terra da sua possessão que JAHVEH lhe deu," —e que em Seir habitavam os Horrheus e depois os filhos de Esaú (*Edom*). Isto não podia ter sido escripto por Moysés, que morreu antes do estabelecimento do povo israelita em Canaan.

10º. Em *Num.*, 21 : 14 cita-se " O Livro das guerras de JAHVEH " : é um fragmento poetico sobre a tomada pelos Israelitas da região do Arnon, limite entre Moab e os Amorreus, isto é, um acontecimento dos ultimos tempos da viagem pelo deserto. No mesmo Cap. de *Num.*, vers. 17, 18 e 27—30 ha outros pequenos canticos, provavelmente da mesma fonte. Ora, o mais cedo que esta collecção de poesias poderia ter sido composta, seria nos ultimos tempos dessa viagem na era mosaica. Não é crivel que Moysés, auctor da historia, a citasse como fez. A referencia parece obra de quem escreveu a bastante distancia dos factos.

11º. Finalmente, no *Deut.* 33 : 1 e 34 : 7-12, Moysés é tractado como " homem de DEUS " abençoando o povo " antes da sua morte," e se diz que tinha 120 annos quando morreu, com plena vista e os dentes não abalados. E accrescenta-se que " *não se levantou mais em Israel propheta algum como Moysés.*" Nada disto foi escripto por Moysés.

[1] A. P. de Figueiredo desfigura o texto da Vulgata, *transjordanem*, traduzindo-o como *dáquem Jordão*. Em outros casos a mesma palavra, no mesmo Cap. é bem traduzida. Mais adeante tractar-se-ha disto.

E estes são apenas alguns de muitos outros argumentos adduzidos pela Critica.

Assim, pois, chegamos á conclusão de que Moysés nunca disse que elle mesmo escrevéra o Pentateuco; e pelas provas intrinsecas que este nos offerece, elle não o escreveu.

De facto a critica mostra que esses cinco livros da Lei formam uma compilação de varios auctores, como se vai ver, incluindo, quanto ás leis religiosas e civis, pequenos codigos que já corriam mundo, quando elles escreveram. Entretanto o velho preconceito, até hoje tão arraigado entre os Judeus, só com difficuldade se foi dissipando. De facto, esta questão do Pentateuco, e suas origens começou a ser abordada apenas no Seculo XIV da nossa era e pelos proprios Judeus, quando Isaac Ben Jasos e Aben Ezra, illustrados philosophos judeus, publicaram suas duvidas sobre a auctoria dos primeiros cinco Livros do Velho Testamento, bazeando-se sobretudo no texto da *Gen.* 36 : 31 ("antes que os filhos de Israel tivessem rei.") Em 1573 o advogado catholico Andreas Masius, escreveu sobre este assumpto uma obra que circulou extensamente antes de ser interdicta. O philosopho inglez Hobbes no meiado do Seculo XVII, sem apparentar attacar o Christianismo, procurou realmente alluir as bazes da religião e da moral. Do outro lado, o philosopho luso-judeu Spinoza, rejeitando a revelação, o sobre-natural, os milagres, sustentou que Moysés não podia ter escripto o Pentateuco, pelos factos que enumera, colhidos do seu texto e inclusive a noticia da proprio morte do chamado auctor.

Oito annos depois de apparecer o trabalho de Spinoza, Richard Simon, judeu francez e membro do Oratorio, publicou (1678) sua notavel obra sobre o Velho Testamento.[1] Moysés, segundo elle, escreveu as leis do Pentateuco, mas a parte historica foi preparada por lettrados do tempo de Esdras e sob a direcção da "Grande Synagoga," formando-se assim este conjuncto de elementos heterogeneos que constituem aquella secção da Biblia sob a predominante influencia de Moysés.

Mas a tradicção antiga não ficou sem defeza: a auctoria mosaica foi sustentada pelo jesuita Huet,[2] pelo protestante suisso Heideger, e pelo lutherano Carpzov.[3] Em 1722, Vitringa,[4] Calmet,[5] e um anno antes, o abbade Fleury[6]

[1] *Histoire Critique du Vieux Testament*, 1678. Foi vertida para o Latim e o Inglez.
[2] *Demonstratio Evangelica*, 1670.
[3] *Introductio ad Libros Canonicos*, 1731.
[4] *Observ. Sacra*, 1722.
[5] *Commentaire Lit.*, 1722.
[6] *Mœurs des Israelites*, 1721.

respondiam brilhantemente e já attribuiam a Moysés o uso integral de documentos *por elle achados ou correntes no seu tempo* de que usou por inspiração do Espirito Santo.

No meio do Seculo XVIII a critica havia mais ou menos chegado a um accordo sobre a procedencia do Pentateucho, que ficou assentado não ter sido escripto por Moysés.

CAPITULO XVII

A CRITICA DE 1750 ATÉ HOJE: RESULTADOS QUANTO AO PENTATEUCO

Em 1753 abriu-se para os estudos exegeticos do Pentateuco uma nova era com o apparecimento da brochura de um medico francez, mestre de sua arte e ao mesmo tempo piedoso e profundo investigador dos textos biblicos. Jean Astruc foi professor de Medicina em Montpellier, Tolosa e, depois, no Collège de France. Contava já 69 annos de edade quando publicou o resultado de suas pacientes pesquizas sobre a composição de Genesis [1] e o achado deste modesto leigo ficava destinado a revolucionar a critica do Pentateuco e do Livro de Josué.

Astruc notára que na Genesis os nomes da Divindade—Elohim e Jahveh—não eram, no seu entender, empregados indiscriminadamente: certas secções usavam sempre de um delles e outras secções do outro. D'ahi tirou elle a conclusão que talvez a Genesis se compuzesse do ajunctamento de mais de uma historia e por mais de um escriptor. Parecia-lhe que o Livro se dividia em duas partes principaes e nove partes menores, estas ultimas sendo: Cap. 7 de vers. 20 a 23; Cap. 14; Cap 19 de vers. 29 a 38; Cap. 22 de vers. 20 a 24; Cap. 25 de vers. 12 a 18; Cap. 26 de vers. 34 a 35; Cap. 28 de vers. 6 a 9; Cap. 34; Cap. 35 de vers. 36 ao fim do Cap. 36. Si admittirmos esta subdivisão, dizia Astruc, teremos a explicação da singularidade do uso dos dous nomes divinos, e das repetições dos mesmos assumptos nas diversas memorias ou documentos. Segundo elle, Moysés mandou escrever essas memorias em quatro columnas parallelas, como depois fez Origenes no seu *Hexapla* ou como fazem os que harmonizam os Evangelhos; e essas memorias foram depois fundidas por um ou mais redactores.

Apezar da má vontade dos Allemães, ciosos do Francez, este descobrimento de Astruc teve grande repercussão, e sua ideia capital foi acceita, e de facto perdura até hoje.

J. G. F. Eighhorn, 37 annos depois,[2] fundiu n'uma só

[1] *Conjéctures sur les Mémoires originaux dont il paraît que Moïse s'est servi pour composer le livre de la Genèse—Paris* e *Bruxelles*, 1753.

[2] *Einleitung im A. Test.*, 1740, 1831, *e seg.*

hypothese os resultados a que tinham chegado Richard Simon e Astruc: foi elle quem primeiro separou os documentos Elohista e Jahvistico do Genesis: e que tem servido de base para todas as investigações ulteriores. Eichhorn demonstrou:

1º, Que a credibilidade do *Genesis* muito ganha com a existencia desse documentos mais antigos;

2º, que a harmonia das duas narrativas e suas ligeiras discrepancias provam sua independencia e seriedade; e

3º, que esta subdivisão muito auxilia o estudo do Pentateuco.

Segundo este critico os Livros do *Exodo*, *Levitico* e *Numeros* surgiram da collecção de escriptos que circulavam e que um ou mais redactores uniram a alguma narrativa historica. Para elle o *Exodo* e o *Levitico* foram compostos perto do Sinai, e os *Numeros* na terra de Moab. Sustentou que Moysés escrevêra o *Deuteronomio*, excepto os ultimos capitulos; e elle considerava este Livro como o codigo do povo, como os Livros do meio o eram dos sacerdotes.

Quatorze annos depois, isto é, em 1794, G. L. Bauer, seguindo Eichhorn, separou-se delle, todavia quanto á data da composição do Pentateuco que elle crê ter sido composto no tempo de David.

Na Inglaterra, que até então se mostrara um tanto indifferente a estes estudos, appareceram em 1792 e 1800, obras importantes do Dr. Geddes,[1] que mostrou profunda intuição de critico. Para elle todo o testemunho externo de pouco vale na critica. Devemos buscar as provas intrinsecas: e então vemos trez cousas que parecem indubitaveis: 1º, que o Pentateuco na sua fórma actual não foi escripto por Moysés; 2º, que foi escripto na terra de Canaan, provavelmente em Jerusalem; e 3º, que não podia ter sido composto antes do reinado de David nem depois do de Ezekiah. "Acho, diz Geddes, que elle data do longo e pacifico reinado de Salomão; mas confesso que lobrigo signaes de epocha posterior, talvez interpolações. Estou, todavia, persuadido que o Pentateuco foi compilado na sua forma actual, de documentos antigos da éra de Moysés e até anteriores a Moysés. É impossivel determinar si taes documentos se achavam escriptos ou si corriam pela tradição," e ao Pentateuco Geddes ajuntava o Livro de *Josué* que considerava continuação dos anteriores.

Assim, no começo do Seculo XIX parecia assentado que:

1º, O Pentateuco era de composição mixta; tinha elementos mais antigos do que elle, e que foram aproveitados em documentos existentes e que depois foram compilados sob um ou mais redactores; 2º, Moysés não parecia ter escripto o Pen-

[1] *The Holy Bible*, 1792; *Critical Remarks on the Heb. Scriptures*, 1800.

tateuco na fórma em que o vemos hoje, podendo ter sido o auctor de parte de sua materia; 3º, O Livro de *Josué* era, historica e litterariamente, o complemento natural do Pentateuco, formando um Hexateuco.

Em 1802 VATER [1] seguiu a pista de Eichhorn. Elle entendia que o Pentateuco compõe-se de fragmentos diversos reunidos por um ou mais redactores e que, difficil como pareça esta hypothese, é mais crivel do que da juncção de dous documentos parallelos sobre o mesmo assumpto e amoldados para constituirem o texto actual.

Até aqui os criticos tinham procurado desvendar o que consideravam o segredo dessa primeira parte da Biblia pesando apenas o seu lado litterario, despresando, ou só usando secundariamente, a sua parte archeologica e historica. Em 1807 DE WETTE protestou contra esta tendencia.[2] Admittindo quanto Eichhorn e Geddes propunham de acceitavel, elle sustentou ao mesmo tempo que o Pentateuco, na sua fórma actual, obedecia a um plano certo, sob admiravel *unidade*; e não se devia perder de vista este facto na critica do Velho Testamento. E quanto ao Deuteronomio, considera-o como trabalho independente e ajunctado aos outros quatro livros depois do reinado de Josiah, tendo sido composto antes delle.

Notou mais este famoso escriptor que a historia hebréa depois de Moysés não se refere ás chamadas leis mosaicas, e só nos *Paralipomenos* é que se vê o desejo de alliar a historia dos seus reis ás leis de Moysés. De Wette deixou muitos discipulos, e por muitos annos a sua influencia foi grande, apezar de que elle bem pouco se tivesse occupado da critica litteraria e que os resultados das suas pesquizas não fossem positivos. Contra isto formou-se nova eschola de critica, representada por Ewald, Bleek e Hitzig.

Estes abandonaram a *hypothese fragmentaria* dos antecessores e procuraram mostrar o rastilho do elemento Elohista não só no *Genesis* como em todo o Pentateuco e tambem *Josué*; e suppozeram que o Elohista era com effeito o escripto fundamental, o *Grundschrift*, ao qual os outros elementos vieram servir de supplemento: dahi o nome de *hypothese supplementar* que se dá ás investigações dessa eschola.

O grande EWALD [3] propôz uma theoria toda nova. Nos seis primeiros livros da Biblia, o Hexateuco, elle distinguiu septe auctores diversos. N'essa collecção vê, em primeiro logar,

[1] *Comment. über den Pentateuch*, Halle, 1802-5; *Abhandlung über Moses*, etc., 1805.

[2] *Kritik der israelischen Geschichte*, Halle, 1807.

[3] *Composition der Genesis, Kritisch untersucht.* Braunschweig, 1823. Vide mais *Stud. u. Kritischen*, a proposito da obra de Stähelin (1831) e *Dichter der Alten Bundes*, alem da sua *Geschichte der Volkes Israel.*

fragmentos do " Livro das Guerras de Israel " e parte de uma biographia de Moysés. Seguem-se dous documentos mais completos, o *Livro da Alliança*, que crê ter sido escripto ao tempo de Samsão e o *Livro das Origens*, escripto no tempo de Salomão. Vem depois um terceiro historiador prophetico, talvez filho do reino do Norte, do tempo de Elias. Segue-se o quarto historiador ou segundo narrador prophetico que vivêra, talvez, entre 800 e 750 A.C. ; e afinal o quinto historiador ou terceiro narrador prophetico. Só então um redactor, hoje desconhecido, aproveitou este material, prophetico e legal, no 7º seculo, e logo depois sendo succedido pelo escriptor deuteronomista do tempo de Manassés e que vivêra no Egypto. Esta hypothese de Ewald não encontrou, porêm, sérios adeptos.

Em 1836 F. Bleek entrou na discussão com uma memoria[1] que revelou o grande mestre futuro. Mas só foi na sua *Einleitung* em 1860 que elle expôz systematicamente o assumpto e deixou exarada a sua opinião definitiva. Foi o primeiro que deu fórma ao que se ficou chamando a hypothese *supplementar* : considerou o Elohista como o documento original (*Grundschrift*), fundamental, e o Jahvista como supplementar, com addições parciaes e mixtas (*Ergänzungen*).

As conclusões a que chegou foram : 1º, Ha partes do Pentateuco escriptas por Moysés, ou na sua epocha, e na fórma em que as recebemos. Mas, 2º, Moysés não compôz o Pentateuco como o temos hoje, n'uma historia seguida : isto foi producto de epocha posterior ; 3º, O Pentateuco, pois, não é obra de nenhum historiador independente : e seu auctor ou redactor achou e adaptou documentos escriptos, mais ou menos longos, que aproveitou no seu trabalho. A esta classe pertencem as leis soltas ou as collecções de leis que se encontram no Pentateuco e que têm o genuino cunho mosaico ; e tambem as listas das paradas dos Hebreus no deserto. Que se não tracta de uma obra seguida, continua, se vê da falta de ordem nas leis e de sua frequente repetição, ás vezes com alterações ; e se deprehende tambem das fórmulas empregadas no fim de certas series de leis ; e do character fragmentario, incompleto e sem ordem chronologica do conjuncto. A respeito das leis que são de Moysés é provavel que fossem todas publicadas por elle, separadas ou em pequenas collecções e, que, n'esta fórma, corresssem de mão em mão por muito tempo. Quanto aos canticos que vogavam no tempo de Moysés, elles existiam separados ou fazendo parte de pequenas collecções como a do " Livro das Guerras de Jahveh." Tal era a opinião de Bleek.

Nos oito annos que seguiram-se á publicação da segunda

[1] *De libri Geneseos origine*, 1836.

obra de Ewald, os Allemães Ranks, Hengstenberg, Dreschler, Havernick e por fim Keil, procuraram oppôr-se a estas theorias que avassalavam o seu paiz; apezar dos seus esforços, porêm, ellas foram ganhando terreno. Entretanto as obras de Havernick e de Keil continuam sendo monumentos de grande saber.

Staelin, como Tuch, reconheceu dous documentos no Pentateuco, e que o mais antigo delles é o Eloista. Mas, em 1853, Hupfeld [1] procurou demonstrar que o documento que se dizia fundamental, e Eloista, não era um documento, mas dous, separados, e que entretanto estão emendados e accrescentados de materia estranha. Segundo Hupfeld, o Pentateuco continha, pois, trez narrativas parallelas, duas Elohistas e uma Jahvista, e um redactor posteriormente reuniu-as n'uma narrativa continua, tomando liberdades com o texto. E esta opinião ficou sendo geralmente seguida pelos criticos, até hoje.

Esta theoria foi retocada em 1869 por Nöldeke que tentou mostrar que o segundo Elohista, que se descobrira, faz parte do Jahvista; e que estes formam um só documento, o outro sendo o do primeiro Elohista, o fundamental, que corre por todo o Hexateuco, com suas proprias ideias e linguagem.[2]

O Francez Reuss, de Strasburgo, formulára, de 1834 em deante, alguns resultados de seus estudos criticos que podemos condensar assim: convém distinguir no Pentateuco trez partes: a tradiccional, a historica, e a legal. É preciso estudar esta ultima com summo cuidado, pois das suas datas e instituições depende muito a historia.[3]

Trinta annos depois, o Alsaciano K. H. Graf, um de seus discipulos, adoptou e procurou melhorar a doctrina de Reuss. Para elle ha trez *strata* no Hexateuco mas a sua ordem de antiguidade não era a que então tinha sido seguida, mas esta: 1º, o Jahvista, comprehendendo o Elohista; 2º, o Deuteronomio, e 3º, o documento chamado dos Sacerdotes (ou—P—). Elle tambem insiste no estudo das leis ou antes no da sua applicação aos factos verificados da historia, para se aferir as suas datas.[4]

Graf sustentou que o Codigo sacerdotal, a que os criticos se referem como P, foi escripto por um ou mais sacerdotes depois do Exilio, talvez não antes de 444 a.c. Diz elle que esses escribas aproveitaram-se, no Exilio ou depois delle, dos sacrificios rituaes e practicas existentes, e de tudo isto elaboraram o *Levitico* e os *Numeros*, bem como as partes de P na *Genesis* e no *Exodo*. Estes estudos de Graf, como os de Reuss, fizeram

[1] *Die Que. en der Genesis, ünde die Art Ihrer Lusammensetzung*, 1853.
[2] *Untersungen zur Kritik des A. T.*, 1869.
[3] *L'Histoire Sainte et la Loi*, 1879.
[4] *Die Geschichtlichen Bücher des A. T.*, 1866.

grande impressão que perdura até hoje, realçada pelo brilhantismo do seu successor Wellhausen.

SCHRADER [1] attribue a um sacerdote do tempo de David a auctoria do chamado primeiro Elohista, parecendo-lhe que elle escreveu depois da divisão do Reino (cêrca 950 A.C.). Vem depois o Jahvista que deve ter preparado o seu contingente talvez entre 825 e 800: foi este quem completou e reuniu aquellas duas narrativas Elohistas. Quanto ao *Deuteronomio*, deve ter sido redigido cêrca so anno 600. Entretanto VAIHINGER [2] divergiu delle, pois pensa que o primeiro Elohista floresceu em cêrca de 1200 antes de J. C.; o segundo alguns duzentos annos depois disso; e o Jahvista na segunda metade do Seculo oitavo; ao passo que elle consigna o *Deuteronomio* á epocha do Rei Ezekiah. Nöldeke não concorda com estas datas. Para elle os trez principaes documentos são mais ou menos do reinado de David, mas o primeiro Elohista appareceu entre elles e o terceiro. O Jahvista calcou o seu trabalho sobre o segundo Elohista e de modo que agora tornou-se muito difficil separar um do outro. E por fim pensa que o Deuteronomista escreveu antes do reinado de Josiah.

DILLMANN concorda em que o Jahvista fez uso do segundo Elohista. Mas os trez documentos, diz esse festejado escriptor [3] assentam n'um documento ainda mais velho, que é o "Livro da Alliança" que forma os caps. 22 : 20 a 23 : 19 do *Exodo*. N'isto, Dillmann tomou rumo diverso dos de seus antecessores.

Em 1872 o professor DELITZSCH [4] sustentou com grande brilho que a ordem do apparecimento dos documentos era esta: Jahvista, o segundo Elohista, o *Deuteronomio*, o primeiro Elohista. E quanto ao tempo da sua composição diz que pareciam-lhe os dous primeiros de era anterior á de Isaias e que o segundo Elohista devia ter sido preparado antes de Ezekiel. Sem duvida o *Deuteronomio* é profundamente mosaico, e todo o Pentateuco é o producto de revelação divina. O nucleo d'este Torah é o Codigo da *Alliança* (*Ex.*, caps. 19 a 24) que o proprio Moysés escreveu e que foi posteriormente incorporado ao Pentateuco. As outras leis, no deserto e em frente ao Jordão, nas planicies de Moab, Moysés communicou-as de viva voz e os sacerdotes as tomaram por escripto como era de sua obrigação fazer (*Deut.*, 17 : 11; 24 : 8; 33 : 19; *Lev.*, 19 : 11 e 15 : 31). O *Deuteronomio*, accrescenta Delitzsch, não presuppõe existir toda a legislação anterior, mas resume-a

[1] *Lehbuch der Hist.—Kritischen Einleitung*, 1869.
[2] Na *Encyclopœdie* de Herzog.
[3] *Die Genesis*, 4.ª ed. 1882; *Die Bucher Exodus und Leviticus*, 1881.
[4] *Studien und Krit.*, 1868-1872. Outras obras deste talentoso critico são: *Gesetzgebund Mosis im Land Moab*, 1854; e *Der Bibl. Shœpfungsbericht*, 1881.

com a maior liberdade : a codificação da Lei não se fez necessariamente durante o trajecto pelo deserto, mas logo depois do povo ter entrado em Canaan. É provavel que fosse Eleazar, filho de Arão (v. *Num.*, 31 : 21) quem tivesse composto a obra que começa com a Creação, ajuntando-lhe apenas notas dos ultimos discursos que Moysés escrevêra de seu proprio punho ; e póde ser que Josué, que possuia o escripto de Moysés (*Num.*, 11 : 25) e era propheta, tivesse acabado a composição da obra, tomando o *Deuteronomio* por modelo e incorporando-o no seu trabalho.

Esta theoria ou hypothese de Delitzsch é admittida em parte por grande numero de criticos modernos.

Entretanto as ideias de Graf acharam defensores, apezar do seu apparente exaggero audacioso. Parecêra-lhe que a parte mais antiga do Pentateuco era a historia. Para arranjar logar para as leis, elle deslocou o primeiro Elohista para logar posterior na parte das leis ; e quando Riehm sustentou brilhantemente [1] que não lhe assistia o direito de fazer esta separação que contradizia os principios da sua propria analyse, Graf declarou que Riehm tinha razão, e de uma pennada resolveu attribuir ao periodo *postexilium* todo o primeiro Elohista na parte historica como na legal.

Nöldeke fez depois outro estudo especial do primeiro Elohista e declarou que achava ser obra systematicamente separada e só em grande parte conservada no Pentateuco, tendo sido escripta provavelmente por algum sacerdote de Jerusalem do Seculo nono ou decimo a.c. Um redactor reuniu o Jahvista com o Elohista em cêrca de 800 a.c. Mais tarde, no reinado de Josiah, o Deuteronomista accrescentou o seu livro á collecção e o Pentateuco assumiu a sua fórma actual.

O exaltado Hollandez Kuenen levou as ideias de Graf ás mais radicaes consequencias.[2] Para elle a religião de Israel era apenas uma religião natural, que se desenvolveu de uma idolatria grosseira nas ideias elevadas dos Prophetas. Considera como não historico o Hexateuco um composto de legendas e de mythos e a parte legislativa sendo do periodo dos Reis, quando muito. Moysés só escreveu uma pequenissima parte do Pentateuco. A lei veiu depois dos Prophetas, e estes depois da religião do povo.

Só em 1878 Wellhausen concluiu a sua grande obra, analysando todo o Hexateuco. Seu estylo brilhante, e methodo impeccavel, e o seu profundo saber trouxeram-lhe

[1] *An historico-critical Inquiry into the Origin of the Hexateuch* : trad. ingleza de Wicksteed, 1874-1883.

[2] *Comm. uber des Genesis*, 1872.

logo o apoio de grande numero de sabios de todos os paizes, muitos dos quaes seguem as suas opiniões criticas sem acompanha-lo nas suas divagações sobre a Inspiração e o Sobrenatural, que elle rejeita.[1]

O velho professor Reuss, que continuava a dedicar-se á critica do V. T., publicava ainda em 1881 [2] importantes investigações, que até hoje deixaram profunda impressão. O *Deuteronomio* é fundamentalmente mosaico, sem a paraphrase que o encobre, sustenta elle. O *Livro da Alliança* vem do tempo de Josaphat. Os trechos e citações de *Genesis* pertencem ao Reino de Israel, depois da separação do de Judá. O codigo Jahvista ou J., é do Seculo IX A.C. O *Levitico* foi composto pelo Deuteronomista no reinado de Josiah, excepto os caps. 17 a 26, que só foram escriptos apoz a volta do Captiveiro, bem como *Numeros* e o Codigo Sacerdotal ou P. Reuss e sua eschola explicam as variações que se notam nos codigos do Pentateuco attribuindo-os a epochas muito diversas,—aos reinados de Josaphat e de Josiah e ao periodo *post-exilium* : antes disto, pensam elles, não havia legislação escripta. Pensam mais que os auctores de *Reis*, III e IV, só conheciam o *Deuteronomio* mas não a legislação levitica de P, que veiu depois.

Estas theorias revolucionarias de Reuss, Graf, Keunen e Wellhausen têm encontrado alguma mas fraca resistencia em Koenig e Riehm na Allemanha, alem de outros mais modernos.

W. Robertson Smith, A. B. Davidson e Sir Geo. Adam Smith na Grã-Bretanha seguiram a eschola de Reuss que tem sido atacada por Dillmann, Delitzsch, Baudissin, Strack e Kittel que sustentaram outrora que P escreveu antes do exilio e que parte della é muito antiga. A eschola de Reuss considera J como o documento mais antigo : muitos desses, porém, continuam a sustentar, neste poncto talvez sem muitos argumentos, que E precedeu a J. Para Dillmann P, E e J são documentos independentes que, antes do Exilio, foram unidos, vindo depois o *Deuteronomio*, durante o Exilio, esta ultima opinião sendo hoje insustentavel.

Dillmann acha no Pentateuco um codigo que elle chama Sinaico (S) e que consiste do *Codigo de Sanctidade*, no *Levitico*, caps. 17 a 26, e de outras partes da legislação sacerdotal que têm os mesmos caracteristicos delle. Este codigo S é, segundo Dillmann, mais moderno do que P, mas contém materia muito

[1] *Die Compos. des Hexateuchs und der histor. Bücher des A. Test.*, 1876 e seg. ; *Geschichte Israels*, 1°. vol., 1878.

[2] *L'Histoire Sainte et la Loi*, 1879 ; *Geschichte der Helligen Schriften Alten Testament*, 1881.

mais antiga do que elle e de que foi correndo mãos entre os sacerdotes, sendo revisto e augmentado por elles.

Sobre a instituição sacerdotal em Israel muito tem concorrido BAUDISSIN [1] ao qual seguem Dillmann e Delitzsch. Para elle E é o mais antigo dos documentos. Em P elle descobre realmente dous documentos n'um só, mas este representa o desenvolvimento judaico da classe sacerdotal. Pequenos codigos leviticos eram correntes antigamente. Antes do reinado de Josiah, e no Seculo VII um sacerdote colleccionou estes pequenos codigos, n'uma só obra, accrescentando a esta consolidação dados historicos. Dessa collecção não consistia, todavia o *Codigo de Sanctidade* (*Lev.*, 17-26), que era um Codigo para uso particular dos sacerdotes, pois foi escripto depois de P e talvez começasse a circular apenas no tempo de Esdras, sendo depois incorporado a P; Ezekiel muito recorreu a elle quando separado ainda. Baudissin procura demonstrar que a legislação de Ezekiel já mostra um desenvolvimento sobre P e D, e que em muitos pontos o *Codigo da Sanctidade* e P não se quadram bem com as circumstancias da restauração, e volta do Exilio, o que evidencia serem elles mais antigos. Para Baudissin P foi unido a J E e por um deuteronomista que lhes accrescentou D, e crê tambem que P antecedeu a D.

O inglez JAMES ORR attacou muito a critica moderna n'um ensaio [2] publicado em 1905, e os Americanos E. C. BISSELL e W. H. GREEN [3] collocaram-se tambem ao lado das tradições antigas. Ao contrario, J. F. MOORE, e o esforçado C. A. BRIGGS [4] TOY, LADD, W. R. HARPER, HAUPT e outros, têm sustentado a eschola moderna.

Nestes ultimos annos os principaes escriptores da critica intensa do V. T. têm sido:

HOLZINGER,[5] A. WESTPHAL,[6] E. KAUTZSCH,[7] K. BUDDE,[8] R. KITTEL,[9] H. GUNKEL,[10] J. E. CARPENTER,[11] A. ZAHN,[12]

[1] *Die Geschichte des Alttestamentlichen Priesterthum*, Leipzig.

[2] *The Problem of the Old Testament*, Glasgow e New York, 1905.

[3] *The Pentateuch; its Origin and Structure*, by Edward Cone Bissel, New York, 1895; *The Unity of the Book of Genesis*, by William Henry Green, New York, 1895.

[4] Citaremos só: *Biblical Study*, 1883; *Critical Study* na *Presbyt. Review*, 1883; e *Higher Criticism*, 1892, ao qual muito nos reportamos.

[5] *Einteilung in den Hexateuch, mit Tebellen uber dio Quellenscherdung*, tambem no *Handkommentar zum A. T.*

[6] *Les Sources du Pentateuche*, 1888-1892; *La Deuteronome*, 1892.

[7] *Die Heilige Schrift. des A. T. ubersetzt* . . . 1986 (2ª. ed.).

[8] *Die biblische Urgesch.* I, II; *Richter und Josua*, 1881.

[9] *History of the Hebrews*, 1895.

[10] Genesis no *Handkommentar zum A. T.*, 1902.

[11] *The Composition of the Hexateuch*, 1902.

[12] *Das Deuteronomium*, 1890.

ADDIS,[1] B. W. BACON,[2] C. CORNILL,[3] e por fim S. R. DRIVER.[4]

Demonstrado como ficára que Moysés não podia ter sido o auctor do Pentateuco tal qual o recebemos dos Judeus, e confirmada a existencia de varios elementos nos livros desta parte do Velho Testamento, o trabalho da critica, desde Astruc, tem sido separar estes elementos com o auxilio das leis, do desenvolvimento historico, do estylo e da linguagem, da propria construcção interior, e da posição relativa que entre si mantêm esses diversos elementos. Nesse estudo alguns criticos, começando por attacar toda e qualquer credibilidade no sobrenatural, e na inspiração e intervenção do DEUS, deixam-nos a impressão que desejam antes attacar a Religião do que procurar, reverente e imparcialmente, a verdade sobre a fórma actual dos Livros sagrados. Nada temos com esses tresloucados excessos que só poderiam ser considerados n'uma obra de philosophia. A acceitação, porêm, das linhas geraes da critica intensiva pela grande maioria dos theologos modernos obriga-nos a expôr aqui os resultados hoje acceitos por elles, sem contestação, bem como a indicar alguns ponctos importantes sobre os quaes não se estabeleceu ainda consenso geral.

Como se viu o poncto de partida da critica foi a auctoria do Pentateuco. Do contexto apurou-se que não era obra de um só auctor, mas apresenta uma estructura de composições diversas. Realmente, o estudo sómente de *Genesis* dá abundantes provas disto, que vieram corroborar as já expostas sobre a sua auctoria por Moysés.

Com effeito, a critica, no correr do tempo, foi notando nesses primeiros Livros muitos exemplos, 1º, *de repetições*; 2º, *de incoherencias e contradicções*; 3º, *de confusão de assumptos*; 4º, *de diversidade de estylo.*

Não só ha estylos diversos, mas alguns assumptos são tractados duas e trez vezes, e apresentados sob diversos aspectos.

[1] *The Documents of the Hexateuch*, 1892-1898.

[2] *The Genesis of Genesis*, 1892.

[3] *Einleitung in . . . Alte Test.*, Freiburg in B., 1892. Versão ingleza: *Introduction to the Canonical Books*, 1907.

[4] *The Literature of the Old Testament*, 1891, nona ed., 1913, e *Deuteronomy* no *Intern. Crit. Comm.*, 1895. Estas obras foram traduzidas no allemão em cuja lingua tem circulado tão extensamente como as edições originaes. No todo consideramol-as as mais uteis a quem quiser estudar a critica moderna em geral, pois são completas, succintas e substanciosas, e dominadas de um espirito muito ponderado e cauteloso. Além de tudo mais, o sabio professor de Oxford ha pouco fallecido foi um dos mais competentes hebraistas modernos.

I. Tomemos, por exemplo, as duas descripções da Creação, que encontramos no *Genesis*. A primeira (1 : 1—2 : 4) é o extracto de um poema pentametro que descreve Deus como um General que com toda a disciplina chama a postos o seu exercito. O Espirito Divino nos é revelado como uma ave pairando e voejando sobre o Cháos primitivo, esse abysmo vasio donde surgiu a luz, depois a expansão do Céo, e em seguida a Terra e os vegetaes, os astros, os animaes da agua e do ar, os animaes da terra e, por fim, o Homem. A outra narrativa (*Gen.*, 2 : 4^{b}, 25) fórma um poema trimetrico e concebe uma terra sem vida, arida, sem vegetação : é ahi que o Creador fórma, assoprando o seu proprio sopro, o Homem, as arvores, os animaes, e a Mulher.

II. Do Decalogo (Mandamentos da Lei) temos tambem duas versões, uma no *Exodo*, outra no *Deuteronomio*, com variantes de certa importancia. Nos proprios nomes dados ás duas Taboas vê-se que as versões são de epochas diversas : dous auctores chamam-as Taboas de pedra ; e o Deuteronomista, Taboas da Alliança.

III. Na historia do Diluvio, os vers. 5 e 8 do cap. 6 repetem os vers. 11 a 13 que se lhes seguem, sobre a resolução de Deus de dar cabo de toda a carne, pelas iniquidades de que estava repleta a terra : e, sem sahir do mesmo assumpto do Diluvio, ha ainda 7 : 1, 2, 3^{a}, 4, 5 e 7, de que 6 : 18-21 são repetição, com a differença que, nestes ultimos, se manda que entrem dous animaes da mesma especie, e nas outras, septe machos e septe femeas.

IV. Temos trez narrativas diversas dos perigos, para as mulheres dos Patriarchas, nas côrtes de Abimelech e do Pharaó (*Gen.*, 12 : 10-20 ; *Ex.*, 26 : 6-11, de J ; e *Gen.*, 20 : 1-13, de E) ; as historias são tão similhantes que, apezar da differença de linguagem e até de estylo, parece que tracta-se de um só facto explicado diversamente.

V. O *Genesis* nos dá varias versões da vocação e bençam de Abrahão,—cada uma mostrando os seus principaes characteristicos. Comparemos *Gen.*, 12 : 1-3, com 15 : 4, 5, e ver-se-ha logo a differença, um demorando-se sobre a bençam e o outro sobre a innumera descendencia do Patriarcha. E ainda outro auctor mais moderno, como veremos depois, salienta em *Gen.*, 17 : 1-8 que Abrahão será " chefe das nações " " pai de muitas gentes " : " de ti sahirão Reis," tudo com maior descortino. Já o Redactor que ainda é mais recente, diz : " Todas as gentes da terra serão bemdictas naquelle que ha de proceder de ti : porque obedeceste á Minha voz " (*Gen.*, 22 : 18). Este vê mais claramente o futuro.

VI. Em *Jos.*, 4 : 7 b, 9, e 4 : 20 ha evidente contradicção : ora as pedras tiradas do fundo do rio foram collocadas no meio do rio, ora Josué collocou-as em Galgala.

VII. No *Deut.*, 11 : 6 faz-se menção da revolta de Datham e de Abiron, e nada se diz da de Coré e seus irmãos Levitas ; e em *Num.*, cap. 16, achamos combinadas numa só narrativa as duas revoltas. A critica, porêm, mostra que um Redactor reuniu a historia da revolta dos filhos de Rubem, e de que se occupou *Deut.*, e a historia dos filhos de Coré, descripta por outro e omittida tambem por D.

VIII. Em *Ex.*, cap. 20, foi no deserto de Sin que Moysés feriu a pedra e della sahiu agua para o povo beber : em *Num.*, cap. 20, o facto deu-se quarenta annos depois : não será o mesmo facto ?

IX. A invasão da Palestina pelos Hebreus vem referida de dous modos diversos : em *Juizes*, cap. 1 ; 3 : 1-5 e em *Jos.*, cap. 13 e segs., que não concorda com o resto do Livro de *Jos.* Aqui, em duas campanhas, Josué conquista toda a Palestina desde o Lebanon até o deserto do Sul e passa a fio de espada toda a população. Ali as tribus só invadem o paiz lentamente e quasi sempre sós, cada uma procurando obter terras para estabelecer-se em paz com a gente do paiz.[1]

X. O modo por que os logares sagrados receberam seus nomes é repetido no caso de Birseba em *Gen.*, 21 : 31 ;—nos de Bethel em 28 : 19 a 22 ; 35 : 9 a 15. O nascimento de Isaac na velhice de Abrahão e Sara causa riso que vem referido tres vezes, em 17 : 17 ; 18 : 12 e 21 : 6, 7.

2. N'estas repetições vêm-se mais ou menos differenças e as vezes contradicções, como na ordem da Creação. Na historia do Diluvio ora se nos diz que durou ora 54 dias, ora 150 pelo menos, e talvez 365. (Conf. *Gen.*, 7 : 12, 17 ;—8 : 6, 19 e 12 com 7 : 24 ; 8 : 33). Indo ao Egypto Abrahão, diz saber como Sara era uma mulher formosa (12 : 11) e ella foi com effeito muito gabada ao Pharaó, que a mandou vir á sua presença (12 : 14 ; 15) : como conciliar isto com o que diz 17 : 17 que Sara contava 90 (noventa) annos ? E como se explica, sinão pela reunião no Pentateuco de narrativas differentes e de tempos diversos, a contradicção entre *Ex.*, 20 : 25-26, em que o altar de Deus devia ser de terra ou de pedras por lavrar, pois o cinzel o polluiria, e *Ex.*, 27 : 1 a 8, dando instrucções minuciosas sobre o altar de pau-chittim, como sua grelha de bronze e accessorios de cobre etc. e de muitas outras contradições desta ordem ?

3. Em certos ponctos das narrativas nota-se confusão. A

[1] V. G. Moore, *Judges* no *Int. Crit. Comm.* ; Briggs, *Higher crit. of the Hex.*

historia dos filhos de Noé em 19 : 1 e segs. parece que devia ter incluido o episodio que a precede em 9 : 18-27. O cap. 20 começa com a narrativa de quando Abrahão partiu *d'ali*, sem que se dissesse antes que poncto era esse. Em 35 : 9 DEUS apparece pela segunda vez a Jacob, depois que este partiu da Syria : julgam os criticos que está fóra de logar á vista do cap. precedente. No *Ex.*, 19 : 29 Moysés promette-se nunca mais fallar a Pharaó : logo no seguinte capitulo 11 : 10, isto se contradiz. O vers. 11 do cap. 33 é incomprehensivel, precedendo o vers. 12. De facto os vers. 7-11 parecem deslocados. O texto de 26 : 46 do *Lev.*, á primeira vista põe termo ás leis do Sinai ; entretanto o cap. 27 continúa a legislar e acaba com a mesma formula que o cap. anterior. De facto, não é claro como e quando esta legislação foi promulgada, pois, depois em *Num.* 7 : 1, parece que assim que Moysés acabou e consagrou o Tabernaculo, devia ter seguido viagem do Sinai para Canaan.

Em *Deut.*, 31 : 22 Moysés "escreveu o cantico e ensinou aos filhos de Israel." Este cantico só vem depois. Tambem no mesmo cap. 31, vers. 24 se diz que Moysés "acabou de escrever n'um livro as palavras desta Lei," que consta dos caps. anteriores, 12 a 26 : parecendo, pois, que aquelles vers. estão deslocados.

4. Não admira, portanto, que sob os mesmos assumptos haja concepções diversas. Basta lembrar o character attribuido á principal figura do Pentateuco. Moysés, que em *Ex.*, 3 : 10 era "tardo de lingua," e precisava recorrer á eloquencia de Aarão, no *Deut.* é um dos mais eloquentes prophetas, —o mais eloquente da antiguidade.

Nas historias de Moysés e de José notam-se tambem muitas discrepancias. Ora este ultimo foi vendido a um Madianita ora a um Israelita. Ora Rubem é o chefe dos irmãos, ora é Judá. Sobre Moysés é difficil attribuir a um só narrador a descripção que ha das scenas no Sinai ; ella de certo é obra de varios escriptores, pois si fosse um unico, a narrativa teria certa cohesão e ordem chronologica.[1]

---

[1] "Em *Ex.* 19 : 3 Moysés sóbe a montanha : desce ao povo em 19 : 14. Em 19 : 21, 23 desce. Em 20 : 21 sóbe ás nuvens ; em 24 : 1 elle sóbe ao SENHOR e em 24 : 3 désce ao povo ; em 24 : 9 sóbe e no v. 12 désce. Em 24 : 12 e seg. sóbe mais uma vez ; e em 24 : 18 sóbe ainda, desta vez para receber a Lei ; em 31 : 7, 15 désce ; em 32 : 31 tornou ao SENHOR ; em 34 : 2, 4 sóbe ainda e em 34 : 29 désce. Publica então as leis, mas, mais tarde, recebe outras leis do Tabernaculo (*Lev.*, caps. 1 a 3) e ainda uma vez outras leis (*Lev.*, caps. 4 a 8) sem que se diga aonde as recebeu,—não no Tabernaculo, á vista de 4 : 3. Vêm depois outras leis no mesmo genero (*Lev.*, caps. 11 a 16, e 17 a 24) e já em *Lev.*, 25 : 1 achamol-o novamente no Sinai, e entretanto o *Lev.* 26 : 46 e 27 : 34 parecendo indicar que *todas* as leis desse livro foram dadas naquelle monte."—Kittel, *Scient. Study of the O. T.*

Pesando e cotejando todos estes factos que constituem apenas alguns exemplos entre muitos outros, a critica do Velho Testamento, sem sahir do Pentateuco, chegou a conclusões bem decisivas sobre estes ponctos :

1. O Pentateuco não foi escripto por Moysés ;

2. As suas repetições, contradicções, o seu estylo diverso, tudo indica uma compilação de varios auctores em epochas differentes.

3. Esses trabalhos foram reunidos, depois de occasionalmente retocados nas suas linhas de juncção, por varios redactores, em epochas diversas.

Um escriptor[1] compara o Hexateuco, isto é, os " Livros da Lei " ou Pentateuco e *Josué* (que litterariamente, é a sua conclusão legitima), a uma grande colcha de retalhos, formando um desenho harmonico e bello, mas que examinada de perto apresenta grande variedade. Considerando-se esses retalhos criticamente, observamos logo differença no padrão e até na fazenda de alguns. Reunindo todos os retalhos da mesma fazenda, observa-se que elles formam de per si sós um certo desenho, perfazendo uma peça completa em si mesma. Tornando depois aos padrões de certas côres verificamos que com elles podemos combinar outra fórma de desenho, tambem completa em si mesma. E assim por deante. Mais ainda : si unirmos duas destas series de pedaços, podemos formar com ellas outro desenho, tambem completo, ainda que para sua perfeição relativa sejam necessarios alguns retalhos mais para arredondar, ou aperfeiçoar o padrão combinado.

Quem examinar attentamente o Hexateucho verá desde logo que ha um livro delle que no assumpto, no modo de apresental-o, no estylo, na linguagem, destaca-se dos outros cinco Livros, tal qual no N. T. o Evangelho de S. João differe dos trez outros. Esse Livro é o *Deuteronomio*, que fórma um todo á parte.

Continuando o exame vemos que ha um pequeno Codigo que se diz ter sido escripto n'um livro e que constitue os caps. 20 a 23 e mais seis versetos do cap. 24, do *Exodo*, com leis muito primitivas, de character simples e evidentemente para gente que vive no deserto ou no campo,—leis civis e religiosas que formam o que se diz ser um compacto ou Alliança entre Deus e o homem.

Em terceiro logar encontram-se espalhados no segundo, terceiro e quarto Livros muitas Leis e ordenações de character

[1] F. H. Woods, art. *Hexateuch* em Hasting, Dic. Bible.

mixto, religioso e civil que visam sobretudo os deveres do culto, dos sacerdotes.

A esses tres grupos, desde logo tão facilmente distinguiveis, a critica moderna designa, para facilidade de referencias, com as iniciaes D (Deuteronomio) C ("Codigo da Alliança") e P (o Codigo Sacerdotal ou dos Padres).[1]

Essas tres partes differem muito entre si, e bastará dar disso alguns exemplos. Em C, o offertante de um sacrificio é o proprio sacerdote (*Ex.*, 20 : 24); ha tres festas annuaes, todas de character agricola (23 : 14 a 16): em P ha summo sacerdote, sacerdotes e levitas (vide todo o Livro *Lev.*) e o numero de festas annuaes é elevado a seis, (*Lev.*, cap. 23). Em C o altar deve ser de pedra não lavrada e de terra (*Ex.* 20 : 24 a 26); em P é de páo de chittim ou acacia, coberto de bronze, etc. (27 : 1 a 8).

A lei sobre o escravo varia em C, em D e em P. No primeiro codigo, o escravo, libertado depois de seis annos, deixa a mulher e os filhos, que continuam propriedade do senhor; em D o escravo, já chamado *irmão*, só vae embora com presentes e meios de vida; e em P (*Lev.*, 25 : 39 a 55), o manumittido, leva a mulher e os filhos. Vê-se, pois, não só uma differença entre as leis, mas uma differença que indica progresso de ideias e civilização. Mais ainda, a mera comparação destas trez disposições nos leva á convicção que dos tres codigos, P é o mais moderno e C o mais antigo. Ha a mesma lei fundamental (a libertação do escravo apoz um certo numero limitado de annos de serviço) mas modificada segundo as ideias mais liberaes dos tempos posteriores á sua primeira promulgação.

Mas não paremos ahi a nossa analyse do Hexateuco. Aproveitando a ideia de Astruc, em 1753, vê-se que ha secções no Livro *Genesis* em que só emprega-se, para designar a Divindade a palavra *Elohim* e outras em que só usam *Jahveh*. Notou-se que este ultimo nome é o empregado em geral em toda a Biblia, excepto no começo, em *Gen.* Acontece que DEUS revelou este seu nome a Moysés em Madian (*Ex.*, 3 : 15, 16; 6 : 2 a 8) e que antes de chegar a este poncto, um dos escriptores, cujos codigos se acham unidos no *Gen.*, julgou ser pouco respeitoso empregal-o antes deste incidente. Assim, até o cap. 6 de *Ex.* o uso dos dous nomes serviu de criterio para a descriminação dos dous auctores diversos; depois d'ahi *Elohim* deixa quasi de ser usado. *Os dous escriptos ficaram, porem, distinctos e a*

[1] Alguns Allemães o denominaram Codigo Fundamental (Grundschrift) quando se pensava ser o mais antigo. Resolvemos conservar a mesma lettra "P" para designal-o afim de não embaraçar os que por ventura quizerem estudar o assumpto nos escriptos europeus que o adoptaram.

critica deu-lhes respectivamente a notação de E para o escriptor Elohistico e J para o Jahvistico. Quando os dous confluem de modo que não é possivel distinguil-os ou quando, distinctos, concordam perfeitamente nas suas asserções, a notação é então EJ ou JE.

Esses dous auctores são, por assim dizer, parallelos. Ambos quizeram expôr a historia antiga do povo de DEUS, desde as suas tradições mais remotas: ambos estavam convencidos de que este seu povo foi escolhido para um fim ulterior, e por isso são ambos conhecidos como escriptores *propheticos* e as suas narrativas como propheticas. Ás vezes os seus escriptos parecem-se tão inspirados na mesma fonte que é difficil separar um do outro e ainda hoje ha muitos trechos do Hexateuco que são ora assignados a um ora a outro. Entretanto, a grande maioria dos criticos póde enxergar em scena dous escriptores de character muito diverso: um mais brilhante, mais prophetico, com maior descortino do que o outro; um, evidentemente inclinado a tractar com maior carinho o que respeita ao reino de Judá (que é exactamente J) e o outro mostrando parcialidade por Ephraim ou o reino de Israel (E),—como tudo se provará depois.

Uma prova que a critica tem conseguido isolar com relativa justeza esses diversos elementos, vemos no facto, não raro, que lendo-se o que ella nos aponcta como obra de um delles, temos frequentemente uma historia consecutiva. Assim, em *Gen.*, 11 : 27-32 ; 12 : 14,15 ; 13 : 6, 12 ; 16 : 1, 3, 15, 16 ; 17 : 19, 29 ; 21 : 1-5 ; 23 : 25 : 7-11, todos attribuidos a P, temos uma historia regular de Abrahão.

Mais adeante mostraremos isoladas, as duas historias da Creação, do Diluvio, da Torre de Babel, de Datham e Abirão (separadamente da de Coré) etc. O que o redactor ou redactores do Pentateuco fizeram foi o que seculos depois, sem saber disso, o syrio Tatiano conseguiu elaborar em Edessa,—uma fusão dos quatro Evangelhos n'uma unica narrativa continua, composta inteiramente do proprio texto sagrado. Este *Diatessaron* foi descoberto ha poucos annos e tão popular foi na Mesopotamia e na Syria que a Egreja teve de supprimi-lo, pois queriam com elle dispensar os proprios evangelhos.[1]

[1] V. J. Hamlyn Hill, *The Earliest Life of Christ*, Edinburgo, 1894, e J. Stenning, *Diatessaron* no *Extra Vol.* de Hastings B. D., pags. 434-460.

CAPITULO XVIII

COMPONENTES LITTERARIOS DO PENTATEUCO : J.

Do estudo minucioso a que o Pentateuco tem sido subjeito por centenas de criticos nos principaes paizes da Europa e nos Estados Unidos e nos ultimos cincoenta annos tem resultado poder-se fixar, com probabilidade de se não errar muito, a delimitação geral dos seus varios escriptos componentes, e traçar os differentes veios neste conglomerado secular. Propomo-nos agora nas seguintes tabellas mostrar como se divide a materia do Pentateuco por esses principaes e desconhecidos auctores, que, como acabamos de ver, ficam designados sob os symbolos de J, E, D e P. Alguns desses textos são apenas temporariamente designados como dos auctores a que são attribuidos, mas, para simplificarmos o já muito complicado e delicado assumpto, não tomaremos nota disto. Tambem convém avisar que essas fontes, todas ellas, não são, cada uma, como um só individuo-auctor ; mas constam de varios fios de epochas successivas, como procuraremos mostrar de um modo geral quando tractarmos dellas : nestas listas, porêm, tambem não faremos nota disso, pois não escrevemos obra especial de critica, em que taes minudencias não seriam para menosprezar.

Já ha bastante accôrdo entre os criticos sobre a distribuição destes textos pelas fontes J, E e P, pois que a D não pertence nada fóra do *Deuteronomio*. Nós seguiremos, nesta distribuição, a opinião segura do sabio Conego Dr. S. R. Driver,[1] que não differe muito do egualmente ponderado Prof. C. Cornill, de Breslau.[2]

A quantos desejem bem estudar o Velho Testamento recommendamos que observem esta distribuição da materia dos seus primeiros Livros, que tanto augmenta o nosso interesse nelles, que tantas difficuldades e contradicções aplaina e que tanto augmenta a nossa veneração por essas antigas Escripturas. Ha obras em que o texto cerrado do Pentateucho é impresso a côres, ou em typo diverso mostrando de relance a

[1] *Ob. cit.*, 9ª ed., 1913.
[2] *Einleitung in das A. Test.* Freiburg-in-B., 1892.

que fonte pertencem os versetos.[1] Com o auxilio de lapis preto, vermelho e azul e marcando nas margens de um exemplar do V. T. as respectivas fontes do Pentateuco, obteremos a mesma vantagem.

Vamos agora mostrar como essas quatro fontes se acham distribuidas no Pentateuco. Em *Numeros* Driver não distingue J de E e dá junctamente JE : ahi aproveitamos a distincção feita por Cornill entre um e outro.

Nota.—As lettras *a* e *b* depois dos numeros dos versetos indicam respectivamente a primeira e a segunda parte do verseto.

PERTENCEM A J :—

Genesis : 2 : ^{4b}—4 ; caps. 6-10, excepto o que é attribuido a P (vide) ; 11 : 1-9 ; caps. 12, 13, 15, 16, 18, 19, e 24 ; 25 : 21-34 ; cap. 26 ; 27 : 1-45 ; 29 : 2-14, 31-35 ; 30 : 24-43 ; caps. 32, 33, 34 (em parte), 37 (em parte), 38, 39, 43, 44, 46 : 28-34 ; caps. 47 e 49 ; 50 : 1-11, 14.

Exodo : 1 : 6, 8-12, 20^{b}, 15-22 ; 3 : 2-4^{a}, 5, 7, 8, 16-18 ; 4 : 1-16, 19, 20^{a}, 22-26, 29-31 ; 5 : 3, 5-23 ; 6 : 1 ; 7 : 14, 15^{a}, 16, 17, 18, 20^{c}-21^{a}, 23, 25 ; 8 : 1-4, 8-15^{a}, 20-32 ; 9 : 1-7, 13-21, 23^{b}, 24^{b}, 25^{b}-34 ; 10 : 1-11, 13^{b}, 14^{b}, 15^{a}, 15^{c}-19, 24-26, 28, 29 ; 11 : 4-8 ; 12 : 29 ; 13 : 21 ; 14 : 5-7, 10^{a}, 11-14, 19^{b}, 20, 21^{b}, 24, 25, 27^{b}, 30, 31 ; 15 : 22-27 ; 16 : 4, 5, 25-30 ; 17 : 1^{b}, 2, 7 ; 19 : 3^{b}-9 ; 11^{b}-13, 18, 20-25 ; 24 : 1, 2, 9-11 ; 32 : 9-14, 25-34 ; 33 : 1-4, 12-23 ; 34 : 1-4, 5-28.

Numeros : 10 : 20-32 ; 11 : 4-6, 10-13, 15, 31-35 ; 13 : 17^{b}, 18, 19, 22^{a}, 28, 29 ; 14 : 3-4, 8, 9, 11 ; 16 : 1, 2, 12-14, 15, 25, 26, 27^{b}, 33, 34 ; 20 : 1^{a}, 3^{a}, 5 ; 21 : 1-3 ; 22 : 3^{a}, 4, 5^{a}, 6, 7, 11, 17, 18, 22-34, 37, 39 ; 24 ; 25 : 1^{b}, 2, 4^{a} ; 32 : 1, 2^{a}, 4^{b}, 5, 6, 20-23, 25-27, 33, 39, 41, 42.

Deuteronomio : (JE) 27 : 5-7^{a} ; 31 : 14, 15, 23 ; cap. 33, substancialmente ; 34 : 1^{a} (?), 1^{b}-5^{a}, 6, 10.

PERTENCEM A E :—

Genesis : cap. 20 ; 21 : 6-21, 22-32^{a} ; 22 : 1-14, 19 ; 28 : 11-12, 17, 18, 20-22 ; 29 : 1, 15-23, 25-28^{a}, 30 ; 30 : 1-3, 6, 17-20^{a}, 21, 23 ; 31 : 2, 4-18^{a}, 19-45, 51-55 ; 32 : 1 ; 33 : 18^{b}-20 ; 35 : 1-8 ; 37 : 5-11, 19, 20, 22-25^{a}, 28^{a}, 29, 30, 36 ; caps. 40 a 43,

[1] Entre outras: Holzinger, *Einleitung in den Hexat, mit Tabellen* . . . 1893; Dillmann, *Gen.*, 1892; *Ex. Lev.*, 1897; P. Haupt, *The Sacred Books of the O. T.* (1893) com os textos hebraico e inglez; Carpenter and Harford-Battersby, *The Hexateuch* (1900), com as fontes em typos differentes; Bissel. *Genesis printed in Colors* (Hartford, 1892); Kautzsch und Socin, *Die Genesis mit ausserer Unterscheidung* . . . 1891, 2 vols.; B. W. Bacon, *The Genesis of Genesis*, 1892, e *The Triple Tradition of the Exodus.*

excepto passagens isoladas ; cap. 45, com excepções ; 46 : 1-5 ; 48 : 1, 2, 8-22 ; 50 : 15-26.

Exodo : 1 : 15-20^{a}, 21, 22 ; 2 : 1-10 ; 3 : 1, 4^{a}, 6, 9-15, 19-22 ; 4 : 17, 18, 20^{b}, 21, 27, 28 ; 5 : 1, 2, 4 ; 7 : 15^{b}, 17^{b}, 20^{b}, 9 : 13-35 (JE), 22, 23^{a}, 31, 32 (?) ; 10 : 1-20 (JE) ; 10 : 12, 13^{a}, 14^{a}, 15^{b}, 20, 21-23, 27 ; 12 : 35, 36 ; 13 : 17-19 ; 14 : 10^{b}, 16^{b}, 16^{a} (até *vara*) 19^{a}, 20^{a} (tudo em fragmentos) ; 15 : 20-27 ; 17 : 1^{b}, 2^{a}, 4-6, 7, 8-16 ; cap. 18 (todo) ; 19 : 2^{b}, 3^{a}, 10, 11^{a}, 14-17, 19 ; 20 : 1—23 : 33 ; 24 : 3-8, 12-15^{a} ; 31 : 18^{b} ; 32 : 1-8, 15-24, 35 ; 33 : 5^{ac}, 6, 7-11 ; 34 : 1, 4.

Numeros : 10 : 33, 35, 36 ; 11 : 1-3, 14, 16, 17, 24^{b}-30 ; 12 ; 13 : 17^{b}, 20, 23, 24, 26^{b}, 27, 30, 31, 33 ; 14 : 22-24, 25^{b}, 39-45 ; 16 : 32^{a}, 33^{b}, 34 ; 20 : 1^{b}, 14-21 ; 21 ; 22 ; 23 ; 25 : 1^{a}, 3, 4^{b}, 5 ; 32 : 3, 16, 17, 24, 34-38.

Deuteronomio : Vide (JE) em J.

Pertencem a P :—

Genesis : 1 : 1-2 : 4^{a} ; 5 : 1-28, 30, 32 ; 6 : 9-22 ; 7 : 6, 11, 13-16^{a}, 17^{a} (excepto *quarenta dias*), 18-21, 24 ; 8 : 1, 2^{a}, 3^{b}-5, 13^{a}, 14-19 ; 9 : 1-17, 28, 29 ; 10 : 1-7, 20, 22, 31 ; 11: 10-27, 31, 32 ; 12 : 4^{b}, 5 ; 13 : 6, 11^{b}, 12^{a} ; 16 : 1^{a}, 3, 15, 16 ; cap. 17 ; 19 : 29 ; 21 : 1^{b}, 2^{b}-5 ; cap. 18 ; 25 : 5-11^{a}, 12-17, 19, 20, 26^{b} ; 26 : 34, 35 ; 27 : 46-28 : 9 ; 29 : 24, 29 ; fragmentos no cap. 30 ; 31 : 18^{b} ; 33 : 18^{a} ; 34 : 1, 2^{a}, 4, 6, 8-10 13-18, 20-24, 25 (em parte), 27-29 ; 35 : 9-13, 15, 22^{b}-29 ; cap. 36 (essencialmente) ; 37 : 1, 2^{a} ; 41 : 46 ; 46 : 6-27 ; 47 : 5, 6^{a} (segundo a LXX), 7-11, 27^{b}, 28 ; 48 : 3-6, 7 ; 49 : 1^{a}, 28^{b}-33 ; 50 : 12, 13.

Exodo : 1 : 1-5, 7, 13, 14 ; 2 : 23^{b}-25 ;' 6 : 2-7 : 13, 19, 20^{a} ; 7 : 21^{b}, 22 ; 8 : 5-7, 15^{b}-19 ; 9 : 8-12 ; 11 : 9, 10 ; 12 : 1-20, 28, 37^{a}, 40, 41, 43-51 ; 13 : 1, 2, 20 ; 14 : 1-4, 8, 9, 15-18, 21^{a}, 21^{c}-23, 26, 27^{a}, 28^{a}, 29 ; 16 : 1-3, 6-24, 31-36 ; 17 : 1^{a} ; 19 : 1, 2^{a} ; 24 : 15-18^{a} ; 25 : 1-31 ; 18^{a}, 34 : 29-35 ; caps. 35 a 40.

Levitico : Caps. 1 a 16 ; e caps. 17 a 26, inclusive ahi o já conhecido " Codigo de Sanctidade " (S) ; cap. 27.

Numeros : 1 : 1-10 : 28, 34 ; 13 : 1-17^{a}, 21, 25 e 26 (até *Paran*) ; 13 : 32^{a} ; 14 : 1-2 (?), 5-7, 10, 26-30, 34-38 ; cap. 15, 16 : 1^{a}, 2^{b}-7^{a}, 18, 19-24, 27^{a}, 32^{b}, 35, 41-50 ; caps. 17 a 19 ; 20 : 1^{a}, 2, 3^{b}, 4, 6-13, 22-29 ; 21 : 4^{a}, 10, 11 ; 22 : 1 ; 25 : 6-18 ; caps. 26 a 31 ; 32 : 18, 19, 28-32 (com vestigios em outros vers.) ; caps. 23 a 36.

Deuteronomio : 1 : 3 ; 32 : 48-52 ; 34 : 1^{a}, 5^{b}, 7^{a}, 8, 9.

O ELEMENTO "J"

É por ser considerado mais antigo por quasi todos os criticos eminentes que começamos esta analyse por J.

A sua parte em *Genesis* é a maior de todas. Póde-se dizer que dos seus cincoenta capitulos pertencem-lhe exclusivamente uns trinta e um, e que em treze outros traçamos bastante collaboração delle. No *Exodo* é muito difficil separar o que é de J e de E respectivamente; e ainda assim a parte que toca ao primeiro, de modo indiscutivel, é de grande alcance.

J entra em scena na Biblia mostrando quando appareceu o homem na terra, formado do seu barro, por JAHVEH e inspirado em alma vivente. É elle quem nos introduz ao Paraiso esse "logar de delicias" onde se deu a grande tragedia humana. Foi por meio deste grande propheta que DEUS ensinou á humanidade a razão do peccado pelo abuso que fizemos da nossa liberdade na desobediencia e para explicar-nos porque veiu a morte com o peccado; e como, na sua infinita misericordia, DEUS mesmo propôz-se educar a humanidade para um dia "ferir" o peccado no seu amago. A J devemos esta scena do Paraiso cuja verdadeira importancia só nos foi revelada dezenas de seculos depois por JESUS CHRISTO. Alem dessa tradição sobre a entrada do peccado no mundo, J nos dá a historia do primeiro homicidio e mostra como já naquelles tempos o homem offerecia sacrificios a DEUS; e depois traça na descendencia de Caim a origem de algumas das artes e officios mais communs.

Outra antiquissima tradição, a do Diluvio, nos vem, sinão de J, de alguns dos seus ampliadores, que assim, com a outra versão existente no *Genesis*, nos deram uma narrativa completa. Noé foi o pai do homem renascido e baptisado n'agua: elle erige um altar e offerece nelle holocausto a JAHVEH que J nos representa dizendo que não amaldiçoaria mais a terra por causa dos homens. Temos mais, entre as tradições antigas, a da Torre de Babel e a da confusão das linguas e da dispersão dos homens por varias regiões. No original de J elle devia então ter dado a descendencia de Noé até chegar a Abrahão; só temos, porém, a nota que Sem (pai dos Semitas) gerou a Arphaxad, o redactor do *Genesis*, preferindo dahi por deante tomar os dados de P, talvez por mais completos. Mas é J quem nos refere como DEUS resolveu fazer para si um povo especial em que exemplificasse historicamente a Sua justiça e misericordia. Para chefe deste povo JAHVEH escolhe a Abrahão, a quem desde logo manda sahir da sua habitação em Ur na Babylonia para ir para Canaan, promettendo-lhe abençoar e

engrandecer o seu nome: elle accompanha o patriarcha na sua viagem até Bethel, vai com elle ao Egypto e volta, passada a fome em Canaan, separando-se do seu sobrinho Lot. Abrahão então toma posse da terra que lhe é outorgada por JAHVEH, que reitera-lhe logo a sua anterior promessa, dizendo que a sua descendencia seria tamanha que não poderia ser contada, tal como o pó da terra, ou as estrellas do céo. J nos ensina que Abrahão creu nesta promessa de DEUS "e isto lhe foi imputado á justiça." Só muitos e muitos seculos depois o outro grande propheta da dispensação divina, São Paulo, nos explicou tudo o que significava isto, revelando-nos o que vale a Fé.

Abrahão viveu na presença de JAHVEH e gerou a Isaac e este a Jacob. J nos pincta a que baixo nivel chegára a religião e a moralidade de Sodoma e das outras cidades do Mar Morto, e como Abrahão intercedeu por ellas por amor de Lot que ali residia e nos deixa assim a tradição antiga sobre a razão do desolamento daquella região. Não admira que o patriarcha nem quizesse que Isaac se casasse com filha de Canaan; mas confiasse ao seu mordomo Eliézer a missão de ir á Mesopotamia procurar-lhe uma noiva. Os lindos e tocantes incidentes desta jornada até a chegada de Rebecca, e sua introducção na tenda de Sarah, já fallecida, são de indescriptivel simplicidade e belleza.

Vêm depois as velhas tradições sobre Esaú e Jacob, e a cessão, por aquelle, do seu direito de primogenitura por um cosinhado de lentilhas, a decepção em que cahiu Isaac attrahido por um guisado de caça, e a fugida de Jacob. Toda a historia tão cheia de peripecias deste robusto luctador, desde a visão da escada da terra ao céo, a columna de Bethel, o encontro delle com Rachel, os seus serviços a Labão, seu casamento com Lia e só depois com Rachel, o modo como tambem enganou o sogro, o nascimento de seus filhos, a historia de suas duas mulheres e das concubinas e a sua volta a Canaan,—tudo isto é narrado por J com pincel de mestre, não esquecendo o encontro de Jacob e Esaú quando aquelle regressava. Depois disto temos o incidente de Dina e suas consequencias, e o nascimento de Benjamin, que, com José, eram o fructo do casamento de amor de Jacob com Rachel; e no fim a tocante historia de José, vendido por seus irmãos e levado para o Egypto, onde se deu a conhecer aos mesmos irmãos que o julgavam morto, o que fez com que Jacob e elles se estabelecessem no Egypto. Nesta ultima historia o trabalho de J não é claramente distincto do de E: em alguns dos incidentes, porêm, é nitida a mão de J, e na opinião de eminentes criticos a maior parte da narrativa é delle: é sua a interpretação do sonho de Pharaó por José, e a sua installação como grão visir, e a segunda descida dos seus

irmãos ao Egypto (cap. 43), a sua astucia em dete-los, a tocante supplica de Judá e a descripção do encontro de José com o velho pai Jacob, agora *Israel*. E é tambem da sua lavra a bençam de Jacob a seus filhos, com a previsão carinhosa da descendencia de Judá, de cuja côxa viria "o que seria a expectação das nações."

No Exodo, repetimos, custa separar J de E, sobretudo por causa dos retoques de varios redactores que teve o livro antes de tomar a fórma, em que o vemos. Pequenos toques de um, são aproveitados para serem seguidos logo de alguma phrase ou phrases do outro. Em todo caso cumpre-nos apontar o que, em geral, se julga pertencer a J, como faremos depois com E. Os filhos de Israel, diz-nos J desde logo, cresceram e multiplicaram-se no Egypto, onde depois dominaram reis que não deixaram de ser seus amigos. Um destes reduziu-os a perfeita servidão, vexando-os com trabalhos forçados nas obras publicas. Elles construiram para o pharaó duas cidades, de Pitom e Ramses (1 : 11) e faziam tijolos sempre. O seu clamor subiu ao céo. Por esse tempo Moysés apparece em scena. (Seu nascimento e educação são descriptos por E). Elle sahiu em defesa de um Israelita, o que deu em resultado liquidar o aggressor e ter de fugir para o Sinai, onde casou-se com a filha de um sacerdote.

Dahi foi mandado por Deus para pôr-se á frente de seus irmãos. É de J a descripção "da chamma de fogo que sahia do meio de uma sarça" (3 : 2) dentro da qual o Senhor o chamou. De volta do Egypto, Deus mandou-o dizer aos Israelitas que resolvêra tira-los da oppressão dos pharaós e faze-los passar a Canaan. Moysés, aturdido com a commissão, pediu ser della dispensado, ora allegando que seus irmãos não acreditariam nelle, ora que elle era tardo no fallar: Deus, que conhece os homens, insiste em que elle mesmo vá dirigir-se não só ao povo mas ao pharaó ao qual teria de dizer: "O Senhor Deus dos Hebreus nos chamou: nós iremos caminho de tres dias no deserto para lá sacrificarmos ao Senhor nosso Deus" (13 : 19). Si assim fez Moysés, o pharaó mais endureceu o coração e mandou augmentar as tarefas dessa pobre gente. Vieram então as pragas de que tambem se occupam E e P, o mais completo, porem, sendo J: como depois se verá, elle refere septe pragas, E cinco e P cinco, sendo que E conta tambem a das trevas, não referindo-se a trez das de J. A morte dos primogenitos que, afinal, todos annunciam ao pharaó, é descripta com muito mais minudencias por J, e si o redactor do Exodo interjectou o cap. 12 : 1-20 sobre a instituição da primeira paschoa, nós temos em J, 12 : 21-28, as mais antigas

instrucções sobre o rito, e a sua significação, e que é complementado em 13 : 3-16.

No deserto J E acham-se muito unidos. Si o grande Decalogo é de E, é de J o pacto de 34 : 10-28, que muitos criticos entendem ter antecedido ao outro. É tambem delle a narrativa do protesto dos da tribu de Levi (á que pertencia Moysés) contra a ignominiosa abominação, á cuja testa se achou Aarão ; assim como é tambem de J a bella supplica de Moysés em 34 : 5-9.

O Levitico é todo mais moderno, e de P, como são tambem delle trez quartas partes de Numeros. A outra quarta parte deste ultimo pertence a J E. É de J a narrativa (10 : 29-33) do pedido de Moysés ao sogro, que elle chama Hobab em vez de Jethro (E), para lhe servir de guia no deserto ; assim como é delle o protesto de Moysés contra o peso do seu cargo (11 : 11, 12, 14, 15), e tambem as murmurações dos Israelitas e o supprimento de codornizes. O resto que se attribue a J tem tanto delle como de E, como mostraremos breve. No numero destes trechos incluem-se os caps. 23 e 24 sobre as prophecias de Balaão. Os melhores criticos attribuem a J as prophecias desde o cap. 23 : 28 até 24 : 19, sobre o resto havendo duvida si pertence a J ou a E.

Não proseguiremos a constatar os veios dos trez elementos em *Josué*, pois que quando tractarmos desse e dos outros livros criticaremos a sua estructura litteraria.

Este grande escriptor, J, talvez o maior mestre, até o Christianismo, da sciencia dos destinos humanos, é um desconhecido. Só um paiz que possuia como Israel-Judá, o verdadeiro genio da Religião, poderia produzir um propheta com a vasta inspiração que teve J. Elle não arrecadou sómente as antigas tradições do seu paiz sobre o mundo, mas deu-lhes a fórma hebraica e isto n'um estylo gracioso e encantador em que explica os mais profundos problemas da humanidade. Elle nunca se esquece do lado moral em todas as suas narrativas. Sem abalar-se com muitos pormenores, toma alguns, que frisam a lição que deseja deixar, e com alguns toques de grande artista, nos debuxa quadros sublimes de que nunca mais nos poderemos esquecer.

Dous criticos e hebraistas eminentes, que o podem devidamente apreciar no seu vernaculo, assim se exprimem sobre J :

" O Jahvista é dotado de incomparavel genio litterario : a antiguidade não produziu obra religiosa ou profana, que exceda á sua em belleza. Elle não é só um historiador e poeta :

é um doctrinario, um philosopho, um propheta, cuja profunda meditação, fecundada pelo Sancto Espirito, deu ao mundo os grandes principios em que repousa, como em batentes de granito, toda a philosophia do monotheismo. . . . Elle aborda os mais graves problemas de que o homem não havia cogitado . . . e os solve de um modo tão profundo como jámais foi egualado. . . . O que faz o encanto deste livro das origens humanas, é que contrasta-se nelle—e é isto o que lhe empresta sabôr especial —a infancia do espirito humano e o gráo mais sublime de inspiração prophetica. . . . Só, entre todos os escriptores que remontam ás fontes da vida humana, o Jahvista colloca-se desde logo sobre o terreno moral e dá aos males que affligem a nossa raça a sua causa verdadeira." [1]

"A sua obra, porêm, não foi a de um mero compilador mechanico: elle reviu as tradições sem comtudo torcel-as. Achamos sempre traços de sua mão segura, poetica, creadora e notamos a piedade e a tolerancia com que tracta de ideias religiosas que reflectiam concepções da Divindade, que já eram antiquadas no seu tempo. Plenamente consciente de pairar acima dessas noções elle ousadamente representa DEUS descendo á terra, andando pelo Jardim do Eden, e fallando aos homens como si fosse homem. Faz descripções tão naturaes, que durante bastante tempo acreditou-se,—e talvez muitos acreditem ainda, que elle exprimia suas proprias convicções.

Como narrador, elle revela-se não só como um verdadeiro artista e poeta, pela frescura e pelo superior e inegualavel encanto da faculdade de escrever, mas tambem como uma personalidade religiosa de cunho especial, todo seu. Como narrador, J não concebe DEUS passeiando na terra; sua morada é no Céo, e sómente em visões apparece aos homens, ou por meio de Anjos mensageiros. DEUS não se confina a um logar só, mas accompanha Jacob e Eliezer á Mesopotamia, Moysés e os Israelitas ao deserto, e esmaga Pharaó no Egypto; onde quer que o homem piedoso o procure, acha o Seu poderoso braço para protege-lo. Convém sempre distinguir quando J falla, elle mesmo, e quando refere uma historia antiga. Suas narrativas têm grande cunho esthetico, e entretanto não é a arte, mesmo de um sublime artista que o preoccupa; esse encanto não o prende mas torna-se-lhe apenas o meio de attingir mais elevada mira. O que J expõe não são meras historias, mas *problemas philosophicos*, á guisa de narrativas. Elle é como o philosopho, o mestre religioso e moral de sua nação. Elle aborda as questões vitaes que interessam o homem, como: Porque devemos morrer? Porque comemos o nosso pão com

[1] A. Westphal, *Ob. cit.*, II. 10, 11.

o suor do nosso rosto ? Porque precisa a mulher comprar sua hora mais feliz com a dôr mais severa ? Porque foi necessario que os homens se dividissem em differentes nações e fallassem tão diversas linguas ? Taes são algumas das questões que absorvem o interesse de J e a que, como um dos mais sabios entre os sabios de seu paiz, procurou responder nas suas narrativas. O que se vê em J é o producto de sua creação ou da sua imaginação ; adoptou os poemas e legendas transmittidos da alta antiguidade e deu-lhes fórma conveniente. E os mythos e narrativas que eram correntes sobre o Paraizo, a serpente, a arvore da vida, a Torre de Babel, etc., elle os adoptou como o alicerce de suas ideias e concepções. Com este material, este *genio religioso incomparavel* creou para os profanos e tambem na litteratura religiosa de todos os tempos, uma extraordinaria obra-prima que será considerada como preciosissima joia do intellecto humano emquanto na terra se apreciar a belleza verdadeira e a uncção religiosa." [1]

É extraordinaria a vividez com que J traça os seus dialogos, e os seus characteres, como por exemplo os de Moysés e de José. Mas em tudo tem sempre a mira em mostrar a lição religiosa. Elle refere, por exemplo, a vocação de Abrahão, mas desde o acto inicial até o fim não se esquece de aponctar a significação desse chamado divino na economia de sua nação e das de todo o universo. O seu povo ia ser o de Jahveh, tinha uma missão divina no meio dos outros : elle a vê como propheta na derrota ulterior do peccado (*Gen.*, 3 : 15), na sorte de Canaan, de Sem e de Japhet (9 : 25), nas promessas a Abrahão de ser pai de um grande povo e de na sua semente serem abençoadas as nações da terra (12 : 2, 3 ; 18 : 18, 19), etc. A presenca de Deus nos negocios humanos para J é toda *pessoal*. Elle não é apenas um Jahveh local, hebreu ; mas crêa o mundo e o homem, está na Chaldéa e na Mesopotamia, no Egypto, no Sinai, em Canaan ; sempre supremo : e ao mesmo tempo Elle desce á terra, come com Abrahão, vai a Sodoma, desce ao Sinai, etc., e todo esse anthropomorphismo só mostra como eram então simples e naturaes as concepções theologicas.

J distingue-se de E, entre outros characteristicos, por usar do nome Sinai em vez de Horeb, que este emprega e com elle o auctor do *Deuteronomio* ; si este chama de Amorrheus os habitantes da terra promettida, J sempre denomina Canaaneus ; e ao pai tradicional das doze tribus sempre chama Israel em vez de Jacob.

Já dissémos que J era symbolo de Jahvista e de Judaico, de Judá. Quanto ao primeiro distinctivo elle realmente em-

[1] A. R. Kittel (de Breslau), *The Scientific Study of the O. T.* (trad.).

prega para o nome divino a palavra *YHVH* (cuja leitura verdadeira parece ser *Iauê*), assim como E emprega em regra *Elohim*, e já se mostrou que foi neste emprego parallelo que Astruc primeiro notou que deviam existir dous estratos, duas camadas differentes no *Genesis*. Entretanto convem explicar que E usa algumas vezes do nome *Jahveh* e J de *Elohim*. E emprega *Jahveh* em 22 : 11 e 14 (aqui, duas vezes) ; 28 : 31 e 31 : 49, sendo que muito provavelmente foi de proposito empregado esse nome pelo redactor posterior. J emprega *Elohim* em 3 : 1-5, tambem no caso especial de 4 : 25 ; em 32 : 29 onde é preciso salientar o divino do humano ; e em referencias ou conversas, reaes ou imaginarias, com pagãos, como em 9 : 27 ; 39 : 9 ; 41 : 32, 38 ; 43 : 23, 29 ; 44 : 16. Tambem ha outros exemplos em vers. attribuidos a J mas que suppõem alguns criticos serem de E.[1]

Alem disso : " Quando confrontam o DEUS de Israel com os dos pagãos, é Elle chamado pelo seu nome proprio de JAHVEH (*Ex.*, 12 : 12 ; 15 : 11 ; 18 : 11). Quando apparecem pagãos fallando de DEUS usam de ELOHIM (*Gen.*, 41 : 39) e do mesmo modo os Israelitas, dirigindo-se a pagãos, não empregam JAHVEH mas só ELOHIM, como José fallando á mulher de Potiphar (*Gen.*, 39 : 9) ou aos presos reaes (*Gen.*, 40 : 8) ou ao Pharaó (*Gen.*, 41 : 16, 25, 28, 32 ; e bem assim nos vers. 51, 52, o que nos faz suspeitar que talvez haja outra razão para a preferencia de ELOHIM)."[2] . . . E tambem : " ELOHIM e JAHVEH representam a natureza divina sob diversos aspectos, a saber, DEUS da natureza e DEUS da revelação." Mais adeante tractaremos especialmente das questões sobre os nomes da Divindade.

Quanto á procedencia judaica de J,—implicando isto por conseguinte que elle escreveu no tempo em que existiam já os dous reinos separados de Judá e Israel, do Sul e do Norte da Palestina,—a quasi totalidade dos criticos opina que é inquestionavel ter sido este codigo escripto por um filho daquella secção do paiz e inteiramente do seu poncto de vista. Todas as suas narrativas se desenrollam por um prisma judaista. Rubem era o primogenito de Jacob : mas Judá é quem se adeanta a representar a José o lado dos seus irmãos e de sua familia ; só um filho de Judá se lembraria da historia de Thamar no cap. 38 da *Gen.* Si E faz Abrahão ir para Birseba, J aponcta Hebron como o seu centro principal. Em *Gen.*, 49 : 10, 12, de J, é Judá o chefe da tribu principal. Na primeira parte

[1] V. Skinner, *Gen.*, Introd.
[2] Driver, 9ª ed. ; v. tambem Chapman, *Introd. to the Pentat.*, 50-55.

da sua narrativa, (isto é, naquella que indubitavelmente pertence-lhe) pouca attenção merece Josué, o chefe israelitico, do Norte. Na missão de exploração de Canaan (*Num.*, 13, 14 : 1-10 ; *Deut.*, 1 : 20-32) é Caleb (do Sul) e não Josué quem tem o logar de destaque. Por todas estas e outras razões o auctor de J é geralmente considerado como sendo filho do reino de Judá.

Desse facto se vê que este codice de J não póde ser muito anterior a 937 A.C., quando deu-se a divisão do imperio de David-Salomão. Nöldeke assigna-lhe a data de 900, Schrader a de 975-950, H. Schultz ao reinado de Salomão, Wellhausen e Kuenen a de 850-800 ; e o cauteloso Driver diz que J e E devem muito provavelmente ser dos primeiros seculos da monarchia. Acreditamos, pois, poder assignalar em 900-850 a data de J. Ainda assim, porêm, é preciso não esquecer que J aproveitou, como E, muitos antigos elementos, já existentes ou pela tradição oral ou por escripto.

Accrescimos a J.—Resta-nos agora fallar dos retoques e accrescimos que o codice J soffreu até ser juncto ao actual canon do V. T.

Ao passo que originariamente J podia ter sido algum propheta isolado, o facto é que o seu material na successão dos seculos passou por accrescimos, emendas, e suppressões de outros continuadores, que os criticos indicam symbolicamente por ou J^s ou por J^1, J^2, etc., ou ainda por J^b, J^c, etc. Estes homens foram inspirados, e alguns dos seus retoques gozam de auctoridade inteiramente egual á de J, como os que versam sobre a genealogia dos primeiros habitantes de Canaan ; as notas explicativas, como por exemplo, a que identifica Hebron com Arbea ou Cariath-Arbe, " onde está enterrado Adão " (*Gen.*, 23 : 2 ; *Jos.*, 24 : 15) ; algumas inserções que melhor explicam o sentido espiritual de certas passagens, como na oração de Moysés (*Ex.*, 34 : 6, 7, 9), e outras que tornam mais claras ou completam as narrativas.

Esta visto que todos estes accrescimos se foram fazendo paulatinamente, ainda até porque não haveria sinão raras copias do original de J naquelles tempos. J E só foram canonizados em 444 A.C. e nesses seculos era natural que os seus codigos soffressem modificações, " sobretudo entre 750 e 650." [1]

Vocabulario de J.—Como a critica separou os diversos elementos do Pentateuco em grande parte pelo seu vocabulario especial, este assumpto merece attenção. Depende elle, porêm,

[1] Kent, *Beginnings of Hebrew History*, pag. 37.

de um conhecimento cabal do Hebraico antigo, e como esta lingua não é muito conhecida entre aquelles para os quaes é escripta especialmente esta obra, limitamo-nos a notar apenas algumas observações geraes, extrahidas das melhores auctoridades. Cada uma das quatro fontes do *Pent.* tem não só o seu estylo especial como o seu vocabulario predilecto. Entre J e E as differenças são perceptiveis apenas aos mais adestrados criticos; mas entre J E e D e P abundam as peculiaridades de suas maneiras de dizer. Em consequencia de accrescimos feitos durante seculos P, apezar de conservar bem nitida a sua individualidade, já apresenta diversidade logographica. É muito difficil dar ideia destes vocabularios predilectos aos elementos sem reportar-nos ao Hebraico. Tracta-se quasi sempre de certas palavras repetidas ou só usadas por algum dos quatro escriptores e que, em linguas para que foi vertido o Hebraico, são reproduzidas por phrases *diversas.*

Em todo o caso vamos notar algumas das palavras e expressões que são peculiares a J.[1] Como a Vulgata é traducção directa do *Pent.*, nossas referencias não serão, neste caso, á versão de A. P. de Figueiredo.

1. Ha uma expressão hebraica peculiar a J que se traduz "Deste modo" "segundo esta maneira": é encontrada em *Gen.*, 18 : 25; 39 : 17, 19; 44 : 2 e *Jos.*, 2 : 21. A *Vulg.* dá na primeira citação *hanc rem* (tal cousa). Na segunda citação em vez de escrever: "fallou-lhe *desta maneira*, a *Vulg.* supprime esta expressão e o mesmo faz no caso seguinte; em 44 : 2 a *Vulg.* dá para a expressão *ita*, que vai muito bem, e que Figueiredo traduziu *assim.* Do mesmo modo ambos dão a expressão em *Jos.*

2. Ha outra expressão "Chamou-lhe o nome" ou "seu nome foi chamado,' e que se vê em *Gen.*, 11 : 9; 19 : 22; 29 : 34; 30 : 6; *Ex.*, 15 : 23, *Jos.*, 7 : 26 e *Juizes*, 13 : 24. A *Vulg.* dá o primeiro como *Vocatum est nomen ejus*; o segundo, *Vocatum est nomen*; o terceiro e quarto *appellavit nomen ejus*, ao quinto, resumindo, traduz apenas *vocans*; ella dá em *Jos.*, 7 : 26 *vocatum est nomen* e em *Juizes*, 13 : 24, *vocavit nomen.*

3. J emprega varias vezes, e elle só, a expressão *descer* JAHVEH á terra: vemo-la em *Gen.*, 11 : 5, 7 (*descendit, descendamus, Vulg.*); 18 : 21 (*descendam*); *Ex.*, 3 : 8 (*descendi*); 19 : 11, 18, 20 (*descendet, descendisset, descendit*); 34 : 5 (*decendisset*).

[1] Na obra de Carpenter-Harford Battersby, *The Hexateuch*, são encontradas tabellas muito completas dessas palavras hebraicas; e tambem em Holzinger, *Einleitung.* C. F. Kent, *Beginnings of Heb. Hist.* traz um resumo. Driver, *Introd. to the Lit. of O. T.*, dá bom resumo do vocabulario de P.

4. Ha outra expressão predilecta delle : " habitar no meio de," e que apparece em *Gen.*, 24 : 3 ; *Jos.*, 6 : 25 ; 9 : 7, 16, 22 ; 13 : 13 ; *Juizes*, 1 : 29, 32. A *Vulgata* só duas vezes traduz litteralmente.

5. Uma palavra que se traduz por " Eis agora " é empregada em *Gen.*, 12 : 11 ; 16 : 2 ; 18 : 21, 31 ; 19 : 2, 8 ; 27 : 2 e a *Vulg.* não a traduz duas dessas septe vezes (*ecce vides*).

6. A expressão " invocar o nome de JAHVEH " é predilecta de J e a encontramos em *Gen.*, 4 : 26 ; 12 : 8 ; 13 : 4 ; 21 : 33 ; 26 : 25 ; *Ex.*, 34 : 5.

7. Outra palavra que é peculiar a J é " conceber " no sentido de estar com filho : vemo-la em *Gen.*, 4 : 1, 17 ; 16 : 4, 11 ; 19 : 36 ; 21 : 2 ; 25 : 21 ; *Num.*, 11 : 12.

8. Uma expressão commum delle é tambem " rebanhos e manadas " ou " ovelhas e bois " : *Gen.*, 12 : 16 ; 13 : 5 ; 24 : 35 ; *Ex.*, 9 : 3 ; 10 : 9, 24 ; *Num.*, 11 : 22.

9. " Conhecer " por cohabitar vem em *Gen.*, 4 : 1 ; 4 : 17, 25 ; 19 : 5, 8 ; 24 : 16 e 38 : 26, e é peculiar deste codigo.

10. " Sheol " por tumulo, buraco, é tambem delle : *Gen.*, 37 : 35 ; 42 : 38 ; 44 : 29, 31 ; *Num.*, 16 : 30, 33. A *Vulg.* traduz *infernum*, e *ad inferos*.

11. Outra expressão peculiar é : " Puzeram-lhe o nome de." Achamo-la em *Gen.*, 11 : 9 ; 19 : 22 ; 29 : 34 ; 30 : 6 ; 31 : 48 ; 33 : 17 ; 50 : 11 ; *Ex.*, 15 : 23 ; *Jos.*, 7 : 26, que a *Vulg.* nem sempre dá no mesmo modo, empregando *vocatum est nomen*, etc. Em *Ex.*, 15 : 23 traduz correctamente *nomen imposuit*, que no Hebraico é sempre a mesma expressão.

12. " Achar favor " encontramos em *Gen.*, 6 : 8 ; 18 : 3 ; 19 : 19 ; 32 : 5 ; *Ex.*, 33 : 12, 13, 16 ; *Num.*, 11 : 11, 15. A *Vulg.* dá *invenire gratiam*, correctamente.

13. " Onde correm o leite e o mel " (em relação á Terra promettida) é mencionada em *Ex.*, 3 : 8, 17 ; 33 : 3 ; *Num.*, 13 : 27 ; 14 : 8 ; 16 : 13.

14. " Terra de Goshen " por " Egypto " é expressão peculiar de J. Encontramo-la em *Gen.*, 45 : 10 ; 46 : 28, 29, 34 ; 47 : 1, 4 ; *Ex.*, 8 : 22 ; 9 : 26.

15. A palavra que no antigo Hebraico é " apressar-se " " fazer desde logo " é predilecta do auctor : vemo-la em *Gen.*, 18 : 6 (duas vezes), 7 ; 19 : 22 ; 24 : 18, 20 ; 27 : 20 ; 43 : 30 ; 44 : 11 ; 45 : 9, 13 ; *Ex.*, 2 : 18 ; 10 : 16 ; 12 : 33 ; 34 : 8 ; *Jos.*, 8 : 14, 18 ; *Juizes*, 13 : 10. A *Vulg.* dá o termo por outros *velocius*, *festinare*, *celeriter*, etc.

16. Ha uma expressão " Viu e olhou " ou " Eis que viu " ou " viu e oh ! " que é muito empregada por J, e que entretanto nenhuma só vez pôde ser reproduzida na *Vulg.* É achada em

Gen., 8 : 13 ; 18 : 2 ; 19 : 28 ; 24 : 63 ; 26 : 8 ; 29 : 2 ; 33 : 1 ; 37 : 25 ; *Ex.*, 3 : 2 ; *Jos.*, 5 : 13 ; 8 : 20.

17. " Mensageiro de JAHVEH " occorre em *Gen.*, 16 : 7, 9, 11 ; 22 : 11, 15 ; *Ex.*, 3 : 2 ; *Num.*, 22 : 22, 23, 24, 25, 26 e 27, 31, 35. A *Vulg.* traduz invariavelmente *Angelus Domini* e n'uma dessas passagens dá simplesmente *Dominus.*

Cremos que bastam estes exemplos para mostrar como a linguagem das fontes que concorreram para a formação do Pentateucho, podia ter auxiliado muito, como auxiliou, a critica na discriminação dessas fontes.

CAPITULO XIX

O ELEMENTO "E"

Ha annos, quando se pensava que o livro mais antigo do Pentateuco era o que hoje chamamos Codigo Sacerdotal ou P, que tambem era *Elohista*, isto é, empregava como nome de Deus *Elohim* de preferencia a outros, E ia pelo nome de "Segundo Elohista," P sendo o primeiro por suppôrem-n'o mais antigo.[1]

Infelizmente este elemento bazico do nosso Pentateuco, E, só nos chega na Biblia bastante mutilado.

Elle só entra em scena em *Gen.*, cap. 15 e em poucos vers., por occasião da promessa e alliança de Deus com Abrahão, a quem, segundo elle, appareceu n'uma visão. "Não temas, Abrahão, sou o teu escudo." E prometteu-lhe descendencia tal que, como as estrellas, ninguem poderia numerar. Essa descendencia iria para o estrangeiro onde seria escravo; mas Deus a livraria. Refere-nos depois (cap. 20) como Abrahão habitou entre Cadés e Sur e peregrinou em Gérara a cujo rei, Abimelech, enganou sobre Sarah ser sua mulher. Sarah dá á luz Isaac, que, já crescido, serve de prova á fé de Abrahão, seu pai, que se prepara para sacrificar este filho da promessa na persuação de que Jahveh assim o desejava. Mas o Senhor não queria o sacrificio de uma alma, e innocente, e abençoa novamente a Abrahão, que acha um substituto para offerecer em holocausto a Deus.

Sua seguinte narrativa é a da venda do seu direito de primogenitura por Esaú, filho de Isaac, em favor de Jacob, por meio de uma decepção planejada por sua mãe. Isaac abençoou ao segundo filho, perante o qual, disse, seus irmãos serão como subditos. Jacob parte para Aram e na viagem teve em Bethel uma visão celeste e viu a escada em que da terra ao céo subiam e desciam anjos de Deus: e acordando levantou um altar, que ficou celebre em Canaan, Bethel. Jacob vê e reside com Labão, seu tio, em Aram: presta-lhe serviços durante quatorze annos em paga primeiro de sua mulher Lia, e depois de Rachel

[1] Westphal, *ob. cit.*, II, 1, ainda o chama assim por ser "o segundo Elohista em importancia."

e tem dellas e de suas concubinas onze filhos e uma filha. Depois obriga-se a continuar no serviço de Labão por uma quota do augmento nos rebanhos. Labão evita sempre pagar-lhe o devido e tem ciumes do genro por tudo sahir-lhe bem nos contractos com elle. Notando Jacob grande mudança no seu tracto foge com suas mulheres, filhos, aggregados e rebanhos. Labão sai-lhe no encalço e alcança-o em Gilead, onde fazem as pazes, erigindo disso um monumento ou padrão de pedras toscas. Depois que voltou Jacob habita perto de Sechem, onde comprou terras e erigiu um altar a El, deus de Israel. Entretanto, recebe a inspiração de ir para Bethel onde erige um altar a Deus, que o assistiu quando fugia de Esaú : antes disso reuniu a sua gente e intimou-a a que lançasse fóra os deuses estranhos que traziam, e que se purificasse.

Depois de um silencio que bem prova que o redactor do *Genesis* preferiu aqui aproveitar sómente a J, apparece E na historia de José, quando elle conta a seus irmãos o sonho que tivera e que tanto os desgostou (37 : 5-11). Vendo elles o sonhador longe da casa e projectando mata-lo, Rubem, o primogenito, intercede e suggere que não o matem, mas o ponham n'uma cisterna, e assim o fizeram. Passando por ali viandantes ismaelitas (vers. 25) (e não madianitas como em J) tiraram-n'o da cisterna e o venderam no Egypto ao eunuco Potiphar, general do pharaó. Na historia de José no Egypto os commentadores dão varias intelligencias ao texto : Driver pensa que os caps. 40-43, excepto passagens isoladas, pertencem a E, e parece ter razão. Cornill dá a J apenas quatorze versetos ou partes de versetos no cap. 42 e nove no cap. 43. Mas o cap. 45, quando José se dá a conhecer a seus irmãos é em parte de J, segundo o mesmo critico, e o redactor fez bem engastar aqui esta perola, das mais bellas da Biblia ; assim como é de J, como se disse, a historia da astucia de José para deter os seus irmãos. Mas a maior parte deste lindo episodio é de E. Chamado ao Egypto, Jacob recebe intimação de Deus para lá descer, com a promessa : " Eu te farei lá chefe de uma grande nação " (46 : 3). Apoz annos de residencia com José, o velho Israel o abençôa e a seus filhos, pondo a sua dextra sobre a cabeça do mais moço, Ephraim, em vez da do primogenito Manasséh. Morto Israel, José anima a seus irmãos e promette esquecer-lhes o seu crime e " a consolar com muita brandura e carinho " (50 : 21). E passados annos morreu tambem José e foi " embalsamado com aromas."

No Exodo E, como já dissemos, confunde-se muito com J. Apparece com a ordem do pharaó ás parteiras dos Hebreus,

de que só havia duas, que elle chama por seus nomes, para que matassem os recemnascidos varões. Moysés foi salvo e nem as parteiras cumpriram a ordem cruel. Vemos depois Moysés apascentando as ovelhas do seu futuro sogro, Jethro. Na apparição de DEUS em Horeb (outro nome do Sinai), o SENHOR diz que era o "DEUS de teu pai, o DEUS de Abrahão, o DEUS de Isaac, o DEUS de Jacob"; e lhe annuncia que está resolvido a tirar o seu povo opprimido da terra do Egypto, e que enviaria a elle Moysés para executar esse Seu intento. DEUS avisa-o de que o pharaó recalcitraria em deixar o povo sahir; mas Elle estenderá a Sua mão e ferirá o Egypto de modo que depois disto elle o largará e elle não sahirá com as mãos vasias (*Ex.*, 3 : 4[b], 6, 9-15, 19-22).

DEUS disse ao Seu enviado que si o povo perguntasse-lhe qual o nome daquelle que o enviou, elle deveria responder: O Seu nome é: "Eu sou o que serei." DEUS é AQUELLE QUE É, JAHVEH.

Só de E temos a historia da revelação do divino nome.

Moysés volta ao Egypto, com a vara que lhe foi concedida. Encontrou-se e entendeu-se com seu irmão Aarão e os dous se apresentaram ao pharaó, que os reprehendeu por distrahirem o povo das suas obras. Vem então a série de pragas, cuja narrativa é quasi toda de J, como já se viu. Mas E refere uma praga de que J ou P não tractaram,—a das trevas espessas (10 : 21-23). Afinal os Hebreus, promptos a sahir, obtêm dos Egypcios vasos de prata e ouro e muito vestuario (12 : 35, 36). DEUS conduziu o povo pelo deserto, não em caminho directo para Canaan, mas por grande rodeio. Perseguidos pelos Egypcios, já perto dos braços superiores do Mar Vermelho, e, protegidos por uma nuvem, atravessaram a pé enxuto aquelle braço do mar, sendo que os Egypcios que os perseguiam, viram-se totalmente desbaratados.

Pelo deserto o povo frequentemente se revoltava contra Moysés por have-lo mettido nessa vida escabrosa. Vem depois a narração da guerra com Amalec (17 : 8-16) que apparece deslocada ahi, e da visita de Jethro a seu genro, a quem trouxe sua mulher e filhos. Jethro viu que oneroso era o trabalho de Moysés, tendo de julgar, assentando todo o dia, as muitas questões entre o povo; e Jethro suggeriu que elle determinasse uma série de instancias, reservando-se as questões mais importantes. E Moysés seguiu o conselho do sôgro (cap. 18).

Chega afinal o povo ao Sinai, propriamente ao "deserto do Sinai." Moysés subiu ao monte e desceu para sanctificar o povo. No terceiro dia ouviram-se trovões e viram-se relampagos, testemunhando a presença de DEUS no monte. E

é de E que temos o Decalogo ou o mandamento das dez leis (cap. 20) bem como uma série de leis geraes de character religioso, civil e criminal (caps. 21-23). Veiu depois Moysés referir ao povo o que ouvira de JAHVEH e o povo respondeu que faria tudo o que Elle disse. E Moysés escreveu as ordenações recebidas, erigiu um altar com doze padrões, correspondentes ao numero de tribus, e ahi o povo offereceu holocaustos. "Moysés, pois, tomou metade do sangue . . . e derramou-a sobre o altar, e tomando o livro do concerto."—i. e. as ordenações que ouvira e que escrevêra, "leu, ouvindo todo o povo," que confirmou o concerto (24 : 3-7). E Moysés subiu novamente ao monte para receber os principaes mandamentos em duas lapides ; o povo, porêm, vendo que elle se demorava, fundiu, sob a direcção de Aarão, um bezerro de ouro, que inaugurava com festivo alarido, quando Moysés, tendo descido do Monte com as lapides na mão, as jogou fóra (32 : 1-8, 15-24).

Em seguida, temos de E o importante trecho (33 : 6-11) em que se descreve o que era o verdadeiramente o tabernaculo no deserto,— bastante diverso do descripto por P neste mesmo livro, seculos depois. Moysés, diz o texto, pôz a barraca sagrada longe do campo e chamou-lhe tabernaculo do concerto e lá apresentava-se quem tinha difficuldade a solver. Quando Moysés entrava na tenda "descia a columna de nuvem e parava á porta e JAHVEH fallava com Moysés . . . cara a cara, bem como um homem costuma fallar ao seu amigo." E quando Moysés voltava ao campo era "o moço Josué, filho de Nun," que servia o tabernaculo e que delle não se apartava.

A contribuição de E em NUMEROS, repetimos, difficilmente se distingue da de J. Só no cap. 10 começam a apparecer vestigios delle no pequeno cantico de Moysés, quando se elevava a arca, e quando se a depunha (35, 36). Tambem é delle a referencia ás murmurações do povo, afadigado em 11 : 1-3. Elle conta depois como foram instituidos septenta anciãos para ajudarem Moysés, vindo em seguida a historia da sedição de Miriam e Aarão. No cap. 13 ha trechos sobre a rota que seguiram os Hebreus no deserto, e á vista da falta de fé do povo, E nos conta como DEUS resolvêra não deixar entrar em Canaan os espias e outros que tiveram medo dos Canaaneus (14 : 22-25[a]) ; e como depois, arrependidos, querendo voltar atraz, Moysés não consentiu (40-45). É tambem de E a narrativa do pedido ao rei de Edom para passarem pelo seu paiz, e a sua resposta negativa.

Todo o cap. 21, em que se descrevem jornadas dos Israelitas e suas luctas com os reis de Moab e de Basan, bem como os

caps. 22 e 23, em que temos em grande parte as prophecias de Balaão, são de E, e a sua contribuição em *Numeros* se finda com a historia da distribuição ás tribus de Gad e de Rubem e a meia tribu de Manasséh, filho de José, dos reinos de Og e Sehon, de Bassan e dos Amorrheus; e a Maquir, outro filho de Manasséh, o paiz de Gilead.

No *Deuteronomio* pertencem a J E, ou antes á sua eschola, o cap. 33, em substancia e uns dez versiculos e alguns desses mesmos só em parte.

Em consequencia da origem de E, chamam-no tambem os criticos, alem de Elohista, o *Ephrahimita*,—de certo melhor designação, pois ha outro elemento que tambem emprega frequentemente o nome ELOHIM.—" Ephraim " é como Oséas, o grande propheta do Norte de Israel, alludia á sua terra natal.

Não temos em E o brilho dos dialogos e das descripções de J, nem, quando se refere á alta antiguidade, o anthropomorphismo deste, que empresta a DEUS um cunho tão pessoal. Para E, DEUS é mais espiritual; apparece em visões e sonhos ou por seus mensageiros-anjos: é só a Moysés que se revela face a face. Apezar de prestar mais attenção ao culto e aos sacerdotes do que J, elle bazêa-se sobretudo no papel prophetico dos acontecimentos, para tirar-lhes a licção. Só a obediencia a JAHVEH e aos que Elle estabeleceu para governar-nos, póde trazer-nos felicidade; e quando lhe não obedeçamos o castigo vem certo. Mais moderno do que J, E já ensina implicitamente que a revelação da religião é progressiva, adaptando-se ao gráo de fé religiosa dos que a recebem; já se vêm ahi concepções mais adeantadas sobre a natureza e o governo divinos.

Sendo trabalho de um Ephrahimita, é natural que considere José como a figura central da sua historia,—o primeiro entre os irmãos e o predilecto de JAHVEH. Para elle o chefe das tribus era Rubem, e não Judá. Em suas narrativas são mencionados frequentemente os logares sanctos como Bethel, Siquem e Bersabé; e é a este ultimo local que elle faz vir Abrahão, contra o que diz J, que o leva a Hebron de Judá. O Ephrahimita Josué, nesse elemento, é o companheiro e o continuador de Moysés; e só E menciona onde eram os tumulos de Debora e Rachel.

E não só nos conta mais por menor a historia de José como, observam Dillmann e Driver, parece muito bem informado sobre cousas do Egypto, dando-nos muito intelligivelmente varios nomes na sua lingua e outras minudencias que emprestam uma côr local admiravel á sua narrativa.

Como J, E occupa-se dos tempos primitivos do seu paiz,

este, porêm, menos imbuido do espirito religioso do que J, mas nem por isso menos compenetrado de pertencer ao povo escolhido, descendente de Abrahão e servidor do verdadeiro DEUS. Para elle Abrahão e Moysés tiveram missões divinas, propheticas. Tira lições religiosas dos factos correntes, como por exemplo na narrativa de José, em que mostra como, a despeito de sua vontade, agentes humanos realisam os designios de DEUS.

Ha algumas peculiaridades na linguagem de E. Em *Gen.*, 13 : e 35 : 7 e em *Jos.*, 24 : 9, o nome de DEUS consiste n'um plural, *Elohim*. Emprega *Horeb* em vez de Sinai (*Ex.*, 3 : 2 ; 17 : 6 ; 33 : 6) e chama os povos da Palestina antes da conquista de *Amoritas* ou Ammorrheus contra J. *Canaanitas* ou Canaaneus (*Gen.*, 15 : 16 ; 48 : 22 ; *Num.*, 21 : 21), etc.

Ha ainda peculiaridades de linguagem, exclusivas de E. Como já dissemos, precisariamos accompanhar no texto hebraico essas repetidas expressões especiaes, que, traduzidas para outras linguas, não podem ser reproduzidas sempre pelo mesmo termo. Por exemplo : E emprega frequentemente uma expressão hebraica que, litteralmente, significa " passado isto " ; mas a Vulgata traduz : *His transactis* (*Gen.*, 15 : 1), *haec post quam gesta sunt* (*Gen.*, 22 : 1) : *post multos itaque dies* (*Gen.*, 39 : 7) ; *his ita gestis* (*Gen.*, 40 : 1) *his ita transactis* (*Gen.*, 48 : 1) e *post haec* (*Jos.*, 24 : 29).

A palavra hebraica que significava *furto* ou *furtar* é especial de E, que a emprega no *Gen.*, 30 : 33 ; 31 : 19, 26, 30, 32, 39 ; 40 : 15 ; *Ex.*, 20 : 15 ; 21 : 16 ; 22 : 2, 4, 7, 8 e 12. E taes exemplos poderiamos multiplicar.

Segundo Wellhausen, este pequeno codigo E, só nos chega ás mãos em poucos trechos engastados em J, com cujo auctor E mostra a maior solidariedade de pensamento. Com effeito, o documento, como já vimos, depois de deixar alguns vestigios no cap. 15, só parece entrar em *Gen.*, nos caps. 20, 21 e, até no cap. 31, só temos fragmentos delle, seguindo-se outros fragmentos, até os caps. 40 a 43 e depois algumas secções nos caps. 45 e 50. E em verdade, apezar de que E e J são dous documentos diversos, é notavel o seu parallelismo. De facto, outro critico mais moderno, Klostermann, entende até que J e E não passam de um só e unico documento original.

A opinião mais geral, porêm, é que J e E são dous documentos diversos. Cornill pensa que os dous escriptores têm relações muito intimas entre si, tractam da mesma materia do mesmo modo essencial, e apresentam uma unidade compacta em relação a P, mas, estudando-se cada um por menor, descobrimos divergencias e differenças que tornam possivel

distinguir a sua posição relativa. Assim, é muito instructivo comparar a primeira narrativa seguida de E, em *Gen.*, 20 : 1-17, com a sua parallela jahvista em *Gen.*, 12 : 19, 20. Na ultima temos uma historia humana, fortemente realistica ; na de E apresenta-se uma legenda com todo o apresto scenico do maravilhoso, e isso quando nem era proprio introduzil-o ahi. Em geral E gosta de, em logar do pragmatismo humano de J, invocar o auxilio de causas sobrenaturaes, revestir o lado externo das suas narrativas de um character religioso mais definido : assim, Abrahão é um propheta que intercede com Deus (*Gen.*, 20-7) ; Jacob mostra-se ancioso que suas mulheres deitem fóra os seus "deuses extranhos" (*Gen.*, 35 : 4) ; o nascimento de Issachar e de José, que J associa ás mandragoras de Rubem (*Gen.*, 30 : 14-16) torna-se em E um acto de mera graça divina (vv. 17, 18, 22 B e 23) ; a fertilidade extraordinaria dos rebanhos de Jacob é devida, segundo J, á manipulação de varas descascadas (*Gen.*, 30 : 28-43), ao passo que E fa-la causada pela intervenção maravilhosa de um anjo e revelada n'um sonho (*Gen.*, 31 : 9-12) : em J (*Ex.*, 34 : 1-27) o proprio Moysés corta e escreve as duas Taboas da Lei e esse facto explica a sua demora no Monte Sancto, ao passo que em E (31 : 18) elle recebe as Taboas já cortadas e inscriptas pelo dedo de Deus, de modo que não se explica a sua demora no Monte. Além disso o Decalogo de J parece ser muito mais antigo do que o de E : basta comparar o cap. 34 com o cap. 20 do *Ex.* Si em J os anjos andam na terra como homens (*Gen.*, 16 : 7 e caps. 18 e 19 ; *Num.*, 22 : 22 a 24), os de E fallam-lhes do céo (*Gen.*, 21 : 17 ; 22 : 11, etc.), o que mostra certo desenvolvimento da ideia religiosa. Mais ainda : J falla de Jahveh, mesmo, de um modo anthropomorphico e anthropopathico, como só a maior ingenuidade poderia suggerir, ao passo que E, no *Ex.*, 3 : 3-15, chama attenção para o facto que o nome divino é pela primeira vez revelado a Moysés.

Por todas estes motivos Cornill accompanha Wellhausen, H. Schultz, E. Meyer, Stade, Kuenen, Holzinger, Wildeboer, Kautzsch e Gunkel em crer que ha aqui dous documentos,— J que é relativamente mais antigo do que as duas outras fontes, não seguindo-se disto, porêm, que E não mostre muito que seja verdadeiramente antigo e original.

Precisamos chamar attenção para ainda outro poncto : e é que ambos estes auctores biblicos, J e E, como os lemos no *Pentateuco*, não apresentam um conjuncto homogeneo. Nos seculos que correram antes de sua admissão e acceitação definitiva como canonicos, elles não puderam evitar, apezar de todo o cuidado dos Judeus em conservar-lhes a integridade,

a influencia das mudanças das epochas. Um redactor corrigiria aqui uma palavra ou uma lettra, outro accrescentaria uma explicação elucidativa, outro retocaria uma palavra para evitar confusão, etc.

As minuciosas investigações de Kuenen levaram-no a distinguir em E duas edições dentro do proprio elemento, e que elle denomina E^1 e E^2. A obra original publicada provavelmente em 800-750 (o reino de Israel esboroou-se em 722) não podia satisfazer de todo os de Judá, que ficaram herdeiros unicos das tradições e da litteratura do Norte ou Israel e elles naturalmente emprehenderam uma revisão sua de E. O mesmo critico attribue á revisão ulterior de E^2 a inclusão no texto do *Exodo* (caps. 32 e 33 : 1-6) do Decalogo e da narrativa que lhe serve de quadro. Acha que seria inadmissivel que E^1 tractasse do bezerro de ouro, como vemos, de um modo tão deprimente para Aarão.

Cornill tambem pensa que a fórma da narrativa de *Gen.*, cap. 34, póde ser attribuida a E^2, pois esta historia não se póde harmonizar com a de *Gen.*, 48 : 21, que é de certo de E^1. O mesmo critico crê que, apezar do que se lê em *Jos.*, 24 : 2, pertence tambem a E^2 o trecho do *Gen.*, 35 : 1-4 sobretudo considerando-se que no cap. 30 a familia de Jacob nos é descripta como piedosa e temente a Deus.

Resta-nos tractar da data em que foi escripto E. Já dissemos que a grande maioria dos criticos pensa que J é, digamos, de 900-850 A.C. Todos concordam que E seia posterior. Geralmente marca-se a do feliz reinado de Jeroboam II cêrca de 750 A.C. ou 28 annos antes da perda de Israel. Poderemos, pois, dizer que foi escripto provavelmente entre 800 e 750 A.C.

CAPITULO XX

O DEUTERONOMIO

Como o temos hoje, o *Deuteronomio* é um livro apparentemente bem homogeneo e muito diverso dos outros quatro do Pentateucho, não só no estylo, mas no escôpo e no arranjo.

Consiste elle de trez discursos que se diz que Moysés pronunciou nos ultimos mezes de sua vida, na planicie de Moab, do lado oriental do Jordão e á vista de Canaan, discursos exhortatorios aos Israelitas, mostrando-lhes como por todas as considerações deviam amar a Jahveh e seguir as suas leis, os seus mandamentos e instrucções. Esses discursos servem de moldura para uma collecção desses preceitos legaes, que occupam a maior parte do Livro, isto é, vinte e trez dos seus trinta e quatro capitulos. Eis como se distribue o seu conteudo:

1 : 1-5.—Proemio, dizendo donde são proferidas estas palavras de Moysés, no trans-Jordão, na planicie do deserto, a onze jornadas do Horeb, e no paiz de Moab no trans-Jordão (novamente).

1 : 6—4 : 60.—Primeiro discurso de Moysés. Elle falla na primeira pessôa, recorda algumas das peripecias da viagem para a posse de terra que Deus havia promettido á descendencia de Abrahão. Moysés lembra aos Israelitas que ao chegarem a Cadés mandou doze exploradores que examinassem o paiz e lhes ensinassem o caminho, e cujo relatorio tanto os amedrontou que não quizeram subir, e á vista desta falta de fé na palavra de Jahveh, este resolvêra que nenhum dos homens dessa geração, excepto Caleb, entraria na terra promettida sob juramento de Deus mesmo. E Moysés accrescentou que nem elle mesmo entraria por ter-se irado Deus contra elle por causa do povo. Moysés diz então que, depois de terem permanecido muito tempo em Cadés foram pelo deserto por trinta e oito annos e passaram depois pelos confins dos Edomitas, Moabitas e Ammonitas até que derrotaram a Og, rei de Bassan e a Sehon, rei de Hesebon; e como deu ás tribus de Rubem e de Gad toda essa região, desde o Arnon até o meio da cordilheira de Gilead, e á meia-tribu de Manasséh, a outra parte de Gilead,

Bassan e toda a região de Argob, insistindo, porêm, com os dessas tribus a que fossem auxiliar os seus irmãos que iriam estabelecer-se álem-Jordão. Feito isto, Moysés torna a pedir a DEUS para que o deixasse ir tambem a essa terra, mas não foi ouvido; e todas ficaram no valle "defronte do templo de Fogor."

O auctor do *Deuteronomio* faz então (4 : 1-40) Moysés appellar a seus irmãos para ouvirem os preceitos e juizos que elle ensina-lhes por parte de JAHVEH, sem lhes tirarem ou accrescentarem cousa alguma; pois nessa observancia mostrarão aos povos a sua sabedoria e intelligencia, porquanto não havia nação que tivesse DEUS tão perto de si como esta, nem povo "que tenha ceremonias e ordenações cheias de justica, e toda uma lei" como esta que Moysés diz: "hoje proporei deante dos vossos olhos." Elle relembra então alguns incidentes no Horeb (Sinai) onde o povo não viu figura alguma de DEUS. É preciso não esquecer isso nem o pacto feito entre DEUS e o povo, nem que não se deve fazer figura alguma de JAHVEH: si não cumprir estes preceitos o povo será exterminado, só perdoando-se-lhe si buscar de novo a DEUS em toda a amargura e arrependimento, pois DEUS é sempre misericordioso. DEUS é um só, não ha outro: que o povo de Israel, pois, guarde os Seus preceitos.

Seguem-se no texto tres versetos (4 : 41-43) que parecem ter sido aqui enxertados, sobre a escolha de trez cidades para o refugio de homicidas involuntarios, "na banda do trans-Jordão para o oriente."

Temos então a introducção do *Segundo* discurso de Moysés nos seis versetos, 44-49, começando por: "Esta é a lei que Moysés propôz perante os filhos de Israel," e indicando novamente que se achavam elles no trans-Jordão e no valle em frente a Fogor. Não temos, como pareceria daquellas primeiras palavras, um codigo, mas sim outro discurso que vai do cap. 5, até realmente ao cap. 28, com pequena interrupçao no cap. 27, em que o auctor faz Moysés dirigir-se ao povo na terceira pessôa. Nem todos estes vinte e trez ou vinte e quatro capitulos comprehendem a "lei que Moysés propôz" como disposições strictamente legaes. A "lei" aqui significa o Torah, os preceitos geraes bem como os especiaes de DEUS: e Moysés só repete os doze mandamentos e as disposições relativas ao exterminio dos idolos canaanenses, até o cap. 11 inclusive, occupando-se muito mais de exhortar os Israelitas a ter em memoria a grande bondade de JAHVEH, e a necessidade de ama-lo sobre todas as cousas deste mundo, e a de não seguir nenhum deus estrangeiro. A parte strictamente legislativa, com essa excepção, vai do cap. 12 ao cap. 28.

Esta parte legislativa está dividida assim :—

Leis sacras : Culto do sanctuario unico, cap. 12 ; prohibição da idolatria, cap. 13 ; pureza pessoal, 14 : 1-21 ; dizimos e festas, 14 : 22-16 : 17.

Auctoridades theocraticas : Juizes, 16 : 18-17 : 20 ; Sacerdotes, 18 : 1-8 ; Prophetas, 18 : 9-22.

Justiça criminal : *homicidio involuntario*, 19 : 1-10 ; homicidio, 19 : 11-13 ; traspasse das terras alheias, 19 : 44 ; falso testemunho, 19 : 15-21 ; homicidio de auctores desconhecidos, 21 : 1-9.

Leis diversas : sobre a vida civil e domestica, captivos, 21 : 10-14 ; heranças, 21 : 15-17 ; filhos rebeldes, 21 : 18-21 ; costumes, 22 : 13-23 : 25 ; contractos, cap. 24 ; disputas, 25 : 1-12 ; pesos e medidas, 25 : 13-16. Os capitulos 20 e 26 contêm leis não enumeradas alli sobre o serviço militar e o modo de offerecerem os dizimos.

O cap. 27 como que interrompe esse discurso de Moysés sobre as leis, occupando-se da acceitação, por parte do povo, da alliança com Jahveh e da maldicção que recahirá sobre o que não permanecer firme nas ordenações de Jahveh ; e o cap. 28 continua o assumpto e descreve as bençãos sobre o que seguir o Senhor, servindo isso de peroração a este segundo discurso de Moysés.

De 29 : 1-30 : 20 ha ainda outro discurso de Moysés, o terceiro, todo homiletico e parenetico, mostrando novamente aos Israelitas a necessidade de obedecer e de amar a Deus e o perigo da idolatria e promettendo o perdão divino pelas faltas de que sinceramente se arrependam.

Depois de algumas palavras de animação ao povo e a Josué, a quem nomeia seu successor (30 : 1-8), diz o texto que Moysés escreveu a Lei e a entregou " aos sacerdotes filhos de Levi " para que o lessem de septe em septe annos (vv. 9-13). Outras disposições sobre isso, vv. 14-30.

No cap. 32 temos o " Cantico de Moysés," que elle recitou deante de todo o povo (1-47) e a intimação a Moysés para subir ao monte Abarim e ao Nebo onde deveria morrer (48-52).

O cap. 33 contém a conclusão da obra com as bençãos de Moysés ás differentes tribus.

Finalmente no cap. 34 (1-12) temos a noticia da morte de Moysés e do seu enterramento, e diz-se que viveu 120 annos e foi chorado pelo povo de Israel por 30 dias ; e Josué, ao qual Moysés impôz as mãos, foi cheio de espirito para que o povo lhe obedecesse ; e faz-se o elogio do propheta Moysés.

Assim, pois, o *Deuteronomio* contém trez partes : a paranetica ou exhortatoria, a das referencias historicas e a das leis

(*mitsvah*), dos estatutos (*Kuqqim*) e das ordenações (*mishpatim*), que propôz ao seu povo.[1]

Da primeira parte tractaremos mais de espaço quando adeante tivermos de estudar o desenvolvimento da religião entre os Israelitas. E a parte legal será exposta por menor quando chegar a vez de nos occupar da legislação mosaica. O que nos cumpre agora examinar é a construcção litteraria e historica do documento *Deuteronomio*,—não só do seu conteúdo, como do estudo sobre o seu auctor ou auctores, das suas relações com os outros escriptos do Pentateuco e, por conseguinte, da epocha em que foi escripto.

Comecemos pelos dados historicos. Todos elles, desde que não sejam originaes do auctor deuteronomico ou D, têm seus correspondentes em J ou em E ou, simplifiquemos, em JE, isto é, nesses auctores que, como vimos, escreveram em 900-750. Damos alguns exemplos :

Deuteronomio	E J
4 : 3. Os nossos olhos viram tudo o que Jahveh fez contra Beelfegor, como elle exterminou do meio de vós os seus adoradores.	*Num.*, 25 : 5 . . . E Moysés disse aos juizes de Israel : Mate cada um aos seus mais chegados que se consagram a Beelfegor.
6 : 16. Não tentarás a Jahveh . . . como o tentaste no logar da Tentação.	*Ex.*, 17 : 7. E pôz por nome áquelle logar Tentação . . . porque elles tentaram a Jahveh.
9 : 13. Vejo que este povo é de cerviz dura.	*Ex.*, 32 : 9. Vejo que este este povo é de cerviz dura.
9 : Voltei e como descesse do monte que ardia e levasse nas minhas mãos as duas taboas do concerto.	*Ex.*, 32 : 15. E Moysés voltou do monte trazendo nas mãos as duas taboas do testemunho, escriptas de ambas as partes.
9 : 16,17. E visse que . . . tinheis feito um bezerro . . . arrojei das minhas mãos as taboas e as quebrei á vossa vista.	32 : 19. E (Moysés) tendo-se approximado ao campo vio o bezerro e as danças. Então irado . . . arrojou da sua mão as taboas e as quebrou ao pé do monte.
9 : 28. Para que não digam . . .	*Nnm.*, 14 : 16. Elle (Jahveh) não

[1] A *Vulg.* traduz sempre, e erradamente, *Kuqqin* por *ceremonia*, no que A. P. Figueiredo bem accompanha. O erro é tanto mais palpavel quanto aqui não existe nenhum preceito sobre ceremonial.

JAHVEH não podia introduzi-los na terra que lhes havia promettido, e como os aborrecia os tirou para os os matar no deserto.	podia introduzir o povo no paiz que lhe tinha promettido com juramento: por isso os matou no deserto.
10 : 1, 2. Corta duas taboas de pedra, como eram as primeiras . . . e Eu escreverei nas taboas as palavras que estavam nas que tu quebraste antes.	*Ex.*, 34 : 1. Córta duas taboas de pedra e Eu escreverei sobre ellas as palavras que continham as taboas que tu quebraste.

Ora todo esse parallelismo é sómente com J E; e quanto a P, o nosso D parece desconhece-lo por completo, ainda quando P occupa-se de instituições de importancia capital para a theocracia israelita, como se irá vendo no decurso desta secção de nosso trabalho.

Além dessas equiparações acima exemplificadas, D allude a muitos factos narrados por J E, ora copiando-os litteralmente, as mais das vezes sem seguir-lhes a linguagem resumindo-os mas mostrando sempre qual a sua fonte de informação. Comparem-se as allusões, por exemplo, ao manná de *Deut.*, 8 : 3, 16 com *Ex.*, 16 : 4, 5; ao passagem do Mar Vermelho em 16 : 4 com *Ex.*, 16 : 27; á historia de Datham e Abiron em 11 : 6 com *Num.*, cap. 16; á da lepra da irmã de Moysés em 24 : 9 com *Num.*, 12 : 10; a Sodoma e Gomorra em 29 : 22 com *Gen.*, 19 : 24, e em muitos outros ponctos. E os criticos demonstram que quando D tira um facto de J E e que é tambem tractado por P, elle segue a J E invariavelmente o que se prova ás vezes com a citação de algum pequeno incidente peculiar a J E. Por exemplo: dos espias mandados para examinarem a terra de Canaan, quando o povo chegou ás suas bordas, só Caleb foi perdoado, na narrativa de J E e do mesmo modo na de D; ao passo que a de P inclue Josué tambem; na historia de Datham e Abiron de J E seguida por D não se inclue tambem a de Coré como faz P. Comparem *Deut.*, 1 : 36 com *Num.*, 14 : 24; e *Deut.*, 11 : 16 com P *Num.*, 16 : 1, 5, 6, 8-11, etc.

Prova-se assim que D não serviu-se de P, e, como depois se verá, essa narrativa da insubordinação de Datham, Abiron e Coré, é um dos exemplos os mais flagrantes de accrescimo de P no texto de J E. E, pois, D escreveu antes de se lhe accrescentar o incidente de Coré. Na historia de Balaão temos outro exemplo em que D segue J E ignorando o que P depois disse do filho de Beor. Em *Num.*, cap. 22-24 Balaão convidado por Balac, o Moabita, para amaldiçoar a Israel, ao contrario o abençoou. E a isto allude *Deut.*, 23 : 4. Pois

já em *Num.*, 31 : 8 vemos Moysés ordenando que Balaão fosse passado á espada de embrulhada com os Madianitas.

Ainda outro exemplo entre mais : segundo *Num.*, 33 : 38 o sacerdote Aarão subiu por mandado de DEUS ao monte Hor, e ali morreu. Segundo o *Deut.*, 10 : 6 succedeu isso em Móserah.

Mas o *Deut.*, não segue a nenhuma fonte cegamente. Muito frequentemente elle nos dá o que devem ser antigas tradições oraes ou em parte consagradas em poemas ou pequenas chronicas escriptas e que separou das outras fontes do Pentateuco, mostrando isto que o auctor deste não póde ter sido um só. Mais adeante quando procurarmos provar que Moysés não escreveu o *Deuteronomio* adduziremos exemplos destas discordancias.

Assim, pois, neste *Deut.* temos uma obra essencialmente completa e independente. O auctor revê a historia do seu povo do seu proprio poncto de vista aproveitando todos os materiaes de que dispunha, sobretudo a J E, dos quaes aliás separa-se ás vezes.

Havendo assim mostrado os ponctos geraes de contacto entre J E, D e P no que toca á pequena parte historica do *Deut.*, estudemos agora *que correspondencia possa existir entre as leis do codigo* D, *isto é, entre dos caps.* 5-26, e cap. 28 *do Deut.* e *as que achamos no resto do Pentateuco* e que são :

Ex., 20 : 1-17 ; 20 : 22-23 : 33, de J E ; e

Ex., caps. 25-31 ; 35-40 ;

Lev., caps. 1-16 ; o chamado " Codigo de Sanctidade " enxertado em *Lev.*, 17-26 ; e o cap. 27 ;

Num., cap. 1-10 ; 18 ; 19 ; 25-36.

Excepto a pequena parte de J E, o resto pertence ao chamado " Codigo sacerdotal " ou P, ficando assim classificada toda a legislação religiosa, social, civil e criminal do Velho Testamento. É preciso que desde já expliquemos que entre os sacerdotes e outros corria de longa data o chamado " Codigo de Sanctidade " que, como se vê, foi encravado no *Lev.* Do outro lado circulava, escripto, o que a critica moderna denomina " Codigo da Alliança " formado do que depois ficou incorporado no *Ex.*, caps. 20-23.

Vamos, pois, contrastar as Leis de J E com as do codigo de D e as do de P.[1]

[1] Driver, *ob. cit.*, 9ª ed, pag. 73-75.

J E	DEUT.	P
Exodo 20 : 2-17 . .	5 : 6-21	
20 : 24	12 : 1-28 .	Lev., 17 : 1-9
23 : 24 ; 34 : 12, 15 .	12 : 29-31 .	Num., 33 : 52
	Cap., 13	
	14 : 1, 2 .	Lev., 19 : 28
	14 : 3-20 .	Lev., 11 : 12-23 ; 20 : 25
22 : 30	14 : 21[a] .	Lev., 17 : 15 ; 11 : 40
23 : 19[b] ; 34 : 26[b] . .	14 : 21[b]	
	14 : 22-29 .	,, 27 : 30-33 ; Num. 18 : 21-32
23 : 10 seg . . .	15 : 1-11 .	,, 25 : 1-7
21 : 2- 11 . . .	15 : 12-18 .	,, 25 : 39-46
22 : 29 ; 13-12 ; 34 : 19 .	15 : 19-23 .	Num., 18 : 17 ; 3 : 13 ; 8 : 17 ; Lev. 27 : 26
23 : 14-17; 34 : 18,20,22-24	16 : 1-17 .	Lev., cap. 23 ; Num., 28-29
	16 : 18	
23 : 1 3, 6-8 . . .	16 : 19, 20 .	,, 19 : 15
	16 : 21, 22 .	,, 26 : 1
	17 : 1 . .	,, 22 : 17-24
22 : 19, 20 . . .	17 : 2-7	
	17 : 6 ; 19 : 15	Num., 35 : 30
	18 : 1-8 .	Lev., 7 : 32-34; Num., 18 : 1-20
21 : 23-25 . . .	19 : 21 . .	Lev., 24 : 19
Ex., 21 : 12-14 . .	19 : 1-13 .	Num., cap. 35; Lev., 24 : 17, 21
23-1	19 : 15, 21 .	Lev. 19 : 16
	Cap. 20	
	21 : 1-9	
	21 : 10-14	
	21 : 15-17	
21 : 15-17 . . .	21 : 18-21 .	Lev., 20 : 2
	21 : 22, 23	
23 : 4, 5 . . .	22 : 1-4	
	22 : 5	
	22 : 6, 7	
	23 : 8	
	22 : 9-11 .	Lev., 19 : 19
	22 : 12 . .	Num., 15 : 37-41
	22 : 13-21	
	22 : 22-27 .	Lev., 18 : 20 ; 20 : 10
22 : 15 seg. . . .	22 : 28	
	22 : 30 .	Lev., 18 : 8 ; 20 : 11

J E	DEUT.	P
	23 : 2-9	
	23 : 10-15	Num., 5 : 1-4
	23 : 16	
	23 : 18	
22 : 25, 26 . . .	23 : 20 . .	Lev., 25 : 35-37
	23 : 22-24 .	Num., 30 : 2
	23 : 25	
	24 : 1-4	
22 : 25, 26 . . .	24 : 6, 10-13	
21 : 16	24 : 7	
	24 : 8 . .	Lev., caps 13, 14
	24 : 14 . .	,, 19 : 13
	24 : 16	
Ex. 22 : 21-24; 23 : 9 .	24 : 17 . .	Lev., 19 : 33
	24 : 19-22 .	,, 19 : 9; 23 : 22
	25 : 1-3	
	25 : 4	
	25 : 5-10	
	25 : 11-12	
	25 : 13-16 .	,, 19 : 35 seg.
17 : 14	25 : 17-19	
22 : 29[a]; 23 : 19[a]; 34 : 26	26 : 1-11 .	Num., 18 : 12 seg.
	26 : 12-15	
20 : 4, 23; 34 : 17 . .	27 : 15 (corrp. com 4 : 16, 23,25; 7:25)	Lev., 19 : 4; 26 : 1
20 : 12; 21-17 . .	27 : 16 (4 : 18, 21)	,, 20 : 9
	27 : 17 (19 : 14)	
	27 : 18 . .	,, 19 : 14
22 : 21-24; 23 : 9 . .	27 : 19 (24:17)	,, 19 : 33 seg.
	27 : 20 (22:30)	,, 18 : 8; 20 : 11
22 : 19	27 : 21 . .	,, 18 : 23; 20 : 15
	27 : 22 . .	,, 18 : 9; 20 : 17
	27 : 23 . .	,, 18 : 17; 20 : 14
	17 : 8-13	
	17 : 14-20	
	18 : 1-8 . .	,, 7 : 32-34; Num., 18 : 1-7, 8-20
	18 : 9-22	
	18 : 10A .	,, 18 : 21; 20 : 2-5
22 : 17	18 : 10B-11 .	,, 19 : 26, 31; 20 : 6, 27
20 : 13; 21 : 12 . .	27 : 24 . .	,, 24 : 17

J E	DEUT.	P
23 : 8 ;	27 : 25	
23 : 20-23 . . .	Cap. 28. .	Lev., 26 : 3-45
20 : 4, 23 ; 34 : 17 . .	4 : 16-18, 23 ; 7 : 25	,, 19 : 4B ; 26 1
23 : 12	5 : 14 . . 6 : 8 ; 11 : 18	
20 : 3 ; 23 : 13 ; 34 : 14 .	6 : 14 ; 11 : 16	,, 19 : 4A
12 : 26 seg. 13 : 14 . .	6 : 20	
23 : 24, 32 ; 34 : 12, 15 .	7 : 2-4, 16 .	Num., 35 : 55
23 : 32 ; 34 : 13, 15 seg. .	7 : 5 ; 12 : 3 .	,, 33 : 52
19 : 6 ; 22 : 31 . .	7:6 ; 14:2, 21 ; 26 : 19 ; 28:9	Lev., 11 : 44 ; 19 : 2 ; 20-7 Num., 15 : 40
22 : 20 ; 23 : 9 . .	10 : 19 . . 12 : 16, 23 ; 15 : 23 .	Lev., 19 : 34 ,, 17 : 19-14 ; 3 : 17 ; 7 : 26 ; Gen., 9 : 4
23 : 18 ; 34 : 25[a] . .	16 : 3[a] .	Ex., 12 : 8
13 : 6 ; 23 : 15 ; 34 : 18 .	16 : 3[b], 4[a] .	,, 12 : 15, 18-20 ; Lev. 23 : 6
23 : 18 ; 34 : 25 . .	16 : 4[b] . . 16 : 13, 15 . 17 : 6 ; 19 : 15	,, 12 : 10 ; Num., 9 : 12 Lev., 23 : 34, 39, 41-43 Num., 35 : 30
21 : 23-25 . . .	19 : 21 . .	Lev., 24 : 19

Estas citações devem ser comparadas uma a uma por quem deseje estudar bem o assumpto. Nós precisamos limitar-nos a dar alguns exemplos do parallelismo existente entre as leis do *Deuteronomio* com as dos codigos J E e sacerdotal, mas desde já diremos quaes as conclusões a que chega quem attentamente fizer este estudo comparativo. São ellas :

1. A legislação do *Deut.* é tirada quasi toda do " Livro da Alliança," de J E (*Ex.*, caps. 20-23) e do " Livro de Sanctidade" de P : o primeiro já antes disso corria em Israel devidamente escripto ; e o segundo era vulgar sobretudo entre os sacerdotes e foi, seculos depois, engastado na legislação sacerdotal ou no documento P, em *Lev.* caps. 16 a 27, e espalhados, em *Lev.*, 11 : 2-23, *Num.*, 15 : 37-41 e *Num.*, 33 : 52, 53, 55, 56, pois, na opinião dos criticos estes textos pertenciam tambem áquelle codigo.

2. Comparando as correspondencias entre D e J E na tabella que extrahimos de Driver, vemos que sommam ellas 36 : pois só n'um unico caso a citação de J E está fóra do Codigo da Alliança, e do Decalogo, ou por outra, não é de *Ex.*, 20 : 1-17,

e *Ex.*, 20 : 22—23 : 33. A unica excepção é *Deut.*, 25 : 17-19, cuja disposição correspondente no *Exodo* é a 17 : 14, e que refere-se á ordem de não poupar os Amalecitas em castigo do attaque traiçoeiro que fizeram a Israel quando fugia do Egypto. *Si compararmos as diversas leis de J E com as correspondentes do Deut. vemos não só que são todas do "Codigo da Alliança" como que D ás vezes transcreve integralmente as correspondentes no Ex.*, outras vezes as modifica mas quasi sempre as traslada livremente, accrescentando-lhes observações homileticas e paraneticas, (isto é, não se esquece do aspecto especial do seu trabalho) ou então ampliando-lhes alguma nova applicação, alguma extensão do seu principio. Daremos só alguns exemplos desse aproveitamento do Codigo de Alliança por D.

Deut.	*Ex.*
15 : 12-1. Quando te fôr vendido teu irmão hebreu ou hebréa e te tiverem servido seis annos, no septimo anno tu os deixarás ir livres.	21 : 2. Si comprares um escravo hebreu, elle te servirá seis annos e ao septimo elle sahirá livre de graça.
15 : 16, 17. Porêm si o teu servo te disser: Eu não quero sahir; porque elle te ama a ti e á tua casa e julga que lhe é bem o estar comtigo, pegarás n'uma sovela e furar-lhe-has a orelha á porta de tua casa, e elle te servirá para sempre: o mesmo farás á tua escrava.	21 : 5, 6. Porêm si o escravo disser: Eu tenho amor a meu senhor, a minha mulher e a meus filhos, não quero sahir livre, seu senhor o fará comperecer perante Deus e o levará á humbreira da porta e lhe furará a orelha com uma sovela, e elle servilo-ha para sempre.
16 : 3. Não comerás . . . pão fermentado mas por septe dias comerás pão sem fermento, pão de afflicção: porque com tremor sahiste do Egypto; para que te lembres do dia da tua sahida do Egypto por todos os dias da tua vida.	23 : 15. Comerás . . . pães asmos septe dias no mez de Abib porque foi nelle que tu sahiste do Egypto. 13 : 3 . . . Lembrai-vos deste dia em que vós schiste do Egypto . . . e para que nelle não comaes o pão fermentado.
4 : Por septe dias não apparecerá em todos os teus limites pão de fermento.	13 : 7. Não apparecerá o fermento em vossos limites. 6. Comerás pães asmos septe dias.
16 : 16. Trez vezes ao anno todos os teus varões apparecerão deante de Jahveh no logar que elle escolher. . . . Elles não apparecerão deante de Jahveh com as mãos vasias.	23 : 17. Trez vezes no anno virão todos os teus varões presentar-se deante de Jahveh teu Deus. 23 : 14. Não apparecerás em minha presença com as mãos vasias.

3. Si, comparando o codigo reunido de J E com o *Deut.* chegamos á conclusão que aquelle era o fundamental e mais antigo que este repetiu com os accrescimos proprios da expansão natural nos seculos que decorreram entre um e outro, cotejando agora o *Deut.*, na sua parte legislativa, com a que se deve a P no Pentateuco, chega-se á conclusão que D *não mostra conhecer P : as leis do codigo P ou sacerdotal que D reitera são, quasi na sua totalidade, extrahidas da obra chamada " Codigo de Sanctidade "* e que P aproveitou, repetimos, em *Lev.*, caps. 17 a 26 ; 11 : 12-23 ; *Num.*, 15 : 37 : 41 e 33 : 55-57.

Não se póde dizer que D adherisse tanto á lettra do " Codigo de Sanctidade " como o fez com o da " Alliança " ; a relação que existe entre D e P é antes a de um parallelismo, ao passo que quanto a outras leis de P as de D são " vastamente differentes." [1] Em vez de exemplificarmes isso aqui, preferimos desenvolver este importante assumpto, basico para a critica do V. T., quando tractarmos do elemento P, mais adeante. Mostraremos ahi as muitas e serias contradicções entre importantes instituições fundamentaes de P, que D ou passara em completo silencio ou a que contrapõe-se no maior antagonismo.

D nunca presuppõe leis distinctivas de P, nem se occupa do mesmo modo que elle, das prerogativas e vantagens da classe sacerdotal e nem ainda de certas instituições que são bazicas para P taes como algumas de suas festas, o anno do Jubileu, a distincção entre Levitas e Sacerdotes, as leis de sacrificio, o dia da Expiação, etc. E esta independencia de *Deut.* de P. estende-se igualmente á parte historica dos dous documentos : ainda quando um acontecimento é referido por J E e tambem por P, e é mencionado por D, este segue a J E mostrando não conhecer o P. Poderiamos dar muitas provas disso que o leitor verificaria facilmente. Só ha trez factos mencionados por D e para os quaes não ha correspondentes em J E, sendo alludidos por P, que são : o numero dos espias (doze) em 1 : 23 ; o numero de 70 almas que desceram ao Egypto com Jacob, em 10 : 22 ; e, em 10 : 3 o ser a Arca de pao-chittim. E tudo isso era tradicional e não póde provar que D serviu-se de P.

Entretanto, mostremos rapidamente as principaes passagens *parallelas de* P com D, e que não sejam as do " Codigo de Sanctidade " (S) onde existe pouco mais correspondencia :

1. *Deut.*, 14 : 3-20. *Animaes puros e immundos*, com *Lev.*, 11 : 2-28. Parece que P copiou de D. Resumidamente se lê o mesmo em S, *Lev.*, 20 : 25. Assim D ampliou S, e P aproveitou

[1] Driver, *ob. cit.*, 9ª ed., pag. 77.

a ampliação, e expandiu-a mais, como logo verá quem comparar os textos.

2. *Deut.*, 14 : 22-29. *Dizimos.* Israel em agradecimento pela protecção de JAHVEH deveria offerecer-lhe o dizimo de todos os seus productos que comeria em festa sagrada no sanctuario, e de que participariam os Levitas. Mas de trez em trez annos separariam outro dizimo de que comeriam em casa os Levitas, orphãos, viuvas e outros necessitados. Os dizimos são antiquissima instituição em Israel (*Gen.*, 28 : 22) quando Jacob o promette pagar; *Amós*, 4 : 4) e em *Deut.* temos a simples lei que regulava o assumpto. O Cod. P, porêm expandio-o, e de um modo todo parcial pela classe sacerdotal. O Cod. S (*Lev.*, 27 : 30-33) só continha disposições geraes : " Todos os dizimos da terra . . . são do SENHOR . . . tudo o que se contar decimo será consagrado ao SENHOR . . ." Mas P em *Num.*, 18 : 21-32 amplia tudo isto : os dizimos serão do SENHOR mas para os Levitas, que se devem " contentar " com essa oblação. Ainda assim, porêm, elles, Levitas, deviam offerecer " ao SENHOR as primicias d'elles " (*dizimos*) isto é, " o dizimo do dizimo . . . Dai-os ao sacerdote Aarão. Tudo o que offerecerdes dos dizimos e que separardes para donativos ao SENHOR, será o melhor e o mais escolhido . . ." Isto é, P lança um imposto de 10 o/o a favor dos sacerdotes nos dizimos que segundo S e D pertenciam aos pobres Levitas, e esses 10 o/o deviam ser muito escolhidos, valendo realmente mais do que a média. Esta grande discrepancia prova que P veiu depois de S e de D.

3. *Deut.*, 81 : 1-8 comparado com *Lev.*, 7 : 32-34 ; *Num.*, 18 : 1-20. O *Deut.* diz que " este será o direito dos sacerdotes a respeito dos que offerecerem victimas : si sacrificarem um boi ou uma ovelha, darão ao sacerdote a espádoa e o peito, as primicias do pão, do vinho e do azeite e uma parte das lãs da tosquia das ovelhas ; e isto se refere a " os Sacerdotes e Levitas e todos os da mesma tribu."—*Lev.*, 7 : 32-34 corrobora isto sobre a espádoa, que exige ser a direita. Mas *Num.*, 18 : 1-7 ordena que os Levitas assistam e sirvam a Aarão e seus descendentes, as suas ordens e sem que se cheguem ao sanctuario ou ao altar ; e depois dá aos sacerdotes todas as primicias bem como as carnes dos animaes " bem como o peito consagrado e a espádoa direita." (18 : 8-19). É de notar *sanctuario* e *altar*, no singular. Vê-se bem que, como diz Gray [1] o que se fica pagando á tribu de Levi é " immensamente mais " do que o *Deut.* implicitamente lhe dava, e mais até do que o sacerdote Ezekiel, propheta, queria para ella. Assim, ao passo que a historia

G. E. Gray, *Numbers*, no *Crit. and Exeg. Comm.*, Edimburgo, 1903.

pre-exilica conforma-se com D, na post-exilica vêm-se em vigor as disposições de P.

4. *Deut.*, 22 : 12 dá a simples lei : " Porás nas orlas da capa com que te cobrires uns cordõesinhos aos quatro cantos." Dos monumentos egypcios se vê que é este um costume muito antigo. Talvez o adoptassem os Canaaneus e o passassem aos Israelitas que o aproveitavam para relembrar-se sempre da Religião. Os Judeus depois usavam uma capa especial, o Tallit, quadrilateral, com uma orla em cada canto. Em *Num.*, 15 : 38-40 já manda-se que os Israelitas usem nos cantos fitas côr de jacintho, para que se recordem continuamente do SENHOR. Evidentemente é posterior a D.

5. *Deut.*, 23 : 10-14. *Impureza e sujidades no campo* : a correspondente de P é *Num.*, 5 : 1-4 que accrescenta aos dous casos do *Deut.*, os do leproso, do que tem purgações brancas, e do que tocou um morto ; é o mesmo principio, mais elaborado.

6. *Deut.*, 23 : 21-23, ordena que quem fizer voto ao SENHOR, não tarde em cumpril-o desde que prometteu. Em *Num.*, 30 : 3 repete-se a mesma ordenação : " Si algum homem fizer algum voto ao *Senhor*, ou se *obrigar com juramento*, deve não faltar á sua palavra, mas cumprir tudo o que prometteu." E seguem-se casos especiaes do juramento ou promessa da filha-familia, da casada, da viuva, da repudiada,—tudo indicando uma jurisprudencia ao redor do simples mandamento do *Deut.*

7. *Deut.*, 24 : 8 manda evitar a lepra, fazendo tudo que ensinarem os sacerdotes, e conforme foram mandados : já o *Lev.* dedico a este assumpto os caps. 13 e 14 ; menciona essas instrucções aos sacerdotes, por menor, e mostra como deveria ter-se alastrado essa praga. Era molestia antiga no climo secco de Israel (V. *Ex.*, 4 : 6 ; *Num.*, 12 : 10 ; 4 *Reis*, 5 : 1, 27).

8. *Deut.*, 17 : 6 e 19 : 20 prohibe o julgamento com o depoimento de uma só testemunha, sendo necessarias, pelo menos, duas. *Num.*, 35 : 30 repete " pelo dicto de uma só testemunha nineguem será condemnado."

9. *Deut.*, 12 : 29-31 ordenando que, na terra promettida, os Israelitas não adorem os deuses das nações destruidas, as quaes fizeram todas as abominações que o SENHOR aborrece, offerecendo-lhes seus filhos, queimando-os no fogo. Já em E no *Ex.*, 23 : 24 se ordenára que o Israelita não adorasse ou désse culto a esses deuses, e que fossem destruidas as suas estatuas ; e em J, *Ex.*, 34 : 13-15, repetiu-se a mesma intimação de destruir os altares desses deuses, de quebrar as suas estatuas, e de cortar os seus paus, em summa, de não adorar deuses

alheios porque "DEUS é zeloso." Era pois mandamento antiquissimo, este. Em *Num.*, 33 : 52 P determina aos filhos de Israel que exterminem todos os habitantes de Canaan : "quebrai os seus padrões, fazei em pedaços as suas estatuas, e deitai obaixo todos os seus altos." Este nome *altos* (bamoth) é de codice S (*Lev.*, 26 : 30), e são estas as duas unicas passagens no Hexateuco em que é empregado em sentido religioso.

10. *Deut.*, 26 : 1-11, ritual para o offerecimento das primicias. É baseado em *Ex.*, 22 : 29, 30, 23 : 9, 34 : 26 de J E. Agora P em *Num.*, 18 : 12 e seg. repete e amplia isso, determinando que pelo primogenito do homem, Aarão, o sacerdote, receberá o preço, e o animal immundo será remido.

Este estudo confirma a nossa convicção que o *Deuteronomio* não serviu-se absolutamente de P, pois o codigo S, que ali se acha encravado, tinha existencia propria, anterior, não sendo illogico, pois, affirmar-se que D é de data anterior á de P. E si considerarmos que, segundo muitos criticos, S não comprehende apenas *Lev.*, caps. 17 : 26, mas tambem as já citadas passagens esparsas no Pentateuco, então ficará reduzido a cinco o numero de contactos entre D e P, fóra do *Codigo de Sanctidade*, pela eliminação dos ns. 1, 4, e 9 acima.

No quadro comparativo da legislação em J E, D e P deve-se notar que ha em D vinte e seis dispositivos que não encontram correspondentes nos dous outros codigos. Vejamos em que versam estas leis e já de antemão podemos affirmar que, sendo posteriores ás de J E devem revelar o estado de uma sociedade mais adeantada e civilisada, attendendo a minuciosas necessidades que escapariam a uma nação ainda no estado formativo como a de J E. São estes os estatutos especiaes de D :

1. 16 : 18. Estabelece juizes e magistrados nas cidades, para que julguem o povo com rectidão e justiça.

2. 17 : 8-12. Si os juizes não concordarem n'uma causa, devem submetter a questão aos que presidem no logar que o SENHOR tiver escolhido ; e a opinião destes deve ser seguida á risca.

3. 17 : 2-7. Manda apedrejar, sob o depoimento de duas ou trez testemunhas, os que servirem a deuses extranhos e adoral-os,—o Sol, a Lua e a toda milicia do céo.

4. 17 : 14, 20. Manda que só seja elegivel para Rei o filho de Israel, e o Rei não terá luxo demasiado nem muitas mulheres ; e fará transcrever para si pelos sacerdotes uma copia da Lei do Senhor para sobre ella meditar toda a sua vida.

5. 18 : 9-28. Prophetisa que DEUS suscitará entre seus irmãos um Propheta similhante a Moysés em cuja bocca porá

as Suas palavras. Será morto, porêm, o soberbo que se fingir Propheta sem o ser.

6. 19 : 14. Prohibe que sejam tomados ou transpostos os marcos que forem fixados por predecessores na terra de Canaan.

7. Cap. 20. Prescreve leis sobre a guerra e o serviço militar.

8. 21 : 1-9. Expiação por morte, cujo auctor é desconhecido.

9. 21 : 10-14. Tractamento da mulher prisioneira com quem o Israelita se queira desposar.

10. 21 : 15-17. Reconhecimento do primogenito ainda que o pai aborreça a mãe e haja outro filho da mulher que amar.

11. 21 : 22, 23. Manda tirar do patibulo no mesmo dia o cadaver do que ali fôr posto á morte.

12. 22 : 5. Homem não vestir-se-ha de mulher, nem vice-versa.

13. 22 : 6, 7. Não prender a ave com filhinhos ou ovos.

14. 23 : 9. Abster-se de acções ruins antes de sahir a pelejar.

15. 22 : 13-21. Accusações falsas contra a virgindade da noiva.

16. 23 : 2-9. Pessoas que são excluidas de entrar na Congregação do Senhor.

17. 23 : 15, 16. Contra a entrega ao seu senhor do escravo que vier pedir acolhimento.

18. 23 : 18. Prohibição de offerecer no Templo o ganho da prostituição.

19. 23 : 25. Não segar a colheita do amigo ou visinho.

20. 24 : 1-4. Sobre o divorcio. A divorciada, já viuva, pode vir a casar-se com o primeiro marido.

21. 24 : 16. Não morrerão pais por filhos nem filhos por pais : cada um carregue com o seu peccado.

22. 25 : 1-3. É preciso não infligir mais de 40 açoitadas para que o criminoso não saia feiamente maltractado.

23. Tractar bem ao boi de trabalho.

24. 25 : 5-10. Sobre a obrigação de um homem casar com a viuva do irmão.

25. 25 : 11, 12. Punição de mulheres por assaltos vergonhosos.

26. 26 : 12-15. Oração para os que dão os dizimos.

De tudo quanto se tem exposto sobre a construcção litteraria do *Deuteronomio* deduz-se evidentemente que Moysés, elle mesmo, não póde ser o auctor de uma obra que, vimos bem, deve ser posterior ao codice J E de 900-750 A.C., ou de trez seculos ou mais depois do passamento daquelle propheta.

Os Judeus, como já se viu, sempre acreditaram que Moysés

foi o auctor, não só do Deuteronomio, mas até de todo o Pentateuco; e que Josué escreveu esse seu Livro; e que a Salomão se devem attribuir os Livros da Sabedoria, etc.; e essas ideias passaram integralmente para a Egreja Christã, que por muitos seculos as perfilhou como dogmas. A critica, porêm, tem, nestes ultimos cem annos demonstrado que não se deve confundir o verdadeiro espirito, a inspiração mosaica, que se estende sobre o Pentateuco, com o dar-se ao proprio Moysés a auctoria desses livros como hoje existem no Canon do V. T.

Em J E e em P, como vimos, ha leis, como devem haver factos, que uma tradição constante e assentada attribuia a Moysés, como o Codigo da Alliança, o Decalogo e outras. Mas é preciso relembrar que esses escriptos já entravam em compilações em que foram aproveitados com documentos e tradições anteriores. Moysés, com effeito, "escreveu a Lei" e entregou-a aos sacerdotes recommendando-lhe que de septe em septe annos deveria ser lida perante todo o povo (*Deut.*, 31 : 9, 24, 26). Dahi mesmo se vê que naquelles tempos não era a Lei muito lida. É provavel que os sacerdotes tivessem algumas copias della que circulassem entre elles. O proprio mysterio, que envolvia essa Lei escripta, muito ajudou a crença de que Moysés escrevêra todo o Pentateuco e, sobretudo, o *Deuteronomio.*

Moysés, porém, nunca pretendeu, elle mesmo, no *Deut.* ou fóra delle, ter escripto o *Deut.* Alinhemos aqui, ao contrario, algumas das provas invocadas pela critica para dissipar este preconceito.

1. O *Deut.* começa: "Estas são as palavras que Moysés disse a todo o Israel da banda d'além do Jordão, na planicie do deserto." Isto não perece ter sido escripto por Moysés, na terceira pessoa. E depois: "Começou, pois, Moysés a explicar a Lei e a dizer. . . ." (*Deut.* 1 : 5). E para o fim do livro: "Esta é benção que deu Moysés, homem de Deus, aos filhos de Israel, antes de sua morte, e disse. . . ." E vem ainda depois a narrativa da morte de Moysés (33 : 1 e 34 : 1 seg.). Ora tudo isto não é de Moysés, as explicações dadas pelos que sustentam e sua auctoria sendo frageis e forçadas. Basta lembrarmo-nos da grande quantidade de leis e instituições que decreta o *Deut.* e que por seculos não foram postas em execução.

2. O *Deuteronomio* é escripto n'uma linguagem clara, fluente, sem archaismos; no estylo bem sustentado dos grandes prophetas. Não tem nada em commum com o estylo dos quatro primeiros livros do Pentateuco: não tem palavras exclusivas, mas simplesmente expressões especiaes que lhe dão um cunho

todo proprio, diverso da éra em que foram escriptos aquelles outros livros. Entre as palavras hebraicas com sentido especial empregadas no *Deut.* os criticos citam: *amar a* DEUS como objectivo; *ir atraz* de outros deuses; *ás tuas portas* (cidades); *povo sancto*, por nação sancta, do *Ex.; extinguir o mal do seu meio; teu olho não o poupará*; a *mão poderosa e o braço estendido de* DEUS; *os sacerdotes levitas*, e não os filhos de Aarão ou simplesmente os sacerdotes; a *abominação* de JAHVEH, por prohibição; Seu nome *móra* ali; não voltar nem para a direita nem para a esquerda, etc. Todas essas expressões não se encontram na éra mosaica, nem na dos primeiros prophetas e revelam-se em epoca posterior.

2. Segundo o *Deut.*, 1 : 3, Moysés fallou a Israel no 1º dia do mez 11º do anno 40º da sahida do Egypto. A narrativa que elle faz em retrospecto em 2 : 2 a 3 : 29, isto é, a marcha para a terra de Canaan e o contacto dos Israelitas com os Moabitas, Edomitas e outros e o attaque a Og, rei de Bassan,— essa narrativa refere factos que se passaram havia seis mezes. (v. *Num.*, 33 : 38 e 20 : 28). Entretanto não só todo o tom da narrativa trahe factos antigos, como tambem o auctor emprega varias vezes as expressões *naquelle tempo*, *até o dia de hoje*, não proprias de factos tão recentes.

4. O *Deut.*, e de facto todo o Pentateuco, emprega frequentemente a expressão que a *Vulgata* traduz *Trans-Jordanem.* A palavra hebraica *be-ebher*, álem, só é empregada na Biblia com a palavra Jordão (excepto n'um unico caso). Ora no *Deut.* narram-se factos que se passaram além Jordão, e como se allega que Moysés é o auctor do Livro, está claro que elle deseja referir-se ao lado *occidental* ou á margem direita desse rio que corre de N. a S., pois Moysés nunca atravessou-o, apezar de tanto deseja-lo. Entretanto vemos frequentemente que o trans-Jordão é justamente o lado *oriental* do rio, sendo empregado, pois, por auctor que escrevia do lado da Palestina, o que demonstra que o Livro não foi escripto por Moysés. Nem se póde allegar que essa região tornou-se conhecida por Trans-Jordão como o foi depois, por exemplo, a Gallia cisalpina. Sería isso possivel no correr do tempo mas não a principio quando o nome foi suggerido pelo poncto de vista dos que primeiro o empregaram.[1] N'um escripto de Moysés que ali chegava áquellas margens pela primeira vez o *Trans-Jordão* não podia ser sinão a Palestina: e como em quasi todas as citações do *Deut.* e do *Pent.* tracta-se realmente dos paizes de Edom, Moab e outros que ficavam á margem esquerda do Jordão segue-se que o escriptor escrevia do lado opposto, isto

[1] Driver, *Deut.*

é, do Palestina propria. Acontece que logo no principio do *Deut.*, em 1 : 5, explica o auctor expressamente que foi "da banda d'alem-Jordão no *paiz de Moab*" que Moysés começou a explicar a Lei. Tambem explica em 3 : 8 ("d'alem do Jordão, desde a torrente do Arnon . . . todo o paiz de Gilead"), 4 : 41 ("trez cidades na banda d'alem do Jordão para o oriente"); 4 : 46 ("estando da banda d'alem do Jordão no valle que fica defronte . . . na terra do Senhor . . . a quem Moysés derrotou"); 4 : 49 (toda a campina d'alem do Jordão para o oriente, até ao mar do deserto"). Em *Num.*, 34 : 15, attribuido ao codigo P, que foi editado dous seculos depois do *Deut.* e trez depois de E, se diz bem claramente : "... duas tribus e meia receberam já a sua parte alem do Jordão, defronte de Jericó para a banda do oriente." Já em *Josué*, 2 : 10 se dizia que os dous reis dos Amorreus, batidos por Moysés, estavam "da banda d'alem do Jordão," e dizia-se bem, do poncto de vista do escriptor. No mesmo Livro, 7 : 7 Josué dirigindo-se a JAHVEH diz : "Oxalá tivessemos ficado d'alem do Jordão," etc.

Em todos estes e outros casos devemos presumir que escriptores em *Canaan* referem-se a occorrencias *no outro lado do rio*,—"ao oriente," como os textos tantas vezes accrescentam para que não houvesse duvida. Ora estes textos não podiam ter sido escriptos por pessoa que nunca se achou naquelle lado occidental (margem direita) do Jordão.

Entretanto, diz J. S. Griffith [1] que em *Deut.*, 3 : 20, 25 ; 11 : 30 ; *Jos.*, 5 : 1 ; 11 : 1 ; 12 : 7, a phrase refere-se evidentemente á Palestina, o que mostra que é ambigua, e que se usa para ambos os lados do Jordão.

J. Hastings [2] entende que no *Deut.* quando Moysés falla por si mesmo, a palavra hebraica *be-ebher*, além, refere-se á Palestina propria (como em 3 : 20, 25 ; 11 : 30, etc.) ; quando falla o auctor do livro na sua propria pessoa (como em 1 : 1, 5 ; 4 : 41, 46, 47, 49, etc.) refere-se então ao oriente do Jordão. Parece ter razão este escriptor ; mas neste caso a explicação demonstra que o *Deut.* não foi escripto por Moysés, mas que seu auctor, pondo certos discursos na bocca do propheta, fa-lo fallar como si elle estivesse em Moab [3] ao passo que o auctor se achava do lado da Palestina.

5. Não ha duvida que a parte legislativa do *Deut.* é toda calcada na legislação de Moysés que, ao tempo em que foi escripto esse Livro, circulava sobretudo pela tradição. Já se

[1] *The Problem of the Pentateuch*, pag. 28.

[2] No art. *Beyond* no seu *Dicc.*, I, 285.

[3] Além dar obras cit., cons. W. H. Green, *Higher Criticism*, pag. 50 (pauperrima defesa da auctoria mosaica do *Deut.*). A versão de A. P. de Figueiredo toma liberdades com a *Vulg.* traduzindo *transjordanem* ora *alem* do Jordão or a *aquem* do Jordão.

disse que essa parte do *Deut.* reproduz ás vezes muito de perto as leis mosaicas, outras vezes as desenvolve e ainda outras estabelece leis perfeitamente parallelas. Ha, entretanto, algumas ordenações e preceitos que pelo antagonismo com outras leis do *Ex.-Lev.* só se explicam presuppondo um gráo mais alto de desenvolvimento e cultura social quando se escreveu o *Deut.*; isto é, indicam ser o *Deut.* escripto em periodo posterior. Exemplos :—

(*a*) Prendem-nos a attenção em primeiro logar as ordenações do *Deut.* sobre o local central do Sanctuario. No começo não havia um local apenas para nelle se offerecerem os sacrificios. Mas no mesmo *Ex.* 20 : 24 se diz : " *Em todos os logares* onde se fizer memoria do Meu nome, virei a ti e te abençoarei," e DEUS, nesta passagem, manda fazer altares de terra para os holocaustos. Assim, quando o anjo sahiu de Galgala (*Juizes*, 2 : 1-5) os Israelitas offereceram naquelle logar hostias ao SENHOR." Mais adeante se diz que Gedeão edificou " ali mesmo " em Efra, um altar ao SENHOR (6 : 24). Temos ainda a " pedra do testemunho " que Josué erigiu (*Jos.*, 24 : 26). Samuel offereceu holocaustos não em Siloh (1 *Reis*, 17 : 9); e deu instrucções a Saul para offerecer sacrificios pacificos em Galgala (1 *Reis*, 10 : 8); e Saul, depois da sua primeira investida contra os Philisteus, " edificou um altar ao SENHOR." (1 *Reis*, 14 : 35). David disse que em Beth-le-heem se sacrificava em prol dos de sua tribu (1 *Reis*, 20 : 6). Absalão fez immolar victimas (2 *Reis*, 15 : 12), e David seu pai, sabendo da conjuração subiu a um monte para ali offerecer sacrificio (*id.*, 32). De tudo isto parece certo que era permittido immolar em varios logares e contra este costume não ha um só texto. Entretanto nada póde ser mais peremptorio do que a prohibição expressa do *Deut.* (12 : 13, 14) de se offerecer sacrificio fóra do local fixado para isso . " Não offereças os teus holocaustos em qualquer logar em que vives . . . mas naquelle que o SENHOR tiver escolhido em alguma das tuas tribus." Mais ainda (12 : 26) : " Quanto ás cousas que tu tiveres sanctificado e que tiveres votado ao SENHOR, tu as tomarás e virás ao logar que o SENHOR tiver escolhido." E a mesma ordem é confirmada em outros ponctos do mesmo *Deut.* Dir-se-ha que a principio, sem templo, sem estradas melhores, era muito difficil designar-se um sanctuario central. E assim é. Mas então cumpre reconhecer que Moysés, supposto auctor do Livro, providenciou para o tempo do Templo, 250-300 annos depois de sua morte, nada dizendo sobre os sanctuarios desses primeiros tempos da nação israelita, que mais precisavam de correctivo legal.—o que é absurdo.

(*b*) O *Deut.* (18 : 1-8) considera junctas a classe dos "sacerdotes e levitas,"—"todos da mesma tribu"; diz que o Levita "exercitará o seu ministerio em nome do SENHOR seu DEUS, assim como todos os Levitas, seus irmãos que nesse tempo assistirem deante do SENHOR. Elle terá a mesma porção de alimentos que os outros: além daquillo "que na sua cidade se lhe deve pela successão paterna." E em varios ponctos são citados os "sacerdotes da linhagem de Levi" (17 : 9, 18; 18 : 1; 24 : 8, etc.). Entretanto em *Ex.* e *Num.* isto é, *posteriormente*, distingue-se nitidamente o sacerdote do Levita: este está despojado das funcções sacerdotaes que lhe dá o *Deut.* Em *Num.*, 18 : 20, 21 DEUS diz a Aarão que aos filhos de Levi dava em possessão todos os dizimos de Israel pelo ministerio em que servirem: e a Aarão e seus filhos e filhas, por direito perpetuo, todas as primicias do sanctuario (v. 19). Os Levitas deviam assistir e servir a Aarão, sem que se chegassem aos vasos do Sanctuario nem ao altar, mas guardariam o Tabernaculo. "Tu, porém e teus filhos"; diz ainda DEUS a Aarão, "guardai o vosso sacerdocio e tudo o que pertence ao culto do altar." Em *Num.*, 35 : 1-8 os Levitas teriam 48 cidades para sua habitação e se diz que Josué lh'as deu (*Jos.* cap. 21). Segundo o *Deut.* parece não existirem taes cidades: e ao contrario, os Levitas viviam espalhados por todas as cidades. Com effeito no tempo dos Juizes viam-se Levitas vagabundos sem habitação fixa nas suas cidades (*Jui.*, 17-19). E acontece que, depois da separação das Dez tribus, mesmo individuos que não eram Levitas foram nomeados sacerdotes (3, *Reis*, 12 : 31). A consequencia desta apparente contradicção é que o *Deuteronomio* parece ter leis que não eram do mesmo auctor das outras secções ampliadas.

(*c*) No *Deut.* 12 : 6, 17; 15 : 19 determina-se que o povo devia offerecer no logar que o SENHOR houvesse escolhido, holocaustos, victimas, dizimos e premicias, e os primogenitos das vaccas e ovelhas; e "*ahi comereis na presença do* SENHOR." Pois *Num.*, 18 : 18 (que é de P) dá esses primogenitos a Aarão: "as carnes servirão para teu uso, bem como o peito consagrado e a espadoa direita serão teus." Mais ainda: *Num.* determina que as primicias (que são animaes e vegetaes) pertençam aos Levitas, que darão um decimo aos sacerdotes (*Num.*, 18 : 21-28). Segundo *Deut.* os dizimos vegetaes são consumidos pelo proprio offertante e dos animaes nada se diz (12 : 17; 14 : 22). Tudo isto prova que o *Deuteronomio* tinha em mira uma sociedade diversamente constituida, e que é anterior a P, é posterior a Moysés, que, pois, não póde ter sido o seu auctor.

Continuemos, porêm, destacando outros argumentos que provam que Moysés não póde ter sido o auctor do Deuteronomio, dos quaes escolhem-se os seguintes :

6. Em *Num.*, 20 : 12 Moysés ouviu do SENHOR : " Porque vós me não crestes para me sanctificardes deante dos filhos de Israel, não introduzireis estes povos na terra que tenho para lhes dar." Isto foi em Cadés. Ora no *Deut.*, 1 : 37, 38, DEUS irado com a descrença do povo, que insistia em guerrear as populações de Canaan, declara que nenhum dessa geração, entraria na terra que lhes promettêra, excepto Caleb ; e agora, 37 annos depois, fazem Moysés dizer que o povo se não devia admirar disso, pois " o SENHOR irado tambem contra mim por causa de vós, disse : " Nem tu entrarás lá." Não é provavel esta divagação si Moysés fosse o auctor do *Deut.* ; elle não teria interrompido a sua narrativa no vers. 37 pulando de um facto do segundo anno a outro no 39º anno do Deserto, para logo no vers. seguinte continuar a tractar das cousas do segundo anno.

7. Segundo *Num.*, cap. 14, os Israelitas passaram quasi todo o tempo no Deserto em Cadés, parados ; mas pelo *Deut.*, 2 : 1, 14 elles rodeiaram o monte Seir e passaram 38 annos desde Cadésbarne até a torrente de Zoreb, em Edom.

8. *Deut.*, 9 : 9 diz que quando Moysés subiu ao monte para receber as taboas de pedra ficou ali 40 dias a jejuando ; o *Ex.*, diz que elle subiu tres vezes e jejuou na terceira (34 : 28).

9. *Deut.*, 10 : 1 - 4 descreve circumstanciadamente como Moysés subiu ao monte com as novas taboas, e como fizera uma Arca de páo de chitim e voltando pôz as pedras na Arca. Em *Ex.*, 34 : 1-4 tambem circumstanciado, Moysés sobe ao monte onde permaneceu 40 dias em jejum e então escreveu nas Taboas : e no *Ex.* 36 : 1 e 37 : 1, Beseleel faz a Arca de páo de chitim, e Beseleel " foi chamado por seu nome pelo SENHOR (*Ex.*, 35 : 30).

10. Em *Deut.*, e *Num.* os nomes das paradas dos Israelitas no Deserto são dadas ás vezes em sentido inverso ; Aarão morre em dous logares diversos.

Tudo isto parece dar razão aos que não podem ver a mão de Moysés no *Deuteronomio* ou, de facto, no Pentateuco. Elle certamente deixou com os sacerdotes um *torah* autographico com o Decalogo e provavelmente o pequeno codigo de Leis, que hoje denominamos " da Alliança." Moysés sem duvida traçou as bazes das leis fundamentaes de religião dos Hebreus,—bazes inalteraveis, que indelevelmente dão o seu cunho a todas as instituições posteriores, baseadas naquelles leis, e que não podemos deixar de chamar mosaicas. O Pentateuco, porêm contém não só aquellas bazes como os retoques que os seculos

foram operando no seu desenvolvimento, e os fios das tradições diversas que corriam sobre certos factos da historia primitiva da nação. As discrepancias e contradicções que se observam são devidas á diversidade das epochas dessas tradições e ao desejo dos compiladores de conserva-las todas. Quando Jerusalem foi restabelecida apoz o exilio do seu povo na Babylonia teria sido comparativamente facil compôr um Pentateuco corrido, solido, uno, sem contradicções,—uma historia coherente de que tivessem desapparecido todas as asperezas e difficuldades. Muito mais veneravel, porêm, é o nosso livro sagrado como no-lo conservaram os Judeus, e cuja admiravel unidade não exclue essa divina formação compósita de tantas tradições e auctores diversos. O *Deuteronomio* ou o Pentateuco não são menos sanctos por não terem sido escriptos por um só propheta em certa era mais remota. O mesmo Espirito que inspirou a Moysés illuminou os outros escriptores que seguiram a gloriosa pista que elle lhes traçou.

Como já dissemos o cap. 27 do *Deut.* parece enxertado e fora de logar entre os caps. 26 e 28 e como o proprio capitulo 27 contém elementos diversos. Para as maldições não ha bençãos correspondentes e ao passo que nos vers. 12, 13 as tribus recebem de Moysés a ordem de lançarem a benção e a maldicção, são os Levitas que lançam a maldicção (vers. 14 e seg). Alguns criticos suppõem que os vers. 9 e 10 estavam a principio entre o fim de cap. 26 e o principio do cap. 28. As maldições parecem-nos encaixadas aqui posteriormente para se cumprir o que o auctor do *Deut.* declara que Moysés disse em 11 : 26-28 (Vide), o Redactor omittindo as bençãos por considera-las já expressas no cap. 28.

Os caps. 29 : 2-29, e 30 são addições do tempo do Exilio, e em estylo que não é exactamente o do Livro mas na opinião dos criticos, do tempo de Jeremias. No cap. 29 : 1 Moysés conclue o seu discurso e o concerto com os filhos de Israel na Terra de Moab. Parece que nada mais havia a accrescentar. Mas o Redactor deuteronomico precisava confortar os exilados em 30 : 1-10, promettendo-lhes a volta do captiveiro si se arrependessem muito de coração dos seus peccados.

No cap. 32 : 1-43 temos o chamado Cantico de Moysés, sem allusões historicas que nos auxiliem a determinar-lhe a data. Mas a philologia lhe tem traçado arameismos proprios dos seculos 8º e 7º A.C. e o tom do Cantico contribue para que se lhe fixe essa data. Elle presuppõe Israel já estabelecido " sobre uma terra alta " e rica (vs. 13-14) e, assim " engordado e alargado,"

abandonando a Deus (v. 15), adorando deuses estranhos, "deuses novos e recentes que seus pais não tinham adorado" (v. 16, 17). O cantico tem duas introducções (31-16-22 e 30) é realmente um bello retrospecto da historia de Israel interpretada por um verdadeiro propheta. O poema increpa severamente a Judá pela sua apostasia, pela sua loucura de desprezar o Deus que o libertou, e que ainda o libertará; e passa do tom austero ao mais terno appêllo á gratidão por um Ente que é a propria bondade,—tudo isto com grande habilidade litteraria e calorosa eloquencia.

Finalmente no cap. 33 encontramos "a benção que deu Moysés, homem de Deus, aos filhos de Israel antes da sua morte," que occupa todo o capitulo. Segundo Westphal [1] temos antes aqui "um hymno em honra de Moysés abençoando o seu povo, hymno destinado a perpetuar em Israel a memoria do heroe e a recordação dos tempos de prosperidade em que foi composta esta bella peça."

No estylo este poema não faz lembrar o *Deut.* Basta notar que o auctor deste emprega sempre Horeb por Sinai e aqui encontramos "Jahveh veiu do Sinai" no vers. 2. Na benção a Judá, vers. 7, diz o poeta, segundo a *Vulg.*: "Audi, Domine, vocem Judæ, et *ad populum suum introduc eum*, isto é, nesta prece o pedido para Judá é que seja *trazido* a seu povo. Dahi grande parte dos criticos [2] contende que o poema é de algum Ephraimita que, escrevendo nos dous primeiros seculos depois da divisão do reino, desejava que o pequeno e isolado Judá voltasse á comunhão do reino do Notre ou de Israel. Grätz, porêm [3] e outros entendem que houve erro no texto que precisa ser corrigido. Nota-se que Simeão, o segundo filho mais velho de Jacob, está excluido das bençãos: este v. 7 realmente refere-se não a Judá mas a Simeão, cuja tribu se foi extinguindo, como é sabido. E a prece é que elle seja reintegrado. Segundo esses criticos a benção de Judá seria então a do vers. 11. Apparentemente tracta-se aqui de uma interpretação "muito violenta para ser provavel," no dizer do Dillmann e Driver.

O poema foi provavelmente escripto, segundo a opinião de Graf, sob Jeroboam II (782-743 a.c.) quando parecia que Israel ganharia novamente seu poderio anterior.

Epocha do Deuteronomio.—Provado que D é posterior a J E e anterior a P, importa á critica determinar a epoca em que foi escripto. Desde a morte de Salomão (975) Israel foi descambando da verdadeira religião, apressado este facto pela

[1] *Ob. cit.*, II, pag. 48, nota.
[2] Ewald, Wellhausen, Dillmann, Westphal, etc.
[3] *Geschichte der Jüden*, II, 486-488.
[4] *Die Gesch. Bücher d. A. T.* (1866), *cit.* por C. F. Moore, *Deut.* na *E. Bib.*

divisão do reino, tendo um delles perdido o sanctuario de Jerusalem, que sempre lembrava o culto mosaico e as outras instituições divinas. Quasi todos os Reis de Judá e do reino do Norte, Israel, deram-se ao culto seguido pelos Canaaneus, ainda quando o prestavam simultaneamente com o que davam a JAHVEH. Quem ler a curta biographia desses monarchas nos Livros do *Reis*, vê bem a mesma e monotona historia dos que " obraram o mal deante do SENHOR."

Entretanto nesse periodo tenebroso, de 253 annos para Israel e 388 annos para Judá, isto é, entre 975 e 587, quando Jerusalem foi tomada, surgiram alguns reis piedosos mas que eram, ainda assim, fracos e não puderam cortar radicalmente o mal da idolatria, ao passo que um surgiu nos ultimos tempos, Josiah (640-609), que procurou resolutamente extirpal-a. Em 727 o ultimo rei Oséah, de Israel, foi levado preso para a Assyria, e Samaria foi tomada e habitada por esses estrangeiros. Em 4 *Reis* 17 : 9-22 vêm, claras, as razões deste divino castigo : " os filhos de Israel tinham offendido o SENHOR, seu DEUS com acções más e tinham edificado para si " altos " em todas as suas cidades . . . estatuas e bosques . . . e ali queimavam incenso sobre os altares á maneira das gentes que o SENHOR tinha exterminado na entrada delles . . . e adoravam as abominações . . . e tinham rejeitado as Suas leis . . . e abandonado todas as ordenações do SENHOR . . . e tinham feito dous bezerros fundidos, e bosques e tinham adorado todos os astros do céo, e tinham servido a Baal, e sacrificado seus filhos e suas filhas pelo fogo, e davam-se a adivinhações e agouros . . . E o SENHOR se indignou sobremaneira contra Israel, e os rejeitou de deante de sua face. . . ."

Podemos imaginar que impressão profunda causou esta rejeição e este captiveiro de Israel não só entre os seus subditos como no reino-irmão de Judá. A maior parte deste povo escolhido, e que tinha entrado n'um divino compacto, era agora levado prisioneiro para um paiz de incircumcidados e pagãos.

Quatro annos antes deste acontecimento começou a reinar em Judá Ezekiah, que então contava 25 annos. Havia já 14 annos que o primeiro Isaias prophetisara as desgraças que deviam cahir na Palestina e a sua realização devia ter impressionado muito ao joven Rei que com effeito " fez o que era bom na presença do SENHOR " (4 *Reis*, 18 : 3) ; " elle destruiu os altos e esmigalhou as estatuas e deitou a baixo os bosques, e fez em pedaços a serpente de metal que Moysés tinha fabricado : porque os filhos de Israel até então lhe haviam queimado incenso, e a chamou Nohestan," e " pôz a sua esperança no

SENHOR DEUS de Israel . . . e observou os Seus mandamentos." Durante o seu reinado prophetisaram Isaias e Miqueas.

Não durou, porêm, muito este periodo de reformas. Ezekiah falleceu depois de reinar 29 annos para deixar como successor Manasséh, menino de 12 annos e que reinou cincoenta e cinco annos, durante os quaes produziu uma tremenda reacção contra tudo que seu pai fez para restabelecer o reino de DEUS. Elle "reedificou os altos . . . levantou altares a Baal e plantou bosques . . . e adorou todos os astros do céo e lhes rendeu culto." Até "constituiu altares na casa do SENHOR e dedicou altares a todos os astros do céo nos dous atrios do Templo . . . E fez passar seu filho pelo fogo, e amou adivinhações, e observou agouros e instituiu pythões e multiplicou os aruspices." Emfim, elle "commetteu abominações ainda mais detestaveis do que tudo quanto os Amorrheus tinham feito antes delle, e fez peccar tambem a Judá com as suas infamias." (4 *Reis*, 21 : 3-11).

Por sua morte reinou Amon que por dous annos persistiu na perversidade de seu pai.

Succedeu-lhe, felizmente outro homem do feitio de Ezekiah, ainda mais radical reformador do que o avô. Tinha Josiah oito annos quando em 640 começou a reinar, e reinou 31 annos, morrendo com menos de 40 annos. Desde joven mostrara vivo interesse nas cousas da religião dos seus antepassados e sobretudo nos concertos de que carecia o Templo.

Foi durante estas obras que o pontifice Hilkiah ou Helcias, um dia "achou" um "Livro da Lei na casa do SENHOR," deu-o ao secretario do Rei que o levou e o leu ao Rei Josiah; e este, como "tivesse ouvido as palavras do Livro da Lei do SENHOR, rasgou os seus vestidos." Confessou que realmente seus pais "não ouviram as palavras deste Livro." Convocados pelo Rei "todos os anciãos de Judá a Jerusalem, com elles, e com sacerdotes e prophetas e todo o povo," pequenos e grandes, "leu, ouvindo todos elles, todas as palavras do Livro do Concerto, que fôra achado na Casa do SENHOR. E o Rei se pôz em pé sobre um degráo, e fez concerto com o SENHOR que andariam pelo caminho do SENHOR. . . . De todo o seu coração e com toda a sua alma, e cumpririam as palavras deste Concerto, que estavam escriptas n'aquelle Livro: e o povo esteve pelo pacto" (4 *Reis*, 23 : 23). Josiah metteu, pois, mãos á obra; e reformou mais uma vez a religião em Judá: elle pôz fóra do Templo os vazos feitos para Baal e para "a milicia do céo," queimando-os fóra de Jerusalem no valle do Cedron"; aboliu os agoureiros e adivinhadores; aboliu os que queimavam incenso a Baal, ao Sol, á Lua, aos doze Signos, e a toda a milicia

de céo," derrubou as casas dos effeminados no Templo; profanou os altos desde Gabaa até Bersabê e destruiu os altares á entrada de Jerusalem: contaminou çophet para ninguem sacrificar filho a Moloch; tirou os cavallos que os Reis deram ao Sol á entrada do Templo; destruiu os altares de Ahaz e Manassés nas suas camaras e nos dous atrios do Templo e queimou-os, contaminou os "altos" que Salomão edificara a Astarott dos Sidonios e a Camon e Melcom (3 *Reis*, 11 : 7); derrocou os altos de Samaria e matou seus sacerdotes. Por fim, Josiah ajunctou em Jerusalem todos os sacerdotes de Judá. Os que ministravam nos "altos" foram prohibidos de approximarem-se do altar. E o Rei festejou logo depois a Paschoa e de um modo tal como nunca se vira desde o tempo dos Juizes.

Seus successores, Johaz e Joaquim reinaram ambos seis mezes, vindo depois Sedecias que foi levado preso para Babylonia. Jerusalem cahindo 78 annos depois da morte de Josiah.

Fizemos esta resenha para explicarmos que quasi todos os criticos sustentam que o Livro achado no Templo por Helcias e levado ao Rei, o Livro que operou as reformas de Josiah, era este *Deuteronomio*, escripto por algum sacerdote inspirado do verdadeiro espirito prophetico. Carecemos de prova *absoluta* de que o Livro achado por Helcias ou Hilkiah seja o nosso proprio *Deuteronomio* de hoje: mas a sua identidade se estabelece por todas as provas circumstanciaes, sobretudo destes dous factos capitaes: primeiro, o espirito geral do Livro, comparado com o dos Prophetas que o antecederam immediatamente, e, em segundo logar a resenha das reformas effectuadas por Josiah e que constam de 4 *Reis*, 23 : 4-25, as quaes correspondem exactamente ás leis que vemos no *Deuteronomio*, inclusive a celebração da Paschoa, que, como tal, não se solemnisara desde o tempo dos Juizes (vers. 22).

Todavia, na opinião geral dos criticos o Livro achado no Templo não comprehendia todo o *Deuteronomio* como o vemos hoje. Wellhausen e Cornill crêm que consistia só da parte central (caps. 12-26) ao passo que, para nós, a melhor opinião de Driver fixa os seus extremos entre 5 : 26 e 26 : 19 e tambem o cap. 28.

Driver pensa que o Deuteronomista é o successor legitimo de Hoséas que traçou a deterioração moral e material do reino do Norte ao facto que este desertara a JAHVEH, e que em tempo avisou-o das amargas consequencias que lhe ia acarretar tal deserção. E accrescenta que foi a reacção terrivel do reinado de Manasséh que despertou no auctor os principios de seu ensino, que devia estimular a consciencia nacional. O propheta

Hoséas prega o amor a DEUS, o affecto de sympathia para com o prioximo como o fructo natural e immediato da Religião: do mesmo modo o auctor do *Deuteronomio*. Este prega que a Religião não se occupa só do intellecto e da vontade, mas sim, e muito, com a direcção que damos aos affectos. Suas ideias são bazeadas nas dos Prophetas, no seu monotheismo, absoluto e exclusivo; e é por isso que elle deseja concentrar o culto em Jerusalem, pois vê o mal que os altares faziam á verdadeira fé.

Assim, concluem estes escriptores, no meio da terrivel idolatria dos Israelitas, era necessario este manifesto ou proclamação do *Deuteronomio*, e em nome de Moysés, para dar-lhe maior auctoridade. E elle, dizem ainda, foi elaborado no tempo de Manasséh ou logo depois, nos primeiros annos de Josiah, para levantar a consciencia nacional ao perigo que se lhe antolhava, e faze-la reverter aos sãos principios do mosaismo.

As provas que foi esse livro que provocou Josiah a tomar as suas energicas resoluções são estas, na unanime opinião dos criticos. Todas as reformas de Josiah são justamente as recommendadas pelo *Deut.*: a eliminação dos altos, não só idolatras mas os em que JAHVEH era adorado; a completa destruição de todos os idolos, *Asherim*, e symbolos; a celebração da Paschoa em Jerusalem de accôrdo com as instrucções de *Deut.*, 16 : 5, 6; a concentração do culto em Jerusalem, de accôrdo tambem com elle; o destaque dado aos Prophetas que vinham exercendo tamanha influencia, etc.

Examinemos agora quando foi provavelmente escripto o *Deuteronomio*. Entendem alguns criticos que é obra do proprio reinado de Josiah ou do seu antecessor, isto é, de 640-620 A.C.[1] Outros crêm que seja da epocha de Manasséh (697-642), o avô de Josiah.[2]

O estudo, porêm, desta questão nos tem levado a crer que o *Deuteronomio* foi composto nos primeiros annos de Ezekiah. Como já mostramos este Rei tambem destruiu os altos e esmigalhou as estatuas. Nos primeiros quinze annos de seu reinado, Salmanazar tomou Samaria e Sin-akerib attacou e tomou as cidades fortes de Judá. Foram dias de consternação e de lucto. Ezekiah estava aterrorisado e sabia bem porque o povo escolhido passava por estas provanças. O Propheta Isaias, que começara a pregar trinta annos antes, foi mandado por DEUS para confortar o Rei: os Syrios foram anniquilados e Sin-akerib voltou a Ninive. Depois este Rei

[1] Assim pensam Dillmann, Reuss, Bleek, Cornill, Kuenen, Wellhausen, etc.
[2] Desta opinião são Ewald, Kittel, Dillmann, Ryle e Driver.

de Judá alegrou-se com a embaixada do Rei da Babylonia e o mesmo Propheta veiu annunciar-lhe que viriam dias em que os filhos do Rei, e tudo que houvesse em sua casa, seriam levados para a Babylonia.

Não podia ser extranha essa prophecia, que se realisaria tão breve (110 annos), a quantos tinham o instincto religioso e observavam os acontecimentos, tanto mais quanto dezenove annos antes de fallecer Ezekiah os seus subditos de Judá viram como foi derrocado o reino-irmão do Norte, parecendo incrivel que, com todos estes factos e prenuncios, Manasséh, o successor d'aquelle rei piedoso, tão tresloucadamente revertesse ás maiores abominações da idolatria.

Nós acreditamos que este *Deuteronomio* foi começado como um appello urgente aos Judeus por algum sacerdote-propheta justamente depois da queda de Samaria no começo do reinado de Ezekiah. Veiu depois Manasséh que, como vimos, se entregou aos inimigos de seu pai e da Religião ; e o auctor, percebendo que a occasião não era propria para publicar o seu trabalho, conscio da sua inspiração, depositou-o no Templo para esperar por mais opportuna occasião, e ahi esteve elle muito naturalmente esquecido durante aquelle ominoso e longo reinado, até que foi realmente descoberto pelo Pontifice Helcias. Ezekiah começou a reinar em 726 e cinco annos depois cahiu Samaria. É por esse tempo que D, o Deuteronomista, começou o seu livro, colleccionando as leis mosaicas e as que foram transmittidas pela tradição mosaica, e que de certo não eram mais, em muitos casos, as ordenações de 700 annos atraz. Litterariamente elle fez a obra parecer como do proprio Moysés, pondo-lhe na bocca discursos seus, tal como depois fizeram os *Dialogos* de Platão, Shakespeare com os seus Reis, etc. Segundo esta nossa hypothese, pois, o livro achado por Helcias, tinha cêrca de um seculo de existencia.

Si elle fosse escripto nos primeiros dias de Josiah, como o pretende a maior parte dos criticos, como o achado foi com 622, no 18º do reinado do Rei, que então só contava 26 annos, seria um rollo *novo* de pergaminho e não merecia tanta fé de Josiah ainda que o merecesse do Pontifice ao qual até alguns criticos accusam de ter commettido uma *fraude pia !* Tracta-se, para elles, de uma conspiração da classe sacerdotal para enganar o rapaz Josiah, naturalmente impressionavel ! Mas não : si o livro causou grande impressão foi, primeiro, por não ser um livro de auctor conhecido ou moderno e, sobretudo, por conter realmente um admiravel e authentico resumo da legislação mosaica accompanhado de uma parte homiletica das mais profundas verdades que deviam calar no animo do povo, sem o

qual, afinal de contas, não poderia haver reforma possivel. Como diz o texto de 4 *Reis*, o livro foi chamado o "*Livro da Lei*" por Helcias e como tal tido por Josiah, pelos sacerdotes, pelos anciãos e pelo povo. Todos reconheciam n'elle o espirito de Moysés, fallando, apostrophando, ao travez dos seculos para que o povo de Israel amasse o seu DEUS, unico SENHOR do mundo, e se convencesse que, fóra d'Elle não havia DEUS.

Por estes motivos parece-nos, pois, que a data do Deuteronomio é entre 720 e 700 A.C., uns 90-100 annos antes da epocha que lhe assignam os criticos em geral.[1]

[1] Em uma nota em Driver vemos que Delitzsch em 1880 n'um artigo no *Zeitschrift fuer Kirchlishe Wissenschaft* opina por uma data anterior a Isaias que começou a prophetisar em 740. Não conhecemos o artigo, mas esta opinião é preferivel á da maior parte dos criticos. D. é muito superior ao primeiro Isaias, de que alguns trechos lembram apagadamente D; e este penetrou fundamente as prophecias de Jeremias e, até certo ponto as de Ezekiel.

CAPITULO XXI

P, OU O CODIGO SACERDOTAL

GRANDE differença nota-se entre P, e ou J E ou D. Elle carece da simplicidade, do amor da natureza, da intelligencia aguda e do maravilhoso estylo de J E e da imponente, brilhante e calorosa eloquencia do *Deut.* É frio, dogmatico, subjeitando a historia a um methodo estreito que concebeu, inclusive as proprias geneologias e a chronologia antiga. P é um sacerdote ou antes uma companhia de sacerdotes aos quaes só importa a theocracia mosaica. Pouco se abalam com os acontecimentos historicos que não sirvam para com elles poderem demonstrar que o fim de toda a historia é o culto do Templo, cogitado desde o principio do mundo. Durante algum tempo suppunha-se ser P o primeiro escriptor em cujo trabalho ou *Grundschrift*, como o chamavam os Allemães, se accommodaram os outros; mas hoje que a critica tem discriminado a collaboração do Hexateucho, tornou-se evidente que estes sacerdotes tomaram as velhas historias escriptas de Israel e Judá e entalharam nellas, e fartamente, as suas tradições ecclesiasticas agora que, extinctos os dous reinos, só restavam do antigo povo escolhido as suas Escripturas esparsas, e velhas tradições, ao redor das quaes pensavam elles, e bem, que cumpria agora colligarem-se na maior unidade de fé e de culto.

Dos tres codices é este o maior. Como já se viu pertence-lhe inteiro o *Levitico*, e tres quartas partes de *Numeros* e alem de sua contribuição para os dous primeiros Livros.

É delle a primeira historia biblica, o monumental esboço da Creação, mostrando logo o seu gosto pela ordem e pelos numeros. Deus creou o mundo em seis dias e no septimo—no fim da semana—cessou de trabalhar, P inculcando desde logo que o Sabbath judeu era sanccionado desde a fundação do mundo. J, como se viu, interessou-se pela creação especial da mulher, pelas legendas do Paraiso terrestre, pela origem do peccado, pela historia dos filhos de Adão e Eva e do primeiro homicidio e dos primeiros descendentes do homicida: P não occupa-se disto. Sempre com a ideia fixa do Judaismo elle nos dá de preferencia a sêcca genealogia do terceiro filho de Adão, Seth; e com toda a minudencia dá-nos as edades de

todos esses patriarchas ante-diluvianos até Noé: elle nos diz com quantos annos morreu cada um delles e que edade tinha cada um quando nasceu-lhe o primogenito, (*Gen.*, cap. 5). Pouco adeante nos dá uma das versões do Diluvio, mencionando as dimensões exactas de Arca (16 : 15); e Noé sendo salvo faz um *pacto* com ELOHIM, cujo signal era o "arco nas nuvens." Dá-nos logo (cap. 10) a descendencia de Noé, por seus trez filhos, Sem, Cão e Japhet. A de Sem (11 : 11-27) acaba em Abrahão, e em seus irmãos Nacor e Aran,—o fim do escripto sendo provar que Abrahão, o fundador e pai do povo israelita descendia directamente de Adão por Noé. Não é delle a historia da vocação de Abrahão mas diz-nos que, ao sahir de Haran, tinha o patriarcha 75 annos de edade (12 : 4). Vem então por extenso o pacto de DEUS-Todo-Poderoso,—*El-Chaddai*—com Abrahão (cap. 17), cujo signal ficava sendo a circumcisão, outra instituição fundamental do Judaismo, como o Sabbath, e á qual P dava agora uma baze solida.

É de P a nota sobre o nascimento de Isaac em 21 : 1-5, com a observação de que o menino foi devidamente circumcidado e que Abrahão contava cem annos quando lhe nasceu elle. Tambem pertence-lhe a narrativa da morte de Sarah (cap. 23) e a da compra do campo de Ephrom, o Hetheu, para o tumulo da familia, compra precedida de todas as formalidades legaes. Afinal tambem morre Abrahão, diz P, com 175 annos, sendo ali mesmo sepultado; e vem então o catalogo da descendencia de Isaac e de Ismael (25 : 12-17, 19, 20).

Ao passo que em J E Jacob é mandado para a Mesopotamia por sua mãe para fugir á colera de Esaú, P em 28 : 1-9, representa-nos Isaac pedindo ao filho que vá ali buscar uma esposa entre as suas primas, filhas de Labão. Depois de servir vinte annos a este Syro, irmão de Rebecca, Jacob volta á Palestina com as suas mulheres, filhos, servos e gados, e, sorprehendido em caminho pelo inexoravel sogro, é por este poupado por intervenção divina e faz um compacto com Labão: uma das duas narrativas deste arranjo é de P (31 : 51-55), seguindo-se-lhe a visão de Jacob do "Arraial de DEUS," ou Mahanaim.

Quasi toda a historia da violencia feita a Dina e da terrivel vingança que seus irmãos Simeão e Levi tomaram contra os Sechemitas, nos é conservada por P em grande parte do cap. 34, bem como a do levantamento por Jacob de um altar em Beth-el (casa de DEUS) por ter ali apparecido DEUS quando Jacob fugia de Esaú. A comprida lista dos descendentes deste Esaú é tambem do mesmo auctor (cap. 36). Sobre a linda historia de José não possuimos versão nenhuma de P, excepto que elle contava trinta annos quando se apresentou ao

Pharaó (41 : 46). Seu veso pelas genealogias e estatisticas se mostra ainda em 46 : 6-27 em que nos dá a lista dos filhos de Israel que entraram no Egypto, bem como os dos que José e Benjamin tiveram ali. Mais adeante deixa-nos nota da edade de Jacob quando ali chegou (130 annos) e do tempo que viveu ainda, dezesete annos (47 : 9, 28). Nem esquece o pedido de Jacob de ser sepultado na mesma caverna de Ephrom, o Hetheu, comprada por Abrahão (49 : 29-31).

No Exodo P começa repetindo os nomes dos filhos de Israel que entraram no Egypto (1 :1-5) onde se reproduziram " como os renovos das arvores " (v. 7), apezar de vexados com penosas tarefas e insultos (v. 13, 14). Mas Jahveh " olhou para os filhos de Israel e os reconheceu " (v. 25). Jahveh, então, mandou-lhes dizer por Moysés que os livraria dessa servidão e os tomaria por Seu povo e seria o Seu Deus, o que Moysés fez. Jahveh em seguida mandou Moysés e Aarão fallar ao Pharaó (6 : 2-13). Vem então encaixadas as genealogias de Ruben, Simeão e Levi (14-27) que parecem deslocadas aqui. Os dous irmãos apresentam-se perante o Pharaó e P não omitte dizer que Moysés contava então 80 e Aarão 83 annos de edade (7 : 7). A historia das pragas é supplementada por elle no que toca ás das aguas sangrentas, rãs, mosquitos, pestilencia e morte dos primogenitos. Sobre a instituição da primeira paschoa, P estende-se em muitas minudencias, como era natural (12 : 1-20, 28, 43-51). São de P as instrucções a Moysés sobre onde se acampariam os Israelitas ao sahirem do Egypto, e uma das suas versões sobre a passagem do Mar Vermelho (cap. 14). Tambem accrescenta alguma cousa sobre o manná (16 : 31-36). Sobre a legislação fundamental do Sinai e do " Codigo Sinaitico " ou " da Alliança " nada nos é adeantado pelo escriptor sacerdotal que só reapparece no *Exodo* no cap. 25, d'onde e até o cap. 31 : 18 refere o que se fez no deserto para a construcção do Tabernaculo, com a Arca, o propiciatorio, a mesa, o candieiro, as cortinas, o véo, o altar dos holocaustos, etc. ; referindo mais que Jahveh fez chamar a si a Aarão e seus filhos para exercerem as funcções de sacerdotes, passando P a occupar-se das vestes sacerdotaes, do ceremonial da consagração, do oleo, incenso, dos artifices da obra do Tabernaculo, e, por fim, reiterando a necessidade da observancia do Sabbath que será sancto : " aquelle que o violar morrerá de morte " (31 : 14). Todas estas instrucções (de P) estão encravadas no *Ex.* logo apoz o Cod. da Alliança, mas é claro que são muito posteriores. O Tabernaculo sumptuoso de P é bem diverso do de que falla J E em *Ex.*

Finda essa longa contribuição de P no remate do cap. 30 temos nos caps. 32-34 extractos de J E, sendo dedicado o cap. 32 á narrativa do bezerro de ouro que P não refere talvez por que era tão deprimente para Aarão. Do cap. 35 ao ultimo (40) P continua dando instrucções sobre o sabbado, as offertas para o Tabernaculo, a entrega da obra deste a Bezaleel e a Oholiab e a execução de todo esse trabalho segundo as instrucções já anteriormente mencionadas. Afinal é o Tabernaculo levantado, Aarão e os sacerdotes são ungidos para o seu serviço. " Então a nuvem cobriu a tenda da Revelação e a gloria de Jahveh encheu o Tabernaculo " (40 : 34).

O Levitico é todo de P, incluindo os caps. 17-26 que constituem o chamado " Codigo de Sanctidade," já bem conhecido entre os sacerdotes e que P annexou ahi, como convinha a um Livro que era, como o chama o Talmud, a " Lei dos Sacerdotes." De facto P nesse Livro foi apenas um compilador de leis, algumas das quaes antiquissimas.

Como já dissémos, P tem extensa parte no Livro dos Numeros. Vem em primeiro logar o recenseamento de Israel " pelas suas familias e casas" com os nomes dos varões de 20 annos para cima. Esta enumeração foi ordenada " no 1º dia do 2º mez do 2º anno do exodo do Egypto." Segue-se a maneira de acamparem-se os Israelitas ao redor do Tabernaculo. Os filhos de Aarão e os Levitas são escolhidos para o serviço do Tabernaculo e os deveres dos Levitas são minuciosamente fixados (caps. 1-4). Vêm então instrucções sobre os leprosos e immundos, e sacrificios e provas sobre a mulher suspeita de adulterio (cap. 5), sobre a lei do nazireado, e o modo de abençoar os filhos de Israel (cap. 6). No cap. 7 refere P as principaes offertas dos principes e chefes das familias das tribus para o Tabernaculo e o Altar,—offertas que enchiam seis carros de bois , e o cap. 8 entra em pormenores sobre o modo por que devem ser accesas as lampadas e consagrados os Levitas do Tabernaculo. Conta então que foi celebrada a primeira paschoa no deserto sinaitico, e como devem ser usadas as cornetas de prata (10 : 1-10).

Desse deserto sahiram os Israelitas " no dia 20 do 2º mez do 2º anno." Moysés convida a Hobab (o Jethro de J E) para servir ao povo de guia pelo deserto que elle tão bem conhece (10 : 29-32). Os Israelitas partiram, sempre murmurando. Doze homens são enviados para espiar a terra de Canaan, que acharam rica, mas habitada por homens gigantes e fortissimos, com cidades fortificadas : ouvindo isto, se insurgiu o povo contra

Moysés, querendo até voltar para o Egypto: mas DEUS determinou que aos murmuradores não seria permittido entrar na terra de Canaan (caps. 13, 14).

Temos então uma collecção de leis diversas (cap. 15), a historia de Coré (Korah) que se revoltou contra Aarão e a tribu de Levi, pelo que foram punidos por JAHVEH: P faz JAHVEH approvar Levi, fazendo florescer a vara de Aarão (caps. 16, 17). Vêm então instrucções sobre os deveres e direitos dos sacerdotes e dos Levitas, a agua da expiação, a morte de Maria, irmã de Moysés, e a do seu irmão Aarão, no monte Hor (caps. 18-20). Depois de um incidente dos Israelitas com as filhas dos Moabitas (cap. 25) JAHVEH manda fazer-se segundo recenseamento (cap. 26) cujo resultado dá a Israel 601.730 homens de pegar em armas. Seguem-se até o cap. 31 inclusive varias leis sobre a divisão da terra heranças, o holocausto perpetuo, as offertas divinas, votos e certas leis de guerra. Josué é designado para successor de Moysés (caps. 27-30). A victoria de Israel n'um combate com os Madianitas offerece ensejo a P a descrever minuciosamente a presa tomada ao inimigo e como foi dividida: havia, diz-nos elle, " 675.000 ovelhas, 72.000 bois, 61.000 asnos e 32.000 pessoas do sexo feminino que se conservavam virgens " (cap. 31).

Depois disto P descreve as jornadas dos Israelitas, pelas suas turmas, desde o Egypto até Moab. J E nada nos dizem sobre esses 39 annos e P apezar da sua longa lista de quarenta paradas nada de essencial nos adeanta, porquanto é quasi impossivel fixar hoje onde foram taes paradas (cap. 33). Chegados os Israelitas aos confins da terra promettida, são fixados os limites desta que constituiriam a herança de nove e meia tribus de Israel, pois a duas e meia caberiam terras do lado oriental do Jordão. P dá-nos então a lista dos homens que deveriam proceder á divisão de Canaan (cap. 34), ficando reservadas quarenta e oito cidades, cuja área nos é fixada com toda a exacção, para asylo dos fugitivos (seis) e para habitações dos Levitas (quarenta e duas), ao todo quarenta e oito cidades (cap. 35). E afinal o Livro dos *Num.* conclue com um cap. sobre herdeiras, e que parece deslocado ahi (cap. 36).

Deste resumo do material de P vê-se que para elle o sacerdotalismo era tudo. DEUS fizera compactos com Israel para ser o DEUS delle e para elle ser o seu povo, para estar sempre, por assim dizer, no Tabernaculo no meio da congregação de Israel: para P, pois, o supremo objecto da vida era o rigoroso cumprimento das leis mosaicas e a egualmente rigorosa observancia de todas as regras do culto. Para o sêcco, formalista e

duro P eram indifferentes esses grandes problemas theologicos que interessaram a J E e a D.

Como se explica o soffrimento, como veiu o peccado,—todos estes mysterios da vida parecem não existir nos seus escriptos, sempre tão estereotypados e methodicos e sempre obedecendo ao seu estreito proposito. Nem elle se abala propriamente com a historia ; e a impressão que nos deixa é que só escreveu o quadro da Creação para ali filiar a instituição do Sabbath ; e a historia de Noé para o compacto respectivo ; e que era preciso ir a Abrahão para ter uma sancção forte para a instituição da circumcisão.

Entretanto não falta verdadeira grandeza, como diz Westphal, ás concepções do Codigo sacerdotal. Para elle os acontecimentos historicos são passageiros ; de facto a historia era a do povo judeu. "Ao passo que o escripto prophetico (J E), reproduzindo a alma do povo d'onde sahiu, põe-nos face a face com a natureza e nos faz sentir os perfumes da terra sagrada que foi a dos seus heroes, o Codigo Sacerdotal é uma obra de arte onde a convenção leva de vencida a realidade viva e, na sua majestade, traz á nossa lembrança, os baixo-relevos das nossas cathedraes gothicas, com os seus sanctos, de severa catadura, com seus braços angulosos, crusados nas dobras symmetricas dos seus mantos de pedra."[1] Sua formação é, pois, complicada. Parece que o nucleo de P era algum manual dos sacerdotes, com leis rituaes e uma parte historica, P^2, e que a este se foram aggregando P^3, etc., formando o actual P. Que houvera um nucleo primitivo parece muito natural. Em todas as nações o clero fórma logo de começo o seu codigo de leis regulando o culto ; e essas leis se vão expandindo, o processo levando seculos no seu desenvolvimento. D'ahi, como se disse, P contém outros documentos reputados de alta antiguidade.

Parece que P não é uma obra escripta de uma feita, pois contém muitas contradicções, interrupções e accrescimos que demonstram ter sido preparada aos poucos e em epochas diversas, em que se lhe foram ajunctando documentos novos. Entre as contradicções basta que aponctemos estas :—I. Em *Esd.*, 29 : 7, 29 ; *Lev.*, 4 : 3, 5, 16 ; 6 : 13, 15 ; 8 : 12 ; 16 : 22 ; 21 : 10, 12 ; *Num.*, 35 : 25, sómente Aarão e o Summo Sacerdote eram ungidos ; ao passo que em *Ex.*, 28 : 41 ; 30 : 30 ; 40 : 15 ; *Lev.*, 7 : 36 ; 10 : 7 e *Num.*, 3 : 3 todos os sacerdotes eram ungidos.—II. Segundo *Num.*, 4 : 3 os Levitas começavam a servir no Templo aos 30 annos, e segundo 8 : 24, aos 25. E assim outras.—Quanto ás interrupções na exposição observa-se que a continuação de *Ex.*, 6 : 12 está em 7 : 1 e

[1] *Pent.*, II, pag. 31.

não em 6 : 13-20, cuja genealogia é a mesma de *Num.*, cap. 26, mais augmentada.—Em *Lev.*, os caps. de 1 a 7 constituiam um corpo separado de regras leviticas, um Torah levitico, e esse mesmo não parece ter sido obra de um só auctor, pois ha ás vezes contradicções entre caps. 1-5 e 6 e 7 : e falta cohesão em todos. Nos caps. seguintes notam-se accrescimos, supplementos, ausencia de uniformidade. A analyse de P em *Num.*, é inçada dos maiores embaraços : ha caps. que parecem revistos e emendados, outros que não denotam os characteristicos do estylo de P (como o cap. 30), outros que parecem compilações, e ainda outros que não mostram ser de P.

Epocha.—É este, como já disse, um dos assumptos mais delicados da critica do Velho Testamento. Como os livros do Hexateuco não alludem absolutamente a quaes foram os seus auctores nem quando viveram, faz-se preciso estudar e comparar, uns com outros, os diversos elementos do seu conteudo, e todos elles com o resto do V. T., para se chegar a algumas hypotheses mais ou menos verosimeis. Si alguns resultados dessa critica parecem seguros, muitos outros só podem ser recebidos como conjecturas razoaveis ; e disto nunca nos devemos esquecer.

O codigo P occupa-se da creação do mundo até pouco depois da morte de Moysés ; e diz dar a propria legislação de Moysés. Mas que sua composição é muito posterior á epocha de Moysés, e á mesma epocha da queda das monarchias de Judá e Israel, deprehende-se claramente destas razões :

I. A critica chama attenção para o facto que no Livro *Ex.*, cap. 33 : 5-11, ha um trecho, que como já vimos, é attribuido ao Elohista E, que parece contradizer a origem e ritual do Tabernaculo : ahi Moysés, " tirando o Tabernaculo, o pôz muito longe, fóra do campo. . . . E todos os do povo que tinham alguma difficuldade, sahiam fóra do campo." E lá o Senhor fallava a Moysés ; " e quando elle voltava para o campo, o moço Josué, filho de Nun, que o servia, não se apartava do Tabernaculo." Parece prova irrecusavel de ser o elemento P posterior ao de E, e de P considerar o seu ritual mais complicado como o desenvolvimento legitimo da instituição mosaica. E não se póde dizer que a differente concepção do Tabernaculo, no fim da vida de Moysés, como unico local para os sacrificios, designava uma evolução nesses 38 annos, pois em 3 *Reis* : 1-15 vemos Salomão, antes da construcção do Templo sacrificando, *elle mesmo*, ao Senhor em Gibeon " porque este era o mais consideravel entre todos os " altos " ; e isto perto de 300 annos depois de Moysés : si n'aquelle tempo havia Tabernaculo

naturalmente adoraria nelle. Em *Jer.*, 7 : 12, 14 e 26 : 6 se vê que em Siloh houve *casa* do SENHOR, e em 2 *Reis*, 7 : 2 refere-se que a arca não tinha local certo até o tempo de David. D'onde conclue-se que P idealisou o Tabernaculo como antecessor do Templo ; elle revestiu de fórmas mais modernas e adeantadas o instituto de Moysés.

As ordenações de P ácerca dos sacerdotes mostram ainda que P é bem mais moderno do que a epocha de que se occupou. Elle distingue, como cousa já de ha muito passada em julgado, o Levita do sacerdote. Ezekiel e Malakyiah fallam sempre dos "sacerdotes-levitas," ou dos Levitas-sacerdotes. Para P, o Summo sacerdote, da tribu de Levi, é só quem póde offerecer sacrificios pelos peccados do povo inteiro e que penetra no *Sancta-Sanctorum* : é um grande personagem, vestido de purpura e finissimo linho cuja accessão ao officio marcava sempre uma epocha no historia do povo israelita. Não é principe nem rei, mas alguma cousa menos e tambem mais do que elles : de facto no codigo P é notavel que se não tracte de Rei ou Principe, parecendo que não os havia na epocha em que o codigo P tomou a fórma em que agora o temos no Canon. Mais tarde os Maccabeus chegaram á realeza sómente para abandonarem as tradições antigas e incorrerem no desagrado dos *chasidim*, ou dos homens que mantinham aquellas tradições a pé firme.

Nem P, como defensor desses interesses ecclesiasticos, podia esquecer os emolumentos dos sacerdotes, que foram augmentados, como já se mostrou.

Tambem na qualidade dos sacrificios ha mudanças essenciaes á propria natureza delles, creando elle pela primeira vez um grande Dia da Expiação dos peccados, já não fallando no numero de festas annuaes, que foi augmentado como se vai ver.

Tudo isto faz crer que o proprio P levou muito tempo a evoluir-se. Elle contém alguns documentos muito antigos, muitas tradições de antiguidade ainda mais remota juntamente com as modificações que, na sua parte meramente historica e sobretudo na parte legislativa, se foram accentuando até á epocha da redacção actual do Codigo e sua juncção definitiva ao Pentateuco.

Nos livros de *Jos.*, *Jui.*, 1 e 2 *Reis*, tudo que se encontra sobre o ritual antagoniza os preceitos, muito mais desenvolvidos, de P, e que até parecem desconhecidos. Exemplos :

(*a*) Os sacrificios não eram offerecidos, só por sacerdotes, no Tabernaculo ou ao pé da Arca ; leigos sacrificavam, entre elles Samuel, David e, depois Salomão, como já dissemos. Os serviços em Siloh (1 *Reis*, 1-3) eram muito mais simples do que

os de P. (*Ex.*, caps. 35-40; *Num.*, caps. 3, 4). A Arca, tomada pelos Philisteus e mandada para fóra da sua terra, chega a Bethsamés, e d'ahi a Cariathiarim (Kiria-jearim), e puzeram-na na casa de um particular, Abinadab (1 *Reis*, cap. 1-7) cujo filho foi consagrado pela *gente do logar* para cuidar della. E quando, mais tarde, o rei David transportou-a para Jerusalem (2 *Reis*, cap. 6), guardada por um filho de Abinadab, depondo-a em casa de Obededom, d'onde a levaram para o Tabernaculo que David preparara, este, diz o texto, "offereceu holocausto e sacrificios de acção de graças deante do SENHOR" (2 *Reis*, 6 : 17) e depois "abençoou o povo,"—tudo isso sem sacerdotes, sem os Levitas que, segundo *Num.*, 3 : 31 e 4 : 1-15, eram os legitimos guardas da Arca; indo tambem de encontro ao preceituado em *Deut.*, 10 : 8; 25 : 5.

(*b*) P crêa e regulamenta instituições que deviam existir na historia até Salomão e até mesmo o fim da monarchia ou o Exilio. A mais importante dellas é sem duvida o Dia annual da Expiação ou Propiciação, de que tractam *Lev.*, cap. 16 e 23 : 26-32. (V. tambem *Num.*, 29 : 7-11; *Ex.*, 30 : 19; e *Lev.*, 25 : 9.) Estas passagens, provavelmente escriptas em epochas diversas, são todas do codigo P. Esse dia do grande jejum annual de Israel assumiu depois tal importancia que o chamavam "O Dia," o "Grande Dia," o "Grande Jejum," etc. Pois nos codigos mais antigos, como em *Juizes*, *Deut.*, 1 e 2 *Reis* e muito menos nos da *Alliança* e da *Sanctidade*, não se faz menção alguma de similhante solemnidade. Si o jejum vinha de origem antiquissima entre os Hebreus, como explicar que este jejum nacional e tão solemne, n'um certo dia marcado, seja pela primeira vez mencionado só em *Zak.*, 7 : 3-5 e 8 : 18, —um dos ultimos prophetas,—a proposito da queda de Jerusalem? Ezekiel só aconselhára duas purificações annuaes do sanctuario em certos dias do anno,—e ambos estes prophetas são de 580, este, e 160 annos A.C. aquelle. Mais ainda: em *Nehemias* (caps. 8-12) se vê que Esdras leu o livro da Lei (444 A.C.) e resolveu, com o povo, executal-a, fazendo logo a antiga festa do Tabernaculo (de accôrdo com *Lev.*, 23 : 39-43); e entretanto nem se menciona ali a da Expiação apezar de que deveria ter cahido logo antes dessa. Ora tudo isto prova que, como o temos hoje, o Codigo P é comparativamente moderno, sendo formado aos poucos. De facto, o proprio cap. do *Lev.* sobre o Dia da Expiação annual é uma evolução, como se prova do seu proprio contexto. A grandiosa instituição evoluiu-se

[1] Benzinger, *Zeitschrift für die A. T. Wissenschaft*; e Nowack, *Heb. Archael.* crêm que as partes mais antigas desse Cap. 16 do *Lev.* sejam 1-4, 6-11, 12, 13, 34 b; e depois 29, 34 a.

naturalmente e aperfeiçoou-se n'uma epocha em que já havia melhor intuição da natureza do peccado, e até do estado peccaminoso do sacerdote, do individuo e do povo.

(*c*) Ainda que não ficasse assim provado que P é, como o vemos hoje, posterior a *Nehemias*, parece muito claro que é posterior ao *Deuteronomio*. E como este contém longa legislação moral e cultual, a mais ligeira comparação entre o conteúdo dos deus demonstra a procedencia deste resultado da critica. Em J E o culto revestia-se da maior simplicidade. Já no *Deut.* o seu ritual era mais complexo, como tambem já mostrámos. Muito mais se tornou exigente e minucioso em P.—O *Deut.* declarou que o logar do culto seria aquelle que fosse escolhido pelo SENHOR, e não outro. Como se vê, houve aqui uma evolução dos costumes e practicas, seguidos até David; mas P já presuppõe que não ha outro logar além do Templo para o culto. No *Deut.* qualquer Levita podia ser sacerdote: em P este só podia ser o descendente de Aarão. No *Deut.*, 12 : 6, 7, o particular trazia ao local escolhido as suas victimas e holocaustos, dizimos e primicias, votos e offertas, e os primogenitos das vaccas e ovelhas, o sacerdote apenas participando no sacrificio festival; mas em *Num.*, cap. 18, todos os primogenitos pertencem de direito aos sacerdotes, bem como todas e quaesquer oblações pelo peccado e pelo delicto (pois são diversas); e tambem pertenciam-lhes "por direito perpetuo" todas as primicias dos fructos como o azeite, o vinho e o trigo; do outro lado, pertenciam aos Levitas os dizimos, e desses mesmos, (diz lei talvez posterior) teriam de dar aos sacerdotes as suas primicias "isto é o dizimo do dizimo" (*Num.*, 18 : 26, do "melhor e mais escolhido"), e o que nelles houvesse "de mais precioso e de mais excellente." Entretanto, esses dizimos, segundo o *Deut.*, 14 : 22 e seg., eram pelo proprio offertante comidos "na presença do SENHOR seu DEUS, no logar que Elle escolher . . ." excepto em cada anno terceiro em que seriam comidos em casa, os Levitas e os pobres sendo convidados a participarem d'elle.

(*d*) No *Deut.*, cap. 18, se diz que os Levitas, como sacerdotes, "não terão parte nem herança alguma com o resto de Israel. . . . Não receberão outra alguma cousa que seus irmãos possuirem, porque o SENHOR mesmo é a sua herança." O cap. 35 de *Num.*, manda aos Israelitas que de suas possessões dêem aos Levitas 48 cidades, das quaes seis para asylo de fugitivos; cada cidade teria dous mil *ells* (covados) em quadra. Pois mesmo dessas 42 cidades, 13 caberiam á familia de Caath dos filhos de Aarão nos territorios de Judá, Simeão e Benjamin (*Jos.*, cap. 21).

(*e*) Já dissemos que o numero de festas annuaes foi augmentado de trez a cinco. As primeiras eram sobretudo naturaes

n'um povo agricola : agora havia mais as das Trombetas e o já citado dia da Expiação. As festas da Paschoa e dos Tabernaculos que duravam septe, passavam gora em P a durar oito dias ; e a antiquissima festa da Lua Nova de que *Deut.*, não se occupou, resuscitava agora com honra especial. E é preciso tambem notar como P exige a observancia do Sabbado, *Ex.*, 16 ; 27 e seg., e 31 : 12 e seg. com um rigor desusado, indo até inflingir a pena de morte a quem o quebrantasse. Tudo isto, pois, prova que P veiu depois de Moysés, depois de David e de Salomão, depois do *Deut.* : nota-se ali um passo para deante na historia do culto e da Theocracia judaica e dentro d'elle mesmo se discerne a obra dessa evolução tão lenta quanto segura.

II. O Propheta Ezekiel previu a queda de Jerusalem (586 A.C.) e a sua restauração, com a das instituições judaicas, e a constituição de um novo povo. Sacerdote, levado prisioneiro para a Babylonia onze annos depois da tomada de Jerusalem (597) elle descreveu propheticamente a nova Jerusalem apenas 14 annos depois de sua queda. As suas prophecias foram começadas cinco annos depois de chegar a Babylonia (592) e acabadas em 584-5. Em sua residencia, no *Tellabib* no Grande Canal, elle delineou em espirito a futura communidade theocratica, de que fazia parte. Será proveitoso, pois, ver o que nesse plano do propheta foi aproveitado do que já porventura existia em P.

Neste exame o que logo impressiona é como, no estylo e no espirito geral das suas composições, *Ezek.* parece-se com P. No codigo deste ultimo está inserta a pequena collecção chamada "*Codigo de Sanctidade*" (*Lev.*, caps. 17 a 26), e a que nos temos referido já frequentemente. É innegavel que *Ezek.* conhecia este Codigo ; mas tel-o-hia visto no Codigo de P ou em separado ? Parece mais certo que ou o conhecia de algum nucleo de P, ainda não augmentado, ou então de alguma copia em separado, para uso do clero. Que P parece ser mais moderno ainda que só pouco mais moderno, do que *Ezek.* tem-se deduzido do seguinte : Nos seus caps. 40-48 o propheta descreve a sua visão na terra de Israel, depois da sua libertação. A sua visão especial sobre o que respeita ás ceremonias da Casa do SENHOR e seus regulamentos (44 : 5 e seg.) assume aqui importancia capital. Ezekiel exprobra em nome de DEUS a introducção no Sanctuario do Templo de incircumcidados que o profanavam com os seus sacrificios. Até os Levitas, diz ainda, apartaram-se de DEUS para irem atraz dos seus idolos. Vem então o castigo ideiado pelo Propheta aos Levitas : "Farão simplesmente a

funcção de auxiliares [1] do meu sanctuario e vigiarão ás portas da Casa e ministrando na Casa : matarão os holocaustos e as victimas do povo, e estarão de pé deante delles para ministrar-lhes (serviços) . . . E elles se não chegarão a mim para fazerem as funcções do sacerdocio na minha presença. . . Mas os sacerdotes e Levitas filhos de Sadoc, que guardaram as ceremonias do meu Sanctuario . . . elles se chegarão a Mim para me servirem."

O Propheta deseja *mentalmente* o cumprimento dos estatutos, juizos e ordenações do SENHOR (5 : 6 ; 11 : 12, etc.) que o povo conculcou nas suas abominações, quer emfim o restabelecimento do serviço religioso com a pureza que não se encontrava entre os sacerdotes, excepto entre os descendentes de Sadoc. Elle desejava ver degradados todos esses sacerdotes indignos que abandonaram o DEUS de Israel para adorarem idolos. Ora si Ezekiel deseja puni-los e degrada-los, a sua visão não tem em mira, como faz P, consigna-los a uma classe de todo separada dos sacerdotes. Ezekiel crêa nitidamente a classe dos Levitas como auxiliares do Templo, mas não podendo exercer funcções sacerdotaes, reservadas aos sacerdotes, filhos de Sadoc. Mas o que fica muito claro é que *até o tempo de Ezekiel os Levitas exerciam funcções sacerdotaes, o que contradiz* P (si fosse mais antigo do que elle), o qual mantém que, desde o tempo de Moysés, os Levitas não eram sacerdotes ; e que o sacerdocio era o apanagio exclusivo da descendencia de Aarão. Si isto, que consta da Codigo P, era costume immemorial, como se explica que Ezekiel, sacerdote alem de propheta, o desconhecesse? Não parece antes que P aproveitou-se da ideia do propheta, que aliás fosse corrente entre os sacerdotes por muito tempo? Em todo o caso, tudo indica apparentemente que P é mais moderno do que Ezekiel, ou pelo menos que Ezekiel não conhecia o Codigo P como o temos hoje, e que por conseguinte, o Codigo P na fórma em que o temos hoje *não podia estar completo antes de* 584 A.C.

Mas precisamos repetir sempre que as principaes instituições ceremoniaes de Israel se não formaram n'um dia. A decadencia franca em que cahiu a Religião, attestada na historia de quasi a unanimidade dos Reis dos dous Reinos, mostra bem como se foi eliminando a classe dos Levitas ; e como, no desterro da Babylonia, sacerdotes da fibra antiga, como P e Ezekiel, deviam cogitar dos meios de reparação desse desastre, meios já provavelmente muito evidentes desde os primeiros tempos da degradação da Religião. Assim, é muito provavel que Ezekiel

[1] *Aeditui*, da Vulgata. A. P. de Figueiredo dá *sachristães*. Driver tem "ministros," e elle era um grande hebraista.

conhecesse partes do material que se foi aggregando em P, ainda que não na fórma litteraria em que nos chegou ás mãos.

Que elle conhecia perfeitamente o *Codigo de Sanctidade*, a que já tantas vezes temos alludido, é patente. Ha tamanha irmanação de ideias e principios entre os dous, que alguns criticos até pensaram ser o Propheta o auctor do Codigo. Os caps. 4, 18, 20, 22 e 42 de *Ezek.*, suggerem uma expansão apenas, d'aquellas leis ; e Driver diz que elle até emprega algumas de suas expressões technicas, não fallando da mesma phraseologia. Entretanto a grande maioria dos criticos opina que Ezekiel não foi o auctor ou compilador do Codigo : suas leis são anteriores ao seu ministerio e a P. Segundo Driver, o *Codigo* é do tempo do Exilio ; mas segundo Klostermann, Delitzsch e outros é bem mais antigo, e esta é a melhor opinião.

III. Si P não precedeu ao periodo em que floresceu Ezekiel (580-540 mais ou menos), de que epocha será ?

(*a*) Parece, tendo em vista o que dissemos e o que vamos expôr, que P foi completado, substancialmente como o temos, pouco depois de 500 A.C.

Alguns criticos têm sustentado que P ficou prompto na sua primeira fórma completa entre o periodo em que cessou a actividade de Ezekiel e a volta dos Israelitas para a Palestina. Este periodo vai de 570, mais ou menos, a 538. Mas é difficil comprehender como estando prompto P, os exilados que voltavam a Jerusalem não o tivessem levado comsigo para nelle bazearem a fundação da sua nova communhão civil e religiosa. O facto é que nos escriptos, que depois ficaram canonicos, do periodo posterior de 538 a 458, quando Esdras regressou a Jerusalem, nada consta do codice P : ahi estão as prophecias de Haggeu, Zakariah e Malakyiah que nem indirectamente referem -se a P. E como em 444, como vamos ver, parece certo que P foi lido em Jerusalem, os principaes criticos assignam-lhe para a sua primeira unificação a data de cêrca de 500 A.C.

Comprehende-se a grande actividade intellectual dos sacerdotes israelitas na Babylonia quando lhes foi annunciada a libertação e volta do Exilio pelos Prophetas Ezekiel e Isaias II. Muito provavelmente todo o extenso Codigo de P foi então coordenado para lição dos sacerdotes e do povo, como seu manual historico-religioso, o fito do redactor sendo restabelecer as instituições mosaicas adaptadas ás novas condições, reconstituir o culto n'uma base toda escripta e legal, exaltando sobremodo o sacerdocio, já que os Israelitas tinham perdido o seu prestigio e suas instituições politicas.

Em *Neh.*, cap. 8, se diz que Esdras " que era doctor muito

habil na Lei de Moysés " (Esd., 7 : 6), tendo voltado segunda vez a Jerusalem, e tendo levado comsigo a Lei, " todo o povo como um só homem " pediu-lhe que lhe trouxesse a Lei : e elle a leu " claramente no meio do terreiro que fica deante da porta das aguas " desde a manhã até o meio dia," e todo o povo ouviu-a de pé, com summo respeito ; e Levitas a *interpretavam* ao povo [1] que " entendeu " o que ouvia e " se desfazia em lagrimas." Isto foi em Outubro de 444.

Pergunta-se agora que " Lei de Moysés " era essa, cuja leitura e " interpretação," levou desde a manhã até ao meio-dia, isto é, de quatro a seis horas ?

Cornill sustenta que essa " lei " é este Codigo P, ou identico com elle, ou era algum livro de que P fazia parte e demonstra isto citando passagens de *Nehemias* sobre as reformas de Esdras do Codigo P.[2] Não parece haver duvida que si não era P seria algum manual identico e mais curto que pudesse ser lido até em seis horas, com as explicações dos interpretes. Comprehende-se que *Nehemias*, escripto quasi um seculo depois dos acontecimentos que relata, tivesse P deante de si e moldasse sobre elle a historia das reformas de Esdras que seriam bazeadas, sinão sobre P, sobre algum outro manual consagrado ás mesmas instituições, si é que tal manual pudesse servir de baze ás grandes reformas de Esdras. Isto, porêm, pouco importa ao nosso caso desde que passe em julgado que P é posterior a *Ezekiel*, e provavelmente entrou em circulação por occasião do restabelecimento do culto em Jerusalem.

Orr e outros defensores da eschola tradicional, mostram o que chamam de absurdo,—do povo ouvir *pela primeira vez* fallar do summo sacerdote, do Dia da Expiação, dos direitos dos sacerdotes, da recente posição dos Levitas, e de tudo que se contém em P, e que, segundo a critica moderna, era novo, e

[1] O Hebraico tornara-se bem depressa uma lingua morta. A nova geração que voltava da Babylonia só o conhecia imperfeitamente, ao passo que os que ficaram na Palestina, ora invadida pelos Syrios ou Arameus, adoptaram o Aramaico, que muito tinha do Hebraico.

[2] I. Em *Neh.* 8 : 15, preparando-se o povo para a festa do Tabernaculo no dia seguinte ao da leitura do Livro, ordena-se-lhe que traga dos montes ramos de oliveiras e das mais formozas arvores, murta, palmas, etc., para fazerem-se as tendas em que o povo devia habitar por septe dias : em *Lev.*, 23 : 40 se diz : " No primeiro tomareis dos fructos das arvores mais formosas e folhas de palmeira, e ramos de arvores de densas folhas." II. A festa em *Lev.*, 23 : 40, durava septe dias e no oitavo, solemnissimo, seria offerecido um holocausto : em *Neh.*, 8 : 18, a solemnidade durou septe dias e ao oitavo houve a collecta segundo o rito. III. *Neh.*, 10 : 32, menciona a taxa do Templo (1/3 de siclo) e desta taxa, só se tracta no Pentateuco, o Codigo P em *Ex.*, 30 : 11-16. IV. *Neh.*, 10 : 31, occupa-se especialmente do sabbado e seu descanso, que é instituição especial de P (*Ex.* 16 : 22, 34 ; *Gen.*, 2 : 3). V. *Neh.*, 10 : 36-40 corresponde a *Num.*, 18 : 12-32, sobre os sacrificios. E sobre a prohibição de casamentos mixtos, de que Esdras fez tanta questão e que lhe custou muitos desgostos, veja-se *Gen.*, 26 : 34, 35 e 28 : 1-9 e *Num.*, 25 : 6.15, ambos de P.

entretanto o mesmo povo tudo acceitar de bôa vontade. A força deste argumento é mais apparente do que real. O facto historico, sem contestação, é que Israel esquecêra de todo a Lei. Elle até chegára a commetter a prostituição, e a manter cavallos dedicados ao Sol no proprio Templo sob a protecção de seus Reis. Em 4 *Reis* 23 : 22 se diz que no tempo das reformas do piedoso Josiah celebrou-se a Paschoa, esta *importantissima* festa, de um modo como nunca, *desde o tempo dos Juizes.* Ora, ha aqui um intervallo de oito seculos, e é provavel que depois disso sob os reinados dos impios successores de Judá até o Captiveiro, 60 annos depois, se não celebrasse novamente a grande festa. Si o nucleo de gente religiosa, zelosa pela Lei, conhecia perfeitamente as tradições do seu culto e de suas instituições religiosas, a grande massa do povo estava immersa em profunda ignorancia, de modo que, parece-nos, ou o *Deuteronomio* ou P, seria para elles egualmente novidade. Israel matára os Prophetas e só ficara Elias cuja vida procurava tirar: queixando-se elle, Deus fez-lhe ver que se havia reservado 7.000 homens que não curvaram o joelho a Baal (3 *Reis*, 19 : 18 ; *Rom.*, 11 : 4).

Alguns criticos vêm no facto de P insistir muito na circumcisão outra prova de é do periodo do Exilio ou logo posterior ao Exilio. Na Babylonia não usavam a circumcisão, que era praxe entre os Phenicios e os Israelitas ; foi, pois ali que salientou-se muito a distincção entre circumcidados e incircumcidados. Tambem mostram que a chronologia de P é de baze babylonica, e invocam para isto a auctoridade de J. Oppert.

Segundo os estudos especiaes de Giesbrecht, grande auctoridade no assumpto, parece que a linguagem de P tem muita cousa do ultimo periodo da litteratura propriamente hebraica.

É provavel que P^3, P^4, P^5 sejam accrescimos depois do restabelecimento do culto por Esdras.

A critica moderna, repetimos, collocando P como o ultimo dos componentes do Pentateuco reconhece incorporadas n'elle as mais antigas tradições de Israel e a codificação destas leis ordinarias desde o tempo de Moysés que um redactor ou antes redactores successivos foram reconhecendo e que o ultimo remodelou. É por isto, repetimos ainda, que alguns criticos sustentam que P não é obra de um individuo [1] mas de uma eschola, que nos mostra o progresso religioso desde a epocha do

[1] O mais completo e brilhante propugnador desta theoria é B. Eerdman, *Alttestamentliche Studien*, 3 partes, Giessen, 1908-1910.

Deuteronomista até a da theocracia legislativa, e dahi até o advento de JESUS CHRISTO,—um periodo de mais de seis seculos. Si essas instituições eram indubitavelmente antigas, não assim o producto litterario que dellas deu esta noticia completa, e que os Judeus aggregaram ao seu Canon, e lhe serviu de baze.[1]

Sobre as instituições de que se occupa P concordamos com o que observa Driver: Moysés foi o ulterior fundador da vida civil e religiosa dos Israelitas. O pequeno nucleo de ensino religioso que deixou devia incluir algum ceremonial que désse expressão aos deveres ethicos do povo. O ensino de Moysés não limita-se ao Decalogo e *Livro da Alliança* (*Ex.*, caps. 20-23); e o sacerdocio que naturalmente deixou creado devia ser o depositario da sua tradição em assumptos do culto e ritual. A "Arca" e o "Tabernaculo" do Testemunho ou do "Concerto" existiam na era mosaica e é possivel que Aarão fosse officialmente *o sacerdote*, *o Levita*, e a organização da sua classe fosse muito naturalmente esboçada por Moysés mesmo, ampliando-se, depois, com as necessidades de successivas epochas. Com a fundação do Templo de Salomão é muito natural que a classe sacerdotal precisasse de regular e systematisar o seu proprio papel, a sua jurisdicção e influencia. As leis de P vêm desde Moysés, modificando-se com a complicação da vida mais adeantada de Israel, mas sempre sendo consideradas como as leis de Moysés, o seu primeiro legislador, e sua baze e origem.

Na sua parte historica P aproveitou-se das antigas tradições e sabemos como ellas se modificam segundo o pensamento de cada epocha. O Tabernaculo, por exemplo, existiu realmente com a simplicidade propria do Deserto e de um povo ainda sem habitação fixa. No decurso das edades, porém, essa tenda sem duvida tão rica como poderia se-lo nas circumstancias em que foi feita, tornou-se de estupenda magnificencia. Ao tambem simples ritual da epocha emprestou-se a riqueza e a complicação de epochas posteriores que o descreveram. E assim por deante.

Digamos agora como pensam os criticos que se ajunctaram esses elementos, J, E, D e P.

Como já se viu, J existiu antes de E, como trabalho separado. Quando, porêm, foram aproveitados para o Torah já estavam unidos por algum Jahvista que fez de J a baze da sua com-

[1] Fallando pela eschola tradiccional. Orr opina que P é dos primeiros annos da monarchia (1199-1099 A.C.); "mas" accrescenta elle, "não se segue que não tivessem havido modificações menores e ajustamentos posteriores."

pilação. Este Redactor, cujo symbolo é Rj, eliminou algumas contradicções e harmonisou outras, amplificando aqui e ali um topico com alguma observação nova ou explicativa. São-lhe attribuidos varios vers. da *Genesis*, mas no *Exodo* elle interveiu mais: seus caps. 1-18 mostram como procurou assimilar as duas fontes. Elle faz de E a baze da sua compilação na secção legal do livro. Nos *Numeros* deve-se-lhe a fusão das duas historias de Balaão, caps. 22-24. No *Deuteronomio* não deixou vestigios. Holzinger opina que este Redactor, Rj, não é um individuo, mas "um processo litterario characterisado por certa uniformidade."

Quando o *Deut.* tornou-se canonico, por conter, puros, o espirito e as leis mosaicas, foi unido a J E pelo Redactor, digamos Rd, inteiramente imbuido das ideias do Deuteronomista. Vemos a sua mão só ligeiramente em *Genesis*. No *Exodo* notam-se accrescimos nas historias das pragas, ao passo que os caps. 12 : 21-27 e 13 : 13-16 (J) e 15 : 26 (E) foram transformados por elle, bem como os vers. 4 e 28 do cap. 16, sobre o manná. Mas onde Cornill vê mais funesta a intervenção de Rd é nos caps. 19-34 em que elle transplantou para Horeb leis que a principio só foram instrucções pessoaes a Moysés para decisões judiciaes. O Decalogo foi egualmente subjeito a serio retoque nas partes explicativas; e a sua collocação infeliz (20 : 2-17) antes de 20 : 18-21, é tambem obra de Rd. Em *Numeros* ha bastantes vestigios desse compilador. Por fim, no *Deut.*, os textos 31 : 1-8, 14, 15, 23; e 34 : 10-12 são delle e por ali pretendeu unir esse livro com o de *Jos.*

Duvida-se, porêm, si Rd não seja antes uma phase de actividade redactorial, que tivesse começado no Exilio.

Vejamos por fim como J E D foi unido ao mais moderno dos elementos do Pentateuco, o P. Já vimos que P era a "Lei," que Esdras trouxe do Exilio e fez ler ao povo, sendo solemnemente acceita e proclamada, e tornando-se a baze das reformas introduzidas por aquelle Escriba. Com vagar, este codigo foi ajuntado aos outros por um redactor, Rp, que evidentemente entretinha por P a maior veneração e carinho, que o levaram a preferi-lo sempre que entre elle e as outras fontes surgia qualquer divergencia. É escusado dizer que a sua tarefa de harmoniza-lo com ellas foi das mais delicadas e difficeis pois, com todo o seu respeito, Rp não podia fechar os olhos ás contradicções, e tambem ás repetições menos completas do que as narrativas já existentes nas outras fontes, e que elle egualmente desejava respeitar. Assim, para encaixar um trecho de P, elle arrancava J E do seu logar mas só para reproduzi-lo fielmente n'outro logar. É sabido que,

depois de se ter fechado o Canon, depois da volta do Exilio, P soffreu muitos retoques de sua eschola (P^3, P^5, etc.), e o que não se sabe ao certo é se este Rp aproveitou desde logo, e em que extensão, taes emendas e accrescimos. Quanto a P^1 parece certo que Rp incorporou-o no seu texto.

Levar-nos-hia muito além do plano deste livro a analyse dos pontos retocados por este Redactor e sua eschola. Só para mencionarmos algumas das mudanças mais importantes, citaremos no *Gen.*, o cap. 34, todo revisto por elle ; o cap. 35 em que reviu uns vers., accrescentou outros, e supprimiu outros. Nos vers. 1-5 por exemplo, achamos agora fundidos P e J. Nos caps. 5-10 do *Ex.*, elle accrescentou " Aarão " sempre que poude, de accôrdo com as suas ideias e as de P. Os vers. 13-30 do cap. 30 são totalmente seus ou de outros revisores. No cap. 16 vemos transposta a historia do mannâ, e das codornizes. Em *Num.*, ha muitas expressões que lhe pertencem exclusivamente. Elle fez nesse livro innumeras alterações e fusões com J E, como por exemplo no cap. 32. No cap. 33 elle enxertou de certo o vers. 13, como conclusão e ao mesmo tempo introducção ao *Deut.* Onde menos vemos a sua penna é neste Livro do *Deut.* : elle retocou 1 : 1-5 de accôrdo com as ideias de P, e inseriu 4 : 41-43 e talvez tivesse contribuido para aquelle intrincado cap. 27 : e é tudo.

Assim, Rp bem como P^3, etc., são os verdadeiros, compiladores do Pentateuco como o vemos hoje. Pensam muitos criticos que todos elles são membros da especie de Synagoga de Escribas que Esdras reuniu ao redor de si e que foi continuando a sua obra. Este trabalho se não tinha ultimado nem no anno 400 A.C., pois, por exemplo, attribue-se o accrescido cap. 34 da *Gen.*, a uma data posterior. Mesmo depois da epocha dos LXX, digamos, no terceiro seculo, o Pentateuco apresenta glosas hebraicas de que não cogitaram aquelles traductores. Ha até quem sustente que toda a secção do *Ex.*, caps. 35-40 não era ainda elemento fixo do Torah, quando já se trabalhava na versão de Alexandria.

Linguagem.—Como J e E e D, P tem seu estylo, sua phraseologia especial.

Daremos alguns exemplos de certos termos e expressões, characteristicos delle.

1. " Aarão o sacerdote," *Ex.*, 31 : 10 ; 38 : 21 ; 39 : 41 ; *Jos.*, 21 : 4, 13.

2. " Eleazar " (o sacerdote), *Ex.*, 6 : 23, 25 ; *Num.*, 3 : 32 ; 16 : 37 ; 20 : 25, 28.

3. " Circumcidar " ; *Gen.*, 17 : 10, 12, 13, 14, 23 a 27 ; 21 : 4 ; 34 : 15, 17, 22, 24 ; *Ex.*, 12 : 44, 48.

4. "Incircumcidado"; *Gen.*, 17 : 14; *Ex.*, 6 : 12, 30; 12 : 48; *Lev.*, 19 : 23.

5. "Terra de Canaan"; *Gen.*, 11 : 3; 12 : 5; 13 : 12; 16 : 13; *Num.*, 13 : 2, 17; 26 : 19; *Jos.*, 5 : 12; 14 : 1.

6. "Gerações" por descendencia, filhos: *Gen.*, 6 : 9; *Num.*, 15 : 14, 21 (a Vulg. só dá destes vers. mui conciso resumo, talvez defeito no MS.); *Jos.*, 22 : 27 (*Vulg.*, *progeniem*); *Juizes*, 3 : 2 (*filli eorum* na *Vulg.*).

7. "Estas são as gerações,"—phrase predilecta, repetida em *Gen.*, 2 : 4; 6 : 9; 19 : 1; 11 : 10, 27; 25 : 12, 19; 36 : 1, 9.

8. "Alma," por "pessoa": em *Gen.*, 12 : 5; 36 : 6; 46 : 15; 18 : 22; 25 : 26, 27; *Ex.*, 1 : 5; 12 : 4; 19 : 16; *Lev.*, 2 : 1; 4 : 2, 27; 5 : 1, 2; *Num.*, 31 : 28; 35 : 40, 46; *Jos.*, 29 : 3, 9. Na parte legal abundam os exemplos. A palavra encontra-se nas outras fontes, mas pouco.

9. "Possessão," posse, poder: *Gen.*, 17 : 8; 23 : 4, 9, 20; 36 : 43; 47 : 11; 48 : 4; 49 : 30; 59 : 13; *Lev.*, 14 : 34; 25 : 10-46; 27 : 16, 21, 22, 24, 28; *Num.*, 27 : 4, 7; 32 : 5, 22, 29, 32; 35 : 2, 8, 28; *Deut.*, 32 : 49; *Jos.*, 21 : 12, 39; 22 : 4, 9, 19, etc.

10. "Regedores" ou principaes (em Israel: *Ex.*, 16 : 22; 35 : 27; *Lev.*, 4 : 22; *Num.*, 1 : 16; repetidamente nos caps. 2, 3 e 7; 4 : 46; 10 : 4; 13 : 2; 17 : 2, 6; 25 : 14,; 18 : 34; *Jos.*, 22 : 14.

11. "Regedores" ou "principaes" na "Congregação": *Ex.*, 16 : 22; 34 : 31; *Num.*, 4 : 34; 16 : 2; 31 : 13; 32 : 2; *Jos.*, 9 : 15, 18; 22 : 30; A *Vulg.* traduz *principes multitudinis*, *principes synagogae*, *proceres synagogae*.

12. "Congregação" dos Israelitas: *Ex.*, 12 : 3, 6, 19, 47; 16 : 1, 2, 9, 10, 22; *Jos.*, 22 : 30; *Lev.*, 4 : 13, 15; 8 : 3-5; 9 : 5; 10 : 6, 17; 16 : 5; 19 : 2; 24 : 14, 16; *Num.*, 13 : 26 (2 vezes); 14 : 1, 2, 5, 7, 10, 27, 35, 36; 16 : 2, 3, 9 (2 vezes); 19 (2 vezes), 21, 22, etc. A *Vulg.* emprega varios termos e as vezes o supprime. Em *Num.*, 16 : 2, 3, 9, 19, 21 e 22 ou oito vezes com as duas repetições, ella omitte a expressão nos vers. 2; no vers. 3 dá *multitudine*, no 9 dá *omni populo* e *populi*; no 19 da *multitudinem* uma vez e supprime a repetição; em 21 vem então *congregationis* e em 22 *contra omnes*. Esta variedade de expressões póde ser exigida pela belleza do Latim mas não resta duvida que detrahe muito da força e originalidade do texto hebraico.

13. "Crescei e multiplicai-vos": *Gen.*, 1 : 22, 28; 8 : 17; 9 : 1, 7; 17 : 20; 35 : 11; *Ex.*, 1 : 7.

14. "Estabelecer" ou "constituir" "pacto"; *Gen.*, 6 : 18; 9 : 9, 11, 17; 17 : 7, 19, 21; *Ex.*, 6 : 4.

15. "Arrastam-se na terra": *Gen.*, 1 : 26, 28, 30; 7 : 8; 8 : 17, 19; 9 : 2. A *Vulg.* verte *movent* sempre, excepto que dá *reptant super terram* em *Gen.*, 8 : 17, 19, que é correcto.

16. "Deserto de Sin" é characteristico de P; bem assim "Padan-Aram" em vez de "Aram-Naharahim" de J. Elle tambem chama Hebron de "Cariath-Arbe," que a *Vulg.* denomina ás vezes Arbee, outras Cariath-Arbe. Tambem é de P a expressão geographica "Planicies de Moab."

CAPITULO XXII

CONSIDERAÇÕES GERAES SOBRE A CRITICA DO V. T.

Temos chegado ao termo da parte desta obra que julgamos dever consagrar ao estudo da nova sciencia da Critica do Pentateuco.

Á grande veneração em que eram tidos os textos sagrados, e aos preconceitos seculares sobre a sua auctoria, têm reluctado muito não só a moderna e verdadeira theoria sobre a Inspiração [1] como tambem esta chamada "dissecção" do Velho Testamento que mostra as suas contradicções, repetições e erros chronologicos e outros. Entretanto, nunca foi mais genuino e mais racional o respeito profundo pelas Escripturas antigas do que o que hoje se lhes vota. Escriptores notaveis, como os já citados Orr, Green e Sayce que ha annos puzeram-se á frente da cruzada contra este tractamento, diziam, irreverente do Velho Testamento estão hoje admittindo e perfilhando os principaes resultados da Critica.

Com effeito, não ha razão para que condemnemos o esculptor por saber muito bem a anatomia. A força e belleza do conjuncto ganham com a mais profunda analyse das partes constituintes.

O direito de critica é innato na natureza humana. *Critica* vem do verbo grego *kritein*, separar, julgar: é discernir o que ha de bom e máo, claro e confuso, n'uma cousa, e saber pondera-la no seu conjuncto. Em face da Natureza somos insensivelmente levados a esquadrinhar-lhe o que não achamos nella pelos sentidos ou pelas primeiras apprehensões da intelligencia, e para isso empregamos até instrumentos externos. Isto mesmo, com maior razão, acontece com a Biblia. Si a Natureza physica nos attrahe tanto com esses chamados mysterios, quanto mais o Livro que occupa-se de Deus, dos problemas do nosso ser e dos seus destinos, sendo que elle reveste-se, como já dissémos, de uma fórma litteraria que desafia os nossos estudos não só quanto á vontade de Deus mas quanto a muitos ponctos obscuros de linguistica, de

[1] V. o cap. III, sobre este assumpto.

archeologia e de historia! Assim, o estudo da Biblia torna-se-nos imperativo pelos dous motivos, o essencialmente religioso, que é o principal e bazico, e o litterario ou antes scientifico, quanto ao modo por que se fez o ensino religioso, sendo unico intuito deste ultimo confirmar e corroborar aquelle, apresentando-o claro e com todas as circumstancias que o tornam vivo e efficaz. Criticar a Biblia é desempocira-la do passado, é produzir em toda a sua nitidez primitiva os seus textos, os factos historicos e accessorios que melhor os explicam e mostram tambem os seus defeitos e erros.

Poder-se-hia duvidar que a Biblia fosse regra da vida si é precisa esta indagação constante de quem seja o auctor de certo texto ou em que circumstancias foi escripto; a este respeito precisamos pôr bem claro o verdadeiro ensino. A Biblia com effeito dá clara e simplesmente a revelação da natureza de Deus, e como acha-lo. Assim como todos os mandamentos das leis da Velha Alliança se resumem n'um só, como no-lo ensinou Jesus Christo, assim tambem póde-se reduzir a bem pouco o que em toda a Biblia é essencial que acreditemos para nosso consolo espiritual. Não queremos dizer, por outras palavras, que o Christão precise estudar a critica moderna para ser religioso. É indiscutivel, porêm, que grande numero dos crentes se não contenta com esses rudimentos apenas, mas deseja ir sempre indagando mais e mais sobre as cousas da Religião e fundamentalmente sobre a Biblia; e então é que dizemos que elles exercem um direito incontestavel (não fallamos sob o aspecto puramente litterario ou scientifico) em pesquizar mais profundamente os oraculos divinos e a historia que lhes serviu de fundo e de vehiculo; e sendo assim é muito natural que queiramos estudar essa mesma historia em relação com a historia universal. Si os grande livros do mundo são escrutinizados,—Platão, Dante, Shakspeare e outros,—porque não o seria a Biblia? O facto de conter o que acreditamos ser as revelações ali canonizadas de Deus, torna-o ainda mais digno do mais sério e respeitoso estudo.

Para bem nos convencermos desta verdade basta que consideremos um pouco que si a Biblia existe, como até hoje a vemos, devemo-la ao *criterio*, (tambem de *Kritein*, julgar) ao discernimento de sem-numero de gerações de mais de trinta seculos atraz, que foram guardando os escriptos que a consciencia religiosa das epochas seleccionava como inspirados: só essa lenta depuração consagrada pelo tempo assegurou-nos a transmissão de tão venerandos documentos. Tambem com a organização do Canon da Nova Alliança aconteceu o mesmo:

com os Evangelhos e primeiras Epistolas de S. Paulo appareceram alguns escriptos e Epistolas que os contemporaneos consideravam inspirados e que como tal foram até citados pelos primeiros Padres ; e entretanto poucos annos depois o sentimento mais amadurecido dos Christãos os foi deixando fóra do Canon onde nunca entraram. Ora tudo é realmente *critica*, é um estudo que chega a um certo julgamento. Si este é errado, a propria *critica* o corrige depois. Não ha contradicção entre criticar o verdadeiro sentido do termo, e reverenciar a Palavra divina. Está visto, que, como já dissemos antes, é imprescindivel uma affinidade espiritual e mental entre o critico e o que elle critica, pois os cousas espirituaes só pódem ser julgadas espiritualmente. Quem não se põe no poncto de vista em que se collocou o auctor de certa obra, e tendo presentes os seus sentimentos e intuitos, não póde bem criticar essa obra.

Não ha falta de respeito quando procuramos indagar exactamente quaes teriam sido as mesmas palavras usadas por esses escriptores, de eras tantas vezes seculares, na transmissão do que elles e seus contemporaneos e myriades de successores consideravam inspiradas e sagradas revelações ; quando procuramos restituir esses textos á sua bellesa primitiva, escoimando-os de todos os accrescimos posteriores que, por mais uteis que sejam como testemunhas da antiguidade dos textos e dos intuitos das eras posteriores, empanam a puresa do original.

Pelo que se leu nas pags. anteriores já o leitor terá apreciado que enorme serviço tem a Critica moderna prestado á verdadeira intelligencia do Pentateuco ou da parte bazica da Biblia. As duplicatas das narrativas, as contradicções palpaveis, ainda até ao menos attento, explicam-se desde que conheçamos como se foi formando este conglomerado litterario em que foram misturados, para maior authenticidade, os documentos da historia de muitos seculos, não obedecendo-se á ordem chronologica e ao mesmo tempo desejando-se conservar intactos ou quasi intactos os proprios escriptos originaes antigos de conjuncto com os mais modernos. A luz que a Critica lança sobre este processo litterario faz augmentar-se a nossa veneração pelo Livro dos livros. O que nos afastava delle era justamente que não podiamos conciliar o respeito que deviamos ao que pensavamos ser a revelação divina ou á inspiração biblica, e os erros palpaveis, as contradicções flagrantes, as reproducções ás vezes inharmonicas de factos importantes e uma chronologia impossivel de se combinar com factos provados pela geologia e a archeologia.

Já vimos e mostraremos ainda que as proprias historias da Creação e do Diluvio vêm duplicadas no *Genesis*, como o são egualmente as narrativas da vocação de Moysés e da revelação do nome sagrado de JAHVEH. Acham-se ahi significações diversas dadas aos sanctuarios primeiro visitados por Abrahão; e o incidente deste com Sara e Abimelec é duplicado, Sara tendo ora 65 annos de edade, ora 89, apezar de nos ser apresentada como bella. E este mesmo incidente é tambem repetido como se tendo passado com Isaac. Jacob, filho deste, é mandado á Mesopotamia procurar mulher aos seus 76 annos, casa-se com 83 e volta com 96 para depois ter Benjamin. Por outra historia Judá é avô em dez annos. E dizer-se que tudo isto foi escripto só por um homem!

Quanto ás discrepancias das leis do Pentateuco já dissemos bastante para mostrar que DEUS nunca podia ter dado a Moysés certas leis minuciosas que contradizem outras que se diz que egualmente deu: a Critica demonstra que essa legislação desenvolveu-se n'um periodo de oitocentos annos.

Nem é só ao Pentateuco que a Critica tem castigado de modo que se nos apresenta á nova luz. Ella tem conseguido mostrar claramente o character composito dos chamados livros historicos. Em *Josué*, *Juizes* e *Reis* temos historias bazeadas em varios documentos e toda ella revista por varios redactores que emprestaram-lhe o seu poncto de vista theocratico, com sua theoria especial sobre o que deve ser a historia. E elles ás vezes aproveitaram as historias populares que vogavam, como as de Elias e de Elizeu, em estylo bem diverso; e varias versões sobre, por exemplo, David. De facto, temos duas historias differentes sobre o modo por que se estabeleceu a monarchia,—como tudo se verá para o deante. Os livros dos prophetas têm sido egualmente escrutinisados, e alem de accrescimos parciaes e posteriores a alguns, a Critica conseguiu notar, por exemplo, que ha quatro auctores diversos—pelo menos tres,—no livro todo attribuido a Isaias, sendo que um delles escreveu duzentos annos depois do outro; e quanto ao livro *Daniel* está hoje provado, como já dissemos que é producto do segundo seculo A.C., e não da era de Nebucudruzur. Sobre os outros Livros não tem apurado menos a Critica, sobretudo quanto a *Job*, *Proverbios* e os *Psalmos*. Até ha pouco eram elles attribuidos a Moysés, Salomão e David: está hoje provadissimo esse erro triplo. Os *Psalmos*, por exemplo, foram compostos desde o tempo de David até o dos Maccabeus,—um periodo de mais de oito seculos.

Todos estes resultados não os obteve a Critica sem muito estudo paciente e sem o concurso de homens profundos na

exegese, na philologia e archeologia, e está visto que muitos dos resultados desses estudos são depois corrigidos por ulteriores investigações. E isto leva-nos a admoestar o leitor a ter sempre em vista que, si bem que alguns principios geraes sejam hoje firmemente adoptados pela unanimidade dos criticos, continuam elles a estudar outras questões sobre as quaes se não tem chegado a resultados seguros, e que por ora só devem ser acceitos como hypotheses mais ou menos fundamentadas. As excavações já effectuadas na Babylonia, no Egypto, na Palestina e na Phenicia têm revolucionado ultimamente os estudos biblicos ; e ninguem sabe o que ainda nos reserva a decifração de ulteriores monumentos.

Entretanto já o tom dos adversarios da Critica moderna modificou-se profundamente nestes ultimos tempos. Não querendo dar-se ao trabalho de accompanhar os estudos criticos para descobrir-lhes a sua argumentação, esses representantes da chamada " eschola tradicional " limitavam-se quasi sempre a alcunha-los de " racionalistas," " infieis," e outras cousas feias e só referiam-se ás razões delles para caricatura-las. Do outro lado muitos criticos allemães são realmente " racionalistas," cujo interesse nesses estudos não é promovido pelo desejo de construir mas pelo de destruir. De alguns desses mesmos, porêm, têm surgido contribuições importantes para o apuro da verdade e que o homem prudente aproveita no seu logar.

O mais talentoso e fecundo escriptor dessa " eschola tradicional," que conhecemos, o Dr. James Orr, no seu livro, atraz citado, sobre o " Problema do Velho Testamento," já acceita muitos dos ponctos por que se tem batido a Critica neste ultimo seculo.

Á pag. 93 do seu trabalho, o Dr. Orr admitte que na Biblia haja um elemento de " idealisação " ; pouco adeante (pag. 196) reconhece que *Genesis* póde ser dividido em duas partes obedecendo ao criterio dos nomes de Elohim e JAHVEH. Elle crê que o " Pentateuco como os outros Livros da Biblia, têm sido subjeitos á muita revisão que não raro deixou traços profundos no texto " (pag. 226), e esses traços o Dr. Orr vê claramente no *Deuteronomio* (pag. 251), sendo manifesto que " ha differenças bem distinctas entre os estylos de *Deut.* e os de J, E e P " (pag. 253). De facto " as secções attribuidas a P têm um vocabulario e um cunho tão proprio no estylo que no todo distinguem-se promptamente dos outros auctores " (pag. 335), o que, continúa o douto escriptor, torna bem provavel que em P tenhamos " um processo (lento) de composição antes do que um unico auctor " (pag. 340). Fallando ainda do *Deut.*

acredita que " tenha havido certa dose de liberdade na reproducção dos discursos " de Moysés (pag. 380), e sobre *Daniel* pensa que " o character extremamente minucioso da predicção do cap. 11 talvez signifique uma redacção posterior " (ao tempo que se lhe attribuia geralmente). E Orr reconhece alem disto que a chronologia da Biblia está errada (pag. 426).

Emfim o grande impugnador da critica moderna admitte que " no *Genesis*, como se acha geralmente acceito, P contribue com o arcabouço em que as outras narrativas são accommodadas e ajustadas," e cita, para corrobora-lo, Kautzsch, Driver e Dillmann, trez dos maiores criticos modernos. Orr faz grande questão de não admittir a critica a *moysaicidade* do Pentateuco. Ella, porêm, a reconhece essencialmente e ahi cabe-nos reproduzir as mesmos palavras de Orr mostrando que nem elle mesmo acceita integralmente a mesmo *moysaicidade*, e concorda que Moysés não escreveu esse Codice. Explica-se elle (pag. 378): " Não se diz implicitamente que Moysés escreveu todas estas leis ou qualquer dellas com a sua propria penna; ou que fossem escriptas a um tempo certo; ou que não tivessem sido modificadas no seu desenvolvimento ou redacção; ou que a sua collecção não tivesse obedecido a um processo mais ou menos gradual; ou que, á collecção final ou codificação que vemos hoje, não tivessem precedido collecções menores como, por exemplo, a que fórma a baze da Lei da Sanctidade." E o eminente escriptor entende que a collecção completa não data, provavelmente, de uma epocha posterior á do começo da monarchia. Isto é, Orr concorda *essencialmente* com a Critica moderna. Em vez de circa 1250 entende que o *Levitico* e demais legislação de P póde ser do anno 1000 A.C. ou *dous seculos e meio depois de Moysés*, ao passo que a critica fixa a sua codificação entre 550 e 500, mais ou menos, isto é, quatro seculos e meio depois disso. O ponto principal, porêm, que Moysés não foi o auctor do Pentateuco, como o temos hoje, fica concedido.

É verdade que, repetimos ainda, muitos desses resultados da Critica são ainda hypotheses, isto é, soluções não definitivas. Mas mesmo assim tem sido impossivel fechar os olhos ás suas razões tão serias, e que elucidam problemas que sem ellas ficariam, como tinham ficado até aqui, sem explicação razoavel.

Os tradicionaes attacaram por algum tempo a Critica até de alluir as bazes da nossa Religião com as suas " novidades," e ainda hoje se ouve a mesma queixa dos poucos escriptores dessa eschola. Mas estes de certo não ponderam bem o assumpto. Não ha nada de essencial e de bazico em nossa Religião que haja sido abalado pela Critica do Velho Testa-

mento. DEUS foi e é sempre o mesmo DEUS, pessoal, unico, Creador do mundo que vemos, e do que não vemos, existindo de toda a eternidade, unico, zeloso e sem tolerar rival, justo e sancto, que não póde pactuar com a iniquidade, doce e misericordioso, redemptor de Israel e do homem. Pelos seus prophetas elle pedia ao homem que andasse deante delle em simplicidade, que o amasse, e que practicasse o amôr do proximo; que olhasse para a viuva, o orpham, o estrangeiro pobre e para todos os necessitados de auxilio; que evitasse o peccado e que, tendo peccado, se purificasse delle em sincero arrependimento. Ora em que é que a Critica attaca de leve um só desses vinculos que nos prendem a DEUS ou uma dessas ideias exaltadas sobre DEUS? Que nos importa a nós si as legendas e historias até a morte de Moysés sejam de trez auctores principaes em vez de um só homem? Ao contrario, si os trez concordam entre si fundamentalmente, maior torna-se a sua credibilidade e, pelo menos, explicam-se as suas divergencias em vez de se procurar convencer o creute que todas essas contradições sejam de um só homem inspirado, e que elle precisa recebê-las todas tão sómente pela mais cega fé.

Estudando *historicamente* as suas instituições, a revelação *progressiva* de DEUS, e os *meios* de que lançaram mão os Israelitas e Judeus para deixar ahi enthesourada essa revelação, nós realçamos o valor do Velho Testamento até o advento d'Aquelle que veiu transcender a fraquesa da sua raça para tornar-se o unico Propheta da Humanidade.[1]

[1] BIBLIOGRAPHIA.—Sobre este assumpto recommendamos: Kuenen, *The Hexateuch* (trad. ingleza dos seus dous vols. em Hollandez publicados em 1886); Wellhausen, *Composition des Hexateuchs* (1899) e *Prolegomena zur Geschichte Israels* (1905); Reuss, *Geschichte der heiligen Schriften des A. Ts.*; W. Robertson Smith, *The O. T. in the Jewish Church*; Driver, *Introduction to the Lit. of the O. T.* (9ª ed., 1913); Holzinger, *Einleitung in den Hex.*; Cornill, *Einleitung* (2ª ed. 1913); König, *Einleitung*, 1893; Carpenter and Harford-Battersby, *The Hexateuch* (o 1° vol. tracta da *Composition of the Hex.*); Th. Nöldeke, *Die. Alttest. Literatur* (1868); C. A. Briggs, *The Higher Criticism of the Hex.* (New York, 1897); Graf Baudissin, *Einleitung* (1901); Westphal, *Les sources du Pentateuque*, 2 vols., 1892; Chapman, *Introduction to the Pent.*, 1911; L. Gautier, *Introduction à l'Anc. Test.* (Lausanne); Kautzsch, *Die Heilige Schrift des A. Ts.*; C. F. Kent, *Student's O. T.*, 1914; McFadyen, *Introd. to O. T.*, 1912; D. C. Simpson, *Pentateuchal Criticism*, 1913; Hautin, *La Question chez les Cathol. de France au XIXème siècle*, 1902; Lagrange, *Hist. Criticism and the O. T.*, 1905; Kirkpatrick, *The Div. Library of the O. T.*, 1891; Abbé Loisy, *Etudes Bibl.*, 1894; Reuss, *L'Hist. Sainte et la Loi*, 1879; Martin, *Introd. à la Crit. gén. de l'A. T.*, 1887; Castelli, Le lege del popolo Ebreo, 1884; G. A. Smith, *Modern Criticism and the Preaching of the O. T.*, 1901; Hoonacker, *Le Sacerdoce lévitique*, 1911; J. S. Griffith, *Prob. of the Deut.*, 1911; G. L. Robinson, *Gen. of Deut.*; Wiener, *Stud. in Bib. Law* e *Studies in Pentat. Criticism*; Orr, *The Prob. of the O. T.*, 1914; Bissel, *The Pentat.*, 1910; James Robertson, *The Early Rel. of Israel*; A. S. Peake, *The Bible, its Origin* . . . (pags. 88-224), 6ª ed., 1920; C. H. H. Wright, *Daniel and its Critics*, e os diversos arts. referentes aos Livros biblicos nos *Diccs.* de Hastings e de Cheyne.

TERCEIRA PARTE

HISTORIA DO POVO DE ISRAEL

SECÇÃO I: TRADIÇÕES PRIMITIVAS

CAPITULO XXIII

A CREAÇÃO

A Historia do povo judeu na Biblia e sob o seu aspecto religioso começa pela Creação do mundo e vai até a volta do Exilio da Babylonia, e o estabelecimento do Judaismo, sob Nehemias e Esdras. Como já se viu os seis primeiros livros da Biblia, ou o Hexateuco, occupam-se da historia primitiva do mundo até o estabelecimento das tribus israelitas na terra de Canaan, depois Palestina. O primeiro desses livros, o *Genesis*, tracta desses principios do mundo (caps. 1-5), do Diluvio (caps. 6-9), das raças até Abrahão, o fundador da nacionalidade israelita (caps. 10 e 11) e da historia dos trez primeiros Patriarchas, Abrahão, Isaac e Jacob, e seus filhos (caps. 12-50).

Está claro que até Abrahão, onde alias encontramos ainda algum elemento legendario ainda não de todo solto de factos historicos, não lidamos propriamente com historia, mas com antigas cosmogonias e mythos, de eras antiquissimas e que a tradição semitica e principalmente dos Hebreus foi lentamente depurando de seus elementos grosseiros e servindo-se delles para a propagação das mais sublimes ideias religiosas que elles e nós acreditamos terem sido inspiradas para nosso ensino.

O *Genesis* não é obra de um escriptor apenas, mas de trez auctores principaes, alem dos redactores que adaptaram os seus trabalhos na forma em que o temos desde o Sec. V antes de J. C. Esses escriptores foram J, E e P, dos quaes já tractamos nos caps. XVIII-XX sobre a Critica litteraria, dispensando-nos de alludir novamente ao seu character respectivo. Basta que relembremos que o mais antigo, J, empregou quasi sempre pela palavra Deus o nome de Jahveh, (que traducções moder-

nas dão como o SENHOR); que E, cem annos depois de J, escreveu parallelamente com elle, e empregou ELOHIM em vez de JAHVEH e que o mais moderno dos trez, P, é o escriptor sacerdotal que tanto distingue-se dos outros pelo arranjo systematico, obedecendo a regras fixas, do seu material, pelo seu amor pela chronologia, pelas genealogias, pelas reiterações de certos factos e de certas observações.

A materia do *Genesis* divide-se do seguinte modo entre esses trez escriptores. Eliminamos aqui, para simplificar o assumpto, os escriptores e redactores que a critica designa como J^2, ^{3}, E^2, ^{3} e P^2, ^{3}, etc., reservando-nos para na analyse dos assumptos apontar o que é tido como de sua lavra.

São de J: 2 : 4^b-4 : 26; 6 : 1-4; 7 : 1-8 : 22 (em parte); 9 : 18-27; cap. 10 (em parte); 11 : 1-9, 28-30; 12 : 1-4^a; 12 : 6-20; 13 : 1-5 e 7-11^a, e 12^b-18; cap. 15 (em parte); 16 : 1^b, w, r-14; caps. 18, 19 e 21 (em parte); 22 : 20-24; cap. 24; 25 : 1-6, 11^b, 18, 21-26^a, 27-34; 26 : 1-33; 28 : 10-22 (em parte); caps. 29 e 30 (em parte); 31 : 1, 3, 36-50; do cap. 32 : 3 ao cap. 33 : 17; cap. 34; 35 : 14, 16-22; caps. 36 a 39; cap. 41 (em parte); caps. 43 e 44; 46 : 28-47 : 4; 47 : 6^b, 12-27^a, 29-31; 49 : 1-27; 50 : 1-11, 14.

Pertencem a E os seguintes textos: 20 : 1-17; 21 : 6-32; 22 : 1-13 e 19; 27 : 1-45 (em parte); 28 : 10-22 (em parte); caps. 29 e 30 (em parte); caps. 31-32 : 2 (em parte); 33 : 19, 20; cap. 34 (em parte); 35 : 1-8; cap. 37 (em parte); caps. 40 e 41 (em parte); cap. 43 (em parte); cap. 43 (em parte); cap. 44; 46 : 1-5; 48 : 1, 2, 8-22; 50 : 15-22.

E afinal são de P: 1 : 1 a 2 : 4^a; 5 : 1-28, 30-32; 6 : 9-22; 7 : 6, 11, 13-16^a, 18, 21, 24; 8 : 1, 2^a, 3^b-5, 13^a, 14-19; 9 : 1-17, 28, 29; 10 : 1-7; 20, 22, 23, 31, 32; 11 : 10-26, 27, 31, 32; 12 : 4^b, 5; 13 : 6, 11^b-12^a; 16 : 1^a, 3, 15, 16; cap. 17; 19 : 29; 21 : 1^b, 2^b-5; caps. 23 e 25 : 7-11, 12-17, 19, 20, 26^b; 26 : 34, 35; cap. 27 : 46 a 28 : 9; 29 : 24, 29; 31 : 18^b; 33 : 18^a; cap. 34 (em parte); 35 : 9-13, 15, 22^b-29; cap. 36; 37 : 1, 2^a; 41 : 46; 46 : 6-27; 47 : 5, 6^a, 7-11, 27^b, 28; 48 : 3-7; 49 : 1^a, 28^b-33; 50 : 12, 13.[1]

Acredita-se que no Sec. VII ou VIII, existiam as duas narrativas, J e E já talvez fundidas n'uma só, quando um redactor (ou mais redactores (R) accommodou-as na de P, que assim teria servido de seu arcabouço. Para isto realisar o redactor copiou as narrativas como as achou, até duplicando-

[1] E a distribuição na *Cambridge Bible* por H. E. Ryle. Os criticos, concordando todos fundamentalmente com esta divisão da materia divergem sobre alguns dos textos. Seria util a quem desejar accompanhar o assumpto mais de perto marcar as trez partes na *Genesis* com lapis a cores. As lettras *a* e *b* depois dos numeros dos vers. designam a primeira ou a segunda parte desses vers.

as, ora reuniu-as ora omittiu-as, ora combinou-as e harmonisou-as, tudo isto com ligeiros retoques.

O material escolhido por J E é muito mais antigo do que elles. Consistiu, como já dissemos, de antiquissimas tradições nacionaes da sua raça e de tradições de tribus e familias. Alem disso usaram da poesia popular que, como se sabe, era um vehiculo muito commum, nos tempos primitivos de uma nação, para a transmissão de façanhas dos seus heroes. O Hexateuco está repleto desses poemas nacionaes; mas no *Genesis* destacaremos : os cantos de Lamech (4 : 23, 24 ; 5 : 29) ; a previsão de Noé sobre os seus filhos (9 : 25-27) ; o oraculo sobre Agar (16 : 11, 12) ; a benção de Rebecca (25 : 60) e o oraculo sobre os seus filhos (26 : 23) ; as benções de Isaac a Jacob (27 : 27-29), e de Isaac a Esaú (27 : 29, 30) e finalmente a celebre benção de Jacob a seus filhos (49 : 2-27).

Era muito natural que este livro de religião que os Hebreus consideravam como contendo a revelação de Deus sobre a Sua Pessoa, e as relações do homem com ella, procurasse reunir logo no começo, as antiquissimas tradições da humanidade sobre as origens do proprio homem e do mundo, e sobre os outros grandes problemas que desafiavam a sua curiosidade, os seus temores, a sua anciedade.

A Biblia contém, para nós, a historia da Redempção do homem. É justo, pois, que se remonte aos principios moraes do mundo. A Redempção não limita o seu campo a uma certa nação ou povo, mas estende-se a toda a humanidade, e era necessario que a Biblia assignalasse bem que Deus, o unico Eterno e subsistente por si mesmo, foi o Creador do mundo e do homem, quem o fez dispersar-se pela terra, e quem escolheu um certo povo, provindo de Abrahão, no qual far-se-hiam manifestos os Seus conselhos, e o Seu plano de Redempção até que, na consummação do tempo aprazado, fosse ella annunciada por Jesus Christo a toda a humanidade. A Biblia, pois, devia naturalmente procurar mostrar que a sua historia foi desde o começo presidida, por assim dizer, por Deus mesmo, que creára o mundo, e que promettera aquella Redempção.

A parte de *Genesis* que refere as primitivas tradições da humanidade em geral occupa os seus doze primeiros capitulos, assim distribuidos : cap. I, historia da Creação do mundo ; cap. 2, outra narrativa da Creação ; cap. 3, a origem do mal ; cap. 4, os principios da civilização ; cap. 5, genealogia de Adão e Noé : caps. 6-9, historia do Diluvio ; cap. 10, origem das

diversas nações; cap. 11, logar dos Semitas entre ellas; e emigração de Terah, pai de Abrahão. A segunda parte da *Genesis*, do cap. 12 ao cap. 40, comprehende a historia dos patriarchas de Israel, isto é, Abrahão (caps. 12 a 25 : 18), Isaac (25 : 19 a 36 : 43), e Jacob (caps. 37-40).

É assim que, segundo Cornill [1] se distribue a materia da historia dos *Principios*, até Abrahão, nos onze primeiros caps. da *Gen.*

1. A Creação : 1 : 1-2 : 4^a, de P ; 2 : 4^b-25, de J ;
2. O peccado original : cap. 3, de J ;
3. Caim e sua geração : 4 : 1-24, de J ;
4. A geração de Seth : 4 : 25-5 : 32, de J ; e o resto de P ;
5. Os "nephitim" : 6 : 1-4, de J ;
6. O Diluvio (6 : 5-8 : 22) ; 6 : 1-8 ; 7 : 3^b, 4, 5, 7, 10, 16^b, 17^b, 22 e 23 ; 8 : 2^b, 3^a, 6-12, 13^b, 20-22, de J ; e o resto de P.
7. Pacto com Noé : 9 : 1-17, de P ;
8. Os trez filhos de Noé : 9 : 18-27, de J ; 9 : 28-29, de P.
9. Descendentes de Noé : 10 : 1^a, 2, 5, de P ; 8-19, de J ; 10 : 6, 7, 20 de P ; 10 : 21, 25-30, de J ; 10 : 22, 23, 31, 32, de P ;
10. Confusão de linguas e dispersão : 11 : 1-9 de J ; dispersão especial de Sem., 10 : 27, de P ; familia de Terah, pai de Abrahão, 28-30, de J ; 31, 32, de P.

Mesmo assim separada a materia de J e de P, algumas auctoridades da critica [2] ainda descobrem em J varias procedencias. A historia dos descendentes de Caim e a dos principios das invenções (4 : 17 e seg.) dizem elles que são incongruentes com a do diluvio ; e até os vers. 1-4 do cap. 6, parecem presumir uma historia continua do homem. Na da descendencia de Noé (9 : 20 e seg.) ha evidentemente duas tradições, pois ora os seus filhos são Sem, Japhet e Canaan, ora Sem, Ham e Japhet (9 : 18). E alem destas, notam-se outras discrepancias que mostram que estão aqui enfeixadas por um redactor ou redactores posteriores muitas tradições, algumas de origem babylonica, e outras da propria Palestina.

Assim, a contribuição de J na *Gen.*, é complicada, ao passo que a de P é limpida e conherente, como veremos.

Perdem-se na noite dos tempos as remotissimas tradições sobre a Creação e dos principios do mundo e do homem.

[1] *Einleitung.*—Damos esta distribuição segundo outro critico, muito propositalmente.

[2] Wellhausen, *Compos. der Hexat.*, e Budde, *Bibl. Urgesch.*

Quando J, talvez no reinado de Salomão, ou pouco depois disso, as escolheu e as representou, revestidas do seu monotheismo puro ainda muito anthropomorphico, já ellas tinham passado por innumeros milhares de gerações, que as iam recebendo e insensivelmente modificando; de sorte que quando P escreveu a sua versão da cosmogonia, cêrca de quatrocentos annos depois, já ella se tinha consolidado em Israel com as ideias monotheistas deste povo, e que eram mais elevadas do que as do tempo de J.

Todas as raças, na sua infancia, antes de se organizarem e de crearem qualquer litteratura, formam mythos e legendas, aquelles concretisando as suas primeiras impressões sobre o character da Divindade, a origem do mundo e do homem, o destino das cousas, a razão das enfermidades e da morte, e de todos estes phenomenos naturaes que só podem explicar rudemente; e as legendas bordando os principios da sua propria historia, que revestem de uma aureola de mysterio e de gloria.

Nós hoje não entendemos mais por *mytho* (do Grego *múthos*) o mero conto anecdotico sobre os deuses da mythologia, e de que Platão se occupou,[1] e nem consideramos as *legendas* como series de grandes feitos e milagres dos sanctos que na Edade media os fieis deviam *ler*. O estudo aprofundado dos mythos e legendas, mostrando-nos a origem das religiões e da historia, muito interessa á cultura humana. O instincto religioso dos povos antigos bem indicava-lhes a existencia de uma causa suprema, um principio de tudo; e é da maior importancia cotejar hoje essas diversas manifestações do espirito humano em frente desses grandes problemas da existencia. Nesses mythos encontram-se os germens de grandes verdades religiosas e philosophicas que em eras posteriores revestem-se da significação a mais profunda. São ellas a expressão especial de cada povo segundo a sua indole e imaginação; e nada melhor do que essas concepções rudes reflecte o genio de cada uma.

O mytho, porem, não fica estacionario. Apezar da sua natureza apparentemente concreta, elle soffre, nesta longa passagem de bocca a bocca, as influencias inpalpaveis, inconscientes, da evolução do progresso humano, purificando-se e elevando-se de modo que se vêm reflectir nelle as novas ideias de moral e religião, dominantes nas respectivas epochas. O já citado Platão que, como verdadeiro propheta, vivia antes do seu tempo, já insistia em que os mythos da Grecia deviam ser purificados de accordo com as ideias mais exaltadas da Divindade que elle tão magistralmente expunha.

[1] *Rep.*, II, 387 e seg.

Vejamos, pois, como os mythos primitivos da Creação chegaram até os Hebreus, e como estes os foram modificando inconscientemente.

Das duas tradições da Creação que encontramos no Livro *Genesis*, comecemos pela mais antiga (2 : 4b-25). O Jahvista propõe-se dizer-nos como foi que DEUS creou os céos e a terra. JAHVEH diz elle, creou todas as plantas antes que nascessem, e todas as hervas antes que brotassem, pois que Elle não fizera ainda chover nem creára o homem para cultiva-las. Mas da terra sahia uma inundação que cobria toda a sua face. E JAHVEH formou o homem do pó da terra e inspirou nas suas nariculas o assopro da vida ; e o homem tornou-se n'uma alma vivente. E JAHVEH plantou, ao lado do Léste, um jardim, no *Eden*, e ahi pôz o homem que havia formado. E da terra JAHVEH fez brotar arvores, formosas á vista e bôas para dellas se comer ; e tambem, no meio do jardim, a arvore da vida e a arvore do conhecimento do bem e do mal. E do Eden sahia um rio que regava o jardim, onde subdividia-se em quatro, a saber ; o Pison, que circumdava toda a terra de Havyla, onde havia ouro e outras riquezas mineraes ; o Gihon, que circumdava toda a terra de Cus ; o Hidekel, que banhava a frente da Assyria ; e o Euphrates. E ahi, nesse jardim, JAHVEH pôz o homem para tracta-lo e conserva-lo, e JAHVEH deu ordem ao homem, dizendo : " Podes comer livremente de todas as arvores do jardim ; da arvore, porêm, do conhecimento do bem e do mal, não comerás, pois no dia em que della comeres certamente morrerás de morte."

Resolveu tambem DEUS formar para o homem um ajudante, pois disse : " não é bom que o homem esteja só." E ELLE formou da terra todos os animaes terrestres, e todas as aves do céo e trouxe-os ao homem para ver como os chamaria, como o impressionariam ; e desse modo o homem deu-lhes seus nomes. Ainda assim, nenhum desses animaes podendo servir de auxilio e companhia ao homem, JAHVEH fez o homem dormir profundamente, e nesse estado tirou-lhe uma das suas costellas, e fechou-lhe novamente a carne do logar ; e da costella assim tirada JAHVEH formou a mulher, e a trouxe ao homem. E este exclamou : " Eis afinal aqui o osso de meus ossos e a carne de minha carne : varôa será chamada, pois foi tirada de varão." Portanto, continúa o narrador, " o homem deixará seu pai e sua mãe e adherirá á sua mulher ; e os dous serão uma só carne."

Nesta historia, note-se bem, não existia vegetação nem havia chuva ou agua para irriga-la, quando de repente sobreveiu

uma enchente [1] que cobriu a terra. Foi então que JAHVEH formou, modelou, o homem do humus da terra—tal qual o oleiro que molda o seu vaso (v. *Is.*, 29 : 16, e tambem a parabola de Jeremias, cap 18 : "Vede que como o barro está na mão do oleiro, assim vós estaes na minha mão, casa de Israel"). Assim formado, o homem recebeu de DEUS o sôpro de vida. Todos os animaes tiveram vida e a respiração o mostrava; mas esta inspiração de DEUS no homem bem indicava que, alem de sua parte material, do barro da terra, ha nelle outro lado espiritual, mais elevado, que faz da sua vida um dom especial de DEUS, com aptidões exclusivas e peculiares de que carecem os outros animaes. Assim creado, DEUS collocou o homem n'um jardim, ou antes *n'um parque fechado* ou paraizo (de uma palavra persa que significa isso mesmo), n'um *eden*, ou grande planicie, para o lado de Léste; [2] e este lindo jardim ideial, que DEUS plantou de arvores, de cujos fructos se sustentaria o homem, ficou sendo chamado na Biblia o "Jardim de DEUS" (v. *Is.*, 51 : 3; *Ezek.*, 28 : 13; 31 : 8, 9, etc.). Oriunda dessa grande planicie do eden uma torrente cortava o paraiso dividindo-se ali em quatro cabeceiras de outros tantos rios caudalosos, a saber; o Hiddeker (Tigre), o Euphrates e mais dous rios que muitos crêm referir-se ao Nilo e ao Indo.[3] Parece certo que o escriptor quiz collocar o paraiso ao Norte da Babylonia, onde o Tigre e o Euphrates correm perto um do outro.

DEUS considerou ainda incompleta a Sua obra em relação ao homem, mas cuidou em dar-lhe companhia, pois elle mesmo declarou que não era bem que estivesse tão só. Creou então todos os animaes e os trouxe ao homem, que lhes deu os seus nomes conforme as primeiras impressões que recebia de sua apparencia: a lenda quiz assim mostrar como se entendêra ter sido a origem da linguagem. Dando-lhes os nomes, por ordem de DEUS, ficava claro que o homem devia domina-los pela intelligencia e não pela força. Mas os instinctos religiosos e sociaes do companheiro de JAHVEH no jardim não podiam satisfazer-se com a companhia destes animaes; e JAHVEH quiz dar-lhe a de um ente similhante (melhor traducção *correspondente*) a elle; e, durante um somno profundo do homem,

[1] A palavra *Ed*, vem do Babylonico Edu, que significa enchente, como as do Euphrates e não *fonte* como na *Vulg.*

[2] *Eden* não é o nome do jardim, mas da planicie aprazivel de que foi approveitada a parte que constitue o jardim.—*Driver.*

[3] É pueril procurar-se a verdade geographica nesta tradição, mas é isto o procura fazer Fried. Delitzsch (filho do celebre commentador) na sua monographia *Wo lag das Paradies*? Si ainda ha menos de quinhentos annos pensaram que a India estava onde se extende o nosso continente americano; e si Alexandre Magno acreditava ter descoberto as nascentes do Nilo no Indo, porque viu ali crocodilos, não é de admirar que ao tempo em que se formaram essas lendas, os quatro rios parecessem mais proximos entre si.

formou a mulher (que em Hebraico quer dizer " do seu homem ") com uma alma como a delle, com um espirito em sympathia com o seu, para ser um com elle, como camaradas e amigos, o osso de seus ossos e a carne de sua carne, com a qual estabelece uma relação mais intima e exclusiva do que a do filho para o pai e a mãe ; a narrativa dando assim testemunho da elevada ideia que os antigos Hebreus faziam do casamento e de suas obrigações mutuas. Só depois é que a mulher torna-se a " mãe de todos os viventes " (*Gen.*, 3 : 20).

Jahveh não curou sómente desse bem-estar da sua nobre creatura, inspirada do Seu proprio espirito. Tendo-lhe concedido o gozo do jardim em que plantara " toda a casta de arvores formosas á vista e cujo fructo era bom para comer " (2 : 9) incumbiu o homen de cultiva-lo, e guarda-lo, mostrando assim Jahveh que não o creára para a indolencia, nem tão pouco para os trabalhos duros. E assim, segundo esta tradição tão linda e de fundo tão religioso e verdadeiro, correram os tempos, o homem e a mulher vivendo com toda a simplicidade, de modo que nem sabiam envergonhar-se por andarem nús.

Donde teria emigrado esta linda cosmogonia, tão saturada do mais elevado e puro espirito religioso, e guardada nesse inimitavel estylo de J ? Alguns entendem que ella constitúe um mytho dos Kenitas, que, como já vimos, habitavam o deserto do Sinai e que depois uniram-se aos Israelitas : [1] foi, segundo elles, do deserto, com a sua terrivel desolação, que sahiu o oasis descripto nos vers. 7 e seg. Esta ideia é, para nós, insustentavel, pois o texto nem allude a deserto algum, e ao contrario, menciona dous rios que correm na Mesopotamia. Nem era preciso ir aos Kenitas para dar-lhes a primasia do mytho, pois tambem tanto poderia ser Israelita como Canaanense. Esta narrativa parece conservar o seu perfume babylonico : reflectindo o genio do seu povo, o escriptor biblico nos dá a antiga tradição já despida de seus elementos grosseiros e só cuida da formação dos reinos vegetal e animal, acabando no homem e na sua companheira, que Deus colloca no jardim n'uma terra do Oriente (o que tambem prova que a narrativa não procede dos Kenitas).

Este mytho, como se vê, não descreve os primeiros elementos do mundo, mas começa dizendo-nos como era a terra quando o homem foi nella creado. É nisto que se concentra o interesse do escriptor. Talvez que na sua narrativa originaria elle fosse buscar mais remotamente a historia de creação das primeiras cousas, e que o compilador a supprimisse, por preferir conservar somente a narrativa do codice de P sobre isso.

[1] Entre elles, A. R. Gordon, *The Early Traditions of Genesis*, pag. 125.

Não se pode bem duvidar que o nucleo desta legenda proveiu da Babylonia. N'uma das suas legendas da creação, a deusa Ararú associa-se a Marduk e "com elle creou a semente dos homens." (É a mesma deusa que no poema epico de Gilgamesh creou um ser humano, Eabani). A legenda, depois de mencionar deste modo a Aruru, attribue toda a creação a Marduk,—"os animaes e as creaturas do campo, o Tigre e o Euphrates, o solo, a relva, os pantanos e caniçaes, as florestas, a verdura dos campos, a vacca brava e seus bezerros . . . casas, cidades, moradias, Nippur, E-Kur, Erech, E-Anna. . ." Ve-se ahi que a historia da creação prende-se á do começo da civilização, como se vai ver no Livro *Genesis*.

Nesta tradição biblica, a humanidade é primeiro creada e então é plantado um jardim com arvores. São em seguida produzidos os animaes e as aves do céo. O mesmo se vê na legenda babylonica. Basta notar que o Jahvista abre a sua narrativa com a phrase (litteralmente): "E nenhuma planta havia ainda na terra e nenhuma herva do campo brotára ainda," que lembram as primeiras linhas da tradição babylonica, de que nos occupamos, quando diz: "A casa alegre dos deuses não estava construida no alegre logar; nenhuma cana, nenhuma arvore estava ainda formada," etc.[1]

Note-se tambem a referencia ao Tigre e ao Euphrates que passou para a legenda biblica (*Gen.*, 2 : 10-14); apezar de que o grande critico Ewald entenda que esta referencia topographica fosse interpollada posteriormente, pelo menos os vers. 11-14; e nos parece que tem razão porque custa-nos acreditar que na epocha remotissima em que se consolidou o mytho babylonico fossem conhecidos os paizes que vemos ahi mencionados como Ethiopia, etc. Segundo Sayce[2] o mytho original desta narrativa jahvistica é o que se chama geralmente o "mytho da construcção," a saber; No começo não havia casas de deuses, nem arvores nem cidades, nem cousa alguma edificada; não existiam Nippur nem Ekur nem Uruck nem Eana nem Apsur ou Eridu (o sanctuario de Ea). As terras eram todas como um immenso mar e o solo das ilhas era nas aguas. Os deuses, os Annunaki, foram todos junctos, e então proclamaram a existencia da cidade sancta. Marduk passou a *construir* uma grande esteira de cannas em cima da agua e

[1] Esta versão babylonica da Creação foi primeiro publicada por Pinches (do Museu Britannico) no *Journal of the R. Asiatic Soc.*, 1891, pag. 393-408. É reproduzida por muitos escriptores modernos sobre o assumpto. V. sobretudo Jastrow, *Religion of Babylonia and Assyria*, pags. 444-453.

[2] *Higher Criticism and the Monuments*, pags. 91 e seg. Este mytho vem na collecção cit. de Schrader, vol. vi., 39 e segs. Driver e Bennett, respectivamente nos seus commentarios *Westminster* e *Century*, parecem saguir Sayce; mas achamos insufficientes as suas razões.

pôz terra sobre a esteira para *construir* ali uma uma habitação agradavel aos deuses. Só então *construiu* elle o homem. " Com elle a deusa Aruru *construiu* a especie humana, e tambem os animaes do campo. E *construiu* tambem o Tigre e o Euphrates e os pôz no seu logar e lhes deu o seu nome apropriado. *Construiu* mais a herva, o caniçal dos charcos," etc. . . . " E *construiu* cidades e collocou população nellas."

Muito de proposito transcrevemos a parte principal deste mytho para que fique bem evidente quão remotissima é a lembrança delle na narrativa biblica, si é que de todo tivesse influido nella.

Tambem se tem querido achar o original da historia jahvistica nao mytho de Eabani e Ukat. No 12º. ladrilho do epico babylonico de Gilgamesh, este heroe lamenta a perda do seu companheiro Eabani, procurando-o por toda a parte. O heroe realisa agora que tambem elle morrerá e deseja saber o segredo da existencia depois da morte. Nergal, o deus dos logares baixos do mundo, consente em que o espirito de Eabani apparêça, mas Eabani só revela de um modo geral a tristeza que reina naquelles páramos, e elle amaldiçôa Ukhat e Sadu que foram a causa de sua morte. Na primeira parte do poema a deusa Aruru crêa Eabani de um bôlo de barro da terra,— e esta era a legenda de Erech, como a que Ea creára o homem originara-se em Eridu, e a de Marduk prevalecia em Nippur. Eabani era meio-homem e meio-animal, nú, cabelludo, e vivia n'um estado selvagem com as feras, com as quaes comia e bebia e divertia-se. Creado para combater e domar o gigante Gilgamesh, este astuciosamente incumbe a prostituta sagrada, Ukhat, de allicia-lo das feras, o que ella consegue.

> " Elevado és, Eabani, como un deus:
> Porque te deitas com as feras?
> Vem e te levarei á murada Uruk . . .'
> Elle cede e obedece á sua ordem.
> Na sabedoria do seu coração reconheceu uma companheira." [1]

Observa-se que Eabani fôra creado do barro da terra; que começou com vida meio brutalisada, que vivia com os animaes do campo e que teve intercurso com elles e que desse estado foi tirado pela tentação de uma mulher que o alliciou, não só para ser sua companheira como por prometter introduzi-lo á civilização,—a uma cidade fortificada. *Lev.*, 18 : 23 ; 20 : 15, 16 e legendas que corriam na Palestina e que até constam do Talmud (*Jebamoth*, 63*a*) mostram que pode bem ser que esta

[1] Versão de Jastrow, *Rel. of B. and Ass.*, pag. 477.

descripção do auctor Jahvistico seja a expurgação de antiquissima legenda babylonica que passára para Canaan.

Fosse qual fosse a sua fonte primitiva, esta historia jahvistica passou, em longuissimos seculos, pelo cadinho do monotheismo hebraico, que deu-lhe esta fórma tão simples, vivaz e encantadora, e que não podia deixar de gravar-se profundamente na memoria popular, por conter grandes verdades religiosas que sempre acharam guarida na consciencia humana. Skinner bem opina que ella é um dos idyllios mais inimitaveis em qualquer litteratura, e Gunkel chama esta historia, com a da queda do homem, " perola da Biblia."

Passemos agora á descripção da Creação, pelo escriptor sacerdotal P e que constitue o primeiro cap. do *Genesis*. Como já ficou dicto quando tractamos da Critica Biblica o estylo deste collaborador do *Pentateuco* é fundamentalmente diverso do de J e tambem do de E, que só apparece no *Genesis* pela primeira vez no cap. 15. Não tem P a suprema belleza de J ; o seu estylo é conciso e regular como o de um jurisconsulto. Neste cap. do *Genesis*, porêm, P elevou-se a uma tal altura de nobresa e majestade que esta primeira pagina da Biblia ficou destacada para sempre entre as mais sublimes de todas as litteraturas.

Esta velha tradição da Creação, que os Hebreus receberam de tempos immemoriaes, foi naturalmente purgada dos seus elementos mythologicos pelo monotheismo puro da sua raça que, depois, unica entre as demais do globo, recebeu a revelação da verdadeira naturesa de Deus no proprio nome, Jahveh, que Elle declarou a Moysés, e que gravou indelevelmente nos seus corações o facto que Deus existe de toda a eternidade e para toda a eternidade. A materia, todo este mundo, foi obra Sua, de Sua livre vontade. Si ella existisse sempre, Deus, lhe estaria subjeito, e o homem não dominaria o seu proprio corpo, escravisado irremissivelmente aos seus apetites mais baixos, ás suas peiores paixões. Seria isso a abolição da propria moral e da responsabilidade e liberdade humanas.

" No principio," começa o codice P, " creou Deus o céo e a terra." Já não é mais Jahveh do anthropomorphico J, mas Deus de quem o nosso escriptor sacerdotal, P, que viveu cerca de 500 annos depois de J, devia ter uma concepção muito mais alevantada. O " principio " a que elle se refere não é o de todas as cousas, mas o deste mundo,—da terra e do céo, que lhe serve de fundo, e que interessam ao escriptor. Seu proposito é o de dar uma noção da origem desta habitação humana e da do proprio homem ; e de como se fez a distri-

buição dos seus descendentes até chegar ao fundador da theocracia, isto é, até as origens historicas da sua patria. Diz elle que DEUS creou o céo e a terra. Esta palavra *creou* vem da raiz hebraica que significa *cortar*, escavar (como o esculptor), formar ou dar fórma; não é a *creatio ex nihilo*, de que a narrativa não se occupa: de facto havia já a terra e as trevas, segundo o proprio escriptor. Esta *formação*, porêm, presuppôe poder divino, e só elle, para sua execução. No. *Ps.*, 103 : 30 a mesma expressão é empregada no sentido de renovação da face da terra, isto é, de uma remodelação.

"A terra, porêm, era vã e vasia e as trevas cobriam a face do abysmo; e o espirito de DEUS era levado sobre as aguas" (vers. 2, segundo A. P. Figueiredo). Mas a terra era antes *informe e vazia*," pois a expressão hebraica *tohu-va-bohu* representa uma mixordia, um cáhos indescriptivel por carecer de realidade: é a expressão empregada por *Is.*, 34 : 11, quando diz que a medida e o nivel serão reduzidos a *nada*.—"As trevas cobriam a face do *abysmo*": esta palavra hebraica é *tehom*, provavelmente do Babylonico *tiamtu*, que, como veremos, era a mãe do Cahos na mythologia da Mesopotamia. O abysmo (LXX *abússos*) não era o mar, mas as aguas ao redor do que parecia ser a terra, Passou depois a applicar-se aos oceanos que para os antigos circumdavam a terra e donde provinham os seus rios. "E o Espirito de DEUS," diz ainda a versão Figueiredo, "era levado sobre as aguas." O Espirito era a manifestação da vida, o principio gerador, como que a emanação da divindade creadora. E elle "pairava" (e não "era levado") sobre as aguas, como no ultimo cantico de Moysés a mesma palavra é empregada em relação á aguia que "provoca seus filhos a voar e *de continuo vôa* sobre elles" (*Deut.*, 32 : 11). O Espirito aqui não adejava exactamente mas pousava como a ave incubando os seus ovos. De facto outros mythos, phenicio, egypcio, etc., faziam o mundo vir de um ôvo. Aqui o Espirito divino como que fazia a germinação desse material chaotico.

Começa então a Creação que, nesta historia, durou seis *dias*, no septimo DEUS mesmo cessando do Seu glorioso trabalho. As grandes obras da Creação, segundo P, foram oito, quatro nos trez primeiros e quatro nos ultimos trez dias, as do segundo periodo correspondendo e completando as do primeiro, assim:

1º dia—Luz.	4º dia—Sol, lua, estrellas.
2º dia—Céos.	5º dia—Peixes e Aves.
3º dia—Terra e Mar. Herva, plantas e arvores.	6º dia—Animaes da terra. O homem.

Como se vê, ao dia da Creação da Luz corresponde o do Sol,

da Lua e das Estrellas, etc. Segundo esta narrativa Deus formou todas as obras de materiaes que elle não propôe-se explicar como foram creados. O que o mytho de P mostra é que elles se formaram pelo mero effeito da Palavra divina a qual revela a Sua vontade ; e assim no começo de cada uma das oito obras da Creação, bem como antes das duas bençãos dos vers. 28 e 29, lemos que *Deus disse*, e se fez assim como dissera. A Sua Palavra é como o intermediario d'Elle com as suas creaturas que só existem pela Sua Vontade suprema. Si a materia obedece a leis de sua creação foram ellas instituidas por Deus mesmo para seu desenvolvimento mais ou menos independente.

É só ao effeito de Sua vontade que devemos ter-se evolvido do chaos primitivo este cosmos habitavel em que o homem tem vivido. Em nenhuma outra cosmogonia encontramos este monotheismo puro,—producto exclusivo deste povo de selecção que tem mantido illeso esta sua fé fundamental.

Alguns escriptores querem *explicar* os *dias* da Creação como longos aeon de tempos, de accôrdo com parte do que a geologia e a paleontologia têm desvendado hoje : é escusado repetir aqui o que já dissemos (capitulo ii.) que o mytho da Creação não propôz-se jamais resumir resultados scientificos e o escriptor sacerdotal P só o incluiu na sua historia das Origens do mundo e da Religião de Israel como lição inspirada de *Religião* e não de sciencia. No mytho os *dias* são litteralmente os nossos dias ; nem poder-se-hia explicar a repetição que de cada " tarde e da manhã " se fez um novo dia, que ahi vemos ; nem tão pouco teria razão de ser o Sabbath do dia septimo em que a lenda desejava que buscassem a origem da sanctificação do sabbado judeu.

A Creação começou pela Luz, e não pelo Sol. Naquelles tempos considerava-se ella como independente do Sol. Não é muito de extranhar que na cosmogonia do *Gen.*, o sol fosse creado depois da luz. A propria sciencia prova como é possivel a existencia da luz, produzida do embate de muitas materias cahoticas, sob a fórma de electricidade. Mas, sem que queiramos discutir estes assumptos, alheios a nossos intuitos, basta que exaremos aqui que naquelles tempos pristinos julgava-se geralmente que existira a luz independente do Sol que depois armazenou-a para uso no systema que se creou ao redor delle. Na cosmogonia do Egypto Thot fez a luz quando não havia ainda o sol, e do mesmo modo na mythologia grega o fez Phanes.

Na mythologia babylonica o deus da luz, Marduk não o era do sol ou da lua, e na da Grecia Apollo não dispensava Helios ou Silene. A luz era um elemento cosmico independente do que hoje consideramos na terra como a sua fonte.

Depois da luz, DEUS separou a grande massa de aguas em duas partes, a das aguas que deviam ficar por cima do ceo e a das aguas em que a terra devia fluctuar. Os antigos acreditavam que o que o chamamos céos era uma peça solida, abobada (um *firmamento*) que sustentava enormes massas d'agua donde se escorriam para a terra sob as formas de chuva, etc. A palavra hebraica que a *Vulg.* traduz por *firmamentum* indica com effeito uma placa de metal que se bate para obter maior resistencia, e esta ideia que os ceos constituiam uma abobada solida era partilhada não só pelos Babylonïos e Israelitas como pelos Gregos e Persas, pelos habitantes da India, e outros povos. Na sua linguagem poetica Job vê as columnas, que sustentam o firmamento, abalarem-se e tremerem ao acêno de DEUS (*Job.*, 26 : 11).

Vem então a separação das aguas que ficaram debaixo do firmamento em terra e aguas dos oceanos, ás quaes DEUS marcou os seus limites, e ao que o mesmo Job se refere quando diz :

> "Eu o encerrei nos limites que prescrevi,
> E lhe puz ferrolhos e comportas,
> E disse-lhe : Até aqui tocarás,
> Mais longe não passarás,
> Aqui quebrar-se-hão tuas ondas empoladas."—(38 : 10, 11).

E o *Ps.*, 103 : 9, tambem diz :

> "Termo lhes puzeste que não transpassarão,
> E não voltarão a cobrir a terra."

Appareceu então a *terra*, não a mesma a que se alludiu "vã e vasia," mas outra palavra que significa a terra actual, com sua herva, suas plantas e suas arvores, todos com a capacidade de se reproduzir pelas sementes de suas diversas especies que existiam nellas mesmas.

A narrativa passa a notar a creação dos dous grandes luzeiros da terra que presidissem ao dia e á noite e para que sirvam de "Signaes para mostrar os tempos, os dias e os annos. E do mesmo modo foram formadas as estrellas,—todas ellas sendo fixadas no firmamento ou abobada celeste "para luzirem sobre a terra," e para medirem a successão dos tempos. É preciso notar sempre que todas as obras da Creação visam o bem-estar e o progresso do homem para quem ulteriormente era tudo isto feito.

Segue-se agora a primeira creação de cousas animadas, —a dos peixes do mar e das aves do céo ; e DEUS não só approva a Sua obra como pela primeira vez a a bençôa e declara

que é parte do Seu plano estes animaes cresçam e se multipliquem na terra.

No sexto dia, e ultimo, são formados os animaes da terra, acabando pelo homem. Na creação do homem notamos logo que em vez de "Faça-se o homem" simplesmente, DEUS pela primeira vez parece consultar com alguem ou fallar-lhe: "Façamos o homem á nossa imagem." Dir-se-hia que tudo quanto DEUS formou até aqui não passou de um elaborado preparo para este ultimo producto da Sua magnificiente bondade. E com effeito sem o homem todo este universo tornar-se-hia inexplicavel, sem unidade, sem perspectiva. Sente-se na historia que elle é o ponto culminante desta Creação,—e é isto que ella depois deseja mostrar.

Ha oitenta annos já acreditava-se, mas sem provas amplas, que a historia do primeiro cap. da *Genesis* tinha o seu nucleo n'um mytho babylonico. Berosso, historiador que floresceu no Seculo III, antes da nossa era, e cujos escriptos nos são conservados em parte por Alexandro Polystor, por Syncello e pelo historiador Euzebio, e tambem pelo neo-platonico Damascio, do Seculo VI da era Christã, deu-nos noticia dessa cosmogonia babylonica. O texto de Berosso é encontrado em Skinner [1] e sua traducção em Lenormant,[2] Vigouroux,[3] Schrader,[4] George Smith [5] e outros. Só daremos seus pontos principaes: Tempo houve em que o mundo consistia de aguas e de trevas profundas e desse meio nasceram expontaneamente monstros anomalos,—homens de duas e quatro azas, outros bifrontes, outros bifrontes com cabeças de ambos os sexos, alguns com chiffres e patas, homens hippocentauros, touros de cabeça humana, homens com cabeça canina, animaes de cabeça de cavallo e cauda de peixe, quadrupedes de todas as formas de animaes, etc. A essa creação presidia uma mulher, Omoroca, ou na lingua dos Chaldeus *Thiamat.* Por varios motivos o deus Belus (Marduk ou o Merodak da Biblia) cortou-a ao meio: da metade inferior do corpo fez a terra; da superior, o céo, e desappareceram todos os seres extranhos que habitavam aquelle cahos. Belus então cortou a sua proprio cabeça, e os outros deuses, amassando com a terra o sangue que della corria, formaram os homens que por isso são dotados de intelligencia e participam do pensamento divino. Foram assim feitos os homens e os animaes que

[1] *Intern. Crit. Comm., Genesis*, 1910.
[2] *Essai de Comm. sur Berose*, cit., por Vigouroux.
[3] *La Bible et les Découvertes mod.*, 5ª ed.
[4] *Die Keillinschriften und d. Alt. Test.* 3ª ed.
[5] *Chaldaean Genesis.*

podem supportar o contacto com o ar. E depois disto, Belus, (que não morreu por se lhe ter cortado a cabeça) formou tambem o sol, a lua, as estrellas e os cinco planetas.

E isto era o que se sabia até 1842. Desde então o Francez Botta excavou as ruinas de Ninive trazendo verdadeiros thezouros para o Museu do Louvre. Em 1845 os Inglezes tambem entraram na liça de desenterrar curiosas preciosidades daquelles grandes montes de ruinas, perto de Mosul e Nimrud. E essas excavações na visinhança do local da antiga Ninive, a capital do grande imperio assyrio, foram emprehendidas por Layard, Rassam, Taylor, Loftus, Rawlinson e, já em 1872, por George Smith, empregado do Museu Britanico, onde tivera occasião de estudar a escripta cuneiforme, de que usavam Assyrios e Babylonios, e assim denominadas por terem a fórma de *cunhas*. O enthusiasmo do então jovem Smith foi bem galardoado pelo descobrimento de cêrca de 30,000 laminas ou ladrilhos de barro cheios de inscripções : tractava-se da *bibliotheca* do illustrado rei Assur-banipal que governou entre 668 e 626 A.C., e que mandára copiar ali não só obras recentes, como os mais antigos fastos e legendas do seu paiz. E escusado dizer que muitos destes ladrilhos que formam hoje uma das maiores riquezas do Museu Britannico, ainda não foram decifrados. Esta *bibliotheca* achava-se sepultada nos escombros do incendio que destruiu o palacio de Assur-banipal, e muitos ladrilhos se acham obliterados e em parte quebrados. Entretanto Smith descobriu entre elles septe que contêm pequeno poema epico a Marduk, glorificando-o pela sua proeza de haver vencido Tiamtu no começo do mundo. O primeiro ladrilho, imperfeito como esteja, nos dá ideia da cosmogonia babylonica antes da existencia dos proprios deuses.

"Quando nos altos o ceo não tinha ainda nome
E a terra lá em baixo não era nomeada,
E o primitivo Absu (Abysmo) seu gerador,
E Tiamtu (o chaos) a mãe de todos elles,
Suas aguas estavam presas e misturadas
E os campos não existiam ; nem se viam pantanos ;
Quando nenhum dos deuses apparecêra ainda
E nem se notaram nomes ou se fixara o destino :
Então foram creados os deuses no meio do . . .
Lahmu e Lahmasu primeiro emergiram,
E cresceram e envelheceram. . . .
Ansar e Kissar (os firmamentos) foram creados . . .
Muito longos foram os tempos e vieram . . .
Anu seu filho. . . .
E Ansar e Anu . . .

E o deus Anu. . . .
Ea, a quem seus pais. . . ."

Os poderes do chaos eram, pois, masculinos e femininos, Apsu e Tiamtu. Os grandes deuses vieram depois de muito tempo e procuraram estabelecer a ordem no mundo. Era muito natural que aos Babylonios suggerissem a ideia do chaos as aguas, pois o seu paiz no inverno quasi que andava submergido nas inundações do Tigre e do Euphrates.

Apsu e Tiamtu, vendo os deuses invadir o seu dominio chamam Ansar, pai de Anu, em seu auxilio e nesta lucta o deus Ea os vence, mas Tiamtu consegue escapar-se e une-se a Kingu, pendurando no peito deste as "taboas do destino." Nos ladrilhos II e III os deuses ainda consultam como sobrepujariam a Tiamtu. Ansar tem o auxilio de seu filho Anu e do deus Ea e de seu filho Marduk. Na batalha Anu e Ea fogem de terror de Tiamtu, Marduk é então encarregado de bater-se com o monstro. Elle sae a campo armado de tridente, arco, settas e de uma grande rêde.

Segue-se o conflicto no lad. IV. Alguns deuses velhos e outras potencias que haviam formado ao lado de Tiamtu, fogem; mas ella escapa e defronta, sosinha, aquelle deus do sol, que a colhe em sua rede, despede contra ella um terrivel furacão, que abre-lhe furiosamente os queixos, e afinal mata-a. Já no fim do lad. IV vem então a historia da Creação. . . . Tiamtu, deusa do chaos, é cortada em duas partes, como um peixe; da parte superior se fez a abobada celeste; e da outra (segundo Berosso, pois o ladrilho está ahi obliterado) Marduk fez a terra. Vem então no lad. V a creação dos corpos celestes:

"Fez as estações para os grandes deuses
Fixou as estrellas correspondentes, mesmo as Gemeas;
Ordenou o anno, presidindo-o os signaes do zodiaco.
Para cada um dos doze mezes fixou trez estrellas,
Do dia em que o anno começa a correr para seu fim;
Fundou a mansão do deus-sol, que atravessa a ecliptica
de modo que possam seus limites conhecer,
e não errem e não se desordenem.

. . . . . .

"Á lua encarregou de illuminar a noite,
e nomeou-a ente da noite, para illuminar os dias;
E, mensalmente, sem cessar, cobriu-a com coroa (dizendo)
No começo do mez quando illuminar a terra,
ella marque seis dias com as pontas rutilantes,
e no septimo dia se encherá o disco, da direita para a esquerda,
Mas não ficará aberto? . . ."

O ladrilho VI traz a creação do homem, que lembra o que disse Berosso. No começo vem a historia de como os deuses, reunidos em assembléa, crearam as feras, os monstros, o gado dos campos os animaes que se arrastam; e depois disto, fixaram habitações para os deuses e para todos os animaes. E vem depois a historia da creação do homem (que só ha poucos annos poude ser decifrada):

> "Quando Marduk ouviu a voz dos deuses,
> seu coração o despertou e divisou (um plano).
> Abriu a sua bocca (communicou) a Ea,
> o que no coração concebido havia;
> 'Tirarei o meu sangue e meus ossos ajustarei,
> E o homem farei de modo que . . . o homem . . .
> E o homem habite (a terra) . . .
> de modo que estabeleça o serviço dos deuses . . .'"

O ladrilho está então muito cheio de lacunas. O que fica ahi, porêm, basta para dar bôa ideia da theologia babylonica.

O ladrilho VII contém um hymno dirigido pelos deuses a Marduk pela sua força e poder e pinctando-o como um heroe omnipotente, bom e justo.[1]

É impossivel negar que muito provavelmente este antiquissimo mytho babylonico (que Sayce opina existir 25 seculos A.C. mas que parece muitissimo mais velho pois 40 seculos A.C. já a civilização de Babylonia era muito adeantada e deviam correr mundo estas narrativas da Creação) formasse o nucleo donde se foi desenvolvendo o que o escriptor P, no Seculo V A.C., ajunctou á collecção sagrada. É bem palpavel a analogia entre a narrativa biblica e o mytho babylonico. Em ambos DEUS falla: é identica a construcção geral de ambos; vemos em ambos elles a approvação divina do trabalho anterior da Creação; tambem em ambos o sol e a lua regulam o dia e a noite, e as estrellas o anno; o *tehom*, chaos de uma, é o *tiamtu* do outro; as aguas se dividem em aguas acima e abaixo do firmamento, etc. As septe taboas de barro correspondem a os septe dias genesicos: nos quatro primeiros acaba-se o cahos, vem a ordem, os céos se dividem da terra e são formados o sol, as estrellas. Mesmo da lucta de Bell com Tiamtu ha recordações cosmogonicas na Biblia no Leviathan do *Ps.* 104 : 26, em *Job.* 3 : 8, etc. No quinto dia, bem como no quinto ladrilho de barro, são creados os animaes e no sexto o homem. E

[1] Sobre estas laminas de barro v. L. W. King, *The Seven Tablets of Creation* (traducção e texto cuneiforme); G. Smith, *Chald. Genesis*; Lenormant, *Origines de l'Histoire*; Gunkel, *Schopfung und Chaos*; os commentarios de Delitzsch, Dillmann e Driver; o artigo de Whitehouse, *Cosmogony* na D. B. de Hastings, e o da *Creation* na *Ency. Brit.*; Sayce, *Fresh Light from the Anc. Mon.*; Loisy, *Les Mythes babyloniens et les prem. chap. de la Genèse* (1901).

afinal no septimo a cosmogonia biblica faz o descanso dominical e na babylonica entôa-se um hymno a Bel, o creador,—o que, si de certo não é identico, obedece á mesma ordem geral da narrativa. Entretanto aquella historia primitiva foi passando pelo cadinho de muitos seculos de monotheismo hebraico-israelita e se foi modificando tanto que os vestigios de sua antiguidade desapparecem sob as novas fórmas em que foi inconscientemente transformando. Em ambas as narrativas viu-se que o homem foi formado com um principio divino. Mas é tudo, e esses mesmos elementos se acham fundamentalmente transformados na narrativa biblica.

Basta apontar que no mytho babylonico do chaos vai-se á *creação dos deuses;* nós não temos deuses, mas um so DEUS, todo poderoso e que existia de toda a eternidade, e precedeu ao chaos deste nosso planeta. DEUS deliberou fazer o mundo e o fez com ordem e medida, e em obediencia a um plano que Elle mesmo concebeu e executou por Sua Palavra.

A nossa Biblia ainda tem outros vestigios das vetustas tradições da Babylonia, passadas a Canaan. Em *Is.*, 51 : 9 lemos : "Desperta-te, desperta-te, arma-te de fortaleza, ó braço de JAHVEH ; desperta-te como nos dias antigos nas gerações dos seculos. Por ventura não feriste tu o Rabah, golpeaste ao dragão ? " Rahab era o monstro mythologico do mar, sempre enraivado e furioso e a palavra é encontrada no Velho Testamento cinco vezes,—não fallando do nome da meretriz que deu guarida aos espiões de Josué (*Jos.*, 2 : 10, 11) que tinham ido examinar a Palestina por Jericó. No *Ps.*, 89 : 10 JAHVEH abate a Rahab, e o deixa como quem está ferido de morte. No *Ps.*, 73, JAHVEH, *antes dos seculos*, obrou a salvação na terra, dando solidez ao mar e, pela Sua força, esmigalhou as cabeças dos monstros (dragões) nas aguas e as do leviathan, dando-o por comida ás hyenas. O que A. P de Figueiredo traduz por *soberbo*, em *Job*, 26 : 10, que é transpassado pela sabedoria de DEUS, é ainda Rahab no original.[1]

"A superioridade da cosmogonia habraica," diz Dillmann, "não consiste da sua substructura material, ou nos seus pormenores, mas da penetração da fé mais elevada em DEUS na sua parte tradicional. . . . Justamente porque ella traça a distincção muito saliente entre DEUS e o mundo que Elle creou, e tracta DEUS com seu character proprio de sublime espiritualidade e bondade, essa cosmogonia faz a historia do processo da Creação de um modo mais elevado, mais digno e correcto do que outra qualquer, sem mistura alguma do

[1] A serpente veloz (cobra tortuosa de A. P. F.) do vers 13 refere-se, não a um monstro, como dizem varios commentadores, mas á constellação do Dragão. V. Renan, *Le Livre de Job*, pag. III, nota 2.

grotesco ou phantastico, mas simples, sobria, clara e verdadeira."[1] DEUS não se perde na Sua obra. Não emprega meios externos para crear: só age pela Sua palavra: é em tudo o Sempiterno. Sabe o que quer e realisa gradativamente o plano que concebeu.

Sejam quaes forem as relações fixas que a sciencia mostra existirem entre as cousas e phenomenos cosmicos, essas leis foram estabelecidas por DEUS, pois a materia não se originou por si mesma. Si é por ventura verdade que descendemos dos anthropoides, a sciencia não explica a existencia da razão consciente no homem; nem ella se propõe mostrar a relação do mundo com DEUS. E é isto que de um modo tão solemne, tão simples, tão cheio de dignidade faz o capitulo inicial da nossa Biblia. Este capitulo não teve o intuito de nos ensinar sciencia, e si o fizesse, a sua sciencia seria, não a nossa, mas a do seu tempo; mas o antigo mytho que veiu da Babylonia ou por intermedio de Abrahão, ou pelo dos Canaanenses que seculos antes da occupação dos Israelitas tinham estado sob a influencia litteraria da Babylonia, cuja lingua escreviam officialmente, esse antigo mytho, tomando a fórma hebraica, symbolisa as mais profundas lições fundamentaes da nossa Religião, que DEUS não se dedignou de conservar tanto para nossa instrucção de hoje como para a daquelles dias antigos, a cujo estado de cultura tanto se accommodava. Nesta tradição não quer DEUS ensinar-nos a historia da Creação sinão pela fé, por um *dever* todo moral de nossa parte; e não pelo assentimento de nossa intelligencia a esta ou aquella solução proposta a difficeis problemas scientificos, que ainda esperam respostas difinitivas dos sabios. A sciencia destes occupa-se com os resultados da Creação, mas o que *Genesis* nos ensina é a parte unica, predominante, ulterior, de DEUS na Creação. Um estudo scientifico não exclue o da intervenção do Creador, que só a fé pode ministrar. Sabemos, por exemplo, que no começo havia massas enormes de gazes incandescentes que, n'um grande processo gyratorio, se foram destacando formando espheroides e planetas, cuja superficie se foi resfriando aos poucos, etc; mas a sciencia ainda não poude explicar donde veiu a força gyratoria ou quem fez os primeiros atomos do materia. E sejam quaes forem as suas explicações materialisticas, *Genesis* nos ensina onde, atraz de tudo isto, buscar a razão suprema do mundo e da existencia, em geral, e aqui na terra, da vida organica.

Acabada a Creação no fim do dia sexto e ao começar o septimo dia, diz o texto de A. P. de Figueiredo que nesse dia DEUS "descansou (*Vulg.*, 'requirit') de toda a obra que fizera.

[1] *Genesis*, I, 43.

E abençoou o dia septimo e o sanctificou, porque nelle mesmo cessára de toda a sua obra que DEUS creou para fazer" (2 : 1-2). O escriptor P que já escrevia isto seculos depois da sanctificação do Sabbado judeu evidentemente explicou a antiga tradição sobre o "descanso" do septimo dia, de accôrdo com as ideias correntes entre os seus compatriotas. Mas não ha prova da observancia do Sabbado pelos Judeus como dia de "descanso" antes da legislação mosaica, e que, como pretendem Sayce e outros, o Sabbado era instituição babylonica que os Hebreus adoptaram. Os Babylonios tinham com effeito seus *Chabatum* ou "dias de descanso para o coração" em que suppunha-se que os deuses não se encolerisavam. De duas inscripções ultimamente achadas consta que esses dias eram o 7, 14, 19, 21 e 28 de cada mez: esses dias podiam ser *bons ou nefastos*, ao passo que os outros eram só *bons*. Naquelles os reis e pessoas de elevada responsabilidade precisavam ter muito cuidado em não suscitar a colera ou ciume dos deuses. Sem duvida, existe correspondencia entre o chabatum e o sabbado judeu, que sanctificou o ultimo dia da *semana* em que o fiel desiste de trabalhar, como DEUS, que sanctificou este facto (*Ex.*, 20 : 8-11 ; *Deut.*, 5 : 12-15). Si, como sustentam alguns assyriologos, o *chabatum* é uma transformação do mais antigo *chapatú* ou lua-cheia, é então bem provavel que a tradição semitica conservasse mais puro o primitivo mytho do culto dos dias lunares a que os Hebreus foram dando um novo cunho religioso. Como muito bem diz Gordon,[1] a citação conjuncta de "lua nova e Sabbado na velha litteratura de Israel, como em 4 *Reis*, 4 : 23 ; *Amos*. 8 : 5 ; *Hoseas*, 2 : 13 ; *Is.*, 1 : 13, parece apoiar que os Semitas a principio celebravam o sabbado como o dia da lua-cheia."

Voltando agora ao texto biblico, não se póde dizer sem exaggero, como a *Vulg.*, que DEUS *descansou* no septimo dia. A palavra correspondente no Hebraico, *chabath*, significa *cessou* ou *disistiu* e assim o entendeu a versão grega dos LXX que empregou a palavra *Katepause*. O descanso parece seguir á *fadiga*, que não cabe nesta historia.

E este dia de cessação da obra de DEUS, consagrou do mesmo modo que os outros em que agiu. É elle, por assim dizer, o sacramento da consagração do *tempo* que, como todas as Suas obras, pertence a DEUS. É muito natural, pois, que no septimo dia da semana cessemos das nossa tarefas e levantemos os nossos corações a DEUS que desde o principio do mundo nos amou e cuja Providencia nos sustenta.

[1] A. R. Gordon, *The Early Traditions of Genesis*, p. 219. Mais adeante nos occuparemos por menor deste assumpto.

CAPITULO XXIV

O PRIMEIRO PECCADO

Não foi só a Creação do mundo e a do homem que nas primeiras edades deram ensejo a multiplos mythos e legendas, productos das cogitações e da phantasia das diversas raças; agitavam tambem os espiritos outros problemas que ellas procuravam instinctivamente solver e que tocavam á vida quotidiana. Porque existe a morte? Como entrou ella no mundo? Porque a mulher soffre tanto nos seus partos quando os animaes parecem isentos de dores em identicas occasiões? Porque o homem está sempre irrequieto, desejando o que não possue, e invejando o proximo, odiando-o ao poncto de mata-lo? Donde veiu a linguagem? Como explicar que o homem perdesse a simplicidade, a innocencia primitiva da vida e precisasse andar vestido, e não como os outros animaes? Como começaram as artes do mundo? Estas e muitas outras questões que surgiriam nas primitivas epochas da humanidade ella mesma procurava resolver, concretisando as soluções em fabulas, legendas e mythos que, na linguagem chã, clara e popular do tempo, exprimiam a philosophia, as convicções religiosas em voga, —convicções que podiam ser tão verdadeiras então, ao travez da fórma tosca em que eram propagadas de memoria, de geração a geração, como são ainda hoje os symbolos dos mais profundos e verdadeiros conceitos. E desse numero é a narrativa da primeira desobediencia do homem a Deus e de suas consequencias, que *Genesis* colloca logo depois da da Creação.

Viu-se que, creado o homem, foi collocado n'um parque delicioso em que Deus plantára bellas e uteis arvores para que dellas comesse o fructo; ahi o primeiro homem e sua companheira andavam innocentemente sem saberem envergonhar-se; Adão cultivando e guardando o pomar. Mas entre estas arvores, como já se disse, Deus havia collocado duas no meio do jardim, uma da "sciencia do bem e do mal" e outra "da vida." E dera ao homem esta ordem, dizendo: "Come de todos os fructos das arvores do jardim: mas não comas do fructo da "arvore da sciencia do bem e do mal," porque em qualquer dia que comeres delle morrerás de morte"

(2 : 16, 17). Deus não dá nem precisava dar a razão da ordem, tanto mais quanto o homem não podia então entender e que era a "sciencia do bem e do mal" de que, ai delle, tão depressa, e á sua custa, teve a terrivel explicação.

Estava por acaso sósinha a companheira do homem quando entra de repente em scena uma serpente que ali se define como o "mais subtil" (melhor que o *astuto* de A. P. de F.) "de todos os animaes da terra." No V. T. a palavra *serpente* tem onze nomes diversos que correspondem ora a varias especies dos ophidios ora á linguagem figurada representando reptis-monstros. O mais geralmente empregado é *nahas* (em Grego *Ophis*) que vemos aqui nesta historia. Em quasi todas as nações da antiguidade vogavam mythos bazeados na serpente. O historiador Euzebio nos diz que na antiga Phenicia ella symbolisava a sabedoria e a immortalidade. Na Babylonia o deus Ea, que formou o homem, era ás vezes representado como uma serpente. Mas a da tentação do homem em *Genesis* nada tem com esta nem com o dragão do Chaos, á que já nos referimos.

Entre os Semitas, sobretudo entre os Arabes, acreditavam que certos animaes eram dotados de poderes demoniacos; mas na historia de Eva consta que o espirito máo veiu habitar a serpente e podia destacar-se della. O animal era o proprio demonio: este não constituia uma personalidade separavel. (D. C. Whitehouse, Demon, Devil, no *Bible Dicc.* I, 591).

Ella *falla* á mulher: é um symbolo, n'um animal cuja intelligencia e sisudez (*Matt.*, 10 : 10) tem sido sempre reconhecidas desde a mais alta antiguidade, os Arabes e os Indios ainda hoje crendo que nelle reside um *espirito*. E ella sem preambulo disse bruscamente á mulher: "Porque vos mandou Deus que não comesseis de qualquer arvore no jardim?" É de suppôr que o espirito do mal, nella symbolisado, e, segundo outros encarnado, soubesse muito bem que mentia, pois Deus só prohibíra a Adão que comesse de *uma* arvore; o fim do maligno, porêm, era obter da mulher a reiteração da ordem para melhor attaca-la. A mulher respondeu bem e até exaggerou a ordem dizendo que nem poderiam, ella e Adão, tocar aquella arvore prohibida. Agora vem a insolencia da tentação, depois do seu sinuoso e cobarde assalto: a serpente *assegura* que Adão e sua companheira não morrerão de morte, desmentindo assim a Deus; e continúa logo annunciando que Deus mesmo sabe que "em qualquer dia em que comais desse fructo se abrirão os vossos olhos e vós sereis como Deus (ou como deuses, pois o nome é plural) "conhecendo o bem e o mal."

Estava semeada a tentação na alma da mulher, e o resto foi obra dos sentidos. Ella viu que não só a arvore era bôa para comer e formosa aos olhos e como desejavel para dar saber.[1] Animada pelas corrosivas observações do máo espirito e ao mesmo tempo pela vontade e mysterio da experiencia, ella comeu do fructo e o deu ao seu companheiro, que tambem comeu, ambos desobedendo á ordem formal de DEUS. "No mesmo poncto se lhes abriram os olhos,"—e aqui a serpente tinha razão, pois succedeu o que predissera. E a primeira cousa que o casal sentiu foi que estavam nús. O seu primeiro sentimento foi, pois, o da vergonha em falta da simplicidade anterior que agora perdiam. E ambos procuraram logo cobrir essa vergonha com o que primeiro acharam á mão,—umas folhas da figueira de que entreteceram bandas para se protegeram as ilhargas.

Ouvindo o som da approximação de DEUS no jardim elles esconderam-se sob umas arvores copadas. Mas a DEUS nada se póde occultar e Adão sentiu echoar na sua consciencia e nos sentidos a pergunta: "Onde estás?" a eterna pergunta que ainda hoje persegue a consciencia de quem desobedece a DEUS. E Adão respondeu evasivamente "Tive medo porque estava nú e por isso me escondi." Já aqui, porêm, elle sem o querer admittia a sua falta, pois como poderia saber que estava nú sinão por ter desobedecido á ordem divina? E foi isto mesmo que o SENHOR exprobrou-lhe. O homem quiz desculpar-se mas em vez de fazer uma confissão franca da sua falta, inculpou DEUS mesmo dizendo-lhe: "A mulher que me déste por companheira deu-me da arvore e eu comi." Adão esqueceu-se de que a ordem havia sido dada *a elle mesmo*, que DEUS lhe doara o livre-arbitrio, a responsabilidade moral, a independencia nos seus julgamentos: mas elle agachou-se atraz da mulher. Esta a seu turno diz a DEUS que a serpente a enganara, ou antes a seduzira.

Vem então a condemnação do Juiz, começando pela serpente: esta será sempre maldicta entre os animaes, andará sempre arrastando-se na terra e comendo-a. Entre a sua posteridade e a da mulher haverá sempre inimizade. "Ella ferirá a tua cabeça e tu ferirás o seu calcanhar."[2] *Ella* é aqui a posteri-

[1] A *Vulg.* e a LXX dão "de aspecto deleitavel," mas só no ultimo periodo hebraico a expressão do original podia ter tido este sentido. Elle é encontrada no *Ps.*, 2:10 em que é clarissimo que significa *instruir-se*, procurar entender. Entretanto Gesenio, Delitzsch, Gunker e outros preferem a versão da *Vulg.*

[2] No texto hebraico repete-se a mesma palavra que traduzimos *ferir* que alguns commentadores julgam dever ser *arremessar*. A LXX traz *teresei*, estar á espreita. A *Vulg.* emprega erradamente duas expressões, *conteret e insidiaberis*, o que se não pode justificar. Nesta inimizade um procura ferir o outro na cabeça e este outro no calcanhar do primeiro: esta é a ideia do texto. Na traducção "elle te pisará a cabeça" tem-se erigido theorias erroneas sobre a eliminação da tentação do peccado.

dade da mulher e não a propria mulher como têm pretendido muitos, fundados no *ipsa* da *Vulg.*, que só se refere á posteritade.

Severa foi a condemnação da companheira de Adão. Aqui precisamos rever a nossa versão portugueza da *Vulg.* O que Deus disse foi : " Multiplicarei muito a tua dôr e a tua concepção ; em dôr produzirás os filhos ; o teu apetite sensual será para teu marido e elle te governará." Assim os partos da mulher seriam multiplicados, e desse modo Deus a abençoava, pois, sobretudo no Oriente, ainda hoje se considera signal da graça divina uma grande familia ; mas esses partos seriam laboriosos e com grande dor que lembrará á mulher esta sentença do seu Creador. E não é tudo : ao passo que o instincto sexual arrasta-a ao seu marido, este a dominará e será a causa da repetição dessas torções e dores e angustias da funcção da maternidade.

O homem não experimentou menos o rigor da justiça divina sempre com o seu toque de misericordia. Deus começa por amaldiçôar não o homem mesmo, mas a terra na obra do homem : a Biblia considéra toda a creação solidaria com o homem. A terra fica inficcionada pelo peccado de seus habitadores e por isso maldicta. A benção da terra que Deus dera ao homem para hortar torna-se-lhe agora em maldicção. O seu cultivo não é mais uma occupação agradavel mas laboriosa e de muitas fadigas e por toda a vida. A terra, continúa o Senhor, " te produzirá espinhos e cardos e comerás a herva do campo. No suor do teu rôsto comerás o teu pão, até que tornes á terra, pois della foste tirado ; pois és pó e em pó te has de tornar " (17-19).

Nas mythologias da Babylonia e de outros povos achamos écos, muito longinquos sim, mas suggestivos da historia da tentação. Na lenda de Eabani, o gigante, creado pela deusa Aruru para rival de Gilgamesh, vemos o homem seduzido por uma prostituta, Sadú, que o leva, captivo, para gozar das regalias da civilização ; pelo que Eabani amaldiçôa depois a sua seductora. E na legenda de Adapa, filho do deus Ea, quando os deuses desejam dar-lhe a immortalidade, pois que ja gozava da sabedoria, e elle, recusando recebe-la, é expulso para a terra, vemos Adapa lastimando-se de ter seguido o conselho do pai. É evidente que nesta baze da sabedoria e da immortalidade, e naquella seducção á *civilização* ha alguma cousa de que a legenda de Adão e Eva faz-nos lembrar. Entretanto que differença ! O genio dos Semitas subjeitou essas antiquissimas historias ao cadinho do seu puro monotheismo ;

e assim as mais elevadas ideias religiosas que lhes foram reveladas.

A verdadeira significação do comer do fructo prohibido tem dado aso a muitas cogitações dos theologos e commentadores. Wellhausen pensa que o que DEUS não queria era o *saber*, o *abrir dos olhos* (*Gen.*, 3 : 7). Este saber, este conhecimento das cousas é o que communmente chamamos *civilização*: é "querer descobrir o segredo das cousas, o segredo do mundo, passando, por assim dizer, por sobre a mão de DEUS para ver como Elle trabalha na Sua actividade viva, para talvez procurar imitar a DEUS nos Seus methodos. . . . É isto o que attrahe o homem poderosamente; e esta joia que, em vez delle receber em fé e reverencia, elle procura furtar como si fosse zelosamente guardada." E Wellhausen accrescenta muito bem que á proporção que o genero humano ganha em civilização, vai-se alienando mais do bem maior que é o temor de DEUS. E esse ganho de cultura nunca attinge ao seu fim pois quanto mais approxima-se delle mais vai sentindo "o valor das bençãos que sacrificou." [1]

A expressão "o bem e o mal" occorre no V. T. ás vezes sem o sentido ethico e ás vezes com elle. Naquelle primeiro caso significa apenas cousas agradaveis e desagradaveis, felizes ou infelizes, como, por ex., em *Jer.*, 42 : 6 : "Si para bem ou para mal obedecemos a voz do SENHOR. . . ." Em 2 *Reis*, 19 : 35 lemos : "Oitenta annos tenho hoje : poderei eu por ventura discernir entre o doce e o amargo ?" (isto é, a mesma expressão entre o *bom e o máo* para se comer). É impossivel, porêm, negar-lhe o cunho moral no proprio texto de 2 *Reis*, em 14 : 17 e 20, em relação ao rei David : "Sábio é o meu senhor, como um anjo de DEUS para entender tudo o que se passa sobre a terra. . . para discernir o bem e o mal." E a mesma observação applica-se a *Is.*, 5 : 20 : "Ai de vós os que ao máo chamais bom e ao bom máo" ; a *Amos*, 5 : 14 : "Buscai o bem e não o mal" ; e ao *Deut.*, 1 : 19, quando allude as creanças que "ainda não sabem discernir entre o bem e o mal." A verdade parece ser que, nos primeiros tempos, a expressão "bem e mal" revestia-se tambem de character ethico apezar de que então as noções de moral eram muito simples e achavam-se intimamente alliadas ao que nos é doce e amargo, agradavel e desagradavel ; de modo que o conhecimento do bem e do mal era o procurar saber "tudo o que se passa sobre a terra," o agradavel e o desagradavel, a justiça e a injustiça, o resultado da obediencia e o da desobediencia a DEUS, etc. Na historia de *Genesis*, o Eterno não queria que o homem primario pro-

[1] Wellhausen, *Prolegomena zur Geschichte Israels*, 3ª ed., pag. 314 e seg.

curasse sondar esses segredos ; mas o seu peccado foi desobedecer-lhe neste poncto, exhibindo assim falta de fé e orgulhosa presumpção. Fosse qual fosse o mandamento divino ao homem só cumpria-lhe obedecer. A questão aqui não consistiu no que implicava o bem ou o mal, mas a mais submissa obediencia ao bondoso e justo Creador. Não foi o conhecimento das cousas que DEUS *condemnou*, mas a desobediencia : não era a civilização e o seu progresso que Elle queria propriamente tolher, mas o extravio, a transgressão das regras ou mandamentos que estabeleceu, e que estabeleceu para o nosso bem. DEUS, repetimos, não condemnou exactamente a civilização : parece certo que Elle preferia ver o homem livre dos seus perigos e seguindo uma vida cujo curso não nos foi revelado como seria : a condemnação da desobediencia foi o resultado do homem ter preferido procurar o seu progresso e dominio no mundo,—e a dor e o trabalho ardoroso da vida civilizada, a que o homem, afinal, cendemnou-se. Si um filho escolhe um alvitre máo para si mesmo, e contra as ordens do pai, não só pecca contra o pai como contra si mesmo. O pai soffre duplamente, pela desobediencia, e pelos seus máos resultados para o filho. Mas neste caso o peccado consiste propriamente na desobediencia e não em seus resultados.

Na sentença contra Adão notaremos antes de tudo que no vers. 17 este nome é pela primeira vez empregado como *proprio*, pois como ja dissemos, até aqui Adão significava apenas *o homem*. Antes de pronunciar a Sua sentença, JAHVEH declara qual foi a falta de Adão : ouvir a mulher e comer o fructo da arvore que lhe fôra prohibido. E a sentença tem duas partes : 1. A terra maldicta, por causa do homem ; 2. Este precisará auferir della o seu sustento á custa de fadigas e do suor do seu rôsto e emquanto não volte ao pó de que foi formado. Não é o homem o amaldiçoado mas, por sua causa, a terra que agora torna-se em madrasta avára. No seu oraculo ácerca dos juizos de JAHVEH sobre as nações, Isaias viu depois (24 : 4-6) a terra pranteiando e murchando por estar contaminada pela maldicção ; e por causa desta outro propheta pincta-nos a terra como chorando (*Jer.*, 23 : 10). Notemos que o homem não morreu logo, mas foi condemnado a passar a sua nova vida até que se lhe completassem os seus dias,—e tambem até que deixasse successão.

Tambem, tendo ouvido a promessa divina á descendencia da mulher, Adão chamou-a Eva [1] porque era (sería) " a mãe

[1] O nome *havah* no hebraico significa vida ; mas é interessante que tambem queria dizer *serpente*. Wellhausen pensa que isto corrobora a antiquissima tradição no Oriente que toda a vida animal tivesse procedido de uma serpente primitiva,—como o Tiamat na cosmogonia babylonica. Notemos que a *Vulg.* conserva o *h* hebraico e escreve *Heva*.

de todos os viventes " da especie humana. Tambem esta confissão de fé de parte de Adão foi logo seguida de um acto de benevolencia de parte de DEUS, no qual mostrou que não repudiava nem desamparava a Sua principal creatura: Elle inspirou Adão e Eva a fazerem-se togas ou coberturas de pelles de animaes; e DEUS assim " vestiu " Adão e Eva (vers. 21), approvando o instincto dos dous quando, na situação nova em que se achavam, procuraram cobrir-se. As folhas de parreira, porêm, só precariamente conseguiam tão justo fim: e DEUS mostra ao homem que, para occultar a sua vergonha, eram necessarios os despojos de animaes mortos. Segundo Delitzsch e outros commentadores de nota, este vestuario tornava-se assim um signal sacramental da graça, typo da morte de CHRISTO, de cuja justiça se reveste o homem. Em todo o caso o incidente bem revela que valôr tem para DEUS o resguardo da dignidade.

Feito isto, JAHVEH expulsa Adão e Eva do Paraiso, o que vem referido nos vers., 22-24, attribuidos a J^2, isto é, a um escriptor posterior ao da historia da primeira desobediencia. Este escriptor incorporou aqui alguma tradição tambem antiquissima. Expellido do paraiso JAHVEH pôz ao oriente do jardim Cherubins, que com o chammejar de uma espada que se revolvia, velavam para que o caminho da arvore da vida, que dava a immortalidade, ficasse vedado ao homem.[1]

Da simples narrativa biblica da Creação deste mundo, em relação ao homem, deduz-se, como primeira e bazica licção religiosa, a existencia de DEUS, antecedendo a mesma Creação, e que não teve principio como não terá fim. A sua natureza é insondavel. Sobre Elle repetiremos com I. Kant, " a Sua essencia ficará sempre um enygma para a nossa intelligencia:

[1] Os Cherubins vinham da mais antiga mythologia assyro-babylonica. Eram genios do ar que em muitas inscripções são representados como fecundando as tamareiras levando o polen de umas as outras. Dahi o Cherubim passou a representar entre os Hebreus antigos o vento no qual JAHVEH viajava. " E subiu sobre os Cherubins e voou: voou sobre as azas dos ventos " (*Ps.*, 17 : 11). Mas ha outras representações babylonicas em que cherubins vigiam sobre " arvores de vida," e dahi vemo-los ás entradas dos seus sanctuarios como que defendendo-os dos intrusos. Com esta significação tambem a arte dos Israelitas os empregava, e no Templo de Salomão, sobre o oraculo, pairavam dous, esculpturados em páo de oliveira, e cobertos de ouro (3 *Reis*, 6 : 23-28) ao passo que as portas do Templo eram decoradas de cherubins alternados com palmeiras. Os cherubins, pois, representavam a vigilancia dos logares sagrados. Está visto que os cherubins de Ezequiel (1 : 5, 10 : 11), com a sua pesada ideiographia, nada tem que ver com estes.—Muito se tem escripto sobre este assumpto desde os Padres até os compendios archeologicos de Nowack e Benzinger, e do assumpto tractam egualmente todos os commentadores, até Skinner.—A origem babylonica *kirubu* dada a cherubim por Lenormant (*Orig.*) está hoje repudiada.

o unico meio de percebe-lo é o ethico, ao travez da nossa naturesa moral. É so a consciencia que revela-nos um mundo de ordem moral. Fóra disto, as definições de DEUS são mais ou menos futeis." Ha 3.000 annos Salomão já sentia difficuldade de comprehender como podia occupar-se com os negocios da terra Aquelle que o céo e o céo dos céos não podem conter (3 *Reis*, 8 : 27). Quem ordenou os fundamentos da terra, pergunta-se em *Job.*, 38 : 4-11 ; " sobre que foram lançadas as suas bazes, ou quem assentou a sua pedra angular? . . . Responde *Jeremias* (10 : 10-12) : Foi " o DEUS vivo, JAHVEH sempiterno . . . o que fez a terra, e o que com o Seu poder pôz em ordem o mundo com a Sua sabedoria." Foi Elle quem estendeu o Seu dominio sobre a vida e a morte.

A ideia de DEUS, a principio anthropomorphica e depois obscura de definir-se, foi-se pouco a pouco purificando até que o homem chegou a ter uma concepção relativamente elevada da Sua personalidade.

Uma das mais completas descripções da Divindade que conhecemos é a do notavel theologo John H. Newman (depois Cardeal) na sua *Idea of a University*, pags. 60-61 : " Entendo pelo Ser Supremo o que simplesmente só depende de Si-mesmo, e o unico Ser que o é ; que é, tambem, sem principio e eterno, que por conseguinte viveu toda a eternidade por Si-mesmo, e que, pois, basta-se a Si-mesmo, para sua propria gloria e para todo o sempre. Alem disso entendo por DEUS o Ser que, tendo todas estas prerogativas, é o proprio Bem supremo e goza de todos os attributos do Bem em intensidade infinita,—toda a sabedoria, toda a verdade, toda a justiça, todo o amor, toda a sanctidade, toda a belleza : o Ser que, omnipotente, omnisciente, omnipresente ; ineffavelmente um, unico, é tão absolutamente perfeito, que não podemos fazer ideia d'Elle, sendo mais admiravel do que nos é dado conhecer. Entendo por DEUS o que creou todas as cousas do nada, conserva-as cada momento e poderia destrui-las tão facilmente como as creou, e que por conseguinte está separado dellas por um abysmo, sendo incommunicavel em todos os seus attributos. E tambem o que, na hora da sua creação, deu a todas as cousas o cunho da naturesa de cada uma, sua missão e trabalho, sua duração, maior ou menor, e o seu theatro fixo. E o que está sempre presente nas Suas obras, uma por uma, e contrasta tudo quanto fez com a sua particular Providencia, cheia de amor, manifestando-se a cada uma de suas obras segundo as suas necessidades : aquelle que imprimiu nas suas creaturas racionaes a lei moral e lhes outorgou o poder de obedece-la, junctamente com o dever de adora-lo e render-lhe culto prescrutando-as o seu coração com os seus olhos omniscientes, dando-lhes provanças no presente e promettendo-lhes o juizo final no futuro."

A nossa intelligencia nunca poderá definir a natureza divina : do que carecemos é *senti-la*, representada n'uma Personalidade bem real, que se

interessa por todas as Suas creaturas, sobre tudo pelo homem, feito á Sua imagem que decahiu dos privilegios que lhe foram concedidos, pela Justiça de Deus mas a cujo resurgimento e justificação Elle mesmo providenciou na sua infinita Misericordia por intermedio de Jesus Christo.

Esse é o Deus nosso, o Creador nosso e deste mundo que fez para nós. O plano desse mundo é uma contextura admiravelmente travada de cousas maravilhosas de que não poderiamos explicar uma só sem a sua relação com todas as outras.

Todas essas leis que a intelligencia humana, apoz seculos de aturadas pesquizas, tem conseguido desvendar, já sobre o movimento e acção dos astros accessiveis ao telescopio, já sobre os subtilissimos segredos do mundo mollecular, já sobre os arcanos que a chimica vai descobrindo e tambem todas essas leis naturaes que presidem á pasmosa marcha deste conjuncto physico e moral,—todos esses portentos cobrem um principio incognito que trabalha nelles e por elles, caminhando sempre para um fim, de que só podemos ter uma noção muito superficial, como tambem acontece com o seu passado remotissimo.

Segundo ambas as narrativas da Creação, que analysámos, toda esta obra teve como remate a creação do homem. Deus preparou primeiro o campo da sua actividade e depois o formou, parte delle sendo inteiramente relacionado com as obras anteriores da Creação mas a outra parte sendo toda especial, producto de um effluxo directo de Deus mesmo. Esta parte não se vinculou absolutamente ao mundo animal ou vegetal ou mineral, já creados: foi toda especial, fazendo do homem um animal á parte, de facto, o cume com que o Eterno Architecto corôou o Seu edificio; o fim a que Elle subordinára toda a Sua obra. O homem, devéras, quando considera a gloria e a honra da sua creação deseja repetir com o Psalmista:

> Ao ver eu os ceos, obra de teus dedos
> A lua e as estrellas que Tu formaste,—
> Que é o homem para Tu te lembrares delle;
> Ou o que é o filho do homem para Tu o visitares?
>
> Fizeste-o pouco abaixo dos anjos;
> Coroaste-o de gloria e de honra;
> Déste-lhe o dominio sobre as obras das Tuas mãos;
> Todas subjeitaste debaixo de seus pés.
>
> *Ps.*, 8 : 3-6.

É que uma faisca da divindade anima este ser tão pequeno e fragil. Ei-lo de cabeça erguida para o céo donde DEUS lhe assoprou o Seu espirito. Este espirito sente as cousas de DEUS ; esta intelligencia enche todo este universo de vida ; é ella que honra o Creador e que desfere louvores á Sua sabedoria e á Sua bondade. Na verdade toda a gloria do sol se não compara com a deste ser tão singular.

CAPITULO XXV

PROBLEMAS DA CREAÇÃO

A Biblia não nos diz sobre a Creação mais do que já expuzemos, e que, em ultima analyse, é quanto nos convém saber como Christãos, conscientes da verdade ali resumida. É entretanto natural que o homem, desde que começou a pensar methodicamente sobre a naturesa e mesmo antes da revelação divina, procurasse formar a sua propria theoria da Vida e da organização do mundo espiritual e material.

Assim, desde epochas muito remotas, o Brahmanismo chegou a conceber um ser sempiterno, atraz de tudo que foi creado; isto é, tudo na naturesa, inclusive o homem, era presidido por forças intellectuaes e moraes, que não podemos definir. Este aliás elevado systema induziu o Brahmanismo ao mais decidido pantheismo.

A ideia da materia primaria era sustentada pelos philosophos antigos da Jonia, que davam-lhe uma força innata de regeneração e transformação. Um delles, Anaximenes, considerava o ar como o principio de vida, quasi espiritual. A theoria atomistica de Democrito foi repellida por Anaxagoras de quem disse depois Platão que foi o primeiro que attribuiu á intelligencia pura, o *nous*, á razão, e não ao acaso, o arranjo do universo. Segundo aquelle philosopho esta substancia impulsinou a massa viva que existia no principio em estado chaotico. A despeito da sua concepção do *nous* Anaxagoras accreditava na materia como principio eterno, ao lado daquelle. Nem cria na personalidade do homem, que voltava á alma do mundo onde ficava absorvida.

Nas obras de Platão não se acham theorias que venham apoiar a moderna ideia da evolução, pois elle perfilha antes a theoria da descida do mais perfeito ao menos perfeito, do cosmos divino ao homem. Já Aristoteles propende um pouco para a hypothese moderna, admittindo um pensamento divino que se manifesta aos poucos na realisação do mundo, e no processo dessa realisação. Elle tambem accredita que toda a naturesa está imbuida de um impulso proprio para progredir, e o fito geral deste progresso (desta evolução) era o homem. Neste

progresso o impulso obedece sempre á lei da sua propria necessidade. Mas o grande philosopho quando chega a tractar do mesmo desenvolvimento no espirito humano diz muito claramente que aqui cada individuo tem um *nous*, um espirito, uma razão, *que lhe vem de fóra*, e que esse espirito, esse principio *é eterno.*

Leibnitz procurou, como Descartes, solver o mysterio do mundo, que elle explica pela existencia de um infinito numero de nomadas, de uma substancia activa e indivisivel, que torna similhante tudo no mundo, mas n'uma escala gradativa de existencia, pela propria força innata das nomadas, que sobe até o ser mais altamente perfeito,—o homem. Cada nomada é independente e se desenvolve com outras ramificações separadas, sob a supervisão da Divindade.

O maior philosopho do Seculo XVIII, Kant, chamou esta doctrina de transmutação de especies de " phantasia arriscada da razão." O cosmos, pare elle, evolveu-se de leis physicas. No principio havia um cahos que se foi desenvolvendo e que reverte novamente ao cahos. Mas nesse principio existia uma força propulsora, que elle chama de Creação, que o Creador, n'um certo centro, punha em movimento. Para Kant, pois, não havia a tal *geração espontanea.* E elle distingue nitidamente o organico do inorganico, e tem cuidado de separar dos animaes o homem a quem foi concedido o livre-arbitrio, que lhe dá o poder de se desenvolver a si mesmo e de dominar a naturesa bruta. Para elle, pois, não havia logar para a evolução, com suas leis rijas, governando o mundo physico e tambem o moral.

Mas sobre estes problemas da origem do homem e do seu desenvolvimento, têm sido da Inglaterra que surgiram, nestes sessenta annos, as mais ousadas theorias, que bazeadas sobre aprofundados estudos de methaphysica, de biologia e de physiologia conseguiram impressionar muito o pensamento moderno. Os nomes de C. R. Darwin, A. R. Wallace, Herbert Spencer e T. A. Huxley,—só para citar os principaes—graças ao seu grande preparo nas sciencias naturaes, tiveram a satisfacção de ver, desde o principio, o assentimento geral dos homens de sciencia ás doctrinas chamadas do " Evolucionismo " e da " selecção natural." C. R. Darwin, precedido por Lamarck, vê em todo o mundo uma lucta ou concurrencia para viver, e nella os fracos cedem aos fortes, que melhor adaptam-se ao meio em que vivem, parecendo que a naturesa intelligentemente faz uma escolha ou selecção. A naturesa produz variações, e é entre ellas que se exerce a selecção, esta propendendo sempre para o aperfeiçoamento. Herbert Spencer

crê que tudo no mundo obedece e tem sempre obedecido a uma transição contínua do simples para o composto, do homogeneo para o heterogeneo, do diffuso ao concentrado. Essa *evolução* é um phenomeno, diz elle, simplesmente mechanico e que applica-se a todas as manifestações da vida cosmica. Os phenomenos psychicos são adaptados ao meio externo, e formam uma continuidade com os outros em que não póde haver intervallo algum; e por conseguinte Spencer nega a Creação, deante de sua "lei."

Ambos estes philosophos excluem das suas investigações por completo o elemento teleologico: tudo no mundo obedece a causas muito naturaes, e tudo se desabrocha em formas superiores n'uma gradação perfeita, mas muito lenta pois que as transmutações só se effectuam, por assim dizer, apoz os maiores cuidados da naturesa. Dahi a concepção mechanica do progresso physico, em que não temos grande difficuldade em accompanhal-os. Mas elles estendem as mesmas leis ao progresso humano. A intelligencia começa em gráo muito baixo, só pouco superior á dos animaes com que temos affinidade physica; e ahi ella se desenvolve pela acção da selecção natural, e segundo certas modificações physicas. E deste modo estas escholas pretendem explicar a genesis do homem e até da sua intelligencia, da consciencia, e o seu desenvolvimento.

O Darwinismo e o Evolucionismo, não acreditam na Creação. Ora fóra desta só ha dous meios de constituir o organismo,— a biogenesis ou a vida reproduzida da vida (ovum ab ovo), e a aliogenesis que dispensa essa reproducção, explicando tudo pela lei da continuidade indefinida. Mas, pergunta-se, como appareceu a primeira vida? Donde veiu? E estes materialistas, está visto, respondem que da materia, da materia plenamente organisada. Mas ahi o nosso espirito e o bom-senso reluctam acceitar sem provas que a origem da *vida* proviesse dessas transformações méramente molleculares ou chimicas do mundo inorganico. E muito menos a nossa intelligencia consente admittir, com os adeptos exaggerados do Evolucionismo, que a vida possa até originar-se da decomposição de materia inorganica, agindo sob a energia de forças materiaes. Nem importa virem-nos explicar que essas molleculas são dotadas de extraordinaria *instabilidade* e passam por muitas transmutações metamorphicas, como as que vemos nos seres vivos. As consequencias logicas desta doctrina vemos na absurda theoria de Haeckel e Bastian que este producto chimico material póde até ser reproduzido artificialmente no que se chama *geração expontanea ou equivoca.*

E ainda elles pretendem ter descoberto o chamado principio material da vida de que se pretende que participe toda a vida animal e que fórma a sua baze. E deduzem esse *protoplasma* do facto que as fórmas e as energias de todos os seres são profundamente identicas, e a substancia dos organismos é sempre a mesma. A isto repondem os maiores chimicos, e sabios como Pasteur, que quasi nada sabe-se das substancias que entram na composição do corpo animal. Demais, dizer que a vida e a materia vêm do protoplasma não é responder á pergunta—o que é a vida? Sobre o tal protoplasma temos ainda a auctoridade do proprio evolucionista Huxley, que é materia *morta* e não viva. Mas ainda admittindo que o protoplasma seja vivo e que tenha os mesmos átomos do dos outros animaes, com identica composição chimica, poder-se-hia perguntar, qual é o poder mysterioso que faz o organismo *escolher* desse material o que vai construir uma formiga ou um boi?

Quanto a verdadeira aberração da geração expontanea da materia morta, é repudiada geralmente pela propria eschola. O referido Huxley examinando as experiencias de Bastian mostrou como este se illudira com um minusculo pedaço de folha de musgo! Herbert Spencer diz que a geração expontanea nem é assumpto scientifico; e Haeckel, em desespero de causa, exclamou que, si não existe, então ha milagres! E é o que ha na verdade, si devemos assim chamar á intervenção de Deus.

Deixando de lado estas conclusões materialisticas, muitas dellas repudiadas pelos proprios evolucionistas, precisamos notar que entre elles mesmos surge uma sub-eschola que podemos chamar espiritualista. Lotze na sua *Metaphysica* acredita que todas as fórmas da vida humana obedecem a um *fim* determinado a um proposito certo que se não manifesta na mera organização da materia. Existe, pois, diz elle, um Absoluto que aproveita os meios materiaes para um fim elevado, e a vida é o resultado desse *fim* por meios mechanicos. Outros evolucionistas modernos sustentam que a materia é dotada de uma qualidade latente e indefinida,—uma especie de materia animada.

A. R. Wallace,[1] o celebre naturalista que, independente-

[1] Alfred Russell Wallace que falleceu bem edoso ha pouco tempo estreiou os seus profundos estudos scientificos no nosso paiz, n'uma excursão ao Amazonas com o seu collega Bates, publicando em 1854 *Travels on the Amazon and Rio Negro.* O resultado de suas investigações sobre a selecção natural foi publicado em 1870 (*Contribution . . . to Nat. Sc.*); mas em 1876 elle deu ao mundo talvez a sua obra prima, *On the Geographical Distribution of Animals,* traduzida para varias linguas, e que tracta do assumpto de um modo profundamente scientifico. Em 1891 Wallace colligiu sob o titulo *Darwinism* alguns escriptos seus, esparsos, criticando as opiniões de Darwin sobre varios assumptos.

mente de Darwin, e de volta de uma viagem ao archipelago malaio, communicou a uma sociedade scientifica de Londres os estudos que o levaram a formular a hypothese scientifica de selecção natural, Wallace, dizemos, divergindo de Darwin entende que a sua "lei" não applica-se a consciencia, á moral e ao espirito humano que obedecem a um desenvolvimento seu, proprio, independente de transmutações physicas.

São pois dos proprios fundadores da doctrina darwiniana que ouvimos esses protestos. Entretanto si aquelles não podem explicar, segundo a sua sciencia, o que é a vida, e como veiu a existir, muito menos dão conta da origem da Consciencia, da Liberdade do homem.

A *Liberdade* do homem, pretendem, só resulta collectivamente de causas *naturaes*, o que nada responde ou prova. A *Consciencia* provém da educação de algumas raças e tribus, como tambem a vontade moral,—e a prova do que allegam é que ainda até nos paizes mais civilizados não existe ella em muitos individuos. E que não ha o sentimento intimo da existencia de Deus dão como exemplo os milhões que dizem não acreditarem nisso. A intelligencia do homem é apenas maior do que a dos animaes : o homem tem progredido muito porque tem *mais meios* de progresso ; mas o cão a abelha, a formiga tambem progrediram muito. É escusado mostrar a inanidade destas allegações como uma explicação cabal do pretendido progresso mental e moral dos simios até chegar-se ao homem ; e precisamos accrescentar que nem o grande facto da linguagem do homem merece séria consideração ou resposta definitiva.

Dizem ainda que este processo da evolução natural é cego, fatal. O homem é apenas um incidente nesta concatenação infinita de mudanças. Quem sabe, pois, si, como os marsupios eocenos succederam-se nessa escala aos iguanodontes gigantescos, o homem não será tambem algum dia substituido ? . . . Os darwinianos nada respondem a isto : tão fortes são elles na analyse das especies do passado como omissos no poncto primordial das *origens* desta cadeia de seres organizados, da passagem do inorganico para o organico, da genesis da consciencia e da moral. Mas elles nunca conseguirão provar que o nosso espirito seja produzido pela materia, e qual seja a relação que ha entre a evolução no corpo e a do espirito. Nem póde ser admittida a explicação de que haja um principio vital que inocula-se por toda a materia do mundo, uma *força* cosmica, que dá a tudo a sua fórma propria. Como estas é a outra doctrina da "alma do mundo," e a da existencia de um espirito superior com um "fito" certo a que toda a naturesa

obedece, etc. Todos estes systemas philosophicos procuram libertar-se da ideia de um Creador, mas não o conseguem.

Com diz J. Sully,[1] a doctrina da evolução ainda espera sua interpretação final philosophica. E elle cita Tyndall quando escreveu que a transição do organico para o inorganico é inconcebivel no actual estado dos nossos conhecimentos. Nada se sabe da verdeira correlação da evolução physica com a mental, e muito menos da sua identidade ; nem tão pouco da primeira genesis do intellecto humano, nem como o estimulo nervoso produz uma sensação n'um organismo já desenvolvido.

Spencer falla de uma certa *realidade desconhecivel* que se manifesta no mundo physico e mental ; e a esse desconhecivel chama ás vezes de *força*. É pena que não désse explicação melhor da sua concepção metaphysica.

Ainda bem que, como já dissemos, é dos proprios evolucionistas que ouvimos os melhores protestos, directos ou indirectos, contra a applicação das suas theorias ao desenvolvimento moral e mental do homem, isto é, contra a subjeição dessa evolução á sua propria doctrina da evolução do mundo physico. Elles já admittem que aquella continuidade parou no apparecimento do homem e que ahi começa *uma outra evolução*,—o que para nós é a negação da sua propria doctrina. O notavel evolucionista Huxley disse[2] : "A lucta pela existencia tende a eliminar os que são menos idoneos para adaptarem-se ás circunstancias da sua existencia." Depois de reiterar esta regra da theoria darwiniana, prosegue o seu expositor a estudar que applicação dava essa theoria ao progresso moral do homem, e escreve estas memoraveis palavras que traduzimos com gryphos nossos : "O progresso social significa represar (checking) o *processo* (progress) *cosmico* em cada um de seus passos, e substitui-lo por outro, que podemos chamar o processo (ou progresso) éthico, cujo fim não é salvar os que possam ser mais aptos, no que concerne ao complexo de condições existentes, mas sim os que são ethicamente mais fortes. . . . O progresso éthico da sociedade depende não de imitar, elle, o progresso cosmico, ou de fugir delle, mas consiste em combate-lo. . . . *O processo cosmico não tem nenhuma connexão com fins moraes.*" Huxley explicou n'uma nota que elle não pretendia que não houvesse evolução no processo éthico, pois que o encadeiamento cosmico estende-se a todo o mundo ; mas que esse progresso ethico *separa-se do physico para ter um curso proprio.*

Que ha progresso ou evolução no mundo éthico e até religioso

[1] *Sensation and Intuition* ; e o seu art. *Evolution* na Enc. Brit., 9ª ed.
[2] *Lecture delivered at Oxford*, 1893.

todos admittimos de bôa mente. O que este mesmo nosso livro pretende é mostrar a historia, o desenvolvimento da revelação de DEUS no povo israelita até a vinda de JESUS CHRISTO, que fixou bem alto a baliza, que deve attingir o nosso progresso ethico e religioso. Mas nestas palavras do auctorizado Huxley vemos admittida a grande verdade que, seja qual fôr a ascendencia physica de que se evolveu o *homo*, este encetou uma nova era na Creação. E a naturesa desta genese da nossa especie nem o mesmo Darwin chegou a explicar de um modo que merecesse a approvação dos seus proprios discipulos. Si de um lado o homem tem tanto dos simios como o cão e a raposa, ou a gato e a onça, de outro lado, comparando o seu papel na Natureza, diz o naturalista inglez Mivard que menos similhança existe entre o macaco e o homem. Outro inglez o grande co-descobriador da theoria da selecção natural, Alfred Russell Wallace, já citado, accrescenta que, psychologicamente, o homem primitivo achou que cabia-lhe melhor cultivar as variedades da sua intelligencia do que os seus attributos physicos,—e elle, homem, proseguiu naquella senda; o que explica a quasi nenhuma differença physica que se nota na especie e, do outro lado, o grande progresso intellectual que tem conseguido nesses myriades de annos. Mas o facto é que o homem, differentemente de todo o reino animal, seguiu uma linha toda diversa de evolução, bazeada na sua intelligencia, na sua liberdade, nos sentimentos de moral e de religião que descobriu na sua naturesa. Dotado, e só elle, do dom da palavra articulada, elle pôde desde o principio communicar-se com os seus similhantes e dirigir ao Ente supremo o primeiro balbuciar de seus temores e de seus desejos, e podendo, com vagar, conservar as suas impressões do mundo, realmente a sua experiencia da vida que, ainda no decurso de seculos, tem conseguido archivar e perpetuar, sob as fórmas systematisadas de lettras, sciencias e artes. Hoje, admitte outro evolucionista emerito, John Fiske,[1] que "uma sociedade de almas humanas vivendo conforme uma Lei moral perfeita é o fim para o qual, ainda quando o nosso systema solar era uma porção de vapor nebuloso, o processo cosmico tem ido tendendo. Depois que o nosso planeta, resfriado, tornou-se em séde de vida organica, o processo de selecção natural proseguiu apparentemente por longos periodos de seculos mas não a esmo: tudo que sabemos faz acreditar que a sua tendencia ulterior era destacar uma creatura e exaltar a sua intelligencia. . . . É assim inadmissivel separar a naturesa moral do homem do resto da sua natureza."

[1] *Ethics in the Cosmic Process*, conferencia na Universidade de Harvard em 1895.

Para Fiske não houve interrupção do processo cosmico, mas o processo ethico é parte integrante do cosmico, é de facto a sua consummação,—esta perfeição espiritual da Humanidade.

Seguindo a Wallace, Fiske entende que em eras da mais remota antiguidade, o homem bruto, chegando a certo periodo do seu desenvolvimento reconheceu, ou antes a naturesa reconheceu nelle que o progresso psychico lhe era de maior utilidade do que o physico. E eis que o seu cerebro se foi augmentando mais e mais e a estructura delle se complicou cada vez mais. Esta transformação tem ido progredindo por milhares de seculos ao passo que anatomicamente só pequenas differenças se notam no homem. Desde o inicio deste novo periodo do desenvolvimento humano, o seu physico não conseguiu progredir e a naturesa pareceu concentrar-se na evolução do seu lado psychologico ; e a naturesa vai realisando, diz essa eschola de evolucionistas, o fim que teve com a apparecimento do homem na terra. Ella não quer formar uma creatura mais elevada do que o homem, mas desenvolver o mais possivel as suas forças intellectuaes e moraes, pois não foi atirado perfeito ao mundo. O progresso humano é desegual ; pois até depende de qualidades que se desencontram : o homem e a nação que mais salienta-se n'umas pódem ser muito inferiores em outras. O progresso, porêm, é o alvo constante da natureza humana.

O leitor de certo nos desculpará esta longa digressão com que desejamos tornar-lhe bem viva a fraquesa da tentativa scientifica de impugnar a profunda verdade biblica da Creação. A ideia de evolução de fórmas naturaes mais simples em fórmas complexas, de homogeneas em heterogeneas, em milhares de seculos, nunca poderia servir de baze para a genesis do espirito humano, e da sua responsabilidade moral ; e os esforços dos proprios homens da nova sciencia em procurar um *logos*, um *nous*, um *Absoluto*, ou uma *Força* não passam de subterfugios do orgulho para escaparem á confissão da necessidade da intervenção de Deus, Creador.

Sobeja razão, pois, nos assiste adherindo á historia da Biblia, que até se quadra com os resultados dos melhores investigadores scientificos destes ultimos annos.

Nas mais antigas das narrativas da Creação em *Genesis* se vê que Deus *formou o homem e os animaes do barro da terra* (*Gen.*, 2 : 7 e 19), e declarou, apoz o peccado do homem primitivo, que este se tornaria na terra de que foi tomado, pois era pó e em pó se tornaria (3 : 19). E na outra narrativa a creação do

homem foi o ultimo dos "animaes viventes" (1 : 25). Em ambas, porêm, a nova creatura recebeu um cunho todo especial que a investia da mais elevada posição na terra. Naquella primeira narrativa symbolica JAHVEH inspirou, Elle mesmo, no rosto do homem o "assopro de vida"; ao passo que na outra diz o texto, como já se viu, DEUS fez o homem á Sua "imagem e similhança," com poderes sobre a terra.

Nessas curtas legendas inspiradas e symbolicas em que o desenvolvimento creador de milhares de annos é mencionado apenas em meia duzia de palavras, não podemos encontrar a historia do progresso cosmico onde se evolveu o genero de animaes que, anatomicamente, mais approxima-se da nossa especie. Pouco nos importa que o homem seja o ultimo dos primates, segundo as mais elaboradas dissecções, e segundo algumas das quaes nós nos approximamos mais do gibbão, do urangotango, do chimpazê e da gorilla do que estes dos outros simios.[1] Até ahi essas demonstrações scientificas,—concedida a sua correcção—não attacam tanto a revelação biblica como talvez o nosso orgulho de termos a mesma origem desses simios anthropomorphos, que vieram da terra, como tambem os mammiferos que os precederam nessa longa escala. Mas o que nenhum desse sabios explica é este complexo de qualidades intellectuaes e ethicas que fizeram o *genus homo* empolgar o throno no pinaculo da Creação.

[1] Sobre isto ha um elaborado tractado de Broca: *L'ordre des primates: parallèle anatomique de l'Homme et des Singes*, 1870.

CAPITULO XXVI

O PROBLEMA DO PECCADO

NINGUEM sabe como era o homem quando DEUS o creou. Ignoramos por completo os seus precedentes de naturesa espiritual antes da haver desobedecido ao mandamento que recebeu. Sabemos, sim, que o homem primario gozava de liberdade e vontade, e de intelligencia sufficiente para o dirigir, bem como que elle sabia distinguir, pelo menos de um modo geral, o que era e não era o desejo do seu Creador, pois seria incomprehensivel a ordem divina sobre o fructo si o homem não tivesse noção do licito e illicito, e o livre arbitrio na escolha de um e outro. Mas, repetimos, a Biblia nada adeanta quanto ao estado verdadeiro do *homo* antes de apparecer como ente religioso, pois o grande Livro que refere como foi creado é, repetiremos ainda, obra religiosa e não scientifica.

Basta que nos tenham sido revelados os factos bazicos da Creação : que DEUS, sempiterno, creou o mundo de sua livre vontade,[1] creou a terra e o que se acha nella, acabando pelos animaes e pelo homem. Si este, porêm, liga-se ao resto da creação animal pelos elementes constituidos do seu corpo, salienta-se, em um destaque todo especial, pelo "Espirito de DEUS," por esse effluvio que o tornava apto para ser companheiro e filho de DEUS. Si não podemos conceber, repetimos, como era o primeiro homem, acreditamos que sem duvida foi creado *perfeito*, relativamente perfeito, no seu logar respectivo. Comprehende-se como o seu corpo e o seu espirito, a sua alma, formavam um ser harmonico, completo e natural ; ao mesmo tempo capaz de attingir mais elevadas espheras de perfeição, de que só podemos fazer uma ideia muito apagada.

Approuve a DEUS, creando o homem á Sua imagem e similhança, que elle fosse puro e sancto como Elle, e que gozasse do precioso dom da liberdade moral que lhe outorgou ; somente com a condição que o homem sempre lembrar-se-hia da sua propria união com DEUS, a fonte de todo o bem de que usofruia.

[1] "O céo e a terra" de *Gen.*, 1:1 e 2:4, exprime o complexo da Creação, todo o mundo.

Na consciencia do homem, o Creador implantou os principios eternos da Justiça e da Moral, antes de qualquer estatuto que formalmente os promulgasse. Só reconhecendo esses principios, esta lei na consciencia, e que está eternamente em DEUS, póde o homem confundir-se com Elle. Quiz DEUS, dando-lhe a liberdade, que elle se conformasse com uma simples ordem Sua, expressa, e que foi symbolisada em não procurar o homem provar o fructo de determinada arvore. E estabelecendo a primeira ordem, Elle prescreveu logo a punição da sua infracção, que seria a morte do homem.

Adão e sua mulher ouviram suggestões extranhas sobre a ordem de DEUS ; e antes até de comer do fructo vedado a mulher já apartara-se de DEUS na sua falta de confiança n'Elle, na sua cobiça e no seu orgulho ; e a seu turno o marido preferiu ouvir e seguir a Eva do que a DEUS.

Como já se viu, o castigo não se fez esperar. O homem ficou logo ás garras de uma consciencia em lucta comsigo mesmo. A falta de Adão e Eva não era tanto ter comido daquelle fructo ; este apenas symbolisava a grande e immamente lei moral, e era tambem como que uma disposição de character probatorio ; mas a desobediencia transtornou toda a ordem divina de cousas e veiu obstar ao funccionamento regular de um machinismo delicado feito por DEUS para Sua gloria e para o proprio bem do homem. Todo o seu ser, abalado, viu-se em desharmonia com as leis da sua existencia, immutaveis no Creador. Nessas circumstancias comprehende-se bem que DEUS precisava (humanamente fallando) não só manter as Suas leis, como, bom como só Elle é, procurar restabelecer a estructura ethica do homem que a infringira. E desde então vemos a intenção do Altissimo de, punindo o homem, providenciar sem demora para sua regeneração e redempção. Surge desde logo a promessa de JESUS CHRISTO na descendencia da propria mulher. Na verdade si DEUS é sancto e justo, tambem "a Sua Misericordia é para sempre" (*Ps.* 135).

Mas comtudo isso a punição foi enorme : o homem, cheio de gloria, viu-se condemnado, não só elle mas toda a sua especie, á toda a casta de luctas, de dores, ciumes, miseria, antes de morrer. Por seculos e seculos todas as gerações humanas têm sentido o peso e a realidade do castigo divino. E nestes grilhões do peccado não se agitam só os máos, mas tambem aquelles cuja consciencia não os accusa de terem obrado mal. Em todo esse longo periodo da historia da raça surge um unisono lamentar de suas dôres, só aqui e ali atalhado por uma nota de passageira alegria.

Deus conferira tudo ao homem, de honra e gloria; e este, deixando o seu proprio logar tão elevado no universo, viu seguir-se á sua rebeldia uma calamitosa tragedia. Não nos esqueçamos nunca do logar em que o homem fôra enthronizado pelo Creador, formado "á sua imagem e gloria" (1 *Cor.*, 2 : 7) e meditemos então na sua ousadia de ouvir suggestões extranhas contra a harmonia das cousas divinas.

Não admira, pois, que a punição tivesse envolvido toda a descendencia de Adão. Este nome, nas primeiras narrativas de *Gen.*, não representa um homem individual, mas o chefe moral e representante da sua *geração* ou raça, *l'homme-humanité*, como o chama Naville, realmente na sua *qualidade* de homem. As grandiosas graças que Deus lhe outorgara reverteriam a todos os seus filhos, como tambem a elles couberam as consequencias da sua culpa inicial, desta peçonha injectada no paraiso que lhes trouxe o mal, o peccado e a dôr.

O mal, pois, estendeu-se a toda a geração humana. O Livro *Genesis* não diz terminantemente que a raça ficára contaminada pelo peccado do *individuo* Adão, cujo crime *pessoal* fôra imputado aos seus descendentes. Mas, si todo o genero humano descendeu de Adão, do primeiro homem, como não ha duvida, é claro que a desordem physica e moral do seu erro se tivesse transmittido aos seus descendentes que a seu turno, pelo seu maior ou menor desvio de Deus, a vão passando aos seus successores.

Eis aqui o ensino eterno de S. Paulo sobre este poncto: "Assim como por um homem entrou o peccado no mundo, e pelo peccado a morte; assim passou tambem a morte a todos os homens por um homem, pois que todos peccaram. . . . Mas não é assim o dom como o peccado; porque si pelo peccado de um morreram muitos, muito mais abundou sobre muitos o dom pela graça de um só homem, Jesus Christo. . . . Porque si pelo peccado de um só reinou a morte por elle, muito mais reinarão em vida por um só que é Jesus Christo os que recebem a abundancia da graça e do dom da justiça. Assim, pois, como pelo peccado de um só incorreram todos os homens na condemnação assim tambem pela justiça de um só recebem todos elles a justificação da vida. . . . Para que, assim como o peccado reinou para a morte, assim reine tambem a graça pela justiça para a vida eterna, por meio de Jesus Christo, nosso Senhor" (*Rom.*, 5 : 12-21).

Nesta memoravel passagem o apostolo concentra n'um fóco toda a historia do destino da humanidade desde a Creação até o seu futuro mais longinquo. Depois de tractar do peccado (caps. 1-3), elle remonta-se á fonte em que se originou. Assim

como o principio da desobediencia e do peccado, e com elle a morte, tornaram-se immanentes, e por conseguinte hereditarios, assim tambem a graça de JESUS CHRISTO, isto é, o effeito da sua obediencia e da vida eterna, tornaram-se immanentes ou espiritualmente hereditarios. Vê-se, pois, meramente que a desobediencia de Adão não foi só um peccado pessoal; elle errou como o representante da raça; e por conseguinte todos os seus descendentes, ainda que não participem daquelle seu peccado especial, soffrem das suas consequencias moraes, intellectuaes e physicas. É um facto este de que não ha duvida, infelizmente. Em todos os animaes esses estados pathologicos são transmissiveis. A consciencia do homem que lhe suggere que elle acha-se em dissonancia com o seu dever, em geral e com a vontade de DEUS, produz, só ella, um máo-estar continuo que perturba, mais ou menos aquelle organismo delicado, causando serios desarranjos funccionaes e embaraçando a predominancia que o espirito deve ter na economia da vida, inclusive a sua intelligencia que se turva. E essas desordens se transmittem aos seus descendentes, que já apparecem com o seu systema nervoso bem combalido sinão corrompido. Ahi vemos quotidianamente a heriditariedade da loucura, ás vezes passando por duas e mais gerações.

Foi S. Agostinho o primeiro theologo que bem interpretou S. Paulo. Elle seguiu a versão errada da *Vulg.* quando no trecho, acima citado, diz "assim passou tambem a morte a todos os homens por um homem no qual" (homem) todos peccaram, em vez de "*pois que* todos peccaram," etc.; pois no original grego está escripto *eph ó* que significa *propter ad quod*, segundo os melhores exegetas, sendo que o *ó* é neutro e não masculino e nunca poderia ser traduzido *in quo*, *no qual* (homem) ou *per quem* ou *cum quo*, como o fazem outros. Entretanto apezar de seguir a versão errada, S. Agostinho bem interpreta a licção theologica da Epistola do grande apostolo, quando diz: "Todos nós estavamos naquelle homem unico, desde que todos eramos aquelle homem que cahiu no peccado por causa da mulher que delle foi feito antes do peccado. Pois então não fôra ainda creada e dada a cada um de nós a fórma, em que como individuos deviamos viver, mas já existia a naturesa da semente de que deveriamos ser propagados."[1] Não ha ahi, pois, uma participação pessoal no *peccado* de Adão: a sua desobediencia arrastou a corrupção de sua naturesa. que se propagou e se propaga assim contaminada por todo o

[1] *De Civitate Dei*, Liv. XIII, n. 14: "Nodum erat nobis sigillatim creata et distributa forma, in qua singuli viveremus, sed jam matura erat seminalis ex qua propagaremur."

genero humano. Nem existia em Adão a depravidade inherente que sustentou Calvino. Nós transgredimos em Adão, não no sentido *pessoal* de quem conscientemente commetteu falta mas no de quem herda as faltas de um seu grande antepassado que, quando as commettia, representava não só a sua personalidade individual como agia pela sua raça inteira. A humanidade não é uma aggregação de individuos mas um todo organico, unido e coheso. É preciso distinguir-se (como o faz S. Agostinho) a *pessoa* da naturesa: Adão corrompeu esta, que, a seu turno corrompeu a pessoa. A imputação do peccado trouxe a viciosidade da naturesa: e assim hoje "vitiositas praecedit imputationem."

Si este castigo nos parece por demais rigoroso, pensemos do outro lado contra quem delinquiram os nossos primeiros pais e todos os nossos antepassados, e nós mesmos. Só acha injusto o legado das dores que nos deixou o primeiro homem quem não procurar reflectir na *Sanctidade* de Deus e na Sua *Justiça.* Temos mais inclinação para nos demorar em considerar o Seu Amor e a Sua Misericordia do que a Sua Justiça, esquecendo-nos muitas vezes que essas divinas manifestações prendem-se entre si e n'um todo completo. Deus nunca poderia transigir com o mal. Elle é a essencia mesma da perfeição moral, o espirito de absoluta moralidade. A palavra hebraica *Kadoche, sanctidade*, significava a principio a inaccessibilidade como a do fogo; e ainda no tempo do deuteronomista diz este: "Jahveh, teu Deus, é um fogo consumidor" (*Deut.*, 4 : 24). A pristina ideia semitica da sanctidade era a da separação, da inaccessibilidade. E essa ideia se alastra pelo V. T. *Isaias* (30 : 27, 30) representa Jahveh vindo de longe, indignado pelos peccados de Israel, "ardendo na sua ira e n'uma densa massa de fumo": a Sua lingua é "como um fogo devorante," e o terror do Seu braço se mostrará "com as chammas de um fogo devorante." Ora tudo isto denotava a reluctancia e a aversão de Deus pelo peccado, a Sua sanctidade e justiça, que não podiam absolutamente pactuar com elle. Os pagãos attribuiam os actos do mundo á sorte, ao destino cego, mas não assim os Hebreus que sempre mantiveram inabalavel a sua fé no governo geral do mundo por Deus, que amava a justiça e tinha aversão á iniquidade. Na historia de Abrahão vemos (*Gen.*, 18 : 19) que Deus sabia que o futuro patriarcha não só guardaria "os caminhos de Jahveh" e toda a sua familia com elle, mas tambem ordenaria a seus filhos que os guardasse. E mais longe no mesmo cap. Abrahão reconhece Deus como "o juiz de toda a terra" (vers. 25); Aquelle de quem o *Ps.* 88 : 15, diz que a "justiça e a equidade

são a base do Seu throno." Si a justiça e a moral são o fundamento da vida social do homem, como já o reconheciam as antigas nacionalidades pagãs, quanto mais não insistiria DEUS na oservancia da ordem que estabeleceu para o homem na terra, do plano que lhe traçou para sua mesma felicidade e para a propria gloria de DEUS !

Ninguem, pois, ouse imputar a DEUS toda esta onda de males que assoberba a humanidade. Toda a corrente da nossa vida foi enturvada pela pollução da fonte. Ao remeximento ali desses máos impulsos, e dessa vontade que só deveria concentrar-se em DEUS, e ao descaminho das paixões, deve elle toda esta labutação, e esta apparente injustiça de que sempre ouvimos a plangente querella. E é só a falta de fé, de confiança em DEUS que a mantém. Ninguem jamais apostrophou tão tocante e profundamente contra as injustiças da vida como Job. Elle debateu-se entre a sua pura consciencia no cumprimento do seu dever como sincero temente a DEUS, e do outro lado o que lhe parecia um cruel e immerecido castigo, que elle attribuia a DEUS mesmo, tal era a intensidade da sua fé ; e entretanto a horrorosa situação em que se achava quasi e leva á blasphemia. E o que lhe diz DEUS ? " Porque me condemnarás tu para te justificares a ti ? " E por uma serie de outras perguntas viu Job que elle mesmo carecia de razão, e humilhou-se.

Mesmo o castigo de DEUS não é nunca inflingido no espirito de vingança, mas no de uma sancta recessidade a que não é extranho o maior carinho pela Sua creatura tão nobilitada. Toda a dôr no mundo não passa de um aviso divino. Job amaldiçoou o dia em que nasceu : mas o SENHOR, cujos planos transtornou a desobediencia de Adão, não amaldiçoou o homem, declarando a sua sentença que deveria cumprir no mundo ; mas apenas maldisse do peccado, das forças cosmicas que procuram distrahir o homem da influencia divina.

A dôr e a miseria de Job, que ahi fallou por milhões d'entre nós, não significam maldicção de nossa especie ou das nossas personalidades, mas nos rememoram a transgressão dos planos do nosso Creador : de um lado, a Sua opposição e discordancia absoluta a este estado de transgressão ou peccaminoso, e do outro, a Sua propria e infinita bondade para comnosco fazendo das consequencias deste estado,—a dôr e a morte—o adito de uma reapproximação a Elle-mesmo, a baze de uma nova esperança de vida. É com effeito incomprehensivel que, permittindo que o homem continuasse vivendo apoz o transtorno do Seu plano, DEUS não providenciasse para a manutenção da ordem nesses relações do homem com Elle mesmo

e com os seus similhantes. DEUS não occultou-se, indifferente ao bem-estar da Sua propria obra, apezar de estragada: ao contrario, Seu amôr por ella buscou desde logo os meios de preparar a sua reintegração, respeitado o grande dom da consciencia e da liberdade moral que lhe inspirára como parte do seu ser. A omnipotencia e a incessante actividade divinas não cessaram depois da Creação, e o descanso sabbatico foi apenas o desta Creação que se completou com o homem; mas o constante desvelo divino pelas suas creaturas não cessa nunca. Quem não sente esta Mão occulta e forte que nos guia para o nosso bem ulterior, que a tudo dá *providencia*? Da Sua morada, diz-nos o *Ps.*, 32 : 14, "DEUS olha para todos os que habitam a terra." Nada lhe escapa. Depois de ter-lhe desobedecido, Adão pensava escapar-se-lhe ás Suas vistas, escondendo-se de Sua face; mas foi isso inutil, pois ouviu logo o "Onde estás?" com que DEUS sorprehendeu a sua consciencia.

Mas, perguntar-se-ha, não teria sido DEUS mesmo que attrahiu o homem ao peccado, sabendo de sua fraqueza e offerecendo-lhe a escolha do bem e do mal? Isto já está respondido pelo que temos dicto até aqui. Accreditamos que DEUS haja consentido na tentação. É impossivel, repetimos, conceber qual o verdadeiro estado do homem primario quando no paraiso: relucta-nos, porêm, acreditar que elle fosse condemnado a uma especie de beatificada inacção: o homem primario, em outras palavras não foi retrahido á grande lei do *progresso* ou desenvolvimento cosmico. Feito a Sua propria similhança parece-nos muito congruente que o Creador o quizesse ir elevando pela consciencia da sua origem, e por uma conformidade perfeita com os designios da sua creação. Comprehendemos, pois, que DEUS tivesse resolvido experimentar como o homem primario usaria da liberdade que lhe havia concedido e que tanta gloria lhe dava. Si, porêm, consentiu na tentação não foi para que o homem peccasse, nem Elle poderia ser auctor de actos que tanto lhe reluctam. Evidente é que DEUS quiz provar o homem, si devia ser elevado á uma vida mais espiritual; e Elle foi de certo quem permittiu o tentador no jardim, quem offereceu a Adão o dilemma de escolher entre obedecer-lhe ou atirar-se no mundo a fazer a sua vida por si mesmo. Si DEUS a ninguem tenta a "é incapaz de tentar para o mal" (*Thiago*, 1 : 13), tenta para disciplinar o homem, como tentou Adão e Job; como tentou Abrahão para ver si o temia, (*Gen.*, cap. 22) e como vinte seculos depois permittiu a tentação de JESUS CHRISTO.

Sobre este profundo assumpto cumpre-nos ponderar que

sem a possibilidade do peccado não existiria a verdadeira *liberdade*. O homem seria o automato de Descartes.

No V. T. são poucas as referencias ao peccado original. No livro de *Job*, 31 : 33 lê-se " Si encobri como Adão o meu peccado." Mas, como ja observamos, a palavra hebraica dada como Adão significa tambem *o homem*, ou a *especie humana*. E esse vers. a *Vulg.* traduz *quasi homo*, e Renan *comme tous les hommes*.[1] Mas a mesma expressão em *Oséas*, 6 : 7 é vertida pela *Vulg.* como *sicut Adam*, " elles, como Adão, quebraram o pacto que tinham feito comigo." Neste ultimo caso parece evidente que a referencia é a uma *personalidade* com quem Deus fizera uma alliança, e que, por conseguinte no mesmo sentido deve ser tomada a allusão de *Job*, o que vemos adoptado na recente Revisão da versão ingleza da Biblia. Mas ha no V. T. outras referencias á legenda biblica. *Ezek.*, 8 : 13 e 31 : 9 falla das " delicias do Paraiso," e das " arvores deliciosas que havia no jardim de Deus." No livro dos *Prov.*, 3 : 18 o auctor menciona " a arvore da vida " como benção para os que a acharam e não a largarem ; e em 11 : 30 é ella citada como " o fructo do justo." E no *Eccl.*, 12 : 7 lê-se : Lembra-te do teu Creador . . . antes que se rompa o cordão de ouro . . . . e o pó se torne na sua terra donde era e o Espirito volte para Deus que o deu,"—linguagem que lembra a de *Gen.*, 3 : 19.

Estas citações, porêm, não importam muito, pois são exuberantes e intuitivas as provas em todo o V. T. de um mal ou peccado contra Deus, que contaminou todo o genero humano que não era exactamente como Deus o creára. E isto os escriptores posteriores do V. T. mantêm, ainda admittindo-se que só considerassem a legenda do paraiso como allegoria de um estado pristino de inconsciencia que o homem precisava deixar afim de obter a sua independencia. Entre as escholas rabbinicas e nos livros apocalypticos de *Baruch* e *IV Esdras o peccado original* é acceito sem hesitação, como transgressão que foi transmittida á posteridade ; e nos tempos do Judaismo desde a volta do Captiveiro temos o testemunho de muitos trechos dos livros deutero-canonicos para prova-lo,—taes como 4 *Esdr.*, 4 : 11 ; 7 : 68 ; 4 : 30 ; *Ecclesiastico*, 40 : 1 e 25 : 24 ; *Sab.*, 2 : 24, etc.

Mas a Biblia repetimos, não tracta logo a falta de Adão e Eva exactamente como peccado : notemos que ella só falla do *bom* e *não bom* e, depois, do mal (*Gen.*, 1 : 31 ; 2 : 18, 2, 5). E nem define o mal como tal ; nós, porêm, podendo ver que é a *desobediencia* a Deus. A primeira vez que emprega a palavra

[1] *Le Livre de Job*, pag. 135.

peccado é em *Gen.*, 4 : 7, quando JAHVEH diz a Caim que si elle não proceder bem, "o peccado jaz á porta," isto é, como uma fera o esperará á entrada da sua casa. Ahi a palavra peccado significa *errar o alvo*, quando um pouco mais alem, em 4 : 13, *Gen.* emprega para peccado outra expressão que quer dizer *estar torto*, perverter,—ambas estas expressões dando-nos nitida ideia do que os Hebreus concebiam por peccado, ideia que alias foi sendo mais accuradamente definida para o deante. Já no tempo do Diluvio diz Gen. (6 : 5-12) que DEUS vira que "a terra estava corrompida," e que era em extremo grande a malicia dos homens na terra." Depois, disto a transgressão do homem foi cahindo sob a acção das *Leis* que procuraram assim obstar ás suas "culpas," "peccados," "iniquidades" e "maldades." Ainda muito depois disto o cumprimento destas leis se foi tornando meramente ritualistico sem o sentimento de justiça e misericordia, abuso este que os Prophetas profligaram, e que, por fim, JESUS CHRISTO condemnou terminantemente, attacando a hypocrisia, e as offensas contra o Espirito Sancto. Em toda a historia, porêm, do desenvolvimento da ideia do mal ou do peccado, até CHRISTO, a Biblia occupa-se principalmente do povo de Israel: foi Elle quem annunciou que aquelle povo só era o mensageiro das verdades eternas, sobre o mal, e o peccado, e a redempção do peccado, á toda a humanidade.

Sobre a naturesa do mal, e como e porque entrou no mundo, a Biblia nada nos diz. A serpente, terá notado o leitor, apparece de repente e do mesmo modo desapparece, depois de appellar ao orgulho, á curiosidade e aos sentidos da mulher afim de faze-la desobedecer á ordem divina. Representava a serpente um máo espirito qualquer? A Biblia só nos informa que ella era mais subtil do que outro qualquer animal que JAHVEH formára. Mas, sem duvida ella symbolisava o mal. O espirito ou representação pessoal do mal só foi apparecendo com vagar na theologia hebraica. Em *Job* já vemos Satanaz apresentar-se entre os filhos do SENHOR, o qual permittiu-lhe provar o Seu servo; e na tentação de JESUS vemo-lo novamente ostentando o seu supposto poder pessoal. Tudo o que *Genesis* nos ensina sobre o mal é que o homem o escolheu por sua livre vontade e contra a do seu Creador. O mal causou uma desharmonia na Creação; denota uma perversão da ideia divina da personalidade humana.

Escriptores ha que, não dando o verdadeiro peso ao bem, e recusando cogitar do progresso que DEUS teria reservado

ao homem primario, sustentam que o mal é uma necessidade. Dizem que o peccado de Adão abriu novos horizontes á intelligencia humana e tornou-se a baze de um progresso moral e intellectual, de uma lucta contra os instinctos baixos, que eleva o homem a DEUS. O homem torna-se assim mais livre e independente, mais nobilitado.

Ora vemos grande confusão de ideias nessa argumentação. Si o mal é *necessario*, então cumpre-nos não combate-lo nem preveni-lo, pois seria esforço perdido. Cumpre-nos rasgar o Velho e o Novo Testamento e paganizar-nos. Mas não. Nós temos a consciencia e a vergonha da desharmonia com o regimen divino : luctamos, sim e nobremente, para diminuir essa desharmonia. Esse progresso, porêm, que sem a transgressão pareceria tão salutifero, tornou-se-nos um pleito intestino e ingente contra nossas proprias paixões, contra o pesado e doloroso legado do transtorno da nossa naturesa : é um progresso conseguido com enorme esforço de toda a vida e ao travez de muitos soffrimentos, e que precisa ser renovado em cada uma existencia. É impossivel reconhecer que o mal é um *mal* muito real e que essa lucta de cada individuo tem por fim elimina-lo, e que e nisto que se devem convergir os esforços da humanidade.

O que podemos sustentar de bom rôsto é que o castigo das mãos misericordiosas de DEUS traz-nos sempre os mais portentosos beneficios. Mas porque um de nossos pais da terra mata o seu cevado para festejar o arrependimento e a volta do filho, punido de suas faltas, não segue-se que todos os filhos commettam faltas para gozarem de identica recepção, ou que neguem que tivesse aquelle filho commettido qualquer falta, ou que esta fosse essencial ao regimen da familia. Nós vimos com que cuidado DEUS vestiu a vergonha de Adão e de Eva quando os puniu com a expulsão da Sua intimidade, já tendo alentado o seu decahido espirito com certas promessas no futuro. Mas a providencia de DEUS não parou ahi, e até hoje tem continuado. Elle não quiz que o homem ouvisse, na sua consciencia, só a accusação do peccado e da sua condemnação. No tempo aprazado e apoz uma preparação muitas vezes secular para recebe-lo, DEUS nos outorgou JESUS CHRISTO, Seu Espirito incarnando-se n'Elle, que assim veiu manifestar-nos na historia a segurança de meios efficazes de nos subtrahirmos da influencia do peccado. E é por isso que Calvino. Leibnitz e Hegel entendem que a queda do homem foi *para cima*, isto é, que não foi uma queda mas um ganho positivo, que faz a sua eschola exclamar: "*O' felix culpa Adami quae meruit talem et tantum habere redemptorem!*" Mas urge nunca

esquecer que a propria necessidade da redempção por JESUS CHRISTO e a do Seu augusto sacrificio bastariam para nos libertar de qualquer erro sobre quanto DEUS aborrece o mal. Todo o V. T. é um protesto continuo contra o peccado, contra esse veneno que se inocula nas partes mais intimas da personalidade humana. É só á Sua infinita bondade que devemos o facto que, fortes na fé do novo Adão onde foi restabelecida a imagem e a similhança do agora *Pai*, possamos approximarmonos d'Elle directamente e com confiança. Não negaremos que seria impossivel a propria *humanidade* si fossemos perfeitos, e não sentissemos a necessidade da salvação e si não ouvissemos em nossa consciencia o perdão de nossas dividas ao Creador.

Preferimos a opinião que recusa-se enxergar no mal sinão uma perturbação no verdadeiro desenvolvimento da individualidade humana, uma interrupção e tropeço na sua marcha, que faz-se-nos mister arredar. Como no dia do fructo prohibido, o mal ou o peccado não é natural no homem, nem no primario nem do de hoje ou de amanhã, mas esse antagonismo do homem continúa a ser aquillo que o Creador não quer que seja. Si o mal é *necessario* para qualquer fim que seja então não devemos combate-lo ; pelo contrario é preferivel coordena-lo e cultiva-lo ; e o Christianismo, e de facto toda e qualquer religião, rue por terra ; e não vale a pena fallar mais de vida futura, nem, neste mundo, de lucta moral pelo bem. Com effeito, a doctrina da Redempção por JESUS CHRISTO presuppôe a existencia do peccado como um mal, e sustentar a neccessidade do mal é negar a necessidade daquella Redempção,—a menos que se admitta por um instante que DEUS creou propositalmente o mal afim de providenciar em dirimi-lo.

Parece-nos falso allegar que DEUS, tendo concebido a Redempção, desde a Creação do homem, resolveu ao mesmo tempo que existisse o mal ; isto é até blasphemia. Elle deu ao primeiro homem a *liberdade* de escolher o bem e o mal e o homem tendo escolhido o mal, Elle manifestou desde logo o Seu infinito amor á Sua creatura. Esta escolheu pôr-se em desharmonia com o plano divino e DEUS determinou ao mesmo tempo puni-la e tira-la dessa posição e consoante com as condições de sua creação. Mesmo na Redempção DEUS respeitou a liberdade que dera ao homem, pois ella effectuou-se por meio de JESUS CHRISTO *homem*, que a ninguem fórça a recebe-lo. A esta revelação completa do Filho de DEUS no Filho do homem, toda a historia converge, e della se irradia a sua direcção geral.

Um antigo Mishnah escreve sobre a creação do homem : " Os mundos vegetal e animal foram creados em multidões ; só o homem foi creado como um unico individuo, afim de que

elle mesmo possa convencer-se de que fórma um mundo á parte e traz dentro de si proprio o verdadeiro valor da vida. Dahi cada ser humano póde dizer com toda a exactidão que o mundo foi creado por sua causa. O que salva uma unica vida, que seja, póde dizer que salva um mundo inteiro, bem como o que perde uma só vida perde um mundo inteiro." [1]

A eschola de escriptores a que pertence Wellhausen sustenta que a narrativa da "queda" de homem não só não é historica mas que representa um pensamento theologico já amadurecido durante muitos e muitos seculos, de muito mais tempo do que o em que se tem ido formando a actual theologia sobre o peccado e a peccabilidade. Assim o escriptor Jahvista (J) que floresceu um ou dous seculos depois do reinado de David aproveitou (como já se mostrou) estas veneraveis tradições da mais alta antiguidade e cuja fórma se foi depurando e aperfeiçoando no correr do tempo. Não significa isto, porêm, que o colleccionador dessas tradições, dando-lhes fórma escripta e definida, não se eximisse de emprestar-lhes o seu cunho pessoal e neste caso (diz essa eschola de escriptores) J coloriu a narrativa com o ambiente de ideias da sua epocha, quando já viviam os primeiros prophetas. Não só nestes primeiros capitulos de *Gen.* como para o deante se vê como eram primitivas as ideias religiosas dos Hebreus. Apezar da lição moral da historia e do modo magistralmente artistico com que J a vasou, é preciso não procurar nella pensamento theologico mais profundo do que ella pretende expôr.

Sustentam esses escriptores, como Wellhausen, Budde, Holzinger e Tennant, que na historia da "queda" não se diz, nem implicitamente que a desobediencia de Adão tivesse *pervertido* a sua naturesa: o não terem conhecido que estavam nús significa apenas que partilhavam a ignorancia da meninice e não possuiam os conhecimentos mais rudimentares da civilização. A narrativa nada nos refere quanto á desobediencia de Adão ser a causa primordial da peccabilidade de toda a raça, e de sua deterioração. J sem duvida descreve como os homens se tornaram peccadores no correr do tempo: não diz, porêm, palavra sobre provirem os seus peccados da mudança causada em sua naturesa pelo peccado de Adão.

Esses escriptores entendem que J não quiz tanto descrever como entrou no mundo o peccado como o facto que os males da vida provêm do saber e da civilização. Outros entendem que elle procurou dar a origem da morte e não do peccado.[2] A maior parte, porêm, entende que dá a origem do peccado mas só incidentalmente.

Em todo o caso Wellhausen e Hoffmann sustentam que não foi por comer do fructo prohibido que o homem adquiriu o conhecimento *moral* pois elle já de antemão podia distinguir entre obedecer e desobedecer e

[1] Cit. em K. Kohler, *Jewish Theology*, pag. 208 (New York, 1918).

[2] Sobre estas opiniões diversas v. Clemen, *Lehre von der Sünde*, pags. 151 e seg.

Deus não queria de certo crear o homem amoral. O que Elle prohibiu foi o conhecimento mais profundo, a argucia, a curiosidade excessiva de saber, do segredo das cousas e suas causas, que eram prerogativas divinas; e Wellhausen chama attenção para o facto que as palavras hebraicas que traduzimos por bem e mal significam originariamente benéfico e maléfico. E é isto tanto a verdade que quando Deus vestiu Adão e Eva e os ia expulsar do Paraiso, disse (*Gen.*, 3 : 22, 23) : "Eis ahi está feito Adão como um de nós, conhecendo o bem e o mal. Agora, pois, para que não succeda que elle lance a sua mão e tome tambem da arvore da vida e coma e viva eternamente, o Senhor Deus o lançou fóra," etc.

Assim J quiz dar a legenda que correu tantos seculos sobre a transição do homem natural e inculto para a do seu progresso, sobre a sua sêde pelos conhecimentos que ao mesmo tempo é a origem dos seus males physicos e a transição da innocencia á culpabilidade. E esta legenda não destoava das crenças correntes nesses tempos em que a ideia dos poderes de Deus era muito limitada, pois Deus não passava de um simples *baal* local. Mesmo em *Gen.* encontram-se varias provas disto. A legenda da confusão das linguas na Torre de Babel (*Gen.*, 11 : 1-9) traz laivos do ciume que Deus tinha do homem que não desistiria do seu intento menos que o tivesse executado (vers. 6). O proprio vers. 22, supracitado, tem um vestigio polytheista no "Como um de *nós.*" Em outras passagens tambem ha vestigios do supposto resentimento de Jahveh contra tentativas do homem de invadir as Suas divinas prerogativas, como quando David mandou fazer a resenha do seu povo para saber o seu numero (2 *Reis.*, cap. 24).

Demais a mais convém notar, observam ainda esses auctores, que na alta antiguidade e até mais recentemente, as legendas populares attribuiam á agencias diabolicas os conhecimentos do homem nas sciencias e artes. Não se póde duvidar do caracter demoniaco da serpente que, como diz Robertson Smith,[1] não era apenas uma representação passageira de Satanaz, pois do contrario a sua punição seria inexplicavel. E sabido tambem que entre os Phenicios e os Arabes corria a superstição que as arvores pronunciavam oraculos.[2]

[1] *Religion of the Semites*, pag. 422 (ed. de 1894).
[2] Lenormant, *Les Origines de l'Hist.*, pags. 86 e seg.

CAPITULO XXVII

CAIM E ABEL—OS PRINCIPIOS DAS ARTES—HEROES ANTEDILUVIANOS

Depois de nos dar as legendas sobre a Creação e a introducção do peccado no mundo o auctor biblico passa a referir-nos conjunctamente outras legendas sobre os primeiros resultados do peccado, na propria familia de Adão e Eva, resultados que vão até o primeiro homicidio. E o escriptor, que é J, o mais antigo, quiz tambem archivar com essa historia as pristinas tradições sobre a antiguidade dos sacrificios, sobre o modo efficaz por que Jahveh espósa sempre a causa do innocente, e, punindo o delinquente, protege-o sempre; sobre a origem do nomadismo (a que Caim foi condemnado); sobre a origem das artes do deserto e até sobre a origem das cidades; acabando por dar noticia da descendencia de Caim até Lamech, pai de Noé, ao que J^2, isto é, um continuador, accrescentou uma nota sobre o nascimento de Seth, o terceiro filho de Adão e substituto de Abel. Tudo isto occupa o cap. 4 de *Gen.*, que é assim distribuido: vers. 1-2, nascimento de Caim e Abel; 3-7, ambos offerecem sacrificios a Jahveh, que olhou para o de Abel; 8, Caim, irado, mata o irmão; 9-15, Caim punido por Jahveh, que lhe põe um signal para poder escapar da morte, por vingança do sangue que derramou; 16, Caim sahe da presença de Jahveh; 17-18, sua descendencia até Lamech; 19, Lamech bigamo; 20-24, seus filhos "pais" de varias invenções; 25-26 (de J^2) nascimento de Seth, filho de Adão e Eva, e pai de Enoch.

Neste cap., pois, temos, fundidas, varias legendas, e é preciso admittir com Budde,[1] de epochas diversas e ás vezes contradizendo-se. A legenda propriamente de Caim e Abel, que parece de origem canaanita ou então beduina, e completa em si mesma, vê-se bem ter sido escripta pela mão de mestre do brilhante J. Ella, porêm, não póde allegar a mesma antiguidade da do primeiro peccado.

Esta legenda mostra que já no tempo destes filhos de Adão

[1] *Die Biblische Urgeschichte* (1883), pag. 183 e seg.

havia perfeita distincção das duas classes—pastores e lavradores; já deviam estar em voga os sacrificios, e, mais ainda, já parecia corrente que o melhor sacrificio, o que mais toca á divindade, é o de sangue,—tudo isto indicando que, antiga como seja a legenda, não póde ter por fundo o scenario primitivo da humanidade. E não é tudo. Caim, punido, receia a "vingança do sangue,"—que é realmente a baze da justiça entre os Beduinos, segundo os quaes solta-se do sangue ou dos ossos da victima de homicidio uma coruja que constantemente grita: "Dêm-me de beber," até que seja espargido o sangue da vingança.[1] E este costume, pois, era de epocha muito posterior. Além disso, Caim aterrorisa-se de ter de andar "vagabundo na terra,"—de ser nomade (vers. 14); e logo adeante (vers. 17) elle edifica uma cidade, de modo que a narrativa não parece mais lidar com o deserto. O que parece haver aqui é uma coalescencia de tradições de que J usou para seus intuitos religiosos, pois que ellas entre os Israelitas já tinham tomado esta feição definitiva.

A narrativa do cap. 4 dá-nos a origem dos nomes Caim e Abel, mas bem precarias são taes origens, pois, vindo muitas vezes da similhança de certos vocabulos com a expressão da ideia que se pretende inculcar, e taes vocabulos tendo passado por muitas modificações, até as inconscientes dos copistas, não podem ellas ser verificadas hoje. Convém notar-se que nestas narrativas antigas de JE é sempre a mãe quem dá o nome á criança (v. *Gen.*, 29 : 32-35 ; 30 : 1-24), ao passo que na narrativa de P é o pai quem isto faz (13 : 13). Ao nascer Caim, diz o texto, Eva exclamou: "Adquiri um homem por Jahveh," *Kaniti ich et-Jahveh* que se tem bem traduzido por *pelo favor de Jahveh*, graças á sua intervenção,—que é o que significa o original *por Jahveh*.[2]

Caim, diz-nos o texto, dedicou-se á vida do agricultor e Abel á da criação de carneiros.

No decurso do tempo, ou *post multos dies*, como diz a *Vulg.*, os dous irmãos trouxeram seus dons, suas oblações, a JAHVEH: e naturalmente cada um offereceu a DEUS do que tinha, Caim dos fructos da terra e Abel "das primicias do seu rebanho e de suas gorduras." E JAHVEH "olhou para Abel e para os seus dons e não para os de Caim. Este irou-se sobremancira e o seu rosto descahiu; e o SENHOR perguntou-lhe a razão

[1] A. R. Gordon, *The Early Trad. of Gen.*, pag. 203. Esta vingança do sangue, porêm, segundo W. Robertson Smith, *Rel. of the Semites*, pag. 33, só prevalecia entre os membros da mesma tribu.

[2] E insustentavel a interpretação forçada que na Edade Média davam a esta difficillima expressão hebraica, querendo ver nella a promessa messianica da Incarnação de CHRISTO.

disto, accrescentando : " Si obrares bem não serás acceito ? E si não obrares bem, o peccado agacha-se á tua porta. Para ti será o seu appetite, mas tu dominarás sobre elle." E Caim convidou a seu irmão a sahir ao campo. E ahi se levantou elle contra Abel e o matou. JAHVEH, que tudo vê, perguntou a Caim onde estava seu irmão e Caim redarguiu insolentemente si era elle o guarda de Abel. E DEUS logo o informa que " a voz do sangue do teu irmão clama da terra até a Mim." E Elle amaldiçôa " Caim sobre a terra," que abriu a sua bocca para receber o sangue fraterno. A terra não lhe dará mais fructos, ainda que cultivada : e sobre ella Caim andará fugitivo, cambaleando e vagabundo.

Nem assim parece Caim arrepender-se. Apenas mostra grande medo de sua sorte. Todo o que o vir, diz elle, julgar-se-ha com o direito de matal-o, em virtude de lei do sangue pelo sangue ; JAHVEH, porêm, declara que o protegerá e deu-lhe um signal, que o texto omitte dizer qual era, " para que o não matasse quem quer que o encontrasse." E logo em seguida, accrescenta o texto : " Caim, tendo-se retirado de deante da face de JAHVEH, andou errante pela terra, e ficou habitando no paiz que está ao nascente do Eden."

Esta lenda posta em seguida á da queda do homem, não é, como dissemos, da mais alta antiguidade. Notemos, logo á primeira vista que, os homens já se dedicavam á agricultura e á criação de animaes, o que presuppõe alguma cultura. Além disto já elles offereciam a DEUS sacrificios de productos da lavoura e dos rebanhos, o que attesta consideravel progresso rural e religioso. A accentuada referencia da lei trival do sangue pelo sangue, já por JAHVEH e já pelo proprio Caim, vem ainda corroborar que tracta-se de uma legenda bem mais moderna do que a epocha em que fazem passar os acontecimentos narrados, legenda que o espirito hebreu foi depurando e que explicava, assim inspirada, não só a origem do crime no mundo como a da vida do deserto, além da origem das artes, como depois veremos. Antes de tudo temos nessa historia a primeira menção do *sacrificio* na Biblia, não que o escriptor sagrado o explique, mas elle sem preambulo diz simplesmente que os irmãos offereceram dons a DEUS e esses *dons* ou *oblações* é o que as versões nos apresentam como *sacrificios*, assumpto este que em outra secção desta obra, sobre a *Religião dos Israelitas*, será tractado por menor. Aqui diremos penas que a origem dos sacrificios perde-se na noite dos pristinos dias da humanidade. Com o anthrophormismo na sua puericia podemos bem crer que a principio o crente offerecia á divindade qualquer cousa das que lhe eram mais caras ; e como nas primeiras éras

acreditava-se que a divindade comia e bebia como nós, a ideia das oblações de carnes de animaes e de vegetaes devia ter ganho terreno, começando-se até a formar um *ritual*, que se foi desenvolvendo. Na Biblia, repetimos, nada se nos diz sobre a origem do sacrificio : a referencia mais antiga a este respeito é esta de J, e ahi mesmo só ha indicação de que as oblações eram de animaes "com suas gorduras," e de fructos da terra. Mas não se falla de altar, si já os havia então, nem de outros ponctos importantes. A legislação levitica do Pentateuco já contém um desenvolvimento das ideias sobre sacrificio que vogavam anteriormente ao Seculo VIII A.C., agora consolidadas. E nas partes mais antigas, fóra do codice sacerdotal de P, as referencias são escassas. Como veremos, Abrahão, quando impedido de sacrificar Isaac, viu um carneiro, embaraçado entre espinhos, e apanhou-o e o "offereceu em holocausto," e "em logar do seu filho" (*Gen.*, 22 : 13). Depois do seu pacto com Labão, Jacob immolou "suas victimas no monte e convidou seus irmãos para comer pão" (*Gen.*, 31 : 54)—fazendo assim o que depois ficou conhecido como oblação pacifica.

No sacrificio da *alliança* entre JAHVEH e Abrahão, este tomou uma vacca, uma cabra, um carneiro e dous pombos e sacrificou-os (*Gen.*, 15 : 7-14). Accordando da visão da escada, Jacob tirou a pedra que lhe servira de travesseiro e "a erigiu em padrão, derramando oleo sobre ella" (*Gen.*, 28 : 18), mostrando isto que já usavam então as libações. Mas, antigas como sejam estas praxes ritualisticas, não explicam a origem dos sacrificios.

Offerecendo á divindade dons e oblações, os primeiros crentes, como dissemos, escolhiam as cousas que, pensavam, mais podiam agrada-la. E como naquelles tempos acreditavam que os deuses comiam e bebiam [1] e elles, crentes, sentiam a necessidade da communhão divina, pensavam que esta offerta de comidas e bebidas, em que elles participavam eram o que de melhor podiam depôr aos pés da divindade. Entre os Semitas estes festins sacrificiaes assumiam marcada significação, pois não comiam sinão com os da mesma tribu, e quando nella se admittia algum novo membro era por uma comida em commum que sellavam o pacto da admissão, costume aliás ainda hoje observado em tribus árabes.

Como material escolhido para os sacrificios usavam de animaes domesticos, considerados *limpos*, e vegetaes cultivados,

[1] Esta crença não era só dos Hebreus, mas tambem dos Phenicios, dos Egypcios e até dos Gregos. Homero, *Illiada*, 9 : 531, refere-se ás hecatombes dos deuses. Na Babylonia collocavam mesas de iguarias nos templos para os deuses, e neste caso eram os sacerdotes que as comiam á noite, ao passo que a superstição attribuia o facto aos deuses.

inclusive a uva sob a fórma do vinho, e a azeitona sob a do azeite. No principio os Semitas, nomades, não se alimentavam sinão de leite, sob fórmas diversas, e de tamaras e mel sylvestre; a carne era para elles manjar precioso que obtinham só pela caça, alias bem pouco farta. E da carne apreciavam muito o sangue que, acreditavam, dava-lhes vida, sendo elle mesmo a vida do animal. Até o tempo de Mahomed os Arabes deliciavam-se no sangue do camelo e em epochas de privações sacrificavam o proprio camelo.

Assim, no correr dos tempos, o principal e mais rico sacrificio dos Semitas consistia de carne; e no tosco altar de pedra derramavam o sangue do animal sacrificado, que tinham como a sua melhor porção. Acreditavam que a divindade comia esta carne com elles, estabelecendo assim a communhão; mas a parte mais preciosa do sacrificio, o sangue, pertencia-lhe inteiramente, sendo escorrido sobre o altar no chão. No *Ps.*, 49 : 13 ha uma lembrança suggestiva desse pristino ritual quando Deus pergunta: "Por ventura comerei carne de toiros ou beberei sangue de cabritos?"

O ritual israelita foi depurando estas ideias até fixar-se no chamado Codigo Sacerdotal de P, promulgado no Seculo V A.C.[1] O sangue foi sempre tido como cousa sagrada, como a séde da alma (*nephec*) e principio da vida: "a vida do animal está no sangue" (*Lev.*, 17 : 11), e disso se originam as crenças e prácticas religiosas dos Israelitas.

Revertendo agora á nossa narrativa dos sacrificios de Caim e Abel, nada nos diz ella, repetimos, por que razão Deus agradou-se da oblação deste e não da de Caim. Podemos attribuir a preferencia egualmente ao facto de consistir a de Abel no sacrificio animal, na effusão de sangue; e a de Caim a uma mera oblação, sem outro sentido, sem esse sangue. Tambem póde ser que Deus tivesse considerado o estado de espirito de um e outro, pois é certo que Elle "olha" mais para isto do que para a dadiva. É natural que Abel offerecendo "das primicias do seu rebanho e das suas gorduras" (*Gen.*, 4 : 4), tivesse considerado o lado mystico da significação da effusão de uma vida á Aquelle que havia determinado a morte para o homem; e que esta ideia não existisse na oblação de Caim, a qual carecia assim do verdadeiro sentimento religioso.

A palavra *sacrificio* era no Hebraico *zebach*, que litteralmente significava *matado*, assim como o logar em que o animal era matado chamava-se *misbeah*, com que tambem no Hebraico se designa o *altar*. No decurso do tempo o ritual foi desenvolvendo mais e mais o sacrificio animal com esparzimento

[1] Vide adeante o cap. LVI sobre a "Legislação Mosaica e o Cod. Sacerdotal."

de sangue, que teve sempre o primeiro logar. Nos escriptos mais antigos da Biblia ha referencias ao *holocausto* (de *ola*) em que a victima offerecida á Divindade era toda queimada no altar; ao *zebach* já citado, em que ao sacrificio animal seguia-se um manjar com a carne da victima; e á oblação pelo peccado ou *hattath*. Além disso, referem-se ás oblações de cereaes ou *minha*. Tudo isto será depois estudado.

O sacrificio de animal, lembrando a morte, constituia o principal e o mais agradavel sacrificio á Divindade, como o quiz inculcar o escriptor da narrativa do primeiro homicidio, que foi tambem o primeiro fratricidio. A interpretação christã desta preferencia pelo sacrificio de Abel é a do auctor da Epistola aos *Hebreus*, cap. 8, que veiu explicar por menor como o sangue do ritual do V. T. era apenas symbolico; e que nós achamos a redempção eterna, não por sangue de animaes, mas pelo proprio sangue do Senhor Jesus Christo, que "pelo Espirito-Sancto se offereceu a si mesmo sem mácula a Deus." Ainda mais, diz a Epistola (12 : 24), nós Christãos, nos chegamos a Deus pela "aspersão do sangue que falla melhor que o de Abel." [1]

A evidente preferencia dada por Deus á oblação de Abel fez com que Caim concebesse desde logo profunda aversão ao irmão e premeditasse elimina-lo da terra. Mas Deus, percebendo o seu rosto descahido, avisou-o de que o peccado, como a fera, fica, na porta, á espreita de quem póde devorar; e que nós devemos domina-lo. Apezar de tão solemne intimação (que é magistralmente narrada por J no seu estylo inimitavel) Caim realizou o seu malvado intento. Deus "ouviu a voz do sangue" de Abel desde a terra. A ideia corrente entre os Israelitas era que, quando o sangue humano não tinha vingador, Jahveh o vingava, e tambem que, emquanto o sangue não era coberto de terra, não tinha repouso. É por isso que Job na sua dôr exclama (*Job*. 16 : 19):

> "O' terra, não cobre o meu sangue,
> Não sejam suffocados os meus gritos por vingança!
> Porque eu tenho ainda uma testemunha no céo,
> E um abonador no empyreo!" [2]

É com effeito a terra que Caim cultivava não daria mais os

[1] Sobre este assumpto consultem, além dos diccionarios biblicos, sobretudo Wellhausen, *Prolegomena* e *Skizzen und Vorarbeiten*, *Reste arab.*, *Heidenthums* e W. Robertson Smith, *Rel. of the Semites*, Lect. VI. V. Tambem Tylor, *Primitive Culture* (1891); Kurtz, *Der Alte Test. Opfercultus*; Trumbull, *The Blood Covenant* (New York, 1885), e a doctrina do sacrificio e da expiação nas obras especiaes de theologia.

[2] Segundo a versão de Ernesto Renan.

seus fructos e elle andaria como um vagabundo e fugitivo no deserto. Nem esta sentença pareceu avivar o seu senso moral; elle mostrou não o arrependimento sincero, mas tão somente medo do castigo; e o desgraçado só sahiu da presença de JAHVEH tendo ouvido d'Elle palavras de misericordia, quando elle devêra soffrer muito pelo seu crime, segundo o seu proprio testemunho.

O escriptor sagrado passa a nos dar um lista dos descendentes de Caim e a mostrar-nos a origem das primeiras manifestacões da civilização.

O primeiro filho de Caim foi Enoch, Hanoch no Hebraico. E aqui poderiamos bem perguntar quem foi a mulher de Caim, e responder que só podia ter sido sua propria irmã si não soubessemos que o escriptor misturou e fundiu com esta varias tradições antiquissimas sobre a origem do peccado do homem contra o homem, sobre o primeiro homicidio, a antiguidade dos sacrificios e as origens das artes na vida nomade do deserto. É tambem por isso que custa a crer que, em vida ainda de Adão e Eva, Caim, que foi mandado vagamundear a terra, tivesse edificado uma cidade como diz o vers. 16.

De Enoch e seus filhos foram nascendo:

Irad, Mehujael, Methusael e Lamech. Teve este ultimo trez filhos, de duas mulheres, Ada e Zilla—primeiro exemplo de polygamia na Biblia, depois seguido bem geralmente e que o Deuteronomio restringiu (21 : 13-20; *Lev.*, 18 : 6-20) até que JESUS CHRISTO veiu condemnar. Trez filhos teve Lamech, aos quaes o collector das tradições dá realce especial: Jabal, Jubal e Tubal-caim, além de uma filha. Jabal foi "o pai" (o primeiro) "dos que habitam tendas e possuem gado,"—isto é, da vida beduina, errante. Ao segundo attribue-se o ter originado a arte de tocar "cythara e orgam," que é como A. P. de Figueiredo traduz o "cithara et organo" da *Vulg.*, e que deveria ter sido traduzido do Hebraico, segundo as melhores auctoridades como "cythara e flautins,"—como era natural que fossem os primeiros instrumentos musicaes no deserto. Finalmente a Tubal-caim "que foi official de martello e artifice em toda a qualidade de obras de cobre e de ferro," que é como a *Vulg.*, se sáe de um texto realmente difficil e obscuro.

O escriptor quiz assim dar-nos ideia de como foram os inicios das artes, começando pela mais antiga, a musica, e seguindo-se a do preparo de instrumentos uteis de metal, vindo antes o bronze, ahi chamado cobre, e depois delle o ferro. Está visto que o texto não se remonta ás pristinas epochas da edade da pedra, em que o homem para fazer esses instrumentos soccorreu-

se primeiro deste producto natural, quando subsistia da caça e da pesca. A irmã destes trez " pais " da civilização, chamava-se Naamah, que quer dizer agradavel, ao passo que os trez nomes Jabal, Jubal e Tubal lembram, pela sua alliteração, um characteristico commum a genealogias legendarias, como o nota Lenormant, que observa tambem que os Phenicios adoravam uma deusa Naamah,—que a LXX dá por *Noema*, conservado pela *Vulg.*

Essas antiquissimas tradições dos Hebreus, e que precederam á sua propria historia, tiveram seu berço na Babylonia e na Phenicia, d'onde se transplantaram para Canaan e, depuradas de seu polytheismo grosseiro, accommodaram-se ao instincto mais elevado dos Israelitas. Na mythologia phenicia a civilização foi introduzida de oito pares de irmãos, aos quaes attribuiam-se as invenções da agricultura, da pesca, da arte de fazer tijollos, etc.

Depois de dar esta ligeira genealogia de Caim e chegando ao pai desses trez irmãos inventores, o escriptor biblico nos conserva a velhissima tradição, em verso, do chamado " canto da espada " de Lamech. Evidentemente este extasia-se com o invento do filho Tubal-caim, que produz espadas cortantes e a legenda antiga empresta-lhe estes trez disticos :

> " Ade e Zila, ouvi a minha voz :
> Mulheres de Lamech, ouvi a minha palavra :
> Pois eu mato um homem por uma ferida
> E um rapaz por um golpe.
> Pois Caim toma vingança septe vezes
> Mas Lamech septenta vezes mais septe ! "

Está visto que fallando ás suas mulheres Lamech dirige-se a todas as outras da sua tribu. Caim é ahi mencionado como a tribu mais notavel pelo seu cruel espirito vingativo : as novas armas de metal multiplicam o poder dessa vingança. Reproduzindo estes versos,—os mais antigos na Biblia, com o " canto de Debora "—o compilador nos dá ideia de como decahiu o homem, expulso da presença de Deus : a sua justiça tornara-se simplesmente a da força agora exaltada pelo invento humano. Infelizmente ainda agora vimos no mundo a reproducção dos mesmos principios, e que Deus manifestamente reprimiu.

Antes de proseguir na historia de outro descendente de Lamech, o grande Noé, o escriptor Jahvista, J, nos diz que Adão e Eva tiveram um filho em substituição a Abel, e a que Eva chamou Seth (Sheth) dizendo que Deus *designara-lhe* (em Heb. *shath*) outro filho em logar de Abel, morto por Caim ; e

que de Seth descendeu Enoch e que foi desse tempo que os homens começaram a invocar *o nome* de DEUS.

O Livro de *Genesis* dá agora novamente a palavra ao escriptor ao sacerdotal P, mais moderno que, naquelle seu estylo sêcco, ordeiro e methodico nos traça o quadro genealogico de Adão a Noé,—ao Diluvio. Escrevendo a historia dos " Principios " do mundo e da sua nação, elle conservou ahi as tradições tão velhas sobre esse periodo ante-diluviano, tradições tambem originadas na Babylonia.

Como nesta, P refere que viveram por esses tempos dez grandes heroes, que todos chegaram á edade desde trez e meio seculos (o que menos viveu) até nove seculos e meio, e delles dá noticia todo o cap. 5 de *Gen.* O mesmo chavão é applicado ás vidas de todos : F. tendo vivido—annos gerou a—e depois disto viveu—annos ; e todos os dias da sua vida foram—annos. Esta repetição, já o vimos, é bem do character e estylo de P.

Eis aqui a tal relação dos dados referentes a esses dez heroes ante-diluvianos segundo os trez textos, hebraico-massoretico, samaritano e grego ou dos LXX, os quaes neste poncto muito variam entre si,—o hebraico sendo considerado o mais antigo e certo.

	EDADE QUANDO NASCEU O PRIMOGENITO			EDADE TOTAL		
	Heb.	*Sam.*	*LXX*	*Heb.*	*Sam.*	*LXX*
1. Adão . . .	130	130	230	930	930	930
2. Seth . . .	105	105	205	912	912	912
3. Enos . . .	90	90	190	905	905	905
4. Cainan . . .	70	70	170	910	910	910
5. Malaleel . .	65	65	165	985	895	895
6. Jared . . .	162	62	162	962	847	962
7. Enoch . . .	65	65	165	365	365	365
8. Mathusalém . .	187	67	167	969	720	969
9. Lamech . .	182	53	188	777	653	753
10. Noé . . .	500	500	500			
,, até o Diluvio .	100	100	100			
Da creação do homem ao Diluvio . .	1656	1307	2242			

Esses nomes não representam pessoas reaes mas as figuras que a alta antiguidade prehistorica concebia que deviam ter existido. E o mesmo se póde dizer da longevidade desses

heroes pois a estructura do corpo humano em nenhuma epocha poderia durar mesmo os 365 annos de Enoch.

Esses dez patriarchas correspondem aos dez do mytho babylonico, que nos é conservado pelos extractos que temos de Berosso em Maspero. Segundo o *Genesis* o periodo entre a Creação do homem e o Diluvio foi (M.S. hebraico) de 1656 annos; na legenda babylonica esse periodo estendeu-se por 120 *sars* de 3,600 annos ou o total de 432,000 annos, divididos tambem em 86,400 lustros de cinco annos cada um. Eis os nomes dos dez heroes babylonicos com os annos que a legenda diz que viveram:

1. Aloro, 36,000 annos.
2. Alaparo ou Adapa, 10,800 annos.
3. Amelon ou Amilu, 46,800 annos: o nome significa como o 3º. de *Genesis*, Enos, *homem*.
4. Ameron ou Umanu (artifice), 43,200 annos, que corresponde ao quarto de *Gen.*, Cainan, Kenan, ferreiro.
5. Amilaharo ou Amil-aruru (homem de Arurú), 64,800 annos, correspondente ao Malabel, o sexto de *Gen.*, e que é antes Amil-alil que significa "louvor a DEUS."
6. Daos, 36,000 annos.
7. Evedoraco, 64,800 annos, ao qual corresponde Enoch. Fallando deste diz *Gen.*, 5 : 24: "E elle andou com DEUS: e não appareceu mais, porque Elohim o levou." Isto é, ouvia a DEUS e desappareceu da companhia dos homens. Ora este Evedoraco de Berosso é justamente o Emmeduranki das inscripções babylonicas e que recebeu os segredos dos deuses. Nellas o Noé babylonico é transladado á companhia dos deuses, attingindo a "vida," e Berosso bem traduziu o "foi transladado" por γενέσ θαιάφανῆ.[1]
8. Amenpsino ou Amil-Sin (homem de Sin, o deus da Lua), 36,000 annos, que corresponde a Mathusael (Mathusalem), o homem de DEUS."
9. Otiartes ou Ardates, 28,800.
10. Xisutro ou, em Babylonico, Hasis-atra, em cujo tempo occorreu o Diluvio e que corresponde á Noé.

É evidente, pois, que o escriptor P inspirou-se nas legendas da Babylonia, já modificadas pelo espirito israelita de severo monotheismo.[2] Sobre a chronologia deste periodo em *Genesis* surgem muitas questões de que tractaremos mais adeante (cap. XLI).

[1] A. Jeremias, *Des Alt. Test. im licht* . . . vol. I, cap. VII.
[2] V. Lénormant, *Origines de l'Hist.*; e os commentarios de Skinner e Driver; Gunkel, *Genesis übersetz und erklärt.*

Logo em seguida á noticia desses primeiros seculos da humanidade *Genesis* nos dá o trecho de um mytho muito espalhado por outros paizes, além de Canaan. Nos primeiros dias em que o homem começou a propagar-se " os filhos dos deuses viram que eram formosas as filhas dos homens e tomaram para si mulheres de quantas escolheram. . . . Ora naquelles tempos havia os Nephilim (gigantes) sobre a terra," gerados desse intercurso ; e " elles foram uns valentes, e afamados na antiguidade " (*Gen.*, 6 : 1-4).

Esta historia nada tem com o trecho anterior nem com o que se segue na narrativa, que se occupa da corrupção que existia na terra e que fez com que Deus mandasse o Diluvio. Esses " filhos dos deuses " não eram " participantes da naturesa divina," mas servos, mensageiros e anjos de Deus.

A LXX assim traduziu a palavra por ἄγγελοι.

Eram seres sobrenaturaes.

Em muitas nações circulava o mesmo mytho. Os Gregos tiveram os seus Titans ; e os dez reis ante-diluvianos da Babylonia eram gigantes. Entre os poetas gregos e latinos nós somos hoje anãos em comparação com estes suppostos habitantes antigos da terra. A noção corrente sobre estes semi-deuses era tão arraigada entre os Israelitas que por muito tempo acreditavam na existencia de gigantes. Os doze homens que Moysés mandou reconhecer a terra de Canaan ali encontraram, segundo alguns delles, habitantes " de estatura extraordinaria," e " certos monstros, filhos de Enac, da raça dos gigantes e comparados com os quaes pareciamos nós uns gafanhotos " (*Num.*, 13 : 33, 34). Eram estes os Enacim ou Anakim.

Entre os outros gigantes que os Israelitas criam existir contam-se os Rephaim, os Emin, os Zamzurzim ou Zuzim.

CAPITULO XXVIII

O DILUVIO

Faz parte das primitivas tradições de todos os povos antigos a historia de um diluvio universal, quando a terra começava a ser habitada, e que teria destruido todos os animaes excepto uma familia humana e alguns irracionaes typicos.

A mais antiga das versões dessa historia, até hoje descobertas, é a da Babylonia, que julga a critica moderna remontar-se a trinta e cinco seculos A.C.; e da Babylonia ella sem duvida passou aos Hebreus, e a Canaan onde a influencia das lendas, da religião e da litteratura daquelle paiz era tão assignalada. Como acontece com todas estas pristinas tradições, ellas refundem-se segundo o character, o temperamento, e o genio intellectual e religioso dos povos que as perfilham e nutrem, de modo que vão apresentando, no decurso do tempo, variações que dão interpretação toda diversa aos seus elementos principaes.

Mostraremos qual era a tradição babylonica e assim tambem que são conservadas na Biblia, duas versões diversas, uma das quaes, entende a critica, é posterior á outra por cinco seculos e, por conseguinte, mais adornada e completa. Antes, porêm, de considerarmos este lado litterario da antiga tradição, propomo-nos a apresentar e desenvolver a narrativa compósita do Diluvio e suas consequencias como nol-a dão os caps. 6-9 do *Genesis*, com a sua elevadissima lição religiosa.

Voltando as costas ao Creador, rebelde á Sua voz na consciencia, repudiando a luz que procura guia-lo, o homem vai cahindo de abysmo em abysmo até o fundo de irremediavel perdição. A Biblia nos diz muito pouco sobre o estado moral do mundo depois dos crimes de Caim e de Lamech, mas esse pouco demonstra um gráo de extrema depravação, oriunda de concupiscencia carnal e de violencias; e a terra estava "cheia de iniquidade," porque "toda a carne tinha corrompido o seu caminho sobre a terra." Mal podemos descortinar a que gráo chegára esta iniquidade universal, mas de como se tornára excessiva é claro pelo sentimento que a sua perspectiva causou

a DEUS e á Sua resolução de "dar cabo de toda a carne." Vendo o SENHOR que "era em extremo grande a malicia dos homens na terra e que todos os pensamentos dos seus corações em todo o tempo eram applicados ao mal" [1] "pezou-lhe ter criado o homem na terra,"—não o sentimento de odio ou ira, que o CREADOR não teve nem tem para a sua creatura, sobretudo para o homem, mas o pezar, a dôr (*ingemuit*, *doluit*, Gesenio; *poenitet eum*, Vulgata) por ver que abuso terrivel fizéra elle do livre arbitrio e do coração que lhe déra. E o SENHOR "tocado interiormente de dôr" resolveu dar cabo de toda a carne, derramando sobre a terra as aguas de um diluvio que consumisse tudo que havia sobre a terra: castigo terrivel e que o proprio narrador sagrado diz quanto custou ao recto JUIZ decretar.

No meio, porêm, desta corrupção geral, havia um justo que conservava intacta a fé em DEUS e que trazia sua familia na disciplina da obediencia e do temor divino. "Noé achou graça deante do SENHOR,"—achou-a porque procurou-a a despeito do ambiente que respirava. O SENHOR avisa-o do que está resoluto fazer: constitue assim Noé como o herdeiro da salvação gratuita,—como um testemunho, no futuro, da Sua justiça e da Sua misericordia. A terra é condemnada: mas este germen são de humanidade, que não desmentiu da obra do seu CREADOR, vai ser salvo por ELLE mesmo, e do modo por que lhe vai indicar.

"Faze para ti uma Arca de madeiras resinosas" diz o Senhor a Noé. E não só DEUS lhe mostrou o material mas a fórma e dimensões da estructura. As taboas da Arca deviam receber uma camada de bitume (ou antes *asphalto*) por dentro e por fóra, afim de tornal-a impermeavel e garantir-lhe a durabilidade necessaria. Suas dimensões seriam: trezentos cubitos de comprimento, cincoenta de altura e trinta de largura, ou (tomando o cubito como a extensão do cotovello á ponta da mão, isto é, cêrca de 53 centimetros) 160 metros sobre 26.50 e 16 metros,—sendo pois das dimensões dos navios que ultimamente se têm feito, porém mais larga. O seu fundo chato dava-lhe a estabilidade necessaria, assim como augmentava consideravelmente a sua capacidade cubica. A Arca teria uma *janella* (fenestram) que era antes uma extensa claraboia; e, ao lado, uma porta. Interiormente dividir-se-hia em tres

[1] *Gen.*, 6:5. A traducção litteral do Hebraico é: "e que toda a imaginação dos pensamentos do seu coração era só o mal todo o tempo"—o que de certo é mais accentuado do que na Vulgata.—JESUS CHRISTO tambem ensinou que (*Matt.*, 15:19) "do coração é que sahem os máos pensamentos . . . cousas que fazem immundo o homem." Ahi acha-se, latente ou não, consciente ou não, o mal subjectivo, a origem procreadora dos máos pensamentos, que constituem o peccado.

andares com cubiculos ou cellas. Nessa estructura, com que DEUS tambem ensinou ao homem os elementos da arte da navegação e de evitar os perigos do "abysmo" deveria Noé introduzir macho e femea de todos os animaes conhecidos,— das bestas da terra, dos reptis e das aves; e, alem disso, o alimento necessario a todos.

Acabada a construcção da Arca, mandou o SENHOR que Noé entrasse nella, com sua familia composta delle, da mulher, de tres filhos e suas tres mulheres; e com os animaes, divididos já naquelle tempo em puros e impuros, como depois o confirmáram os regulamentos leviticos. Disse-lhe JAHVEH (DEUS aqui apparece com o Seu nome de Juiz e Legislador do homem): "Entra na Arca, tu e toda a tua casa: porque vi que eras justo deante de mim, dentre os desta geração." Era o signal do juizo imminente. É a justiça da fé, no meio de pessima geração, que vai salvar a Noé e a sua familia, que DEUS faz solidaria na sua justiça. A sua fé merece ser acceita como o anniquilamento de suas faltas.

A JAHVEH não escapou ver esta unica tenda de um justo; a Elle nada escapa, nem um passarinho que cahe. Noé *andara* com JAHVEH: e Elle viu que o seguia. Si de um lado a depravação do homem provocava a justiça divina de um modo tão rigoroso, do outro lado nunca se havia manifestado tanta condescendencia de DEUS, primeiro, com o proprio mundo carnal que ia obliterar, como demonstrou pelo *pezar* que sentia; e em segundo logar com o unico justo, a quem salvou e a quem prometteu desde logo uma alliança de bençam e misericordia,— uma alliança (fallando reverente e anthropopaticamente) em que JAHVEH, por assim dizer, arrependia-se de ter exercitado o seu justo juizo. Si desse mundo de iniquidade escaparia sómente um, é que o nosso segundo progenitor devia ser, sinão filho da perfeição, filho da graça, do perdão, da regeneração, typificando assim o verdadeiro auctor dessas misericordias, que devia ser enviado ao mundo dahi a vinte e tres seculos. E essa Arca em que se congregava a familia dos salvos representa no dia do outro juizo, de que este nos serve de escarmento, a congregação ou egreja dos fieis que, como Noé, tiverem "andado com DEUS" e a quem Elle achar "justos deante d'Elle e entre os de suas gerações."

"Entrou, pois, Noé na Arca com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos com elle, para se salvarem das aguas do diluvio." E para que não houvesse duvida sobre o pequeno numero dos escolhidos para serem salvos, os tres capitulos de *Genesis*, que occupam-se deste assumpto, repetem seis vezes os seus nomes, e, do outro lado, mencionam quatro

vezes o facto da completa destruição de "tudo que tem vida e respira debaixo do Céo."

Eis aqui como a Biblia descreve o tremendo cataclysmo. Septe dias depois que Noé entrou na Arca e no 17º dia do 2º mez depois que completou o patriarcha 600 annos de edade, "romperam-se todas as fontes do grande abysmo e se abriram as cataractas do Céo." Seguiu-se "o diluvio que durou quarenta dias"; e as aguas cresceram e "elevaram a Arca muito alto por cima da terra" de modo que todos os mais elevados montes, que ha debaixo do Céo, ficaram cobertos," a agua subindo quinze cubitos ácima delles. "E todos os homens morreram e geralmente tudo o que teve vida e respira debaixo do Céo," excepto os da Arca. Depois de cento e cincoenta dias em que as aguas tiveram a terra coberta, "tendo-se Deus lembrado de Noé," fecharam-se as fontes do abysmo e as cataractas do Céo, e "as aguas agitadas de uma parte para outra, se retiraram de cima da terra, e começaram a diminuir-se." E no dia 27 do 7º mez,—ao cabo de 159 dias depois que começou o diluvio—"parou a Arca sobre os montes da Armenia." No 1º dia do 10º mez,—no fim de septe mezes e treze dias, em 222 dias,—appareceram os cumes dos montes. Tendo-se passado quarenta dias (no 262º dia) soltou Noé um corvo, o qual sahio e não tornou sinão quando, depois, as aguas se seccaram. No fim de mais septe dias (no 269º) soltou Noé uma pomba, "a qual, como não achasse onde pousasse o seu pé, tornou a vir a elle para a Arca. Depois de ter esperado ainda outros septe dias, segunda vez deitou a pomba fóra da arca." (276º dia.) Ella voltou "trazendo no seu bico um ramo de oliveira com as folhas verdes. Entendeu, pois, Noé, que as aguas tinham cessado de cobrir a terra." Ainda esperou mais septe dias (283º) e soltou novamente a pomba, que não voltou mais a elle.

"Portanto" diz a Biblia, "no 1º dia do 1º mez, abrindo Noé o tecto da Arca, viu que a *superficie* da terra estava secca." Ora, como o diluvio começou no 17º dia do 2º mez, temos de contar 13 dias desse 2º mez, e 30 dias por cada um dos dez mezes até o 1º do anno seguinte, do que resultam 313 dias. Mas só no 27º dia do 2º mez,—isto é, 57 dias depois disso ou no dia 370º depois que começou o diluvio, seccou-se propriamente a terra. Com menos de cinco dias ter-se-hia um anno solar completo; e com menos dez dias teria o diluvio durado exactamente o anno lunar.[1]

[1] A *Vulg.* diz que a Arca parou sobre os montes da Armenia, no dia 27 do 2º mez; em outros textos hebraicos lê-se 17º dia, e nesse caso o diluvio durou exactamente os 360 dias.

Assim, segundo a narração biblica, deram-se phenomenos violentos no mar, cuja profundidade e fontes foram abaladas; e depois disto é que cahiu a agua do Céo em torrentes que o narrador chama de cataractas. Este phenomeno continuou em actividade por quarenta dias, augmentando tanto o volume d'agua que, ao cabo de cento e cincoenta dias, cobriam tudo que da Arca se podia ver. Começaram então as aguas a acalmar-se e a diminuir. A destruição pudéra ser repentina: o narrador faz DEUS, porêm obrar de outra maneira: tudo com intelligencia, methodo e ordem. A salvação de Noé e dos que com elle estavam não se operou tambem desde logo: entre esse tempo e o em que sahiu da Arca, decorreram ainda septe mezes: era preciso que as aguas effectuassem na terra não só as mudanças necessarias para as novas relações de vida decretadas pelo Supremo Juiz, como tambem era o tempo um elemento imprescindivel para que se tornassem inocuos os destroços animaes e vegetaes. A Arca primeiramente parou em algum dos montes da Armenia, no valle do Araxes e cujos picos culminantes são o Ararat grande a 5230 metros e o Ararat pequeno a 5025 metros de altura ácima do mar. Este ponto, em que descansou o fragil baixel com os restos de humanidade que o Senhor salvou para si, é de significação particular por ser o centro do velho continente, o meio dos paizes caucasianos e dos de linguas indo-germanicas. Passaram-se mais alguns septenta dias e Noé teve confirmação que as aguas diminuiam, pois já via as eminencias das serras da Armenia. Esperou ainda quarenta dias e soltou um corvo,—o exemplar macho que tinha desta ave mysteriosa, que depois alimentaria Elias no deserto e que toda a antiguidade pagã considerava prophetica e sagrada.[1] O corvo sahiu e não voltou mais. Passam-se mais septe dias e Noé despachou uma pomba que, não como o corvo que podia pousar na cumiada do monte, procura as campinas. Ella não achou ainda onde descansar e voltou. É repetida a experiencia outros septe dias depois e desta vez voltou trazendo no bico uma folha fresca de oliveira,[2]—promessa de boa nova, e de paz, e do proximo fim da tribulação. Mais outros septe dias a sahiu novamente a pomba. Desta vez e, mostrando a Noé que devia estar secca e superficie da terra, não voltou-lhe mais esta ave,

[1] Os Gregos dedicavam a Apollo o corvo, que Plinio descreveu depois como tendo a peculiaridade de esquecer-se de voltar ao seu ninho,— talvez resto de algum mytho derivado do facto de não ter tornado a Noé—assim como é possivel que o auspicio, ou avispicio, a practica de procurar saber do destino pela inspecção do vôo e do grito das aves, se originasse tambem da perversão do facto de ter procurado Noé saber do estado da superficie da terra por meio do corvo e da pomba.

[2] O texto hebraico não falla de *ramo com folhas verdes*, como *Vulg.*, mas só de uma folha *verde* ou antes *tenra*.

que em a Nova Alliança viria a ter significação especial quando JESUS, o archetypo da humanidade perfeita, depois desta provança de Noé, emerge do Baptismo, de que o diluvio era o antetypo.

O diluvio tinha durado, pois, cêrca de um anno exacto. Noé conservára-se alli na Arca, esperando pacientemente a salvação promettida, no meio desta terrivel destruição e tendo por unico conforto a fé na palavra do SENHOR. Afinal, Aquelle que lhe tinha dicto doze mezes antes: "Entra na Arca," diz-lhe agora: "Sahe da Arca, tu e tua mulher, teus filhos e as mulheres de teus filhos comtigo. Faze tambem sahir todos os animaes. . . ." E com esta ordem deu DEUS a bençam a todos dizendo: "Entrai na terra, crescei e multiplicai-vos nella,"—confirmação da bençam de propagação que lançára depois da Creação e que não é sinão uma nova expressão da bondade de DEUS e do prazer que sente na vida de suas creaturas.

Sahiram, pois, da Arca, Noé, sua familia e todos os animaes; e o primeiro pensamento de Noé logo depois foi erigir um altar, (é a primeira vez que a Biblia nos falla destas elevações em que se faziam os sacrificios), sobre o qual offereceu um holocausto de rezes e de aves limpas; acto de reconhecimento pela salvação de sua vida, e de penitencia e obediente resignação á vontade de DEUS. Como no mundo ora destruido o homem afundara-se mais e mais na iniquidade e no esquecimento de DEUS, esta vida nova que era preservada na terra, surgia ao Senhor na chamma daquelle fogo sagrado que lhe lembrava a completa submissão do homem á Sua Sanctidade, á Sua Justiça e Misericordia. Tambem, satisfeita a justiça, JAHVEH, na linguagem anthropopathica da Biblia, "sentiu um cheiro suave" e na sua infinita compaixão acceitou o holocausto no espirito em que era feito, e accrescentando:

"Não amaldiçoarei mais a terra por causa dos homens: porque o sentido e o pensamento do coração do homem são inclinados para o mal desde a sua mocidade. Não tornarei, pois, a ferir vivente algum como fiz. Ver-se-hão sempre as sementes e as searas, o frio e o estio, o verão e o inverno, o dia e a noite succedendo um ao outro todo o tempo que a terra durar."

Não disse isto DEUS a Noé: o sagrado narrador refere que JAHVEH disse isto no seu coração (8 : 21) mostrando que ia executar um plano que procedia da emoção intima do Seu amor divino. Elle não condemnaria, nunca mais, a terra á outra lustração terrivel como essa, e a razão é que o homem, desde joven, tem o sentido e o pensamento no mal. Assim, a penali-

dade innata da raça, pela qual Noé offereceu o sacrificio, é enfraquecida pelo diluvio, como a condemnação pelo peccado original o é pelo baptismo, segundo a doctrina christã.

E assim como o SENHOR abençoára Adão e Eva e a seus filhos, dando-lhes poder na terra sobre tudo o que se move e vive, para lhe servir de sustento,—com uma excepção, porém, —a do sangue, o SENHOR abençôa novamente o homem. "Não comereis carne com sangue," diz Elle, mandamento este que é depois reproduzido na lei mosaica, que considera o sangue como a séde da alma ou da vida do animal, a qual pertence a DEUS,—o Senhor de toda a vida,—e symbolisa a alma do homem que tambem lhe pertence. Mas a prohibição divina vai adeante. O homem não podia comer com sangue a carne dos animaes: o homem não poderia muito menos derramar tambem o sangue de seus similhantes. "Todo o que derramar o sangue humano será castigado com a effusão de seu proprio sangue: porque o homem foi feito á imagem de DEUS." O homicidio é um crime, pois, contra a personificação de DEUS, deste mundo, contra o proprio pensamento de DEUS na creação da terra. Nesta benção, portanto, o Altissimo prende o homem, os irracionaes e a terra num connexo inseparavel. É a bençam do Creador que dá uma vida nova, e cujos primeiros mandamentos asseguram essa vida e, quanto á humana, a sanctificam, dando á magistratura social, ao governo civil, o direito de punir com a effusão do proprio sangue áquelle que derramar o do proximo.

Mas o SENHOR não se contentou com isto. Disse a Noé e a seus filhos que ia fazer um *concerto* com elles e a sua posteridade, e com todos os animaes viventes: e o concerto ou alliança foi que não tornaria mais a perecer em diluvio toda a carne, nem haveria mais diluvio para assolar a terra. "Eu porei o meu arco nas nuvens, e elle será o signal do concerto entre mim e a terra. E quando Eu tiver coberto o Céo de nuvens, apparecerá o meu arco nas nuvens e Eu me lembrarei do concerto que fiz comvosco e com toda a alma vivente que anima a sua carne. . . ." É a primeira vez que esta palavra *concerto* ou alliança apparece na Biblia, si bem que, desde a quéda, existiu virtualmente um *concerto.* Mais adeante teremos de estudar a natureza desta ligação solemne: basta por emquanto que digamos que, de parte do Altissimo, um concerto é realmente uma promessa, a que nos ligamos, de nosso lado, pela confiança implicita na Sua palavra e pelas obrigações que acarreta. DEUS, o absoluto, digna-se de se collocar comnosco n'uma relação *pessoal* de amor e de verdade. Elle nos eleva a Si, tracta comnosco: dá-nos um direito mais que natural,—sobrenatural,—

e impõe-nos obrigações que nos exaltam na humildade que devem inspirar-nos.

E que bello o symbolo deste compacto no arco de DEUS nas nuvens! Não é em vão que quasi todas nações antigas consideravam-n'o o emblema de união do céo e da terra.[1] Na verdade, o sol rompe as nuvens negras da tormenta e dos raios e descreve nellas o seu arco multicolor, como um signal do poder e da bondade de DEUS; ha bonança após a tempestade, ha paz depois do castigo. Elle symbolisa a misericordia de DEUS sobrepujando os destroços do peccado.

Não se póde sustentar a perfeita historicidade desta narração do Diluvio. Como diz o mesmo texto (*Gen.*, 6 : 1) o facto deu-se "como si os homens tivessem começado a multiplicar-se sobre a terra." Antes de ser consignado aos cuneiformes copiados seculos depois e achados em 1852 por George Smith, do Museu Britannico, a tradição corrêra oralmente por dezenas de seculos. Não se póde acreditar, todavia, que esta historia seja um mero mytho de naturesa; tudo leva os mais abalisados criticos modernos a acreditar que ella se basêa n'algum facto real, acontecido nas mais remotas epochas prehistoricas e narrado segundo o conhecimento das cousas nesses tempos pristinos.

Não ha duvida que os escriptores de *Genesis* (pois neste caso são dous, como se vai ver) descrevem o cataclysma como si fosse universal, isto é, elles conservam a tradição como lhes veiu e a cujos narradores primitivos parecia que o Diluvio destruira toda a raça humana, todos os animaes, excepto os poucos designados exemplares, e cobrira todo o orbe com as suas aguas avassaladoras. Mas é preciso ahi que consideremos o poncto de vista do narrador. O texto diz que a arca de Noé parou nos montes da Armenia (*Gen.*, 8 : 4) e apezar de omittir declarar-nos onde Noé construiu-a é evidente que não podia ter sido muito remotamente dali. A historia, pois, tem origem babylonica, por outros modos provadissima; e tudo nos leva a crer que deu-se naquellas regiões um grande cataclysma tão vasto que á emoção e á consciencia dos primeiros narradores se affigurava como abrangendo toda a terra de que aliás só havia muito vagas noções. E é preciso tambem não olvidar

[1] Wellhausen, *Prolegomena*, 327 (3ª ed.), diz que é arma de guerra dos deuses na antiga mythologia: depois do disparo dos raios é suspenso em repouso. Os Arabes acreditam que DEUS, depois de despedir suas settas, pendura-o nas nuvens. No épico babylonico da Creação o instrumento com que Marduc venceu Tiamat, é firmemente collocado nas nuvens, na fórma do crescente da lua nova, que proclama a victoria sobre o poder das trevas. Na mythologia do Norte os deuses menores subiam ao empyreo pelos degraus do arco-iris ou zodiaco. V. Jeremias, *obra cit.*, I, pag. 103.

a vivacidade natural da linguagem do Oriente na descripção mesma de factos comesinhos. "Os seus relampagos," diz Job (37 : 2) muitos seculos depois, estendem a sua luz *até as extremidades da terra.*" [1] Fallando dos povos que habitavam Canaan e as nações limitrophes, o *Deut.* (2 : 25) faz Moysés dizer : "Hoje começarei a metter o terror e o medo das tuas armas" (de Israel) "nos povos que habitam debaixo de todo o céo." E como estes, poderiamos multiplicar exemplos. Assim, houve no que se chamou depois a Assyria e a Babylonia um enorme cataclysma diluviano que talvez se estendesse das montanhas do Tauro ao golpho persico, e dahi o pensarem que se tivesse estendido a todos os confins da terra.

Está hoje provado que não existe na terra humidade bastante, suspensa ou não, capaz de desfeita em agua cobrir o globo até a altura das montanhas da Armenia. Do outro lado a arrecadação mesma das especies typicas dos animaes seria trabalho superior ás forças daquelles tempos, já não fallando da sua alimentação na arca durante mezes,—mesmo durante 40 dias, —o primeiro problema sendo o do espaço para o seu acondicionamento. Um sabio inglez, Prestwich prova que, logo depois de ter apparecido o homem paleolithico, a crosta da terra esteve submergida em 500 metros d'agua por um breve tempo, da Europa ao Egypto, como se vê dos sedimentos das montanhas, tão diversos dos das planicies. Mas não ha tradições, ainda que vagas, desse cataclysma nessas regiões, e entretanto existem até entre os Indios das duas Americas,— o que prova que esse cataclysmo pode nada ter que ver com o do chamado Diluvio. Da naturesa deste só sabemos o pouco que nos é conservado na Biblia.

Nestes caps. 6 : 5 a 9 : 17 temos, n'uma só, uma dupla narração do Diluvio, uma de J, do Seculo VIII, e outra de P, do Seculo IV A.C. A parte de J é esta : 6 : 5-8 ; 7 : 1-5, 7 (talvez 8 e 9), 12, 16^{b}, 17^{b} 22, 23 ; e 8 : 2^{b}-3^{a}, 6-12, 13^{b}, 20-22. E a de P é : 6 : 9-22 ; 7 : 6, 11, 13-10^{a}, 18-21 ; 7 : 24 ; 8 : 1, 2^{a}, 3^{b}-5, 13^{a}, 14-19 ; e 9 : 1-17.

É este o ponto de Pentateuco que melhor exemplo offerece do trabalho da critica moderna que aqui, com o unanime consenso de seus principaes representantes, destaca os dous escriptos, graças 1º ao cuidado do Redactor que procurou aproveitar tudo que nelles encontrou de util, isto é, procurou encaixar em P tudo que poude de J ; 2º á clara distincção de

[1] Não é luz, como na *Vulg.*, mas relampago ou, mais litteralmente, *luzir.* A "voz terrivel" e o "sonido que sahe da sua bocca," do vers. anterior, é o trovão ; e a ideia parallela aqui é a do raio e do seu luzir.

linguagem e characteristicos de phraseologia de um e outro; 3º aos pontos de vista diversos dos dous escriptores, e 4º ás suas proprias duplicatas. Feita a divisão do que compete a cada um observa-se bem o seguimento da historia de P, que serviu de base a esta composição dupla. Mas do que elle aproveita de J se deduz que este escriptor preparou tambem uma historia completa do Diluvio. Ainda assim, excepto na parte referente á sahida de Noé da Arca, a narrativa de J é bem completa.

Lendo estas descripções separadamente observamos o cunho especial de P e J,—este escrevendo com delicioso desembaraço, de um modo chão e pictoresco; aquelle todo escrupuloso, cheio de formalidade, preciso, mathematico, jurista. Ahi temos as dimensões exactas da arca, a classificação dos animaes, o numero dos dias da duração do Diluvio nas suas varias phases, etc. O seu ponto de vista sacerdotal fal-o tomar interesse nas relações novas da humanidade para com *Deus*, depois do Diluvio, e no novo pacto com Noé.

Separemos agora as descripções de J e de P:

J

Gen., 6:5. Vendo, pois, Jahveh que era em extremo grande a malicia dos homens na terra, e que todos os pensamentos dos seus corações em todo o tempo eram applicados ao mal:—6. Pesou-lhe de ter creado o homem na terra e, tocado interiormente de dor, disse:—7. Eu destruirei da face da terra o homem que criei, desde os animaes, desde os reptis até as aves do céo; porque me pesa de os ter feito.

6:8. Porém Noé achou graça deante de Jahveh.

7:5. Fez, pois, Noé tudo o que Jahveh lhe tinha ordenado.

P

Gen., 6:11. Ora a terra estava corrompida deante de Deus e estava cheia de iniquidade.—12. Vendo, pois, Deus que a terra estava corrompida (porque toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra),

6:13b. Disse a Noé: Eu tenho resolvido dar cabo de toda a carne. A terra está cheia de iniquidades que os homens têm nella commettido, e eu os farei perecer com a terra. —14. Faze para ti uma arca de madeiras aplainadas. Farás nesta arca uns pequenos quartos, e unta-la-has por dentro e por fora.—15. Eis aqui a fórma por que a has de fazer. O seu comprimento será de trezentos covados, a largura de cincoenta, a altura de trinta. — 16. Farás na arca uma janella, e darás um covado de alto ao seu cume. Porás tambem a porta da arca a um

lado; e farás nella um andar de repartimentos em baixo, um no meio, e um terceiro em todo cima.—17. Eu, porém, derramarei as aguas do diluvio sobre a terra, para fazer morrer toda a carne em que ha respiração de vida debaixo do céo; tudo o que ha na terra será consumido.

7 : 1. Depois disse Jahveh a Noé: Entra na arca, tu e toda a tua casa: porque vi que eras justo deante de Mim, dentre os desta geração.—2. Toma de todos os animaes limpos septe machos e septe femeas; e, dos animaes immundos, dous machos e duas femeas.—3. Toma tambem as aves do céo septe machos e septe femeas, para se conservar a casta sobre a face da terra —porque daqui a septe dias farei chover sobre a terra quarenta dias e quarenta noites, e destruirei da superficie da terra todas as creaturas que fiz.—5. Fez, pois, Noé tudo o que Jahveh lhe tinha ordenado.

6 : 18—E Eu farei um concerto comtigo; e entrarás na arca tu e teus filhos, e tua mulher e as mulheres de teus filhos comtigo.—19. E de todos os animaes de toda carne metterás na arca dous, macho e femea, para que vivam comtigo.—20. Das aves segundo o seu genero, das bestas, segundo o seu genero, de todos os reptis da terra segundo o seu genero; de todos entrarão comtigo dous para que possam viver —21. Levarás tambem comtigo de todas as cousas que se podem comer, e as conduzirás para a arca, para te servirem de sustento a ti e aos animaes.—22. Fez pois, Noé tudo o que Jahveh tinha ordenado.

7 : 10. Passados, pois, septe dias, se derramaram sobre a terra as aguas do diluvio.—7. Entrou Noé na arca com seus filhos, sua mulher, e as mulheres de seus filhos com elle, para se salvarem das aguas do diluvio:—8. Os animaes limpos e os immundos, e as aves com tudo o que se move na terra:—9. Entraram na arca com Noé, dous a dous, macho e femea, conforme Jahveh tinha mandado a Noé.—16. E Jahveh o fechou por fora.

7 : 6. Tinha Noé seiscentos annos de edade quando as aguas do diluvio innundaram a terra—11. No anno seiscentos da vida de Noé, no dia dezesete do segundo mez do mesmo anno se romperam as fontes do grande abysmo, e se abriram as cataractas do céo—13. E quando chegou aquelle dia entrou Noé na arca com seus filhos Sem, Cam e Japheth, sua mulher e as trez mulheres de seus filhos com elles.—14. E todos os animaes, segundo o seu genero; tudo o que se move sobre a terra, segundo o seu genero; tudo o que voa, segundo o seu genero; todas as aves e tudo o que se eleva no ar.—15. Todos estes animaes en-

traram com Noé na arca, dous e dous de toda a carne, em que havia respiração de vida.—16. E os que entraram, pois, eram machos e femeas, de toda a carne, conforme Deus o tinha mandado a Noé.

7 : 12. E cahiu a chuva sobre a terra quarenta dias e quarenta noites. — 17. E as aguas cresceram, e elevaram a arca muito alto por cima da terra.—22. E todos os homens morreram ; e, geralmente tudo o que respira e tem vida debaixo do céo.—23. Todas as creaturas, que havia sobre a terra, desde o homem até ás bestas ; tanto as que andam de rastos, como as que voam pelo ar, tudo pereceu da terra. Ficaram somente Noé e os que estavam com elle na arca.

18. Então crescendo muito a inundação, cobriram as aguas tudo na superficie da terra ; a arca, porém, era levada sobre as aguas.— 19. As aguas, porém, cresceram e augmentaram prodigiosamente por cima da terra ; e todos os mais elevados montes que ha debaixo do céo, ficaram cobertos.—20. Tendo a agua chegado ao cume dos montes, elevou-se ainda por cima delles quinze covados.—21. Toda a carne, que se move sobre a terra foi consumida ; todas as aves, todos os animaes, todas as bestas e tudo o que anda de rastos sobre a terra.

8 : 6[a]. Tendo se passado quarenta dias,—2[b]. foram retidas as chuvas do céo,—3[a]. e as aguas, agitadas de uma parte para outra, se retiraram de cima da terra.

7 : 24. E as aguas tiveram a terra coberta cento e cincoenta dias.— 8 : 1. E tendo-se Deus lembrado de Noé e de todos os animaes e de todas as bestas que estavam com elle na arca, mandou um vento sobre a terra ; e as aguas diminuiram-se. —2. Fecharam-se as fontes do abysmo, como tambem as cataractas do céo ;—3. E começaram a diminuir depois de cento e cincoenta dias.— 4. E no dia vinte e septe do septimo mez parou a arca sobre os montes da Armenia.—5. Entretanto iam as aguas em diminuição até o decimo mez ; e no dia primeiro do decimo mez appareceram os cumes dos montes.

8 : 6[b]. Abriu Noé a janella que tinha feito na arca, e soltou um corvo,—7. o qual sahiu e não voltou mais, até que as aguas que estavam sobre a terra se seccaram. — 8.

Despediu tambem uma pomba, apoz o corvo, para ver se as aguas teriam já cessado de cobrir a face da terra. —9. A qual, como não achasse onde pousar o seu pé, tornoù a vir a elle para a arca, porque ainda as aguas estavam sobre toda a terra; e Noé, estendendo a mão, tomou a pomba e a tornou a recolher na arca.—10. Depois de ter esperado ainda outros septe dias, segunda vez deitou a pomba fôra da arca.—11. Ella, porém, voltou para Noé sobre a tarde, trazendo no seu bico um ramo de oliveira com as folhas verdes. Entendeu, pois, Noé que as aguas tinham cessado de cobrir a terra.—12. Ainda comtudo esperou Noé outros septe dias e largou a pomba que não tornou mais a elle.

13b. Então Noé tirou o tecto da arca; e olhando dali viu que toda a superficie da terra estava secca.

13. Portanto, no anno seiscentos e um, no primeiro do primeiro mez, tendo-se diminuido as aguas de cima da terra, abriu Noé o tecto da arca. —14. E ao dia vinte e septe do segundo mez a terra se seccou.

15. Então fallou Deus a Noé dizendo-lhe:—16. Sahe da arca, tu e tua mulher, teus filhos e as mulheres de teus filhos comtigo.—17. Faze tambem sahir todos os animaes que estão comtigo, de toda a carne, tanto de aves como de bestas, como de todos os reptis que andam de rastos sobre a terra; e entrai na terra; crescei e multiplicai-vos nella.—18. Sahiu, pois, Noé com seus filhos, sua mulher, e as mulheres de seus filhos com elle.—19. Sahiram tambem da arca os animaes todos, as bestas, e os reptis que andam de rastos sobre a terra, cada qual do seu genero.

8 : 20. Ora Noé construiu um altar a Jahveh e, tomando de todas as rezes e de todas as aves limpas, offereceu-lh'as em holocaustos sobre o altar.—21. E quando o olfacto de Jahveh percebeu o suave cheiro, disse : 'Não amaldiçoarei mais a terra por causa dos homens, porque o sentido e o pensamento do coração do homem são inclinados para os males desde a sua mocidade. Não tornarei mais a ferir vivamente o vivente como fiz.

9 : 8. Disse tambem Deus estas palavras a Noé e a seus filhos com elle :—9. Eis vou Eu a fazer um concerto comvosco, e com a vossa posteridade, depois de vós : e com todos os animaes viventes que estão comvosco ; tanto aves como animaes domesticos, e bestas feras do campo, que sahiram da arca ; e com todas as bestas da terra.—11. Eu farei o meu concerto comvosco e não tornará mais a perecer toda a carne pelas aguas do diluvio ; nem daqui em deante haverá mais diluvio que assole a terra.

22. Emquanto a terra durar,
Sementes e searas,
O frio e o calor,
Verão e inverno,
O dia e a noite,
Jamais cessarão.

P

9 : 12. Continuou Deus dizendo : Eis aqui o signal do concerto, que Eu faço para todo o sempre entre Mim e vós, e com todos os animaes viventes que estão comvosco : 13. Eu porei um arco nas nuvens, e elle será o signal do concerto entre Mim e a terra. 14. E quando Eu tiver coberto o céo de nuvens, apparecerá o Meu arco nas nuvens.—15. Eu Me lembrarei do concerto que fiz comvosco e com toda a alma vivente, que anima a sua carne. E não tornará mais a haver diluvio, que faça perecer nas suas aguas toda a carne.—16. E o Meu arco estará nas nuvens ; e vendo-o Eu me lembrarei do concerto, que foi pactuado entre Deus e todas as almas viventes de toda a carne que ha sobre a terra.—17. Disse tambem Deus a Noé : Eis aqui o signal do concerto que Eu constitui entre Mim e toda a carne sobre a terra.

9 : 1. Então abençoou Deus a Noé e a seus filhos, e lhes disse : Crescei e multiplicai-vos e enchei a terra.—2. Tremam e temam, na vossa presença, todos os animaes da terra, todas as aves do céo, e tudo o que se move sobre a terra. Em vossas mãos foram entregues todos os peixes do mar. —3. Tudo o que se move e vive vos poderá servir de sustento ; Eu vos entreguei todas estas cousas, assim como todos os viçosos legumes ; 4. Excepto sómente que não comereis carne com sangue.—5. Porque Eu requererei o sangue das vossas almas da mão de todas as bestas ; e requererei a vida do homem da mão do homem, da mão do varão e do seu irmão.—6. Todo o que derramar o sangue humano será castigado

com a effusão do seu proprio sangue ; porque o homem foi feito a imagem de Deus.—7. Vós, porém, crescei e multiplicai-vos, e andai sobre a terra e enchei-a.

28. E Noé viveu ainda depois do diluvio trezentos e cincoenta annos—29. E, tendo vivido ao todo novecentos e cincoenta annos, morreu.

Notemos agora alguns characteristicos de uma e de outra narrativa. Deus vendo a malicia do homem, resolve destrui-lo (J) ; Noé, porém, era justo e perfeito e achou graça deante do Senhor. A ordem que teve de fazer uma Arca só vem em P, a narrativa de J tendo sido cortada pelo Redactor, talvez por menos completa. A arca era de madeira resinosa e do tamanho de um grande paquete moderno mas quadrilateral : na narrativa babylonica é chamada *navio* e certos pormenores de 6 : 4-16 tambem são ahi encontrados. Segundo J só depois de prompta a arca soube Noé que fim ia servir (7 : 4). " Pela fé é que Noé . . . foi apparelhando uma arca para livramento de sua casa . . . e foi constituido herdeiro da justiça, que é pela fé " (*Heb.*, 11 : 7). Em P Noé é avisado (13 : 17) do que ia acontecer. Elle e sua familia, solidarios, entram na arca e o cataclysma sobrevém por 40 dias e noites, que P toma apenas por uma parte do tempo que durou. Passados os 40 dias soltou Noé (J) o corvo e a pomba e, depois de septe dias, outra pomba, trazendo-lhe esta no bico a folhinha de oliveira,—planta que aliás não floresce nas alturas e que a antiquissima tradição de muitos povos associa á idéia de paz.

O Redactor tambem supprime a sahida de Noé da arca por J, dando a narrativa, aliás fria, de P em 8 : 14-19. Ao sahir Noé, edificou um altar ao Senhor e offereceu animaes em holocausto : " e nisto percebeu o olphato do Senhor um suave cheiro " (8 : 21, J). O outro escriptor, P, sacerdotal e que olhava para a lei mosaica como a origem e o regulador dos sacrificios, nada disse em ambos esses casos. O sacrificio de Noé, sendo holocausto, não era de acção de graças mas de propiciação ; e esta sua comprehensão do dever do momento muito agradou a Deus e a expressão " suave cheiro," entrou depois no ritual levitico, sendo apropriada por P e por Ezekiel. É esta a primeira vez que a Biblia menciona um *altar* (*litt.* logar em que se corta o animal) e o sacrificio por meio do fogo. Deus, sensivel, abençoou Noé e fez com elle e sua posteridade um concerto. J dá a promessa de Deus, de não amaldiçoar mais a terra por causa dos homens que, desde a mocidade, tem o pensamento inclinado para o mal, e é em P que temos a historia do concerto. Deus repete a Noé o que dissera a Adão : Crescei

e multiplicai-vos. Entregou-lhe o mundo animal e vegetal para seu sustento, " excepto sómente que não comereis carne com sangue " (9 : 4); e annuncia o concerto com Noé e a posteridade, inclusive os animaes viventes, consistindo elle na promessa de que não haveria mais diluvio que assolasse a terra e, como signal, disse o SENHOR, " porei o meu arco nas nuvens " (14 : 17).

A abstenção do sangue foi, como já se disse, perfilhada na legislação mosaica com todo o rigor (*Lev.*, 7 : 27 ; 17 : 10, 14 ; *Ex.*, 33 : 25). As viandas só podiam ser comidas, tendo sido escorrido na terra todo o sangue, pois este é a vida, que pertence a DEUS.

A maior discrepancia que se encontra nas duas narrativas é sobre a duração do Diluvio. Segundo J, durou quarenta dias e, accrescentando-se-lhe os septe dias anteriores em que Noé já estava á sua espera na arca e os vinte e um dias em que despachou as trez aves, ahi estão sessenta e oito dias. Segundo P, durou mais de um anno, pois começou no 17º. dia do 2º. mez do anno e as aguas só deixaram a terra livre no dia 29.º do 2º. mez do anno seguinte. São pouco satisfactorias as reconciliações que se tem procurado fazer. Um dos escriptos conta provavelmente só os dias da chuva e o outro todo o tempo que foi preciso para chegar-se ao completo esvasiamento. Talvez redactores posteriores procurassem melhor explicar os dados de P e accrescentassem-lhe glosas que hoje determinam esta contradicção.

A legenda deste diluvio, com fundo historico, mas só local, veiu sem a menor duvida da Babylonia, como a da Creação, ainda que tomasse nova fórma litteraria. Tanto a versão hebraica como a assyro-babylonica são de procedencia commum e semitica, primitiva e prehistorica. Si, porêm, esta ultima conserva todos os characteristicos mythologicos das religiões do valle do Euphrates, a judaica bazea-se firmemente no monotheismo grandioso da sua nação. Ella não despreza as antiquissimas tradições de seus antepassados mas refunde-as no cadinho das suas idéas mais puras de religião. A tradição do Diluvio é quasi universal, pois encontramol-a na Assyria, Persia, India, Scandinavia, Grecia, até no Mexico e entre os Indios sul-americanos. Com os grandes rios e as florestas muito espessas das primeiras éras comprehende-se que seriam desta forma as maiores catastrophes de que soffreria o homem naquelles tempos e que o deixariam vivamente impressionado.

Ha varias versões da tradição babylonica mas incomparavelmente a mais segura é a da lamina de barro cosido que o

mesmo notavel explorador inglez, George Smith, que descobrira as da historia da Creação, excavou do mesmo Palacio de Assurbarnipal em Ninive, em 1872-74. Smith achou parte de um grande poema epico por Sinliciunnini que pensa ser copia do Seculo XVII A.C. e que fôra copiado e recopiado. Elle consiste de doze partes, correspondentes aos doze signos do Zodiaco, cada parte na sua prancha de barro. A parte relativa ao Diluvio é a XI (*Aquarius*) sendo copia de outro exemplar então existente em Erech, e que conserva a representação perfeita de alguns caracteres cuneiformes antiquissimos, que os proprios copistas desconheciam. (V. illustração no fim deste vol.)

Fis aqui, em poucas palavras, a historia babylonica do Diluvio.

O conquistador, semi-deus que Smith chama temporariamente (emquanto novos estudos não vierem esclarecer o assumpto) Gisdhubar (cuja figura se vê n'um baixo-relêvo no Museu do Louvre), tendo perdido um amigo intimo e não gosando da immortalidade, foi, com muitos trabalhos e apoz longa viagem, procurar a Hasisadra ou Xisuthro (Sisutho), filho de Ubaratutú. No começo da prancha XI Gidshubar pergunta-lhe como se tornara immortal e este conta-lhe a historia do Diluvio. Na prancha de que Smith conseguiu compaginar mais de vinte fragmentos, ha faltas e obliterações. Tanto, porêm, como se póde ler a historia, eil-a aqui, vertida e resumida da versão do Prof. Haupt que, segundo a auctoridade de A. A. Sayce (*Fresh Light from the Anc. Mon.*) é a melhor: eliminaremos repetições e ponctos que não interessam á historia de *Genesis* :

" Sisuthro falla-lhe, sim, a Gisdhubar : Deixa-me revelar-te, Gisdhubar, a historia da minha conservação, e o oraculo dos deuses te contarei. A cidade de Suripak que, como sabes, está construida no Euphrates, essa cidade era já antiga quando os deuses resolveram no seu intimo fazer cahir um diluvio,— mesmo os grandes deuses, todos os que existem, o pai delles, Anú, seu rei o guerreiro Bel, seu porta-throno Adar, seu principe Enmugi. Ea, senhor da sabedoria, sentou-se com elles e repetiu o decreto delles : " A seu navio ! Como um navio, um navio. . . Ó homem de Suripak, filho de Ubaratutú, cava a casa, constroe o navio, salva o que puderes da semente da vida ; mas tu vive e manda que a semente da vida de toda a casta suba ao céo."

Sisuthro responde que fará o navio mas que isso o tornaria objecto de mofa de velhos e moços. Ea insiste e manda que não feche a porta da arca até que elle lh'o ordene. " Entrarás então pela porta e trarás para o meio (do navio) teus cereaes,

tua propriedade, teus deuses, tua familia, tuas concubinas e os filhos do povo. O gado do campo, as bestas ferozes do campo, todas as que eu conservar, t'as mandarei e estarão á tua porta."

Depois de uma replica e treplica dos dous, Sisuthro, continúa a narração, fez da arca uma grande casa de moradia: fechou-a, forrou-a (?) seis vezes: "dividi-a septe vezes, dividi seu interior septe vezes, tapei as grêtas d'agua no meio della; vi as falhas e accrescentei tudo o de que precisava. No exterior entornei trez *sari* de bitume. Tres *sari* entornei no interior. Providenciei para tres *sari* de homens com cestas na cabeça, que levavam o alimento, e até um *saros* de alimentos para a gente comer, ao passo que havia dous *sari* para os homens do navio. Fiz sacrificar bois aos deuses: estabeleci holocaustos quotidianos. Reuni no navio cerveja, alimentos e vinhos como aguas de um rio,"—e muitas outras cousas, inclusive a prata e ouro que elle conseguiu, todos os seus escravos e concubinas, etc. No dia aprazado, fechou elle a arca e entregou o navio ao piloto Buzursadi-rabi.

"Levantou então Museri-inanamari do horisonte do céo uma nuvem negra. . . . Os Espiritos da terra trouxeram o diluvio: elles varrem a terra na sua terribilidade: o Diluvio de Rimmon attinge-o como moscas, que se reunem em cima dos sacrificios. Então a grande deusa approximando-se illuminou o arco-iris que Anú havia creado segundo a sua gloria."

Quando Bel vio o navio com a gente salva, ficou furioso; e Ea, o senhor da sabedoria, exprobra-o por ter, com os outros, mandado o diluvio; "Que o peccador carregue com o seu peccado e o maldoso carregue com a sua maldade. . . . Em vez de mandar o diluvio, que augmentem-se os leões de modo que se diminua a humanidade; em vez de mandar o diluvio augmente-se o numero das hyenas para que se diminua a humanidade; venha a fome para que se gaste a humanidade; em vez de mandar o diluvio venha a peste para (reduzir) os homens." E Sisuthro acaba contando como, depois desta grande provança, elle foi abençoado "a ser como deus." Elle e sua mulher "foram levados,"—como o Henoch da Genesis.

Entretanto nos proprios céos penetrára o terror. Os deuses procuravam subir ao céo de Anú e correram a esconder-se, apinhados a um canto, como cães acobardados. Istar grita como a mulher que fica mãe, e os deuses, nos seus thronos, choravam com ella por amor dos Espiritos da terra. "Por seis dias e noites o vento, o diluvio e a tempestade vão arrasando tudo. Quando approximou-se o septimo dia amainou a tempestade. O mar começou a descer e o vento e o diluvio amainaram. Re-

parei que o mar fazia um barulho, toda a humanidade estava convertida em pó de barro e, como cannas, boiavam os cadaveres. Abri a janella e a luz jorrou na minha face: recuei e sentei-me. Chorei e as lagrimas corriam sobre a minha face. Ólho bem para as regiões ao redor do mar: vejo levantar-se um districto á altura de doze medidas. O navio é dirigido á terra de Nizir: na montanha de Nizir parou o navio sem poder passar adeante. No primeiro, no segundo dia a montanha de Nizir fez parar o navio. No terceiro, no quarto, a montanha de Nizir fez parar o navio. No quinto, no sexto a montanha de Nizir fez parar o navio. Quando o septimo dia approximava-se, soltei um pombo, e sahiu. E não achou logar para pousar e voltou. Então soltei uma andorinha e não achou onde pousar e voltou. Soltei um corvo e elle foi. O corvo foi e viu carniça sobre as aguas e comeu e nadou, e voou embora."

Elle sacrificou no alto da montanha, construindo um altar: e "os deuses sentiram o cheiro, os deuses sentiram o suave cheiro e, ao meio do navio. O navio que construires (illegivel) covados de extensão . . . covados . . . o conteudo de sua altura e largura. (Em cima) uma coberta funda sobre elle."

A terra de Nizir, diz Sayce (*Fresh Light* . . .), é entre as montanhas de Pir Man, a N. E. da Babylonia, cujo pico mais elevado, Rouandis, era, como o Parnasso, a habitação dos deuses. Segundo tradição antiquissima, o monte Gudi, entre a Armenia e o moderno Kurdistan, foi onde parou a arca. Arararte (Ururdhu das inscripções cuneiformes) era todo o districto da Armenia e os "montes de Ararat," de que falla a Biblia, são realmente as cordilheiras do Kurdistan ao sul da Armenia.

Apezar dos seus evidentes ponctos de contacto as duas legendas differem bastante. A babylonica consiste de uma narrativa pelo seu proprio Noé: tem traços pessoaes muito interessantes e é um epico em que se vê ainda muito character e força. Mas o seu espirito ethico é fundamentalmente diverso do da narrativa biblica. Antes de tudo, aqui o diluvio tem á sua razão bazica, toda religiosa e moral. É tal o peccado e o crime da terra, e tal a deturpação da ideia de Deus quando creou-o que o homem tornou-se como um monstro, e o Creador, como que arrependido de sua obra, resolve eliminal-a e procura o renascimento de uma nova geração, mais fiel ao Seu ideial. O diluvio é aqui um castigo,—castigo do unico Deus, o Creador Omnipotente, que tudo dá e tudo tira. Este monotheismo contrasta com os deuses, superiores e inferiores, da legenda assyro-babylonica, estes fugindo com medo do diluvio e outros chorando. Noé e sua familia tomam a arca na qual recolhe

os animaes e o que se lhes faz estrictamente necessario : Sisuthro leva toda a prata e ouro que póde ; todas as suas concubinas e os seus escravos ; certo numero de cestos de comida, etc. Nada disto na historia de Genesis : o genio dos Hebreus soube transformar esta velha tradição n'uma das mais profundas licções moraes e religiosas que foram jamais escriptas,—e nem é de admirar a impressão que tem sempre causado no mundo, já pelo seu character judicial, já pelo realce que dá do sagrado principio da salvação, que a historia de Israel devia illustrar e desenvolver até chegar a JESUS CHRISTO e ao Seu Baptismo.[1]

[1] Uteis para estudo sobre este capitulo são: G. Smith, *Chaldæan Account of Genesis*; Lenormant, *Les Origines de l'Hist. d'après la Bible*; e mais seu *Essai de Commentaire de Bérose* (pag. 275-287); F. Vigouroux, *La Bible et les Déc. modernes*, qua dá em columnas parallelas as narrativas babylonica e biblica; J. Oppert, *Fragments de Cosmogonie chaldéenne*; Frederik Delitzsch, *Die chaldäische Genesis*; Stephen Thompson, *Chaldean Account of the Deluge*; R. Andree, *Die Flutsagen*; Jastrow, *Religion of Babylon and Ass.*; A. A. Sayce, *Higher Criticism and the Monuments*,—além das obras de Schrader sobre os Cuneiformes e os varios diccionarios biblicos e encyclopedias.

CAPITULO XXIX

DISTRIBUIÇÃO ETHNOGRAPHICA DOS POVOS

No cap. 5 : 31 de *Gen.* se disse que Noé tivera tres filhos, Sem, Cão e Japheth, o que se repete em 6 : 10. Depois declara-se que Noé entrou na arca com seus filhos e as mulheres delles. Em 8 : 18 todos elles são mencionados como sahindo da arca. Em 9 : 18 vem ainda repetidos os nomes dos tres filhos pelos quaes, diz o vers. 19, " se propagou todo o genero humano sobre toda a terra." Agora o cap. 10 abre com este exordio : " Eis aqui gerações dos filhos de Noé que eram Sem, Cão e Japheth e eis aqui os filhos que lhes nasceram depois do diluvio."

Vem então uma lista da descendencia de cada filho e de alguns de seus filhos, sem commentarios e apenas com duas interrupções : a primeira para fallar mais detidamente de Nemrod (da familia de Cus) e depois para descrever os limites de Canaan. E no fim remata o cap. a repetição : " E estes são os descendentes de Noé segundo as diversas nações que delles sahiram. Destas familias procederam todas as familias das nações da terra depois do diluvio " (vers. 32).

Deprehende-se bem que importancia ligava o auctor desta tabella ao assumpto da distribuição das nações. Depois do incidente da Torre de Babel no seguinte capitulo, elle passa a occupar-se da geneologia de Sem, o primogenito, para traçar a sua descendencia até Abrahão, com o fim de mostrar que este veiu de Noé, como Noé viera de Adão. Tambem foi seu intuito inculcar a unidade da raça humana, descendente toda daquelles trez filhos do patriarcha diluviano, e que se foi espalhando conforme descreve no cap. 10 de *Gen.* Para o escriptor P esta divisão das " familias das nações da terra " tornava-se poncto essencial do seu plano pois queria deixar clara a transição da historia primitiva para a do povo escolhido por Deus para receber e guardar a promessa feita a Abrahão para toda a humanidade.

Esta distribuição dos povos pela terra, no cap. 10 da *Gen.* é geralmente chamado *quadro ethnographico das nações*, mas impropriamente. A divisão dos povos não obedece a principio

algum scientifico, pela raça, côr ou lingua: apenas segue a distribuição geographica dessas familias das nações.[1]

Está visto que essas "familias das nações" só estabeleceram-se no decurso de bastantes gerações e nem se podem chamar, no sentido moderno, de nações as quaes são producto de grandes e pequenas aggregações, algumas apparentemente sem importancia.

Vejamos quaes foram as descendencias dos trez irmãos.

I. JAPHETH.

1. Gomer {Ascenez, Rifath, Thogorna.
2. Magog.
3. Madai.
4. Javan {Elisa, Tharsis, Cetthim, Dodanim.
5. Tubal.
6. Mosoth.
7. Thiras.

II. HAM ou CÃO (*Vulg.*, Cham).

1. Cus {Nemrod, Saba, Hevilah, Sabatha, Regma {Saba. Dedan. / Sabataka.
2. Mizraim {Ludim, Anarim, Laabim, Nefthim, Fetrusim, Castuim.
3. Put.
4. Canaan {Sidonio, Hetheu, Jebuseu, Amorrheu, Gergeseu, Heveu, Araceu, Sineu, Aradio, Samareu, Amatheu.

III. SEM ou SHEM.

1. Elam.
2. Assar.
3. Arphaxad {Sale {Heber {
   - Faleg {Reo {Sarug {Naccor {Thare {Abrahão. / Naccor. / Aram.
   - Joktan {Elmodad, Sale, Asarmoth, Jaré, Aduram, Usal, Decla, Ebal, Abimael, Saba, Ophir, Hevilah, Jobab.
4. Lud.
5. Aram {Us. / Hull. / Gether. / Mes.

[1] No fim de *Das A. Test. im Lichte des Alten Orienten*, de Jeremias vem excellente mappa por Billerbeck e Andreas, dessa distribuição. Alem dessa obra podem ser consultados com vantagem: A. H. Sayce, *The Races of the Old Testament*, 1891, e *Fresh Light from the Anc. Mon.*, do mesmo auctor, 1893; E. Schrader, *Die Heiligen Keilenschriften und das A. Test.*, 3ª ed., 1903; Hommel, *Grundriss der Geographie und Geschichte des Alten Orient*; e as preciosas collecções cuneiformes do Museu Britannico sobre as inscripções da Asia Occidental, publicadas de 1896 a esta parte.

I.—Apezar de não ser estrictamente ethnologica a descendencia de Japheth estendeu-se principalmente pela Armenia, Asia Menor, o Caspio até a Europa meridional. Vejamos quaes foram seus " filhos."

1. *Gomer.*—São estes os *Gamir* ou Gamirrai das inscripções assyrias e a elles refere-se *Ezek.*, 38 : 6. Pertencem ás tribus indo-germanicas que Herodoto chama Scythios. Appareceram na Assyria ao tempo de Sargon, destroçaram o reino de Uradhu (Armenia) e estabeleceram-se ahi. Ha cartas de Sin-akerib, quando joven, sobre essas guerras. Assaradon os expulsou dali para o Oriente. Na Asia Menor derrocaram o reino dos Phrygios sob Midas, e o da Lydia sob Giges, cuja capital queimaram. Só foi no tempo dos successores deste Rei que estes vandalos foram prácticamente exterminados.

2. *Magog.*—No mesmo cap. 38 de *Ezek.*, vers. 2, o propheta falla de " Gog e terra de Magog." Gog é o *gugu* das insc. assyrias e o Gyges dos Gregos : Magog é talvez o *Mat-go* assyrio, *i.e.* paiz de Gog. N'uma carta do XV Sec. A.C., achada em Tal-Amarna, Nimmuria menciona Gaga que parece ser Gog, segundo Jeremias.

3. *Madai* são os Medas, os " nunca vencidos Medas " (la Kansuti) das inscripções assyrias.—É o nome collectivo dos povos do N. E. que se despejaram sobre a Assyria e a Babylonia, " como gafanhotos." Ninguem entendia sua lingua e eram como salteadores no deserto. Foram os primeiros aryanos que avançaram para o oéste. Uma de suas tribus, a dos Persas, domiciliou-se na margem oriental do golpho persico. " Sargon," diz Sayce (ob. cit.) " achou communhões de origem media nas praias do sul do Caspio. Como as pequenas cidades da Grecia, eram governadas por senhores ou senhorias e não por monarchas. Quando atacadas uniam-se contra o inimigo commum, mas ordinariamente cada qual agia independentemente,—systema de governo este que é characteristico da raça aryana."

4. *Javan*, o *Iouan* dos Gregos.—Os Assyrios chamavam Chypre á ilha dos Jonios e provavelmente é á Chypre e não á Grecia que referem-se *Is.*, 46 : 19 e *Ezek.*, 27 : 19. Dos quatro filhos de Javan que o cap. 10 menciona, *Elisa* é Hellas. Em *Ezek.*, 27 : 7 se diz que das ilhas de Eliza, *i.e.* da Grecia, vinham jacintho e purpura. Outro " filho," *Tharsis*, é o Tartessos de Hispania, perto de Gibraltar, até onde iam os navegantes phenicios e gregos, e dahi as constantes referencias ás " náos de Tharsis." Kittim suppõe-se ser os habitantes do que é hoje Larnaca, a capital de Chypre. *Dadanim* é provavelmente o *Rodanim* de 1 *Paral.*, 1 : 7, os habitantes de Rhodes. Outros

conjecturam que seja a Doria. Segundo uma nota no LXX, *Elisa* ou Elissa era na visinhança de Carthago e representava as colonias phenicias na Africa septentrional. Parece, porêm, á vista da citação supra de *Ezek.* que deve prevalecer a outra conjectura.

5, 6. *Tubal* e *Mosoch* (ou antes Mosech).—Os *Tubal* são os Tabali e Muski das inscripções assyrias (1.100 e 838 A.C.) que os representam como grandes guerreiros. Horodoto cita-os como valiosos auxiliares de Xerxes. No tempo de Sargon e Sin-akerib dominavam até a Cilicia, só mais tarde sendo rechassados na direcção do Mar Negro, onde Xenophonte e suas tropas gregas acharam os destroços dos seus exercitos.—Nas inscripções cuneiformes tracta-se de Tabal, e os Tabalenses eram celebres artifices em cobre e ferro. Os *Mosech* ou Mesech, ou *Muski* das inscripções, se estabeleceram na Phrygia.

7. *Thiras* ainda hoje é obscuro. Passa por progenitor da Thracia, mas tambem acredita-se que fossem piratas do Mar Egeu.

II.—*Os Filhos de Cão* eram Cus, Mizraim, Phut e Canaan.

1. *Cus* é a Ethiopia e a costa S. O. da Arabia e a margem opposta na Africa. É *Pun* nos monumentos egypcios, habitada por uma raça branca, affim da egyptana. Na parte meridional esta raça entrou em contacto com os Nubios, e seu territorio comprehedia Kartum. Isaias falla de Tharaca, Rei de Cus (37 : 9). Cus era considerado parte da Arabia, como se vê dos nomes de seus filhos. Neste sentido, a mulher de Moysés (*Num.*, 12 : 1) era uma arabe de Cus.

2. *Mizraim* é o Hebraico para Egypto. O nome vem de *Mazors* ou muralhas, que outrora defendiam o Egypto contra o lado asiatico, Mazors ficando retido como o nome do paiz do oceano até o Cairo actual. Mas comprehendia tambem Petores, depois Pathros de que falla *Is.*, 11 : 11, e que é o alto Egypto. Dahi o nome dual *Mizraim*, que com vagar foi dado a todo o paiz. O texto diz que os habitantes do Egypto são procedentes de Mizraim. Entre elles : os Ludim, os mercenarios Lydios com cujo auxilio os Egypcios sacudiram o jugo da Assyria ; os Ananim, habitantes de Os ou Heliopolis ; os Lehabim ou mercenarios Libyos que chegaram a collocar um dos seus no throno do Egypto ; e mais os Caluisim e os Caphtorim, estes ultimos de Kaf-tur, ou Phenicia maior, donde originariamente vieram os Philisteus (*Deut.*, 2 : 23 ; *Jer.*, 47 : 4 ; *Amos*, 9 : 7). A principio os Philisteus davam a guarnição egypcia na fronteira do sul da Palestina e suas cinco cidades dominavam o caminho do Egypto á Syria (*Ex.*, 13 : 17). Foi por ahi que o Egypto sahia a fazer conquistas na Asia.

Apezar de Canaanistas eram dedicados exclusivamente ao Egypto e quando este, enfraquecido, teve de deixal-os ir, os Caphtorim ou Philisteus conservaram-se isolados no seu ambiente.

3. *Put.*—Este nome ainda está envolto em mysterio. Um fragmento de inscripção do tempo de Nebucuduruzur é que nos dá alguma luz. No 37º anno do seu reinado elle derrotou Amasis, Rei do Egypto, bem como Phut-Iavan ou Phut dos Ionios. Como Amasis era muito dado ao hellenismo (sua mulher era grega), tinha a seu soldo uma divisão de gregos. Não admira, pois, que os Prophetas ameacem Phut e Lud de cairem com os Egypcios ao gume da da espada (*Ezek.*, 30 : 5), e com os Lydios nos exercitos de Tyro (*Ezek.*, 23 : 10).

4. *Canaan* devia ser o escravo de Sem (*Gen.*, 19 : 26 seg.). Limitava com o Egypto e estendia-se a principio só entre a costa da Palestina e as montanhas a léste. Já no tempo da correspondencia entre o Egypto e Canaan, que consta das inscripções achadas em Tel-el-Amarna e que datam de *circa* 1450, Canaan estendia-se ao norte de Gibal, terra chamada dos Amoritas ou Amorrheus. No tempo em que foi escripto o cap. 10 de *Genesis*, os limites de Canaan eram Gaza e Gerara, ao Sul, e Sidon ao norte, estendendo-se á leste até o Mar Morto. Os Gregos chamavam a toda a Canaan *Phenicia.* Como já se disse, pouca differença fazia a lingua de Canaan do Hebraico. Os immigrantes hebreus não encontraram difficuldade de entendel-a. Todos os dialectos aramaicos se parecem ao Hebraico e Phenicio.—O Sidonio era o "filho mais velho" de Canaan (*Gen.*, 10 : 15) e elle foi o progenitor de muitas outras populações como os dos Hetheus, Jebuseus, Amorrheus, Gergeseus, Heveus, Araceus, Sineus, Aradios, Samareus, e Amatheus. Ao sul de Sidon estava Tyro, no seu ilhote ao pé da costa, e jactando-se de grande antiguidade. Diz Herodoto que o seu templo de Baal-Melkarth havia sido dedicado havia 2.300 annos antes de sua visita. Os Hebreus não pertenciam propriamente a Canaan. Parece que vieram da Asia Menor, e dahi foram primeiro á Syria. Os Jebuseus habitavam Jerusalem quando os Israelitas entraram na terra e são classificados na Biblia com os Amorrheus ou Amoritas.—Todas essas tribus e povoações não tinham entre si affinidade ethnologica mas tão sómente geographica. O Amorrheu e o Hebreu, por exemplo eram de raça diversa das tribus semiticas de Canaan. Depois do periodo a que se refere Tel-el Amarna, diz Jeremias, os Hetheus passavam-se para a Syria e a Phenicia, e por isso a Syria era chamada na Assyria "a terra de Hatti."

III.—*Gerações de Sem* (*Chem*).—O "primogenito" era

Elam (" o planalto ") no paiz montanhoso á leste da Babylonia, e cuja capital era Suza ou Chuchan. Não pertencia á raça semitica.—Assur ou Achur habitou um tanto para o norte da juncção do Tigre com o Zab, e sua cidade principal tomou o seu nome, donde vem o da Assyria, dado a todo o paiz de que constituiu-se o centro. Eram semiticos, e foi na Babylonia que buscaram a sua civilisação e religião, as quaes aliás vieram de outra raça, a lingua sendo agglutinativa e escrevendo com charactéres donde depois se evolveu o syllabario cuneifórme. A Babylonia dividia-se em duas provincias, Accad ao norte e Sumer ou Chinar, ao sul. A primeira foi a séde do imperio do celebre Sargon, semitico. A penetração semitica só se fez de vagar, e nunca sobrepujou inteiramente a raça pre-existente : os Babylonios mostraram sempre estes indicios de sangue mixto. Foram continuamente attacados pelos povos de Elam, e um principe elamita, segundo *Genesis*, era o dominador da Babylonia. Mas a tribu de Kassi conseguiu assentar uma dynastia no throno. Acredita-se que de Kassi veiu depois o nome de Kasdim como o V. T. chama aos habitantes da Babylonia. Sayce diz que Kasdi vem de *Kasadú*, conquistador.—No periodo de Alexandre e seus successores *Chaldeus* e Babylonios ficaram synonimos. Kalda era uma tribu que vivia ao sul da Babylonia, ás boccas do Tigre e do Euphrates, e essa tribu, sob Merodac-Baladan, conquistou a Babylonia (721 A.C.) e a reteve por bastantes annos. Este rei teve de fugir deante dos Assyrios até que sob Sin-akerib tornou-se a Babylonia vassala áquelle reino. A influencia dos Chaldeus na Babylonia foi curta, Nebucuduruzur e sua familia tinham sangue de Kalda.

Sobre o terceiro " filho " de Sem, *Arphaxad*, ha ainda muito mysterio. No Hebraico este nome é escripto Arpha-chesed, mas ignora-se o que significa Arpha. Segundo E. Schrader [1] equivale a Urpha e a palavra, pois quer diser " territorio de Chesed." Segundo Fried. Delitzsch equivale a " arbscishadi," —terra das quatro costas.—*Lud*, o quarto filho, é o Lubdi dos cuneiformes, a região entre o Euphrates e o Tigre superior, para o N. do monte Masio. Aram ou Arão denota as tribus aramaicas que se estendiam da fronteira occidental da Babylonia ao planalto da Mesopotania e da Syria. São os Arumu e Arma dos monumentos assyrios.

Está visto que, destas raças a que mais nos interessa nesta obra é a dos Semitas.

Na Arabia septentrional encontramos ainda hoje tribus do que se póde chamar a raça semitica, e é ali e na Arabia central

[1] *Die Keilenschriften und das A. Test.*

que se póde ouvir a lingua primitiva ainda fallada com seus characteristicos, e ver a mesma vida nomadica dos primeiros Semitas. São elles hoje os exemplares mais puros da raça. O moderno Judeu e o Babylonico das inscripções antigas são typos diversos desse Beduino do deserto, o que confirma como são raros os typos puros de qualquer raça. "Ha os Judeus escuros" de Malabar que descendem dos naturaes dravidianos da India meridional: ha os Judeus "brancos" de certas partes da Europa cujo typo é antes europeu do que judeu. Os Falaschas da Abyssinia são judeus pela religião mais do que pela origem; e é só por meio do cruzamentos que se explica o contraste que existe nos typos dos judeus europeus,—os Chepardins da Hispanha e Italia, e os Askenazins da Allemanha, Polonia e Russia. Desde os tempos biblicos a raça judia ja perdêra a sua puresa. David tinha cabello vermelho, e era louro (1 *Reis*, 17 : 42) o que indicava talvez infusão de sangue estrangeiro. O facto é que elle cercou-se de um corpo de guarda de Cretenses e entre os principaes funccionarios da sua côrte vemos um Ammorita, um Arabe e um Syrio de Machah. A Arca, em procissão, foi para a casa de um Philisteu de Gath; e Urias, um Hetheu, foi official no exercito de David, e sua viuva a progenitôra dos reis de Judá. Em Karnak no Egypto ha n'uma muralha do templo, bustos dos prisioneiros do Rei Sisac no reino judaico: esses bustos são do typo puramente amorita (amorrheu) e não judeu.[1]

É so na Arabia septentrional que se achava o typo puro do Semita. É da raça branca, mas, pode-se dize-lo, de uma sub-raça cuja pelle o sol queima, sem tornar-se com isso vermelha. Entre os Judeus, os do reino do Norte (Samaria) retiveram muito melhor o seu typo do que os do Sul. Apezar da muita mistura no seu sangue, ainda hoje conservam alguns dos seus characteristicos bem marcados. No Museu Britannico ha um obelisco de marmore preto, achado em Ninive, em cujo cimo existe um baixo relevo representando os tributos trazidos a Salamnazar II de paizes distantes (842 A.C.). Pois os typos judaicos ahi esculpidos são exactamente os de hoje.

Nos vers. 8-12 deste cap. 10, *Genesis*, depois de mencionar os filhos de Cus diz que *Nemrod* era tambem filho delle: "um robusto caçador deante do *Senhor*," sua capital sendo Babylonia mas tendo fundado mais Arach, Accad e Kalanne na terra de Sennaar. Dahi sahiu para a Assyria onde edificou Ninive e Cále e Resen. Em Nemrod parece, pois, tractar-se de um heroe legendario, provavelmente o mesmo Gilgamesh ou Izdubar, heroe da luz, tambem chamado Namiruddú (luz

[1] A. A. Sayce, *The Races of the Old Testament.*

brilhante). Gunkel pensa que a verdadeira versão de *Genesis* é "caçador a despeito de JAHVEH," em vez de "deante de JAHVEH" e lembra o mytho de Orion que, por ter ousado caçar no céo, acha-se ali preso.

A cidade da Babylonia teve extraordinaria influencia na Asia occidental e seu verdadeiro fundador foi talvez Sargon de Agade. Foi só com a união dos dous reinos, do sul e do norte, por Hammurabi, que o reino assumiu a inexcedivel gloria que lhe conhecemos. Nos conflictos com a Assyria, a cidade da Babylonia foi destruida de um modo incrivelmente bárbaro por Sin-akerib em 682. Mas o filho, Assuraddon, no anno seguinte, ordenou que fosse reconstruida, offendendo assim a classe radical-conservadora do seu proprio povo. No cap. seguinte diremos mais pormenores sobre a historia da Babylonia.

Ninive, diz o texto, foi fundada por Nemrod. Chamava-se ella Nina ou Ninua em Assyrio e sua posição geographica no caminho das caravanas deu-lhe cedo muita importancia. De gravuras n'um taça de Salmanazar I vê-se que o Assyrio Ramman I (1820 A.C.) renovou o templo de Ishtar que, depois, Salmanazar I reparou em cerca de 1.300. Julga-se como certo que nos seus principios Ninive não pertencia á Assyria, mas era uma communidade independente. Ao tempo da correspondencia que consta das inscripções achadas em Tel-em-Amarna (1450) ella pertencia ao reino hittita de Mitanni, e só depois os Assyrios a conquistaram, chegando ao apogeu de sua gloria nos reinados de Sin-akerib, Assurhadon e Assurbanipal. Por um seculo encheu o mundo de admiração. Em 607 ou 606 foi completamente arrazada e hoje, do seu entulho de 26 seculos estão sendo desencavados fragmentos preciosos da bibliotheca que Assurbanipal mandou colligir em ladrilhos de barro cosido com inscripções cuneiformes. Ninive hoje faz parte dos montes de ruinas de Kuyungik e Nedi Yunus, em frente a Mosul.

Taes são os povos de cuja divisão geographica tracta o cap. 10 de *Genesis*. Não é, repetimos, um quadro ethnologico. Os Egypcios e os Canaanitas, os Assyrios e Elamitas, por exemplo, são ahi filhos de Sem, apezar de suas raças diversas. Observa Sayce [1] que quando se diz que Canaan gerou a Sidon seu primogenito e a Heth, significa isto que ambos acham-se no paiz de Canaan, não deduzindo-se qualquer relação ethnologica entre os Phenicios que construiram Sidonia e os Hittitas do Norte. Assim, a cada filho de Noé, tocou uma parte diversa do mundo, Japheth, o Norte, Cão o Sul, e Sem ou Chem o centro. Apezar de faltarem os Chinezes, Australianos e

[1] *Obra cit.*

Americanos, as principaes raças achavam-se ali representadas. Todos os annos novos descobrimentos vêm lançar luz sobre essas regiões e seus habitantes antigos. Documentos cuneiformes da Assyria e Babylonia e hieroglyphos do Egypto dissipam as trevas em que a sua historia esteve por tantos seculos encoberta.

Canaan.—Geographicamente é o povo que mais interessa a este livro, pois a sua terra fôra a promettida á descendencia de Abrahão. Canaan foi a quarta divisão de Cão ou Cham, e subdividiu-se em onze populações diversas, a saber: o Sidonio, o Hetheu, o Jebuseu, o Amorrheu (Amorita), o Gergeseu, o Heveu (ou antes Hivitta), o Araceu, o Cineu, o Aradio, o Samareu e o Amatheu. Todos esses povos occuparam o paiz que se estende do monte Lebanon a Nahal Murzi. O *Genesis* (vers. 19) dá seus limites como sendo, na epoca em que escreveu seu auctor, do caminho de Sidonia, no Mediterraneo, "á Gerara, até Gaza e até entrar em Sodoma . . . até Leza." Parece isto obscuro mas não é. Nós hoje diriamos que os limites iam, de Sidonia ao Norte até Gazza ao Sul; e ao Léste, até o Mar Morto. O poncto Gerara não está claro: houve uma povoação desse nome ao Sul, na terra dos Philisteus, mas não parece ser este o local indicado que devia ser nas bandas do Hermon, a N. E.

Todos esses povos que succederam a outros taes como: o Rephaim, Enakim, Suzim, Zuzuzims, Kenittas, Kadmonitas, etc., que habitaram pristinamente a Palestina, entraram nella em epocas e em ponctos diversos, sendo quasi impossivel precisal-os, apezar de muitas tentativas inuteis, feitas para isso, e nenhuma das quaes chegou a conclusões que mereçam fé.

Dos povos mencionados no vers. 19, de que Canaan é dado como progenitor, occupa o primeiro logar o *Sidonio*. É o nome do Phenicio cujo paiz, bem restricto á costa do Mediterraneo, chamava-se outrora Sidonia. O Phenicio foi um dos habitantes primarios de Canaan. Elle veiu das bandas da Assyria e Babylonia e fallava lingua semitica. Si a principio teve de contentar-se com uma tira da costa do mar, logo penetrou pacificamente no paiz, nas faldas do Lebanon onde construiu Zenar e Arca. E as populações esparsas, circumvizinhas, começaram a affluir e a fusionar-se com elles. Quando Israel invadiu o paiz ja elle estendia-se do mar ao Jordão, tendo ao Meiodia os Amalecitas, e os Hetheus, Jebuseus e Amorrheus nas montanhas, os Canaaneus, propriamente, morando "ao pé do mar e ao longo das ribeiras do Jordão" (*Num.*, 13 : 30). Nos monumentos do Egypto, Canaan era

chamado *Kaft* e nos tijolos ou ladrilhos achados em Tel-el-Amarna, de *Kinakhki*.

Assim é muito provavel que os habitantes aborigenes da Palestina [1] tivessem sido Semitas. Os Canaanitas vieram depois, estabeleceram-se pacificamente entre elles, adoptaram a sua lingua e costumes; e suas migrações para ahi avultaram-se de modo que elles tornaram-se a principal influencia no paiz que tomou o seu nome e o dos Amorrheus.

Os *Hetheus*, que vem mencionados em segundo logar, depois de Sidon, distinguiram-se na historia de seu tempo. Foi a um Hetheu, Efron, que Abrahão comprou o campo e a caverna, perto de Mambre, onde sepultou Sara (*Gen.*, cap. 23). Segundo os cuneiformes de Tel-el-Amarna, Hetheus do Norte invadivam as cidades phenicias: e no reinado de Ramses II, do Egypto, elles se estabeleceram firmemente em Cadés. O Hetheu não tinha connexão ethnologica com os outros povos de Canaan. Muitas inscripções do Egypto e da Assyria bem como monumentos delles proprios, descobertos na Syria e na Capadocia, não dão muita luz sobre a sua origem e characteristicos.[2] Sua escriptura começa apenas a ser decifrada. Os Hetheus, *Kittim* no Hebraico e *Khatta* nos cuneiformes, habitavam a principio o Tauro, nas cabeceiras do golpho de Antiochia e dahi, pela Asia Menor, vieram á Syria. Herodoto falla de sua cidade Pteria, o moderno Boghaz Keni na Capadocia. Sua cultura exerceu grande influencia na da Grecia prehistorica. Segundo os documentos de Tel-el-Amarna as auctoridades egypcias appellaram ao Governo central por auxilia-las contra a sua invasão: e os Hetheus foram conquistando cidade apoz cidade, inclusive Pethor, Hamath e Cades. "Por esse motivo a Syria ficou sendo chamada a terra Hatti. D'ahi, elles penetraram em varios ponctos da Palestina. A população do que ficou depois sendo Jerusalem era uma mistura de Hetheus e Amorrheus. Diz Ezekiel sarcasticamente: "A tua geração vem da terra de Canaan: teu pai era Amorrheu e tua mãe Hittita" (16 : 3).[3] Não se sabe quando foram extinctos. (V. illustração no fim deste vol.)

Os *Jebuseus* tiveram o seu nome de *Jebus*, depois Jerusalem; constituiam uma tribu de Amorrheus e disso vem talvez que

[1] Como os Canaanitas se estabeleceram primeiro nas "terras baixas" do que ficou depois sendo Phenicia, o seu paiz se ficou chamando "Canaan" que tem aquella significação. O vocabulo Palestina ou Palaistina e o Grego Παλαιστίνη, vem do modo grego de pronunciar a palavra hebraica פְּלֶשֶׁת que a principio applicava-se á nesga meridional do Mediterraneo mas que os Romanos estenderam a todo o paiz.

[2] Vide *The Hittites, the Story of a Forgotten Empire*, London, 2ª edição, 1892, por A. H. Sayce, ao qual devemos todos esses pormenores.

[3] Cethea, na *Vulg.*, mas está errado, segundo os melhores MSS.

Ezekiel, na cit. supra não falle delles mas dos Amorrheus. Tambem os documentos de Tel-el-Amarna que confirmam a historia de Melchizedech, não mencionam os Jebusitas ou Jebuseus que aliás ficaram muito conhecidos até o tempo em que David capturou Jerusalem. É que vieram depois de 1400, data dos acontecimentos relatados naquelles cuneiformes.

Do *Amorrheu* ha, porêm, muito que diser. É elle o *Amurra* dos ladrilhos de Tel-el-Amarna e o *Amâr* das esculpturas egypcias. Estabelecidos a principio ao norte da Palestina e occupando a cidade sagrada de Cadés, depois tomada pelos Hetheus, os Amorrheus penetraram até o Sul da Palestina. Nos dias de Abrahão vemo-los em Asasonthamar (*Gen.*, 14 : 7) que é nas costas do Mar Morto. Das suas mãos foi que Jacob tomou Sechem. Ao tempo de David, os Gibeonitas são mencionados como restos da tribu dos Amorrheus (2 *Reis*, 21 : 2). Na margem oriental do Jordão tinham elles estabelecido, no tempo da conquista israelita, dous reinos poderosos, o de Og, Rei de Basan, e o de Hesebon de Sihon (*Deut.*, 3 : 8 e *Num.*, 21 : 26-29). De facto, os Israelitas acharam quasi toda a parte meridional da terra promettida em poder dos Amorrheus. O explorador F. Petrie descobriu uma de suas cidades, Lachich (talvez a *Leza* de *Gen.*) com muralhas de 8.62 m. de largura, sendo naturalmente muito altas. Segundo as esculpturas egypcias, o Amorrheu era um bello homem, com fronte larga, basta barba, e traços denotando muito character; não sendo de admirar, diz Sayce, que, logo depois do povo judeu ser levado captivo para a Babylonia, os restos dessa raça rebrotassem viçosos e fortes. (V. illustração no fim deste vol.)

Quasi nada sabe-se dos *Gergeseus* que o texto menciona logo depois. É uma tribu provavelmente do Norte, como a dos Amorrheus. Os *Heveus* vem sempre associados a estes ultimos. Em *Jos.*, 11 : 3 se diz que elles habitavam "nas faldas do Hermon na terra de Masfe;" em *Juizes*, 3 : 3, que "habitavam no monte Lebanon, desde o monte de Baal-Hermon até a entrada de Hemath," e 2 *Reis* 24 : 7 tambem dá-lhes aquellas regiões como sua habitação. Ora ellas eram justamente as em que se estabeleceram os Amorrheus, segundo os textos cuneiformes. Entretanto tambem ha noticias delles ao Sul da Palestina: em *Jos.*, 9 : 1-10; em 11 : 19 vemo-los em Gibeon; em *Gen.*, 34 : 2 em Sechem, etc.

Os *Cineus* ou antes Kineus, *Siannu*, eram, como os ciganos de hoje, ferreiros errantes, mas que guardavam a sua arte ciosamente para si. Acampavam-se ao redor das cidades edomitas e amalecitas. Parece que não fizeram mal quando os Israelitas invadiram a Palestina e, pois, quando Saul marchou

á capital de Amalec mandou que os Cinitas se retirassem dali "não succeda que eu vos involva com elles" (1 *Reis*, 15 : 6). Em *Juizes* 1 : 10, ha outra referencia a elles; e em 4 : 11 se diz que "Haber, Cineu, havia muito que se separára dos outros Cineus, seus irmãos, filhos de Hobab, parente de Moysés, e tinha estendido suas tendas até o valle chamado Sennim, e estava junto a Cadés" (não *Cedes*, como em A. P. F.). Os Cinitas, esta evidente, não construiram uma tribu, mas apenas uma casta. O povo que a *Vulg.* chama *Aradio* é realmente o *Arvadio*, do paiz de Arvad, ilha no norte da Phenicia e, nos cuneiformes, *Aruadia* (no meio do mar). Delles falla Ezek., 27 : 8, 11, como marinheiros valentes.

O *Samareu* é o Zimirra das inscripções assyrias, mas não se conseguiu ainda saber onde permaneciam; é o *Amatheu* da *Vulg.* e o Syrio de Hamath. A Arvadia, Zimirra e Hamath levantaram-se em 720 A.C. contra o Rei Sargon.

A emmuneração destes pequenos povos só podia ter sido feita por quam vivesse na segunda metade do Seculo VIII A.C., dizem os criticos modernos; e por conseguinte seu auctor não era do tempo de Moysés. Elles consideram a segunda parte do vers. 18 "e depois disto se espalharam os povos dos Canaaneus"—como acrescentados posteriormente por um dos redactores.

Tendo assim dado ligeira noção dos descendentes de Canaan, que antes chamariamos subdivisões, precisamos accrescentar alguns dados sobre a vida primitiva desse paiz, anterior á historia biblica. Excepto sobre a sua origem ethnographica, muito pouco sabia-se desse assumpto antes do descobrimento de inscripções na Assyria, na Babylonia e no Egypto e na propria Palestina, nestes ultimos trinta ou quarenta annos.

A posição geographica da Palestina dava-lhe muito valor para aquelles trez paizes, justamente os mais altamente civilisados da antiguidade. Contiguo a S. O. e banhado tambem pelo Mediterraneo, o Egypto era naquelle tempo aggressivo, e conquistador. A Babylonia e a Assyria que estendiam-se do N. do Golpho Persico, em direcção N. O. e accompanhando o percurso do Tigre e do Euphrates, desenvolveram ali o maximo gráo de cultura, sendo porêm, interrompidos no accesso ao "mar" justamente pela Palestina, ao Sul, e a Syria, ao Norte. Quem tomar, o mappa vê logo que Canaan e a Syria, sobretudo o primeiro, devia receber, muito forte, a influencia e a cultura de seus poderosos visinhos. E é isto o que comprova a historia.

Os reis de Ur, onde habitou Abrahão, já negociavam em madei-

ras e outros productos da " terra do oéste," mil annos antes do nascimento do patriarcha.

Oito seculos antes da era de Moysés o Rei Sargon, e seu filho Naramsim, segundo um fragmento de ladrilho da livraria de Assurbanipal, não só conquistou Elam, como atravessou o mar (Mediterraneo) e ficou trez annos no oéste, erigindo suas proprias estatuas em Cithion e Chypre. Conservam-se nos museus valiosas peças artisticas desse tempo (2500-2000 annos A.C.

Em 1887-1888 foram descobertos n'uma antiga villa no Egypto, Chut-Aten, hoje Tel-el-Amarna, mais de trezentos ladrilhos de finissimo barro-cosido com inscripções cuneiformes. Estudados, verificou-se que continham precioso thesouro para a historia dos quatro paizes a que nos referimos. Em cêrca de 1450 A.C. os reis Amenophis III e IV, do Egypto, eram os suzeranos de Canaan onde mantinham um systema de administração muito perfeito: havia quatro sob-governos aos quaes estavam subjeitas muitas jurisdicções, e, nos logares menores, punham meras guarnições visitadas periodicamente por inspectores. Pois essas preciosas laminas, entre muitas outras informações, nos dão a correspondencia desses delegados egypcios com o Governo do Pharaó. Ellas demonstram tambem que a propria Babylonia naquelle tempo, junctamente com a Assyria e Mitanni, reconheciam o poder predominante do Egypto. Alem desta correspondencia official dos *amelu* (principes) e *rabbis* (governadores) dos Amenophis, o achado de Tel-el-Amarna contém documentos de natureza geral e sobre assumptos não officiaes. O valor desta collecção [1] e inestimavel pois ella veiu em tudo corroborar a veracidade da historia biblica, pelo character historico que empresta a Canaan e por demonstrar que os Canaanitas não eram o povo primitivo e ultra-barbaro que algums escriptores, ha alguns annos, queriam que accreditassemos que fosse. A terra que os ladrilhos chamam de " Kinakhki " (terras baixas) tinha sua civilisação bem adeantada, graças ao intercurso da Asia e do Egypto (o qual era aliás considerado então como asiatico). Jerusalem já existia sob o nome de Uru-salim (cidade de paz) e do seu governador Abdhiba, ha algumas cartas ao Pharaó. Outras cartas tractam das perturbações constantes causadas pelos Hetheus (Hittitas) e pelos Habiri. Estes ultimos são tribus

[1] Estas inscripções estão divididas: o museu Britannico, o de Berlin, e o de Gizeh, no Cairo, têm a maior parte dellas, mas ha algumas espalhadas até em mãos particulares. A relação completa das collecções ingleza e allemã consta do *Vorderasiatischen Bibliothek* de Knudzon, e dos trabalhos de Jeremias e Winckler. A collecção ingleza é descripta separadamente por C. Bezold, Londres, 1892.

immigratorias de Hebreus (Abrahão em *Gen.*, 14 : 13, é chamado "o Hebreu"). Os Hetheus eram os *Cheta* das inscripções egypcias: elles de um lado estavam em contacto com o Euphrates e do outro com a Syria e norte de Canaan.

Para, emfim, mostrarmos a profusão de dados que nos dão essas inscripções de Tel-el-Amarna basta mencionar os nomes de algumas das localidades a que se refere; só em Kinakhki, Martu e Amurru :—Azzati (Gaza), Askaluna (Askelon), Japu (Jaffa), Akka, Surru (Tyro), Siduna (Sidon), Beruna ou Berutu (Beyrout), Gubla (Jebeil), Mestu (Masad), Uru-salim (Jerusalem), Rubutu (Amman), Makida, Magda, Hinaturi, Tubil Lapana, monte Ni, monte Harabu, Katna, Gidsi, Aruru, Hinianabi, etc.,—todos existentes na Palestina de David.

Dissemos que essa correspondencia de Canaan era em cuneiformes. Isto mostra como estava generalisado o Babylonico, que se tornou a lingua culta e empregada na correspondencia official. Mostra a grande influencia babylonica não só em Canaan como tambem no Egypto.

Mas não são só estes testemunhos de Tel-el-Amarna que nos desvendam o gráo de cultura relativamente elevado, de Canaan. O explorador inglez F. Petrie e os tambem inglezes Bliss e Macalister, estes por parte do *Exploration Fund*, descobriram, entre 1890 e 1907, importantes monumentos archeologicos. Petrie desenterrou a antiquissima cidade de Laschish e cartas de um Zimrida, que, segundo os cuneiformes de Tel-el-Amarna, foi seu governador; e os dous outros resuscitaram a cidade de Gazer, trez horas a léste de Jaffa, com que o Pharaó dotou a filha que se casou Salomão (3 *Reis*, 9 : 16). Do outro lado o explorador Sellin tem excavado a planicie de Jesrael, nas cercanias de Mejiddo, descobrindo uma cidade protegida por quatro castellos e alguns documentos que mostram que os Canaanitas escreviam entre si o Babylonico, e procuravam cultivar as artes, mas ahi sem resultado satisfactorio, quando não imitavam os da Babylonia. (V. illustração no fim deste vol.)

CAPITULO XXX

A BABYLONIA ATÉ O TEMPO DE ABRAHÃO

§ 1. *Aspecto physico—Excavações*

QUEM tomar o mappa da Persia moderna vê do seu lado occidental um massiço de montanhas correndo na mesma direcção do Golpho Persico, isto é, de SE. a NO., até o seu extremo septentrional onde se acham os Araratas, na fronteira da Armenia. Esta Armenia constitue um grande planalto que se estende pelo Kurdistan, a SO., até tocar a ponta NE., do Mediterraneo, donde essa região montanhosa se estende pela banda oriental desse mar, abaixo, formando as cordilheiras do Lebanon e do Ante-Lebanon e os montes da Syria e da Palestina.

Essas cordilheiras formam uma especie de triangulo, cuja base é o grande Deserto árabe e de cujos lados, um, da banda do Mediterraneo, fórma a Syria e Palestina, e, o outro, na Persia e no Kurdistan, uma longa região de NO., a SE., cortadas por dous rios caudalosos. Um delles, nascendo na Armenia, perto do moderno Erzerúm, a 2.000 metros de altura, e o outro, mais abaixo, no Kurdistan, perto de Kharpuit, descem destas montanhas por profundas grotas calcareas, ás vezes de 3 e 5 kilometros de largura, até chegarem ao grande planalto ou degráo inferior da alta Mesopotamia. Esses estuarios, que são o Euphrates e o Tigre, continuam o seu caminho na direcção SE., até unirem-se para desembocarem ao N. do Golpho Persico. A região que cortam desde que descem das eminencias em que se originam constitue, assim banhada, uma orla riquissima e uberrima entre as cordilheiras da Persia e de Kurdistan e o deserto. Foi essa região, que só méde uns 1.300 kilometros de extensão, o berço da humanidade civilizada. É nella que a archeologia tem encontrado as tradições authenticas mais antigas do homem. Sem nomes muito certos a principio foi ella assumindo no correr dos tempos as denominações de Assyria, Mesopotamia e Babylonia, constituindo a Assyria a parte do norte mais ao oriente e ao sopé das montanhas Zagros até o Tigre; a Aram-Naharahim dos

Hebreus ou a Mesopotamia (nome recente dado pelos Gregos) formando o triangulo entre Bagdad e o Euphrates até o seu apice perto de Bagdad moderno ; e a Babylonia sendo a região inferior dos dous rios até o Golpho Persico. Physicamente todo esse paiz póde ser dividido apenas em Mesopotamia e em Babylonia,—isto é, a parte elevada e a parte baixa.

Descendo 300 m., do segundo planalto os dous grandes rios banham uma planicie que parece interminavel. O mais longo, o Euphrates, tem o percurso de muito perto de 3.000 kilometros e o outro, menos largo mas mais profundo e veloz, o de 1.900 kilometros. As inundações de ambos nas epochas de cheia, que são de Março a Septembro,[1] fertilisam singularmente aquella terra abençoada, e na antiguidade foram os principaes factores da sua civilização com os seus multiplos canaes, que iam reclamar terras aridas para fecunda-las, e com a sua intensa navegação. O homem assim contribuia para augmentar a uberdade daquelle sólo de alluvião já tão precioso pelos depositos que os dous rios traziam do N. Si, physicamente, essa região era assim conhecida, policamente póde-se chamal-a toda de *Babylonia*, pois como muito bem diz McCurdy, a Assyria foi um rebento da Babylonia e " a sua historia, como parte do grande drama no berço da humanidade é antes um episodio de uma historia muito mais longa e importante que começou dous mil annos antes da fundação de Ninive, a grande capital assyria, e soffreu a sua catastrophe quando a Assyria já não existia." [2]

Por esse mesmo motivo parece-nos insustentavel a cognominação de Chaldéa, dada á Babylonia por alguns escriptores recentes, como Lenormant, Maspero, George Smith e outros ; e isto a propria historia da Babylonia o demonstrará. Este paiz compunha-se a principio de cidades, algumas das quaes obtinham ás vezes a hegemonia sobre as outras. Elle foi governado successivamente por varios povos e apezar de que os reis de Ur, na Chaldéa, extenderam occasionalmente o seu dominio a parte do paiz, desde 3.000 A.C., só conseguiram conquistar a Babylonia sob Nabupaluçur em 626 A.C., quarenta annos antes da destruição de Jerusalem e quando os Judeus principaes foram levados captivos para a Babylonia. Apezar de que a Babylonia sob os Chaldeus só durou septenta annos, como esse periodo foi de grande actividade intellectual entre os Judeus, estes começaram assim a alludir á *Chaldéa* e aos *Chaldeus*, e o nome foi ficando applicavel a toda a Babylonia. Os Chaldeus (Kaldi ou Kaldú) vindo da Arabia meridional

[1] V. George Rawlinson, *The Five Great Monarchies*, 4ª ed., 1 vol., pag. 12 e seg., e Layard, *Nineveh and Babylon*, pag. 297.

[2] J. F. McCurdy, *History, Prophecy and the Monuments* (3 vols), I., pag. 85-86.

penetraram pelo norte do Golpho Persico e se estabeleceram ás suas margens, n'uma região fertilissima donde começaram logo a procurar estender-se ao Norte, ás vezes com excellente exito, mas misturanram-se tanto com os outros invasores que nunca deram o seu nome ao paiz.[1] A versão da LXX traduziu *Kasdim* por Chaldeus e no periodo alexandrino Babylonia e Chaldéa tornaram-se synonymos, em parte devido isso ao muito pouco escrupuloso historiador Berosso, que applica o nome Chaldeu ao povo primitivo da Babylonia.[2]

George Rawlinson que tanto tem concorrido para esta confusão de nomes, escreve elle mesmo : " Não ha razão para se pensar que o termo Chaldéa se tivesse estendido em qualquer épocha a toda a Mesopotamia e muito menos que se applicasse a todo o paiz de alluvião entre o deserto e as montanhas. A Chaldéa não era toda a planicie mas parte della. . . ." E mais adeante : " A Chaldéa não era um povo puro, mas muito misturado. . . . A respeito do nome Chaldeus, pelo qual se designa este povo misturado, é curioso notar que nos documentos do primeiro periodo, já achados, elle não occorre absolutamente. Apparece apenas nas inscripções assyrias do Seculo IX antes da nossa era, e ainda assim só applicado á raça que dominava a região que circumdava a cidade da Babylonia." [3]

O facto que o V. T. allude *ás vezes* aos Chaldeus, e até chama Babylonia sua filha (*Is.*, 47 : 1 e 5) só prova que os respectivos auctores escreveram na epocha logo anterior ou posterior ao Exilio, ou durante elle, quando o povo da Chaldéa, como já dicto, comquistára a cidade da Babylonia e dominava o paiz, que havia então attingido o seu gráo de grandesa sob Nebucuduruzur II.

Por todos estes motivos é preferivel a denominação de Babylonia ao paiz que outros têm chamado Chaldéa, menos propriamente.

A fertilidade da Babylonia attrahira a admiração de Herodoto quando visitou-a : para elle estava ali o principal granario do mundo, o trigo produzindo 200 vezes na média ; era preciso, disse elle, ver para crer. A industria humana, porêm, muito estimulava essa fertilidade. Uma grande rêde de canaes ora levava as aguas fecundas a ponctos onde não chegavam as enchentes dos rios ora desembaraçava grandes áreas do excesso

[1] G. S. Goodspeed, *Bab. and Assyrians*, pag. 334.

[2] Beroso era Chaldeu. Diz elle que depois do Diluvio houve em Babylonia 86 reis que reinaram 86.080 annos. Depois de 2.000 A.C., conta elle 49 reis em 459 annos, que chamava Chaldeus, e que parecem corresponder aos reis de Ur, etc., na Babylonia meridional.

[3] *Obra cit.*, I, 3 e 56.

dessas cheias, de modo que do lado do Oéste havia uma orla de verdura em pleno deserto.[1] É na primavera que occorre a cheia dos dous rios; e em Maio e Junho attingem á sua maxima altura. Estando na mesma latitude da Palestina, da Sardenha, do Marrocos, de Sevilla, da Madeira, da Georgia e da California (E.U.), a Babylonia é mais quente, pelo menos, como qualquer desses paizes, e no verão o thermometro sóbe, na sombra, a 48° Centigrado, segundo as observações de Loftus,[2] os habitantes retirando-se então para seus porões subterraneos ou *serdabs* onde podem gozar durante o dia da temperatura de 38°. Si similhante calor prostra e inutilisa o Europeu, diz o mesmo auctor, parece não abalar muito os Arabes locaes que são fortes, de excellentes musculos e adestrados a longos exercicios, inclusive o das armas de guerra. Alem do grande calor durante o dia essa região é varrida de ventos férvidos trazendo a areia imponderavel do deserto. Mas as noites são frescas, o ar é sempre de admiravel transparencia de modo que o céo apresenta um manto extraordinario de brilhantes estrellas.

Alem dos cereaes, na Babylonia vicejavam as palmeiras, sobretudo a tamareira. Desde o tempo de Herodoto, como elle observou, a palmeira cobria todas as planicies, e, segundo Strabão, um poema persa attribue a esta bella arvore 360 applicações diversas,—entre ellas, sem duvida, certo pão, vinho, vinagre, fibras para cordas e cordeis, etc. Alem disso a Babylonia era rica em muitas especies de tamariscos, romãs, laranjas, peras e uvas.

Nos pantanaes creados pelas enchentes ou pelas chuvas cresciam canas bravas de que ainda hoje Layard encontrou especimens de cinco metros de extensão (*Ob. cit.*, 553). É nesses caniçáes, nessas grandes moitas, que se abrigava o leão,—o grande animal da terra, e o inimigo do camelo, dos bois e dos carneiros, mas que, diz Layard, é, quando novo, facilmente domesticado. Alem do leão vingavam bem na Babylonia o leopardo, o lobo, a hyena, o buffalo, o porco selvagem, o veado, a gazella, a raposa, o porco-espinho, etc.; e entre as aves bastantes especies de abutres e corvos; ao passo que os seus rios abundam de bôa variedade de peixes, inclusive a carpa que attinge ahi a grande dimensão.

Só das montanhas da Armenia e do Kurdistan (moderno)

[1] A linha da estrada ferrea de Carnac a Assuão, no Egypto, corre frequentemente, ao longo do Nilo, justamente até onde este transborda; e é surprendente o espectaculo do contraste a que assistimos, de vermos da janella de um lado do carro do trem um extenso e risonho tapete de verdura e do outro lado, a vastidão do deserto de cascalho avermelhado, com toda a sua severidade.

[2] Chaldaea and Susiana, pag. 9.

ou do norte de Aram-Naharahim recebiam os Babylonios cobre, o ferro e outros mineraes ; e tambem marmore, basalto, alabastro, etc. Elles, porêm, dispunham em grande abundancia de um producto celebre na antiguidade,—o betume ou asphalto flúido de que ainda hoje supprem bôas qualidades as fontes de Is, no Euphrates, que provalmente eram as de Hit da antiguidade.

Como se verá pouco adeante, este paiz, comprehendendo a Assyria que constitue o berço do homem civilizado e cuja historia authentica é a mais antiga de que por ora temos noticia, como que desappareceu da superficie da terra. As relações dos Israelitas com Assyrios e Babylonios, inclusive neste ultimo termo os Chaldeus que os dominaram na sua ultima phase politica, foram constantes e nós encontravamos na Biblia as mais antigas e seguras referencias historicas a essas nações. A Assyria arrazou o reino de Israel ou do Norte, e a Babylonia o de Judá, ambas levando para os seus paizes a flôr da população da Palestina : e de tudo isto, e das guerras e invasões anteriores nos dá relação o Velho Testamento. Fóra dahi, porêm, nenhum outro historiador ou viajante nos legou a minima ideia do que foram a Assyria e a Babylonia. Só no meiado do Seculo V A.C., Herodoto escreveu suas viagens por aquellas paragens e só no meado do Seculo III o narrador chaldeu Beroso traçou os factos principaes da sua historia, muito misturada de mythos e legendas, para uso do governador macedonio da Babylonia, Anthioco Sotero ; e essa mesma historia só nos chega por extractos de outros escriptores, dous e trez seculos depois.

Até o começo do Seculo XIX póde-se dizer que a Babylonia era para nós o éco muito longinquo de uma civilização cuja naturesa nem presentiamos. O viajante que aventurava-se áquella região que se tornára das mais inhospitas do globo não só pela sua desolação absoluta como pelos seus habitantes, máos e traiçoeiros, só via aqui e ali, montes mais ou menos alongados, cobertos de areia dos Seculos, e os leitos sêccos do que outrora foram canaes hoje abandonados pelas aguas, que elles regulavam para darem vida e animação a toda essa região. E esse viajante, si conhecia a Biblia, de certo lembrar-se-hia da prophecia de *Isaias* (14 : 12-23) em que prevê que este reino, que fez estremecer o mundo de então, seria completamente arrazado, e a sua terra seria reduzida "a um dominio dos ouriços, e a lagoas de aguas estagnadas." [1] E com effeito, durante todos estes seculos desde a queda do reino de Nebu-

[1] V. sobre esta prophecia, na primeira parte desta obra, as pags. 73-75, e todo o cap. V.

cuduruzur, este paiz continúa a ser a abominada desolação prevista pelo propheta de Israel. Durante muito mais de um millenio nem havia vestigios do que fôra a Babylonia. Cobre toda a sua terra um manto silencioso e espesso, que esconde tenazmente o seu glorioso passado, e só ultimamente tem o homem conseguido um pouco, e com grandes esforços, para levantar uma pequena orla desse pesado manto, e o comparativamente muito que ficamos sabendo da vetusta historia da civilização babylonica só indica o muito que ainda resta saber deste fascinante assumpto.

Já na Edade média um viajante da raça dos Judeus, que sempre se interessaram tanto por esse paiz onde seus antepassados habitaram, prisioneiros, por cincoenta annos e onde tanto se desenvolveram moral e intellectualmente, esse viajante, Benjamin de Tudela procurou fixar o local da cidade da Babylonia e o da terra de Babel, sendo curioso que indicou justamente os que foram depois verificados como taes. Em 1755 um carmelita francez, St. Albert, declarou que a grande cidade devia ficar perto de Hillah, no Euphrates, e em 1765 Carsten Niebuhr, o pai do celebre historiador, opinou que as ruinas em frente a Moçul deviam ser as da cidade de Ninive.

Mas só no começo do Seculo p.p. um director da Companhia ingleza das Indias Oriental, C. J. Rich, começou a escavar ruinas, dirigindo-se primeiro ás de Babylonia e depois ás de Ninive, havendo conseguido achar bom numero de inscripções e objectos de arte que remetteu ao Museu Britanico, incluindo o famoso cylindro de Nebucuduruzur II, de que fallaremos ainda. Mas, depois de Rich nada se fez por mais vinte annos até que en 1842 os Francezes mandaram como consul em Mosui a P. C. Botta que, nada achando em Ninive, experimentou Khorsabad, septe kilometros dali, e teve a felicidade de desenterrar, com o auxilio de Victor Place, muitas das riquezas que são expostas no Museu do Louvre. Ao mesmo tempo um Inglez, viajante traquejado no paiz, A. H. Layard, depois Sir Austen H. Layard, que se dedicára ha annos ao estudo do Arabe, encetou uma serie de escavações nos monticulos de Nimrud a 25 kils. de Ninive e dentro de dous annos descobriu tres palacios reaes, a saber, de Assurnacirpal, de Shalmanazar II e de Essaradon, n'um dos quaes encontrou o celebre obelisco de diorito preto, em que vem mencionado o nome do rei Jehu, de Israel. Esse local de Khorsabad é da antiga Calah, outrora capital da Assyria. Proseguindo nas suas pesquizas em Ninive e circumvisinhança, Layard em 1848-9 descobriu mais quatro palacios, dous de Sin-akerib, um de Adadnirari II e o quarto de Essaradon. (V. illustração no fim deste vol.) E attacando

depois Calah Chegat, cerca, de 70 kils., ao S. de Nimrud, verificou que aquella cidade era a antiquissima Assur, a primitiva capital da Assyria e que lhe dera o nome. Entre os achados por Layard, ahi com o auxilio de Rassam, é preciso não esquecermo-nos dos fragmentos da versão semitica da lenda da Creação, que obtiveram em Ninive. (V. illustração no fim deste vol.)

Esse Rassam é de uma distincta familia chaldaica convertida ao Christianismo. Dous delles foram consules inglezes em varios ponctos da Babylonia mas o homem mais notavel da familia foi Hormuzd Rassam, que auxiliou Sir Austen Layard, e que depois foi o braço direito de George Smith e por sua propria conta descobriu os monumentos mais preciosos para os costumes, a religião e a historia antiquissima do seu paiz natal e da Assyria. Elle trabalhou incessantemente de 1873 a 1883. Na moderna Abu-Habba descobriu o local de Sippar-Agade, e uma enorme collecção de ladrilhos de barro com inscripções, que estavam depositados no antigo templo do Sol ; e tambem verificou que a antiquissima Kutha ficava onde é hoje Tell Ibrabrim, perto de Babel.[1]

Alem de Sir Austen distinguiram-se nas escavações dous outros Inglezes, quasi do mesmo tempo, W. K. Loftus e J. E. Taylor. Aos trez devemos hoje o resurgimento de Niffer (Nipur), Warka (a antiquissima Uruk ou Erech da Biblia), Senkereb (que era Larsa), Mu-Kayar (que é como se chama hoje Ur dos Chaldeus, donde veiu o patriarcha Abrahão) e Abu-Ihahrein (o celebre Eridu, a cidade mais meridional da velha Babylonia).

Em 1854, Sir Henry Rawlinson dirigiu escavações em Birs-Nimrud, perto da cidade da Babylonia e descobriu o grande templo dali e de cujos alicerces tirou alguns cylindros com inscripções de Nebucuduruzur II. Era esse o local da antiga cidade de Borsippa. Tambem achou ali os planos da cidade da Babylonia. Sir George dirigiu depois importantes operações em Nippur, Erech, Larsa e Ur.

Entretanto de 1852 a 1854 os Francezes Fresnel e Oppert exploravam o paiz e tiraram valiosas plantas topographicas, descrevendo minuciosamente o sitio da antiga Babylonia.[2]

Seguiu-se um periodo de cêrca de vinte annos de repouso. Havia mais material recolhido do que auctoridades competentes para lidar com elle, sobretudo com as inscripções. Mas esse pessoal se foi formando lenta e seguaramente.

Em 1873 o empregado do Museu Britanico que se estivera

[1] V. o seu *Recent Discoveries of Anc. Babyl. Cities*, London, 1884.

[2] Oppert ainda fez ulteriores estudos *in sita*. V. o seu *Expédition en Mésopotamie*, Paris, 1863. E tambem o auctor dos *Eléments de la Grammaire assyrienne*, e, com Ledrain, redigiu *Revue d'Assyriologie*, Paris, 1884-1893.

preparando na rica collecção deste estabelecimento, o então joven George Smith, emprehendeu uma serie de escavações. Rassam depositára no Museu as laminas de barro, com transcripções de tradições antigas, achadas na bibliotheca de Assurbanipal: Smith traduzira, d'entre ellas, as que se referiam ao Diluvio e o assumpto attrahiu a maior sensação na Inglaterra e no mundo. Smith resolveu elle mesmo ir procurar novas laminas, agora que já se liam os cuneiformes babylonicos com maior facilidade. O seu trabalho foi brilhante em duas viagens que fez, vindo a fallecer em Aleppo, em 1875, verdadeiro martyr da sciencia. Elle achou novas laminas sobre o proprio Diluvio, bem como as da legenda babylonica da Creação.[1] O seu trabalho foi continuado por O. Rassam, por parte do Governo inglez, e este nos cinco annos de 1877 a 1882 obteve ainda melhor colheita de antiguidades do que Smith. Na Assyria desencavou em Nimrud o templo construido por Assurnacirpal, e em Kuiunjic em excellente cylindro, com inscripções, de Assurbanipal. Como si isto já não bastasse obteve em Balawat (a 25 kils. de Mosul) as esplendidas portas de bronze do templo de Salmanazar II. Passando-se para a Babylonia Rassam descobriu um dos palacios de Nebucudurzur II em Birs-Nimru ou Borsippa bem como localisou os celebres jardins suspensos. Em Tell-Ibrahim elle reconheceu o sitio da velha cidade de Kutha e em Sippar teve a boa fortuna de escavar do esquecimento millenar o celebre templo do Sol, achando tambem cylindros de Nabunaid ou Nanonido, o ultimo rei da Babylonia e uma lamina com o ritual, alem de mais de 50,000 placas com as contas do templo. Mais ao Sul da Babylonia um notavel Francez, M. de Sarzec, nomeado Consul em Bassoroh, no Golfo Persico, emprehendeu em 1877 extensas excavações em Tello moderno, que fica sobre a linha do canal Shatt-el-Hai, que une o Tigre ao Euphrates. Sarzec dirigiu septe ou oito campanhas em annos differentes e, excepto o descobrimento das ruinas das cidades de Ninive e de Babylonia, nenhum explorador jamais obteve mais importantes resultados do que elle, como se vai ver. Sarzec verificou logo do principio que o que excavava debaixo de Tello era a cidade de Chirpula, a que tantas referencias havia nos cuneiformes mais antigos, e que depois foi chamada Lagash pelos Babylonios. Em segundo logar, nos milhares de ladrilhos, cylindros e cones com longas inscripções, verificou-se que não encontravam-se propriamente os cuneiformes babylonicos e assyrios mas o que parecia uma outra lingua. Apoz ardentes estudos

[1] Deixou-nos sobre este assumpto: *Assyrian Discoveries: Explor. and Discov. on the Site of Nineveh* (1875); *Assyria from the Earliest Times . . .* (1875); *Hist. of Babylonia* (editada por A. H. Sayce, 1878), alem dos obras que já citámos.

sobretudo de Jules Oppert, chegaram esses sábios á conclusão que a lingua dessas inscripções talvez nem fosse semitica: si ás vezes ella empregava na escripta as *cunhas* do Norte estas tinham valor diverso. Esse novo idioma, mais velho do que o babylonico, segundo têm assegurado a maior parte desses assyriologos, foi chamado a principio *Accadio* e por ultimo *Sumeriano*. Muitos outros sábios, porêm, continuam a sustentar que tracta-se apenas de dous modos diversos de expressão n'uma sá lingua que é o babylonico semitico: o primeiro, muito ideographico (como os hyeroglyphos do Egypto) sendo no correr do tempo substituido pelo cuneiformes ou o modo phonetico e demotico.[1] O assumpto ainda não fica definitivamente solvido,[2] nem o será antes de acharmos inscripções ainda mais antigas do que as sumerianas e outras que sejam como intermediarias entre ellas e o primitivo Babylonico. Entretanto precisamos, segundo a maioria das auctoridades, acceitar o facto de que ao sul da Babylonia, na parte denominada mais directamente pelos Chaldeus, prevalecia o governo de um povo muito antigo com sua propria lingua. O que nos interessa aqui é saber que esses documentos, trazidos á luz por Sarzec, são evidentemente mais antigos do que os que até então haviam ser exhumados, e nos deixam ver a historia do paiz mil annos e mais do que a mais velha data que se tinha na Assyria e Babylonia. (V. illustração no fim deste vol.)

É tal a abundancia do material de inscripções achados por Sarzec que podemos hoje ter uma ideia bastante clara da historia desse povo, como ver-se-ha depois, e tambem dos seus usos e costumes, da sua religião, da sua civilização inteira. Elle desencava não só um palacio importante (o do rei Gudéa, de cêrca de 3000-2900 annos A.C., e por conseguinte oito seculos antes de Abrahão) como tambem estatuas esplendidas em diorite, inclusive o fragmento de uma, daquelle rei, e medindo 1.58 m., de altura; e mais; um edificio, cujos tijollos tinham todos impressa a marca de "Ur-Nina, rei de Lagash;" cabeças de leão; baixos e altos relevos; pranchas das cavidades dos eixos das portas (não usavam dobradiças); estelas de pedra, uma das quaes, do rei Edingiranagin, é de 4000 A.C.; enorme collecção de placas de barro cosido com rituaes, contractos, inventarios, todas cobertas de cuneiformes; pequenas peças artisticas de bronze, algumas em-

[1] Assim pensam entre outros McCurdy, *ob. cit.*, I, 82 e seg., e Halévy, em muitos trabalhos, como: *Les Nouvelles inscriptions chaldéennes et de la question de Sumer et d'Accad* (1882); *Mélanges de Critique* . . . (1884.—Entre os que sustentam existir o Sumero-accadio notamos Lenormant, Maspero, o citado Oppert, Hommel, A. H. Sayce, A. Amiaux, L. Méchiraux, P. Haupt (de Leipzic), Hilprecht (da Universidade da Pennsylvania), e outros.

butidas de madreperola e lapus-lazali; grande numero de cylindros, cones, etc.[1] (V. illustração no fim deste vol.)

Ao mesmo tempo em que, o distincto Francez proseguia nas suas pesquizas a Universidade da Pennsylvania mandava em 1888 uma expedição á Babylonia para abrir novos horisontes á sciencia, e desta expedição foi director o Dr. Peters, accompanhado do conhecido assyriologo, Dr. Hilprecht, professor naquelle estabelecimento. Seu objectivo eram as ruinas de Naffar. A expedição soffreu muitas contrariedades, molestias, attaques dos Arabes, etc., mas ainda assim foi ampla a sua colheita. Centenas de sarcophagos de barro e urnas, conteúdo de ruinas de casas particulares e armazens, milhares de documentos inscriptos em placas, muito vasos, memoriaes *causa mortis*, etc. Mas não é tudo. Hilprecht conseguiu trazer á luz o templo de Edu, denominado nos cuneiformes "a casa do monte," e elevando-se 34 metros ácima da planicie ao redor: nesse templo, a plataforma attribuida ao primeiro rei de Ur, foi construida em 2800 A.C. Abaixo dessa plataforma a expedição obteve grande numero de placas com o nome de Sargon o Grande, e por conseguinte de 3800 A.C. Hilprecht mesmo refere como nas placas do eixo de uma porta encontrou escripto em cuneiforme a imprecação: "A quem tirar daqui esta inscripção da pedra, que Bel, Chamache e Ninna o arranquem da vida e destruam a sua descendencia." (V. illustração no fim deste vol.)

A expedição levou para os Estados Unidos 32,000 placas de barro com inscripções, vasos para sacrificios das dynastias de Ur e de Erech; e agora este riquissimo material está sendo estudado em Philadelphia.[2]

§ 2. *Resenha Historica* (4200-2200 A.C.).

Demos agora uma ligeira ideia da historia da Babylonia, até 2200 A.C.—e pouco mais do que isso se póde fazer em face da escassez de documentos, sobre a parte mais antiga dessa historia que é a que nos interessa neste momento em que, antes de introduzirmos a figura majestosa de Abrahão, dese-

[1] Os resultados dessas campanhas successivas de Sarzec constam da obra *Découvertes en Chaldée par Ernest de Sarzec, publiées par les soins de Léon Heuzey* (1884), que ainda não está concluida. A. Heuzey, o sabio sub-director do Museu do Louvre, onde está recolhida a collecção Sarzec, deve muito a nova sciencia da Assyriologia.

[2] A historia documentada desta expedição está sendo preparada sob a direcção do proprio Prof. H. V. Hilprecht, que nos promette septe series de septe vols. cada uma, sob o titulo geral de *The Babylonian Expedition of the University of Pennsylvania*, e que conterá os textos cuneiformes.—V. mais *Babylonian Tablets in the British Museum.*

jamos para melhor comprehensão da sua personalidade, esboçar o que era o paiz onde nasceu, quaes os seus antecendentes e a civilização de que gozava quando dali emigrou o fundador do povo hebreu. Em vez de uma historia comprovada só dispomos de dados, admiraveis sem duvida e ás vezes bastante convincentes, mas que, no estado actual dos nossos conhecimentos, servem apenas para se ir com elles formando o esqueleto historico dessa região que, esperemos, n'um futuro proximo possa ser coberto de fartos e seguros dados suppridos pelo estudo ulterior das excavações já feitas e por novas inscripções archaicas.

Por ora nem podemos tentar uma chronologia certa. Felizmente, para termos um poncto certo de apoio a que podemos referir os factos que vamos descobrindo, uma placa de barro, achada em Abu-Habbah, a antiga Sippara, nos dá preciosa informação. Acontece que o ultimo rei da Babylonia, Narbônido (559-549 A.C.) era fervoroso investigador da historia do seu paiz, e perito archeólogo. Reconstruindo o templo do Sol em Sippara este rei encontrou, nos alicerces do antigo, a pedra fundamental lançada por Naram-Sin (filho de Sargon I) que, diz Narbônido na sua placa, ali estava occulta a todos os olhos por 3200 annos. Ora como elle dizia isto em, digamos, 550 A.C., Naram-Sin devia ter reinado em 3750 e seu pai, Sargon, em cêrca de 3800 A.C. Sippara ficava muito perto a N.O., de Agade ou Acad, a capital de Sargon. E ulteriores escavações demonstram que o rei antiquario tinha razão. Elle referiu-se a *Sargina* por Sargon ; e como duas inscripções que pareciam do seu tempo fallam de *Sargani-sar-ali*, duvidou-se por algum tempo da identidade dos dous. Esta ficou, porêm, provada pelas inscripções mais recentemente achadas pelos Americanos em Nippur em que, na mesma camada, se encontram as do seu filho, Naram-Sin. Excavando ainda mais fundo achou a expedição da Universaidade da Pennsylvania uma preciosidade architectural,—um arco de tijollo, cuja antiguidade é fixada por Hilprecht [1] em 4000 annos A.C., o que parece justificar a legenda sumeriana de que Nippur era a cidade mais antiga da terra.

Ao redor de Sargon formaram-se muitas legendas, algumas das quaes se tornaram classicas na litteratura babylonica. Não ha, porêm, duvida que elle foi um possante rei que estendeu o seu dominio por toda a Babylonia até o Mediterraneo, e, sinão elle, ao menos seu filho Naram Sin, *puro semitico como o pai*, governou alem do seu reino, o norte da Mesopotamia, Elam, a Syria e a Arabia, como está hoje provado. Do que

[1] *Recent Researches*, pag. 59.

se não sabe é si esta dynastia durou muito mais tempo ou si cedeu á maior força e habilidade de algum dos outros regulos.

Mas está visto que, apezar deste ponto de apoio tão remoto que fixa o reinado de Sargon apenas dous seculos depois da era de ha muito annos marcada pela legenda como a da Creação do homem, ha provas, bem que incompletas e esparsas, da existencia de governos na Babylonia muitos seculos antes daquelle celebre rei, de facto do meiado do quinto millenio A.C. Ha uma região, Kengi, ainda hoje não identificada mas que se acredita ser a Sudoeste da Babylonia, de que era rei Enchagsagana. Elle travou grandes luctas com Cis ou Kich (a N.O., da cidade da Babylonia) e consta de inscripções que offereceu despojos ao deus de Nippur referindo-se áquella cidade como "malvada." Mas parece que depois disto Kich e Gisban attacaram Chirpula em 4400 A.C., tornando-a sua vassala. O *patesi* ou vice-rei de Isban (melhor seria chamarmos o patesi rei-sacerdote) de nome Lugal-za-gisi ("rei cheio de força eterna") foi dos mais notaveis da antiguidade babylonica, e estendeu o seu dominio a quasi todo o paiz, cognominando-se elle mesmo "o rei do mundo." Elle subjugou Ur, Larsa, Nippur e até Gisban (Harran da Biblia) ao N. As suas façanhas constam das inscripções em mais de cem vasos achados em Nippur ha pouco pelos Americanos. O seu imperio, porêm, não durou, a hegemonia da Babylonia passando para Sirgula. Hilprecht crê que Lugal-za-gisi era semita e que foi elle quem iniciou as primeiras invasões da sua raça nessa parte do mundo.

Sirgula, como já dissemos, é tambem chamada Chipurla e, depois, Lagache ou simplesmente Lagas. Urukagina é por ora o nome do rei mais antigo de Chipurla,—a qual, como tambem já explicamos, ficava sob a localidade ora chamada Tello, campo das grandes escavações dos Francezes nestes ultimos annos. Depois de Urugajina o primeiro rei de que nos fallam as inscripções é Ur Nina (*circa* 4200 A.C.), cujos successores chamavam-se a si mesmos de *patesi*. Dous delles distinguiram-se muito, Edingira-nagin (tambem chamado Eannatum) e Entemena. O primeiro manteve uma lucta terrivel contra o regulo de Gisban, ao N., cujo nome ainda não poude ser decifrado. Em Tello achou-se uma stele de excellente pedra calcária, coberta de scenas e inscripções sobre esta victoria. Vêm-se bandos de abutres levando membros dos corpos dos inimigos vencidos, e apezar de muito fragmentada, esta stele poude ser explicada satisfactoriamente por Heuzey, o curador do Museu do Louvre, onde se acha.

Depois dos successores immediatos de Edingira-na-gin nada se sabe de Chipurla. Houve um *patesi*, Ur-Bau (*circa* 3500

A.C.), já depois do tempo de Sargon, que muito empenhou-se em construcção de templos. Depois de outro longo intervallo em que nada sabe-se deste reino, surgiu o notavel patesi Gudéa (cerca de 2900 (?) 3100 A.C.) que, fóra a sua conquista de An-chan (" paiz dos jumentos ") na Persa ou Elam daquelle tempo, foi um rei pacifico, amigo das construcções e das artes e que nos faz lembrar Salomão. Do seu palacio extrahiam-se numerosos objectos artisticos, estatuas e partes de estatuas de diorite, chapas em que gyravam as portas, cheias de esculpturas e inscripções preciosas, enorme quantidade de placas, cones, estatuetas de barro e de metal, etc. N'uma das suas maiores inscripções se vê como era activa e adeantada a civilização já uns 30 seculos antes de CHRISTO. Gudéa manda buscar blocos de alabastro do Lebanon, na Palestina; pedra calcárea " do paiz dos Amoritas " (Amorreus); vigas de cedro do monte Amana; ouro em pó do deserto entre a Palestina e o Egypto e varias pedras das montanhas do Tauro, ao Norte: estas, accrescenta-se, vinham ao Euphrates e dahi desciam a Sirpula por meio de jangadas. Ora tudo isto presuppôe grande adeantamento das artes e notavel commercio internacional.

O outro pequeno reino, de Ur, muito antigo como vimos, careceu de importancia especial por muitos seculos desde que Sargon o conquistou em 3800 A.C. Mil annos depois, porêm, Ur surgiu á frente da Babylonia, tendo submettido ao seu dominio todo o sul do paiz. As inscripções de barro só nos fallam de dous de seus reis, Ur-gur e Dungi. N'uma dellas Dungi é tractado como " rei de Ur, rei de Sumer e de Acad, parecendo que o seu governo estendeu-se a toda a Babylonia. Ur-gur, a julgar pela marca em milhares de tijollos, foi grande constructor de templos. O celebre templo ao deus da Lua em Ur é sua obra; em Erec elle levantou outro templo á deusa Istar, e em Larsa outro ao deus Sol, ao passo que reconstruiu em Nippur o grande templo de Ecur. Alem destes templos erigiu grossas muralhas ao redor da sua capital, Ur.

Depois deste rei Dungi nada mais consta de Ur por algum tempo. Sabe-se que o poder destes reis passou aos de " Isin," e conhecemos os nomes de cinco delles, havendo uma inscripção em que um delles é tractado como " rei de Sumer e de Acad, de Nippur, Ur Eridu e Erech,"—que mostra a decadencia de Ur. Com vagar, porêm, parece que a hegemonia passou novamente a Ur,—a uma segunda dynastia, fundada por Gungunu, a qual parece ter reinado entre 2700 e 2400 A.C. Esses reis não mais se denominam " reis de Sumer e de Acad," mas " reis das quatro regiões." Ha muitas inscripções que tractam de suas campanhas na Syria, na Arabia e em Elam,

sendo que o mais intrepido delles foi Dungi II, cujo reinado durou mais de 50 annos.

Segue-se depois desta hegemonia de Ur um periodo de que nada sabemos e que cobre dous seculos, quando surge Sumu-abu (Semita) na cidade da Babylonia, propondo-se repellir os Elamitas. Este povo descera das suas montanhas a L. da Babylonia e occupou quasi todo este paiz, muito mais civilizado do que o delles. Uma dessas maiores invasões foi pessoalmente commandada pelo seu rei Cudurnancundi. E tanto mais historica é esta invasão que, dezeseis seculos depois, o rei Assurbanipal, tomando a cidade méda de Suza, em 650 A.C., diz que achou o idolo da deusa Nena que aquelle rei, Cudurnancundi, levára comsigo de Erech, havia, diz Assurbanipal, 1635 annos, isto é, em 2285 A.C.

Segundo a chronologia mais geralmente seguida (pois ainda restam grandes divergencias a este respeito) os primeiros reis desta dynastia foram : Sumu-abu de 2399 a 2384 ; Sumula-ilu, de 2384 a 2349 ; Zabum, de 2349 a 2335 ; Abil-sin, de 2335 a 2317 e Sin-mubalit, de 2317 a 2297.[1] Vê-se que os primeiros cinco reis governaram, pois, na média, um pouco alem de vinte annos cada um, o que demonstra um periodo pacifico e de grande progresso para a cidade da Babylonia que agora tornava-se o centro do movimento politico do paiz. Foi a Sin-muballit que succedeu seu filho, o grande rei Hammurabi, nm dos maiores da antiguidade, tão completo no campo de batalha como no governo interno do seu vasto imperio. Elle governou, segundo uns de 2297 a 2254, e, segundo outros, de 2264 a 2210, essa primeira dynastia acabando-se em 2098.

São comparativamente abundantes as fontes para a historia de Hammurabi, o contemporaneo de Abrahão. Existe delle grande copia de cartas e de inscripções.[2] Temos sobretudo Chronica dos Reis desta primeira dynastia da Babylonia, e os vols. 2, 4, 6 e 8 dos textos cuneiformes que se acham no Museu Britanico, alem de outras muitas collecções menores, entre ellas as do Padre Scheil, de Budge, do Dr. Pinches, etc. E temos finalmente a grande Stele desencavada em Dezembro de 1901 e Janeiro de 1902 em Suza, antiga Persepolis, por De Morgan, e de que tractaremos mais adeante. Aliás desde as primeiras explorações, em 1860, o nome de Hammurabi tornara-se bem conhecido, apezar das suas variantes Ammi-rabi, Ammu-rapi (assyrio) Hammum-rabi, etc.

[1] Sobre estas questões lêa-se o cap. XII de Rogers, *History of Assyria and Babylonia.*

[2] Veja-se a collecção de L. W. King, *Letters and Inscriptions of Hammourabi* (1863) ; *Keilinschriftliche Bibliothek*, redigido por Schrader, vols. 1-3 (1889-1892).

Não se sabe ao certo da procedencia de Sumu-abu e de seus descendentes até Hammurabi. Entendem alguns que os nomes Apil-sin e Sin-muballit carecem de cunho propriamente babylonico. Outros entendem que o têm e que todos os nomes desta epocha mostram peculiaridade como *Samsu* por Samas, etc. Hommel e Sayce são de parecer que esta familia era árabe e Winckler e Delitzsch que elles eram semitas do gruppo a que pertencem os Phenicios, Hebreus, Arameus e Moabitas. Do que ninguem duvida é que pertenciam á raça semitica.

No tempo desta dynastia já se começava a ter uma chronologia especial que consistia não só de uma Lista dos Reis, com a duração dos reinados respectivos, como de uma Chronica dos Reis em que cada anno era designado por um facto importante delle. Extrahiremos alguns delles dos annos do reinado de Hammurabi.

1 : Anno em que Hammurabi tornou-se rei.
2 : Anno em que Hammurabi estabeleceu em justiça o coração da terra (Isto é em que promulgou legislação sobre a reforma da justiça).
3 : Anno em que se fez o throno de Nannar (em Erech, mas fabricado em Babylonia).
8 : Anno em que se concluiu a margem do canal Nahusnisi (importante obra para o publico).
9 : Anno em que começaram as excavações do canal Hammurabi.
21 : Anno em que se fez a muralha de Bazu (cidade perto de Sippara e de Kich ou Cis).
25 : Anno em que se construiu a muralha de Sippàra.
28 : Anno em que se construiu o grande templo Enamhe (ou Adab, "a casa de abundancia," em Babylonia).
30 : Anno em que foi derrotado o exercito de Elam.
31 : Anno em que foi tomada a cidade de Iamatbal.
33 : Anno em que o canal Hammurabi . . . (Inintelligivel ; mas provavelmente foi quando se concluiram as obras deste grande canal, que levaram assim 24 annos de trabalhos).

Esses extractos, apezar de sua extrema sobriedade, representam muito bem o character do grande rei : sempre cuidando das cousas religiosas e do bem geral do seu paiz. Dessa chronica supprimimos as referencias a concertos e construcções de templos de que tanto se preocupavam os reis desse paiz tão eminentemente religioso. Graças aos annos de paz que lhe legaram os seus antecessores e durante os quaes a Babylonia progrediu enormemente, Hammurabi estendeu o seu imperio em todas as direcções, e sempre visando a gloria da cidade da Babylonia que se tornou o centro do maior imperio do tempo. Desde talvez um seculo atraz o paiz achava-se

sob a suzerania de Elam e Hammurabi preparou-se lenta, mas seguramente, para tira-la deste jugo estrangeiro.

Entre os reis de Elam que se estabeleceram na Babylonia se destacaram Kudur-mabuc e seu filho Rim Sim ou antes Ri-im-sin (segundo Lenormant), tambem chamado nas inscripções Eri-sin ou Eri-acú,—*eri* no sumeriano significando *servo*, e *rim*, segundo alguns assyriologos, *favor*, *graça* (" por favor do (deus) Sin "). Sobre este assumpto teremos depois de accrescentar outras observações. Este Eri-acu reinava em Larsa ou El-lassar, que como já vimos era um dos grandes centros da adoração do deus-Sol (o outro sendo Sippara). Já o antecessor e pai de Hammurabi se battêra com esse rei mas estava reservado ao filho captura-lo e tambem parte do territorio elamita. Na Chronica dos Reis se lê no 31º, anno de Hammurabi : " Anno da terra Emutbalu." E entre os *accrescimos* a essa Chronica, consta o seguinte :

" Anno 31. Anno em que Hammurabi, rei por mando de Anu e de Bel, estabeleceu (obteve) vantagem e capturou a terra Yamutbalum e o rei Rim-sin."

Mas não é como guerreiro que o nome de Hammurabi passou á posteridade. Nas escavações destes ultimos quarenta annos têm-se milhares de inscripções a respeito do seu reinado, inclusive a celebre Stele descoberta por M. de Morgan a que já nos referimos e dellas se poderia deduzir que todo o progresso da Babylonia em 2000 A.C., era attribuivel a este rei verdadeiramente extraordinario. Seria isto, porêm, um erro. A civilização babylonica tomou enorme incremento nos quarenta annos do seu reinado mas era o resultado de um preparo lento de tantos seculos. O chamado Codigo Hammurabi é typico da obra deste grande chefe de Estado : elle consolidou, e deu unidade ao vetusto legado civilizador do seu paiz.

Hammurabi mereceu de certo o titulo que lhe deram de pai do seu povo, pois attendeu a todos os seus multiplos interesses. Valeu-lhe sempre a sua especial consideração o supprimento de agua á agricultura. Os dous estuarios do Euphrates e do Tigre têm suas epochas certas de grandes cheias, inundando as planicies e tornando-as depois, nas epochas de sêcca, em pantanos pestiferos ou em terra de um barro duro como pedra. O intelligente aproveitamento das aguas sempre foi o primeiro empenho de todos os governos da Babylonia. Era preciso desvia-las e concentra-las, rete-las em reservatorios e distribui-las cuidadosamente, pois onde chegam abundam as colheitas e onde faltam tornam-se impossiveis. Tudo isto fez Hammurabi, melhorando o muito que já haviam conseguido os seus antecessores. O seu grande " canal-Hammurabi "

foi obra notavel de engenharia, e elle fez aproveitar as suas margens com vastas plantações de trigo e milho. Como havia annos de fome, fez construir na capital amplos depositos para o supprimento dos grãos nesses annos estereis. Elle estabeleceu correios rapidos no seu reino, obtendo assim uma acção centralisadora mais directa, e melhorando ao mesmo tempo as estradas do paiz para o intercurso nacional que se tornou tão activo. Não só a área das terras araveis augmentou-se mas de todas cresceu muito o valor; e o commercio attingiu a um acervo até então desconhecido.

Mas Hammurabi se não descuidou da Religião nem da Justiça e seus melhores carinhos foram dados de um lado á reconstrucção e ornamentação dos templos nos varios centros da Babylonia e á administração dos seus recursos consideraveis, e do outro lado á distribuição da mais exacta justiça entre os seus compatriotas. Em uma de suas inscripções se vê que n'um conflicto entre um cidadão e uma cidade elle deu ganho de causa ao cidadão. Elle estabeleceu na capital um tribunal de appellação em que tomava grande interesse. Assim, tudo concorria para unificar e consolidar o seu imperio e é notavel como tambem succedeu isto com a religião. O deu Bel, o antigo Bel de Nippur, cedeu em importancia ao Marduc da cidade da Babylonia, que ficou sendo o *bel* ou senhor do pantheon do paiz, corroborando assim a sua supremacia politica.

Era natural que esta epocha se tornasse tembem litteraria; e, com effeito, da sua grande actividade temos prova na grande quantidade de placas, tijollos, stele e obeliscos com inscripções que estamos hoje procurando ler nos museus. Os classicos antigos foram copiados e retocados pela classe sacerdotal que era a dos lettrados e as vetustissimas tradições semiticas eram tambem accommodadas á nova ordem de cousas: já vimos como a lenda da Creação falla não de Bel mas de Marduc como deus vistorioso de Tiamat, ou o Cháos. Revestia a esta litteratura, porêm, um cunho muito especial, consistindo apenas da mythologia antiga, de "encantamentos," supplicas, direcções ritualistas e outras peças religiosas; de extraordinario numero de contractos de meras relações civis,—pois nada se convencionava sem contracto escripto; e de leis soltas e inscripções votivas. Convém, pois, não esquecer que a escripta cuneiforme não era espalhada pela Babylonia como hoje é a nossa: era ella cultivada pela classe especial de "escrivães," profissionaes, filiados á classe sacerdotal. Ainda existem o que hoje chamariamos manuaes e compendios da linguagem escripta, com explicações e commentarios, e até pequenos diccionarios do Sumeriano-Babylonico. Do grande

adeantamente da civilização babylonica na era de Abrahão e de Hammurabi a prova talvez mais cabal é o admiravel Codigo, civil e criminal, a que já nos referimos ligeiramente.

Algum rei de Elam, que conquistara a Babylonia, carregou para a sua terra um magnifico stelle em *diorite* preto de 2.25 m. de altura, afinando um pouco até a largura de 1.65. Na sua parte superior um bello baixo-relevo representava Hammurabi, rei da Babylonia, recebendo do deus do Sol, Chamache, assentado, o codigo de leis. Este baixo-rêlevo mede 65 por 60 centimetros, e logo abaixo começa a mais longa inscripção semitica que existe, que passa para o outro lado da stele, que é um tanto curva. Na frente a inscripção é distribuida em dezeseis columnas, havendo desapparecido a que constava de mais cinco que foram raspadas completamente pelos Elamitas,—talvez com a intenção de usar o bello diorito para outro fim. No verso, a inscripção contém vinte e oito columnas, completas. A inscripção inteira, pois, tinha quarenta e nove columnas, com 4000 linhas e 8000 palavras mais ou menos, e este importante achado foi devido ao Sr. De Morgan, nas suas escavações na Persia em 1901-2.[1] Como já se deve ter visto era a civilização da Babylonia muito adeantada na epocha de Hammurabi, que é a de Abrahão, e a que nos cingimos nestas observações, pois a Babylonia as attingiu á sua maior gloria no tempo de Nebucuduruzur II, seis seculos depois. Quando, porêm, consideramos que Abrahão viveu septe ou oito seculos antes de Moysés, é surprehendente a admiravel organização politica, social e industrial do paiz que nos revela o proprio Codigo Hammurabi.

No principio os Babylonios deviam ter sido quasi exclusivamente um povo de pastores e na epocha de que nos occupamos a industria pastoril, não mais a unica, devia ainda compartilhar de importancia com a agricultura. As grandes pastagens a O. do Euphrates eram bem convidativas não só aos habitantes como aos Beduinos que traziam-lhes seus gados para engordar, pagando aos donos dellas ou aos pastores aos quaes os donos as arrendavam. É curioso como o Codigo Hammurabi occupa-se de todos estes incidentes desta industria. Até o salario do pastor de bois e carneiros é fixado (§ 261 : oito *gur* de trigo por

[1] Sobre o codigo Hammurabi devem ser consultados: *Mémoires de la Délégation en Perse* (1902) que primeiro, reproduziu e publicou a *Das älteste Gesetzbuch der Welt* (1903) com nova versão de H. Winckler (Leipzig) e *The Oldest Code of Laws in the World* (1904) com outra versão, esta bem litteral, por C. H. W. Johns. Ha bom numero de obras especiaes e algumas, como a de S. A. Cook, *The Laws of Moses and the Code of Hammurabi*, sobre a comparação da lei mosaica com esta codificação babylonica.

anno). O pastor que malevolamente diminue o numero de animaes, a elle confiados, é punido, bem como o que os vende e dá más contas (§ 263-265), mas não é responsavel pela perda causada "pelo golpe de DEUS," ou si causado por algum leão (266). O pastor é responsavel pela sua negligencia (267). O codigo tambem fixa o aluguel de um boi de trabalho, de uma vacca de leite, e a responsabilidade do alugador no caso de morte ou damno dos animaes. Si um boi ou vacca era vicioso, e não tinha os chiffres aparados e andava solto, e si assim deu chiffrada em pessoa da classe elevada, causando a sua morte, o dono pagava grande multa (251), sempre menor si o offendido pertencia á classe commum dos cidadãos (252). Tambem priovidencia-se sobre os damnos causados nos campos e plantações por animaes soltos. Estas disposições que, excepto quanto ao reconhecimento de classes sociaes, parecem de um codigo de hoje em dia, mostram como estavam adeantados os Babylonios ha 42 seculos. Abrahão pertencia á classe dos pastores abastados, que tinham escravos alem de muitos rebanhos.

Nesse tempo os cidadãos dividiam-se em trez grandes classes; os da classe alta, chamados *amelú*; os da classe commum chamados *muskenú* (palavra que passou ao hebraico ás linguas modernas, inclusive a nossa, em. *mesquinho*) e que constituia a classe geral dos habitantes; e por fim os *escravos ardú*, que formavam grande parte da população. A escravidão provinha sobretudo dos prisioneiros de guerra e sua descendencia, e dos individuos comprados no exterior e trazidos como escravos para a Babylonia. A meticulosa legislação sobre a escravidão providenciava não só para os deuses dos escravos como para os dos senhores. O que abrigava um escravo, sabendo que o era, subjeitava-se á pena de morte (§ 16). O que prendia o escravo fugido tinha direito a pagamento ou premio certo (dous chequels de prata). Si um escravo repudiava abertamente a seu senhor, tinha este o direito de cortar-lhe o orelha (§ 282). A mesma pena era comminada ao escravo que commettia offensas physicas n'um cidadão da classe alta (§ 205). O escravo podia casar com mulher livre mesmo da classe alta: neste caso, si ella tivesse filhos o dono do escravo não tinha direito a elles (§ 175). Si tal mulher recebesse dote do pai ou do marido, e este fallecesse, o dote não revertia ao dono delle mas á viuva; e aos bens adquiridos pelo escravo e sua mulher livre, a metade ia para o dono e a outra á viuva (§ 176). O escravo podia ser entregue a um credor para pagar-se com o trabalho delle, e si ainda assim não o conseguisse poderia ser vendido. Mas a escrava que tivesse tido filhos do

senhor nunca poderia ser assim vendida (§ 119). É preciso notar que, para pagamento de divida, podia o homem dar a mulher, o filho ou a filha, mas o serviço destes só podia durar trez annos (§ 117).

O casamento era um contracto. O noivo pagava um dote ao pai e este dava outro á filha. No caso de quebra do contracto de casamento nada se podia reclamar. O dote paterno regulava-se pelas posses do pai e era quasi sempre maior do que o do noivo. Existem placas de barro mencionando em que consistiam esses presentes paternos ou *seriktú*, a saber, ouro, prata, joias e ornamentos, mobilia, terras e escravos. Esses dotes revertiam á mulher por morte do marido e por morte della aos filhos (§§ 162, 167, 173, 174), ou, na falta delles, aos pais della e seus descendentes (163, 164). A mulher tambem retinha a sua parte no caso de divorcio, excepto quando era este causado por sua má conducta e adulterio (§§ 137-149). E aqui havia uma disposição curiosa e sábia: a mulher, com filhos do marido e por este divorciada sem que fosse culpada, levava os filhos comsigo e o marido, alem do seu dote, tinha de dar-lhe o usofructo dos seus bens até que os filhos crescessem. E essa parte dos filhos era então dividida entre elles, mas a mãe era então considerada como um dos filhos e partilhava como elles da propriedade, podendo então casar-se (§ 137). Si a mulher não tinha filhos recebia o seu dote como uma indemnização e tambem o "preço do divorcio" ou *uzubú*.

A mulher que herdava do marido só podia dispôr livremente da sua propriedade entre os seus filhos ou na familia do marido. O marido não se responsabilisava pelas dividas ante-nupciaes da mulher, nem esta pelas delle (§§ 151, 172).

A mulher esteril não podia oppôr-se a que o marido tomasse concubina, a menos que ella mesma lhe désse uma, de quem tivesse filhos. Si a mulher soffria de molestia incuravel o marido podia casar-se com outra mas sem divorciar-se da primeira mulher que, emquanto vivesse, podia ficar em casa (§ 148), ou preferir receber o seu dote e voltar á casa paterna. Outra disposição bem interessante deste Codigo é a do § 177 que determina que uma viuva com filhos menores não podia casar-se de novo sem permissão do juiz. Era commum a adopção de filhos que só se fazia pelo que chamariamos "escriptura publica" em que o pai adoptivo podia exarar suas condições. Eram frequentes as adopções de filhos e filhas, que cuidassem dos pais adoptivos na sua velhice. Nas successões os filhos herdavam egualmente, inclusive as filhas que não tivessem já recebido a porção paterna na fórma do dote matrimonial.

O Codigo Hammurabi occupa-se das obrigações de varias

profissões : marca os honorarios dos medicos e dos cirurgiões. Si uma operação cirurgica dava máo resultado por culpa do cirurgião soffria este, conforme o caso, as penas de multa, até a da perda das mãos por amputação. Havia tambem disposições para os veterinarios que mostrassem impericia, ou para os barbeiros ou outros que procurassem ou conseguissem apagar as marcas com que se marcavam os escravos. A lei era tambem severa para os constructores de casas que faziam mal as suas empreitadas.

Os impostos provinham de um quinhão da agricultura ou da industria pastoril. Quando o Estado concedia terras não cultivadas eram ellas isentas de imposto por um tempo determinado,—geralmente trez annos. As terras ou eram cultivadas directamente pelos donos (as de pequenas dimensões sobretudo) ou retalhadas por locatarios que por aluguel pagavam de um terço á dous terços do seu producto. Em muitos casos o proprietario dava ao lavrador sementes, instrumentos aratorios (o arado já era conhecido !) e animaes e pagava-lhe salario ; e ha leis severas para o desvio dessas sementes, e desses animaes e instrumentos.

A administração da justiça merecia especial attenção dos Babylonios. Os tribunaes funccionavam nos templos, sem que os sacerdotes fossem necessariamente os juizes, que em todo o caso tinham ao lado muitos accessores. As sentenças tomavam a fórma de um contracto em que as partes compromettiam-se a observa-las. Havia inquirição de testemunhas, cujo depoimento muitas vezes exarava-se por escripto. A pena de morte era applicavel a muitos casos, entre elles o incesto com a mãe e com a nora, a deserção da mulher na ausencia justificada do marido, etc., e essa pena assumia as fórmas de ser queimado vivo, ou de ser mutilado, ou a de ser enforcado ou enterrado vivo.

As leis reconheciam a distincção do furto e do roubo ; e castigavam as varias offensas physicas segundo a posição social do paciente.

Quando consideramos que estas leis foram apenas coordenadas pelo grande Hammurabi e que naturalmente já existiam por seculos enchemo-nos de admiração pela completa organização social dos Babylonios nessas eras tão longinquas. Essa legislação tão sábia nos dá ligeira ideia da sua adeantada civilização sob outros aspectos. (V. illustração no fim deste vol.)

Já vimos como Gudéa, oito ou nove seculos antes de Hammurabi, trocava mercadorias com a Armenia, a Persia (Elam), a India, a Syria, a Palestina, a Arabia, e o Egypto, para a construcção dos seus templos e palacios. E este commercio

se foi augmentando como as maiores facilidades que lhe foram dando os canaes internos da Babylonia. Desde o tempo do rei Uruhagina,—talvez 4300 annos antes de CHRISTO, todos os governos da terra prestavam especial attenção, desde que delles dependia a prosperidade do paiz. O resultado foi que a Babylonia chegou a ter enorme commercio, interior e exterior. Si ella carecia do algodão vinha elle da India pelo Golfo persico. Ao contario davam-lhe renome as suas lãs, algumas muito especiaes com que os naturaes fabricavam os mais finos estôfos, afamados por todo o mundo por suas côres e textura. Metaes e pedras eram importados para serem reexportados em bellas obras de arte, como tambem davam saída a grande variedade de artefactos de barro e de pau. Existem placas com inscripções mostrando que havia firmas sociaes antiquissimas que passavam os negocios a seus descendentes. A unidade monetaria era o *chequel* que pesava 126½ grãos e que valia 9$000 em ouro, e as outras moedas ou pesos eram a *mina* de sessenta chequels (540$000 em ouro) e o *talento* de sessenta minas ou 32:400$000, ouro. Mas quasi todo o commercio interno se fazia pela troca directa de mercadorias.

As cidades parece que gozavam de certa independencia quanto ao seu governo local. As ruas, como todas as do Oriente, estreitas e irregulares, eram muito pouco aceadas e parecem que nunca as varriam. As casas, pequenas, tinham muito pouca mobilia. No campo, porêm, a classe rica habitava bellas vivendas cercadas de palmeiras e tamariscos.

Tal era o ambiente politico e social em que nasceu e cresceu Abrahão até sentir-se chamado a deixar o seu paiz e a procurar outro onde deveria fundar outra nação ainda maior.[1]

§ 3. *A Religião dos Babylonios*

Consideremos agora em ultimo logar qual era, em suas linhas geraes, a religião desse imperio tão antigo. Deveriamos ter tractado deste assumpto antes de esboçar a civilização baby-

[1] Sobre este assumpto devem ser consultados: G. Smith, *Chaldaean Gen.*; Loftus, *Travels . . . in Chaldaea and Susiania*; T. G. Pinches, *Texts in the Bab. Wedge Writing*; H. Rassam, *Recent Discoveries of Anc. Bab. Cities* (1884); J. Oppert, *Expeditions en Mésopotamie* (1863); E. de Sarzec, *Découvertes en Chaldée, pub. par les soins de Léon Heuzey* (1884); Hilprecht, *The Bab. Exped. of the Univ. of Pennsylvania* (1893, 1896), primeira parte apenas, com os textos reproduzidos; Hilprecht (redigido por), *Recent Researches in Bible Lands* (Philadelphia, 1896); D. W. McGee, *Zur Topographie Babylons auf Grund der Urkunden*; Handcock, *Latest Light in Bible Lands*; Goodspeed, *History of Babyl. and Ass.*; Sayce, *Babylonians and Assyrians*; Mercer, *Extra-bib. Sources*; Fred. Delitzsch, *Babel und Bibel*; Schraeder, *Cuneiform Insc. and the O. T.* (versão ingleza); Pinches, *The O. T. in the Light of Hist. Records.*

lonica em 2000 A.C. De proposito, porêm, reservamo-lo para o final deste Capitulo porque o fim desta ligeira resenha do paiz de Abrahão é mostrar, antes de tudo, o meio religioso donde emergiu o " pai dos crentes," de quem nos vamos occupar em seguida.

Já mostramos que, das recentes explorações, consta que os primeiros habitantes do sul da Babylonia, nas proximidades do Golfo persico, eram Accadianos e Sumerianos. É impossivel saber-se qual era exactamente a sua religião pois as inscripções nos fallam só da sua religião já modificada pelos invasores semitas que a tomaram e modificaram, excluindo pouco a pouco as suas formas mais grosseiras e rudes. É, pois, impossivel traçar o historico da religião nessa epocha de trevas, nesses 4.500 annos, pelo menos, da existencia pristina do que chamamos Babylonia. Limitar-nos-hemos simplesmente a descrever as crenças do povo, digamos a 3.000-2.000 annos A.C. O assumpto é muito complicado, como se pode bem conceber tractando-se de um polytheismo tão antigo e que se foi transformando aos poucos.

Os Babylonios tinham um deus principal: o do " oceano do céo," *Anum.* Seu filho *Bel* (*El-lilla* no Sumeriano) era o deus do ar, e o filho deste, *Ea* (*En-ki*), o da terra. Bel era o antigo *Martu* sumeriano, tambem o deus do ar. Eses deuses eram casados e as consortes chamavam-se, a de Anum *Arta*, a de Bel *Nin-lilla* (a " senhora ") e a de Ea *Damkina.* Do consorcio de Ea com Damkina nasceram *Merodac* ou *Amaruduc* ou simplesmente *Marduc*; *Istar*, a deusa do amor e da guerra, e Nergal, deus da agricultura e do reino dos mortos, que confundia-se a principio com *Ninib* ou *Nindur*, mas foi depois separado delle. Merodac tinha um filho *Nabu* ou *Nusku*, deus do fogo e que era o mensageiro dos outros deuses. Abaixo da triade de Anum, Bel e Ea vinha outra, dos deuses da luz: *Sin*, o deus da luz, *Chamach*, o do sol, e *Ramman*, o das tempestades. (V. illustração no fim deste vol.)

Na mais antiga das inscripções babylonicas que temos hoje e que é a de Sargon I (3800 annos A.C.) falla-se muito de Bel. Em *Jer.*, 50 : 2 se lê: " Babylonia foi tomada: Bel foi confundido, Merodac foi destroçado, confundidos têm sido os seus simulacros, derrotados ficaram os idolos delles " (V. tambem, 51 : 44). E segundo Isaias, já depois da queda de Babylonia diz: " Bel foi quebrado e Nebo feito em pedaços: os seus simulacros foram repartidos pelas alimarias e jumentos . . . não poderam salvar aos que os levav " (46 : 1, 2). Mas quem era Merodac? A tradição o foi envolvendo, como filho de Ea, deus do Abysmo. Merodac era um heroe solar, o deus da vida e da luz, e como

tal era adorado desde a mais remota antiguidade. Si Ea personificava a intelligencia e o saber, Merodac (antes Marduc) marchava adeante do pai sendo o intermediario entre elle e o homem e que o salvava do mal,—de facto seu principal papel no pantheon babylonico parece ser o de defensor do homem.

Chamache e Sin, filhos de Ea e de Bel eram os deuses aquelle do Sol e este da Lua [1] Chamache era chamado o "rei do juizo final" e as principaes cidades em que era adorado chamavam-se Larsa e Sippara. O deus Nebo, de que nos falla Isaias (*loc. cit.*) ia tambem pelo nome de Nusku, e era o deus do planeta Mercurio. Era tambem muito geralmente adorado a deusa do planeta Venua, Ichtar, cuja séde principal do culto era em Erec. Uma vez ella desceu ao inferno á procura do seu bello noivo, Tammuz. O inferno babylonico tinha septe portas e um "porteiro das aguas" donde talvez se evoluisse o Caronte dos Gregos. N'uma lamina de barro referindo a descida de Ichtar ao inferno se lê que este é a terra "donde não se volta: é a casa de corrupção . . . cuja porta só dá entrada, e de onde ninguem pode sahir; é a estrada sem exito; a casa era como o pó, onde não existe a luz, e em cujas abobadas voejam continuamente aves nas trevas." Vê-se que os Babylonios tinham tambem seu Dante.

Os Babylonios, pois, adoravam em Bel-Merodac ou Belus-Marduc, em successão ao simples Belus, um dos deuses mais antigos da raça semitica e cuja séde principal era agora em Nippur. E os templos da cidade da Babylonia eram adornados com os mais ricos despojos tomados nas guerras. O templo principal ou Esagila (*casa alta*) era antiquissimo. O Templo de Jerusalem foi planejado nas mesmas linhas geraes que encontramos aqui,—com seu pateo exterior, seu vestibulo com duas columnas muito altas, seu sanctuario. Neste o rei ou principal sacerdote entrava uma vez por anno (no primeiro de Nisan, o dia de anno bom) para indagar das ordens de Merodac. Na frente do Templo, o enorme altar dos sacrificios, a grande bacia ou "mar" e um navio, riquissimamente adornado e que suppunha-se estar sempre preparado para os passeios triumphaes de Merodac, pois ali cada deus tinha sempre o seu navio prompto. Um pouco afastado levantava-se a grande torre de sete andares, correspondente aos sete planetas Sol, Lua, Mercurio, Venus, Marte, Jupiter e Saturno, e com grande numero de altares. As ruinas desta construcção ainda hoje medem, só o primeiro andar, quarenta e dous metros de altura.[1]

O Babylonio muito prendia sua vida á religião,—para elles

[1] No Hebraico o Sol é commum de dous; nas liguas orientaes em geral, e no Allemão, o sol é feminino e a lua masculino.

o supremo proposito da existencia. Como nos primeiros tempos todo o paiz consistia realmente de centros, afastados um do outro, ou cidades que a seu turno dominavam as outras de certa região ou eram por ellas dominadas, acontece que cada cidade era a séde do culto de seu deus especial, do deus padroeiro da sua devoção particular. Significava isto não que os outros deuses do Pantheon não fossem adorados: ao contrario muitas centenas de inscripções attestam que os reis ou chefes de certa cidade iam aos templos de outras cidades offertar aos seus deuses especiaes.

A mais antiga dessas cidades é provavelmente *Eridu* (V. mappa), a mais meridional. Chama-se hoje Abu Shahrein ou Novanis. Era consagrada especialmente ao culto do deus Ea, —o deus da terra e das aguas, pois naquelle tempo as do Golfo Persico banhavam a cidade. Foi ahi que se originou o mytho da vinda quotidiana de um ente do mar para conversar com os homens e ensinar-lhes lettras, sciencias e artes. Os Sumerianos chamavam Eridu *Uru-dugga*, a "cidade do bom deus," Ea. No epico de Gisdubar, é de Eridu que sae o heróe, o Nimrud da Biblia. Para os Sumerianos o Paraiso ou *Edin* estava ao longo do Golfo Persico, e que não longe da foz do Euphrates estava a região de Hades, donde ninguem voltava e onde julgavam os juizes dos mortos, a saber Nin-ib (o Sol do universo), o demonio do fogo, *Nebo* ou *Nusku* e o deus da Lua.

Perto de Eridu, um pouco a O., estava outra antiga cidade, *Ur*, supposta patria de "Abrahão dos Chaldeus," onde está hoje Mukkayar ou Mugheir. Era aqui adorado principalmente o deus Sin (da Lua), as ruinas de cujo templo são agora vistas surgindo mais de vinte metros ácima da planicie.

Do outro lado do rio, sob as ruinas do que é agora Senkereh está *Larsa*, ou Larsam, identificado como o Ellasar da Biblia (que a *Vulg.*, e A. P. F. chamam Arioch, *Gen.*, 14 : 1, 9, e á que os Gregos denominavam Larissa). Tinha Larsa em toda a terra de Chinar o maior templo do deus do Sol, Chamach.

A vinte kilometros ao NO., ficava *Uruk*, o Erech de *Gen.*, 10 : 10 (A. P. F. chama Arach), uma das quatro capitaes antigas da Babylonia. É onde está hoje Warka ou Irka. Tinha grande renome por conter o maior templo de *Istar*, a deus do Amor e da guerra. Estas quatro cidades de Eridu, Ur, Larsam e Uruk achavam-se no Euphrates. Atravessando agora o canal Shatt el Hai e chegando ao Tigre, antes que este e o Euphrates convirjam n'uma só foz, deparava-se com *Chirpula*, que, como já vimos foi um dos centros mais antigos do poder babylonico e na epocha do *patesi* Gudéa, era o centro de adoração do deus Nin-gir-su. Chirpula foi depois chamado

Lagache e o seu nome classico é frequentemente citado como *Sirgulla* ; e estava onde se vê hoje a povoação de Tello, tornada celebre pelos thesouros que as excavações de Sarzec têm trazido a lume.

Bem no centro e entre os dous rios, a 80 Kils., a NO., de Uruk está a velha cidade de Nippur, hoje Niffer ou Nuffar, e onde toda a Babylonia vinha tambem adorar o deus Bel, ahi chamado *En-lil*,—" o espirito principal," o " senhor " por excellencia.

Muito mais ao N., estavam Hutha e Sippar, que foram os principaes centros de adoração, Kutha, do deus Nergal, dos mortos, e Sippar de Chamache, o deus do Sol.

Não se póde considerar a cidade da *Babylonia* na mesma cathegoria dessas, pois não está ainda provado tão antiga como ellas, apezar de que a Biblia (*Gen.*, 10 : 10) a pôe no mesmo nivel de Erech, Calneh e Akkad. Entretanto das excavações feitas até agora sabe-se que em cêrca de 1600 A.C., já Agu-kak-rime fallou com grande admiração das obras grandiosas que ali viu, sobretudo do templo de Marduc e E-sagila ; de facto a fundação do primeiro era attribuidada ao proprio Merodac. É bem lembrar que antes de começar a sua primeira dynastia chamada da sua capital, em 2232 A.C., já esta devia ter bastante importancia historica.

Em todas essas cidades os templos desses deuses (e até de outros) eram os principaes edificios, mais importantes do que quaesquer palacios reaes pois, como já dissemos, o Babylonio era extremamente religioso. A construcção dos templos era em forma de blocos, cinco ou sete, o inferior assentado sobre vasta plataforma de alvenaria de tijollos, e os outros, sempre menores, subindo até uma camara unica, que geralmente tinha como mobilia um assento e uma mesa, de ouro, ás vezes embutidas de pedras preciosas. É ahi nesses *zikuratu* ou torres que, se suppunha, o deus particular do local comparecia ás vezes. O Babylonio investia o deus local com todos os attributos que sentiam da divindade, isto é, concentravam n'um dos deuses toda a adoração que podiam prestar a qualquer dos outros. Cada um escolhia o deus da sua devoção, e era muito livre a este respeito, devido isto sem duvida ás distancias e difficuldade de reunir-se para este povo de raças e religiões diversas. Já tinham então, isto é, a 2000 A.C., que forma o limite destas nossas observações, ideia bem madura sobre a unidade de *Deus* e a' alguns dos seus hymnos e preces não falta o mais genuino sentimento de tristesa pelo peccado, e de humildade deante de um Deus que perdôa. Os sacerdotes,

os *Kalu* e os *sangú*, distinguiam-se dos videntes, e dos magicos, e agoureiros, que participavam de funcções ecclesiasticas. Grande influencia exerciam os sacerdotes na sociedade pois alem de serem os representantes do deus, aos quaes apresentavam os fieis que demandavam o seu perdão, estava-lhes tambem entregue grande parte da distribuição da justiça civil. Cada templo tinha a sua collegiada de sacerdotes aos quaes incumbia a adoração exclusiva do respectivo deus bem como a guarda dos mandamentos rituaes e da collecção das respectivas tradições. Eram tambem os sacerdotes que recolhiam e censuravam as placas de barro com inscripções,—os livros,—contendo memoriaes sobre o templo e actos dos reis, e muito provavelmente pertenciam á sua classe os escribas daquelles tempos. Os sacerdotes constituiam a classe culta da sociedade.

Os cuneiformes que podem hoje ser consultados mostram como era rica e minuciosa a lithurgia babylonica. Havia duas especies principaes de sacrificio,—o diario (*ginú*, ou em Sumeriano, *sadug*) e a offerenda espontanea (*nindabú*).

Entretanto parece incrivel que um povo capaz de tamanha elevação moral misturasse superstições tão grosseiras á sua religião. Por muito tempo os mesmos sacerdotes davam-se ás artes da magia, da adivinhação, do agouro, da astrologia, e no decurso dos tempos dellas sustentava-se enorme multidão de especialistas que a cada passo o povo consultava. As encantações ou encantamentos eram accompanhados de muitos desses ritos supersticiosos, como a apparencia de nós de linhas de côres diversas, o aspecto de certos objectos,—como pelles de cabra, estatuetas de varias substancias, etc., quando lançadas ao fogo, não esquecendo o popular bolbo de alho. Este rito era considerado da maxima efficacia em neutralisar a influencia dos máos espiritos. Os agoureiros, sob a protecção dos reis e dos templos, interpretavam quasi todos acontecimentos da vida segundo a sua propria experiencia e a dos antepassados, e as respostas, incisivas, ás consultas constavam de uma especie do que hoje chamariamos jurisprudencia, exarada em innumeras placas de barro, de que já existem hoje muitos milheiros, desencavados dos templos, e que eram consultados e estudados. É impossivel descrever aqui esses meticulosos agouros. Dependiam de mil circumstancias as mais comesinhas. A côr dos olhos e da pelle dos consultantes, a do cabello, si era muito liso ou não, o tamanho das orelhas, a apparencia dos varios membros do corpo, si de masculinos ou femininos, na saude ou na enfermidade; o seu modo de andar; o aspecto dos animaes, a côr dos seus pellos, chifres, etc.; e sobretudo o

módo e a direcção do vôo das aves ; os characteristicos da casa e dos moveis do consultante,—tudo isto servia de dados aos agourciros para explicação do passado ou presente ou previsão do futuro.

Conhecedores de astronomia como nenhuma outra nação da alta antiguidade, e adoradores dos astros, os Babylonios, sobretudo os Sumerianos, consultavam a estes astros, e davam enorme valor e as mais variadas interpretações aos phenomenos celestes, formando assim uma verdadeira arte da astrologia. Esses phenomenos, bem como os dos eclypses, elles estudavam e notavam em milhares de placas de barro cosido, constituindo collecção de arestos, como no caso dos augurios.

Os Babylonios tinham suas festas religiosas, e é de lastimar que não se tivessem ainda achado placas com a lista completa dellas. Sabemos que o primeiro dia do anno era grande solemnidade e o mais sagrado de todos. Nesse dia Bel entrava na grande sala sagrada e ahi decidia da sorte dos homens durante o anno, fixando-a em placas ou taboas. Havia mais quatro festas mensaes em honra de Bel ao passo que os dias de *umu-limnu* (especie de Sabbath hebreu) que cahiam a 7, 14, 19, 21 e 28 de cada mez, eram memorados com jejum e preces, de que o Rei devia participar, pois eram os *dias aziagos* em que o crente precisava de muito cuidado como agir. Tambem havia outras offertas que iam pelos nomes de *Kurbannu* (de onde o *Korban* dos Hebreus e que é até citado no N. T., *Marcos*, 7 : 11), o *niku*, offrenda de incenso, e *sirku*, libação. Como os Babylonios acreditavam que os males e molestias vinham por castigo dos deuses, ou antes, do seu deus particular, o sacrificio entre elles tomava sempre o character expiatorio. Si o deus não lhe trazia remedio, si a propiciação não era julgada sufficiente o fiel recorria a outro deus que fosse tido mais forte do que o seu e peregrinava ás vezes longas distancias ás cidades onde tal deus era adorado mais efficazmente.

Sobre os males que podiam affligir o Babylonio, acreditava elle que o mundo estava dominado por *Zi* ou espiritos, bons e máos, em continua porfia para exterminar o seu destino. Esses espiritos, em geral, eram do céo, *zi ana* ; da terra, *zi kia* ; senhor dos demonios, *en lil* ; e senhor da terra, *en ki*. Apezar de que a essencia desses espiritos tinha-se recolhido, por assim dizer, nos deuses, ainda ficaram vestigios que procuravam influir constantemente nos homens. Contra a influencia dos máos espiritos, o fiel, guiado pelo sacerdote, fazia grandes imprecações á divindade com um ritual que nos é conservado por milhares de placas de barro achadas nas " bibliothecas " dos templos e, sobretudo, na grande bibliotheca do rei Assur-

banipal. Essas imprecações eram accompanhadas de preces com responsos dos sacerdotes, que fazem lembrar a litania de cultos modernos; sómente nessas occasiões o fiel offerecia ao deus: boi, carneiro, aves, peixe, farinha de trigo, tamaras, manteiga, azeite, etc.

Essas incantações ou imprecações bem como as suas preces escriptas, eram repassadas de verdadeiro sentimento religioso.

De Pinches, *O. T. in the Light of the History Records*, pag. 86, traduziremos esta imprecação:

"Que Damu, o grande encantador, lhe dê felizes pensamentos;
Que a senhora que dá vida aos mortos, a deusa Gula, cure-o pela pressão de suas puras mãos;
E tu, ó gracioso Marduc, que amas a revivificação dos mortos,
Com a tua pura encantação de vida, livra-o do seu peccado,
Para o homem, filho do seu deus, ser puro, limpo e brilhante."

E á pag. 41 temos outra que infelizmente é de placas defeituosas:

"Teu supremo mensageiro, Pap-sukal, a sabia e conselheira dos deuses,
Nina-aha-kudu, a filha de Aa,
Possa elle fazer-te glorioso com glorioso . . .
Possa tornar-te puro com o puro fogo.
Purifica os teus caminhos com as gloriosas fontes purissimas do abysmo
Pela encantação de Merodach, rei do universo do céo e da terra,
Que possa a abundancia da terra entrar no teu regaço,
E o teu mandamento ser cumprido para todo o sempre.
Ó Ezida, sê suprema; és o querido de Anu e de Istar;
Que brilhes, pois, como o céo e te cubras com a gloria da terra,
Que brilhes como si no meio dos céos;
E que a praga dos malevolos não te attinja."

Por fim transladamos este lindo psalmo, escripto talvez mil annos antes de David (pag. 51-52):

"Deus meu que estás zangado, recebe minha (oração?)
Deusa minha que estás irada, acceita minha (supplica)
Acceita a minha supplica e dá descanso a teu espirito.
Meu senhor, gracioso e compassivo . . .
Facilita, ó minha deusa, o dia fixado para a morte.
Meu deus, permitte. . . .
Minha deusa, olha para mim e recebe a minha supplica.
Que meus peccados sejam arredados e minhas transgressões esquecidas,
Soltai o laço que me tem preso e caiam os meus grilhões.
Que os septe ventos levem os meus suspiros.
Que eu me arranque do mal e que uma ave me leve para o ar;

Que um peixe carregue a minha tribulação e que a corrente a leve para fora;
Que as aguas correntes do rio me lavem todo.
Oh! faze-me brilhar coma uma corrente de ouro
E que á tua presença seja eu precioso como o brilhante de um annel;
Apagae o meu mal, conserva a minha vida,
Para que véle sobre teu pateo, e monte guarda no teu (sanctuario?)
. . . . . .
Submette-me á tua grandeza e permitte que eu glorifique a tua divindade,
E que o povo da minha cidade louve o teu poder."

Como poderia existir verdadeiro progresso religioso, perguntar-se-ha, no meio de toda esta superstição? O Babylonio, a julgar das inscripções, não podia ter paz de espirito, cercado como se achava, ora por interpretações más dos phenomenos celestes, ora por omens terriveis, ora pelos demonios ou *zi* do ar, ora pelos magicos, ora pelos feiticeiros e feiticeiras. Povo religioso como era no fundo, devia passar o tempo conjurando e anathematisando os máos espiritos e procurando livrar-se delles. É o que parece evidente de toda esta enorme litteratura ou jurisprudencia dos incantamentos descoberta nos seus templos.

Entretanto si não se poderia sustentar que essas superstições contribuiram para o progresso religioso do paiz, os factos parecem dar razão á opinião dos que, como M. Jastrow, Jr.,[1] pensam que tudo isso não era perfeitamente incompativel com uma concepção elevada da Divindade. A crença arraigada do povo na má influencia dos demonios servia muito para constatar-se a differença que devia existir entre os deuses e elles. E dahi o espirito publico entrára a especular sobre a bondade dos deuses e o modo por que este universo era governado. Assim, como introducções a muitos encantamentos cheios de repetições ôcas e supersticiosas vemos ás vezes bellos hymnos, curtos e mostrando grande grande elevação espiritual. Nem esse terror de *zi* tolhia a crença geral de que os deuses, lidando com os homens, se guiavam por motivos todo ethicos, distinguindo sempre o justo de injusto, e o bem do mal. Tão opprimido se via o Babylonio pelo terror dos demonios que, saltando por cima de tudo, appellava directamente á Divindade por meio de supplicas e hymnos; e estas orações e canticos, nos revelam as mais solemnes aspirações. É enorme o numero das que foram achadas impressas nos blocos de barro e pertencentes a éras posteriores a 2000 A.C., de que não nos occupamos aqui. Mas ainda da era anterior a Abrahão temos verdadeiras

[1] *Religion of Babylonia*, art. no *Extra Vol.* de *Hastings*, D.B., pag. 563.

joias. Ha uma inscripção de Lugal-za-gi-si que, como se viu, floresceu mais ou menos trez millenios e meio antes de CHRISTO, que fecha com um appello fervoroso ao deus Bel :

" En-lil (nome local de Bel), rei dos senhores e meu amado pai ; que elle me conceda longos dias, que me dê uma vida longa e a paz e a tranquillidade na terra ! Que sustente o exercito e defenda os sanctuarios ! Olhe para a nossa terra com benevolencia e dispense misericordia a seus habitantes ; e que eu continue a governar como um rei poderoso."

O *patesi* Gudéa, de quem já nos occupamos (cêrca de 3000 A.C.) dirige-se assim á deusa Bau, cujo favor impetrava para determinados fins :

" O minha rainha, excelsa filha de Anu, que bem aconselhas e occupas o primeiro logar entre os deuses,
Tu que concedes vida á terra !

. . . . . .

Tu és a rainha, a mãe, que fundaste Chirpula.
A nação para que olhas prospéra na tua misericordia
Longa vida goza o heroe a quem olhas com favôr
Não tenho mãe : és minha mãe.
Não tenho pai : és meu pai." [1]

Para mostrarmos ainda o verdadeiro sentimento religioso do tempo de Abrahão na Babylonia transladamos para aqui esta invocação dirigida ao deus Nannar que, como se sabe, era o patrono de Ur, a patria daquelle patriarcha :

" Senhor, principe dos deuses, que, só, te exaltas no céo e na terra, pai Nannar, senhor, senhor de Ur, principe dos deuses. . . . Senhor, a tua divindade, como o vasto oceano, enche as extremidades do firmamento de medo e de espanto.—Senhor da terra que ordenaste os limites das communidades e lhes déste os seus nomes ; pai, gerador dos deuses e dos homens, que fizeste residencia para elles e lhes achaste o que é bom, que proclamas o que deve constituir os seus reinos e dás o sceptro excelso áquelles cujo destino está fixado desde os dias do passado remoto : Chefe poderoso cujo amôr é vasto, deus cujo nome ninguem póde pronunciar cujos musculos são firmes e cujos joelhos nunca se dobraram e que mostras aos outros deuses os teus caminhos. . . . No céo, quem é supremo ? Tu, tu, só, és supremo. Tu, cujos decretos se tornam conhecidos nos céos e os anjos curvam a sua fronte. Tu, cujos decretos se tornam conhecidos na terra e os espiritos do abysmo beijam o solo. . . . Tu, cujos decretos trazem comsigo o direito e a justiça, por onde os povos publicam os seus estatutos . . . . Teus decretos, quem póde sonda-los, quem póde oppôr-se a elles ? Ó Senhor, em poder no

[1] Textos em Hilprecht, *Old Bab. Inscriptions*, e Jastrow (senior), *Religion Babyloniens und Assyriens*, pags. 398-418.

céo, em soberania na terra! Entre os deuses, teus irmãos, não tens nenhum rival!"

Do outro lado, temos uma supplica, repassada de humildade e arrependimento:

"Ó Senhor, os meus peccados são muitos e grandes as minhas faltas. Ó minha deusa, muitos são os meus peccados e grandes as minhas culpas. Tenho feito o mal e não sei disso: tenho peccado e não sei disso: tenho-me alimentado de transgressões e não as conheço. . . . O Senhor, na raiva do seu coração, batteu-me: o deus, no resentimento do seu coração abandonou-me: Ichtar mostrou-se zangada comigo e tractou-me cruelmente. Apezar de procura-la, ninguem me estende a mão: chóro e ninguem se approxima de mim; chóro alto e ninguem me ouve. Estou sobrepujado de magua, estou cahido e nem posso levantar a cabeça ao meu deus misericordioso. . . . Eu ronco dentro de mim mesmo. . . . Senhor, não rejeites o teu servo, e si elle se lançou na voragem impetuosa das aguas, estende-lhe a mão; tem piedade dos peccados que tenho commettido. Espalha pelos ventos as faltas e erros que tenho feito. . . . Ó Deus, meu creador, segura os meus braços, dirige a respiração da minha bôcca, e guia as minhas mãos, ó Senhor da luz."[1]

[1] E. Schrader, *Die Hoellenfahrt der Ishtar*, pag. 88; F. Lenormant, *Études accadiennes*, III, 148-152; Maspero, *ob. cit.* I, pag. 682.

Sobre a religião da Assyria e Babylonia, alem das obras geraes como a de Rawlinson, *Five Great Monarchies*, podem ser consultadas com vantagem: Morris Jastrow, Jr. (da Universidade da Pennsylvania), *The Religion of Assyria and Babylonia* (Chicago); A. H. Sayce, *Religion of the Ancient Babylonians* (1887); C. P. Tiele, *Geschichte der Rel. im Altertum* (1895), vol. I; Lenormant, *Les Origines de l'Histoire*; *Hist. anc. de l'Orient*, vol. IV; *La Magie chez les Chaldéens*; Hugo Winckler, *Geschichte Babyloniens und Assyriens* (1892); P. Jensen, *Die Kosmologie der Babylonien* (1890); A. Loisy, *Les Mythes chaldéens de la Création et du Deluge* (Amiens, 1892); G. Smith, *The Chaldean Account of Genesis* (1881, 2ª ed.). Nas pags. 707-738 de M. Jastrow, Jr., acima cit., encontra-se ampla bibliographia sobre o assumpto.

SECÇÃO II: OS PATRIARCHAS

CAPITULO XXXI

ABRAHÃO

Depois de nos dizer como foram distribuidas as nações da terra, e na fórma por que mostrámos no Cap. XXIX o Livro *Genesis* (cap. 11) nos conserva a velha legenda da "Torre de Babel" para em seguida referir por menor a descendencia de Sem, o filho primogenito de Noé, seu intuito sendo, como já vimos, dar-nos a arvore genealogica do Syro Abrahão, o patriarcha do povo israelita e de cuja historia se occupa especialmente o V. Testamento.

A legenda da Torre de Babel, segundo H. Gunkel,[1] compõe-se da justaposição de duas versões diversas sobre o mesmo acontecimento. Segundo uma Deus desceu sobre a cidade e segundo a outra sobre a torre, e é assim que elle subdivide a historia:

Versão da cidade

1. Ora na terra não havia sinão uma linguagem e um modo de fallar.—3ª. E disseram uns para os outros: Vinde, façamos tijollos e cozamo-los ao fogo. — 4ª. E disseram entre si: Vinde, façamos para nós uma cidade . . . e façamos celebre o nosso nome.—5. O Senhor, porêm, desceu para ver a cidade . . . e disse:—6. Eis aqui um só povo e uma só linguagem de todos;—7. Vinde, pois, desçamos e confundamos de tal sorte a sua linguagem que não ouça cada um a voz do que lhe está proximo,—8ᵇ. E elles cessaram de edificar a cidade.—9ª. E por isso lhe foi posto o nome de Babel (confusão) porque nella Jahveh confundiu a linguagem de toda a terra.

Versão da torre

2. Os homens, tendo partido do oriente, acharam um campo na terra do Sennaar, e habitaram nelle.—(*E disseram: Vinde, façamos para nós*)—4ª,ᵇ. Uma torre, cujo cume chegue até o céo . . . antes que nos espalhemos por toda a terra. — 3ᵇ. Elles, pois, se serviram de tijollos por pedras e de bitume por cal.—5. E Jahveh desceu para ver . . . a torre que os filhos dos homens edificavam e disse: —6ª. E pois que começaram esta obra, agora nada do se propõem fazer lhes será impracticavel —8ª. E desta maneira é que o Senhor os espalhou daquelle logar para todos os paizes da terra (*E por isso o nome daquella torre se ficou chamando Piz* dispersão).—9ᵇ. E dali os espalhou Jahveh pela face de toda a terra.

---

[1] *Genesis*, e tambem *Schopfung und Chaos in Urzeit und Endzeit*, 1895.

Esta analyse engenhosa parece bem fundada e explica a repetição dos vers. 5 e 7: "O Senhor, porêm, desceu," e "Vinde, pois, desçamos," etc. Alem disso os criticos notam differenças em uma ou outra versão. O escriptor sagrado quiz unil-as n'uma só, pois a licção religiosa de ambas é a mesma. *Deus* tira a Sua verdade tanto da historia como da legenda. A torre ou *zikkurat* representaria a unidade, e o poder do genero humano, reunido lá embaixo na cidade. *Essa* unidade não podia agradar a JAHVEH: a unidade alcançada pelo orgulho de contestar com Elle. Os homens não sabiam então da maior gloria de viver na intimidade de DEUS pelo Espirito, não sendo para isso precisa uma só lingua. Ignoravam que a diversidade das raças e dos climas, e portanto das linguas, não tira absolutamente nada da desejada unidade do genero humano.

Geralmente procura-se identificar a Torre de Babel com as ruinas acêrca de dez kilometros a SO. do sitio da antiga Babylonia, ruinas á que dão hoje o nome de Birs Nimrud. Esta construcção é de certo da mais alta antiguidade mas não é provavel que seja a da Torre. Todos os grandes templos tinham suas torres, que serviam de mirantes e fortes, sendo ao mesmo tempo sanctuarios. Como outras, Birs Nimrud tinha septe andares superpostos em blocos quadrados, o debaixo sendo o maior e os outros diminuindo de dimensões e deixando uma varanda ao redor de cada andar. Assim, este de Nimrud tinha o primeiro andar com 84.70 m. em quadra; o segundo, 71.00; o terceiro, 55; o quarto, 44.77; o quinto, 32; o sexto, 19.10; e o septimo, 6.15 m. Cada um era dedicado a um deus (planeta) e era pintado segundo a sua côr: começando pelo maior, *Saturno*, preto; *Jupiter*, laranja; *Marte*, vermelho vivo; *Sol*, ouro; *Venus*, amarello pallido; *Mercurio*, azul escuro e *Lua*, prateado. No andar superior havia uma especie de capella que se suppunha era visitada pelo *summus deus* para o qual collocavam ali uma mera e cadeira de ouro. (V. illustração no fim deste vol.)

Passemos agora á genealogia de Sem (*Gen.*, 11 : 10-26; comp. com *Gen.*, 10 : 21-28). Seus "filhos" foram Elam, o primogenito, Asshur, Arpachstad, Lud e Aram. Já dissemos que estes quadros das nações de *Genesis* obedecem antes ao principio *geographico* do que ao ethnographico. Os Elamitas, por exemplo, não eram Semitas. Elam, ou Elamma no Acadiano, era o povo que occupava o extenso territorio entre o Golpho Persico ao S. e prolongava-se a L. da Babylonia até a Persia. Elles foram poderosos e nos Seculos XXII-XX A.C. invadiram e assenhoaram-se de parte da Babylonia e tiveram reis notaveis como Kudur-Nahundi talvez predecessor de

Kudur-Lagamar ou (na fórma hebraica) Kedor-laomer, o celebre rei que com os de Sennaar, do Ponto e "das Gentes" foi guerrear os reis de Sodoma, Gomorra, Seboim e Adama no tempo em que Abrahão era ainda hospede na Terra promettida: de facto esses reis eram todos mais ou menos tributarios de Elam, donde se faz ideia do seu poderio.

Do segundo filho de Sem, *Assur*, muito pouco sabe-se. A fórma antiga desta palavra,—Ausar,—de origem Akadiana, era o nome da cidade em que se adorava o deus respectivo, que se crê ser o filho de Sem, deificado. O nome estendeu-se a todo o paiz da Assyria, ao norte da Babylonia. A Biblia allude á Assyria logo no segundo capitulo de *Genesis*, quando fixa a região do Paraizo, e diz que o terceiro, dos quatro ramos do rio que o regava "o paiz para a banda do oriente em frente do qual corre o Kiddekel." E depois, referindo-se a Nimrod, diz (*Gen.*, 10 : 11) que da Babylonia "sahiu elle para a Assyria onde edificou Ninive." Deste poderoso imperio occupar-nos-hemos depois mais de espaço.

Arpachshad, o terceiro filho de Sem, é o tronco de onde procedeu o povo hebreu, que tomou o nome de Heber, seu neto. Como com os outros descendentes de Noé, Arpachshad não designa só o individuo mas o local em que estabeleceu-se e que neste caso foi a região depois conhecida por Arrapa mencionada por Ptolomeo, e cuja principal cidade era Arrapachitis. Ficava ao norte da Assyria, na fronteira meridional da Armenia, o seu nome significando "fortaleza dos Chaldeus," (Á'rrapa-Chasd), e essa região sendo depois chamada, Ur dos Chaldeus, de onde veio Abrahão.

Lud, o quarto filho na lista, foi, na opinião de Josepho o antepassado dos Lydios da Asia menor; e o character artistico neste povo, no seu ultimo periodo, parece dar amplo fundamento a esta supposição.

Os Hebreus designavam por *Aram* o ultimo filho de Sem, a maior parte da região da Mesopotamia, as montanhas a léste da Babylonia, e a parte da Syria que fica a Nordéste da Palestina —extensão toda mais ou menos montanhosa e contrastando com os valles e campos de Canaan. A Vulgata traduz geralmente Aram e Arameu como Syria e Syro, posto que não seja equivalente exacto. No correr do tempo essa região subdividiu-se em pequenos reinos, de que falla a Biblia, mas cujos limites não podem ser determinados. Nas inscripções assyrianas encontra-se não raramente o termo Aramu ou Arimu applicado á Mesopotamia e aos povos que habitavam a oéste do Euphrates; e o termo Aram-Naharaim (o planalto entre os dous rios) com que a Biblia designa esse paiz e seu povo, é encontrado em

antiquissimos monumentos egypcios. Um daquelles pequenos Estados, Aram-Soba ou simplesmente Soba, a léste da Celesyria e que se extendia a N.E. até o Euphrates, formava no tempo dos tres primeiros reis de Israel uma monarchia, que exerceu grande influencia na Mesopotamia inteira. David atacou o seu Rei, Aderezer, então alliado aos Syrios de Damasco e os derrotou em duas batalhas importantes. Annos depois, esse mesmo rei atacou David, auxiliando os Amnonitas; e foram desfeitos pelo general Joab, do exercito judeu, e depois, quando voltáram á carga, pelo proprio David, os alliados deixando cerca de 50,000 homens mortos, sendo provavel que Aderezer ficasse então vassallo dos reis de Israel. A importante cidade de Damasco, porêm, que cahira em mãos de David, foi retomada de Salomão pelo inimigo que "Deus suscitou-lhe" por não ter guardado o seu pacto, a saber, Razon, filho de Eliada, que tinha fugido de Aderezer, e que foi feito Rei de Damasco (3 *Reis*, cap. 11) que os Israelitas perderam para sempre.—A idolatria dos Syrios de Damasco muito agradou depois aos reis de Judá. Accaz immolou aos deuses de Damasco em altares que fez levantar por todo o Judá, fechando até o templo de Jerusalém, e isto ao tempo de suas maiores afflições. Os Arameus muito preponderaram até nos negocios da Assyria. A população de algumas cidades da Babylonia, ao tempo de Sin-Akerib, era quasi exclusivamente aramaica; e nos ultimos tempos desse Imperio a sua lingua,—a lingua de Aram, —supplantou o proprio Assyrio na Assyria e Babylonia, como depois substituiu tambem na Palestina o Hebraico para ser, a seu turno e mais tarde, supplantada pelo Arabe. O Aramaico era o idioma que fallou nosso Salvador, Jesus Christo, como já dissemos.

Ficam assim bem definidos não só historica, mas geographicamente, as nacionalidades attribuidas aos descendentes de Sem. Começa o circulo com Elam (Elymais) além do Tigre, na direcção sudoéste sobre o golpho Persico; segue-se Assur (Axur) ou o Assyrio ao norte; para o noroéste fica Arpachshad, e, depois, Lud ou os Lydios e nações semiticas da Asia Menor pelo oéste, de onde fecha-se o circulo com Aram, estendendo-se na direcção sudéste até o Euphrates. É neste circulo que os Hebreus se classificam, e foi a unidade da crença religiosa, e não a lingua nem a proximidade, que os conservou fieis ás suas mais antigas tradições; talvez fosse até a unidade nacional de um só governo que alli existisse antes desta quintupla ramificação dos filhos de Sem.

Voltemos agora ao terceiro filho de Sem, Arpachshad, por

onde se estende a linhagem de Adão a Abrahão, a David, e a Jesus de Nazareth. Examinando a taboa genealogica se vê que Arpachshad gerou a Salé, pai de Heber onde a linhagem semitica se bifurca nos ramos de Peleg ou Paleg e de Jektan, o pai dos povos arabes. De Peleg procedêrão successivamente Reu, Sarug, Nahor ou Nacor e Thare.

Este ultimo teve tres filhos, Nahor ou Nacor, Aram, e, o mais velho e principal, Abrahão de quem nos vamos occupar especialmente como o heroe historico, e theocraticamente, o fundador da religião do seu povo, *verdadeiro pai dos crentes*, como o indica o seu nome.

O neto de Arpachshad, *Heber* ou Eber, deu o nome aos *Hebreus*. É possivel que na remota antiguidade este nome comprehendesse muitas outras nações. A Biblia (*Gen.*, 10 : 21) falla de Sem como " o pai de todos os filhos de Heber " realçando assim a maior importancia deste ramo.

Não são apenas os Arabes descendentes dos treze filhos de Jecktan (o segundo filho de Heber) que eram chamados geralmente Ibritas : Ewald crê que ao norte da terra dos Chaldeus os Iberianos, cuja lingua podia bem ter sido semitica, talvez fizessem parte importante deste povo de onde veio Abrahão. Em todo caso o nome *Hebreu*, tão celebre na antiguidade, é raramente usado no Velho Testamento e isso mesmo só o foi até o começo da monarchia. O nome glorioso do povo, *Israel*, supplantou o outro, assim como o de *Judeus*, que lembra a decadencia da nação, substituiu-se ao segundo depois do Captiveiro.

De *Peleg* ou *Phaleg*, filho primogenito de Heber, diz a genealogia que foi assim chamado porque " em seu tempo succedeu a divisão da terra,"—isto é, bifurcou-se, como já dissemos, a linhagem de Sem, entre este filho e seu irmão Jektan.—Phaleg póde ser identico ao Palu, paiz perto das nascentes do Euphrates. *Reu*, que segue-se a Phaleg, ou *Ragho*, é, para muitos, o antigo Arghana, perto das nascentes do Tigris, que deu o nome á cordilheira do Argeu, hoje Argish, na Cappadocia, aos montes Arghi, ao sul do Ararat e ao lago Urumia. *Sarug* talvez seja o paiz que até a Edade média era bem conhecido e estava situado em Bira, no Euphrates como Harran e Edena. Finalmente *Nahor* ou *Nacor* é algum dos varios ponctos, de designações mais ou menos identicas, na Mesopotamia e no valle inteiro do Tigris.

Nacor é não só o filho de Sarug e por conseguinte avô de Abrahão, como é tambem o nome de um dos dous irmãos destes—o que denota a importancia relativa que devia ter assumido o dominio formado pelo primeiro.

Segue-se na linhagem *Thare* ou *Terah* que foi o pai de Abrahão, e o qual gerou, além deste, Nacor e Aran. Este ultimo falleceu antes de seu pai, deixando um filho, Lot, que foi para a companhia do avô e uma filha, Melca, que casou-se com seu tio Nacor; Abrahão, do seu lado, tomou a Sara por mulher. "Sarah, porêm, era esteril e não tinha filhos."

Na genealogia de *Gen.*, 11 : 10-26, que é de P, o escriptor mais moderno do Livro, vem a edade de cada um dos filhos de Sem, quando nasceu-lhe o respectivo primogenito. Mas esta chronologia não merece ser esmerilhada pois differe conforme os manuscriptos massoreticos, da Septuaginta e Samaritano. Segundo o hebraico entre o Diluvio e o nascimento de Abrahão o intervallo foi de 290 annos ; já segundo o grego foi de 940 annos e segundo o samaritano 1070. Em outro logar tractaremos das difficuldades da Chronologia, sobretudo até o Exodo (v. cap. XLI).

Já se viu que o intuito da genealogia de Sem é traçar a ascendencia de Abrahão. Tendo parado em Thare, ou melhor, Terah, o texto nos dá então a sua propria linhagem (vers. 27-32). Teve Terah trez filhos : Abrahão, Nahor e Haran. Este ultimo falleceu comparativamente moço e deixou um filho, chamado Lot, e uma filha, Melca ou Milca que casou-se com seu tio Nahor. Abrahão casou-se com Sarah, de cuja familia nada nos diz o texto : no Babylonio *sarvatu* significa rainha e tambem a deusa consorte do deus-Lua ; ao passo que *malkatu* (Milca) quer dizer *princeza.*

O texto de J P (28-32) apresenta-nos séria difficuldade sobre um poncto importante, qual o do logar de nascimento de Abrahão. Haran, diz elle, " morreu . . . na terra do seu nascimento, em Ur dos Chaldeus." E logo em seguida refere que Térah fez sahir de Ur dos Chaldeus a Abrahão e o resto de sua familia " para os levar ao paiz de Canaan : e como tivessem chegado a Harran ficaram morando ahi," Terah morrendo depois em Harran. Desse texto se tem formado a lenda que Abrahão é filho de Ur dos Chaldeus e que a sua vocação para a fé em Deus se realisou nesta cidade ; o facto sendo que o texto só diz que Haran nasceu em Ur e que Terah resolveu emigrar desta cidade para ir a Canaan, tendo parado em Harran, onde falleceu. Vem depois a historia da Vocação, que fez Abrahão deixar a sua terra e de seus pais para ir para outra que Deus lhe mostraria, e nessa historia (12 : 1-5) se diz que Abrahão, já com 75 annos, levou a mulher e o sobrinho Lot, e os seus bens " e as almas que lhe accrescêram em Harran," e foi se para Canaan. Isto, pois, confirma que houve uma viagem de Ur a Harran, onde Deus chamou a Abrahão e elle

se foi para Canaan. Mas não se diz ainda que Abrahão nascêra em Ur, nem que a Vocação tivesse sido em Ur.

A critica nota que na parte do texto attribuida a J não ha nenhuma referencia a esta viagem de Ur a Harran e que della parece que Abrahão ou foi directamente de Ur ou de Harran a Canaan. De facto segundo a tradição mais antiga Abrahão era filho desse extenso Nordéste donde desceram as tribus semiticas e outras que se estabeleceram pela Syria e Palestina. Quando Abrahão quiz que seu filho Isaac se casasse chamou o seu mordomo e lhe ordenou: "Irás á *minha terra e á minha linhagem* e dahi tomarás mulher para meu filho" (24 : 4). E, para ainda ser mais claro, diz o vers. 7: "o SENHOR DEUS do céo que *me tirou da casa de meu pai e da terra do meu nascimento*, que me fallou," etc. Ora o mordomo, em obediencia ás ordens tão emphaticas do seu patrão, foi não a Ur dos Chaldeus ao Sul da Babylonia, mas, diz o texto, vers. 10, para "*a Mesopotamia, para a cidade de Nahor*," para em summa, Aram-Naharaim, para Harran, Entre-rios.[1] Toda a ascendencia de Abrahão, como se vê da genealogia de 11 : 10-26 é da Mesopotamia, e não de Ur dos Chaldeus. Tambem está claro da genealogia de Nahor em *Gen.*, 22 : 20-24, de J, que elle residia não em Ur mas em Aram-Naharaim.

Parece a Skinner [2] que temos á vista duas tradições diversas que se procurou conciliar. Em nossa humilde opinião Abrahão era indubitavelmente filho de Harran; mas, ainda joven, foi levado por seu pai, Terah, a Ur onde este se demorou annos, e lhe nasceu o filho mais moço, Aran. E regressou depois á sua cidade natal de Harran. É preciso lembrar que Ur e Harran eram os dous grandes centros da adoração de Sin e naquelles tempos de peregrinações a estes centros era natural que a familia Terah quizesse habitar por algum tempo na celebre e já antiga Ur, o maior sanctuario do seu deus-Lua.

Em todo caso, Terah tendo vindo para Harran morreu deixando atraz de si seus dous filhos, apezar de que o texto de P não diz que seu irmão Nahor viera tambem para Harran. Era uma familia de idolatras que desde os seus antepassados adorava o deus lunar que em Harran era chamado Bel-Harran e tambem Sin.[3] Jeremias refere que esta adoração da Lua continha uma forte sub-corrente de monotheismo no tempo de Hammurabi, ou de Abrahão [4] até que mais tarde, como

[1] Que "a cidade de Nahor" é sem duvida Harran vê-se de *Gen.*, 27 : 43; 28 : 10 ("tendo sahido Jacob de Bersabê ia para Harran") e 29 : 4. Em 28 : 2 Isaac manda Jacob "para Mesopotamia na Syria para casar-se com uma das filhas de Labão, filho de Bathuel, Syro," etc.

[2] *Genesis*, pag. 239.

[3] Jeremias, *Das A. Test. im Lichte des Alt. Orienten*, cap. II.

[4] Cap. XV.

já dissemos, a adoração de Marduk na cidade da Babylonia sobrepujou a todos os outros deuses. A Lua era então o *summus deus* : era como Anú, o " pai dos deuses " e o seu rei.

Pensam muitos que Ur-Kasdim, Ur des Chaldeus, ficava ao S. da Babylonia á margem direita do Euphrates onde hoje se vêm montões que cobrem ruinas antiquissimas, hoje chamadas Mugheir ou Mugaier. Estas ruinas ficam a 200 kilom. do poncto mais septentrional do Golpho Persico mas acredita-se que a principio Ur ou Uru demorava ás proprias margens do golpho.

A opinião, porêm, mais moderna hoje mais seguida entre as melhores auctoridades é que esta Ur era outra cidade ao N. da Assyria. O pai de Abrahão de certo não descende do Sul mas veiu de Aram (*Gen.*, 10 : 23) que é naquella região a que nos referimos. Em *Gen.* 25 : 20 tambem se diz que a familia de Abrahão vivia em Padan-Aram e *Deut.*, 26 : 5, faz Moysés referir-se a Abrahão como "Arameu." Foi Terah, e não Abrahão, quem mudou-se de Ur para Haran em Aram (Comp. *Actos*, 7 : 4 ; *Gen.*, 11 : 31).

É de notar que S. Jeronymo traduzisse, no original da versão *Vulg.* Ur como *luz, fogo* dos Chaldeus, pois Ur tambem significa isso.

Neste meio de idolatras em que nasceu Abrahão, Deus o escolheu para fundar um povo em que fizesse manifestos os Seus designios sobre a humanidade. Devemos observar que Abrahão nada *fez* para ser chamado a representar esse augusto papel : Deus o chamou porque assim quiz fundar a Sua religião não nas obras do homem mas na fé na Sua pessôa.

Abrahão ouviu o chamado de Deus : não sabemos de que fórma recebeu a intimação ; mas discerniu-a distinctamente e obedeceu implicitamente. Seculos depois, o Grande Mestre, incarnado no homem, tambem chamava os que queria que fossem seus discipulos e estes, pondo de lado seus misteres e suas familias, " foram em seu seguimento " (*Matt.*, 4 : 18-22), " deixando tudo " (*Luc.*, 5 : 11).

Abrahão entendeu o appello á sua fé. " Sae da tua terra, e da tua familia e da casa do teu pai,"—tudo que elle tinha,— " e vem para a terra que Eu te mostrarei,"—não uma cousa certa, um logar determinado. Era preciso que elle confiasse em Deus decisivamente. Mas Deus na Sua bondade fez-lhe a promessa, concomitante com a sua fé : " Eu te farei pai de um grande povo, e te abençoarei e engrandecerei o teu nome e tu serás bemdicto. . . . Em ti serão bemdictas todas as gerações da terra " (12 : 1-3). Abrahão não vacillou um só instante : elle acreditou em Deus sem nenhuma reserva mental deixando-nos, já ahi, o exemplo da obediencia implicita á Sua vontade.

Tomando comsigo seu sobrinho, Lot, sua mulher Sarah, a mulher de Lot, as almas que lhe accresceram em Harran, e todos os bens que possuiam e foram caminho de Canaan. Atravessando o Euphrates e tomando a estrada de Biredjik seguiu para Azzazu, Arpadud, Hemath e Dimaski (Damasco), donde era filho o seu mordomo. Naturalmente demorou-se ali algum tempo por ser poncto de maior movimento, e onde deixou tradições, ainda hoje respeitadas.[1]

Chegado ás fronteiras de Canaan, habitadas sobretudo pelos Amorrheus ou Amoritas, e penetrando no paiz, "atravessou Abrahão este paiz até chegar ao logar chamado Siquem, ou Sechem, até o valle illustre. Era então o canaaneu o que habitava esta terra" (A. P. F.). Sobre o estado geral de Canaan nesta epocha em que immigrou Abrahão só podemos saber o pouco que nos revelam as inscripções do proprio paiz e da Phenicia. Como se sabe, as inscripções achadas em Tel-el-Amarna referem-se a um periodo posterior ao de Abrahão mas antes da entrada dos Israelitas. O facto que toda a correspondencia official de Canaan fazia-se em cuneiformes babylonicos, muito difficeis e complicados, mostra que, durante seculos devia ter havido ali bem regular cultura, como já explicámos.

Abrahão, pois obedeceu pela fé a este chamado de Deus. Não foi a Sua voz externa, que ouviu, mas este appello intimo, na alma. Obedeceu ao impulso divino, e viu logo o cumprimento da promessa confirmar-se ainda mais solemnemente: Abrahão seria "a benção no meio da terra," como Isaias confirmava mil annos depois (19 : 24). E ali mesmo em Sechem, em Moreh, edificou elle o seu primeiro altar a "El Olam que lhe apparecêra."[2] E com effeito o Senhor se lhe manifestara e elle queria tornar memoravel aquelle logar. Ficara agora sabendo que Canaan era a "terra promettida," e que Seu dono dava-lhe o direito de possui-la.

De Moreh Abrahão dirigio-se a um alto, a 32 kilometros de distancia, entre Bethel (Bettin) e Ay (perto de Der-Diwan) onde edificou outro altar, e começou a proclamar o nome de Deus. Temos, pois, aqui o altar consagrado, e o começo da invocação do nome de Deus. Abrahão deixára a sua terra, a sua casa e a de seus parentes para responder ao mandado

[1] Os Arabes de Damasco consideram Abrahão como seu antigo rei, e Qasyun, proeminente na cidade, é um de seus mais concorridos sanctuarios. A lenda arabe diz que foi ahi que Abrahão teve a revelação da unidade de Deus.

[2] A versão dos LXX em vez de "planicie de Moreh" traz "therebintho de Moreh," e traduz "therebyntho" tambem em 14 : 6 e 35 : 4, e em *Jos.*, 24 : 26. A *Vulg.* traduz esta expressão de modos diversos: "convallem illustrem"; e em 14 : 6, "campestria Pharan"; em 35 : 4, "therebinthum," e em *Jos.* cit., "quercum" (carvalho). *Is.*, 6 : 13, emprega os dous nomes, carvalho e therebyntho.— Quasi todos os criticos acceitam de preferencia a versão grega á latina.

divino. Elle teve a paga de sua fé, da qual ficou sendo no mundo o grande heróe.

De Bethel o patriarcha seguiu caminho do Negeb, ao Sul, na região entre as montanhas da Judéa e o deserto de El-Tih.

Passado algum tempo sobreveiu grande fome em Canaan e Abrahão e os seus abalaram-se para o Egypto, onde abundavam os mantimentos, graças ao Nilo que lhe trazia a fertilidade do interior da Africa. O Egypto estava accostumado a receber estas visitas de seus visinhos, que lhe iam requestar trigo. Esta viagem de Abrahão e dos seus occupa os vers. 10 a 20 do cap. 12, e é o propheta Jahvista quem interrompe a principal narrativa, para inserir esta que muito provavelmente tirou de alguma outra collecção. E aqui vem enxertada uma das legendas mais caras a Israel, pois que é repetida duas vezes mais, uma, em referencia ao proprio Abrahão, mas com o Rei de Gerara, Abimelek ; e a outra com Isaac e este mesmo Rei. Abrahão, considerando Sarah formosa, temeu ser, por causa della, morto no Egypto. O codigo ethico daquelle tempo era muito severo em questões de adulterio, e os adulteros preferiam começar por matar o marido, como o prova o procedimento de David com Urias, o Hetheu. Obrigado a procurar a hospedagem do Egypto, achou-se o patriarcha deante deste dilemma : ou manter a sua relação marital com Sarah, e seria infallivelmente morto, ou faze-la passar como sua irmã, pois que o era por parte de pai. Naquelles tempos esta duplicidade e falsidade se justificavam ; e Abrahão provavelmente se lembrava de que elle era o recipiente de uma das mais gloriosas promessas divinas. Elle, de certo devia ter confiança em Deus que o livraria desses perigos ; a sua fé, porêm, ainda era fraca. As Hebreas eram muito esbeltas e loiras, de um typo muito escasso entre os Egypcios, e Sarah via bem, como, mulher de Abrahão, punha a sua vida em imminente perigo, e, portanto, ella accedeu promptamente aos *rogos* delle (12 : 13),—não á sua *ordem*—de passar por sua irmã. Os officiaes da côrte do pharaó descubriram logo a sua formosura e intimaram-n'a para ser-lhe apresentada. Abrahão, como seu irmão, recebeu do Rei muitos presentes " ovelhas, bois, jumentos, servos, criadas, jumentas e camellos," (vers. 16), até que Deus, de um modo que não nos é mencionado, fez soffrer, ao pharaó e ao seu povo, molestias virulentas cuja causa facilmente presentiram que provinha do tratamento que, alias enganado, elle dava á Sarah. Depois de exprobrar a Abrahão pela sua perfidia, o pharaó mandou-o embora immediatamente do seu paiz, com a mulher e os presentes que recebêra,—Abrahão em tudo isto não representando o papel

de heroe que os Israelitas lhe querem sempre dar: mas o incidente servindo para mostrar que tracta-se em *Genesis* não de uma figura meio-fabulosa e legendaria, mas de um homem em carne e osso, que n'uma conjunctura como essa, não sahiu-se nada airosamente.[1]

Si não foi no Egypto que Abrahão enriqueceu, elle de certo augmentou ali as suas posses; de modo que de volta, os seus empregados tinham tantas rixas sobre pastagem, poços d'agua etc., com feitores de Lot, que fez-se imprescindivel a separação dos rebanhos dos dous tanto mais quanto os rebanhos de ambos se haviam reproduzido consideravelmente e a terra se tornára escassa. Abrahão, pois levou a Lot aos altos de Bethel (provavelmente ao monte hoje chamado *Burg Beitin* donde se descortina a mais esplendida vista da Palestina) e mostrando-lhe os extensos campos até o Jordão fidalgamente lhe disse: "Eis ahi toda essa terra á tua vista: rogo-te que te apartes de mim; si fores para a esquerda eu tomarei para a direita; si escolheres a direita, irei para a esquerda." Lot, egoista, examinou bem a terra, e contemplando as pingues campinas que se deslisam, ondulantes, até o Jordão, e até Segor, no Sul, "todas regadas e que pareciam o Paraiso ou o Egypto" escolheu-as para si, e retirou-se para ali com o que era seu, indo morar em Sodoma, cujos habitantes tinham "costumes perversissimos e em extremo peccadores deante de Deus." A bella magnanimidade do tio contrasta com a ganancia do sobrinho; este, porêm, sem o querer, deixava Abrahão na plena herança da terra promettida. Ao passo que Lot escolheu a sua parte no meio de um povo abominavel, Abrahão, a quem elle tudo devia, ficou com Deus na sua partilha.

Logo depois desta separação Deus appareceu novamente ao patriarcha e mandou que olhasse para todos os lados: toda essa terra será delle e de sua posteridade que será infinita e incontavel como o pó da terra. Até agora Deus promettera-lhe uma terra que lhe mostraria: agora o Altissimo cumpre os Seus designios: a terra era *aquella* mesma, que Abrahão pisava, onde seus descendentes se multiplicariam como o pó.

[1] S. Agostinho defende Abrahão porque nada disse de falso, apenas occultou parte da verdade: "tacuit aliquid veri, non dicit aliquid falsi" (*Cont. M. Faust.*, 22, 3)—defeza pauperrima desde que se tractava aqui da relação marital. O codigo ethico daquelle tempo, é verdade, differe do de hoje: Abrahão viu-se sob a prova de duro dilemma: ou soffrer fome ou, vindo ao Egypto, morrer violentamente por causa da mulher,—elle, o recipiente das maravilhosas promessas de Jahveh. Podemos nós avaliar bem a sobrepujante influencia dessa promessa em seu animo? Era uma situação de que só Deus o poderia salvar, como o fez. De facto, esta historia só vem referida em *Genesis* para gloria de Deus, que o livrou, e não para deprimir Abrahão, que recebeu Delle a lição que teria sido correcto dizer toda a verdade e pedir o auxilio do Senhor, que já o fizera objecto de sua graça especial.

Abrahão então mais uma vez muda as suas tendas para os terebynthos de Mambre em Hebron onde levanta um novo sanctuario.[1]

É depois desta grande manifestação que lemos em *Gen.* o seu cap. 14, que tem sido o campo de batalha dos criticos. Escripto, dizem as suas melhores auctoridades, em mau estylo em nada similhante aos de J E P, parece ter sido addiccionado aqui pelo Redactor final do Pentateuco que julgou muito aproveitavel esta historia, tida por authentica e cujo heróe é "Abrahão, o Hebreu." Que ella foi escripta, como está, recentemente, isto é, depois do tempo dos Juizes, é claro pelo emprego do nome *Dan* que se deu, só então, á antiga Laish.

Parece que os reis de Elam (Persia) e da Babylonia, no tempo de Abrahão, exerciam certa suserania sobre ou os governadores da Pentapole ou as cinco cidades na planicie occidental do Mar Morto, e outras tribus; e que estes vassalles se insurgiram. Kudur-Lahomer ou Lagamar, rei de Elam e seus aqui companheiros Amraphel, rei de Sannaar, Arioch, rei do "Ponto" (*Vulgata*) e Thadal, rei de Goïm (?) resolveram então castiga-los e armaram uma expedição contra elles e desbarataram em varios ponctos os Raphaim, Zuzim e outras tribus originarias da Palestina. Os reis da Pentapole entrando então em campo "voltaram as costas" e os de Sodoma e Gomorrah viram assoladas as suas capitaes donde o inimigo levou todos os viveres e riquezas que acharam e fez prisioneira a população, inclusive Lot, o sobrinho de Abrahão, levando os seus bens. Sabendo disto, Abrahão resolveu sahir em defesa do seu parente e tendo reunido 318 homens escolhidos de entre os seus adherentes, e auxiliado por seus alliados Anel, Escol e Mambre, foi em perseguição do inimigo, já de volta ao Euphrates; e passando por Damasco até Hoba e Dan, attacou a columna que guardava, durante a noite, os prisioneiros e os despojos, e salvou Lot e recobrou os seus bens, "bem como as mulheres e o povo," que o inimigo levava de vagar, na retaguarda.

Tem-se tentado contestar esta historia por varios razões, a primeira das quaes sendo que aquelles reis do Oriente eram desconhecidos. Estudos novos, e inscripções achadas recentemente mostram, todavia, que *Amraphel* não passa de má leitura hebraica do equivalente Hammurapi; e Hommel explica que o *pi*, bem como o *bi* finaes são escriptos por um

[1] Ignora-se o local do terebyntho ou terebynthos de Mambre. A 35 min. de passeio da cidade se vê hoje no ainda chamado Valle dos Terebynthos o edificio que vai agora pelo nome de Haram Ramet el-Khalil, que parece nunca ter sido concluido, no local tradicional do sanctuario de Abrahão.—V. Baedeker, *Pal. and Syria*, 2ª ed., 136. (V. illustração no fim do nosso Vol. II.)

cuneiforme babylonico que se lê tambem por *pil* ou *bil*; e *Sennaar*, de que era rei (vers. 1) era realmente *Chinan*, nome com que a Biblia se refere ás vezes á Babylonia. (Na *Gen.*, 10 : 10 é o districto das grandes cidades de Babel, Erech, Akad e Caneh. Em *Is.*, 11 : 11 a LXX traduz Chinar por Babylonia). Arioc não é sinão Eri-aku, ou Eri-agu, o equivalente sumeriano de Arad-Sin, rei de Larsa e cujo successor, Rim-Sin, foi derrotado por Hammurabi. Codolahomor ou antes, como na LXX, Codollogomor, é o Kudur-lagamar, nome bem elamita, *lagamar* sendo um dos seus deuses. E quanto a Thadal " rei das gentes," ainda não foi possivel fixar a sua personalidade, nem tambem as dos cinco régulos sem importancia do Mar Morto.

Acha-se inverosimil que Abrahão com apenas 318 homens tivesse derrotado quatro reis do Oriente. Mas parece-nos haver falta de lisura neste argumento, e ousamos apresentar estas considerações: o " exercito " dos quatro reis não foi, segundo a propria historia, um exercito mas uma expedição; e naquelles tempos em que um exercito de 20,000 homens era bastante para que os Thotmeus do Egypto attacassem a Syria e a Babylonia é preciso convir que esta incursão depredatoria e punitiva pelos quatro reis não teria mais de mil ou dous mil soldados; e comprehende-se que de regresso apenas tivessem feito comboiar por uma pequena columna os prisioneiros desarmados e o esbulho, que caminhavam lentamente. Nem é tão pouco exacto dizer que apenas 318 homens surprehenderam essa columna, porquanto o texto diz que Abrahão teve alliados e si entre elles houve 800 ou 1000 homens não é de extranhar que o inimigo fosse surprehendido e battido por se achar separado das outras forças.

Ewald [1] pensa que esta historia é de origem canaanita, tendo passado aos Israelitas logo depois da conquista: o que explica porque refere-se a " Abrahão, o Hebreu "; e Dillmann [2] attribue a mesma á uma velha tradição phenicio-canaanita. Kittel [3] crê que o cap. 14 " é uma reminiscencia historica de uma data antiga," no que é accompanhado por Hommel [4] que lhe fixa a data de 2150 A.C.

Skinner, *Genesis*, ainda está, neste poncto, ao lado de Wellhausen e Kuenen. Mas destacaremos do longo estudo do cordato Skinner estes trechos: " Os quatro nomes (dos Reis do Oriente) são indubitavelmente historicos. . . . Hammurabi é o 6º Rei da primeira dynastia babylonica."—" Os seis povos mencionados nos vers. 5-7 são as raças primitivas que, segundo a tradição hebraica, occupavam no principio as regiões

[1] *Gesch. Isr.*, I, 79.
[2] *Gen.*, pag. 232.
[3] *Gesch. der Hebräer*, I, 1, sec. 16.
[4] *Die Sem. Völk.*, I, pag. 342.

atravessadas,"—" É perfeitamente crivel a existencia de taes reis-sacerdotes em Canaan em tempos muito remotos."—" O *Ps.*, 110 : 4 (*Vulg.*, 109 : 4) só é intelligivel na presupposição de que Melquizedech era, n'um certo sentido, o antepassado ideial da dynastia ou da jerarchia de Jerusalem."—" O nome Uru-Salim tem muito maior antiguidade do que se pode pensar das declarações biblicas."—" É preciso admittir que o escriptor (deste cap.) tinha realmente deante delle algum material tradicional, talvez escripto, apezar de não podermos determinar a natureza d'elle," etc. etc.

Os criticos entendem que este cap. 14 não é de P nem de J nem de E; seu estylo, diverso e defeituoso, cheio de archaismos.[1]

Victorioso e tendo mostrado como deante de um dever qual o de salvar um Hebreu, como elle, não olhava sacrificio algum, sempre confiante em Deus, Abrahão, de volta a Hebron, parou em Salem em cujo sanctuario officiava o rei-sacerdote Melquizedech. Este Salem, na unanime opinião dos modernos criticos, é Uru-Salim ou Salem, nome dado então a Jerusalem. Suppunha-se a principio que era outro centro e dessa opinião participava S. Jeronymo.[2] Mas Flavio José, Onkelos e todos os Targa, bem como os commentadores judeus, entendiam que Salem era Jerusalem ; e hoje não deve isto padecer duvida porquanto : 1. No antigo *Josué*, 10 : 1 tracta-se de " Adonizedec, rei de Jerusalem," nome composto como o deste Melquizedech. *Zedec* ou Zidic era divindade phenicia ou canaanéa que representava, ao que parece, a justiça, e *malchi* significa rei, de modo que o nome indicava " rei de justiça " ou simplesmente " Zedec é rei " ; 2. o *Ps.* 109 : 4 se refere-se ao Messias esperado dizendo qui elle seria sacerdote eternamente " segundo a ordem de Melquizedech," parallelamente com a prophecia que " de Sião—de Jerusalem—Jahveh faria sahir o sceptro do seu poder ; 3. *Ps.*, 75 : 2, apezar de mais moderno, refere-se a Jerusalem como Salem (e não *Sião*, como na *Vulg.*) ; 4. Nas cartas e documentos trocados entre as auctoridades egypcias na Palestina com o governo dos pharaós, e datados de 1400 A.C., ha documentos assignados por Abd-hiba (Sayce [3] lê : Ebed-Kheba) e vindos de *Uru-Salim* ou Uru-Salem que é sem duvida Jerusalem e escriptos por aquelle rei-sacerdote, vassallo do Egypto, e que podemos ler na integra na collecções de Hugo

[1] A opinião de Driver (*Int. Lit. O. T.*, 15) é que si nas suas linhas geraes essa expedição pode ser historica, muitos dos seus pormenores são improvaveis.

[2] Epistolae, 83, 7 (*Ad Evang. presbyt.*). Dis elle : "Salem non, ut Josephus et nostri omnes arbitrantur, est Jerusalem, sed oppidum juxta Scythopolim quae usque hodie appellatur Salem et ostenditur ibi palacium Melchizedech."

[3] *Patriarchal Palest.*, 119 e seg.

Winckler e Scheil.[1] 5. Estes pequenos regulos-sacerdotes, communs na Palestina e na Babylonia, já vimos, eram chamados *patesi*, alguns dos quaes conseguiram grande poder.

Melquizedech que era, pois, o rei-sacerdote de Salem, sabendo da chegada do victorioso Abrahão e dos seus guerreiros, trouxe-lhes o comforto espiritual e material: o material em trigo e em vinho que offereceu-lhes, e o espiritual n'uma bençam a Abrahão, no seu character sacerdotal. O texto diz expressamente que Melquizedech era sacerdote do DEUS ALTISSIMO ("*e* era," e não "porque era"), de *El Elyon*,[2] e nesta qualidade elle abençoou a Abrahão, e disse solemnemente:

Bemdicto sejas, Abrahão, de Deus Altissimo,
Creador do Céo e da Terra:
E bemdicto seja Deus Altissimo
Que entregou teus inimigos á tua mão.

O rei-sacerdote abençôa o patriarcha pela victoria e agradece ao seu Deus por ter-lhe concedido este triumpho. Abrahão, commovido nesta occasião tão memoravel em que se via abençoado em nome de EL ELYON por este veneravel sacerdote no meio do paganismo canaaneu, julgou prestar homenagem a Melquizedech como sacerdote do Altissimo, entregando-lhe o decimo de todos os despojos que trouxe,—o dizimo de DEUS.

Esta scena tão simples, nessa parte tão isolada do mundo, ha 4000 annos, ainda hoje se reflecte vividamente na consciencia de todo o mundo christão. Si o DEUS de Melquizedech não era exactamente o de Abrahão, unia-os uma fé monotheista commum. Abrahão reconhece o sacerdocio do rei de Uru-Salim, e abre o exemplo da offerta do dizimo como depois fez Jacob em Bethel (*Gen.*, 28 : 22). Ninguem jamais soube qual a genealogia deste Melquizedech, quem era seu pai ou sua mãe. Elle apparece em scena, por assim dizer, inopinadamente. Só por ser sacerdote de El Elyon, Abrahão reconhece que elle é maior do que elle-proprio e offerece-lhe tributo que só se deve a DEUS.

Este facto feriu a imaginação da posteridade, e o Christianismo nascente viu em Melquizedech uma figura de JESUS CHRISTO, como rei de Justiça, rei de Paz, Sacerdote, não da linhagem de Aarão, mas sem principio nem fim, eterno. O auctor da Epistola aos *Heb.*, é quem mais attenção chamou ao assumpto. JESUS,

[1] V. Winckler, nos. 179-184.

[2] No V. T. *El* é o mais geral du nomes de DEUS, usado ultimamente no sentido poetico ou archaico. Era elle quasi sempre combinado com algum adjectivo como *El Elyon*, DEUS Altissimo, *El-Shaddai*, DEUS Omnipotente, *El-Olam*, DEUS Eterno, etc. Neste caso o auctor do cap. 14 considera Melquizedech como sacerdote de DEUS, do DEUS de todo o universo.

diz elle, não se glorificou a Si mesmo para se fazer sacerdote, mas quem o fez foi o Sancto Espirito que, alem de declarar que Elle era Seu Filho accrescentou que era egualmente "summo sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquizedech" (5 : 4-10). E depois explica que por varios ponctos de contacto, este Melquizedech era superior a Abrahão, antes que Levi, ou o sacerdocio mosaico, tivesse existencia. O sacerdocio de Melquizedech foi sagrado sob juramento mesmo de Deus (*Ps.*, 109 : 4) e era eterno, "e por isto póde salvar perpetuamente aos que por elle mesmo se chegam a Deus." (Vide todo o cap. 7.)

Talvez ouvindo a benção de Melquizedech, o rei de Sodoma julgasse que devia mostrar liberalidade ao vencedor e pedindo-lhe a restituição da gente libertada, *concedeu* a Abrahão todo o esbulho, que alias, pelas leis da guerra, lhe pertenciam de verdade. Mas Abrahão jurou, com a mão levantada ao céo, que elle-mesmo nada receberia. Pago o dizimo, elle só queria que dessem a seus mancebos e alliados a quota que lhes tocava no esbulho do inimigo: fóra disto nem um fio ou correia de sandalia: o rei nunca poderia dizer que Abrahão se enriquecêra quando sahiu em auxilio dos seus amigos.

"Passadas estas cousas" (15 : 1), isto é, decorrido algum tempo, Abrahão teve uma visão em que Deus confirmou as Suas promessas de protegê-lo; e em que Abrahão ousou lembrar que estava envelhecendo e se achava sem filho, seu herdeiro vindo a ser o seu escravo e mordomo; ao que Deus respondeu que elle, apezar de tudo, teria herdeiro, nascido de seus lombos; e corroborando esta promessa mandou que olhasse para o céo e contasse as estrellas, si pudésse; pois assim multiplicar-se-hia a sua posteridade (15 : 1-5).

Diz então o texto: "Creu Abrahão a Deus e isto lhe foi imputado á justiça ("reputatum est illi ad justitiam," *Vulg.*). Isto é, Abrahão, em estado de peccador, foi justificado perante Deus pela sua fé, acceita por Deus. Tudo o levava a crer que elle não teria filhos e elle mesmo, apezar da promessa divina, parecia ter apenas uma confiança vaga. Agora elle creu completamente e Deus se dignou de acceitar esta sua fé, inabalavel e resoluta, como dando-lhe certo *direito* á Sua protecção e á confirmação da Sua promessa. O texto aqui antecipa a doctrina de S. Paulo, da justificação pela fé (*Rom.*, 4 : 3, 9, 22; *Gal.*, 3 : 6).

Logo depois disto o texto nos refere a historia de um com-

pacto divino com Abrahão (*Gen.*, 15 : 7-21) e em que DEUS faz ver a Abrahão que os seus descendentes serão peregrinos n'uma terra estrangeira durante quatrocentos annos ou quatro gerações de cem annos, voltando depois daquelle terra. Quasi todos os criticos acreditam que esta parte do cap. 15 é um retoque geral dos redactores ulteriores de J E ou então uma compilação delles, mal feita. É ahi que, pela primeira vez, apparece E no Pentateuco.

Emquanto Abrahão esperava, paciente e provado na sua fé, a realisação da promessa divina ácerca do nascimento de um filho, sua mulher mostrava-se irrequieta e, julgando-se esteril e já encanecendo, exigiu que, segundo as praxes daquelles tempos (v. *Gen.*, 30 : 3, 9 ; 22 : 24 ; 36 : 12 ; *Ex.*, 21 : 7, 8), o marido tomasse uma de suas escravas, Agar, Egyptana, para unir-se com ella e dar-lhe como seu proprio, o filho que lhe nascesse, ao que Abrahão teve de annuir, pois Sara, como toda a hebréa, considerava a esterilidade como um castigo terrivel (v. *Gen.*, 19 : 31 ; 30 : 1, 23 ; *Lev.*, 20 : 20) e a prole como uma benção divina (*Gen.*, 21 : 6 ; 24 : 60 ; *Ex.*, 23 : 26 ; *Deut.*, 7 : 14).

A escrava assim que sentiu que seria mãe, mostrou-se altiva com sua senhora, que chama o marido a contas. Este apenas lembra-lhe os seus direitos de castigal-a. Agar foge mas volta, sob influencia de um anjo que pareceu ver, e dá a luz a Ismael. Este nome foi posto pelo anjo, que annunciou mais que o menino seria um homem que S. Jeronymo chama *ferus*. A versão litteral é "um homem asno-montez," que bem indica o homem indomavel, bravio e livre como o deserto, como é o Beduino, com o seu desprezo pelas cidades e sua civilisação. Até hoje, como observa Delitzsch, os Ismaelitas possuem, livres, a grande peninsula entre o Canal de Suez, o Euphrates e o Mar Vermelho donde se espalharam para grandes districtos da Africa septentrional e Asia meridional. A sua theoria é que pertence-lhes tudo quanto podem tomar.

Notemos ser Ismael o primeiro desde Adão cujo nome é dado pelo SENHOR. O segundo foi Isaac, seguindo-se-lhe Salomão, Josiah, Cyro e João (*Luc.*, 1 : 13). Por fim vem JESUS (*Matt.*, 1 : 21).

No cap. 17, que é do escripto sacerdotal P, DEUS revela-se a Abrahão sob um novo nome, EL SHADDAI (Ego Deus Omnipotens, *Vulg.*). ELLE faz alliança com Abrahão, o qual só agora muda o nome que era Abrão. Desta alliança será o signal, em quanto existir o seu povo,—a circumcisão. Já a practicavam os Orientaes desde muito. A principio era executada com uma pedra afiadissima (como em Moysés, *Ex.*, 4 : 25, e no tempo de *Josué*, 5 : 2), o menino sendo de 5 a 14-15

annos. No correr do tempo os sacerdotes deram a este rito enorme importancia, que ainda maior assumiu por occasião do Captiveiro na Babylonia onde o circumcidado Israelita e Judeu trazia este signal indelevel de pertencer á raça escolhida, em contraste com os seus conquistadores. A circumcisão era, pois, como o baptismo no Christianismo. Como no V. T. tudo operava para o grande fim da Incarnação de Filho do Homem, não havia logar para a mulher neste rito : ella era representada pelo homem. No N. T. não ha mais " macho nem femea,"—não ha differença de Gentio e de Judeu, de circumciso e incircumciso, mas " Christo é tudo e em todos,"—e todos são levados ao Baptismo.

A circumcisão consiste em cortar ao redor da glande do orgão masculino da geração afim de tirar-lhe a pelle superior, costume hoje por muitos considerado bárbaro, mas seguido desde alta antiguidade pelos Egypcios e outros povos não semiticos e por quasi todos os povos semiticos. Os visinhos de Israel, Edom, Moab e Ammon, circumcidavam-se. Mas os Semitas do Euphrates e os Philisteus não adoptaram a praxe.

O *Ex.* 4 : 24 contém a primeira menção historica da circumcisão na Biblia. De volta do Sinai para o Egypto a mulher de Moysés vendo-o muito doente e sabendo que não era circumcidado, " tomou uma pedra agudissima e circumcidou o prepucio do seu filho" e depois " tocou os pés de Moysés" com o sangue do menino, dizendo que elle era uma relação sanguinaria,—phrase difficil e até hoje não interpretada satisfactoriamente. Vê-se qrão antigo era este costume entre os Arabes do Sinai pelo uso das facas de pedra, afiadas.—Temos depois a nota de P referente á circumcisão de Abrahão, de seus filhos e servos, Isaac tendo então oito dias de edade e Ismael treze annos. É dahi que veiu o costume judaico da circumcisão ao oitavo dia. A Biblia menciona depois em *Jos.*, 5 : 2-9 o incidente da circumcisão de todos os varões, não os que tinham sahido do Egypto em edade de tomar armas, pois esses haviam fallecido, mas dos que haviam nascido no deserto. Assim circumcidados, diz o texto, tirou-se-lhes " o opprobrio do Egypto," o que significa que os Israelitas geralmente não se circumdavam no Egypto pelo que eram desprezados pelos Egypcios.

Até o tempo dos prophetas litterarios a Biblia não se refere a esta praxe sinão para inculcar que a verdadeira circumcisão era a do coração (*Jer.*, 9 : 26 ; 4 : 4), a dos ouvidos, para ouvirem a palavra divina (*Jer.*, 6 : 10). A ideia que predominava entre esses prophetas era a necessidade de purificação *interna*. Já o *Deut.*, 10 : 16 dizia : " Circumdai, pois, o prepucio do vosso coração e não endureçais mais a vossa cerviz."—E em 30 : 6 : " Jahveh teu Deus circumcidará o teu coração . . . para que ames a Jahveh de todo o teu coração."

No Captiveiro (onde foi preparado o Codigo sacerdotal, P) o Judaismo deu attenção especial á circumcisão, pois que era um signal do concerto,

de unidade do povo com JAHVEH, com exclusão dos Babylonios que se não circumcidavam. O rito obteve importancia transcendente até o advento do Christianismo, quando tornou-se questão muito viva si os Judeus e outros conversos á nova fé deviam circumcidar-se, tendo-se afinal resolvido pela negativa (*Actos*, 15 : 1-29 ; 21 : 21 ; *Rom.*, 2 : 5-4 : 12 ; 1 *Cor.*, 7 : 19 ; *Gal.*, 5 : 2-12 ; 6 : 12-16 ; *Col.*, 3 : 11, etc).

A origem desta praxe curiosa é muito provavelmente a mesma dos córtes na carne do corpo, da tatuagem, etc. Era um signal no corpo que demonstrava communhão, não só social e politica, como religiosa. A principio pertencer a uma tribu era ser admittido ao seu culto commum, e a circumcisão que se fazia quando o vapaz entrava na puberdade, significava que elle ficava homem, e membro da tribu e podia casar-se. E esta praxe especial veiu tambem do grande mysterio da geração e da consideração que merecia o orgão masculino della.

DEUS confirma suas promessas anteriores e adeanta que Sarah (e não mais Sarai com até aqui) dará a luz a um filho que será herdeiro da promessa e pai de nações. E esse filho, continuou DEUS, seria chamado Isaac (Iichak, riso) pois o casal rira-se no seu interior por procrearem aos 90-100 annos ; com Isaac o SENHOR continuaria a sua alliança. E com effeito, dahi a um anno nascia Isaac que ficou, e não Ismael, o herdeiro da promessa. Este cap. é todo do auctor do Codigo Sacerdotal e basta a sua leitura para logo de perceber este facto.

Já nos segs. caps. 18-19 vê-se a mão livre, o estylo pittoresco do Jahvista, J, e do seu additador J^2. Esta historia, aqui ajunctada, refere-se a um periodo pouco tempo antes do nascimento de Isaac. Sob os terebynthos de Mamre Abrahão tem occasião de dar hospedagem a trez viandantes mysteriosos, um dos quaes disse a Abrahão que Sarah teria um filho. Ella que estava atraz da porta, pôz-se a rir por já ter-lhe cessado a pensão do sexo ; o interlocutor, um dos tres, era um Anjo de DEUS que confirmou o Seu prenuncio.

A essa apparição sob a forma de tres hospedes,—symbolo da Trindade, segundo os melhores commentadores,—segue-se a sahida delles em direcção a Sodoma, Abrahão accompanhando-os até, diz a tradição, de seis a septe kilometros (hoje Beni-Nahim). Ahi o narrador continúa a só fazer JAHVEH fallar. Elle annuncia a Abrahão a punição que vai dar a Sodoma e Gomorra, cujos crimes clamavam até o céo. Graças á intervenção de Abrahão, JAHVEH promette-lhe poupar as cidades si nellas houver mesmo dez justos. E os dous Anjos proseguem o seu caminho. Chegados á Sodoma são instados por Lot para receberem a sua hospedagem. Mas os habitantes " desde os meninos até os velhos " cercaram a casa reclamando que Lot fizesse sahir seus hospedes, para subjeitarem-se á sua

incrivel perversão e depravação. Lot resistiu com bons modos e até pediu ás suas filhas que os acalmassem. Enfurecido, o povo exprobrou a Lot o querer ser seu juiz, elle mesmo hóspede entre elles, e atirou-se a violentar a porta da casa, mas, obcecados, não podiam atinar com ella. E Lot, avisado, sahiu de Sodoma para Segor com sua mulher, e suas duas filhas ; os dous futuros genros ficando por pensarem que Lot zombava ; e aquellas cidades de costumes bestiaes foram destruidas a enxofre e fogo. Lot foi salvo porque "Deus se lembrou de Abrahão" (vers. 29). A mulher de Lot morreu no caminho e elle, temendo entrar em Segor, recolheu-se com suas filhas a uma caverna onde, depois, bebado, ellas procuraram o incesto de que nasceram Moab e Ammon, chefes dos Moabitas e Ammonitas com os quaes depois os Israelitas estiveram muito em contacto.

O Livro *Gen.* passa então a dar-nos minuciosa relação dos descendentes de Esau ou Edom, dos seus reis e heroes (P), assumpto que não nos interéssa muito. Edom occupou todos os lados da cordilheira do Seir e ahi desenvolveu-se forte e independente e mais depressa que Israel : de facto já tinham o governo monarchico antes deste chegar aos limites de Canaan (*Num.*, 20 : 14, etc.). Mas, estabelecido Israel, este cresceu mais solidamente. Saul e Jorão os batteram, e Amasias (4 *Reis*, 14 : 7) os subjugou, os Edomitas só libertando-se no reinado de Ahaz (4 *Reis*, 16 : 6 e 2 *Paral.*, 28 : 17). Mas por ultimo João Hyrcano os submetteu novamente pela força das armas obrigando-os a adoptar a circumcisão e a incorporar-se ao Estado judaico. Os Idumeus, porêm, tiraram uma especie de desforra dos Judeus tendo de subjeitar-se, depois de Antipater, a uma dynastia iduméa até a queda da sua independencia.

Estes dous povos que foram filhos de Ammon e de Moab, estabeleceram-se a Leste e um pouco a SE. do Mar Morto, Ammon a L. de Galaad, de 31.^{30} a 32.^{30} de Lat. e Moab ao S. para o L. do Mar Morto. Em *Juizes*, 11 : 13 vemos que a terra de Ammon vinha "desde os confins de Arnon até a Jaboc e até o Jordão,' donde os Amorreus parece que os expulsaram antes da chegada dos Israelitas, concentrando-se então nas cabeceiras do Jabok. Até o tempo de Saul quasi nada sabe-se da historia desse pequeno povo. Os Israelitas ao entrarem em Canaan, não os molestaram, por ordem expresso de Deus (*Deut.*, 2 : 37). Mas no tempo dos Juizes os Ammonitas deram auxilio a Eglon, rei de Moab, n'uma invasão de Israel e tentaram conquistar Gilead ; mas foram punidos pelo Juiz Jephté (*Juizes*, 3 : 13 ; 11 : 4-9, 30-36 ; 12 : 1-3). Depois disto o rei ammonita Naás quiz occupar Jabés de Gilead, só concedendo aos habitantes a vida si cada um delles se offerecesse a perder um dos olhos :

Israel levantou-se como um do homem sob Saul que foi por isso declarado rei de Israel. Posteriormente os Ammonitas provocaram ao rei David que deu nelles de rijo e tomou-lhes a sua capital, Rabbath (4 *Reis*, caps. 10-12).

Seguiu-se então um periodo de boas relações dos Ammonitas, com os Israelitas. Um delles foi dos 37 valentes que formavam o corpo de esforçados heroes de David. Uma das mulheres de Salomão foi Naama, ammonita, mãe do seu successor Roboão: aquelle rei tinha alias no seu enorme harem mulheres ammonitas, moabitas, hethéas, iduméas, sidonias, e de outras nações (3 *Reis*, 11 : 1 ; 14 : 21).

Os Ammonitas procuraram resistir aos Assyrios e Babylonios. Mas no reinado de Josaphat invadiram Judá donde foram ulteriormente rechassados pelo rei Jothão. Quando Jerusalem foi cercada muitos Judeus se transportaram para Ammon; mas nem assim fizeram muita liga. Na restauração envidaram muitos esforços para impedir que se reconstruisse o Templo em Jerusalem. Depois disto os Nabatheus assolaram o seu territorio até que, no tempo des Maccabeus ou pouco depois, perderam a sua identidade.

Os filhos de Moab ou Moabitas habitavam o grande planalto, de 1000 a 1300 m. de altura sobre o Mediterraneo, e que se estende a L. do Mar Morto, confrontando ao Sul com Edom e ao N. estendendo-se um pouco álem do Arnon, era um paiz fertil outrora chamado Lotan ou Ruten. Antes da entrada des Israelitas em Canaan diz o *Deut.*, 2 : 9-11 que Jahveh ordenou-lhes que não pelejassem contra os Moabitas pois Elle havia dado a sua terra em possessão aos filhos de Lot; e accrescenta: "Os Emins foram os seus primeiros habitadores, povo grande e pujante e de tão alta estatura como os da linhagem dos Enacins." Até hoje não se ha encontrado inscripções que nos fallem de Moab antes da era do Exodo, o que se explica por achar-se fóra das grandes vias de communicação entre a Babylonia e o Egypto. Mas estando no caminho da Arabia vê-se na sua propria escripta desse tempo a respectiva influencia. Sayce[1] diz que nas inscripções de Ramses II. (1300 A. C.) encontra-se o nome Muab entre os das regiões que este Pharaó dominou.

Ao entrarem em Canaan os Israelitas bateram-se ardorosamente contra Sihon, rei dos Amorreus e lhes tomaram o seu territorio ao N. do Arnon, e que elles haviam arrebatado de Moab; essa conquista deu ensejo ao cantico sarcastico de *Num.*, 21 : 14 e seg. Os Israelitas depois fizeram amisade com os Moabitas e as mulheres destes os levaram a peccar, sacrificando a Baal-peor. Mas os Moabitas temiam sempre os Israelitas e realmente não os supportavam. A historia de Balaão mostra o sentimento que contra elles nutriam. No tempo de Saul esta inimizade explodiu não só em Moab, como em Ammon, Edom e Soba; e Saul sahiu-se victorioso (1 *Reis*, 14 : 47); irrompendo novamente hostilidades delles contra o rei David, este subjugou-os todos, elles só recobrando a independencia depois do tempo de Salomão. Mas já no tempo de Omri,

[1] *Patriarchal Palestine*, pags. 22, 153.

rei de Israel, ficaram-lhe tributarios. Em 4 *Reis*, cap. 3, temos a narrativa de como Mésa, rei de Moab, que pagava tributo pesado ao rei de Israel, quebrou o ajuste logo depois da morte de Ahab. Jorão, rei de Israel, successor de Ahab, alliado a Josaphat, rei de Judá, marchou contra Mésa, e elles bateram os Moabitas e destruiram muitas das suas povoações. Vendo a rei de Moab da sua capital que os Israelitas em breve o apanhariam, sacrificou o seu proprio filho sobre os muros da cidade e os Israelitas "indignados por extremo" retiraram-se para o seu paiz. É por esta "victoria" que o rei Mésa mandou gravar o padrão que vai pelo nome de "Pedra Moabita." Não se passaram muitos annos sem novas luctas entre este povo e os Israelitas: elles e os Arameus attacaram Gilead. Veiu depois a invasão assyria e o antigo odio contra Israel foi transferido para Judá. Os Moabitas, como os Ammonitas e Idumeos regozijaram-se com a perda de Jerusalem. Em *Sof.*, 2 : 8, 9, o propheta diz que Deus ouviu os opprobrios e blasphemias delles contra o seu povo e viu como agarraram-se ás terras deste, e prevê que Moab viria breve a ser como Sodoma, e a sua terra como uma meda de espinhos séccos e montões de sal, de nada lhe valendo o seu deus Chemoche.

Passados alguns mezes nasceu com effeito Isaac, e o cap. 21 menciona as alegrias a que deu logar este acontecimento esperado por Abrahão por 25 annos. A sua fé foi de certo muito provada. A exultação de Sarah foi tamanha que não poude tolerar mais a presença de Agar e de seu filho ; e propôz que Abrahão os despedisse, o que pareceu-lhe duro "por causa de seu filho Ismael." Deus, porêm, interveiu em prol de Sarah, porque, disse o Senhor "de Isaac é que ha de sahir a estirpe que ha de ter o teu nome" (21 : 22). E Ismael cresceu no deserto casando-se depois com uma egyptana. Uma filha delles veiu depois a casar-se com o seu primo Esaú, neto de Abrahão.

Entramos agora n'um dos episodios mais grandiosos e de alcance na economia da nossa Religião : o se chama sacrificio de Isaac e que nos preferimos denominar o sacrificio de Abrahão. Teria Isaac seus treze ou quinze annos de edade quando Deus disse ao pai : Toma a Isaac, teu filho unico, a quem amas e vai á terra da Visão e ahi o offerecerás em holocausto sobre um dos montes que Eu te mostrar" (22 : 3). Para bem comprehendermos o effeito desta ordem no espirito do patriarcha basta que nos lembremos de que promessas tinha elle sido depositario nestes ultimos quarenta annos. Abrahão foi divinamente mandado sahir da sua terra e da de seus parentes com a promessa que seria pai de um grande povo e que as gerações da terra seriam bemditas no seu nome (12 : 1-3).

Posteriomente, já depois de victorioso em Canaan e de abençoado pelo sacerdote de Jerusalem Melquizedech, DEUS lhe promette ter um herdeiro nascido de si, e que a sua posteridade seria com as estrellas do ceo (15 : 2-6) ; e Abrahão creu a DEUS. Já fatigada de esperar por esse herdeiro, Sarah deseja ao menos ter um filho por intermedio de sua escrava : o menino cresce até quasi a edade da puberdade quando DEUS manda que Abrahão despedisse-o com a sua mãe : havia 25 annos que esperava o herdeiro legitimo e agora elle nem poude guardar o illegitimo Ismael ! Entretanto DEUS faz até um pacto com elle e renova-lhe a promessa de ser " pai de muitas gentes " e por um " concerto eterno " ser o DEUS da sua posteridade. " Eu te farei chefe das nações e de ti sahirão Reis " (17 : 6, 7). Afinal nasce Isaac, na velhice do casal, e nelle se concentraram alem dos grandes affectos paternaes, as esperanças do futuro grandioso da sua raça, segundo as reiteradas promessas de DEUS. Que golpe indizivel, pois, era, ao cabo de quarenta annos, ver dissipada n'um momento, como nuvem fugaz, toda esta expectação, solidamente baseada na confiança em DEUS ? Foi para isso que chegára aos 100 annos de sua edade ? Si esta estructura da fé, que vinha sendo cuidadosamente construida por tanto tempo, alluia assim, de que valia mais a vida ?

Não se acredite que DEUS exigia uma acção deshumana ou dura por demais do Seu servo fiel. O proprio texto (22 : 1) nos avisa desde logo que DEUS quiz *tentar* a Abrahão, pôr a sua fé a uma prova, suprema, sim, mas sem ideia de faze-lo perder o seu filho, o seu filho unico a quem muito amava. O proprio Abrahão nas suas horas de recolhimento mystico, ter-se-hia proposto o tremendo problema : si DEUS que lhe dera Isaac e as promessas que nelle se concentravam, exigisse o seu sacrificio, o que faria elle, Abrahão ? E provavelmente a sua consciencia nunca atreveu-se a responder. E estas considerações foram aos poucos avassalando o espirito do velho pai até que pareceu-lhe ouvir distinctamente a ordem divina : " Toma a Isaac, teu filho unico a quem amas, vai á Terra da Visão e ahi o offerecerás em holocausto sobre um dos montes que Eu te mostrar " (v. 2). Intimação succinta, pavorosa, que abre este drama, referido pela penna de J, e que é uma das suas melhores joias no V.T.

Abrahão não vacillou, todavia. Na madrugada seguinte, tomando dous criados, um jumento e o filho, e levando comsigo a " lenha para o holocausto," seguiu caminho dos campos. Que viagem de trez dias ! E nem foi o seu coração morto de um golpe rapido, nesse caminhar juncto com o filho, a que o

texto se refere duas vezes,—e que antecipava o caminho da Cruz! Era preciso que elle, silenciosamente, commungando só com DEUS, fosse cogitando bem do que lhe parecia tão profunda transformação nos conselhos divinos, provasse até a lia desta taça de amargura, e passasse por esta terrivel agonia. E como não lhe teria ferido fundo a ingenua e lascinante pergunta do menino: "Meu pai . . . aqui vai o fogo e a lenha . . . onde está a victima?" E, evitando dizer-lhe tudo, o velho pai respondeu: "Meu filho, DEUS deparará uma victima para o Seu holocausto" (v. 7). O pobre pai ainda nutria alguma esperança. . . . "E ambos caminhavam junctos" (v. 8).

Chegados ao logar indicado [1] levantou o altar, dispôz nelle a lenha sobre a qual deitou Isaac, todo atado, e estendeu o braço segurando o cutello para immola-lo. E eis que "bradou" uma voz do céo, "Abrahão, Abrahão," instantemente mandando que não tocasse o menino. "Agora conheço que Me temes e por amôr de Mim não poupaste [2] a teu proprio filho unigenito." "Levantou Abrahão os seus olhos e viu e eis que atraz delle um carneiro macho (estava) preso pelos chifres nas plantas sarmentosas; e tomando delle, offereceu-o em holocausto em logar de seu filho" (vers. 13). Appareceu-lhe então DEUS pela segunda vez e *por Si Mesmo jurou* que em Abrahão seriam bemdictas todas as gentes de sua procedencia, *porque obedeceu á Sua voz.*

Foi-lhe tirada a prova difinitiva da fé; e este Hebreu tão completamente obedeceu a DEUS e confiou na Sua palavra restituindo-lhe tudo quanto era-lhe mais caro, que o SENHOR agora, para dar-lhe a ultima prova possivel da approvação, *jurou por Si Mesmo*, não havendo ninguem egual ou maior por quem pudesse demonstrar esta Sua resolução irrevogavel e definitiva. Elle quiz dar agora ao seu muito experimentado servo a maior prova possivel de confiança na sua fé. Si o sacrificio requisitado de Abrahão perecia ser maior do que comportava o valor humano, a recompensa não podia deixar de ser digna de DEUS; e ainda hoje, 4000 annos depois do acontecimento, presenciamos e gozamos da bençam dada a Abrahão: sua geração espiritual, de que participamos, é innumeravel como a arêa do mar, e milhares de reis tem provindo da progenie espiritual deste Pai dos Crentes. Si nos enleva

[1] Nos arredores de Jerusalem, dizem uns, sem razão, pois o texto falla de um logar deserto e não de uma cidade. A versão Syriaca diz em 22:2 "terra dos Amorrheus." O original refere-se á "terra de Moreh," que significa "planalto,"—e não de "Moriah."

[2] *Pepercisti, Vulg.*, melhor que *perdoaste* de A. P. F. A palavra hebraica significa realmente reter, impedir.

a fidelidade delle, como não adorarmos a do Altissimo que tão grandiosa e munificentemente galardoou-a !

Tem-se procurado ver nesta scena do Moreh mais typos e antitypos de que realmente contém. S. Agostinho até viu no carneiro com os chiffres embaraçados e presos no cipoal a figura da cabeça de CHRISTO coroada com os espinhos da corôa que lhe teceram os Judeus ! Não ha duvida que Isaac, como a ovelha submissa do sacrificio, reflecte o Immaculado Cordeiro de DEUS ; e Abrahão tem a grande honra de, como DEUS, entregar o seu unigenito para soffrer innocentemente. Isaac, porêm, achou o substituto que o Judaismo offerecia a DEUS ; mas JESUS CHRISTO foi, elle mesmo, o substituto nosso, por causa do nosso peccado. Elle foi, por assim dizel-o, Abrahão e Isaac na sua propria pessôa, pois offereceu-se a si mesmo.

Precisamos notar aqui tambem outro poncto importante. O sacrificio que DEUS queria não era o da morte de Isaac,— ao contrario DEUS profligou sempre os sacrificios humanos [1]; o sacrificio que lhe agrada é o da *obediencia* como o de Abrahão, o de perfeita confiança no Seu governo do mundo, e no seu cuidado na mais insignificante de Suas creaturas. Sacrificio, para DEUS, é o espirito attribulado : " Tu não te deleitaras com holocaustos : ao coração contricto e humilhado não desprezarás," exclama o Psalmista (*Ps.*, 50 : 18, 19). Em vez delles, S. Paulo aconselha-nos a que antes offereçamos os nossos corpos, " como hostia viva, sancta, agradavel a DEUS, que é o culto racional " que lhe devemos (*Rom.*, 12 : 1). Tenhamos fé em DEUS por JESUS CHRISTO e " offereçamos por Elle a DEUS, sem cessar, sacrificio de louvor " (*Heb.*, 13 : 15).

Em segundo logar DEUS exige de nós, ou para provar a nossa obediencia ou para outro fim salutifero, directo ou indirecto, os maiores sacrificios, ás vezes das cousas mais preciosas da vida. Lembremo-nos do que JESUS CHRISTO, dous mil annos depois, prefere o Reino dos Ceus a parentes, patria, casa e riquezas : a verdade foi sempre a mesma (V. *S. Mat.*, 10 : 37 ; *S. Lucas*, 14 : 26).

O terceiro poncto é que até aqui fallava DEUS a Abrahão de dominio da terra, de ser pai de reis ; agora, porêm, Elle lhe revela a dôr, a abnegação, a morte como sacrificio, e o substituto desta morte. E na verdade, os melhores commentadores observam que desta grande tribulação, Isaac sahiu como outro filho, divinisado, resuscitado á uma vida nova.

[1] Eram prohibidos pela Lei,—*Deut.*, 12 : 31. Communs entre as nações de Canaan : V. 4 *Reis*, 16 : 13 ; *Ps.*, 106 : 38 ; 4 *Reis*, 3 : 27 ; *Lev.*, 18 : 21 ; 20 : 2 ; 4 *Reis*, 7 : 31. Mesmo entre os Israelitas v. 4 *Reis*, 16 : 3 e seg.

O patriarcha muito realmente devia ter visto o dia de JESUS CHRISTO e ter-se-hia regozijado com isso (*João*, 8 : 56).

Annos depois deste grande incidente, Abrahão, que voltára para Birseba, estando suas tendas em Hebron, Sarah falleceu com 127 annos e Abrahão comprou de Ephron, um dos filhos de Heth, o terreno, arvores, caverna e campo, que olham para Mambre, tudo por 400 siclos de prata [1] de boa moeda corrente e, mettido de posse na presença dos filhos de Heth e mais presentes á porta da cidade, ali sepultou sua mulher na caverna.

Sentindo-se velho e perto, elle mesmo da sepultura, Abrahão chamou o seu servo-mordomo e juramentou-o á moda do tempo (pondo a mão sob sua coxa) para que não tomasse mulher cananéa para Isaac, mas fosse buscal-a entre as raparigas da sua perentella, em Haran-Naharaim. É crivel que se passasse algum tempo antes que este administrador dos bens do patriarcha seguisse para a Mesopotamia. Elle tomou dez camelos, bastantes presentes e encetou a sua jornada.[2] A narrativa desta viagem, toda essencialmente do auctor Jahvista, é uma das mais bellas da Biblia e nos pincta com grande simplicidade e vividez os costumes orientaes daquelle tempo, bem como a simples fé na *Providencia de Deus*, como reguladora das nossas acções. Todos devem lel-a neste explendido cap. 24. Eliezer chegando ao povo de Haran deparou com uma rapariga que era justamente a prima de Isaac e em resposta ás orações que fizera vê que era a noiva destinada ao moço. Ella dá-lhe de beber e tira agua do poço para os outros homens e os cavallos e recebe de presente um annel de nariz, de ouro, do valor de cerca de 18$ ou meio chequel. Rebecca era irmã de Nahor, sobrinho de Abrahão. Eliezer desejava prompta decisão. A offerta é acceita, apoz a exposição feita pelo mordomo e que é o primeiro discurso inserto no V.T. ;

[1] Havia moeda no regimen persa da historia dos Judeus. Antes disso os pagamentos faziam-se em tiras ou barras de ouro e prata que se chamavam *keseph* e nos contractos cuneiformes acha-se a expressão *chiclú* (shiqlu) para as unidades communs. Diz Jeremias que como a proporção do cyclo da lua e do sol é de 27 para 360 ou um para 13 1/3 é essa a mesma que se admittiu para a prata em relação ao ouro,—a da prata para o cobre sendo de 1 para 60 ou 1 para 72. Seria interessante indagar porque os antigos tomavam o ouro e a prata como padrões, quando dispunham de outras cousas preciosas, mesmo antes de se introduzir a moeda. Em Canaan havia pouco ouro ou prata, mas bastante cobre, como se deprehende de uma inscripção cuneiforme. Os 400 cyclos de prata ao cambio brazileiro de 16 p. equivalem a cerca de 750$. Esta caverna dizem corresponder hoje ao terreno fechado, chamado Haram, perto de Hebron, com 65×35 m. de area, a muralha antiga (não do tempo de Abrahão) medindo 12 m. de altura. A *Vulg.* chama a caverna *Spelunca duplex* (com *dous cavatos*, A. P. F.), e do mesmo modo a LXX e a Syr. Mas outras versões do orig. são por *caverna dupla* o seu nome *Makpelah*.

[2] Não é demasiado para uma viagem de cêrca de 550 kilometros para a qual precisava levar viveres para os tropeiros e os proprios camelos,

e Rebecca consente em accompanhal-o, desde logo, á Canaan, levando comsigo as suas criadas. É poncto duvidoso mas parece que o Abrahão morrêra durante a ausencia do seu fiel servo, sendo sepultado junto de Sarah, aos 175 annos de edade, e, pois, em " ditosa velhice," como diz o texto.

CAPITULO XXXII

ISAAC E JACOB

A VIDA de Isaac e Rebecca passou-se em paz até Isaac ter 137 annos quando sobreveiu em sua casa notavel scena de familia. Apoz de vinte annos de casados, Rebecca, gravida, no correr do tempo sente-se muito encommodada por constantes impulsos, como de lucta, no seu ventre. E orou e appellou para o SENHOR; e teve resposta que duas gentes estavam no seu ventre; "e do teu ventre se dividirão dous povos, e um povo vencerá o outro povo e o mais velho servirá ao mais moço." (25 : 23). Mezes depois nascia um menino muito pelludo e vermelho, que foi chamado Esaú ou Edom; vindo depois delle, mas segurando-lhe o calcanhar, outro menino que recebeu o nome de Jacob (Yahakob, supplantador), abbreviação de Jacob-el. Crescendo, mostraram disposições muito diversas, Esau amigo da vida ao ar livre e grande caçador, desembaraçado e de grande independencia; o outro, socegado, caseiro, e prudente até a timidez. Isaac tinha predilecções por Esau e não accreditou muito na resposta divina que Rebecca recebêra quando os gemeos luctavam antes de virem á luz do dia. Jacob, pelo contrario, era o querido da mãe, que aliás acreditava que elle seria o transmissor das promessas abrahamicas. Um dia em que Esau veiu faminto da caça,—o que muito acontece aos caçadores quando não encontram presa,—viu Jacob acabando de cosinhar appetitosa panella de lentilhas, e pediu-lh'a. Jacob respondeu, talvez, meio em gracejo: "Só si trocares por ella o teu direito de primogenitura." E Esau que muito provavelmente se perguntou de que lhe servia isso, em que vinha tal direito ajudal-o nas suas caçadas, immediatamente cedeu, instigado pela fome, e cedeu por juramento. "E comeu e bebeu, e foi-se," diz o texto, pois para elle a vida era isso. Provavelmente Rebecca regozijou-se com a narração do incidente, que guardou comsigo.

Esau, já com 40 annos casou-se com duas mulheres das filhas de Heth, de alguma tribu hettita com que a descendencia de Abrahão se não devia misturar; e as noras deram grande desgostos aos sogros (26 : 34, 35).

Isaac, ja velho de 137 annos, e cego, e ignorando o que entre elles se passara, tinha resolvido tornar Esau seu herdeiro, a despeito do que soubera de Rebecca que o SENHOR lhe annunciara. Rebecca, todavia, queria que o seu predilecto Jacob fosse o abençoado, como já determinado por DEUS. Isaac chama a Esau e promette dar-lhe a sua benção ; mas queria que elle primeiro fosse caçar alguma cousa para fazer-lhe um bom manjar. No entretanto Rebecca ouvira as palavras do marido a Esaú ; e com astucia correspondente á delle insiste em que Jacob lhe tome a deanteira e, abusando da cegueira do pai, lhe receba a benção que secretamente reservava para o outro. Veste-o com a capa de Esaú, prepara um prato muito aromatico e vence as suspeitas de Isaac, ao qual parece ter ouvido a voz de Jacob. Este, industriado pela mãe, dá-lhes as mãos cobertas de pellos finos de cabritos de Angora e Isaac sente o cheiro das roupas de Esaú, e dá a Jacob a benção que reservava ao seu primogenito :

> " Éis o cheiro do meu filho
> É como de um campo cheio,
> Que o SENHOR abençoou :
> DEUS te dê do orvalho do ceo
> E da gordura da terra ;
> E abundancia de trigo e de môsto.
> E os povos te sirvam,
> E as nações curvem-se perante ti :
> Sê senhor de teus irmãos,
> E os filhos de tua mãi curvem-se perante ti.
> Maldito seja todo o que te amaldiçoar,
> E bemdicto todo o que te abençoacr.
> (27 : 27-29).

De volta da caça, Esaú sente-se privado da benção do primogenito, e chorou com grande pranto : elle cedêra por um prato de lentilhas vermelhas um privilegio de sagrado valor no Oriente : facto typico do que todos os dias fazemos com o privilegio de Christãos. No tempo de Esaú o primogenito já devia ter o dobro da porção de cada um de seus irmãos, como foi depois confirmado em *Deut.*, 21 : 17. Quando Isaac ouvira o grande chôro de Esaú, e soube do motivo, " ficou absorto n'um espanto extraordinario." " Teu irmão," declarou a Esaú, " veiu fraudulentamente e recebeu a benção destinada para ti. . . . Eu o constitui a elle teu senhor." (23 : 33-37). Era natural que, depois disto, Esaú sempre aborrecesse Jacob e pretendesse mata-lo (v. 41).

Esta situação encheu Rebecca de temores e anciedades

pela vida do filho predilecto ao qual pediu que se retirasse á Mesopotamia á casa de seu tio Labão, até que passasse o furor de Esaú (27 : 42-45). Outra tradição diz que, como Isaac vivia desgostoso com as noras, mulheres hethéas de Esaú, Rebecca suggeriu-lhe que mandasse Jacob á casa de sua parentella na Mesopotamia e lá procurasse mulher "das filhas de Labão, irmão de tua mãe" (28 : 2). E Isaac o abençoou pedindo a DEUS que lhe désse a bençao de Abrahão e o fizesse pai de muitos povos. Partiu, pois, Jacob para a terra de seus pais que não era a Ur dos Chaldeus que vemos nos mappas ao Sul da Babylonia, mas bem ao N. desta na Mesopotamia. Logo no começo da viagem, nas rochosas collinas de Beth-el, deitou-se para dormir, recostando a cabeça sobre uma pedra. E em sonhos viu uma escada entre o céo e a terra por onde desciam e subiam anjos, e no patamar estava DEUS que lhe confirmou as promessas feitas a Abrahão, e assegurou-lhe que o não desampararia. Despertando, disse Jacob: "Na verdade o SENHOR está neste logar e eu o não sabia." E tirou a pedra sobre que repousára a cabeça "e a erigiu em mazzebah (pilastra) derramando oleo sobre ella." E pôz ao logar, que se chamava Luz, o nome de Beth-el.[1]

Ao chegar a Haran, a patria de seus avós, Jacob procurou seu tio Labão e enamorou-se logo de Rachel, sua filha mais moça. A mais velha, Lia, por ter os olhos muito mortos,[2] quando no Oriente a bellesa feminil se manifesta pela sua vivesa, não mereceu-lhe attenção. Jacob quiz logo tomar a prima por esposa para o que o seu parentes só dava-lhe direitos preferenciaes: carecia, porêm, dos meios de obter os costumados presentes aos parentes da noiva e do *mohar* ou dote que era de praxe dar ao pai. Elle, pois, contractou com Labão pagar-lhe este *mohar* com septe annos de trabalho como administrador da sua fazenda de criação. E eram taes a fidelidade e o zelo do futuro genro que Labão sentia-se feliz em ter feito tão excellente negocio. Passados os septe annos Jacob reclamou a sua noiva, e Labão disse que cumpriria a sua promessa. Como, porêm, o fez elle? Deste modo torpe. No Oriente era costume só entregar a noiva á noite, e toda encoberta de véo espesso. Qual não foi, pois, a estu-

[1] Beth-el é hoje Beitin a 17 kilom. N. de Jerusalem. Desde os antiquissimos Semitas acreditava-se que o deus habitava no proprio monumento de pedra. Este pequeno monolitho de Beth-el, tornou-se um dos mais famosos sanctuarios de Canaan e Jeroboão I o escolheu para nelle pôr um dos dous bezerros d'ouro, cuja adoração devia substituir a no Templo em Jerusalem. 3 *Reis*, 12 : 28-30.

[2] As versões em geral são inexactas quando dizem que Lia tinha os olhos remelosos (A. P. Figueiredo) ou inchados pela ophthalmia. As versões gregas de Aquila e de Symmacho empregam, e bem, *apaloi*, delicados, fracos, e bem assim as traducções modernas do original hebraico.

pefacção de Jacob quando, na manhã seguinte deparou com Lia ao seu lado, elle que trabalhára septe annos pela irmã! Ao seu forte protesto Labão respondeu pretextando que no seu paiz (só agora lembrava-se disto) não era costume casarem-se as irmãs mais novas antes das mais velhas. E accrescentou que elle poderia possuir Rachel com mais septe annos de serviços, sendo-lhe ella entregue logo apoz os septe dias das bôdas de Lia. Jacob acceitou com immenso gaudio a imposição do ignobil e sordido sogro, e ei-lo casado com as duas irmãs,[1] e trabalhando pela segunda mais septe annos "que lhe pareceram poucos dias pela grandeza do amôr" que tinha a Rachel. Era natural que, casado com ambas, a preferisse á mais velha (29 : 20, 30).

Lia, porêm, deu quatro filhos successivos ao seu marido, a saber, RUBEN, SIMEÃO, LEVI e JUDÁ. Rachel, não os tendo, deu por mulher a Jacob a sua criada Bala de quem nasceram DAN e NEPHTALI. Do outro lado Lia que cessára de ter filhos deu tambem ao marido a sua criada Zelfa de quem teve GAD e ASER. Ulteriormente, porêm, Lia ainda deu á luz duas creanças, ZEBULUN e a unica filha de Jacob, DINA. Mas "tendo-se lembrado JAHVEH tambem de Rachel, a ouviu e a fez fecunda" e ella deu á luz um filho a que pôz o nome de JOSÉ (30 : 22-24).

Findos os quatorze annos desejou Jacob levar suas mulheres e seus filhos para a sua terra mas Labão disse-lhe que havia descoberto aos poucos que a Providencia divina o protegêra muito por causa delle, e pediu-lhe que designasse que salario desejava para continuar no seu serviço. E ahi foi que já bem escarmentado pela deslealdade e fraude do sogro propôz-lhe isto: Separem-se dos vossos rebanhos todas as ovelhas e cabras que não forem de uma só côr: e daqui por deante sejam vossos todos os animaes que assim nascerem, as ovelhas brancas e as cabras, pretas; e todos os que nascerem malhados ou mesclados de uma e outra côr sejam meus. A proposta agradou immensamente a Labão pois que só por excepção nasciam mesclados. Jacob começou a sua vida nova sem nada ter a seu favôr excepto a sua grande astucia em ter apanhado o tio n'uma cilada que armou a quem se julgava tão mestre nesses compactos dolosos. A experiencia do criador Jacob ensinára-lhe que si esses seus gados, durante a concepção e a gestação, têm constantemente deante de si objectos brancos e mesclados, as crias sahiam mescladas; e

[1] Naquellos tempos era isso licito, e mesmo mais tarde: v. a allegoria symbolica em *Gen.*, 3:6 e seg. Mas já no tempo em que se escreveu a lei do *Lev.*, 18:18 se reconheceu o grande mal desta forma de uniões.

elle sem duvida experimentára já o resultado de collocar nos tanques de agua de beber varas de choupo, de amendoeira e de platano [1] devidamente descascadas, de modo que " quando viessem a beber os rebanhos tivessem as varas deante dos olhos e concebessem á vista dellas " (30 : 38). Desta maneira " veiu Jacob a ser sobremaneira rico " (v. 43) e Labão, vendo isto, mudou o contracto ora de um modo ora de outro. Mas de nada serviu-lhe isto pois Jacob ia sempre ganhando mais, até que Labão e seus filhos, furiosos com elle, não lhe escondiam mais a inveja que lhe tinham, a poncto que Jacob receiou mostrar que desejava regressar á sua patria, levando as suas familias e os seus gados, adquiridos em vinte annos de aturadas fadigas. Elle consultou suas mulheres e estas nada podiam esperar de seu pai que, disseram, tendo recebido duas vezes o *mohar* em quatorze annos de serviços de Jacob, nunca, deu-lhes, como cumpria-lhe, o minimo dote ; e resolveram accompanhar o marido.

Jacob, pois, sahiu ás occultas, levando as mulheres, e os filhos e criados e todos os rebanhos que adquirira na Mesopotamia. Avisado Labão ao terceiro dia foi ao encalço do genro, que já se achava em Gilead ; e, entre outras queixas, protestou contra o haver-lhe Jacob levado os seus *teraphim*, as suas imagens, as estatuas dos seus penates. Jacob negou redondamente e permittiu-lhe uma busca entre as suas bagagens, á qual o sórdido Labão procedeu sem nada achar. Os teraphim, porem, tinham sido com effeito levados por sua filha Rachel sem sciencia do marido e ella os escondêra sob o feno dos camelos.[2] Exprobrado por Jacob que calorosamente lembrou-lhe o quanto lhe dera, Labão propôz que fizessem um pacto, não só de amizade como de limites á zona de influencia de cada um delles. Ajunctando muitas pedras formaram um monticulo a que ambos, cada um na sua lingua, Aramaico e Hebraico, chamaram " Cabeço do testemunho." E a este logar de Gilead denominaram Mizpah ou a " Torre do Vigia."

Jacob proseguiu então o seu caminho passando pelo " Arraial de Deus," ou Mahanaim. Mas agora defrontava-se-lhe um grande perigo. Para chegar á Canaan tinha de atravessar a terra de Seir ou do seu irmão Edom : como seria isto ? Ter-se-hia Esaú esquecido do prato de lentilhas e do guisado de seu pai ? Teriam nestes vinte annos mudado as intenções

[1] O choupo era em Hebraico *libneh* ou o *storax* ou *styrax officinalis*. O platano era o *platanus orientalis*. Mas Tristram, *The Land of Israel*, diz que o choupo aqui era o *populus euphratica*.

[2] Os *teraphim* eram pequenos idolos, muito consultados em advinhações, em uso sobretudo domestico. Em outro cap. tractaremos delles mais de espaço.

sinistras do irmão? E Jacob temia por sua familia e pelos seus haveres e pela propria vida. Elle passou uma noite em fervorosas préces ao Altissimo, o DEUS de Abrahão e de seu pai, e no dia seguinte predispôz presentes para Esaú em varias secções da sua caravana pensando comsigo: "Eu o applacarei com os presentes que vão adeante e depois o verei: talvez se me torne favoravel." (32 : 20); e atravessou o rio Jaboc.

Á noite teve elle outra visão que a tradicção tem guardado cuidadosamente e que corresponde á legenda da escada que havia vinte annos, elle tinha visto (28 : 12). Agora Jacob viu-se debatendo corpo a corpo até pela manhã; e o varão que com elle luctava, não conseguindo sobrepujal-o, feriu-lhe o nervo da coxa,[1] que seccou-se desde logo; mas Jacob não o deixou. O outro disse-lhe: "Larga-me que vem vindo a aurora," e elle respondeu que só o largaria si o abençoasse. O varão disse: Não te chamarás mais Jacob, mas Israel,[2] pois si contra DEUS foste forte quanto mais contra os homens?" Apezar de Jacob insistir em saber o seu nome, não o conseguiu. A explicação desta lucta nesse local que Jacob chamou Penuel (a face de DEUS), nunca foi satisfactoria e nunca o será emquanto se acreditar ao pé da lettra no exaggerado authropomorphismo do incidente. O facto que J e E, ambos o incorporaram nas suas narrativas prova como era antigo e corrente am relação á historia de Jacob, e a origem do seu nome de Israel. Jacob até aqui confiava sobretudo na sua subtil argucia: esta visão, ou que melhor characterisação tenha, foi o inicio de sua revivencia espiritual: ficou melhor conhecendo a responsabilidade de ser o guarda das bençãos de DEUS a seu povo. "A occurrencia aqui referida," diz Delitzsch, "não pertence certamente á historia externa, visivel, e sim á vida espiritual; mas nem por isso é puramente subjectiva. O Ente com quem Jacob luctou não esteve apenas presente á sua imaginação; não se tracta de um attaque meramente causado por sua propria consciencia, mas de um objectivamente real e de parte de DEUS mesmo." Jacob venceu mas foi a sua fé que venceu.

Revigorado, elle approxima-se, com a sua gente, de Esaú a quem elle mesmo presta as homenagens devidas a um chefe de tribu, prostrando-se septe vezes. E todos os membros da familia são apresentados a Esaú. Os dous irmãos lançam-se nos braços um do outro e choram. Esaú recusa os presentes de Jacob mas este pede-lhe por especial obsequio que os acceite

[1] Era o *nervo ischiatico* que, por excessiva tensão e distorção, ficára paralysado. O texto diz que o resto de sua vida coxeava; mas isto parece ter sido accrescimo.
[2] A raiz da palavra *Israel* significa direito, erecto, recto.

como prova do prazer de tel-o visto. Esaú, que se houve admiravelmente bem, offereceu-se até para accompanhal-o e resguardal-o no resto da viagem, o que Jacob, sempre desconfiado recusou a pé firme, allegando precisar ir muito de vagar. Esaú voltando, pois, para a sua terra, Jacob mudou de rumo (sempre prudente e astuto) indo para Succoth, e dahi dirigiu-se para Sechem,[1] já em Canaan, onde comprou campos para pastagens aos filhos de Hemor, filho de Sechem.

Neste Sechem, diz-nos agora o cap. 34 de *Gen.*, deu-se importante incidente historico que nos offerece difficuldades criticas. Ha duas versões parallelas do mesmo acontecimento. Segundo uma (J) e mais antiga, o principe da tribu de Sechem, filho ao seu chefe Hamor, sentindo forte inclinação para Dinah, filha de Jacob, depois de havel-a forçado, dirigiu-se-lhe e aos seus filhos, pedindo-a por mulher, prompto a pagar quanto lhe fixassem por dote e presentes, segundos os costumes do tempo. Objectaram-lhe que elle era incircumcidado e elle prompificou-se logo a executar esse rito. No terceiro dia, quando ainda sob a dôr da operação, foram o principe junctamente com seu pai assaltados por Simeão e Levi que os mataram. Jacob ficou consternado por este acto que tornava a sua familia odiosa aos naturaes da terra, e subjeita a desapparecer (vs. 3, 5, 7, 11, 12, 19, 26, 30, 31).

Pela outra versão, de E, ou antes da sua eschola, Dinah sahiu a ver as raparigas do paiz e o filho de Hamor apaixonou-se della a disse-o ao pai que a foi pedir a Jacob, propondo-lhe simultaneamente uma alliança tribal: "a terra está ao vosso dispôr: cultivai-a, negociai e possuí-a." Os filhos de Jacob furiosos com a violencia que nesse entretanto soffrêu a irmã do principe de Sechem, negaram-lhe a moça e só lh'a dariam si *todos os do sexo masculino* se circumcidassem. Hamor e Sechem não objectaram e fallando ao seu povo o induziram a que adoptasse o rito. Todos assentiram e se circumcidaram. Ao terceiro dia Simeão e Levi e os demais filhos de Jacob cahiram sobre toda a população e "assolaram a cidade em vingança do estupro," devastando toda a sua propriedade e "levando captivos os filhos e mulheres" do povo (vs. 1, 2, 4, 6, 8-10, 13-18, 20-24, 25, 27-29).

Antes de tudo, si o incidente é verdadeiro, a sua narração está deslocada aqui, pois elle não podia ter realisação logo depois da chegada de Jacob a Sechem. Lembremo-nos de que elle serviu a Labão septe annos e depois mais septe e depois mais seis (*Gen.*, 31 : 41). No primeiro periodo nasceram ao

[1] É a *Neapolis* do regimen grego; hoje *Nablûs*. Já vimos que sob o terebyntho perto della repousou Abrahão. Teremos de tractar della para o adeante.

patriarcha Rubem, Simeão, Levi, Judá, Dan, Nephtali, Gad, Aser, Issacar, Zebulun e só depois deste filho nasceu, de Lia, esta filha Dinah. Esta, pois, quando muito poderia contar nove annos de edade. Dos mesmos seus irmãos os mais velhos teriam 19 e 18 annos, talvez um tanto jovens para capitanearem um attaque tão importante a uma das cidades mais conhecidas da Palestina central. Demais, como se vê da historia de José, mais adeante, pouco depois disto foi aos campos de Sechem que os filhos de Jacob levaram a pastar os rebanhos de seu pai. O incidente deste cap. 34 só podia ter tido logar annos depois; e a sua narrativa foi deslocada aqui. A que parece mais certa é a tradição, nesta acção symbolisada, de uma tentativa das tribus de Simeão e Levi de libertarem uma pequena tribu irmã e de attacarem os Sechemitas com apparente bom exito; para depois serem estes vingados por uma coalisão canaanita que esmagou Simeão e Levi. Em todo o caso os Sechemitas gozavam da sua independencia no tempo de Abimelech, filho de Jerobaal, isto é, no tempo dos Juizes (*Juizes*, cap. 9); e das tribus de Simeão e Levi, como elementes de guerra, a historia biblica nunca mais falla.[1]

Continuemos agora accompanhando Israel na sua viagem de regresso á casa paterna. De Sechem veiu elle para Beth-el onde sente ser intimado por Deus para erigir um altar. Já vimos que havia vinte annos, quando ali dormia teve Jacob a visão da escada e que levantando-se de manhã fez voto de, si voltasse da Mesopotamia felizmente para a casa de seu pai, Jahveh seria o seu Deus; e erigiu ali um mazzeba ou pilastra sagrada. Antes de consagrar agora o novo altar, em cumprimento do seu voto, Israel convocou a sua casa e disse-lhe: "Lançai fóra os deuses estranhos que estão no meio de vós e purificai-vos." E elle enterrou todos esses objectos (sem duvida inclusive os teraphim que Rachel havia trazido de Haran) e proseguindo a viagem chegaram á Luz alias Beth-el e edificou ali um altar (35 : 1-7).

Sahindo dahi, Israel chegou a uma terra (desconhecida) que vai para Ephrata e ahi Rachel deu á luz, com muito labor, a um menino, e, antes de fallecer em consequencia disso, pôz lhe o nome de Bennoni, filho de minha dor; mas Israel, não querendo que elle crescesse com esse appellido triste, mudou-o para Benjamin, filho da dextra,—pois a mão direita era considerada a auspiciosa. Rachel morreu e foi enterrada em

[1] Sobre este assumpto, v. Bispo H. E. Ryle, *The Book of Genesis*, *in loco*; Reuss, *Hist. Sainte et la Loi*, I, 405, nota, Dillmann, Cornill, Wellhausen e Kuenen, *obs. citadas*.

Ramah, a oito Kilom. ao N. de Jerusalem (*Jer.*, 31 : 15) o que parece ser confirmado em 1 *Reis*, 10 : 12 que diz que o seu sepulchro era "nos limites de Benjamin, na parte austral," e por conseguinte perto de Jerusalem.[1]

Assim triste chegou Israel afinal á casa de seu pai em Hebron, na qual Abrahão já vivêra como peregrino. Isaac tinha então, diz P, cento e oitenta annos e, exhausto de forças, morreu logo depois, sendo sepultado pelos seus dous filhos.

[1] Em 35 : 19 as palavras "a qual é Belem" são consideradas interpoladas no exto.

CAPITULO XXXIII

ISRAEL NO EGYPTO

Jacob contava 97 annos de edade quando voltou a Canaan com todos os seus filhos. Entre elles, porêm, " Israel amava a José sobre todos " (37 : 3). José era o primogenito da mulher de sua escolha e do seu amor. Os filhos mais velhos eram todos de Lia e haviam-lhe dado desgostos profundos, um com um desacato com a concubina Bala, mãi de dous irmãos seus, Dan e Nephtali ; e os dous outros por terem creado a angustiosa situação de imminente perigo para toda a familia em consequencia de sua desnecessaria violencia com o povo de Sechem, na questão de Dinah. E como José, pelo seu character espiritual parecia estar designado para herdeiro das promessas divinas o seu velho pai Jacob não podia esconder a preferencia que lhe dava. Era, pois, natural que seus irmãos lhe tivessem inveja e, secretamente, desejassem eliminal-o, e esse sentimento de mero ciume transformou-se em verdadeiro odio por causa de dous incidentes. José contára ao pai certo acto muito feio dos irmãos que o texto (37 : 2) qualifica de " crime enorme ; " e alem disto elle, na sua simplicidade, referiu aos irmãos dous sonhos que teve : um em que todos os irmãos atavam seus feixes no campo, e " os vossos feixes, ao redor do meu, adoravam a este " ; no outro, José vira o sol, a lua e onze estrellas e todos " como que me adoravam " (vers. 7-9). Este ultimo sonho impressionou desagradavelmente ao proprio Jacob que o reprehendeu, dizendo : " Por ventura, eu, tua mãe e teus irmãos te adoraremos sobre a terra ? " O pai, porêm, não podia deixar de inquietar-se profundamente com estes devaneos do filho. Annos depois, elle chegou a ver quanto eram propheticas as vizões deste rapaz de talvez dezesete annos.

Um dia Jacob mandou José ver os seus irmãos nos pastos e trazer noticias delles e dos rebanhos que deviam achar-se perto de Sechem, si bem que a localidade seja dada differentemente pelos dous escriptores, que occupam-se do incidente. Ao avistarem-no os irmãos exclamaram logo : " Ahi vem o mestre em sonhos." E alguns suggeriram matal-o ao que se

oppôz o mais velho, Rubem. Tiraram do rapaz a tunica comprida, talar,[1] de que o pai o vestira e resolveram, em vez de espalharem o seu sangue, lançal-o vivo n'uma dessas cisternas grandes que se encontram no deserto, com pequena bocca, mas ás vezes de trinta metros em quadra no fundo, e onde recolhiam a agua da chuva. Foi Rubem que desejava secretamente salval-o depois, quem suggeriu metterem-no na cisterna sêcca, como si o homicidio sem sangue fosse menos homicidio. Isto feito, eis que appareceu uma caravana de Ismaelitas, segundo 37 : 25 e 27, e 39 : 1, (J) ou de Madianitas, segundo 37 : 28 (E), e, por lembrança de Judá, resolveram os irmãos, excepto Rubem, vender José a esses Beduinos, realisando a operação por vinte *chequels* de prata (J E), preço legal de um escravo até 25 annos, o maior dessa edade valendo trinta *chequels*. Rubem, que já havia offendido profundamente a seu pai e queria agora evitar-lhe esta calamidade da perda de José, ao saber do que fizeram os outros na sua curta ausencia, deu todas as provas da mais sincera afflicção. Ao pobre rapaz é que deveria parecer agora que lhe cahira por sorte justamente o contrario de tudo que sonhára.

Podemos só imaginar como esta noticia abalou Jacob, que então contava 107 annos de uma vida tão atribulada.[2] Mostram-lhe a tunica de José, tincta de sangue (de bode) que elle attribuiu ás feras do campo que o haviam despedaçado. E "não quiz admittir consolação."

Só corações muito endurecidos no peccado podiam ter procedido com o pai e o irmão como estes filhos de Jacob. Rubem e Judá quizeram salvar ou melhorar a sorte do rapaz, mas, como com muitos outros, não passaram dessas bôas intenções : durante nada menos de treze annos assistiram, insensiveis, á lenta agonia de seu pai pela perda do filho, e pela qual era, pensava, elle mesmo responsavel.

Os Ismaelitas, venderam José ao eunuco, isto é, ao official da côrte do Pharaó, chamado Potifar, ou antes, como a LXX, *Petephres*, que, parece, era o carcereiro-mór, pois á sua guarda pessoal estavam confiados os presos de lesa-majestade. A

[1] *Polymita*, *Vulg.* Mas a verdadeira traducção não é "de muitas côres," mas "longa e de mangas,"—a *tunica talar*. A commum só ia até os joelhos e carecia de mangas. Israel havia investido o rapaz de uma distincção toda especial, que excitára a inveja dos irmãos.

[2] Segundo a chronologia de *Genesis*, Jacob tinha 76 annos quando foi para a Mesopotamia e 90 quando Rachel lhe deu José. Como sahiu dali no fim de 20 annos José teria então 6 annos e Jacob 96. José desappareceu tendo 17 annos de edade isto é, 11 annos apoz a volta de Jacob a Canaan, e, quando este contava 107 annos. Não se soube noticias de José por 13 annos e a casa de Israel levou mais dez annos antes de emigrar para o Egypto ; e ahi está, pois, que o patriarcha tinha 130 annos, quando para ali foi, vindo assim a fallecer com 147 annos por ter passado 17 annos no Egypto (47 : 29).

este official José impressionou muito favoravelmente não só pela sua bella apparencia como pela simplicidade e direitura de seu character, e não admira que elle o tomasse logo para o seu serviço de confiança, e, pouco depois, entregasse-lhe todo o governo de sua casa. Este official era casado, e sua mulher talvez fosse ainda mais dissoluta do que as mulheres egyptanas já o eram, geralmente, e o foram sendo até o tempo de Herodoto, e como os monumentos do paiz o attestam. Sollicitado importunamente por ella, José respondeu-lhe uma vez que seu senhor nelle confiava amplamente: "como, pois, posso eu commetter esta maldade, e peccar contra o meu DEUS?" Nem por isso desistiu a teimosa mulher, e uma vez segurou de José, que, fugindo de sua presença, deixou-lhe cahir a capa que depois ella, na furia do seu orgulho offendido, apresentou aos creados da casa como prova de que o *Hebreu*, que *elle* (o marido) introduziu em casa, queria *corrompel-a*! Quando voltou á casa o marido, naturalmente accreditou á primeira vista no corpo de delicto preparado pela mulher e "lançou José no carcere onde estavam fechados os presos do Rei." Podia mandal-o açoitar, mas não o fez, talvez varado de duvidas sobre a veracidade da mulher, pois durante os onze annos em que o servira, Potifar só encontrou em José um homem de bem á toda a prova. Na prisão José, desde logo, mereceu a confiança do carcereiro, que o designou a attender pessoalmente a dous dos detidos, homens da mais alta situação, o copeiro-mor e o padeiro-mor da Casa real.

Estes dous homens accordaram afflictos, certa manhã, pelos sonhos que tiveram e que lhes pareciam indecifraveis. Os Egypcios, como em geral a alta antiguidade, observavam muito os sonhos, e não só tinham obras volumosas sobre o seu significado, como sustentavam corporações de decifradores, addidas aos seus templos, e aos respectivos sacerdotes. No inicio da civilisação o sonho era phenomeno sobrenatural, muitas vezes provocados por longos jejuns e até por drogas especificas. Eram verdadeiros omens e por elles queriam saber do futuro, tudo por processos illogicos e nada religiosos. Si este estado de sub-consciencia parcial póde ser e tem sido o vehiculo de revelação de character prophetico (*Dan.*, 2 : 28; *S. Mat.*, 1 : 20; 2 : 13, 20), elle abre logar aos maiores abusos, á superstição e á completa irreligião. Quasi sempre estes sonhos importantes repercutem phantasiosamente as nossas proprias cogitações e apprehenções. Assim os sonhos desses dous officiaes do Pharaó refletiam o seu temor pela sua propria sorte.

Elles os referiram ao seu joven carcereiro, e o medo de que se achavam possuidos. Com toda a modestia José

previu o que lhes aconteceria e os acontecimentos, trez dias depois, demonstraram a confiança que merecia a sua interpretação: o padeiro-mór foi enforcado mas ao copeiro-mór, se deixou ir solto e livre. José pedira-lhe que se lembrasse, quando solto, da sua prisão injusta, mas, como muitos outros companheiros de adversidade, que unem-se pela solidariedade de uma amizade sincera durante o tempo do infortunio para depois esquecer os amigos na hora da alegria e da ventura, o copeiro-mór por dous annos não lembrou-se de José. Foi preciso que o Pharaó tivesse dous sonhos que os decifradores não podiam (ou não queriam) decifrar para então lembrar-se de que existia, ainda preso, aquelle modesto e bello rapaz hebreu. Referiu ao Rei o que se passára com os seus sonhos, e os do padeiro-mór; e o Rei mandou que José fosse logo trazido á sua presença. Vestiram-no e tosquiaram-n'o e esta ultima transformação era tão necessaria como a outra: só a classe mais baixa no Egypto usava barba ou cabello comprido e os sacerdotes até raspavam todo o corpo.[1]

"Soube que explicavas sapientissimamente os sonhos," disse-lhe o Pharaó. "Independente de mim," replicou José com toda a modestia, "responderá DEUS propriamente ao Pharaó." E este referiu-lhe os dous sonhos, o das septe vaccas por extremo formosas e gordas, e o das septe vaccas disformes e magras, e das septe espigas, viçosas e queimadas, que subiram do Nilo, as vaccas magras e as espigas delgadas devorando as outras, sem se mostrarem fartas. José explicou os sonhos. Eram um só sonho apontando para a mesma cousa: "septe annos de tanta esterilidade que farão esquecer a abundancia passada, pois a fome ha de consumir toda a terra."

O Pharaó não podia deixar de impressionar-se. Pertencia elle a uma das trez dynastias dos "Reis Pastores" como são geralmente conhecidos os Asiaticos ou Semitas, que reinaram no Egypto, e contra os quaes, por serem de outra raça e religião, começava a fermentar já uma opposição surda mas tenaz no Egypto superior. O Pharaó, pois, tinha todo o interesse em tornar-se caro a seu povo; e elle viu logo neste intelligente Hebreu um homem extraordinario e talhado para esta grande crise da fome.[2]

[1] Com os Judeus, dava-se o contrario: a conservação da barba era estrictamente recommendada, excepto no caso dos leprosos, que deviam raspal-a.

[2] Essas quadras de fome são conhecidas no Egypto desde a mais remota antiguidade. Em Beni-Assan, no tumulo de Ameni, ministro do Rei Usertasen I, muito antes da época de José, se lê: "Ninguem passou fome nos meus dias nem nos annos de fome pois fiz cultivar os campos dos districtos de Mah até as fronteiras do Sul e do Norte. Prolonguei assim a vida dos seus habitantes. Não houve gente faminta. Destribui egualmente á mulher casada e á viuva. Em tudo que fiz dar não distingui entre grande e humilde."—W. Budge, *The Dwellers on the Nile.* Em 1064 A.D., sob um dos Caliphas, houve uma fome de septe annos.

José não se contenta em explicar ao Pharaó os seus sonhos [1] mas declara-lhe que "DEUS mostrou a Pharaó o que ha de fazer. . . . Proveja o Rei um varão sabio e industrioso e o ponha por intendente da terra do Egypto. . .. que estabeleça inspectores por todas as provincias," e tomando a quinto da producção do trigo, recolha-o em armazens, sendo destinado para os septe annos de fome. Ao Rei pareceu admiravel este conselho e perguntou a José que, como DEUS o auxiliava, onde poderia achar outro mais sábio do que elle ? E José foi feito o primeiro ministro, o Grão Visir, do Egypto, só tendo o Rei ácima de sua pessoa. Vestiram-lhe a nobre toga de *byssus*, linho sedoso e finissimo, de que tambem usava a classe sacerdotal, puzeram-lhe ao redor do pescoço "o collar, o de ouro" e o Rei mandou que tomasse o segundo coche da sua real casa e que todos lhe prestassem homenagem como o superintendente de todo o Egypto. Deu-lhe mais por nome Za-pa-unt-pa-aa-ank-, isto é, segundo Sayce, "governador do districto do logar da vida, e não "Salvatorem mundi," como a *Vulg.*; e, ainda para realçar a sua importancia, o Pharaó fel-o casar com a filha do sacerdote de On, chamada Asenath (isto é, de *Neith*, Deusa da sabedoria). A administração de José foi o que podia haver de brilhante e em tudo justificou a clarividencia real, que encontrou nelle tambem eximio financeiro que muito locupletou o seu patrão. Armazenou grandes quantidades de trigo e o vendeu a dinheiro aos nacionaes,[2] ou quando não por dinheiro, pelas terras de todo o Egypto que ficaram assim pertencentes á Corôa.

Esgotado o dinheiro, offereceram-lhe o gado e depois do gado, as terras, de modo que o Pharaó se tornou dono de tudo. E

[1] O boi, era para os Egypcios, o symbolo do Nilo, da vida e abundancia, e de seu Deus Osiris, que tambem inventara a agricultura. Davam tambem o seu nome ao Nilo. Do outro lado, a vacca, na linguagem figurada da sua religião, representava Isis, a propria agricultura e manutenção por meio della. Isis symbolisava realmente a terra fertilisada pelo Nilo, pela fonte da vida ou Osiris. Era, pois, a vacca especialmente sagrada a Isis, que tinha até os seus chifres. As septe vaccas gordas eram realmente a substancia da terra, septe vezes augmentada pela fertilização do Nilo. Só as vaccas representavam no sonho a fertilidade, e as espigas das cannas indicavam o producto dessa fertilidade.

[2] Sempre houve no Egypto antigamente grandes armazens para o trigo onde recolhiam o excesso da producção para o abastecimento dos pobres em epocas de más colheitas. Alem do caso que já referimos do superintendente que deixou a inscripção do que fez a favor do povo, um dos ladrilhos achados em Tel-el-Amarna diz que o governador de Varimuta, chamado Yanhamú (nome Semitico), governou aquelle paiz que era o celleiro do Mediterraneo oriental, podendo-se ir ali pelo porto de Geval. Este Yanhamú governou o Egypto como delegado do Rei, com poderes illimitados. E elle trocava o pão por prata, madeiras e escravos. Si este Yanhamú não era José ignora-se a que outro individuo quadrem estes dados. O Dr. A. Jeremias crê que ao menos temos ahi outro exemplo de um superintendente geral do trigo, que prova que o *meio* da historia de José no *Genesis* é inteiramente egypcio. V. *Das Alte Testament im Lichte des Alten Orients*, 2ª ed., 1906, *ad locum.*

depois d'isto ainda José devolveu muitas terras aos antigos proprietarios ficando estes, porêm, pagando o quinto de seu rendimento. Deus que salvára o menino José do encontro de seu pai com Esaú ; que o salvára da ferocidade dos irmãos ; que, na casa de Petephres ou Potifar livrou-o da contaminação do peccado, e que, apoz os dous annos de prisão que seguiram-se aos onze annos de serviço fiel como mero escravo, elevou-o a um dos maiores principes daquella epoca, Deus não desamparou o seu protegido no fausto de suas glorias mundanas. José era Hebreu e nacionalisou-se por quanto era isto preciso para levar a bom fim a sua tarefa ; mas nunca esquecêra a terra e sobretudo o Deus dos seus antepassados ; nem deixára a sua fé profanar-se na convivencia com esses sacerdotes de Ra, ou por meio da de sua mulher : a seus mesmos filhos deu nomes hebraicos,—Manasséh (" causando esquecimente ") e Ephraim (" felicidade dupla ").

O papel providencial, porêm, que José devia effeituar estava longe de cumprido. Elle foi exaltado da humilhação ; mas na sua exaltação destinava-o Deus a, por seu intermedio, não só castigar e regenerar a seu irmãos mas desempenhar a muito mais elevada missão de trazer a familia de Abrahão, que era a sua, para a terra do Egypto e ahi passar centenas de annos, não mais sob o dominio da civilisação babylonica, mas para imbuir-se tambem do espirito dos Egyptanos : era preciso que esta familia de Jacob e as de seus filhos se tornassem um povo para ir então occupar a terra promettida e reivindicar a posse da sua herança.

Para este fim Deus nos mostrou de novo a sua grande bondade. Os dez irmãos de José, sem alimentos e havendo deixado em casa Benjamin com seu pai, vão ao Egypto a comprar trigo. Introduzidos á presença de José, que logo os reconhece, são tractados com apparente dureza, como espiões. Tiveram de justificar-se e de contar que tinham pai e ainda um irmão que com elle ficára. Exigiu que esse irmão viesse tambem e nesse entretanto a principio prendeu a todos por trez dias e depois só reteve, como refém, a Simeão. Uma segunda vez, apertando a fome em Canaan, voltaram a José trazendo tambem a Benjamin, e apoz varias scenas em que mal podia conter suas emoções, dá-se-lhes a conhecer. Ás primeiras saudações, tão meigas, que lhes dirigiu " não podiam responder-lhe seus irmãos, possuidos de um excessivo terror " (45 : 3). Entretanto José os comfortava com toda a clemencia : " chegai-vos a mim." E accrescentou-lhe : " não vos pareça ser duro o terdes me vendido para estas terras : porque para vosso bem me mandou Deus deante de vós para o Egypto . . . para

que vos conserveis sobre a terra e possais ter de que vos alimentar. Não foi por vosso conselho que fui mandado para aqui mas por vontade de DEUS." Apezar de toda esta elevação e doçura os dez irmãos não podiam acreditar no que ouviam daquelle coração tão generoso: vinte annos depois, quando morria Jacob, elles ainda prostrados, e adorando-o, rogavam-lhe que não lhes fizesse mal: tal foi o sulco profundo que lhes deixou a má consciencia do seu crime, commettido havia tanto tempo.

José insistiu que seu pai fosse habitar no Egypto, pois a fome duraria ainda alguns annos. E Jacob para lá se dirigiu com todos os seus filhos e noras e escravos e todos os seus rebanhos e mais effeitos; e o Pharaó reservou-lhe, e á sua familia, a terra de Gessen, no Delta do Egypto onde podiam á vontade apascentar os seus gados, porquanto os Egypcios olhavam com desprezo a profissão pastoril e do outro lado, Jacob e José desejariam bem conservar o seu povo separado, tanto quanto possivel, dos Egypcios. E por isso disseram elles ao Pharaó: "nós viemos habitar, *peregrinos*, na tua terra." Quando ao deixar Canaan, Jacob sentiu-se sem comforto, appareceu-lhe no "Poço do Juramento" e n'uma visão o SENHOR, que lhe disse: "Sou o DEUS fortissimo de teu pai: não temas: vai para o Egypto porque Eu te farei lá chefe de uma grande nação; Eu irei para lá comtigo e Eu te tornarei a trazer, quando de lá voltares" (46 : 3, 4). E Jacob nunca, nesses dezesepte annos de residencia no Egypto esqueceu-se de que esta era temporaria. Quasi ao morrer declarou a José que "DEUS será comvosco e vos restituirá á terra de vossos pais" (48 : 21), e a todos os filhos ordenou que o sepultassem com seus pais no sepulchro-duplo do campo de Efron, o Hetheu.

Infelizmente só existem por ora, poucas e destacadas provas nos monumentos egypcios desta occupação do povo israelita. Lembremo-nos de que este era triplamente desprezado dos Egypcios, como extrangeiros, como pastores de gado e como protegidos dos, depois, detestados Hyksos. Entretanto temos estas provas especificas alem de outras de character geral:

1. Havia um muro de separação na fronteira do Egypto e da Syria-Palestina, a "muralha do deserto do Principe" (midbar-sur) e cujo fim era impedir que entrassem no Egypto hospedes não convidados. (v. Jeremias, *Das A. T. im Lichte des A. Orienten*, I, cap. 13.)

2. Em muitos ladrilhos de Tel-el-Amarna vêm mencionados muitos celleiros egypcios onde se abasteciam os Canaanitas. Já citamos o ladrilho de Ameni, official de corte do Pharaó Usertesen I em Beni-Assam. (Pinches, *O. T. in the Light of Hist. Records.*)

3. No chamado papyro de Anastasi (v. Jer., 1, *ib.*), lê-se: "Consenti-

mos que tribus beduinas de Edom passem da fortaleza de Merneptah aos lagos de Merneptah, afim de poderem viver, e os seus gados, nos grandes prados do Pharaó, o bello sol de todas as terras." Depois de uma ruptura no papyro, lê-se ainda: ". . . os outros nomes das tribus que passaram pela fortaleza de Merneptah . . ."

4. A versão grega LXX. quando refere-se a Goshen ou Gessen traduz: "districto da cidade de Gessen, Arabia," que é provavelmente glosa, de algum copista, que passou para o texto, "alguma nota á margem" (*Gen.*, 45 : 10 e 46 : 34). Segundo A. Jeremias, esta cidade é a *Gsm* no sitio da actual Saft-el-Henneh a leste do braço pelusiaco do Nilo e de Bukastim e fôra a principal cidade da provincia da Arabia ou do deus Sept: é pelo menos, o que demonstram as escavações do Suisso E. de Naville por conta do Fundo Inglez da Exploração da Palestina. Em vez de *Gsm* outros lêm *Kesm* e *Ksm* que não é sinão Gessen, que deu depois seu nome a toda aquella região.

5. No *Ex.*, 1 : 11 se diz que os Israelitas edificaram para Pharaó, i.e. em Gessen, as cidades das tendas de Phithon (*Vulg.*) alias Pithon, e de Rameses. As escavações de Ed. Naville em Tel-el-Maskhuta em 1883 deixam provado que essas ruinas perto do isthmo de Suez, em Wadi Tulimat, mostram onde existiu a cidade religiosa de Pr-tm, vocalisado por Pi-Atom (casa do Deus Atom) e que é, diz aquelle explorador, o Pithom, edificado pelos Israelitas. Apezar desta opinião, reforçada pela de A. Jeremias, precisamos ainda esperar provas posteriores. A terra de Gessen (*Vulg.*), Gesem (em *Judith*, 1 : 9 a *Vulg* dá *Jesse*) é tambem chamada de *Rameses Ramesses*, da *Vulg.*) em *Gen.*, 47 : 11, etc. Como disse José a seus irmãos, os Egypcios detestavam a vida pastoril e para poderem habitar Gessen era preciso que os irmãos dissessem que eram pastores: presume-se dahi que Gessen era afastada do centro da vida egyptana. Do outro lado, de 46 : 28 parece que Gessen devia estar mais perto da Palestina, donde viria Jacob, e perto da residencia official de José, isto é, na capital dos Hyksos. Alem disto quando o Pharaó, desanimado pelas pragas, mandou sahir os Israelitas de seu paiz (*Ex.*, 13 : 17), "non eos duxit Deus per viam terræ Philistiim *quae vicina est*, sed," etc. Vê-se, pois, que Gessen era contigua ou proxima á dos Philisteus, na parte mais oriental e septentrional do Egypto. E esta terra é riquissima de pastagens e impropria para a agricultura, por se não estender até lá a irregação do Nilo. De tudo se tem deduzido que Gessen corresponde ao que se chamava "Gesem d'Arabia," isto é, do districto da Arabia, ou chamado da Arabia, que constituia o 20º nomo ou provincia egyptana. Ebers crê que o paiz de Gessen vinha da bôcca tanica do Nilo até os lagos amargosos ou na linha do moderno canal de Suez.

Nos monumentos egypcios a capital da terra de Gessen, isto é, a do 20° nomo, vem designada como *Gosem* e *Pakhussa*, assim como *Zoan* era o nome da celebre planicie, que os *Psalmos* (77 : 12) chamam "campo de Tanis" e cuja capital era a velha cidade do mesmo nome *Tsor* ou *Tsan* (donde *Tan* mais modernamente). Brugsch identifica Gosem com Packussa onde se encontram hoje as ruinas de Kus ou Fakus e accres-

centa que a cidade de Tsan (que foi fundada septe annos depois de tel-o sido Hebron, *Num.*, 13 : 23) conservava monumentos até da dynastia do Egypto ; e recebeu mais recentemente o nome de Pi Ramses, reconstruida pelos Israelitas, e cujo local não foi ainda descoberto. (v. *Egypt under the Pharaohs,* vol. 2.).

E antes de fechar os olhos chamou-os a todos e, conforme os costumes dos tempos pronunciou sobre cada uma a sua benção especial, já tendo abençoado aos filhos de José, a Manasseh e Ephraim, que perfilhou como seus proprios, dando, porêm, a primazia ao mais moço, Ephraim (*Gen.* cap. 49.)

Nestas bençãos, que, constituem uma das peças mais antigas da poesia hebraica, o velho patriarcha prevê em oraculos o futuro das tribus personificadas em seus filhos. É provavel que não as pronunciasse todas junctas, como parecerá a quem as ler ligeiramente. Deduzir-se que não possam ser todas de Jacob, como faz Skinner, porque alguns desses oraculos respiram o sentimento *nacional* e não o da familia, parece-nos desrazoado, pois tão forte era o sentimento nacional em Jacob como o da familia : póde-se dizer que um alimentava o outro, reciprocamente. As promessas recentes de Deus, de fazel-o chefe de uma grande nação (46 : 3) repetiam as já antes feitas, augmentadas, como a de Bethel (28 : 14) em que nelle " serão abençoadas todas as tribus da terra " (28 : 14), e isto quando Jacob ia para Padan-Aran, havia 71 annos antes de dar estas bençãos.

Não podemos transcrever todos os disticos trimetricos deste poema : ha algumas bençãos, porêm, que precisam especial consideração. A primeira recáe sobre o primogenito, Rubem que, como vimos, desacatara a pessoa de seu pai. Diz :

Rubem, meu primogenito és,
Minha força, e o melhor do meu vigor ;
Preeminencia de orgulho, preeminencia de furia :
Fervilhando como agua, não terás preeminencia,
Pois subiste ao leito de teu pai.
E ahi profanaste (a) cama . . ..[1]

A energia de Rubem, que borbotava como agua fervendo, impolada pelo orgulho, é que o levou aos maiores excessos pelo desrespeito de Hamor por sua irmã, e arrastou-o depois a ainda maior crime : dahi a sua condemnação. A consciencia das outras tribus condemnou Rubem. No cantigo de Deborah

[1] Versão diversa da da *Vulg.* mas que, segundo os melhores criticos, mais respeita o original hebraico.

(*Juizes*, 5 : 15 e seg.) já esta tribu carecia de enthusiasmo pela causa nacional. Na benção de Moysés (*Deut.*, 33 : 6) se diz : " Viva Rubem e não morra ; mas elle seja em pequeno numero." O pequeno territorio que lhe coube e que vem descripto em *Jos.*, 12 : 16-21, esse mesmo foi perdendo nas guerras com os Moabitas. Já no tempo de Isaias (caps, 15 e seg.) as suas lamentações não se occupavam mais dos Rubenitas mas só dos Moabitas. Assim, pela sua criminosa lascivia e desmedido orgulho, perdeu o primogenito o grande papel que lhe estaria reservado. A tribu desappareceu, naturalmente seus restos encorporando-se á de Gad.

A benção a Judá requesta agora a nossa attenção. Diz o texto, traduzido litteralmente segundo os melhores criticos :

8. Judá, a ti louvarão teus irmãos ; [1]
Tua mão na cerviz de teus inimigos,
Curvar-se-hão a ti os filhos de teu pai.

9. Um cachorro de leão é Judá ;
Da presa, meu filho, subiste.[2]
Agachou-se, deitou-se como um leão,
E como uma leôa : quem o levantará ?

10. O sceptro não sae de Judá,
Nem o bastão de entre os seus pés,
Até que venha o de quem é
E os povos lhe obedeçam.

11. Atando á vinha o seu jumento,
E sua jumentinha á melhor vinha !
Lavou em vinho a sua tunica,
E suas roupas no sangue da uva !
Seus olhos serão vermelhos pelo vinho,
E os dentes brancos pelo leite.

A benção é, em geral, o desejo d'alma para que a pessôa ou cousa abençoada seja feliz, ou realise o fim da sua instituição de um modo que lhe traga toda felicidade. Esta é a benção humana. A benção divina não exprime tão sómente o desejo de Deus mas tambem a Sua vontade e afinal o Seu mandamento. A benção de Deus é, pois, uma ordem Sua para que o abençoado seja feliz ; e esta benção póde ser definitiva ou condicional : Deus póde dar uma benção sob uma clausula de que taes e taes de suas leis ou desejos sejam observados. Quando

[1] A palavra *Jehuda*, ou Judá no Heb., sôa como a que significa *louvor*.
[2] Isto é, sobe ás alturas dos montes depois de devorar o presa em baixo, na planicie.

em *Gen.*, 1 : 22 se diz : "E Elle os abençoou, dizendo : Crescei e multiplicai-vos," temos a bençam que mostra o desejo da bondade de Deus, que é ao mesmo tempo uma ordem.

A benção humana é realmente um appello a Deus para que confira ao abençoado os favores que elle deseja recaiam sobre elle, ou sobre a cousa abençoada : não é uma simples prece mas um appello solemne e formal. Quanto feita ao proprio Deus ou a Seu Filho Jesus Christo ou ao Espirito Sancto, é, como não podemos desejar-lhes todos os bens que já têm, a expressão do nosso voto para a Sua gloria.

A benção directa a Abrahão, realçou muito a benção dos patriarchas e em geral dos pais, que representam Deus, a seus filhos. Era um acto solemne ; e essa benção dada na plenitude da fé, tem character prophetico. Assim, Isaac abençoou Jacob e não Esaú, a quem queria abençoar ; e Jacob deu a melhor benção a Ephraim e não a Manassés, apezar de que José o avisára na occasião que este era o primogenito.

Note-se que estas bençãos solemnes revestem-se sempre de elevados pensamentos e expressões, ás vezes um tanto obscuros para nós que não nos podemos collocar no poncto de vista do propheta, que pronuncia a benção ou maldicção. O velho Jacob, por exemplo, lê o character de cada filho, que se vai reflectir nos seus descendentes e nas suas tribus. Não é só a sua vasta experiencia, como homem e chefe de familia, que habilita-o a prever o seu futuro ; mas aquella visão segura, aquella altura a que o eleva a intima communhão com Deus e a participação que Elle lhe deu nos Seus conselhos é que torna as suas bençãos em verdadeiras prophecias.

Alguns criticos modernos, entre elles Renan, dizem que estas bençãos de Jacob são uma collecção de trechos de epocas posteriores,—provavelmente do tempo dos Juizes,—aqui unidas.

Ha alguns ponctos na benção a Judá, tão obscura e de difficil interpretação, que reclamam a nossa attenção.

Os versos "O sceptro . . . até obedecerem." têm dado ensejo a grandes estudos e discussões. "O sceptro" é litteralmente o "bastão," "a vara," representando auctoridade, real ou não. O "bastão" do segundo verso é traduzido pela *Vulg.* como *dux*, que A. P. F. traduz como *general* mas que melhor seria como conductor. Com effeito a palavra heb. tem *tambem* esse significado ; mas o parallelismo de *sceptro* exige aqui a ideia do *bordão*, ou *vara*.—"De entre os seus pés," (e não *de femore ejus, Vulg.*) indica como ainda hoje sentam-se certas auctoridades orientaes com o bastão em frente, descançando entre *seus pés*.—"Até que venha aquelle de que é (o sceptro)" ; esta parte é a que mais tem dividido os exegetas. Em alguns textos antigos se lê : "Até que venha Siloh," como si Siloh fosse então synonimo de Messias, quando a primeira vez que se vê empregado neste sentido é no Talmud.—"Até que venha a Siloh" (cidade) não pode ser acceito como interpretação historica, pois si foi com effeito em Siloh que se reuniram as tribus para a final destribuição da terra de Canaan (*Jos.* cap. 18 e seg.). Judá não depôz ahi nenhuma chefia militar nem de outra ordem, nem consta que tivesse lá

estado: esta opinião, pois, de Ewald, Delitzsch e outros, parece insustentavel. Uma nota marginal na versão grega reza: "aquelle que é seu" (isto é, até que venha, etc.); e na syriaca se traduz "até que venha aquelle de quem é" (o sceptro); e estas duas variantes, talvez de vetustos MSS., parecem mais fieis ao original.—A *Vulg*, diz "Donec veniat qui mittendus est,"—"o que deve ser enviado."—Seja como fôr, é evidente o character messianico da benção, pois Aquelle a Quem os povos vão obedecer é o Salvador que "annunciará paz as gentes e o seu poder se estenderá . . . até as extremidades da terra" (*Zac.*, 9 : 10). A expressão *até que venha* não implica a cessação então do sceptro e do bordão de Judá, que ficará assim estabelecido para todo o sempre.

Wellhausen, Dillmann, Holzinger, Driver e outros entendem que estes quatro versos, de que se compôe o verseto 10, foram encaixados ali posteriormente, pois interrompem o pensamento do vers. 9, e a sua união com 11. É insustentavel isto. A figura do leão e do seu cachorro não tem ligação com a do jumentinho sinão por succeder a paz á lucta; mas o vers. 10, justamente dá a razão por que succederá o que consta dos vers. 11 e 12. Demais, si objectam ao messianismo de vers. 10, é bom lembrar que este texto foi vertido para o Grego pelo menos 300 annos *antes* de Jesus Christo. A unica sahida seria, para elles, acceitar a opinião de Skinner e outros que este oraculo refere-se *apenas* ao reino Davidico, que abrangeu varios povos que lhe obedeciam; o que é exacto, em si mesmo. Ainda, assim, porêm, estes ultimos parecem esquecer que é do character da prophecia *referir-se ao mesmo tempo a dous factos, um mais proximo e outro mais remoto,* como já explicamos antes (Cap. III, pags. 37-8.)

Pouco depois morreu Jacob com 147 annos: o Rei do Egypto ordenou que prestassem todo o auxilio a José para para accompanhar o seu corpo até Canaan, dando-lhe os seus carros. O nojo durou, segundo o costume egypcio, septenta dias que gastaram-se quasi todos com o embalsamamento do corpo.

"Até nestas minucias se vê a perfeita exactidão desta narrativa. Havia dous modos de embalsamar, o completo e o barato. Este custava cerca de 1200$, e o outro perto de 4000$, moeda brasileira. O processo deste durava de 30 a 50 dias. Primeiro tiravam a massa encephalica atravez do nariz: depois, por uma incisão ao lado esquerdo, se extrahiam os intestinos, deixando intactos o coração e os rins. O corpo era então recheiado de drogas aromaticas (excepto incenso) e em seguida pôsto n'um banho de *Natrum* que se encontra nos lagos do Egypto e que se compôe de carbonato, sulphato e muriato de soda. Finda esta parte principal deste longo processo, o corpo era enrolado em peças de *byssus*, ou finissimo linho da terra. A pericia destes medicos embalsamadores é attestada pelo admiravel estado de conservação em que ainda hoje podemos reconhecer as feições de mumias mais antigas do que a era do

proprio Jacob. As tiras de linho accompanhavam todas as ondulações do corpo,—e mediam 4000 e 5000 metros de comprimento. Os intestinos principaes eram collocados, em bitume fervendo, dentro de quatro amphoras que existem em todos os museus, e chamadas Canopios, em cujos tampos vemos as cabeças de homem, do cynocephalo, do pardal e do chacal, cobrindo, respectivamente, o estomago e grosso intestino, os pequenos intestinos, o figado e os pulmões, e o coração.

O prestito funéreo dirigiu-se a Canaan, não pelo paiz dos Philisteus, seguindo o mar (que seria mais curto caminho) mas por uma grande volta até ás proximidades da margem esquerda do Jordão na povoação de Goren-ha-Atad (terreiro de Atad) que se ficou chamando Abel-Mizraim (lamentos do Egypto), e dali foi o corpo conduzido, só pela familia, para a caverna de Macpelah, onde, é de presumir, ainda hoje se conserve.

José voltou ao Egypto onde ainda viveu 54 annos, fallecendo aos 110 annos, cheio de honras e de grandes serviços. Quando sentia approximar-se o fim de seus dias fez seus irmãos jurarem, dizendo-lhes: "Deus vos ha de visitar depois da minha morte e vos ha de fazer passar desta terra para a que Elle jurou que havia de dar a Abrahão, a Isaac e a Jacob . . . Transportai os meus ossos comvosco fóra desta logar." E assim o fizeram: o seu corpo, diz o texto "embalsamado com aromas, foi depositado num sarcophago no Egypto." E em *Josué*, 24 : 32 vamos ler, muitos seculos depois: "Aos ossos de José, que os filhos de Israel tinham trazido no Egypto, os sepultaram em Sechem, naquelle logar do campo que Jacob comprara aos filhos de Hemor, pai de Sechem, por cem cordeiros e ficou em possessão aos filhos de José."

E com a morte de José acaba o primeiro livro de Moysés, que se remonta até as lendas da creação do mundo. Não é verdadeiramente admiravel a sua unidade, a sua veracidade, a exactidão de suas informações historicas constatadas pelos mais recentes achados de monumentos antiquissimos e contemporaneos dos acontecimentos narrados, as suas reproducções que lhes dava o genio monotheista da raça hebraica? Tudo bem pesado, não ha, nem nunca houve no mundo, livro como o de *Genesis*.

E do aspecto da nossa religião a sua importancia é bazica. Como vimos, da curta narrativa da Creação, elle passou á da queda do homem, pela sua desobediencia, e á do castigo que lhe foi decretado; mas desde logo, com elle, vem a promessa de redempção. Vimos depois a multiplicação dos effeitos do

peccado, o diluvio e a nova promessa, a dispersão das familias da raça humana. Dá-nos então o *Genesis* a primeira revelação dos planos divinos para a Redempção do peccado do homem, na escolha de um individuo que, pela fé em DEUS, fosse o progenitor de uma familia da qual, no futuro, seriam abençoadas todas as nações da terra. Quando esta familia chegou a ter 70 membros DEUS levou-a e plantou-a no Egypto, para ahi crescer e educar-se até que, muito augmentada, pudesse voltar para habitar a terra, que promettêra aos seus progenitores, e que devia ser o theatro do seu desenvolvimento moral e religioso.

E *Genesis* deixa Israel no Egypto para, de uma familia, evoluir tribus que em dous ou tres seculos voltariam, já com a cohesão de um povo, ao seu legitimo territorio.

CAPITULO XXXIV

O EGYPTO ATÉ 1500 A.C.

José fôra vendido para o Egypto e chamou a seu pai e seus irmãos para com elles permanecerem nesse paiz. Essas septenta pessoas multiplicaram-se durante mais de tres seculos até formarem um pequeno povo, respeitavel pelo seu numero e homogeneidade.

Antes, porêm, de mostrar como cresceu e como, unido e separado da população do paiz que o hospedou, sahiu para habitar a terra que Deus promettêra a seus avós, convém descrever em poucas palavras o que era o proprio Egypto.

As origens da historia do Egypto perdem-se na grande noite dos tempos. Acreditavam outrora os melhores pesquizadores que o seu povo formára-se de Ethiopes que a pouco e pouco se vieram propagando para o Norte, na direcção do mar e que, nesse processo lento, absorveram outras tribus de raças diversas. A Biblia nos diz que de Cão, um dos filhos de Noé, provieram Cus, Mizraim, Futh e Canaan. Mizraim (o Egypto) veiu, pois, das terras da Babylonia, e trouxe seus filhos Ludim, Ananim, Laabim, Nefthnim, Fethrusim e Cœsluim. Destes dous ultimos, diz ainda a Biblia, sahiram os Philisteus e os Caftorins (Vide *Gen.*, 10 : 1, 6, 13, 14). Ludim, o Hamita das inscripções, representa o Egypto particularmente, Ananim personifica o povo de On (Anú), Laabim os Libyos, os Nefthnim o povo *Nophtah* que estabeleceu-se perto de Memphis.[1] E a opinião mais corrente entre os egyptólogos de hoje é que os primitivos Egypcios vieram com effeito da Asia occidental, apezar de que Maspero acha difficil provar-se isto pois que os Egypcios conservam todos os charateristicos das raças brancas. O que parece certo é que estes invasores primitivos misturaram-se uns com outros apresentando depois um typo novo e resultante dessa assimilação, com seu cunho e sua lingua proprios.

A julgarmos pela lingua não parecem ter muito fundamento as reservas de Maspero pois é elle mesmo quem admitte que grande numero de raizes da lingua egyptana bem como sua

[1] E. de Rougé, *Recherches sur les monuments . . .*, cit. por Maspero, *Hist. Arc. des Peuples de l'Orient.*

organização grammatical, são do typo aramaico-hebraico. Parece que este idioma egypcio é de origem semitica, deformada no decurso dos annos. Acham-se ali em estado rudimentar os processos grammaticaes das linguas semiticas, que com vagar e sob differentes influencias, foram subjeitos a tractamento diverso, desenvolvendo-se em linhas independentes das das linguas semiticas e obtendo uma existencia propria.

Segundo Breasted [1] os primeiros habitantes do Egypto foram Libyos e tambem povos da Africa oriental que hoje conhecemos como os Gallas, Somalis, Begas e outros. Mas elle admitte que muito cedo nomades semitas da Asia invadiram o paiz e deram-lhe seu proprio cunho, inclusive a lingua que, apezar de ter conservado os seus antecedentes africanos, ficou com a structura semitica. A influencia libya, entretanto, manifesta-se nos exemplos que se tem achado da civilização archaica do valle do Nilo : alguns vasos de barro estão decorados com desenhos e floreados ainda hoje empregados pelos Kabylas da Libya.

Dessa mistura de raças, não ha duvida, resultou um povo bem ligado e que, no correr do tempo, evolveu muito adeantada civilização, como se vê ainda hoje dos objectos que as excavações nos vão trazendo á luz. São muitos os ornatos pessoaes de pedra, osso, marfim e cobre, que podemos admirar pela sua variedade, fórmas e bem-acabado. Nas suas casas encontravam-se bancos de assento de fórmas graciosas e vasos de pedra muito bem lavrada e até com indentações, facas de pedra com cabos lindamente trabalhados com lavores de animaes e de flores, ao passo que nos seus vasos de barro achamos os mais phantasticos desenhos que revelam elevado gráo de finura.

Esse periodo de annos foi bem longo,—talvez de trinta a quarenta seculos,— nos quaes o Egypto foi evolvendo a sua civilização na pequena nesga de terra que é annualmente banhada pela inundação do Nilo. É certo que os habitantes primitivos tiveram de arcar com trabalhos ingentes para dominarem o grande rio nos seus cursos irregulares, nas suas inundações destructivas que semeavam a péste nas grandes aguadas e charcos que deixavam. É muito verosimil que esses grandes obstaculos naturaes evolvessem entre os Egypcios daquella era, como o fizeram na Babylonia, grandes engenheiros, mathematicos e astronomos.

Durante estes seculos pre-historicos os povos que por ventura se foram unindo formavam pequenos governos locaes, que os Gregos depois chamaram *nomos*, cujo numero se foi augmentando de 37 até 47, no tempo dos Ptolomeus. Estes nomos possuiam

[1] *A History of Egypt*, 2ª ed., 22, 23.

o seu regimen de liberdade local com administração bem organizada sobretudo no que respeitava ao uso das aguas do Nilo, fonte de todo o bem-estar e da riqueza do paiz. Alguns delles, como era natural, adquiriram importancia maior e até predominio sobre os outros nomos que ficavam sob o seu raio de acção : taes são, sobretudo, os de rio-ácima entre Abydos e Memphis.

Mas na mais remota antiguidade parece que os nomos do Delta do Nilo se avantajavam em civilização e poder pelo reforço constante de Libyos e talvez tambem de gente de varios ponctos do Mediterraneo oriental. O certo é que já em 4241 antes da era christã esses Egypcios haviam formado o calendario que é virtualmente o nosso de hoje, com 365 dias no anno, que começava a 19 de Julho, quando Syrius apparece primeiro no horizonte de léste. Só este facto tão extraordinario comprova como já era requintada a civilização do Egypto neste 43º seculo A.C.

Mas, voltando aos nomos, era muito natural que a configuração e as necessidades de defesa e outras fossem operando uma fusão lenta entre elles. No decurso dos annos vemos com effeito formarem-se dous reinos, um do Sul e outro do Norte, —o reino *branco* e o *vermelho*, este tendo a sua capital ou centro em Buto, sob a protecção da deusa *Urœus* ou serpente, e o do Sul em Nekheb (depois Hieracleopolis) sob a egide de Nekhbet, a deusa abutre, ambos, porêm, adorando o deus Horus, do Sol.

Nada sabemos dos chefes desses dous reinos que viveram para cima de 34 seculos antes de J. C. " Seus tumulos ainda não foram descobertos, desse facto deduzindo-se que não existam monumentos escriptos excepto dos tumulos dos pobres que, mesmo nas eras dynasticas, não continham inscripções." Só sobrevivem os nomes de septe dos reis do Delta, mas do outro reino, nenhum existe. Uns e outros tornaram-se depois personagens meio-mythicas, com attributos semi-divinos.[1]

Na evolução dos seculos o desejo de maior concentração se foi desenhando mais accentuadamente e os dous reinos se foram approximando um do outro, até que em 3400 A.C. o rei Menes, segundo a tradição inalteravel entre os Egypcios e os Gregos, conseguiu cingir a duplice corôa branco-vermelha, da serpente e do abutre, como " rei dos dous reinos." Menes não conseguiu a fusão plena das duas grandes secções, nem este processo natural podia ter chegado a seu termo n'uma só geração. Elle, porêm, foi o primeiro chefe de seu paiz unido, segundo todos os documentos de que dispomos, e de facto, com elle póde-se dizer que coméça o periodo historico do Egypto apezar

[1] Breasted, *ob. cit.*, 35, 36.

de que tracta-se de uma historia muitissimo incompleta pela falta de sufficientes documentos, e pela mescla de tradições nem sempre justificadas pelos poucos documentos que nos estão sendo revelados pela archeologia.

Os nomes dos reis dessas primeiras dynastias nos são conservados, si bem que incompletamente, pelos seguintes monumentos : 1º. duas lapides, chamadas de Abydos, achadas, uma no templo de Ramses II naquella cidade, e que, muito defeituosa, é ainda vista no Museu Britannico ; e a outra, achada encravada n'uma das paredes do templo de Seti I e que é ali conservada. Contém esta os nomes de 76 reis ; 2º. outra lapide, que corrobora essa informação, a de Sakkára, achada entre os tumulos desta necropole, perto de Memphis, e a qual contém os nomes de 55 reis : esta lista, dizem os archeólogos, pertence ao tempo das Dynastias 18 a 12, isto é, *circa* 1600-1150 A.C. ; 3º. tambem na " Salla dos Antepassados " em Karnak havia n'uma das paredes uma lage, agora em Paris, com os nomes de 60 reis. E finalmente, 4º. temos o papyro, já bem gasto pelo tempo, que se acha em Turim e que traz o nome desta cidade : contém uma longa lista de reis, infelizmente muito pouco legivel.

Para trazer luz a todos estes nomes muito contribuiu o historiador egypcio Manetho que viveu sob Ptolomeu Philadelpho (305-285 A.C.), e que, para uso e a pedido deste rei, escreveu o que sabia da historia antiga do seu paiz. Não possuimos a sua obra, intitulada *Aigiptiaca Upomnémata*, e só conhecemos os extractos que della nos deixaram Synkellos, frade byzantino do seculo IX da era christã e que a seu turno os copiou das obras de Julio Africano, do seculo III e Euzebio, do IV. Alem da archeologia e destes extractos de Manetho só esistem subsidios no segundo livro de Herodoto, no primeiro de Diodoro, no 17º. de Strabão e no tractado de *Isis e Osirides* de Plutarcho, nenhum dos quaes merece plena fé.

Manetho dividiu a historia e as tradições que poude colligir sobre os seus reis em trinta *dynastias* e apezar de que tal divisão é ás vezes arbitraria e outras deficiente, tem sido geralmente adoptada, tanto mais quanto parte de taes dynastias só serve para cobrir o que se ignora de grandes trechos da historia do Egypto.

É pois, uma divisão conveniente. Alem disto os historiadores costumam dividir estes longos seculos da historia do Egypto em trez partes e até quatro, acabando no anno 30º. da nossa era quando Roma apoderou-se delle. Para o nosso retrospecto, porêm, que finda-se no Exodo de Israel, adoptaremos a grande divisão de, em primeiro logar, o REINO ANTIGO,

começando em Menes, fundador da Dynastia I, e acabando em Pepi II e Mernere II, Dynastia VI (3400-2475),—millenio memoravel pelo alto gráo de civilização a que attingiu o Egypto na Religião, nas Lettras, no Commercio e Navegação, nas suas Leis, na sua Archictetura e na Esculptura: ainda hoje nos extasiamos deante dos monumentos que se nos deparam do que o genio do homem já conseguia ha cinco mil annos. O segundo periodo, apóz um intervallo de decadencia, é o de Reino do Meio, com o seu feudalismo e predominio de Thebas, ao qual seguiu-se outra phase de grande decadencia de que se aproveitaram invasores semitas, e que são conhecidos como os Hyksos, para se apoderarem do governo do Egypto. Este periodo comprehende as Dynastias VII-XVII de Manetho (2475-1580) principiando por alguns Pharaós ephemeros cujo poder passou para os nomarchas de Heracleopolis e delles para Thebas onde Intef I constituiu nova dynastia para todo o reino. A sua phase mais brilhante foi a da dynastia XII (2000-1788) fundada por Amenemket I, pai de Sesostris I. O Reino Antigo durára 925 annos, e este periodo, inclusive a decadencia e a dominação estrangeira, chegou a 895 annos. Vem depois o periodo do Imperio que, começando (1580 a.c.) na Dynastia XVIII prolonga-se muito adeante do tempo de que nos occupamos neste estudo e que é o da sahida dos Israelitas no Egypto para Canaan, *circa* 1215-1210, já na decadencia da Dynastia XIX.

Quando Menes foi reconhecido pelos nomarchas como o rei do paiz já o Egypto gozava de intensa civilização. Do novo governador geral ou rei faziam os Egypcios ideia tão elevada que seu nome não podia ser pronunciado em vão: e não poucas eram as allusões com que referiam-se á sua pessôa, uma dellas sendo *per*-ó ou *par*-ó (a Grande Casa) que nos chegou por intermedio do Hebraico como *phara-o*.[1] O reinado de Menes que durou 62 annos foi de intenso labutar. Depois de conseguir, provavelmente não sem grande lucta, unir o reino do Norte ao do Sul, ainda teve de subjugar os Nubios ao Sul de seus limites. Mas Menes não foi so afamado guerreiro, mas sobretudo um grande promotor das artes da paz. Herodoto attribue-lhe a grande "represa branca" que, perto do que foi depois Memphis, desviou o curso do Nilo que se deslisava então para o deserto libyco. Maspero cita uma velha tradição que a memoria de Menes era amaldiçoada pelos muitos impostos de que sobrecarregou o povo por causa de seu luxo pessoal, o que é bem crivel nessa epocha de profunda mudança de governo

[1] Breasted, *ob. cit.*, 74.

e do estabelecimento de um grande reino. Menes, porêm, não poude amalgamar perfeitamente as duas grandes secções do paiz: nem até os seus successores immediatos conseguiram sobrepujar cabalmente as forças conservadoras que oppunham os antigos nobres e os *nomos* a esta concentração de poder nas mãos de um só monarcha. A fusão só operou-se no correr de seculos.

Das pessôas desses successores immediatos do primeiro rei do reino-unido poucas noticias ha. Sómente dous delles, Usepháes e Miebis, podem se identificar com o Usaphaidos e o Miebidos (Usaphaiti e Maribi) ou o 5º. e o 6º. rei da lista da primeira dynastia do historiador Manetho. Entretanto dos dezoito reis das duas primeiras dynastias que duraram 420 annos (3400-2980 A.C.), a archeologia tem conseguido trazer á luz documentos importantes referentes a doze delles. Os reis da primeira dynastia provinham todos da pequena cidade de Thinis, perto de Abydos, onde acaba a grande curva do Nilo na direcção do Golpho de Suez.

Desde as epochas as mais remotas acreditavam os Egypcios que nossos corpos eram animados de um translado ou reproducção, que chamavam *ka*, que não cessava de acompanha-los até a vida futura. E elles não concebiam que pudesse haver vida futura sem o corpo. Dahi a importancia capital que davam ao destino do corpo depois da morte. O *ka*, pensavam, vinha frequentemente visitar a sua antiga habitação terrena. Era mistér que o tumulo fosse condigno com o corpo ali mumificado. Era elle adornado ricamente e, desde que o *ka* voltava, deixavam ali, para seu uso, alem de uma estatua do defuncto e de ricos ornamentos pessoaes que o adornavam em vida, uma grande copia de alimentos. Mesmo no tumulo de apenas um nobre menciona Breasted [1] que encontrou-se o cardapio com dez diversas qualidades de carne, cinco de gallinaceos, dezeseis variedades de pães e bolos, seis vinhos, cerveja de quatro marcas, onze fructas differentes, etc. Alem disto, eram collocados no tumulo objectos como os que o defuncto usava sempre, inclusive armas, copias de barcos, etc., e si o occupante do tumulo era mulher, punham ali até potes de perfumes e de tincturas para a pinctura do rosto, das unhas, etc.

É desse respeito ao corpo, e ao seu duplex, *ka*, depois da morte, que nos vêm hoje as nossas principaes fontes de informações sobre a vida egypcia nesses seculos, cujo horizonte apenas podemos lobrigar nessa quasi noite do passado: são essas reliquias dos tumulos que dão hoje testemunho não só das crenças, como das artes e da vida domestica daquelles tempos. Si meros particulares punham tanto cuidado na

[1] *Ob. cit.*, pag. 88.

conservação dos seus cadaveres e dos seus jazigos, é facil avaliar da importancia que os reis davam ao seu destino. Póde-se dizer sem exaggêro que, apenas subindo ao throno, não tinha o Pharaó maior empenho do que o de preparar-se um mausoléo para levar á posteridade a fama do seu reinado. Muitos delles despacharam expedições para o Sinai e para a Syria e outros ponctos afim de colherem materiaes para esses tumulos; e outros lançavam impostos pezadissimos de trabalho forçado afim de concluirem monumentos estupendos como as maiores pyramides que ainda hoje desafiam os seculos, e nos fazem occupar dos que as construiram e foram nellas sepultados.

As duas primeiras dynastias fizeram de Abydos um grande necroterio. Têm-se achado ahi alguns da primeira dynastia, inclusive uma barra de ouro, com a marca de Menes,—a primeira *peça de ouro* cunhado que existe. De um desses tumulos sahiram vasos de cêrca de vinte variedades de pedra, inclusive o durissimo diorite, e o chrystal de rocha. Na sua obra admitavel sobre o assumpto, diz o Inglez F. Petrie que achou quatro riquissimos braceletes no braço de uma rainha, que escapara á pilhagem dos tumulos, e que podemos admirar hoje no Museu do Cairo,—testemunho da mais adeantada ourivesaria, sem superior ainda agora, e isto 3200 annos antes da nossa era ou ha mais de 5000 annos!

A terceira dynastia, segundo Manetho, teve nove reis dos quaes só podemos saber alguma cousa de trez. Zozer, o mais importante delles, submetteu os Nubios e regulou o serviço religioso por todo o paiz. Tambem deu grande impulso ás minas do monte Sinai e defendeu o trajecto para essa longinqua região. Diz a tradição que todos os actos deste rei eram inspirados pelo sabio Imkotep, que na successão dos seculos foi acclamado quasi divino. Foi esse homem notavel que tendo a principio construido um mausoléo para o seu rei Zozer, com o tecto chato, sobrepôz outra construcção menor, tambem chata, e depois outras, sempre menores, constituindo o conjuncto como uma pyramide com seis degráos. Foi o inicio das pyramides. Medía ella cêrca de 66 metros de altura, e ella é o monumento mais antigo do mundo, que ainda existe e podemos vêr no deserto de Sakkára. Foi esta pyramide, tambem, a primeira que construiram de pedra, e não de tijollos, como as anteriores.

Os successores immediatos de Zozer já construiram seus tumulos como pyramides regulares, com os seus vertices. A mais antiga de todas, que ainda existem, é provavelmente do rei Snofrú. Feita de pedra, mede perto de 100 metros de altura,

sendo a segunda das maiores pyramides do Egypto. Esta Dynastia III acabou com este rei brilhante em 2900 A.C. e durou 80 annos, inaugurando-se então com Khufu a Dynastia IV que governou por 150 annos até 2750 A.C.

Snufrú, que bateu os nomades que infestavam a sua fronteira oriental, onde construira inexpugnaveis fortalezas e que tirou das minas do Sinai enormes quantidades de cobre e de turquezas, foi apenas o menos importante dos quatro grandes vultos desta celebre dynastia, a saber alem delle, Khufú (Kheops) Khafre (Khefrara) e Menku-ra (Mykesinos), os constructores dessas massas cyclopicas que se chamam as pyramides de Gizeh. Este local fórma uma especie de promontorio da cordilheira libica, a 30 metros de altura sobre a planicie do deserto. Não é este o logar em que descrevamos estas maravilhas do emprehendimento humano, a maior das quaes mede, segundo Flinders Petrie,[1] 232.60 metros em cada lado da baze, e contém 2,300,000 enormes blocos de pedra, com o peso médio de 2½ toneladas cada um, sendo elles juxtapostos com tamanha exacção que as fendas não medem mais de um-dez mil ávos, de polegada !

Esses reis quizeram immortalisar-se e nós hoje os abençoamos pois nos conservaram a memoria do elevado gráo de civilização a que o homem chegára ha 4600 annos. Essas pyramides e mais seis, pequenas, attestam o grande brilho desta quarta dynastia, que consolidou os dous reinos que agora pareciam tão seguros como os seus mortuarios gigantescos. Mas não foi assim.

Si a Dynastia V (2750-2625 A.C.) com seus nove representantes quasi todos desconhecidos, soube conservar a herança de seus antecessores immediatos, os seus reis já não gozaram do mesmo poder.

Na religião, o culto de Ra ou Re, o deus do sol, começou a substituir o de Horus, assim como depois Amon ou Amen foi desalojando a Re. Além disso em vez de terem como vizirs a seus proprios filhos ou parentes chegados, agora uma familia nobre reclamou o direito hereditario de supprir o grão-vizirato, o que muito cerceava o poder real. Isesi, o oitavo rei desta dynastia, foi o que mais realce deu-lhe, succedendo-lhe Unis que parece ter tido um longo reinado (30 annos) de marasmo.

Os nobres, por todo este tempo, prestigiaram-se cada vez mais á custa da dynastia de modo que quando Unis falleceu em 2625, elles instituiram outra Dynastia, a VI (2625-2476) que durou ao que consta, 150 annos. Com Teti, o primeiro que parece ter-se firmado como rei desta Dynastia, continuou

[1] *Gizeh*.

o declinio da importancia politica e religiosa de Memphis que é o nome hellenizado de Men-nofer (muralha branca), e que havia supprido ao Egypto todos os reis desde a Dynastia III, isto é, havia agora 360 annos. O successor de Teti, Pepi I foi um monarcha brilhante e vigoroso. No exterior, a sua politica encheu-o de gloria e deu-lhe grande força para contrabalançar no interior a politica dos nobres. Cercou-se de homens de habilidade e valor, entre elles Uni que foi o sustentaculo do filho de Pepi I, Mernere que ascendeu ao throno pela morte deste, e que depois estendeu para o Sul o dominio do Egypto. A mumia de Mernere ou Metesuphis, ainda hoje se vê no Museu do Cairo. Succedeu-lhe Nofirkeri ou Pepi II que goza da distincção de ter reinado 94 annos, pois falleceu aos 100 tendo subido ao throno com 6 annos de edade. Depois de Pepi II veiu uma serie de reis, verificados por seus tumulos, mas que nada fizeram para impedir a rapida ruina da propria monarchia. Um delles, Mentesuphis, era o irmão e marido da rainha Nitocris que a antiguidade tornou tão legendaria. Foi ella quem acabou e augmentou a pyramide de Nikerino onde ella mesma foi sepultada. Dos monarchas das Dynastias VII á X (2475-2160) quasi que nem sabemos os nomes. Foram trez seculos de trevas. Extinguiu-se a linhagem de Memphis, subindo ao throno uma familia de Heracleopolis (dos Gregos) ou Hakninsuten, a 90 kil. ao S. de Memphis. O velho reino, prostrado, cahia mas deixando nesses mil annos de historia, o mais brilhante passado em cultura intellectual, em elevação moral e no mais acendrado patriotismo.

Entramos agora na segunda grande divisão da historia do Egypto, a do Reino do meio que, como já dissemos, começa com a Dynastia VII e acaba na XVII, n'uma serie de perto de nove seculos (2475-1580). Nos primeiros tres seculos nem se sabe ao certo quaes foram os reis das dynastias VII á X, e si os tumulos nos têm dado os nomes dos septe reis da I Dynastia ignoramos ainda quantos annos reinaram cinco delles. Precisamos chegar á XII (2000-1789 a.c.) para lidarmos com factos historicos.

Só sabemos que todas essas cinco dynastias reinaram em Thebas e que Amen era agora a principal divindade do paiz,— o obscuro deus-local tomando esta importancia da influencia daquella cidade na politica nacional.

O primeiro rei da Dynastia XII Amenemhet I não apoderou-se do throno sem forte lucta no Nilo com varios governadores dos nomos, e o seu reinado conseguiu uni-los novamente sob a mão forte da realesa.

Em nenhuma epocha anterior, gozou o Egypto de tanta paz

e fartura; mas quando o rei gozava deste fructo dos seus esforços, uma conspiração palaciana quasi pôz-lhe termo á vida, tendo elle de defender-se, corpo a corpo, dos assassinos. Amenemhet associou então ao governo o seu filho Usertesen ou Sesostris (não ainda o legendario Sesostris dos Gregos), que depois succedeu ao pai, que reinou trinta annos. (V. illustração no fim deste vol.)

Deste successor sabemos só que erigiu uma pyramide pouco importante em Lisht, perto de Heluan. Reinaram depois delle Amenemhet II, Usertesen II, Usertesen III (o Sesostris dos Gregos) e Amenemhet III, IV e V e por fim a rainha Sebek-no-fru. Foi o grande Amenemhet III quem, além de tantas obras, realmente creou o oasis de Fayúm, represando as aguas do lago e deixando entrar nelle as do Nilo formando um grande lago, ora chamado Birket-Karun, com que é irrigada uma secção feracissima do paiz. Esse rei é o Meris a quem Herodoto attribue o haver cavado o lago inteiro! Entretanto foi elle quem construiu o templo de Hawara onde existem, ao redor do seu tumulo, alguns vestigios do famoso *Labyrinto*, tão apregoado pelos viajantes da antiguidade, e que Strabão julgava tão importante como as grandes pyramides. Existem de Amenemhet III umas instrucções escriptas para seu filho, todas repassadas de amargor pela ingratidão que soffrêra dos seus proprios auxiliares.

Todos os reis desta dynastia XII foram excellentes e até o fim della gozou o Egypto de sempre crescente prosperidade. Sesostris III foi o primeiro pharaó que invadiu a Syria, e bateu os Beduinos na segunda cataracta no Nilo.

Devia succeder-lhe o principe Evibre que morreu muito cedo, como se vê da sua bellissima estatua no Museu do Cairo.

Segundo a lista de reis do papyro que se encontra em Turim a Dynastia XIII teve mais se sessenta representantes no throno, nenhum delles de importancia, e entretanto esse numero elevado de reis mostra como os governos locaes se estavam degladiando pela posse do poder real. Apóz um dominio de 700 annos Thebas deixou de fornecer reis ao throno do Egypto e o centro de gravidade passou para o Delta, pois o primeiro representante da XIV Dynastia veiu de Xoís, (hoje Sakha), que deu 75 reis durante os 480 annos em que reinaram ingloriamente. Cada rei que se succedia deixava o governo central mais enfraquecido do que o recebia do antecessor.

Aproveitando-se desta fraqueza do Egypto muitas tribus asiaticas invadiram o paiz, não se sabe ao certo por onde. Tem-se acreditado que ellas eram Semitas mas não está isto provado, não havendo, porêm, duvida que entre os invasores

achavam-se tambem muitos Semitas. Maspero crê que essas tribus eram semiticas, e vieram da margem occidental e meridional do Golpho Persico e dali se lançaram para o oéste onde attingiram o Nilo.[1] Isto era em 1700-1675 A.C. segundo Breasted, mas é provavel que a invasão continuasse ainda por mais tempo. A principio estes *Hyksos* (ou Hykussos) tudo devastaram e passaram á espada todas as populações egypcias que lhes offereciam a menor opposição : com vagar, porêm, se foram amoldando ao paiz, aos seus usos e costumes e até á sua religião. Si seguirmos as tradições muito corrompidas de Manetho a permanencia dos Hyksos no Egypto nas trez dynastias que, diz elle, deram ao throno, foi de 500 a 800 annos. Segundo Flinders Petrie ella durou apenas 260-284 annos, entre 2540 e 2256 A.C.[2] Mas segundo o mais recente Breasted todo o periodo das Dynastias XIII a XVII, cobrindo a ultima de Thebas, a de Xoís e as trez dos Hyksos, só foi de 208 annos, de 1788 a 1580. Cem annos, diz elle ainda, é amplo para os reinados hyksos ; mas ainda que este periodo fosse muito mais extenso, só este facto não prolongaria o periodo entre a quéda da Dynastia XII ao termo do regimen hykso.[3]

Ha bastantes monumentos de alguns dos reis hyksos, sobretudo do Tannas, de Manetho, que é o Khiannos ou simplesmente Khian dos monumentos. Elle e outros construiram templos e adoravam sobretudo a Sutek. Estabeleceram a sua capital em Zoan (Tanis) e Avaris na fronteira asiatica.

Entretanto lá no sul os principes hereditarios de Thebas puderam continuar, não se sabe si como tributarios ou não, a governar o seu nomo e parte do paiz ; até que um delles, Sequenen-Ra-Taa I declarou-se em plena rebellião contra o Hykso Apepi II por causa da adoração de Sutek, que, allegava, este queria forçar sobre o Sul. A lucta entre Thebas e os reis estrangeiros durou vinte annos. Sequenem e seu successor, Kamose, morreram em batalhas ; mas estava reservado ao genro do ultimo, Ahmose I, expulsar definitivamente os intrusos do Egypto, iniciando assim, com a Dynastia XVIII, que fundou, com a restauração e uma nova epocha na historia do seu paiz,— a era imperial em que elle ia tornar-se um dos maiores reinos do mundo, graças ao seu exercito permanente, ora creado, e ao gôsto pelas conquistas que a perseguição dos Hyksos até a Palestina e Syria havia despertado.

Começou então a era do IMPERIO em 1580. Como nos limitamos aqui á historia do Egypto até o Exodo dos Israelitas só teremos de nos occupar dessa Dynastia fundada por Ahmose

[1] *Ob. cit.*, pag. 195.
[2] *Egypt and Israel*, pag. 14.
[3] *Ob. cit.*, pag. 221 e 599.

I e da que se lhe seguiu, que vão, a XVIII de 1580 a 1350, e a XIX de 1350 a 1205. Nenhum periodo da historia egyptana foi mais brilhante do que o dos trez seculos e meio que medeiam entre aquelle valente rei e o que precedeu ao do Exodo dos Israelitas.

A historia do Egypto registra entre os dos seus maiores vultos o de Ahmose, o libertador, e o fundador do seu Imperio. Elle creou um exercito permanente abandonando as milicias locaes, subjeitou ao seu governo firme todos os nobres feudaes dos nomos, concertou os templos e fundou outros e deu particular attenção á administração interna não esquecendo a estricta distribuição da justiça. Mas o seu primeiro empenho e que por muitos annos devia ter-lhe absorvido o tempo foi a completa e cabal expulsão do governo estrangeiro que tanto humilhou a sua patria por dezenas de annos. Pôz cêrco a Avaris, a grande cidade-fortaleza na fronteira NE. do Egypto onde os Hyksos se haviam entrincheirado, e conseguiu toma-la. Não contente ainda, perseguiu-os na direcção da Palestina e por nada menos de trez annos assediou Charaen que os Egyptólogos collocam ao sul de Judá, naquelle paiz, e que é o cêrco mais longo de que nos falla a historia desses tempos. E dahi Ahmose ainda levou os seus exercitos á Phenicia e á Syria, sempre com resultado brilhante. Já antes, e depois da tomada de Avaris fôra forçado a lidar com inimigos internos, subindo o Nilo para enfrentar uma rebellião perto de El Kab. De volta da Syria teve de domar a Nubia e só depois desta campanha poude dar attenção aos negocios internos. Para o Egypto assim dilatado e n'esta epocha de resurgimento um grão-vizir não bastava, e Ahmose creou dous, um para o Delta e o outro para o Sul, e innumeras inscripções dão fé da multipla actividade do pharaó em todos os ramos da administração. Algumas dellas nos mostram que nem os casos de traição no harem podiam agora ser decididos pelo rei sem prévio julgamento judicial. O mesmo com os casos de conspiração contra a pessoa do rei.[1]

Grande parte do tempo do rei se passava na tomada de contas dos exactores de impostos. Havia desapparecido a aristocracia feudal e todas as terras pertenciam, desde algum tempo, á corôa que dellas auferia um imposto bastante pesado. Havia minuciosos registros de todas as propriedades, urbanas e ruraes, com seus distinctivos.[2]

[1] V. *Ancient Records of Egypt* (Chicago, 1905). Vol. III, 51 e seg.

[2] V. *Ancient Records*, II, 916. E curioso que estas inscripções venham corroborar a historia referida na *Gen.*, 47:20-26. O Pharaó comprára todas as terras, vendendo cada um as suas possessões por causa da extrema fome" (vers. 20). "Desde aquelle tempo até o dia de hoje" isto é quando foi escripta a *Genesis* nesta parte, "se paga em todo o Egypto aos reis a quinta parte, e isto como que passou em lei" (vers. 26).

A grande transformação, porêm, por que passou o Egypto foi no espirito, nas esperanças do proprio povo, no orgulho nacional por ter, com as armas na mão, conquistado a sua propria independencia e levado a guerra até o estrangeiro. O povo, que não era nada guerreiro, tomou agora grande gôsto pelas armas. A propria arte militar enriqueceu-se com o uso do cavallo, até então desconhecido no Egypto e que Ahmose trouxe da Syria, e mais as machadinhas de mão e as carroças de guerra. A riqueza e variedade de producção da Palestina, Phenicia e Syria, e os esbulhos que dali trouxe o exercito egypcio, aguçaram o ardor marcial do seu povo. O Egypto tornou-se, em summa, uma potencia militar, com vasto horizonte ao redor de si. Ahmose e sua mulher, Nofritari, filha de Kamose, foram até, depois de fallecidos, proclamados deuses da sua terra.

Seus successores immediatos, Amenhotep I e Thutmose I [1] que reinaram de 1557 a 1501 ou, segundo outros, de 1555 a 1515, seguiram a mesma politica do fundador da dynastia. O primeiro teve de mais uma vez attacar a Nubia e de submetter os Trogódytas. Mal chegava vistorioso do Sul teve de declarar guerra contra os Libyos, que desbaratou. Poude então volver suas vistas para a Asia ; e si Amenhotep I não conseguiu, elle mesmo, penetrar até o Euphrates, o seu successor jactou-se disto e de ter extorquido dali indiziveis riquezas com que veiu adornar e dotar os templos de Thebas, cuja influencia accentuava-se cada vez mais.

Thutmose I era filho de uma mulher do povo mas casára-se com uma descendente de Ahmose e com este titulo proclamou-se successor de seu pai, entre 1540-1535. Sua primeira e grande expedição foi contra a Nubia que desta vez parece ter ficado definitivamente subjugada, apoz dura campanha. Attacou depois a Syria que estava em revolta chronica e de onde o Egypto queria receber regularmente o imposto a que se julgava com direito, como vencedor. Para este fim Thutmose I levou os seus exercitos por Ascalon e outras cidades ribeirinhas do Mediterraneo até Megido (ou Maggedo) que era a chave da Celesyria. Derrotando ahi as muitas forças que se lhe oppunham, o pharaó perseguiu o inimigo na direcção do Orontes e dahi foi a Carchemiche (Gargamish). Todos esses povos foram reconhecendo a soberania do Egypto, pagando-lhe tributo e negando passagem a tropas que não as do pharaó. Thutmose I penetrou até o Euphrates em Naharahim (Entrerios), e perto do Mediterraneo erigiu um marco de pedra para

[1] É erro translitterar o nome destes reis por *Thotmeu*. Em Egypcio é exactamente *Dhu-i-mosis*.—V. *Egypt* na *Enc. Bib.* por W. M. Müller.

assignalar o extremo norte e léste de seus dominios que, do outro lado, iam até a terceira cataracta do Nilo, isto é, de 37° de Lat. N. a 19° de Lat. S. O Egypto era realmente um Imperio.

Thutmose I teve uma filha, Hatsepsut, de uma descendente directa de Ahmose. Fê-la casar-se com o seu filho Thutmose II, cuja mãe era uma mulher do harem real. O novo rei pretendeu governar sem a mulher; mas todo o Egypto revoltou-se pois era ella de sangue real, e não como o pae e o irmão e marido. O rei nominal então pretendeu associar ao governo de Hatsepsut um filho illegitimo que houvera, ao qual dava o nome de Thutmose III e que entregára aos sacerdotes para ser educado; mas não o conseguiu porque todo o povo só queria reconhecer no throno algum dos descendentes de Ahmose. Ainda assim Hatsepsut e os dous reinaram alternadamente. Quando Thutmose II morreu, apoz um governo precario e ephemero, os sacerdotes de Amon por um golpe de mão fizeram subir ao throno a seu pupillo Thutmose III (1501 A.C.). Mas os legitimistas protestaram: para elles o monarcha verdadeiro era Hatsepsut, que quinze annos atraz havia sido designada para a successão, e Thutmose viu-se obrigado a reconhece-la como co-regente. Mulher de extraordinaria energia, longe de deixar-se apagar pelo companheiro, ao contrario, auxiliada pela opinião geral, pô-lo no seu logar subalterno e ella mesma tomou a iniciava do governo, favorecendo e promovendo as artes da paz. Desejou logo, e ardentemente, acabar a construcção do rico templo cortado nas rochas do lado Oéste do Nilo, em Thebas mesmo. Os Nubios, sempre soffregos, revoltaram-se contra a auctoridade do pharaó: a rainha mandou contra elles uma expedição sob um general Ahmose de Ebana que voltou victorioso. Ella chamou para perto de si os irmãos Senmut e Senmen, e Hapuseneb, o grão-sacerdote de Amen, para ajudarem-na a dirigir o governo. Pôz logo hombros na continuação do templo alludido, já encetada sob Thutmose II, com desenho diverso dos dos templos da epocha, isto é, formando este trez plataformas na encosta da pedreira, cada uma com duas carreiras superpostas de columnas e, na plataforma superior, o sanctuario. A rainha despachou uma importante expedição á costa do actual Somali para obter mudas de arbustos raros e odoriferos para planta-los na primeira plataforma em honra a Amen. A expedição veiu carregada dessas plantas e mais de resina de myrrha, marfim, ebano, ouro, pau de canella, incenso, cosmeticos, macacos e gorillas, cães, pelles preciosas, pantheras, vivas, etc., o que tudo causou enorme sensação no reino. Mas Hatsepsut falleceu

em 1481 sem ter concluido o seu templo, cuja belleza de linhas ainda assim podemos apreciar até hoje. Antes, porêm, de desapparecer, ella fez construir em Karnak o obelisco que ainda existe e que mede 30 metros de altura. Foi até a sua epocha a primeira grande mulher do mundo.

CAPITULO XXXV

O EGYPTO DE THUTMOSE III ATÉ O EXODO

Educado na eschola desta notavel rainha, e querendo rivalisar com ella, conseguiu Thutmose III ser um dos mais gloriosos reis do mundo, e o fundador de facto do grande imperio do Egypto. Começou a reinar, sósinho, provavelmente em 1479 a.c., e seu primeiro acto foi organizar uma expedição de 20,000 homens (pois naquelles tempos 20–30,000 soldados formavam os maiores exercitos) contra o rei de Cadés, que promovia uma coalisão de toda a Syria e Palestina contra o Egypto. Tal foi a prestesa de seus movimentos que em menos de dous mezes cercava Meggido. Contam as inscripções que o rei perguntára a seus generaes em conselho que caminho tomar e que elles, tendo em vista a segurança de todos, suggeriram as estradas mais tortuosas; ao que Thutmose respondeu que elle iria pelo caminho mais curto e que quem não quizesse não o seguisse. Todos o accompanharam e graças á absoluta falta de estrategia dos Asiaticos, derrotou-os e voltou ao Egypto carregado de pingues despojos, inclusive 924 carroças de guerra, ornadas de ouro e prata, 2300 excellentes cavallos, duzentas saias de malhas, 24,000 cabeças de gado, estatuas de prata, de ebano, mobilias riquissimas, não fallando das ricas colheitas de trigo e outros cereaes, e alem de muitos prisioneiros e dos filhos mais velhos dos reis da Syria. Os Egypcios quando viram tudo isto em Thebas e mais de 200 kilos de ouro puro, extasiaram-se do poder do seu paiz e da competencia do seu rei. Reconheceu este a necessidade de consolidar as suas posses, que já se estendiam até Damasco; e dous annos depois (1477) voltou á Syria, recebendo ali presentes riquissimos dos reis da Assyria e Babylonia, onde se alastrára a sua fama. De volta á patria, prestou attenção especial ás reparações e ao augmento dos templos de Karnak, mandando construir a columnata do lado oriental e a grande sala de 44 m. de comprimento.

Falham os permenores das suas terceira e quarta campanhas, esta ultima em 1476. É certo, porêm, que o astuto guerreiro cogitou de attacar os Mitanni, povo que habitava a margem esquerda do norte-Euphrates. Para isto era necessario crear

uma base e segura ao norte da Phenicia e subjugar completamente Cadés mesma, firmando assim a sua retaguarda. Thutmose, pois, organizou uma frota, e com ella dirigiu-se a Tunip e Arvad, que tomou, e dahi queria marchar contra Cadés, mas chegando já o inverno, preferiu voltar no anno seguinte (1471) que foi, pois, o da sua sexta expedição, quando tomou aquella cidade bem fortificada e orgulhosa.

Em 1470 a cidade da costa, Simyra, tendo-se revoltado, Thutmose III foi por mar a castiga-la, o que conseguiu trazendo de lá cerca de 200 kilos de prata. Mas só em 1468 considerou o cauteloso rei que estava devidamente preparado para uma incursão maior na Asia. Desembarcando em Simyra, atravessou o rio Orontes e marchou rápidamente para Naharaim e tomando para o léste, attacou a Carchemiche ora defendida tambem por gente de Mitanni, que descêra de suas montanhas. A victoria de Thutmose permittiu-lhe atravessar o Euphrates e collocar um padrão de seu triumpho na fronteira do Mitanni. De volta submetteu Naharaim ; e até o povo de Kheta (provavelmente os Hetheus da Biblia) rendeu-lhe homenagem.

A sua chegada a Thebas coincidiu com o segundo jubileu do rei. Para isto foram erigidos muitos obeliscos, quatro dos quaes acham-se hoje em Constantinopla, Roma, Londres e New-York. Nas paredes de um dos templos foram esculpidos relevos das victorias do representante de Amen, e os nomes de duzentas e quarenta e oito cidades que subjugára na Asia. As enormes riquezas que chegaram ao Egypto não só da Asia como do Mar Vermelho deram extraordinaria vida ao Nilo e ás cidades adjacentes, por onde passavam suas preciosas flotilhas, ao passo que grande multidão de prisioneiros, ora escravos, trabalhava nas gigantescas obras do Pharaó, pois Thutmose não descansava de promove-las em muitos ponctos diversos do paiz.

De 1477, quando Thutmose fez a sua nôna campanha, até 1459 quando, já septuagenario, emprehendeu a 17ª e ultima expedição asiatica, elle nunca enfrentou um revez. Em dezenove annos consolidou elle o vasto imperio do Egypto, tendo dado provas de ser o primeiro estrategico da epocha e um administrador modelo. Em 1448 falleceu, talvez com 84 annos, e ainda hoje podemos contemplar-lhe as feições na sua mumia existente no Museu do Cairo. Foi elle, diz Breasted,[1] quem construiu o primeiro grande imperio do mundo,—o primeiro heroe universal.

A Thutmose III succedeu seu filho Amenhotep II (1448-

[1] *Ob. cit.*, 320.

1420) vindo depois o neto Thutmose IV (1420-1411) e o bisneto Amenhotep III (1411-1375). Foram 73 annos de paz, a despeito de duas campanhas na Asia e duas na Nubia. O Egypto gozava dos grandes beneficios que lhe fizera o grande Thutmose. No reinado do terceiro desses seus successores era enorme o influxo de riquezas no paiz. As grandes obras emprehendidas por essas pharaós tornavam Thebas a maior e mais opulenta cidade do mundo. O commercio era intenso ao Sul e ao Nordéste e os productos do Egypto do outro lado cobriam todo o mundo conhecido. Como sempre acontece, porêm, tamanhas riquezas traziam comsigo a semente da decadencia do paiz, pelo geral desejo de possuir haveres a todo o transe, pelo luxo desenfreado e pela immoralidade nos costumes. Como se vê de muitas das cartas trocadas entre Thutmose IV e os reis da Asia, as suas relações eram as melhores e esse pharaó obteve em casamento a filha de Artatama, o rei dos Mitanni, o que fez com que este, durante toda a vida do pharaó, não cessasse de pedir-lhe ouro que, pensava e dizia elle, era no Egypto como o pó da estrada. Do mesmo modo o filho desse Thutmose, Amenhotep III foi amigo intimo do successor de Artatama Chutarna, com cuja filha se casou, e são muito interessantes as cartas trocadas entre elles a proposito deste casamento e que se encontram na collecção de ladrilhos de Tell-el-Amarna. Como se vê, desse mesmo intercurso com esses Asiaticos, o Egypto teve tudo a perder, moralmente fallando. E os proprios longos annos de paz preparavam a dissolução do grande Imperio de Ahmose e de Thutmose III.

Essa dissolução foi precipitada no reinado do filho e successor de Amenhotep III, e quarto desse nome. Foi elle dotado de uma das intelligencias mais brilhantes da antiguidade, homem de extraordinario cunho-proprio, um desses genios nascidos antes do seu tempo, nutrido de convicções profundas que sabia defender até o fanatismo ; e entretanto foi um rei desasado que, pela completa incuria do seu officio, deixou escapar-se-lhe da mão um imperio, já cambaleante, e que precisava então, não de um pensador e poeta, mas do pulso de um Thutmose III. Ha no Louvre em Paris um bellissimo busto deste joven monarcha que lhe dá feições antes do periodo aureo da Grecia do que de um Egypcio, tão extraordinario era elle ainda até no physico. Suas linhas classicas e a delicadesa da sua expressão revelam-lhe bem o character, demonstrado por sua vida.

Amenhotep IV cedo apercebeu-se de que a religião de seus antepassados não podia corresponder ás aspirações do coração e do espirito. Estas antigualhas de Amen, de Ptah, de Osiris,

estas encarnações divinas em bois, crocodilos e gatos, não podiam constituir uma religião digna de seres intelligentes. Observador fino e profundo, este rei-philosopho concebeu que a origem da vida era, não o sol physico e material, mas consistia no calôr vital desprendido dos seus raios. Sem isso nada existia. E elle considerou como unico deus a Aten,— o sol nos seus effeitos. Comprehende-se que até um pharaó pudésse pensar sobre a religião differentemente dos seus avós : este, porêm, apaixonou-se pelas suas convicções e tornou-se propagandista extrenuo dellas, procurando viver segundo ellas, a despeito de offender, como offendeu, não so a poderosissima classe sacerdotal que, havia não muitos annos antes, puzera no throno o grande Thutmose III, mas até as convicções seculares do seu povo. Amenhotep IV teve a ousadia de fundar um templo novo na propria Thebas, na planicie de Luxor-Karnak, creando um summo sacerdote especial e dotando o templo com grandes rendas. A atmosphera da capital tornando-se-lhe, porêm, muito antagonica, elle mudou o seu proprio nome para o de Iknaton ou Khuenaten,[1] que quer dizer *Gloria de Aten* ; e, deixando Thebas, desceu o Nilo quinhentos kilometros e na longa nesga onde hoje existem as ruinas chamadas Tell-el-Amarna, fundou a sua nova capital e tambem a séde principal do deus Aten, chamando á nova cidade Aketaten, o "Horizonte de Aten." Foram logo construidos ahi trez grandes templos alem do principal, que Khuenaten inaugurou elle mesmo com grandes e riquissimas festas : e creou não só uma nova classe sacerdotal como um ritual simples e especial, não cessando de apregoar a nova fé por toda a parte, e vivendo do modo o mais natural e simples possivel. Apparecia sempre em publico com sua mulher e suas quatro filhas, o que nenhum pharaó fizera antes.

O symbolo do deus Aten era um disco (o do Sol) expedindo raios em cujas pontas estavam desenhadas mãos, segurando o emblema da vida : era o calor affagando e vitalisando tudo. Khuenaten dedicou-se de corpo e alma á sua nova concepção de religião, pondo de lado todos os seus poderes e prerogativas e deveres da realesa excepto os que se referiam á sua pessoa como chefe da egreja egypcia, e ahi exercendo-os contra essa egreja. Contrariado pela latente opposição de todos os sacerdotes e da massa dos lettrados, o genial pharaó foi ao extremo de mandar raspar, onde podia, o nome do deus Amen e substituir por elle o de Aten, até nas inscripções do seu pai e dos seus avós immediatos. Nos tumulos novos prohibiu que

[1] A primeira fórma é adoptada por Breasted, mas A. Wiedemann segue a segunda. Maspero o chama *Kuniatonú*.

esculpissem essas scenas hediondas e grotescas de demonios, tão communs, e os pretensos horrores da vida futura; mas permittiu apenas scenas da propria vida do defuncto. E estas ordens foram tanto mais salutares, mesmo durante o pouco tempo em que duraram que, graças a ellas, podemos hoje admirar dous estupendos hymnos ao Sol que se lêm nos tumulos de dous de seus genros, um dos quaes nos faz lembrar o Psalmo 103, escripto seculos depois. Para darmos melhor ideia das crenças deste rei traduzimos aqui parte deste poema, infelizmente longo demais para este logar. Elle se encontra no tumulo de Ani, um dos genros de Khuenaten. Diz este: [1]

Bello é o teu apparecimento resplendente no horizonte do céo—, O' Aten que vives e és a origem da vida.—Quando te levantas no horizonte, ao léste, enches da tua bellesa a terra inteira;—Pois és grande, radiante, fulguroso, lá em cima da terra.—Teus raios abrangem as terras, e tudo quanto fizeste.—Tu és o sol e lhes levas o necessario por teu proprio amor por elles,—E os prendes a todos por esse teu amor.—Apezar de tão longe, os teus raios pousam na terra— . . . Quando te recolhes no horizente occidental entra então a terra na escuridão como n'uma camara de môrto;—Então repousam os homens nos seus domicilios, com as cabeças cobertas, a ninguem vendo;—Podem tirar-lhes tudo sob sua cabeça e elles não enxergam.—Os leões sahem então das suas tocas, e as serpentes dão suas picadas,—Reina a escuridão e tudo é silencio:—Aquelle que tudo fez desceu no seu horizonte.

Mas a escuridão foge: quando te levantas no horizonte a terra brilha de tua luz como o Aten do dia;—Mandas os teus raios e a terra se embriaga de alegria em festa quotidiana;—Accorda o homem e põe-se de pé,—Purifica o seu corpo e toma de suas vestes,—E levanta as mãos em adoração porque illuminaste toda a terra.—E vai para o seu labutar. O gado deita-se nos seus pastos, crescem as arvores e as plantas,—Os passaros saem dos seus ninhos e com suas azas distendidas te louvam.—Todos os rebanhos pulam em seus pés, tu te levantas para o bem do todos.—No Nilo as embarcações sobem e descem, o seu transito é franco a todos quando te levantas.—Os peixes no rio surgem á superficie para te olharem e os teus raios penetram as aguas fundas.—Elles fertilizam as mulheres e tornam fecundos os homens,—E vivificam a creança dentro do seio materno . . . —Que admiraveis são as tuas obras! Ellas nos estão occultas,—Oh tu, deus unico, cuja majestade ninguem mais possue,—Tu creaste a terra segundo os desejos da tua vontade quando estavas sósinho,—Fizeste os homens, o gado grande e pequeno e tudo o que ha na terra,—Tudo que anda com seus pés ou que vôa nos ares com suas azas;—Fizeste os paizes da Syria, de Cús (Nubia) e do Egypto, E a cada um dos homens collocaste no seu logar proprio,—E providenciaste ás suas necessidades,—E mediste a duração dos seus dias,— . . ."

[1] V. *Mémoires de la Mission au Caire*, I, pag. 2, 3, publicado por Bouriant. Tambem em Breasted, *De Hymnis in Solem sub rege Amenophide IV. conceptis*; Berlin, 1894.

E o hymno acaba com referencias ás estações do anno, á bellesa da luz solar, e dando graças pela revelação de Aten a elle, pharaó.

Na sua consagração exclusiva á adoração do principio vital da vida physica, Khuenaten descurou-se completamente do seu reino. No interior o seu povo não o comprehendia e poderia perdoar-lhe a sua desidia não fosse tão aggressiva a propagação de suas ideias religiosas, que attrahiu-lhe a opposição, como já dissemos, dos sacerdotes. Mas não ficou nisto o antagonismo em que se collocou com o seu paiz. Desde Thutmose III evoluiu-se no Egypto uma classe militar, e ella via perder-se o imperio asiatico que tantas riquezas e gloria dera á sua nação. A bibliotheca official que Khuenaten levára de Thebas para um de seus novos palacios em Akethaton (hoje Tell-el Amarna, repetimos) e que foi descoberta ha uns vinte annos, contém não só correspondencia de seu pai com seus vassallos da Syria—Palestina e com os reis dos Hetheus e de Mitanni, como tambem importantes cartas remettidas a Khuenaten por essas auctoridades, e de onde se demonstra que este pharaó foi de todo indifferente á sorte dessas terras de onde lhe vinham os mais instantes pedidos de soccôrro contra os inimigos do Egypto, aos quaes o rei não deu a mais comesinha attenção. Apezar de que Amenhotep III já contribuira para o discrédito do poder egypcio na Asia, ainda no começo do reinado do seu filho os reis de Mittani e dos Hetheus lhe escreveram cartas muito amigaveis e submissas: um filho de Burraburias, rei da Babylonia, veiu á côrte de Khuenaten e casou-se com uma de suas filhas quando do outro lado, o proprio Khuenaten desposára-se com uma filha de Dusratta, rei de Mitanni. Mas cedo perceberam os Asiaticos a completa indifferença do pharaó pela conservação das suas conquistas, e os Hetheus e outros foram pouco a pouco libertando-se do seu dominio ao passo que os chefes vassallos, vendo-se desamparados, procuraram solver os seus problemas por si sós.

Khuenaten chegou a nomear chefe do exercito a um Harmhab, que conseguiu o apoio das classes sacerdotal e militar; mas o pharaó logo em seguida morreu (1358 A.C.) depois de um reinado de dezesepte annos e sem ter realisado o seu sonho, de ver implantada a sua nova religião. Não havia meio de vivificar essa mumia e de conseguir que credos fossilisados entendessem a elevada e monotheistica concepção deste grande homem.

Succederam-lhe ao throno successivamente dous dos seus genros; e depois delles, Eye ou Jye, marido da aia de Khuenaten: os trez arrastaram oito annos de governo inglorio em

que foram forçados a mudar a séde do reino novamente para Thebas e a voltar ao culto de Amen.

Succedeu-lhes Harmhab, em 1350 A.C. Elle foi o fundador da Dynastia XIX (1350-1205 A.C.) e reinou 34 annos. Já em vida de Khuenaten teve as mais elevadas commissões no exercito, que, no reinado dos seus trez successores immediatos, era a maior influencia do paiz ; mas para poder reinar casou-se com uma cunhada de Khuenaten, muito mais velha do que elle. Foi um rei energico. Arrazou todos os templos de Aten (excepto o de Heliopolis) e aproveitou os seus materiaes para a construcção de novos, a Amen ; introduziu ordem e seriedade na administração, e sobretudo mostrou grande solicitude pelo bem-estar das classes pobres.

Ignora-se que relação tinha com Harmhab o seu successor Ramsés I (1315-1314) que, já bem velho, apenas reinou um anno, passando o throno a seu filho Seti I, que contava então trinta annos de edade e que reinou 21 annos (1313-1292 A.C.). Desde o começo annunciou que iria á Asia defender os interesses do seu reino, e a sua primeira expedição foi muito feliz, tendo derrotado os Amorreus e os Hetheus e levando os seus exercitos victoriosos até o Lebanon e o rio Orontes. Apezar dos grandes regozijos com que foi recebido em Thebas Seti bem vira que a situação era muito perigosa. Os Hetheus ou Ketti, fortissimos agora desde o Mar Negro até a Syria, eram inimigos formidaveis. Ainda hoje pouco se sabe deste grande povo que não era semita nem Indo-europeu, mas cuja civilização podia comparar-se com a dos Babylonios do seu tempo. Elles dominaram o antigo Naharahim, Carchemiche até o norte da Phenicia. Cansado de varias e improficuas campanhas contra elles, Seti contractou com o seu Morusil uma paz que assegurava ao Egypto todo o territorio ao sul do Orontes, mas não ao norte. Ficava assim bem reduzido o imperio de Thutmose III. Ainda assim, graças aos despójos por elle trazidos da Syria, poude Seti erguer alguns dos monumentos artisticos mais importantes do Egypto taes como a sala hypostyla de Karnak, o templo funerario de Abydos e o seu proprio tumulo.

Por sua morte subiu ao throno seu filho, Ramsés II (1292-1225 A.C.) que desde cedo servira no exercito. Elle emprehendeu uma grande expedição contra os Hetheus que, depois de apoderarem-se do norte da Syria, haviam reunido 20,000 homens (grande exercito naquelle tempo) para descer para o sul. Ramsés organizou o seu exercito tambem de 20,000 homens em quatro divisões e com ellas marchou sobre Cadés, no Orontes, onde Metella, o rei hetheu, congregara as suas forças e as dos seus alliados. O pharaó, soffrego, adiantou-se

muito, deixando longe trez das suas divisões e ao chegar perto de Cadés foi sorprehendido pelos Hetheus. A sua divisão desbaratou-se toda e Ramsés só escapou não tanto pelo erro estrategico dos Hetheus como pela sua inexcedivel bravura pessoal, pela audacia com que se desembaraçou de uma posição critica, inflingindo ainda assim grande perda ao inimigo. Contente de ter salvo trez divisões que ficaram na retaguarda, nem procurou sitiar Cadés mas voltou ao Egypto como grande triumphador da Asia.

Nunca teve este paiz um rei que mais se applicasse á arte de glorificar-se a si mesmo : o seu feito de Cadés, de resultados mui duvidosos, foi apregoado em innumeras esculpturas, muitas das quaes ainda hoje vemos no Ramesseu, em Karnak, em Abu Simbel, Der, Abydos e outros logares. Entretanto elle bem devia ter a consciencia de que, fóra o seu denodo pessoal, digno de todo o encomio, a situação do Egypto mesmo na Syria era precaria. Contentissimo devêra ter ficado quando apoz trez annos de luctas, sobre as quaes os documentos existentes quasi nada nos dizem, Ramsés II em 1272 ajustou a paz com o rei dos Hetheus, Khetasar que succedêra a Metella. Este monumento que nos chegou até hoje foi inscripto n'uma lamina de prata com figuras no alto, e foi transcripto nos muros dos templos de Ramsés em Thebas. É o primeiro tractado de paz que a historia nos conserva. Treze annos depois (1259) Khetasar veiu á capital egypcia para dar a sua filha em novo casamento de Ramsés.

Excepto uns doze annos em que se occupou com a Syria o reinado de Ramsés foi pacifico. Já Seti I não habitava em Thebas, a sua capital, sinão por occasiões de solemnidades religiosas. Em consequencia do perigo dos Hetheus no NE. do Egypto Ramsés mudou a sua capital politica para Tanis ou Zoan, o que deu grande impulso ao progresso do Delta e emprestou o nome de terra de Ramsés a toda aquella região. Para preparar-se para suas expedições para a Asia o rei estabeleceu ali perto grandes depositos de cereaes e fez construir, com trabalhos forçados sempre, as duas cidades de Pi-tum (o Pitom da Biblia) e Pi-Ramessa. Nas excavações no Delta pelo Suisso Naville, por conta de Inglezes, este professor achou nesta ultima, uma grande aguia de granito róseo com o cartuxo de Ramsés.

Este pharaó era tão vaidoso que fez tirar brutalmente inscripções de seu mesmo pai e de seu avô para esculpir sobre ellas o seu proprio nome. Elle arrazou bellos monumentos para erigi-los novos á sua mesma gloria. E o interessante é que elle em varias inscripções pediu a seus successores que não

destruissem os seus monumentos, no que não foi attendido pelo seu proprio filho e successor que, velho como já era quando subiu ao throno e carecendo de tempo para mandar extrahir novos blocos de granito, usou de varios monumentos delle para legar á posteridade uma de suas proprias façanhas. Ramsés II, alem de vão foi um dos mais luxuriosos e voluptuosos reis do Egypto. O seu farto harem contribuiu-lhe com mais de cem filhos e de cerca de cincoenta filhas com algumas das quaes se casou.[1] Ha esculpturas em que elle vem seguido desta enorme prole. Quando falleceu, com perto de 90 annos, e depois de um reinado de 67 annos, já haviam morrido seus dez filhos mais velhos de modo que o seu successor, Merneptah (1225-1215) foi o undecimo e já era sexagenario. (V. illustração no fim deste vol.)

Segundo todos os principaes historiadores e criticos este Ramsés II foi o pharaó a que se refere o *Ex.*, nos seus caps. 1 e 2, o pharaó da oppressão dos Israelitas que seculos antes se estabeleceram na terra de Gosem ou Goshen, a Léste do Delta do Nilo, perto das fronteiras da Asia. Não ha ainda muitos annos que a critica não entendia muitos pormenores da historia biblica na presupposição de que a capital politica do Egypto era em Thebas. Só os investigadores modernos descobriram que Ramsés II mudára a capital, como já dissemos, para o proprio Delta, e nas proximidades de Goshen. A Biblia, todavia, não dá o nome expresso do pharaó que opprimiu Israel nem do que denegou-lhe licença para sahir ao deserto. A theoria preconisada por quasi todos os exegetas de que Merneptah foi o pharaó do exodo e da passagem do Mar Vermelho parece ser insustentavel, pois que a mumia deste pharaó foi descoberta ultimamente perto de Thebas e, portanto, não poderia ter fallecido na travessia daquelle Mar. Ramsés morreu em 1225 A.C. Suppondo que o periodo da oppressão tivesse sido, digamos, *circa* 1235, e o da libertação podendo ter sido vinte annos depois, nos levaria isto á data 1215 quando Merneptah já havia fallecido e o throno cahira em mãos de Amenmeres e mais dous successores que, junctamente só reinaram oito annos, até 1205, tendo-se seguido a isto um periodo de cinco annos de completa anarchia e de usurpação syria, ate 1200. O Exodo provavelmente occorreu nesse intervallo entre Merneptah e Setnakht,—isto é, entre 1215 e 1200,—ao que parece no reinado do successor de Merneptah, e perto de 1215. É esta a nossa opinião que submettemos aos entendidos. (V. illustração no fim deste vol.)

Voltando a Merneptah, no seu curto reinado de dez annos e apezar de velho, elle bateu as populações do sul da Palestina,

[1] Breasted, *ob. cit.*, 461.

que se revoltaram, e, á testa de um grande exercito de 20,000 homens repelliu uma seria invasão no Delta de Libyos, Sherden (Sardenhos), Ekveche (Acheus) e Lycios, sob a chefia do rei da Libya, Meriey, que dispunha tambem de 20,000 homens. O velho pharaó com notavel energia deu-lhes uma batalha de seis horas e os destroçou de todo e era bem natural que em Thebas o tivessem recebido como o novo salvador do seu paiz.

Nos cinco annos de paz em que viveu depois deste triumpho Merneptha não se descurou de erigir padrões das suas duas grandes proezas. Em 1896 Flinders Petrie descobriu em Thebas uma Stela de granito preto com mais de trez metros de altura contendo um hymno das victorias de Merneptha. Esta pedra fôra erigida por Amenhotep III com a lista das edificações por elle feitas: Merneptha, porêm, voltou-a para a parede e nas costas fez gravar o referido hymno. É importante este hymno, para o fim para que esta nossa obra é escripta; porque, na segunda linha, apparece pela primeira vez na historia o nome de Israel, como ainda hoje se póde ver no Museu do Cairo. A traducção litteral da passagem é esta:

As povoações estão outra vez socegadas. O que prepara a sua colheita a desfructará. Ra voltou-se a favor do Egypto. Elle nasceu para o fim de vinga-lo,—o rei Merneptha. Os chefes acham-se prostrados, exclamando "Paz"! Nenhum dos nove arcos (bárbaros) levanta a fronte, vencidos estão os Tehenu (Libyos); Os khetas (Hetheus) estão pacificados; Ta-Kaana (Canaan) está as garras do mal; Ashalni (Ascalão) foi transportado dali. Venoam (?) está anniqualado. Ysiraal (Israel) está sósinho, sua semente não existe; Charu (Palestina) tornou-se como viuva para o Egypto. Todas as terras estão em paz. . . .

Ao passo que esses nomes proprios designam logares ou cidades, o de Ysiraal tem o determinativo *pessoal*, indicando que tracta-se de um povo ou tribu. E Petrie, Maspero e muitos outros opinam que ha aqui uma referencia á descendencia de Israelitas que ou não seguiram a Jacob ou voltaram a Canaan depois de passada a fome que os levara ao Egypto. Do outro lado precisamos mencionar a opinião do sábio Prof. Kennet[1] que *Israal* bem póde ser corrupção estrangeira de *Yizre-el* ou Jezrael, em cujo caso a referencia contém um jogo de palavras com esse nome e o de *zera*, semente. De facto o propheta Oséas emprega esse jogo das duas palavras (1 : 4 e seg.): "O arco de Israel no valle de Jesrael." O Prof. Naville,[2] já citado, entende que o sentido da phrase de Israel na inscripção é que elle foi expulso, sahiu do Egypto sem deixar semente.

[1] Apud McReid, *The Book of Genesis*, CIX.
[2] V. *Recueil des Travaux*, 20, 32-37.

Ou então, poder-se-hia dizer: acha-se só, entregue a si e carece de pão. É evidente que não se nos deu ainda a ultima palavra sobre o assumpto.

Como já dissemos, ao de Merneptha succederam quatro reinados ephemeros que duraram talvez oito ou dez annos, e de que quasi nada sabemos, até que começou a XX Dynastia realmente com Ramsés III. E aqui fazemos ponto nesta historia dos pharaós, de que nos propuzemos esboçar apenas as principaes linhas que ajudassem o leitor a bem comprehender o quadro em que se formou o nucleo do povo judeu, cuja historia tanto nos concerne aqui.[1]

A RELIGIÃO DOS EGYPCIOS

No Egypto, a practica de escrever deve ter vindo de tempos prehistoricos. Breasted pensa, de facto, que a existencia de cursivo linear nas primeiras dynastias é "prova evidente de que o systema não era uma innovação.[2] Na inscripção mais antiga do Egypto de que ha noticia (excluindo palavras ou phrases isoladas) que é a que se acha no Museu Ashmoleu da Universidade de Oxford, um da segunda dynastia (cerca de 2500-4200 segundo Petrie ou 3400-3980 segundo Breasted) já se vêm lettras ou signaes alphabeticos entre os jeroglyphos archaicos,—o que mostra como era antiquissima a arte de escrever entre os Egypcios.

É difficil uma resenha clara da religião do Egypto em geral. Temos documentos religiosos delle desde o 40º seculo antes da nossa éra, mas seria vã a tentativa de esboçar as principaes crenças do povo tractando-se de um espaço de tempo em que a mesma e proverbial immobilidade oriental passaria forçosamente por modificações profundas. Accresce que nos quarenta e tantos governos locaes ou *nomos* do Egypto, que formavam nucleos de populações ás vezes bem diversas, cada um delles tinha o seu deus predilecto, a sua triade ou enneade

[1] Além dos excellentes artigos sobre o Egypto nas melhores encyclopedias biblicas citaremos apenas algumas das principaes obras sobre o vasto assumpto. Vejam-se: Maspero, *Hist. anc. des peuples de l'Or. classique*, 2 vols., e o manual *Hist. anc. des p. de l'Or*; Wiedemann, *Egypten Geschichte*; Flinders Petrie, *History of Egypt*: tambem *Gizeh*; *Catal. of Eg. Antiquities*; E. Meyer, *Gesch. der Altert.*, 2 vols.; De Morgan, *Recherches sur l'Orig. de l'Egypte*; Brugsch-Bourian, *Livre des Rois*; Wilkinson, *Manners and Customs of the Egyptians*; Ebers, *Aegypten und Buch. Moses's*; *id.*, *Durch Gosen z. Sinai*; Sayce, *Patriarchal Palestine*; Winckler, *Amarna Letters*; Breasted, *History of Religion*, 2° ed. Sobre a archeologia abundam obras, opusculos e artigos em revistas especiaes, tambem sobre a philosophia, etc. Alguns catalogos dos museus do Cairo, Berlim, Londres e Louvre são admiraveis, sobretudo os de Maspero, de Rougé, de Morgan e de Erman.

[2] *Ob. cit.*, 35, 43, 45. V. tambem sobre este assumpto Ad. Erman, *Aegypt. Grammar*, 1894, pags. 12 e seguintes, e Maunde Thompson, *Greek and Lat. Paleog.*, 1893, cap. 1.

especial, que reflectia characteristicos das divindades de outros nomos e ás vezes se confundia com ellas de modo que difficilmente se distinguiam. E no fim de tudo, da propria religião ou antes das religiões tão intrincadas do paiz não surgia nenhuma cosmogonia nem nenhuma theologia certa. O Egypcio não se embaraçava com contradicções as mais flagrantes, e nunca tentou systematisar as concepções theologicas, e como diziamos, cada *nomo* ou divisão do Egypto, adorava o seu deus padroeiro, e era tão livre em politica como em religião. Cada nomo podia receber um desenvolvimento religioso ignorado de todos os outros. Estabeleceram-se assim duas grandes correntes de religião, a official, da capital, e a popular, dos nomos. Mas nem a official podia conservar-se illesa das irrupções da outra. No correr do tempo um certo deus, por exemplo, via aggrupado ao redor de si outros deuses que se tornavam suas mulheres ou seus filhos ou netos. Os deuses tutelares dos nomos não se consideravam mais firmemente estabelecidos que os dos outros nomos, que creávam fama de maior influencia, pois esta os deslocava, como aconteceu, por exemplo, em Abydos onde o culto de Osiris sobrepujou o de Amen. Alem disso, deuses importantes eram adorados que nem se prendiam a nenhum nomo, e entre elles alguns dos principaes vultos do Pantheon egypciano, taes como Ra (apezar de especialmente adorado em Heliopolis), a deusa da verdade, Maát, o deus Nefer-tum, e o deus do Nilo, Hapi, etc.

Eram bem cruas as ideias cosmogonicas dos Egypcios.

No principio, segundo o diz uma inscripção de 3000 A.C., de Pepi I (6ª dynastia) " não existiam os ceos nem a terra, não havia o homem, nem tinham ainda nascido os deuses, nem existia ainda nascido o homem nem existia ainda a morte " ; mas tudo era um certo fluido, e esta massa primitiva continha os germens do mundo futuro. Era o *Nu*, ou o chaos dos Gregos. Segundo outra versão, da Creação, um deus, que ora apparece só, ora desdobrado n'um casal, tira o mundo do Nu, então dividido em Céo e Terra, aquelle feminino e esta masculino,—Nut e Seb. Esse deus primitivo acha-os n'um amplexo, Nut sustentando-se arqueado sobre Seb. O deus os separa, segurando e sustendo a Nut no ar ; e para alliviar-se do peso o deus erigiu quatro columnas bifurcadas para escorar a redoma do céo,—a Nut assim dobrada sobre Seb ;—cada columna representando um poncto cardeal, correspondia a um deus, Horus para o sul, Set para o norte, Thot para o occidente e Septi para o léste. Essas quatro columnas fixam os confins do mundo.

Como os outros povos os Egypcios interessavam-se muito mais na creação desta nossa terra do que na Creação em geral.

Segundo uma stele em Paris (Bibliotheca Nacional), de 1500 A.C., a terra foi creada por Osiris. Segundo outras versões Cknum, o deus carneiro, é "o pai dos pais, e a mãe das mães," creador do céo e da terra e de tudo que ha nesta. Em outra inscripção Amon-Ra é "o pai dos deuses," do homem e dos animaes. Outro mytho era que todos os deuses provinham do deus primordial que, por virtude de Onani, procreou os outros deuses principaes. Era já corrente no tempo de Abrahão que o deus Ra teve filhos da mulher de um dos seus sacerdotes. Era elle um dos mais antigos do Pantheon e que no decurso dos annos se amalgamou com Amon, tambem deus do Sol, mas de Thebas, formando Amon-Ra.

Provavelmente porque vieram os primeiros Egypcios do Oriente, o seu deus primitivo era solar,—Horus,—não o que ficou depois nem o Horus, filho de Osiris; mas o Horus com a cabeça de falcão, o primitivo deus de todo o mundo, e cujo culto centralisava-se nos tempos primitivos em Necken ou Hieraconpolis, suburbio de El Kab (entre Luxor e Assuan de hoje).

Vieram depois, e proeminentes, outras manifestações da mesma ideia. Horus tornou-se em RE (ou Ra) com o centro do seu cultou em An (em Hebraico On) depois Heliopolis. Re tornou-se o supremo deus para quasi todo o paiz e em 2500 A.C.,—trez seculos antes de Abrahão—era tão rico o seu templo principal naquella cidade que contava 12963 ministros.[1] A cabeça de falcão indicava que Re via do alto e claro. Á uma das mãos trazia o signal da vida (*ank*) e na outra a vara ou sceptro, *úas*. Na cabeça trazia o disco solar, circumdado pelo *urœus* ou serpente, symbolo do poder de vida e de morte.

O HORUS, antiquissimo, reappareceu como deus do sol e como filho de Re, e a que depois correspondeu o Apollo dos Gregos. E ainda assim passou por varias modalidades, entre ellas, o Horus-ur (o Aroeris dos Gregos) e o Hor-em-ku (Karmakis dos Gregos),—o Horus dos dous horisontes, e que era frequentemente confundido com o proprio Re, e ao qual foi dedicada a grande Esphinge de Gizeh.

Alem destas duas havia outras divindades solares. No *Livro dos Mortos* vemos muitas referencias a KHEPERA (que se transforma crescendo): n'um velho papyro se diz: "Sou Khepera pela manhã, Re ao meio-dia e TUM á noitinha"; Khepera representava, pois, o sol nascente,—o que "se torna" sol. A ambos e a Re, attribuiam a creação do mundo.

Mas o mais importante deus-solar, depois do triumpho de Thebas (1580 A.C.) foi AMEN, obscura divindade local que

[1] *Great Harris Papyrus*, 31:1, 8.

ganhou sempre maior importancia na proporção do engrandecimento dessa cidade. Por muito tempo chamavam-n'o de Amen-Re, e os seus sacerdotes tiveram até de proclama-lo deus universal.

Talvez pela necessidade de reunir ou approximar deuses, de nomos differentes e que mostravam grandes affinidades, os Egypcios conceberam entre elles familias, como as nossas. Combinaram algumas triades e enneades, ou gruppos de 3 e 9 deuses, de ambos os sexos. Em Thebas davam MUT como mulher de Amen e KHUNSU como filho de ambos. Mut (mãe) tinha a cabeça de leôa, e um templo especial em Karnak; e Khunsu era representado com a cabeça de falcão encimada de um disco do sol ou do crescente da lua.

Segundo outro mytho, Re e a deusa Hathor tiveram quatro filhos CHU, TEFNUT, KEB e NUT, que representam a atmosphera. Como já vimos, Chu interveiu entre Keb e Nut, o céo e a terra que se achavam unidos, e levantou Nut, o céo (feminino) no ar formando assim o firmamento ou abobada celeste, coberta das aguas eternas. Acima do céo, nas aguas de cima é que navegava a barca do deus-sol.

A triade de Abydos era OSIRIS, ISIS e HORUS, pai, mãe e filho, pouca importancia relativa dando-se em geral ás mães que, como o deus principal, podia egualmente vir a fallecer como qualquer mortal, e nesse caso o filho tornava-se "o esposo de sua mãe." O unico deus que não teve consorte foi o creador que tirou de si mesmo toda a força reproductiva. (V. illustração no fim deste vol.)

Outro deus importante era PTAH, de Memphis, o Hephestos dos Gregos e cujo templo Herodoto descreveu. Em Memphis consideravam-n'o como o creador e a triade ali adorada era PTAH, sua consorte SECHET e seu filho NEFER-TUM, tambem chamado Imhetep. A SECHET davam a cabeça de leão, correspondente á Mut, de Thebas, de que já fallamos. Nefertum cujas representações lhe põem uma flor de lotus á cabeça parece que era o deus da regeneração constante da naturesa. O pai fôra o creador, elle o que fazia renascer.

Tambem se destacam neste Pantheon: NECHERIT, o deus-abutre, tutellar do EGYPTO Superior, como UAT-IT, o deus-serpente, tutellava o Baixo Egypto, os dous combinados formando o emblema do reino reunido dos pharaós; HATHOR, a deusa da alegria, cujo animal sagrado era a vacca, vindo dahi que ella nos é representada com a cabeça deste animal; SEBAC, o deus crocodilo, adorado especialmente em Fayum.

Extranhamos muito, com o seu simples monotheismo, a adoração dos animaes pelos Egypcios. Elles prestavam culto

a especies inteiras de animaes, que pensavam, por motivos mythologicos que não conhecemos, ser predilectas de determinados deuses, e á esses animaes ninguem ousava matar, mas eram alimentados e tractados á custa do povo,—o que, porêm, não impedia que taes animaes fossem mortos e comidos fóra dos nomos especiaes que os respeitavam. Ou então os Egypcios consideravam certos animaes individualmente como sagrados por se encarnarem nelles certos deuses : esses eram adorados nos proprios templos que os mantinham com o maior desvelo ; e quando morriam o seu enterro era solemne e pomposo, como si se tractasse de funeraes régios. Escolhia-se então outro animal para substituir o morto.

O Egypcio tinha ao lado do deus-homem um deus-animal que venerava. Thot era uma ibis, Horus um falcão, Harmahis uma esphinge com o corpo de leão e a cabeça de homem. Amen uma pêga, Anubis uma hyena. A esses animaes, acreditava elle, os deuses communicavam parte de seu ser.[1]

Entretanto carecemos dar aqui a opinião de Breasted que diz que este culto dos animaes, na religião do Egypto, " é um producto recente, do periodo posterior ao declinio da sua nacionalidade e no fim da sua historia.[2] Só começou depois da reacção que seguiu-se ao reinado de Ramsés II.

Os Egypcios acreditavam na vida futura e no juizo pronunciado sobre cada morto. Mesmo sobre isto, porêm, corriam as versões mais diversas. Segundo uma dellas a alma voava para o ceo sob a fórma de uma ave, as dos reis sob a do falcão. Depois de lá chegar nada sabe-se ainda do seu destino. Outra, e mais geral, versão leva a alma para o *Duat*, as profundezas da terra e da noite em que esta achava-se dividida em doze compartimentos, correspondentes ás horas. Pelo meio desta região (identica ao inferno) corre um Nilo e ha nelle uma barca dirigida pelo deus-carneiro, e ás margens do rio abundam os demonios, quasi todos inimigos do sol e da luz. Ás almas se dá um campo especial em que só ha luz uma hora por dia, o resto de claridade que ha provindo do fogo vomitado pelas serpentes. Desse *duat* só se pode escapar pela magica.

Ainda outra versão representa o outro mundo como uma terra de trevas e somno cujos habitantes não reconhecem-se uns aos outros, não podem ter ar nem beber agua.

Finalmente outra tradição faz o outro mundo na propria terra, a principio para os lados do Delta ; mas, quando este ficou explorado, o puzeram na Grande Ursa. O morto devia partir de Abydos para o oéste, como o sol, mas precisava primeiro atravessar um grande deserto, sempre ameaçado de fome

[1] *Maspero, ob. cit.*, 35.

[2] *Ob. cit.*, pag. 60.

e sêde, e de serpentes e de crocodilos nas aguas que tinha de atravessar. Devia tambem passar por grandes terrores dentro das casas em que entraria e ia sempre cercado de demonios de todas as especies. Para conjurar todos estes perigos devia o morto constantemente repetir bem conhecidas e antigas formulas e imprecações, a cuja collecção os modernos chamam *Livro dos Mortos*. Só no fim desta terrivel viagem eram os mortos apresentados na Sala do Juizo de Osiris pelo filho deste, Anubis, que alternava as suas funcções com Thot. A legenda de Osiris, descripta por Plutarcho, só desenvolveu-se depois da epocha em que os Israelitas habitaram o Egypto.

Si fosse permittido aos filhos de Jacob assistir ás funcções dos templos impressiona-los-hia de certo a sua grande solemnidade e riqueza. O culto, como sabemos de varias instrucções especiaes, que podemos ver, era complicado e majestoso. Consistia o dever dos sacerdotes na manutenção e adoração da estatua do deus do templo, e o serviço quotidiano incluia a offerta á imagem, a sua ablução, a leitura e recitação de extenso formulario a cada passo da procissão até chegar-se ao sancto dos sanctos ou *naos* do templo, que deviam circumdar quatro vezes, tudo isto accompanhado da effusão de incenso finissimo.

Taes eram, em poucas palavras, as ideias e practicas religiosas dos Egypcios na era de Moysés.[1]

Chronologia do Egypto.—Ao passo que Petrie fixa em 4777 a.c. o começo do reinado de Menes que abre a Dynastia I, Breasted e Meyer preferem a data de 3400. Mas ainda depois de admittirem estas datas foram descobertos por Morgan em 1897, em Nakada, 50 kilom. ao N. de Thebas, o tumulo de Menes contendo objectos de arte que revelam uma civilisação ja adeantada. Examinando instrumentos de pedra desse periodo, Sir John Evans, conhecida auctoridade na geologia, opina que a edade neolitica não podia ter findado antes de 5000 a.c.

Um dos meios mais seguros que ha para se formar a chronologia dos Egypcios é calcular as datas dos phenomenos astronomicos a que alludem inscripções suas. O anno egypcio começava a 19 de Julho, ou no 1.° dia do mez Thoth, em que Syrio ou Sothis surge no horizonte com o sol da manhã. E esse anno tem 365 1/4 dias, ao passo que os Egypcios davam apenas 365 dias para o seu anno. Acontecia pois, que de quatro em quatro annos o anno civil devia ter um dia a mais, e o novo anno

[1] Sobre este complicado assumpto da Religião são muito recommendaveis: E. Meyer, *Geschichte Aegyptens*; Wiedemann, *Die Rel. der alt. Aegypter*; Tiele, *Hist. comdes anciennes relig. de l'Egypte et des peuples sémit.*; Lenormant, *Histoire anc. de l Orient*, 3 vols.; Leroux, *Le Livre des morts*; P. Pirret, *Le Panthéon Egypt.*; Bruysch, *Rel. und Mythol. der alt. Aegypter*; Maspero, *Études de Mythol. et d'Archéol.*; 4 vols. *Hist. anc. de l'Orient classique*; Dunker, *Geschichte des Alterthums*, 5ª ed.; Lanzone, *Diccionario di mitologia egiziana*, Turim, 1881-86; artigo de Wiedemann no Hasting's *Dict.*, vol. V; Breasted, *Hist. of Egypt*, 35-70; Wallis Budge, *The Gods of the Egyptians* (dous sumptuosos vols., 1904).

começava um dia antes daquelle em que devia começar; de modo que em cada 1460 annos (365x4) havia um anno a mais. Ora como estão calculados exactamente em quaes annos o nascer o sol coincidiu com o de Syrio, e como em certas inscripções as datas de acontecimentos notaveis são fixadas como "no anno em que Sothis nasceu com o sol em tal dia de tal mez," calcula-se quantos dias vão desse dia ao 1.° de Thot, e então calcula-se novamente o anno do acontecimento, com os devidos descontos pelo erro egyycio de desprezar um anno em 1460 annos.

Segundo este calculo, e de accôrdo com um *Papyro-Kahun*, descoberto em 1899, relativo a Usartesen ou Senuosres III da Dynastia XII, esta dynastia durou de 2000 a 1788 A.C., em vez de 2778-2565, segundo Petrie, que procura explicar a divergencia atirando a coincidencia do Sol e Syrio para um periodo ou cyclo anterior, o que leva Menes a 5510 A.C.

Meyer e Breasted reduzem, pois, o periodo das Dynastias XIII a XVII a apenas 200 annos,—1778-1580—e o dos Hyksos a apenas um seculo, 1680-1580.

Como se viu preferimos aqui seguir e estes ultimos.[1]

[1] Sobre a chronologia do Egypto consultem Ed. Meyer, *Aegyptische Chronologie* 1904; Driver, *Lit. O. T.*, 9ª ed. 1913, pags. 17-19.

SECÇÃO III: DO EXODO AOS JUIZES

CAPITULO XXXVI

O EXODO

TIVEMOS em *Genesis* a historia da Creação, da entrada do peccado e morte do homem, do diluvio, da distribuição dos povos, da escolha de Abrahão para ser o progenitor de um povo que approuve a DEUS separar dos outros afim de ser o Seu testemunho vivo na Historia do Seu plano de redempção da humanidade. E deixamos cerca de septenta descendentes d'esse patriarcha n'um paiz plenamente constituido, como o Egypto, mas residindo n'uma nesga de terra, separadamente do povo do paiz.

Temos depois disso um dos grandes silencios da historia. Esses septenta Hebreus multiplicam-se e prosperam sob o auxilio divino durante muito tempo. O Governo do Egypto passa a novas dynastias que emprehenderam conquistas na Asia e na propria Palestina. Os Pharaós vêem com máos olhos estes estrangeiros que se tornam, no caso de invasão de inimigos, perigosos para a sua paz. Elles pois, exigem trabalhos forçados desses Hebreus, que sentem-se muito opprimidos. Afinal soou a hora do resgate dessa dura escravidão. DEUS mesmo dirige a retirada da descendencia de Jacob, suscitando-lhe um chefe, Moysés, que, ao mesmo tempo, lhe daria as leis que deveriam observar como condição da Alliança que com elles faria o Altissimo de ser o seu DEUS e protector, Elle que "É o que é," o unico que póde salvar e perder. . . . Morre Moysés e outro guia do povo é escolhido para leval-o á conquista de Canaan, que é distribuida entre os filhos de Jacob.

Os quatro Livros subsequentes ao de *Genesis* descrevem-nos esta libertação dos Israelitas do Egypto, sua marcha até o começo da conquista da Canaan, essa distribuição, e as leis, religiosas e civis que lhes foram dadas nesse periodo de 64 annos, 40 dos quaes passados no deserto e 24 desde que atravessaram o Jordão até a morte de Josué, o successor de Moysés, como seu chefe.

O *Livro do Exodo* ou "segundo de Moysés" occupa-se da sahida do Egypto, muito pouco do trajecto a da vida desses 40 annos no deserto, mas dá conta da legislação que ali foi

promulgada. O assumpto é continuado em *Numeros* e *Deuteronomio*, este ultimo acabando com a morte de Moysés. Antes de *Numeros*, o *Levitico* é inserido como codigo especial das leis sobretudo de character ritual. A parte historica desses quatro livros, sobretudo a que ficou sendo chamada legislação mosaica é, na maxima parte, o producto de épochas posteriores á vida de Moysés, e já reflectindo o progresso moral do povo, mas toda ella sempre pautada pelos principios e leis bazicas do grande legislador.

Comecemos, pois, com a historia do Exodo dos filhos de Israel da terra do Egypto, cuja historia deixamos esboçada, na epocha em que essa gente, depois de residir ali por trez ou quatro seculos, recebeu intimação divina de sahir e procurar estabelecer-se na terra que de septe para oito seculos antes Deus Altissimo havia promettido a Abrahão.

Já vimos que segundo as demonstrações da archeologia e da chronologia Ramses II fôra o pharaó da oppressão assim como que o Exodo effectuou-se no reinado do ephemero successor de Mernepta ou Merempta II. Os Israelitas multiplicaram-se muito nesses quatro seculos de residencia em Gôchem ou Gessen,[1] e os mais recentes pharaós começaram a temer estes estrangeiros assim agglomerados na fronteira do NE. e no caminho dos paizes então mais poderosos e ricos do mundo, e resolveram enfraquece-lo obrigando os seus homens a aturados trabalhos de construcções, aos quaes nem os proprios Egypcios podiam furtar-se. Ainda ha poucos annos qualquer Pachá tinha o direito de recrutar a população de districtos inteiros para os trabalhos de canaes e outros de naturesa publica. E naquelles tempos das enormes construcções de Ramses II não admira que a administração tivesse imposto até tarefas duplas a esses pobres obreiros (*Ex.*, 1 : 12-14). Esse pharaó,—o afamado Sesostris na Grecia, destacou-se por suas muitas construcções. Adornou Memphis de muitos templos e edificios novos. Tanis, o Fayum, a Nubia foram cobertos de monumentos seus. Levantou o celebre Ramasseu e muito accrescentou aos já existentes e enormes templos de Luksor e de Karnak, sobresahindo nesta ultima cidade a celebre salla de 100 por 50 metros com 23 m. de altura no centro e columnas ahi de 3.50 m. de diametro. Todos esses trabalhos cyclopicos custavam o esforço conjuncto de centenas de milhares de escravos, já existentes no paiz e de importados

[1] Gôchem, que é como os Massoras pronunciavam a palavra, era realmente o antigo *Kes* ou Kessem (inde *Gesem* da versão dos LXX), que formava parte do 20° *nomo* do Baixo-Egypto. Era uma região paludosa, não habitada pelos indigenas e cuja occupação se concedia a estrangeiros que pediam a hospitalidade do Egypto para si e os seus gados.

para esse fim e aos quaes se dava alimentação pessima e insufficiente.

Em *Ex.*, 1 : 11 se diz que os Israelitas até construiram para o pharaó " as cidades das tendas Phithom e Ramesses " (A. P. de Fig.).

Em 1883 Mr. E. Naville, explorando o Delta, poude verificar que o Phithom da *Vulg.* (*Ex.*, 1 : 11) era o antigo Pi-Tum, pequena cidade fortificada e com muito grossas paredes em quadra, contendo alem de um pequeno templo, vastos armazens para trigo. Esta " morada de Tum," um dos deuses egypcios, foi construida por Ramses II, e sua posição em Thuket, na fronteira oriental, era duplamente importante como deposito para as expedições á Syria, Palestina, etc., e como fortaleza para a defesa do Egypto. Diz a Biblia que os Israelitas construiram este Pi-Tum e Naville prova que o pharaó foi Ramses II : temos ahi claro que o pharaó que os opprimiu foi este.

Quanto a Ramesses que é a outra cidade que *Ex.*, 1 : 11 diz que os Israelitas edificaram para o rei, Flinders Petrie julga ter descoberto o seu sitio em Tell-er-Retabeh, a 20 milhas ao oéste de Ismailia no Wady Tumilat, donde elle escavou stelas e um templo de Ramsés II. Antes de Petrie, Brugsch, Eber e Budge pensavam que essa cidade era a propria Zoan, opinião que nunca foi seguida por muitos outros.

É nessas obras ingentes que Ramsés e talvez seu successor Merneptah exploravam o suor dos Israelitas que não sabiam como livrar-se desta dura e humilhante servidão, maldizendo a sua sorte. Deus, porêm, que vê a injustiça deste mundo, ouviu a voz do desespero do Seu povo, e Elle que se não esquecera da promessa feita a Jacob quando parecia irresoluto a ir ao Egypto : " Não temas : vai para o Egypto e Eu te farei lá chefe de uma grande nação " (*Gen.*, 36 : 3),—Deus achára agora chegado o momento de moldar o povo nessa nação e retiral-o da terra da escravidão. E o chefe que devia guiar o povo nesse emprehendimento foi suscitado por Deus em Moysés, filiado á tribu Levi. O odio aos Israelitas e o temor da sua preponderancia era tal que o governador local havia dado ordem que matassem, ao nascer, as crianças dos Israelitas. Moysés foi occulto pela mãe que não podendo mais retel-o, o depoz n'uma cesta de junco, bitumado, entre os caniçaes á margem do Nilo em frente ao palacio do Pharaó, em Zoan (Tanis).

A tradição que tem aponctado Memphis como a cidade em cujo Palacio Moysés foi achado pela Princeza no Nilo, e que é sustentada por Ebers e outros, deve ser rejeitada. O Pharaó residia tambem em Tanis, no

Delta, perto de Gessen, e ali foi Moysés encontrado na cesta fluctuante de papyro bitumado. É de notar que, como depois Jesus Christo, Moysés escapou do infanticidio geral decretado por um Rei. E é tambem curioso que nada saiba-se de seus pais: elle podia litteralmente dizer-lhes: "Eu não vos conheço" (*Deut.*, 33 : 9), sendo neste poncto como Melquizedech e como será depois Elias.

Vindo banhar-se ao rio a Princeza Real, as suas aias levaram-lhe a cesta que apanharam. Ella, apezar de reconhecer um Hebreu no menino, achou-o bello e resolveu crial-o. Nada sabe-se de como cresceu e se educou. Mas deve ser certo que Moysés (salvado da agua) devia ter frequentado o seminario de Heliopolis com os sacerdotes do Egypto e que alli "foi instruido em toda a sabedoria dos Egypcios" (*Actos*, 7 : 22). Muito naturalmente sentiu o que havia de solida experiencia humana na philosophia egypciana, e viu tambem como era vão de verdadeiro sentimento religioso todo aquelle edificio de sua religião.

Em Egypcio *tba*, e no Hebraico *tebah*,—a cesta era das fibras seccas ou palha do papyro. Segundo A. Jeremias, Sargon, o fundador da Babylonia (3800 A.C.) foi egualmente salvo n'um cestinho de junco. Um mytho egypto-phenicio reza que Osiris, collocado n'um bahu, foi este fluctuando *no rio* até parar na Phenicia onde mudaram-lhe o nome para Adonis. Segundo Pausanias, Baccho tambem, para escapar á perseguição de um dos Pharaós, foi salvo n'uma cesta, confiada á corrente do Nilo sendo salvo pela familia de um Rei. Herodoto escreve que Cyro, o fundador do reino persa, foi exposto no campo e achado e criado por um pastor. Um facto verdadeiro como o de Moysés fére a imaginação popular que começa logo a applica-lo a outros personagens.

Todas as grandezas da côrte do Pharaó, e todo o orgulho dos seus sacerdotes, que eram a classe culta e lettrada, não apagaram os ideiaes hebreus de Moysés, e só alimentaram a sua aversão e o seu odio para o tractamento que o Governo dava a seus irmãos. Uma vez, deante de uma dessas demonstrações de atroz deshumanidade, não poude conter-se e commetteu, em legitima defeza de seu irmão, o assassinio do executor, tendo de evadir-se, tanto mais quanto seus proprios irmãos reprovaram este acto que os tornava mais odiados dos Egypcios. E procurou a terra dos Madianitas que do outro lado do Golpho Elianita passaram-se para a peninsula do Sinai.

Os Madianitas filiavam-se a Abrahão por Cetura, concubina deste, e em 1 *Paral.* 2 : 46-50 e 4 : 17 se vê que alguns delles descendiam de Judá,—o que talvez demonstre que os Madianitas residiam perto dessa tribu e

fossem por ella absordidos. Os descendentes do sogro de Moysés são os Kenitas ou Cineus (*Juizes*, 1 : 16). As prophecias de Balaão referem-se a Madian, Moab e Amalek como visinhos uns dos outros.—Estes factos são em favôr da theoria que julga que o Sinai era não ao sul da peninsula arabica mas perto de Cadés em Edom. Mas, em quanto se discutem as varias hypotheses até agora aventadas, preferimos seguir a antiga tradição, como se verá um pouco adeante.

Jethro (Itro) presidia a um dos sanctuarios dessa região como *kohen* ou sacerdote, e Moysés occupou-se de apascentar as ovelhas deste. Um dia, indo com o seu rebanho até a "Montanha de Deus" (har-ha-Elohim) que é o proprio Horeb ou Sinai, Moysés reparou que o matto de espinheiro ardia sem se consumir; mas quando approximava-se ouviu a voz do Anjo de Jahveh [1] que o chamava do meio das chammas, e logo depois o avisou que se não chegasse mais perto: "tira os sapatos de teus pés porque o logar em que estás é uma terra sancta." E a voz continuou: "Eu sou o Deus de Abrahão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob. Vi a afflicção do Meu povo no Egypto, e ouvi o clamor que elle levanta por causa da cruesa daquelles que tem a intendencia das obras. . . . Desci para o livrar . . . e para o fazer passar desta terra . . . para o paiz dos Canaaneus, dos Hetheus, dos Amorrheus, dos Ferezeus, dos Heveus, e dos Jebuseus. . . . Mas vem tu e Eu te enviarei a Pharaó para que tires do Egypto os filhos de Israel, meu povo." Moysés mostrou não ser digno disto e, demais, desejou saber que devia dizer aos filhos de Israel si lhe perguntassem qual o nome desse Deus. Disse Deus a Moysés: Jahveh; *Eu Sou O que Serei.* Muito solemne foi esta revelação por Deus do Seu Nome Sagrado. Até então os Hebreus, de facto todos os Semitas, empregavam a velha palavra *Eloah*, uma das mais antigas da sua lingua, o que representava o poder de Deus, mas em antithese com a fraqueza do homem. De éras remotas applicavam o plural *Elohim*, como o nome de Deus, Senhor e Omnipotente, e no correr do tempo os Hebreus applicavam poeticamente apenas *El* como o nome generico de Deus. Já os Patriarchas para distinguirem Deus dos outros deuses empregavam El-Chadai, esta ultima palavra vindo tambem dos tempos mais primitivos dos Hebreus. Tambem era conhecido no tempo de Abrahão o nome de El-elyon de que a *Gen.* usa quatro vezes, a primeira em relação a Melquizedech, sacerdote em Uru-salem (Jerusalem) do "Deus Altissimo," que o patriarcha reconheceu ser o proprio Deus a Quem adorava.

É muito difficil dar perfeita idéa da raiz da palavra Jahveh

[1] Vida nota, mais adeante, sobre o Anjo de Jahveh.

(Jehovah, geralmente). Ha hebraistas que traduzem : " Serei quem sou." Em todo o caso temos aqui o *Deus pessoal* e não o pluralisado *Elohim*, ou Creador, da Natureza. Temos mais o DEUS do pai de Moysés, o de Abrahão, o de Isaac e o de Jacob, isto é, o do compacto feito com a humanidade para a Redempção,—o DEUS que se define como uma Pessoa, ou antes como o unico que *foi* e *será* ; que subsiste por si por toda a eternidade : a Essencia, e a Vontade soberana e immutavel. É agora o DEUS vivo, que se revela a Seu povo. É o penhor de sua redempção, em cumprimento das Suas promessas anteriores. Seu nome, só, é uma prophecia. Com vagar tractaremos por menor dos nomes de DEUS.

Apezar de ter DEUS condescendido ao pedido de Moysés, revelando-lhe o nome porque queria ser conhecido, allegou elle, sempre retrahido e timorato, que seus irmãos lhe não dariam credito. Prometteu-lhe então DEUS dar-lhe o poder de fazer milagres. Apezar disto, Moysés mais uma vez recuou, lembrando agora que nunca fôra eloquente " e desde que fallaste a Teu servo, me acho mais impedido e mais tardo de lingua." Ao que DEUS responde perguntando-lhe : " Quem fez a bocca do homem ? . . . Vai pois. . . . Eu te ensinarei o que has de fallar." E deu-lhe uma vara com a qual faria os prodigios, que lhe promettêra.

Moysés, pois, voltou ao Egypto com a sua mulher e seus filhos e Séfora, a mulher, circumcida um dos meninos, ainda não circumcidado.—Moysés e Aarão, seu irmão, que fallava mais fluentemente do que elle, apresentaram-se ao Pharaó e em nome de JAHVEH, DEUS dos Hebreus, pediram que deixasse ir o povo, caminho de trez dias pelo deserto, para offerecer sacrificios a JAHVEH. " Não conheço JAHVEH e não deixarei sahir o povo," respondeu o Rei : e mandou-os embora, recommendando aos fiscaes das obras que augmentassem as tarefas dos Hebreus, pois pareciam ociosos : e elles ainda mais opprimiram os pobres captivos. A Moysés, desanimado, JAHVEH, porém, mandou que elle voltasse aos seus irmãos, e continuou : " Dize aos filhos de Israel : Eu sou JAHVEH, que vos hei de tirar da prisão dos Egypcios, que vos hei de livrar da servidão e que vos hei de resgatar com um poderoso braço e por meio de grandes juizos. Eu vos tomarei por Meu povo e serei o vosso DEUS."

Ainda hesitando, Moysés e Aarão apresentam-se deante do Pharaó, que endureceu o seu coração para não ouvi-los. E Moysés usando da sua vara, fez o numero symbolico de dez " grandes juizos " de que JAHVEH fallara :

1º. A agua do Nilo converteu-se em sangue, de modo que

os Egypcios não podiam bebel-a; 2º. Rãs, e depois, 3º., mosquitos cobriram o paiz inteiro, seguindo-se, 4º., uma invasão de moscas e, 5º., uma peste de que morreram cavallos, jumentos, bois e todos os animaes, inclusive os sagrados; 6º. Veiu então uma pestilencia de ulceras e tumores na população; e, 7º., terrivel chuva de grandes pedras, tudo devastando, seguida, 8º., de uma invasão de gafanhotos. 9º. Então trevas horriveis cahiram no Egypto por trez dias, ninguem podendo ver o seu visinho. Ao cabo de cada um desses portentos, o Pharaó parecia ceder e deixar ir o povo: logo, porém, emperdenia-se o seu coração e sustentava a sua primeira prohibição. Avisou então o SENHOR a Moysés que o Pharaó ainda pela decima vez recusaria deixar sahir o povo, mas Elle feriria todo o Egypto com a morte dos seus primogenitos, mesmo os dos animaes; e então os Israelitas, veriam que prodigios fazia o SENHOR por elles.

A teimosia e a birra do Pharaó precisava terminar: DEUS o tolerara com toda a paciencia: elle desprezára muitos ensejos de restabelecer em si mesmo o dominio da justiça e da razão. Os Israelitas eram hospedes, e não captivos seus que pudessem ser obrigados indefinidamente ás mais aviltantes e crueis tarefas. Até agora foi pelo intermedio de Moysés que se lhe infligiram estes castigos portentosos, que sua pertinaz soberba tornara inefficazes. São os mais antigos chronistas do Exodo, J e E, que annunciam que DEUS feriria o Pharaó com mais uma calamidade, e a ultima: "depois disto elle vos largará e até vos constrangerá a sahir" (11 : 1). "Pela volta da meia noite passarei pelo Egypto e todos os primogenitos morrerão."

E no meio da noite DEUS feriu o Egypto nos seus primogenitos, desde o do Pharaó até ao da humilde escrava e aos dos animaes. Por todo o paiz ouvia-se um grito de dôr porque não havia casa sem um morto. E então Pharaó chamou Moysés e disse-lhe: Ide, sacrificai a JAHVEH como desejais, e levai o que vos pertence. O povo tambem apertava com os Hebreus para que sahissem logo da sua terra, e nessa barafunda os Hebreus pediram aos Egypcios "vasos de prata e ouro e muita quantidade de vestidos" (29-34, J; 35, P).

Partiram, pois, os Israelitas, e cozeram a farinha que, já amassada, tinham trazido e della fizeram pães asmos, sem fermento nenhum, apenas cosidos no borralho.

As pragas do Egypto, segundo os trez auctores principaes do Exodo, são estas;

J	E	P
1. Aguas sangrentas	1. Aguas sangrentas	1. Aguas sangrentas.
2. Rãs	.....	2. Rãs.
3. Mosquitos &	.....	3. Moscas.
4. Pestilencia	.....	4. Ulceras.
5. Chuva de pedra ..	2. Chuva de pedra ..	.....
6. Gafanhotos	3. Gafanhotos	.....
.....	4. Trevas	.....
7. Morte d. primog..	5. Morte d. primog..	5. Morte d. primog..

O *Ps.* 77 enumera as pragas seguindo a J, o que denota ser antigo. Já o *Ps.* 104 menciona as trevas de E, as moscas e mosquitos de P, supprimindo a pestilencia e as ulceras de J e P, mostrando ter sido escripto depois de P.—Nestes milagres Deus resolveu aproveitar factos naturaes intensificando os seus resultados. Assim, nas alluviões annuaes que começam em Junho e em que o Nilo arrasta todos os máos sedimentos da Africa, sua agua no Baixo Egypto torna-se infecta, e assume a côr escura do barro, quasi sangrenta. E é então que proliferam as rãs (*rana mosaica*, pequena, de que se regalam as ibis) e comprehende-se como em certo anno extraordinario se tornasse isto verdadeira praga. Esta enorme quantidade de rãs, porém, entrando em decomposição, produz a seu turno outra praga, a das moscas e dos mosquitos e tambem a de um carrapato especial do Egypto, que ataca o homem e os animaes. Em 1842 houve uma destas pestes, que matou muitos milhares de cabeças de gado. A bactereologia moderna demonstra como as moscas e os mosquitos propagam as molestias e dahi a pestilencia que sobreveiu, e que coroou, por assim dizer, as anteriores calamidades. Seguiu-se então a extraordinaria chuva de pedra, abrindo nova série de pragas. No Egypto chove pouco, mas não são raras estas chuvas fortes em Dezembro e Janeiro, que vêm justamente por occasião das colheitas de linho, cevada, etc., acarretando prejuizos enormes ao paiz. E é facto que logo depois dessa calamidade costuma vir a invasão de gafanhotos, de que aliás o Egypto não soffre tanto como, por exemplo, a Syria. Veiu depois o violento e furioso *hamsim*, vento quente, impregnado do pó do deserto, que augmenta a escuridão da athmosphera. Ainda hoje se repete o phenomeno, si bem que não intenso. Por fim veiu a derradeira calamidade, e esta imposta, não por intermedio de Moysés, mas por Deus mesmo, —a da morte dos primogenitos. Foi a catastrophe final com que Deus puniu a contumacia do Pharaó, aliás instigado sempre pela mulher, e ao mesmo tempo irmã.

Este momentoso acontecimento não podia passar sem que delle ficasse um memorial solemne para todas as gerações futuras. E o chronista J narra que Moysés chamou seus

irmãos Israelitas: "Ide e tomai um animal para cada familia e immolai a paschoa" (isto é, a passagem do Senhor). "Ensopai um molhinho de hyssopo no sangue que ha de estar no limiar da porta e borrifae com elle a verga da porta e as duas umbreiras. Nenhum de vós deve sahir da porta da sua casa" (isto é, para fóra de casa) "até pela manhã, porque o SENHOR passará, ferindo os Egypcios; e logo que vir este sangue sobre a verga das vossas portas e sobre as umbreiras passará . . . e não deixará entrar nella o exterminador . . ." (12 : 21-23).

O chronista P que, como se sabe, escreveu a sua narrativa muito posteriormente a J, accrescenta outras tradições. O cordeiro reservado para isto seria recolhido pelos chefes de familia no decimo dia desse mez do anno: seria um cordeiro macho de um anno, sem macula ou defeito. No dia quatorze seria immolado, á tardinha, e o seu sangue espargido na verga e umbreiras da porta. Nessa mesma noite o cordeiro seria assado (não cosido) e comido, com alfaces bravas, pelos da familia; e se não bastassem os membros della para acabarem todo o cordeiro, o chefe devia chamar vizinhos de modo que pela manhã nada ficasse do animal sinão os ossos. O modo de comel-o seria, para cada um, em pé, com os rins cingidos, sapatos nos pés e bordão na mão, como quem vai viajar e está apressado. Será este, continúa Moysés em P, um dia memoravel para todo o sempre.

O chronista mais antigo ainda accrescenta algumas informações e mandados sobre a Paschoa, e o estabelecimento da solemnidade dos pães asmos, para commemoração dessa noite "digna de venerar-se para com o SENHOR" (12 : 42 : 13 : 3-16). "Lembrai-vos deste dia," diz Moysés, "em que vós sahistes do Egypto e da casa da servidão; porque o SENHOR vos tirou daquelle logar com uma mão forte. . . . Vós sahis hoje, no mez dos trigos novos; e depois que o SENHOR te houver introduzido" na terra que jurou dar-te, "comerás pães asmos septe dias e no dia septimo será a solemnidade do SENHOR. . . . E esta solemnidade será como um signal na tua mão, e como um memorial deante dos teus olhos; e para que a Lei do SENHOR ande sempre na tua bocca. . . . E depois que te introduzir na terra dos Canaaneus, separarás para o SENHOR tudo o que abre o utero de sua mãe e todos os primogenitos de teus gados . . . e resgatarás com dinheiro todo o primogenito dos teus filhos. . . ."

Ora, todos esses mandamentos foram cumpridos como o SENHOR mandou. Moysés convocou os Anciãos do povo e deu-lhes instrucções para que mandassem o povo immolar a Paschoa (12 : 21), a "victima da Paschoa do SENHOR

quando Elle passou as casas dos filhos de Israel no Egypto" (12 : 27).

O texto não parece entrar em muitas explicações sobre o sacrificio do cordeiro em si mesmo, muito provavelmente porque não era isso novidade. Desde alta antiguidade sacrificava-se á Deus o primogenito de animaes. Mas a instituição da *Paschoa* se originou no Egypto como solemnidade 1°—para lembrar ao Israelita que Deus o tirara com mão forte de sob a servidão egypcia, 2°—para dar ao Israelita, salvo, um substituto no cordeiro, ao seu proprio primogenito; 3°—para lembrar-lhe que Deus não só destruiu os exercitos do Pharaó como todos os primogenitos do seu paiz. Mais directamente a Paschoa ou *transitus*, como bem o traduz S. Jeronymo, commemorava a passagem, isto é, o *saltar* do Anjo exterminador pelas casas dos Israelitas, marcadas com o sangue do cordeiro, e a passagem pelo Mar Vermelho. A palavra *Pasach* significa, na sua raiz, saltar, passar por alto, poupar, salvar.

Esta solemnidade da sahida de Israel do Egypto foi sendo depois subjeita a modificações, como se vê do proprio Pentateuco e dos Prophetas. O *Ex.* 13 : 3-10 refere-se aos pães asmos; não falla, porêm, do cordeiro paschoal; no *Ex.* 23 : 14-19 é que falla-se desta solemnidade junctamente com duas outras e tambem com a do Sabbado; no *Ex.*, 34 : 18-26 torna-se a fallar della em relação com o resgate do primogenito; em *Num.*, 9 : 1-14 repete-se a ordem da celebração da festa, com algumas instrucções novas, e em *Deut.*, 16 : 1-6 determina-se que de modo algum seja comida a Paschoa fóra do sanctuario escolhido para taes solemnidades. Este mandamento é posterior á J e E; e á collaboração do codigo sacerdotal ou P no Pentateuco é que se devem attribuir a menção dessas alterações da festa introduzidas no decurso do tempo. O que mais nos interessa aqui é a primeira instituição da solemnidade (J E); e sua narrativa consta de *Ex.*, 12 : 21-27, 29 : 39, 42; e 11-12 (P); 13 : 13-16 (J). Depois do *Deut.*, a solemnidade da Paschoa fica sendo o primeiro dos septe dias festivos dos Pães Asmos, sem fermento.

O que parece certo é que os Israelitas conheciam o antigo rito de prestar culto a *Deus*, com o esparzimento do sangue no limiar da sua casa. Com o correr do tempo este rito todo pessoal, da familia e tribu, tornou-se collectivo; e seu character, a principio todo festivo, tornou-se mais e mais sacramental. Emquanto não havia templo nem culto organizado a porta da casa representava os que dentro permaneciam; e as umbreiras, vergas e limiar representavam o altar. Tempos depois determinou-se que a Paschoa devia ser celebrada no atrio exterior do tabernaculo (*Ex.*, 23 : 17 (P); *Deut.*, 16 : 2-8, etc.).

Absolutamente não concordamos com os que sustentam que essa primeira Paschoa fosse festa de alegria. O Deus justo ia punir muito severamente um paiz inteiro e isto, só, não podia dar ensejo a regozijo entre o povo que habitou durante seculos nesse paiz. Deus queria agora fazer *justiça* livrando o aliás peccador Israel; e era preciso que este reconhecesse tambem o seu peccado, seguindo um rito que lembrasse

este facto do sangue substitutivo e ao mesmo tempo o da perseguição do Pharaó. A Paschoa não era só commemorativa mas tambem devia representar a redempção e a sanctificação de que se tornou o symbolo historico. "A morte do cordeiro," diz bem Baumgarten, "não só salvou o homem da morte, mas tambem deu origem a uma vida nova, representada no manjar sacrificial, typico de intimidade com Deus." E si esse manjar deu tambem forças aos Israelitas para a sua imminente viagem é que no mundo um acto correcto nos faz bem, espiritual e physicamente.

—Quanto a não se quebrar osso algum do cordeiro, não significa isso que não pudesse ser desmembrado para ser comido. Mas devia este corpo vir inteiro para a mesa de Deus, este corpo que a todos tocaria em egual convivencia divina. ("Todos nós somos um pão e um corpo,—nós todos, que participamos de um mesmo pão." 1 *Cor.*, 10:17). Era necessario quo o cordeiro *todo, completo,* fosse comido e o que por ventura sobrasse fosse queimado: e por isso é que posteriormente os Judeus procuravam sempre ter dez pessoas para a ceia ou Paschoa: aquelles Israelitas precisavam convencer-se das ideias de unidade e de conclusão, de perfeito acabamento e da Salvação, por este rito representadas. "As 'alfaces agrestes' (*Vulg.*), ou hervas *amargas* (pois o orig. heb. dá ideia exacta de amargôr), além de emprestarem mais sabor á carne doce do cordeiro, lembravam a oppressão do Egypto: não fosse ella, Deus não revelaria a Israel as doçuras e glorias de redempção. E o pão não fermentado, que o *Deut.* chamou depois 'pão de afflicção' (16:3) symbolisava a mesma ideia ainda mais eloquentemente, pois por septe dias o Israelita não podia comer sinão desse pão sem gôsto. Ao mesmo tempo convêm não esquecer que o pão não fermentado era puro, sem a *corrupção* produzida pelo fermento. Já no assar do cordeiro ficava excluida a agua e outra qualquer substancia externa, sinão o fogo.

—O Cordeiro Paschoal, diz A. P. Stanley (*Lect. on the History of the Jewish Church*, London, 1890 (3 vols.) "tornou-se o symbolo do mais sagrado de todos os acontecimentos. A lua cheia da Paschoa, que ha tantos seculos regula o calendario do mundo christão, é, podemos dizel-o, a successora directa no brilhante luar que espalhou seu fulgor nos bosques de palmeiras no Egypto, na 15ª noite do mez de Nizan. Nesta quadra annual, Judeus e Christãos celebram o que, até certo poncto, é uma festa commum, a ambos. Ainda até a mais sagrada ordenança da Religião christã é, na sua fórma externa, uma reliquia da ceia paschal que, no aposento superior do lar judaico, era comida entre hymnos e acções de graças. Até a natureza do pão, tomado em um dos maiores agrupamentos do Christianismo, dá testemunho, nas suas hostias redondas, e azymas, da sua origem judaica e da pressa com que foram comidas."

E o povo israelita sahiu logo dessa terra onde cresceu e multiplicou-se durante seculos. Agora, na sua retirada, veiu aggregar-se-lhe uma grande massa de gente do paiz,—um *vulgus promiscuum innumerabile* como traduz a *Vulg.* que,

todos junctos com os seus gados, concentraram-se em Ramesses para dahi seguirem caminho de uma vida novo.

Ao romper do dia seguinte moveu-se dahi essa mole de, diz o texto, 600.000 homens de pé o que presuppôe uma população de cêrca de dous milhões. Como os algarismos no Hebraico eram expressos em lettras do alphabeto, ás vezes diminutas, devia ter escapado ahi algum erro que se foi perpetuando nos MSS. Apezar de que nos recenseamentos posteriores de que nos dá noticia P em *Ex.*, 38 : 25 e *Num.*, 1 : 45 ; 2 : 32 ; 26 : 51, se tivesse repetido mais ou menos esse numero, a Critica tem demonstrado o seu exaggero ou erro, e do assumpto tractaremos mais adeante.

Evidentemente Moysés pretendia tornar o caminho mais directo para Canaan,—pela Philistéa. Assim, seu primeiro acampamento foi em Sucoth,[1] e como o segundo foi em Etham, ao norte da cidade de Suez, talvez perto da actual estação de Ismailia, no canal de Suez, onde havia bôa estrada de caravanas, deduz-se que Sucoth ficaria a meio caminho entre os dous ponctos : Etham estendia-se á beira do golpho, pois convém não esquecer que este braço do Oceano Indico naquella época prolongava-se muito mais para o Norte do que agora, e Etham ficava numa linha recta a Léste da localidade hoje attribuida a Pithom. Até ahi, pois, o povo atravessara uma fertil planicie, bem cultivada, que corresponde ao Vadi Tumilat de hoje. Este trajecto devia ter abrangido trez ou quatro dias e tudo parecia correr bem quando JAHVEH ordenou a Moysés que voltasse e fosse acampar nas immediações de Fihariroth, entre Magdal e o Mar Vermelho, de fronte de Beelsephon, assentando suas tendas ao longo do mar,—o que se fez.

O Pharaó nunca se convencêra da justiça da causa dos Israelitas ou da necessidade imperiosa de deixal-os ir do Egypto : "não conheço JAHVEH," disse-o a Moysés, e não procurou conhece-lo. Sob a pressão do momento teve de ceder ao clamor geral do seu proprio povo para que Moysés e os seus se fossem embora do paiz o mais cedo possivel. Cessada, porêm, a coacção do primeiro lance, o Pharaó sentiu-se humilhado e vexado por lhe terem quebrado a sua primitiva resolução. Diz mais o antigo chronista J : E lhe foi dicto . . . que o povo tinha fugido. Com isto se mudou o coração de Pharaó, e o de seus servos a respeito deste povo, e disseram : "Que quizemos nós fazer deixando ir a Israel para que elle nos não servisse ?" Pharaó, pois, fez preparar a sua carroça e tomou comsigo todo

[1] Sucoth é a fórma hebraica correspondente a Thkut. O papyro Anastasi de Turim refere-se (Dyn. XIX) á "fortaleza real de Thkut, perto de pantanos de Pi-Tum." Ficava proximo e um pouco a léste de Pithom.

o seu povo (14 : 3, 6). O orgulho, ganancia, e agora o grande rancôr pelos golpes profundos que á sua soberba, inflingiu este povo, tudo concorreu para arruina-lo completamente.

Pensava elle que tinha o inimigo seguro, por não poder safar-se do deserto ; e resolveu ir-lhe no encalço, e desde logo. Do outro lado, ao verem os seus exercitos, os Israelitas perderam o animo ; e com a cobardia de que foram depois dando tantas provas, exprobravam a Moysés o tel-os tirado do Egypto para que morressem na solidão. "Muito preferivel era servil-os, aos Egypcios, do que morrermos no deserto." Moysés fallou-lhes, appellando, com toda a confiança, para Deus. Nunca mais vereis estes Egypcios : "o Senhor pelejará por vós." E Jahveh iria adeante do povo numa columna de nuvem que á noite se illuminaria, para lhes mostrar o caminho.

A ordem dada em Etham para a mudança do itinerario trazia grandes consequencias. A todos pareceria que, proseguindo, como pretendia, para Léste, Moysés estaria breve fóra do territorio egypcio ; agora, em vez de caminhar para ali, tomava para o Sul marchando na direcção do lado Oéste do golpho. Nas margens occidentaes deste Yam-Suph, como era conhecido este golpho ou Mar Vermelho (assim appellidado pela côr da areia de suas praias e pela grande quantidade de coral perto das suas costas) surgem no deserto duas montanhas baixas, deixando apenas uma nesga de areial entre ellas e o mar : essas duas montanhas são o Fihahiroth e o Magdal do texto. Si o novo itinerario assegurava pastagens e agua, do outro lado parecia perigoso aos Israelitas pois poderiam surgir os Egypcios, que, favorecidos pelo golpho a L., os attacariam facilmente, sem lhes deixar para onde fugir. Entretanto, para protecção dos Israelitas, foi muito bem escolhido o itinerario entre aquelles dous pontos pois, marchando para o Sul, pelo menos os seus flancos ficavam protegidos pelo mar e pelas montanhas.

Dentro em pouco, appareceram á distancia seiscentas carroças de guerra do Pharaó, bem armadas,—que foram as que achou á mão no momento,—além das muitas outras carroças particulares ; [1] os Israelitas perderam o animo e com incrivel cobardia exprobravam a Moysés tel-os trazido a estes desertos para morrerem, como se em Gessen não houvesse sepulturas.

"Então o Anjo de Jahveh [2] que caminhava na frente do

[1] As carroças eram de duas rodas, e puxadas por dous cavallos guiados por um homem : outro era o que atirava as settas e ás vezes um terceiro carregava esse armamento.

[2] A *Vulg.* (e, portanto, A. P. F.) substituem aqui "o Anjo do Senhor" por simplesmente *Dominus*, entretanto em *Gen.*, 21 : 17 e 31 : 11 traduz *Angelus Dei.*

campo israelita se foi atraz delles e com elle a columna de nuvem, deixando a frente veiu tambem pairar por detraz, entre o campo egypcio e o de Israel . . . de sorte que os dous adversarios " não se poderam encontrar toda a noite.

Entretanto durante esta soprou continuamente um vento muito forte e o mar seccou e pela madrugada todo o povo israelita pôde passar-se para o outro lado do mar. Vendo isto os Egypcios foram-lhe no encalço mas quando todo o seu exercito achava-se na lingueta de terra que seccára das aguas, estas, tendo cessado o vento, voltaram ao seu leito, " e não escapou dos Egypcios nem siquer um . . . e naquelle dia livrou o SENHOR a Israel da mão dos Egypcios, e os Israelitas viram . . . o grande poder que o SENHOR exercitára." No meio da estupefacção geral " o povo temeu a JAHVEH e creu em JAHVEH e em Moysés, Seu servo " (14 : 28 ; 30 : 31 J).

Apezar de que foi milagrosa a intervenção divina a favor de Israel não quiz DEUS propriamente suspender a acção de leis naturaes mas dar ao povo, que escolhêra, o beneficio de um phenomeno bem estraordinario mas que se tem visto reproduzir ali mesmo e em outras partes. Acreditam muitos dos mais competentes viajantes e exploradores que o poncto do golpho de Suez em que os Israelitas atravessaram-n'o foi justamente na vertente entre o Mediterraneo e o Oceano Indio, entre os lagos Timsah e Ballah, no districto modernamente denominado El Gisr : ora tem-se observado que quando sopra muito rijo o Sudéste as aguas parecem escoar-se para o N. e para o S., de ambos os lados da vertente, chegando-se a ver ás vezes o fundo arenoso desta lingueta. Nesta occasião DEUS mandou um vento muito mais forte, do que costuma soprar ahi, durante toda a noite, de modo que ao povo pareceu que o mar parou de cada lado para deixa-lo passar. A nuvem da rectaguarda interceptava o ataque dos Egypcios, que só no dia seguinte tentaram perseguir os Israelitas ; e, então, refluindo a maré, engolphou-os a todos.

Veja-se tambem *Gen.*, 48:16 em que Jacob pede ao "Anjo" que abençoe a seus filhos, como dirigindo-se a DEUS, e ahi a *Vulg.* traduz *Angelus.*—O "Anjo de JAHVEH" é referido ás vezes, 1° sob a fórma humana, por ex., na apparição em Mambre quando Abrahão preparou uma merenda para os dous homens que lhe appareceram e que foram depois para Sodoma (*Gen.*, cap. 18) ; ou, 2° sob a fórma de chamma de fogo, como neste *Ex.*, 3:2 ou 3° em Sonhos, como a Jacob em Aram. Em todos os casos parece que o "Anjo de JAHVEH" é JAHVEH, Elle proprio que, desde que se manifesta, deixa de ser JAHVEH sem, comtudo, perder e sua identidade ; e foi sempre considerado como o proprio JAHVEH aos que Se manifestava. Assim, no sonho de Jacob, o Anjo diz : ". . . Eu sou o DEUS que te appareceu em Bethel," etc. Agora, nesta apparição a Moysés é o mesmo Anjo que lhe diz : "Eu sou o DEUS de teu pai," etc. E como estes, outros exemplos poderiam ser citados. Mas, ao passo que é innegavel a identidade, é clara a distincção que o V. T. faz. A manifestação de JAHVEH é uma condescendencia : é uma manifestação plena, mas para fim determinado. (Está visto que não nos referimos aqui aos anjos em geral.)

Podemos bem avaliar com que terror correram os Israelitas para o Mar Vermelho, no meio de vento furioso trevas e trovões, fugindo espavorido de um exercito amestrado e ancioso por anniquilar até a ultima das crianças e mulheres. Tambem quando viram-se a salvo, e as aguas voltando a seu leito normal transbordaram a sua alma agradecida nos mais fervorosos hymnos a JAHVEH, que os salvára. O chronista sagrado nos conserva o cantico (depois metrificado) que Moysés e os filhos de Israel dirigiram ao SENHOR (*Ex.*, cap. 15).

"Quero cantar á JAHVEH,
Pois gloriosamente exaltou-se:
Ao cavallo e cavalleiro,
Lançou ao fundo do mar.
Minha força e meu Louvor é JAH.,
É meu DEUS e o glorifico:
JAHVEH é um guerreiro, JAHVEH é o Seu Nome.

"Os carros de Pharaó e seu exercito
Atirou JAHVEH ao mar.
E seus melhores capitães
Submergiram no Mar das algas:
As aguas os cobriram,
Desceram ao abysmo como pedra!
Tua dextra, JAHVEH, gloriosa de força,
Tua dextra, JAHVEH, despedaça o inimigo;
E na grandeza de tua Majestade
Derrubas os teus inimigos.
Envia a tua cólera,
E ella os consome como palha.
As aguas se empilharam,
No coração do mar.
Ao assopro do teu folego
Paradas como comportas;
E as massas d'agua se condensaram.

"Disse o inimigo: 'Persegui-los-hei,
Apanha-los-hei e dividirei os seus despojos;
Elles satisfarão o meu apetite,
Desembainharei a minha espada,
E a minha mão os matará.'

"Sopraste com o teu sopro,
E o mar os cobriu,
Como chumbo submergiram
Nas aguas impetuosas.
Quem ha, JAHVEH, como tu,

Glorioso em Sanctidade,
Adoravel em louvores,
Auctor de maravilhas?
Extendeste a tua dextra
E a terra os sorveu.

"Em tua misericordia tu guiaste
O povo que redimiste:
Por teu poder o guiaste
Á tua sancta habitação.
Os povos ouviram dizer, e tremeram:
Dos habitantes da Philistia apoderou-se angustia.

"E os chefes de Edom desfallecêram;
Dos ehmirs de Moab apoderou-se o tremor,
Todos os habitantes de Canaan derreteram-se:
Caiam sobre ellos medo e terror.
Pela grandeza du teu braço,
Estão immoveis como uma pedra,
Até que passe teu povo, JAHVEH.
E que o que tu compraste
Tu o leves, tu mesmo
E o plantes no monte da tua herança,
No logar que fizeste para morar, JAHVEH.
No sanctuario, Senhor, que tuas mãos estabeleceram,
JAHVEH reinará para sempre e para sempre."

Nos 430 annos em que, diz-nos o texto, Israel demorou-se no Egypto, esta familia que se tornou um povo, apezar de se haver sequestrado de contacto intimo com o povo desses adoradores de animaes, não podia ter-se furtado á luz da sua civilisação, então a mais brilhante da terra. A grande superioridade dos Egypcios em todas as artes de uma nação culta não podia deixar de servir de excellente eschola para Israel. Infelizmente muito pouco sabemos deste longo periodo e só na sua ultima phase ouvimos a narrativa da inflexivel oppressão de um Pharaó. Seria grande illusão suppormos que os Israelitas depois desses seculos de residencia no Delta, de onde se espalharam por todo o paiz, eram os mesmos nomades que ali entraram a convite de José. Deviam ter aprendido muitas das artes mais adeantadas da vida practica. Este poncto é muito importante, pois auctores ha que pinctam os Israelitas no deserto, em demanda de Canaan, com as tinctas negras de um povo quasi primitivo.

A sua religião, porém, simples e patriarchal, é que necessariamente soffreu muito não tanto da approximação com os cultos

aos deuses do Egypto como da propria negligencia do povo hebreu. Parece que nem practicavam a circumcisão geralmente, pelo que os Egypcios os tinham em abominação por impuros. De facto, era profundo o desprezo que estes votavam aos Israelitas não só pela sua principal vocação de pastores como pela sua apparencia menos aceada, suas barbas compridas, o uso que faziam do jumento, animal por elles detestado, e, de mais a mais, pela molestia da lepra, de que muitos delles soffriam. Entretanto no meio desta degradação, o hebreu devia conservar gravado no fundo de sua alma reminiscencias das tradições de seus avós sobre o poder e a bondade de Deus que se dignara escolhel-os para fundarem o povo que servisse de testemunha de Deus, mesmo, na historia da Redempção. É impossivel que Moysés, ainda quando se lhes dirigiu em nome de Jahveh, encontrasse o apoio sympathico que achou, si não existisse nos corações alguma faisca daquelle sagrado fogo da antiga fé.

Os Israelitas deixavam de ser nomadas : na solemnidade da Paschoa,—a primeira festa da Velha Alliança e antes mesmo do Exodo, elles se consolidaram num povo que ia em breve receber a organisação religiosa e civil. Estes grandes bandos de despreziveis servos, que causaram a ruina do Egypto, tornavam-se numa nação compacta e forte.

A passagem do Mar Vermelho, que ainda hoje fere a imaginação de todos nós, electrisou este povo, como a Marathonia fez depois aos Gregos. Os Israelitas nunca tomaram para si qualquer parte da gloria do feito, mas sempre deram-na toda a Deus, que os redimio, e que castigou o orgulho mundano do oppressor ; a Deus, unico e eterno, Deus de todos, e que, entretanto, faria delles o Seu povo.

Precisamos admirar, após seculos de degradante degredo, o gráo elevado de fé em Deus que tinha este povo já tão consideravel ; do outro lado, a illimitada confiança em Moysés. Nem se póde allegar que as calamidades que sobrevieram aos Egypcios deviam forçar os Israelitas a seguirem a direcção de Moysés : pois como não conseguiram ellas convencer a Pharaó e ao seu povo ? No meio da sua condição de servidão Israel poude perceber e sentir a mão invisivel que o guiava por meio desse seu irmão : poude discernir o Deus-Espirito que fallara a seus pais, e que vinha cumprir as Suas gloriosas promessas. A grande licção da passagem do Mar Vermelho nas palavras eloquentes de Ewald, ensina que " a verdadeira libertação e felicidade,—isso não obtemos só de nós mesmos, por impeto e brilho pessoal, mas sim pela perfeita conformidade com o mais alto poder invisivel, sempre agindo no momento opportuno

para o bem do individuo, combinado isso com todo o nosso vigoroso esforço pessoal para o mesmo fim."

Ainda entre os criticos mais exigentes não ha duvida sobre a historicidade da travessia a sêcco do Mar Vermelho. No *Exodo* vemos duas tradições deste facto: a primeira, e mais antiga, é a do cantico e, depois delle, de J, segundo a qual um fortissimo vento du Sul (ou antes do Sudéste, pois para os ponctos do horizonte o Hebraico só tinha nomenclatura para os quatro cardeaes) fez seccar o fundo do "Mar" e os Israelitas passaram; ainda depois outro vento reuniu as aguas afogando os perseguidores. A segunda tradição é a de E e de P e segundo ella Moysés emprega a sua vara por cuja virtude as aguas separam-se formando verdadeiro muro de cada lado, permittindo assim a travessia. O elemento milagroso que realmente consistiu na opportunidade e intensidade de um phenomeno natural naquellas paragens, é exaggerado, na segunda tradição, pela admiração inconsciente das gerações futuras, desta real e efficaz intervenção de Deus para a libertação do Seu povo.

Como dissemos não sabe-se ao certo o poncto exacto do isthmo em que os Israelitas atravessavam o Mar: lidamos apenas com conjecturas que podemos reduzir hoje a trez ou quatro. Para comprehender bem o assumpto faz-se preciso ligeiro exame da topographia desse terreno que é hoje o do canal de Suez.

Os 160 kilom. que vão de Suez ao Porto Saïd são interceptados por varios lagos, a saber, começando pelo Sul, os Lagos Amargos, o pequeno e o grande, na extensão de 30 kilom., o lago Timsah (L. do Crocodilo) e depois a serie dos lagos Ballah, e emfim o lago Menzaleh, perto de Porto Saïd, com 9000 m.q. de aguas escuras. É por esses lagos que passa o moderno canal de Suez. Entre o Menzaleh e o Ballah existe apenas um promontorio de poucos metros de largura chamado hoje El-Kântara (a ponte) e que era a entrada da estrada de caravanas do Egypto para a Syria. Entre os lagos Balah e o Timsah o isthmo eleva-se á altura media de dezeseis metros, n'uma largura de cêrca de 16 kilom., formando um districto chamado apropriadamente El Gisr (a represa). Este poncto mais alto do isthmo foi a parte mais difficil que offereceu ao córte do canal de Suez. Depois do lago Timsah estende-se outro trecho de terra entre elle e os longos Lagos Amargos, e que é o em que se acham Serapeum, e as ruinas do monumento de Dario. Finalmente entre os Amargos e o actual Mar Vermelho vemos hoje uma grande planicie arenosa, o Shaluf-Jerrabeh, que acaba, perto do Mar Vermelho, em extensas lagoas com canniçaes.

A geologia prova que em tempos muito antigos todo este trajecto, pelo menos o de El Gisr até Suez, formava um braço estreito e continuado do Mar Vermelho, que se foi seccando graças ás areias sopradas pelos ventos do L. Antes do periodo pleistocenio a communição do Mar Vermelho com o Mediterraneo era um facto bem comprovado pela sciencia. Todo esse braço d'agua salgada era chamado geralmente *o mar* (*Yam*): *o mar* por excellencia era o Mediterraneo e, como este

formava o limite occidental da Palestina, tambem significava o oéste. Mas ainda modernamente os lagos eram chamados mares,—o mar do Arabah (Lago asphaltite), o mar de Chinnereth (o lago da Galiléa, *Num.*, 34:11), etc. Ao proprio Nilo chamavam o mar, como ainda hoje os Arabes, El Bahr (*Is.*, 18:2), e o mesmo com o Euphrates (*Is.*, 21:1, *Jer.*, 51:36).

O texto biblico nos diz (P) que quando o povo depois que sahiu de Socoth, se acampou "em Ethão no extremo do deserto" (13:20), Moysés foi intimado a faze-lo *retroceder* e ir acampar-se "deante de Pihahirot que fica entre Magdal (ou Migdol) e o mar, defronte de Baalsephon" (14:2). E foi dahi que se fez a travessia. A palavra Pihahirot tem um cunho egypcio, *pi* significando casa. Migdal é o *migdol* hebraico, torre, de que havia muitas na fronteira egypcia. O explorador Naville, já citado, identifica Pihahirot com o templo de Pikeheret, dedicado a Osiris, perto de Thuckhe, a colloca-o a doze milhas a léste de Pi-thom na margem SO. do Lago Timsah, e por conseguinte um pouco ao N. da actual estação de Serapeum do canal de Suez (V. Driver, *Camb. Bib., Ex.*, 122). Isto faz com que Naville sustente que provavelmente a passagem foi na parte meridional do Lago Timsah. O vento do SE. de que falla o texto viria exactamente na propria direcção em que se estende o lago de NO. a SE. Entretanto, dessa opinião discorda A. H. M'Neile (*Book of Ex.*, xcvi e seg.) que ignora então porque o texto mandou que os Israelitas *retrocedessem* porquanto a passagem seria mesmo ali, á L. E elle sustenta que o local deveria ter sido ao S. dos Lagos Amargos. Outros preferem um local mais ao N. no El Gisr, de que tractámos e afinal outros, seguindo cegamente a tradição E P pretendem que a passagem foi muito ao sul em pleno Mar Vermelho ou Golfo Elanitico. A opinião de Naville é, para nós, a mais fundamentada. Comprehendemos que Moysés se estivesse dirigindo para El-Kantara, ou a estrada das caravanas da Syria e que logo depois de começar a viagem tivesse ordem divina de marchar para traz, caminho de Ethão, e que a passagem fosse a 10-12 kiloms. abaixo. O facto é que por ora não tem sido possivel, como dissemos, fixar o local dessa travessia, e de facto quasi nada importa isto á historicidade do facto, sempre admittido. (Para mais esclarecimentes, v. *Store-City of Pithom* . . . de Naville, 4ª ed., pag. 31 e seg., e o seu pequeno art. com mappa no *Smith, Dicc. of the Bible*, I, parte 2, pag. 1026).

O cantico de louvor, na opinião de Reuss (*ad loc.*) e de facto de todos os criticos, é um dos monumentos mais antigos e formosos da litteratura hebraica, pela bellesa da linguagem energia da expressão e frescôr das imagens. Ewald, Dillmann, Delitzsch, Driver e outros vêm aqui e ali traços de sabôr mosaico. Mas Reuss e tambem M'Neile vêm nelle uma obra completa e bem acabada de tempo posterior, Reuss attribuindo-a á era de Salomão e M'Neile muito depois. Parece-nos que a um canto original que ia até o verso *E a terra os sorveu* accrescentou-se posteriormente o resto do cantico, referente a assumpto mais recente: nota-se differença no proprio estylo.

Alguns criticos têm opinado que o cantico era até anterior á narrativa do *Ex.*, 13 : 17—14 : 31. Segundo outros, é o contrario que se dá. O vers. 8 parece presuppôr o vento de J e as muralhas d'agua de E e de P; e os capitães do vers. 4 do cantico lembram os do vers. 7 do cap. 14. E alem disso a linguagem não é nada archaica mas corrente e pura como a de uma composição bem estudada e classica; e todo o cantico mostra o parallelismo synthetico da poesia hebraica de seculos posteriores, ao passo que no vocabulario notam-se muitos expressões de *Jeremias*, *Ezekiel* e dos *Psalmos* mais modernos (V. M'Neile, *ob. cit.*, 88, 89). A opinião de Wellhausen, Driver, Moore, Duhm e Budde é que ha neste cantico um nucleo mosaico que foi expandido e trabalhado, Driver e Reuss julgando que occorreu isso na epocha davidica.

Em toda a historia de Israel esta passagem do Mar Vermelho foi sempre lembrada com o maior enthusiasmo como, até então, o mais assignalado exemplo do poder de Deus para livrar um povo da escravidão, —mas do Deus de Israel. Disto dão prova: *Deut.*, 11 : 4; *Jos.*, 24 : 6, 7; *Is.*, 51 : 10; 63 : 11-13; *Ps.*, 65 : 6; 73 : 13, 14; 80 : 7; 88 : 10; 105 : 9-12; *Nah.*, 1 : 5; *Ex.*, 12 : 27; 13 : 8, 9 e seg.; 20 : 2; 34 : 8; *Amos*, 2 : 10; 3 : 1; *Os.*, 11 : 1; 12 : 13; *Mig.*, 6 : 4; *Deut.*, 4 : 34; 6 : 21-23; 7 : 8, 19; 11 : 3, 4; 15 : 15; 16 : 1, 3, 6; 26 : 8; *Neh.*, 9 : 9-12; *Ex.*, 32 : 11; *Deut.*, 9 : 26-29; *Jer.*, 32 : 21; *Mig.*, 7 : 15; *Is.*, 63 : 11-14, etc. (Cp. Driver, *Ex.*, 131, 132.)

—Os assumptos tractados neste Cap. offerecem grandes difficuldades algumas das quaes a Critica não tem ainda conseguido esclarecer.

Antes de tudo temos a questão da demora dos Israelitas no Egypto que P diz em *Gen.*, 12 : 14 ter sido de 430 annos, o auctor mostrando saber o que disse J em *Gen.*, 15 : 13, 16, que a descendencia de Abrahão permaneceria no Egypto quatro gerações de cem annos. Parece ter fundamento historico a declaração de P apezar de que a chronologia apresente aqui tanto embaraço que os traductores gregos da LXX no terceiro seculo antes da nossa era, pensando que enfrentavam um erro ou inserção no texto que precisavam rectificar, cortaram pela metade os 430 annos fazendo o texto dizer em 15 : 13 que a demora dos Israelitas "na terra do Egypto *e na terra de Canaan*" foi de 430 annos, isto é, 215 annos entre Abrahão e a entrada de Jacob no Egypto, segundo P em *Gen.* 12 : 4; 21 : 5; 25 : 26; 47 : 9; e 215 annos no Egypto até o Exodo.

Mas si P parece ter razão em fixar o numero de 430 annos para a estadia de Israel no Egypto, esse algarismo seu fica inexplicavel deante de outras declarações delle mesmo em que embaralha a sua chronologia com a demonstração que pretende dar conciliando os 430 annos com as gerações de Levi, filho de Jacob, pai de Caath, pai de Amrão que foi o pai de Moysés. Elle dá a Levi, de edade quando morreu, 137 annos, a Caath 133 e a Amrão 137 annos, e a Moysés quando começou a sua grande missão, 80 annos. Jacob foi para a Mesopotamia aos 76 annos de edade e lá esteve vinte annos até os 96. Aos 83 casara-se e o seu terceiro filho Levi nascêra-lhe aos seus 86 annos. Ora como diz *Gen.*, 47 : 28 (P) que tinha 130 annos quando emigrou para o Egypto segue-se que Levi o

bisavô de Moysés, contava então 46. E como Moysés já tinha 80 annos, segundo o texto, quando sahiram os Israelitas do Egypto e como, segundo o mesmo texto, a demora delles nesse paiz foi de 430 annos, segue-se que estes 430 annos compõem-se dos que ainda viveu Levi, acima de 46, e dos das vidas de Caath e Amrão e mais oitenta annos que já vivêra Moysés. Deduzindo 46 e 80 de 430 ficam 304 annos para o resto da vida de Levi e para as duas vidas de seu filho e de seu neto e isto é ainda suppondo que cada um destes trez morria quando lhe nascia o filho. Ora isto demonstra que a chronologia de P não é historica.

Ainda mais: segundo *Num.* 3:27 e seg. a descendencia de Caath, filho de Levi, por occasião do Exodo, era de 8600 pessoas masculinas ou o total de 17000 descendentes deste avô de Moysés provindos de um só homem no maximo de 430 annos. Isto significaria que Caath e o pai de Moysés teriam tido 4000 filhos cada um!

O facto é que não existe baze segura para se julgar exactamente da duração da residencia de Israel no Egypto, nem na Biblia nem nos monumentes já achados nas escavações egypcias. Segundo Flinders Petrie[1] foi de 820 annos o intervallo entre a chegada de Abrahão a Canaan e o Exodo, assim discriminado:

Chegada de Abrahão a Canaan . . .	A.C. 2110
Entrada de Israel no Egypto . . .	1650
Exodo	1220

Isto dá 460 annos para o intervallo entre a chegada de Abrahão em Canaan e a de Israel no Egypto e 430 annos para a permanencia de Israelitas neste paiz: em nosso cap. sobre a Chronologia os resultados a que chegámos foram respectivamente 500 e 385,—uma differença de apenas 40 e 45 annos.[2]

[1] *Egypt and Israel*, ed. de 1912, pag. 38.
[2] V. adeante, Cap. XLI.

CAPITULO XXXVII

PELO DESERTO DO SINAI

Livres do jugo egypcio, os Israelitas bem podiam agora, do outro lado do mar, olhar para a Africa como um passado que não voltaria. Gessen lhes serviu de viveiro: iam ser agora transplantados para o sólo em que deviam crescer e fructificar como nação e povo independente, até a épocha da sua decadencia politica, e em que seria enxertado em si mesmo todo o genero humano, como co-herdeiro da promessa que Jahveh fizera a Abrahão, a Isaac e a Jacob (V. *Rom.*, cap. 11). Antes disso, porém, era necessario que o povo israelita passasse por uma longa provação de quarenta annos de vida no deserto; uma geração nova, nascida naquelle ar puro, e levando a vida dura, severa, simples do beduino, devia surgir, forte e vigorosa, imbuida de novas ideias, prestes a luctar para a posse da sua terra definitiva. Da vida desses quarenta annos temos infelizmente muito poucos dados no Pentateuco. Os escriptores sagrados interessaram-se sobretudo nas leis, mandamentos e decisões de Deus dados por Moysés ou bazeados no seu ensino, de modo que recorrem á historia civil sómente emquanto serve de fundo em que se desenvolvem as instituições legaes. Entretanto estudemos os poucos acontecimentos que são narrados.

Depois da passagem do Mar, Moysés dirigiu essa multidão, com os seus gados, para o deserto de Chur (Shur).[1] Moysés ia começar a sua longa viagem, e chegando á cabeceira do golpho em Ayun-Musa, penetrava no que chamamos a Peninsula do Sinai, onde permaneceria tantos annos, e sobre cujo aspecto geral diremos algumas palavras.

A Peninsula é um triangulo invertido, com o vertice no Oceano Indico e ligeiramente voltado para SO.—O lado ao longo do Mar Vermelho, ou Yam-Suph dos antigos, mede 212 kilometros, o de Mar de Akabah, 310 kilometros, a base orçando por cêrca de 250 kilometros. Esta base, porém, póde-se dizer que estende-se para o norte até o Mediterraneo, cujas margens eram occupadas pelos Egypcios, Philisteus

[1] *Chur* significa *muralha*: Quando se entra nesse deserto o que mais impressiona o viandante, diz Palmer, é esta muralha enorme de montanhas que se estende parallela á costa do Mar Vermelho.

e Phenicios, e a grande área da Peninsula sendo limitada a O. pela linha do actual canal de Suez e á L. pelo deserto de Zin e pelas terras do S. de Canaan, occupadas pelos Edomitas, Ismaelitas, Amalecitas, e outros povos ou tribus delles.

O grande deserto, mais ao N., era o de Chur, já citado na Biblia, seguindo-se o de Paran ou Tih (dos Errantes), no centro da Peninsula, e ao Sul, tendo á esquerda o de Etham, e á direita o de Sin, a O., o dos Montes Sinai-Horeb. (É preciso não confundir Sin com Zin.)

O deserto de Tih (Paran) fórma um grande planalto de pedra calcarea que vem subindo do Mediterraneo para o Sul. É hoje muito monotono, com uma Nukhl ou palmeira-anã, aqui e acolá. Esse planalto vai-se elevando de 300 a 1000 metros de altura, até esbarrar-se nas montanhosas regiões de Jebel-el-Tih e Jebel-Ejmed, donde abrem-se duas gargantas para a planicie de areia chamada Debett-el-Ramleh, que corre de E. a O., e que separa essa região elevada da dos grupos massiços de montanhas entre as quaes está o Horeb ou o Sinai. Podemos reduzir estes grupos a tres principaes : o do O. é dominado pelo Monte Serbal (2880 m.), o do centro pelo Jebel-Musa, Monte de Moysés ou Sinai (2265 m.) e mais ao Sul, perto do vertice do triangulo da peninsula, pelo Jebel Katherin (2000 m.). Toda esta região montanhosa, de origem ignea, é de quarzito ou arenite : as montanhas são, até certa altura, de granito roseo syenitico, associado a outras rochas chrystalinas ; e cinzento dali para cima. A unica vegetação que se encontra é uma especie de espinheiro ou sarça. A nudez grandiosa, severa e terrifica desses grupos, as côres mysteriosas de suas encostas, do verde escuro ao vermelho e purpureo ; a complicada lucta dos innumeros picos para proeminencia e que dá a cada um, visto a distancia, o aspecto de gigante torre de cathedral, este admiravel consorcio de magnificencia e de desolação no meio do mais profundo silencio das solidões, em que qualquer som repercute de modo ao mesmo tempo solemne e amedrontador, tudo concorre para que o viandante se convença de que não havia na terra outro local, como este, mais moldado para servir de scenario á promulgação da Lei fundamental das duas Taboas, que o povo ouviria de longe, aterrorisado pelas vozes e trovões e relampagos sobre o monte fumegante.

Os montes elevam-se, de 300 a 700 metros sobre as planicies que recebem as suas chuvas, e que formam verdadeiros valles tortuosos, ora estreitos ora largos, e que se chamam *uadis*. Si alguns dos montes apresentam sobre os *uadis* uma linha a prumo, outros delineam suaves encostas, formando grotas ou

pequenos *uadis* na base, os quaes tornam-se, nas estações chuvosas, outros tantos riachos que alimentam a torrente nos uadis maiores. Não é de admirar, pois, que estes, assim regados, ás vezes mostrem um aspecto feliz e risonho, em contraste com a rigida austeridade das massas rochosas que os dominam. Alguns delles tem, aqui e ali, trechos de vegetação até luxuriosa. Geralmente fallando, porém, a flora do deserto é muito reduzida. Tirante do tamariz (Tamarix manifera), da acacia selvagem, que é a sarça espinhosa que os Arabes chamam *Sunt*; a pequena arvore do *Sayal*, antigamente o Chittal e (no plural) *Chittim* dos Hebreus (de cuja madeira se fez o Tabernaculo, por instrucções de Moysés); e tambem excepto as trepadeiras, nas grotas, as capparideas e o *ezop* ou hyssopo, e outras labiadas aromaticas, nada mais ha que notar. As palmeiras, pequenas e delapidadas, ainda assim quasi não se vêm.

Os *uadis* são os meios regulares communicação nesta Peninsula, alguns delles estendendo-se por muitos kilometros, communicando-se com outros, de ambos os lados.

Durante tres ou quatro mezes no anno cahem de repente fortissimas chuvas, que em duas ou tres horas inundam os *uadis*, que se tornam verdadeiras cachoeiras carregando tudo, homens, animaes, etc., deante de si, e destruindo tudo. O vento africano *chamzim* que sopra em certas estações põe á prova os mais robustos, sobretudo pela falta de respiração que causa. As oscillações da temperatura medem as vezes 30° cent. num só dia solar e, não fosse a pureza do ar, não se poderia viver ali. A limpidez da atmosphera e a luz intensa destacam as mais delicadas côres das montanhas, tornando-as quasi phantasticas.

Toda a população actual da Peninsula orça por uns 6000 Beduinos, que se occupam sobretudo em fazer carvão de páo do espinheiro, que vendem para o Egypto. A pobreza dessa gente e os poucos recursos locaes devem contrastar com a prosperidade e fartura que outrora poderiam existir quando até eram trabalhadas importantes minas de ferro, cobre e turquezas.[1]

Diz o texto (*Ex.*, 15 : 22) que depois da passagem do Mar a primeira etapa de Moysés e do povo foi de tres dias, no deserto de Chur, de que já fallamos, e que "não achavam agua."

[1] Maspero, *Hist. anc. des Peuples de l'Or.*, menciona os Pharaós Snofroni (o Soris de Manetho), Kleops, Pepi I (7ª dynastia), Pepi II até Ramsés II como exploradores das minas do Sinai, alguns tendo tirado dellas enormes rendimentos. Essas minas estavam sobretudo, segundo Brugsch (*Wanderung nach den Turkismincen der Sinai-Halbinsel*) nas proximidades de Serabit-el-Khadim e de Magharah. O romance de Ebers, *Uarda*, occupa-se da vida nessas minas.

A esse deserto chama de *Etham* o *Num.*, 33 : 8, donde se vê que davam-lhe os dous nomes. É impossivel fixar ao certo a localidade de Mara cujas aguas amargosas não puderam beber. Quasi todos os viajantes, porém, procuram identificar Ain-Hawarah com ella. Ha ali um poço de pequeno diametro, num cômoro de areia, cuja agua parece sal de Epsom, diz um delles. Moysés lançou dentro do poço qualquer cousa tirada de uma arvore e as aguas se tornaram doces : alguns acreditam que fosse a casca da *garkaa*, mas sem fundamento : outros que houvesse tomado alguma madeira que attrahisse todo o sal. Provavelmente o poço era então amplo e produzia muita agua, si era esse de Hawarah de hoje. Dali seguiram Moysés e o povo para Elim, situado, segundo uns, no *uadi* Ghurundel ou Gharandel, a que hoje se vai em duas horas de camello ; e, segundo outros, mais ao S., no *uadi* Useit ou no Tayibeh. Todos tres são logares muito aprazíveis com bastante agua e vegetação.

De Elim seguio a grande comitiva para o deserto de Sin que margêa a ponta da Peninsula do lado O. E ahi o povo murmurou contra Moysés por falta de viveres, chegando ao extremo de clamar que preferiam ter morrido no Egypto " junto ás panellas das carnes e comendo pão com fartura " do que vir para esta terrivel solidão. Deus os ouviu e fez annunciar que lhes mandaria, alem de codornizes, " pães do céo." Era o manná que, dado dahi por deante, durante os quarenta annos em que Israel veiu a residir no deserto, nunca deixou de cahir todos os dias, excepto no sabbado ou dia do repouso, e que se tornou o seu pão quotidiano. Era um grão como pisado e parecendo á semente do coentro, e de que os Israelitas apanhavam só o necessario para a subsistencia daquelle dia, e na vespera do sabbado para esse dia : apodrecia, si guardado mais de um dia, excepto neste ultimo caso. É dessa substancia, como o trigo, que se cosia o pão.[1] Não contente com isso, Deus fez chover sobre os acampamentos, nuvens de perdizes ou codornizes.[2] Moysés avisou, porém, o povo que as suas murmurações e maledicencias não eram contra elle, " mas contra Jahveh," que tinha sempre sido o seu sustento. Elle tambem mostrou-lhe que na ordem de se não apanhar o manná no Sabbado, Deus accentuára a necessidade da sanctificação desse dia septimo (*Ex.*, 16 : 14-36).

[1] Nos grandes districtos do Sinai cresce um tamariz que dá um grão, cujo gosto e apparencia, dizem, são identicos aos do manná e dahi o arbusto tamarix mannifera. Mas este não póde ser cosido, não tem chrystaes de mannino, mas só materia saccarina. Os Arabes chamam-na *tarfah*.

[2] Flavio Josepho chama-as *ortux* e a versão LXX de *ortugometra* e os Arabes *fata*. Na primavera e outono, migram para o N. e S., voando muito baixo e, quando fatigadas, repousam no chão.

Depois de demorar-se uma semana no deserto de Sin e de ter passado por Dofca e Alus (*Num.*, 33 : 12-14),—estações até hoje não identificadas, os Israelitas pararam em Rephidim, que muitos querem identificar com *Feyran*, e tambem com *Faran* ou Paran. Fosse onde fosse, o acampamento mais uma vez carecia de agua e o povo por pouco que não apedrejou Moysés clamando : " Porque nos fizeste sahir do Egypto para nos fazeres morrer á sêde a nós, nossos filhos e aos nossos animaes ? " E Deus mandou que Moysés fosse á " pedra de Horeb " ferindo-a com a vara, para que della brotassem jorros d'agua que o povo bebesse. E assim se fez, a pedra tomando o nome de *Meribah*, ou tentação. A este grande milagre referem-se as Velhas Escripturas frequentemente (ex. : *Ps.*, 77 : 16 ; 104 : 41 ; *Is.*, 48 : 21, etc.). Apezar do nome, a pedra não era ali perto do " Monte de Horeb " ou Sinai proprio, pois o *Exodo* chama Horeb e Sinai, e—deserto de Sinai—todo aquelle districto.

Deu-se em Rephidim a primeira lucta em que se empenhou Israel, apezar de que quasi todos os criticos opinam que este acontecimento pertence á ultima parte da passagem de Israel pelo deserto. Ao entrar a multidão ali, e emquanto a vanguarda exprobrava a Moysés a falta d'agua, a rectaguarda, que consistia dos velhos, crianças e dos mais fracos, foi atacada por uma tribu de Beduinos rapaces, os Amalecitas, ou descendentes de Amalec. O *Deut.*, 25 : 18 descreve como foi cobarde este ataque aos Israelitas " que, cansados, ficavam atraz ; quando tu estavas consumido de fome e de fadiga, sem que elle (Amalecita) tivesse temor algum de Deus." Moysés ordenou que Josué, seu companheiro pessoal,[1] escolhesse gente e attacasse a Amalec. Moysés, Aarão e Hur subiram ao cume do outeiro e quando Moysés tinha as mãos levantadas, venciam os Israelitas : quando, por fadiga abaixava a mão, ganhavam vantagem os Amalecitas ; de modo que Aarão e Hur sustentavam os braços de Moysés, e Josué fez fugir o inimigo e inflingiu-lhe grande mortandade. Por esse ataque tão cobarde Deus mandou que Moysés escrevesse num Livro que Elle extinguiria a memoria de Amalec debaixo do céo.

A lista mosaica das tribus com que os Israelitas tiveram de lidar, em *Gen.*, cap. 10, não inclue a dos Amalecitas. Entretanto em *Gen.*, 36 : 12, 16 e I *Paral.*, 1 : 36, vem mencionado Amalec entre os netos de Esaú ; e seus descendentes são, pois, Edomitas ou Idumeus, e como taes os considerava Flavio Josepho. Habitavam elles, sobretudo, o sul da Palestina e a Arabia Petrea, donde faziam incursões pelos paizes visinhos :

[1] É a primeira vez que apparece este nome, o que faz crer que esta narrativa é de acontecimento occorrido posteriormente.

de facto penetraram em Canaan; e em Ephraim surgia um "monte de Amalec" (*Juizes*, 12 : 15). Alguns auctores (Ewald, Knobel, etc.) entendem que estes Amalecitas pertenciam á tribu arabe, semitica, de Lud e que eram antiquissimos: dahi a referencia que lhes faz Balaão (*Num.*, 24 : 20). Seus argumentos não são convincentes.—A narrativa, neste poncto da historia do Exodo, deste attaque dos Amalecitas, parece deslocada; e crêm quasi todos os criticos modernos que ella pertence realmente a um periodo posterior da narrativa do deserto, da qual algum redactor dos antigos materiaes do Pentateuco, a deslocou aqui.—Veremos depois os Amalecitas á testa da confederação de Canaanitas que disputaram a Israel a entrada da terra de Canaan.

Vê-se, pois, que Moysés sabia escrever, e que trouxera esta arte do Egypto (V. mais 24 : 4; 34 : 27; *Num.*, 33 : 2; *Deut.*, 31 : 9, 22, 24). Entendem uns que o alphabeto hebraico veiu da Assyria, outros da escripta hieratica do Egypto. Foi o egyptologo francez M. Emmanuel de Rougé que descobriu que esse alphabeto foi tirado do mais antigo alphabeto egypcio, do velho Imperio, ha cêrca de 5500-6000 annos. Como se vê do papyro Prisse—que é o mais antigo que existe (acha-se na Bibliotheca Nac. de Paris) os Egypcios aproveitaram 45 dos jeroglyphos mais usuaes para fins alphabeticos e os Hebreus tomaram depois 21 desses characteres, accrescentando um de origem não egypcia. V^e^ o art. do Dr. I. Taylor, No. 1° vol. do *D. B.* pag. 72 e seg. com quadro comparativo dos alphabetos egypcios, aramaicos e hebraicos em varias epochas.

O texto occupa-se então de uma visita que o sogro de Moysés, Jethro, lhe fez, trazendo-lhe a mulher, Sephora, e seus dous filhos. Alguns criticos entendem que este incidente pertence ao periodo posterior, que seguiu-se á promulgação da Lei. Sabendo do que Deus havia feito por Israel, livrando-o do Egypto, o sacerdote madianita abençoou o Eterno por haver castigado a soberba do Pharaó. Vendo Moysés, assentado, julgando as causas ou questões que lhe trazia o povo para sobre ellas pronunciar "a sentença de Deus," e para decidir segundo "os preceitos de Deus," Jethro aconselhou-o a organisar a justiça constituindo juizes sobre mil, outros sobre cem e outros sobre dez, isto é, com instancias de que Moysés seria a superior, decidindo dos negocios mais difficeis. E Moysés seguiu estas suggestões do sogro (cap. 18).

Os Israelitas tinham partido de Elim no 15° dia do 2° mez depois que sahiram do Egypto. Agora no 15° dia do 3° mez, chegavam ao Sinai, de Rephidim. Uma vez no deserto de Sin, ou planicie de El-Kaa, Moysés podia escolher um dos tres caminhos para o Sinai: ou pelo *uadi* de Hibran e depois o de El-Sheik, que na sua ultima parte apresentaria grandes difficuldades; ou então pelo *uadi* Naseb (cobre), mais ao norte, e perto das antigas minas, onde tambem haveria falta d'agua; ou então pelos *uadis* Mukatteb (circulos dos cartuchos ou

inscripções),[1] Feyran e Esh Sheik por onde galga-se o Jebel Musa sem difficuldades maiores. O Feyran, a cinco horas do primeiro, é o paraiso da Peninsula, o maior, o mais largo e mais fertil de todos os seus valles. Das alturas das ruinas da antiga Faran sobe-se para o *uadi* Esh-Sheik onde, depois de dez horas de viagem, chega-se na planicie de Er-Rahah, ao norte do grupo central das montanhas do Sinai. É o mais longo mas o melhor caminho esse que vai primeiro de O. a E. e então desce para o S. Alguns auctores collocam Rephidim em Feyran; mas acontece que ha abundancia d'agua em Feyran e Rephidim carecia della, além de que Feyran fica a dous dias de marcha da planicie do Sinai ao passo que, segundo o *Ex.*, 19 : 1, Israel chegou ahi no mesmo dia em que sahiu de Feyran.[2]

É do *uadi* Esh-Sheik que se sobe, penosamente, ao alto do monte Serbal, que muitos tem pensado ser o monte da dispensação da Lei.[3]

O local tradicional do monte Sinai tem sido geralmente reconhecido, desde o Seculo VI, no reinado de Justiniano ou quando muito desde dous seculos antes disso quando se descobriram cellas ou cavidades na encosta do Jebel Musa habitados por monges. Ainda assim nos primeiros seculos do Christianismo variavam as opiniões sobre qual era, daquelles massiços ao sul da peninsula Sinaitica, o verdadeiro monte sancto em que se dera a Lei a Moysés. Euzebio e São Jeronymo entendiam que era este o monte Serbal e esta opinião ainda seguem, entre os modernos, auctoridades taes como Lepsius, Ebers e Sharpe, e mais recentemente C. T. Currelly, o ajudante de Flinders Petrie; e não parece haver duvida que nos primeiros seculos da nossa era opinião quasi unica que a Lei fôra dada no Serbal, perto do qual no Wady Feiran estabelecera-se um bispado que Ptolomea mencionou no Seculo II. Os Sarracenos taes attaques fizeram a esse povoado de Feiram que os monges e outros ecclesiasticos transferiram a sua residencia um pouco mais para o SE. ao pé do Jebel Musa ou o Sinai actual. Demais os poucos ecclesiasticos que ficaram nesse Feiran passavam por hereticos, monotelethes e monophysitas

---

[1] Este *uadi* é notavel pelas suas innumeras inscripções nas pedras. Lenormant opina que a maior parte dellas é dos primitivos Christãos. A linguagem de muitas é o Arameu, de outras o Arabe. A maior parte, diz o Suisso-americano Schaff, é de garatujas desses muitos viajantes que gostam de "immortalizar a sua obscuridade desfigurando as obras de Deus ou os monumentos do homem."

[2] A Commissão de Engenheiros militares inglezes, com Ebers, Stanley e outros, segue a opinião que Rephidim era Feyran: mas Holland, com dous membros dessa commissão, diverge disso e colloca Rephidim na grota, El Uatieh, do valle Esh Sheik onde os Arabes mostram hoje um rochedo, da fórma de um cadeira de braços, que dizem elles ser a *Bir* do Nebi-Musa,—do propheta Moysés, que occupava durante a batalha dos Amalecitas.

[3] Greene, *The Heb. Migration from Egypt*, 1883 (2ª ed.).

o que mais apressou a ruina do estabelecimento ao pé do Serbal, e o Imperador Justiniano (527-565) deu o peso da sua auctoridade ao local do actual Sinai. Já em 387 o Jebel Musa fôra visitado por S. Silvia de Aquitania cuja narrativa ainda existe em parte. E desde então a tradição se tem mantido favoravel a este monte, apezar da corrente em favor do reconhecimento do Serbal.

O Jebel Musa, com a sua sentinella, em frente delle, o Ras (pico) Sufsafeth, olham para dous grandes *uadis*, o Er-Raah, que se estende a NO., e o Esh-Sheik, que sobe a NE., o ultimo pico descendo 600 metros perpendicularmente sobre a conjuncção dos dous *uadis*, sem fallar nos *uadis* menores. Tambem é contra Serbal o facto de á roda da baze do monte não haver logar para a gente de que se compunha Israel e que, diz o texto, "pôz as suas tendas defronte do monte." Esta condição só é satisfeita na planicie de Er Ra-hah debaixo de Ras Sufsafeth, e cuja superficie excede de 3000 hectares. É tão notavel esta coincidencia que só ella iria longe para identificar a scena da Biblia. A opinião geral é que no actual Jebel Musa Moysés fallou com Jahveh, mas que a promulgação foi no Ras Sufsafeth, visivel de toda a planicie em baixo, o que não acontece com o Jebel Musa.—Logo em baixo, deste grupo está o convento de Sancta Catharina ou do Monte Sinai, construido em 525-565 por Justiniano, para servir tambem de forte. É o grande centro da Peninsula e tem muitas dependencias, inclusive uma mesquita arabe. A bibliotheca não é grande mas foi nella que o sabio Tischendorf descobriu em 1859 o agora chamado "Codigo Sinaitico" da Biblia, ora em S. Petersburgo, e que é dos quatro mais antigos e afamados MSS. existentes. Tambem é chamado Codigo-Aleph (primeira letra do alphabeto hebraico) os outros sendo: o Codigo "B" ou do Vaticano, o Codigo "C" ou Ephrahimita, em Paris, e o Codigo "A" ou Alexandrino, no Museu Britannico.

Viva como seja a tradição em prol do Jebel Musa como o Monte Sinai ella só dura ha uns quinze seculos, mas dos quinze seculos anteriores pouco se sabe. Esse pouco, porêm, á luz dos intensos estudos modernos não só sobre os textos biblicos como da topographia dessas regiões de desertos tão inhospitos, vai modificando sensivelmente os venerandos legados dessa tradicão secular, que seguimos em falta de provas definitivas em contrário. Mas confessamos que sentimo-nos abalados por alguns dos argumentos de duas correntes modernas sobre o verdadeiro local de Sinai. Procuraremos resumir com claresa os principaes argumentos de tão intrincada discussão.

Ha uma questão prévia que precisa ser exposta. Á primeira vista parece que no Pentateuco dá-se ao Monte Sancto indifferentemente os nomes da Sinai e de Horeb,[1] e criticos notaveis têm pensado assim. De facto suppunha-se outrora que o

[1] V. Dillmann, sobre o *Ex.*, 3:1.

nome Horeb era o da cordilheira e o de Sinai o do monte especialmente sagrado. Mas a critica moderna desvendou o facto que ha duas tradições diversas sobre o nome do local da manifestação divina. O escriptor mais antiga, J, dá o nome Sinai ou antes Monte Sinai á séde de JAHVEH, como se vê em *Ex.*, 19 : 11 e 34 : 4. O escriptor ephrahimista ou E, ao contrario, chama á montanha de DEUS Horeb, como em *Ex.*, 3 : 1 (quando Moysés levou o gado do sogro até ali), 17 : 6 (a pedra de Horeb) e 33 : 7-11 (quando o povo privou-se dos seus ornamentos "juncto ao monte Horeb"). O auctor do *Deuteronomio* ou D segue esta tradição de E e allude sempre ao monte sancto como Horeb. Em 1 : 4 diz que "JAHVEH nosso DEUS nos fallou em Horeb"; em 4 : 10 : "desde o dia em que te apresentaste a JAHVEH, teu DEUS, em Horeb," etc., e em outros logares. E o escriptor deuteronomico que retocou 3 *Reis*, 19 : 8 tambem denomina Horeb ao monte sancto, ao qual veiu Elias commungar com DEUS.—Já o mais recente collaborador do Pentateuco, P, volta á primeira tradição e adhere ao nome Sinai, que alias persiste até hoje : vejam-se *Ex.*, 16 : 1 ; 24 : 16 ; 34 : 28, 32 ; *Lev.*, 25 : 1 ; 26 : 46 ; 27 : 34, etc. É P sómente quem falla ao "deserto do Sinai," *Ex.*, 16 : 1 ; 19 : 1 ; *Num.*, 1 : 1, 19 ; 9 : 1, etc.

Segundo E Moysés quando fugiu do Egypto "se retirou para *a terra de Madian*" (*Ex.*, 2 : 15) e ahi casou-se com uma filho do respectivo sacerdote, Jethro. Um dia em que Moysés tinha levado o gado do sôgro, e que apascentava, "para o interior do deserto, veiu ao monte de Elohim, Horeb" (3 : 1). Horeb, pois, para E era, não na peninsula que chamamos sinaitica, mas *na terra de Madian*. Não se sabe ao certo fixar os limites de um povo composto, como os Madianitas ou Midianitas, de guerreiros, de salteadores das colheitas dos outros, e de commerciantes e agricultores pacificos. A sua terra n'um sentido geral, era a que se estendia pelo N. do Hedjaz moderno, desde o lado O. do golpho de Aqabha até as proximidades do S. da Palestina. Em *Juizes*, 1 : 16, Jethro é chamado Cinneu ou Kenita, donde parece que, durante algum tempo ao menos, os Madianitas e Cinneus estavam intimamente ligados, talvez até por laços de sangue. Em 3 *Reis*, 11 : 18 temos um pormenor interessante : no tempo de Salomão declarou-se seu inimigo Adad, rei de Edom (ou Iduméa) que no tempo de David, ainda menor, fôra levado para o Egypto para fugir as morticinio, ordenado por Joab, de todos os varões edomitas e o principe Adad, diz aquelle texto, *sahindo de Madian*, veiu a *Paran* e *entrou no Egypto*, etc.

Quando os Israelitas, entrando em Canaan, derrotaram os reis de Moab e de Bazan, anciãos *de Moab e de Madian* foram junctos pedir a Balaão que viesse advinhar sobre Israel, ou antes, amaldiçoa-lo (*Num.*, 22 : 7). Vê-se ahi claramente que Moab e Madian eram visinhos.

No tempo dos Juizes os Israelitas foram muito humilhados pelos Madianitas (*Juizes*, cap. 6) que talavam as seus campos; e surgiu Gedeão para defender Israel não só contra elles, mas contra os seus alliados "os Amalecitas e outras tribus do L.," que se haviam acampado no valle de Jezrael. Gedeão dá-lhes um golpe tremendo de que nunca mais puderam levantar-se.

Assim, os Madianitas habitavam perto de Canaan, na longa extensão do deserto entre a costa oriental do lago de Aqabah e os paizes de Edom e Moab.

Feitas estas observações preliminares entraremos no assumpto desta nota. O escriptor inglez Sayce,[1] alias n'uma obra em que se propôz attacar os resultados da critica moderna, foi o primeiro que expôz a theoria de que o Horeb não era na peninsula sinaitica, e que por conseguinte a róta dos Israelitas não é absolutamente a que, com os muito escassos e duvidosos dados do *Ex.*, e de *Num.*, os commentadores têm traçado com o auxilio de viajantes que procuram enxergar nas designações de certas estações citadas por P e por J E, os nomes correspondentes a certas localidades modernas.

Outra corrente de investigadores, um de cujos melhores expositores é outro Inglez, A. H. M'Neile,[2] accompanha Sayce, e com elle Wellhausen, Moore e outros, quando sustentam que o caminho que os Israelitas tomaram foi o dos peregrinos do Egypto a Mecca, isto é, o de Gôchem ao poncto N. do golpho de Aqabah, chamado Elim, mas, admittindo tambem que o Horeb ficava a L. do citado golpho, entendem que o Sinai devia estar *perto de Seir em Edom.* Ha tantos ponctos de similaridade entre essas duas correntes que considera-las-hemos junctamente.

Vejamos, em primeira linha, quaes são os dados que nos suppre a unica fonte para que podemos appellar,—a proprio Pentateuco.

Diz o *Exodo* que Deus não conduziu os Israelitas pela "terra dos Philisteus"[3] que é visinha, julgando que, vendo difficuldades e guerras, elles se arrependessem e quizessem voltar

[1] *The Higher Critic. and the Verdict of the Mon.*, 8ª ed., 1915, pags. 260-273.
[2] *The Book of Exodus*, pags. xcviii-cvi.
[3] O escriptor para dar ideia exacta da região refere-se á então existente Philistéa cujo nome entretanto não existia quando occorriam os factos narrados.

para o Egypto; mas DEUS fez o Seu povo "rodear pelo caminho do deserto que está juncto do Mar Vermelho" (*Yâm Suph*). É o que escreve o codigo J E. Tendo sahido de Socoth acamparam-se, pois, em Ethão, e, accrescenta P, retrocedendo foram acampar-se, segundo a ordem divina, "em face de Phihahirot que fica entre Migdol e o mar, defronte de Baalzefon: assentareis o campo defronte deste sitio sobre o mar" (*Ex.*, 13 : 21; 14 : 1). Atravessado o Mar Vermelho (J E), "Moysés tirou a Israel . . . e sahiram para o deserto de Sur; e caminharam trez dias pela solidão e não achavam agua, e vieram para Mara" (15 : 22, 23) onde não podiam beber agua pois era amargosa, pelo que o povo murmurou (vers. 24, 25). E depois que partiram "vieram os filhos de Israel a Elim, onde havia doze fontes de agua e septenta palmeiras e se acamparam juncto das aguas" (15 : 27, J E). E de Elim "veiu toda a multidão dos filhos de Israel para o deserto de Sin, o qual estava entre Elim e o Sinai, no 15º. dia do 2º. mez, depois que sahiram da terra do Egypto" (16 : 1, P).

O cap. 33, de *Numeros*, todo de P, corrobora esses dados de J E: o povo, sahindo de Ramesses, foi acampar-se em Socoth (1 : 5), dirigiu-se dahi a Ethão, e dahi a defronte de Phihahiroth, e partindo dahi e tendo marchado trez dias pelo deserto de Ethão, acampou-se em Mara. E abalando de Mara veiu para Elim "onde havia doze fontes de agua e septenta palmeiras." Dahi sahiu e "foi assentar o campo sobre o Mar Vermelho. E sahindo dahi foi para o deserto de Sin (*Num.*, 1 : 6-11).

A expressão *Mar Vermelho*, devida á versão grega dos LXX donde passou para as outras, modernas, indicava, quando se fez esse trabalho, todo o mar das costas da Arabia, e este é o sentido biblico. Com effeito em *Reis*, 9 : 26 diz o chronista, bem claramente, que "esquipou mais o rei Salomão uma frota em Asiongaber que é perto de Ailah" (Ela ou Elim) "*na praia do Mar Vermelho*, na terra da Iduméa." Dahi se vê que nesse tempo chamava-se tambem Mar Vermelho ao Golpho de Aqabah ou Elamitico.

Em *Num.*, 21 : 4 (de E J), depois de referir-se á sollicitações de Moysés a Edom ou Iduméa, para que os Israelitas atravessassem o seu territorio pelo caminho ordinario pagando elles por todos os supprimentos de agua e viveres, e á recusa do rei de Edom a esse pedido, se diz que os Israelitas viajaram do monte Hor *pelo caminho do Mar Vermelho* para o fim de contornar o paiz de Edom, por onde não podiam passar. Este Mar Vermelho não podia, pois, ser o Golpho de Suez mas o

Elanitico ou de Aqabah. O Prof. Sayce [1] que alias sustenta brilhantemente a sua these principal, pretende negar que o Mar Vermelho que Israel passou a secco seja o braço do Golpho de Suez. De certo que aquelle *Yâm Suph* não era este, mas isto só prova que este nome era dado a *todo* o mar arabico e seus golphos.

1. Os textos (*Ex.*, 15 : 22 e *Num.*, 33 : 8) dizem que partindo de Phihahiroth os Israelitas vieram pelo deserto de Sur a Mara. *Gen.*, 16 : 7 allude ao " caminho de Sur " onde estava a fonte juncto á qual Agar descansou, quando fugiu da casa de Abrahão ; e em 25 : 18 diz que Ismael, filho de Abrahão e Agar " habitou desde Hevila até Sur, a qual olha para o Egypto." O deserto de Sur era, pois, perto da Palestina e desse caminho que ia do Egypto á Palestina, Assyria, etc.

2. É impossivel fixar a localidade de Mara. Presumindo que Moysés tivesse seguido para o S. da peninsula e presumindo que a travessia do golpho tivesse sido na visinhança da cidade de Suez, isto é, bem ao S., tem-se concluido que Mara deve ser no actual Wady Hauárath que fica a 15-16 horas de camelo daquelle poncto e na estrada actual para o Sinai. E quanto a Elim, si é correcto o local tradicional do Sinai, deve corresponder ao Wady Gharandel, pela sua relativa abundancia de palmeiras baixas, e de agua. Si, porém, o braço do Mar Vermelho foi atravessado mais ácima, como se pensa mais geralmente, por exemplo ao sul do Lago Timsah, já estas localidades não correspondem ás distancias necessarias, pelas quaes são calculadas, segundo os dados biblicos. Bem se vê que a identificação destas paradas de Moysés não tem sido facil nem está fixada de modo satisfactorio excepto quanto aos ponctos de sahida até Pihahiroth.

3. De Mara, diz o texto, Moysés seguiu para Elim. Este Elim, assim attribuido ao Gharandel moderno, dizem agora os outros, não é sinão uma variante do nome plural Eloth que achamos em 3 *Reis*, 9 : 26, sob a fórma Ailath da *Vulg.*, correspondente ao moderno Arabe *Aileh* (v. tambem 2 *Paral.*, 8 : 17), fórma que tambem se nota entre Hazerim e Hazeroth do *Deut.*, 2 : 23 e *Num.*, 11 : 35.[2] Si, pois, Elim era um dos povoados na poncta N. do Mar de Aqabah, a estrada que os Israelitas seguiram para Canaan é a actual dos peregrinos que vão do Egypto a Mecca, e por conseguinte o Sinai (montanha de Sin) não está no Sul na peninsula,—sustentam estes criticos das velhas tradições.

[1] *Ob. cit.*, pag. 257.
[2] Baker Greene, *The Heb. Migration from Egypt*, 170 ; Sayce, *ob. cit.*, 268.

4. O texto continúa a traçar o itinerario, e é agora P quem falla : " E partiram de Elim e veiu toda a multidão dos filhos de Israel para o deserto de Sin, o qual está entre Elim e Sinai " (*Ex.*, 16 : 1). *Sin* é, como na *Vulg.* e tambem na LXX, não só o deserto de Sin como tambem o Heb. *Zin* ; e sendo só o Hexateuco que se occupa delles falta-nos uma norma para distingui-los parecendo que tracta-se de uma mesma região. Onde estava ella ? O cap. 34 de *Num.*, dando regras geraes sobre os limites da terra de Canaan, que cahiria por sorte aos Israelitas, diz que a sua parte meridional " começará no *deserto de Sin que é perto de Edom*," (vers. 3) e isto mesmo é corroborado em *Josué*, 15 : 1. Ora o deserto que os Israelitas deviam agora atravessar era esse entre Elim e Edom e não entre Gharandel e o Sinai da tradição ; e si era entre Elim e Edom é que o verdadeiro Sinai ficava nas bandas de Elim ou de Edom mesmo.

5. Segundo *Num.*, 33 : 11-17 (P), os Israelitas sahindo do deserto de Sin vieram a Dafca, Alus e então a Rephidim, onde lhes faltou agua para beber. E partindo dahi acamparam-se no deserto de Sinai. No *Exodo*, logo depois da historia da passagem do Mar Vermelho e do cantico, vem a narrativa de como foi dado o manná, assumpto que parece deslocado ahi porque em 16 : 33, 34 (P) Moysés ordena que um gomor do primeiro manná fosse posto em reserva deante do SENHOR *no Tabernaculo* que entretanto só começou a ter existencia depois de dadas a Lei e as instrucções no Monte Sancto. Mas logo depois, no cap. 17, J E diz-nos que de Sin os Israelitas foram para Rephidim, sem mencionar os ponctos intermediarios de P, ácima citados. Em Rephidim o povo, já se mostrou, investiu contra Moysés e elle respondeu que o povo estava realmente tentando a DEUS. Mas, segundo J, DEUS mesmo mandou que Moysés ferisse *a pedra de Horeb* com a vara e ella daria a necessaria agua para o povo beber. Assim se fez ; e Moysés pôz a esse logar o nome de *Meribah*, tentação (*Ex.*, 17 : 1-7). Do outro lado, diz E em *Num.*, 20 : 1, que *ficando o povo em Cadés*, Moysés feriu a pedra (vers. 11-14). Estava, pois, o povo perto de Edom, para onde até Moysés mandou embaixadores ao seu rei. E assim, em dous logares diversos estas chronicas mais antigas dizem claramente que este notavel incidente (de que resultou até a punição de Moysés por DEUS) se realisou *em Horeb, em Cadés, perto de Edom* : ora, dizem os que não acceitam a antiga tradição, este local não é ao Sul da peninsula arabica, mas a N.E. della, perto de Canaan, de Moab e de Edom, perto dos montes Seir.

6. Ainda mais : já se deu noticia do attaque que em Rephidim soffreram os Israelitas dos Amalecitas e se mostrou que se crê geralmente que este incidente occorreu quando os filhos de Israel já se achavam perto de Cadés ou no fim do seu trajecto, e que a narrativa se acha ahi deslocada. Ora é opinião dos competentes que Amalec já existia ao Sul e Oéste da Palestina quando os Hebreus e Arameus immigraram. Balaão em *Num.*, 24 : 20, echôa esta antiquissima tradição, quando diz : " Amalec foi a primeira das gentes." Voltando da exploração de Canaan quando Moysés os mandou espiar a terra disseram os exploradores : " Amalec habita ao meio-dia " (*Num.*, 13 : 30) e nos valles (*Num.*, 14 : 25). Ao passo que os Kenitas ou Cinneus, ligados aos Amalecitas por laços sanguineos, mostraram-se constantes amigos dos Israelitas, os Amalecitas foram até á ultima seus infategaveis inimigos. Quando os Israelitas murmuradores foram excluidos de entrar em Canaan e, arrependidos, tentaram attaca-lo, Moysés avisa-os de que seriam destruidos : " os Amalecitas e os Canaaneus estão á vossa vista e vós cahireis debaixo da sua espada " (*Num.*, 14 : 43). Durante o tempo dos Juizes roubavam as colheitas dos Israelitas. O primeiro rei teve de acceitar grande lucta com elles e conseguiu aprisionar o seu rei, Agag, assim como recolher enormes despojos ; e foi por te-los poupado que Saul decahiu do favor divino e acabou com tão triste fim. Pois bem : allegam os que não admittem que o Sinai seja o que se tem reconhecido como tal, que todos estes factos demonstram que o attaque no deserto já foi perto de Cadés, o que de certo solve difficuldades que occasiona o apparecimento de Amalecitas tão perto do nosso Sinai tradicional.

7. Occupámo-nos tambem da visita que o sogro de Moysés, Jethro, lhe fez no deserto. Diz o texto : " Veiu pois, Jethro, sogro de Moysés, e seus filhos e sua mulher ter com Moysés no deserto, onde elle se tinha acampado *juncto ao monte de Deus* " (*Ex.*, 18 : 5). Os tradicionalistas dizem que este monte era o Sinai do Sul da peninsula. Os novos criticos, porêm, o negam. Os Madianitas habitavam a Léste do Golpho de Aqabah e como careciam de meios para atravessar as ondas sempre tumultuosas desde Golpho, teriam de subir toda a sua margem direita e descer pela esquerda para encontrarem-se com Moysés no Sinai. Diz mais o texto que, depois da visita de Jethro, Moysés despediu seu sogro, o qual, voltando, se recolheu á sua terra (18 : 27). Ora, si Moysés estava no tradicional Sinai não precisava despedir o sogro que, *voltando*, se recolheu á sua terra, pois o caminho de Moysés seria exacta-

mente o do sogro até Elim ou Eloth, na poncta N. do Golpho de Agabah.

8. Apezar de que, como allega Petrie,[1] não era todos os annos que o Governo egypcio despachava expedições ás minas de turqueza e cobre de Sarbut-el-Hadim e Uadi Maghareh, nas proximidades do Uadi Feiran e no centro da peninsula sinaitica, não era natural que Moysés conduzisse o povo justamente para onde o pharaó o poderia facilmente destruir: e provavelmente Moysés não sabia quando viriam tropas ou não.

9. P diz que depois do deserto de Sin Moysés acampou-se em Dafca e Alus (logares nunca reconhecidos até hoje), e depois em Rephidim, no deserto do Sinai, em Sepulchros da Concupiscencia, em Haseroth e dahi vieram a Rethma (*Num.*, 33 : 12-18). E em *Num.*, 13 : 1 elle diz que depois de Haseroth o povo abarracou-se no deserto de Paran. Segundo *Num.*, 10 : 12, quando o povo sahiu do deserto do Sinai entrou na solidão de Paran. E no *Deut.*, 33 : 2 vemos que: "JAHVEH veiu do Sinai e nasceu de Seir para nós: appareceu sobre o monte Paran e milhares de sanctos com Elle." Em *Habacuc*, 3 : 3, JAHVEH surge dos montes de Paran. Vê-se, pois, que Paran vem parallelamente com Sinai, Seir e Edom. Palmer,[1] o distincto viajante que descobriu a localidade de Cadés em Ain-Kadis, diz que o monte Paran é o Jebel Maqrah, de 660 m. de altura, a 45 kilom. S. daquelle poncto, e 220 kilom. ao N. do Sinai da tradição, e que o deserto de Paran é ao S. de Berseba. Os espiões que foram explorar Canaan partiram do deserto de Zin (*Num.*, 13 : 21) onde estava Cadés (20 : 1; 27 : 14). É certo que este mesmo deserto unia-se ahi com o de Paran pois *Num.*, 13 : 27, logo adeante, falla "do deserto de Paran que é em Cadés." Era este deserto tão perto de Judá que, depois da morte de Samuel "David se retirou para o deserto de Paran" (1 *Reis*, 25 : 1). Euzebio e São Jeronymo erraram confundindo Paran ou Faran com Feiran, na peninsula sinaitica. Vê-se, pois, que Paran, Sinai, Seir, Meriba-Cadés e Edom,—tudo aponcta para Edom ou sua visinhança como a terra em que está o verdadeiro "Monte Sancto."

10. No cantico de Débora, uma das composições mais antigas do V. Testamento se lê esta invocação (*Juizes*, 5 : 4, 5): "SENHOR, quando tu sahias de Seir e atravessavas o paiz de Edom, a terra se moveu e os céos e as nuvens destillaram aguas. Os montes se derreteram á face de JAHVEH e o Sinai á face do SENHOR DEUS de ISRAEL." O grande poeta não se

[1] *Researches in Sinai*, pag. 206. [2] *Desert of the Exodus*, pag. 510.

occupa na sua ode, com a grande salvação de Israel e a promulgação da Lei : mas com a vinda de DEUS para salvar o povo na guerra com Sizara cuja derrota o poeta decanta. Ha aqui o mesmo parallelismo já notado em *Deut.*, 33 : 2, e no cantico de Habbacuc : o Sinai, Seir e Edom. Era a tradição firme daquelles tempos heroicos de Israel.

CAPITULO XXXVIII

A ALLIANÇA DO SINAI

O Livro do *Exodo* offerece muitas difficuldades e ellas provêm não só da amalgamação de diversas narrativas, de épocas differentes, como da intervenção frequente de redactores, tambem de periodos entre si longos, e que procuravam harmonizar essas versões, sem comtudo supprimirem suas partes essenciaes. Taes difficuldades augmentam justamente nos caps. 19 a 36, que gyram ao redor da promulgação da Lei do Sinai. Algumas dessas duvidas que nos depara a confrontação do texto não tem maior importancia e ás vezes explicam-se facilmente,—como por exemplo o nome real do sogro de Moysés, ou a nacionalidade verdadeira de sua mulher, si Kennita (*Juizes,* 1 : 16 ; 4 : 11) ou si Cussita (*Num.*, 12 : 1), ou si Madianita, da terra do pai : ahi, por exemplo, basta-nos ter a certeza de que ella era estrangeira, e vermos que são aponctadas lealmente na Biblia as varias tradições que corriam sobre a sua nacionalidade, provando isso mesmo, mais uma vez, que Moysés não é o auctor do Pentateuco. A contradicção que se diz tambem enxergar entre o *Ex.*, 4 : 20 e 18 : 2, não tem valor ; comprehende-se bem que Moysés levasse a mulher e filhos para o Egypto e dahi, á vista dos trabalhos que ia emprehender com Pharaó e o povo, os mandasse embora para o sogro. A repetição da historia das cordornizes seria inexplicavel presuppondo no *Exodo* um unico auctor e não, como ha, tres narrativas principaes. Assim não ha razão para Reuss [1] espantar-se que a Arca de *Ex.*, cap. 37 e *Deut.*, cap. 10, fosse feita segundo um escriptor por Moysés e segundo outro, por Bezaleel ; pois este era o seu official inspirado de "*obras de carpintaria.*" Entretanto ha difficuldades reaes no texto sobretudo quando os redactores quizeram aproveitar, sobre o mesmo assumpto, as versões de narradores diversos e as junctaram sem unidade sufficiente, tal o seu desejo de respeita-las. Nas narrações em seguida procuraremos mostrar o que parece o verdadeiro fio, que passa pelas diversas versões, deixando de lado incidentes menos importantes.

[1] *La Bible: Anc. Test.*, 32.

Depois de sahirem de Rephidim dirigiram-se os Israelitas ao deserto do Sinai e estenderam as tendas nos valles adjacentes áquelle " Monte de Deus " já conhecido de Moysés que, quando ali apascentava os gados do sogro, teria subido á bacia do seu cume para orar, a sós, ao seu DEUS, de cuja grandeza lhe daria idéa bem justa a magnifica vista abrangida dali, com os mares Vermelho á esquerda e de Ackaba, á direita, e com o interminavel planalto de Tih a perder-se de vista ao N. Ali, do meio da sarça ardente, DEUS lhe apparecêra e o mandara tirar seus irmãos do Egypto ; e agora Moysés, de volta com elles lá embaixo na planicie, vinha receber ordens ulteriores de JAHVEH. E o SENHOR o chamou e lhe disse annunciasse " á casa de Jacob " o seguinte : " Vistes o que fiz aos Egypcios, como vos trouxe sobre azas de aguia "—no meio das maiores difficuldades— " e vos cheguei para Mim. Si, portanto, ouvirdes a Minha Voz e guardardes o meu Pacto,[1] sereis para Mim o meu thesouro peculiar [2] dentre todos os povos : porque Minha é toda a Terra. E vós sereis o Meu Reino sacerdotal e uma nação sancta " (19 : 4, 5).

Aqui estão as bazes propostas por DEUS para a Alliança com o povo Israelita : este ouvirá a DEUS e guardará as Suas Leis, e do outro lado, DEUS, dentre todas as nações da Terra, que é toda d'Elle, escolhe, por Sua graça, por mero favor, o povo Israelita para ser Seu especial thesouro, a nação preciosa a Seus olhos ; que seria guardada com todo o cuidado e se tornaria em nação do reis-sacerdotes, um reino sacerdotal, de que JAHVEH, Elle-mesmo seria o Rei e todos os vassallos, seus sacerdotes ; DEUS lembra que Elle é DEUS *de toda a terra :* não iam tractar os Israelitas com um deus nacional, como tinham todas as nações ; mas com o DEUS unico, eterno e omnipotente, que escolheu graciosamente a Israel, não por merito especial delle, mas sim e tão sómente pela pura vontade d'Elle. O que DEUS propõe aos descendentes de Abrahão e Jacob é a formação gradual de uma nação á parte, sacerdotal, que incessantemente servisse perante Elle, que d'Elle recebesse e guardasse os Seus oraculos, e que assim cumprisse a Sua vontade.

Mas precisamos ainda descortinar tudo o que significa esta " nação sacerdotal," que os Israelitas deveriam formar. O sacerdote (sacer do) é litteralmente o que *dá cousas sagradas*, offerece sacrificios por si e pelos

[1] As difficuldades do texto são não raro aggravadas pelas más versões. Ao passo que a Vulg. traduz certo "*Si ergo audieritis vocem meam et custodieritis pactum meum*, o traductor portuguez A. P. F., diz " si . . . observardes o pacto *que eu fiz comvosco.*" Como por ora DEUS não tinha pactuado nada e a alliança ia ser convencionada solemnemente só depois de enunciada a Lei das duas taboas, a versão portugueza crêa difficuldade e contradicção onde não existem.

[2] A *Vulg.* dá *eritis mihi peculium*, e muito bem, pois que o Hebraico significa thesouro de ouro e prata, uma posse preciosa. É a expressão empregada em *I Paral.*, 29 : 3, etc. A *porção escolhida* de A. P. F. não dá ideia do original nem da *Vulg.*

outros, o intermediario da divindade com o povo. Elle ministra a Deus e ao homem. Quando, pois, Deus mesmo diz no texto que queria fazer de Israel uma nação sacerdotal, intermediaria, claramente exprimiu a prophecia do papel que Elle ia reservar para Israel: em toda a historia da antiga dispensação os futuros Judeus ministrariam não só á Deus mas *ao povo de* Deus, e este povo é a numerosa congregação do Christianismo que sob Seu augusto fundador foi chamada á herança desta promessa, desta Alliança no Sinai que ora estudamos. Como ha 20 seculos, Deus ainda hoje nos convida ao Seu Reino, não com os sacrificios dos bodes e dos touros e as cinzas espalhadas das novilhas, mas pelo sangue de Jesus Christo, que resuscitou para nova vida. E é Pedro, o discipulo enthusiastico, que annunciou ao mundo esta Verdade que nos diz: "Vós sois a geração escolhida, o sacerdocio real, a nação sancta, o povo de acquisição . . . vós, que outrora ereis não povo, mas agora sois povo de Deus" (1 *Ped.*, 2 : 9, 10). Deus, pois, queria que cada Israelita fosse um sacerdote tal qual hoje Jesus Christo nos exige a mesma cousa. *Isaias* (61 : 6) proclamando a salvação, diz: "Vós sereis chamados Sacerdotes do Senhor, Ministros do nosso Deus." E Jesus é o novo Summo-Sacerdote, sempre intercedendo por nós juncto ao Pai, que é o outro e ultimo nome de Jahveh como Elle nol-o revelou.

Mas Deus ainda disse a Moysés que a Sua nação deveria ser, além de sacerdotal, *sancta*, isto é, não contaminada pela profanação em que cahiram os outros povos, entregues aos seus máos instinctos, desde a desobediencia de Adão. Devia ser uma nação vivendo deante da face do Senhor e por isso segregada das demais. E como Jesus Christo convida á sociedade desta nação sancta, por via do Seu sacrificio glorioso, toda a humanidade, assim Jahveh, que resgatou Israel da escravidão, convidava então o Seu resgatado para esta Alliança, de que foi precursor o sangue do cordeiro paschoal espargido na verga e umbreiras das moradas dos Israelitas no Egypto. Está assim muito claramente expresso,—si bem que os Israelitas não podiam então comprehende-lo,—que Deus queria que este povo, que tornava Seu, especial, fosse o que, no decorrer dos seculos, communicasse *a todas as nações* as revelações que Elle lhe faria. Era um passo adeante que o Eterno dava na execução da promessa feita a Abrahão, havia quatro seculos, de que "todas as gentes da terra serão bemdictas n'Aquelle que ha de proceder de ti, porque obedeceste á Minha voz" (*Gen.* 22 : 18). A mediação do sacerdocio de Israel ia durar sómente até o complemento da revelação divina ao mundo pagão: era um sacerdocio temporario. Este reino-sacerdotal devia passar e ser substituido por outro, imperecivel. A theocracia israelitico-judaica devia findar-se com a consecução do Seu fim, mas para ainda depois surgir, em Jesus Christo, n'uma esphera tão vasta como é o mundo, e por todo o sempre, n'um reinado, não nacional, mas universal. A fórma decahiu, mas a substancia continúa viva, e, como outrora se deveria pedir, dizemos e oramos hoje: "Venha o Teu Reino; faça-se a Tua Vontade aqui na Terra, como em toda a parte." Hoje, como outrora Deus vela incessantemente sobre nós, sobre os

negocios humanos, sobre o futuro da humanidade, e só pede ao homem, feito á Sua imagem, que incorpore-se com Elle realmente.

Continuemos, porêm, a narrativa. Moysés, descendo da Montanha, convocou os principaes do povo e lhes expôz a proposta divina. Sabiam bem que lidavam com o DEUS de toda a terra, perante Quem os deuses dos Egypcios eram como nada; e que, de parte d'Elle, o contracto proposto seria de certo observado.

Feito e por assim dizer ratificado este Pacto solemne, DEUS então determinou os preparativos para a promulgação de Sua vontade. "Virei a ti," diz a Moysés, "n'uma nuvem escura para que o povo Me ouça fallar comtigo e te creia para sempre. . . . Vai ter com o povo e sanctifica-o . . . e estejam promptos . . . porque no terceiro dia descerá JAHVEH á vista de todo o povo sobre o Monte Sinai. Tu designarás em roda limites ao povo,"—uma barreira além da qual não poderá approximar-se do Monte sob pena de morte: quem o fizer, "a este não tocará mão, mas será apedrejado ou será asseteado," de modo que nem os executores da pena ultrapassem a barreira. Sómente quando desapparecer DEUS, ao som prolongado da buzina, poderão chegar-se ás barreiras da Montanha (19 : 10, 11 E; 10 : 12, 13 P).[1]

No dia terceiro, talvez o 60º depois do da sahida do Egypto, o Sinai "ardia até ao céo e havia nelle trevas, e nuvens e escuridão." Começaram a ouvir-se trovões e a fuzilar relampagos e nuvens densissimas cobriram o monte, e atroava o clangor de buzina muito vehemente: E o povo que estava no arraial ficou amedrontado." E quando parou deante das barreiras, todo o Monte fumegava: "e porque descesse o SENHOR ao Monte, no fogo, e deste se levantasse o fumo como si de uma fornalha, todo o Monte era de fazer terror, ao passo que o som da buzina crescia aos poucos e mais e mais penetrante se tornava. . . . E JAHVEH desceu sobre o monte Sinai . . . onde, chegando Moysés, lhe disse que descesse e mais uma vez notificasse o povo a não approximar-se das barreiras. Desceu, pois, Moysés até onde estava o povo e contou-lhe tudo" (*Deut.*, 4 : 11; 5 : 20; *Ex.*, cap. 19).

Então o SENHOR pronunciou a toda a multidão "no Monte, no meio do fogo e da nuvem e da escuridade, com uma voz forte e sem ajuntar mais nada," (*Deut.*, 5 : 22) as dez Palavras [2]

[1] V. tambem J, vers. 21-23.

[2] As "dez Palavras" ou Decalogo. Palavra aqui significa mandamento, V. *Ex.*, 34 : 28; *Deut.*, 4 : 13; 10 : 4.

que depois Moysés escreveu, em duas taboas de pedra (*Ex.*, 34 : 28). Todos ouviram a voz desde o meio das trevas e viram arder o Monte : DEUS mostrou-lhes a Sua majestade e grandeza, e todos disseram : " Experimentamos hoje que, fallando DEUS ao homem, o homem ficou com vida " (*Deut.*, 5 : 23, 24). E entretanto, o povo emquanto via todo aquelle terrivel espectaculo da Montanha fumegante e ouvia os estrondos, relampagos e o ensurdecedor clangor da buzina, fugia amedrontado para longe, sendo preciso que Moysés lhe assegurasse : " Não temaes : porque o SENHOR veiu para vos provar e para imprimir em vós o seu temor afim de não peccardes " (*Ex.*, 20 : 21). JAHVEH já tinha communicado a Lei fundamental a Moysés, que se achava com o povo na planicie ; mas Elle agora apregoou as dez Palavras ao povo, do modo indicado, Moysés interpretando-as (*Deut.*, 5 : 5 ; 33 : 4). Apezar de ter tido Moysés como intermediario, a Lei teve a confirmação solemne de DEUS.

Foram estas as PALAVRAS :—

SOU JAHVEH TEU DEUS QUE TE TIREI DA TERRA DO EGYPTO
NÃO TERÁS OUTROS DEUSES DEANTE DE MIM
NÃO FARÁS PARA TI IMAGEM DE ESCULPTURA
NÃO TOMARÁS O NOME DE JAHVEH, TEU DEUS, EM VÃO
LEMBRA-TE DO DIA DE SABBADO PARA O SANCTIFICAR
NÃO MATARÁS
NÃO ADULTERARÁS
NÃO FURTARÁS
NÃO DIRÁS FALSO TESTEMUNHO CONTRA O TEU PROXIMO
NÃO COBIÇARÁS A CASA DO TEU PROXIMO.

(*Ex.*, 20 : 1-17)

Esta Lei, escripta nas duas taboas de pedra, foi, como dissemos, chamada " as Dez Palavras " (Decalogo) em *Ex.*, 34 : 28, e *Deut.*, 4 : 13 ; 19 : 4. São ellas tambem chamadas " Concerto " ou " Pacto " em *Ex.*, 34 : 28 e *Deut.*, 9 : 9 (" taboas do Pacto ") e *Deut.*, 4 : 13 (" Vos mostrou o seu Pacto ").

Finda esta estupenda demonstração ao ser promulgado o mais admiravel codigo religioso e moral do mundo, Moysés procurou imprimir bem no espirito do povo, o facto que elle bem vira que DEUS fallara do céo, *sem figura alguma.* E em seguida recommendou DEUS a Moysés que os altares que se Lhe fariam deviam ser de simples terra e sobre elle poderia o povo offerecer suas hostias pacificas, seus holocaustos " em todos os logares onde se fizer memoria do Meu Nome : E virei a ti e te abençoarei. Se me edificares, porêm, algum altar

de pedras não o edificarás de pedras lavradas, porque se levantares sobre elle o cinzel ficará polluto" (*Ex.*, 20 : 23-25, J E). Esta narrativa é de E que, como já se mostrou, precedeu por seculos a P, que é o ultimo collaborador do Pentateuco, a qual levou longo tempo a ser colligido. Não passará desapercebido que n'aquelle tempo ainda não se restringia a adoração a DEUS a um só logar, mas eram permittidos altares em todos os logares onde se fizesse memoria do sancto Nome do SENHOR.

Promulgada a Lei no Sinai: "veiu Moysés referir ao povo todas as Palavras (e todas as ordenanças) de JAHVEH; e todo o povo respondeu a uma voz: *Faremos tudo que* JAHVEH *disse.* Moysés, pois, escreveu todas as ordenanças de JAHVEH, e tendo-se levantado de manhã, erigiu um altar nas raizes do Monte, e doze padrões, conforme o numero das doze tribus de Israel. E enviou alguns mancebos d'entre os filhos de Israel e offereceram seus holocaustos, e immolaram victimas pacificas ao SENHOR. Moysés, pois, tomou metade do sangue e lançou-a n'umas taças; e derramou a outra sobre o altar. E tomando o Livro da Alliança leu ouvindo o povo, o qual disse: "*Faremos tudo o que* JAHVEH *disse e Lhe seremos obedientes.* Então, tomando o sangue o derramou sobre o povo e disse: *Eis aqui o sangue da Alliança que* JAHVEH *celebrou comnosco abaixo de todos estas condições.*" (*Ex.*, 24 : 7, 8).

É esta a grande *Alliança* ou *Pacto* do Velho Testamento. A palavra hebraica *berith*, como já tivemos occasião de dizer tem um sentido lato, significando realmente todo e qualquer compacto. Os traductores da versão dos LXX chamam *berith* não *sunthéke* como deviam mas *diathéke* que quer dizer tambem vontade, ultima vontade, testamento, instrumento, etc. Apezar de que só em dous logares na Epistola aos Hebreus (9 : 16, 17) seja a palavra empregada nesse sentido de testamento, a palavra foi generalisada pela versão latina e applicada tanto ao Velho como ao Novo Testamento.

No principio estas allianças se tornavam effectivas entre dous homens, um bebendo um pouco do sangue do outro, que chupava de uma incisão venal. E esse rito ainda hoje subsiste na região do Lebanon e em partes da Arabia.[1] Com o progresso da costumes o rito se foi modificando: animaes domesticos eram mortos e partidos ao meio e entre as suas metades passavam os contractantes (*Gen.* 15 : 16, 17). A promessa de DEUS a Abrahão, que este seria ainda pai de innumero povo, descreve que "uma alampada accesa" passava ao travez das rezes divididas. Ainda depois destas foi mais antigos de compactos veiu a do juramento

[1] Trumbull, *The Blood Covenant*, 1885, pags. 5, 9; Robertson Smith, *The Rel. of the Semites*, 1914, pag. 314.

deante ae Deus e alguma imprecação no caso de inobservancia do contracto (*Gen.* 26 : 31 ; *Deut.* 27 : 15-26).

Tambem em tempos antigos costumavam as partes contractantes de algum compacto solemne construir um monumento consistindo de algum pillar ou monte de pedra, sobre os quaes se invocava a presença de Deus (*Gen.*, 31 : 44-49). Outras vezes invocava-se o deus para testemunha seguindo-se a isto um repasto sacrificial (*Gen.*, 26 : 30 ; 31 : 54, etc.). Mas o modo mais solemne de um compacto era a immolação de uma victima e o esparzimento do seu sangue que representava a presença e approvação divina. É o que Moysés fez (*Ex.* 24 : 8) na solemme occasião, que vem de ser narrada, quando, apoz a acceitação, de parte do povo, de todas as palavras e ordenações de Jahveh no Monte Sancto, elle, immoladas as victimas, "tomou metade do sangue e lançou-o n'umas taças, e derramou a outra sobre o altar."

Um "compacto" ou *berith* feito com Deus redunda n'uma promessa de Deus. As principaes do N. T são a de Noé (*Gen.*, 9 : 9-17, P) ; a de Abrahão (J e P), que foi depois estendida a Isaac e Jacob (*Gen.*, cap. 15 ; 35 : 11) ; e por ultimo, a de David, que a sua posteridade occuparia o seu throno para sempre. O compacto entre Deus e Israel consistiu em considerar Israel a Jahveh como seu unico Deus, seu salvador ; e em ser elle a nação por Elle escolhida entre todas as outras para ser o Seu proprio povo sacerdotal em que cada um cumprisse as Suas Leis e Ordens : e foi Moysés quem lançou as bazes do modo por que Jahveh queria ser adorado. Esse pacto de Deus é eterno, como a promessa jurada a Abrahão é eterna para todos os effeitos. Uma promessa para o futuro tem, porêm, phases diversas e o Sinai é uma grande phase mas antes o começo do que o fim da execução da promessa que só se realisa em Jesus Christo.

Na quarta parte desta obra tractaremos por extenso do papel bazico destes pactos divinos na Religião.

Antes de proseguirmos convém dar ideia succinta da propria Lei das duas taboas, reservando para outro logar algumas observações sobre o seu papel na Religião de Jahveh e do fiel servo, Moysés.

Prefacio —"*Sou* Jahveh, *teu* Deus *que te trouxe da terra do Egypto.*" —É a definição completa que Deus dava de Si. É o unico subsistente, o Eterno, o Creador do mundo e do homem ; e, depois, disso, como Creador e Senhor, tomando parte no governo e destino do homem e das nações, como verdadeiro agente historico. Deus não é simplesmente uma abstracção : ou uma concepção moral, mas revela-se *ao homem*, dentro de sua mesma consciencia. Não é o Jupiter que ás vezes se digna intervir nos negocios humanos, nem o motor primario de que evolve-se a vida do mundo, nem o preexistente brahminico a que tudo tem de voltar, finda a illusão cosmica : mas Jahveh é não só o Senhor Creador do mundo, mas o que creou o homem á *Sua Imagem* : e que atravez do destroço produzido pelo peccado, restabelecel-o-ha na sua gloria inicial,

Elle occupa-se com summo e immediato interesse *pessoal* desta Sua creatura e quer que ella esteja em relações *intimas* com Elle,—relações inteiramente espirituaes e moraes. Mais ainda, Elle quer que o homem acceite essas relações que lhe são assim offerecidas *na baze historica da salvação* que Elle obrou, isto é, como Salvador, como constructor de um edificio que se esboroára e, cujos fundamentos Elle recompõe agora. Seu proprio nome JAHVEH, de difficil origem, parece entretanto traduzir-se simultaneamente em *Sou* e tambem *Serei*; indica que se não tracta de um ser meramente metaphysico mas de um que será no futuro o que tem sido no passado,—o que a experiencia historica tem demonstrado.

I. *Não terás outros deuses deante de Mim.*—Não se diz ahi que ha um só Deus, unico, nem ha ensino dogmatico sobre a Sua natureza. Nem o texto se occupa dos deuses que as outras nações adoram, si são reaes ou não. O methodo do ensino mosaico é diverso: o Hebreu devia adorar, só e exclusivamente, a JAHVEH; a ninguem mais devia reconhecer como DEUS sinão a Elle. Era-lhe vedado, pois, prestar qualquer homenagem que fosse aos deuses dos seus futuros visinhos em Canaan. E porque a primeira Palavra não diz expressamente que só ha um DEUS que é JAHVEH, nem por tal deixa isso de ser subentendido na prohibição de adorar outros chamados deuses. O Hebreu devia ter bem presente a sublime serie de intervenções de DEUS para livral-o da escravidão do Pharaó; e elle retinha o precioso legado das tradições dos seus antepassados, de cujo puro monotheismo dão prova as admiraveis narrações dos tempos primitivos no *Genesis*. Ainda hoje o Preceito é mais applicavel a nós, muito mais, do que aos Hebreus. Quantos ha que, não adorando idolos de outros deuses, não adoram tão pouco a DEUS: e a propria confissão de que ha DEUS, quantas vezes não traduz sinão uma tradição óca? Quando nos apegamos ás riquezas, ás posições sociaes e publicas, aos proprios filhos, n'um amor egoista e desasizado, não fazemos sinão adorar a outros deuses, ainda que reconheçamos o DEUS Unico.

II. *Não farás para ti imagem de esculptura.*—O accrescimo posterior do *Deut.* procura mostrar a importancia deste preceito. O *Deut* (4:16) lembra aos Hebreus que não viram *figura* alguma de JAHVEH quando lhes fallava no Horeb. E este Codigo accrescenta: "Nem figura alguma de tudo o que ha em cima no céo e do que ha embaixo, na terra, nem de cousa que haja nas aguas, embaixo da terra; não adorarás nem lhes darás culto, porque Eu sou JAHVEH, teu DEUS,—o DEUS forte e zeloso, que vinga a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daquelles que Me aborrecem; e que usa de misericordia até mil gerações, com aquelles qua Me amam, e que guardam os meus preceitos" (20:4-7). Segundo a primeira Palavra, era prohibido prestar qualquer culto a deuses extrangeiros, ou tel-os junctamente com JAHVEH: agora a prohibição expressa é de fazer ou ter qualquer imagem ou symbolo *mesmo* de DEUS *verdadeiro*.

No texto ver-se-ha que, logo que Moysés desceu do Sinai com as pedras desta Lei, teve de voltar ao Monte para receber novas ordens e instruc-

ções de Deus. Como se demorasse muito, os Hebreus, com Aarão á sua frente, fundiram um bezerro, de ouro, deante do qual o irmão de Moysés levantou um altar, etc. Ora, esses Hebreus criam piamente ter ali um symbolo de Jahveh, perante o qual fizeram barulhenta festa; e entretanto só pela instante intervenção de Moysés não foram todos extinctos, ainda assim morrendo 3000 dos idolatras (*Ex.*, 32 : 19-35). Por occasião da separação da Jeroboão de Reino de Judá, aquelle Rei de Israel, não querendo vir adorar em Jerusalem, erigiu idolos em Dan e Bethel com a intenção de continuar a adorar a Jahveh. O eterno e invisivel Deus não póde tomar as formas e symbolos que Lhe empresta a nossa doentia imaginação, ou a nossa concepção intellectual. Jahveh habitava com os Hebreus na Arca e no Templo: tirou-os do Egypto com a Sua mão forte, fallou no Sinai, guiou o Seu povo de dia e de noite e deu-lhes o que comer no deserto: mas ninguem jámais viu a Sua figura. Só quiz ser conhecido pela acção visivel. Entretanto precisa ser admittido que o culto primitivo dos Hebreus não se incompatibilizava com a posse de objectos de mera superstição, como os *Theraphim* ou estatuas que suppõe-se serviam de deuses tutelares. Ao sahir da Mesopotamia com Jacob, Rachel levou os idolos paternos que Labão foi debalde buscar (*Gen.*, cap. 31). Ainda no tempo dos Reis, Milcol, filha de Saul, deu fugida a David, e fingio, com um idolo, que era elle que estava deitado na cama (1 *Reis*, 19 : 13. 16). Vimos tambem como, antes de partir para Bethel por ordem de Deus, Jacob ordenou á sua casa que lançasse fóra os deuses estranhos que tinham no meio de si,—o que se fez (*Gen.* 35 : 2-4). Havia pois, tendencia antiquissima para essas representações da Divindade e, tendo vivido por seculos no ambiente immovel do Egypto, vê-se como deviam ser addictos á idolatria esses Israelitas que, nem depois de terem ouvido a grande Lei fundamental com todo o grandioso cortejo da sua promulgação, se corrigiram, mas levantaram um bezerro fundido para representar-lhe Jahveh, que os tinha salvo da servidão egypciana, esquecendo-se elles tão depressa da gloria de seu Deus, nesta sua incapacidade do menor esforço espiritual, mesmo o da mera lembrança.

III. *Não tomarás o Nome de* Jahveh *teu* Deus *em vão.*—Entre os Hebreus dava-se enorme importancia ao nome da Divindade e já mostramos que na revelação do Seu nome, Deus obrára com muita regra, accommodando-se ao desenvolvimento do sentimento religioso do povo. —O nome de qualquer pessôa representa a propria pessôa e não uma concepção della; e conhecer o nome de Deus é conhecer os Seus actos e palavras, taes quaes Elle as tem revelado a nós mesmos: e não é trazer á nossa lembrança as ideias que tenhamos d'Elle. A ultima revelação do Seu Nome foi: "Sou o que existe por Si," "Sou quem Será," o omnipotente, unico, o que fez as promessas a Abrahão e seus descendentes. Tal é a definição que Deus approuve dar do seu Nome, Jahveh. Basta isto para explicar como deve ser reverenciado esse Nome, e não só respeitado mas amado acima de tudo. Os Judeus exaggeraram esta veneração do Sancto Nome e nem lendo o V. T. o pronunciavam, substi-

tuindo-o por outro que tem as mesmas vogaes. Isto, porém, já tocava a superstição. O que a terceira Palavra prohibe é o citar o Nome levianamente, por cousas vãs; e não n'uma oração, na leitura das lettras sagradas ou quando invocado como testemunha solemne de uma asserção séria entre homens. Não podemos mostrar reverencia pela majestade e amor de Deus empregando o Seu Nome com a familiaridade com que delle usam em geral as nações de linguas latinas: isto solapa pela raiz o verdadeiro sentimento religioso.

IV. *Lembra-te de sanctificar o dia de Sabbado.*—A isto foi depois accrescentado: "Trabalharás seis dias e farás n'elles tudo o que tens para fazer. O septimo dia, porém, é o Sabbado do Senhor, teu Deus. Não farás nesse dia obra alguma, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu escravo, nem a tua escrava, nem o teu animal nem o peregrino que vive das tuas portas para dentro . . ." É a observancia do Sabbado como dia de repouso do trabalho, uma das instituições mais antigas. Aqui Deus o consagra, como tal. Todas as nações mais antigas dividiam o mez em semanas de septe dias, entre ellas os Egypcios e Chaldeus. Os Gregos e Romanos as faziam de dez e oito dias, mas posteriormente adoptaram a divisão dos septe dias, que os Mahometanos, os da India Oriental e até os indigenas do Perú seguiam. Os patriarchas dos Hebreus, porém, não guardavam o Sabbado como dia de descanço. Só agora o Decalogo intima o povo, seus descendentes, a lembrar-se de conservar um dia *á parte* (*i.e.*, sancto) para esse fim. O "lembra-te" não significa que já existia a practica da observancia do Sabbado, mas que d'ora em deante o povo devia não esquecer-se de cumprir este mandamento. A razão da sua instituição foi a necessidade de assegurar que n'esse dia toda a creatura humana, e os animaes ao seu serviço gozassem de descanço, o Judeu tambem começando assim a honrar o processo da creação em seis periodos e o descanço no septimo. Dest'arte os Judeus abstendo-se do trabalho no seu Sabbado dedicaram-no sempre, até hoje, á vida da familia e ás alegrias sociaes: é para elles um dia festivo. A unica obrigação ritual que a lei mosaica impunha era que os sacrificios no Templo deviam ser dobrados,—mais nada. Isto, porém, não impedia que os mais piedosos passassem o dia nos seus exercicios espirituaes. Mas, a abstenção do trabalho era imperativa; e deste modo a Lei protegia não só o rico, mas o escravo, o estrangeiro, até os proprios animaes. Era uma lei de defesa social. Ainda hoje se vê que melhor trabalha nos seis dias quem sabe descançar no septimo. Corresponde ao Sabbado judeu o Domingo christão. Nos primeiros tempos os Christãos uniam-se nesse dia para orarem, e combinarem serviços mutuos em prol da Religião, mas, sobretudo, para commemorarem a Resurreição de Jesus Christo. É difficil precisar a data em que elles começaram a ter o Domingo como dia de repouso, como era o Sabbado dos Judeus. Foi só com vagar que a Egreja, já forte, conseguiu tambem tornar o Domingo dia de descanço; e ao tempo de Constantino um decreto mandou fechar os Tribunaes e suspender todo o trabalho nesse dia.

V. *Honrarás a teu pai e a tua mãe*, para teres uma vida dilatada sobre a terra que o teu Deus te ha de dar." Esta Palavra estava na primeira das duas taboas de pedra, entre, pois, as que se referem ao *culto* de Deus. Com effeito, dependente inteiramente dos pais durante a primeira parte de sua vida, o homem deve (notem bem) não sómente amar, mas *honrar* seus pais. Na terra o pai symbolisa o que Deus é para todos, e por isso não encontramos mandamento algum ordenando aos pais que amem a seus filhos. O quinto mandamento corrige a inclinação dos filhos já adultos de fazerem menos em seus pais, sobretudo quando lhes descobrem os defeitos e receberam mais instrucção do que elles. A Palavra manda que os filhos lhes prestem sempre respeito e obediencia, como a representantes de Deus na terra, e isso ao travez de todos os seus defeitos,—como tambem elles os amaram apezar de todas as suas faltas. A baze da sociedade sendo a familia, a manutenção da auctoridade paterna torna-se o penhor da segurança e da sua paz. O Judeu reconhecia isto e punia de morte o filho recalcitrante, como fazia ao criminoso de lesa-majestade contra o seu soberano, o proprio Deus.

VI. *Não matarás.*—Costume antiquissimo obrigava ao parente da victima do homicidio matar a seu turno o assassino. Nos paizes meio civilisados, sem leis regulares ou tribunaes, era isto uma dura necessidade para conter as más paixões. Esta Palavra do Decalogo protege a vida humana, preciosa, desde que, o homem é feito á imagem de Deus e que nasce com destino sagrado a cumprir. Os que deviam perseguir o assassino ás vezes recebiam indemnisação pecuniaria deste ; mas Moysés prohibiu esta practica abusiva, ordenando que elle fosse certamente punido de morte. Si Moysés estabeleceu cidades de refugio so para os homicidas involuntarios elle pune de morte tambem o que por sua negligencia causa a morte de outrem.—A Palavra não significa prohibição de matar em legitima defeza : mas condemna as guerras de aggressão e conquista.—Jesus Christo, referindo-se a este mandamento externo, procura atalhar o mal nas suas raizes prohibindo aquellas paixões de aversão, colera e odio que promovem e produzem o homicidio (*S. Mat.*, 5 : 21-26). E o Redemptor, assim, ainda mais, reivindica a sanctidade e a grandeza da natureza humana.

VII. *Não commetterás adulterio.*—Este preceito que foi depois expandido a todo genero de commercio illicito inter-sexual, é de certa fórma, contraposto ao primeiro preceito. Nos tempos propheticos chamavam prostituta a nação judaica por haver abandonado o seu Deus : ella "prostituia-se em todo o oiteiro elevado," (*Jer.*, 2 : 20) adorando idolos." "Adulterou com a pedra e com o pau" (*Jer.* 3 : 8, 9) ; "prostituiram-se aos idolos" (*Ezek.*, 23 : 37). Os Hebreus não eram tão immoraes como os Egypcios, mas convinha reprimir severamente esses máos exemplos. O adulterio era punido com a pena de morte, ora pelo fogo, ora pelo apedrejamento. Ficou prohibida por Moysés em outras leis a prostituição ; e a filha de um Levita que se prostituisse deveria ser queimada depois de apedrejada (*Lev.*, 21 : 9). O preço da prostituição não poderia ser dado ao sancturio. Quanto ao adulterio, propriamente, a principio

o marido costumava matar os delinquentes ; só depois a Lei sanccionou a morte da mulher culpada e do seu companheiro (*Deut.* 22 : 22) ; e até a que contractára casamento era apedrejada si corrompia-se antes do casamento. No correr do tempo cahiu em desuso a pena de morte.—É de notar que, até este septimo preceito, inclusive, são todos elles susceptiveis da pena de morte : em todos elles tracta-se da dignidade e sanctidade de Deus e da natureza humana. O casamento é uma instituição divina, baze da conservação da sociedade e do aperfeiçoamento da especie humana. Conspurcar, quebrar os laços intimos dessa instituição, é levantar-se contra as leis bazicas da Creação, do fim da Creação do homem, do seu destino supremo.

VIII. *Não furtarás.*—Os trez ultimos preceitos referem-se ao direito de propriedade do homem, e resguardam-n'o. Com o seu trabalho, com o suor de seu rosto, (*Gen.*, 3 : 17-19) o homem adquire bens. Tiral-os pela astucia ou pela força é grandemente aggravar uma penalidade divina, augmentar a servidão do trabalho e desconhecer fundamentalmente o respeito e amor do proximo, sobretudo quando a cousa furtada fôr, como era o boi, necessaria á sua propria existencia, já como carne já como auxiliar na agricultura.

IX. *Não dirás falso testemunho contra o teu proximo.*—Além de matar e de tirar-lhe a sua propriedade tangivel ha outro meio de attacar a individualidade humana que é o de mentir a seu respeito, n'um tribunal, ou o de roubar-lhe alguma parte do conceito em que é tido entre seus similhantes. A sociedade, segundo o divino plano, é necessaria para o completo desenvolvimento da natureza moral do homem. E o falso testemunho n'um tribunal é falta que merece muito especial punição, pois o tribunal representa a mesma justiça divina que é a garantia da paz e segurança da communhão social. O testemunho falso procura perverter este justo e divino equilibrio, procura mentir, não só á sociedade, mas á Deus. Egualmente o juizo falso em relação ao nosso semelhante, que é nosso irmão e de quem não somos juizes, perverte a justiça de Deus, condemna antecipadamente e sem figura de juizo a um similhante nosso, o juiz falso neste caso não passando de outro culpado como o supposto réo.

X. *Não cobiçarás a casa do teu proximo* ; não cobiçarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento nem outra alguma cousa que lhe pertença. Como muito bem observa Lange, a emphase deste preceito está no *cobiçar* e não na mulher, casa, creados e outras possessões do dono. Com effeito, a prohibição consiste neste desejo desordenado e forte de possuir o que é de outrem. Em vez de procurar unir-se a Deus a alma procura satisfazer-se com a posse de qualquer cousa que não é sua. Bem diz S. Paulo que a cobiça é um dos idolos que nos cumpre evitar. O mandamento neste caso não toca só aos actos externos mas condemna o proprio acto interno da cobiça, isto é, de desejar ter illicitamente o que lhe não pertence. É o ultimo preceito do Decalogo, e nenhum está, como elle, mais chegado ao grande mandamento " Amai ao proximo como a vós mesmo."

CAPITULO XXXIX

JUNCTO AO SINAI.—O TABERNACULO

O *Deuteronomio*, apresentando um retrospecto dos factos principiaes relativos á libertação dos Israelitas por DEUS, e contendo uma exposição succinta dos mandamentos e instrucções divinas ordenadas pelo intermedio de Moysés, não podia deixar de dar a sua versão do Decalogo, que é a que vemos, no *Deut.*, cap. 5 : 6-21, que, como se sabe já, é menos antigo e por isso menos puro do que o do *Exodo*. As differenças entre as duas versões, não são nada tocantes á essencia e integridade dos preceitos, pois até se observa a mesma ordem delles. Varias vezes vem accrescentada na versão do *Deut.* a particula "*e*" ajunctando duas orações. O quarto preceito (observancia do Sabbado) dá como razão delle a necessidade do escravo descançar, accrescentando que o Israelita devia lembrar-se de que elle mesmo fôra escravo no Egypto. Demais, no *Deut.* o preceito começa: "*observa o dia de Sabbado para o sanctificares como o* SENHOR *teu* DEUS *te mandou*"—mostrando que a versão é posterior á primeira. Depois desta a principal differença entre as duas é na 10ª Palavra. Transcrevamos as duas:

Ex., 29 : 17.—Não cobiçarás a casa de teu proximo. Não cobiçarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento nem outra alguma cousa que lhe pertença.	Deut., 5 : 21.—E não cobiçarás a mulher do teu proximo nem appetecerás a sua casa, *nem o seu campo*, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento nem a cousa alguma que lhe pertença.

Aqui o Deuteronomista destacou em primeiro logar a *mulher* como a mais cara das possessões do homem, ao passo que no *Exodo* E incluio em *casa* todo o estabelecimento domestico, todas as suas possessões. Acreditam geralmente os criticos como já vimos, e com apparente razão, que a primitiva Palavra consistia só da primeira sentença: Não cobiçarás a casa do teu proximo, isto é, cousa alguma que pertença a teu proximo;

e que d'ahi por deante ajunctaram ao simples preceito as *razões e explicações* do texto.

O numero *dez* de Palavras foi escolhido intencionalmente. Em primeiro logar, são dez os dedos das mãos e isto ajudaria o povo a retel-as na memoria. Mas *dez* é o numero que symbolicamente representa, segundo Kurtz, o multiforme desenvolvimento da humanidade, isto é, de nossa perfeição, não absoluta, mas humana.

Tem sempre havido divergencia sobre o modo da distribuição das *dez* Palavras. 1. Os Judeus contam como primeira Palavra o prefacio "Eu sou JAHVEH, teu DEUS, que te tirei da terra do Egypto, da casa da servidão," que aliás julgamos pertencer ao *nosso* primeiro preceito, antecedendo o "Não terás deuses estrangeiros deante de Mim." E como seria assim onze o numero das Palavras, os Judeus unem n'uma só as nossas primeira e segunda, prohibindo o polytheismo e a idolatria, duas cousas diversas. O Imperador Juliano adoptára este methodo judeu de dividir os mandamentos. 2. S. Agostinho (*Quaestiones in Ex.*, 71) propôz a seguinte distribuição: unir o primeiro preceito correspondendo ao primeiro e segundo dos Judeus, isto é, abrangendo deuses estranhos e idolatria, e conservando o prefacio como tal e não como uma das Palavras; e no fim o decimo preceito subdividido em dous, um (que seria o nono) sobre cobiçar a mulher do proximo e o outro (10º) sobre cobiçar a sua casa. 3. Ha emfim o methodo que podemos chamar do texto do *Exodo* que distribue as Palavras como o fizemos aqui.

Os Judeus não têm razão quando ajunctam o nosso 1º e 2º preceito, como tambem fazem Sancto Agostinho, e depois delle a Egreja Catholica e os Lutheranos. DEUS quiz no primeiro preceito implantar bem a ideia da sua exclusiva unidade; e no segundo prohibiu que d'Elle ou de qualquer outro supposto deus fizessem imagens, a que dessem culto, ainda mesmo que fosse, por exemplo, a de um bellissimo Ancião, em vez do disco do Sol ou do bezerro fundido. São duas cousas diversas. Si o termo generico de idolatria abrange a ambos está claro que em certos casos, a quebra do segundo preceito não parece tão grave como de certo é a apostasia no primeiro. Nem vemos em que auctoridade se bazêa S. Agostinho para dividir arbitrariamente o decimo preceito, dando duas Palavras para a mera concupiscencia ao passo que o adulterio tem uma e o homicidio tambem uma. Para esta divisão elle recorreu ao texto do *Deut.* (que a não auctoriza, aliás) e que, como vimos, é mais moderno e portanto não tão puro como o do *Exodo.* O decimo preceito, como o temos na Biblia, é completo: con-

demna que *cobicemos a casa* do nosso visinho, inclusive a mulher filhos, creados, animaes e tudo o que contém. *Casa* é ahi empregada como tudo que constitue o patrimonio, como o é em *Gen.*, 15 : 2 ("o procurador da minha casa") e em *Job.*, 8 : 15, etc. Demais entre os Hebreus a mulher não tinha a posição que o Christianismo deu-lhe : *era comprada* pelo marido que a repudiava, quando queria, com um simples papel de divorcio. Destacar a mulher do 10º preceito da Biblia para fazer disso um preceito especial é deturpar o texto, forçando-o a emittir ideias ainda não acceitas n'aquelles tempos. Por isso julgamos mais acertado adherir á divisão que nos parece do proprio *textus receptus* ; e que foi a seguida por Philo, por Flavio Josepho, por muitos dos padres primitivos, por Origenes, Jeronymo, Athanasio, Gregorio Nanzianzeno, Ambrosio, Clemente Alexandrino, etc. ; pela Igreja Grega, pelos Reformados (excepto os Lutheranos), por Calmet no *Dicc. de la Bible*, e Ewald, Delitszch, Dillmann, Driver, etc. que todos protestam, silenciosa ou abertamente, contra a liberdade tomada com o sagrado texto.[1]

Os caps. do *Exodo* que se occupam da theophania do Sinai são muito confusos. Vêm-se ahi duas e trez narrativas diversas, amalgamadas, e sem que, possamos discriminar bem os seus respectivos contingentes. Segundo Driver, o historiador E incorporou na sua narrativa o Decalogo, tirado de fontes já existentes e muito antigas, "pelo menos a sua substancia, gravada nas duas taboas." Os criticos em geral opinam que estas Dez Palavras eram a principio muito curtas e que com o correr do tempo lhes accrescentaram as razões, promessas e observações que pareceram adequadas a causarem maior impressão no espirito dos Israelitas. Ewald (*Gesch. Isr.*) pensa que os preceitos 2, 3, 4 e 5 eram a principio desacom-

[1] Quanto á hypothese de como se dividiam essas Palavras nas duas Taboas, cremos que estas continham cinco cada uma,—as primeiras cinco sendo de deveres a Deus (inclusive honrar pai e mãe, representantes de Deus na terra); e a segunda pedra contendo as Palavras referentes aos deveres para com os nossos similhantes. Ainda aqui S. Agostinho quer forçar no Decalogo o symbolismo Christão pois acredita que as *tres* primeiras Palavras (isto é, quatro que elle reduziu a tres) compunham a primeira pedra, e as *septe* ultimas (seis, pois que subdividio a 10ª) a segunda, escrevendo: "Mihi tamen videntur congruentius accipi tria illa eta ista septem, quonium Trinitatem videntur illa quae ad Deum pertinent, insinuare diligentius intuentibus." Notaremos tambem que o Concilio de Trento dividindo o 10º mandamento seguiu o texto do *Exodo*: "Non concupisces domum proximi tui; nec desiderabis uxorem ejus," etc. ; mas que hoje o Cathec. Catholico colloca a cobiça da mulher no 9º e o resto no 10º, segundo Sancto Agostinho. Além disso a juncção dos dous primeiros mandamentos tem resultado em apagar ou quasi apagar dos cathecismos mais curtos a prohibição solemne de culto de imagens ou figuras de esculptura.

panhados das razões que lhes foram annexas e que o decimo só rezava : " não cobiçarás a casa de teu proximo."

O que torna mais difficil esta parte do *Exodo* é que não temos, integraes, as narrativas de E e de J, os dous principaes chronistas. Este mesmo facto, porêm, vem destruir pela baze a hypothese de alguns criticos, que o proprio *Exodo*, 34 : 14 e seg., dá um outro Decalogo, muito mais simples do que o que ficou descripto e que sustentam ser o primitivo por melhor adaptar-se ás condições de receptibilidade do povo hebreu n'aquelle tempo. Antes de tudo, não ha ali propriamente um Decalogo mas *doze* preceitos, que Wellhausen arbitrariamente reduz a dez. A incerteza da sua origem, segundo o seu mesmo texto, torna-se evidente pela contracção flagrante entre os vers. 1 e 28 do mesmo cap. 34 do *Exodo* : ali dizendo-se que Deus escrevêra nas taboas e aqui que Moysés " escreveu nas taboas as dez Palavras do Concerto," que demais, não podem de certo ser as doze. Além disso si entre os preceitos desse codigo ha alguns que vem do Decalogo como : " Não adoreis a deus alheio " (vers. 14), " não farás para ti deuses fundidos " (vers. 17) : " Trabalharás seis dias e ao septimo cessarás de lavrar e de segar " (vers. 21), os outros são referentes ou ao não intercurso com as nações que habitavam Canaan ou ás festas annuaes que deviam os Israelitas observar. Assim, este codigo podia ter sido feito, tendo em vista as obrigações para com Jahveh directamente : alguem tomou os quatro primeiros preceitos do Decalogo e accrescentou-lhes que *desde o Egypto* haviam sido observadas pela tradição. Que differença, porêm, entre elle e o agora Codigo do Sinai, bazeado nas leis eternas da Religião e da Moral, do amor a Deus *e tambem ao homem*, mandamento fundamental, que Jesus Christo, quinze seculos depois, veiu ensinar dever ser egual ao primeiro !

Não ha duvida que os Hebreus procuravam facilitar o ensino das suas leis enfeixando-as em grupos de dez, correspondentes ao numero dos dedos das mãos : nos seus codigos, pois, vêm-se decalogos e pentadas e tambem pentadas em separado, de leis ou decisões.[1] Nada provaria, pois este facto de se achar, mesmo nesse logar do *Ex.*, um decalogo. Mas ahi nem ha tal decalogo. Para melhor intelligencia da questão transcrevemos aqui, sem o accrescimo das exortações, e segundo Wellhausen,[2] os mandamentos deste decalogo de " J " :—

[1] Diz C. A. Briggs, *The Bible, the Church and the Reason* (Edinburgh, 1892) que o cod. E tem seis decalogos completos, a saber : Ex., 21 : 12-11 ; 21 : 12-25 ; 21 : 26-37 ; 22 : 6-16 ; 23 : 1-3 e 6-9, e 23 : 10-19 ; além de quatro pentadas separadas 20 : 23-26 ; 22 : 1-5 ; 22 : 20-26 ; 22 : 27-29. E isto é sem fallar de vestigios de outros decalogos e pentadas.

[2] *Israel. Gesch.* II, pag. 66.

1. Não adores a deus alheio.
2. Não farás para ti deuses fundidos.
3. Observarás a solemnidade dos asmos.
4. Todo o macho que abre o utero de sua mãe será meu.
5. Celebrarás a solemnidade das semanas no principio da colheita.
6. Celebrarás a outra solemnidade quando se recolhe tudo.
7. Não immolarás o sangue da minha victima sobre fermento.
8. Não reterás até amanhã cousa alguma da gordura da minha solemnidade.
9. Offerecerás as primicias dos fructos da terra na Casa de JAHVEH.
10. Não coserás o cabrito no leite de sua mãe.

Precisamos observar que o distincto critico arbitrariamente supprime o preceito relativo ao Sabbado, cuja maxima importancia, na economia mosaica, está sobejamente demonstrada. Diz o texto, vers. 21 : "Trabalharás seis dias e ao septimo cessarás de lavrar e de segar." Com que auctoridade organisa elle um decalogo sem esta ordenação bazica ? E elle ainda cala dos outros os preceitos : 1º a prohibição aos Israelitas de pactuarem de qualquer fórma com os habitantes "desta terra" de Canaan ; e 2º, a prohibição de apparecerem na presença de JAHVEH com as mãos vazias (vers. 12, 15, 16, 20). Vê-se, pois, que não se tracta exactamente de um decalogo, mas de doze ou treze preceitos.[1] Examinando este mesmo grupo de perto verificamos que 1º elle contém dous preceitos do verdadeiro Decalogo, referentes á unidade e espiritualidade de DEUS : 2º os outros preceitos com que o critico completa o seu decalogo referem-se, *todos elles* a observancias rituaes. O chamado decalogo de J parece-nos, ao contrario do que vemos geralmente sustentado, menos antigo do que o outro (de E, aliás escriptor posterior). Elle refere-se á colheitas de trigo, ás festas agricolas e entretanto o povo era essencialmente pastoril, semi-nomado ; e parece ser antes um pequeno codigo dos principaes deveres *do culto*, encimados pelos dous mandamentos referentes á existencia de JAHVEH.

Pretendem alguns que os preceitos do verdadeiro Decalogo

[1] Diz Orr, *Prob. of the O. T.*, pag. 153, nota, que não ha dous criticos que dividam os preceitos (deste chamado primitivo decalogo) de modo que sommem dez exactamente ; e a tentativa de o conseguirem está bem geralmente abandonada, mesmo por alguns dos mais adeantados delles. Addis diz que essa divisão provém de "meras conjecturas" : "Muitos criticos adoptando a lembrança de Goethe, tem procurado desintegrar dahi dez *palavras* de alliança correspondentes ás do Decalogo. Tudo isso, porêm, não tem passado de meras conjecturas." Carpenter, tambem repelle a ideia ; e Kittel (*Hist. Heb.*) diz : " preciso muita arbitrariedade mesmo para achar o numero dez. Kautsch rejeita egualmente o segundo decalogo.

estão muito ácima do baixo nivel intellectual dos Israelitas daquelle tempo : mas sem razão, considerando o monotheismo da raça semitica e o respeito em que ella tinha o nome da Divindade, não fallando das tradições dos patriarchas que os Israelitas ainda conservam vivas, os quatro primeiros preceitos do Decalogo não apresentam grande novidade, pois até do Sabbado deviam ter tradição. Os cinco que se lhes seguem contêm principios eternos de moral, principios cuja violação os costumes do tempo já puniam,—como o do respeito filial, o de não matar, não adulterar, etc. Sómente o 10º preceito—o de não cobiçar a cousa alheia—é que appareceria ao Israelita talvez como novidade. Podemos sustentar como mais certo que era já corrente entre os Israelitas este grupo de preceitos mas só oralmente ; e que foram depois escriptos, sendo accrescentados por J a sua narrativa donde algum redactor os supprimiu por haver já reproduzido o Decalogo de E. Não deixamos de confessar que o grupo de preceitos em *Ex.*, 34 parecia mais usado por lidar com solemnidades e practicas rituaes, ao passo que o outro apenas accentuava os principios geraes de religião e moral que todos suppõem saber já, por tel-os no fundo da consciencia : dahi o destaque dado ao pequeno J.

Quem menos attentamente ler os vers. 27 e 28 do cap. 34, que seguem-se a este supposto primeiro Decalogo (14 : 26) e em que DEUS manda Moysés escrever "estas Palavras," com as quaes Elle fazia o Concerto com Moysés e com Israel, poderia deduzir que esse grupo de preceitos constitue o mesmo Decalogo que devêra estar em 20 : 2-17. Mas nos primeiros vers. do proprio cap. 34 lemos que DEUS manda Moysés cortar duas novas taboas e que, diz o texto : "*Escreverei sobre ellas as Palavras que continham as taboas que quebraste.*" E Moysés subiu ao Monte com ellas, prestou obediencia a DEUS, e "o SENHOR respondeu." Vê-se, pois, da primeira parte do cap. 34, que tractava-se ahi de substituir as duas taboas do verdadeiro Decalogo, *e não de um decalogo novo.*

Como o Decalogo em *Ex.*, 20 : 2-17 provém de E, os que sustentam que o de 34 : 11-26, de J, seja o mais antigo pretendem que o parallelo deste em E não é aquelle mas ainda outro decalogo que se lê no *Ex.*, 20 : 23ª, 24ª, saltando então para 22 : 29ª, 29ᵇ, 30, 31 e então para 23 : 12, 15, 16ª, 18 e 19ᵇ. Si isto prova alguma cousa é que o chamado Decalogo de 34 : 11-26 compõe-se de disposições que se acham esparsas no *Exodo* e tambem no *Deuteronomio* e no *Levitico* : é justamente o que defendemos. Si se tractasse de um Decalogo promulgado com tanta solemnidade, com que irreverencia se houve o

auctor espalhando, e não enfeixando n'um só documento, as suas partes componentes! O Prof. C. A. Briggs, um dos chefes da critica moderna [1] deu-se ao trabalho de comparar esses decalogos de *Ex.*, 20, *Deut.*, 5 e as passagens repetidas no Pentateuco: só acha nos outros chamados decalogos, disposições parallelas para trez dos dez preceitos do nosso Decalogo, a saber: os dous ácerca do culto que devemos a DEUS e o da observancia do Sabbado. Os outros nove mandamentos do Decalogo não têm correspondentes no codigo de J, nem no de P, nem no chamado "Codigo de Sanctidade" no *Lev.*

Estava assim concluido o concerto da Alliança entre JAHVEH e o povo israelita, pelo mediador Moysés. A nação ficava consagrada como o povo da Alliança com DEUS; e pelo ritual seguido vê-se que o povo offereceu, antes da aspersão do sangue, sacrificios expiatorios. O sangue foi espalhado no altar para mostrar que DEUS acceitava o sacrificio do povo. A representação das doze tribus nesse augusto acto mostrava que *todo* o povo de Israel e cada um de seus filhos, era parte no pacto feito.

Sellada esta Alliança, JAHVEH disse a Moysés: "Sobe a Mim ao Monte e deixa-te estar ahi; e eu dar-te-hei umas taboas de pedra e a Lei (e os Juizos) que Eu escrevi, para os ensinar." E tendo subido Moysés, "a gloria de JAHVEH descançou sobre o Sinai, cobrindo-o com uma nuvem seis dias . . . e entrando Moysés pelo meio da nuvem subiu ao Monte: e lá ficou quarenta dias e quarenta noites" (24 : 12, 16, 18). Deste divino intercurso recebeu Moysés as duas taboas da Lei bem como a serie de "Juizos" [2] ou assentos sobre relações civis e sobre o culto, que occupam os caps. 20 : 22ª; 23 : 33 do *Ex.*[3]

A narrativa dos acontecimentos do Sinai e da viagem do

[1] Ob. cit., appendice.

[2] A Vulg. dá *judicia* mas A. P. F. traduz *leis judiciaes*. Os juizos estão comprehendidos no *Ex.*, do cap. 21 ao cap. 22 : 17 e do cap. 22 : 25 ao cap. 27: são leis geraes regulando a vida de uma sociedade ainda simples. No Cap. "Legislação Mosaica" faremos um resumo dellas.

[3] Segundo o *Ex.*, 24 : 3-8 a Alliança teve por baze não o Decalogo, mas o chamado "Livro da Alliança," 20 : 22 a 23 : 33. O *Deut.*, porêm, falla de *duas* Allianças em 29 : 1, "do concerto que o SENHOR mandou a Moysés que fizesse com os filhos de Israel na terra de Moab, além d'aquelle outro concerto que fizera com elles em Horeb," este segundo sendo bazeado tão sómente no Decalogo. O *Ex.*, diz claramente: "Veiu pois Moysés referir ao povo todas as palavras e todos as ordenações do SENHOR. Moysés, porêm, escreveu todas as ordenações do SENHOR. . . . E tomando o livro do Concerto leu ouvindo o povo, o qual disse: Faremos tudo," etc. A tradição do *Exodo* é preferida á outra: mas esta divergencia, só ella, provaria cabalmente que Moysés nunca pudera ter sido o auctor dos dous Livros.

deserto é aqui interrompida pelo collaborador ecclesiastico do Pentateuco, P, que julgando, e bem, que tendo dado as duas taboas da Lei e as Suas decisões (torah) e instrucções, JAHVEH providenciaria para a sua guarda, refere-nos como Elle ordenou a construcção de uma Arca, que seria conservada com o maior respeito dentro do Tabernaculo. As cortinas, taboas, véo, atrios, bacia de bronze, altar, altar de perfume no tabernaculo ; o ministerio dos sacerdotes e suas vestes, e outras minudencias do culto,—tudo isso vem descripto nos caps. 25 a 30 do *Ex.*

Moysés sem duvida macerado pelo grande jejum, desceu do Monte, accompanhado de Josué, e com elle trazia agora as duas taboas que recebêra de JAHVEH.

São todas do codigo sacerdotal, P, as minuciosas descripções, exaltadas n'uma tradição oral de 800 annos, do Tabernaculo como se pensava, quando foram escriptas, que devia ter sido, com suas ricas cortinas, seu ouro, seus pedestaes de prata e bronze, etc., e que vem referidas com muitas minudencias nesses caps. 25 a 30 do *Exodo.*

Antes, porêm, de dar-se ligeira noção de como era esse Tabernaculo, muito real mas idealisado pelos Judeus do post-exilio, é preciso que se relate um episodio importante e á que aquelle livro do Pentateuco consagra todo o cap. 32,—um capitulo todo inçado de difficuldades causados sem duvida pela sua redacção mixta. Quem o ler de vers. 1 a 8 e então de 15-24 e depois 35, verá a historia do facto narrado ahi por E de um modo simples e comprehensivel. São os vers. 9-14 e 25-34, addiccionados depois, que causam as difficuldades.

Este cap. 32, bem como o cap. 33 muito provavelmente seguiam o cap. 24, como se vê da noticia desses acontecimentos no *Deut.*, 9 : 10-21 ; o redactor ulterior do *Ex.* interrompeu a ordem dos factos para encaixar, dos caps. 25 a 31 a descripção mais recente do Tabernaculo.

Moysés, como dissemos, passou quarenta dias no alto do Sinai. Lá embaixo a sua longa ausencia tornou o povo mais nervoso ainda do que o deixára a tremenda theofania a que assistira. Que fim teria levado o seu guia, o seu intermediario ? E elles Israelitas ficariam agora sem DEUS, sem um deus que os guiasse nesse temeroso deserto. Anciosos, pois, por alguma representação concreta da divindade, ajunctaram-se e insistiram com Aarão para fazer-lhes, disseram, " deuses que vão adeante de nós, porque não sabemos o que aconteceu a Moysés, a esse homem que nos tirou da terra do Egypto." Parece incrivel que Aarão não haja resistido mesmo até a morte a tão extraordinaria exigencia. Mas pediu elle

mesmo ornatos de ouro das mulheres e os vasou ao fogo fazendo delles um bezerro fundido, exclamando depois : " Estes são, ó Israel, os teus deuses que te tiraram da terra do Egypto." E erigiu um altar deante do bezerro em que se offereceram holocaustos e hostias pacificas e em seguida o povo entrou a comer, a beber e a brincar em grandes festas.

Deus avisou a Moysés no Monte que, emquanto elle ali estava, o povo lá embaixo entregava-se a esta idolatria e disse-lhe que o destruiria. Moysés orou a Jahveh que se lembrasse da Sua bondade e misericordia, e das Suas promessas a Abrahão, Isaac e Jacob, e que o poupasse ; e applacado Jahveh, Moysés desceu do Monte trazendo nas mãos as taboas da Lei.

Podemos imaginar que profunda foi a indignação do propheta, e como ella lhe gerou a maior colera, deante do espectaculo que se lhe deparou á vista, ao descer do Monte. Pois este povo, salvo do Egypto ao travez de tantos prodigios, de tamanha demonstração do poder, da fidelidade e da bondade de Deus, e que acabava, havia pouco mais de um mez, de presenciar taes maravilhas, como a da promulgação da Lei, a que solemnemente promettêra obedecer, este povo agora, n'um momento, quebra uma das bazes capitaes dessa Lei, encorporando n'uma figura fundida de bezerro a Personalidade infinita de Deus ! E como ao travez desta sua grande dôr, não devera humilhar sobremaneira o fiel Moysés ver ali o seu proprio companheiro na obra do resgate do Egypto, seu irmão, Aarão, não só associado mas guiando e dirigindo esta verdadeira orgia da idolatria ! N'um momento, podemos bem concebel-o, os olhos de Moysés como que se escureceram e tudo lhe parecia perdido : Irado, " arrojou de sua mão as taboas e as quebrou ao pé do monte " (32 : 19) ; e foi quebrar o bezerro, cujo ouro moeu a pó e lançou na corrente que se deslisava pelo valle.

Depois, reanimando-se perguntou alto quem era pelo Senhor ; e viu que toda a tribu de Levi, ajunctou-se a elle. Houve então a matança de trez mil homens [1] os Levitas haviam bem obedecido a ordem : " Cada qual mate a seu irmão, a seu amigo e a seu visinho." E no fim disse Moysés : " Consagrastes hoje as vossas mãos a Jahveh, cada um em seu filho e em seu irmão, para vos ser dada a benção " (33 : 27-29). Queria, pois, inculcar que com esta prova de dedicação e zelo essa

[1] A *Vulgata* dá 23,000 pessoas, sem nenhuma auctoridade para isto. Provavelmente alguem pensou em emendar os 3,000 do original e de S. Jeronymo, para 23,000 por ver em *Num.*, 3 : 43 que havia 22,273 Levitas e que cada um devia ter sacrificado um Israelita.—Talvez essa resolução da tribu de Levi, nestas circumstancias, de tudo sacrificar para vingar o nome de Deus, a indicasse para ser, como diz a tradição, escolhida em Israel para o serviço de Jahveh.

tribu de Levi mereceu jus ás funcções do sanctuario, que alias ainda não existia.

Como se vê, deve haver um fundo de verdade neste incidente ou antes talvez tenhamos aqui dous episodios diversos mal amalgamados. Não se comprehende que estes escriptores sagrados déssem a Aarão, irmão de Moysés e cuja importancia é tão exaggerada pelo codigo sacerdotal P, um papel tão inglorio como o de ter fundido, elle mesmo, este bezerro de ouro, si não representasse isso um facto verdadeiro. Mas os caps. 32-34 do *Exodo* apresentam-nos innumeras difficuldades, de que basta-nos aponctar estas : *Ex.*, 32 : 7-10, 11-13, 15, 19, 20, nos dá quasi nas mesmas palavras o que se escreveu depois no *Deut.*, 9 : 8-29 ; entretanto referem-se ao mesmo facto mas em occasiões diversas. No *Ex.*, cap. 33 : 1-6, Deus declara que não accompanhará o povo a Canaan, mas mandará um Anjo que lhe sirva de precursor e em 12-23 Moysés roga o Deus a Sua presença, ao que Deus accede. Mas em 7-11 vem enxertada, de E, a pequena referencia deste escriptor antigo ao Tabernaculo, que não vem absolutamente ao caso de que se tractava e de que se continuou tractando ; e assim por deante, ha muitas difficuldades nestes capitulos que mostram muitas revisões de diversos em diversas epochas.

É opinião de M'Neile (*ob. cit.*, xxxiv.) que os vers. 25-29 do cap. 32 do *Ex.*, que narram este peccado do povo, referem-se á uma outra falta qualquer, que não essa. Não ha prova de que a tribu de Levi se não ajunctasse ás outras na adoração e sacrificios ao bezerro de ouro. Em segundo logar o vers. 25 é obscuro e depois não se comprehende que depois da mortandade effectuada pelos Levitas (vers. 28) ainda no vers. 35 fosse o povo " ferido " pelo peccado, e nem que, por se mostrarem ao lado de Moysés, se " consagrassem " elles a Jahveh, em contradicção com o ensino do cap. 28 que dá outra origem aos mesmos Levitas. Segundo esse critico, parece que estes vers. 25-29 referem-se a outro peccado commettido pelo povo. É preciso notar tambem que ao passo que no vers. 34 depois que Deus disse : " O meu Anjo irá deante de ti : Eu tambem no dia da vingança visitarei este peccado delles,"—logo no vers. seguinte (de P) assegura o texto que " feriu, pois, Jahveh o povo pelo peccado do bezerro."

Reuss [1] acha que o terrivel castigo, inflingido por intermedio dos Levitas, não póde ser escripto por quem escreveu vers. 7-14 em que Moysés sollicita a misericordia de Deus para o povo ; nem tão pouco de quem no vers. 20 se parecia contentar com muito menor castigo, e que pelo bem do povo estava até

[1] *L'Hist. Sainte et la Loi*, II, pag. 89.

prompto a ser riscado do Livro da vida (vers. 32). De tudo isto se deprehende quão inçado de difficuldades está este cap. 32 do *Ex.*

Reascendendo o Sinai Moysés orou fervorosamente ao SENHOR para perdoar ao povo esse grande peccado, preferindo, accrescentou, ser elle mesmo riscado do livro da vida a ver os seus irmãos repudiados de DEUS. A sua oração attendeu o SENHOR: Vai conduze o povo: "o meu Anjo irá deante de ti." Elle serviria de seu precursor.

O povo soube disto, alarmou-se muito e "se pôz a chorar e ninguem vestiu as suas galas costumadas" (33 : 1-4). Mas DEUS ouviu ainda uma vez os rogos de Moysés e lhe disse: "A minha face irá adeante de ti, e Eu te darei o descanso."

Mas Moysés precisava de duas lapides novas em substituição ás que quebrára. Ouvindo DEUS dizer-lhe: "Corta duas taboas de pedra como as primeiras" elle subiu ao Sinai. Tendo descido JAHVEH e sentindo Moysés que o SENHOR passava deante delle, disse na mais profunda adoração: "Dominador, SENHOR DEUS misericordioso e clemente, soffredor e de muita compaixão e verdadeiro; que guardas misericordia em milhares de gerações, que tiras a iniquidade e as maldades e os peccados; deante do qual nenhum é innocente por si mesmo; que imputas as iniquidades dos pais aos filhos e aos netos até á terceira e quarta geração!" (34 : 6, 7). E ahi DEUS lhe renova mandamentos e instrucções (34 : 10-26) acabando por ordenar-lhe: "Escreve para ti estas Palavras." Depois de demorar-se mais quarenta dias no Monte Moysés voltou ao acampamento com as duas novas "taboas do testemunho" (vers. 29) e elle "não sabia que do seu rosto sahiam uns raios que lhe tinham ficado da conversação com JAHVEH." [1]

Os Israelitas permaneceram juncto ao Sinai cêrca de um anno. São muito escassas as noticias dos acontecimentos não só desse anno como dos quarenta que elles passaram no

[1] Reuss, *La Bible, Anc. Test.*, *3ème part.*, acha impossivel que todo o Decalogo, com as *razões*, pudesse ser gravado nas duas pedras. Teria elle 650 lettras do Hebraico antigo, cada letra devendo occupar 25 cent. quad: de superficie: como poderia o octogenario Moysés carregar taes pedras do alto da montanha, e dahi trazel-as novamente para baixo? Lembraremos que, segundo o *Ex.*, 32:15, as pedras eram escriptas dos dous lados, portanto, a sua superficie seria dupla. O seu peso não seria de certo insupportavel si contivesse apenas as doze Palavras, sem as razões ou explicações, que acompanham oito dellas. Demais, o illustre critico se esquece de que Josué acompanhava Moysés e bem poderia ajudal-o a carregar as taboas, si demasiado pesadas para elle.—A *Vulg.* traduz a face de Moysés expedindo resplendores como *cornutam* e dahi vem que na arte antiga é Moysés representado com chifres. A confusão de S. Jeronymo veiu do facto que em Hebraico a mesma palavra que se traduz por chifre significa tambem raios de luz.

deserto antes sua entrada em Canaan, mas aproveitaremos as que ha. Já ficou descripto como JAHVEH deu no Sinai a Lei fundamental e as outras de character civil e religioso. Vejamos agora o que se passava no acampamento de Israel.

O escripto sagrado antes de tudo nos diz como DEUS desejou assegurar a Sua presença ao povo que libertára e que agora conduzia nesse deserto. Elle mesmo ordenara no Monte como deveria ser lembrado. Como cada *cheik* ou chefe tribal tinha a sua tenda especial, assim JAHVEH teria o seu tabernaculo, donde daria as Suas ordens (V. *Ex.*, 29 : 42-46).

No Hebraico a *tenda* exprimia-se por *mishkan* e por *ohel*, e tambem por *sukkah*. Mas o tabernaculo do deserto é designado no *Pent.* por *õhel moëd*, isto é, a "tenda da congregação," ou da reunião, que tambem se tem traduzido como da "Presença," a palavra *moëd* sendo um tanto obscura.

O "Tabernaculo da Presença" ou simplesmente o "Tabernaculo" é como os codigos mais antigos, J E, denominam a tenda em que JAHVEH condescendeu a dar suas ordens a Moysés. O codigo P tambem usa das mesmas expressões mas ainda o chama de "Tabernaculo do Testemunho" (o Testemunho sendo as taboas da Lei, depositadas na Arca), a "Morada de Jahveh," "Morada do Testemunho" e "Sanctuario" (25 : 9 ; 38 : 21 ; 25 : 8 ; *Num.*, 16 : 9, etc.).

No *Exodo* achamos duas referencias diversas a este Tabernaculo : uma, a mais antiga, é a que vai do vers. 7 ao vers. 11 do cap. 33, e a outra, muito mais moderna, contendo uma discripção bastante minuciosa dessa construcção ambulante junctamente com a do culto, e que occupa no *Exodo* os septe caps. de 25 a 31. Basta ligeiro confronto das duas para nos convencermos de que se tracta de descripções feitas em longo intervallo de tempo, uma da outra.

Lendo-se attentamente os cinco vers. do cap. 33, e tambem *Num.*, 5 : 10, e mais o *Deut.*, 31 : 14, 15 (apezar de ser este mais recente do que E) vê-se que existe realmente o Tabernaculo ou o pavilhão de Moysés em que DEUS apparecia a fallar com o seu povo. O cap. 33 do *Ex.* começa pela ordem dada por DEUS a Moysés para proseguir caminho de Canaan, com a declaração que JAHVEH mesmo não accompanharia o povo, de cerviz tão dura, como se tinha manifestado, pois, pouco antes quiz JAHVEH extermina-lo por causa da adoração do bezerro de ouro. O povo, ouvindo esta resolução de DEUS de não accompanha-lo se pôz a chorar, e em signal da sua consternação, tirou de si todas as suas joias e os ornamentos de gala. E logo depois disto (33 : 1-6) o texto diz : "E Moysés, costumava a tirar o tabernaculo e arma-lo longe do campo e chamava-o

o Tabernaculo da Presença. E acontecia que cada qual que procurava a JAHVEH sahia ao Tabernaculo da Presença que estava fóra do campo. E acontecia que quando Moysés entrava no Tabernaculo, a columna de nuvem descia e parava á porta do Tabernaculo; e (JAHVEH) fallava com Moysés. E o povo levantava-se e adorava, cada um na entrada da sua barraca. E JAHVEH fallava Moysés face a face como um amigo falla ao seu amigo. E elle voltava novamente ao campo; mas o seu ministro, o moço Josué, filho de Nun, não se apartava do Tabernaculo." [1]

Ora esta narrativa do Tabernaculo da Presença vem de repente tractando de uma cousa sobre a qual não ha indicação anterior. Este facto e o de vir ella enxertada logo depois de se mencionar que os Israelitas puzeram de lado as suas joias e ornamentos tem levado a Dillmann e outros investigadores a pensar, parece-nos que com toda a razão, que o codigo E, e talvez o de J, traziam originariamente um descripção muito mais longa do Tabernaculo da Presença, seu mobiliario e seus ornatos, descripções que o redactor do *Pentateuco* supprimiu por haver a outra, muito posterior mas muito mais completa e mais theocratica, de P, e que, como dissemos occupa os caps. 25 a 33. O que parece bem provado é que temos duas narrativas do mesmo Tabernaculo da Presença, e que esta, do codice E ou Elohista, mais antiga e supplementada por observações que já fizera J, é indubitavelmente e estrictamente historica, e a outra, bazeada em tradições verdadeiras e factos historicos, é antes uma descripção da mesma cousa mas já sob o prisma das ideias mais adeantadas do tempo do seu auctor ou auctores sobre a naturesa de DEUS, sobretudo a sua Sanctidade, e as fórmas do culto, no Templo de Jerusalem, muito menos simples.

Da transcripção feita de *Ex.*, 33 : 7-11 viu-se que o Tabernaculo era o pavilhão onde DEUS condescendia em fallar a Moysés: era armado fóra dos limites do acampamento dos Israelitas; DEUS descia a fallar-lhe no Pavilhão, n'uma columna de nuvem que permanecia á sua entrada até quando Moysés voltava ao acampamento. Do pavilhão e sua guarda cuidava o servo de Moysés, Josué, não da tribu de Levi, note-se bem, mas da de Ephraim. Ora o Tabernaculo de P dos caps. 25 a 31 é diverso desse. Elle é onde JAHVEH communga com o seu povo, é a sua morada, onde se guarda a Arca, que contém

[1] Esta traducção é litteral do Hebraico. Convém notar que A. P. F., segundo a *Vulg.* diz que todos os que "tinham alguma difficuldade sahiam fóra ao campo do Tabernaculo" em vez de "todos os que procuravam a JAHVEH iam ao tabernaculo da Presença fóra do campo," isto é todos os que desejavam um oraculo, ou orar ou apresentar um sacrificio. V. 2 *Reis*, 21 : 1 em que David consulta o oraculo de JAHVEH e tambem *Juizes*, 18 : 5; 1 *Reis*, 22 : 10; 23 : 2; 2 *Reis*, 16 : 23.

as duas taboas de pedra, ou do Testemunho; mas longe de ser um pavilhão simples (e nem por isso menos ricamente ornado para as circumstancias do Deserto e da pobresa do povo), nos é apresentado como uma estructura riquissima, exigindo pessoal de artistas e artifices, e materiaes em quantidade, que é difficil conceber que existissem naquelles tempos no Deserto da peninsula arabica. Os Israelitas habitaram no Egypto que, havia muitos seculos, gozava de uma civilização adeantada. Mas estes poucos milhares de Israelitas viveram sempre separados n'uma terra de pequenas proporções e entregues á industria pastoril, desprezados pelos Egypcios como hoje ainda o são os Beduinos, e por fim por elles escravisados. Os finos trabalhos de ouro, prata e bronze, batidos e fundidos, e as delicadas tecelagens dos pannos e cortinas do Tabernaculo não podiam ser produzidos naquelle Deserto, e tudo dentro de um anno.

É difficil conceber que naquella epocha os Israelitas tivessem as grandes quantidades de metaes, referidos na descripção de P, e que Driver computa assim: ouro, uma tonelada e um quarto; prata, quatro toneladas e um quarto; e bronze, cêrca de trez toneladas, e isto sem fallar das pedras preciosas e dos pannos de finissimo linho. Só as bazes de prata para os espigões ou pilastras de páo de Chittim pesavam quatro toneladas. Não menos curioso é que para o transporte dellas, e as trezentas bazes de pesados metaes e alem disso das pelles e fazendas da "Tenda," das pilastras duplas e das pilastras do páteo, para tudo isto só existissem quatro carroções e oito bois, ao cuidado dos Meraritas ás ordens de Ithamar (*Num.*, 7 : 8). Outra cousa que não está explicada é como todas as obras do riquissimo Tabernaculo, inclusive as muito elaboradas cortinas do interior, pudessem ficar concluidas de modo que o Tabernaculo fosse inaugurado no 1º dia do 1º mez do 2º anno do Exodo, nove mezes apoz a chegada dos Israelitas ao Sinai (*Ex.*, 40 : 17).

Mas não param ahi as discrepancias na descripção do pavilhão de *Ex.*, 33 : 7-11 e na do outro sumptuoso, que foi incorporada aqui posteriormente. Como se viu, o Tabernaculo onde Moysés recebia "cara a cara" as ordens e decisões de Jahveh estava "fóra do campo" ou acampamento de Israel. Quem desejava consultar a Jahveh lá ia, e depois de Moysés fallar ao Senhor elle voltava ao arraial deixando o seu servo Josué vigiando a sagrada tenda da "reunião" ou da "Presença" de Jahveh. Os verbos hebraicos empregados em 33 : 7-11 denotam frequencia, costume sustentado, isto é, Moysés tinha o habito de ir á Tenda, etc. E isto é confirmado por *Num.*,

11 : 17, 25, quando Moysés leva á entrada do Tabernaculo os anciãos de Israel e occorre o incidente de Eldad e Medac que *tinham ficado no campo* (*Num.*, 26-30); e quando Aarão e Maria foram mandados ao Tabernaculo (*Num.*, 12 : 4, 5). Ora na descripção dos caps. 25 a 32 o Tabernaculo está collocado no proprio centro do acampamento tendo do lado do oriente a guarda de Moysés, Aarão e os seus filhos e os Levitas; e trez das tribus, acampavam-se de cada lado do sagrado pavilhão (*Num.*, cap. 2 ao cap. 3 : 38), sendo que, em vez de Josué só, era um grande corpo de 8000 sacerdotes-levitas que o guardavam "no meio dos filhos de Israel." E o faziam tão zelosamente que todo o estranho que ali chegasse, morreria (3 : 38).

No "Tabernaculo da Presença" a columna de nuvem, como vimos, descia á entrada quando Moysés ia a consultar ou receber instrucções do Senhor: no de P, uma nuvem (e não uma columna de nuvem) cobria a construcção inteira, e repousava nelle emquanto deviam estar ali parados os filhos de Israel; e "quando a nuvem deixava o Tabernaculo caminhavam elles divididos por suas turmas" (*Ex.*, 40 : 34-36. V. tambem *Num.*, 9 : 17-23). Alem disso, na descripção mais antiga Deus fallava a Moysés, como vimos, á sua entrada; e na de P é entre os dous cherubins, em cima do propiciatorio que Elle dava os seus oraculos (*Ex.*, 25 : 22 e *Num.*, 7 : 89).

Apezar destas differenças radicaes não se póde sustentar, como alguns outrora queriam, que os dous tabernaculos sejam diversos, o de J E tendo sido temporario e o de P o definitivo. Basta que na historia posterior á da construcção do ultimo encontremos referencias ao primeiro (como nos exemplos acima de *Num.*, cap. 2, a 3 : 38) para se ver como o argumento carece de baze.

É curioso que a historia posterior de Israel, como a temos, quasi não falle do Tabernaculo, quer o descripto por J E, quer o de P. Quando ainda Josué repartia a terra de Canaan, diz ainda P, o Tabernaculo com a Arca, foi posto em Siloh (*Jos.*, 18 : 1). perto de Jerusalem. Depois disto falla-se apenas da Arca e não em nenhum Tabernaculo, até o tempo de David. Como veremos não ha noticia de Levitas ou do elaborado culto no deserto, descripto por P. No tempo de Samuel (150 annos depois do Exodo) a Escriptura falla do templo ou *hekal* de Siloh, chamado em 1 *Reis*, 1 : 9, 24 "templo do Senhor," onde assistia Samuel que lhe abria as portas (3 : 15), n'uma das quaes o sacerdote Eli costumava sentar-se (1 : 9). Não se falla mais do Tabernaculo nem então nem até n'uma occasião tão solemne como a passagem do Jordão, em que a Arca vai

adeante com os Levitas (*Jos.*, cap. 1). Este silencio sobre o Tabernaculo seria muito natural si elle fosse uma construcção temporaria e mais simples, como a de J E, despida das grandes riquesas em metaes e bordados da descripção de P. Da Arca é que, como veremos depois mais circumstanciadamente, se occupam os textos até a era de Salomão e do seu Templo. O modo, porêm, por que elles se referem ao sagrado palladio Israelita, não confirma o idealismo de P na sua narrativa, tantos seculos depois dos acontecimentos. Em *Num.*, 4 : 5-20 se vê que cuidados eram precisos para o transporte da Arca : o curioso que quizesse toca-la morreria : entretanto quando os Israelitas acamparam-se em Ebenezer para pelejarem contra os Philisteus e foram por elles destroçados, resolveram mandar buscar ao campo a Arca que estava em Siloh e que veiu sob a guarda de só Ofni e Phineas, filhos de Eli. A Arca foi tomada e levada para Azoto, e os dous sacerdotes foram mortos ; de Azoto foi ella mandada para Ascaron, depois para Bethsames e depois a Cariathiarim e dahi á casa de Abinadab em Gaba. Ahi não foi ella guardada pelos Levitas de P, mas por Eleazar, um dos filhos de Abinadab, que para isso foi sanctificado. Dali foi a Arca removida depois por David para a casa de um dos seus chefes de guarda, não sacerdote-levita, mas o *Philisteu* Ebedom de Gath ou Geth.

Como já se viu, os sacerdotes que reuniram as tradições sobre o Tabernaculo e que as vestiram com as ideias que prevaleciam no proprio tempo, ideias elevadas sobre Deus e o que devia ter sido a tenda divina, não pretenderam escrever historia propriamente dicta, seu fim sendo todo religioso. Vamos ver, agora, succintamente como era a estructura do Tabernaculo como a conceberam os Judeus. Essa descripção naturalmente contém muitas difficuldades, que só ultimamente começam a ser desvendadas, mas que nos permittem ter uma ideia geral da construcção ideial.

O Tabernaculo ou Pavilhão Central ou Sanctuario devia ficar n'um campo fechado ou atrio, que devia medir cem covados de cada um dos lados mais longos ao Sul e ao Norte e cincoenta nos lados menores a O. e a L., entrada ficando a L., de accôrdo com o costume de todo o Oriente, na construcção de seus templos. Não sabe-se exactemente a dimensão do covado de P mas suppõe-se geralmente que equivale a meio metro, de modo que a área do atrio tinha 50×25 metros formando dous quadrados unidos. A "Casa de Deus" levantada dentro, e no centro do quadrado do Oéste, a sua

entrada, a L., ficava sendo justamente na linha imaginaria que dividia os dous quadrados.

O atrio era todo cercado por sessenta pilastras de páo de Chittim,[1] de 2½ metros de altura, sendo levantadas vinte nos lados maiores e dez nos menores, espaçadas 2½ metros entre si. Em consequencia de se não saber ao certo o que significam alguns nomes technicos do Hebraico, e talvez da intervenção de redactores posteriores, o texto das descripções offerece algumas difficuldades sérias ; mas daremos o resultado colhido dos melhores criticos. As 60 pilastras ou columnas, de cinco covados de altura, assentavam em blocos de bronze onde, em dous furos, penetravam, justas, duas pontas feitas nas extremidades dellas. Essas columnas eram cobertas de prata e tinham capiteis de prata. Para a sua maior firmeza eram amarradas por trez barras cobertas de prata, uma em cima, outra no meio e a terceira embaixo, ao longo das bazes. Entre os espaços das columnas distendiam-se, em varaes de prata, cortinas brancas de fino bysso sobre cuja natureza têm discutido os commentadores, a opinião mais fundada sendo que eram de linho e não de algodão. Na frente, porêm, ao lado do L., deixava-se o espaço de 10 m. para a entrada ficando apenas 7.50 m. de cada lado. Nesta entrada pendia de quatro pilastras uma cortina especial de 10 m. de largura sobre a mesma altura das outras, de 2.50 m., de côres variadas (27 : 9-18 ; 38 : 9-20 ; 36 : 18-22 ; 27 : 9-13 ; 26 : 23-27 ; 38 : 10-13 ; *Num.*, 3 : 38).

No quadrado oriental (da entrada), isto é, na primeira metade do parallelogrammo que formava o atrio, só havia dous objectos conspicuos, o altar dos holocaustos e a Bacia e sua baze.

1. O Altar (*Ex.*, 27 : 1-8 ; 38 : 1-7) ficava no meio exacto dessa quadra do atrio, a 12.50 m. da entrada. Era de páo Chittim, quadrado, de cinco covados (ou 2.50 m.) de cada lado e de 3 covados de altura, as taboas sendo chapeadas de bronze, elle tendo cornos nas quatro esquinas da parte superior,

[1] A arvore *Chittah* (que significa espinho) donde se tira o páo de *chittim*, é o nome generico da Accacia do Oriente (que se não deve confundir com a Empia) que se applica especialmente á *Acacia nilotica* ou *vera*. A especie do *Chittim* do *Exodo* é talvez a *Acacia Seyal* ou accacia da torrente, pois viceja, sobretudo nas visinhanças do Sinai, Mar Vermelho, do deserto de Paran e tambem do Mar Morto. Esta arvore cresce ás vezes a 8 e 9 metros de altura, é muito copada e parece-se com a macieira, sómente seus galhos são espinhosos. A madeira é leve mas de muita resistencia, não sendo attacavel pela maior parte dos muitos insectos que infestam o deserto. Desde alta antiguidade os Beduinos fazem carvão della, que é afamado ainda hoje ; e apezar de sua constante devastação, todos os viajantes attestam que continúa a ser quasi a unica arvore que se vê na peninsula arabica. Além do carvão tiram della a afamada "gomma arabica," por incisão no tronco e principaes galhos. A Vulg. traduz *Chittim* por *lignum setim* e A. P. F. o chama de *páo de Setim* que é mister não confundir-se com o nosso páo-setim.—A versão grega dos LXX chama esta madeira *aseptos*, incorruptivel. Era, com effeito, o *lignum imputrabile* dos Orientaes. Apezar de muito leve, é madeira de lei.

fundidas junctamente com a peça. Era ôco e realmente o altar de terra ou pedra, virgem de martello, é o que este caixão cobria. Esses cornos ou pontas representavam depois papel importante no ritual, sobretudo na solemnidade annual da Expiação.[1] A meia altura projectava-se uma como prateleira sustentada por uma grade, toda ao redor, que ia até o chão, e cujo fim não é explicado satisfactoriamente. Como o altar era bem alto e grande suppõe-se que a estreita plataforma facilitava aos sacerdotes o lidarem com o holocausto n'uma superficie de mais de seis metros quadrados. Nos quatro cantos dessa rêde foram affixadas argolas para os varaes com os quaes devia o altar ser transportado no deserto.

2. O segundo objecto em frente ao Tabernaculo e perto do seu angulo meridional era a Bacia de Bronze, para as abluções das mãos e pés de Aarão e de seus filhos, isto é, dos sacerdotes, antes de sacrificarem no Sanctuario (*Ex.*, 30 : 17-21 ; 38 : 8).

Consideremos agora o Tabernaculo, propriamente. Já para a descripção da sua parte externa temos difficuldades nos termos technicos do texto. As suas dimensões são bastante exactas : trinta covados de comprimento sobre dez de largura e dez de altura (mais ou menos 15 m. por 5 por 5), formando trez cubos junctos de 5×5 m. cada um, os dous da frente constituindo o Sanctuario e o ultimo o Sancto dos Sanctos onde ficava a Arca do Testemunho.

As paredes do fundo e as dos dous lados não se formavam de taboas como por tanto tempo parecia aos exegetas ; mas de, em falta de melhor nome, chamaremos de pilastras de páo, conjugadas duas a duas, de dez covados ou cinco metros de altura sobre 75 centim. de largura, com a apparencia de uma escada de mão, irregular e dupla. De cada lado havia vinte destas pilastras conjugadas para os quinze metros de extensão. No fundo, para maior estabilidade, os cantos eram reforçados por outras pilastras, e estas como as demais eram chapeadas de ouro. Tinham ellas argollas para descanso de quinze barrotes, tambem forrados de ouro, que seguravam o madeiramento dos trez lados. Essas pilastras descansavam em bazes ou

[1] Entre os Israelitas o corno era o typo da força, do dominio. Vejam-se as visões de Daniel das quatro alimarias, e do carneiro e do bode (*Dan.*, cap. 7 e 8 : 3-9). Em *I Reis.* 2 : 10 a *Vulg.* dá, como deve *sublimabit cornu Christi sui* que A. P. F. traduz "sublimará a gloria," etc. No *Apoc.* 17 : 12 S. João refere-se, como Daniel, aos dez cornos que representam dez reis. Quando Moysés abençoou as tribus elle compara a robustez da de José com a do primogenito do touro, com cujos cornos levantará ao ar todas as gentes. Em 3 *Reis* 22 : 11 o falso propheta Sedecias para aconselhar a Acab que marchasse contra a Syria, "fez para si uns cornos de ferro" e pretendeu que o Senhor lhe dissera que com elles o Rei agitaria a Syria até destrui-la totalmente.—O corno tambem significava prosperidade, felicidade ; dahi a expressão "corno de salvação" em *Ps.* 18 : 3, I *Reis*, 2 : 1 etc.—*Amós* (3 : 14) prediz que "os cornos (A. P. F. "os angulos") do altar serão cortados e cahirão por terra," mostrando isto que não eram tão curtos como são geralmente representados.

blocos de prata cada um com dous orificios onde penetravam espigões das pilastras: havia, pois, dous blocos com quatro orificios para cada por conjugado de pilastras duplas.

O que tornou por muito tempo difficil descrever-se fielmente a fórma do Tabernaculo, era o significado especial das palavras hebraicas no *Ex.*, 26 : 15-30 que são traduzidas na Vulg. por *tabulas* (vers. 15) e *encastra* (vers. 17), além da palavra *chullaboth* que a Vulg. não traduz mas de que dá a ideia exacta no verbo *connectatur* (vers. 17). A tradição judaica, e os escriptos de Flavio Josepho e de Philo descrevem a armação do Tabernaculo como composta de grandes pilastras solidas de Chittim de 75 cent. de diametro,—o que é absurdo n'uma construcção portatil. Em todo o caso, comprehende-se que para a solidez da armação, pilastras iriam melhor do que meras *taboas*, como até ha pouco se pensava que compunham as paredes do Tabernaculo. Partindo deste principio foi o critico inglez A. R. S. Kennedy [1] quem primeiro propôz uma nova theoria da construcção do armamento de madeira, e que nos parece merecer attenção. Para elle *keradim*, traduzidas por *taboas*, são, como traduziram os LXX em Grego, *stuloi*, e que Josepho e Philo chamam *kiones*, isto é, pilastras, pilares, ou estacas. Diz elle que no original hebraico não ha a expressão *e farás* (*kai poieseis*, que a LXX tambem traz; na Vulg. *fient*) e que a palavra hebraica *iadoth* (braço, trave) não é uma parte nova a fazer-se, mas uma parte componente da pilastra. Tracta-se, em summa, de uma armação. A pilastra consiste de duas estacas grossas, e parallelas, a pequena distancia uma da outra, e unidas por meio de pequenos barrotes, em cima, em baixo e no meio, um pouco á guisa de escada; na parte inferior cada estaca projectando-se n'um espigão que se adapta exactamente á fenda no bloco de prata que lhe serve de baze: e assim cada pilastra conjugada tem dous blocos para sua baze. Com esta explicação Kennedy diz que o interior do grande barracão formava paineis, dous entre cada par de pilastras, um em cima do outro, e torna mais claro como os pannos da coberta podiam ser decorados e faziam-se cahir as figuras dos cherubins da decoração justamente dentro de cada painel. Toda a construcção era reforçada pelos cinco longos travessões, da parte de fóra, no meio e ao redor de todo o barracão, todos elles cobrindo as traves ou pequenos barrotes horizontaes dos dous caibros de cada pilastra.

As cortinas do Tabernaculo offerecem tambem difficuldades no texto. A primeira coberta era de fino linho, retorcido, das côres de jacynto, purpura e escarlate, com bordados feitos no tear. Mediam 28 sobre 4 covados ou 14×2 metros e eram

[1] Art. *Tabernacle* no *Dict. of the Bible* de Hastings. O Sr. Kennedy promette para breve um novo Comm. sobre *Ex.* na serie do *Intern. Crit. Comm.*

dez cortinas eguaes. O pavilhão medindo 15×5 m. sua superficie no tecto seria 75 m. De cada lado teriamos egualmente 75 m. ou 150 m. os dous lados. E no fundo 5×5 ou 25 m., total 200 m. de superficie. Em cima desta coberta rica sobrepunha-se outra, de pelles de cabra, consistindo de onze *pannos*, de 15×2 metros, presos por fivelas e presilhas um ao outro.

Cinco columnas de pao de Chittim, revestidas de ouro, com capiteis de ouro e as bazes de bronze, adornavam a entrada do pavilhão, e da cimalha descia um rico véo ou cortina de bysso, das cores cinzento, azul escuro e escarlate veio.

Entremos, agora, no proprio pavilhão.

No interior, entre o Sancto e Sancto-dos-sanctos, devia ficar pendente outro véo, este muito mais rico, das mesmas côres do outro mas "tecido com formosa variedade." Ficaria elle suspenso de quatro columnas do mesmo páo, todas douradas e tendo os capiteis de ouro e as bazes não de bronze como na outra, mas de prata. Esse véo, que os Judeus chamavam *parcketh* separava completamente o Sancto dos sanctos (*debir*) do Sanctuario (*hecal*).—Em Hebraico o nome do véo do Sancto dos sanctos significia litteralmente a cortina divisoria e tambem (*Lev.*, 4 : 6) "a partição sagrada." Vejamos agora a que havia no Tabernaculo.

1. Da parte de fóra do Sancto dos sanctos, bem no meio, em frente ao véo deste, devia ficar a mesa quadrada de um covado de cada lado e dous covados de altura, chamado altar dos perfumes. Era de páo Chittim, coberto de finissimo ouro e ornada de uma cornija de cornos nos cantos, tudo de ouro, além de uma banda ou orla ao redor, da qual sahiam quatro argollas de ouro para receberem os varaes que usavam no seu transporte. Por occasião de se accenderem as lampadas do candelabro queimava-se incenso de suave fragrancia; mas o altar não poderia servir para outro perfume nem para oblações ou holocaustos. É assim que, tempos depois, o summo sacerdote, segurando de um dos córnos, orava uma vez por anno, com o sangue do animal que era offerecido pelo peccado (*Ex.*, 30 : 1-10). O queimar do incenso com a sua agradavel fragrancia [1] symbolisava as preces dos crentes subindo agradavelmente á presença de Deus ("Como incenso, suba direita

[1] O incenso compunha-se de quatro materias diversas, todas ellas facilmente obtidos no deserto. Primeiro vinha o *nataph* (os *stacte* dos Gregos), uma especie de gomma storax; a onycha ou onyx, *checheleth* no Hebraico, tirada de um marisco que era commum no Mar Vermelho; e galbano (*chelbenach*) que se obtinha das incisões no tronco da arvore donde exudava gradualmente; e por fim o incenso commum, *lebonah*, resina de um amarellado pallido que compravam ás caravanas do interior da Arabia. Esses ingredientes tinham separadamente preparo especial antes de misturados em partes iguaes, ás quaes era preciso accrescentar um pouco de sal antes de offerecidas em Sacrificio.

a minha oração á tua presença" diz o *Ps.*, 140 : 2). Accompanhava-o virtude propiciatoria pois era só offerecido pelos sacerdotes em prol da congregação.

2. Á direita, ao lado do N., devia ficar a mesa dos "pães da presença," ou "pães da apresentação." Era de páo de Chittim com 1½ covado de altura, dous de comprimento e um de largura. Devia ser toda coberta de ouro, inclusive o tampo, com sua borda ao redor, e sobre a quel corria uma cornija, com obra de cinzel e tambem, toda de ouro. A mesa podia ser levada por meio de varaes, cobertos de ouro, e enfiados por dentro de quatro argollas, uma em cada canto. Pertenciam-lhe utensilios taes como cinco pratos para os pães, copos, taças e incensarios. Os "pães da presença" [1] eram bem grandes, pois para cada um delles se devia empregar dous decimos de um *ephah* de finissima farinha (peneirada onze vezes segundo os Rabbis) ou cerca de septe litros nossos. Preparavam dous montes delles, de seis cada um e, entre os montes, um incensario do mais puro incenso. Nos Sabbados mudavam os pães por outros, quentes e frescos. É muito antiga a origem deste rito, aproveitado por Moysés, e que lembra o tempo remotissimo em que se acreditava que os deuses comiam. Ainda mais tarde *Jer.*, 7 : 18 allude aos seus patricios que faziam "tortas á Rainha do céo"; e são bem conhecidos os lectisternia dos Romanos que os herdaram dos Gregos. Nos antigos monumentos babylonicos se vêm muito estas mesas com iguarias para os deuses, sendo provavel que dahi passasse a ideia para os Hebreus. Mas o grande legislador deu a esse rito uma applicação toda nova. Estava errada a ideia fundamental do pagão. DEUS não come: só precisa do nosso presentear do pão da vida emquanto elle representa a nossa gratidão pela Sua bondade em nol-o dar, como Fonte primeira de todas as bençãos materiaes e espirituaes. Por isso eram os pães feitos sem fermento, em numero correspondente ás tribus de Israel.

3. Á esquerda, do lado do S., ficava o celebre Candelabro de puro ouro, batido com finos lavores *repoussés*, com seu pedestal e háste central, da qual, provavelmente equidistantes, se levantavam em arco trez braços de cada lado, e cuja altura

[1] A *Vulg.* chama-os *panes propositionis*, excellente Latim, mas que vertidos em Port. por A. P. F. e, antes delle, por Ferreira de Almeida, como "pães de proposição" não dão ideia do que são. Parece-nos melhor a nossa versão aliás mais proxima do original hebraico. A primeira citação historica desses pães é de 1 *Reis* onde se diz que o sacerdote deu a David dos pães sanctificados que havia sido tirado *da presenca do Senhor* para serem substituidos por outros, quentes. Depois do Exilio deram aos pães uma nova designação "pães empilhados" o que a *Vulg.* entretanto ainda traduz como *panes propositionis*. V. *Paral.* 9 : 32 e *Neh.*, 10 : 33. Em *Paral.*, 13 : 11 o que a *Vulg.* dá *proponutur panes*, A. P. F. traduz bem *expoem-se os pães* e não *propõem-se os pães.*—A versão grega do LXX dá muitas vezes *artoi tes proteseos, pães da apresentação*, que de certo é preferivel a *proposição*.

não devia exceder a da háste central. Nas extremidades dos braços e de háste ardiam, á noite, as septe lampadas, alimentadas do mais puro oleo da azeitona. A ornamentação desses septe braços das lampadas, o vertical e os curvos, consistia de trez copos como nozes, junctamente com um globozinho e uma assucena, tudo isto cinzellado a martello. As dimensões do candelabro não vêm designadas mas o seu peso devia ser o de um talento, ou cêrca de cincoenta contos de réis em ouro.[1]

Estes trez objectos taes como espivitadores, vasos, taças, colheres, pratos ou bandeijas (para trazerem os pães), outros pratos para sua apresentação, vaso do incenso etc., tudo era de ouro e só podiam ser transportados embrulhados de modo determinado e por certas familias dos Levitas.

Levantemos agora o véo que divide o Sancto dos sanctos do Sanctuario. Nessa pequena camara de cinco metros em quadra e de cinco metros de altura só havia um objecto, a *Arca*, chamada ora a Arca do Testamento, pois estava nella depositado o testemunho, escripto por Deus nas duas lapides, ou Arca da Alliança (*Ex.*, 25 : 10-21 ; 27 : 1-9). Era um cofre ou caixa de $2\frac{1}{4}$ covados (1.12 $\frac{1}{2}$m.) de comprimento sobre $1\frac{1}{2}$ (75 cent.) de largura e outro tanto de altura, todo coberto de ouro, por dentro e por fóra e ornamentado por uma orla ou cornija por todos os lados. Seus pés começavam desde cima nas cornijas ; e cada um delles, em altura conveniente trazia presa uma argolla, e pelas quatro passavam os dous varaes de páo coberto tambem de ouro, usados para a conducção da Arca. Em cima do cofre havia uma prancha forte de ouro, do purissimo, chamada *Capporeth*. Em cada uma das duas extremidades do cofre um Cherubim, talvez ajoelhado, e talvez em pé (os do Templo eram em pé) em posição de adoração (mas não orando) destendia as suas grandes asas para a frente de modo que se tocavam as pontas das asas dos dous.

Tem-se escripto quasi uma bibliotheca sobre os Cherubins sem que se haja conseguido muito. Lenormant, *Choix de Textes cuneiformes inédits*, 1873, pretende que a palavra venha de *Kirubu*, o deus-boi da Babylonia. Mas é provavel que os Hebreus haurissem este symbolismo das religiões do Egypto. É certo que o cherubim tem sempre a forma humana. Os antigos Padres da Egreja tinham os cherubins como representando especialmente a sabedoria divina, mas isto é insustentavel. Estudando

[1] No Arco de Tito em Roma ha uma representação do Candelabro que do Templo o conquistador levou para a sua capital ; mas ella não corresponde em certas minucias a descripção do *Ex.*, mas sim com a de Flavio Josepho que diz que a sua ornamentação era de lirios com romãs. Convém não esquecer que havia desapparecido no tempo de J. C. o Templo de Salomão ; e o segundo Templo de Zurubabel-Esdras fôra depredado por Antiocho-Epiphanes ; e que na reedificação de Judas Maccabeu em 165 A.C., appareceu mobiliario novo que não obedeceu estrictamente aos planos do *Ex.*

os casos em que apparecem no V. T. reconhecemos logo que denotam a *presença de* Deus, e dahi, o throno, e a gloria de Deus. No. *Ps.*, 17 : 11 o cantor descrevendo uma tempestade, representa Deus voando "sobre cherubins,—sobre as asas dos ventos"—os cherubins pois, servindo de solio, ou throno ou vehiculo da Divindade.—Na entrada do Paraizo viu-se já como Deus collocou o Cherubim para guardar a arvore da vida. No Templo de Salomão veremos dous collossaes cherubins, de cinco metros de altura. O propheta Ezequiel teve uma visão do Cherubim, mas muito obscura.—Keil no seu *Handbuch der Biblischen Archaologie*, Frankfort, 1875, cita um artigo de Dillmann de que julgamos acertado transcrever estas palavras: "A concepção da remota antiguidade foi pouco a pouco substituida pela ideia peculiarmente israelitica sobre anjos. Ora, Moysés cuja religião ensina a existencia de um só Deus invisivel, espiritual, sancto, tinha por força de oppôr-se ás concepções judaicas de character muito material. Ao mesmo tempo não quiz fazer mudanças bruscas nem deixou de aproveitar nessas concepções quanto podia servir ao mosaismo. E assim como os escriptores poeticos do V. T. fizeram uso de muitos dos elementos mythicos da fé popular, o mesmo aconteceu quanto aos cherubins. . . . Não havia perigo de idolatria porque o proprio povo não considerava-os como divindades."

É impossivel saber-se nas narrativas originarias dos dous mais antigos escriptores do *Exodo*, J e E,—si tractava-se de cherubins: o que se verifica é que nas passagens correspondentes a P no Deuteronomio não se faz menção delles, e o *Deut.* é, como se sabe, mais antigo do que P. O que parece aos melhores criticos é que no começo a Arca era um mero symbolo da presença divina. Dahi a convicção que se foi formando de que Jahveh residia de verdade no *propiciatorio* ou *oraculo* que era a chapa de ouro no alto da Arca e em que ficavam os cherubins. E isto foi geralmente acceito, até por Samuel e David. Já no tempo dos Prophetas decresceu sensivelmente a sua importancia e talvez seja por isso que raramente vemos allusões á Arca. Mas é facto incontestavel que a Arca continha as duas pedras da Lei e que todo o Israel acreditava que aquelle propiciatorio era onde Jahveh repousava figurativamente os Seus pés, na baze terrena da Sua lei moral. No seu majestoso isolamento era ella o palladio dos Israelitas, e o throno da gloria de Jahveh, guardado zelosamente pelos Seus ministros, os cherubins. É ahi, entre as asas destes que o fiel servo Moysés ouvira d'ora em diante os oraculos de Deus.[1]

No cap. 39 do *Ex.* são descriptas as vestimentas do summo sacerdote e dos outros sacerdotes. É tambem de P e portanto muito posterior á época mosaica, cujas tradições aliás resguarda. Tractaremos do assumpto quando nos referirmos á inauguração do Templo, época a que esse cap. parece melhor quadrar.

[1] No segundo Templo não houve Arca nem por conseguinte *propiciatorio*.

CAPITULO XL

DO SINAI ATÉ A MORTE DE MOYSÉS

Os Israelitas demoraram-se juncto ao Sinai por mais de um anno. Tinham-se compromettido a obedecer a JAHVEH por um compacto ou Alliança, receberam a Lei das duas taboas de pedra e o primeiro *torah* e instrucções geraes; e haviam installado o Tabernaculo contendo a caixa ou Arca dentro da qual se guardaria a Lei magna. E, segundo o mais recente dos escriptores do Pentateuco, Moysés organizára o sacerdocio que consagrára ao culto divino e á guarda da Arca. Era tempo de partir para a Terra promettida. Todos os preparativos para o transporte do Tabernaculo estavam concluidos. Só faltava uma cousa. Como aquella Terra que DEUS lhes promettêra precisava ser conquistada de povos mais fortes e numerosos do que os Israelitas, não se quiz prescindir de fazer uma *numeração*, um recenseamento de todos os machos existentes que tivessem vinte annos para cima. Essa conta foi feita duas vezes, agora, ao sahirem, e pouco antes de entrarem em Canaan, cêrca de 38-39 annos depois. É o recenseamento que consta do Livro do Pentateuco denominado, por isso, *Numeros*, capitulos 1º e 26. O resultado do primeiro recenseamento deu 603,550 homens.

Segundo as bem conhecidas regras de estatistica seiscentos mil homens de mais de vinte annos presuppõem uma população de dous milhões e meio de individuos de todas as classes e como é impossivel que tamanha massa de gente pudésse ter vivido em Gôchem ou Gessen e conseguisse manter-se no deserto arabico por quarenta annos a conclusão é que nestes longos seculos de tradição oral e, depois, de MSS. copiados por tantas mãos, se foram insinuando accrescimos ou mudanças que muito avolumam o resultado desse resenseamento.

Eis aqui sommas do primeiro e do segundo resenseamento.

	1°.	2°.
Rubem,	46,500	43,730
Simeão,	59,300	22,200
Gad,	45,650	40,500
Judá,	74,600	76,500

	1°.	2°.
Issacar,	54,400	64,300
Zebulon,	57,400	60,500
Ephraim,	40,500	32,500
Manassés,	32,200	52,700
Benjamin,	35,400	45,600
Dan,	62,700	64,400
Asser,	41,500	53,400
Nephtali,	53,400	45,400
	603,550	601,730

I. Vê-se, pois, segundo estes algarismos, que as tribus de Simeão, Nephtali, Rubem, Gad e Ephraim diminuiram a sua população nesses 38 annos na proporção de quasi 63% : no caso de Simeão, 15% no de Nephtali, 6%, 12% e 20% nos de Rubem, Gad e Ephraim, ao passo que a de Manasséh, por exemplo, cresceu por 63% e as de Benjamin e Asser por 29% cada uma, quando é sabido que um paiz precisa de pelo menos 40 annos para ver crescer a sua população por 63%.

Este algarismo são tradicionaes e não historicos.

II. Já a proporção do augmento dos descendentes de Jacob no Egypto é exaggerado. O numero desses descendentes era de septenta (*Gen.*, 46 : 27 ; *Ex.*, 1 : 15). Suppondo que a cada um dos filhos de Jacob accompanhassem mesmo cem servos e aggregados o total para elle e os onze filhos que o accompanhavam teria sido de 1200 pessoas,—digamos 2000 pessoas com os aggregados de José, etc. Do outro lado admittindo que, segundo tambem P, Israel (*Ex.*, 12 : 40), tivesse ficado no Egypto 430 annos ; qual é o augmento normal da população neste periodo? Segundo os estudos de Wappäus,[1] entre 1838 e 1855 e em onze Estados europeus, a proporção do augmento foi tal que a população se duplica entre 61 e 405 annos, ou na media de $172\frac{1}{2}$ annos. Tomando mesmo o augmento na Hollanda como typico de fertilidade (0.67 p.c. de augmento annual ou a duplicação em 103 annos) e applicando-o aos Israelitas de Gessem, principalmente pastores e não agricultores, as suas 2000 pessoas seriam 43,000 mil homens por occasião do Exodo. Mais ainda, si para este calculo acceitarmos até a taxa maxima de augmento do sabio allemão (1.75 p.c. por anno, para a Noruega) a população duplicar-se-hia em cada 61 annos. Ora os 450 annos dariam $7\frac{1}{6}$ duplicações e o total dos Iraelitas que sahiram do Egypto, com seus aggregados não teria excedido de 150,000 pessoas, de todas as edades, bem longe dos 600,000 varões acima de 20 annos, o que presuppõe a população de pelo menos dous milhões e um quarto a dous milhões e meio. Talvez estes 600,000, reputados como o numero dos varões maiores de 20 annos, fosse de 60,000 ou de 6000 e que algum escriba tivesse alterado o original, sendo depois a alteração recopiada de boa fé.

III. Ha outra prova de que não lidamos neste Livro com algarismos

[1] *Encyc. Brit.*, 9ª ed., XIX, 514.

historicos. Em *Num.*, 3 : 11-39, P refere que fez-se um recenseamento dos Levitas, machos, de um mez e dali para cima e foram contados 22,000 alem de 8580 individuos machos de entre 30 e 50 annos de edade; e que depois disto, fazendo-se a resenha dos "primogenitos machos dos filhos de Israel" de um mez e dahi para cima, foram contados 22,273, estes 273 sendo resgastados por cinco chequels de prata, cada um. Assim, nessa população de 2,500,000 pessoas haveria um primogenito para 111 pessoas. E duplicando o numero dos primogenitos machos para incluir as meninas, conclue-se que o numero de filhos para cada familia seria de perto de 50! Ainda mais: segundo Gray,[1] "a porcentagem media na Europa de individuos, *de ambos os sexos*, de entre 30 e 50 annos de edade, é de 25, e nos Estados Unidos de 22%: mas aqui, a porcentagem *só dos machos* entre os trez filhos de Moysés era de 32, 35, e 52%."

IV. Reuss[2] pergunta se havia 600,000 homens de armas no Egypto porque esses temores quando o povo queria emigrar; porque essa cobardia em attacar os Philisteus (*Ex.*, 13 : 17) cujo territorio só comprehendia um decimo do de Canaan. Demais, o *Deut.*, 7 : 1 diz que os Israelitas exterminariam nações em Canaan, "que são septe povos muito *mais numerosos* do que tu (Israel) és, e muito mais fortes do que tu." Logo cada um delles tinha pelo menos dous milhões e meio, ou digamos uns 20 milhões no minimo com 4½ milhões de combatentes para todos os povos de Canaan: e é absurdo suppôr que a Palestina pudesse supportar essa população. Lembraremos que mais de dous seculos depois desta epoca das guerras de conquista o Rei David achou, no recenseamento que fez, apenas 1,300,000 combatentes, e com o seu reino muito dilatado. Si apóz 200 annos de estabelecimento em Canaan Israel conseguiu, partindo de 600,000, ter 1,300,000 homens na edade de pegar em armas como foi possivel a Israel nos 430 annos de habitação e servidão no Egypto, e partindo de duas mil pessoas de todas as edades, reunir 600,000 homens em iguaes condições? Por todas estas e outras considerações parece não poderem ser considerados historicos os algarismos do codigo P, accrescentado aos outros JED e consagrando desencontradas tradições de epochas do declinio, religioso e politico, do povo judeu,—tradições que fizeram caminho para alguns MSS. do Pentateuco, donde se reproduziram depois. Demais é preciso ter sempre em vista que os Hebreus eram sempre hyperbolicos quando se tractava de algarismos, e isto não só entre os mais antigos como entre os mais recentes escriptores (V. *Ex.*, 20 : 6; 34 : 7; *Deut.*, 1 : 11; 7 : 9; 32 : 30; 1 *Reis*, 18 : 7; 21 : 11; 29 : 5; *Is.*, 30 : 17; 60 : 22; *Jer.*, 32 : 18; *Amós*, 5 : 3; *Mik.*, 6 : 7, etc.). Mesmo no sacerdotal *Lev.* vemos que 100 Israelitas podem perseguir a 10,000, e no Cantico de Moysés (*Deut.*, 32 : 30) um persegue a mil e dous põem em fuga dez mil. Já em *Gen.*, 24 : 60 os pais de Rebecca, despedindo-se della, diziam: "Irmã nossa, sê tu a mãe de milhares de myriades," etc., e no proprio Livro de *Num.*, de onde é

[1] G. B. Gray, *A Critical and Exeg. Comm. on Numbers* (1903), pag. 13.
[2] *L'Histoire Sainte et la Loi*, I, 86, 87.

o recenseamento que nos occupa, se diz que quando pousava a Arca Moysés exclamava: "Volta, JAHVEH, para os *myriades dos milhares de Israel*" (10 : 36).

V. Como o primogenito refere-se ao primeiro ou primeira que nasce de mulher casada segue-se que só havia 44,546 mulheres casadas que tinham filhos; e, segundo ao regras da mesma estatistica significa isto que só uma em quatorze mulheres de mais de vinte annos tinha filhos entre os Israelitos o que não é nada provavel.

VI. Segundo *Juizes*, 5 : 8 tomaram o campo contra os Canaaneus as tribus de Benjamin, Ephraim, Manasséh, Nephtali, Zabulon e Issacar e deram 40,000 homens: não se explica bem isso quando segundo o recenseamento (*Num.*, cap. 26) essas tribus tinham 301,000 homens de guerra, e isto é presuppondo que aquelle numero de 40,000 não seja muito exaggerado,—como tudo indica que é.

VII. Já dissemos que este numero de 600,000 ou de um total de $2\frac{1}{2}$ milhões não se confórma com os limites de Gessen,[1] na opinião geral de todos os viajantes, nem com a população que se poderia manter em toda a peninsula arabica.[2]

Flinders Petrie,[3] depois de mostrar o exaggero dos 600,000 homens de guerra, o que significaria que só um homem em treze tinha filhos, o que é absurdo, compára os dous recenseamentos e começa por notar que em 14 de 24 totaes (duas vezes para as doze tribus) não ha uma só centena que acabe em 0, 1, 8 ou 9; e dahi procurou examinar si isto era apenas obra do acaso. Este estudo levou-o a considerar que a palavra hebraica *alaf*, *milhares*, significa tambem familia, gruppo de pessoas. E o sábio e cauteloso explorador suggere que quando, por exemplo, lemos que Rubem contava 46,500 pessoas bem póde a leitura desse texto ser 46 familias 500 pessoas em vez de 46,500 pessoas. O primeiro algarismo provavelmente indicaria então o numero de tendas ou barracas, ou, como diriamos, de *fógos* de cada tribu, e neste caso 46 tendas com quinhentos individuos. O professor divide ainda o numero das pessoas de cada tribu (neste caso as centenas) pelo numero de tendas (ou milhares) e acha que no primeiro recenseamento o numero de pessoas em cada tenda era de 9.6 e pelo segundo, 9.3 pessoas,—o que daria, diz ainda, um casal, outro casal de velhos, trez filhos e dous adherentes ou dependentes. Na presupposição de que isto possa ser assim, calcúla Petrie que segundo a primeira contagem havia 5550 pessoas e conforme com a segunda 5730 que, em sua opinião, representam o numero dos que sahiram de Gôchem. Demais, só assim, diz ainda elle, se explicam *Num.*, 16 : 49 e 25 : 9. Tambem Moysés julgava as questões não entre $2\frac{1}{2}$ milhões de povo mas entre o de seiscentas tendas, o que já era muito pezado. Por fim adduz ainda este auctor o facto que, segundo o *Ex.*, 1 : 15, só havia duas parteiras entre os Hebreus. Como se explica,

[1] Assim pensa, entre outros, Sayce, *Early History of the Hebrews*, pag. 212.
[2] V. Flinders Petrie, *Researches in Sinai*, pags. 206-8.
[3] Na obra supra, pags. 207-17, e na *Egypt and Israel*, pags. 40-41.

pergunta elle, que só existissem duas parteiras para 140 nascimentos por dia,—que é o numero correspondente a mesmo dous milhões de população? Ao contrario, para a população de 600 tendas duas parteiras bastariam pois a natividade teria sido apenas de uma unidade por semana.

Tal é a opinião deste escriptor tão conservador, que entretanto não se póde applicar ao numero de primogenitos e Levitas que, procurando esclarecer certas phases da questão ainda mais complica outras. Da eschola tradicional Orr[1] consagra uma pag. a este assumpto, sem conseguir esclarece-lo.

Concluida a Alliança no Sinai e dada a Lei fundamental, e outras, ao povo, consagrados o Tabernaculo e o sacerdocio, e feito o recenseamento dos que deviam resistir aos septe povos que occupavam Canaan, era agora preciso seguir viagem. O Tabernaculo, no meio do povo, estava guardado do modo ideial explicado por P com muitos pormenores imaginados por uma geração oito seculos depois da de Moysés.

Os Aaronitas, da familia do principal sacerdote, montavam guarda á frente ou entrada do Tabernaculo tendo do lado S. a principal familia levitica, os Caathitas que tinham a seu cargo a guarda dos vasos sagrados, seguindo-se-lhes os Gersonitas ao O. e os Meraristas ao N., aquelles presidindo ao mobiliario, aos tapetes e cortinas e estes aos pillares, columnas, vigamento, etc. da construcção. Nas marchas, P diz que os sacerdotes, Levitas e as tribus deviam seguir a mesma ordem, —Judá, entre estas, levando a deanteira. Recebidos dos principaes chefes das tribus, em nome destas, seus presentes de bois e ovelhas para os sacrificios, e de bois e carros para o serviço do transporte, bem como os de vasos bacias e objectos para o culto e chegado o primeiro anniversario da solemnidade da Paschoa, foi esta celebrada antes da partida, abstrahindo-se do ritual rigoroso já prescripto para quando o culto fosse concentrado algum dia no logar que o SENHOR escolheria, e que foi Jerusalem. E no 20º, dia do 2º, mez ao 2º, anno da sahida do Egypto os filhos de Israel partiram do Deserto do Sinai. A nuvem, que pairava sobre a sagrada Tenda, levantara-se mais alto em signal de partida, e as trombetas de prata secundaram o aviso. Apoz dez ou doze mezes de permanencia no Sinai, começa então a travessia do Deserto de Paran e dos caps. 10 a 12 e em parte dos caps. 13, 14, 16-18, 20 e 21 de *Numeros*, temos materia dos dous antigos escriptores J E, os quaes se não distinguem facilmente entre si. No cap. 10 : 29-36 está inserto o incidente, provavelmente referido no original antes deste logar, do pedido de Moysés a seu cunhado Hobab para accompanha-lo, pois este Madianita conhecia per-

[1] *The Problem of the Old Testament* (1914), pags. 367-8.

feitamente os uadis e fontes d'agua no Deserto e, si a nuvem que guiava o povo mostrava-lhe o caminho, não deixava de ser valiosa a cooperação do filho de Rachel.

O deserto de Paran (tambem nos textos chamado de Cadés, segundo o nome do principal povoado a N. delle) estende-se do Oéste ás terras de Moab. O seu limite a NO. era provavelmente o Deserto de Chur (*Jifar*) que separava o Egypto da Philistéa, e a L. era o longo valle do Arabah, grande depressão natural que do Mar Morto estende-se ao Golpho Elanitico.

Quando Moysés via em caminho a Arca, podemos bem avaliar como estremecia de jubilo e proclamava (*Num.*, 10 : 35) :

> "Levanta-te, JAHVEH ! Espalhem-se os teus inimigos
> E os que te odeiam fujam deante de Ti."

E quando se depunha outra vez a Arca, exclamava sempre :

> "Volta, SENHOR, para a multidão do exercito de Israel."

A viagem por esse deserto que Moysés no *Deut.*, 1 : 19 descreve como "grande e medonho," não podia deixar de ser muito penosa. Depois das primeiras marchas levantou - se nos acampamentos das tribus uma queixa geral contra as fatigas do trajecto, e a falta de carne e outros viveres : a multidão chorava quando lembrava-se da fartura de Gessen, dos seus peixes, dos seus melões, melancias, pepinos, cebolas, alhos e demais hortalice ; e todos procuravam a Moysés e ou exprobravam-lhe te-los tirado do Egypto ou pediam-lhe providencias que não podia dar. A principio DEUS mandou um fogo que devorou um canto dos arraiaes que se ficou por isso chamando Tabera, incendio. Tudo isto, porêm, tão profundamente calou no animo do pacato propheta que elle mesmo queixa-se a DEUS de haver-lhe imposto um encargo mais oneroso do que podia supportar. De facto, disse elle, a vida tornara-se-lhe insupportavel. DEUS, ouvindo a sua prece, começou por mandar-lhe que escolhesse septenta anciãos de Israel, dos mais experimentados para ajudarem-no a attender ao povo ; e ordenou mais que este se sanctificasse para no dia seguinte sentir a acção directa de DEUS no supprimento de volumosos bandos de codornizes, por dous dias, de modo que o povo não saberia mais como livrar-se dellas. No fim, o SENHOR irou-se contra Israel e mandou affligi-lo com uma praga terrivel, pelo que o local em que se haviam acampado ficou sendo chamado Kibroth-Catáavah ou Sepulchros da Concupiscencia.

Deste poncto a marcha seguinte foi a Hazeroth, acredita-se que no local em que hoje se acha Ain-el-Hudera,[1] a 70 Kilom.

[1] Assim pensam Burckhardt, Robinson, Ewald, Stanley, Palmer e outros. Mas não ha prova alguma substancial disso.

NE. de Jebel Musa, e onde abunda agua. Em todo o caso diz o texto que o povo ali ficou. Foi durante esta curta permanencia em Hazeroth que Aarão e Miriam ou Maria fallaram contra Moysés por causa de sua mulher Ethiopiza. E disputavam que fosse elle o unico a quem o SENHOR fallou : ("não nos fallou Elle tambem a nós?" perguntavam-lhe elles). Pensam alguns criticos que esta phrase (por causa de sua mulher Ethiopiza) fosse interpollada por algum redactor antigo. Mas estudando-se o texto integral, como está, acha-se a passagem muito adequada ás circumstancias. O facto que Moysés, como antes foi dicto, tinha por mulher Sephora, madianita, não contradiz o texto, pois a illação que delle se tira é que, morta Sephora, Moysés se casára com outra mulher, e esta de Cuch ou Cuss e, portanto, Ethiopiza. Miriam protesta contra sua nova cunhada, de raça tão diversa, e accentúa a sua origem para mais humilha-la, e a Moysés tambem, de quem talvez ella e Aarão nutrissem ciumes pelo enorme poder que adquirira. Ha commentadores que sustentam que Cush era um povo do N. da Arabia e que a elle se referem 2 *Paral.*, 14 : 9-14 ; 16 : 8, 21 : 16, etc. Si a nova mulher de Moysés era dahi, então nem esse motivo de menoscaso tinham Miriam e seu por demais docil irmão. O incidente, porêm, aufere sua maior importancia da opportunidade que deu a JAHVEH de defender a Moysés e o seu character, notavel pela sua meiguice, firmesa e lealdade. O SENHOR chamou os dous recalcitrantes á porta do Tabernaculo onde appareceu na columna de nuvem, e lhes disse : " Si entre vós apparecer um propheta, Eu lhe fallo por meio de sonhos. Não assim com Moysés, meu servo, que é o mais fiel em toda minha casa : Eu lhe fallo cara a cara : elle vê JAHVEH claramente, sem enigmas ou figurações : porque, pois, vós, não temestes fallar mal do meu servo Moysés ? " E irado JAHVEH cobriu Miriam, cabeça da sedição, de lepra, de modo que ficou " branca como a neve." Aarão pedio a Moysés por ella e DEUS ouviu as preces do Seu servo, limpando-a da lepra mais ficando ella obrigada a purgar-se ritualmente do mal por septe dias, atrazando isto a procecução da viagem (*Num.*, cap. 12).

Não sabe-se exactamente qual foi a seguinte estação : o certo é que mais cedo ou mais tarde chegou o povo a Cadés, talvez tendo antes pousado em Rithma. Cadés ou Cadés-Barné demorava na orla do Deserto de Sin (*Num.*, 20 : 1), não loge da parte meridional da Terra promettida (34 : 4). O nome Cadés, hoje conhecido por Ain-Kadis (Poço Sancto), indica ali a existencia antiga de grandes depositos d'agua fresca. Ewald e outros, porêm, julgam que Bene-Kedem (Filhos do Oriente) responde melhor ao que sabe-se de Cadés

e alguns dos que o accompanham pensam que era habitado pelos descendentes de Setura, concubina de Abrahão (*Gen.*, 29 : 1 ; *Juizes*, 7 : 12). Como se vai ver, Cadés estava destinada a ser, depois do Sinai, o centro mais importante desta peregrinação dos Israelitas antes da posse de Canaan.

Estando já proximos da Terra de promissão Moysés enviou alguns homens escolhidos para fazerem um reconhecimento preliminar do paiz, de sua população, de suas cidades, do seu terreno e de suas defesas. Esta parte dos caps. 13 e 14 de *Num.* está inçada de repetições e contradicções, que si mostram a perfeita integridade historica do facto essencial, manifestam tambem que essas peças foram escriptas em tempos distantes um do outro e que na juncção de tão antigas tradições, não foram aproveitados os seus pormenores sem sacrificio da unidade da exposição. O codigo de E foi unido ao mais antigo de J por algum redactor que lhes retocou as juncções ; vindo, depois, P que adaptou-os á sua tradicional narrativa, retocando-lhe novamente os nexos, mas sem assimilação das partes fundidas. Assim, alem de outras contradicções, nota-se que ora se diz que foi explorada toda a terra de Canaan, ora só a sua parte meridional (13 : 18 e seg. comp. com vers. 22-24) ; ora se affirma que a terra explorada " realmente mana leite e mel . . . mas tem fortissimas e grandes cidades fortificadas de muros " (28, 29) ao passo que outros dos exploradores " infamaram o paiz que tinham visto (vers. 33) ; e ora é Caleb, sósinho, que protesta contra essa infamação (31) ora é tambem com elle Josué, filho de Nun (14 : 6). Em todo o caso, todas essas contradicções são typicas das diversas impressões que trouxeram esses homens nos sessenta dias de sua visita. Em geral acharam boa a terra, como o provavam alguns dos seus fructos que trouxeram, mas avisaram seus irmãos que não poderiam conquista-la sem lucta pois habitava-a gente possante (que até elevaram a cathegoria dos legendarios filhos de Enac) e suas cidades eram bem muradas e fortificadas.

Ora, os Israelitas não acharam nada confortativa esta perspectiva. Estes descendentes do medroso e cauteloso Jacob não queriam lembrar-se do " braço estendido e poderoso de Deus " que os salvara ; a ideia de tomarem armas e terem de luctar para a posse desse paiz e de um governo livre, sob as leis divinas, não podia ser muito ao sabor de um povo que vinha da servidão. Não admira, pois, que, ouvindo as experiencias dos exploradores, toda a multidão gritando chorasse aquella noite, e murmurasse dizendo : Oxalá tivessemos fallecido no Egypto ou pereçamos aqui, sem que Jahveh nos introduza nessa terra onde nossas mulheres e filhos serão aprisionados

e nós seremos passados a espada. "Constituamos um chefe e voltemos para o Egypto!" (14 : 1-4),

Podemos imaginar como sorpreso ficou Moysés, ouvindo isto. Elle "prostrou-se por terra á vista de toda a multidão dos filhos de Israel" (vers. 5). Os Israelitas, com effeito, abjuravam JAHVEH que os tirára do Egypto, e lhes promettêra a posse de Canaan; apostatavam da alliança que solemnemente fizeram "não sem sangue" (*Heb.*, 9 : 19-22), com o seu DEUS; e manifestavam preferir a servidão do Pharaó (*Ex.*, 3 : 10, etc.) a "liberdade dos filhos de DEUS." Antes de Moysés, estupefacto e humilhado, poder levantar a voz, Josué e Caleb clamaram ao povo: "Não sejaes rebeldes contra o SENHOR: nem temaes a gente dessas terras porque como pão, assim as podemos tragar. . . ." E quando por isso o povo tentava apedrejalos appareceu a nuvem de JAHVEH sobre o Tabernaculo, e Elle disse a Moysés: "Até quando não me acreditará (este povo) depois de todos os prodigios que tenho feito deante delle? Eu os ferirei com peste e os consumirei; e a ti farei principe de outra gente, grande e mais forte de que esta." Moysés, sempre humilde e leal, rogou instantemente para que DEUS não fizesse morrer tamanha multidão que Elle já havia salvo, e a qual fizera solemnes promessas. Que diriam as outras nações? "Perdoa, te supplico, o peccado deste povo segundo a grandeza da tua misericordia." JAHVEH, sempre misericordioso mas tambem sancto e justo, respondeu: "Eu lhe perdoei, conforme Me pediste . . . mas entretanto dos homens que viram o resplendor da minha majestade . . . e que me tentaram ja dez vezes e que não obedeceram á minha voz, nenhum delles verá a terra que Eu prometti a seus pais com juramento: nenhum dos que detrahiram de Mim a verá." Neste deserto, continuou, ficariam entendidos os seus cadaveres: todos os maiores de 20 annos não entrarão na terra promettida. E antes disso elles e seus filhos andariam errantes nestes desertos por quarenta annos até que os maiores de 20 annos fossem consumidos (14 : 20-22; 32-35). Com effeito, o povo abusára da longanimidade de DEUS e da paciencia de Moysés. Em poucos annos parecia ter-se-lhe varrido da memoria o grande feito da salvação pelo Mar Vermelho, e a portentosa presença de JAHVEH no Sinai, e a sua significação. Agora ficava elle condemnado a errar pelo deserto até morrerem os que podiam tomar armas, excepto Josué e Caleb.

Arrependidos, mas já tardiamente, os Israelitas vendo o resultado inesperado da sua apostasia espiritual, pretenderam então "subir ao logar de que o SENHOR fallou" para dar batalha aos seus habitantes. Foi debalde que Moysés ainda

exprobrou-lhes quererem contrariar as disposições de DEUS. Marcharam, e os Amalecitas e Canaanitas foram batendo e retalhando a todos elles até o logar chamado Sephah (*Juizes*, 1 : 17) depois Horma, a 40 kilom. NE. de Cadés, região que tocou depois á tribu de Simeão. Assim, o desalento e a vaidade presumida andam de braço dado, ambas tendo neste caso a mesma origem na desobediencia á palavra e ás promessas divinas. Os Israelitas nem viam que desde que repudiaram a JAHVEH deixaram de ser o Seu exercito.

Pela rapidez da narrativa destes acontecimentos pareceria que elles se passaram dentro de só alguns cinco mezes. Entretanto na opinião de muitos commentadores os Israelitas levaram quinze ou dezeseis mezes no trajecto do Sinai a Cadés. Não se podia mover esta gente com a facilidade da pequena caravana viajante moderna. Como veremos breve, foram muitas as paradas entre Sinai e Cadés. O grosso do povo ficou neste centro de uma região comparativamente fertil, e onde se armou o Tabernaculo e se fez, por assim dize-lo, a capital dos Israelitas. É provavel que ahi Moysés tivesse escripto algumas das suas leis que, com mais ou menos modificações, constam do *Exodo*, do *Levitico*, e de *Numeros*. Era preciso que passassem trinta e septe annos, ou um tanto menos, para se completarem os quarenta da depuração do povo ordenada por DEUS. Infelizmente temos ahi um dos grandes claros da historia pois nada sabemos desse periodo. Sobre o que não ha duvida, porêm, é que nenhum dos Israelitas do Egypto poderia entrar na Terra promettida ; a nova geração devia ser filha do deserto, forte, fresca e livre.

E em Cadés mesmo, apezar do terrivel castigo que a sua permanencia ahi devia lembrar-lhes, os Israelitas não se isentaram de flagrantes reincidencias de desobediencia a JAHVEH e ás suas Leis. Os caps. 16 e 17 de *Num.*, nos referem, como um só, os dous incidentes separados de Coré e de Dathan e Abiron, este de J E e aquelle de P. Ainda dentro do de Coré notam-se accrescimos posteriores que devidamente isolados nos mostram claramente os motivos que levaram os redactores posteriores a inclui-los ali. Vamos separar as duas narrativas que naquelles caps. estão fundidas n'uma só e que deve ser lida préviamente pelos que desejem ver um exemplo claro destas fusões de auctores diversos no Pentateuco. Demos primeiro a historia de J E : " E Dathan e Abiron, filhos de Eliah, e On, filho de Peleth, filhos de Rubem . . . sublevaram-se contra Moysés, homens de fama. Mandou, pois, Moysés chamar a Dathan e Abiron, filhos de Eliab, os quaes responderam : " Não vamos. Por ventura não te basta haver-nos

tirado de uma terra que manava leite e mel para nos fazeres morrer no deserto, e queres ainda dominar-nos como principe ? Demais, tu não nos metteste n'uma terra onde corre o leite e o mel nem nos déste por herança campos e vinhas : quererás tambem tirar os olhos destes homens ? Não vamos ! " E Moysés, muito irado, disse a JAHVEH : " Não olhes para seus sacrificios. Nunca tirei delles um jumentinho nem fiz mal a nenhum delles." E Moysés levantou-se e foi ter com Dathan e Abiron, e os anciãos de Israel o seguiram. E elle disse : " Apartai-vos, rogo-vos, das tendas destes malvados, não toqueis cousa alguma delles para que não desappareçais com todos os seus peccados." E Dathan e Abiron sahiram e ficaram de pé na porta de suas tendas com suas mulheres, seus filhos e seus pequeninos. E Moysés disse : " Nisto conhecereis que JAHVEH enviou-me a fazer todas estas obras, e que não as tenho feito de minha propria cabeça. Si estes homens morrerem da morte commum a todos os homens e si forem visitados pela mesma visita segundo são os outros homens, nesse caso JAHVEH não me enviou. Mas si JAHVEH fizer uma cousa nova e a terra abrir a sua bocca e os engulir, e a tudo que é delles, e desçam vivos a Sheol (inferno) ; então ficareis sabendo que estes homens tractaram JAHVEH com despreso." E aconteceu que quando pôz termo ao fallar todas estas palavras, o terreno que estava sob elles abriu-se á parte e a terra abriu a sua bocca e os enguliu e ás suas familias. Assim elles e tudo quanto lhes pertencia desceram vivos a Sheol e a terra fechou-se sobre elles e pereceram do meio da congregação. E todo o Israel que estava ali na visinhança fugiu quando gritavam, pois diziam : Que a terra não nos engula tambem " (16 : 16, 2, 12-15, 25, 27-34).

Vejamos agora a historia de Coré no Codigo de P, que de perto interessava o auctor por seu character sacerdotal.

" Por este tempo Coré . . . e outros 250 dos filhos de Israel, principaes da congregação que em tempo de conselho eram chamados pelos seus nomes, se reuniram contra Moysés e contra Aarão e disseram-lhes : Basta (ó filho de Levi) pois toda a congregação é sancta, cada um della, e JAHVEH está com ella : porque pois vos elevaes sobre o ajunctamento de JAHVEH ? O que tendo ouvido Moysés lançou-se com o rosto em terra e fallou a Coré e a todos, dizendo : " Amanhã fará JAHVEH saber qual é o Seu, e fará vir a Si ao que fôr sancto ; e ao que tiver escolhido, Elle fará vir para juncto de Si. Fazei, pois, isto : tomai vossos thuribulos e ponde fogo nelles e ponde nelles incenso a JAHVEH amanhã. E acontecerá que aquelle a quem JAHVEH escolher, esse será sancto. Muito vos exaltaes ó filhos de Levi. . . ." O que tendo elles feito deante de Moysés

e de Aarão e tendo ajunctado em frente a elles toda a multidão á entrada do Tabernaculo, appareceu a todos a gloria de JAHVEH. E JAHVEH fallou a Moysés e Aarão dizendo; Separai-vos desta congregação para que eu possa consumil-a n'um momento." E elles se lançaram com o rosto em terra e disseram: "O DEUS, ó DEUS dos espiritos de toda a carne, si um homem pecca ficarás Tu irado com toda a congregação"? E JAHVEH fallou a Moysés dizendo: "Falla á congregação dizendo: Sahi da proximidade do Tabernaculo." E elle fallou. . . . E veiu fogo de JAHVEH e devorou os duzentos e cincoenta homens que offereciam incenso" (16 : 1ª, 2ᵇ-11, 16-25, 27ª-35).[1]

Eis ahi as duas historias que, está bem claro, são differentes. O *Deut.*, 11 : 6 refere-se apenas a Dathan e Abiron, ao passo que *Num.*, 27 : 3, cita tão sómente a Coré, e é debalde que o redactor final dos caps. 16 e 17 tentou harmoniza-las, pois, até na linguagem, como provam os hebraitas, ellas differem entre si. Na primeira vemos os dous descendentes de Rubem, unidos a outros rubenitas, contestando a auctoridade *civil* de Moysés. Rubem, primogenito de Jacob, decahiu do seu elevado logar na casa de seu pai, por haver polluido o seu leito. Seus successores, agora que viam que honra estaria reservadas para elles, não fôra aquelle incidente, mostravam-se irrequietos e insolentes no seu ciume. Na historia de Coré, nos escriptos sacerdotaes, vemos a soffreguidão desta classe em conservar a sua influencia e em dar-lhe uma fórma de accôrdo com os seus ensinos posteriores, quando a historia foi aproveitada e modificada. No incidente antigo Coré, que, segundo P, era da tribu de Levi, e com elle "250 filhos de Israel" (que não eram Levitas) insurgem-se *contra o Levita Moysés e seu irmão.* Os 250 são *chefes da congregação*, representantes legitimos do povo. Elles revoltam-se contra o privilegio aaronico do sacerdocio: a Sanctidade era de todo o povo, dizem elles, e não o apanagio de uma familia especial. Esta é que é a historia primitiva. Com o correr do tempo, porém, os continuadores de P (*Ps*) accrescentaram-lhe as passagens de 16 : 8-11, 16-28ª; 17 : 1-5 e 16 : 38-40, formando com ellas a historia que Coré e *Levitas* protestaram contra o privilegio do *sacerdocio*,—não todo o Israel, mas só os Levitas que, por con-

[1] Damos a versão dos dous incidentes mais proxima do Hebraico, a julgar por outras versões daquelle original. Na versiculo 3 do cap. 16 a *Vulg.* dá *proceres synagogae* que A. P. F. traduz "homens da Synagoga." No N. T. a synagoga tem o sentido do ajunctamento de uma igreja: aqui a palavra hebraica refere-se ao *ajunctamento do povo.* No deserto não havia synagogas. A falta de uniformidade nestas versões se vê disto: a palavra hebraica *kahal* que em 16 : 2 S. Jeronymo dá como synagoga, e Figueiredo com elle, reapparece em 20 : 4 quando o primeiro traduz por Ecclesiam e Figueiredo por "congregação do SENHOR." Ferreira de Almeida traduz "congregação" em ambos os casos.

seguinte (allegam elles) não eram *sacerdotes*, como já mostramos que a eschola de P sustentou nos ultimos tempos.

E não contente ainda com o triumpho que P lhe dá, o texto diz que Aarão, o sacerdote, recolheu ao Sancturaio doze varas, uma de cada tribu, e a sua propria ; e que a delle, e só a delle, brotou e floresceu,[1] esta vara sendo depositada no Tabernaculo em testemunho da rebeldia dos filhos de Israel.

Os redactores finaes de P aproveitam este incidente, assim por elles retocado, para tractarem nos caps. seguintes, dos deveres dos Levitas e darem outras instrucções que serão estudadas mais adeante.

Durante esta longa parada em Cadés falleceu e foi enterrada Miriam.

Deu-se tambem ali perto um incidente importante pois delle resultou serem condemnados o proprio Moysés e Aarão a não entrarem na Terra da promissão. O povo murmurava por falta de agua de beber, e a queixa avolumou-se a um verdadeiro motim contra Moysés. " Porque nos tirastes do Egypto ? " Moysés, sem saber mais como acalma-lo apresentou-se deante de JAHVEH : " SENHOR DEUS, disse-lhe, ouve o clamor deste povo e abre-lhe o teu thesouro, uma fonte de agua viva, para que, saciando-se, cesse a sua murmuração.' E o SENHOR mandou que, ajunctado o povo, fallasse á pedra deante delle donde sahiria agua, que homens e animaes beberiam. E Moysés o fez, congregado o povo, ao qual elle e Aarão disseram : " Ouvi, rebeldes e incredulos, acaso poderemos nós fazer sahir desta pedra agua para vós ? " E tendo Moysés levantado a mão e ferido a pedra duas vezes com a vara, sahiram della aguas copiosissimas." Pois bem : parecerá que tudo isto foi muito regularmente feito por Moysés e seu irmão. Entretanto o SENHOR disse-lhes logo : " Porque vós não crestes para me sanctificardes deante dos filhos de Israel, não introduzireis estes povos na terra que tenho para lhes dar." E o texto acaba dizendo que este local ficou sendo chamado Meribah ou Agua da Contradicção (*Num.*, 20 : 1-13).

Segundo avisados criticos o texto está truncado porquanto elles não vêm claramente onde está o peccado de Moysés e peccado que merecesse tamanho castigo. Entretanto parece que quando Moysés e seu irmão, deante do povo congregado especialmente para ver o poder e a bondade de DEUS, disseram-lhe : " Poderemos *nós* fazer sahir agua," etc., elles realmente por vaidade ou orgulho, apropriavam-se de uma gloria que só era de JAHVEH. E nessa occasião, em que chamavam o

[1] Esta historia fez lembrar as da clava de Hercules e da lança de Romulo, e da bengala de Polycarpo de que nasceu o terebyntho de Smyrna.—*Gray.*

povo de rebeldes e incredulos, davam prova de sua propria incredulidade batendo com a vara *duas* vezes e, por um momento, só por um momento, pensaram que *elles* é que faziam o milagre, de sorte que realmente não sanctificaram o SENHOR deante do povo de Israel. Em Moysés, o servo lealissimo, esta pequena fraqueza não podia passar desapercebida e teve a seria consequencia que vemos.[1]

Outro incidente é enxertado ahi como passado durante a permanencia dos Israelitas em Cadés; e entretanto entre *Num.*, 20 : 13 e 20 : 14 ha o intervallo de cêrca de 38 annos, sobre que o texto sagrado nada traz. Os Israelitas já se haviam demorado bastante para, refeitos n'uma nova geração, procurarem alcançar o fito com que sahiram do Egypto, e que era a conquista da terra de Canaan. Cadés ficava justamente no limite sul desse paiz, na região chamada Negeb e, para entrarem ali evitando galgarem altas montanhas, seria preciso atravessar o territorio de Edom, dos descendentes de Esau, que ficava a S.-E. de Canaan. Si pudessem atravessa-lo, cahiriam no valle do Jordão ao S. do Mar Morto. Moysés deu instrucções a seus embaixadores que protestaram amizade a Edom: o povo de Israel não queria nada do seu territorio sinão os supprimentos que lhe quizessem vender; não se desviaria da estrada real (ainda hoje chamam-n'as estradas do Sultão) até sahirem do seu paiz; e elle esperava, como irmão, obter essa concessão. O rei de Edom não só negou a licensa como pôz-se logo em campo; pelo que Israel teve de procurar outro caminho para Canaan, desde que DEUS já dissera que não permittiria que Israel combatesse com Edom.

Era enorme a difficuldade. Edom não chegava a O. até a margem esquerda do Jordão; mas elle tinha ao N. Moab (que estendia-se a O. até o Mar Morto), e depois delle, tambem ao N. Gilead e Bachan ou Bassan, que se dilatavam até ao norte do lago de Gennesareth, já não fallando de Ammon, com

[1] Nöldeke e Cornill entendem que a principio o texto era assim:—O vers. 10 quando diz: "Ouvi, rebeldes e incredulos," refere-se a JAHVEH fallando a Moysés e Aarão ao povo; que o mesmo vers. quando diz: "Acaso poderemos nós fazer sahir desta pedra agua para vós," consagra expressões que Moysés e seu irmão disseram a JAHVEH, tendo-se-lhe accrescentado o *para vós*. Não achamos razão nisso sobretudo considerando-se que Moysés não podia absolutamente duvidar de DEUS. Precisamos lembrar que no "me sanctificardes" do vers. 12 prevalece a ideia originaria da sanctidade, a *separação, transcendencia* de DEUS, aquelle de quem os Bethsamitas perguntaram: "Quem poderá subsistir na presença deste SENHOR DEUS tão sancto?" (1 *Reis.*, 6 : 20). As aguas de Cadés são denominadas Meribah (lucta) porque o povo rusgou com Moysés ali, e o local se chamou Cadés porque JAHVEH vindicou ali a Sua sanctidade; e este nome combinado apparece em *Num.*, 27 : 14; *Deut.*, 32 : 51; 33 : 2; e *Ezek.*, 47 : 19 e 48 : 28. A *Vulg.* e A. P. F. chamam esta combinação de "Aguas da Contradicção." Este episodio tem pontos de similhança mas nas circumstancias em que se deu e sobretudo em seus effeitos é muito diverso do referido no *Ex.*, cap. 17.

Amoritas, que se estabeleceram a L. de Gilead o qual ficava assim entre os Canaanitas que habitavam as margens do Jordão e os Ammonitas. Não entrando pelo S. em Canaan, os Israelitas só podiam fazer brecha a Leste, e ahi teriam de enfrentar outros povos. Moysés, porêm, não desanimou, e procurou logo vêr como se transportaria para ali. Era preciso rodear o monte Seir a descer primeiro na direcção do golpho de Akabah ou Elanitico para então subir dahi.

Entretanto antes de partirem, os Israelitas foram attacados pelo rei de Arad, Canaaneu, cuja capital ficava a uns cem kilometros ao norte de Cadés. Os Israelitas promettem não poupar a um só si venceerem, e com effeito os destroçaram, dando ao paiz a denominação de *Horma* ou Anathema.

Puzeram-se então em caminho para circumdarem a cordilheira Seir. N'um dos seus montes, chamado Hor, diz uma das tradições, morreu Aarão (20 : 25-29), Eleazar seu filho tendo enfiado as suas vestes e todo o povo chorando o seu principal sacerdote por trinta dias. Outra tradição, porêm (*Deut.*, 10 : 3) resa que Aarão falleceu em Moséra. Não se póde conjecturar bem onde seja o monte Hor nem o Moséra, mas é certo que nenhum fica nas proximidades de Petra (juxta civitatem Petra, diz S. Jeronymo no Onomasticon), pois, como diz o texto, era perto da Terra da Promissão e á vista della, o que se não dá com a localidade de Petra.[1]

As estradas ao redor da terra de Edom parece que eram pessimas : e havia falta d'agua e de que comer, alem do maná. Demais a mais, alastravam o caminho umas serpentes cuja mordedura queimava como fogo, pelo que o povo levantou amargas queixas a Moysés, sobretudo quando tanta gente estava morrendo das feridas. Mandou elle que fizessem uma grande serpente de cobre, que trariam presa a um poste alto ; e " todos os que, estando feridos, olhavam para ella, saravam " (20 : 4-9).[2]

E impossivel verificar um por um os nomes das estações que são dados neste trajecto. Sabe-se que ao redor de Seir andaram os Israelitas pelos confins de Moab e acamparam-se

[1] Clay-Trumbull, *Kadesh-Barnea*, 101, entende que Hor deve ser o Tebel Madurah, de hoje ; e nisto o accompanha Palmer, *Desert of the Exodus*. O primeiro procura tambem sustentar que o Madurah é o proprio Moséra do *Deut.*

[2] Em outros povos vê-se tambem a relação entre a serpente e a cura da molestia. Os Gregos tinham o seu deus Asklepios, que appareceu sob a forma de serpente. W. R. Smith, *Religion of the Semites*, opina que esta crença dos Israelitas veiu da legenda do dragão da Babylonia. Por muito tempo os Israelitas prestaram uma especie de culto á serpente. Ezekiah, instigado por *Isaias* (2 : 8 ; 16 : 18, etc.) e outros prophetas, aboliu de todo similhante culto. Ha criticos que suppõem que esta historia foi aqui enxertada para dar uma razão de ser, historica, ao antigo e quieto culto em Israel.

primeiro em Jeabarim e depois em Zared,[1] depois da qual descançaram no Arnon, que separa Moab do paiz dos Amoritas ou Amorreus. É uma região com muita agua e aprazivel. Sobre um dos poços notaveis que cavaram na localidade os Israelitas cantaram com gôsto :

> "Sobe, ó poço, cantavam assim,
> O poço que os principes cavaram,
> Perfurado pelos mais nobres do povo,
> Com o bordão do chefe, com seus bastões."[2]

Desta região Moysés conduziu o povo a Mátana, Nahaliel e Bamoth (*Num.*, 21 : 18, 19) ; e " de Bamoth a um valle que está no paiz de Moab no planalto de Fasga (Pisgah) que olha para o deserto " (vers. 20). De Mátana ignora-se o local, mas provavelmente ficava onde está agora o Uadi Váleh ; e Nahaliel ou " vaile de Deus " era apropriadamente o actual Uadi Zerca-main, afamado por suas aguas virtuosas. E quanto a Bamoth (" altos logares ") bem póde ser a região do Uadi Jideid, segundo Conder.[3] Dahi os Israelitas desceram algum dos grotões para uma planicie que dava n'um planalto donde, talvez pela primeira vez se descortinava Canaan. E de crer que fosse a beira do planalto que acaba ali ao N. do Mar Salgado.

Deste valle Moysés mandou embaixadores a Sihon, rei dos Amorreus que, vindo então da Palestina, tinham subjugado aquelle paiz, e tambem parte de Ammon, tomando toda a região comprehendida entre o Jabok, que afflue para o Jordão, e o Arnon (actualmente Uadi Mojib) que desemboca no Mar Salgado. Nesse districto possuiam a cidade fortificada de Hesebon, já tendo elles mais ao SO., na fronteira de Ammon, outra cidade forte, a de Jazer. A chegada, pois, dos Israelitas a Moab, foi bem recebida, pois acreditaram logo os Moabitas que elles viriam expulsar os Amorreus. Moysés appellou para seus irmãos : " Levantai-vos e passai a torrente do Arnon." Elle pois, do deserto de Cademoth, mandou embaixadores a Sihon, rei de Hezebon com palavras de paz, pedindo-lhe passagem até o Jordão. Mas elle recusou. " DEUS lhe tinha obdurado

[1] Robinson, *ob. cit.*, pensa que é o Uadi El-Ahsy, limite entre Moab e Edom. Comp. *Num.*, 21 : 13 ; *Deut.*, 2 : 13, 14.

[2] Ewald, *Gesch.*, Liv. 11, sec. 11, B, diz que os Israelitas usavam estas cantigas quando fazendo serviços árduos, entre elles o de puxar a agua de poços fundos como este devia ser. No Oriente quando se festeja a completa abertura de um poço o cheik com o seu bastão, representa cava-lo e o entrega á tribu no meio de festas. Este canto tem todo o character de muito antigo. A versão da *Vulg.* parece defeituosa quando traduz *in datore legis*, pois a palavra hebraica significa o chefe e o *bastão do chefe*, e não " o que tinha dado a lei," como em A. P. F.

[3] *Heth and Moab*, pags. 145 e seg.

o espirito e impedernido o seu coração " para sua propria ruina. Sihon marchou contra Israel, que o enfrentou em Jahaz (Iasa, A. P. de F.) e o SENHOR DEUS o entregou com todo o seu povo a Israel,[1] que o matou sem piedade, poupando apenas os Ammonitas (*Num.*, 21 : 21-25 ; *Deut.*, 2 : 24-37). Pela primeira vez Israel viu-se senhor de um paiz bastante fertil, como é a Palestina oriental, do Arnon ao Jabbok. A parte entre Hesebon e o Arnon constituiu depois o territorio assignado á tribu de Rubem. Os textos sagrados dão ideia da grande exultação israelita por esta victoria tão assignalada, sobretudo nos versos do proverbio, cheios de fina satyra, contra os Amorreus que, havia muito, tinham conquistado e passado á espada os Moabitas :

1

"Venham para Hesebon,
Seja construida e restaurada a cidade de Sihon.

2

"Tinha sahido fogo de Hesebon,
E chammas da fortaleza de Sihon ;
Tinham devorado Ar, de Moab,
E consumido as alturas do Arnon.
Ai de ti, Moab !
Pereceste, povo de Chemoche,
Que tinha dado seus filhos para serem fugitivos,
E suas filhas para o captiveiro,
A Sihon, rei dos Amorreus !

3

"Mas, nós ateamos fogo nelle até Dibon,
Foi-se Hesebon !
Tudo devastámos até Nofa
Que vai até o deserto."[2]

O poeta popular, depois de descrever os horrores causados pelos Amorreus, de repente volta todos elles contra elles-proprios. Os vencedores dos Moabitas lançam a ridiculo o deus delles Chemóche (*Camos* de A. P. Figueiredo) que não soube ou não poude livra-los : e agora elles mesmos não têm a quem appellar.

[1] O local de Jahaz é hoje ignorado. Mas ainda era conhecido nos tempos de Isaias (15 : 4) e de Jeremias (48 : 34).

[2] Seguimos a versão de Ewald, *Geschichte, loc. cit.* A da *Vulg.* é muito confusa, como aliás o proprio texto. Na "pedra moabita" ha referencia a Dibon, ali escripta Daibon.

Este triumpho de Israel aguçou-lhe o apetite pelas batalhas e conquistas. Moysés mandou fazer um reconhecimento ao N., onde começava o extenso reino de Bassan (realmente Bachan). O rei, Og, sem perda de tempo, attacou Israel mas foi completamente destroçado na batalha de Edrei, e desta fórma poude ver Moysés o dominio de Israel estender-se até perto do Hermon. Edrei fica proximo do mar de Galilea, a SE., e podemos fazer ideia de como foi brilhante este feito d'armas, em que muito provavelmente Israel teve o auxilio dos Ammonitas.

Este territorio do rei Og que "era o unico que tinha ficado da estirpe dos gigantes" (*Deut.*, 3 : 11), bem como "o paiz de Argob," foram dados por Moysés a Jair, filho de Manassés, filho de José. Este Argob é provavelmente o actual *El Lejah*, especie de plataforma enorme que se levanta dez metros sobre o deserto e composta toda de pedras das fórmas as mais phantasticas. Edrei onde se feriu a batalha definitiva pela qual o Bassan passou para o poder dos Israelitas, é o Edrá de hoje, que, n'uma altura de 10 ou 13 m. acima do planalto, parece domina-lo.

Subjugado Bassan, Moysés providenciou para que o povo descesse para a margem do Jordão, nas campinas de Abel-Chittim, e Moysés estabelece ahi o seu acampamento, não longe da foz do Jordão no Mar Morto, em frente á cidade canaanitica de Jericó e por conseguinte perto do local em que deveria breve morar e ser sepultado. Nesse acampamento onde havia mulheres moabitas e tambem madianitas, o povo de Israel entregou-se á prostituição, sendo até levado por ellas a adorar Beelfegor e outros deuses. Uma vez, o sacerdote Phineas, filho de Eleazar, teve occasião de lancear um Israelita que encontrou com uma Madianita, o que apartou uma peste que o SENHOR mandára contra os peccadores israelitas.

Si ao grande propheta não foi dado accompanhar a nação, que estabeleceu, nas suas conquistas em Canaan, elle bem podia, naquellas planicies de Moab, a ultima scena de sua gloriosa vida, contemplar com seu olhar prophetico o grande futuro que lhe estava reservado. Este futuro tão brilhante não escapou aliás a um outro propheta local, Balaão. Merecia este o maior respeito dos cinco principes madianitas que haviam invadido essas regiões, e era originario das margens do Euphrates sendo por conseguinte Arameu. Balaão não era Moabita mas Madianita e pois parece que devia ser este e não aquelle que o empregaria para amaldiçoar a Israel. Mas comprehende-se bem que o rei de Moab se sentisse apprehensivo em face do enorme exito das recentes façanhas dos Israelitas em Hesebon e Edrei, e temesse ser a seu turno sobre-

pujado por elles. A tradição faz aqui o propheta dizer a verdade que quereria occultar, de dize-la contra a sua vontade; e quiz mostrar que JAHVEH estava acima de todos esses deuses á que o proprio propheta seguia. Na viagem para a capital do rei Balac, que o mandara chamar, Balaão por aterrorisar-se o jumento que montava, percebe que um Anjo os accompanha, resolvido a vingar-se si o propheta não disser a verdade, que lhe fôr inspirada. Afinal, cada vez que quer pronunciar a maldicção é como que forçado a abençoar a Israel e trez vezes pronuncia esta benção, cada vez mais elevada, e a despeito dos protestos de Balac. E não contente com isto passa a prophetisar as desgraças que iam sobrevir a Moab e a todos os pagãos ao passo que aos Israelitas estavam reservadas victorias sobre victorias. Cada uma dessas bençãos se concretisa n'um poema (*Num.*, 23 : 7-10 ; 24 : 3-9), e do mesmo modo é em verso a predicção das desgraças que vão recahir em Moab (24 : 15-19); e Balaão ainda prevê a ruina de Amelec (24 : 20), dos Kenitas (v. 21) e de Assur e Eber (v. 24). É facil reconhecer duas tradições parallelas no texto, devido todo a J e a E, cujas peculiaridades são ahi patentes. Daremos aqui a versão (do original) da segunda e quarta prophecias.

"Levanta-te, Balac e ouve:
Escuta-me, filho de Sippor:
DEUS não é homem que quebre a sua palavra,
Nem da especie humana que ande mudando;
Promette Elle sem o fazer,
E fallou, e não cumpriu o que disse?
Eis que para abençoar recebi ordens,
Para abençoar sem retirar a benção.
Não enxergo infortunio em Jacob,
Nem mal no meio d'Israel.
JAHVEH seu DEUS com elle está
E grita em honra do seu rei no seu meio.
DEUS que o trouxe do Egypto
É para elle como a gloria do touro bravio.[1]
Eis um povo, como uma leôa, de pé,
E como o leão, levantando-se:
Não se deita até que devore a presa
E beba o sangue do que matou."

A quarta prophecia em que Balaão contrasta o futuro de Edom e Israel é summamente interessante:

"Oraculo de Balaão, filho de Beor,
Oraculo do homem . . .

[1] A *Vulg.* dá rhinoceronte; mas tracta-se do *rimu* assyrio, animal agora extincto e que tinha dous chifres.

Oraculo do homem que ouve as palavras de EL (Deus)
E sabe da sabedoria do ELYON (Altissimo)
E que vê a visão de CHADDAI (Omnipotente).
Cahido (?) e tendo descoberto os olhos.
Vejo-o mas não perto.
Uma estrella surgiu de Jacob,
E um sceptro se levantou em Israel.
E arrasa os templos de Moab,
E os craneos de todos os filhos do orgulho (?)."[1]

Como diziamos, tudo parecia risonho a Israel. Os chefes das tribus de Rubem e de Gad, que evidentemente eram as que tinham maiores gados, pediram logo instantemente a Moysés que as deixassem estabelecer-se no extenso territorio que acabavam de tomar a Sehon e a Og, com tão ferteis pastagens e sem que lhes fosse preciso atravessar o rio.

A principio Moysés recousou-lhes isso, temendo que eximir-se-hiam de auxilarem a seus irmãos na conquista transjordanica; elles, porêm, contractaram solemnemente a obrigação de, depois de collocar ali as suas mulheres, os pequenos e seus gados, formarem ao lado dos seus irmãos logo que se effectuasse a invasão; e assim Moysés deu-lhes aquelles territorios, a elles, Rubem e Gad e á meia-tribu de Manasséh, filho de José.

O Livro *Numeros*, depois de uma collecção de leis civis e religiosas de que tractaremos separadamente, dá conta do segundo recenseamento dos homens aptos para o serviço militar cujo resultado já mencionamos, e produz então (cap. 33) a lista das paradas dos Israelitas no deserto. Ha contradicções entre esta lista, que é de P, e os caps. 20 e 21 de *Num.*, e os caps. 1 e 2 do *Deut.* P nunca menciona que o povo marchou para Cadés: em 14 : 29 diz que foi no deserto de Paran que o povo murmurou contra DEUS e que foram condemnados a perecer "neste deserto" todos os que tinham então vinte annos e dahi para cima.

O incidente da condemnação de Moysés é attribuido por alguns dos melhores criticos a esse periodo no deserto e não quasi no fim da longa permanencia em Cadés, e quando a nova geração não se podia occupar em comparações com o Egypto, quando em Cadés havia agua em abundancia, e, si não havia, não era então que se teria dado por falta della.

[1] Desde Justino o Martyr tem-se dado interpretação messianica a estes versos que só têm explicação cabal com a revelação christã. A estrella de Jacob lembra a que viram os Magos (*Matt.*, 2 : 2, 9, 10). Foi o Espirito de DEUS que, pairando em Balaão, fe-lo confirmar mais claramente a prophecia de Jacob sobre o sceptro da casa de Judá. Os Judeus acham que esta prophecia teve sua primeira realisação em David mas que ella será algum dia realisada completamente com a vinda do Messias que ainda esperam. O famoso pretendente ou pseudo-Messias do reinado de Hadriano intitulava-se Par-Cochba, ou filho da Estrella.

A embaixada a Edom e a lucta que se lhe seguiu, segundo esses criticos, não formam parte deste ultimo periodo : e para demonstra-lo citam o *Deut.*, 2 : 1 que diz : "E partindo dali (Cadés-Barnés) viemos ao deserto que leva ao Mar Vermelho como o Senhor m'o tinha dicto, e andamos muito tempo á roda de Seir." Isto é, os Israelitas não podendo entrar em Canaan pelo sul, por Edom, foram obrigados a ir procurar longe o caminho para ali penetrarem pelo lado do Leste.

Na lista do cap. 33 Cadés vem como a 31ª estação e como synonymo do deserto de Sin. Antes desta estação é mencionada a de Eziongaber, á margem da ponta N. do Golpho Elanitico ou mar de Akahba. Antes dessa, são mencionadas quatro que encontram parallelas no *Deut.*, 10 : 6 e 7, e que parecem justificar o que esses criticos sustentam : que os Israelitas depois de terem subido ao N. desceram ao mar de Akahba até Etham e Eziongaber. A estação de Mosera, uma dessas quatro, não é sinão o sopé do monte Hor, onde morrêra Aarão.

Sendo assim, o trajecto dos Israelitas teria sido este, em suas linhas geraes : Do Sinai marcharam a Hazeroth, contornando as montanhas dali pelos *uadis* que os levaram á margem occidental do golpho Elanitico até Eziongaber. Dali levantaram seus acampamentos, e foram para L. na direcção da cordilheira de Seir e passaram pelo monte Hor. Depois de circumdarem aquella cordilheira, desceram novamente ao S. até Eziongaber para dali subirem de modo que pudessem attacar convenientemente a parte L. da terra de Canaan. Alem do mais, a nova geração de Israel precisava deste longo tirocinio de marchas para habilita-la a luctar com os Canaanitas. E foi então que elles luctaram com Sehon e Og. A lista de estações do cap. 33 é trabalho independente das narrativas e em que o auctor evitou repetições e não olhou para a exacta correspondencia e ordem no trajecto, cuja narrativa é aliás sempre confusa. Em todo o caso precisamos ter sempre em vista a nova theoria sobre este trajecto, já exposta no cap. precedente.

Sendo este o itinerario está claro que Moysés já desde bastantes mezes, talvez annos, recebêra a triste intimação que não penetraria, elle mesmo, na Terra que Deus promettera aos seus antepassados. O seu grande pezar, si de um lado era aggravado vendo os prodromos da conquista daquellas bellas planicies de Moab, do outro lado se mitigava vendo o cumprimento exacto da Palavra de Deus, com a plena confiança que continuava a ter na Sua sabedoria, na Sua bondade ineffavel e o na Sua justiça.

No cap. 27, enxertado em seguida á reclamação das filhas de Salfaad, descendentes de José por Manassés, temos (vers. 12-23) a intimação de DEUS a Moysés de que este seu fiel servo chegara ao fim dos seus dias. "Sóbre a este monte Abarim [1] e contempla dahi," disse o Eterno, "a terra que Eu darei aos filhos de Israel; e depois de a teres visto recolher-te-has tambem ao teu povo como foi teu irmão Aarão: porque me offendeste no deserto de Sin na contradicção do povo nem me quizeste sanctificar deante delle acerca das aguas." Moysés, sempre submisso respondeu: "O SENHOR DEUS dos espiritos de todos os homens escolha algum homem que vigie sobre este povo . . . para que não seja como ovelhas sem pastor." E DEUS mandou-lhe que lançasse mão de Josué, filho de Nun e lhe impuzesse as mãos,[2] pois nelle "residia o espirito" (tudo isto é de P).

Moysés assim o fez e apresentou a Josué ao sacerdote Eleazar e a todo o ajunctamento do povo, "e, impostas as mãos sobre a sua cabeça, lhe declarou tudo o que o SENHOR lhe havia mandado."

Parecia que em seguida a esta historia veriamos mencionada em *Num.* a morte do grande chefe e propheta: mas tal não se dá. Vêm os nove caps. 28-36 com uma variedade de assumptos,—o holocausto perpetuo, as offertas na festa das Trombetas e nas festas solemnes, a lei acerca dos votos das mulheres e os casamentos das herdeiras; e, na parte historico-prophetica, a vingança de Israel sobre os Madianitas, o pedido das tribus de Rubem e Gad para se estabelecerem desde logo á Leste do Jordão: a nomenclatura, aliás imperfeita, das moradas dos Israelitas no Deserto até Moab, os Limites de Canaan, as providencias sobre a sua divisão pelas tribus de Jacob. A morte de Moysés, já no fim da sua peregrinação, só é referida no ultimo cap. do ultimo Livro do Pentateuco.

Já bem fatigado destes quarenta annos de constantes labores e sobresaltos, Moysés preparou tudo para "recolher-se aos

[1] Veja-se a nota sobre o monte Nebo, no cap. XLVIII. A palavra Abarim (plural) significa montes do Cis-Jordão, *i.e.* da banda oriental deste rio. Em *Num.*, 33:47 falla-se das "serras-Abarim defronte de Nabo (Nebo)." É usado no V. T. como nome proprio quando precedido da palavra monte.

[2] A imposição das mãos, como vimos quando Jacob pôz a sua dextra sobre a cabeça de Ephraim, significava a bençam (*Gen.*, 48; 14-20). Assim tambem fez Aarão abençoando o povo, estendendo-lhe as mãos (*Lev.*, 9:22), No Cod. de P a imposição das mãos sobre a victima é parte importante do ritual (V. cap. adeante sobre a *Legislação mosaica*). Quando a tribu de Levi foi escolhida impuzeram-lhe as mãos os representantes das outras tribus, denotanto assim a sua consagração (*Num.*, 8:10); e agora Josué vai ser consagrado pela imposição das mãos. Parece que a idea basica é a da transferencia do poder e da vontade de quem abençôa ou consagra. Nosso Senhor JESUS CHRISTO usou deste symbolo varias vezes para abençoar e curar enfermos; e Seus discipulos tambem o empregaram para a consagração e ordenação de presbyteros.

seus antepassados." Elle reuniu o povo n'uma planicie dessa terra de Moab, recapitulou as principaes peripecias do trajecto pelo deserto e relembrou aos seus irmãos o Decalogo : concitou-os fervorosa e eloquentemente a nunca, nem por um momento, esquecerem-se da infinita bondade de JAHVEH que, espontaneamente, os livrou da dura e humilhante servidão no Egypto e, com seu " braço estendido," ia dar-lhes esta terra de Canaan, que elle proprio, Moysés, não poderia pisar por causa delles. Elle escreveu leis e mandou que fosse collocado o seu rôllo manuscripto ao lado da Arca, e que fosse lido á congregação dos seus irmãos de septe em septe annos, mostrando isto mesmo que a Religião que lhes inculcára não era ainda a da lei escripta. Depois de mostrar-lhes as bençams e maldicções que recahiriam sobre elles no caso de obediencia e desobediencia á vontade de Jahveh, Moysés subiu ao morte Nebo, tendo Jericó á vista. Lá nas faldas do monte elle divisava as barracas dos seus irmãos, promptos á marcha sob o commando de Josué; e, seguro do cumprimento das promessas de DEUS, morreu, sem duvida satisfeito por ter sido o instrumento, o collaborador de DEUS na salvação dos seus irmãos e na reunião delles como uma congregação consagrada ao serviço exclusivo de JAHVEH. Tinha Moysés, diz o texto, 180 annos de edade quando falleceu " por mandado de JAHVEH." " Nunca a vista se lhe diminuiu nem os dentes se lhe abalaram." " E não se levantou mais em Israel propheta algum como Moysés " (assim escrevia outro propheta em cêrca de 450 A.C.) " com quem JAHVEH tractasse cara a cara." Era preciso que se passassem doze seculos de tirocinio e de provas antes do apparecimento d'Aquelle outro Propheta, maior do que todos, pois que era a incarnação do proprio Espirito Sancto, que viria trazer não só a Israel mas a toda a humanidade, da qual Israel era o inconsciente apostolo, a ultima palavra da divina Revelação.

Moysés é um dos maiores vultos da humanidade,—o segundo, —vindo logo depois de JESUS CHRISTO, homem. N'outro logar tractaremos mais por extenso do seu papel como fundador da Religião de Israel : aqui limitamo-nos a lembrar que Moysés foi o intermediario da Religião que produziu não só o Christianismo, mas tambem o que ha de bom no Mahometanismo. Foi elle quem primeiro ensinou a existencia de um só DEUS, unico e *Salvador*, que á infinita *justiça* unia a infinita *misericordia*. Successivamente libertador do seu povo, guerreiro, estadista, legislador, Moysés foi sobretudo o grande *propheta* antes de CHRISTO. Inexcedivel na lealdade e na obediencia a DEUS, de quem recebeu a unica honra de ser chamado amigo intimo, só o dominava outro grande senti-

mento parallelo com essa fidelidade, que era o amôr pelo seu povo, e pelo qual por tantas provanças foi confrontado.

Não é, pois, sem razão que, á proporção que foram decorrendo os seculos a gloria de Moysés se tornasse mais e mais rutilante para os Israelitas, a poncto de lhe attribuirem a Revelação completa de DEUS ao homem.

Além das obras já citadas vejam-se sobre o Exodo; B. W. Bacon, *The Genesis of Genesis* e *The Triple Tradition of the Exodus*; Holzinger, *Einleitung in den Hexat. mit Tabellen*; Cornill, *Einleitung in d. A. Test.*; Driver, *An Introd. to the Lit. of the O. T.*; Keil and Delitzsch, *Comm.*; Kittel, *Geschichte d. Hebräer*; Wellhausen, *Prolegomena zur Gesch. Israel*; Lange's *Comm.*; *Exodus* by C. M. Mead; M. M. Kalisch, *Exodus*; E. Robinson, *Biblical Researches in Palestine* e *Later Biblical Researches* (Boston); E. H. Palmer, *The Desert of the Exodus*, 2 vols.; T. Clay-Trumbull, *Kadesh-Barnea: its Importance and probable site* (N. Y.); Ewald, *Gesch.* e *Die Alterthümer des Volkes Israel*; Keil, *Handbuch der Bib. Archäologie*; W. M. Baudissin, *Studien zur Semit. Religionsgeschichte*; P. Fairbairn, *Revelation of Law in Scripture* e *Typology*; Kurtz, *Der A. T. Opfercultis*; Benzinger, *Heb. Archäologie*; Reuss, *L'Histoire Sainte et la Loi*; Budde, *Religion of Israel to the Exile* (trad.); Giesebrecht, *Geschichtlichkeit des Sinaibundes*; os comm. de Baentsch e Holzinger, Driver (Cambridge), M'Neile (Westminster); W. Robertson Smith, *The Rel. of the Semites* e *The O. T. in the Jewish Church*; Kuenen, *Rel. of Israel* (trad.), 3 vols.; J. Robertson, *Early Rel. of Isr.*; H. Schultz, *Alttestamentliche Theologie*; A. Dillmann, *Handbuch der A. T.-lichen Theol.*; J. F. McCurdy, *Hist., Prophecy and the Mon.* (3 vols.); Stanley, *Sinai and Palestine*; Marti, *Rel. of the O. T.*; Sayce, *Babylonians and Assyrians*, *Patriarchal Palestine* e *The Higher Critic. and the Mon.*; Gray, *Intern. and Crit. Comm.: Numbers*; Alex. Westphal, *Les Sources du Pentateuque*, 2 vols., 1888-1892.

CAPITULO XLI

A CHRONOLOGIA ATÉ O EXODO

A Chronologia é a computação do tempo ; é depois disso a arte de computar o tempo, de medi-lo em relação aos acontecimentos humanos. Deduz-se desta sua naturesa que nas eras primitivas da humanidade em que não havia ainda a escripta e o homem precisava confiar á sua memoria a sequencia dos acontecimentos, a chronologia, propriamente, não existia, si bem que grandes acontecimentos pudessem ser relatados por muitas gerações pela tradição. Só com alguma organização social devia ter surgido a necessidade de tomar-se nota da successão dos factos importantes, e só depois, com alguns conhecimentos astronomicos, e gradualmente, poderia o homem comparar epochas synchronicas entre diversos povos. É facto notavel, mas que escapa á observação de muitos, que as historias de Herodoto e Thucydides, grandiosas como sejam, carecem de datas. Só existe chronologia propriamente dicta depois do Seculo VIII a.c. Foi por esta epocha que a Babylonia, a Grecia e Roma começaram a notar as suas datas historicas referindo-as a ponctos que julgavam importantes. Assim, a Babylonia reportava-se á era de Nabo-palassar, a Grecia ao anno em que Corebo obteve victoria nos jogos olympicos (a olympiada), e Roma á data, depois fixada por Varrão em 753 a.c., da fundação da sua cidade.

É bem provavel que os Judeus marcassem de memoria os grandes accontecimentos da sua historia a partir da data do Exodo, mas, como se verá depois, elles só tiveram sua chronologia propria, e apenas durante algum tempo, na éra dos Maccabeus, em que suas datas referiam-se ao primeiro anno do sacerdocio de Simão (circa 142 a.c.).

Pelo V. T. encontram-se vagas e esparsas referencias chronologicas. Algumas das prophecias de Isaias são fixadas "no anno em que o rei Ozias morreu" (6 : 1), "no anno em que morreu o rei Ahaz" (14 : 28), "no anno em que Tharton entrou em Azot" (20 : 1) ; ao passo que em *Num.*, 13 : 23, vemos uma referencia á epocha da construcção de Hebron pela de Tanis no Egypto, que só foi edificada septe annos depois

de Hebron. Ainda assim, porêm, todas estas e outras indicações só constam dos codices mais modernos, do tempo do Exilio e que foram incorporados ao V. T., isto é, datam dos Seculos VIII a V A.C., que foi quando se começou a ter alguma noção de chronologia propriamente dicta entre as nações mais cultas.

Só desde o tempo de David os Israelitas provavelmente referiam-se para a sua chronologia aos annos dos governos dos seus reis e aos annos que tinham os seus heróes quando lhes nasceram os primogenitos.

A mais antiga tentativa chronologica que existe é a relação do cap. 5 da *Genesis* e a referencia do cap. 7 : 6 onde se diz que Noé contava 600 annos quando veiu o Diluvio. Estes dados, attribuidos pela critica ao codice sacerdotal, P, preparado no Seculo V, não contém, porêm, baze historica. Antes de tudo, comparado o MS. hebraico, massoretico, com as versões grega dos LXX e dos Samaritanos, os elementos que nos offerece o primeiro se não podem explicar sinão pela nenhuma importancia historica dada ao assumpto. Do seguinte quadro se vê que profundas são as divergencias entre essas varias fontes.

	Edade de cada um quando nasceu o seguinte.		
	Segundo os MSS. Hebraicos.	Segundo o MS. Samaritano.	Segundo o texto da LXX.
Adão . . .	130	130	230
Seth . . .	105	105	205
Enosh . . .	90	90	190
Kenan . . .	70	70	170
Mahalael . . .	65	65	165
Jared . . .	162	62	162
Enoch . . .	65	65	165
Mathasalem . .	187	67	167
Lamech . . .	182	53	188
Noé	600	600	600
Total, da Creação ao Diluvio. . .	1656	1307	2242

Essas divergencias não são attribuiveis a erros ou defeitos dos MSS., mas aos "systemas" de chronologia adoptados e bazeados no que se acreditava então dever ter sido premeditado

por Deus nos numeros de annos, a que se emprestava grande e mysteriosa ordem, como se mostrará em pouco.

Para o periodo que se estende do Diluvio ao Exodo do Egypto e entrada na terra de Canaan temos em primeiro logar as computações dos annos dos dez heroes post-diluvianos até o pai de Abrahão, Terah. (*Gen.*, 11 : 11-32). Aqui tambem notam-se divergencias entre os trez textos, si bem que entre o Samaritano e o dos LXX não seja a differença tamanha como é nas edades dos patriarchas anti-diluvianos. Vê-se isso do seguinte quadro :

	Edade que tinha quando nasceu o seguinte.		
	Segundo o Hebraico.	Segundo o Samaritano.	Segundo a LXX.
Sem . . .	100	100	100
Arphaxad . .	35	135	135
Cainan . . .	...	...	130
Sela . . .	30	130	130
Eber . . .	34	134	134
Faleg . . .	30	130	130
Reu . . .	32	132	132
Serug . . .	30	130	130
Nahor . . .	29	79	179
Terah . . .	70	70	70
Abrahão . . .	...	...	...
Total de Sem a Abrahão . . .	390	1040	1270
Ou, deduzindo os annos de Sem antes do Diluvio . .	100	100	100
Total de Sem a Abrahão . . .	290	940	1170

Vê-se dos dous quadros que a differença entre os algarismos das diversas fontes é bem consideravel. Segundo o texto hebraico, da Creação ao Diluvio decorreram 1656 annos, e si, segundo o Samaritano, o intervallo não excedeu de 1307 annos, o da LXX fa-lo ser de nada menos de 2242 annos. Tambem o intervallo entre nascimento de Sem ao de Abrahão varía de 390 no MS. hebraico, a 1040 no Samaritano e 1270 na LXX. O proprio numero de dez Patriarchas ante-diluvianos e dez post-diluvianos mostra como é arbitraria toda esta

supposta chronologia, e já explicamos como o numero dez (dos dedos das mãos) nestas duas relações foi inspirado pela legenda babylonica.

Antes de tudo a fixação do anno da creação do homem, que corresponde a 4157 no MS. hebraico, a 4243 no *Sam.*, e a 5329 A.C. na versão dos LXX, é inteiramente arbitraria. Não precisamos recorrer aqui aos resultados dos estudos da geologia, da philologia, e da ethnographia, mas simplesmente a bem provados documentos archeologicos. Segundo inscripções em objectos excavados por De Morgan,[1] já antes de 5000 annos A.C., havia adeantada civilização em Susa, como os Gregos chamavam e ainda hoje é chamada Shushan ou Sus, na Persia. Numa dessas inscripções que De Morgan crê ser de 6000 A.C., tracta-se, em mais de duas mil linhas gravadas, de accôrdos commerciaes e industriaes, de um systema completo de pesos e medidas na baze sexagesimal, provando tudo uma civilização já muito amadurecida. E, a 4000 A.C., está hoje provado, o rei Lugalzaggasi construiu a cidade de Erech (*Gen.*, 10 : 12) que se chamava Uruk. E isto sem fallarmos das inscripções descobertas por Nabunaid, o rei archeólogo da Babylonia (e o ultimo rei desse imperio) mostrando que em 3800 Sargon comquistára a terra dos Amorrheus.

Si nos voltarmos para o Egypto achamos egualmente provada a existencia de uma civilização bem anterior á supposta data da creação do homem. As melhores auctoridades [2] concordam que na chamada 1ª dynastia (segundo Manetho) isto é, segundo Petrie, em 4777 A.C., ou 4300 segundo outros, já existia ali bastante cultura, como o attestam as excavações do mesmo De Morgan em Nakada em 1897, inclusive o proprio tumulo do primeiro pharaó dessa dynastia, Menes. Maspero que dedicou a vida aos estudos da antiguidade oriental, dizia que a civilização do Egypto ia talvez a 8000 A.C.

Proseguindo agora na chronologia do Pentateuco até o Exodo do Egypto, reservando para capitulos posteriores a dessa epocha até o Advento de JESUS CHRISTO, nós achamos em *Gen.*, 21 : 5 e 25 : 6 dados sobre as edades de Abrahão e Isaac quando lhes nasceram os primogenitos, e em *Gen.*, 47 : 9 sobre a edade de Jacob quando desceu ao Egypto, ao passo que o *Ex.*, 12 : 40 nos diz quanto tempo ficaram nesse paiz Jacob e seus descendentes. E como *Gen.*, 12 : 4 fixa em 75 o numero de annos que contava Abrahão quando emigrou para Canaan, podemos

[1] Sheil, *Textes Élamistes-Sémitiques, II* (1900).

[2] Lenormant, *Commencements*; Maspero, *Hist. Anc. d. p. d'Orient*, e outras obras; Petrie, *Hist. of Egypt*; Wiedemann, *Aeg. Geschichte*; Brugsch-Bouriant, *Hist. des Rois.*

computar a chronologia da *Genesis*, da Creação ao Exodo e á entrada na terra promettida de Canaan.

Temos então :

	Annos.
Da Creação ao Diluvio, como vimos	1656
Do Diluvio ao nascimento de Abrahão . . .	290
Edade de Abrahão ao emigrar (*Gen.* 12 : 4) . .	75
Edade de Abrahão ao nascer-lhe Isaac (100 menos 75)	25
Edade de Isaac quando nasceu Jacob . . .	60
Edade de Jacob quando desceu ao Egypto . .	130
Permanencia no Egypto	430
Total,	2666

Assim, segundo esta chronologia que arbitrariamente se procurou adaptar aos factos realmente historicos do periodo de Abrahão em deante, decorreram 1656 annos da Creação ao Diluvio, numero esse que abalisados criticos fazem 1666 ; e do Diluvio ao Exodo ou libertação dos Israelitas, 1000 annos, perfazendo 2666 annos.

Sem dados exactos escriptos ou conservados pela tradição sobre as datas dos periodos, de que se occuparam, dos " Principios " do homem e dos da sua propria raça, os escriptores do Exilio ou post-Exilio, que organizaram essas datas, que ahi tabulamos, de *Genesis* e dos outros quatro livros do Pentateuco, formaram certas *theorias* sobre a distribuição dos annos por essas eras. E o estudo da " chronologia " respectiva é antes o decifrar essas varias theorias, sobre as quaes se tem conseguido descobrir interessantes resultados.

Porque teria sido fixado pelo codice sacerdotal, P, o numero 1656 ou 1666 como o dos annos que vão entre a Creação e o Diluvio ? E porque 2666 como o do intervallo entre a Creação e o Exodo ? Responde-se : No periodo do Exilio, e posteriormente, acreditavam os escribas e estudantes da Religião que o mundo ou pelo menos o primeiro grande cyclo da humanidade devia durar 4000 annos, e elles attribuiram dous terços desse periodo até a libertação e o começo de existencia da nação de Israel, e o outro terço para o desenvolvimento da sua historia, que seria a do mundo. De modo que contavam exactamente 2666 annos desde o começo do mundo até a salvação por Moysés. (É notavel a curiosa coincidencia que o restante periodo de 1334 annos não vai ter muito longe do advento de JESUS CHRISTO.)

O iniciador desta explicação, Gutschmid,[1] mostra que até

[1] Cit. por Skinner, *Genesis*, pag. 135, *nota*. Cit. tambem em Nöldeke, *Untersuchungen zur Krit. d. A. Test.*

nas subvisões do periodo procede-se com methodo certo. Provavelmente a duração da permanencia no Egypto (430 annos) era tradicional: mas o compilador marcou a metade desse tempo (215 annos) para a permanencia dos trez Patriarchas em Canaan. Já vimos que do Diluvio ao nascimento de Abrahão iam 290 annos; pois deste nascimento á entrada no Egypto ha egualmente 290 annos; e assim chegavam ao resultado desse modo 430, (215+215)+290+290=1010 annos que, com os 1656, perfazem 2666.

Outra e certamente muito curiosa explicação da chronologia da Creação ao Diluvio nos é dada por Oppert.[1] Este critico arguto descobriu uma notavel correspondencia entre a chronologia de *Genesis* e a dos Babylonios. Segundo o velho historiador Berosso os Babylonios contavam 432000 annos da Creação ao Diluvio formando isso um *Kalijuga* ou grande cyclo, que corresponde aos 1656 do texto hebraico massorita. Ora, como os Babylonios usavam tambem medir o tempo por *lustros* de cinco annos, nos 432000 annos havia 86400 *lustros* ou *sosses*. Pois bem: descobriu Oppert que os 1656 annos de *Genesis* são o producto da divisão de 86400,—do numero de lustros por 52 e uma fracção ou o numero de semanas no anno babylonico. O que é, pois, chamado uma semana biblica corresponde a um lustro ou *sosse*. Multiplicando 1656 por 52.17 temos 86394½ ou 86400 redondos, que é o numero de lustros em 432000 annos babylonicos. Para corroborar isto, ha mais outra combinação lembrada pelo mesmo escriptor, que é dividir por 72 os dous numeros 432000 e 1656, o resultado sendo 6000 e 23. Ora 23 annos=8400 dias=1200 semanas; e 6000 é cinco vezes 1200,—o que tambem mostra como uma semana biblica é egual a um lustro babylonico de cinco annos.

E não param ahi as conjecturas chronologicas. Segundo os Babylonios decorriam 215 myriades de annos desde o começo do mundo até Alexandre, e desse numero acreditavam que 47 myriades se escoaram entre a creação do primeiro homem e Alexandre, e 168 myriades no processo da creação em geral. E a Biblia, como sabemos, faz a Creação durar septe dias. Ora notemos que septe dias contêm 168 horas e veremos que aqui a cada myriade babylonica o escriptor P da *Genesis* deu uma hora,—inspirada ideia para concretisar a omnipotencia divina. Assim, na narrativa biblica da Creação uma myriade de annos é apenas uma hora e no periodo da Creação ao Diluvio um lustro de cinco annos é uma semana.

[1] N'um artigo da *Nachrichten der Königl. Gesellschaft der Wiss. zu Gott.*, 1847, cit. por Skinner, *loc. cit.*, Cheyne and Black, *Encyc. Bib.*, I, 777, etc.

Tambem outro escriptor allemão, A. Bosse [1] pretende ter descoberto dous systemas completos de chronologia no V.T. até o tempo da dedicação do Templo de Salomão. Diz elle em primeiro logar que o auctor della regulou-a na baze de *gerações* de quarenta annos cada uma, desde o nascimento de Sem, o patriarcha dos Semitas, e por conseguinte dos Hebreus, até o fim do Exilio da Babylonia, e excluindo da genealogia semita, Terah e os dous annos entre o Diluvio e o nascimento de Arphaxad. Sendo assim elle conta do nascimento de Sem ao de Abrahão 320 annos (8×40), dahi ao de Jacob, 160 (4×40); ao Exodo 560 (14×40); á fundação do Templo, 480 (12×40); ao fim do Exilio, 480 (12×40); e sommando temos 2000 annos ou 50×40. Crê Bosse que o systema talvez já existisse de eras anteriores, como o prova o intervallo de 1200 annos de Abrahão ao Templo.

O segundo systema é este: Cada lustro ou cinco annos babylonicos tinha 260 *semanas* e o escriptor biblico fez um *mez* de 260 annos, e, depois, um grande *anno* (260×12) de 3120 annos. Incluindo Terah e excluindo os dous annos em Arphaxad temos 1556 annos ao nascimento de Sem; com mais 390, (nascimento de Abrahão)+75 (sua edade quando emigrou) +215 (no Egypto)+430 (ao Exodo)+480 (fundação do Templo) +20 (sua dedicação), tudo isto somma 3166 e este algarismo equivale a 260×12, isto é a um grande anno, restando a fracção 46 que o escriptor attribue á differença do anno egypcio, á que o auctor estava provavelmente accostumado, de exactamente 30 dias, ao passo que o babylonico era de $30\frac{1}{4}$ dias, os $5\frac{1}{4}$ dias a mais perfazendo exactamente $45\frac{1}{2}$ ou 46 annos redondos.

E outros criticos têm pretendido achar estas e aquellas coincidencias, sinão systemas regulares, nas versões samaritana e grega da chronologia, e sua explicação nos levaria longe demais. Basta que se veja que fica amplamente provado que essa chronologia não tem fundamento historico até Abrahão, e mesmo depois é bem artificial, sendo antes adaptavel aos factos do que determinada por elles.

Os 1656 annos da Creação ao Diluvio multiplicados por 52.17 dão 86400 semanas, e 86400 era o numero de lustros de cinco annos da chronologia babylonica segundo a qual da Creação ao Diluvio decorreram (86400×5) 432000 annos.

O escriptor biblico acceitando a legenda babylonica de 432000 annos reduziu este numero a lustros, os lustros a semanas e as semanas a annos, achando 1656: e é tudo.

Dividam 432000 por 5, resultado 86400. Dividam 86400

[1] No *Mittheilungen der Vorderasiatische Gesells.* de 1908, cit., por Skinner, 234.

por 52.17, resultado 1656. Um anno biblico da historia da Creação corresponde a cerca de 260 annos e trez mezes.

Somente na vida de Abrahão se poderá começar a ter uma baze, e esta muito incerta, para a chronologia biblica. Já se mostrou (cap. XXXI) que o cap. 14 de *Genesis* descreve uma campanha entre quatro reis do Oriente e cinco regulos das proximidades do Mar Morto, na Palestina, e de que resultou a derrota destes e a captura de Lot, sobrinho de Abrahão. Os Orientaes que pretendiam exercer certa suzerania naquella parte da Palestina voltavam com o seu esbulho quando Abrahão, avisado, reuniu ás pressas os seus empregados e dependentes e, auxiliado pelos seus alliados, perseguiu a retaguarda invasora *até Dan*, que era o nome, muito posteriormente dada á antiga Laís, bem ao norte da Palestina no mesmo meridiano que Tyro,—distancia de cêrca de 170 kils. em linha recta. Por muitos annos este capitulo que não dá mostras da mão de J nem da de E nem da de P, era considerado como tendo sido addiccionado recentemente para o fim de augmentar o prestigio historico do seu heroe. Os recentes estudos, porêm, deste meio seculo vieram rehabilita-lo como contendo elementos de certo bem historicos. O nome de um dos quatro reis é "Amraphel, rei de Sinnar," ou Babylonia.

Já mostrámos como o que depois se chamou Babylonia fôra antes de 2500 A.C., habitada por varios regulos em Ur, Ellasar, Erech, etc., que se tornaram celebres como centros da adoração especial, cada uma, do seu deus principal respectivo. Esses principes eram sobretudo Elamitas, e não Semitas. Elles, porêm, foram desalojados pela pressão dos Arabes, ao Sul e ao Norte do paiz, até que um rei de sua raça, filho mesmo da cidade da Babylonia, Khammurabi, ou Hammurabi expulsou os Elamitas ou conservou tributarios alguns dos seus principes. Deste tempo do grande rei existem innumeros monumentos sob a fórma de inscripções cuneiformes, inclusive o seu celebre Codigo civil e criminal, o mais antigo de que ha noticia, de que já escrevemos amplamente.

Por bastante tempo não se poderia atinar que o Amraphel da *Gen.*, era este mesmo Khammurabi : os estudos archeologicos, porêm, destes ultimos annos, dizem os sabedores, não deixam sobre isto a menor duvida. A palavra Khammurabi começa por um *h* que não é duro, mas *lenitivo*, de modo que o nome se deve pronunciar como Hammurabi. Descompondo o vocabulo achamos hammarabi, de *rabe* ou *ammi-rabe*, *Rabi*, dizem os assyriologos, no tempo de Hammurabi, era a fórma geralmente

usada por Ramaltu, que veiu depois. Em todo o caso, a fórma *Ammurabi* é encontrada em ladrilhos contendo contractos nesse reinado, na cidade de Sippara, do deus-Sol. O nome hammu ou ammi era o de um deus, e o elemento rabi, commum na Babylonia, significava *é grande*. T. G. Pinches [1] diz que ha inscripções com *Hammurabi-ila* (Hammurabi o deus) e que o *l* final no Hebraico Ammraphel explica-se pelo signal polyphono dado a este nome estrangeiro, ao passo que a equivalencia do *p* por *b* é agora universalmente admittida por todos os assyriologos, como o mostra Schrader.

Ora, admittido que o facto narrado nesse cap. 14 da *Gen.*, seja historico, elle torna contemporaneos Abrahão e o grande rei Hammurabi; e a questão chronologica é a da data do reinado deste. Neste terreno lidamos ainda com muita incerteza, indicada pela divergencia entre as melhores auctoridades sobre cuneiformes e a Babylonia. Hommel, no art. *Babylonia* do Diccionario Biblico, opina que Hammurabi subiu ao throno em 1772 A.C.; L. W. King fixa essa data em 2285 na Encyclopedia Biblica; Thureau-Dangin em 2100, adoptada por Driver (*Gen.*, Introd., xxix) e por Skinner (Introd., pag. xiv); e o mesmo King, em estudos posteriores,[2] já opina que o seu reinado foi de 1958-1916 pois descobriu que alguns dos reis mencionados em certas listas eram contemporaneos de outros que até aqui julgavam todos terem reinado successivamente. Com o auxilio da *Chronica* do seu reinado, os auctores mais recentes fixam o começo da dynastia de que Hammurabi foi o 6º rei em 2232 A.C., o que faria a sua accessão cahir 135 annos depois ou em 2097 A.C., bem perto daquelle 2100. E como elle reinou (segundo King) 43 annos vemos que deveria ter fallecido em 2054. Tudo isto, porêm, é apenas hypothetico e só assente comquanto ulteriores estudos não trouxerem mais luz sobre o assumpto.

Mas admittindo este dado e seguindo assim a opinião dos mais entendidos na materia vê-se que a data de accessão do grande rei é synchrona com a da vocação de Abrahão, demonstrando isto a historicidade do cap. 14 da *Gen.*, e assim corroborando o que este nos diz do heróe hebreu.

Notemos que, segundo o texto hebraico, o Exodo foi em 1491. Mas contando dahi os 215 annos de permanencia dos Hebreus

[1] *O. T. in the Light of Hist. Records*, pag. 211. Veja-se mais sobre este poncto: Hommel, *Ancient Heb. Trad. as ill. by the Monuments*, pags. 147 e 160, e C. H. W. Johns, *Code of Hammurabi* no Extra vol. de Hastings *Dictionary*; tambem Skinner, *ob. cit.*, pag. 256 e seg.; e Schrader, *Keilinschriften und Geschichtsforschung*.

[2] *Chronicles concerning early Babyl. Kings*, 1907. A principal obra deste auctor sobre o assumpto geral deste reinado é *Letters and Inscriptions of Hammurabi*, 3 vols. (1878-1900).

em Canaan e os 430 do seu desterro no Egypto, ou 645 annos, a vocação de Abrahão teria sido em 2136,—isto é, só 36 annos mais do que a archeologia fixa. Os textos samaritano e grego supprimem os 215 annos acima e dividem os 430 em duas partes eguaes de 215 para as moradias de Israel em Canaan e no Egypto ; e dahi o fixar-se segundo elles, a data de 1921, geralmente e erradamente attribuida á vocação de Abrahão (2136—215=1921).

Assim este cap. 14 da *Gen.*, veiu, não decidir mas elucidar um poncto importantissimo da chronologia biblica e da sua historicidade. O Hamma-rabe-il é o Amraphel, do mesmo modo que está agora verificado que o Arioch de *Gen.*, 14 : 1 é o Eri-aku ou Rim-aku que depois insurgiu-se contra o proprio Hammurabi, que o subjugou. Precisamos, pois, deixar o assumpto com as suas incertezas actuaes, esperando novas contribuições da archeologia para mais nos esclarecer. Já não é pouco que ha ainda trez dezenas de annos suppunha-se que o cap. 14 era um romance e que agora reconhecem que os nomes dos paizes e das pessoas não eram imaginarios, e que os reis mencionados estiveram em relações, uns com os outros, attestadas pelos cuneiformes excavados na Babylonia.

Ha outro poncto de contacto, synchronio com a historia externa, que poderia auxiliar efficazmente a chronologia hebraica, que é o da permanencia de Jacob e seus descendentes no Egypto e o da data do Exodo, do fim da verdadeira servidão em que os pharaós os retinham. Mas infelizmente os dados sobre o Egypto não offerecem menos duvidas e incerteza do que os da Babylonia.

Como ja dissemos, as excavações de Naville, por conta dos Inglezes, no moderno Tel-el-Maskhuta resultaram em ter elle descoberto Pithom (Pi-Tum), uma das cidades-depositos na fronteira NE., e edificada pelos Israelitas para o pharaó do Egypto : e dos objectos achados pelo explorador Suisso se vê que esse pharaó era Ramsés II que reinou, segundo algumas auctoridades, entre 1310 e 1246 A.C., ou 1300-1234 segundo outras e ainda entre 1292-1225 segundo outras, a nosso ver, mais avisadas. Este Ramsés ou Ramesu é considerado geralmente como o rei que opprimiu os Israelitas forçando-os a duros trabalhos para as suas grandiosas obras publicas. Morto este rei (*Ex.*, 2 : 23) nem por isso o povo deixou de gemer sob o peso da servidão. Ramsés tinha 150 filhos e o seu successor é o 11º filho Merenptha ou Merneptha, (*Mrnpth* nos hierogryphos) que tem sido até ha pouco tempo reputado como o pharaó

reinante quando se deu o Exodo. Mas segundo recentes excavações, que trouxeram á luz a sua mumia, não foi elle de certo quem dirigiu a perseguição dos Israelitas até a passagem do Mar Vermelho e, como elle morreu em 1215 e foi succedido, como já dissemos, por quatro reis que governaram, ao todo, por uns dez annos, um destes foi o Pharaó do Exodo, muito provavelmente Amenmeses que reinou menos de um anno, de modo que o Exodo póde ser fixado temporariamente em 1215 ou 1214, ou pouco depois.

A data 1491 calculada no Pentateuco para o Exodo, achada pelo cotejo dos factos nos trez diversos MSS. do V. T., não tem elemento historico, como hoje está sobejamente provado pelas muitas inscripções cuneiformes achadas em Tel-el-Amarna e que mostram, em variada e extensa correspondencia entre as auctoridades da Palestina e os pharaós do Egypto, que estes reis durante todo o Seculo XV A.C., exerciam auctoridade na Palestina, e que portanto o Exodo e occupação desta pelos Israelitas não póde ser antes de 1400. Temos, pois, que de um lado a archeologia mostra que o Exodo devêra ter sido *não antes de* 1215, do outro lado demonstra que só podia ter sido depois de 1400 A.C., de modo que a data a que se chega pela computação do escriptor P da *Genesis* não é historica.

Resulta dahi que o tempo entre Abrahão e o Exodo não póde mais ser contado em 645 annos, seguindo o texto hebraico (differença entre 2136 e 1491 annos), e que a permanencia dos Israelitas em Canaan e no Egypto durou mais de dous seculos alem do prazo admittido.

Tabulemos agora o que a archeologia tem conseguido fixar tentativamente com as datas computadas da narrativa biblica.

	Arch.	*Heb.*	*Sam. e LXX.*
Vocação de Abrahão . .	2100	2136	1921
Entrada no Egypto . .	1600	1921	1706
Exodo	1215-1214	1491	1491

Vê-se dessa lista que segundo os elementos que nos ministra a archeologia entre a vocação de Abrahão a entrada no Egypto vão quinhentos annos contra duzentos e quinze segundo as versões hebraica, samaritana e grega dos MSS. biblicos. Segundo esses mesmos dados aquella vocação realisar-se-hia quasi na mesma epocha computada do MS. hebraico (differença de 36

annos antes), mas 179 annos antes da data 1921 dos MSS. samaritano e grego, e que é a que tem sido geralmente preferida na chamada chronologia biblica. Vê-se mais que, ao passo que pelos MSS. biblicos das trez procedencias a data do Exodo seria 1491 A.C., a archeologia a fixa temporariamente em 1214 ou 277 annos depois.

A era dos "Reis pastores" ou Hyksos, como os chamou Manetho, o historiador do tempo dos primeiros Ptolomeus, deve ser fixada entre 1680 e 1580. O mesmo Manetho só menciona Salatis, o primeiro, e mais alguns reis desta dynastia. Mas seja como fôr, admittido que Jacob entrasse no Egypto em 1600 essa data cae justamente no periodo desses reis conquistadores estrangeiros, das raças misturadas de Phenicios, Hittitas, etc., explicando-se assim como o Hebreu, e ainda novo José, pudesse ter galgado ao logar de Grão Visir do Pharaó.

Mas sobre este poncto, como sobre todos os outros ponctos da archeologia biblica, repetimos que cumpre-nos esperar esclarecimentos ulteriores.

CAPITULO XLII

JOSUÉ : CANAAN OCCUPADA

Com a morte de Moysés ficaram os Israelistas no lado direito do rio Jordão prestes a invadir a terra, que lhes fôra providencialmente designada. A nossa fonte para a historia dessa irrupção do povo escolhido em Canaan é o Livro denominado de *Josué* que, excepto nas Biblias syrias, que dão este logar a *Job*, segue o Pentateuco ou o Torah dos Judeus.

Este Livro, diz a critica moderna, tem a mesma estructura do Pentateuco e devia constituir com elle um Hexateuco com a historia de Israel até a posse da terra divinamente promettida aos seus antepassados, oito seculos antes. Em vez de deixar Moysés morto e o povo á espera de entrar em Canaan, sob o commando de Josué, esta primeira parte da historia pareceria dever findar-se com o estabelecimento de Israel na terra que era sua. Os Judeus, porém, que reviram os seus sagrados livros durante e logo apoz o Exilio na Babylonia entendiam que o *grande facto*, e central, dos primeiros tempos era a mediação de Moysés ; e depois de encaixarem na historia dessa mediação a legislação, não só do tempo do propheta mas ainda toda a que foi sendo adoptada nos oito seculos seguintes, aliás bazeada estrictamente no ensino mosaico, entenderam canonisar os cinco desses primeiros livros, com honras especiaes, fechando-os com a morte de Moysés, e não com o estabelecimento do povo israelita na Terra promettida.

E, dest'arte, fizeram acabar o seu Torah, a sua " Lei " com a morte de Moysés no fim do *Deuteronomio*.

O Livro *Josué*, portanto, ficou sendo o primeiro dos " livros propheticos " e o primeiro dos " Prophetas mais antigos,"— pois, já explicamos, para os Judeus a *historia* só valia pelo que continha do ensino religioso que della se tirava, e a historia de Israel era o proprio ensino de Deus.

Como o temos deante de nós hoje, *Josué* apresenta-nos a historia da *conquista* de Canaan sob a direcção do General Josué, como o resultado de um movimento regular e effectuado em pouco tempo. Depois da passagem do rio Jordão e da entrada em Canaan (caps. 1-5 : 12) vem a narrativa da tomada

de Jericó e de Hai, e, com vagar, de toda a parte meridional do paiz (5 : 13-10 : 43) ; e afinal a campanha decisiva ao Norte (cap. 11) com a lista dos reis conquistados de ambos os lados do Jordão (cap. 12). A segunda parte (caps. 13-21) occupa-se da distribuição das terras conquistadas pelo povo. Vem então um appendice sobre as despedidas das tribus trans-jordanicas e sobre a erecção de um altar por ellas (caps. 21 : 13-22) e os dous discursos finaes de Josué (caps. 23-24).

O Livro, como o recebemos, faz seu heroe a Josué, filho de Nun, e já nosso conhecido. Em Rephidim (*Ex.*, 17 : 8, 9) vimo-lo pelejando contra Amalec, no deserto, sob a direcção de Moysés. Segundo uma tradição, não das mais antigas, foi elle um dos espias que Moysés despachou para reconhecer Canaan (*Num.*, caps. 13, 14) e, só elle e Caleb, escaparam da morte que sobreveiu a todos os Israelitas maiores, nos 38 annos de peregrinação pelo deserto (*Num.*, 13 : 8, 16 ; 14 : 6, 38 ; *Jos.*, 14, 6-10). Subiu ao Monte de Deus mais de uma vez com Moysés, como seu creado (*Ex.*, 24 : 13). E vimo-lo ainda attendendo ao Tabernaculo, donde não se apartava, quando quer que Moysés voltava para o acampamento (*Ex.*, 33 : 11). Foi afinal indicado para successor de Moysés para guiar o povo na entrada de Canaan (*Deut.*, 34 : 9). O nome deste " moço " era Oséas (*Num.*, 13 : 8 de P) que foi mudado por Moysés para Josué. Oséas significava " salvação " e Jos-ué " Jahveh é salvação."

Parece que o Livro *Josué* ou que outro qualquer nome tivesse era a principio uma collectanea dos feitos heroicos deste tempo, inclusive os do General Josué. O tom geral delle mostra bem que foram ahi aproveitadas tradições antigas, algumas dellas constantes do vetusto " Livro do Justo " ou de Jashar que vem citado e que consistia de poemas e historias verdadeiras sobre os heroes de Israel, e á que se referem muito naturalmente J E, isto é, os dous narradores mais antigos do V. T. E dahi vem que, lendo e estudando a primeira parte de *Josué*, precisamos lembrarmo-nos sempre que lidamos com factos já exaltados e exaggerados pelas legendas poeticas que se lhes uniram nos primeiros tempos.

Estas historias (assim como as dos *Juizes* como se verá) circulavam em Israel em J E quando seculos depois um escriptor ou antes redactor, da eschola deuteronomica, reviu-as sob o seu poncto de vista especial. Para este revisor, Deus tendo assegurado a terra aos Israelitas, estes só tiveram de ir penetrando nella e sem muita demora, anniquilando os seus habitantes e tomando posse da promettida dadiva.

Vejam o resumo da conquista em *Josué* em que o chefe

arrasa tudo, mata tudo o que tinha fôlego, desde Cadés-Barnés até Gaza, desde o extremo de Gosen até Gibeon ; e, como tomou todos os reis e suas terras, " porque o Senhor DEUS de Israel pelejou por elle," (10 : 40-43). Vejam tambem a repetição dessas proesas em 11 : 16-20 e como ainda depois se diz que DEUS deu a Israel toda a terra, e como Israel a possuia e povoou e teve paz com todas as nações do contorno e nenhum dos seus inimigos ousou resistir-lhe mas todos ficaram subjeitos ao seu dominio (21 : 41, 42). Ora, a Palavra de DEUS foi cumprida. Mas é facto, demonstrado por J E, que, pelo proprio designio de DEUS (*Juizes*, 2 : 21-23), a *conquista* de Canaan foi até muito paulatina e difficil ; e não consistiu no mero *passeio* que os Deuteronomistas nos pinctam ; e desta verdade que appella ao nosso senso commum, dá testemunho a parte antiga que foi deixada no proprio *Josué*, bem como do que vemos no seguinte Livro, *Juizes*. Antes de tudo não era nada provavel que os Canaanitas se deixassem sobrepujar sem luctar bravamente pela vida, pela familia e por sua terra ; e elles possuiam até cidades fortificadas (10 : 20) e usavam de carros de guerra, de ferro que os proprios Egypcios copiaram. Não eram um povo tão baixo como se affigura a muitos : subjeitos outr'ora á Babylonia, aos Hittitas e aos Egypcios, delles deviam ter aprendido muito, e usavam até para a escripta do alphabeto cuneiforme babylonico. A conquista da sua terra foi muito gradual e árdua. Não houve uma invasão concentrada sob o general Josué : não ha no Livro nada que justifique este grande movimento : houve sim grandes esforços parciaes, em tempos diversos e com resultados varios, alguns dos quaes poderiam ter sido chefiados pelo chamado successor de Moysés, mas sem nenhuma combinação de forças, aliás difficil em paiz de natureza tão vária e pouco accessivel na sua região montanhosa. Si Josué foi esse general notavel, é de extranhar que a Biblia se occupe tão pouco delle para o deante, pois, excepto a referencia em *Juizes*, só ha uma em 3 *Reis*, 16 : 34, não fallando de duas outras em *Neh.* e *Paral.*, ambos recentemente, depois da volta do Captiveiro quando justamente vogavam as ideias dos Deuteronomistas. O facto é que Israel teve de reconhecer a independencia de tribus de Canaanitas e procurar viver em paz com elles, como aconteceu com a dos Gibeonitas (*Jos.*, 9 : 3-15) ; e que ainda no tempo de Salomão (2 *Reis*, 9 : 20, 21), isto é, dous seculos depois, os Canaanitas não tinham completamente desapparecido. Isto só se conseguiu paulatinamente ; e si Canaan influiu muito na religião dos seus invasores, e tambem nos costumes delles, não ha duvida que só com vagar estes se foram depurando com o seu contacto, Israel absorvendo-os

ou dando-lhes o seu proprio cunho ; mas isto levou seculos, e se foi effectuando insensivelmente.

Assim redigido, de novo e como o lemos agora, o Livro *Josué* tornou-se um dos mais compósitos do V. T. Descobrem-se nelle muito facilmente os veios mais recentes, o do redactor deuteronomista (Rd.) e o do codigo sacerdotal, P, que lhe foi unido no seculo V. Encontramos depois J E, tão nossos conhecidos no Pentateuco e que aqui se acham unidos de modo que difficilmente os podemos separar, si bem que ás vezes não só se nos apresentam distinctos mas até em contradicção entre si.

A intervenção do Rd. se evidencia sobretudo nos caps. 1 a 23. Ahi reflectem-se o estylo, muitas expressões peculiares do *Deut.*, sentimentos e appellos á Lei. Só para dar um exemplo : o *Deut.*, 11 : 24, 25 diz : " Todo o logar em que vós pisardes será vosso. Os vossos limites serão desde o deserto, desde o Lebanon, desde o grande rio Euphrates até ao mar occidental " ; e *Jos.*, 1 : 3, 4 ; " Todo o logar que pisarem as plantas de vossos pés eu vô-lo entregarei, como disse a Moysés. Os vossos limites serão desde o deserto e desde o Lebanon até ao grande rio Euphrates, desde o paiz dos Hetheus até ao mar grande ao occidente." Entretanto a critica ao mesmo tempo nota neste capitulo trechos que são evidentemente de J E, mostrando isto que existia um trabalho delles que um deuteronomista aproveitou, refundindo-o.

O effeito desse retoque, sob o preconceito prophetico, si muito efficaz no aspecto religioso, foi fatal á propria historia dos acontecimentos. Felizmente o proprio ponto de vista deuteronomico fez o redactor respeitar os bastantes trechos de J E para o quasi completo esclarecimento historico da epocha, a despeito de flagrantes contradicções. Por ex. : em 10 : 33 o redactor diz que " neste tempo sahiu Horão, Rei de Gezer em socorro de Laquis : mas Josué o derrotou com todo o seu povo sem ficar um só," ao passo que em 16 : 10 J E nos asseguram que Ephraim não exterminou " os Canaaneus que habitavam em Gezer ; e até ao dia de hoje habitaram os Canaaneus no meio de Ephraim, sendo-lhes tributarios." A redacção deuteronomica proseguiu o seu trabalho persistentemente até o 2º e 1º Sec. A.C., porquanto no MS. hebraico constam retoques desconhecidos á versão grega dos LXX do 4º-3º Sec. Ella ideialisava os acontecimentos dessa alta antiguidade á luz das idéias correntes na sua propria epocha.

Da confrontação de Rd. e de J E em *Jos.*, e tambem do facto que ha episodios narrados por J E que vamos achar no Livro dos *Juizes*, deduz-se claramente o que ficou acima exposto,

isto é, que ao passo que Rd. procura persistentemente insinuar quão zeloso era Josué como continuador da obra de Moysés e como JAHVEH o protegeu entregando-lhe toda a terra que promettêra a Abrahão e a Moysés, e como Josué só foi feliz porque cumpria exactamente a lei mosaica, que Rd. até nos descreve como sendo compulsada constantemente pelo general israelita, J E, do outro lado, nos descrevem a occupação de Canaan como nada facil mas sim como tendo sido tarefa muito ardua e devida especialmente aos ingentes esforços das tribus de Israel, separadamente, e que afinal não conseguiram sinão muito párcamente o desejado fim.

Si Rd. retocou todo o material que achou, de J E ou de outrem, sob o seu proprio aspecto, o mesmo fizeram os accrescimos da eschola sacerdotal. Nos primeiros doze caps. em que se narra a passagem do Jordão e as primeiras luctas com a gente da terra, predominam J E e as tradições das tribus, todas sob o colorido deuteronomico : já nos caps. 13-24 a obra é quasi toda de P que até accentuou esse colorido. P sente-se á vontade descrevendo nomes, limites, tribus e cidades. Não é só Josué quem distribue as terras pelas tribus de Canaan : em 14 : 1 as terras lhes foram dadas pelo " sacerdote Eleazar " (em primeiro logar) " e Josué, filho de Nun," ao passo que em J E competiu isto sómente a Josué (V. 18 : 9, 10). É P quem dá muito destaque a Phineas " filho de Eleazar, o sacerdote."

Em J E os factos são um tanto misturados devido sem duvida aos retoques de Rd. e de P. Em 3 : 17 o povo atravessára o Jordão a pé enxuto e caminhava para Jericó : em 4 : 4-10 parece que não o haviam ainda atravessado. Em 4 : 9 o memorial de pedras devia ser no leito do Jordão e já em 4 : 20 em Galgala ou Gilgal. No cap. 6º segundo uma das versões os Israelitas fazem a volta de Jericó por seis dias e no septimo tomam a cidade : segundo a outra marcham ao redor dos seus muros por septe vezes n'um só dia.

Assim, o Livro *Josué* não deve ser interpretado como verdadeiros annaes historicos mas como uma collecção de proesas dos primeiros Israelitas referidas com surtos legendarios e poeticos. Convém discriminar delles o que existe no Livro de verdadeira historia.

Como Canaan ia tornar-se o theatro em que se devia desenvolver o plano da salvação, e em que algum dia, sob o nome de Palestina, devia apparecer o Enviado de DEUS, é natural que procuremos saber alguma cousa do paiz nesse tempo. A palavra Canaan quer dizer *serra abaixo*, isto é, o paiz dos habitantes das planicies em contraposição das montanhas. Já vimos que as excavações babylonicas mostram que na

mais alta antiguidade o rei Sargon I de Accad veiu até o Mediterraneo (3850 A.C. ?). Sabe-se pelos monumentos que houve um rei de Babylonia depois do tempo de Abrahão, (2000 A.C.) que vem nelles alludido como o pai da Palestina, *i.e.*, seu vencedor. Os povos que primeiro invadiram e habitaram o que foi depois Canaan e Palestina eram Semiticos, como o são os Arabes, Arameus, Assyrios, Babylonios, Hebreus, Phenicios e outros, os Ammoritas, Moabitas e Edomitas ou Idumeus, tendo connexão consanguinea com elles. Pouco se sabe das invasões em Canaan antes de 2000 A.C. ; mas então a primeira dynastia semitica da Babylonia exerceu muita influencia em Canaan. Seu grande rei, Hammurabi, foi o Moysés do seu povo e o seu grande codigo de leis ahi está corroborando o de Moysés nisto, que o torna perfeitamente crivel nas suas disposições tão liberaes pois o de Hammurabi, seis ou septe seculos antes, já era admiravelmente adeantado.

Em 1500 A.C. o Egypto, sabe-se bem, exercia dominio em Canaan. A sua dynastia 18ª foi de reis conquistadores e brilhantes, que haviam expellido a dynastia anterior, dos reis pastores ou Hyksos. Thutmosis III (1503-1449) levou suas conquistas até ás margens do Euphrates—como tudo já vimos. No sanctuario do templo de Ammon em Karnak, o sexto pylone está cheio de inscripções conhecidas por Annaes de Thutmosis III, com os nomes dos paizes e cidades conquistadas por esse monarcha, entre as quaes vêm-se os das seguintes cidades mencionadas neste Livro de *Josué* : Beroth (9 : 17), Beth-anath (19 : 38), Ceneroth (11 : 2), Edrai (12 : 4), Thenac e Maggedo (12 : 21). E assim vê-se tambem como estas antiquissimas inscripções egypcias confirmam a Biblia. O ultimo rei dessa 18ª dynastia foi Amenotep IV (1383-1365), e elle, bem como seu antecessor, parecem já ter perdido muito da influencia do seu paiz em Canaan, pois os ladrilhos ou laminas de Tel-el-Amarna consistem na maior parte de urgentes pedidos de alias pequenos soccorros que nunca chegaram.

A situação egypcia melhorou na 19ª dynastia da qual Seti I, Ramsés II, Meneptah e Ramsés IV foram os principaes reis. Mas o Egypto nunca mais teve o mesmo dominio em Canaan. O facto que ahi se usava ainda do alphabeto babylonico mostra que profunda foi a impressão que o grande Imperio deixou nesses povos ; e nem é de admirar, pois que muitas das suas legendas, como por exemplo, as da creação, da queda do homem e do diluvio, foram ahi conservadas e legadas aos Israelitas que lhes deram sua feição peculiar e as depuraram do seu paganismo torpe. Tambem a religião babylonica deixou vestigios na dos Canaanitas, cujo principal deus era *Ba-al* e sua consorte

Achtarte, que tinham altares por toda a parte em Canaan, ao céo aberto e sobretudo nas eminencias das localidades; e o mais extraordinario é que os Israelitas, durante o progresso da sua conquista do paiz, deixaram-se levar de vencida por esse culto, contra o qual depois os seus Prophetas tanto clamaram, estygmatisando e lançando a ridiculo os muitos *Ba-alim* e *Achteroth* que se viam por toda a parte.

Feitas estas observações sobre os habitantes que os Israelitas acharam em Canaan, vejamos agora o que nos diz *Josué* sobre o modo por que entraram no paiz.

Josué pertencia á tribu de Manassés, filho de José. Seu pai, Elichamma, era chefe de tribu (*Num.*, 1 : 10 ; 2 : 18 ; 1 *Paral.*, 7 : 26). Deve ter sido um rapaz bem fóra do commum por ter attrahido especial attenção de Moysés que o preferiu ao pai e ao avô e a tantos outros, para acompanha-lo ao " Monte de Deus " e dar-lhe depois tanto destaque até nomea-lo continuador da sua obra como chefe do povo no attaque a Canaan e seu estabelecimento nelle.

Para attacar Canaan do poncto em que se acamparam os Israelitas da outra banda do Jordão, precisavam capturar a cidade fortificada de Jericó, com sua grande avenida de 12 kilom. de extensão e seis de largura, toda plantada de luxuriantes palmeiras. Era tambem Jericó uma encruzilhada de estradas commerciaes do interior de summa importancia estrategica,[1] e rica, pois quando os Israelitas a tomaram acharam vasos e objectos de ouro, prata, bronze e ferro (*Jos.*, 6 : 24). Josué mandou primeiro espias que dormiram em casa de uma mulher, que, instada pela auctoridade a entrega-los, escondeu-os e declarou que já se tinham ido,— o que mereceu-lhe depois a sua salvação, e a dos seus, quando a cidade foi tomada. A pobre Rahab confessára aos espias que tinha fé que os Israelitas seriam senhores da terra, e que " o SENHOR vosso DEUS, esse mesmo é o DEUS lá em cima no céo e cá em baixo na terra " (2 : 11). Ella ouvira o que JAHVEH fizera no Mar Vermelho e o que se passára do outro lado do Jordão com Sihon e Og; e a sua fé foi honrosamente lembrada pelo auctor da Epistola aos *Hebreus* (11 : 31).

De volta os espias declararam com que medo os Canaanenses esperavam os Israelitas e Josué sem perda de tempo levantou

[1] É hoje como se vai ver, uma collecção de montes de ruinas perto dos quaes está a aldeia de *Er-Riha*. A localidade, apenas a seis kilom. da ponta superior do Mar Salgado, é extraordinariamente quente e apezar de sua grande fertilidade tem falta de agua potavel.

o acampamento em Shittim e com a Arca á frente de suas forças, atravessou a secco o Jordão no 4º dia de Nisan, quatro dias antes da festa da Paschoa. Occupavam a vanguarda as tribus de Rubem e de Gad e meia-tribu de Manassés com 40.000 homens. Os habitantes de Canaan, que acamparam-se em Gilgal (Galgala), inclusive os Hetheus e Amorreus, aterrorisaram-se quando viram o exercito israelita passar assim tão facilmente o Jordão, e não quizeram ou não puderam logo enfrenta-los. Os Israelitas tiveram tempo de circumcidar-se, pois no deserto a nova geração não o fizera por desleixo. Tudo prompto Josué fez resoar as suas trombetas e cahiram os muros de Jericó, cujos habitantes foram todos passados pelo fio da espada,—á excepção de Rahab e de seus parentes. Josué amaldiçoou quem tentasse levantar ou reedificar a cidade ; e a sua fama, " o seu nome se divulgou por toda a terra." Aconteceu, porém, que um filho da tribu de Judá, Acan, tendo visto no esbulho do inimigo uma linda capa e 200 ciclos de prata e um bloco de ouro, não resistiu á tentação de guarda-los para si contra os votos expressos pelo general que tudo isto pertenceria e " seria consagrada a JAHVEH e depositado nos seus thesouros " (6 : 19 P). O resultado foi a derrota de 3.000 Israelitas que haviam subido a Hai (alias Ai e Aiath), perto de Bethel. Descoberto o crime, pela sorte, Acan foi punido de morte e Hai não resistiu a um ataque de 30.000 homens e em que se usou de intelligente emboscada (8 : 1-30).

Josué edificou então no monte Hebal um altar " de pedras toscas, no qual não entrou ferro ; e offereceu sobre elle holocausto a JAHVEH e immolou victimas pacificas " (8 : 31). Convém notar que apezar de ter comsigo os sacerdotes, a que o Livro refere-se tão frequentemente, Josué, como outrora Moysés e como depois Gideão, Samuel, Saul, David e Salomão, —para não ir adeante—elle mesmo sacrificava a DEUS e erigia-lhe altares. Diz-nos mais o texto que Josué " escreveu tambem sobre pedras uma copia [1] da lei de Moysés, que elle tinha explicado deante dos filhos de Israel " (8 : 32). Todos elles ficaram de pé a um e outro lado da Arca, tambem ali presente, metade delles juncto ao monte Garizim e a outra metade juncto ao Hebal, quando então Josué leu as palavras da benção e da maldicção deante de todos, tudo de conformidade com o que Moysés mandára.[2] Mas a palavra *Lei* aqui, só significa o

[1] A *Vulg.* e com ella A. P. de Figueiredo, dá *deuteronomio* por *copia*, erradamente. A versão unica do Hebraico segundo todas as auctoridades é " uma *copia* desta lei " (*Deut.*, 17 : 18)—e não aquillo que a LXX traduziu por *deuteronomion*, S. Jeronymo vindo depois perpetuar o erro na sua versão latina donde passou para todas as linguas modernas.

[2] Os montes Hebal e Garizim estão de cada lado de Siquem ou Sechem, o Hebal sendo mais alto (cerca de 920 m. sobre o nivel do Mediterraneo). Do seu cume des-

Decalogo ou quando muito, com elle, os mandamentos do hoje chamado Codigo da Alliança.

Á cerca de oito kilom. de Jebus, onde foi depois Jerusalem, existia n'uma alta chapada a grande e próspera cidade de Gibeon (hoje El-Jib), habitada por Heveus (9 : 7) como depois o foi pelos Amorreus (2 *Reis*, 21 : 2). Esses Heveus queriam continuar entregues ao commercio e receiavam muito esta vinda dos Israelitas e as suas armas. Graças a um ardil, conseguiram obter de Josué, então em Gilgal, a promessa de serem tractados como amigos e o juramento de salvar-lhes a vida. Tres dias, depois, descobriu-se que não vinham de longe, como pretenderam, mas eram moradores nas cidades de Gibeon, Cerfira, Beroth e Cariathiarim, ali perto. Os Israelitas os pouparam mas os fizeram escravos.[1]

O rei de Jabés, Adonizedek, tendo ouvido referir as proezas dos Israelitas do outro lado do Jordão e em Jericó e Hai, e agora sabendo da sua alliança com Gibeon, e julgando-se perdido, seduziu a quatro reis para com elle ligarem-se contra Israel. Eram os reis de Hebron (30 kilom. S. de Jerusalem); Jarmuth, quasi desconhecido no V. T. mas hoje Yarmuk, a 10 kilom. daquelle centro; Laquis ou Lachiche, provavelmente a Lakis de hoje, a 25 kilom. dali, e Eglon perto de Ailan, um pouco mais ao Oéste. Fez-se com effeito uma liga entre esses cinco reis chamados Amorreus, nome que, como Canaaneus, estendia-se então aos habitantes de Canaan. A liga, promptificando-se a attacar Gibeon, este chamou Josué em seu auxilio em virtude do pacto de amizade, concluido havia tão pouco tempo, e Josué, fiel ao que tractára, trouxe o seu exercito de Galgala, na distancia de 35 kilom. e sem perda de tempo attacou de rijo as forças dos cinco reis que facilmente desbaratou, fazendo-as debandar-se em retirada forçada, não pela estrada de Jerusalem que Josué estava occupando, mas por um caminho que levava aos dous Bethoron, superior e inferior. Quando desciam daquelle ponto, uma terrivel chuva de pedra matou maior numero de "Amorreus" da liga do que o fizera o exercito

cortina-se toda a Palestina, seus montes e valles, costa do mar e o curso do Jordão, excepto apenas o deserto do Negeb, ao Sul. Jerusalem só fica a nove kilom. de distancia. Ao N. o cume da cordilheira do Carmello está a 75 kilom., A L. o Jordão se despenha a 20 kilom. e a O. o mar só está a cêrca de 50 kilom.—É notavel que o primeiro serviço divino dos Israelitas em Canaan fosse ao sopé desses montes, e não menos de assignalar é o facto que o unico sanctuario mencionado no Livro do *Deut.* (cap. 28) é aqui, e não em Jerusalem. Os Samaritanos insistem que Isaac ia ser sacrificado em Garizim que é visto de muito longe, e não no monte Moria que aliás, segundo muitos criticos, é glosa recente no texto. V. Baudissin, *Studien* 3. *Sem. Rel.* e *Gesch.*; Dillmann, *Genesis*, e G. A. Smith, *Hist. Geog. of the H. Land.*

[1] Ver-se-ha depois que Gibeon ficou sendo uma das cidades leviticas em Benjamin. Não se sabe bem porque Saul attacou os Gibeonitas. Foi em Gibeon que David batteu-se com Isboseth e que Joab matou a Amasa (2 *Reis*, 20 : 9).

de Josué. Sem poder continuar, os cinco reis se metteram n'uma cova em Makêda donde Josué os fez tirar para mata-los, depois que os chefes israelitas puzeram o seu pé sobre os seus pescoços. Josué tomou então as capitaes desses cinco reis e mais Makêda e Nebir, mas não a Jebus ou Jerusalem, muito bem fortificada.

O dia em que DEUS entregou os Canaanenses ás mãos de Josué, na descida de Bethoron, foi memoravel. O chefe israelita, perseguindo calorosamente o inimigo, temia que, sobrevindo a noite, elles se lhe escapassem; e o narrador da acção refere (10 : 12-4), citando o "Livro do Justo," de que quasi nada sabemos alem de que era provavelmente uma collectanea de poemas heroicos de Israel (confirmado isso em 2 *Reis*, 1 : 18), refere, dizemos, que ali se lê que Josué exclamára :

> "'Sol, detem-te sobre Gibeon ;
> E tu, Lua, no valle de Ajalon.'
> E o Sol parou e a Lua se deteve
> Até que a nação se vingou dos seus inimigos."[1]

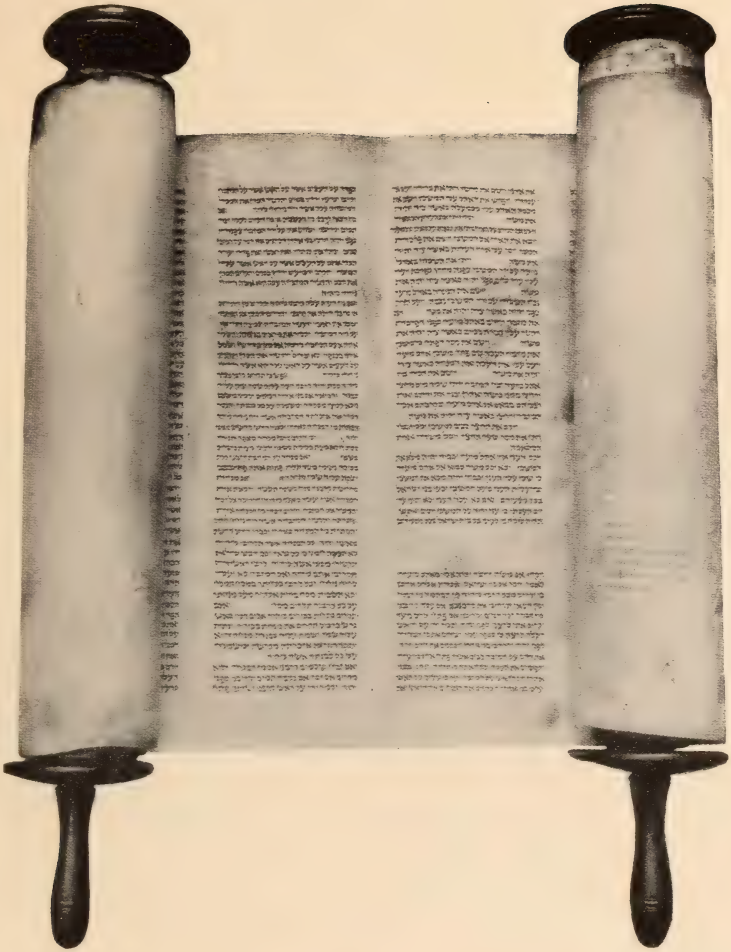
O texto não nos diz por quanto tempo conseguiu o general Josué descansar ; mas refere logo depois que teve de defrontar ainda maior coalisão no Norte de Canaan. O chefe ou *Jabin* (o sábio) de Hazor pôz-se á frente de uma forte combinação contra Israel. Hazor fica a pouca distancia da grande planicie ás margens do lago Meron, onde se reunem os riachos que sahem dahi como o caudaloso rio Jordão. É nesse vasto campo que deviam reunir-se os Canaaneus, aos quaes se ajunctaram os Amorreus, Heveus e outros daquelles arredores, até as faldas do monte Hermon, o conjuncto de tropas formando "uma multidão de gente tão numerosa como a areia que ha nas praias do mar," com um "numero immenso de cavallos e carroças" (11 : 1-4). Josué, forte na fé do seu DEUS, não teve medo e, segundo a sua conhecida tactica, cahiu sobre o inimigo de improviso e destroçou-o completamente, tomou e devastou Hazor e todas as cidades circumvizinhas.

Achando-se Josué já velho, e havendo battido seis nações e trinta e um reis, que vêm mencionados no cap. 12, resolveu fazer a divisão da terra de Canaan pelas nove tribus e meia ás

[1] Si se tractasse de um milagre escusado seria discutir si o sol realmente parou, etc. Neste caso, porém, o proprio texto parece que indica que se tracta da citação de uma anthologia de antigos canticos de guerra, e que portanto não devemos tomar esses arrojos poeticos por factos historicos. Demais este cap. 10 está cheio de perplexidades. No vers. 15 Josué voltou para Galgala com todo o povo depois deste celebre "dia tão comprido"; mas nos vers. 16-42 elle se acha em Makeda, dando batalhas, matando os cinco reis da liga e apoderando-se das suas capitaes e assolando tudo, só depois voltando para Galgala.

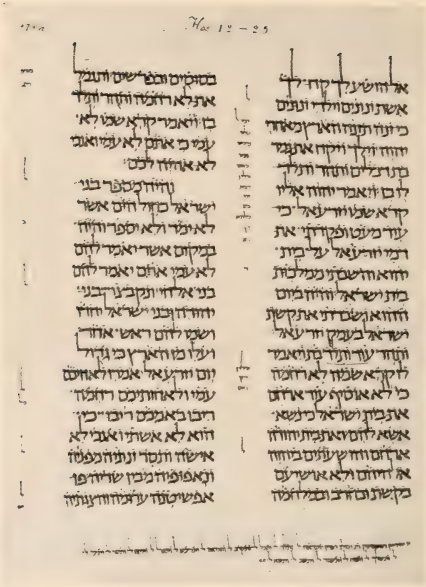
quaes se não indicára ainda as zonas que lhes eram reservadas para nellas se estabelecerem e se defenderem dos seus inimigos. Já ficou dicto que a Rubem e a Gad e á meia-tribu de Manassés já Moysés adjudicára terras de pastagens a Léste do Jordão e que elles haviam ali deixado as suas familias vindo primeiro auxiliar os seus irmãos na conquista do paiz. É essencial que se recorra ao Mappa para que bem se entenda como se fez essa divisão.

FIM DO VOL I



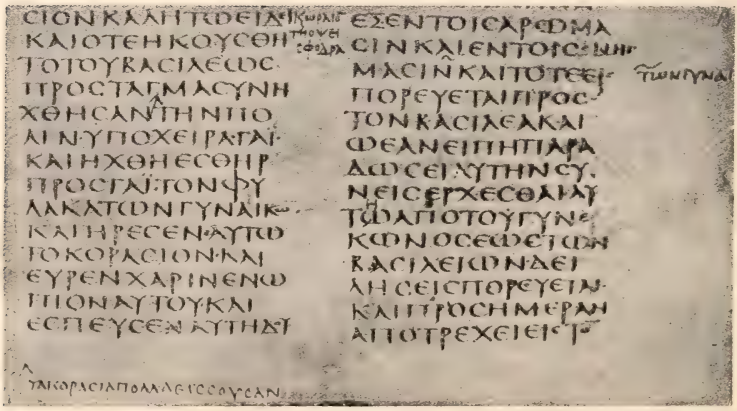
Rôllo do Pentateuco Hebraico

(Pag. 150)



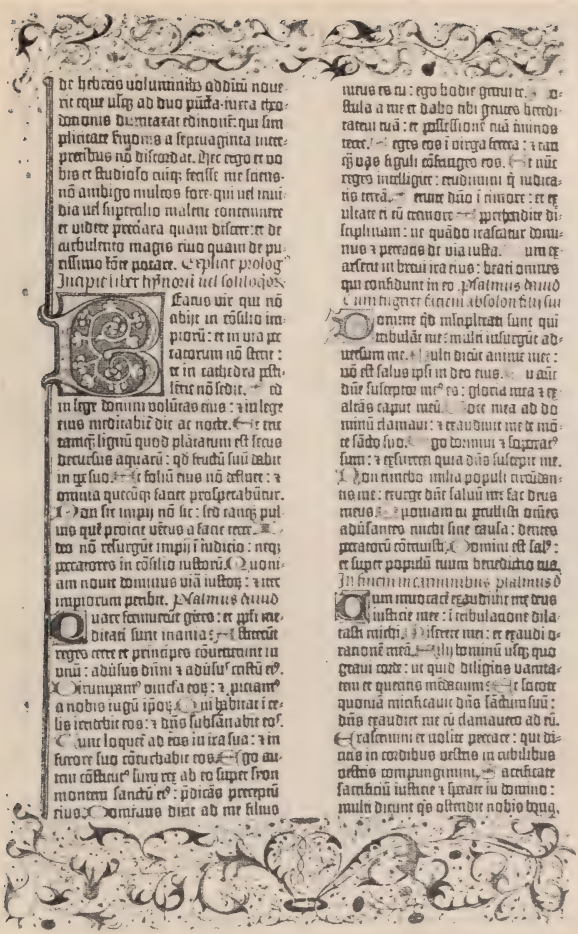
MS. da Biblia de S. Peterburgo com a
Vocalisação Massoretica Superlineal

(Pag. 167)



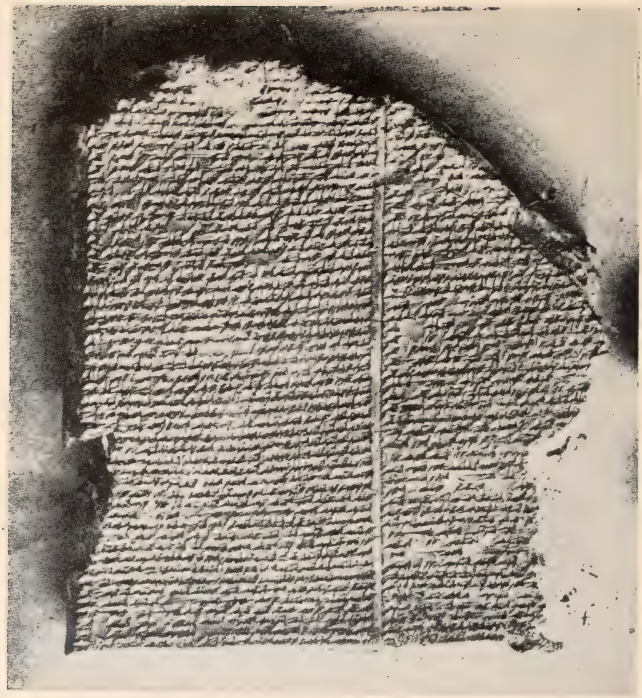
O Manuscripto Sinaitico da Biblia

(Pag. 11)



A Primeira Biblia de Guttenberg (Moguncia, 1453-56: Capitaes Pinctadas á Mão)

(Pag. 180)



Taboa de Barro contendo a Historia do Diluvio (Pag. 396)

Outro Ladrilho com a Historia do Diluvio (Pag. 396)

Typos de Amorrheus

(Pags. 408-411)

Um Syrio do Norte

Syrio do Norte

Um Syrio Semitico
(B. Relevo Egypcio)

Um Syrio de Merom
(B. Relevo Egypcio)

(Pags. 408-411)

Typos de Hetheus

(Pag. 409)

Um Rei dos Hetheus

(Pag. 409)

Bis Nimrud, Ruinas da Supposta Torre de Babel
(Pag. 422)

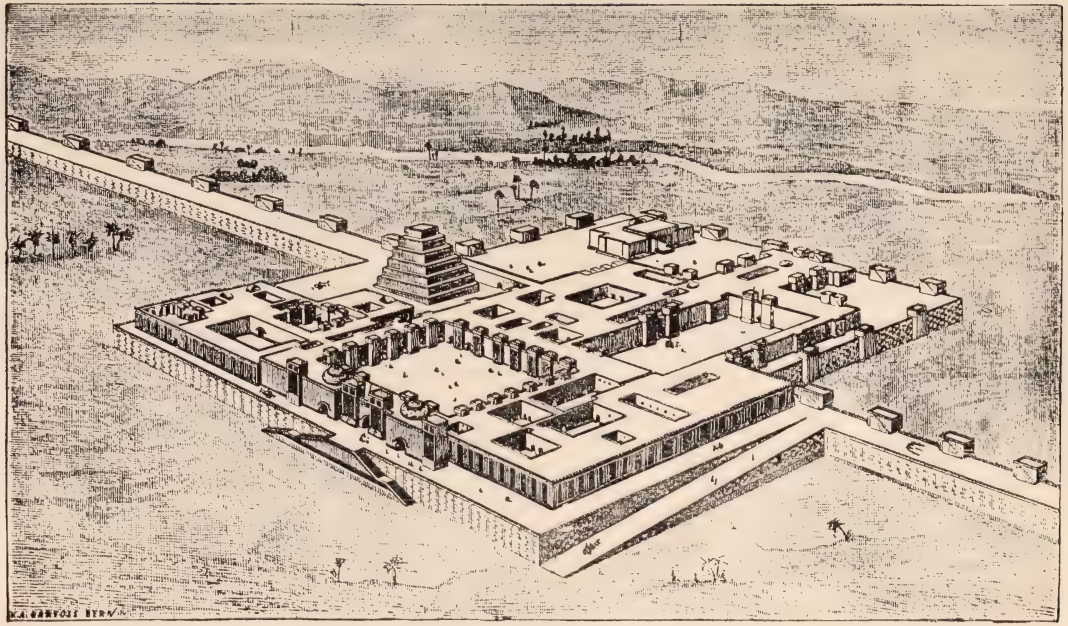
Baixo-Relevo do Tempo de Naram-Sin
(3750 A.C.) (Pag. 423)

Estatua do Rei-Sacerdote Gudea
(Pag. 423)

Fragmento da Steda dos Abutres
(4000 A.C.) (Pag. 423)

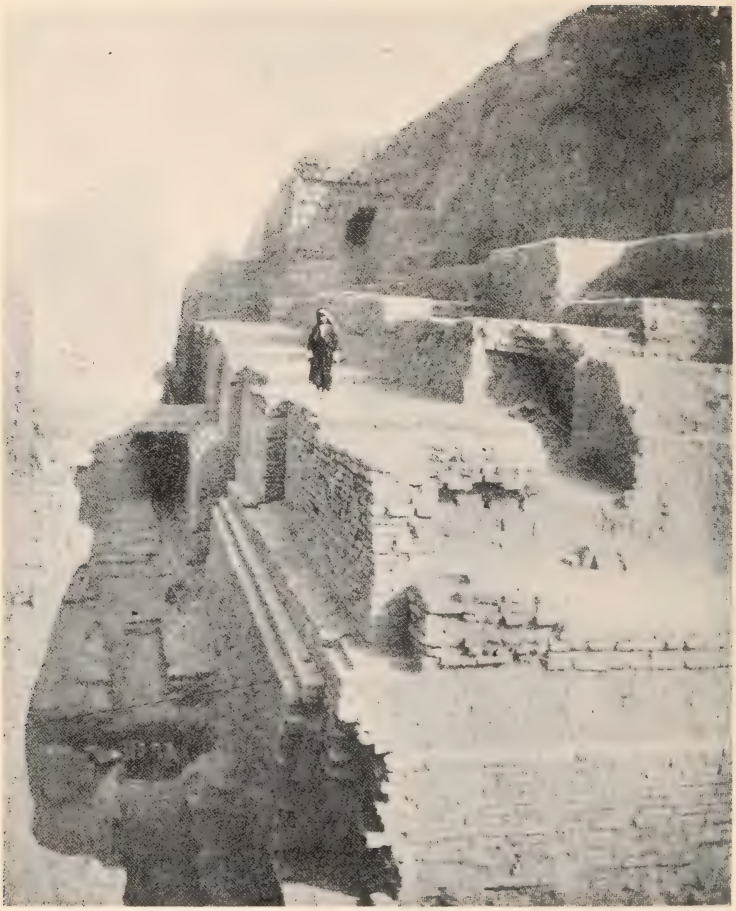
Placa de Porta de Ur-Nina

(Pag. 423)



Restauração do Palacio de Sargon II em Khorsabad

(Pag. 419)

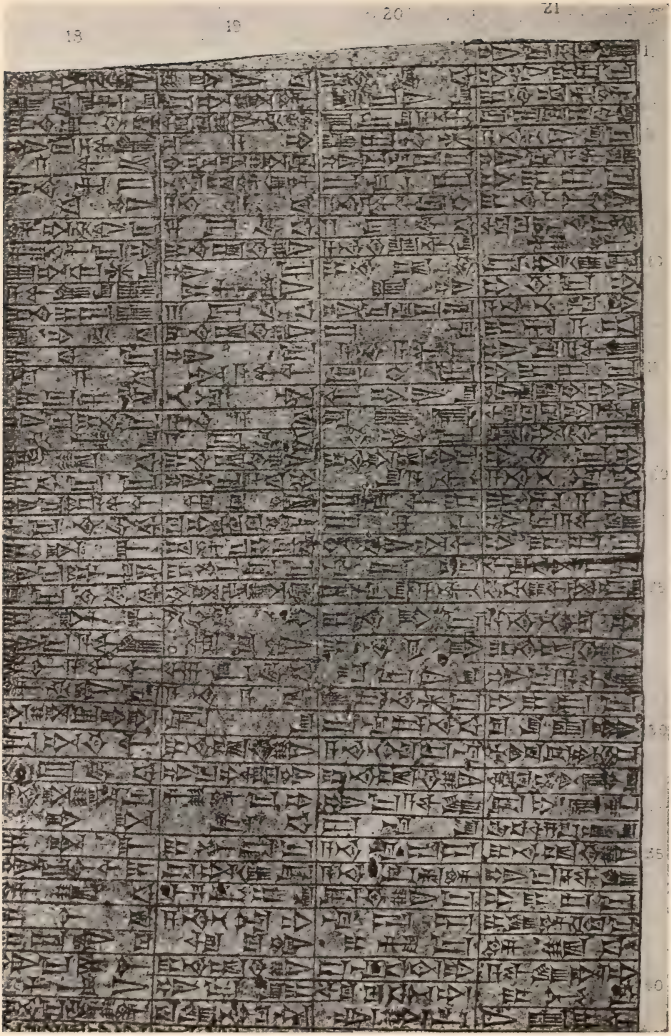


Ruinas do Templo de Nippur

(Pag. 420)

O Deus Sol entregando a Lei ao Rei Hammurabi
(Parte superior da pedra em que está gravada a Lei)

(Pag. 434)



Parte do Codigo de Leis do Rei Hammurabi

(Pag. 434)

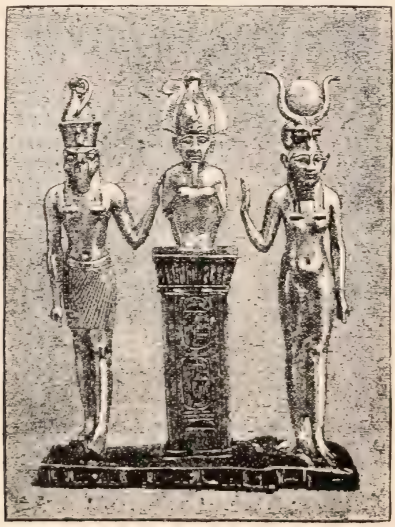
Ea, Deus Babylonico

(Pag. 436,

Genio Assyro-Chaldaico: cabeça de aguia

(Pag. 436)

Nut dando a luz ao Sol cujos raios cahem em Hathor (Pag. 522)



Uma Triade Egypcia: Osiris, Isis, Horus
(Pag. 524)

Arabes Immigrando no Egypto
(De pincturas em Beni-Hassan, XII^a Dynastia)

(Pag. 505)

Philisteus, Prisioneiros de Ramsés II

(Pag. 519)

Mumia de Ramsés II, o Pharaó que escravison os Hebreus

(Pag. 519)

Um Ladrilho de Tel-el-Amarna : XV Seculo A.C.

(Pag. 412)

A TERRA DE CANAAN
DIVIDIDA PELAS
DOZE TRIBUS
Milhas Inglezas
Kilómetros
Longitude Este 30' de Greenwich
Sidon
Zarephath ou Sarepta
Tyro
Damascus
Abilene
Monte Hermon
ADAN
Ituræa
Geshur
Argob Lejah
Trachonitis
Hamon
Kedesh Naphtali
Merom
Achzib
ASHER
NAPHTALI
Safed
Hazor
Accho ou Ptolemais
Bethsaida Julias
Edrei
Golan
Ashtaroth
C. de Carmelo
MANASSEH
ZEBULON
Gamala
Nazareth
Mt. Tabor
Nain
Endor
Jokneam
Dor
Shunem
Megiddo
ISSACHAR
Jezreel
Gadara
Arbela
Engannim
Kishshan
Pella
Dothan
Jabesh Gilead
Succoth
Bethgamul
Bozrah
Salcah
Kenath
Philippopolis
Alsadamus
SAMARIA
Samaria
Tirzah
Gerasa
Mahanaim
Shechem
Mt. Ebal
Mt. Gerizim
Sharon
EPHRAIM
Shiloh
Joppa
Timnath serah
Gilgal?
Ramoth Gilead
Lydda
Bethel
Bethanrah
Rabbath Ammon
Ekron
DAN
Ramah
Jericho
Gibeon
BENJAMIN
Emmaus
Mizpeh
Anathoth
Gilgal
Ashdod
Zorah
Jerusalem
Timnath
Bethlehem
Heshbon
Baal meon
Pisgah Mt.
Nebo
Mt. Nebo
JUDEA
Adullam
Tekoa
Askelon
Gath
Makeddah
Libnah
REUBEN
Jahaz
Bezer
Lachish
JUDAH
Hebron
Engedi
Aroer
Gaza
Rabbath Moab
Beersheba
Ziklag
Kir Moab
MAR MORTO
Zoar
Deserto de Paran
SIMEON
Kadesh Barnea
Moabitas
PHILISTEUS
Mte. Lebanon
Mte. de Judah
Mte. de Gilead
Mte. de Abarim
R. Jordão
R. Jabbok
R. Arnon
R. Jermuk
R. Kishon
R. Bezer
R. Besor
R. Zerah
R. Sorek
R. Ephraim
R. Kedron
R. Kerith
R. Cherith
R. Kishon
R. Phárpar
R. Abana
R. Abila
R. Leontes
R. Jordão
R. Bostrenus
Mare Galilæa
Gaulanitis
Decapolis
Gilgal
Sharon
Skaron
Mt. Carmelo
Mt. Tabor
Mt. Gilead
Mt. Nebo
Mt. Alsadamus
Mt. Hermon
Mt. Lebanon
Anti Lebanon
Mare Sinus
Mare Phœnicia
Mare Sidonis
Mare Tyrus
Mare Ptolemaidis
Mare Galilæa
Mare Mortuum
Mare Magnum